

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**Jéssica Frutuoso Mello**

**“Farei de você um exemplo”**: tradução integral, com notas e comentários, do *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino

**Juiz de Fora**

**2024**

**Jéssica Frutuoso Mello**

**“Farei de você um exemplo”**: tradução integral, com notas e comentários, do *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras. Linha de pesquisa: Criação Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mello, Jéssica Frutuoso.

“Farei de você um exemplo” : tradução integral, com notas e comentários, do Epítome das Histórias Filípicas, de Justino / Jéssica Frutuoso Mello. -- 2024.

661 f. : il.

Orientadora: Charlene Martins Miotti

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Justino. 2. Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo. 3. Exemplum. 4. Tradução. I. Miotti, Charlene Martins, orient. II. Título.

Jéssica Frutuoso Mello

"Farei de você um exemplo": tradução integral, com notas e comentários,  
do Epítome das Histórias Filípicas, de Justino

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 27 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Charlene Martins Miotti** - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa** - Membro Interno  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Jefferson da Silva Pontes** - Membro Externo  
Docente sem vínculo atual

**Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite** - Membro Externo  
University of Kentucky

**Prof. Dr. Adir de Oliveira Fonseca Junior** - Membro Externo  
Universidade Federal da Bahia

Juiz de Fora, 03/06/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Charlene Martins Miotti, Professor(a)**, em 03/06/2024, às 08:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jefferson da Silva Pontes, Usuário Externo**, em 03/06/2024, às 09:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Cunha Sousa, Professor(a)**, em 03/06/2024, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leni Ribeiro Leite, Usuário Externo**, em 03/06/2024, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adir de Oliveira Fonseca Junior, Usuário Externo**, em 04/06/2024, às 13:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1819820** e o código CRC **CED924E1**.

À professora Marie-Pierre Arnaud-Lindet, cujo trabalho a respeito de Justino foi fundamental para o desenvolvimento desta tese, e cuja gentileza permitiu que, no passado, a semente dela fosse plantada, quando conheci o *Epítome*.

*In memoriam.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Charlene Martins Miotti, minha orientadora, que, ao longo destes quatro anos, me acolheu e me ajudou a me tornar uma pesquisadora e tradutora mais determinada e confiante em meu próprio trabalho. Em momentos de incerteza e fragilidade, sempre me senti confortável para recorrer a você, e isso foi fundamental para que esta pesquisa se concretizasse. Obrigada por partilhar esta jornada que, nesse período, também englobou monitoria e trabalho de conclusão de curso.

Ao professor Wellington Ferreira Lima, que, a esta altura, deve estar cansado de ler meus agradecimentos. Embora eu, rebelde, não tenha me dedicado, de fato, à lírica e esteja agora com a prosa, minha formação inicial como pesquisadora e tradutora sob sua orientação foi o que permitiu que eu chegasse até aqui. Obrigada pela amizade sempre gentil! Em breve, devolverei todos os seus livros. Prometo! Ao menos antes que você me dê um zero.

À professora Neiva Ferreira Pinto, constante fonte de inspiração e apoio. Graças a seu empurrão no Congresso da SBEC, terminei a tradução integral da obra que aqui se encontra. Muito obrigada pelo diálogo sempre!

À professora Leni Ribeiro Leite e ao professor Adir de Oliveira Fonseca Junior, por terem, com suas leituras cuidadosas, composto a banca de qualificação. Suas sugestões, correções e questionamentos muito contribuíram com o trabalho que aqui se apresenta. Obrigada também por terem aceitado revisitá-lo em sua defesa. Agradeço aos professores Fernanda Cunha Sousa e Jefferson da Silva Pontes, que, junto a eles, também se dispuseram a integrar a banca de defesa.

À Marília Rocha Lopes da Silva, que se faz presente nos altos e baixos de minha vida desde a pré-escola. Crescer com você e vê-la se tornar a mulher que é hoje foi, de longe, um privilégio e muito me inspira. Obrigada por acompanhar todas as minhas mudanças, das mais esperadas àquelas imprevisíveis!

Aos meus três mosqueteiros: à Ivana Guimarães Ferreira, que persiste em nunca duvidar que posso fazer aquilo a que me proponho, mesmo quando eu duvido; ao Heliucio Oliveira, consultor para assuntos esportivos e musicais, sempre disposto a me ajudar e a me fazer rir; ao Leandro Lourenço Almeida, o bardo, companheiro de jornada nos assuntos mais aleatórios possíveis. Das risadas às lágrimas, obrigada, mais uma vez, não só por não soltarem a minha mão, mas por me darem impulso para que eu me reerga quando caio. Chegar até aqui teria sido muito mais difícil sem vocês na minha vida. Obrigada por darem ouvidos àquilo com que eu me entusiasmo!

À Tânia de Assis Silva Capla, amiga das venturas e desventuras de pós-graduação e da vida. Posso até não estar entre os favoritos dos deuses, mas agradeço que eles tenham me abençoado com sua amizade, pois, do riso genuíno de felicidade e leveza ao de desespero, permanecemos unidas. Seguimos!

À minha mãe, Elizabeth Frutuoso, pelo que é possível.

Aos docentes, discentes e funcionários da Universidade Federal de Juiz de Fora, principalmente à Daniele Molina, assistente em administração do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, por seu auxílio em tudo o que foi necessário.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que apoiou financeiramente esta tese de março de 2022 até o final de sua escrita.

A todos os que não foram nomeados, mas que participaram de modo positivo em minha vida acadêmica durante esses quatro anos: em meio a docência, projetos de extensão, eventos e edição da *Darandina Revisteletrônica*, trocar experiências, aprender, sorrir e reclamar com vocês não me deixou esquecer que há mais do que a jornada solitária de desenvolvimento da tese nesse período.

Mais uma vez, à educação pública, gratuita e de qualidade de que sempre pude desfrutar. Que assim permaneça.

Meu doutorado, extensamente planejado e sonhado, foi iniciado – ao menos formalmente – em março de 2020. Infelizmente, grande parte do período dedicado ao desenvolvimento desta tese foi o mais difícil de minha vida pessoal. Em meio à desgraça coletiva de uma pandemia vivenciada no Brasil e àquelas que me eram particulares, admito que, em mais de uma ocasião, pensei em desistir não só do doutorado. Por isso, com a tese pronta e com um pulso que ainda pulsa, há pessoas nesta lista a quem agradecimentos jamais serão suficientes. Vocês sabem quem são, e algo de vocês há de permanecer, sempre, aqui. Apesar de tudo, eu consegui terminar!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Exultat animus maximorum uirorum memoriam percurrens.*

“O ânimo exulta ao percorrer a memória dos homens mais notáveis” (V. Max. 4.3.13).



## RESUMO

Este trabalho tem como *corpus* o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*. Pouco se sabe a respeito de seu autor – a quem se convencionou chamar de Justino –, e as possibilidades de sua datação variam do século II ao IV da Era Comum. Uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, foi realizada com o objetivo principal de analisar a construção de *exempla* na obra. Para isso, tem-se como objeto personagens selecionadas da primeira metade do *Epítome*, as quais protagonizam algumas das narrativas mais longas do texto. Tal recorte justifica-se por se considerar que haveria, nesses casos, um maior detalhamento de suas características. A análise de suas atuações parte do conceito de *exemplum*, conforme apresentado por autores antigos, como Cícero e Quintiliano, e pesquisadores contemporâneos, como Rebecca Langlands (2018) e Matthew Roller (2018). Adicionalmente, buscaram-se as definições de vícios e virtudes comumente ligados aos *exempla* em textos latinos, principalmente naquele de Valério Máximo. Considera-se que o texto de Justino localiza-se na interseção entre história e retórica, e a construção de seus *exempla* é mais extensa do que seria esperado em obras de caráter retórico devido ao fato de que o autor apresenta seus temas a partir de um ponto de vista que privilegia os estrangeiros, aliando, desse modo, o ensino ao deleite e garantido alguma novidade para seu público leitor imediato. Ao se observar a falta de uma tradução extensa e acessível do *Epítome* em língua portuguesa, traduziu-se a obra integralmente a partir do texto latino estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003, cf. Justinus) e com base nas proposições de Antoine Berman (2007 [1985]). Há, junto à tradução, notas e um índice onomástico, e espera-se que esses elementos possam contribuir com a visibilidade do texto de Justino para toda a lusofonia.

**Palavras-chave:** Justino; *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*; *exemplum*; tradução.

## ABSTRACT

The *corpus* of this study is Justin's *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*. Little is known about its author – who is conventionally called Justin –, and the possibilities for its dating range from the 2nd to the 4th century of the Common Era. We did a qualitative research based on bibliographic sources with the main objective of analyzing the construction of *exempla* in this text. For this purpose, we selected as object characters from the first half of the *Epitome*, which occur in some of the longest narratives in the text. This selection is justified because we consider that, in these cases, there would be better detailing of their characteristics. The analysis of their actions is based on the concept of *exemplum*, as presented by ancient authors, such as Cicero and Quintilian, and contemporary researchers, such as Rebecca Langlands (2018) and Matthew Roller (2018). Additionally, we sought definitions of vices and virtues commonly linked to *exempla* in Latin texts, mainly that of Valerius Maximus. We consider that Justin's text is located at the intersection between history and rhetoric, and the construction of his *exempla* is more extensive than would be expected in works of a rhetorical nature due to the fact that the author presents his themes from a point of view that privileges foreigners, thus combining teaching with delight and guaranteeing something new for his immediate readership. Observing the lack of an extensive and accessible translation of the *Epitome* in Portuguese, we translated the work entirely from the Latin text established by Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003, cf. Justinus), and our translation is based on Antoine Berman's propositions (2007 [1985]). Along with the translation, there are notes and an onomastic index, and we hope that these elements can contribute to the visibility of Justin's text for the entire Portuguese-speaking world.

**Keywords:** Justin; *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*; *exemplum*; translation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Trechos do <i>Epítome</i> traduzidos em Mello (2022) que também aparecem aqui ..	207
Quadro 2 – Índice da tradução: os <i>Prólogos</i> , de autoria desconhecida.....	208
Quadro 3 – Índice da tradução: o <i>Epítome</i> , de Justino .....	209

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS<sup>1</sup>

ABNT			Associação Brasileira de Normas Técnicas
App.	Apiano	<i>Mith.</i>	<i>Guerras Mitridáticas (Μιθριδάτειος; Mithridáteios)</i>
Archil.	Arquíloco	<i>Fr. W.</i>	<i>Fragmento West</i>
Call.	Calímaco	<i>Ap.</i>	<i>Hino a Apolo (Ἕμνος εἰς Ἀπόλλωνα; Hýmnos eis Apóllōna)</i>
CIL			<i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i>
		<i>Brut.</i>	<i>Bruto (Brutus)</i>
		<i>De or.</i>	<i>Do orador (De oratore)</i>
		<i>Fam.</i>	<i>Epístolas aos familiares (Ad Familiares)</i>
		<i>Inv.</i>	<i>Da invenção (De inuentione)</i>
		<i>Leg.</i>	<i>Sobre as leis (De legibus)</i>
Cic.	Cícero	<i>Off.</i>	<i>Dos deveres (De officiis)</i>
		<i>Orat.</i>	<i>O orador (Orator)</i>
		<i>Planc.</i>	<i>Em defesa de Plânicio (Pro Plancio)</i>
		<i>Top.</i>	<i>Tópicos (Topica)</i>
		<i>Tusc.</i>	<i>Discussões Tusculanas (Tusculanae Disputationes)</i>
D. H.	Dionísio de Halicarnasso	<i>AR</i>	<i>História Antiga de Roma (Antiquitates Romanas)</i>
		<i>Orat. Vett.</i>	<i>Sobre os oradores antigos (De oratoribus ueteribus)</i>
D. S.	Diodoro Sículo		
Enn.	Ênio	<i>Ann.</i>	<i>Anais (Annales)</i>
			<i>excerpt. rhet. Paris.</i>
			<i>Excerpta rhetorica e codice Parisino 7530</i>
Fron.	Frontino	<i>Str.</i>	<i>Estratagemas (Strategemata)</i>
HA	<i>História Augusta (Historiae Augustae)</i>	<i>Aurel.</i>	<i>Divo Aureliano (Diuus Aurelianus)</i>

<sup>1</sup> Para os nomes dos autores e das obras, busca-se utilizar as abreviaturas propostas, principalmente, em *A Greek-English Lexicon* (Liddell; Scott, 1996) e *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1968).

Hdt.	Heródoto		
Hier.	Jerônimo	<i>In Dan.</i>	<i>Comentário a Daniel (Commentaria in Danielelem)</i>
Hor.	Horácio	<i>Ars</i>	<i>Arte Poética (Ars Poetica)</i>
		<i>S.</i>	<i>Sátiras (Sermones)</i>
Just.	Justino	<i>Prae.</i>	<i>Prefácio (Praefatio)</i>
Lact.	Lactânncio	<i>Div. Inst.</i>	<i>Sobre as instituições divinas (Diuinae institutiones)</i>
Lucil.	Lucílio		
	<i>lib.</i>		<i>Livro (Librum)</i>
Liv.	Tito Lívio		
Oros	Orósio		
Ov.	Ovídio	<i>Met.</i>	<i>Metamorfoses (Metamorphoses)</i>
PL			<i>Patrologia Latina</i>
Plin.	Plínio, o Velho	<i>Nat.</i>	<i>História Natural (Naturalis Historia)</i>
		<i>Alex.</i>	<i>Alexandre (Αλέξανδρος; Aléxandros)</i>
		<i>Apoph.</i>	<i>Ditos dos lacedemônios (Apophthégmata Laconiká)</i>
		<i>De Pyth.</i>	<i>Sobre os oráculos de Pítia (De Pythiae oraculis)</i>
			<i>Antigos hábitos dos lacedemônios (Τὰ παλαιὰ τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα; Tà palaiá tōn Lakedaimoniōn hepitēdeýmata ou Instituta Laconica)</i>
Plut.	Plutarco	<i>Inst.</i>	<i>As virtudes das mulheres (Mulierum Virtutes)</i>
		<i>Mulier.</i>	<i>Themistocles (Θεμιστοκλῆς; Themistoclês)</i>
		<i>Them.</i>	
Plb.	Políbio		
	<i>prol. lib.</i>		<i>Prólogo do livro (Prologus libri)</i>
Quint.	Quintiliano	<i>Inst.</i>	<i>Instituição Oratória (Institutio Oratoria)</i>
	<i>Rhet. Her.</i>		<i>Retórica a Herênio (Rhetorica ad Herennium)</i>
Sal.	Salústio	<i>Jug.</i>	<i>Guerra de Jugurta (Bellum Iugurthinum)</i>

Sen.	Sêneca	<i>Ep.</i>	<i>Cartas a Lucílio (Ad Lucilium Epistulae Morales)</i>
		<i>Cl.</i>	<i>Sobre a clemência (De Clementia)</i>
Tac.	Tácito	<i>Ann.</i>	<i>Anais (Annales)</i>
Thuc.	Tucídides		
V. Max.	Valério Máximo	<i>ext.</i>	<i>Estrangeiros (Externi)</i>
		<i>pr.</i>	<i>Prólogo (Prologus)</i>
Verg.	Virgílio	<i>A.</i>	<i>Eneida (Aeneis)</i>

## LISTA DE SÍMBOLOS

<i>A</i>	Parisinus 4950 olim Puteanus (séc. IX)
<i>G</i>	Gissensis 79 olim Weingartensis (séc. IX)
<i>M</i>	Monacensis 601 (séc. X)
<i>V</i>	Vossianus L.Q. 32 olim Floriacensis (séc. IX)
<i>Q</i>	Ashburnhamensis L 29 olim Montepessulanus (séc. IX)
$\tau$	consensus codices <i>AGMVQ</i> ubi exstant
<i>Y</i>	Petropolitanus 422 (séc. IX)
<i>O</i>	Palatino-Vaticanus 927 (1181)
<i>P</i>	Brit. Mus. Add. 19 906 (1290)
<i>Z</i>	Harleianus 4822 (séc. XIV)
<i>X</i>	Laurentianus 66,19 (séc. XIV)
$\pi$	consensus codices <i>YOPZX</i> ubi exstant
<i>E</i>	Eusebianus CLXXVII (séc. X)
<i>F</i>	Laurentianus 66, 20 (séc. XI)
<i>S</i>	Sessorianus 17 (séc. XI)
<i>L</i>	Vossianus L.Q.101 (séc. XI)
$\iota$	consensus codices <i>EFSL</i> ubi exstant
<i>C</i>	Laurentianus 66, 21 olim Casinas (séc. XI)
<i>D</i>	Vaticanus latinus 1860 (1313) <sup>2</sup>
$\mathbb{Z}$	Número inteiro
< >	<i>Diuisa</i> (adições realizadas pelo editor ao texto latino)
†	<i>Obelus</i>

---

<sup>2</sup> As informações até aqui dizem respeito aos manuscritos do texto de Justino e foram retiradas de Arnaud-Lindet (2003, recurso online).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>“QUANDO A INVEJA DIFAMATÓRIA TIVER CESSADO”: JUSTINO E SEU EPÍTOME</b> .....	<b>24</b>
2.1	“BASTA, PARA MIM, O TEU JUÍZO”: JUSTINO ACENA A SEU LEITOR.....	24
2.2	“O RESULTADO DE MEU ÓCIO”: O EPÍTOME DE JUSTINO .....	40
<b>3</b>	<b>“OS FATOS MAIS DIGNOS AO CONHECIMENTO”: <i>EXEMPLA</i> NO <i>EPÍTOME</i> DE JUSTINO</b> .....	<b>48</b>
3.1	UMA BREVE ANTOLOGIA DO <i>EPÍTOME DAS HISTÓRIAS FILÍPICAS</i> : A ANÁLISE DO RECORTE .....	68
3.1.1	Nino, Semíramis e Sardanápalo .....	73
3.1.2	Ciro II, o Grande, e Tamires .....	79
3.1.3	Dario I e Zópiro .....	85
3.1.4	Xerxes I e Demarato .....	92
3.1.4.1	<i>Leônidas, Temístocles e Mardônio</i> .....	101
3.1.5	Filipe II da Macedônia .....	113
3.1.5.1	<i>Epaminondas</i> .....	114
3.1.5.2	<i>Dos primeiros reis da Macedônia a Filipe II</i> .....	122
3.1.6	Olimpiade .....	134
3.1.7	Alexandre, o Grande .....	142
3.1.7.1	<i>Dario III, Codomano</i> .....	164
3.1.7.2	<i>Lisímaco e Calístenes</i> .....	173
3.1.8	Elissa/Dido e Pigmalião .....	177
3.2	INSIGNES POR SUAS VIRTUDES: COMO SE CONSTRÓI A EXEMPLARIDADE NO <i>EPÍTOME</i> .....	184
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>186</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>193</b>
	<b>APÊNDICE A – Índices da tradução</b> .....	<b>207</b>
	<b>APÊNDICE B – A tradução dos <i>Prólogos</i></b> .....	<b>210</b>
	<b>APÊNDICE C – A tradução do <i>Epítome</i>, de Justino</b> .....	<b>232</b>
	<b>APÊNDICE D – Índice onomástico</b> .....	<b>585</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em algum momento do início da Era Comum, provavelmente entre os séculos II e IV, em um alegado período de ócio, alguém se dedicou a realizar uma antologia dos trechos que considerava mais importantes da obra histórica de Pompeio Trogo, as *Histórias Filípicas*, para que seu trabalho pudesse servir, posteriormente, a fins de deleite e instrução. Baseado, então, na única “história universal”<sup>3</sup> escrita em latim de que se tem conhecimento anterior àquela de Orósio (Borgna, 2020a, recurso online), produz-se o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*<sup>4</sup>. Assim como sua fonte – hoje quase inteiramente perdida –, o *Epítome* divide-se em um prefácio e quarenta e quatro livros de extensão variável, abordando, de modo geral, as passagens de poder de um povo a outro, começando com Nino, rei dos assírios, e finalizando sua linha mais ou menos cronológica com a devolução das insígnias romanas por Fraates IV a Augusto (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Os últimos dois livros, contudo, abordam Marselha e as origens de Roma e da Hispânia.

Há pouquíssimas informações a respeito de quem teria sido a pessoa que se dispôs a essa empreitada; a maior parcela delas deriva da própria obra. Desse modo, a partir do nome *Iustini*, que consta em alguns manuscritos (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), convencionou-se chamar o abreviador de Justino, enquanto, em seu prefácio, o autor fala mais de seu esforço do que de si próprio. Mesmo assim, ainda que Justino indique que, em sua fonte, Trogo “[...] reuniu esses feitos em tomos divididos pelo tempo e pelo encadeamento dos fatos com omissões dos que eram sem proveito”<sup>5</sup> (Just., *Prae.* 3), não explicita se seguiu, necessariamente, a ordem proposta por ele. Nota-se que a narrativa do *Epítome* nem sempre progride em uma sequência linear, não só pelos recortes que o autor realizou, como também pela possibilidade de que tenha deslocado acontecimentos em relação à organização das

---

<sup>3</sup> Embora comum, o rótulo é debatível, já que o bojo da narrativa é dedicado aos macedônios. De todo modo, Justino, em seu prefácio, diz que Trogo: “[...] organizou as histórias gregas e do mundo todo em língua latina, de maneira que, já que a nossa história pode ser lida em língua grega, a grega, do mesmo modo, pudesse ser lida em nossa língua [...]” (Just., *Prae.* 1); *Graecae et totius orbis historiae Latino sermone composuit, ut, cum nostra Graece, Graeca quoque nostra lingua legi possent [...]*.

<sup>4</sup> As traduções de textos citados que estão em língua estrangeira são de nossa responsabilidade, a menos que expresse o contrário. Textos citados a partir do grego antigo que não têm tradução para a língua portuguesa aparecem em espanhol, por se considerar que este poderia ser mais acessível ao leitor brasileiro e que seria menos apropriado oferecer a tradução da tradução ou traduzir o texto a partir de um conhecimento limitado da língua fonte.

<sup>5</sup> “[...] *diuisa temporibus et serie rerum digesta composuit.*”

*Histórias Filípicas*, conforme a leitura dos *Prólogos*<sup>6</sup> permite deduzir (Ballesteros Pastor, 2009b, p. 383-4). Desse modo, apontamos, por exemplo, que, embora os *Prólogos* coloquem a morte de Xerxes como pertencente ao livro II, em Justino, ela ocorre no início do III.

Além disso, há a presença de digressões ocasionadas pelo cruzamento dos variados feitos, de modo que, comumente, quando um determinado povo que, naquele momento, é central na narrativa entra em contato com outro, retomam-se as origens deste. É o que ocorre, por exemplo, quando o general cartaginês Magão oferece auxílio aos romanos contra Pirro (Just. 18.2.1-5): a partir do parágrafo seguinte, há uma digressão para que sejam apresentadas as origens de Cartago (Just. 18.3.1). Outro exemplo pode ser observado quando Filipe II da Macedônia é assassinado ao final do livro IX, já que há uma suspensão da narrativa sobre os macedônios para que, no livro X inteiro, seja abordado o fim da soberania persa com a morte de Dario III – chamado, então, de Codomano –, a qual é ocasionada por suas constantes guerras com Alexandre, o Grande. Em seguida, enquanto, no início do livro XI, retomam-se as consequências do assassinato de Filipe e a ascensão de Alexandre, já ao final desse mesmo livro, a morte de Dario é reapresentada com mais detalhes. Com isso, embora a obra tenha uma unidade refletida, por exemplo, na passagem de soberania de um povo a outro, ela também permite uma leitura episódica.

Tendo em mente que Justino aponta que escolhe “[...] os fatos mais dignos ao conhecimento, [deixando] de lado esses que não eram necessários conhecer nem por um aprazível divertimento, nem pelo exemplo [...]”<sup>7</sup> (*Prae.* 4), decidimos analisar como se dá a construção da exemplaridade na obra. Nosso interesse parte não só do que o próprio autor diz se propor a fazer, mas também de estudos mais recentes sobre o texto, como os de John Yardley (2010) e de Alice Borgna (2021), que discutem o enfoque que existiria no *Epítome* para esse aspecto. Assim, para realizar essa análise, partimos do conceito de *exemplum* conforme é definido por autores antigos, como Cícero e Quintiliano, e aliamos suas proposições com as de pesquisadores contemporâneos, como Rebecca Langlands (2018) e Matthew Roller (2018). Adicionalmente, valemo-nos das definições de diversos vícios e virtudes que aparecem em textos latinos, principalmente aquele de Valério Máximo, e que se ligam à construção de *exempla*.

<sup>6</sup> Conforme veremos em outra seção, os *Prólogos* são breves resumos dos conteúdos de cada um dos livros das *Histórias Filípicas*, os quais não foram redigidos por Justino e, provavelmente, foram pensados como uma forma de auxiliar o leitor a encontrar informações específicas em uma obra extensa.

<sup>7</sup> “[...] *cognitione quaeque dignissima excerpti, et omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate iucunda nec exemplo erant necessaria* [...]”.

Dada a extensão da obra, que seria incompatível com um estudo realizado em tempo delimitado, precisamos definir um recorte e, para isso, primeiro, elegemos as personagens que protagonizam as narrativas individuais mais longas e contínuas da primeira metade do *Epítome*, tendo em mente que Filipe II da Macedônia e Alexandre, o Grande, por exemplo, ocupam papéis de destaque na obra. No decorrer da pesquisa, percebemos que determinadas personagens que também integram essas narrativas, mas não são suas protagonistas – como Epaminondas, no caso de Filipe II –, por vezes contribuíam com a construção daquelas que eram nosso foco, ao se contrastar com elas ou complementá-las. Então, junto a grandes generais e soberanos extensamente desenvolvidos no *Epítome*, apresentamos considerações acerca de determinados opositores ou auxiliares dessas figuras, mas sempre em função destas.

A partir dessa introdução, esta tese organiza-se de modo que, na seção 2, dedicamos a apresentar e discutir o contexto histórico em que se considera que a obra teria sido escrita, o modo como Justino representa-se em seu texto, principalmente a partir de seu prefácio, e como as características do *Epítome* e o gênero que lhe é atribuído têm impactado a recepção da obra ao longo do tempo.

Na seção 3, apresentamos a discussão a respeito da construção de *exempla* e de como a exemplaridade tem sido estudada em específico no *Epítome*. A partir disso, passamos à análise das personagens recortadas, considerando os possíveis vícios e virtudes a que se ligam conforme as narrações de seus feitos. Para isso, buscamos as definições de autores antigos para esses conceitos opostos, observando sua aplicabilidade aos atos das figuras selecionadas.

Já os apêndices englobam aspectos relacionados à tradução dos textos do *Epítome* e dos *Prólogos*. Em termos de acesso à leitura da obra em língua portuguesa, o *Epítome* dispõe de uma tradução integral para o português de Portugal intitulada *Justino Lusitano, ou traducçam de Justino da lingoa latina para a portugueza*, realizada por Troilo de Vasconcellos da Cunha e publicada em 1726, porém, como já observamos em outro estudo:

a obra não foi reeditada ao longo do tempo, assim como não parece ter passado por um processo de digitalização [...]. Há registro de exemplares físicos [...] em algumas instituições portuguesas, como na Biblioteca do Exército de Portugal, na Universidade Católica do Porto e no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, porém, é possível notar que mesmo trabalhos realizados em Portugal, como o de Gomes (2015), chegam ao texto de Justino por meio de traduções que não a de Troilo, o que corrobora sua circulação limitada (Mello, 2022, p. 34).

Mais recente, na mesma língua, há a tradução do episódio de Dido (Just. 18.4.3-18.6.8) proposta por Cristina Santos Pinheiro (2010, p. 115-3, cf. Justino). No Brasil, estão

disponíveis os trechos 1.1-2 e 43.1 traduzidos, respectivamente, por Antônio Chelini e Homero Osvaldo Machado Nogueira na antologia *Historiadores Latinos*, organizada por Maria Novak, Maria Neri e Ariovaldo Peterlini (1999, p. 236-47, cf. Justino), e, em trabalho realizado concomitantemente a este<sup>8</sup> (Mello, 2022), pode-se consultar os trechos do *Epítome* em que ocorrem referências aos romanos<sup>9</sup>. Ali, também discutimos questões relacionadas à sobrevivência do *Epítome*, à presença de sua tradução em diferentes contextos e ao acesso de estudiosos brasileiros ao texto por diversos intermediários, o que era adequado a um estudo cujo objetivo principal era a tradução. Aqui, optamos por apontar apenas a metodologia utilizada para este processo, sendo essa a mesma usada no outro trabalho, em um esforço para uma uniformidade, mas também porque este começou a ser desenvolvido antes, de modo que os critérios já haviam sido estabelecidos para o que se lê aqui. De qualquer forma, esta tese acabou por absorver a tradução apresentada lá, ainda que essa não fosse nossa intenção inicial.

Somados à nossa análise, o *Epítome* e os *Prólogos* aparecem integralmente em português brasileiro aqui<sup>10</sup>. Embora a tradução esteja em seções específicas (apêndices B e C), há trechos dela desde o início desta introdução e, por conseguinte, optamos por discutir, desde então, os critérios utilizados durante o processo de tradução, de modo a possibilitar que o leitor tenha contato com essas passagens já consciente de nossa proposta e dos textos-fonte utilizados para o que aparece ao longo do estudo.

Dado o objetivo principal desta tese, pretendíamos, inicialmente, traduzir apenas os trechos que seriam citados de modo direto ao longo da discussão; em seguida, ampliamos o recorte para abarcar os episódios completos em que as personagens selecionadas estavam inseridas para dar uma visão mais global de sua construção, facilitando o diálogo com o leitor e, no futuro, desdobramentos. Porém, com o estudo desenvolvido em Mello (2022), percebemos que Justino é lido no Brasil em diferentes contextos<sup>11</sup> e, por isso, finalizamos a

---

<sup>8</sup> Intitulado *Um bando de pastores e senhores do mundo: introdução, tradução e notas dos retratos dos romanos no Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo* (Mello, 2022), o Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado durante um semestre do segundo ano de doutorado e está disponível no site do Bacharelado em Letras: Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora, em que foi desenvolvido.

<sup>9</sup> Pode-se observar quais são os trechos traduzidos naquele trabalho no Quadro 1, apresentado no Apêndice A.

<sup>10</sup> Caso o leitor queira consultar uma passagem específica da obra, pode dirigir-se aos quadros 2 e 3, presentes no Apêndice A, pois eles foram criados como índices com hiperlinks que levam ao início de cada livro e capítulo dos *Prólogos* e do *Epítome*.

<sup>11</sup> Dos quinze trabalhos levantados para o estudo, “[...] quatorze explicitam que utilizam, em certa medida, pelo menos algum intermediário em língua vernácula, normalmente uma tradução, da obra

tradução dos livros que já haviam sido parcialmente abordados, buscando possibilitar uma leitura contínua e, assim, contribuir com os estudos sobre a obra. Ao fim, considerava-se que faltava tão pouco, que acabamos por completar o trabalho. Por conseguinte, a tradução, obviamente, abarca mais do que aquilo que analisamos aqui.

Para ela, utilizamos como fonte primária do texto latino a edição crítica de Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003, recurso online)<sup>12</sup>, por ser a mais recente a que tivemos acesso durante a maior parte do desenvolvimento desta pesquisa<sup>13</sup>. A estudiosa indica que a realizou a partir das comparações feitas por editores anteriores e, dada a divisão dos manuscritos em três classes, adota o que é mais comum em um contraste de dois por um, exceto quando pode explicar alguma falha por meio da paleografia (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Assim, ela traz, no aparato crítico, apontamentos das divergências das edições anteriores, sobre as quais afirma:

[a]lém das edições antigas a partir das quais estudei a escolha das lições e cujas notas li com interesse, particularmente a de Elzévir de 1669 e a de Lemaire de 1823, usei as antigas edições críticas que constituem a base do trabalho de Justino:

Ruehl, F., Lipsiae, 1885.

Galdi, M., Turin, 1923.

Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Post F. Ruehl.* Lipsiae 1935. (Bibliotheca Teubneriana).

Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Accedunt Prologi in Pompeium Trogum*, Stuttgart 1971, reed. 1985. (Bibliotheca Teubneriana).

Seel, O., ed., *Pompei Trogi Fragmenta.* Lipsiae 1956. (Bibliotheca Teubneriana). Rec.: M. Rambaud, *Gnomon* 29, 1957, 505-511<sup>14</sup> (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online, grifo da autora).

---

de Justino, em geral – mas não só – para o inglês.” (Mello, 2022, p. 37). Quanto às traduções, além de diferentes versões para inglês, encontraram-se referências a traduções para o francês e para o espanhol (Mello, 2022, p. 35-7).

<sup>12</sup> Como solicitado anteriormente pela estudiosa, esclarece-se que o texto em questão não está em domínio público. Todos os direitos pertencem a Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003).

<sup>13</sup> O contato com a edição de Bernard Mineo (2016; 2018; 2020, cf. Justin), dividida em três volumes e mais recente, deu-se após a qualificação desta pesquisa, quando a tradução já tinha, em sua maior parte, a primeira versão. Agradecemos à professora Leni Ribeiro Leite por seu esforço que possibilitou o acesso a tal edição.

<sup>14</sup> “En dehors des éditions anciennes dont j’ai étudié les choix de leçons et lu les notes avec intérêt, particulièrement celle des Elzévir de 1669 et celle de Lemaire de 1823, j’ai utilisé les éditions critiques anciennes qui constituent la base des travaux sur Justin: Ruehl, F., Lipsiae, 1885; Galdi, M., Turin, 1923; Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Post F. Ruehl.* Lipsiae 1935. (Bibliotheca Teubneriana.); Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Accedunt Prologi in Pompeium Trogum*, Stuttgart 1971, réed. 1985. (Bibliotheca Teubneriana); Seel, O., ed., *Pompei Trogi Fragmenta.* Lipsiae 1956. (Bibliotheca Teubneriana). Rec.: M. Rambaud, *Gnomon* 29, 1957, 505-511.” (Grifo da autora).

Complementarmente à edição de Arnaud-Lindet (2003, cf. Justinus), consultamos a de Johann Wetzel (1823, cf. Justinus), a de Otto Seel<sup>15</sup> (1972, cf. Justinus) e a de Bernard Mineo (2016; 2018; 2020, cf. Justin), e constam, em notas de rodapé, algumas divergências encontradas ao longo do processo. A leitura e a comparação das traduções e das notas de John Watson (1853, cf. Justinus) e de Yardley (1994, cf. Justin) para o inglês, de José Castro Sánchez (2008, cf. Justino; Pompeyo Trogo) para o espanhol e de Arnaud-Lindet (2003, cf. Justinus) e de Mineo (2016; 2018; 2020, cf. Justin) para o francês muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente nas passagens nebulosas.

Para realizar a tradução, consideramos as reflexões de Antoine Berman (2007 [1985], p. 25), que propõe a ideia de uma “[...] tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (grifo do autor). Esse tipo de tradução opor-se-ia àquelas que buscariam, de alguma forma, aclimatar o texto-fonte à cultura receptora, e nas quais ocorre uma série de acomodações, adaptações, reformulações e aperfeiçoamentos do texto-fonte, de modo a que o leitor não sinta a tradução ou, pelo menos, perceba-a como tal o menos possível (Berman, 2007 [1985], p. 26-33).

Por outro lado, para Berman (2007 [1985], p. 68-9), na tradução,

[o] ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro. [...] abrir o Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua. Abrir é mais que comunicar: é revelar, manifestar. [...] O objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na sua língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade.

Dessarte, é o leitor que necessitaria de uma “educação à estranheza”, e não o texto que precisaria deixá-la, pois “popularizar o original não significa vulgarizá-lo” (Berman, 2007 [1985], p. 66). Seria necessário, dessa forma, respeitar as características do texto que podem parecer estranhas ou, até mesmo, incorretas, em prol de uma aproximação, de uma troca com o outro, por meio de uma atenção à letra, que acolheria, na língua materna, a “literalidade carnal do texto” (Berman, 2007 [1985], p. 71), buscando uma tradução do texto e não da ideia que se tem a respeito dele.

Desse modo, ao longo da tradução, esforçamo-nos para que fossem respeitadas certas características textuais, de maneira a permitir o estranhamento do leitor que lê um texto não só estrangeiro, mas do qual está separado por, pelo menos, dezessete séculos. Temos em mente, entretanto, que o texto passou por alguns processos daquilo que Berman (2007 [1985],

---

<sup>15</sup> Nesta, os *Prólogos* não estão presentes.

p. 47) considera deformações. Estas podem ocorrer de diferentes formas, seja, por exemplo, pela racionalização, seja pela clarificação. No total, o autor elenca treze tipos, embora considere a existência de outros. Para ele, a prosa apresentaria características que tornariam mais difícil precisar essas deformações, pois, a “[...] prosa, na sua multiplicidade, nunca pode ser dominada. Mas o seu ‘escrever mal’ é também a sua riqueza: é a consequência do seu ‘polilinguismo’” (Berman, 2007 [1985], p. 47), e, desde que a sua tradução seja estética, essas deformações não saltariam aos olhos, como o fariam, provavelmente, em um texto poético (Berman, 2007 [1985], p. 47).

No presente caso, levamos em conta que a sintaxe latina organiza-se de modo diverso daquela da língua portuguesa, e, ainda que esta apresente certa elasticidade, que permite, em alguma medida, a inversão de termos, seu uso constante torna o texto hermético e até ininteligível, o que não seria interessante em relação à sua acessibilidade. Dessa forma, repensamos trechos em que a tradução que buscava espelhar com muita proximidade a sintaxe latina fazia com que a construção de sentido em língua portuguesa fosse tortuosa.

Em uma tentativa de respeitar a estranheza do texto, optamos por manter elementos culturais no corpo do texto, embora se tenha acrescentado notas de rodapé para guiar o leitor. Isso ocorre, por exemplo, em unidades de medida, como o estádio (cf. Just. 11.8.2.); palavras que tinham sentido mais amplo em latim do que têm em língua portuguesa, como a dupla *parricidium*/parricídio (cf. Just. 8.3.3); e expressões que fariam sentido para o público imediato de Justino, mas não necessariamente para o leitor brasileiro, como *sub corona*, traduzida como “coroadá” (cf. Just. 34.2.6). Quanto a esta, ainda que se possa entender, em linhas gerais, a imagem criada, também pode não ser de conhecimento do leitor que a expressão é utilizada para se referir ao modo como as pessoas eram apresentadas em leilão quando escravizadas. No mais, inserimos notas para indicações de determinadas divergências entre os textos-fonte consultados e de outros elementos, como alguma inconsistência interna (cf. Just. 11.2.3), quando julgamos necessário.

Almejamos também que a (in)variabilidade lexical fosse respeitada. Assim, buscamos preservar diferenciações – como “macedônio” e “macedônico” em uma tentativa de reproduzir *Macedo* e *Macedonicus* –, bem como manter, por exemplo, a repetição de termos em um curto espaço, como em:

<p>[...] <i>ueriti ne hac perseuerantia belli grauius sibi quam Messeniis nocerent, quippe illis</i></p>	<p>“[...] receando fazer um mal mais severo a si do que aos messênios com esse prolongamento da guerra – porque, para eles,</p>
--	---

<p><i>quantum iuventutis bello intercidat, mulierum fecunditate suppleri, sibi et bellis damna adsidua et fecunditatem uxorum absentibus uiris nullam esse [...] (Grifo nosso).</i></p>	<p>a fecundidade das mulheres supria quantos jovens matavam na <i>guerra</i>; para si, os danos da <i>guerra</i> eram constantes, e também a fecundidade das esposas era nula estando os homens ausentes [...]" (Just. 3.4.4, grifo nosso).</p>
---	---

Contudo, foi necessária, em alguns momentos, a adaptação ao contexto, como ocorre com a tradução do termo *insidia*, que pode ser encontrado, em língua portuguesa, como “insídia” ou “emboscada” (cf. Just. 3.1.6 e 1.8.9.); *auxilium*, que foi traduzido, quando no singular, como “auxílio”, quando no plural, como “tropas auxiliares” (cf. Just. 1.7.3 e 1.6.10.); *salus*, que aparece como “salvação” e “segurança” (cf. Just. 14.1.14 e 14.3.4.), e *imperium*, como “soberania” e “império” (cf. Just. 1.1.1 e 2.10.11.). Há também a dupla *amittere e perdere*, que tende a ser traduzida igualmente por “perder” (cf. Just. 1.5.8 e 1.7.13). Outros exemplos poderão ser encontrados ao longo da leitura.

Com exceção dos *Prólogos* e de raras ocorrências, não acrescentamos ao texto nem em nota de rodapé informações adicionais quanto aos nomes das personagens, como a numeração ou os epítetos dos reis. Não ao texto, por respeito às suas características, já que ele não as apresenta; não em nota de rodapé, pois consideramos a possibilidade de que o leitor faça, ao invés de uma leitura linear, uma que seja episódica. Nesse caso, seria necessário que se colocasse nota em todas as passagens em que os nomes aparecessem, pois, ao contrário, o leitor precisaria ficar procurando a primeira ocorrência do nome para verificar a respectiva nota. Apresentamos, então, um índice onomástico, em que se podem consultar informações complementares a respeito dessas figuras. Embora não sejam informações exaustivas, esperamos que sejam suficientes para facilitar a pesquisa do leitor em outras fontes. As exceções ocorrem quando a progressão da narrativa ou o esforço de abreviação de Justino torna a diferenciação das personagens mais difícil (cf. Just. 13.5.9).

Nos *Prólogos*, adicionamos informações complementares em nota de rodapé por se ter em mente que, caracteristicamente, esses são textos que serviriam para auxiliar o leitor a localizar as figuras na obra mais extensa de Trogo – já que derivam deste e não do texto de Justino. Além disso, nem todas as personagens encontradas nos *Prólogos* aparecem ao longo da leitura do *Epítome*, de modo que preferimos limitar o índice onomástico à obra de Justino. Contudo, ressaltamos que demos prioridade para a inserção dessas notas nos prólogos dos livros que foram aqui analisados, para facultar ao leitor a comparação de conteúdos. De todo



modo, os *Prólogos* tendem a apresentar os epítetos dos reis, o que já contribui com sua identificação.

Destacamos, também, aquilo que afirma Paul Ricœur (2012, p. 27) sobre “[...] renunciar ao ideal de tradução perfeita. Apenas essa renúncia permite viver, como uma deficiência aceita, a impossibilidade [...] de servir a dois mestres: o autor e o leitor”. Com essa renúncia, consideramos que a tradução aqui apresentada não é – nem poderia ser – definitiva, pois o texto mantém-se sempre aberto a outras traduções.

Finalmente, esperamos que este trabalho possa contribuir para os estudos que abordam de alguma forma a obra de Justino, bem como as discussões acerca da exemplaridade e de sua importância cultural no contexto romano. Além disso, almejamos que, com a tradução, o texto também possa ser objeto de momentos de ócio e deleite, tal como seu autor registrou desejar que fosse feito.

## 2 “QUANDO A INVEJA DIFAMATÓRIA TIVER CESSADO”<sup>16</sup>: JUSTINO E SEU EPÍTOME

Quando comparadas aos estudos realizados em outras línguas, as informações acerca de Justino e de sua obra disponíveis em língua portuguesa são limitadas. Assim, dedicamo-nos, nesta seção, a apresentar aspectos relacionados à autoria e ao gênero do texto. Na primeira parte, examinamos a possibilidade de datação do *Epítome* e a presença de elementos – principalmente, no prefácio do texto – que funcionam para demarcar sua autoria. Na segunda, discutimos o gênero atribuído à obra e as consequências que esse rótulo tem gerado, ao longo do tempo, para sua recepção.

### 2.1 “BASTA, PARA MIM, O TEU JUÍZO”<sup>17</sup>: JUSTINO ACENA A SEU LEITOR

Toda a escassa informação de que se dispõe acerca de Justino, autor do *Epítome*, deriva de seu único texto de que temos conhecimento. Quanto a seu momento de produção, o ponto de partida é a obra de Pompeio Trogo, cuja data também é incerta, mas de modo mais limitado, já que varia apenas entre o final do século I antes da Era Comum e o início do século I EC (Castro Sánchez, 2008, p. 25), tendo o autor vivido sob Augusto ou Tibério (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Já o marco final para a datação do *Epítome* apresenta-se por uma menção de Jerônimo, que, em seu *Comentário a Daniel* (*Commentaria in Daniele*), elenca o abreviador entre os historiadores cuja leitura considerava importante para o entendimento do texto bíblico:

[p]ara compreender as partes finais de Daniel, é necessária a vasta historiografia dos gregos: Sutorio (naturalmente Calínico), Diodoro, Jerônimo, Políbio, Posidônio, Cláudio Téon e Andrônico, de sobrenome Alípio, aos quais também Porfírio disse haver seguido; e também a Josefo e aqueles aos quais cita, particularmente a nosso Lívio, a Pompeio Trogo e a Justino, todos os quais narram a história correspondente à última visão<sup>18</sup> (Hier., *In Dan.* PL 25 494A, trad. L. C. Maluf, grifo nosso).

<sup>16</sup> [...] *cum obtrectationis invidia decesserit* [...] (Just., *Prae.* 6). Uma versão desta seção integra nosso Trabalho de Conclusão de Curso, cf. Mello (2022, p. 16-26), o qual foi realizado concomitantemente a este. Aqui, ela encontra-se modificada e ampliada.

<sup>17</sup> *Sufficit enim mihi* [...] *iudicium tuum* [...] (Just., *Prae.* 5).

<sup>18</sup> *Ad intelligendas autem extremas partes Danielis, multiplex Graecorum historia necessaria est: Sutorii uidelicet Callinici, Diodori, Hieronymi, Polybii, Posidonii, Claudii Theonis et Andronyci cognomento Alipii, quos et Porphyrius secutum esse se dicit, Iosephi quoque et eorum quos ponit*

O intervalo possível para a datação do *Epítome* estende-se, então, do século II ao IV EC, e os estudiosos têm apresentado argumentos e conclusões divergentes na tentativa de uma precisão maior. Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003, recurso online), por exemplo, propõe que Justino teria escrito sob Constâncio II ou seus sucessores, no século IV, dado que, no período, houve o florescimento do gosto pela leitura de narrativas históricas, atestada pela produção de obras como o *Breviário de História Romana* (*Breuiarium historiae Romanae*), de Eutrópio, e o *Breviário dos feitos dos povos romanos* (*Breuiarium rerum gestarum populi Romani*), de Festo. O argumento da estudiosa parece-nos frágil, já que ele justifica a popularidade de obras desse teor durante o período, mas não necessariamente que Justino tenha escrito nele, pois a prática de abreviação precede-o. Apresenta-se, de nosso ponto de vista, como mais convincente a indicação de John Yardley (1994, recurso online) que, baseado na pouca evidência interna e no estudo da linguagem e do estilo, aponta o momento entre o final do século II e o início do século III como um intervalo mais provável, sendo este, como também concordam José Castro Sánchez (2008, p. 9) e Alice Borgna (2014, p. 65-6), o mais amplamente aceito.

Em relação ao nome do autor, segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), *Iuniani Iustini*<sup>19</sup> aparece no início de dois manuscritos importantes para o estabelecimento do texto – *Laurentianus* (*Casinas*) 66, 21 (C) e *Vaticanus latinus* 1860 (D) –, enquanto apenas o primeiro apresenta também *Marcus*. Como o nome está no genitivo, não é possível precisar se um deles seria, no nominativo, *Iunianius* ou *Iunianus*, de maneira que é recorrente que se escreva seu nome como *Marcus Iunian(i)us Iustinus*. Seguindo uma tradição que aparece já em Jerônimo, Agostinho e Orósio (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), optamos por nos referir ao autor, neste trabalho, apenas por Justino.

Ainda que impreciso, consideramos relevante que se observe seu nome em relação à sua obra, já que ele contribui para sua caracterização, conforme indica Michel Foucault (2001 [1979], p. 273-4) acerca desse tema:

[...] o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor

---

*Iosephus, praecipueque nostri Liuii, et Pompei Trogi, atque Iustini, qui omnem extremae uisionis narrant historiam* (Grifo nosso).

<sup>19</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) apresenta o trecho: *Iuniani Iustini epithoma historiarum liber primus*; “primeiro livro do epítome das histórias de Justino Junian(i)o”.

disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status.

Assim, dizer que certo texto pertence a um autor já poderia influenciar sua leitura, dado o status que ele recebe a partir desse rótulo, até por se esperar, por exemplo, que textos de um mesmo autor tenham características semelhantes. No que se refere ao *Epítome*, percebemos que essa influência do nome do autor pode ser observada sob dois aspectos principais: a confusão com seu homônimo e a relação entre o nome de Justino e o de Pompeio Trogo.

O primeiro liga-se ao fato de que parte do caminho que permitiu a sobrevivência da obra deu-se pela popularidade de que ela desfrutou na Idade Média, a qual é atestada por cerca de duzentos manuscritos que chegaram, em diferentes estados, à contemporaneidade. Ela, provavelmente, deriva do fato de que a homonímia fez com que autores, como Martinho de Opava e Isidoro, considerassem erroneamente que seu autor fosse Justino, o Mártir (*Flavius Iustinus*) (Watson, 1876, p. VII; Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), o que teria ocasionado que, inclusive, parte do texto do prefácio (*Prae. 5*) fosse alterada, de modo que se identificasse o destinatário de Justino como o imperador, adequando-o ao momento histórico do teólogo, conforme apresenta Watson (1876, p. 2):

[n]as edições anteriores àquela de Bongars, 1581, as palavras *Marce Antonine* vinham após o *te*, mas, como elas não apareciam nos manuscritos que Bongarsius consultou, ele as omitiu. De modo geral, acredita-se que elas tenham sido inseridas por algum editor ou editores que confundiram Justino, o historiador, com Justino, o Mártir, o qual viveu sob o reinado dos Antoninos. [...] Pontano e Isaac Voss defenderam a permanência das palavras, e Scheffer, tendo observado que nas edições mais antigas e naquela do próprio Bongars, baseada em, pelo menos, oito manuscritos, havia *Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmisi* [E envie para ti, não tanto com a intenção de que o conheça melhor, quanto de que o corrija], teria lido *Quod ad te non tam cognoscendi, Marce Antonine Caesar, quam emendandi, &c.* [E, para ti, não tanto com a intenção de que o conheça, Marco Antonino César, quanto de que o corrija, etc], acreditando que *magis* seria uma corrupção de *M. A. C.*, as iniciais do nome do imperador.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> “In the editions before that of Bongarsius, 1581, the words *Marce Antonine* followed *te*, but as they did not appear in the manuscripts which Bongarsius consulted, he omitted them. They are generally supposed to have been inserted by some editor or editors, who confounded Justin the historian with Justin Martyr, who lived in the reign of Antoninus. [...] Pontanus and Isaac Vossius argued for the words being retained; and Scheffer, observing that the oldest editions, and that of Bongarsius himself, based on at least eight manuscripts, have *Quod ad te non cognoscendi magis quam*

Possivelmente, a ideia de que a obra fora escrita por alguém que se tornou santificado sob os olhos do catolicismo gerou um status específico para a obra, semelhante àquele dos demais textos de Justino, o Mártir. Contudo, tendo sido desfeita a confusão, Watson (1876, p. 7) indica que seria pouco provável que o abreviador da obra de Trogo tenha sido sequer cristão, dado o tratamento que confere aos judeus no livro XXXVI. A narrativa de Justino, nesse trecho, começa com a descendência dos judeus a partir da mesma raiz da de Semíramis, passa ao rei Damasco e, então, a uma menção a Azelo, Adores, Abraão e Israel, o qual teve dez filhos. Um deles, José, alvo de hostilidade dos irmãos, é vendido por eles a comerciantes estrangeiros que o levam ao Egito. Lá, desfruta da amizade do rei por ser capaz de interpretar prodígios, mas seu filho, Moisés, é exilado durante uma epidemia de sarna e vitiligo. O *Epítome* continua com Moisés e seu filho Arruas tornando-se sacerdotes de cerimônias sagradas egípcias e depois reis. Por fim, há informações geográficas e sobre aqueles que dominaram os judeus até que:

[9] [c]omo tinham abandonado Demétrio, tendo pedido a amizade dos romanos, foram os primeiros de todos os orientais a receberem a liberdade, tendo os romanos, naquele tempo, facilmente distribuído o que era de outro<sup>21</sup> (Just. 36.3.9).

Com isso, a definição de que Justino tenha sido ou não cristão torna-se difícil. Por um lado, a obra é recomendação de leitura de Jerônimo e já foi atribuída a um autor cristão. Contudo, Jerônimo recomenda outros autores pagãos, e é possível que a distinção conferida pelo nome de Justino, o Mártir, tenha levado a que a passagem não fosse demasiadamente questionada, situação que se altera quando essa condição muda. Por outro lado, pode-se apontar que o exílio de Moisés seria o equivalente ao Êxodo bíblico, contudo não há a abordagem de outras pragas para além da epidemia citada, nem de uma possível libertação do povo israelita, importantes elementos da narrativa cristã. Ademais, conta-se que Moisés e Arruas tornam-se sacerdotes em cerimônias egípcias, sem menção a um deus específico.

Julgamos que a passagem pode ser inadequada sob uma perspectiva cristã, o que é atestado pela indicação de Marcelino Menéndez Pelayo (1952-3, p. 260) de que,

---

*emendandi causa transmisi, would read, Quod ad te non tam cognoscendi, Marce Antonine Caesar, quam emendandi, &c., supposing magis to be a corruption of M. A. C., the first letters of the emperor's names."*

<sup>21</sup> [9] *A Demetrio cum descuissent, amicitia Romanorum petita primi omnium ex Orientalibus libertatem acceperunt, facile tunc Romanis de alieno largientibus.*

provavelmente, a condenação pelo inquisidor espanhol Fernando de Valdés y Salas da tradução espanhola do *Epítome* proposta, em 1540, por Jorge de Bustamente seria fruto desse trecho da narrativa. Assim, embora essa tradução pareça ter usufruído de grande popularidade, conforme suas (re)edições publicadas em 1542, 1586 e 1609 (Schweiger, 1832, p. 497), consta, ao mesmo tempo, em 1551, no *Catalogus Librorum Reprobatorum* (literalmente, “Catálogo de livros condenados”) (Sierra Corella, 1947, p. 228). Concordamos, então, com Watson (1876, p. 7), que aventava que, se Justino conhecesse as escrituras judaicas, provavelmente teria ou corrigido o que aparece em sua fonte, ou, pelo menos, evitado as passagens em que são abordadas as origens desse povo.

Consideramos também a possibilidade de que, como Justino apresenta sua obra sob um viés didático e se insere no texto, caso fosse cristão, além de omitir essas passagens, poderia ter circunscrito a responsabilidade do trecho à sua fonte frente à ameaça de uma danação, já que a versão se afastaria da suposta verdade<sup>22</sup> presente no texto bíblico. Assim, não se tendo encontrado outro elemento que aponte o contrário ou reforce tal posição, julgamos que sua versão dos acontecimentos não se alinha à versão cristã presente na Bíblia, o que, por extensão, indicaria que o autor era pagão.

De toda forma, tendo-se o texto desprendido de Justino, o Mártir, passamos ao segundo aspecto relacionado ao nome que o acompanha. Tem-se, nesse caso, o autor de um epítome, ou seja, de uma obra que parte de outra, como Justino deixa claro em seu prefácio. Assim, seu nome está atrelado àquele de Pompeio Trogo já desde Jerônimo<sup>23</sup> e Orósio<sup>24</sup> (Syme, 1988, p. 355-6). Notamos que isso fez com que, durante muito tempo, Justino aparecesse, por exemplo, nos compêndios de Literatura Latina como uma figura secundária

---

<sup>22</sup> Pode-se observar, por exemplo, que Lactânncio aponta, em seu *Sobre as instituições divinas* (*Diuinae institutiones*), que era necessário afastar-se de leituras poéticas e se voltar para a filosofia, pois esta conteria em si a verdade: “Marão, o primeiro de nossos [poetas], não esteve longe da verdade; [...] Mas basta sobre os poetas. Venhamos aos filósofos, cuja autoridade tem mais peso, e o juízo é mais seguro, porque se acredita terem se dedicado não às situações inventadas, mas à verdade que deve ser buscada.” (Lact., *Div. Inst.* 1.5.3-4); *Nostrorum primus Maro non longe fuit a ueritate; [...] Sed hactenus de poetis. Ad philosophos ueniamus, quorum grauior est auctoritas, certiusque iudicium; quia non rebus commentitiis, sed inuestigandae ueritati studuisse creduntur.* Ainda que a obra em questão não seja poética, provavelmente isso não a eximiria de ter em si possíveis inadequações de um ponto de vista cristão – a condenação de sua tradução parece apontar isso –, já que, a partir deste, considerar-se-ia o texto bíblico como a verdade. Assim, não faria sentido que, se fosse cristão, Justino divulgasse uma versão dispar e, por extensão, falsa sob esses critérios.

<sup>23</sup> Cf. página 24.

<sup>24</sup> “[...] o historiador Pompeio e o abreviador dele, Justino, ensina [...]”; [...] *Pompeius historicus eiusque breuiator Iustinus docet* [...] (Oros 1.8.1); “[...] de fato, Pompeio ou Justino diz deste modo [...]”; [...] *ait enim Pompeius siue Iustinus hoc modo* [...] (Oros 1.10.2). Segundo Ronald Syme (1988, p. 366), em Oros 1.8.1 haveria o registro mais antigo do uso do termo *breuiator*.

em relação àquela em cuja obra se baseia. Assim, nas duas páginas e meia dedicadas a Trogo por Ettore Paratore (1983, p. 517-9), menos de dez linhas dizem respeito, de alguma forma, a Justino<sup>25</sup>. Processo semelhante ocorre na página e meia sobre o historiador no compêndio de Mario Citroni *et al.* (2006, p. 641-2), em que se indica que o texto de Justino não permite acessar o estilo de Trogo<sup>26</sup>, analogamente ao que consta em Gian Biagio Conte<sup>27</sup> (1994, p. 378-80).

O destaque dado a Trogo era coerente quando se considera que obras que se dedicam a abreviar outras costumavam ser julgadas como se tivessem um valor secundário (discutiremos esse aspecto com mais detalhes à frente). Somado a isso, há a posição de que a obra de Trogo usufruía, conforme diz Yardley (2003, p. 4):

[s]ua reputação no mundo antigo era destacada. Ele é nomeado duas vezes na História Augusta em um cânone de quatro grandes historiadores (ao lado de Lívio, Salústio e Tácito: HA *Aurel.* 2.1, Probus 2.7<sup>28</sup>); o cânone não é

<sup>25</sup> “Também um dos episódios virgilianos mais típicos – o de Dido e Eneias – achou, aliás, um desmentido completo na obra de Trogo, como nos demonstra o epítome de Justino.

O compêndio de Justino foi lido assiduamente na Idade Média, de tal forma que chegaram até nós muitos códices dele: assim a Idade moderna adquiria, cedo, através duma voz da própria antiguidade romana, o meio de contemplar o reverso da medalha e investir contra Roma.” (Paratore, 1983, p. 519).

<sup>26</sup> “Desta obra, apenas subsiste um compêndio, transmitido no século II ou III d.C. por um certo Marco Juniano Justino. Apesar de se poder entrever a influência do modelo de Salústio, este resumo não permite aceder ao estilo de Pompeio Trogo. Apesar disso, consegue transmitir algumas indicações sobre as tendências fundamentais da sua historiografia. [...] No epítome de Justino, de facto, podem ser considerados aspectos anti-romanos o apreço por figuras como Pirro, Aníbal ou Mitrídates, o aparente comprazimento com que registra alguns dos mais catastróficos reveses militares dos Romanos, o interesse pelos acontecimentos relacionados com o poderio dos Partos, tradicionais inimigos de Roma. Mas trata-se de pormenores pouco evidentes, substancialmente insuficientes para fundamentar uma interpretação como aquela que referimos. A crítica do imperialismo está efectivamente presente, mas não mais do que, por exemplo, em certos passos de Salústio (p. 424), e está longe de constituir o objectivo primordial da obra.” (Citroni *et al.*, 2006, p. 641-2).

<sup>27</sup> O trecho presente em Conte é muito semelhante ao que consta na nota anterior. O principal adendo está em: “[a]inda assim, Trogo, pelo que podemos observar, inclinava-se a inflar o tamanho dos discursos indirectos; uma longa *oratio obliqua* de Mitrídates foi preservada por Justino precisamente para que o leitor pudesse ter uma ideia do estilo das *Histórias Filípicas*.”; “Yet Trogus, as far as we can see, was inclined to swell the size of the indirect discourses; a lengthy *oratio obliqua* of Mithridates has been preserved by Justin precisely so that the reader can get an idea of the style of the *Historiae Philippicae*.” (Conte, 1994, p. 379-80, trad. para o inglês de J. B. Solodow).

<sup>28</sup> Yardley (2003) não apresenta as passagens. Lê-se em HA *Aurel.* 2.1: “[...] quando repliquei que não há um dos escritores, quanto ao que diz respeito à história, que não tenha mentido de alguma forma, indicando, além disso, o que em Lívio, o que em Salústio, o que em Cornélio Tácito, o que, enfim, em Trogo, seria refutado por provas óbvias [...]”; [...] *me contra dicente neminem scriptorum, quantum ad historiam pertinet, non aliquid esse mentitum, prodente quin etiam in quo Liuius, in quo Sallustius, in quo Cornelius Tacitus, in quo denique Trogus manifestis testibus conuincerentur, [...]*”. E em Probus 2.7: “[...] e, para mim, de fato, havia, ao compor a vida e os tempos dos príncipes, este ânimo para imitar não a Salústios, Lívios, Tácitos e Trogos e a todos os homens

citado como se para aprovação, mas a presença de Trogo é indicativa de sua posição. E, mesmo não tendo sido citado por eles, Trogo foi claramente uma importante influência nos trabalhos dos maiores prosadores das gerações que o seguiram: Veleio Patérculo, Valério Máximo, Quinto Cúrcio e Frontino.<sup>29</sup>

Assim, notamos que o fato de que o autor do texto-fonte ter sido um importante historiador latino parece acentuar a relevância de sua perda, de modo que, durante muito tempo, Justino foi considerado sob um tom acusatório, como se tivesse sido responsável pela perda das *Histórias Filípicas*. Jules Pierrot (1862, p. V), por exemplo, registra esse aspecto:

Justino tem sido julgado de maneira diversa. A leitura de seu livro é infrutífera, segundo mais de um crítico, e o abreviador Henault chega a chamar seu antecessor *de uma traça da história, a qual a deixou em pedaços*<sup>30</sup> (Grifo do autor).

Contudo, apontamos que há pelo menos dois argumentos contra a possível responsabilidade de Justino. Por um lado, de um modo mais amplo, pode-se considerar que, conforme indica Lívio Rossetti (2005, p. 74-84), a sobrevivência de textos antigos está ligada, muitas vezes, ao mero acaso, como as condições geradas pela erupção do Vesúvio ou uma temática mais afim dos interesses cristãos. Por outro, *Sobre os animais (De animalibus)*, outra obra de Pompeio Trogo, também não foi conservada – salvo as referências presentes em outros autores como Plínio, o Velho<sup>31</sup> (Castro Sánchez, 2008, p. 19) –, neste caso, sem qualquer intervenção de Justino. Assim, é coerente que se argumente, ao contrário, que o abreviador ao menos conservou algo da narrativa de seu antecessor.

Ainda que não se possa negar a importância de Trogo, todavia, percebemos que uma abordagem que valoriza mais a sua perda do que a presença de Justino, em determinados

---

muito eloquentes [...]”; [...] *et mihi quidem id animi fuit ut non Sallustios, Livios, Tacitos, Trogos atque omnes disertissimos imitarer uiros in uita principum et temporibus disserendis*, [...].

<sup>29</sup> “His reputation in the ancient world was high. He is named twice in the *Historia Augusta* in a canon of four great Latin historians (along with Livy, Sallust, and Tacitus; HA *Aurel.* 2.1, Probus 2.7); the canon is not cited for approval, but Trogus’ appearance within it is indicative of his standing. And while not mentioned by them, Trogus was clearly a great influence on the works of the major prose authors of the generations following his own: Velleius Paterculus, Valerius Maximus, Quintus Curtius, and Frontinus.”

<sup>30</sup> “Justin a été très-diversement jugé. La lecture de son livre est sans fruit, selon plus d’un critique, et l’abreviateur Henault va même jusqu’à traiter son devancier *de ver rongeur de l’histoire, qui n’en a laissé que les lambeaux*.” (Grifo do autor).

<sup>31</sup> Castro Sánchez (2008, p. 597-619), por exemplo, apresenta um apanhado tanto de fragmentos tomados de autores que expressam diretamente que estão citando as obras de Trogo, como de outros trechos que poderiam ser atribuídos a ele.



contextos, pode levar pesquisadores a equívocos<sup>32</sup> e a outras dificuldades de acesso à obra sobrevivente. Além disso, é relevante que se considere, a nosso ver, certa independência do trabalho de Justino em relação ao de Trogo, que é atestada por sua sobrevivência em detrimento deste. Mesmo assim, no passado, buscava-se no texto de Justino aquilo que seria de Trogo, a ponto de se atribuir ao abreviador, de fato, apenas os enganos históricos supostamente derivados de seu descuido durante a realização de seu trabalho (Yardley, 2003, p. 4). Por isso, John Watson (1853, recurso online), por exemplo, não o apresenta como um autor pleno: “[c]omo Justino não é propriamente um autor, mas um abreviador, nós devemos, primeiro, dar nossa atenção ao autor a quem ele abreviou”<sup>33</sup>. Todavia, ainda que sua obra parta de outra, acreditamos que Justino realiza um trabalho autoral, concordando com o que Marco Galdi (1922, p. 117) – ainda que este tenha uma visão que pode ser entendida, atualmente, como negativa em relação aos epítomes<sup>34</sup> – propõe:

[q]ue Justino tenha removido certos vínculos e transições com os quais Trogo uniu as várias partes das *Historiae*, não pode ser posto em dúvida; nem se pode duvidar de que ele omitiu certas coisas que mereceriam ter sido preservadas. Mas disso até a acusação de ter maltratado o original, há um

<sup>32</sup> Encontrou-se uma possível confusão entre as obras de Justino e de Pompeio Trogo no que diz respeito à sua sobrevivência no trabalho de Juliani (2011, p. 114-5), por exemplo: “[a] narrativa em que a personagem retorna com Jasão para a Cólquida e restaura o reino do pai Eétis teria sido retratada por Justino (II ou III d.C.) na obra *Historiae Philippicae*, hoje perdida”.

<sup>33</sup> “As Justin is not properly an author, but an abridger, we shall first give our attention to the writer whom he abridged.”

<sup>34</sup> Da qual este trabalho afasta-se. O autor inicia a introdução de seu livro dizendo que: “[e]m geral, a tendência de fazer recortes e resumos de obras maiores está estritamente ligada ao fenômeno de decadência política e moral de um povo.

Nos séculos de rico florescimento literário, quando a produção é original e reflete amplamente as condições florescentes do ambiente e o estado de espírito de um povo que imprime seus passos no caminho da civilização, e quando uma única preocupação parece pairar sobre os escritores, tendo que lidar com nada além daquilo que contribua para a grandeza de seu país ou para a celebração de sua linhagem, seria considerado um esforço inútil se dedicar à redução das obras alheias.”; “In generale, la tendenza a fare estratti e compendi di opere di maggior mole, è strettamente connessa al fenomeno del decadimento politico e morale di un popolo.

Nei secoli di ricca fioritura letteraria, quando la produzione è originale e rispecchia in larga parte le floride condizioni di ambiente e lo stato d’animo di un popolo che imprime le sue orme sul cammino della civiltà, e quando una sola preoccupazione pare che incomba sugli scrittori, di nulla trattare che non contribuisca alla grandezza del proprio paese od alla celebrazione della propria stirpe, si reputerebbe vana fatica l’industriarsi a ridurre opere altrui.” (Galdi, 1922, p. 1). Esse tipo de pensamento acerca do gênero parece corrente no passado, já que, na entrada a seu respeito em *The Oxford Classical Dictionary* (Cary et al., 1953, p. 334), ao se tratar, especificamente, dele em Roma, propõe-se que o epítome florescera a partir de uma “letargia mental” (“mental lethargy”) que teria ocorrido no período tardio. Mesmo assim, Galdi (1922) parece reconhecer alguma importância nos epítomes, bem como a delimitação da noção de autoria na empreitada de seus idealizadores, o que se alinha ao que se busca demonstrar neste trabalho.

abismo! E então temos que julgar o epítome como ele é, não como poderia ter sido. Para nós, o compêndio de Justino é de grande valor, pois nos salvou, ainda que de forma reduzida, o único exemplo de história universal que Roma teve. E é inútil, pelo menos a meu ver, persistir em investigar se este compêndio contribuiu para o desaparecimento do original, ou se outras causas não o influenciaram.<sup>35</sup>

Justino teria, então, preservado algo do texto de Trogo, ao mesmo tempo em que criou sua própria obra, e seu status de autor não deveria ser negado. Conforme observado por Patrícia Prata (2017), ao discutir as proposições de Foucault sobre a noção de autor: “[...] [este] é construído a partir dos textos que lhe são atribuídos (então, o autor é posterior a sua obra). Finalmente, a função autor não nos remete a um ser real, mas a posições de sujeito que diferentes indivíduos podem ocupar.” (Prata, 2017, p. 141). Assim, embora o nome de Justino permaneça atrelado ao de Trogo, consideramos que aquilo de que se dispõe hoje é atribuído a Justino, e é verificável que ele se constrói por meio de seu próprio texto como uma figura separada da de Trogo, do mesmo modo que delimita o que lhe interessa da obra de seu antecessor para formar um novo texto.

Na atualidade, pela falta de outros registros, Justino só existe em função de seu *Epítome*, o que leva Ronald Syme (1988, p. 370) a o considerar “[...] mais um texto do que uma personalidade [...]”<sup>36</sup>. Embora a afirmação tenha sido criticada, ao longo do tempo, por ser entendida como redutora do papel de Justino (Borgna, 2020b, p. 34), ela é coerente quando se observa que todo o registro acerca da figura de Justino parte daquilo que se preserva em seu texto, mesmo a construção de sua suposta personalidade, estando esta, como sua própria obra, aberta à interpretação.

Concordamos, assim, com Galdi (1922, p. 115), que aponta que afirmar que Justino, meramente, reproduziu as palavras de Trogo:

[...] certamente nega a individualidade literária do epitomador e o reduz nem mais nem menos a um simples transcritor ou copista, sem fisionomia própria e sem qualquer marca característica que demonstra estilo. Pois estou

---

<sup>35</sup> “Che Giustino abbia tolto certi legamenti e trapassi con cui Trogo aveva unito le varie parti delle *Historiae*, non si può revocare in dubbio; e nemmeno si può dubitare ch’egli abbia omesso talune cose che meritavano invece di essere conservate. Ma da ciò all’accusa di avere maltrattato l’originale, ci corre assai! E poi bisogna giudicare l’epítome qual’è, non quale sarebbe potuto essere. Per noi il compendio di Giustino è di grande valore, giacchè ci ha salvato, sia pure in forma ridotta, l’unico esempio di storia universale che Roma abbia avuto. Ed è ozioso, almeno a mio modo di vedere, l’ostinarsi a ricercare se proprio tale compendio abbia contribuito alla scomparsa dell’originale, o non vi abbiano piuttosto influito altre cause.”

<sup>36</sup> “[...] a text rather than a personality [...]”.

convencido de que quem resume, por mais que queira permanecer apegado ao original, seja na disposição do material ou na linguagem, sempre trai, de uma forma ou de outra, sua própria individualidade e revela, ou na substituição de uma frase, no uso de uma palavra, ou no fechamento de uma frase, ou na apreciação de um fato, o desejo de se afastar do próprio original para não renunciar às necessidades da própria cultura e não sacrificar seu critério pessoal.<sup>37</sup>

Dessa maneira, acreditamos que as intervenções de Justino sobre o texto de Trogo já seriam suficientes para demarcar sua autoria dessa nova obra que se formou. Esse processo é reforçado, pois o abreviador deixa claro seu controle sobre a obra anterior. Assim, podemos notar que a apreciação de sua fonte contribui para a construção de sua autoria no *Epítome*, de modo que o momento em que Justino aparece de maneira mais explícita é no prefácio da obra, escrito em tom epistolar para um destinatário que deveria corrigir o trabalho realizado durante o ócio<sup>38</sup>. Esse destinatário não é nomeado, e não é possível precisar se Justino, de fato, enviaria a obra a alguém – como Cícero diz que Ático fizera<sup>39</sup> –, ou estaria, ali, simplesmente, desenvolvendo um exercício retórico em prol da *captatio benevolentiae*<sup>40</sup>. Para Jackie Elliott

<sup>37</sup> “[...] viene senz’altro a negare l’individualità letteraria dell’epitomatore, e lo riduce nè più né meno che a un semplice trascrittore o copista, senza una fisionomia propria e senza quell’impronta caratteristica che balza fuori dallo stile. Giacchè io sono convinto che chi compendia per quanto voglia restare attaccato all’originale, sia nella disposizione della materia e sia anche nella lingua, tradisce sempre, in un modo o nell’altro, la propria individualità, e rivela, o nella sostituzione d’una frase, nell’uso di un vocabolo, o nella chiusa d’un periodo, o nell’apprezzamento di un fatto, il desiderio di allontanarsi dall’originale stesso per non rinunciare alle esigenze della propria cultura e per non sacrificare il suo criterio personale.”

<sup>38</sup> Discutimos o prefácio em um artigo intitulado “Gênero e autoria no prefácio do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*”, publicado, em 2022, na revista *Fólio* (Mello; Miotti, 2022). Embora, nesta seção, tenha-se escrito um novo texto, as ideias centrais são comuns a ambos.

<sup>39</sup> “Acaso, continuei, poderia haver para mim uma saudação mais bem vinda ou mais oportuna para esta circunstância do que o seu livro, em que ele, dirigindo-se a mim, como que despertou-me de meu abatimento? [14] Bruto, então, disse – Você está certamente se referindo àquele livro em que ele abarcou toda a história de modo breve e, pelo menos segundo me parece, com muita diligência?” (Cic., *Brut.* 3.13-14, trad. O. V. B. de Almeida); *An mihi potuit, inquam, esse aut gratior ulla salutatio aut ad hoc tempus aptior quam illius libri, quo me hic adfatus quasi iacentem excitavit?* [14] *Tum ille: nempe eum dicis, inquit, quo iste omnem rerum memoriam breuiter et, ut mihi quidem uisum est, perdiligenter complexus est?*

<sup>40</sup> Literalmente, “o ato de captar a benevolência”. Essa ação é importante no contato com o receptor do texto, conforme se destaca, por exemplo, no *Da invenção*: “[22] [a] benevolência é alcançada a partir de quatro categorias: de nós, dos adversários, do caráter dos júris, da causa. De nós, se falamos a respeito de nossos feitos e serviços sem arrogância; se explicamos as ofensas apresentadas e algumas suspeitas menos honrosas que tenham sido levantadas; se declaramos aqueles prejuízos que nos acometeram ou aquelas dificuldades que nos ameaçaram; se usamos a prece e o rogo com humildade e como quem suplica.” (Cic., *Inv.* 1.22); [22] *Beneuolentia quattuor ex locis comparatur: ab nostra, ab aduersariorum, ab iudicum persona, a causa. ab nostra, si de nostris factis et officiis sine arrogantia dicemus; si crimina inlata et aliquas minus honestas suspiciones iniectas diluemus; si, quae incommoda acciderint aut quae instent difficultates, proferemus; si prece et obsecratione*

(2018, p. 119), a falta de um nome para o receptor indicaria a segunda opção, o que nos parece adequado.

A estudiosa destaca que a escolha de Justino pelo tom epistolar não só o localiza em uma longa tradição de historiadores romanos, como Célio Antípatro, Sula e Ático (Elliott, 2018, p. 114-6), como também:

[...] chama a atenção para o meio social elevado em que circulava a historiografia, sobretudo em sua origem, permitindo, assim, a Justino reivindicar tacitamente o acesso a tal meio social; ele atua, com efeito, como uma construção retórica de sua autoridade social e, por extensão, literária. A historiografia romana, desde a sua origem, definiu-se como algo buscado pela elite; e, uma vez que o discurso epistolar dramatiza o fato de que a historiografia serviu como uma forma de comunicação socialmente privilegiada entre pares, o uso de tal discurso permite a Justino tirar proveito da história da historiografia como algo reservado para a elite e dar a entender que ele mesmo é um participante dessa elite. O início da história rastreável dos epítomes em Roma com Bruto [...], por sua vez, auxilia Justino ao estender a elevada história social da historiografia em geral ao epítome em particular. O discurso epistolar funciona como um marcador visível do meio social exclusivo em que Justino situava seu texto<sup>41</sup> (Elliott, 2018, p. 117).

---

*humili ac supplici utemur.* E também na *Retórica a Herênio*: “Há ocasião para a introdução quando, sem demora, deixamos os ouvintes com boa disposição de ânimo para nos ouvir. É, portanto, empregada para que possamos tê-los atentos, dóceis e benevolentes. [...] 7. Visto, então, que desejamos ter um ouvinte dócil, benevolente e atento, explicaremos o que se pode fazer e de que modo. Poderemos fazer dóceis os ouvintes se expusermos brevemente a súmula da causa e se os tornarmos atentos, pois é dócil aquele que deseja ouvir atentamente. Teremos ouvintes atentos se prometermos falar de matéria importante, nova e extraordinária ou que diz respeito à República, ou aos próprios ouvintes, ou ao culto dos deuses imortais; se pedirmos que ouçam atentamente e se enumerarmos o que vamos dizer.” (*Rhet. Her.* 1.6-7, trad. A. P. C. Faria e A. Seabra); *Principium est, cum statim auditoris animum nobis idoneum reddimus ad audiendum. Id ita sumitur, ut attentos, ut dociles, ut benevolos auditores habere possimus.* [...] [7] *Quoniam igitur docilem, beneuolum, attentum auditorem habere uolumus, quo modo quidque confici possit, aperiemus. Dociles auditores habere poterimus, si summam causae breuiter exponemus et si attentos eos faciemus; nam docilis est, qui attente uult audire. Attentos habebimus, si pollicebimur nos de rebus magnis, nouis, inusitatis uerba facturos aut de iis, quae ad rem publicam pertineant, aut ad eos ipsos, qui audiente, aut ad deorum immortalium religionem; et si rogabimus, ut attente audiant; et si numero exponemus res, quibus de rebus dicturi sumus.*

<sup>41</sup> “[...] draws to attention the elevated social milieu in which historiography, especially at its origin, circulated, and it thus allows Justin tacitly to claim access to such a social milieu; it acts in effect as a rhetorical construct of his social and by extension his literary authority. Roman historiography from its origin defined itself as a pursuit of the elite; and, since the epistolary address dramatizes the fact that historiography served as a form of socially privileged communication between peers, use of such an address allows Justin to capitalize on the history of historiography as the preserve of the elite and to imply that he is himself a participant in that elite. Brutus’ initiation of the traceable history of epitomes at Rome [...], for its part, assists Justin by extending the elevated social history of historiography at large to the epitome in particular. The epistolary address operates as a visible marker of the exclusive social milieu in which Justin was situating his text.”

Assim, ainda que haja a possibilidade de que Justino tenha retrabalhado temas que já apareciam em um possível prefácio da obra de Trogo (Yardley, 1997, p. 8; Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), consideramos que a opção pela manutenção dessa seção não ocorre ao acaso, podendo funcionar para localizar o texto em um horizonte de expectativas de um leitor<sup>42</sup> que conhece a tradição relacionada à abertura de narrativas históricas ou, pelo menos, informá-lo sobre o que foi feito em relação à sua fonte. Por extensão, isso situaria seu autor socialmente. Além disso, a forma como Justino trabalha seu prefácio também pode ser relevante para sua interpretação, já que, durante a maior parte da leitura, não fica claro que se trata de uma epístola, parecendo que seu autor refere-se a um público geral, e, só ao final, revela-se que há um destinatário específico, ainda que não nomeado (Elliott, 2018, p. 114). Dessa forma, cremos que as informações trazidas por Justino acerca da produção de sua obra poderiam indicar uma classificação em termos de gênero, já que os paratextos costumam incorporar informações ligadas ao domínio dessa localização (Genette, 2010 [1982], p. 22).

No início do prefácio, há a descrição elogiosa da empreitada de Pompeio Trogo e, em consequência, a descrição de sua obra:

[1] [e]mbora muitos dos romanos, até homens da categoria de um cônsul, tivessem reunido, em narrativa histórica, os fatos romanos em grego e em idioma estrangeiro, Pompeio Trogo, um homem de eloquência venerável, ou atraído pela variedade e pela novidade do trabalho, ou mesmo pela emulação da glória, organizou as histórias gregas e do mundo todo em língua latina, de maneira que, já que a nossa história pode ser lida em língua grega, a grega, do mesmo modo, pudesse ser lida em nossa língua: sem dúvida, empreendeu uma obra de grande ânimo e corpo! [2] Com efeito, como a maior parte dos autores que escrevem os feitos realizados por únicos reis ou povos fazem sua obra parecer um trabalho árduo, não é verdade que Pompeio, cujos livros são compostos dos feitos realizados por todos os séculos, reis, nações e povos, que aborda o mundo inteiro, deve ser visto por nós como de uma audácia hercúlea? [3] E de tudo que os historiadores gregos ocuparam-se em separado, conforme o caminho foi apropriado para cada um, Pompeio reuniu esses feitos em tomos divididos pelo tempo e pelo encadeamento dos fatos com omissão dos que eram sem proveito<sup>43</sup> (Just., *Prae.* 1-3).

<sup>42</sup> Segundo Wolfgang Iser (1996), um texto é constituído, em sua organização, por um conjunto de estruturas que preveem os efeitos sobre o leitor. Contudo, a efetivação desses efeitos depende do repertório do leitor, que confronta suas expectativas com o que encontra no texto. No presente caso, considera-se que o prefácio tem, em sua organização, elementos que apontam para uma obra historiográfica, e um leitor cujo repertório os incluísse seria capaz de confrontá-los neste sentido.

<sup>43</sup> [1] *Cum multi ex Romanis etiam consularis dignitatis uiri res Romanas Graeco peregrinoque sermone in historiam contulissent, seu aemulatione gloriae siue uarietate et nouitate operis delectatus uir priscae eloquentiae, Trogus Pompeius, Graecas et totius orbis historias Latino sermone composuit, ut, cum nostra Graece, Graeca quoque nostra lingua legi possent: prorsus rem magni et animi et corporis adgressus!* [2] *Nam cum plerisque auctoribus singulorum regum uel*

Entretanto, os elogios a Trogo não parecem, a nosso ver, ser utilizados como um encaminhamento explícito à leitura de sua obra, funcionando mais para destacar a qualidade da fonte utilizada por Justino. Para Elliott (2018, p. 109-10), ao se abreviar uma obra, o autor submete seu predecessor à sua autoridade, deslocando-o de seu domínio exclusivo sobre o texto. Assim, ainda que, conforme o final do trecho acima, Trogo já tivesse realizado um trabalho em que teria omitido o que era sem proveito (*omissis quae sine fructu*) de suas fontes<sup>44</sup>, Justino fará o mesmo processo com as *Histórias Filipicas*, pois considera que se podem destacar fatos mais específicos:

[4] [e]ntão, destes quarenta e quatro volumes – com efeito, publicou esse número –, escolhi de cada um, durante o ócio que na urbe estávamos vivendo, os fatos mais dignos ao conhecimento e, deixados de lado esses que não era necessário conhecer nem por um apazível divertimento, nem pelo exemplo, fiz, por assim dizer, uma breve antologia, de maneira que os que tivessem estudado em grego tivessem onde se lembrar, e os que não tivessem estudado, onde se instruir. [5] E envie para ti, não tanto com a intenção de que o conheça melhor, quanto de que o corrija; ao mesmo tempo para que, junto de ti, estivesse seguro o resultado de meu ócio, cujo trabalho, como também supõe Catão, merece recompensa. [6] Por isso, basta para mim teu juízo no tempo apropriado: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, quando a inveja difamatória tiver cessado<sup>45</sup> (Just., *Prae.* 4-5).

---

*populorum res gestas scribentibus opus suum ardui laboris uideatur, nonne nobis Pompeius herculea audacia orbem terrarum adgressus uideri debet, cuius libris omnium saeculorum, regum, nationum populorumque res gestae continentur? [3] Et quae historici Graecorum, prout commodum cuique fuit, inter se gratiose occupauerunt, omissis quae sine fructu erant, ea omnia Pompeius diuisa temporibus et serie rerum digesta composuit.*

<sup>44</sup> Embora tal discussão ultrapasse os limites deste estudo, Peter Brunt (1980, p. 487) considera que Trogo também teria feito, assim, um epitome: “[p]odemos lembrar-nos que Justino prometeu, no prefácio de seu epitome de Trogo, extrair tudo o que fosse mais valioso saber e omitir o que não poderia dar prazer ou fornecer nenhum exemplo útil; como, segundo seu relato, Trogo fez quase o mesmo, o que Justino nos dá é o epitome de um epitome.”; “We may recall that Justin promised in the preface to his epitome of Trogus to excerpt whatever was most worth knowing and to omit what could give no pleasure or furnish no useful example; as by his account Trogus had done much the same, what Justin gives us is the epitome of an epitome”.

<sup>45</sup> [4] *Horum igitur quattuor et quadraginta uoluminum – nam totidem edidit –, per otium quo in Vrbe uersabamur, cognitione quaeque dignissima excerpsti, et omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate iucunda nec exemplo erant necessaria, breue ueluti florum corpusculum feci ut haberent et qui Graece didicissent, quo admonerentur, et qui non didicissent, quo instruerentur. [5] Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmisi, simul ut otii mei, cuius et Cato reddendam operam putat, apud te ratio constaret. [6] Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtrectationis inuidia decesserit, industriae testimonium habituro.* Ao se juntar estas duas últimas citações da obra de Justino, tem-se o prefácio completo. Pode-se consultar o texto corrido e sua tradução na seção específica deste trabalho.

Concordamos com Elliott (2018, p. 111) quando aponta que, no prefácio, constrói-se uma *persona* para Justino em oposição à de Trogo. Ao contrário de se esconder, como faz o abreviador de Tito Lívio ou mesmo o(s) autor(es) dos *Prólogos* dos livros de Trogo, Justino, logo depois de todos os elogios a seu predecessor, começa a marcar seu controle sobre o texto-fonte por intermédio, principalmente, do uso da primeira pessoa. Assim, após ter dito que Trogo publicara (*edidit*) os livros de sua história universal, as referências à terceira pessoa que se liga a ele cessam, e há a primeira marca explícita da presença de Justino por meio da primeira pessoa – e, neste caso, única – do plural: “estávamos vivendo” (*uersabamur*). Para Yardley (1997, p. 9), essa utilização pode ser significativa, devido à sua ocorrência única em oposição ao singular das demais que a seguem, e indicar que Justino chegara a Roma acompanhado. Elliott (2018, p. 118), por outro lado, considera que esse uso seria uma forma de Justino buscar a afetação das cartas de Cícero e contribui para que se diferencie sua *persona* social da historiográfica, presente nas formas do singular. Aventamos ainda uma terceira possibilidade: a de se tratar de um uso generalizante de primeira pessoa do plural, que inclui os demais habitantes de Roma, em referência a um período de paz e em uma possível chave elogiosa a certo imperador/governante, conforme é comum que apareça em aberturas de obras em diferentes gêneros.

De todo modo, a partir desse trecho, os verbos na primeira pessoa aparecem no singular e se ligam diretamente a ações desempenhadas por Justino em relação à sua obra – “escolhi” (*excerpsi*), “fiz” (*feci*), “enviei” (*transmisi*) –, e tal pessoa estende-se aos pronomes – “de meu ócio” (*otii mei*), “para mim” (*mihi*) (Elliott, 2018, p. 111-2). Destacamos que, embora a marca desse controle que representa, em parte, a construção de sua autoria esteja mais clara no prefácio, ela também se faz presente no restante da obra, já que Justino, por exemplo, não só retoma questões que já narrara<sup>46</sup>, como também demonstra apreciação quanto ao estilo de Trogo na construção do discurso de Mitrídates VI – momento em que a primeira pessoa do singular reaparece de modo claro ao se referir a uma ação do abreviador:

[11] [c]onsiderei seu estilo digno de que eu inserisse seu exemplo na curta extensão desse trabalho; Pompeio Trogo o narrou de modo indireto, já que criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história

---

<sup>46</sup> Como em “[c]om efeito, como foi dito acima, todos os seus reis eram distinguidos por esse nome [...]” (Just. 41.5.8); *Nam sicut supra dictum est, omnes reges suos hoc nomine [...]*.

inserindo, em seu trabalho, discursos diretos como se fossem de sua própria lavra<sup>47</sup> (Just. 38.3.11).

Por conseguinte, o autor do epítome subordina a existência de sua obra a uma anterior. Todavia, essa relação ocorre ao mesmo tempo em que Justino submete sua fonte à sua vontade e, tendo escolhido, apresenta a seu público apenas aquilo que interessa a si (Elliott, 2018, p. 109). Ademais, parece-nos claro que há a proposta de que o *Epítome* funcione de modo independente, pois Justino opta por indicar que esperava que os que “tivessem estudado em grego tivessem onde se lembrar”<sup>48</sup> (*Prae.* 4, grifo nosso), e não aqueles que já tivessem lido em latim a obra de seu antecessor.

Além disso, de nosso ponto de vista, Justino segue o que era esperado quanto ao conteúdo de um prefácio de uma obra histórica, conforme consta nos *Excerpta rhetorica*:

[e]xistem três tipos de inícios no que concerne à história: sobre a história, sobre a pessoa, sobre o assunto. De fato, ou elogiamos a utilidade da história, em geral, como Catão; ou, em favor da pessoa que escreve, dizemos a razão por que esse trabalho foi assumido, como Salústio ... ou, demonstramos que aquele assunto de que vamos tratar é digno de que seja escrito e lido, como Lívio, em *Desde a fundação da urbe*<sup>49</sup> (*excerpt. rhet. Paris.* 588-9).

De certa forma, o abreviador inicia seu prefácio de modo mais próximo ao modelo de Salústio e parece terminar mais inclinado àquele de Lívio, contudo, é Catão que se faz presente de modo explícito em seu texto: “[...] o resultado de meu ócio, cujo trabalho, como também supõe Catão, merece recompensa”<sup>50</sup> (Just., *Prae.* 5). Esta menção poderia indicar um outro modelo historiográfico para Justino que não Trogo (Elliott, 2018, p. 114), afinal, é de acordo com os preceitos de Catão que seu trabalho deveria receber recompensa, e o ócio que demarca sua aparição no texto – [...] *per otium quo in Vrbe uersabamur* [...] (Just., *Prae.* 4) – pode ser ligado à tradição daqueles que cultivam a história<sup>51</sup>. Conforme indica Elliott (2018,

<sup>47</sup> [11] *Quam orationem dignam duxi cuius exemplum breuitati huius operis insererem; quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Liuiio et in Sallustio reprehendit quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.*

<sup>48</sup> [...] *qui Graece didicissent, quo admonerentur* [...] (Grifo nosso).

<sup>49</sup> *principiorum ad historiam pertinentium species sunt tres: de historia, de persona, de materia, aut enim historiae bonum generaliter commendamus, ut Cato, aut pro persona scribentis rationem eius quod hoc officium adsumpserit reddimus, ut Sallustius ... aut eam rem, quam relaturi sumus, dignam quae et scribatur et legatur ostendimus, ut Liuius ab urbe condita.*

<sup>50</sup> [...] *ut otii mei, cuius et Cato reddendam operam putat, [...].*

<sup>51</sup> O que também aparece, de certa forma, em Salústio, por exemplo: “[s]e estes examinassem com maior cuidado a época em que obtive magistraturas e quais homens não puderam obtê-las e, depois que espécie de gente chegou ao Senado, sem dúvida concluiriam que minhas opiniões mudaram



p. 114), Cícero registra a ideia de Catão quanto ao ócio: “de fato, sempre achei magnífica e preclara aquela frase de M. Catão, que ele escreveu no início de suas *Origens*: ‘é preciso dar conta não menos do ócio do que do negócio de homens ilustres e eminentes.’”<sup>52</sup> (Cic., *Planc.* 27.66). Assim, observamos que o abreviador faz referência, na abertura de sua obra, ao que constava na mesma parte do texto de Catão, sendo algo a que seu leitor poderia remeter para além das *Histórias Filípicas* de Trogo.

Por fim, outro elemento que poderia apontar para a marcação de independência do texto de Justino daquele de Trogo ocorre quando, ao final de seu prefácio, insere-se um *tópos* – “[6] [p]or isso, basta para mim teu juízo no tempo apropriado: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, quando a inveja difamatória tiver cessado”<sup>53</sup> (Just., *Prae.* 6) –, o qual é explorado por outros autores, como Quintiliano<sup>54</sup>. Para Yardley (2010, p. 470): “[e]ssa é a afirmação típica de um autor criativo, que remonta a Calímaco<sup>55</sup> e está presente em autores augustanos e pós-augustanos”<sup>56</sup>. Assim, se antes Justino dissesse considerar que seu trabalho era merecedor de recompensa, expressa, ao final, a expectativa da permanência de seu texto, ainda que fosse uma obra derivada de outra e apesar da existência de supostos detratores.

---

mais por mérito que por falta de iniciativa e que há de vir mais benefício de meu ócio que das atividades dos outros para República.” (Sal., *Jug.* 4, trad. A. M. de Souza); [...] *qui si reputauerint, et quibus ego temporibus magistratus adeptus sum [et] quales uiri idem adsequi nequiuierint et postea quae genera hominum in senatum peruenerint, profecto existumabunt me magis merito quam ignauia iudicium animi mei mutauisse maiusque commodum ex otio meo quam ex aliorum negotiis rei publicae uenturum [...].*

<sup>52</sup> [...] *etenim M. Catonis illud quod in principio scripsit Originum suarum semper magnificum et praeclarum putauit, ‘clarorum uirorum atque magnorum non minus otii quam negotii rationem exstare oportere.’ [...].*

<sup>53</sup> [6] *Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtreptionis inuidia decesserit, industriae testimonium habituro.*

<sup>54</sup> “[...] de fato, a virtude perdurará junto aos pósteros, a inveja não os alcançará.” (Quint., *Inst.* 3.1.21); [...] *ad posteros enim uirtus durabit, non perueniet inuidia.*

<sup>55</sup> “A Inveja, junto aos ouvidos de Apolo, secretamente, disse: / ‘Eu não admiro o cantor que não canta coisas tão grandes quanto o mar’. / A Inveja, Apolo chutou com o pé e disse isto: / ‘Intensa é a corrente do rio assírio, mas ela carrega, / muitas vezes, refugos de terra e muita coisa arrastada pela água. / Para Deo, as abelhas não trazem água de todo lugar, / mas esta pura e imaculada fonte pequenina / brota, elevada florescência, de sacra nascente.’ / Adeus, senhor! Que a Crítica vá para onde está a Inveja.” (Call., *Ap.* 105-112, trad. E. Werner); “ὁ Φθόνος Απόλλωνος ἐπ’ οὐατα λάθριος εἶπεν / ‘οὐκ ἄγαμαι τὸν ἀοιδὸν ὃς οὐδ’ ὄσα πόντος ἀεῖδει.’ / τὸν Φθόνον ὀπόλλων ποδί τ’ ἤλασεν ὧδέ τ’ εἶπεν: / Ἀσσυρίου ποταμοῖο μέγας ῥόος, ἀλλὰ τὰ πολλὰ / λύματα γῆς καὶ πολλὸν ἐφ’ ὕδατι συρφετὸν ἔλκει. / Διοῖ δ’ οὐκ ἀπὸ παντὸς ὕδωρ φορέουσι Μέλισσαι, / ἄλλ’ ἤτις καθαρὴ τε καὶ ἀχράαντος ἀνέρπει / πίδακος ἐξ ἱερῆς ὀλίγη λιβάς ἄκρον ἄωτον.’ / χαῖρε ἄναξ: ὁ δὲ Μῶμος, ἴν’ ὁ Φθόνος, ἐνθα νέοιτο”.

<sup>56</sup> “This is the typical claim of a creative author, dating as far back as Callimachus and present in Augustan and post-Augustan authors.”

De modo geral, apontamos, por exemplo, a semelhança da construção do prefácio de Justino com a abertura da obra de Diodoro Sículo, o qual irá destacar a importância da narrativa histórica como fonte de modelos de conduta e enquanto elemento imortalizador de atos (D. S. 1.1-2). O historiador também irá indicar a importância da escrita de uma história universal para que pudesse servir de fonte única a seus leitores com mais facilidade (D. S. 1.3). A grande diferença entre as duas propostas é que Diodoro dedica-se a reunir informações, durante trinta anos, a partir de diversas fontes, incluindo testemunhas oculares (1.4), enquanto Justino foca-se especificamente no texto de Trogo, mas Diodoro também salienta sua estadia em Roma (1.4.2-3), onde haveria fontes importantes, e termina essa seção informando que: “[y] que lo bien escrito en toda nuestra historia no nos participe de la envidia y que lo equivocado obtenga corrección por los más capaces.”<sup>57</sup> (D. S. 1.5.2, trad. de F. Parreu Alasà). Essas semelhanças contribuem para a inserção do texto no mesmo gênero e, por consequência, em um horizonte de expectativas específico de seu leitor.

O prefácio de Justino é significativo, pois, segundo Marietta Horster e Christiane Reitz (2010, p. 9), é raro que um autor de uma obra abreviada indique um motivo e uma intenção para seu trabalho; todavia, quando o faz, costuma revelar uma consciência quanto às suas intenções literárias e à dinâmica de uma forma. Justino deixa claro que o objetivo de seu trabalho seria didático e de leitura prazerosa, seja para aqueles que precisam estudar, seja para os que precisam lembrar-se do que tinham conhecido antes, e apresenta um método a partir do qual sua obra foi idealizada: escolhera o que era mais digno de conhecimento e de servir de exemplo apesar da seleção que já fora realizada por Trogo, uma fonte cheia de qualidades. A partir disso, aplicara seu ócio a uma tarefa grata, que deveria não só receber recompensa, como guardar o testemunho de tal empreitada para os pósteros. Com isso, Justino constrói a si próprio, enquanto demarca seu domínio sobre seu antecessor, e são essas as poucas informações de que dispomos atualmente dessa figura. Discutida a autoria, passemos à obra.

## 2.2 “O RESULTADO DE MEU ÓCIO”<sup>58</sup>: O EPÍTOME DE JUSTINO

Embora Justino deixe claro que sua obra parte daquela de Pompeio Trogo, não a circunscreve de modo explícito a um gênero, dizendo apenas que fizera “uma breve coleção

<sup>57</sup> ἡμῖν δὲ παρ’ ὅλην τὴν ἱστορίαν τὰ μὲν γραφέντα καλῶς μὴ μετεχέτω φθόνου, τὰ δὲ ἀγνοηθέντα τυγχάνετω διορθώσεως ὑπὸ τῶν δυνατωτέρων.

<sup>58</sup> [...] *otii mei ratio* [...] (Just., *Prae.* 5).

de flores”<sup>59</sup> (*breue florum corpusculum*; Just., *Prae.* 4). Contudo, segundo Gérard Genette (2010 [1982], p. 17), mesmo que um texto não explicita o gênero de sua criação, a sua determinação acaba por ser apontada pelo leitor, um procedimento que é importante, pois, ainda que não seja uma questão encerrada, sendo possível que haja flutuações entre uma classificação e outra, “[...] sabe-se que a percepção do gênero em larga medida orienta e determina o ‘horizonte de expectativa’ do leitor e, portanto, da leitura da obra” (Genette, 2010 [1982], p. 17).

Consideramos que a tradição dos manuscritos<sup>60</sup> que define o texto de Justino de modo inequívoco como um epítome<sup>61</sup>, conforme demonstra Arnaud-Lindet (2003, recurso online), pode ser resultado da opinião de seus leitores. De todo modo, a proposição de Genette (2010 [1982]) vai ao encontro do texto de Justino, visto que, embora a discussão sobre sua classificação como epítome seja razoável<sup>62</sup>, sua leitura enquanto tal tem influenciado sua recepção e os estudos dela derivados.

Segundo Horster e Reitz (2010, p. 6-7), durante muito tempo, obras abreviadas foram consideradas como algo de valor secundário, cujo interesse estava no rastreamento dos vestígios das fontes, muitas vezes perdidas – como ocorre com o texto de Trogo –, enquanto as especificidades que caracterizariam o gênero e a individualidade desses trabalhos eram ignoradas, deixadas em segundo plano ou, se analisadas, utilizadas de modo generalizante, já que as conclusões de estudos de caso eram tomadas de modo dedutivo para a realização de definições mais gerais. Percebemos, pelo testemunho das proposições de Galdi<sup>63</sup> (1922, p. 1), que mesmo quando os estudos voltavam-se ao epítome em si, poderia haver pressupostos

---

<sup>59</sup> Traduzido, em outras ocasiões, como “uma breve antologia”. Em grego, o termo ἀνθολογία (*anthologia*) tem a ideia de coleção, colheita de flores (ἄνθος; *ánthos* = flor), sendo também utilizado para se referir a uma pequena coleção de poemas. Processo semelhante ocorre com seu equivalente de origem latina, florilégio (*florilegium* em que *flos* + *legere* = flor + colher), de uso mais raro em português brasileiro.

<sup>60</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica que a tradição dos manuscritos foi estudada, principalmente, por quatro filólogos – Justus Jeep, Franz Rühl, Marco Galdi e Otto Seel –, os quais a dividem em três classes, a partir de três arquétipos, α, β e γ. Respectivamente, a primeira classe é desmembrada em duas famílias; a primeira, denominada τ, é composta por seis manuscritos (*A*, *G*, *M*, *V*, *Q* e *R*), e a segunda, π, por cinco (*Y*, *O*, *P*, *Z* e *X*). A segunda classe, ι, tem quatro manuscritos (*E*, *F*, *S* e *L*), enquanto a terceira, γ, dois (*C* e *D*) (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online).

<sup>61</sup> Yardley (2010, p. 473) coloca que o título constaria em apenas um ramo dos manuscritos do *Epítome*, apontando sua fragilidade, porém Arnaud-Lindet (2003, recurso online) apresenta que *epitoma* estaria presente em τ e π, enquanto *epithoma*, em γ; a palavra estaria ausente em ι.

<sup>62</sup> Paul Jal (1987, p. 198), por exemplo, propõe que o tipo de trabalho realizado por Justino em relação ao texto de Trogo não se enquadra no que se espera de um epítome.

<sup>63</sup> Cf. nota 34.

negativos quanto a seu status literário. Então, para Horster e Reitz (2010, p. 9), um aspecto relevante a se considerar para as análises das obras abreviadas é a motivação por que elas teriam sido escritas, já que podem, por exemplo, ter sido idealizadas para uso pessoal, sem a intenção de permanência, ou podem figurar como uma coleção de *exempla* com o intuito de que fossem explorados em textos retóricos, historiográficos, filosóficos ou poéticos, principalmente na épica.

As estudiosas apontam que a prática de abreviação atravessa o mundo antigo grego e latino, tendo diferentes conteúdos e recebendo nomes variados<sup>64</sup>, os quais são utilizados de modo inconsistente (Horster; Reitz, 2010, p. 8-9). Assim, é comum que esses textos sejam divididos entre *epitome auctoris* (epítome de um autor), quando se dedicam à abreviação, principalmente, de uma única obra de um autor – o que é o caso de Justino –, e *epitome rei tractatae* (epítome de um assunto discutido), quando tratam de um tema específico, mas reúnem informações de vários autores, como a *Coleção Matemática* (Συναγωγή/*Synagōgē*), de Papo de Alexandria.

A obra de Trogo passa por, pelo menos, dois processos de abreviação. Um é o *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino. O outro são os *Prólogos* que normalmente o acompanham. Estes derivam de uma tradição diferente daquela que originou a do *Epítome*<sup>65</sup>, tendo sido editados, pela primeira vez, por Jacques Bongars a partir do manuscrito *Parisinus* 4950 (*Puteanus; A*) (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), e sua autoria não pode ser precisada. Segundo Castro Sánchez (2008, p. 39-40), a análise linguística dos *Prólogos* revela o uso de um latim já tardio, e, possivelmente, eles teriam sido redigidos após Justino – uma vez que parecem ser ignorados por ele –, mas antes de Orósio, no século V EC, visto que a escrita deste aparenta ser baseada no *Epítome*, o que permite que se considere que as *Histórias Filípicas* já não eram muito acessíveis para consulta.

Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica que, provavelmente, os *Prólogos* seriam provenientes de uma biblioteca romana e teriam sido idealizados por um curador com o objetivo de facilitar a localização de informações em uma obra extensa como a de Trogo era. Dessa forma, conforme aponta Castro Sánchez (2008, p. 39), os prólogos funcionariam como

<sup>64</sup> As autoras elencam, por exemplo, a utilização de *breuiarium*, *liber breuiatus*, *epitome*, *ekloge*, *periocha*, *encheiridion* e *synagoge* (Horster; Reitz, 2010, p. 8).

<sup>65</sup> Conforme quadro proposto por Arnaud-Lindet (2003, recurso online), os prólogos não constam na maior parte dos manuscritos; das três classes, estão presentes em apenas uma – I –, que se subdivide em duas famílias. Assim, aparecem em quase todos os manuscritos da família τ, estando ausentes apenas em *Monacensis* 601 (*M*), e em cerca da metade da família π, não aparecendo em *Petropolitanus* 422 (*Y*) e *Palatino-Vaticanus* 927 (*O*).

uma espécie de índice, resumindo cada um dos quarenta e quatro livros das *Histórias Filípicas* em poucas linhas. O estudioso apresenta um duro julgamento a respeito do estilo dos prólogos – “[a] grande pobreza artística e a ausência de pretensões literárias dos *Prólogos* contribuem para que sua datação se torne muito difícil.”<sup>66</sup> (Castro Sánchez, 2008, p. 40). Vale ressaltar, contudo, que Galdi (1922, p. 107) afirma que há o emprego de uma linguagem poética e, por vezes, a formação de hexâmetros, como encontramos em: “īn Sŷrī|ā || rē|x Āntiōc|hūs || cōg|nōmīnē |Sōter|” (*prol. lib. XXVI*) e “sūcēs|sīt || rēx| Mīthridā|tēs || cōg|nōmīnē |Māgnus|” (*prol. lib. XLII*). De nossa parte, considera-se que esse trabalho seria suficiente para questionar a proposta de Castro Sánchez (2008, p. 40) quanto ao estilo, principalmente, quando se observa que são textos que se estendem por poucas palavras para cada livro<sup>67</sup> com o suposto objetivo de apontar brevemente as informações neles presentes, de modo que seu(s) autor(es) não só podem ter cumprido aquilo a que se propuseram, como ainda apresentaram certa inclinação literária.

De todo modo, a comparação do que consta nos *Prólogos* com o que é narrado por Justino permite ter alguma ideia, mesmo que não exata, dos possíveis deslocamentos e omissões<sup>68</sup> realizados por ele em relação ao que constava na obra de Trogo (Castro Sánchez, 2008, p. 39). Assim, ainda que esses prólogos não reflitam, inteiramente, o conteúdo do *Epítome*, manuscritos, edições e traduções, como a de Castro Sánchez (2008) e a de Arnaud-Lindet (2003), unem os dois textos, tradição que é seguida aqui.

Partindo da comparação das duas obras, Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica que Justino teria feito mais do que simplesmente selecionar e ligar, por meio de orações, passagens de Trogo, tendo, na verdade, executado um trabalho plural, em que se dedicara tanto a copiar trechos de sua fonte, como reescrever partes inteiras, realizar acréscimos e até expor suas próprias ideias. A estudiosa destaca o grande número de omissões que teriam

<sup>66</sup> “La gran pobreza artística y la ausencia de pretensiones literarias de los *Prólogos* contribuyen a hacer muy difícil su datación.”

<sup>67</sup> O maior, na edição de Arnaud-Lindet (2003, cf. Justinus), é o do livro XXXIV, com cento e trinta e duas palavras, enquanto o menor, o do livro XLIV, tem apenas nove. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) apresenta um quadro analisando a estrutura dos prólogos, porém, indica-se, ali, que o menor prólogo seria o do livro XXVIII, o que não reflete a realidade de suas sessenta e nove palavras; a estudiosa considera como critério de tamanho o número de linhas da edição da Biblioteca de Teubner e indica que esse número seria um, o que, provavelmente, é resultado de um engano de revisão, já que o prólogo citado tem, na verdade, dez linhas (1886, p. 259, cf. Justinus). Pode-se consultar o texto dos *Prólogos* no Apêndice B.

<sup>68</sup> Bernard Mineo (2016, p. XLVII-IX) apresenta uma lista dos episódios que aparecem nos *Prólogos*, mas que estão ausentes no *Epítome*.

ocorrido no *Epítome* que podem ser fruto do acesso de Justino a uma cópia danificada de Trogo ou do gosto pessoal do autor (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Também propõe:

Justino às vezes conseguia escrever *suo Marte*: chamam atenção especialmente duas longas passagens que não têm correspondência com os prólogos: a história da Rainha Tamires e do ultraje contra o cadáver de Ciro (1.8.1-13), em total contradição com a conclusão sobre o reinado de Ciro que se segue imediatamente (1.8.14), e a história das Amazonas<sup>69</sup> (2.4.1-33)<sup>70</sup> (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online).

Por outro lado, Castro Sánchez (2008, p. 13-4) indica que

[...] as intervenções pessoais deste [Justino] na narração são escassas, pelo que podemos nos felicitar, pois graças a isso a fidelidade ao original está garantida em grandes partes do texto. Assim, a técnica de resumo utilizada por Justino permitiu, como disse Goodyear, que um conjunto de *excerpta*, “fragmentos”, da obra de Trogo chegasse até nós.<sup>71</sup>

Atualmente, não é possível determinar em que medida Justino teria, de fato, alterado o texto de Trogo. Entendemos que poderia haver a possibilidade, por exemplo, de que quem escreveu os *Prólogos* tenha acessado uma cópia corrompida do texto de Trogo em que não constavam os episódios indicados por Arnaud-Lindet (2003, recurso online) na passagem citada – o que, no entanto, não explicaria a inconsistência interna elencada –, enquanto Justino consultara outra versão. Todavia, a partir da análise de trechos como aquele do discurso de Mitrídates VI (Just. 38.3.11) em que o autor opta por uma clara apreciação do estilo de Trogo<sup>72</sup>, este estudo inclina-se à proposta de Arnaud-Lindet (2003, recurso online). Se Justino tivesse apenas copiado todas as passagens de Trogo, conforme seu interesse, não haveria necessidade de destacar que, naquele ponto em específico, também o fizera, o que permite inferir algum nível de alteração em relação ao texto de sua fonte no processo de construção de

<sup>69</sup> É digno de nota que a história das Amazonas seja considerada uma inserção de Justino, visto que o autor faz referências às relações entre Alexandre, o Grande, e a rainha Taléstris em outras duas passagens do *Epítome* (Just. 12.3.5-7 e 42.3.7), o que poderia demonstrar seu interesse particular pelo episódio.

<sup>70</sup> “Justin a pu parfois rédiger *suo Marte*: l’attention est spécialement attirée par deux longs passages, qui sont sans correspondance avec les prologues: l’histoire de la reine Tamyris et l’outrage fait au cadavre de Cyrus (1,8,1-13), en contradiction totale avec la conclusion sur le règne de Cyrus qui suit immédiatement (1,8,14), et l’histoire des Amazones (2,4,1-33).”

<sup>71</sup> “[...] las intervenciones personales de éste en la narración son escasas, de lo cual podemos felicitarnos, pues gracias a ello la fidelidade al original en grandes partes del texto está garantizada. Así pues la técnica de resumen empleada por Justino ha permitido, como dice Goodyear que un conjunto de *excerpta*, ‘fragmentos’, de la obra de Trogo llegue a nosotros.”

<sup>72</sup> Cf. páginas 37-8.

seu trabalho. De toda forma, as omissões de Justino também são significativas para estabelecer seu controle sobre o texto de seu antecessor.

Quanto ao estilo presente no *Epítome*, Arnaud-Lindet (2003, recurso online) destaca que o texto de Justino varia entre um que é muito trabalhado com recursos de retórica e que, por vezes, torna algumas passagens um tanto confusas, e outro, simples e plano. Além disso, há a alternância verbal entre o presente e o perfeito que, segundo a estudiosa, mais parece imperícia do que uma opção estilística, o que considera resultar, possivelmente, da tradução de Trogo do aoristo grego que constava em suas fontes. Tal proposta se sustentaria, pois a hipótese de que Justino teria alterado os tempos verbais não seria suficiente para explicar as incoerências presentes em seu trabalho (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online).

Complementarmente, embora Castro Sánchez (2008, p. 12) avalie que o estilo presente na obra de Justino seja por vezes “mediocre e pedestre”<sup>73</sup> – o que pode surpreender já que o estudioso considera que a obra teria grande fidelidade à sua fonte –, também indica que:

[a] linguagem do *Epítome* [...] é, no conjunto, correta, embora chame a atenção o emprego abundante do *cum* histórico, do infinitivo histórico, do indicativo pelo subjuntivo em *oratio obliqua*, de preposições e conjunções em ablativo absoluto. Sua sintaxe, simples e sem nenhuma variedade, gera contínuas repetições. Do ponto de vista do estilo, a linguagem do *Epítome* recorre a uma profusão de artificios retóricos e efeitos poéticos, incluindo ecos virgilianos<sup>74</sup>, e se observa nela um certo cuidado na construção rítmica dos fins de frase<sup>75</sup> (Castro Sánchez, 2008, p. 14-5).

Mesmo que não necessariamente compactuemos com o juízo de Castro Sánchez (2008, p. 12) sobre um estilo mediocre e pedestre, já que não faz parte do escopo desta

<sup>73</sup> “[...] mediocre y pedestre [...]”.

<sup>74</sup> Destacamos que se pode observar, por exemplo, um eco de Virgílio em: “[7] [e]le mesmo [Comano] escondeu-se com o exército nas montanhas próximas, para que, quando, à noite, as portas fossem abertas pelos que foram antes enviados, ele se aproximasse, tempestivamente, às emboscadas e, com soldados armados, *invadissee a cidade sepultada no sono e no vinho*.” (Just. 43.4.7, grifo nosso); [7] *ipse cum exercitu in proximis montibus delitescit, ut, cum nocte a praedictis apertae portae forent, tempestive ad insidias adesset urbemque somno ac uino sepultam armatis inuaderet*. (Grifo nosso). Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), a construção destacada ecoa aquela de Virgílio: *inuadunt urbem somno uinoque sepultam* (A. 2.265), ou seja, “invadem a cidade sepultada no sono e no vinho”. Esta, por sua vez, retoma a de Ênio: *nunc hostes uino domiti somnoque sepulti* (Ann. 292); “agora, as hostes dominadas pelo vinho e sepultadas no sono”.

<sup>75</sup> “La lengua del *Epítome* [...] es en conjunto correcta, si bien llama la atención el abundante empleo del *cum* histórico, del infinitivo histórico, del indicativo por subjuntivo en *oratio obliqua*, de preposiciones y conjunciones en el *ablativo absoluto*. Su sintaxis, simple y sin ninguna variedad, origina contínuas repeticiones. Desde el punto de vista del estilo, la lengua del *Epítome* recurre con profusión a artificios retóricos y efectos poéticos, incluso con ecos virgilianos, y en ella se observa un cierto cuidado en la construcción rítmica de los finales de frase.”

pesquisa analisar esse elemento sob quaisquer critérios, o processo de tradução permitiu que se verificasse que as demais afirmações dos dois estudiosos confirmam-se no texto de Justino – como as repetições e as alternâncias verbais entre o presente e o passado –, e se buscou manter essas características sempre que possível no texto traduzido.

Além do prefácio, seguindo o que o autor diz que faria, o *Epítome* é composto por quarenta e quatro livros de extensão variável, sendo o maior o livro II e o menor o XL<sup>76</sup>. A narrativa, cujo fio condutor está na passagem de soberania de um povo a outro, começa com Nino, rei dos assírios, e termina com a submissão da Hispânia à condição de província, perpetrada por Augusto. Quanto à cronologia da obra, esta segue apenas até o livro XLII (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), com o envio dos filhos e netos de Fraates IV a Roma e sua devolução das insígnias romanas a Augusto, o que marcaria o fim da soberania parta, enquanto os últimos dois livros são dedicados à Hispânia e às origens de Roma e de Marselha. Vale ressaltar, todavia, que o texto é pontuado de digressões, assim como há os cortes que são fruto da seleção proposta por Justino, de maneira que é difícil se considerar, de fato, uma linearidade histórica.

Segundo Castro Sánchez (2008, p. 15-6), o valor histórico do *Epítome* está relacionado à escassez de outras fontes para determinados acontecimentos presentes nele, o que se destacaria, principalmente, na segunda parte do texto. Partindo dessa proposta, o estudioso elenca episódios a partir do que considera mais relevante, destacando, por exemplo, o fato de que o trabalho de Justino é a única narração contínua de que se dispõe a respeito dos conflitos entre os Selêucidas e os Lágidas, a qual ocorre nos livros XXXVIII e XL (Castro Sánchez, 2008, p. 16-7). De fato, no Brasil, o uso de Justino enquanto fonte dá-se primariamente no campo da História. De nossa parte, considera-se, entretanto, que a tradução e o estudo de sua obra em campos variados poderiam ampliar sua abrangência, e outros aspectos poderiam ser explorados, de modo que, assim como seu autor expressa no prefácio, o *Epítome* ainda possa ser lido pelos pósteros tanto para a instrução, como para o deleite.

Muito a respeito do *Epítome* é impreciso. A partir das discussões aqui propostas, podemos concluir que Justino não teria dado uma roupagem claramente cristã à sua narrativa. Além disso, embora se tenha dedicado a abreviar a obra de um historiador importante, seu texto sobrevive e se configura como algo independente, em que seu autor se propôs a demarcar seu controle sobre o texto de seu antecessor, principalmente, no prefácio. Por fim,

---

<sup>76</sup> Um gráfico em que são comparados os tamanhos dos livros pode ser conferido no estudo de Arnaud-Lindet (2003, recurso online).



embora Justino não tenha circunscrito sua escrita a um gênero, sua recepção a tem classificado como um epítome, rótulo que tem influenciado o modo como a obra é julgada ao longo do tempo, passando de um texto visto como tendo valor secundário e responsável pela perda da sua fonte, para um que deve ser lido e estudado a partir de suas características próprias.

### 3 “OS FATOS MAIS DIGNOS AO CONHECIMENTO”<sup>77</sup>: *EXEMPLA* NO *EPÍTOME* DE JUSTINO

Parte dos estudos recentes realizados acerca da obra de Justino está ligada, em maior ou menor medida, à configuração da autoria e ao que o abreviador teria feito com a obra de Pompeio Trogo, conforme é observável nas referências citadas na seção anterior. Embora possam ser encontrados aqueles que se propõem a pensar a obra de Trogo a partir do que é acessível em Justino – como Rebecca Frank (2018) faz ao analisar a figura de Olímpíade –, em sua maior porção, considera-se o *Epítome* como algo autônomo, com uma autoria bem definida, ao mesmo tempo que se aventam possibilidades sobre o processo de abreviação empregado para sua escrita, principalmente no que se refere a seu propósito. Assim, a primeira parcela desta seção é dedicada a discutir essa questão. Em seguida, partindo da observação de um aspecto moralizante ao longo da obra, indicam-se a relação entre história e *exempla* e a importância destes enquanto modelos de conduta. Por fim, há a análise dos *exempla* selecionados para a realização deste estudo.

Acerca do papel do abreviador, três importantes nomes nos estudos mais recentes sobre Justino – Paul Jal, John Yardley e Alice Borgna –, por exemplo, têm propostas semelhantes, indicando que Justino seria um rétor e não um historiador. Paul Jal (1987, p. 199) propõe que, ao selecionar certos eventos retratados por Trogo, o autor do *Epítome* teria rompido a continuidade e a causalidade históricas, as quais, segundo o próprio Justino (*Prae.* 3), estariam presentes em sua fonte, cujo autor, de fato, seria um historiador, conforme o testemunho de outros textos, como a *História Augusta*<sup>78</sup>, permite inferir.

De modo semelhante, para John Yardley (2010, p. 475), o enfoque dado por Justino a eventos relacionados ao fabuloso, às viradas de fortuna, a situações que apelam à piedade e a assassinatos em detrimento de determinados elementos que constam nos *Prólogos*, mas estão ausentes na construção do epítome, faria com que o autor não pudesse ser considerado um historiador. Nesse sentido, também surpreende a Jal (1987, p. 198) que Justino não tenha incluído, por exemplo, a Batalha do Ácio em seu texto, a qual, segundo o prólogo do livro XL, aparecia no texto de Trogo.

Já Alice Borgna (2020b, p. 28) aponta que o *Epítome* tem em si alguma coerência interna, de modo que seus episódios têm início, meio e fim, porém, muitas vezes, são

<sup>77</sup> “[...] *cognitione quaeque dignissima* [...]” (Just., *Prae.* 4).

<sup>78</sup> Cf. nota 28.

acrescidos fatos em grande distância temporal, dando-se, entre eles, uma ideia de causa e consequência que não se verificaria na realidade, mas contribuiria para dramatizar a narrativa. Para a estudiosa, Justino opta por reduzir as digressões etnogeográficas, as referências topográficas e as batalhas e por apagar os epítetos dos reis que deveriam constar em Trogo<sup>79</sup>, de maneira que a história se torna uma espécie de mero pano de fundo, enquanto se dá amplo espaço ao indivíduo (Borgna, 2020a, recurso online):

[o] resultado é, como notamos, uma obra em cuja leitura contínua é bastante difícil de apreender a história: os fragmentos singulares, mesmo que tenham uma boa coerência interna, muitas vezes carecem de articulação entre eles. Tal característica, ao invés de ser imputada a uma suposta incapacidade ou negligência por parte de Justino, revela sua intenção e seu destinatário: o *Épitome* é uma coleção de material destinado mais a ser consultado do que a ser lido continuamente e, portanto, com toda a probabilidade, destinado ao mundo da retórica, em que não só se fez uso extensivo (se não abusivo) dos *exempla*, se ouvirmos as lamentações de Sêneca, o Rétor, mas onde também abundava a inserção daquelas curiosidades que lotam as páginas de Justino<sup>80</sup> (Borgna, 2021, recurso online).

Contudo, consideramos que o enfoque dado a viradas de fortuna e a cenas que evocam a piedade do leitor pode estar ligado a um dos objetivos explicitados por Justino em seu prefácio: o deleite. De fato, Cícero, ao se dirigir a Lúcio Luceio para instá-lo a agilizar a narrativa de seus próprios feitos, destaca que:

[é] que, ao escreveres, nossas desventuras te fornecerão uma variedade repleta de prazer tal, que será capaz de reter fortemente a atenção dos leitores, contanto que sejas tu o escritor. De fato, nada é mais adequado ao deleite do leitor do que a mudança das circunstâncias e as vicissitudes da fortuna: e elas, se não foram desejáveis quando as experimentei, serão, porém, prazerosas na leitura. É que a recordação em segurança de uma dor passada provoca prazer; 5. mas para os outros, que não passaram por nenhum pesar pessoal e contemplam as desventuras alheias sem nenhuma dor, até a misericórdia é, por si mesma, prazerosa. Pois a qual de nós o

<sup>79</sup> Já que aparecem nos *Prólogos*. Com a falta de acesso ao texto de Trogo, cremos que se pode questionar se, na verdade, os epítetos não foram acrescentados ali para facilitar a leitura da obra, assim como aqui foi adicionado um índice onomástico.

<sup>80</sup> “Il en découle, comme nous l’avons noté, une œuvre dont la lecture continue est assez difficile pour apprendre l’histoire : les fragments singuliers, même s’ils ont une bonne cohérence interne, manquent souvent d’articulation entre eux. Une telle caractéristique, plutôt que d’être imputée à une incapacité ou à une négligence supposée de Justin, en révèle l’intention et le destinataire : l’*Épitomé* est une collection de matériaux pensée plus pour être consultée que lue de façon continue, et donc, selon toute probabilité, destinée au monde de la rhétorique qui non seulement faisait un large usage (voire un abus) d’*exempla*, si nous prêtons l’oreille aux lamentations de Sénèque le Rhéteur, mais où abondait aussi l’insertion de ces curiosités qui se present dans les pages de Justin.”

famoso Epaminondas, morrendo em Mantinea, não provoca uma mistura de prazer e comiseração, quando ordena que se arranque a flecha de seu corpo só depois que, em resposta ao que perguntara, disseram que seu escudo estava salvo, de modo que, mesmo em meio à dor da ferida, pudesse morrer em paz e com honra? A que leitor a fuga e o retorno de Temístocles não retêm a atenção? E, de fato, a própria ordem dos anais nos retêm medianamente em virtude da lista, por assim dizer, dos fastos; mas não raro as desventuras incertas e variadas de um homem excelente provocam admiração, expectativa, alegria, pesar, esperança, temor; se se concluem com um fim notável, enche-se a mente de um prazer de ler extremamente agradável<sup>81</sup> (Cic., *Fam.* 51.2.4-5, trad. A. Scatolin).

Assim, pelo testemunho do orador, consideramos que Justino ter-se-ia dedicado a um recorte de sua fonte que se propõe a despertar os sentimentos destacados acima em função de uma leitura que fosse prazerosa e que, por conseguinte, prenderia seu público em uma que poderia ser contínua, sem que isso, necessariamente, retire o caráter histórico de sua narrativa. Ademais, o fato de que Justino dá amplo espaço ao indivíduo pode ser ligado a um modelo biográfico de escrita, de base helenística, em que, segundo Domenico Musti (2010, p. 202), há

[...] uma coincidência entre a história de uma personagem e a de um conflito inteiro, porque a personagem tratada havia operado em todo o arco de sua duração e, por isso, terminava por identificar-se substancialmente com o próprio conflito: biografia de um general e *história contínua* de tipo tradicional vinham de fato a coincidir (Grifo do autor).

O destaque dado a determinadas personagens, enquanto parece que a história é mero pano de fundo, pode resultar, então, de um modelo historiográfico ao qual Justino alinha-se e que não necessariamente coincidiria com aquele representado por Trogo ou por ele seguido.

Outro elemento que faz com que estudiosos inclinem-se à teoria de que Justino fosse um rétor e não um historiador está no uso da linguagem. Yardley (1997, p. 17) indica o destaque dado aos *exempla* na obra, os quais, conforme Quintiliano, deveriam ser de interesse

---

<sup>81</sup> *multam etiam casus nostri uarietatem tibi in scribendo suppeditabunt plenam cuiusdam uoluptatis, quae uehementer animos hominum in legendo te scriptore tenere possit. nihil est enim aptius ad delectationem lectoris quam temporum uarietates fortunaeque uicissitudines. Quae etsi nobis optabiles in experiendo non fuerunt, in legendo tamen erunt iucundae. habet enim praeteriti doloris secura recordatio delectationem; 5. ceteris uero nulla perfunctis propria molestia, casus autem alienos sine ullo dolore intuentibus, etiam ipsa misericordia est iucunda. quem enim nostrum ille moriens apud Mantineam Epaminondas non cum quadam miseratione delectat? qui tum denique sibi euelli iubet spiculum postea quam ei percontanti dictum est clipeum esse saluum, ut etiam in uulneris dolore aequo animo cum laude moreretur. cuius studium in legendo non erectum Themistocli fuga †redituque† retinetur? Etenim ordo ipse annalium mediocriter nos retinet quasi enumeratione fastorum; at uiri saepe excellentis ancipites uariiue casus habent admirationem, expectationem, laetitiam, molestiam, spem, timorem; si uero exitu tabili concluduntur, expletur animus iucundissima lectionis uoluptate.*

do orador. Além disso, o estudioso dedicou-se a, por meio da utilização de um computador Ibycus<sup>82</sup>, encontrar trechos equiparáveis entre o texto de Justino e os de outros autores e, quanto ao vocabulário e às expressões, conclui que:

[...] há paralelos mais próximos e persistentes entre o *Epítome* e essas obras [o conjunto de declamações reunidas sob o nome de Pseudo-Quintiliano] do que com qualquer outro autor (observe-se, por exemplo, *reatum* [4.4.4], *impatiens dolentes* [12.15.3], *excusatus* [21.1.4], *seruulis* [24.3.9], *scrutatore* [38.1.9]). No mínimo, podemos dizer que Justino conhecia essas obras; mas tantas expressões encontradas nelas são tão próximas às do *Epítome* que alguém poderia até se inclinar à sugestão de que Justino seria o autor de algumas delas<sup>83</sup> (Yardley, 2003, p. 181).

Também em relação ao uso da linguagem, Borgna (2020a, recurso online) ressalta que a expressão *florum corpusculum* (Just., *Prae.* 4) é uma metáfora que deriva de uma longa tradição oratória, assim como *ut haberent quo instruerentur* (Just., *Prae.* 4) remete a um ambiente escolar. Ademais, para Yardley (2010, p. 477), Justino teria alterado a construção dos discursos ao longo do *Epítome*, pois declara que Trogo preferira os narrar de modo indireto<sup>84</sup>, de maneira que não faria sentido, do ponto de vista de uma coerência interna, que as falas de determinadas personagens aparecessem de outra forma em sua obra. Mesmo assim, existem alguns discursos diretos ao longo do epítome<sup>85</sup>, o que, provavelmente, seria resultado

<sup>82</sup> O Ibycus foi, inicialmente, desenvolvido como uma forma de utilizar o *Thesaurus Linguae Graecae Data* de modo mais eficiente e rápido por David Packard Junior – uma das figuras mais importantes quando se consideram os Estudos Clássicos em sua interface digital. Sua primeira versão teve como sucessor o Ibycus Scholarly Computer (SC), porém, atualmente, o projeto parece ter sido abandonado. É possível, contudo, encontrar relatos do sistema sendo utilizado até, pelo menos, 2004 (Schreibman; Siemens; Unsworth, 2004, recurso online). O estudo de Yardley (2003) é uma boa representação do trabalho com o Ibycus e das potencialidades da união entre os Estudos Clássicos e a tecnologia.

<sup>83</sup> “[...] that there are closer and more persistent parallels between the *Epitome* and these works than there are with any other author (see, for example, on *reatum* [4.4.4], *impatiens dolentes* [12.15.3], *excusatus* [21.1.4], *seruulis* [24.3.9], *scrutatore* [38.1.9]). At the very least we may say that Justin knew these works; but so close to the *Epitome* are many of the expressions found in them that one might even float the suggestion of Justin having been the author of a number of them.”

<sup>84</sup> “[...] Pompeio Trogo narrou [o discurso de Mitridates VI] de modo indireto, já que criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história inserindo, em seu trabalho, discursos diretos como se (fossem) de sua própria lavra.” (Just. 38.3.11); [...] *quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Liviio et in Sallustio reprehendit, quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.*

<sup>85</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online), assim como Ballesteros Pastor (2009a, p. 33), indica quatro discursos diretos (Just. 1.8.13; 2.12.3-7; 14.4.2-14 e 18.7.10-14); Yardley (2010, p. 477), três (Just. 2.12.3-7; 14.4.2-14 e 18.7.10-14); e Watson (1853, recurso online), dois (Just. 14.4; 18.7). A diferença pode decorrer do fato de que 1.8.13 e 2.12.3-7 são indicações de mensagens escritas; a primeira, a censura da rainha Tamires a Ciro II, o Grande, no odre em que mandara guardar a

do trabalho de Justino. Yardley (2010, p. 478-9), então, reforça os paralelismos de vocabulário e de expressão com aqueles encontrados no *corpus* declamatório apontado acima, assim como a semelhança de temas, já que um desses discursos diretos, por exemplo, pertence a Mazeu, comandante cartaginês, que se desentendera com seu filho, Cartalo, quanto às obrigações dele (Just. 18.7.10-14), sendo as relações entre pais e filhos assuntos recorrentes nas declamações. Além disso, nota-se que Justino destaca a eloquência venerável de Trogo (Just., *Prae.* 1) e opta por explicitar que determinado trecho foi retirado diretamente de sua fonte logo quando há o juízo de seu estilo<sup>86</sup> (Yardley, 2010, p. 476).

A nosso ver, a preocupação retórica de Justino – o que incluiria o ato de retrabalhar os discursos presentes em Trogo –, contudo, também poderia estar ligada ao prazer do público em contato com seu texto, conforme pode ser observado em Dionísio de Halicarnasso:

[1]a forma que doy a la obra no es como la que dieron a sus historias los que escribieron sólo sobre guerras, ni como la de quienes explicaron los regímenes políticos que imperaban entre ellos, ni tampoco es semejante a los anales que publicaron los autores de las *Atthides*, pues éstas son monótonas y en seguida aburren a los lectores. Sino que es una mezcla de cada tipo, del forense, del especulativo y del narrativo, para que resulte satisfactoria tanto a quienes se dedican a los debates políticos como a quienes están interesados en la especulación filosófica, e incluso a quienes buscan un pasatiempo tranquilo en sus lecturas de historia<sup>87</sup> (*AR*, 1.8.3, trad. E. Jiménez e E. Sánchez).

Desse modo, Justino pode ter variado o estilo de modo a agradar um público mais amplo, ainda que isso não se alinhasse ao modelo de escrita seguido por Trogo. A proximidade entre retórica e história era reconhecida por Cícero<sup>88</sup>, que também destaca o

---

cabeça decepada do rei; a segunda, os avisos escritos em rochas e deixados aos jônios por ordem de Temístocles durante a guerra contra Xerxes I. Embora Yardley (2010) considere a segunda, não aborda a primeira, talvez porque não há um destinatário específico, como no outro caso.

<sup>86</sup> “[11] Considerarei seu estilo digno de que eu inserisse seu exemplo na curta extensão desse trabalho; [...]” (Just. 38.3.11); [11] *Quam orationem dignam duxi, cuius exemplum breuitati huius operis insererem; [...]*.

<sup>87</sup> Σχῆμα δὲ ἀποδίδωμι τῇ πραγματεία οὐθ’ ὅποιον οἱ τοὺς πολέμους ἀναγράψαντες ἀποδεδώκασι ταῖς ἱστορίαις οὐθ’ ὅποιον οἱ τὰς πολιτείας αὐτὰς ἐφ’ ἑαυτῶν διηγησάμενοι οὔτε ταῖς χρονικαῖς παραπλήσιον, ἃς ἐξέδωκαν οἱ τὰς Ἀτθίδας πραγματευσάμενοι· μονοειδεῖς γὰρ ἐκεῖναί τε καὶ ταχὺ προσιστάμεναι τοῖς ἀκούουσιν· ἀλλ’ ἐξ ἀπάσης ἰδέας μικτὸν ἐναγωνίου τε καὶ θεωρητικῆς, ἵνα καὶ τοῖς περὶ τοὺς πολιτικούς διατρίβουσι λόγους καὶ τοῖς περὶ τὴν φιλόσοφον ἐσπουδακόσι θεωρίαν καὶ εἴ τισιν ἀοχλήτου δεήσει διαγωγῆς ἐν ἱστορικοῖς ἀναγνώσμασιν, ἀποχρόντως ἔχουσα φαίνεται.

<sup>88</sup> “A história, com efeito, está ausente da nossa literatura, como eu mesmo percebo e escuto com muita frequência de ti; tu, porém, podes perfeitamente realizá-la a contento, na medida em que seja obra (como de fato costuma parecer a ti) muitíssimo próxima dos estudos oratórios.” (Cic., *Leg.* 1.5, trad. B. Lacerda e C. Miotti); *Abest enim historia litteris nostris, ut et ipse intellego et ex te*

caráter educativo desta e seu uso na oratória<sup>89</sup>, assim como o faz Quintiliano<sup>90</sup>, sem que, necessariamente, as obras históricas fossem escritas para serem usadas em declamações. Além disso, conforme demonstra Matthew Fox (1996, p. 72-3), Dionísio de Halicarnasso, por exemplo, em seu *Sobre os oradores antigos (De oratoribus ueteribus)*, coloca oradores ao lado de historiadores<sup>91</sup>, oferecendo uma crítica que une aspectos estilísticos às decisões tomadas para a construção de suas obras e àquelas pertencentes às suas vidas pessoais, o que demonstra que o trabalho dos historiadores com a linguagem era elaborado como o dos oradores a ponto de poderem ser apreciados paralelamente. Assim, conforme indicam Marietta Horster e Christiane Reitz (2010, p. 11), haveria um enriquecimento mútuo da historiografia em contato com a retórica e vice-versa, o que, de nosso ponto de vista, tornaria os limites entre os campos diáfanos. Para Fox (2007, p. 379):

[a] historiografia romana é tão diferente de sua versão moderna que os leitores modernos ainda são, em grande parte, incapazes de se dar conta da relação entre a historiografia e outras formas de comunicação sobre o passado de Roma, ou mesmo entre a historiografia e a retórica. As fronteiras disciplinares de nosso próprio tempo são facilmente projetadas em

---

*persaepe audio; potes autem tu profecto satis facere in ea, quippe cum sit opus (ut tibi quidem videri solet) unum hoc oratorium maxime.*

<sup>89</sup> “Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz confia à eternidade, se não a do orador?” (Cic., *De or.* 2.36, trad. A. Scatolin); *Historia uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis, qua uoce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*

<sup>90</sup> “31 A história, por sua vez, pode também alimentar o orador, como se fosse por uma qualidade de seiva ricamente nutritiva e saborosa. No entanto, também ela precisa ser lida de tal modo que saibamos que muitas de suas especificidades devem ser evitadas pelo orador. É, seguramente, próxima aos poetas e, em certa medida, um poema em prosa; é escrita para narrar, não para provar; é um tipo de obra que, na sua totalidade, se compõe não para o concretizar de um fato e para um combate imediato, mas para a memória da posteridade e para a fama de uma genialidade.” (Quint., *Inst.* 10.1.31, trad. A. Martinez de Rezende); 31 *historia quoque alere oratorem quodam uberi iucundoque suco potest; uerum et ipsa sic est legenda, ut sciamus, plerasque eius uirtutes oratori esse uitandas. est enim proxima poetis et quodammodo carmen solutum, et scribitur ad narrandum non ad probandum, totumque opus non ad actum rei pugnamque praesentem, sed ad memoriam posteritatis et ingenii famam componitur.*

<sup>91</sup> “Mi intención es hablar de aquellos asuntos gracias a las cuales lo mejor pueda alcanzar aún más pujanza, eligiendo para mi estudio un tema que despierte el interés común, que sea beneficioso para todos los hombres y capaz de procurar el máximo provecho.

Este es: «Quiénes son los oradores y los historiadores más importantes de la antigüedad, cuáles fueron sus preferencias en la vida y en los discursos y qué hay que tomar y qué evitar de cada uno». ¡Bello objeto de estudio y muy necesario para los que se ejercitan en la filosofía política!» (D. H., *Orat. Vett.*, *Prol.* 4.1.2); [...] ἀφήσω, ἐξ ᾧ δ' ἂν ἔτι μείζω λάβοι τὰ κρείττονα ἰσχύν, ταῦτα πειράσομαι λέγειν, ὑπόθεσιν τοῦ λόγου κοινὴν καὶ φιλόανθρωπον καὶ πλεῖστα δυναμένην ὠφελῆσαι λαβόν. ἔστι δὲ ἧδε, τίνες εἰσὶν ἀξιολογώτατοι τῶν ἀρχαίων ῥητόρων τε καὶ συγγραφέων καὶ τίνες αὐτῶν ἐγένοντο προαιρέσεις τοῦ τε βίου καὶ τῶν λόγων καὶ τί παρ' ἐκάστου δεῖ λαμβάνειν ἢ φυλάττεσθαι, καλὰ θεωρήματα καὶ ἀναγκαῖα τοῖς ἀσκοῦσι τὴν πολιτικὴν φιλοσοφίαν [...].

equivalentes romanos significativamente diferentes, mas é difícil para nós nos libertarmos de nossos próprios preconceitos e avaliarmos que, em Roma, a representação do passado tinha um significado social muito mais amplo do que há no trabalho dos historiadores profissionais de hoje.<sup>92</sup>

Com isso em mente, assim como Jan Stronk (2018, p. 27) considera que o *Epítome* localiza-se entre uma obra que simplesmente abrevia a de Trogo e uma original, aventamos que Justino, enquanto abreviador, cria uma obra de interesse tanto histórico como retórico. Desse modo, ao mesmo tempo que observamos que os argumentos dos estudiosos citados são plausíveis, não se pretende, neste estudo, limitar Justino ao rótulo de rétor, como se este fosse um impeditivo para que sua obra apresentasse um caráter histórico, nem o *Epítome* a algo que se pretendia especificamente para uso retórico, uma vez que ela apresenta características de que comungam os dois campos, os quais, na prática, já estavam em contato. A ideia de que Justino possa pertencer simultaneamente a ambos os campos não é inverossímil, não só porque suas fronteiras são um tanto indefinidas, mas também porque era comum que historiadores também fossem rétores – como Dionísio de Halicarnasso e Sêneca, o Velho. Com efeito, conforme aponta Timothy Wiseman (1981, p. 380), em I AEC, a história deixa de ser cultivada apenas por senadores e passa a ser exercício também dos retóricos, processo que, segundo Cícero, em seu *Do orador (De oratore)*, seria salutar para o desenvolvimento da historiografia romana<sup>93</sup>.

Se, de fato, Justino ter-se-ia dedicado a escrever declamações, como o estudo de Yardley (2003) aponta, nada impediria que cultivasse outros gêneros, e que seu estilo fosse influenciado por aquela prática. Assim, embora se possa destacar a presença de expressões jurídicas em sua escrita, ela poderia ser simples reflexo do que lhe era familiar, do mesmo

<sup>92</sup> “Roman historiography is so vastly different from its modern counterpart that modern readers are still to a large extent unable to give an effective account of the relationship between historiography and other forms of communication about Rome’s past, or indeed, between historiography and rhetoric. The disciplinary boundaries of our own time are easily projected onto significantly different Roman equivalents, but it is difficult for us to liberate ourselves from our own preconceptions and appreciate that at Rome, the representation of the past had a much wider social significance than it does in the work of today’s professional historians.”

<sup>93</sup> “[55] Não é absolutamente de admirar, continuou Antônio, que esse gênero [a história] ainda não tenha recebido celebridade em nossa língua. De fato, nenhum de nossos conterrâneos dedica-se à eloquência senão para brilhar nas causas e no fórum; já entre os gregos, os homens mais eloquentes, apartados das causas públicas, aplicaram-se ao máximo não só aos demais gêneros ilustres, mas também à escrita da história.” (*De or.*, 2.55, trad. A. Scatolin); [55] “*Minime mirum,*” inquit Antonius “*si ista res adhuc nostra lingua inlustrata non est; nemo enim studet eloquentiae nostrorum hominum, nisi ut in causis atque in foro eluceat; apud Graecos autem eloquentissimi homines remoti a causis forensibus cum ad ceteras res inlustris tum ad historiam scribendam maxime se applicauerunt: [...].*”



modo que também se pode verificar essa existência em outros textos que não pertencem ao contexto declamatório, como ocorre nas comédias de Terêncio (Mello; Miotti, 2023). Contudo, o principal argumento que consideramos contra a teoria de que a obra seria dedicada a práticas retóricas é a falta de uma marcação explícita de tal elemento, no prefácio, enquanto se delimita, pelas características de construção daquela seção, sua localização como obra histórica.

Segundo Christina Kraus (2007, p. 183), há, durante o período imperial em Roma, uma mudança de paradigma na escrita da história, visto que se deixam de abordar os feitos do coletivo, para se dedicar ao indivíduo, no caso, ao imperador, que começa a se configurar como um *exemplum* máximo, conforme se pode observar em Tácito, que estrutura as *Histórias* e os *Anais* a partir da sucessão de imperadores. Nesse contexto, enquanto o discurso político-histórico move-se do fórum para o refúgio das bibliotecas, tanto história como oratória passam a ter uma crescente preocupação com os *exempla*, ao ponto de surgirem coleções deles soltos, como aquela de Valério Máximo (Kraus, 2007, p. 197). Contudo,

[a]o invés de funcionarem criativamente juntos, *historia* e *exemplum* desabam um no outro, reduzindo a *historia* a seus “menores elementos narrativos indivisíveis”, que não fornecem o fundamento moral ou mesmo histórico que uma narrativa conferiria. Assim, como vários estudiosos notaram, os *exempla* de Sêneca são pronunciadamente a-históricos; e, sob o reinado de Nero, Alain Gowing vê uma “agenda política que buscava desvalorizar o passado” em favor do presente – isto é, em favor do próprio Nero. A perda da conectividade fornecida por uma narrativa guia produz uma série de histórias e cenas discretas que podem ser justapostas, contrastadas ou combinadas à vontade, gerando sentido ou algo absurdo, orientação ou confusão, dependendo do leitor ou espectador<sup>94</sup> (Kraus, 2007, p. 198).

Embora não se possa precisar a datação de Justino, claramente teria escrito após essas mudanças que fizeram com que a narrativa histórica se alterasse e, com toda a probabilidade, poderia ter sido afetado por elas. Mesmo assim, verificamos que a configuração de sua obra afasta-se daquelas observadas em Valério Máximo, Frontino e Lúcio Ampelo, que têm um

---

<sup>94</sup> “Instead of functioning creatively together, *historia* and *exemplum* collapse into each other, reducing *historia* to its ‘smallest indivisible narrative elements’, which fail to provide the moral or indeed historical grounding which a narrative would confer. So, as several scholars have noted, Seneca’s *exempla* are pronouncedly a-historic; and under Nero’s reign, Alain Gowing sees a ‘political agenda that sought to devalue the past’ in favour of the present – that is, in favour of Nero himself. Loss of the connectivity provided by a guiding narrative produces a series of discrete stories and scenes which can be juxtaposed, contrasted, or combined at will, producing sense or nonsense, guidance or confusion, depending on the reader or viewer.”

caráter mais catalográfico, em que os elementos abordados organizam-se por certa unidade temática. Essa disposição seguida por esses autores está ligada à efetiva observância de uma virtude, conforme propõe Langlands (2018, p. 112):

[o]s *exempla* romanos são frequentemente citados em grupos ou agrupados sob um título específico ou dentro de uma categoria específica. Assim se apresentam, por exemplo, em cada um dos capítulos da obra de Valério Máximo, ou nos discursos de Cícero, ou nas obras filosóficas de Sêneca, e também, em certa medida, no Fórum de Augusto ou no desfile de heróis de Virgílio na *Eneida* 6.824-859, em que a categoria é aquela mais ampla do heroísmo exemplar romano. Nesses contextos, as semelhanças entre os exemplos permitem identificar o que eles têm em comum e aprender sobre a qualidade ou virtude abstrata que rotula a categoria. Vários exemplos diferentes de coragem heroica, citados lado a lado, podem servir para ilustrar a gama de diferentes atos que contam como corajosos e se enquadram nos parâmetros do conceito. Esse é um método pragmático de comunicar um entendimento de ideias morais que poderiam ser, de outro modo, difíceis de explicar.<sup>95</sup>

Com isso, se Justino pudesse ser rotulado como um mau historiador por condensar ou omitir determinados fatos apontados como significativos, também se poderia acusar sua falta de organização didática em uma obra que se apresentasse para consulta isolada quando, por exemplo, a narrativa acerca de Dario III é entrecortada pelos feitos de Alexandre, o Grande, assim como o castigo de Calístenes é anunciado no livro XII, mas só descrito no XV, e Ateas, rei dos citas, justifica, no livro IX, a falta do pagamento demandando por Filipe II devido à pobreza de seu povo, ao passo que o texto não faz menção ao fato de que essa característica já fora detalhada no livro II. Similarmente, as ações de Dionísio II, o Jovem, são interrompidas pela descrição da tentativa de traição de Hanão contra o senado cartaginês e por sua morte, no livro XXI.

Consideramos, então, dois elementos contra a proposta de que a obra foi pensada fundamentalmente para seleção com intuito de um uso retórico: o primeiro dá-se pelo fato de que Justino não explicita, como Valério Máximo, as virtudes e os vícios a que as personagens

---

<sup>95</sup> “Roman *exempla* are very often cited in clusters or grouped together under a particular heading or within a particular category. This is how they are presented, for instance, in each of the chapters in Valerius Maximus’ work, or in the speeches of Cicero, or in the philosophical works of Seneca, and also, to some extent, in the Forum of Augustus or in Virgil’s parade of heroes in *Aeneid* 6.824–859, where the category is the broader one of Roman exemplary heroism. In such contexts, the similarities between the examples allow one to identify what they have in common, and to learn about the abstract quality or virtue that labels the category. A number of different instances of heroic courage, cited side by side, can serve to illustrate the range of different acts that count as courageous and fall within the parameters of the concept. This is a pragmatic method of communicating an understanding of moral ideas that might otherwise be hard to explain.”

ligam-se, de modo que o leitor precisaria ler e procurar em uma obra extensa aquilo de que necessita para sua declamação em um contexto específico. Mesmo que se possa argumentar que o fio organizador seja, na verdade, não as virtudes e os vícios, mas a biografia das personagens, apresenta-se o segundo ponto: ainda que o leitor já conhecesse as histórias narradas, o apagamento dos epítetos não facilitaria que encontrasse, por exemplo, um Ptolomeu específico, quando até mesmo Justino parece confundi-los (conforme aparenta ter acontecido em Just. 34.2.7). Adicionalmente, a estrutura da narrativa de Justino ocorre, por vezes, como em um espiral, e é a leitura contínua que permite visualizar o entrecruzamento dos acontecimentos: em XII, a morte de Calístenes aponta a arrogância de Alexandre, mas, em XV, demonstra a grandeza de Lisímaco, estando ambos interligados.

Valério Máximo<sup>96</sup> e Frontino<sup>97</sup> deixam claro em seus prefácios que seus objetivos estão ligados à consulta rápida, enquanto Justino não faz menção a este aspecto. Há, contudo, nas obras dos três autores, uma manifesta proposta ligada à instrução, até porque, como indica Teresa Morgan (2007, p. 126), os *exempla* são uma parte essencial da educação romana. Com efeito, Justino explicita que se dedica ao ensino também daqueles que não teriam estudado os

<sup>96</sup> “Pretendi selecionar dentre autores ilustres e organizar os feitos e ditos dignos de memória da cidade de Roma e nações exteriores, demasiadamente dispersos em outras obras para serem rapidamente consultados, com a finalidade de que aqueles desejosos de obter instrução sejam poupados do trabalho de longa pesquisa. Sequer me tomou a vontade de abranger tudo. Quem poderia coligir os feitos de todas as épocas em um módico número de volumes? Ou quem em seu juízo perfeito esperaria relatar com preocupação mais cuidadosa ou melhor eloquência a sucessão da história doméstica e estrangeira preservada pelos felizes calamos dos antecessores?” (V. Max. 1, *Prae*, trad. G. D. da Silva); *Vrbis Romae exterarumque gentium facta simul ac dicta memoratu digna, quae apud alios latius diffusa sunt quam ut breuiter cognosci possint, ab inlustribus electa auctoribus digerere constitui, ut documenta sumere uolentibus longae inquisitionis labor absit. nec mihi cuncta conplectendi cupido incessit: quis enim omnis aevi gesta modico uoluminum numero comprehenderit, aut quis compos mentis domesticae peregrinaeque historiae seriem felici superiorum stilo conditam uel adtentiore cura uel praestantiore facundia traditurum se sperauerit?*

<sup>97</sup> “Não ignoro nem nego o fato de que diversos historiadores também incluíram esta característica nas suas obras, nem que vários autores já registraram, de um modo ou outro, todos os exemplos famosos. Mas eu pensei que deveria privilegiar a concisão, por respeito aos homens que têm seu tempo muito ocupado. Procurar os diferentes exemplos espalhados pelo vasto corpo da história é um processo entediante, e aqueles que elaboraram seleções de feitos notáveis esmagaram o leitor com a massa do material reunido. O meu esforço será dedicado à tarefa de apresentar, como que respondendo a perguntas e conforme a ocasião o exija, o exemplo aplicável ao caso em questão. Depois de examinar as categorias, tracei antecipadamente a rota da minha campanha, por assim dizer, em ordem a apresentar exemplos ilustrativos.” (Fron., *Strat.* 1, trad. M. Mata); *Illud neque ignoro neque infittor, et rerum gestarum scriptores indagine operis sui hanc quoque partem esse complexos et ab auctoribus exemplorum, quidquid insigne aliquo modo fuit, traditum. Sed, ut opinor, occupatis uelocitate consuli debet. Longum est enim singula et sparsa per immensum corpus historiarum persequi, et hi, qui notabilia excerpserunt, ipso uelut aceruo rerum confuderunt legentem. Nostra sedulitas impendet operam, ut, quemadmodum res poscet, ipsum quod exigitur quasi ad interrogatum exhibeat. Circumspectis enim generibus, praeparauit opportuna exemplorum ueluti consilia.*

assuntos por ele tratados (Just., *Prae.* 4). Além disso, enquanto Valério Máximo apresenta, com falsa modéstia, suas limitações quanto à abordagem universal, tarefa muito exigente quando considerados a extensão da obra e o estilo, Justino pode dedicar-se a tal, porque Trogo já o fizera, e espelhar o número de volumes de sua obra. Por conseguinte, o *Epítome* poderia aproximar-se do que Diodoro Sículo considera como ideal:

[a] los autores de historias universales, es justo que les atribuyan grandes reconocimientos todos los hombres porque, con sus trabajos particulares, se afanaron en favorecer la vida común; ofreciendo sin peligro la enseñanza de lo conveniente, proporcionan, mediante esa obra, la más bella experiencia a sus lectores. El aprendizaje por la experimentación de cada cual da a conocer cada cosa útil con muchos trabajos y peligros y, por eso, el más experimentado de los héroes, con grandes infortunios, *vio las ciudades y conoció el pensamiento de muchos hombres,* y el entendimiento producido mediante la historia contiene la enseñanza de los fracasos y los éxitos ajenos ignorando los males. Además, se esforzaron en reunir a todos los hombres, partícipes del mismo linaje unos y otros pero separados por espacio y tiempo, en una única e idéntica composición, como si fueran ministros de la Divina Providencia. [...] y ellos, describiendo las acciones universales del mundo habitado como las de una sola ciudad, presentaron sus obras como un estudio unificado y un foro universal de lo llevado a cabo. Es hermoso poder utilizar las equivocaciones de otros como ejemplos para nuestra corrección y, para las variadas vicisitudes de nuestra vida, disponer no de la investigación de los hechos, sino de la imitación de lo acertado. Y todos prefieren, por su edad, a los viejos frente a los jóvenes en los consejos, a causa de la experiencia producida en ellos por el tiempo; a la cual ha resultado que supera tanto la enseñanza de la historia, cuanto la hemos reconocido también superior por la gran cantidad de sus hechos. Por tanto, cualquiera pensaría también que su adquisición es la más útil para todas las circunstancias de la vida<sup>98</sup> (D. S. 1.1.1-4, trad. F. Parreu Alasà. Grifo da edição).

<sup>98</sup> τοῖς τὰς κοινὰς ἱστορίας πραγματευσαμένοις μεγάλας χάριτας ἀπονέμειν δίκαιον πάντας ἀνθρώπους, ὅτι τοῖς ἰδίους πόνοις ὠφελῆσαι τὸν κοινὸν βίον ἐφιλοτιμήθησαν: ἀκίνδυνον γὰρ διδασκαλίαν τοῦ συμφέροντος εἰσηγησάμενοι καλλίστην ἐμπειρίαν διὰ τῆς πραγματείας ταύτης περιποιούσι τοῖς ἀναγινώσκουσιν. [2] ἢ μὲν γὰρ ἐκ τῆς πείρας ἐκάστου μάθησις μετὰ πολλῶν πόνων καὶ κινδύνων ποιεῖ τῶν χρησίμων ἕκαστα διαγινώσκειν, καὶ διὰ τοῦτο τῶν ἡρώων ὁ πολυπειρότατος μετὰ μεγάλων ἀτυχημάτων πολλῶν ἀνθρώπων ἴδεν ἄστυα καὶ νόον ἔγνω: ἡ δὲ διὰ τῆς ἱστορίας περιγινόμενη σύνεσις τῶν ἀλλοτρίων ἀποτευγμάτων τε καὶ κατορθωμάτων ἀπείρατον κακῶν ἔχει τὴν διδασκαλίαν. [3] ἔπειτα πάντας ἀνθρώπους, μετέχοντας μὲν τῆς πρὸς ἀλλήλους συγγενείας, τόποις δὲ καὶ χρόνοις διεστηκότας, ἐφιλοτιμήθησαν ὑπὸ μίαν καὶ τὴν αὐτὴν σύνταξιν ἀγαγεῖν, ὡσπερ τινὲς ὑπουργοὶ τῆς θείας προνοίας γεννηθέντες. [...] οἳ τε τὰς κοινὰς τῆς οἰκουμένης πράξεις καθάπερ μιᾶς πόλεως ἀναγράψαντες ἓνα λόγον καὶ κοινὸν χρηματιστήριον τῶν συντετελεσμένων ἀπέδειξαν τὰς ἑαυτῶν πραγματείας. [4] καλὸν γὰρ τὸ δύνασθαι τοῖς τῶν ἄλλων ἀγνοήμασι πρὸς διόρθωσιν χρῆσθαι παραδείγμασι, καὶ πρὸς τὰ συγκυροῦντα ποικίλως κατὰ τὸν βίον ἔχειν μὴ ζήτησιν τῶν πραττομένων, ἀλλὰ μίμησιν τῶν ἐπιτετευγμένων. καὶ γὰρ τοὺς πρεσβυτάτους ταῖς ἡλικίαις ἅπαντες τῶν νεωτέρων προκρίνουσιν ἐν ταῖς συμβουλίαις διὰ τὴν ἐκ τοῦ χρόνου περιγεγενημένην αὐτοῖς ἐμπειρίαν: ἥς τοσοῦτον ὑπερέχειν συμβέβηκε τὴν ἐκ τῆς ἱστορίας μάθησιν ὅσον καὶ τῷ πλήθει τῶν πραγμάτων προτεροῦσαν αὐτὴν ἐπεγνώκαμεν. διὸ καὶ πρὸς ἀπάσας τὰς τοῦ βίου περιστάσεις χρησιμωτάτην ἂν τις εἶναι νομίσειε τὴν ταύτης ἀνάληψιν.

O *Epítome* é permeado, como qualquer obra histórica, dos *exempla* que poderiam levar o leitor de Justino a, conforme Diodoro, corrigir sua conduta, ao mesmo tempo que lhe oferece os grandes feitos e infortúnios de grandes figuras. A escolha temática de Justino também aparenta ser segura, já que, conforme Tácito:

[p]ortanto, assim como outrora, quando a plebe ou os patrícios preponderavam, era mister conhecer a índole do povo e os modos de governar, e os que em tal conhecimento se avantajavam, eram tidos por atilados e sábios, assim também, neste estado invertido das coisas, em que a república romana não é mais que o governo de um só homem, não será sem fruto indagar e relatar esses fatos, porque, sendo poucos os que por si mesmos podem distinguir entre o honesto e o condenável, entre o útil e o danoso, o comum da gente aprende com os exemplos alheios. Mas, embora proveitoso, poucos atrativos oferece. As descrições geográficas, a variedade dos combates, as mortes gloriosas dos generais prendem a atenção e recreiam o ânimo dos leitores, ao passo que eu, nesta enumeração de sentenças cruéis, acusações contínuas, falsas amizades, perseguições de inocentes, causas de morte sempre idênticas, só posso produzir o enfado da saciedade. Os antigos escritores raramente desgostam, porque ninguém se ofende de ver, por exemplo, mais exaltadas as armas romanas ou as cartaginesas; porém existem ainda descendentes dos que no tempo de Tibério padeceram castigos ou infamações, ou, se já se extinguíram muitas famílias, é natural achar quem, pela semelhança dos costumes, tome para si a censura de culpas alheias. Até a glória e a virtude têm inimigos, pois parecem condenar procedimentos contrários, postos em cotejo com elas<sup>99</sup> (Tac., *Ann.* 4.33, trad. L. Pereira).

Assim, Justino volta-se a uma fonte que trata de uma história distante, por vezes, apagando os acontecimentos romanos, como a Guerra Ilírica contra Teuta (*prol. lib.* XXVIII), a morte de Pompeio Magno e as relações entre Cleópatra e Marco Antônio (*prol. lib.* XL),

---

<sup>99</sup> [...] igitur ut olim plebe ualida, uel cum patres pollerent, noscenda uulgi natura et quibus modis temperanter haberetur, senatusque et optimatum ingenia qui maxime perdidicerant, callidi temporum et sapientes credebantur, sic conuerso statu neque alia re Romana quam si unus imperitet, haec conquiri tradique in rem fuerit, quia pauci prudentia honesta ab deterioribus, utilia ab noxiis discernunt, plures aliorum euentis docentur. ceterum ut profutura, ita minimum oblectationis adferunt. Nam situs gentium, uarietates proeliorum, clari ducum exitus retinent ac redintegrant legentium animum: nos saeua iussa, continuas accusationes, fallaces amicitias, perniciem innocentium et easdem exitii causas coniungimus, obuia rerum similitudine et satietate. Tum quod antiquis scriptoribus rarus obtrectator, neque refert cuiusquam Punicas Romanasne acies laetius extuleris: at multorum qui Tiberio regente poenam uel infamias subiere posteri manent. Utque familiae ipsae iam extinctae sint, reperies qui ob similitudinem morum aliena malefacta sibi obiectari putent. etiam gloria ac uirtus infensos habet, ut nimis ex propinquo diuersa arguens. (Tac., *Ann.* 4.33).

enquanto mantém um retrato respeitável de Augusto<sup>100</sup> e, pela comparação com outros povos, crítica, em alguma medida, o seu próprio, como ocorre no discurso dos etólios<sup>101</sup>. Com isso, o autor consegue ficar no meio do caminho dos assuntos apresentados por Tácito acima, já que narra a morte de grandes generais ao lado de sentenças cruéis, sendo que, por vezes, são esses mesmos generais que as impingem, como Alexandre, o Grande, faz com Calístenes, que fora seu companheiro de estudos sob Aristóteles e contribuíra para evitar seu suicídio, mas se recusava a adorá-lo, conforme o costume persa a que o rei inclinava-se (Just. 12.7.1-2 e 15.3.3-6).

Parte do interesse de Justino em realizar sua abreviação, como ele próprio explicita, está nos *exempla* (*Prae.* 4). Segundo Rebecca Langlands (2018, p. 166), os *exempla* são histórias, muitas vezes, relatadas por uma simples alusão: “Múcio” e “fogo” seriam suficientes para que um leitor romano fosse capaz de compreender que se tratava do feito de Quinto Múcio frente à ameaça de Porsena<sup>102</sup>. A estudiosa indica que, por causa disso, é muito

<sup>100</sup> Como atesta o fim do *Epítome*, em que o imperador é colocado como o único capaz de domar os povos hispânicos (Just. 44.5.8).

<sup>101</sup> “[8] Além disso, que tipo de homens são os romanos? Certamente, uns pastores, que ocupam o solo tomado por latrocínio dos legítimos donos; [9] que, como não encontravam esposas devido a suas origens vis, [10] as teriam raptado com pública violência; que, por fim, teriam fundado a própria cidade com um parricídio e regado os alicerces de seus muros com o sangue fraterno. [11] Todavia, os etólios sempre tinham sido os primeiros da Grécia e sobrepujavam os demais em dignidade, assim como em virtude; [12] eram, por fim, os únicos que tinham desdenhado os macedônios sempre florescentes por sua soberania da terra; que não tiveram medo do rei Filipe; que tinham desprezado as ordens de Alexandre, o Grande, quando, depois que os persas e os indos foram derrotados, todos tremiam com o nome dele.” (Just. 28.2.8-12); [8] *Quos autem homines Romanos esse? Nempe pastores, qui latrocinio iustis dominis ademptum solum teneant, [9] qui uxores cum propter originis dehonestamenta non inuenirent, [10] ui publica rapuerint, qui denique urbem ipsam parricidio condiderint murorumque fundamenta fraterno sanguine adperserint. [11] Aetolos autem principes Graeciae semper fuisse et sicut dignitate, ita et uirtute ceteris praestitisse; [12] solos denique esse, qui Macedonas imperio terrarum semper florentes contempserint, qui Philippum regem non timuerint, qui Alexandri Magni post Persas Indosque deuictos, cum omnes nomen eius horrerent, edicta spreuerint.* Conforme já discutimos em outro estudo, “Ballesteros Pastor (2006, p. 392) questiona em que medida se pode considerar a obra antirromana, quando também se apresentam retratos negativos dos etólios e de Mitrídates, porém, salienta-se que nem só a partir da posição de um povo estrangeiro Justino insere possíveis críticas ao seu, já que, em 36.8.9, é possível considerar que haja um julgamento acerca do fato de que os romanos ofereceram a liberdade aos judeus quando esta não lhes pertencia para ser ofertada. Mesmo assim, vale ressaltar que nem sempre os romanos e suas intervenções são representados de modo negativo, já que se pode citar, por exemplo, que a sujeição da Macedônia a Roma é considerada liberdade (Just. 33.2.7), e há o destaque da virtude de figuras individuais, como Cipião Africano (Just. 31.7.5-7) e Caio Popílio Lenas (Just. 34.3.2).” (Mello, 2022, p. 56).

<sup>102</sup> Entre os exemplos apresentados pela autora (Langlands, 2018, p. 166), há esta passagem de Sêneca: “[d]iz para ti: ‘Dessas coisas que nos parecem terríveis, nenhuma é invencível’. Muitos já venceram cada uma delas: *Múcio, o fogo; Régulo, a cruz; Sócrates, o veneno; Rútílio, o exílio; Catão, a morte pela espada; alcancemos alguma vitória também nós.*” (Sen., *Ep.* 98.12, trad. J. E. S.

raro que se tenha um *exemplum* narrado longamente, e a referencialidade torna-se, assim, um de seus elementos constitutivos (Langlands, 2018, p. 166). Contudo, quando se observa o texto de Justino, percebemos, em seu prefácio, que Trogo propusera-se a narrar a história grega e do mundo em língua latina pela primeira vez<sup>103</sup> (Just., *Prae.* 1-3). A esse respeito, interessa-nos a afirmação de Jal (1987, p. 203), na qual destaca que, entre outros elementos, a novidade da obra do historiador está:

[p]rimeiro, no fato de que, pela primeira vez, uma história universal era escrita em latim (Prefácio 1: *Latino sermone*). No fato também de que, na maior parte, Pompeio Trogo tratou das *res non Romanas* já que o leitor romano dificilmente as conheceria, nessa língua, como as *res Romanas*, às quais, justamente, Lívio, como ele repete insistentemente, queria se limitar: Pompeio Trogo parece, além disso, ter evitado sistematicamente retrair em sua obra os eventos já contados por Lívio. Finalmente, no fato de que, quase sempre, Pompeio Trogo apresenta a história do mundo (que se tornaria romana) do ponto de vista dos não-romanos: o autor vê e faz ver as coisas “do outro lado da luneta” [...]; uma nova perspectiva em grande parte devida, sem dúvida, ao fato de que quase todas as suas fontes eram gregas [...]. Daí a originalidade da obra para o público romano, desacostumado a encontrar, ao longo de páginas, a relação dos acontecimentos “mundiais”, menos ainda a ver os romanos “julgados por outros”, e isso de forma sistemática, e não como uma ocasião de um desses discursos mais ou menos artificiais, emprestados por historiadores latinos, ávidos de mostrar seu talento e sua “objetividade” a este ou àquele adversário.<sup>104</sup>

---

Lohner, grifo nosso); *Dic tibi 'ex istis quae terribilia uidentur nihil est inuictum'. Singula uicere iam multi, ignem Mucius, cruce[m] Regulus, uenenum Socrates, exilium Rutilius, mortem ferro adactam Cato: et nos uincamus aliquid* (Grifo nosso).

<sup>103</sup> Mineo (2016, p. XIV) destaca que Justino não é totalmente preciso, visto que, por exemplo, Cornélio Nepos já teria escrito uma história dita universal em latim. Contudo, a novidade da proposta de Trogo estaria no fato de que a centralidade da narrativa não está em Roma, mas no mundo grego (Mineo, 2016, p. XIV).

<sup>104</sup> “Dans le fait, d’abord, que, pour la première fois, une histoire universelle était écrite en latin (Préface 1 : *Latino sermone*). Dans le fait aussi que, pour l’essentiel, Trogue-Pompée traitait des *res non Romanas* alors que le lecteur romain ne devait guère connaître, en cette langue, que les *res Romanas* auxquelles, précisément, Tite-Live, comme il le répète insistance, voulait se limiter : Trogue-Pompée semble d’ailleurs avoir systématiquement évité de retracer dans son ouvrage les événements déjà racontés par Tite-Live. Dans le fait, ensuite, que, presque toujours, Trogue Pompée présente l’histoire du monde (qui allait devenir romain) du point de vue des non-Romains : l’auteur voit et fait voir les choses « par l’autre bout de la lorgnette » [...]; perspective nouvelle largement due, sans doute, à ce que la quasi-totalité de ses sources étaient grecques [...]. D’où l’originalité de l’œuvre pour le public romain, peu habitué à trouver ainsi, au fil des pages, la relation des événements « mondiaux », moins encore, à voir les Romains « jugés par les autres », et cela de façon systématique, et non à l’occasion d’un de ces discours, plus ou moins artificiels, prêtés par les historiens latins, désireux de montrer là leur talent et leur a « objectivité », à tel ou tel adversaire.”

Obviamente, sempre se deve considerar que esse tipo de afirmação parte do acesso limitado ao texto de Trogo, que ocorre via obras de terceiros. Todavia, se é possível acreditar no que consta no próprio *Prefácio* de Justino, é essa a fonte do abreviador, o qual tinha por objetivo selecionar o que fosse proveitoso por prazer e por modelo – ou seja, para deleitar e instruir –, mesmo àqueles que não conhecessem as histórias ali contadas (Just., *Prae.* 4), de maneira que parte de tais afirmações podem ser estendidas ao – e observadas no – *Epítome*. Logo, assim como os leitores modernos precisam voltar-se a narrativas mais longas, como as de Lívio e Plutarco, para compreender as referências dos *exempla* presentes nos mais diversos textos antigos (Langlands, 2018, p. 166), observamos que Justino parece oferecer contextos mais amplos, para que os atos ali representados pudessem ser julgados por seu público, já que aquilo que aborda não é propriamente, como costumavam ser os *exempla*, “[...] um ato de heroísmo lendário ambientado nos dias do início da república, com um homem romano exibindo alguma forma de excelência militar ou cívica”<sup>105</sup> (Langlands, 2018, p. 17), mas os atos de homens e mulheres estrangeiros.

A escolha por uma narrativa majoritariamente estrangeira não necessariamente causa estranhamento, uma vez que, embora estudos que se dediquem aos *exempla*, como os de Henry Litchfield (1914) e de Daniela Dueck (2000), revelem que há uma primazia de figuras romanas, obras como a de Valério Máximo demonstram que, do ponto de vista romano, há uma atitude imperialista de apropriação – o que não ocorre, por exemplo, com os gregos em relação a Roma –, e, por conseguinte, virtudes e vícios não se limitam, nesse contexto, a determinada cultura (Morgan, 2007, p. 158). Por isso, as ações de figuras estrangeiras poderiam servir de modelos de conduta a um romano, ao mesmo tempo que a temática eleita ajudaria a garantir um caráter de novidade ao seu texto, o que, acreditamos, poderia contribuir para justificar o apagamento dos eventos romanos já citados, afinal, Justino aponta em seu prefácio que “[...] escolhi [...] os fatos mais dignos ao conhecimento [...]”<sup>106</sup> (*Prae.* 4), de maneira que o ato de não abordar acontecimentos como os amores de Cleópatra e Antônio poderia ser não porque os considerasse irrelevantes, mas porque o leitor de sua obra já conheceria os *exempla* formados a partir da atuação de seu próprio povo.

---

<sup>105</sup> “[...] a deed of legendary heroism set in the days of the early republic, with a Roman man displaying some form of military or civic excellence.”

<sup>106</sup> “[...] *cognitione quaeque dignissima excerpsi* [...]”.



De acordo com Matthew Roller (2018, p. 269-70), Sêneca critica, em suas *Epístolas* (*Ad Lucilium Epistulae Morales*), a construção dos *exempla*, porque se isolam apenas os feitos que são considerados virtuosos, perdendo-se, então, a dimensão do todo:

[m]as tais pessoas, para que pudessem vencer seu inimigo, também foram vencidas por sua cupidez. Ninguém resistiu quando esses sujeitos chegaram, mas tampouco eles próprios resistiram à ambição e à crueldade; no momento em que pareciam dominar os outros, eram eles os dominados.

[62] Um furor por devastar a propriedade alheia dominava o infeliz Alexandre, e o lançava a lugares desconhecidos. Ou você acaso considera são alguém que passa a devastar a Grécia, local onde recebeu sua educação? Alguém que surrupia o que há de mais valioso a cada lugar, que ordena os lacedemônios a serem escravos, Atenas a se calar? Não contente com a destruição de tantas cidades, que Filipe ou vencera ou subornara, lançou-se contra outras e outras regiões e cercou o mundo inteiro com suas armas; sua crueldade, embora exausta, não se refreou em lugar algum, ao modo das feras brutais que abocanham mais do que sua fome exige<sup>107</sup> (Sen., *Ep.* 94.61-2, trad. F. L. da Silveira).

Por conseguinte, embora uma figura como Alexandre, o Grande, possa ser vista como a de um grande general, ao se destacar somente seus feitos bélicos enquanto *exemplum*, omitem-se seus vícios. Tal apagamento é coerente, porque a apresentação de feitos viciosos por um modelo enfraqueceria sua força, conforme apontam Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005, p. 419-20):

[o]s inconvenientes da argumentação pelo modelo ou pelo antimitelo se manifestam quando o modelo comporta características repreensíveis ou o antimitelo, qualidades dignas de imitação. Isso porque qualquer discriminação entre os atos do modelo ou do antimitelo supõe outro critério que não a pessoa ou o grupo que se exalta ou se despreza, critério esse que deixa a argumentação pelo modelo inutilizável, uma vez que supérflua ou mesmo perigosa.

Para prevenir tais inconvenientes, os autores são levados a embelezar ou a enegrecer a realidade, a criar heróis e monstros, totalmente bons ou totalmente maus, a transformar a história em mito, em lenda, em figura exageradamente esquemática. [...]

---

<sup>107</sup> [...] *sed hi quoque, ut uincerent hostem, cupiditate uicti sunt. Nemo illis uenientibus restitit, sed nec ipsi ambitioni crudelitatiue restiterant; tunc cum agere alios uisi sunt, agebantur.* [62] *Agebat infelicem Alexandrum furor aliena uastandi et ad ignota mittebat. An tu putas sanum qui a Graeciae primum cladibus, in qua eruditus est, incipit? qui quod cuique optimum est eripit, Lacedaemona seruire iubet, Athenas tacere? Non contentus tot ciuitatium strage, quas aut uicerat Philippus aut emerat, alias alio loco proicit et toto orbe arma circumfert; nec subsistit usquam lassa crudelitas inmanium ferarum modo quae plus quam exigit fames mordent.*

A partir disso, faria sentido que autores como Valério Máximo tenham optado por destacar feitos específicos de determinadas figuras que se ligam diretamente a vícios e virtudes, de modo que seus leitores, em uma rápida consulta, não têm ideia do todo. Por outro lado, para Roller (2018, p. 283), a história seria um elemento relevante para a construção de um *exemplum* mais afim ao ideal proposto por Sêneca, já que

[...] embora o passado possa contribuir para uma moral incerta e incognoscível, em alguns casos a tradição histórica fornece densidade suficiente de informações sobre os atores do passado para que o estoico possa emitir julgamentos morais bem fundamentados sobre eles.<sup>108</sup>

Assim, ainda que esteja afastado temporalmente de Alexandre, o Grande, é a narrativa histórica que permite a Sêneca julgá-lo como vicioso apesar de suas virtudes bélicas (Roller, 2018, p. 293). Consideramos que tal proposta vai ao encontro do texto de Justino, na medida em que o abreviador apresenta narrativas mais extensas acerca de determinadas figuras – como o próprio Alexandre –, construindo personagens multifacetadas que, humanas que são, cometem erros e acertos e colhem suas consequências. De fato, a comparação entre Filipe II e Alexandre, ao final do livro IX, demonstra que mesmo grandes nomes, centrais na obra, têm seus defeitos e suas qualidades. Esse tipo de apresentação liga-se, ao nosso ver, ao deleite da leitura de uma narrativa, o que não é o enfoque ao se dar um destaque isolado a um *exemplum* utilizado como argumento em um discurso, por exemplo.

A partir dessas proposições, acreditamos que é possível que Justino tenha escrito seu *Epítome* sob um ponto de vista e um interesse mais retórico do que seria esperado de um determinado modelo de historiador de modo a se adequar a seus objetivos, mas também a uma tendência de assunto que pode ser observada em outros autores, como Flégon de Trales em seu *Sobre maravilhas*<sup>109</sup> (Περὶ θαυμασίων/*Peri Thaumasiōn*). Para Liviu Franga (1988, p. 870-1):

[a] seleção dos acontecimentos, a apresentação dos mais significativos entre eles, ou seja, a própria abordagem que rege o epítome situa-se nesta perspectiva moralizante, enriquecida por um requintado sentido de espetáculo e emoção. Um certo lirismo impessoal duplica a narrativa épica,

<sup>108</sup> “So while pastness may contribute to moral uncertainty and unknowability, in some cases the historical tradition provides a sufficient density of information about past actors that the Stoic can pass well-grounded moral judgments on them.”

<sup>109</sup> Há uma tradução recente desse texto para o português, realizada por Reina Marisol Troca Pereira (cf. Trales, 2019).

encontrando aí a sua fonte. Mas Justino submete a um julgamento lúcido as duas tendências aparentemente opostas de escrita que estão expressas ou implícitas no texto. Quando insere na sequência de eventos os retratos, os quadros, os paralelos, as descrições, as sentenças moralizantes e os juízos de valor, a exploração psicológica, o carisma, os detalhes picantes ou a atração pelo inusitado, Justino dá a seu epítome um aspecto pessoal. Dessa forma, ele se aproxima de obras historiográficas latinas, como as de Salústio, Lívio, Cúrcio, Suetônio e até Tácito. Por fim, há elementos que serão encontrados com bastante naturalidade na tipologia das biografias da *História Augusta* e em alguns historiadores menores dos séculos III e IV, como Valério Polemo, Mario Máximo e Júlio Obsequente. Nossa conclusão será, portanto, que Justino constrói sua narrativa histórica casando o princípio narrativo objetivo, específico da narração eventual do epítome, com um princípio que nega e vai além de sua condição, a qual poderíamos definir como descritiva, “lírica” e subjetiva.<sup>110</sup>

De nosso ponto de vista, ligar o aspecto moralizante com uma ideia de espetáculo relaciona-se diretamente aos objetivos explicitados por Justino em seu prefácio e se filia a um modelo de história que, segundo Musti (2010, p. 200), remonta a nomes, como o de Calpúrnio Pisão, em cujos textos eram abordados elementos que assumiam um papel edificante. Para o estudioso, há a retomada desse tipo de narrativa quando os historiadores romanos percebem que as tensões internas do Império seriam mais indicativas de seu fim do que as ameaças externas:

[u]ma visão política do gênero é já por si imbuída de *moralismo*, e a exemplificação histórica em que ela toma corpo é de tipo *biográfico*: Catilina e Jugurta se tornam o ponto de encontro de acontecimentos em que corrupção e ferocidade, inesperados heroísmos e conflitos políticos se misturam entre si. Também aqui, os precedentes literários gregos são relevantes: historiografia e moralismo eram conjugados desde o séc. IV a.C.,

<sup>110</sup> “La sélection des événements, la présentation des plus significatifs d'entre eux, c'est-à-dire la démarche même qui préside à l'épitomé se place dans cette perspective moralisatrice, qu'enrichit un sens raffiné du spectacle et de l'émotion. Un certain lyrisme impersonnel vient doubler le narratif-épique, en y trouvant sa source. Mais Justin soumet à un jugement lucide les deux tendances de l'écriture, apparemment contraires, qui sont exprimées ou sous-entendues dans le texte. Lorsqu'il insère dans la succession des événements les portraits, les tableaux, les parallèles, les descriptions, les sentences moralisatrices et les jugements de valeur, l'exploration psychologique, le sens du spectacle, le détail piquant ou l'attraction pour l'insolite, Justin confère à son épitomé un aspect personnel. De cette manière, il se rapproche des oeuvres historiographiques latines, telles celles de Salluste, Tite-Live, Quinte-Curce, Suétone et même Tacite. Enfin, il y a des éléments qu'on retrouvera tout naturellement dans la typologie des biographies de *l'Histoire Auguste* et chez quelques historiens mineurs des III<sup>e</sup> et IV<sup>e</sup> siècle, comme Valerius Polemo, Marius Maximus et Iulius Obsequens. Notre conclusion sera donc que Justin bâtit son récit historique en mariant le principe narratif objectif, spécifique à la narration événementielle de l'épitomé, avec un principe qui le nie et dépasse sa condition, que l'on pourrait définir comme descriptif, «lyrique» et subjectif.”

que é também o século em que emergem os primeiros experimentos biográficos em sentido estrito (Musti, 2010, p. 216, grifo do autor).

Independentemente de sua datação, tendo escrito após autores, como Salústio, que estavam inseridos no período destacado por Musti (2010), Justino segue o pressuposto moralizante em sua narrativa, o qual, ainda que já estivesse presente em Trogo, parece ser acentuado pelo abreviador. Nesse sentido, Borgna (2015, p. 290-1) considera provável que Justino tenha optado por alterar os fatos históricos em função de um efeito de espanto sobre seu leitor, como ocorre com os assassinatos dos filhos de Arsínoe II, no livro XXIV, que não encontram paralelos em outras fontes. Essa prática pode ter feito com que, por exemplo, eventos distanciados por quase um século e meio sejam separados por *breui [tempore]*<sup>111</sup> (Just. 3.4.1), e personagens que haviam morrido reapareçam em ação (Just. 13.8.7 e 14.5.1).

Contudo, também observamos que alguns desses trechos são aqueles em que os recortes de Justino são mais óbvios, o que é esperado em uma obra cujo autor deixa claro que seu trabalho é o de realizar uma escolha e, por isso, uma abreviação. Mesmo assim, houve a opção por interligar os acontecimentos via narrativa, ao contrário de catalogá-los ou de propor um texto como aquele que se verifica nos epítomes posteriores<sup>112</sup>. Logo, podemos considerar que os problemas de historicidade sejam, de fato, produto do esforço de seleção, visto que Justino teria reduzido em cinco ou seis vezes o tamanho original da obra de Trogo em seu *Epítome* (Musti, 2010, p. 248). Diante da extensão da audaciosa obra de Trogo, talvez se justifiquem os erros de seu abreviador, afinal, em obras longas, até mesmo Homero cochila<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> O referido trecho contém um dos cortes mais claros de Justino em relação ao que se imagina que tenha sido a narrativa de Trogo. Nele, Justino apresenta que, como consequência dos costumes cultivados a partir da promulgação das leis de Licurgo, Esparta teria crescido e, em breve, levado guerra aos messênios devido a uma injúria, pois estes teriam estuprado as virgens espartanas durante um ritual religioso. Contudo, entre a promulgação e a guerra, ter-se-iam passado cerca de cento e quarenta e um anos. Embora seja até plausível que os espartanos tenham-se aperfeiçoado com a moderação proposta nas leis, e isso possa ter contribuído para que, no futuro, tivessem forças militares para se lançarem contra a Messênia, o corte fica ainda mais claro pela inadequação do uso de *breui*, já que, segundo os *Prólogos*, Trogo teria narrado, pelo menos, as guerras argivas entre um evento e outro.

<sup>112</sup> Segundo Yardley (2010, p. 475-6 e 487), Justino distancia-se das obras abreviadas produzidas no que se presume que seja posteriormente, como as de Eutrópio e de Festo, porque haveria, em seu texto, mais do que a simples compressão daquilo que aparece em Trogo, ocorrendo, na verdade, a criação de uma obra autônoma. Tal observação sobre a diferença de estilo faz com que o estudioso afaste-se da proposta de datação de Arnaud-Lindet (2003, recurso online), localizando o autor antes do século IV, o que consideramos pertinente.

<sup>113</sup> “[...] todas as vezes que cochila o bom Homero” (Hor., *Ars* 359, trad. D. Tringali); [...] *quandoque bonus dormitat Homerus*.

Destacamos também que, embora uma leitura contrastiva do texto de Justino com outros historiadores possa indicar incoerências quanto à continuidade histórica no que se refere às causas e consequências de determinados eventos, no contexto interno da obra, o abreviador faz com que a causalidade seja ao menos plausível, o que é característico da narrativa histórica, a partir do uso da *inuentio*<sup>114</sup>, conforme apontam Wiseman (1981, p. 388-9) e Cynthia Damon (2007). De todo modo, as incongruências não necessariamente diminuem o valor do trabalho de Justino, se observamos a indicação de Damon (2007, p. 440):

[a] questão do valor evidencial da historiografia antiga tem uma importância diferente para diferentes tipos (modernos) de história. É extremamente preocupante para um historiador que desenvolve uma narrativa de eventos – *histoire événementielle* – se a *inuentio* [...] se estende aos eventos. Mas não é um problema grave para os historiadores da cultura ou da sociedade se, digamos, a descrição de um evento foi aplicada a outro. Para tais historiadores, a estipulação de que a narrativa seja plausível fornece conforto [...]; na verdade, para alguém perseguindo a história das *mentalités*, plausível é quase melhor que verdadeiro, na medida em que fornece evidências sobre a visão de mundo do autor e de seus contemporâneos.<sup>115</sup>

Enquanto um epítome, o texto de Justino integra, conforme demonstra Musti (2010, p. 448-54), uma fase específica da historiografia romana em que obras abreviadas floresceram. Consideramos, então, que o *Epítome* de Justino organiza-se a partir das mudanças por que a escrita da história passou ao longo do tempo, de modo que a continuidade histórica fica comprometida tanto pelo simples fato de que a obra é uma abreviação como pelo esforço para que se cumpram os objetivos a que o autor explicita ter se proposto. Por conseguinte, apresenta tanto os grandes feitos como as viradas de sorte a que estão sujeitas as figuras importantes que os desempenham, fazendo, em resumo, que sua narrativa tenha não só uma seleta de modelos de conduta, mas também propicie o prazer de ser lida, unindo, desse modo, princípios de escrita defendidos e exercitados por autores como Horácio e Diodoro Sículo. Ademais, embora o estilo de Justino tenha características ligadas ao mundo da retórica, e os

<sup>114</sup> “Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável.” (*Rhet. Her.* 1.4.3, trad. A. P. C. Faria e A. Seabra); *Inuentio est excogitation rerum uerarum aut ueri similibum, quae causam probabilem reddant.*

<sup>115</sup> “The question of the evidentiary value of ancient historiography has a different salience for different (modern) types of history. It is exceedingly troubling for a historian developing a narrative of events – *histoire événementielle* – if *inuentio* [...] extends to events. But it is not a grave problem for historians of culture or society if, say, the description of one event has been applied to another. For such historians the stipulation that the narrative be plausible provides comfort [...]; indeed for someone pursuing the history of *mentalités*, plausible is almost better than true, insofar as it provides evidence about the worldview of the author and his contemporaries.”

*exempla* da obra possam ter sido utilizados em declamações e em outros gêneros, cremos que faltam elementos que indiquem que a intenção de seu uso fosse, específica e limitadamente, esta.

### 3.1 UMA BREVE ANTOLOGIA DO *EPÍTOME DAS HISTÓRIAS FILÍPICAS*: A ANÁLISE DO RECORTE

Independentemente do uso que era esperado para a obra de Justino – seja ele escolar ou não –, entendemos que ela apresenta um aspecto moralizante e consideramos, assim como destacam Yardley (1997, p. 17) e Borgna (2020a, recurso online), que seus personagens possam funcionar como *exempla*. A ideia de uma narrativa estruturada a partir de modelos de conduta não surpreende, e seu uso pode ser justificado quando se observa que:

[a] tradição de usar ditos e feitos de homens e mulheres famosos do passado como exemplos a serem imitados ou evitados remonta pelo menos à literatura grega clássica. Os atenienses do século V ouviam as glórias de seus ancestrais recitadas em discursos fúnebres. No século IV, os oradores áticos referiam-se regularmente a personagens do passado e invocavam o passado como guia para o futuro. A ideia do exemplo como um “padrão de ouro” de comportamento pode ser encontrada em Platão, e outros autores do século IV encorajaram explicitamente a leitura de suas próprias obras dessa maneira. Xenofonte, por exemplo, recomenda a virtude do rei Agesilau de Esparta, conforme ilustrado na própria biografia de Xenofonte, como um guia para os outros, enquanto Isócrates fornece histórias exemplares em seus ensaios e as recomenda a seus alunos. [...] A história natural de Plínio, as biografias políticas de Suetônio, as *Vidas dos Sofistas* de Filóstrato, as miscelâneas históricas de Eliano e as cartas de Plínio e Sêneca, todas se basearam fortemente em histórias exemplares. Havia coleções temáticas como a *Sobre a piedade* de Daimaco, as coleções de *Ditos* de Plutarco e seu ensaio *Sobre a bravura das mulheres*<sup>116</sup> (Morgan, 2007, p. 122-4).

<sup>116</sup> “The tradition of using the sayings and doings of famous men and women of the past as examples to be imitated or avoided goes back at least to classical Greek literature. Fifth-century Athenians heard the glories of their ancestors recited in funeral speeches. By the fourth century, Attic orators referred regularly to characters of the past and invoked the past as a guide to the future. The idea of the example as a ‘gold standard’ of behaviour can be found in Plato, and other fourth-century authors explicitly encouraged the reading of their own works in this way. Xenophon, for instance, recommends the virtue of King Agesilaus of Sparta, as illustrated in Xenophon’s own biography, as a guide for others, while Isocrates provides exemplary stories in his essays and commends them to his students. [...] The natural history of Pliny, the political biographies of Suetonius, Philostratus’ *Lives of the Sophists*, the historical miscellanies of Aelian and the letters of Pliny and Seneca, all drew heavily on exemplary stories. There were themed collections such as Daimachus’ *On Piety*, Plutarch’s *Sayings* collections and his essay *On the Bravery of Women*.”. Mantém-se para este, na tradução, algo mais próximo do que ocorre em inglês. Mais à frente, o título aparece como *As virtudes das mulheres*.

Assim, percebemos que a utilização de *exempla*, ou seja, de grandes ações de pessoas do passado era algo comum tanto em grego como em latim. Em Roma, podemos observar, por exemplo, seu uso prático no mundo da oratória, de modo que Cícero indica-os como fonte de deleite, autoridade e credibilidade<sup>117</sup>, salientando o valor acentuado daqueles que eram mais antigos<sup>118</sup>.

A questão modelar que os *exempla* representavam também é demonstrada na *Retórica a Herênio*, na qual são identificados como semelhantes aos testemunhos ao apontar, em um discurso, a viabilidade de algo por meio da aprovação já dada a figuras do passado que tiveram tal comportamento:

[a]lém do mais, não é a própria autoridade dos antigos que torna as coisas mais prováveis e os homens mais dispostos a imitá-los? Sem dúvida, ela estimula o desejo e aumenta o empenho de todos ao suscitar a esperança de alcançar, pela imitação, a habilidade de um Graco ou de um Crasso<sup>119</sup> (*Rhet. Her.* 4.2, trad. A. P. C. Faria e A. Seabra).

Desse modo, destaca-se que um *exemplum* configura-se a partir de uma determinada ação que passou por julgamento e aprovação ao longo do tempo, e caberia àqueles que o escutam emulá-lo. Também Quintiliano apresenta os *exempla* como um importante elemento do discurso, enquanto “[...] um feito heroico ou a evocação de um feito útil para persuadir a assembleia a respeito do que se pretende”<sup>120</sup> (*Inst.* 5.11.6, trad. B. F. Bassetto), destacando ainda a primazia daqueles que são extraídos da história em relação aos que partem de poetas, que têm menos força (*Inst.* 5.11.17). Assim, caberia ao orador conhecer os *exempla* para que pudesse utilizá-los produtivamente por semelhança ou contraste em relação aos temas que precisaria defender ou acusar. Ademais, o rétor aponta que o modo de apresentação dos *exempla* – seja ele longo, seja breve – no discurso pode variar, “[...] conforme forem notórios

<sup>117</sup> “Ora, a comemoração da antiguidade e a proferição de exemplos trazem, com sumo deleite, tanto autoridade como credibilidade para o discurso” (Cic., *Orat.* 120, trad. A. N. Viccini); *Commemoratio autem antiquitatis exemplorumque prolatio summa cum delectatione et auctoritatem orationi adfert et fidem.*

<sup>118</sup> “Ora, assim como na vida tem autoridade a velhice, assim nos exemplos a antiguidade, que para mim mesmo, é o que tem o maior valor.” (Cic., *Orat.* 169, trad. A. N. Viccini); *Habet autem ut in aetatibus auctoritatem senectus, sic in exemplis antiquitas, quae quidem apud me ipsum ualet plurimum.*

<sup>119</sup> *Quid? Ipsa auctoritas antiquorum non cum res probabiliores tum hominum studia ad imitandum alacriora reddit? Immo erigit omnium cupiditates et acuit industriam, cum spes iniecta est posse imitando Gracci aut Crassi consequi facultatem.*

<sup>120</sup> [...] *id est rei gestae aut ut gestae utilis ad persuadendum id quod intenderis comemoratio.*

ou a utilidade da causa ou seu aspecto literário vierem a exigir”<sup>121</sup> (Quint., *Inst.* 5.11.16, trad. B. F. Bassetto). Porém, embora interesse a esta tese a definição de *exemplum* enquanto *gestae utiles*, consideramos que Cícero, o autor da *Retórica a Herênio* e Quintiliano dedicam-se a uma categorização que se baseia em um outro uso prático, ou seja, quando o feito está destacado de um texto histórico ou poético para que possa ser comparado a algo em um discurso. Ainda que, por vezes, na narrativa de Justino, os feitos de determinadas personagens norteiem as ações de outras – cf. Just. 18.1.2 –, em contrapartida, o *Epítome* seria o estágio anterior ao qual esses autores abordam, pois é a narrativa de cunho histórico em que poderiam ser buscados esses *exempla*.

De fato, assim como para Diodoro Sículo já citado, também para Tito Lívio, por exemplo, a história apresentava-se como uma fonte de *exempla*:

[o] que é sobretudo salutar e producente, no conhecimento da história, são os exemplos instrutivos de toda espécie que se descobrem à luz da obra. Nela se encontram, para o teu benefício e o de teu país, modelos dignos de imitação assim como ações vergonhosas, cujas causas e consequências é preciso evitar<sup>122</sup> (Liv. 1 *Prae.* 10, trad. P. M. Peixoto).

Consideramos, nesse sentido, que, como outras obras históricas, o *Epítome* poderia servir como mina de *exempla* que seriam utilizados como modelos de conduta e/ou seriam apropriados para outros fins, como na escrita de gêneros diversos. Nesse sentido, interessamos as proposições de Langlands (2018), segundo as quais, os *exempla* eram utilizados na literatura latina para inspirar e ensinar um modo de conduta àqueles que os liam:

[o]s *exempla* romanos inspiram e ensinam ao evocar uma resposta emocional, muitas vezes usando a admiração e o horror para captar o aprendiz; eles encorajam as pessoas a se compararem com os outros e insinuam um desejo de competir e emular os outros para atingir as qualidades de excelência que elas veem manifestas nesses indivíduos, dando-lhes uma ideia de que há a possibilidade de realização ao permitir a elas um entendimento da virtude em abstrato e ao facilitar o teste e a exploração de ideias e pressupostos éticos<sup>123</sup> (Langlands, 2018, p. 8).

<sup>121</sup> [...] *prout nota erunt uel utilitas causae aut decor postulabit.*

<sup>122</sup> [10] *hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri: inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu, foedum exitu, quod uites.*

<sup>123</sup> “Roman *exempla* inspire and teach by evoking an emotional response, often using wonder and horror to hook the learner; they encourage people to compare themselves to others, and they instill a desire to compete and to emulate others so as to attain the qualities of excellence that they see manifested in these individuals, by giving them a sense of the possibility of this attainment, by



Conforme já abordamos, a autora também destaca que, normalmente, a narrativa de um *exemplum* é curta, e há a caracterização de uma personagem central – a qual pode ser um indivíduo ou um grupo – que contém em si os elementos a serem observados, comumente ligados à execução de uma ação que prevê o bem da comunidade acima da individualidade e que permite ao leitor perceber como a ação individual pode alterar o rumo da história (Langlands, 2018, p. 29-33 e 42-3). Assim, Langlands (2018, p. 46) propõe que

[u]m *exemplum* tem uma pessoa (supostamente) real em seu centro, a qual realiza algo incrível ou chocante – um ato de heroísmo ou vilania notável – que leva a capacidade humana a seus limites e, por isso, nos diz algo sobre a capacidade humana e seus limites.<sup>124</sup>

Além do fato de que o conceito de curto ou longo poder ser subjetivo, observamos acima que também Quintiliano indica que o tamanho do espaço dado a um *exemplum* em um discurso estava ligado, entre outros elementos, à notoriedade do feito abordado. Neste caso, o autor, contudo, aborda a inserção de um *exemplum* em um texto que não se dedica especificamente a os apresentar. Justino, por outro lado, propõe-se a demonstrar essas figuras, considerando que seu público talvez não conhecesse os episódios ali narrados. Assim, poder-se-ia, por exemplo, buscar no *Epítome* o episódio de *clementia* presente quando Filipe II tem seu olho vazado diante de Motona (Just. 7.6.14-6) para que o utilizasse em um outro texto, mas a narrativa de Justino vai além disso. Dado o caráter histórico da obra e sua suposta novidade quanto aos temas tratados em detrimento daqueles dos romanos, cremos ser coerente que o autor apresente mais detalhes do que quando o *exemplum* está sendo utilizado como peça contrastante em outro texto. De todo modo, mantém-se na proposta de Langlands (2018) uma constante em relação a Cícero, a Tito Lívio, a Quintiliano, e à *Retórica a Herênio*: a ideia de *exemplum* enquanto um feito notável que deve ser observado e, dependendo do contexto, emulado ou evitado.

---

enabling them to gain an understanding of virtue in the abstract and by facilitating the testing and exploration of ethical ideas and assumptions” (Langlands, 2018, p. 8).

<sup>124</sup> “An *exemplum* has a (supposedly) real person at its heart, who does something amazing or shocking – an act of striking heroism or villainy – which pushes human capacity to its limits, and tells us something, thereby, about human capacity and its limits” (Langlands, 2018, p. 46).

De acordo com Roller (2018, p. 4), um *exemplum* é estabelecido a partir de quatro operações: ação, avaliação, comemoração e definição de uma norma<sup>125</sup>. A primeira consiste na realização de um grande ato diante de testemunhas, as quais têm um conjunto de valores consistente com a comunidade – no caso romano, o *mos* ou *mos maiorum*<sup>126</sup> –, mesmo quando essas testemunhas são estrangeiras. Elas irão avaliar a ação de acordo com esses valores e a considerar digna de louvor ou de reprimenda; com isso, destacam tal ação do conjunto daquelas performadas pela humanidade em geral como algo que é merecedor de ser observado e que contribui para o bem comum. A partir disso, erige-se um monumento em comemoração à ação, o qual pode ser desde uma construção, de fato, como uma estátua ou um túmulo, até uma narrativa – como o caso do *Epítome* – ou um triunfo, garantindo a memória do feito aos pósteros. Desse modo, ele recebe testemunhas secundárias, ou seja, que não presenciaram o ato, mas o conhecem por meio do monumento e irão julgá-lo, novamente, a partir de seus valores. Então, a ação estabelece-se como um precedente, tornando-se normativa, ou seja, espera-se que outros possam agir conforme aquele que é celebrado pelo monumento (Roller, 2018, p. 5-8).

Tal processo revelaria que não há uma grande distância ou ruptura entre o passado e o presente romano, já que as ações do passado são consideradas significativas e possíveis de serem reproduzidas e superadas no presente (Roller, 2018, p. 18). Ao mesmo tempo, todavia, um *exemplum* não necessariamente precisa condizer com a realidade histórica para que se configure como tal:

[a] dinâmica da exemplaridade [...] tende a conectar elementos que podem não ter sido conectados na realidade histórica e podem até levar à fabricação direta de atores, feitos e monumentos necessários para preencher uma sequência de operações. Em relação a Horácio [Cocles], até escritores antigos questionaram a veracidade dessa lenda, mas essa dúvida não reduziu sua eficácia como *exemplum* de bravura militar. Horácio é, sem dúvida, um ator exemplar, mas provavelmente não um ator histórico<sup>127</sup> (Roller, 2018, p. 21).

<sup>125</sup> Em inglês, segundo o autor, “action, evaluation, commemoration, and norm setting” (Roller, 2018, p. 4).

<sup>126</sup> Os estudos de Litchfield (1914) e Morgan (2007) elencam uma série deles, como: *aequitas, fides, pietas, seueritas, fortitudo, constantia, continentia, pauperitas, pudicitia, clementia, moderatio, amicitia, patientia, sapientia, liberalitas e prudentia*; entre os vícios, há, por exemplo, *luxuria, crudelitas, ira, auaritia, superbia, perfidia e temeritas*.

<sup>127</sup> “The dynamics of exemplarity thus tend toward connecting elements that may not, in historical actuality, have been connected, and may even lead to the outright fabrication of actors, deeds, and monuments as required to fill out a sequence of operations. Regarding Horatius, even ancient writers questioned the veracity of this legend, but this doubt did not reduce his efficacy as an

Para nós, esta proposta aproxima-se da obra de Justino, o qual parece reorganizar a narrativa histórica de Trogo para que ela se adeque à construção dos modelos que ele se propõe a destacar. Assim, ainda que se possa questionar a relevância do *Epítome* no que diz respeito ao acesso à história antiga, pelo menos, do ponto de vista de determinada vertente da historiografia moderna, o texto garante sua importância como testemunha das operações ligadas à exemplaridade e, logo, de um aspecto constituinte da cultura romana.

Tendo isso em mente, passamos à análise de alguns dos *exempla* do *Epítome*. Para isso, tomaremos as proposições de Langlands (2018) e de Roller (2018): considera-se que há uma figura central na narrativa, a qual realiza, pelo menos, um grande ato de glória e/ou perfídia e, por isso, destacar-se-á do vulgo, devendo suas ações serem observadas e emuladas ou evitadas conforme a situação. Claramente, a própria narrativa já se configura como um monumento que demarca a permanência de tais atos, contudo, sempre que houver, destacaremos como se apresentam outros elementos, como a admiração dos pósteros ou a fundação de uma cidade. Apontaremos, assim, a quais virtudes e vícios esses atos podem ser ligados, tendo em mente que, conforme Langlands (2018, p. 34), normalmente uma personagem e suas ações englobam em si uma mescla de virtudes que operam em conjunto.

### 3.1.1 Nino, Semíramis e Sardanápalo

A narrativa do *Epítome* é iniciada com a Assíria, a partir da premissa de que Nino fora o responsável por alterar um costume antigo, segundo o qual os reis eram escolhidos por sua grandeza, enquanto não haveria uma ambição para ampliar fronteiras. Assim, Justino apresenta o primeiro soberano nomeado na obra como alguém que aumenta seus domínios devido a um desejo de governar (*imperii cupiditate*; Just. 1.1.4). É possível que consideremos certa crítica à atitude do rei, não só pela mudança de um costume colocado como positivo, mas pelo contraste realizado com outros líderes que também ter-se-iam dedicado à conquista territorial anteriormente:

- [6] [h]ouve, certamente, em tempos anteriores, Vezosis, o egípcio, e Tanaus, rei dos citas; o primeiro destes avançou até o Ponto, e o outro, até o Egito;  
 [7] mas travavam guerras com os [povos] longínquos, não com os vizinhos,

---

*exemplum* of military valor. Horatius is undoubtedly an exemplary performer, but probably not an historical actor.”

e contentes com a vitória, buscavam não a soberania para si, mas a glória para seus próprios povos. Nino firmou, com uma posse duradoura, a extensão de seu domínio conquistado<sup>128</sup> (Just. 1.1.6-7).

Dessa maneira, a crítica é motivada pelo individualismo do desejo (*cupiditas*) de Nino em que o poder e a conquista estão interligados, em oposição à glória comum buscada por seus antecessores. Embora a *cupiditas*<sup>129</sup> possa ser usada em um sentido positivo<sup>130</sup>, nesse contexto, parece-nos estar naquele mais usual, negativo, como uma avidez por obter, nesse caso, poder, o que alterará os costumes mais benéficos, segundo o *Epítome*. De certa forma, considerando a obra como um todo, principalmente no que se refere a Alexandre, o Grande, personagem central, pode-se dizer que esse tipo de *cupiditas* configura-se como a força motriz do tema principal da narrativa.

Justino não dará outras informações acerca do rei assírio além daquelas ligadas à sua conquista do Oriente e à sua morte, que parece repentina, após a derrota de Zoroastro (Just. 1.1.8-9). A sucessão de Nino poderia ser vista como precária, já que deixa seu filho, Ninias, ainda muito jovem e a esposa, Semíramis (Just. 1.1.10). Como se verá mais à frente com o que ocorre após a morte de Alexandre, o Grande, por exemplo, a perda de um líder de um amplo domínio pode gerar consequências nefastas a seus descendentes diretos e a suas esposas<sup>131</sup>. Contudo, enquanto o autor insere poucas informações a respeito de Nino, a construção de Semíramis é mais detalhada.

Como sua situação é instável, em um primeiro momento, a rainha decide passar-se por filho de Nino e se dedicar a realizar grandes feitos antes de se revelar como uma mulher:

<sup>128</sup> [6] *Fuere quidem temporibus antiquiores Vezosis Aegyptius et Scythiae rex Tanaus, quorum alter in Pontum, alter usque Aegyptum excessit; [7] sed longinqua, non finitima gerebant bella, contentique uictoria non imperium sibi, sed populis suis gloriam quaerebant. Ninus magnitudinem quaesitae dominationis continua possessione firmavit.*

<sup>129</sup> Mantivemos, ao longo da discussão, este tipo de conceito em latim, como parece ser tendência nos estudos que se dedicam a esse campo, como Morgan (2007), e também porque é frequente que sejam termos de amplo valor semântico, como *pietas*. Por isso, buscamos apresentar definições a partir de textos antigos, de modo que seja mais fácil para o leitor compreender a que nos referimos. Nas citações dos trechos analisados, esses conceitos aparecem conforme a opção dos tradutores.

<sup>130</sup> Como nos parece ocorrer em: “[45] [p]ois essa beleza provocou, também na terra, aquela filosofia ‘paternal’ e ‘avoenga’ provocada pela *ânsia* do conhecimento, como disse Teofrasto.” (Cic., *Tusc.* 1.19.45, trad. B. F. Bassetto, grifo nosso); *haec enim pulchritudo etiam in terris ‘patritam’ illam et ‘auitam’, ut ait Theophrastus, philosophiam cognitionis cupiditate incensam excitavit.* (Grifo nosso).

<sup>131</sup> Os herdeiros de Alexandre são assassinados com suas mães pelos diádocos, que desejavam manter-se no poder (Just. 15.2.3-5).

[2, 1] [e]sta não ousa entregar o império ao rapaz imaturo nem o tomar para si publicamente – porque tantas e tamanhas gentes dificilmente se submeteriam com indulgência a um homem, muito menos a uma mulher –, finge-se filho de Nino em vez de esposa, um rapaz em vez de mulher. [2] Com efeito, a estatura mediana dos dois, a voz igualmente graciosa e a natureza das feições da mãe eram semelhantes às do filho. [3] Então, cobre os braços e as pernas com véus e a cabeça com uma tiara; e, para que não parecesse dissimular algo com a nova aparência, ordena que o povo vista-se com o mesmo ornamento, costume de traje que toda a gente mantém desde então. [4] Assim, desde o início, mentindo o sexo, foi julgada como um rapaz. [5] Logo, realizou grandes feitos, pela amplitude dos quais supõe a rejeição superada, confessa quem seria e quem teria fingido ser. [6] Isso não subtraiu a dignidade de sua autoridade, mas aumentou a admiração, uma vez que uma mulher teria sido capaz de sobrepujar, com sua virtude, não só às mulheres, mas também aos homens<sup>132</sup> (Just. 1.2.1-6).

O fato de que o governante era, na verdade, uma mulher possa aumentar a admiração dos que a cercam não é estranho. Ainda que, à primeira vista, a *uirtus* pareça ser algo inerentemente masculino, como a etimologia apresentada por Cícero faz crer – “pois de *vir* ‘varão’ foi denominada *virtus* ‘virtude’ [...]”<sup>133</sup> (Cic., *Tusc.* 2.43, trad. B. F. Bassetto) –, o testemunho de Plutarco, por exemplo, aponta que os romanos teriam o costume de destacar igualmente os feitos de homens e de mulheres, o que ele considera adequado, dado que a virtude seria única e independente de gênero<sup>134</sup>. Porém, não só esta ideia não se concretiza ao longo do *Epítome* – é recorrente que quando mulheres realizem grandes atos sejam descritas como diferentes das demais e iguais a homens –, como a atitude dos que observaram o governo de Semíramis pode estar mais alinhada, de nosso ponto de vista, com o que Quintiliano destaca:

<sup>132</sup> [2, 1] *Haec neque inmaturo puero ausa tradere imperium nec ipsa palam tractare – tot ac tantis gentibus uix patienter uni uiro, nedum feminae parituris – simulat se pro uxore Nini filium, pro femina puerum.* [2] *Nam et statura utriusque mediocris et uox pariter gracilis et liniamentorum qualitas matri ac filio similis.* [3] *Igitur bracchia et crura uelamentis, caput tiara tegit; et ne nouo habitu aliquid occultare uideretur, eodem ornatu et populum uestiri iubet, quem morem uestis exinde gens uniuersa tenet.* [4] *Sic primis initiis sexum mentita puer esse credita est.* [5] *Magnas deinde res gessit quarum amplitudine ubi inuidiam superatam putat, quae sit fatetur quemue simulasset.* [6] *Nec hoc illi dignitatem regni ademit, sed admirationem auxit, quod mulier non feminas modo uirtute, sed etiam uiros anteiret.*

<sup>133</sup> *Appellata est enim ex uiro uirtus; [...].*

<sup>134</sup> “O costume romano parece ser o melhor, pois permite o elogio público conveniente tanto aos homens quanto às mulheres, após o fim de suas vidas. [...] escrevi para ti o que restou do que foi dito, sobre os dizeres de a virtude do homem e da mulher ser uma única e a mesma, contendo demonstração histórica e sem ter sido composta para o prazer da escuta.” (Plut., *Mulier.* 242f-243a, trad. M. D. Silveira, adaptado); [...] ἄριστα δ’ ὁ Ῥωμαίων δοκεῖ νόμος ἔχειν, ὥσπερ ἀνδράσι καὶ γυναιξὶ δημοσίᾳ μετὰ τὴν τελευτὴν τοὺς προσήκοντας ἀποδιδούς ἐπαίνους. [...] τὰ ὑπόλοιπα τῶν λεγομένων εἰς τὸ μίαν εἶναι καὶ τὴν αὐτὴν ἀνδρὸς καὶ γυναικὸς ἀρετὴν προσανέγραψά σοι, τὸ ἱστορικὸν ἀποδεικτικὸν ἔχοντα καὶ πρὸς ἡδονὴν [...].

[...] [n]a mulher, a virtude é mais admirável que no homem. Isso porque, se alguém se entusiasma para fazer algo com determinação, Horácio e Torquato não apresentariam tão grande disposição quanto aquela mulher, por cuja mão Pirro foi morto, nem Catão e Cipião, para morrer, quanto Lucrecia [...]<sup>135</sup> (*Inst.* 5.11.10, trad. B. F. Bassetto).

Assim, a aprovação das ações da rainha é coerente, conforme ocorre também com outras mulheres ao longo da narrativa. O trecho é seguido pela indicação de mais feitos de Semíramis, como a fundação da Babilônia, e Justino destaca a ampliação das fronteiras de seu reino. Não fica claro, pela construção da passagem, se haveria nela o mesmo desejo individualista pelo poder que existia em seu marido, mas a sua atitude é digna de louvor, ao contrário do que ocorrera com ele, sendo as conquistas da rainha comparáveis às de Alexandre, o Grande (Just. 1.2.7-9). Porém, como é uma constante ao longo do *Epítome*, o fim da rainha ocupa pouquíssimo espaço, momento em que se diz que teria sido morta pelo filho, Ninias, ao tentar deitar-se com ele (Just. 1.2.10). Logo, Semíramis apresenta-se como uma figura um tanto dúbia, em que se opõem os campos do público e do privado, visto que, embora seja, enquanto governante, capaz de realizar feitos maiores do que aqueles que poderiam ser esperados vindos de um homem, ao mesmo tempo, é viciosa no campo das relações familiares por buscar uma união não natural com seu filho.

Ademais, ainda que estudiosos, como Yardley (2010, p. 478-9), considerem que Justino tenha dado muito espaço às relações entre pais e filhos ao longo de sua obra, não é o caso do trecho destacado, já que não ocorre qualquer comentário a respeito de Ninias quanto ao assassinato de sua mãe, o que pode ser, simplesmente, reflexo da abordagem que já teria sido dada ao trecho por Trogo. De todo modo, o único julgamento explícito da última atitude da rainha – para além do narrador – é aquele do filho que a assassina, ao contrário de suas ações virtuosas desempenhadas no campo público que são testemunhadas e avaliadas por um coletivo.

Se o texto do *Epítome* demonstra que as realizações de uma mulher podem ser dignas de admiração, também não demora a ilustrar uma opinião a respeito do feminino de modo geral. Após uma breve menção ao fato de que Ninias parecia ter trocado, efetivamente, de lugar com sua mãe, visto sua preferência por estar entre mulheres (Just. 1.2.11), chega-se à

---

<sup>135</sup> [...] *Admirabilior in femina quam in uiro uirtus. Quare, si ad fortiter faciendum accendatur aliquis, non tantum adferent momenti Horatius et Torquatus quantum illa mulier cuius manu Pyrrhus est interfectus, et ad moriendum non tam Cato et Scipio quam Lucrecia [...].*

história de Sardanápalo, alguém que teria levado este costume de seu antepassado a um ápice, porque era um “[...] homem mais corrompido que uma mulher”<sup>136</sup>. Com efeito, já a abertura do episódio – “[o] último a reinar entre eles foi Sardanápalo [...]”<sup>137</sup> – é um indicativo para o declínio do governante, que representa o fim do poder dos assírios.

Sardanápalo é descrito como um homem de corpo delicado, que desempenhava funções tradicionalmente delegadas às mulheres, como fiar. Nesse sentido, o embate entre masculino e feminino e suas atribuições é claro na passagem, já que o intendente do rei revolta-se por precisar submeter-se a alguém que se comporta como uma mulher:

[2] [c]omo seu intendente, chamado Arbaces, comandante dos medos, penosamente teria conseguido, com muita solicitação, ser admitido para vê-lo – o que não fora permitido a ninguém antes dele –, encontrou-o entre bandos de concubinas, fiando púrpura com uma roca e, com aparência feminina, distribuindo entre as moças as tarefas, já que ele sobrepujava, pela brandura do corpo e pela lascívia dos olhos, todas as mulheres. [3] Em vista disso, indignado que tão grande contingente de homens fosse submetido a uma mulher desse tipo e que os hábeis com as armas e ferros obedecessem ao que maneja lã, de retorno aos aliados, relata o que viu e se nega a obedecer àquele que prefere ser uma mulher a um homem<sup>138</sup> (Just. 1.3.2-3).

Desse modo, o que percebemos pela leitura desta e de outras passagens em que mulheres destacam-se – como Olímpíade, mãe de Alexandre, o Grande – é que pode ser louvável que mulheres, como Semíramis, desempenhem ações a partir de uma virtude, o que faz com que se igualem ou superem o masculino, mas um homem tende a ser criticado por apresentar qualquer hábito considerado feminino. Em específico, falta a Sardanápalo a *fortitudo*. Para Cícero, por exemplo, esta era uma das virtudes principais do homem<sup>139</sup> e poderia ser definida como:

<sup>136</sup> [...] *uir muliere corruptior*.

<sup>137</sup> *Postremus apud eos regnavit Sardanapallus, [...]*.

<sup>138</sup> [2] *Ad hunc uidendum – quod nemini ante eum permissum fuerat – praefectus ipsius Medis praepositus, nomine Arbactus, cum admitti magna ambitione aegre obtinisset, inuenit eum inter scortorum greges purpuras colo nentem et muliebri habitu, cum mollitia corporis et oculorum lasciuiam omnes feminas anteiret, pensa inter uirgines partientem*. [3] *Quibus uisis, indignatus tali feminae tantum uirorum subiectum tractantique lanam ferrum et arma habentes parere, progressus ad socios quid uiderit refert, negat se ei parere posse, qui se feminam malit esse quam uirum*.

<sup>139</sup> “[...] a coragem [*fortitudo*] é própria sobretudo do homem, cujas funções máximas são duas: o menosprezo da morte e o desprezo da dor. Por conseguinte, essas devem ser exercidas, se possuidores da virtude, ou antes se quisermos ser homens, porque o nome *virtus* foi emprestado de *vir*.”; (Cic., *Tusc.* 2.43, trad. B. F. Bassetto); [...] *uiri autem propria maxime est fortitudo, cuius munera duo sunt maxima, mortis dolorisque contemptio. Utendum est igitur his, si uirtutis compotes, uel potius si uiri uolumus esse, quoniam a uiris uirtus nomen est mutuata*.

[a c]oragem [*fortitudo*] é, portanto, “a boa disposição do espírito em obedecer à lei suprema nas situações a serem enfrentadas” ou “a manutenção firme do julgamento naquelas coisas que parecem apavorantes e devem ser enfrentadas e repelidas” ou “o conhecimento das coisas apavorantes e adversas ou das que devem ser totalmente ignoradas, mantendo delas um julgamento consistente”, ou mais brevemente, segundo Crisipo [...] “Coragem” – declara – “é o conhecimento do que deve ser suportado ou a adesão do espírito ao sofrer e ao suportar, obedecendo à lei suprema sem medo”<sup>140</sup> (Cic., *Tusc.* 4.53, trad. B. F. Bassetto).

Semíramis teria sido capaz de se manter firme diante da ameaça de sua posição em relação aos povos submetidos por seu marido. Sardanápalo, por outro lado, não está apto, em um primeiro momento, a suportar a situação em que se encontra, conforme notamos na passagem a seguir:

[4] [e]ntão, uma conjuração é iniciada. Leva-se a guerra a Sardanápalo: o qual, tendo ouvido aquilo, não como um homem pronto a defender o reino, mas como as mulheres costumam fazer por medo da morte, considera primeiro esconderijos<sup>141</sup> (Just. 1.3.4).

Assim, o rei põe, ao contrário do esperado de alguém em sua posição, sua própria salvação acima do bem comum, o que gera a clara reprimenda do trecho. Complementarmente, consideramos que a leitura da passagem contribui para elevar os feitos de Semíramis, pois coloca em perspectiva que, de uma mulher, era esperada a fuga, mas a rainha não só fora capaz de realizar grandes conquistas, como ainda tivera a coragem de se revelar como mulher. Em contraponto, Sardanápalo só tentará defender seu reino e sua posição já tardiamente, sem sucesso. Mesmo assim, conseguirá ainda desempenhar uma ação “digna de um homem”: “[l]ogo, avança, sem demora, à guerra com poucos e desordenados. [5] Vencido, retira-se ao palácio, de onde se atira, junto a suas riquezas, no incêndio de uma pira amontoada e acesa; nisso somente tendo imitado um homem.”<sup>142</sup> (Just. 1.3.4-5). Por conseguinte, é na morte que o rei encontra sua *fortitudo*: em sua capacidade de preferir um

<sup>140</sup> *Fortitudo est igitur 'adfectio animi legi summae in perpetiendis rebus obtemperans' uel 'conseruatio stabilis iudicii in eis rebus quae formidosae uidentur subeundis et repellendis' uel 'scientia rerum formidosarum contrariarumque aut omnino neglegendarum conseruans earum rerum stabile iudicium' uel breuius, ut Chrysippus [...] 'Fortitudo est' inquit 'scientia rerum perferendarum uel adfectio animi in patiendo ac perferendo summae legi parens sine timore.'*

<sup>141</sup> [4] *Fit igitur coniuratio. Bellum Sardanapallo infertur; quo ille audito, non ut uir regnum defensurus, sed, ut metu mortis mulieres solent, primo latebras circumspicit, [...].*

<sup>142</sup> [...] *mox deinde cum paucis et inconpositis in bellum progreditur. [5] Victus in regiam se recepit, ubi, extracta incensaque pyra, et se et diuitias suas in incendium mittit, hoc solo imitatus uirum.*



fim honroso à humilhação da submissão, à qual não deixa mesmo seus bens que o acompanham à pira<sup>143</sup>.

Embora essas três personagens não integrem o que poderia ser considerado como as narrativas mais longas do *Epítome*, elas estão em posição privilegiada – o início do texto – e já apontam ao leitor o tom da narrativa como um todo: temos a ascensão e a queda de uma grande soberania, ambas influenciadas por decisões, caprichos e características individuais de seus governantes. Tal processo é cíclico no decorrer da obra conforme o poder passa de um povo a outro até que chegue aos romanos. Além disso, ainda que sejam narrativas mais curtas, tanto Semíramis como Sardanápalo ilustram a mobilidade da existência humana transitando da virtude ao vício – ou vice-versa, em outras personagens –, muitas vezes presente no texto de Justino, ao contrário de uma abordagem mais isolada, como ocorre em Valério Máximo, em que a rainha assíria é *exemplum* específico de *odio*<sup>144</sup>.

### 3.1.2 Ciro II, o Grande, e Tamires

O poder dos medos é condensado em sua tomada dos assírios por Arbaces e em sua perda ocasionada pelas ações de Astíages, avô de Ciro II<sup>145</sup>. A existência de Ciro é permeada por presságios, o que é comum a estes soberanos destacados em seus domínios. No caso específico, esses presságios são ligados a sonhos, de modo que a grandeza da personagem já se apresenta na narrativa antes mesmo de seu nascimento (Just. 1.4.1-3). Seu avô, contudo, busca evitar a perda de seu território casando sua filha com um persa – povo pouco conhecido

<sup>143</sup> Note-se como o episódio lembra a morte de Dido. Retornaremos a esse ponto em seção específica.

<sup>144</sup> “Tamanha pôde ser a força do ódio no peito de um jovem, mas também foi muito vigorosa no de uma mulher, já que Semíramis, rainha dos assírios, quando, ocupada com a arrumação do manto de seu cabelo, lhe foi anunciado que a Babilônia se revoltara, com uma parte do cabelo ainda solta, ocorreu, imediatamente, para tomá-la e não recolocou o adorno dos cabelos em ordem antes de a cidade em seu poder. Por isso, a estátua dela foi posta na Babilônia com esse aspecto com que se dirigiu, com precipitada rapidez, para executar sua vingança.” (V. Max. 9.3 ext. 4); *In puerili pectore tantum uis odii potuit, sed in muliebri quoque aequae multum ualuit: namque Samiramis Assyriorum regina, cum ei circa cultum capitis sui occupatae nuntiatum esset Babylona defecisse, altera parte crinium adhuc soluta protinus ad eam expugnandam cucurrit nec prius decorem capillorum in ordinem quam urbem in potestatem suam redegit. quocirca statua eius Babylone posita est illo habitu, quo ad ultionem exigendam celeritate praecipiti tetendit.*

<sup>145</sup> Pode-se questionar se outros reis estariam presentes na narrativa de Trogo, visto que o prólogo traz: “[n]o primeiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: a soberania dos assírios desde o rei Nino até Sardanápalo, depois de quem o reino foi transferido por Arbaces para os medos, até o último rei, Astíages. Ele foi expulso do poder por seu neto Ciro, e os persas se apossaram do reino.” (*prol. lib. I*); *Primo uolumine continentur haec: Imperium Assyriorum a Nino rege usque ad Sardanapallum post quem translatum est per Arbacem ad Medos, usque ad ultimum regem Astyagem; is a nepote suo Cyro pulsus regno, et Persae regno potiti.*

à época – e ordenando a morte de seu neto (Just. 1.4.4-5), o que, ao mesmo tempo que não acontece, acaba ocasionando o que ele buscava afastar, como é comum que ocorra nesse tipo de situação – o exemplo de Édipo é eloquente.

O início da infância de Ciro é semelhante àquele de Rômulo e Remo, pois, tendo sido exposto, é cuidado primeiramente por uma cadela, e o vigor que o caracteriza contribuirá para que seja salvo e criado por pastores, que sacrificam seu próprio filho no lugar do descendente real (Just. 1.4.10-2). Posteriormente, demonstrará, ainda jovem, sua inclinação para governar (*imperiosus*) enquanto brincava com outras crianças, característica que leva Justino a apresentar uma explicação etimológica para o nome de Ciro, a partir do grego κῦρος (*kýros*), soberano. Tal informação é, entretanto, questionável, pois, além da probabilidade de um nome persa ser derivado do grego, na verdade, Ciro herda o nome de seu avô, conforme aponta Arnaud-Lindet (2003, recurso online), daí ser chamado, futuramente, de Ciro II. Contudo, dentro da narrativa isolada do *Epítome*, a informação é verossímil, já que este é o primeiro Ciro a aparecer, Justino não insere a numeração dos reis e a explicação destaca a inclinação natural da personagem. De todo modo, suas atitudes acabam por chamar a atenção de seu avô materno e por levar a seu reconhecimento como herdeiro real (Just. 1.5.1-5).

Embora Astíages deponha a animosidade em relação a Ciro, este é incitado a um levante por Harpago (Just. 1.5.6-9), amigo do rei, que fora encarregado de matar o príncipe ainda bebê e fora castigado quando se descobriu que ele ainda estava vivo. Há, neste momento, um contraste entre Ciro e Astíages, visto que, enquanto este tenta evitar de diversas formas que o presságio de seu sonho realize-se, aquele é advertido pelo mesmo meio a atacar e a tomar como aliado o primeiro que encontrasse no dia seguinte, o que prontamente cumpre (Just. 1.6.1-3).

Mesmo que se possa considerar que a atitude de aceitar o que lhe é informado seja mais fácil de ser tomada por Ciro, já que seu sonho prevê um benefício a si, enquanto o de Astíages pressupõe o contrário, é relevante que se aponte que, segundo Valério Máximo (1.5): “a observação de presságios também está ligada com algo do contato religioso, porque não se crê dependerem de um movimento do acaso, mas de uma providência divina”<sup>146</sup>. Portanto, a ligação com o divino justificaria o fato de que, ao tentar escapar do destino esclarecido por seus videntes (*arioli*; Just. 1.4.3), o rei vai em direção a ele. Em contraponto, Ciro nem sequer

---

<sup>146</sup> *Ominum etiam obseruatio aliquo contactu religioni innexa est, quoniam non fortuito motu, sed diuina prouidentia constare creduntur.*

questiona o desígnio dos deuses e também recompensa aquele que toma como aliado, indicado por seu sonho, casando-o com sua irmã (Just. 1.7.1).

Após convencer o povo a segui-lo, Ciro encaminhar-se-á para a guerra, e, ainda que seu avô demonstre habilidade como comandante<sup>147</sup>, os persas sairão vencedores. Mais uma vez, podemos traçar um paralelo entre Ciro e Astíages, pois, enquanto este decide vingar-se de Harpago por este ter falhado em matar seu neto<sup>148</sup>, aquele, por outro lado, que teria a vida ameaçada pelo rei antes mesmo de seu nascimento, age perante o avô com *pietas* e *clementia*: “[16] [n]essa batalha, Astíages é capturado, de quem Ciro não tomou nada além do reino e agiu com ele mais como neto do que como vitorioso e o colocou à frente da mais importante gente dos hircânios”<sup>149</sup> (Just. 1.6.16).

A *clementia* será apontada novamente como característica de Ciro quando derrota os lídios sob o comando de Cresos:

[5] [a]li, derrota sem esforço o exército de Cresos, que já estava abalado pela sorte na batalha anterior; o próprio Cresos é capturado. [6] Mas tanto foi a guerra de menor perigo, quanto mais indulgente a vitória. [7] A Cresos, são concedidas a vida, partes do patrimônio e a urbe Bereia, na qual viveria, se não uma vida régia, uma próxima à majestade régia. [8] Esta clemência não foi menos vantajosa para o vencedor que para o vencido, [9] pois, quando foi descoberto que se levava uma guerra a Cresos, tropas auxiliares de toda a Grécia confluíam como se para extinguir um incêndio a bens comuns; [10] havia tamanha afeição por Cresos junto a todas as urbes, de modo que Ciro haveria de suportar uma guerra severa da Grécia se, por acaso, tivesse, cruelmente, tomado medidas contra Cresos<sup>150</sup> (Just. 1.7.5-10).

<sup>147</sup> “[10] Quando Astíages ouviu isso, parte contra os persas com as tropas auxiliares reunidas de todas as partes e, entusiasmado com a peleja retomada, põe parte de seu exército na retaguarda dos combatentes, ordena avançar com ferro contra as hostes titubeantes [11] e declara aos seus que, se não vencessem, haveriam de encontrar homens não menos fortes na retaguarda, do que os que estavam à frente: assim, veriam esta linha de batalha ser rompida como fugitivos ou aquela como combatentes. [12] Um grande ânimo foi acrescentado ao seu exército a partir da necessidade de combater [...]” (Just. 1.6.10-2); [10] *Quod ubi Astyage audiuit, contractis undique auxiliis, ipse in Persas proficiscitur et, repetito alacrius certamine, pugnantibus suis partem exercitus de tergo ponit et tergiuersantes ferro agi in hostes iubet* [11] *ac denuntiat suis, ni uincerent, non minus fortes post terga inuenturos, quam a frontibus uiros: proinde uideant fugientibus haec an illa pugnantibus acies rumpenda sit.* [12] *Ingens post necessitatem pugnandi animus exercitui eius accessit, [...]*.

<sup>148</sup> “[6] De resto, [Astíages,] hostil a Harpago, seu amigo, em vingança pelo neto preservado, matou o filho dele e deu-o em refeição ao pai.” (Just. 1.5.6); [6] *Ceterum Harpago, amico suo, infestus in ultionem seruati nepotis, filium eius interfecit epulandumque patri tradidit.*

<sup>149</sup> [16] *In eo proelio Astyages capitur, cui Cyrus nihil aliud quam regnum abstulit nepotemque in illo magis quam uictorem egit, eumque maximae genti Hyrcanorum praeposuit.*

<sup>150</sup> [5] *Ibi fortuna prioris proelii perculsum iam Croesi exercitum nullo negotio fundit; Croesus ipse capitur.* [6] *Sed quanto bellum minoris periculi, tanto et mitior uictoria fuit.* [7] *Croeso et uita et patrimonii partes et urbs Beroe concessa, in qua etsi non regiam uitam, proximam tamen maiestati*

Considerada por Cícero como uma faculdade “[...] pela qual são contidos com bondade os ímpetos cegamente lançados ao ódio contra alguém”<sup>151</sup> (*Inv.* 2.54.164, trad. K. Ilunga), a *clementia* apresenta-se em Ciro como vantagem tanto para si como para aqueles que são alvo dela. Por um lado, poupar seu avô revela sua *pietas* e o coloca em uma situação provavelmente positiva em relação a possíveis apoiadores de Astíages, tendo em vista que mesmo o rei não deseja retornar à sua posição (*Just.* 1.6.16). Por outro lado, Creso mantém seu modo de vida, e Ciro evita uma guerra contra os povos gregos ao tratar seu inimigo com leniência. Claramente, tal característica tem seus limites, uma vez que, quando os lídios revoltam-se, o rei toma medidas para que não sejam capazes de repetir esse feito, o que demonstra, de nosso ponto de vista, um equilíbrio necessário para um governo eficiente nos modelos apresentados no *Epítome*:

[11] [l]ogo, passado algum tempo, estando Ciro ocupado em outras guerras, os lídios revoltam-se: [12] aos quais, mais uma vez vencidos, subtraídos armas e cavalos, é ordenado que se encarreguem de estalagens, artes lúdicas e prostituição. [13] E assim uma gente outrora poderosa por sua engenhosidade e de mão infatigável, com efeminada delicadeza e luxúria, perdeu a virtude inicial, e o ócio e a indolência superaram aqueles que, invictos em guerras antes de Ciro, caíram em luxúria<sup>152</sup> (*Just.* 1.7.11-3).

Por conseguinte, podemos ligar a ação de Ciro diante dos lídios insurgentes ao que era esperado em um governo romano, conforme a fala de Anquises, no Submundo, permite divisar, na *Eneida*: “[e]ssas serão tuas artes; e mais: leis impor e costumes, / poupar submissos e a espinha dobrar dos rebeldes e tercós.”<sup>153</sup> (*Verg.*, *A.* 6.852-3, trad. C. Alberto Nunes).

---

*regiae degeret. [8] Haec clementia non minus uictori quam uicto utilis fuit, [9] quippe ex uniuersa Graecia, cognito quod inlatum Croeso bellum esset, auxilia uelut ad commune extinguendum incendium confluebant, [10] tantus Croesi amor apud omnes urbes erat passurusque Cyrus graue bellum Graeciae fuit, si quid in Croeso crudelius consulisset.*

<sup>151</sup> [...] *clementia, per quam animi temere in odium alicuius \* iniectionis concitati comitate retinentur [...].*

<sup>152</sup> [11] *Interiecto deinde tempore, occupato in aliis bellis Cyro, Lydi rebellauere: [12] quibus iterum uictis arma et equi adempti iussique cauponas et ludicras artes et lenocinia exercere. [13] Ac sic gens industria quondam potens et manu strenua, effeminata mollitie luxuriaque, uirtutem pristinam perdidit et quos ante Cyrum inuictos bella praestiterant, in luxuriam lapsos otium ac desidia superauit.*

<sup>153</sup> *haec tibi erunt artes; pacisque imponere morem, / parcere subiectis et debellare superbos”.*

O reinado de Ciro e sua vida encerram-se quando decide atacar a Cítia, após ter “[...] subjugado a Ásia e submetido todo o Oriente ao seu poder [...]”<sup>154</sup> (Just. 1.8.1), episódio em que, provavelmente, o uso da *clementia* poderia ter-lhe beneficiado. No trecho, Ciro opõe-se a Tamires, rainha cita, que, já desde sua introdução na narrativa, será apresentada como uma das mulheres que não se comportam como as outras, demonstrando *fortitudo*:

[2] [n]aquela época, a rainha dos citas era Tamires, a qual, não aterrorizada à maneira das mulheres com a invasão dos inimigos, ainda que pudesse impedir a travessia do rio Araxes, permitiu que eles o atravessassem, certa de um combate mais fácil dentro dos limites de seu reino e de uma fuga mais difícil para os inimigos com o obstáculo do rio<sup>155</sup> (Just. 1.8.2).

Pelo conjunto de Semíramis, Sardanápalo e Tamires, nota-se que o esperado de uma mulher é desesperar-se diante do perigo. Tamires, contudo, será caracterizada como uma estrategista, o que não se reflete em seu filho, não nomeado, que é enviado para combater Ciro e é enganado pelo rei persa devido à sua pouca experiência militar (Just. 1.8.3-7), sendo morto junto a todo o seu exército. Tal ato é colocado como o principal motivador para que a rainha busque uma ofensiva. É relevante considerar que, ao contrário de Ciro, que seria um conquistador, Tamires está defendendo seu próprio reino de um invasor, bem como há, na construção do episódio, um elemento ligado à *ultio*, a qual, segundo Valério Máximo (9.10 *pr.*), não necessariamente é vista como algo negativo, já que “[i]gualmente, os aguilhões da vingança (*ultionis*) do mesmo modo que são aguçados, também são justos, pois se lançam quando agredidos, buscando compensar, com dor, a dor recebida: [...]”<sup>156</sup>.

Em suas ações para atingir seu objetivo, a capacidade de estrategista da rainha será destacada mais uma vez, pois seus ataques derrotarão aquele que teria dominado todo o Oriente, assim como essa vitória será digna de lembrança, segundo a narrativa, dado o tamanho da derrota sofrida por Ciro:

[...] Ciro, tendo retornado durante a noite, surpreende os bêbados e assassina todos os citas junto com o filho da rainha. [9] Tendo perdido tamanho exército e, o que mais severamente lhe doía, o único filho, Tamires não derramou a dor da perda em lágrimas, mas planejou suas consolações na

<sup>154</sup> [...] *subacta Asia et uniuerso Oriente in potestatem redacto*, [...].

<sup>155</sup> [2] *Erat eo tempore regina Scytharum Tamyris, quae non muliebriter aduentu hostium territa, cum prohibere eos transitu Araxis fluminis posset, transire permisit, et sibi faciliorem pugnam intra regni sui terminos rata et hostibus obiectu fluminis fugam difficiliorem.*

<sup>156</sup> *Ultionis autem quem ad modum acres, ita iusti aculei sunt, qui lacessiti concitantur, acceptum dolorem dolore pensare cupientes: [...].*

vingança (*ultionis*) e cercou, com igual estratagemas de emboscadas, os inimigos exultantes com a vitória recente; [10] o fato é que, batendo em retirada, com simulada hesitação por causa do golpe recebido, conduziu Ciro até um desfiladeiro. [11] Ali, com emboscadas coordenadas nos montes, trucidou duzentos mil dos persas, incluído o próprio rei. [12] Nessa vitória também houve algo de memorável: o fato de que nem ao menos um mensageiro sobreviveu a tamanho desastre<sup>157</sup> (Just. 1.8.8-12).

Finalmente, Tamires introduzirá um monumento à morte de Ciro:

[13] [a] rainha ordena que a cabeça cortada de Ciro seja colocada em um odre repleto com sangue humano junto a essa censura de sua crueldade: “sacia-te”, diz, “em sangue, tu que tinhas sede e do qual sempre foste insaciável”<sup>158</sup> (Just. 1.8.13).

Pode parecer incongruente que o rei seja apresentado como portador de *crudelitas*, quando até o momento tivera sua *clementia* destacada, principalmente ao se ter em conta que Sêneca, por exemplo, apresenta esses dois conceitos como opostos: “[o] que, pois, se opõe à clemência? A crueldade, a qual não é outra coisa além de um furor do espírito em causar sofrimentos.”<sup>159</sup> (Sen., *Cl.* 2.4.1). Porém, não só o monumento é um ato de *ultio* pela morte de alguém que não foi agraciado por tal virtude, como Ciro também é caracterizado como um grande conquistador, e a conquista necessariamente envolve derramamento de sangue, o qual pode ser julgado justo ou não conforme o ponto de vista.

Complementarmente, também se opõem o monumento de Tamires e aquele da própria narrativa, pois, logo a seguir, Ciro é lembrado por seus feitos de uma forma que apontaria para uma atuação positiva: “[14] Ciro reinou por trinta anos, admiravelmente insigne não apenas no início de seu reino, mas por seu contínuo sucesso ao longo de todo o tempo.”<sup>160</sup> (Just. 1.8.14). Para Arnaud-Lindet (2003, recurso online), o contraste entre esses dois

<sup>157</sup> [...] *Cyrus reuersus per noctem saucios opprimit omnesque Scythas cum reginae filio interficit. [9] Amisso tanto exercitu et, quod grauius doleret, unico filio, Tamyris orbitatis dolorem non in lacrimas effudit, sed in ultionis solacia intendit hostesque recenti uictoria exultantes pari insidiarum fraude circumuenit; [10] quippe, simulata diffidentia propter uulnus acceptum, refugiens Cyrum ad angustias usque perduxit. [11] Ibi, conpositis in montibus insidiis, ducenta milia Persarum cum ipso rege trucidauit. [12] In qua uictoria etiam illud memorabile fuit, quod ne nuntius quidem tantae cladis superfuit.*

<sup>158</sup> [13] *Caput Cyri amputatum in utrem humano sanguine repletum coici regina iubet cum hac exprobratione crudelitatis: “Satia te, inquit, sanguine, quem sitisti cuiusque insatiabilis semper fuisti”.*

<sup>159</sup> *Quid ergo opponitur clementiae? Crudelitas, quae nihil aliud est quam atrocitas animi in exigendis poenis.*

<sup>160</sup> [14] *Cyrus regnauit annis XXX, non initio tantum regni, sed continuo totius temporis successu admirabiliter insignis.*

monumentos poderia ser evidência da liberdade criativa de Justino em seu domínio sobre o texto de seu antecessor, pois Tamires, por exemplo, nem ao menos é citada nos *Prólogos* – que fazem menção até a Creso –, de modo que a estudiosa teoriza que o episódio de Tamires seria uma inserção de Justino, enquanto o monumento da narrativa seria a observância do modelo de Trogo. Obviamente, não há como traçar uma conclusão a esse respeito, mas a proposição de Arnaud-Lindet (2003, recurso online) explicaria, em parte, o estranhamento entre os dois julgamentos, já que um “sucesso contínuo por todo o tempo” é questionável, quando o fim do rei é representado por uma derrota memorável e pela exibição de sua cabeça decepada.

Contudo, sendo ou não inserção de Justino, acreditamos que o contraste pode estar ligado não à inabilidade do autor em juntar episódios, mas à caracterização própria da narrativa exemplar, uma vez que, segundo Rebecca Langlands (2018, p. 117-8), as circunstâncias – tanto as do ato realizado, como as daqueles que julgam seus resultados – são parte fundamental para a interpretação de *exempla*; considere-se, por exemplo, que testemunhas imediatas nem sempre têm a visão do todo quando analisados atos cujos efeitos demoram para se concretizar ou se alterar, de maneira que o julgamento pode mudar ao longo do tempo. Por conseguinte, é possível que os pareceres diversos acerca de Ciro ilustrem essa divergência pautada nas circunstâncias.

### 3.1.3 Dario I e Zópiro

Com a morte de Ciro II, Justino narra brevemente as ações de seu filho, Cambises II, e a morte deste e a de seu irmão, o que resulta na tomada do poder pelos magos (*magus*), que substituem o herdeiro por um dos seus (Just. 1.9.1-11). Percebendo que isto havia acontecido, Otame, um nobre, juntar-se-á a outros seis persas para restabelecer a ordem ao reino, e, ao longo da passagem, destaca-se o quanto esses conjurados são valorosos (Just. 1.9.14-23):

[10, 1] [m]ortos os magos, a glória dos aristocratas por terem recuperado o reino foi, sem dúvida, grande, mas muito maior quanto ao fato de que, embora disputassem o poder, foram capazes de concordar. [2] Com efeito, como eram parelhos em virtude e nobreza, do mesmo modo a igualdade fez a escolha entre eles difícil ao povo. [3] Eles, então, encontraram uma via por meio da qual confiassem no julgamento da religião e em sua sorte [4] e estipularam entre si que, em um dia fixado, todos levassem cavalos diante do

palácio real no início da manhã, e aquele cujo cavalo primeiro relinchasse ao nascer do sol seria rei<sup>161</sup> (Just. 1.10.1-4).

Traça-se um contraste entre esses homens – dos quais Dario faz parte, ainda que não tenha sido nomeado até o momento –, e Cambises, que subira ao trono após seu pai e, logo, demonstrara não ter cuidado com elementos que pertencem à esfera da *pietas*, já que enviou um exército para destruir os templos egípcios e ordenou o assassinio de seu irmão por medo de ter seu trono tomado (Just. 1.9.1-7), ações que teriam culminado em sua queda<sup>162</sup>. De todo modo, Dario sobressair-se-á na escolha do novo rei com o auxílio de seu cavalariaço que manipula sua montaria para que ela seja a primeira a relinchar ao nascer do sol<sup>163</sup> (Just. 1.10.6-8). O acontecimento é acolhido por aqueles que disputavam o poder e também pelo povo, e isso dá a oportunidade de que se destaque mais uma vez a virtude daqueles que se haviam rebelado:

[11] [d]esta maneira, o reino dos persas, reclamado pela virtude de sete dos homens mais nobres, foi reunido em um único devido a uma ocasião tão simples. [12] É incrível que, com tanta resignação, eles o tenham cedido, porque não teriam objetado morrer para que o arrebatassem aos magos<sup>164</sup> (Just. 1.10.11-2).

Não se questiona, na narrativa, a justiça da manipulação da suposta escolha divina que ocorrera no processo, mas Dario é apresentado como digno da posição, de modo que se

---

<sup>161</sup> [10, 1] *Occisis magis, magna quidem gloria recuperati regni principum fuit, sed multo maior in eo, quod, cum de regno ambigerent, concordare potuerunt.* [2] *Erant enim uirtute et nobilitate ita pares, ut difficilem ex his populo electionem aequalitas faceret.* [3] *Ipsi igitur uiam inuenerunt, qua de se iudicium religioni et fortunae committerent,* [4] *pactique inter se sunt, ut die statuta omnes equos ante regiam primo mane perducerent et cuius equus inter solis ortum hinnitum primus edidisset, is rex esset.*

<sup>162</sup> “[8] Nesse íterim, o próprio Cambises, ferido severamente na coxa por sua espada que se desembainhou sozinha, caiu morto e pagou as punições de seu próprio império de parricídio e do sacrilégio perpetrado.” (Just. 1.9.8); [8] *Interim ipse gladio sua sponte euaginato in femur grauius uulneratus occubuit poenasque luit seu imperati parricidii seu perpetrati sacrilegii.*

<sup>163</sup> A ajuda do cavalariaço também aparece em Valério Máximo, embora os detalhes sobre como fazem o cavalo relinchar sejam algo diferentes; ali, o ajudante de Dario passa a mão nas partes íntimas de uma égua e, no momento adequado, faz com que o cavalo cheire sua mão (V. Máx. 7.3 ext. 2). Em Justino, o cavalariaço leva, na noite anterior, a montaria para se encontrar com uma égua no local acordado, de modo que, pela manhã, no mesmo lugar, o cavalo lembra-se da fêmea e relincha (Just. 1.10.6-8). Assim como em Valério Máximo, pode-se considerar que o cavalariaço, no *Epítome*, é um *exemplum* de *uafritia*. Discutiremos esta virtude na subseção seguinte.

<sup>164</sup> [11] *Sic regnum Persarum septem nobilissimorum uirorum uirtute quaesitum tam leui momento in unum conlatum est.* [12] *Incredibile prorsus tanta patientia cecissee eos, quod ut eriperent magis, mori non recusauerint.*



assemelha aos reis antigos, ou seja, àqueles que eram alçados à posição por sua virtude (cf. Just. 1.1.1):

[13] [s]e bem que, além de sua figura e virtude dignas dessa soberania, Dario também estava unido pelo parentesco aos antigos reis. [14] Então, no início do reinado, recebeu a filha de Ciro em matrimônio para fortalecer o reinado com núpcias reais, de modo que não parecesse tanto como se transferido ao estrangeiro, mas retornado à família de Ciro<sup>165</sup> (Just. 1.10.13-4).

Mesmo assim, a narrativa demonstra como um mesmo episódio pode ser interpretado de maneiras diversas segundo a perspectiva daquele que o observa. Em meio a seu reinado, Dario precisa lidar com a revolta dos assírios e a consequente tomada da Babilônia. Nesse contexto, Zópiro, um dos que o acompanharam no levante contra os magos, ordenará aos escravizados em sua casa que o lacerem e se apresentará a Dario com a ideia de enganar os revoltosos como se fosse um desertor (Just. 1.10.15-6). Ainda que Justino não insira, de fato, um discurso de Zópiro, apontando apenas os pontos que ele teria abordado, a passagem invoca a efetividade de sua *eloquentia*, aliada ao suposto testemunho de sua situação física. Dentre esses pontos está a possibilidade de que se considere absurda a ideia de que o rei teria sido escolhido a partir do comportamento de um cavalo:

[17] [I]á, [na Babilônia,] mostra o corpo mutilado ao povo, queixa-se da crueldade do rei, o qual, na disputa pelo reino, não pela virtude, mas por um auspício, não pelo julgamento dos homens, mas pelo relincho de um cavalo, teria sido coroado; [18] ordena-lhes que tomem o exemplo a partir do que estipulara aos amigos do que seria devido aos inimigos; [19] exorta-os a não confiarem mais nas muralhas do que no exército, e consintam a ele, com uma ira mais recente, gerar uma guerra comum. [20] A nobreza do homem e, igualmente, a virtude eram marcantes para todos: não temiam a palavra dada, cujas garantias tinham, por exemplo, as feridas do corpo e as marcas das injúrias<sup>166</sup> (Just. 1.10.17-20).

---

<sup>165</sup> [13] *Quamquam praeter formam uirtutemque hoc imperio dignam etiam cognatio Dario juncta cum pristinis regibus fuit.* [14] *Principio igitur regni, Cyri filiam in matrimonium recepit, regalibus nuptiis regnum firmaturus, ut non tam in extraneum translatum quam in familiam Cyri reuersum uideretur.*

<sup>166</sup> [17] *Ibi ostendit populo laniatum corpus, queritur crudelitatem regis, a quo in regni petitione non uirtute, sed auspicio, non iudicio hominum, sed hinnitu equi superatus sit;* [18] *iubet illos ex amicis exemplum capere, quid hostibus cauendum sit;* [19] *hortatur, ne moenibus magis quam armis confidant, patianturque se commune bellum recentiore ira gerere.* [20] *Nota nobilitas uiri pariter et uirtus omnibus erat, nec de fide timebant, cuius ueluti pignora uulnera corporis et iniuriae notas habebant.*

Embora o monumento da narrativa para a escolha do rei apresente-a como uma prova da virtude dos insurgentes, que confiam no favor divino, no discurso de Zópiro há um ponto de vista que foca na situação e não naqueles que se decidiram por ela. Claramente, o nobre persa oculta que a virtude parelha dos candidatos havia levado àquele julgamento dos homens. Ademais, a passagem ilustra o poder persuasivo de um *exemplum*, visto que o corpo mutilado de Zópiro, segundo seu discurso, apresenta-se como um na ocasião. Todavia, para os assírios, confiar no que o nobre persa representaria tem resultados desastrosos, já que ele, após receber o comando de seu exército e efetuar algumas manobras enganosas, entrega-o junto à cidade ao poder de Dario (Just. 1.10.21-2). Mais uma vez, podemos julgar a importância do ponto de vista para a interpretação do *exemplum*, pois, daquele privilegiado pela narrativa, Zópiro apresenta-se como alguém virtuoso, que mantém sua fidelidade ao rei escolhido, colocando o bem-estar de sua comunidade acima do seu, principalmente porque mutilações tão sérias, provavelmente, tornaram-se permanentes – além dos açoitos, cortam seu nariz, as orelhas e os lábios (Just. 1.10.15) –, e que obtém, com isso, resultados positivos. Contudo, o mesmo episódio poderia ser considerado pérfido, a partir de uma visão que contemplasse os assírios, após terem confiado em evidências convincentes.

Exemplo disso pode ser observado, mais à frente na narrativa, no caso de Pisístrato, comandante ateniense que obtém a tirania utilizando a mesma simulação de Zópiro. Destacamos o contraste entre seu uso para o bem da comunidade no caso deste, e para benefício próprio no episódio ateniense:

[6] [m]as Pisístrato, como se tivesse vencido [os megarenses] para si e não para a pátria, exerce a tirania por meio de um dolo: [7] o fato é que, disposto voluntariamente ao açoite dos escravos de sua casa, sai com o corpo lacerado em público. [8] Convocando uma assembleia, expõe as feridas ao povo, queixando-se da crueldade dos aristocratas, de quem simulava tê-las sofrido; [9] lágrimas acrescenta às palavras, e a multidão crédula é inflamada pelo discurso odioso: simula-se odiado pelo senado por amor ao vulgo. [10] Obtém auxílio das escoltas para proteção de seu corpo, por meio das quais, exercendo a tirania, reinou por trinta e quatro anos<sup>167</sup> (Just. 2.8.6-10).

---

<sup>167</sup> [6] *Sed Pisistratus, quasi sibi non patriae uicisset tyrannidem per dolum occupat.* [7] *Quippe, uoluntariis uerberibus domi adfectus lacerato corpore, in publicum egreditur,* [8] *aduocata contione, uulnera populo ostendit de crudelitate principum, a quibus haec se passum simulabat, queritur;* [9] *adduntur uocibus lacrimae et inuidiosa oratione multitudo credula accenditur: amore plebis inuisum se senatui simulat.* [10] *Obtinet ad custodiam corporis sui satellitum auxilium, per quos occupata tyrannide, per annos XXXIII regnauit.*

Assim, de nosso ponto de vista, pode-se considerar a possibilidade de dano causado pela *eloquentia*. Nos dois episódios, os discursos atingiriam ouvintes benevolentes, segundo o que se pode verificar na *Retórica a Herênio* (1.8), já que as personagens tê-los-iam baseado em suas próprias desgraças<sup>168</sup>, as quais estavam visíveis na ocasião. Soma-se a isso a autoridade, a qual, de acordo com Cícero (*Top.* 73), estaria ligada, principalmente, à virtude<sup>169</sup>, o que é claramente destacado no trecho que trata de Zópiro (Just. 1.10.20), por exemplo, em que o povo não questiona o que está sendo dito devido à virtude de quem fala. Neste caso, há um resultado positivo para os persas, e um negativo para os assírios que acreditaram nele, mas, no de Pisítrato, há apenas a reprimenda por seu desejo egoísta, o qual pode ser relacionado ao de Nino na abertura na narrativa (Just. 1.1.4), e as consequências das decisões do povo serão sentidas, principalmente, nos governos de seus descendentes, Diocles<sup>170</sup> e Hípias.

Voltando a Dario, após a retomada da Babilônia, o rei lança-se contra a Cítia, de modo que Justino inicia uma digressão para discutir os feitos do povo dali<sup>171</sup>. Com isso, a história do

<sup>168</sup> “Baseados em nossa pessoa, obteremos benevolência [...] também se declararmos nossas desvantagens, desgraças, desamparo, desventura e rogarmos que nos venham em auxílio, dizendo que não queremos depositar nossas esperanças em outrem.” (*Rhet. Her.* 1.8, trad. A. P. C. Faria e A. Seabra); *Ab nostra beniuolentiam contrahemus [...] item si nostra incommoda proferemus, inopiam, solitudinem, calamitatem; et si orabimus, ut nobis sint auxilio et simul ostendemos nos in aliis noluisse spem habere.*

<sup>169</sup> “Porém, não é nenhuma pessoa que está apta a dar testemunho; é necessário ter autoridade para dar fé de algo. Autoridade, porém, é coisa que o tempo ou a natureza dá. A autoridade natural está posta, sobretudo, na virtude; [mas] há muitas coisas no tempo que conferem autoridade; o talento, as riquezas, a idade, a sorte, a disciplina, a experiência, a necessidade e inclusive a colaboração de acontecimentos fortuitos. Há quem julgue talentosos, prósperos, provados pela vida e dignos aqueles a quem se dá crédito – talvez de maneira errada, mas aquilo que as pessoas acreditam quase nunca pode ser mudado, e tanto quem julga quanto que libera se orienta por isso. Quem se destaca nessas coisas que falei parece se destacar pela própria virtude.” (Cic., *Top.* 73, trad. G. C. dos Santos); *Persona autem non qualiscumque est testimoni pondus habet; ad fidem enim faciendam auctoritas quaeritur; sed auctoritatem aut natura aut tempus affert. Naturae auctoritas in uirtute inest maxima; in tempore autem multa sunt quae afferant auctoritatem: ingenium opes aetas fortuna ars usus necessitas, concursio etiam non numquam rerum fortuitarum. Nam et ingeniosos et opulentos et aetatis spatio probatos dignos quibus credatur putant; non recte fortasse, sed uulgi opinio mutari uix potest ad eamque omnia dirigunt et qui iudicant et qui existimant. Qui enim rebus his quas dixi excellunt, ipsa uirtute uidentur excellere.*

<sup>170</sup> Diocles é chamado de Hiparco em outros autores.

<sup>171</sup> Assim como ocorre mais à frente com os atenienses, os citas são considerados admiráveis já por sua origem e costumes, embora estes se sobressaíam em relação àqueles: “[14] [e]m suma, vejamos o quanto isto parece admirável: que a natureza lhes dê aquilo que os gregos, com a longa sabedoria dos sensatos e a instrução dos filósofos, não são capazes de alcançar, e que os costumes cultos, em comparação, sejam superados pela inculta barbárie. [15] A ignorância dos vícios é tão mais útil àqueles que o conhecimento da virtude para esses!” (Just. 2.2.14-5); [14] *Prorsus ut admirabile uideatur hoc illis naturam dare quod Graeci longa sapientium doctrina praeceptisque philosophorum consequi nequeunt, cultosque mores incultae barbariae conlatione superari.* [15]

rei persa passa a um segundo plano, sendo elencado de passagem como um dos líderes militares que teriam sido admiravelmente vencidos pelos citas<sup>172</sup> (Just. 2.3.2-4). Embora mais à frente seja apontado que a perda de oitenta mil homens não seria significativa em relação aos setecentos mil que levara para a guerra, Dario teria escapado assustado (*metuens; trepidus refugit*) (Just. 2.5.10-1), o que, dado o tamanho de seu exército, justifica que se tenha utilizado “vergonhosa fuga” (*turpi fuga*; Just. 2.3.2) para sua derrota. De toda forma, tendo falhado na Cítia, Dario ataca com sucesso outros povos, até voltar suas forças contra os atenienses (Just. 2.5.13) – assim como fizera com os citas, a invasão permitirá que Justino rememore as origens atenienses, pois estes também obtêm grandes resultados em seus esforços de defesa.

Há, então, diversos episódios menores em que se constroem *exempla*, como o rei Codro, que se sacrifica pelo bem de seu povo (Just. 2.6.16-21); Sólon, responsável pelas leis atenienses (Just. 2.7.4-12); o já citado Pisístrato, vencedor dos megarenses e tirano (Just. 2.8); e o assassino não nomeado de Diocles, que, tendo desafiado Hípias<sup>173</sup>, é capaz de lembrar os atenienses da liberdade (Just. 2.9.1-6).

O abreviador fará com que a curva formada pela digressão da gênese ateniense encontre-se com o assunto em que a narrativa de Dario havia sido deixada com a expulsão de Hípias, que se junta ao rei persa contra sua pátria (Just. 2.9.6-7). Novamente, assim como ocorre contra os citas, o foco estará nos feitos atenienses durante a batalha de Maratona (Just. 2.9.8-19), com destaque, por exemplo, à figura de Cinegiro, soldado que perde as duas mãos e resiste até o fim com os dentes para impedir que parte dos persas se retirasse da batalha (Just. 2.9.15-9). Nesse contexto, Hípias torna-se um monumento que demarca as consequências do ato de traição à pátria:

---

*Tanto plus in illis proficit uitiorum ignoratio quam in his cognitio uirtutis!* Adicionalmente, as amazonas são apresentadas como descendentes dos citas, de modo que “[...] igualados em virtude, [...] fossem vistos tendo mulheres não mais fracas que os homens.” (Just. 2.4.27); [...] *adsecutasque uirtute, ne segniores uiris feminas habere Scythae uiderentur.*

<sup>172</sup> Ao lado de Ciro I e Zopirião, comandante de Alexandre, o Grande.

<sup>173</sup> O episódio em Justino junta as figuras de Harmódio e Aristógito em uma só pessoa, se o compararmos à versão de Tucídides, por exemplo. Segundo esta, Hiparco, após ter suas investidas amorosas recusadas por Harmódio, teria ofendido a irmã dele, resultando em que este se juntasse a seu amante, Aristógito, para derrubar o tirano. Harmódio morre durante o ataque que culmina no assassinato de Hiparco, mas Aristógito é preso por Hípias (Thuc. 6.55-60). Chama a atenção que alguém que tenha suportado a tortura e ainda a usado para alcançar seus objetivos – ato apresentado como admirável – não seja sequer nomeado na narrativa do *Epítome* (Just. 2.9.3-5), mas se pode considerar que esse seja um daqueles episódios em que a alusão já seria suficiente para que o leitor saiba de quem se trata.

[20] [o]s persas perderam duzentos mil homens em combate ou em naufrágio. [21] Hípias, tirano ateniense, sendo o responsável e provocador dessa guerra, foi abatido, com os deuses vingadores compensando as penas da pátria<sup>174</sup> (Just. 2.9.20-1).

Já Dario morre durante a organização de uma nova ofensiva contra os atenienses (Just. 2.10.1). Ainda que, ao longo de sua biografia, Justino indique brevemente que o rei persa teria submetido a Ásia e a Macedônia a seu poder e vencido os jônios em combate naval (Just. 2.5.12), suas derrotas têm mais destaque na narrativa por terem ocorrido para povos considerados admiráveis – os citas e os atenienses. Por comparação, isso pode colocar esses fracassos militares em perspectiva, já que, ao menos, o rei perde para povos valorosos, mas também faz com que, de certo modo, a figura de Dario fique, constantemente, em segundo plano, pois, mesmo que se destaque sua virtude ao assumir o governo persa, o rei não é ilustre por si só no *Epítome*: o plano para derrubar os magos não parte dele e seu nome nem, ao menos, é citado ao longo de sua execução; sua subida ao trono depende da ajuda de seu cavaliço, e a retomada da Babilônia, das ações de Zópiro.

Também podemos citar que, em outra passagem, quando se indica que o rei teria buscado reverter sua fama de desgraçado após perder a guerra contra os citas, aqueles que ocupam, de fato, o centro da narrativa são seus subordinados Magabaso e, principalmente, Bubares, enviados por Dario para atacar a Trácia e os reinos vizinhos (Just. 7.3).

Sua construção mostra-se, então, como um claro contraste com o que aparece, por exemplo, em Valério Máximo: enquanto Justino salienta a coragem de Gobrias, que se abraça a um dos magos e não objeta ser atravessado por um de seus companheiros para que um inimigo fosse morto (Just. 1.9.22-3), em Valério Máximo, esse ato é de Dario (V. Max. 3.2 *ext.* 2). Além disso, em sua versão, dá-se a entender que Dario teria tomado a frente no ataque contra os magos e na decisão sobre a escolha do novo governante a partir do relincho do cavalo (V. Max. 7.2 *ext.* 2).

Obviamente, a diferença de perspectiva do *Epítome* pode ter sido influenciada pela versão apresentada por Trogo, em oposição àquelas consultadas por Valério Máximo, mas, mesmo assim, consideramos que o caso de Dario ilustra que a grandeza de um nome, central em sua soberania, pode estar atrelada e ser usada como um contexto para ampliar as ações daqueles que o cercam e/ou se opõem a ele. Por conseguinte, nesse caso, a suposta biografia

---

<sup>174</sup> [20] *Ducenta milia Persae eo proelio siue naufragio amisere.* [21] *Cecidit et Hippias, tyrannus Atheniensis, auctor et concitor eius belli, diis patriae ultoribus poenas repetentibus.*

de Dario move a narrativa, mas não é necessariamente dela, em específico, que são retirados *exempla* expressivos.

### 3.1.4 Xerxes I e Demarato

Com a morte de Dario I, disputam o trono da Pérsia seus filhos, Ariamenes e Xerxes, gerados de mães diferentes. O primeiro esperava receber o reino por ser o mais velho, conforme o “[...] direito que a ordem de nascimento e a própria natureza sentenciou às gentes”<sup>175</sup> (Just. 2.10.2). Contudo, contrariando a expectativa, Xerxes apresentava uma “questão controversa” (*controuersiam*), pois indicava que a herança deveria ser de acordo com a condição que o pai tinha quando haviam nascido, e sua vantagem, nesse caso, era acrescida pelo fato de que ele também era descendente de Ciro, a partir de sua mãe:

[3] [a]lém disso, Xerxes apresentava uma questão controversa, pautando-se não pela ordem, mas pela ventura do nascimento; [4] de fato, Ariamenes era o primeiro filho de Dario, é verdade, mas nascido de um mero cidadão; ele era o primeiro nascido do rei. [5] E seus irmãos, que foram antes gerados, poderiam reivindicar para si a herança de um mero cidadão, que Dario teria tido naquele tempo, não o reino; seria ele o primeiro que o pai, já rei, teve em seu reino. [6] A este ponto, ajuntar-se-ia que Ariamenes não seria só de pai, mas ainda de mãe com condição de mera cidadã, e, do mesmo modo, de avô materno mero cidadão; [7] quanto a si, nascido de uma rainha, não vira o pai senão como rei, também teria como avô materno Ciro, do mesmo modo, rei, não um herdeiro, mas o fundador de tamanho reino. [8] Assim, ainda que o pai tivesse deixado os dois irmãos com igual direito, ele, todavia, venceria pelo direito de mãe e avô<sup>176</sup> (Just. 2.10.3-8).

Como discutiremos mais à frente, de modo geral, Justino apresenta Xerxes sob uma ótica negativa, mas, nessa passagem, o futuro rei constrói-se como alguém que provavelmente dominaria a *eloquentia*. Comparativamente, em Heródoto, por exemplo, parte dos argumentos de Xerxes são conselhos de Demarato, rei dos lacedemônios, que fora exilado para a corte de

<sup>175</sup> [...] *quod ius et ordo nascendi et natura ipsa gentibus dedit.*

<sup>176</sup> [3] *Porro Xerses controuersiam non de ordine, sed de nascendi felicitate referebat; [4] nam Ariamenes primum quidem Dario, sed priuato prouenisse; se regi primum natum. [5] Fratres itaque suos, qui ante geniti essent, priuatum patrimonium, quod eo tempore Darius habuisset, non regnum uindicare sibi posse; se esse, quem primum in regno iam rex pater sustulerit. [6] Huc accedere quod Ariamenes non patre tantum, sed et matre priuatae adhuc fortunae, auo quoque materno priuato procreatus sit; [7] se uero et matre regina natum et patrem non nisi regem uidisse, auum quoque maternum Cyrum se regem habuisse, non heredem, sed conditorem tanti regni. [8] Ita etsi in aequo iure utrumque fratrem pater reliquisset, materno tamen se iure et auito uincere.*

Dario e que afirma que esses eram costumes de sua nação<sup>177</sup>. Ademais, enquanto, em Heródoto, a decisão parte de Dario ainda em vida, no *Epítome*, os irmãos, em harmonia, concordam em submeter a questão, como a um *paterfamilias*, a seu tio paterno, o qual, por fim, escolhe Xerxes (Just. 2.10.9-10). Justino, então, demarca como a disputa havia sido amigável, situação que poderia ser comparável àquela de Dario e seus companheiros:

[...] a contenda foi a tal ponto fraterna, que o vencedor não teria sido insolente, nem o vencido teria lamentado, e, espontaneamente, no tempo do litígio, teriam enviado presentes um ao outro e até oferecido, mutuamente, agradáveis banquetes diplomáticos, e, do mesmo modo, a própria decisão teria ocorrido sem testemunhas e sem queixa. [11] Naquele momento, dividiam entre si os mais vastos impérios, irmãos tão mais moderados do que agora, que pequenos patrimônios são repartidos<sup>178</sup> (Just. 2.10.10-1).

<sup>177</sup> “Como não eram filhos da mesma mãe, disputavam a sucessão, julgando-se Artobazanes com direito à coroa por ser o mais velho de todos, segundo a praxe aceita em toda parte. Xerxes, por sua vez reivindicava para si esse direito, apoiando-se no fato de ser Atossa, sua mãe, filha de Ciro, a quem os Persas deviam a liberdade de que gozavam.

III - Dario ainda não se havia pronunciado acerca dessa questão, quando chegou a Susa Demarato, filho de Aríston, que havia fugido da Lacedemônia, depois de ter sido despojado dos seus Estados. Tendo sabido da pendência existente entre os filhos de Dario, aconselhou Xerxes a acrescentar às razões já apresentadas, o fato de haver nascido depois da subida do pai ao trono, enquanto que Artobazanes nascera quando Dario era ainda um simples cidadão, não sendo, por conseguinte, justo nem natural aceitar este último em lugar dele, Xerxes. Demarato acrescentou que era esse o costume seguido em Esparta; que quando um filho nascia depois de haver o pai subido ao trono, sucedia-o no poder, mesmo que o pai tivesse tido outros antes de ter assumido o poder. Aceitando o conselho de Demarato, Xerxes expôs ao pai as razões por ele sugeridas. Dario achou-as justas e nomeou-o seu sucessor. Acho, porém, que Xerxes teria reinado de qualquer maneira, pois Atossa contava com todo poder para isso.” (Hdt. 7.2-3, trad. J. Brito Broca); [3] ὁ μὲν Ἄρτοβαζάνης κατότι πρεσβύτατός τε εἶη παντὸς τοῦ γόνου καὶ ὅτι νομιζόμενον εἶη πρὸς πάντων ἀνθρώπων τὸν πρεσβύτατον τὴν ἀρχὴν ἔχειν, Ξέρξης δὲ ὡς Ἀτόσσης τε παῖς εἶη τῆς Κύρου θυγατρὸς καὶ ὅτι Κύρος εἶη ὁ κτησάμενος τοῖσι Πέρσησι τὴν ἐλευθερίην. [7.3.1] Δαρείου δὲ οὐκ ἀποδεικνυμένου κω γνώμην, ἐτύγγανε κατὰ τὸ αὐτὸ τούτοις καὶ Δημάρητος ὁ Ἀρίστωνος ἀναβεβηκῶς ἐς Σοῦσα, ἐστερημένος τε τῆς ἐν Σπάρτῃ βασιληΐας καὶ φυγὴν ἐπιβαλὼν ἑωυτῷ ἐκ Λακεδαίμονος. [2] οὗτος ὠνήρ πυθόμενος τῶν Δαρείου παίδων τὴν διαφορὴν, ἐλθὼν, ὡς ἡ φάτις μιν ἔχει, Ξέρξη συνεβούλευε λέγειν πρὸς τοῖσι ἔλεγε ἔπει, ὡς αὐτὸς μὲν γένοιτο Δαρείῳ ἤδη βασιλεύοντι καὶ ἔχοντι τὸ Περσέων κράτος, Ἄρτοβαζάνης δὲ ἔτι ιδιώτῃ ἐόντι Δαρείῳ: [3] οὐκὼν οὔτε οἶκος εἶη οὔτε δίκαιον ἄλλον τινὰ τὸ γέρας ἔχειν πρὸ ἑωυτοῦ· ἐπεὶ γε καὶ ἐν Σπάρτῃ ἔφη ὁ Δημάρητος ὑποτιθέμενος οὕτω νομίζεσθαι, ἢν οἱ μὲν προγεγονότες ἔωσι πρὶν ἢ τὸν πατέρα σφέων βασιλεύσαι, ὁ δὲ βασιλεύοντι ὀπίγονος ἐπιγένηται, τοῦ ἐπιγενομένου τὴν ἐκδεξίν τῆς βασιληΐας γίνεσθαι. [4] χρησαμένου δὲ Ξέρξεω τῇ Δημαρήτου ὑποθήκῃ, γνοὺς ὁ Δαρείος ὡς λέγοι δίκαια βασιλέα μιν ἀπέδεξε. δοκέειν δὲ μοι, καὶ ἄνευ ταύτης τῆς ὑποθήκης βασιλεύσαι ἂν Ξέρξης: ἡ γὰρ Ἄτοσσα εἶχε τὸ πᾶν κράτος. (Hdt. 7.2.3-7.3).

<sup>178</sup> [...] *adeoque fraterna contentio fuit, ut nec uictor insultauerit nec uictus doluerit ipsoque litis tempore munera inuicem miserint, iucunda quoque inter se, non solum credula conuiuia habuerint, iudicium quoque ipsum sine arbitris, sine conuitio fuerit.* [11] *Tanto moderatius tunc fratres inter se maxima regna diuidebant, quam nunc exigua patrimonia partiuntur.*

A diferença tanto das personagens que participam do episódio como do modo de sua apresentação quanto à decisão – ainda que possa derivar da fonte consultada – funciona para destacar a virtude dos envolvidos. Para Heródoto, era óbvio que o trono viria a Xerxes (Hdt. 7.3); em Justino, parece haver igual possibilidade para os que o disputam, e a concordância dos irmãos é digna de louvor por sua moderação em acatar a escolha de seu tio. De qualquer modo, embora Demarato não esteja envolvido nessa decisão, aparecerá na narrativa do *Epítome* logo a seguir.

Já rei, Xerxes dedicar-se-á, durante cinco anos, a continuar a preparação, já iniciada por seu pai, da guerra contra a Grécia, tempo suficiente para que o exilado rei espartano avisasse aos de sua pátria. De nosso ponto de vista, destaca-se a *pietas* de Demarato, a qual será aliada à *uafritia* para que pudesse alertar seus conterrâneos:

[...] quando, primeiramente, Demarato, rei dos lacedemônios, que vivia no exílio junto a Xerxes, compreendeu, mais amigo de sua pátria após a fuga do que do rei após os benefícios, para que não fossem esmagados por uma guerra inesperada, escreve tudo em tabuinhas de madeira aos magistrados e as apaga com cera derramada por cima, [14] para que a escrita sem a cobertura não decretasse sua sentença, ou a cera recente revelasse o dolo. Logo, entrega-as a um servo fiel para levá-las até lá, com ordem de entregar aos magistrados dos espartanos. [15] Após terem sido levadas, por longo tempo esteve o assunto em investigação na Lacedemônia, pois não viam nada escrito, nem supunham terem sido enviadas sem finalidade e pensavam ser o assunto tão mais importante quanto mais oculto estivesse. [16] Estando os homens entretidos em conjectura, a irmã do rei Leônidas descobriu o plano do remetente. [17] Tendo raspado, então, a cera, os planos de guerra são descobertos<sup>179</sup> (Just. 2.10.13-7).

Este episódio também aparece, com algumas diferenças de detalhes, em Heródoto, mas o julgamento do narrador é claramente diferente: “[s]e Demarato assim agiu para proteger ou para insultar os Lacedemônios, é o que não posso afirmar, porquanto acredito que ele não estava bem intencionado com relação a eles.”<sup>180</sup> (Hdt. 239, trad. J. B. Broca). Por conseguinte, o rei exilado tem qualidades, segundo a narrativa do historiador grego (Hdt. 70),

<sup>179</sup> [13] *Quod ubi primum didicit Demaratus, rex Lacedaemoniorum, qui apud Xerxen exulabat, amicior patriae post fugam, quam regi post beneficia, ne inopinato bello opprimerentur omnia in tabellis ligneis magistratibus perscribit easdemque cera superinducta delet, [14] ne aut scriptura sine tegmine iudicium daret aut recens cera dolum proderet, fido deinde seruo perferendas tradit iusso magistratibus Spartanorum tradere. [15] Quibus perlatis, Lacedaemone quaestioni res diu fuit, quod neque scriptum aliquid uiderent nec frustra missas suspicarentur, tantoque rem maiorem, quanto esset occultior putabant. [16] Haerentibus in coniectura uiris, soror regis Leonidae consilium scribentis inuenit. [17] Erasa igitur cera, belli consilia deteguntur.*

<sup>180</sup> καὶ τὸ οἶκός ἐμοὶ συμμάχεται, οὐκ ἦν εὖνοος Λακεδαιμονίοισι, πάρεστι δὲ εἰκάζειν εἴτε εὐνοίη ταῦτα ἐποίησε εἴτε καὶ καταχάριων.



mas sua atitude nessa passagem é questionável quanto a suas intenções. Já, em Justino, sua ação não parece aberta a muitas interpretações, pois destaca-se sua *fides* à pátria em detrimento de ter sido bem recebido na Pérsia<sup>181</sup>, o que se sustenta no contexto, a nosso ver, pois o autor não faz menção à motivação de o rei ter sido exilado, a qual, em Heródoto, é apresentada como uma intriga digna de ser vingada (Hdt. 70 e 72), o que justifica, ali, em contraposição, o caráter dúbio de sua decisão e o julgamento do historiador.

No *Epítome*, semelhante ao que fizera Harpago para se comunicar com Ciro<sup>182</sup> (Just. 1.5.10) e igual ao que Amílcar Ródano faz para informar os cartagineses dos planos de Alexandre, o Grande (Just. 11.6.6), Demarato usa um subterfúgio para que seu aviso chegue à Lacedemônia em segurança. Essa ação poderia ser ligada à *sapientia*, dada a consciência da necessidade de se burlar algum interceptador, todavia, como há um elemento de engodo, relacionamo-la à *uafritia*, a qual, segundo Teresa Morgan (2007, p. 147, em Valério Máximo, estaria sempre ligada a uma ideia de engano<sup>183</sup>. Assim, lê-se em Valério Máximo:

há um outro tipo de feitos e ditos que, por uma diferença, move-se da sabedoria (*sapientia*) para o que se chama de sagacidade (*uafritiae*). Esse não toma forças senão do engano, procura não o fim do que foi proposto e chega ao louvor mais por um atalho do que por uma via aberta<sup>184</sup> (V. Max. 7.3).

Logo, consideramos que a diferença entre os dois conceitos estaria naquela entre a inteligência e a astúcia, esta que caracteriza, por exemplo, o Ulisses homérico. Com isso, a *pietas* move Demarato, e é por meio de sua *uafritia* que ele, ao esconder sua mensagem com cera, contribui para que a Grécia esteja mais bem preparada para a chegada do rei persa. Contudo, apesar de sua ampla atuação na versão de Heródoto, a presença do rei exilado limita-se a esse episódio no *Epítome*.

<sup>181</sup> Comparativamente, no trecho 7.237 de Heródoto, Xerxes defende que Demarato respeitaria as regras da hospitalidade: “[m]as um hóspede deve sempre encarar com simpatia a prosperidade do amigo que o acolhe, e se este o consulta, ele não lhe dará senão bons conselhos. Demarato é meu hóspede, e quero que de ora em diante se abstenham de falar mal dele.” (Trad. J. B. Broca); [3] ξείνος δὲ ξείνῳ εὖ πρήσσοντι ἐστὶ εὐμενέστατον πάντων, συμβουλευομένου τε ἂν συμβουλευοίη τὰ ἄριστα. οὕτω ὧν κακολογίης τῆς ἐς Δημάρητον, ἐόντος ἐμοὶ ξείνου πέρι, ἔχεσθαι τινὰ τοῦ λοιποῦ κελεύω.” (Hdt. 7.237.3).

<sup>182</sup> No episódio, contudo, Harpago introduz a mensagem em uma lebre estripada.

<sup>183</sup> Em inglês, “[...] is always deceitful” (Morgan, 2007, p. 147).

<sup>184</sup> *Est aliud factorum dictorumque genus, a sapientia proximo deflexu ad uafritiae nomen progressum, quod, nisi fallacia uires adsumpsit, finem propositi non inuenit laudemque occulto magis tramite quam aperta uia petit.*

Após a descoberta da mensagem de Demarato pelos lacedemônios, Justino passa a abordar o tamanho do exército de Xerxes:

[18] [j]á Xerxes armara setecentos mil homens do império e trezentos mil das tropas auxiliares, [19] de maneira que não injustamente tenha sido relatado que os rios foram secados pelo exército dele, e, com custo, tenha toda a Grécia podido conter o exército dele. [20] Diz-se, do mesmo modo, que tinha mil e duzentos navios. [21] Faltou um comandante a esse exército tão grande em marcha. De resto, se observasses o rei, exaltarias não o comandante, mas seus bens; [22] tamanha abundância houve no império dele que, ainda que os rios fossem esgotados pela multidão, as riquezas reais, todavia, perdurariam. [23] No entanto, Xerxes foi sempre visto como o primeiro na fuga, o último na batalha, tímido no perigo e pretensioso onde quer que o medo estivesse afastado; [24] enfim, com confiança nas suas forças militares antes da experiência da guerra, como se senhor da própria natureza, reduzia montes ao plano, nivelava vales íngremes, pavimentava alguns mares com pontes e outros direcionava oportunamente para proveito às suas navegações.

[11, 1] Sua entrada na Grécia foi tão terrível quanto sua retirada, infame e indigna<sup>185</sup> (Just. 2.10.18-24 e 11.1).

Cria-se um contraste entre o tamanho de seu poderio – militar e financeiro – e a capacidade de comandar de Xerxes, que ainda não fora testado em guerra. De certo modo, o rei é apresentado como excessivo, até arrogante, principalmente no trecho “[...] com confiança nas suas forças militares antes da experiência da guerra, como se senhor da própria natureza, [...]” (Just. 2.10.24). Justino deixa claro que, apesar da confiança do rei, os resultados de sua empreitada serão desastrosos devido à falta de seu treinamento de guerra. Em Valério Máximo, a disciplina militar ocupa uma seção específica, sendo apresentada como uma honra de importância para a glória romana:

[c]hego agora à principal honra e ao fundamento da soberania romana, conservado incólume e puro, até este tempo, com benéfica perseverança, o

---

<sup>185</sup> [18] *Iam Xerxes septingenta milia de regno armauerat et trecenta milia de auxiliis*, [19] *ut non inmerito proditum sit flumina ab exercitu eius siccata Graeciamque omnem uix capere exercitum eius potuisse*. [20] *Naues quoque mille ducentas numero habuisse dicitur*. [21] *Huic tanto agmini dux defuit. Ceterum si regem spectes diuitias, non duces laudes*; [22] *quarum tanta copia in regno eius fuit ut, cum flumina multitudine consumerentur opes tamen regiae superessent*. [23] *Ipse autem primus in fuga, postremus in proelio semper uisus est, in periculis timidus sicubi metus abesset, inflatus*; [24] *denique ante experimentum belli fiducia uirium ueluti naturae ipsius dominus et montes in planum deducebat et conuexa uallium aequabat et quaedam maria pontibus sternebat, quaedam ad nauigationis commodum per conpendium ducebat*.  
[11, 1] *Cuius introitus in Graeciam quam terribilis tam turpis ac foedus discessus fuit*.

vínculo mais tenaz da disciplina militar, em cujo seio e tutela repousa serena e tranquila a situação de feliz paz<sup>186</sup> (V. Max. 2.7 *pr.*)

É coerente que tal conceito seja destacado quando se considera uma nação belicosa como a romana, assim como sua falta seja salientada em um texto que se organiza como uma narrativa exemplar. A condição de Xerxes como rei pôde ser assegurada por sua linhagem, pelo acaso de seu nascimento, por sua possível *eloquentia* e pela virtude de seu irmão em o aceitar, mas a disciplina militar seria algo exterior, comprovado pela experiência. Alexandre, o Grande, por exemplo, um dos maiores líderes militares da narrativa, começará sua prática como soldado, acompanhando seu pai (Just. 9.1.8), o que lhe permite adquirir a disciplina militar antes de se tornar rei, cuidado que Justino não indica ocorrer com Xerxes. Adicionalmente, a posição deste enquanto comandante aparenta ser ainda mais delicada com o paralelo que pode ser traçado em relação àqueles com que se baterá em guerra – Leônidas e Temístocles –, os quais estão muito mais confortáveis e são mais efetivos em suas lideranças, conforme veremos na subseção a seguir. Pela construção do trecho – “[f]altou um comandante a esse exército tão grande em marcha” (Just. 2.10.21) –, mostra-se que, na verdade, Xerxes sequer assumiu o comando de seu exército, o que é congruente com sua construção no *Epítome*.

Somada a essa deficiência – e talvez motivo para ela – está a falta de *fortitudo* do rei, como já destacado em Just. 2.10.23. A ideia de que Xerxes seria um covarde é reiterada continuamente ao longo de sua história. Exemplo é que, enquanto se desenrola o combate naval em Salamina:

[...] o rei, como um espectador do combate, permanece no litoral com parte das naus. [23] No entanto, Artemisia, rainha de Halicarnasso, que viera em auxílio de Xerxes, animava mais encarniçadamente a guerra entre os principais comandantes. [24] Certamente, assim como o temor feminino em um homem, também poderias reconhecer a audácia masculina em uma mulher<sup>187</sup> (Just. 2.12.22-4).

<sup>186</sup> *Venio nunc ad praecipuum decus et ad stabilimentum Romani imperii, salutari perseuerantia ad hoc tempus sincerum et incolume seruatum, militaris disciplinae tenacissimum uinculum, in cuius sinu ac tutela serenus tranquillisque beatae pacis status adquiescit.*

<sup>187</sup> [22] *Interea rex uelut spectator pugnae cum parte nauium in litore remanet.* [23] *Artemisia autem, regina Halicarnasi, quae in auxilium Xerxi uenerat, inter primores duces bellum acerrime ciebat,* [24] *quippe ut in uiro muliebrem timorem, ita in muliere uirilem audaciam cerneret.*

A comparação não só retoma a questão dos papéis esperados do feminino e do masculino<sup>188</sup>, como intensifica o quanto Xerxes era temeroso, já que, de acordo com Cícero:

70. [a] força da comparação é percebida assim: a causa eficiente é mais intensa do que a não eficiente; aquilo que se basta por si mesmo é melhor do que aquilo que não dispensa estímulo externo; aquilo que está em nosso poder se sobressai àquilo que está em poder alheio; o que é estável ao que é incerto; o que não pode ser perdido ao que pode<sup>189</sup> (Cic., *Top.* 70).

Como há uma clara inversão de papéis na passagem, quando o comparante é uma mulher que assume a frente na batalha, Xerxes é colocado em uma posição óbvia de vício. Tal característica será ainda apontada com a vitória do inimigo, pois o rei será levado a fugir da Grécia:

[7] como [Temístocles] não pudesse convencer os outros com o plano, envia o mesmo servo a Xerxes, informa-o a respeito do plano e ordena ocupar a passagem em uma fuga apressada. [8] Ele, abalado com a mensagem, entrega os soldados para serem conduzidos até o destino pelos comandantes; ele mesmo, com poucos, atravessa para Abidos. [9] Ali, como tivesse encontrado a ponte rompida pelas tempestades de inverno, apressado, atravessou em uma canoa de pesca. [10] O fato era propício à contemplação e à avaliação da sorte humana: ver, pela espantosa inconstância dos fatos, escondido em uma pequena embarcação, sem um só servo para o assistir, a quem, pouco antes, todo o mar mal continha, cujos exércitos, por sua vastidão, pesavam sobre a terra<sup>190</sup> (Just. 2.13.7-10).

As condições de sua retirada tornam-se, na narrativa, ocasião para uma reflexão sobre a variabilidade da sorte humana, a qual, a nosso ver, pode ser indicada como uma constante no *Epítome*, já que tanto Semíramis como Ciro II, por exemplo, são lançados rapidamente da glória da conquista à morte abjeta a partir de suas decisões individuais. No caso de Xerxes, consideramos também ser possível traçar uma linha de causa e consequência entre suas ações e sua sorte. Sua derrota nas Termópilas é fruto de seu desprezo pelo pequeno número de

<sup>188</sup> Conforme já discutimos na subseção 3.1.1.

<sup>189</sup> 70. *Vis autem in comparatione sic cernitur: efficiens causa grauior quam non efficiens; quae se ipsis contenta sunt meliora quam quae egent aliis; quae in nostra quam quae in aliorum potestate sunt; stabilia incertis; quae eripi non possunt eis quae possunt.*

<sup>190</sup> [7] *cum uincere consilio ceteros non posset, eundem seruum ad Xerxen mittit certioeremque consilii facit et occupare transitum maturata fuga iubet.* [8] *Ille percussus nuntio tradit ducibus milites perducendos; ipse cum paucis Abydum contendit.* [9] *Vbi cum solutum pontem hibernis tempestatibus offendisset, piscatoria scapha trepidus traiecit.* [10] *Erat res spectaculo digna et aestimatione sortis humanae, rerum uarietate miranda in exiguo latentem uidere nauigio, quem paulo ante uix aequor omne capiebat, carentem omni etiam seruorum ministerio, cuius exercitus propter multitudinem terris graues erant.*

espartanos, o que faz com que envie para lutar aqueles que perderam parentes na batalha de Maratona. Estes são apresentados como o “início da ruína” (*principium cladis*), sendo substituídos por soldados ineptos (*inutili turba*), que também serão massacrados (Just. 2.11.2-3).

Em mar, permanece na costa, longe de suas tropas (Just. 2.12.22), o que contrasta com outros grandes comandantes apresentados no *Epítome* – como Alexandre, o Grande, que estará sempre onde a batalha é mais renhida (Just. 11.14.5). Na fuga, abandona seu exército a seus comandantes (Just. 2.12.8); em oposição, Dario III, por exemplo, recusar-se-á a fechar a via de fuga que o colocaria em segurança após uma derrota (Just. 11.14.4). Conseqüentemente, ainda que, por fim, Dario morra, sua memória é gloriosa – como veremos em outra subseção –, ao contrário do que ocorre com Xerxes.

Mesmo em relação às suas decisões, Xerxes é apresentado como alguém sem firmeza. A guerra contra a Grécia é a continuidade das ações de seu pai, enquanto sua retirada é primeiramente sugerida por Mardônio, um de seus comandantes<sup>191</sup> (Just. 13.1-5). Adicionalmente, tanto o ataque no estreito de Salamina (Just. 2.12.19-21) como até o modo de sua fuga (Just. 2.12.7) são orquestrados por Temístocles, líder inimigo, que o manipula por meio de um escravizado que lhe leva mensagens enganosas.

Justino indica uma ligação entre uma predestinação do rei e seus resultados ao apontar que Mardônio – deixado pelo rei na Grécia conforme lhe havia sido proposto – obtivera os mesmos frutos para suas ofensivas contra os atenienses: “[5] [m]as a fortuna do rei não mudou com o comandante; com efeito, vencido, Mardônio fugiu com poucos, como se de um naufrágio”<sup>192</sup> (Just. 2.14.5).

É digno de nota que o abreviador apresente explicitamente a *fortuna* como um elemento determinante para os feitos de Xerxes, quando, ao contrário do que ocorrera, por exemplo, na apresentação de Ciro II (e como acontece com outros líderes), a história do rei persa não é acompanhada, na narrativa, de presságios. O mais próximo de um ocorre em sua falta em relação à *pietas* ao atacar o templo de Apolo em Delos (Just. 2.12.8-10), ação que é sempre considerada condenável ao longo do *Epítome* e é logo castigada pelos deuses para

<sup>191</sup> Mardônio tenta evitar que a fama dos resultados negativos do rei chegue ampliada à pátria, provocando uma revolta. Em oposição, Xerxes estaria “abalado por essa derrota e indeciso quanto a um plano [...]” (Just. 2.13.1); [13, 1] *Hac clade perculsum et dubium consilii Xerxen [...]*.

<sup>192</sup> [5] *Sed fortuna regis cum duce mutata non est; nam uictus Mardonius ueluti ex naufragio cum paucis profugit.*

demonstrar o “[...] quão nulas eram as forças dos homens contra os deuses”<sup>193</sup> (Just. 2.12.10). De qualquer forma, uma predestinação não necessariamente evita que uma personagem seja alvo da variabilidade da sorte, já que Ciro fora anunciado a seu avô como alguém ilustre (Just. 1.4.1-3) e, embora tenha alcançado, de fato, a glória, acaba sendo massacrado por Tamires (Just. 1.8.8-13).

Essa vulnerabilidade à variação da sorte faz com que, para Valério Máximo, seja salutar a observação de *exempla* afetados por ela de maneira que se chegue a uma reflexão e a uma atitude mais positiva diante dos infortúnios:

[m]uito pode ser adicionado ao ânimo e à confiança dos homens e ser retirado da ansiedade por meio de uma reconhecida mudança nos costumes e nas fortunas de homens notórios, se ou a observamos em nossas próprias condições ou nos caracteres de nossos vizinhos. Com efeito, se, contemplando as fortunas dos outros, vemos a notoriedade emergir de uma condição abjeta e deplorável, o que nos impediria, com razão, de pensarmos sempre nessa mesma melhoria quanto a nós? Estejamos cientes de que é estúpido se condenar a uma infelicidade perpétua e transformar em desespero a esperança, a qual, embora seja, com razão, incerta, se conserva, entretanto, certa<sup>194</sup> (V. Max. 6.9 *pr.*).

A partir disso, a construção de Xerxes revela, a nosso ver, que, ainda que alguém tenha condições privilegiadas, precisa atentar-se sempre à possibilidade de um revés, já que essas não necessariamente são garantias de sucesso. O rei, que fora descrito como alguém que se apresentava como “senhor da própria natureza” (*naturae ipsius dominus*), por poder pavimentar mares e aplinar montes (Just. 2.10.24), é reduzido à necessidade de fuga em um pequeno barco. Ademais, como as pontes que construíra haviam sido destruídas pelas intempéries, abandona seu exército a seus comandantes, reforçando que é sempre aquele que primeiro se afasta do perigo sem pensar no coletivo. De fato, seu exército é posto em situação agonizante, visto que Xerxes, em sua arrogância inicial, não fora capaz de prever uma rota de fuga eficiente, caso fosse necessário:

---

<sup>193</sup> [...] *ut intellegeret quam nullae essent hominum aduersum deos uires.*

<sup>194</sup> *Multum animis hominum et fiduciae adicere et sollicitudinis detrahare potest morum ac fortunae in claris uiris recognita mutatio, siue nostros status siue proximorum ingenia contemplerur: nam cum aliorum fortunas spectando ex condicione abiecta atque contempta emersisse claritatem uideamus, quid aberit quin et ipsi meliora de nobis semper cogitemus, memores stultum esse perpetuae infelicitatis se praedamnare spemque, quae etiam incerta recte fouetur, interdum certam in desperationem conuertere?*

[11] [n]em às tropas de infantaria, as quais atribuíra aos comandantes, o caminho foi favorável, visto que ao trabalho cotidiano – de fato, não há sossego para os que têm medo – também se acrescera a fome. [12] Logo, à penúria de vários dias ajuntara-se a peste, e tamanho foi o horror dos que morriam, que as vias encheram-se de cadáveres, e aves e animais, atraídos pela isca de comida, seguiam o exército<sup>195</sup> (Just. 2.13.11-2).

Ainda assim, o rei persa tentará mais uma ofensiva contra a Grécia, inicialmente pautado em um dolo orquestrado com o traidor Pausânias, comandante espartano, o que é denunciado por Aristides, ateniense, frustrando mais uma vez os planos do rei – novamente sugeridos por terceiros (Just. 2.15.14-7). Vencido, por fim, pelo ateniense Címon, Xerxes retorna a seu reino (Just. 2.15.20), onde será assassinado por Artábano, seu intendente, pois os resultados da guerra tê-lo-iam tornado desprezível até aos seus (Just. 3.1.1-2). Comprova-se, então, nesse caso, a proposição de Valério Máximo de que a disciplina militar seria a guardiã da paz, já que o rei encontra, na suposta segurança de sua casa, aquilo de que tentara escapar na Grécia.

#### 3.1.4.1 Leônidas, Temístocles e Mardônio

As narrativas de Leônidas, Temístocles e Mardônio integram aquela de Xerxes, enquanto formam com ela um contraste, o que, nesse caso, acentua o caráter didático do trecho, já que, segundo Langlands (2018, p. 125), os romanos tendem a chamar a atenção para a virtude, o vício que seria seu extremo oposto e aquilo que se localiza entre um ponto e outro, de modo a promover uma reflexão ética. Aqui, optamos por separar essas personagens em uma subseção específica, sobretudo, para que a análise acerca do rei persa não ficasse demasiado entrecortada.

Após o julgamento inicial dos esforços de Xerxes (Just. 2.11.1), Leônidas é apresentado como o primeiro empecilho em sua ofensiva. Há uma clara oposição entre o rei persa que invade a Grécia com um exército capaz de secar rios, mas não é um comandante de fato (Just. 2.10.19 e 21), e o espartano, que se posiciona nos desfiladeiros das Termópilas com apenas quatro mil homens e é hábil em inspirar seus companheiros à morte gloriosa.

---

<sup>195</sup> [11] *Nec pedestribus copiis, quas ducibus adsignauerat, felicius iter fuit, siquidem cotidiano labori – neque enim ulla est metuentibus quies – etiam fames accesserat.* [12] *Multorum deinde dierum inopia contraxerat et pestem, tantaque foeditas morientium fuit, ut uiae cadaueribus implerentur alitesque et bestiae escae inlecebris sollicitatae exercitum sequerentur.*

Inicialmente, Leônidas sustém o avanço inimigo por três dias, apesar dessa diferença em relação ao tamanho das forças militares que o atacam:

[2] [e], de fato, enquanto Leônidas, rei dos espartanos, tivesse ocupado os desfiladeiros de Termópilas com quatro mil soldados, Xerxes, com desprezo pelo pequeno número, ordena dirigir para o combate aqueles cujos parentes foram mortos na batalha de Maratona, [3] os quais, enquanto buscam vingar os seus, foram o princípio do desastre; ao sucedê-los depois uma turba inepta, um massacre maior se produz. [4] Por três dias, ali, lutou-se com dor e indignação dos persas<sup>196</sup> (Just. 2.11.2-4).

Quando é informado de que a parte mais alta do desfiladeiro estava ocupada por uma tropa cinco vezes maior do que aquela com que começara o conflito, Leônidas ordenará que seus aliados recuem:

[5] [n]o quarto dia, como tivesse sido comunicado a Leônidas que o cume mais alto estava ocupado por vinte mil inimigos, exorta, naquele momento, os aliados para que recuem e se conservem para tempos melhores da pátria, já que a sua sorte deve ser testada junto aos espartanos; [6] ele teria mais obrigação com sua pátria do que com sua vida, enquanto os restantes iriam assegurar as defesas da Grécia. [7] Ouvido o comando do rei, os restantes retiraram-se, e somente os lacedemônios permaneceram<sup>197</sup> (Just. 2.11.5-7).

A passagem revela que Leônidas incorpora as características necessárias para que seja um *exemplum*, afinal, é alguém que coloca o bem comum acima de sua individualidade e, embora não vá cair sozinho, orchestra sua morte para que ocorra com o menor dano possível à Grécia, afastando seus aliados do embate para que protejam sua pátria de um modo que poderia ser mais efetivo. A *pietas* é clara na passagem, e a *fortitudo*, que já se constrói pela decisão de se opor a Xerxes com tão poucos soldados quando não parece haver outra saída, será consubstanciada a seguir, quando Justino indica que o rei espartano fez uma escolha consciente para morrer no embate devido a um oráculo e buscará uma morte que seja gloriosa:

---

<sup>196</sup> [2] *Namque cum Leonida, rex Spartanorum, cum IV milibus militum angustias Thermopylarum occupasset, Xerxes contemptu paucitatis eos pugnam capessere iubet, quorum cognati Marathonica pugna interfecti fuerant.* [3] *Qui dum ulcisci suos quaerunt, principium cladis fuere; succedente dein inutili turba maior caedes editur.* [4] *Triduo ibi cum dolore et indignatione Persarum dimicatum.*

<sup>197</sup> [5] *Quarta die cum nuntiatum esset Leonidae a XX milibus hostium summum cacumen teneri, tum hortatur socios, recedant et se ad meliora patriae tempora reseruent, sibi cum Spartanis fortunam experiendam;* [6] *plura se patriae quam uitae debere, ceteros ad praesidia Graeciae seruandos.* [7] *Audito regis imperio discessere ceteri, soli Lacedaemonii remanserunt.*



[8] [n]o início dessa guerra, tendo eles consultado os oráculos de Delfos, a resposta fora que ou o rei dos espartanos ou a urbe viria a cair. [9] E, por isso, o rei Leônidas, enquanto partia para a guerra, assim assegurara aos seus que se decidissem a ir com o ânimo disposto a morrer [10] e ocupara, em consequência disso, os desfiladeiros, para que, com poucos, ou vencesse com maior glória ou caísse com o menor dano para o estado<sup>198</sup> (Just. 2.11.8-10).

A narrativa não dá abertura para que se pense que Leônidas tenha sequer vacilado em sua decisão. Assim, os poucos soldados que o acompanham também estão dispostos, desde o início, a morrer ao lado de seu líder. Opõem-se, mais uma vez, persas e espartanos, já que enquanto estes permanecem com seu comandante até o fim, aqueles fogem à batalha quando são atingidos por um revés, devido ao temperamento de seu rei:

[26] [e] assim os persas, ao olhar ao seu redor, são impelidos à fuga e, sem demora, vencidos em batalha, são postos em fuga. [27] Nessa precipitação, muitas naus foram capturadas, muitas afundadas; vários, ainda, temendo não menos a fúria do rei do que o inimigo, dispersam-se para a sua pátria<sup>199</sup> (Just. 2.12.26-7).

Essa decisão parece acertada para os persas, porquanto os que permanecem serão abandonados por seu líder mais à frente. Já Leônidas e seus soldados – que a esta altura estão reduzidos a seiscentos, o que amplia, enormemente, o contraste numérico das duas forças – terão todos mortes gloriosas, como fora aconselhado:

[11] [t]endo dispensado, então, os aliados, Leônidas exorta os espartanos a se lembrarem de que, combatidos do modo que fossem, estariam destinados a cair; que cuidassem para que não parecessem mais corajosos por terem ficado do que por terem lutado; [12] e que não era para esperar que fossem cercados pelo inimigo, mas, enquanto a noite desse a oportunidade, era para investirem sobre os seguros e venturosos; [13] em nenhum outro lugar pereceriam com mais honra como vitoriosos do que nos acampamentos dos inimigos. [14] A nada era difícil persuadir os persuadidos a morrer: [15] imediatamente, apanham as armas, e seiscentos homens invadem o acampamento de quinhentos mil e, imediatamente, buscam a tenda do rei, para que, de preferência, ou morram com ele ou, se eles fossem reprimidos, em sua sede. [16] Um tumulto começa em todo o acampamento. Os

<sup>198</sup> [8] *Initio huius belli sciscitantibus Delphis oracula responsum fuerat, aut regi Spartanorum aut urbi cadendum.* [9] *Et idcirco rex Leonidas, cum in bellum proficisceretur, ita suos firmauerat, ut ire se parato ad moriendum animo scirent* [10] *angustiasque propterea occupauerat, ut cum paucis aut maiore gloria uinceret aut minore damno rei publicae caderet.*

<sup>199</sup> [26] *Itaque circumspicientes fugam pelluntur Persae et mox proelio uicti in fugam uertuntur.* [27] *In qua trepidatione multae captae naues, multae mersae; plures tamen, non minus saeuitiam regis quam hostem timentes, domum dilabuntur.*

espartanos, depois que não encontram o rei, vagam, vitoriosos, por todo acampamento; cortam e massacram a todos, como homens que sabem combater não com a esperança da vitória, mas em vingança de sua morte. [17] O combate prolonga-se do princípio da noite até a maior parte do dia. [18] No fim, não vencidos, mas cansados de vencer, caíram entre numerosos bandos de inimigos abatidos<sup>200</sup> (Just. 2.11.11-8).

O rei espartano não recebe uma descrição individual para sua queda no acampamento inimigo, pois a narrativa foca-se no coletivo da tropa, o qual, assim como seu líder, estava determinado a morrer vingando sua própria morte, demonstrando sua *fortitudo*. Tal ato é incitado por Leônidas que, entendendo que iriam morrer de qualquer forma, afirma haver mais honra em cair, enquanto vitoriosos, no acampamento inimigo (Just. 2.11.13), o que poderia ser ligado àquilo que Valério Máximo chama de *cupiditas gloriae* (8.14), ou seja, a um desejo de glória. Por conseguinte, constrói-se um comandante que, de fato, assume sua posição enquanto tal e, ao mesmo tempo, mantém-se sempre à frente de seus subordinados – como um herói épico homérico –, morrendo não só em campo de batalha, como “cansado de vencer” (*uincendo fatigati*), claro contraste com Xerxes que abandona suas tropas a uma morte ignóbil quando a ponte em Abidos rompe-se (Just. 2.13.9-12).

Justino não oferece, no trecho, algo que não fosse esperado dos lacedemônios, que são, comumente, descritos como um povo que busca a glória bélica. Plutarco, por exemplo, aborda seus feitos e costumes em *Antigos hábitos dos lacedemônios* (Τὰ παλαιὰ τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα / Τὰ παλαιὰ τῶν Λακεδαιμονίων ἠεπιτεδεύματα ou *Instituta Laconica*), entre os quais, a expulsão do poeta Arquíloco de sua cidade por ele ter escrito um poema em que afirmava abandonar seu escudo em batalha para salvar sua própria vida (Archil., *Fr.* 5 W.), atitude considerada por eles como digna de opróbrio (Plut., *Inst.* 239b). Todavia, ainda que sejam apresentados, de modo geral, como valorosos ao longo do

---

<sup>200</sup> [11] *Dimissis igitur sociis hortatur Spartanos, meminerint qualitercumque proeliatis cadendum esse; cauerent, ne fortius mansisse quam dimicasse uideantur;* [12] *nec expectandum, ut ab hoste circumuenirentur, sed dum nox occasionem daret, securis et laetis superueniendum;* [13] *nusquam uictores honestius quam in castris hostium perituros.* [14] *Nihil erat difficile persuadere persuasis mori:* [15] *statim arma capiunt et sexcenti uiri castra quingentorum milium inrumpunt statimque regis praetorium petunt, aut cum illo aut, si ipsi oppressi essent, in ipsius potissimum sede morituri.* [16] *Tumultus totis castris oritur. Spartani, postquam regem non inueniunt, per omnia castra uictores uagantur; caedunt sternuntque omnia, ut qui sciant se pugnare non spe uictoriae, sed in mortis ultionem.* [17] *Proelium a principio noctis in maiorem partem diei tractum.* [18] *Ad postremum non uicti, sed uincendo fatigati inter ingentes stratorum hostium cateruas occiderunt.*

*Epítome*<sup>201</sup>, principalmente, pelo *exemplum* de Licurgo<sup>202</sup> e pelas leis estabelecidas por ele (Just. 3.2.4-12 e 3.3), isso não quer dizer que todos os espartanos seguem, obrigatoriamente, seus princípios, conforme observamos em Pausânias:

[14] [os lacedemônios e] escolhem Pausânias como comandante de seu exército e dos aliados, o qual, almejando em vez do comando militar o reinado da Grécia – recompensa pela traição –, negocia as núpcias de sua filha com Xerxes, e restituem cativos para que a fidelidade do rei estivesse vinculada a algum benefício. [15] Além disso, escreve a Xerxes que assassinasse qualquer mensageiro que a ele fosse enviado, de modo que o fato não fosse exposto pela loquacidade dos homens<sup>203</sup> (Just. 2.15.14-5).

Pausânias coloca um desejo individual acima da liberdade de sua pátria<sup>204</sup>, indicando que, simplesmente, ser lacedemônio não basta para que se seja virtuoso. Dessarte, ainda que siga o esperado, a figura de Leônidas destaca-se. Complementarmente, a proposta de um rei que sabe de um oráculo segundo o qual a salvação de sua pátria dependia da perda de sua vida e, em virtude disso, escolhe a morte, pode ser lida também na narrativa sobre Codro, rei ateniense<sup>205</sup> (Just. 2.6.17-21), de modo que o fato de Leônidas ser um lacedemônio pode

<sup>201</sup> “De modo geral”, pois em 14.5.6-7, Justino indica que os espartanos teriam degenerado em relação a seus antepassados por se terem defendido de Cassandro, um dos diádocos, com muros e não com armas.

<sup>202</sup> Sua apresentação como *exemplum* é clara: “[5] [e], com efeito, embora Licurgo sucedesse seu irmão Polidectes, rei dos espartanos, e pudesse reclamar o reino para si, com suma fidelidade, restituiu o reino ao filho dele, Carilo – o qual nascera postumamente –, quando ele alcançou a idade adulta, [6] para que todos compreendessem o quanto valiam, junto aos bons, os direitos da piedade, mais do que todas as riquezas. [7] Então, nesse meio tempo, enquanto a criança cresce, e ele administra sua tutela, institui leis aos espartanos, que não as tinham, sendo mais preclaro não pela invenção delas do que pelo exemplo: [8] visto que não sancionou, aos outros, lei alguma da qual ele mesmo, primeiro, não tivesse dado de si uma amostra.” (Just. 3.2.5-8); [5] *Namque Lycurgus cum fratri suo Polydectae, Spartanorum regi, successisset regnumque sibi vindicare potuisset, Charillo, filio eius, qui natus postumus erat, cum ad aetatem adultam peruenisset, regnum summa fide restituit, [6] ut intellegerent omnes, quanto plus apud bonos pietatis iura quam omnes opes ualere. [7] Medio igitur tempore, dum infans conualescit tutelamque eius administrat, non habentibus Spartanis leges instituit, non inuentione earum magis, quam exemplo clarior: [8] siquidem nihil lege ulla in alios sanxit, cuius non ipse primus in se documentum daret.* Justino também descreverá as leis e costumes propostos pelo regente.

<sup>203</sup> [14] *Ducem suo sociorumque exercitui deligunt Pausaniam, qui pro ducatu regnum Graeciae adfectans prodicionis praemium cum Xerxe nuptias filiae eius paciscitur redditis captiuis ut fides regis aliquo beneficio obstringeretur. [15] Scribit praeterea Xerxi, quoscumque ad se nuntios misisset, interficeret, ne res loquacitate hominum proderetur.*

<sup>204</sup> Em Plutarco (*Apoph.* 225c), Xerxes teria oferecido o comando da Grécia a Leônidas, caso ele passasse para seu lado. A oferta é negada pelo lacedemônio, que diz preferir a morte a ser rei absoluto de sua própria gente.

<sup>205</sup> Em meio a um embate, os dóricos recebem o oráculo de que sairiam vencedores desde que não matassem o rei ateniense. Codro veste-se de maltrapilho, ingressa no acampamento inimigo e

influenciar sua escolha – principalmente no modo de sua morte –, mas sua atitude não se limita apenas a isso.

Consideramos, então, que pode haver circunstâncias que favoreçam a virtude (como o local de nascimento)<sup>206</sup>, mas elas não são, necessariamente, determinantes para sua manifestação efetiva; para isto, também seria preciso um caráter individual. Esse enfoque nas decisões do indivíduo pode colaborar para a universalidade do *exemplum*, pois se mantém a possibilidade de emulação – ou rejeição – por qualquer um em situação paralela, e não só daqueles que existiram sempre nas mesmas condições de seu modelo.

Embora, à primeira vista, individual e universal oponham-se, a efetividade de um *exemplum*, segundo Langlands (2018, p. 115-6), está na capacidade crítica daquele que o observa de se apropriar do modelo. Assim, caberia ao observador saber adequar o *exemplum* às suas próprias condições, observando, inclusive, a similaridade de caráter entre si e o modelo<sup>207</sup>, mas também considerando a possibilidade e a necessidade de inverter as ações ou de inovar em relação a elas, conforme uma “sensibilidade situacional” (*situational sensitivity*) (Langlands, 2018, p. 126).

Desse modo, o individual pode, a nosso ver, tornar-se universal desde que passado pelo filtro da interpretação crítica. Tendo isso em mente, seria papel do observador verificar se, dentro da possibilidade da necessidade de um auto-sacrifício pela pátria, seria mais adequado, segundo seu caráter e sua situação, seguir o modelo de Codro, de Leônidas ou optar por abrir uma outra via, criativa frente ao *exemplum*, como testemunharia a história de Pórcia, que, emulando seu pai, teria inovado na forma de sua morte ao engolir carvão em brasa (V. Max. 4.6.5).

---

provoca um soldado, que o mata. Ao descobrir quem era o assassinado, os dóricos retiram-se sem lutar, livrando os atenienses da guerra.

<sup>206</sup> Nesse contexto, não seria ocioso lembrar que Justino destaca que a virtude de determinados povos, como os citas, os atenienses e os lacedemônios, é motivada por seus costumes, de modo que seu coletivo torna-se, de certo modo, um *exemplum*.

<sup>207</sup> Isso também pode ser observado, por exemplo, quando estão ocorrendo os conflitos entre os gregos: quando o tebano Epaminondas lança-se contra Esparta, como o exército principal estava ocupado em guerras estrangeiras, idosos e crianças acorrem às armas para proteger sua pátria, obtendo bons resultados e servindo de exemplo aos soldados lacedemônios (Just. 6.7.2-10). Porém, quando Atenas é atacada pelos espartanos, após a derrota e o exílio de Alcibíades, idosos e crianças são alistados devido à falta de homens em idade adequada para as armas. Embora as personagens sejam parecidas – idosos e crianças –, e as circunstâncias iguais – a luta pela defesa da pátria e da liberdade –, ao contrário dos lacedemônios, os atenienses são massacrados (Just. 5.6.3-4). Assim, uma mesma ação em circunstâncias semelhantes pode ter resultados diversos conforme o caráter daquele que a desempenha.

Em contraponto, se a exemplaridade dependesse apenas de circunstâncias como as de nascimento, a abrangência do *exemplum* de Leônidas estaria limitada apenas aos espartanos. Enfim, no presente caso, ressalta-se a posição de líder efetivo que o rei espartano representa, o qual não vacila diante da morte e se coloca em uma condição obviamente perigosa, dada a discrepância de seus números em relação aos persas, sobretudo ao ingressar no acampamento inimigo, em oposição a Xerxes que, como um observador, mantém-se afastado do campo de batalha.

Com a queda de Leônidas, vem a primeiro plano a figura de outro opositor de Xerxes: Temístocles, comandante ateniense. Este é inserido na narrativa a partir de sua ação em relação aos jônios que se haviam aliado aos persas, ainda que tivessem sido a causa de sua ofensiva contra Atenas<sup>208</sup>. Assim, Temístocles recorre a mensagens escritas em pedras no local em que eles aportariam com argumentos para que se unam aos atenienses ou, ao menos, se afastassem da batalha (Just. 2.12.1-7). Nesse trecho, não há um resultado para essa ação, o qual será indicado posteriormente (Just. 2.12.25), mas, abruptamente, Justino aborda o ataque de Xerxes ao templo de Delfos, sendo sua armada logo destruída por uma tempestade para provar sua pequenez frente ao poder dos deuses (Just. 2.12.8-10), conforme já mencionamos. Cria-se um contraste entre Xerxes e Temístocles, pois, enquanto o primeiro é apresentado como aquele que busca travar “guerra com os deuses imortais” (*cum diis immortalibus bellum gereret*), o segundo, logo a seguir, é posto como aquele capaz de interpretar um oráculo de Apolo, ação que permitirá a vitória da Grécia, ainda que Xerxes tenha conseguido incendiar algumas cidades gregas que se encontravam vazias:

[11] [d]epois disso, [Xerxes] incendiou Tespiades, Plateias e Atenas, evacuadas pelos homens, e, porque não podia investir contra os homens com ferro, investe contra os edificios com fogo. [12] E, com efeito, os atenienses, depois da batalha de Maratona, fabricaram duzentas naus graças a Temístocles, que, anteriormente, advertiu que aquela vitória haveria de ser não o fim, mas a causa de uma guerra maior vinda dos persas. [13] Então, com Xerxes se aproximando, a resposta aos que consultaram o oráculo de Delfos fora “resguardem a salvação com muros de madeira”. [14] Temístocles, certo de que o indicado era o destacamento das naus, persuade a todos de que a pátria eram os habitantes, não as muralhas, e a cidadania

<sup>208</sup> Após narrar a guerra de Dario contra os citas – a qual resulta em derrota para os persas – e mencionar a dominação da Ásia e da Macedônia pelo rei, Justino indica que “[13] [d]epois, sabendo que os atenienses tinham levado auxílio aos jônios contra si, Dario convergiu todo o ímpeto de guerra contra eles.” (Just. 2.5.13); [13] *Dein cognito quod Athenienses Ionis contra se auxilium tulissent, omnem impetum belli in eos conuertit*. O abreviador, contudo, não dá muitos detalhes a respeito da chamada Revolta Jônica para além de informar que o rei inimigo superara-os em combate naval (Just. 2.5.12).

consistia não nos edifícios, mas nos cidadãos; [15] e assim, era melhor delegar a salvação às naus do que à urbe; e também o deus seria o responsável por essa decisão. [16] Aprovado o plano, confiam as esposas e os filhos com preciosíssimos bens às ilhas afastadas da urbe abandonada; eles, armados, embarcam nas naus. [17] Outras urbes também imitam o exemplo dos atenienses<sup>209</sup> (Just. 2.12.11-7).

Temístocles é descrito, então, como um estrategista eficiente, que fora capaz de enxergar que uma vitória seria motivo para uma ofensiva maior e, por isso, prevenir-se contra ela. Adicionalmente, a precaução que seguira serve de modelo para as demais cidades, de modo que se colocam em posição naval, enquanto os estreitos de Salamina são devidamente defendidos (Just. 2.12.18). Seguindo com essa construção, o comandante ateniense prevê que a vontade individual dos que o acompanham de salvar seus próprios bens fará com que ocorra um desastre coletivo e se põe, então, a manobrar as ações de Xerxes. Assim, Temístocles não só é capaz de tomar decisões que resultam positivamente para seu povo, como ainda faz com que seu inimigo ordene suas forças de modo desastroso, sem, ao menos, desconfiar de que estaria sendo manipulado:

[18] [e], assim, ao passo que tivesse sido reunida toda a esquadra de aliados, e preparada a guerra naval, e tivessem ocupado os desfiladeiros do estreito de Salamina para que não pudesse ser cercado pela multidão, surge um desentendimento entre os aristocratas das cidades. [19] Como esses, abandonada a guerra, desejavam dispersar-se para defender suas propriedades, Temístocles receoso de que, com a retirada, as forças militares dos aliados fossem reduzidas, anuncia a Xerxes, por meio de um servo fiel, ser possível apanhar facilmente a Grécia reunida em um só lugar, [20] e, se as cidades que já desejavam retirar-se fossem dissipadas, teria que ir ao encaço de uma a uma com maior trabalho para ele. [21] Com esse dolo, impele o rei a dar o sinal para o ataque. Os gregos, do mesmo modo, ocupados com a chegada dos inimigos, aderem à batalha com suas forças militares reunidas<sup>210</sup> (Just. 2.12.18-21)

<sup>209</sup> [11] *Post haec Thespiades et Plataeas et Athenas uacuas hominibus incendit, et quoniam ferro in homines non poterat, in aedificia igne grassatur.* [12] *Namque Athenienses post pugnam Marathoniam praemonente Themistocle, uictoriam illam de Persis non finem, sed causam maioris belli fore, CC naues fabricauerant.* [13] *Aduentante igitur Xerxe, consulentibus Delphis oraculum responsum fuerat, salutem muris ligneis tuerentur.* [14] *Themistocles nauium praesidium demonstratum ratus persuadet omnibus patriam municipales esse, non moenia, ciuitatemque non in aedificiis, sed in ciuibus positam;* [15] *melius itaque salutem nauibus quam urbi commissuros; huius sententiae etiam deum auctorem esse.* [16] *Probato consilio, coniuges liberosque cum pretiosissimis rebus abditis insulis relicta urbe demandant; ipsi naues armati conscendunt.* [17] *Exemplum Atheniensium et aliae urbes imitatae.*

<sup>210</sup> [18] *Itaque cum adunata omnis sociorum classis et intenta in bellum nauale esset angustiasque Salaminii freti, ne circumueniri a multitudine posset, occupassent, dissensio inter ciuitatum principes oritur.* [19] *Qui cum deserto bello ad sua tuenda dilabi uellent, timens Themistocles ne discessu sociorum uires minuerentur, per seruum fidum Xerxi nuntiat, uno in loco eum contractam*

A efetividade da estratégia de influenciar as ordens de Xerxes resulta, provavelmente, da falta de ação do rei, que se coloca em guerra como um espectador, conforme já discutimos anteriormente<sup>211</sup>, enquanto o comandante ateniense comanda, direta e indiretamente, os dois exércitos. A seguir, a proposição de Temístocles para os jônios rende frutos, e as forças inimigas são minadas não só por sua retirada, mas porque essa faz com que os próprios persas entrem em pânico, ocasionando mais uma derrota para Xerxes (Just. 2.12.25-7).

Nesse momento, Mardônio, um comandante persa, aconselhará a seu rei que a melhor estratégia, diante dos resultados atuais, estaria na retirada, de maneira a evitar problemas internos na pátria:

[13, 1] [a]balado por esse desastre e indeciso quanto a um plano, Xerxes é abordado por Mardônio. [2] Exorta-o a que se retire ao reino, para que a fama de uma guerra adversa e até pior, assim como é costume, tudo elevando, não provoque uma revolta; [3] que deixe consigo trezentos mil homens armados escolhidos dentre todas as tropas: que com esse contingente, ou haveria de consumir a Grécia para a glória dele ou, se caso alcançasse outro resultado, haveria de se retirar dos inimigos sem infâmia para ele. [4] Aprovado o plano, um exército é entregue a Mardônio; o próprio rei prepara-se para conduzir as tropas restantes de volta ao reino<sup>212</sup> (Just. 2.13.1-4).

Percebemos que a capacidade de visualizar consequências futuras a ações militares, destacada em Temístocles e presente na fala de Mardônio, parece ausente em Xerxes, provavelmente devido à sua falta de experiência militar, refletida em seu abatimento e em sua indecisão. Tal capacidade desses comandantes pode ser ligada à *prudentia*, uma virtude que, segundo Cícero, é “[...] o conhecimento daquilo que se deve procurar ou evitar”<sup>213</sup> (*Off.* 1.153, trad. A. Chiapeta), no caso, aplicada especificamente a uma esfera que o rei persa não dominaria.

---

*Graeciam capere facillime posse. [20] Quodsi ciuitates, quae iam abire uellent, dissipentur, maiore labore ei singulas consectandas. [21] Hoc dolo inpellit regem signum pugnae dare. Graeci quoque aduentu hostium occupati proelium conlatis uiribus capessunt.*

<sup>211</sup> Cumpre lembrar que é neste trecho em que há a comparação entre Xerxes e Artemísia.

<sup>212</sup> [13, 1] *Hac clade perculsum et dubium consilii Xerxen Mardonius adgreditur. [2] Hortatur ut in regnum abeat, ne quid seditionis moueat fama aduersi belli et in maius, sicuti mos est, omnia extollens; [3] sibi CCC milia armatorum lecta ex omnibus copiis relinquat, qua manu aut cum gloria eius perdomiturum se Graeciam aut, si aliter euentus ferat, sine eiusdem infamia hostibus cessurum. [4] Probato consilio Mardonio exercitus traditur; reliquas copias rex ipse deducere in regnum parat.*

<sup>213</sup> [...] *quae est rerum expetendarum fugiendarumque scientia;*

A *prudencia* de Mardônio e a falta dela em Xerxes também são destacadas nessa situação, pois a fama do resultado de um revés bélico é uma ameaça recorrente na vida dos reis, conforme observamos, por exemplo, em Dario I que, ao sofrer uma derrota contra os citas, logo se volta para outras ofensivas, de modo a reverter sua situação e, assim, não ser visto como fraco:

[3, 1] [c]om esse íterim, Dario, rei dos persas, saído da Cítia em vergonhosa fuga, para que não fosse considerado, em todo canto, um desgraçado por causa dos prejuízos da expedição militar, envia Magabaso com parte das tropas para sujeitar a Trácia e os demais reinos contíguos, aos quais a Macedônia juntar-se-ia, devido à sua desconhecida importância<sup>214</sup> (Just. 7.3.1).

Adicionalmente, a retirada de Xerxes também será aconselhada por Temístocles. Neste trecho, demonstra-se que, enquanto sua *eloquentia* fora capaz de convencer os jônios a se retirar da guerra, não se mostra efetiva com seus pares, de modo que o ateniense precisa recorrer a um subterfúgio por prever, mais uma vez, uma consequência para as manobras militares propostas:

[5] [m]as os gregos, tendo ouvido sobre a fuga do rei, formulam o plano de quebrar a ponte que ele, como se vencedor do mar, fizera em Abidos, para que, com a volta impedida, ou fosse destruído com o exército ou, vencido, fosse obrigado a pedir paz pelo desespero das circunstâncias. [6] Mas Temístocles, temendo que os inimigos impedidos convertessem o desespero em virtude e, porque outro não estivesse aberto, pelo ferro abrissem caminho, repetindo que permanecia, na Grécia, um grande número de inimigos e que não conviria aumentar o seu número retendo-os; [7] como não pudesse convencer os outros com o plano, envia o mesmo servo a Xerxes, informa-o a respeito do plano e ordena ocupar a passagem em uma fuga apressada<sup>215</sup> (Just. 2.13.5-7).

É digno de nota que, conforme já discutimos, quando Xerxes chega a Abidos, a ponte já havia sido rompida sem ação dos gregos. Contudo, a previsão de Temístocles, de que os

<sup>214</sup> [3, 1] *Cum interim Darius, rex Persarum, turpi ab Scythia fuga submotus, ne ubique deformis militiae damnis haberetur, mittit cum parte copiarum Magabasum ad subigendam Thraciam ceteraque eius tractus regna, quibus pro ignobili momento erat accessura Macedonia.*

<sup>215</sup> [5] *Sed Graeci audita regis fuga consilium ineunt pontis interrumpendi, quem ille Abydo ueluti uictor maris fecerat, ut intercluso reditu aut cum exercitu deleretur aut desperatione rerum pacem uictus petere cogeretur. [6] Sed Themistocles timens ne interclusi hostes desperationem in uirtutem uerterent et iter, quod aliter non pateret, ferro patefacerent, satis multos hostes in Graecia remanere dictitans, nec augeri numerum retinendo oportere; [7] cum uincere consilio ceteros non posset, eundem seruum ad Xerxen mittit certioreque consilii facit et occupare transitum maturata fuga iubet.*



persas transformariam o desespero em virtude, não se concretiza, porque lhes falta um comandante<sup>216</sup>. O rei não volta seus esforços para guiá-los diante do infortúnio; ele se desespera e os abandona a suas próprias sortes em terreno inimigo. Logo, o conselho de Mardônio, de certa forma, falha devido à falta de *prudencia* e *fortitudo* de Xerxes, já que este construíra uma ponte sobre o mar para ingressar na Grécia sem levar em consideração que as condições climáticas do inverno poderiam destruí-la, acreditando que apenas o tamanho de suas forças bastaria para sua vitória, e, face a um infortúnio, preocupa-se apenas com sua própria preservação.

Diante disso, as tropas que deveriam ter-se retirado com alguma segurança à Pérsia, como aconselhara o comandante, são deixadas para trás pelo rei e se tornam pasto de cães e de aves, sendo dizimadas pela peste e pela fome (Just. 2.14.12), enquanto Xerxes será assassinado em casa pelos seus que o desprezam por suas derrotas (Just. 3.1.1-2), quando parte das forças persas nem sequer caíra por um feito direto dos gregos.

No comando, Mardônio, inicialmente, tem um resultado positivo – a tomada de Olinto –, porém, é incapaz de dobrar os atenienses. O episódio, todavia, demonstra mais a atitude exemplar desses em não vender a própria liberdade do que aponta explicitamente uma falta do comandante:

[14, 1] [n]esse íterim, íterim, Mardônio, na Grécia, toma de assalto Olinto. [2] Em esperança de paz e amizade do rei, assedia, do mesmo modo, os atenienses, prometendo solenemente uma reparação até maior em relação à sua urbe incendiada. [3] Depois que vê a liberdade não lhe ser posta à venda por preço algum, incendiando o que começara a edificar, transfere as tropas para a Beócia. [4] Para lá seguiu o exército dos gregos, que era de cem mil, e, ali, deu-se início ao combate. [5] Mas a fortuna do rei não mudou com o comandante; com efeito, vencido, Mardônio fugiu com poucos, como se de um naufrágio<sup>217</sup> (Just. 2.14.1-5).

<sup>216</sup> A figura de um comandante efetivo pode fazer diferença em combate, como ocorre com Astíages em Just. 1.6.10-3, mas, às vezes, só o compromisso com uma figura em posição de poder já basta, como pode ser observado no exemplo de Aeropo, rei macedônio, que, ainda bebê, é posto pelos soldados em seu berço atrás das linhas para os motivar à vitória (Just. 7.2.5-12). Em contraponto, Xerxes ou é desprezado ou é temido de uma forma que não pressupõe lealdade, o que leva à sua queda.

<sup>217</sup> [14, 1] *Interim Mardonius in Graecia Olynthum expugnat.* [2] *Athenienses quoque in spem pacis amicitiamque regis sollicitat, spondens incensae eorum urbis etiam in maius restitutionem.* [3] *Postquam nullo pretio libertatem his uenalem uidet, incensis quae aedificare coeperat, copias in Boeotiam transfert.* [4] *Eo et Graecorum exercitus, qui centum milium fuit, secutus est ibique proelium commissum.* [5] *Sed fortuna regis cum duce mutata non est; nam uictus Mardonius ueluti ex naufragio cum paucis profugit.*

Embora Mardônio tivesse uma força militar três vezes maior do que a dos gregos (Just. 2.13.3), a predestinação de Xerxes parece pesar em suas ações. O comandante cumpre, entretanto, o que prometera a seu rei, pois é capaz de se retirar da Grécia, ainda que com poucos. Mesmo que seja reiterado que suas forças foram destruídas (Just. 2.14.7-8), ao menos, Mardônio, ao contrário de Xerxes, põe-se à frente das decisões e ações que dizem respeito a seu exército.

Diante da derrota das forças persas, o tesouro de seu acampamento será tomado como espólio de guerra, principalmente, pelos atenienses, considerados os mais destacados durante o conflito (Just. 2.14.10). Assim como discutiremos que ocorre mais à frente na narrativa com Alexandre, o Grande, as posses dos persas são apresentadas como um elemento corruptor, porém, esse aspecto negativo não é desenvolvido a fundo no trecho: “[6] [o] acampamento atulhado da riqueza do rei foi tomado. Donde, pela primeira vez, tendo dividido o ouro persa entre si, a luxúria da riqueza seduziu os gregos”<sup>218</sup> (Just. 2.14.6).

Enriquecidos, então, de patrimônio e de glória, os atenienses passam a ampliar sua cidade, o que se torna suspeito aos espartanos (Just. 2.15.1-2), que os aconselham “[...] a não levantar baluartes aos inimigos e refúgios para uma futura guerra”<sup>219</sup> (Just. 2.15.3). Tal ação faz com que Temístocles, usando da *prudencia* e da *uafritia*, possa atrasar, com diversas desculpas, uma discussão com os lacedemônios até que as obras em sua cidade estivessem terminadas, colocando-se, por fim, como vencedor de seus vizinhos, sem recorrer à guerra, mas ainda os repreendendo:

[4] Temístocles, como viu a expectativa da urbe ser contrariada, não julgando que deveria agir bruscamente, respondeu aos embaixadores que iriam à Lacedemônia, aqueles que deliberariam sobre essa questão juntamente com eles. [5] Assim, dispensados os espartanos, exorta os seus para que apressem o trabalho. [6] Depois, passado um tempo, ele mesmo parte em missão de embaixada, e ora com simulada enfermidade durante o percurso, ora acusando a lentidão dos colegas, sem os quais nada poderia ser aviado com razão, dia após dia, procurava estender a demora para a conclusão do trabalho; [7] com esse íterim, anuncia-se aos espartanos que a obra dos atenienses vai completar-se, pelo que embaixadores são enviados novamente para inspecionar o fato. [8] Então, Temístocles escreve, por um servo, aos magistrados atenienses que prendam os embaixadores e os mantenham como garantia para que não seja deliberada resolução mais severa contra ele. [9] Logo, vai à assembleia dos lacedemônios, mostra que Atenas está fortificada e já pode sustentar uma guerra a eles trazida não só com

<sup>218</sup> [6] *Castra referta regalis opulentiae capta. Vnde primum Graecos diuiso inter se auro Persico diuitiarum luxuria cepit.*

<sup>219</sup> [...] *ne munimenta hostibus et receptacula futuri belli extruant.*

armas, mas também com muros; [10] se, por causa desse fato, estabelecessem a seu respeito alguma medida mais cruel, os embaixadores deles estavam retidos em Atenas como garantia. [11] Logo, censura-os severamente por buscarem o poder não na virtude, mas na fraqueza dos aliados. [12] Assim despachado, é acolhido pelos cidadãos como se eles tivessem triunfado sobre os espartanos<sup>220</sup> (Just. 2.15.4-11).

Como Temístocles deixa claro que uma ofensiva poderia ser sustida tanto pelas armas como pelos muros, a ação não é apresentada de um modo tão negativo quanto ocorre com os próprios lacedemônios, quando estes, posteriormente, buscam se proteger de Cassandro, um dos diádocos, por meio da fortificação de sua cidade (Just. 14.5.6-7). De qualquer forma, no início da passagem, indica-se que Temístocles tem em mente o interesse do coletivo, a partir do que, ao seu final, acrescenta mais glória a seu nome. Tal episódio será o último em que Temístocles aparece na narrativa, de modo que Justino não aborda, por exemplo, o exílio do ateniense junto aos persas, como pode ser lido em Plutarco (*Them.* 21-9). Se a mudança de sorte é um elemento interessante em um *exemplum* e se estava presente em Trogo<sup>221</sup>, seu abreviador não a acha digna de nota, nesse caso; contudo, a ausência poderia ser justificada se considerarmos que Temístocles integra a narrativa de Xerxes, e, com ele fora da Grécia e morto, não haveria espaço mais amplo para um enfoque no comandante ateniense, quando, em seguida, apenas é abordado como Artaxerxes I conseguiu assegurar seu lugar no trono (Just. 3.1), para, então, se passar aos conflitos internos na Grécia.

### 3.1.5 Filipe II da Macedônia

Passando à Macedônia, Filipe II integra uma das duas narrativas mais longas do *Epítome* – a outra é dedicada a seu sucessor. Com isso, a personagem liga-se a um número maior de outras figuras, e, assim como já fizemos até aqui, analisaremos também aquela que,

---

<sup>220</sup> [4] *Themistocles ut uidit spei urbis inuideri, non existimans abrupte agendum, respondit legatis ituros Lacedaemonem qui de ea re pariter cum illis consulant.* [5] *Sic dimissis Spartanis hortatur suos opus maturent.* [6] *Dein ipse interiecto tempore in legatione proficiscitur, et nunc in itinere infirmitate simulata, nunc tarditatem collegarum accusans, sine quibus agi iure nihil posset, diem de die proferendo spatium consummando operi quaerebat;* [7] *cum interim nuntiatur Spartanis opus Athenis maturari, propter quod denuo legatos mittunt ad inspiciendam rem.* [8] *Tum Themistocles per seruum magistratibus scribit Atheniensium legatos uinciant pignusque teneant ne in se grauius consulatur.* [9] *Adit deinde contionem Lacedaemoniorum, indicat permunitas Athenas esse et posse iam inlatum bellum non armis tantum, sed etiam muris sustinere;* [10] *si quid ob eam rem de se crudelius statuerent, legatos eorum in hoc pignus Athenis retentos.* [11] *Grauius deinde castigat eos quod non uirtute, sed inbecillitate sociorum potentiam quaererent.* [12] *Sic dimissus ueluti triumphatis Spartanis a ciuibus excipitur.*

<sup>221</sup> Os *Prólogos* não permitem divisar se estaria ou não.

de nosso ponto de vista, contribui para a construção da imagem do rei macedônio. Começamos, então, por aquele responsável por sua formação, e a partir do qual há sua introdução na narrativa.

### 3.1.5.1 *Epaminondas*

No *Epítome*, Epaminondas representa a ponte entre os conflitos internos da Grécia<sup>222</sup> – principalmente entre atenienses, espartanos e tebanos – e sua dominação perpetrada pelos macedônios, a qual teria resultado dessas desavenças<sup>223</sup>. O general é introduzido na narrativa como aquele a partir de quem os tebanos podem aspirar à soberania grega:

[3] [o]s primeiros, então, a levar guerra a eles [os lacedemônios], com as tropas auxiliares atenienses, foram os tebanos, [4] cuja cidade, pela expansão de suas fronteiras, foi erigida à esperança da soberania da Grécia pela virtude do comandante Epaminondas<sup>224</sup> (Just. 6.4.3-4).

A passagem é significativa, visto que, mais à frente (Just. 6.8.3), Justino conta que nunca, antes – ou mesmo depois – de Epaminondas, Tebas havia-se destacado dessa forma em guerra, de modo que é o general quem motiva essa realização. Assim, apontamos que a *uirtus* do general está ligada à disciplina militar, pois se faz menção à ampliação das fronteiras de sua pátria, e ele já cumpre sua função exemplar em vida ao inspirar seus concidadãos a grandes feitos, ainda que esses ocorram em um ambiente questionável, dado o resultado que os conflitos internos geram para a Grécia como um todo. Entretanto, logo a seguir, Justino não descreve qualquer atuação individual de Epaminondas.

O tebano será reintroduzido na narrativa três capítulos depois, ainda no livro VI, de modo muito semelhante:

<sup>222</sup> Em 3.2.1, Justino informa que, após a derrota de Xerxes, espartanos e atenienses entram em conflito, e “[...] a Grécia [...] converte as armas das guerras externas como contra as suas próprias vísceras.”; [...] *Graecia [...] ab externis bellis uelut in uiscera sua arma conuertit*. No *Epítome*, isso inicia uma constante de batalhas gregas, variando aqueles que são vencedores e, consequentemente, soberanos.

<sup>223</sup> “[1, 1] Enquanto as cidades da Grécia desejam comandar individualmente, todas perderam o comando, [2] porque, impelidas, sem moderação, a uma ruína mútua, não perceberam, exceto quando subjugadas, que o que cada uma perdia era subtraído de todas.” (Just. 8.1.1-2); [1, 1] *Graeciae ciuitates, dum imperare singulae cupiunt, imperium omnes perdiderunt, [2] quippe in mutuuum exitium sine modo ruentes, omnibus perire quod singulae amitterent, non nisi oppressae senserunt*.

<sup>224</sup> [3] *Primi igitur Thebani, Atheniensibus auxiliantibus, bellum his intulere, [4] quae ciuitas ex finitimis incrementis uirtute Epaminondae ducis ad spem imperii Graeciae erecta est*.

[7, 1] [1]logo, após uns poucos dias, enquanto nenhum lado [dos árcades e dos espartanos] mostrava-se hostil, como se houvesse um tácito consenso de trégua, e os lacedemônios travavam outras guerras contra os vizinhos, os tebanos, a partir do comandante Epaminondas, foram tomados da esperança de ocupar a urbe deles<sup>225</sup> (Just. 6.7.1).

Mais uma vez, porém, para além de ser uma espécie de força motriz, Epaminondas não recebe, na batalha que se segue, um destaque individual. Com efeito, a peleja é mais gloriosa para o lado espartano, já que o exército tebano é segurado por homens cuja idade não era adequada às armas, de modo que são eles que assumem uma função exemplar para os mais jovens:

[2] [e]ntão, no início da noite, partem, em silêncio, para a Lacedemônia; não puderam, contudo, atacar os incautos, [3] pois os velhos e os outros de idade imbele, como pressentiram a vinda dos inimigos, saem armados ao encontro deles na soleira das portas; [4] e não mais do que cem homens já afetados pela idade oferecem-se à batalha contra quinze mil soldados. [5] A visão da pátria e dos penates supre tamanho ânimo e força, e os ancestrais preenchem-nos de seu alento tanto por sua presença como por sua recordação. [6] Com efeito, quando viram entre quem e contra quem se levantavam, consideraram que deveriam ou vencer ou morrer. [7] Uns poucos velhos, então, sustiveram uma linha de combate que dias antes a juventude inteira não pudera<sup>226</sup> (Just. 6.7.2-7)

Diante dessa situação e com a chegada de Agesilau – rei espartano que estava com o exército principal –, os tebanos retiram-se, mas, logo, a batalha é retomada, devido à inspiração oferecida pelos habitantes mais velhos da cidade que assumiram posição ofensiva para a sua defesa (Just. 6.7.9-10). O conflito será encerrado quando Epaminondas é ferido:

[11] [e]nquanto a vitória estava com os tebanos, Epaminondas, que executava o serviço não só de comandante como também de um soldado muito corajoso, é severamente ferido. [12] Tendo ouvido isso, insufla-lhes o

<sup>225</sup> [7, 1] *Paucis deinde post diebus, neutris quicquam hostile facientibus, cum quasi tacito consensu induitiae essent, Lacedaemoniis alia bella aduersus finitimos gerentibus, Thebani, Epaminonda duce, occupandae urbis eorum spem ceperunt.*

<sup>226</sup> [2] *Igitur principio noctis taciti Lacedaemona proficiscuntur; non tamen adgredi incautos potuerunt.* [3] *Quippe senes et cetera inbellis aetas, cum aduentum hostium praesensissent, in ipsis portarum angustiis armati occurrunt;* [4] *et aduersus XV milia militum non amplius centum iam effetae aetatis uiri pugnae se offerunt.* [5] *Tantum animorum uiriumque patriae et penatium conspectus subministrat, tantoque praesentia quam recordatione sui maiores spiritus largiuntur.* [6] *Nam, ut uidere inter quae et pro quibus starent, aut uincendum sibi aut moriendum censuerunt.* [7] *Pauci igitur sustinere senes aciem cui par ante dies uniuersa iuuentus esse non potuit.*

medo oriundo da dor, e o estupor oriundo da alegria daqueles, e, assim, como se em um plácido consenso, retiram-se da batalha<sup>227</sup> (Just. 6.7.11-2).

No trecho, é explícito que Epaminondas destaca-se por sua atuação militar, tanto em sua esfera de liderança, como na da prática de um soldado, o que se reflete na vitória que pendia para seu lado. Se sua presença vinha inspirando o povo à ação, sua ausência, derivada de seu ferimento, leva à necessidade de um afastamento da guerra, o que será mais bem desenvolvido em outro trecho adiante, conforme discutiremos. Sua falta é relevante a ponto de afetar não só suas tropas, que se veem alquebradas, mas também os inimigos que se alegram com sua queda, chegando mesmo ao estupor.

Epaminondas vai, enfim, receber destaque no *Epítome*, porém já em sua morte. Dessa forma, a narrativa sobre o general tebano vai na contramão das outras personagens analisadas até aqui, que têm relevo ao longo de suas vidas, mas cujos óbitos ocupam pouco espaço. Contudo, isso não ocorre porque a morte de Epaminondas é, de fato, detalhada, mas devido à inserção de Justino do louvor de seus feitos quase como uma lembrança saudosa, um lamento diante dos efeitos de seu fim. Esse tipo de reflexão derivada do falecimento de um grande nome também ocorrerá após o assassinato de Filipe II, por exemplo, quando há sua comparação com Alexandre, o Grande, mas, em contraste com o que acontece com o tebano, o rei macedônio tem sua vida amplamente abordada.

Justino desenvolverá a perda de Epaminondas por meio de um símile digno, a nosso ver, de uma epopeia homérica, o que é adequado a uma morte em campo bélico e diante da grandeza que será abordada adiante:

[8, 1] [1]ogo, após uns poucos dias, Epaminondas morreu; com ele, foram abatidas, do mesmo modo, as forças da república. [2] Com efeito, como quando quebras a ponta de uma lança, privas da força de ferir o restante do ferro, assim com ele, tal como o fio de uma espada, arrebatado o comandante dos tebanos, do mesmo modo, embotaram-se as forças da república, de modo que pareciam ter não só sido privados dele, como perecido com ele. [3] Com efeito, não travaram guerra alguma que fosse memorável antes desse comandante, nem foram, posteriormente, insignes por suas virtudes, mas por seus desastres, como se estivesse manifesto que a glória da pátria tinha nascido e também morrido com ele<sup>228</sup> (Just. 6.8.1-3).

<sup>227</sup> [11] *Cum uictoria Thebanorum esset, Epaminonda, dum non ducis tantum, uerum et fortissimi militis officio fungitur, grauiter uulneratur.* [12] *Quo audito, et his ex dolore metus, et illis ex gaudio stupor incitur atque ita uelut ex placito consensu a proelio disceditur.*

<sup>228</sup> [8, 1] *Post paucos deinde dies Epaminonda decedit, cum quo uires quoque rei publicae ceciderunt.* [2] *Nam sicuti telo si primam aciem praefergeris, reliquo ferro uim nocendi sustuleris, sic illo, uelut mucrone teli, ablato duce Thebanorum, rei quoque publicae uires hebetatae sunt, ut non tam*

A ideia de que a glória tebana está atrelada à *uirtus* de Epaminondas – o que seria comprovado pela comparação da atuação bélica de Tebas anterior e posterior a ele – será justificada pelo modo de conduta do general, o qual o configura, de fato, como um *exemplum*:

[4] [n]o entanto, era incerto se teria sido melhor como homem ou como comandante. [5] Com efeito, sempre buscou a soberania não para si, mas para sua pátria [6] e foi a tal ponto parcimonioso com o dinheiro que faltou a quantia para seu funeral. [7] Também não era mais desejoso de glória do que de dinheiro, já que ele recusou todos os comandos que lhe foram oferecidos, [8] e, assim, parecia que os aceitava não para receber honras, mas para dar a eles próprios dignidade. [9] Tinha tamanha instrução seja no estudo das letras, seja no da filosofia que parecia prodigioso que fosse tão insigne na ciência militar um homem nascido entre as letras<sup>229</sup> (Just. 6.8.4-9).

Epaminondas é aquele que tem um comportamento virtuoso tanto na esfera privada, enquanto indivíduo, como na pública, enquanto general, o que não se aplica, por exemplo, a Semíramis ou Alexandre, o Grande. Tal construção ocorre pois é seu comportamento enquanto indivíduo que influencia sua vivência militar, de modo que há uma edificação pessoal que se reflete na prática pública. Talvez essa característica ocorra porque Epaminondas consegue unir duas esferas que parecem opor-se – visto que Justino assinala o prodígio –, pois é efetivo em seu serviço militar, mas antes se havia dedicado a uma cultura letrada.

O general tebano também apresenta um grande desprendimento monetário, que pode ser ligado, em específico, à *paupertas*, conforme destacada por Valério Máximo. Com efeito, a narrativa sobre a falta de recursos de Epaminondas em sua morte é paralela à de Lúcio Júnio Bruto, o qual é apresentado por Valério como *exemplum* dessa virtude:

[...] este mesmo [Júnio Bruto] após administrar três consulados muito aprovados pelo povo romano e, a partir de seus muitos e grandes feitos, ampliar o renome de seus antepassados, nesse ínterim, esse ápice dos fastos morreu com um patrimônio, de fato, sem o valor suficiente para suas

---

*illum amisisse quam cum illo interissem omnes uiderentur.* [3] *Nam neque hunc ante ducem ullum memorabile bellum gessere, nec postea uirtutibus, sed cladibus insignes fuere, ut manifestum sit patriae gloriam et natam et extinctam cum eo fuisse.*

<sup>229</sup> [4] *Fuit autem incertum uir melior, an dux esset.* [5] *Nam et imperium non sibi semper, sed patriae quaesiuisset, [6] et pecuniae adeo parcus fuit ut sumptus funeri defuerit.* [7] *Gloriae quoque non cupidior quam pecuniae, quippe recusanti omnia imperia ingesta sunt, [8] honoresque ita gessit ut ornatum non accipere, sed dare ipsi dignitati uideretur.* [9] *Iam litterarum studium, iam philosophiae doctrina tanta ut mirabile uideretur unde tam insignis militiae scientia homini inter litteras nato.*

exéquias, e, por isso, as quantias foram retiradas do tesouro público. Não se prolongue em buscar uma discussão mais ampla sobre a pobreza (*paupertatem*) de tamanho homem: com efeito, é bem claro o que vivo teria possuído, quando faltou ao morto um leito fúnebre e uma pira<sup>230</sup> (V. Max. 4.4.1).

Demonstra-se, portanto, que a *paupertas* – a ponto de que não haja o suficiente para pagar seus rituais fúnebres – é considerada uma virtude digna de admiração quando se observam, paralelamente, as funções desempenhadas em vida. Tal conceito é aplicável a Epaminondas, pois surpreende que um general com tantos sucessos não goze de conforto monetário, afinal, teria acesso direto aos butins decorrentes de suas vitórias, conforme é facilmente observável nas narrativas dedicadas a outros comandantes ao longo do *Epítome*, nomeadamente Alexandre, o Grande, que se corrompe pelo contato com o ouro persa obtido de Dario III (Just. 11.10.1-2). Acreditamos, assim, que sua falta de recursos não é apresentada como negativa, pois Epaminondas não é descrito como um dissipador de riquezas – veremos o contraste com Filipe mais à frente –, de modo que sua pobreza decorre de outra característica, a qual também não é negativa.

Justino indica que o general tebano não tem *cupiditas*, e suas intenções são sempre em favor do bem da comunidade, de maneira que só aceita posições de honra contrariado. Com isso, o general alinha-se aos reis de um passado anterior a Nino, o qual, por desejar o poder para si próprio, muda esse costume (Just. 1.1.7). Consideramos que esse elemento pode ser ligado à *frugalitas*, sobre a qual Cícero afirma que:

[...] parece ser característica dela governar e acalmar os movimentos do espírito sequioso e sempre manter a constância moderadora em qualquer circunstância, fazendo frente à ganância. O vício contrário a ela é denominado iniquidade<sup>231</sup> (Cic., *Tusc.* 3.17, trad. B. F. Bassetto com adaptações).

<sup>230</sup> [...] *idemque postea tres consulatus acceptissimos populo Romano gessit et plurimorum ac maximorum operum praetexto titulum imaginum suarum amplificavit, cum interim fastorum illud columen patrimonio ne ad exequiarum quidem inpensam sufficiente decessit, ideoque publica pecunia ductae sunt. non adinet ulteriore disputatione tanti uiri paupertatem scrutari: abunde enim patet quid uiuus possederit, cui mortuo lectus funebris et rogas defuit.*

<sup>231</sup> [...] *uidetur esse proprium motus animi adpetentis regere et sedare semperque aduersantem libidini moderatam in omni re seruare constantiam. Cui contrarium uitium nequitia dicitur.*



O abreviador une, no episódio, o desprendimento quanto ao que é imaterial àquele em relação ao que é material, já que o general rejeita tanto a glória individual<sup>232</sup> como o ganho monetário – *[g]loriae quoque non cupidior quam pecuniae*. Pela definição de Cícero do conceito, parece-nos que esse desprezo pela riqueza também poderia estar englobado na *frugalitas*; o próprio Cícero, por exemplo, ao definir virtudes, informa que “[...] a frugalidade incorporou as três virtudes: coragem, justiça e prudência (ainda que de fato *isso seja o comum das virtudes, pois todas elas estão interligadas e são dependentes entre si*) [...]”<sup>233</sup> (Cic., *Tusc.* 3.17, trad. B. F. Bassetto com adaptações, grifo nosso). Por isso, teorizamos que a *frugalitas* pode motivar a *paupertas* no contexto apresentado, e, por conseguinte, essas virtudes complementar-se-iam na figura do general tebano.

Com efeito, ao abordar parte da história de Crotona, no livro XX, Justino indica que Pitágoras teria sido responsável por defender e ensinar ao povo dali uma vida baseada na *frugalitas*, já que os crotonenses haviam-se entregado à luxúria após a derrota para a Lócrida, apesar do contexto que indicava a superioridade militar dos vencidos. Na narrativa, lê-se:

[8] [f]requentemente [Pitágoras] procedeu, do mesmo modo, à instrução das matronas separada dos maridos e a dos meninos de seus pais. [9] Ensinava, ora, àquelas, o pudor e a obediência aos maridos, ora, a esses, a modéstia e o conhecimento das letras. [10] Em meio a isso, apresentava, a todos, a frugalidade (*frugalitatem*) como a progenitora das virtudes [11] e conseguiu, com a frequência das discussões, que as matronas depusessem as vestes douradas e outros ornamentos de sua dignidade como se fossem instrumentos da luxúria e, tendo levado tudo ao santuário de Juno, consagrassem-nos à própria deusa, [12] alardeando que os verdadeiros ornamentos das matronas eram o pudor, não as vestes. [13] Os ânimos insolentes das mulheres, que foram vencidos, atestam quanto foi alcançado também na juventude<sup>234</sup> (Just. 20.4.8-13).

<sup>232</sup> Não seria ocioso lembrar que o desejo por glória tende a ser apresentado como virtude no *Epítome*, como, logo no início, destaca-se o desejo dos reis antigos por ela – “[...] e contentes com a vitória, buscavam não a soberania para si, mas a glória para seus próprios povos.” (Just. 1.1.7); [...] *contentique uictoria non imperium sibi, sed populis suis gloriam quaerebant*. –, bem como, ao descrever os citas, essa é uma característica que se sobressai – “[...] vitoriosos, nada cobiçam além da glória.” (Just. 2.3.7); [...] *nihil uictores praeter gloriam concupiscunt*. Nota-se, assim, o desprendimento do general tebano mesmo em relação a algo que não seria digno de opróbrio.

<sup>233</sup> [...] *eo tris uirtutes, fortitudinem iustitiam prudentiam, frugalitas complexa est (etsi hoc quidem commune est uirtutum; omnes enim inter se nexae et iugatae sunt)*: [...] (Grifo nosso).

<sup>234</sup> [8] *Matronarum quoque separatam a uiris doctrinam et puerorum a parentibus frequenter habuit*. [9] *Docebat nunc has pudicitiam et obsequia in uiros, nunc illos modestiam et litterarum studium*. [10] *Inter haec uelut genetricem uirtutum frugalitatem omnibus ingerebat* [11] *consecutusque disputationum adsiduitate erat, ut matronae auratas uestes ceteraque dignitatis suae ornamenta uelut instrumenta luxuriae deponerent eaque omnia delata in Iunonis aedem ipsi deae consecrarent*, [12] *prae se ferentes uera ornamenta matronarum pudicitiam, non uestes esse*. [13] *In iuuentute quoque quantum profligatum sit uicti feminarum contumaces animi manifestant*.

Assim, a própria narrativa de Justino apresenta a *frugalitas* como se fosse uma virtude “guarda-chuva” em que se abrigam outras. Destacamos que, em 20.4.9, a modéstia e o conhecimento das letras são indicados como elementos de formação desde a infância, e, embora, ali, mais ligado ao feminino, também percebemos que o repúdio a objetos considerados de luxo também é colocado como louvável. Todas essas três características integram a construção de Epaminondas.

Por fim, chega-se, realmente, ao episódio de sua morte:

[10] [e] a razão de sua morte não se diferenciou desse propósito de vida; [11] com efeito, quando, levado ao acampamento semimorto, reuniu sua voz e espírito, ele inquiriu aos que estavam ao redor uma coisa: se, ao cair, os inimigos haviam subtraído seu escudo. [12] Quando ouviu que fora salvo e trazido, beijou-o, como a um aliado de trabalhos e de glória. Mais uma vez, perguntou qual lado vencera; [13] quando ouviu que foram os tebanos, disse que a situação ia bem e, assim, como se parabenizando a pátria, expirou<sup>235</sup> (Just. 6.8.10-3).

O modo como se dá a morte de Epaminondas é célebre – Cícero o cita na já indicada epístola *Fam.* 51.2, e Valério Máximo (3.2 *ext.* 5) também o destaca –, embora variem os detalhes em cada narrativa. Justino não faz referência a uma flecha ou lança que teria atingido o general, a qual ele só teria autorizado que fosse removida após saber que seu escudo estava em segurança, mas, tendo mantido a última parte, demonstra, igualmente, sua *fortitudo* diante da morte, assim como o segundo questionamento reforça sua constante preocupação com a glória de Tebas. Adicionalmente, sua perda será sentida por seus concidadãos, mas também pelos atenienses, que deixam de ter um opositor que os inspirasse a se manter sempre prontos para a guerra<sup>236</sup>:

---

<sup>235</sup> [10] *Neque ab hoc uitae proposito mortis ratio dissensit.* [11] *Nam ut relatus in castra semianimis uocem spiritumque collegit, id unum a circumstantibus requisiiuit, num cadenti sibi scutum ademisset hostis.* [12] *Quod ut seruatum audiuit adlatumque, ueluti laborum gloriaeque socium, osculatus est, iterum quaesiuit, utri uicissent.* [13] *Vt audiuit Thebanos, bene habere se rem dixit atque ita uelut gratulabundus patriae exspirauit.*

<sup>236</sup> A ideia da necessidade de um exercício bélico constante em oposição a um ócio considerado corruptor pode ser observada em outras passagens do *Epítome*, como em: “[13] [d]epois disso, os espartanos, para que os homens não se corrompessem com o ócio e para que vingassem a guerra trazida à Grécia duas vezes pelos persas, passam a saquear além de suas fronteiras” (Just. 2.15.13); [13] *Post haec Spartani, ne uires otio corrumperent et ut bis inlatum a Persis Graeciae bellum ulciscerentur, ultro fines eorum populantur.*

[9, 1] [c]om a morte dele, a virtude dos atenienses também é desmantelada, [2] visto que, perdido aquele com quem costumavam disputar, enfraquecidos pela ociosidade e pelo torpor, [3] não acodem com as receitas públicas, como outrora, à frota e ao exército, mas a dias festivos e a preparativos de jogos [4] e celebram os teatros com atores e poetas nobilíssimos, visitando com mais frequência a cena do que o acampamento e louvando os versificadores como melhores do que os comandantes<sup>237</sup> (Just. 6.9.1-4).

Há um juízo de valor na passagem, em que se coloca a prontidão bélica acima de desenvolvimentos culturais – juízo que poderia explicar o fato de que Justino coloca como um prodígio que Epaminondas tenha sido um homem de letras e de armas –, pois os últimos representam a perda da disciplina militar de Atenas e, então, ocasionam a sua própria queda e a ascensão do poder macedônio:

[6] [o] resultado dessas ações foi que, em meio aos vícios dos gregos, o nome antes sórdido e obscuro dos macedônios emerge, [7] e Filipe, que viveu como refém por três anos em Tebas, letrado nas virtudes de Epaminondas e Pelópidas, impôs, como se um jugo de servidão, o reino da Macedônia aos pescos da Grécia e da Ásia<sup>238</sup> (Just. 6.9.6-7).

Assim, a vida de Epaminondas influencia a ampliação do poder de Filipe por lhe ter servido como exemplo de virtude, e sua morte, por permitir que os atenienses caíssem em um ócio considerado corruptor, facilitando sua dominação. Esse contexto, somado à grandeza do general tebano, justificaria, a nosso ver, o tom de lamento que Justino dá à passagem em que aborda sua perda.

---

<sup>237</sup> [9, 1] *Huius morte etiam Atheniensium uirtus intercidit, [2] siquidem amisso, cui aemulari consueuerant, in segnitiam torporemque resoluti, [3] non ut olim in classem et exercitus, sed in dies festos apparatusque ludorum reditus publicos effundunt [4] et cum actoribus nobilissimis poetisque theatra celebrant, frequentius scenam quam castra uisentes uersificatoresque meliores quam duces laudantes. [5] Tunc uectigal publicum, quo antea milites et remiges alebantur, cum urbano populo diuidi coeptum. [6] Quibus rebus effectum est ut, inter uitia Graecorum, sordidum et obscurum antea Macedonum nomen emergeret, [7] et Philippus, obses triennio Thebis habitus, Epaminondae et Pelopidarum uirtutibus eruditus, regnum Macedoniae Graeciae et Asiae ceruicibus ueluti iugum seruitutis inponeret.*

<sup>238</sup> [6] *Quibus rebus effectum est ut, inter uitia Graecorum, sordidum et obscurum antea Macedonum nomen emergeret, [7] et Philippus, obses triennio Thebis habitus, Epaminondae et Pelopidarum uirtutibus eruditus, regnum Macedoniae Graeciae et Asiae ceruicibus ueluti iugum seruitutis inponeret.*

### 3.1.5.2 *Dos primeiros reis da Macedônia a Filipe II*

Conforme já apontamos anteriormente, Filipe e Alexandre, o Grande, ocuparão parte significativa da narrativa do *Epítome*, e suas histórias estendem-se, com algumas digressões, do livro VII ao XIII, em que se introduzem as consequências da morte de Alexandre. Contudo, embora o livro VI termine com um aceno à dominação da Grécia por Filipe, o VII é começado não pelos feitos deste, mas pela origem da Macedônia, conforme o autor tende a fazer sempre que aponta a passagem de poder de um a outro povo – neste caso dos gregos para os macedônios.

Nesse contexto, apresenta-se o início de uma importante soberania a partir de bases modestas e estrangeiras, ao contrário do que é indicado quanto aos citas e aos atenienses, por exemplo. Assim, conta-se como parte do território da Macedônia havia sido reino de Telégono, um dos protetores de Troia, e como Carano, motivado por um oráculo, partira para Edessa com um grupo de gregos, tomara a cidade, mudando o nome desta para Egeia (Just. 7.1.5-11), e “[...] com as gentes reunidas de vários povos, primeiro, fez da Macedônia como se um só corpo e constituiu os sólidos alicerces das expansões para um reino que se ampliava.”<sup>239</sup> (Just. 7.1.12).

A passagem parece-nos significativa, pois é possível traçar paralelos com as origens romanas, as quais, segundo o que consta no *Epítome*, seriam alvo de desprezo de outros povos, conforme aparece no discurso dos etólios<sup>240</sup> (Just. 28.2.8) e no de Mitrídates VI, que qualifica os romanos como “aquela mistura impura de estrangeiros”<sup>241</sup> (Just. 38.7.1). Dessa maneira, demonstra-se que uma soberania pode pertencer a povos cujos princípios eram tidos, de certa maneira, como indignos, desde que houvesse a virtude aliada ao trabalho dos cidadãos: “[...] devido à virtude de seus reis e à diligência de sua gente, subjugados, primeiro, os vizinhos, e, em seguida, povos e nações, a soberania [da Macedônia] estendeu-se até os remotos limites do Oriente.”<sup>242</sup> (Just. 7.1.4).

---

<sup>239</sup> [...] *primusque, adunatis gentibus uariorum populorum, ueluti unum corpus Macedoniae fecit, crescentique regno ualida incrementorum fundamenta constituit.*

<sup>240</sup> “[...] que tipo de homens seriam os romanos? Certamente, uns pastores, que tinham ocupado o solo tomado por latrocínio dos legítimos donos; [...]” (Just. 28.2.8); [8] *Quos autem homines Romanos esse? Nempe pastores, qui latrocinio iustis dominis ademptum solum teneant, [...].*

<sup>241</sup> [...] *illa conluuie conuenarum [...].*

<sup>242</sup> [...] *uirtute regum et gentis industria subactis primo finitimis, mox populis nationibusque, imperium usque extremos Orientis terminos prolatum.*

A comparação entre os dois povos poderia ser produtiva para o leitor romano, dado que, conforme indica Ian Worthington (2010, p. 173), “Trogo/Justino e Diodoro estavam preocupados com o que era necessário para se ser um bom governante – assim como estavam os romanos de seu tempo”<sup>243</sup>, de sorte, se as origens e os processos de expansão eram semelhantes, também poderiam ser os resultados de seus governantes, e suas atitudes deveriam ser observadas e seguidas ou evitadas.

Justino continuará destacando os feitos dos macedônios até chegar a Amintas, pai de Filipe II, e Eurídice, esposa do rei, a qual, após a morte do marido, dedicar-se-á a assassinar os filhos, seduzida pela lascívia (*libido*), pois desejava passar o trono a seu amante, plano que tentara levar a cabo quando Amintas ainda estava vivo. Em meio a suas insídias, com a morte de Pérdicas, irmão de Filipe, enquanto seu filho era ainda muito pequeno para ser rei, Filipe inicia seu governo como tutor da criança (Just. 7.5).

Naquele momento, contudo, a Macedônia estava fragilizada em relação a seus vizinhos, motivando o povo a alçá-lo ao trono, porque o fato de o rei ser uma criança fazia com que os inimigos sentissem-se confiantes para atacar, e os aliados, receosos em os auxiliar (Just. 7.5.10). Entre os reis que habitam o *Epítome* e que chegaram a suas posições a partir do assassinato de todas as suas famílias, Filipe coloca-se ao lado das exceções, ao menos neste ponto da narrativa. A ideia de que chegara ao poder por pressão popular, localiza-o, na verdade, ao lado de reis como aqueles antes de Nino que eram eleitos, quando a majestade não era necessariamente hereditária.

Vale ressaltar, contudo, que o povo é motivado não só por sua índole, como por uma profecia que indicava que a Macedônia floresceria sob os auspícios de um dos filhos de Amintas (Just. 7.6.1-2). Como se verá adiante, a índole do rei pode ser considerada, por vezes, dúbia, mas é manifesto que, em seu reinado, os alicerces da soberania macedônia firmam-se, cumprindo o presságio proposto<sup>244</sup>.

---

<sup>243</sup> “Trogo/Justin and Diodorus were preoccupied with that makes a good ruler – as the Romans of their time were.”

<sup>244</sup> Conforme Just. 7.6.1-2, Filipe seria a última esperança para o cumprimento do presságio, pois sua mãe assassinara os demais filhos de Amintas. A preocupação dos macedônios com a observação do presságio neste caso é um claro contraste com o que ocorre com Alexandre, o Grande, que, segundo as crenças populares, ao não seguir o costume quanto ao enterro de seus restos mortais, poderia ter causado o fim da soberania macedônia: “[2, 1] [a]pós ele [Carano], reinou Pérdicas, cuja vida foi ilustre, e as últimas instruções da morte, como se as de um oráculo, também foram memoráveis, [2] visto que o velho moribundo mostrou ao filho, Argeu, o local em que desejava ser enterrado e ordenou que, ali, fossem postos não só seus próprios ossos, mas também os daqueles que lhe sucedessem no reino, [3] prenunciando que, enquanto fossem enterrados ali os restos dos pósteros, o reino permaneceria em sua família. [4] E acreditam, por essa superstição, que a estirpe

Inicialmente, o rei é apresentado como alguém virtuoso, tendo, por exemplo, *prudentia* ao reconhecer as melhores formas de lidar com as guerras externas enquanto a Macedônia estava exaurida por um longo conflito, e *clementia* ao poupar determinados inimigos. Vejamos:

[5] [Filipe] põe fim a umas [guerras] mediante acordo, paga a remissão de outras, e travadas aquelas mais fáceis, com a vitória delas, firma os ânimos inseguros dos soldados e coíbe o desprezo dos inimigos por ele. [6] Primeiro, ele lutou contra os atenienses, os quais, vencidos devido a emboscadas, com medo de uma guerra mais severa, embora pudesse assassinar a todos, deixa-os partir incólumes, sem resgate. [...] [8] Dali, toma de assalto a Tessália [...], não pela cobiça da pilhagem, mas porque desejava unir a seu exército o vigor dos cavalos dos tessálios [...] [14] Quando assaltava a urbe de Motona, ao passar diante da muralha, uma flecha atirada vazou o olho direito do rei. [15] Esse ferimento não o fez mais lento na guerra, nem mais irado contra os inimigos, [16] a ponto de que, passados alguns dias, teria dado a paz aos que a clamavam e não teria sido apenas moderado, mas também brando em relação aos vencidos<sup>245</sup> (Just. 7.6.5-16).

Destacamos da passagem o episódio da perda do olho do rei em frente a Motona, pois o consideramos um claro modelo de *exemplum*: há uma narrativa curta em que o rei demonstra grande virtude – note-se como há o domínio da ira em uma atitude quanto aos inimigos que lembra a admoestação de Anquises, na *Eneida*, sobre a necessidade de “poupar submissos e a espinha dobrar dos rebeldes e tercoss.”<sup>246</sup> (Verg., *A.* 7.854, trad. C. Alberto Nunes). Justino utiliza o adjetivo *moderatus* para descrever o rei no trecho, o que nos permite relacionar a *moderatio* à *clementia*, visto que, conforme Gilson dos Santos (2023, p. 10):

---

foi extinta com Alexandre, porque o local de sepultura foi alterado.” (Just. 7.2.1-4); [2, 1] *Post hunc Perdicca regnavit, cuius et uita inlustris et mortis postrema, ueluti ex oraculo, praecepta memorabilia fuere.* [2] *Siquidem senex moriens Argeo filio monstravit locum quo condi uellet, ibique non sua tantum, sed et succedentium sibi in regnum ossa poni iussit,* [3] *praefatus, quoad ibi conditae posterorum reliquiae forent, regnum in familia mansurum;* [4] *creduntque hac superstitione extinctam in Alexandro stirpem, quia locum sepulturae mutauerit.*

<sup>245</sup> [5] *alia interposita pactione conponit, alia redimit, facillimis quibusque adgressis, quorum uictoria et militum trepidos animos firmaret et contemptum sibi hostium demeret.* [6] *Primum illi cum Atheniensibus certamen fuit; quibus per insidias uictis, metu belli grauioris, cum interficere omnes posset, incolumes sine pretio dimisit.* [...] [8] *Hinc Thessaliam non praedae cupiditate, sed quod exercitui suo robur Thessalorum equitum adiungere gestiebat,* [...] [14] *Cum Mothonam urbem oppugnaret, in praetereuntem de muris sagitta iacta dextrum oculum regis effodit.* [15] *Quo uulnere nec segnior in bellum nec iracundior aduersus hostes factus est,* [16] *adeo ut, interiectis diebus, pacem deprecantibus dederit, nec moderatus tantum, uerum etiam mitis aduersus uictos fuerit.*

<sup>246</sup> *parcere subiectis et debellare superbos”.*

[...] a misericórdia é considerada uma virtude cívica complementar à temperança (*moderatio*), mas pressupõe relação hierárquica e está correlacionada ao poder político exercido entre os concidadãos<sup>247</sup>.

Para Valério Máximo, a *moderatio* é uma virtude de grande importância, como podemos verificar a seguir:

[p]assarei à parte mais benéfica do espírito, a moderação (*moderationem*), a qual não permite que nossas mentes sejam tomadas pelo impulso do excesso e do desatino; pelo que se torna livre da repreensão da crítica e a mais opulenta ao granjear louvor<sup>248</sup> (V. Max. 4.1 *pr.*)

Conforme observaremos mais à frente, essa virtude de Filipe é revisitada por Justino, quando o rei domina a Grécia e é capaz de reger suas emoções diante do inimigo vencido e de seus pares, aliando-a, mais uma vez, à *clementia*. De toda forma, o trecho sobre Motona poderia ser facilmente recortado do texto do *Epítome* para ser utilizado em outro contexto, mantendo um sentido completo, como são apresentados os *exempla* em Valério Máximo, mas essa opção não é a de Justino, que o integra de modo orgânico à narrativa dos feitos do rei.

Embora, no livro VII, a representação de Filipe seja quase inteiramente positiva, o *Epítome* apresenta, pelo menos, um indício de que o rei é constituído de uma outra faceta, ao contrário do que ocorre com aqueles que o precederam – como Amintas e Alexandre I –, cujas histórias são condensadas em poucos atos, sendo, então, mais unilaterais. Assim, indica-se:

[10] [c]om o bom resultado vindo dessas ações, [Filipe] tomou por esposa Olímpíade, filha de Neoptólemo, rei dos molossos, [11] tendo preparado as núpcias seu primo-irmão, responsável pela virgem, Arribas, rei dos molossos, que era casado com a irmã de Olímpíade, Troade. Tal união foi, para ele, a causa da ruína e de todos os males. [12] Com efeito, enquanto espera obter expansões de seu reino pelo parentesco com Filipe, privado, por ele, do próprio reino, envelheceu no exílio<sup>249</sup> (Just. 7.6.10-12).

<sup>247</sup> “[...] mercy is considered a civic virtue complementary to temperance (*moderatio*), but presupposes hierarchical relation and is correlated to political power exercised among fellow citizens.”

<sup>248</sup> *Transgrediar ad saluberrimam partem animi, moderationem, quae mentes nostras in potentiae et temeritatis incursum transversas ferri non patitur. quo evenit ut reprehensionis morsu sit uacua et laudis quaestu sit opulentissima.*

<sup>249</sup> [10] *Quibus rebus feliciter prouenientibus, Olympiadam, Neoptolemi, regis Molossorum, filiam, uxorem ducit, [11] conciliante nuptias fratre patrueli, auctore uirginis, Arribas, rege Molossorum, qui sororem Olympiadis Troada in matrimonio habebat; quae causa illi exitii malorumque omnium fuit. [12] Nam dum regni incrementa ad finitatem Philippi adquisiturum se sperat, proprio regno ab eodem priuatus in exilio consenuit.*

Veremos em outro trecho, posteriormente, como se concretiza a ruína de Arribas, mas a passagem pressagia algo em relação às ações de Filipe. Já no livro VIII, a ideia da *prudencia* do rei será desenvolvida, pois ele tem, mais uma vez, características de um estrategista ao alimentar as discórdias entre as potências gregas, de modo a separá-las (Just. 8.1.3). Por conseguinte, é posto na liderança por tebanos e tessálios em oposição aos foces, que haviam assaltado o templo de Delfos, e, ao conseguir a vitória, descreve-se:

[5] [é] incrível quanta glória essa ação rendeu a Filipe junto a todas as nações; [6] dizia-se que ele era o punidor do sacrilégio, o vingador da religião, que sozinho ter-se-ia levantado para exigir os desagravos pelo que devia ser expiado com as forças de todo o orbe. [7] E, assim, era digno de ser tratado como próximo aos deuses aquele por meio do qual a majestade dos deuses teria sido vingada<sup>250</sup> (Just. 8.2.5-7).

Há, então, um aparente compromisso religioso do rei, que é bem-visto e aprovado por aqueles que o observam, o que poderia indicar para a construção de um *exemplum* que denota uma virtude a ser emulada; essa construção, contudo, é apenas momentânea. Apesar da adulação popular, os atenienses voltar-se-ão contra Filipe para que não avance na Grécia, o que, contudo, serão incapazes de impedir. De qualquer forma, o capítulo 3 do livro VIII é aquele em que começa a se descortinar com mais clareza o outro lado da construção de Filipe, por meio da quebra de *fides* quanto a seus aliados; então notaremos suas faltas em relação aos deuses e à família, pois, além de atacar templos – uma ofensa em relação aos mesmos deuses que teria vingado –, será revelado que o rei buscava também a morte de seus meios-irmãos, que, até o momento, não haviam sido citados como concorrentes ao trono macedônio:

[3, 1] [m]as Filipe, em comparação, também não foi de maior idoneidade com os aliados. [2] Com efeito, como se temendo ser vencido pelos inimigos na transgressão de sacrilégio, saqueou com hostilidade as cidades ocupadas, das quais pouco antes fora comandante, as quais lutaram sob seus auspícios, as quais se regozijaram com ele e consigo mesmas pela vitória; [3] vendeu, coroados, as esposas e os filhos de todos; [4] não poupou os templos dos deuses imortais, nem as residências sagradas, nem os deuses penates públicos e privados, nos quais há pouco fora admitido como hóspede: [5] em suma, agiu de modo que não parecia tanto se ter levantado como vingador do sacrilégio quanto ter buscado uma licença para sacrilégios. [...] [10] Depois disso, ataca os olíntios, pois, por compaixão, acolheram, após o massacre de um de seus irmãos, aos outros dois, os quais, nascidos de sua madrastra,

---

<sup>250</sup> [5] *Incredibile quantum ea res apud omnes nationes Philippo gloriae dedit; [6] illum uindicem sacrilegii, illum ultorem religionum, quod orbis uiribus expiari debuisse solum qui piacula exigeret extitisse. [7] Dignum itaque qui a diis proximus habeatur, per quem deorum maiestas uindicata sit.*



como se herdeiros do reino, Filipe tinha grande desejo de assassinar<sup>251</sup> (Just. 8.3.1-10).

Ressalta-se, então, uma inclinação pessoal de Filipe a um certo excesso, o qual poderia ser ligado à *cupiditas*<sup>252</sup>. De nosso ponto de vista, parece haver uma oposição entre a formação de que o rei desfrutou na casa de Epaminondas e uma índole que lhe seria inata:

[...] assola a antiga e nobre urbe e entrega os irmãos ao suplício destinado a eles há muito e goza, igualmente, da enorme pilhagem e do cobiçado parricídio. [12] Dali, como se lhe fossem permitidas todas as coisas que ele assediava com o ânimo, ocupa a mina de ouro na Tessália, a jazida de prata na Trácia [13] e, para que não deixasse alguma lei ou direito divino inviolado, começa a praticar, do mesmo modo, a pirataria. [14] Assim, após esses feitos, ocorreu, por acaso, que dois irmãos, reis da Trácia, o elegessem como juiz de suas disputas, não por apreço à justiça dele, mas reciprocamente temendo que ele se somasse às forças militares do outro. [15] Mas Filipe, por um costume de sua índole, sobrevém aos irmãos desprevenidos com um exército equipado como se para a guerra e espolia a ambos do reino, não com um caráter de juiz, mas com a fraude e a transgressão de um ladrão<sup>253</sup> (Just. 8.3.11-15).

<sup>251</sup> [3, 1] *Sed nec Philippus melioris fidei aduersus socios fuit. [2] Quippe ueluti timens, ne ab hostibus sacrilegii scelere uinceretur, ciuitates, quarum paulo ante dux fuerat, quae sub auspiciis eius militauerant, quae gratulatae illi sibique uictoriam fuerant, hostiliter occupatas diripuit; [3] coniuges liberosque omnium sub corona uendidit; [4] non deorum immortalium templis, non aedibus sacris, non diis penatibus publicis priuatisque, ad quos paulo ante ingressus hospitaliter fuerat, pepercit: [5] prorsus ut non tam sacrilegii ultor extitisse quam sacrilegiorum licentiam quaesisse uideretur. [...]* [10] *Post haec Olynthios adgreditur; receperant enim per misericordiam post caedem unius duos fratres eius, quos Philippus ex nouerca genitos ueluti participes regni interficere gestiebat.*

<sup>252</sup> De fato, a cobiça pela pilhagem é apresentada como motivadora para seus feitos em outras passagens, como em “[1, 1] [c]omo Filipe vinha à Grécia, atraído pela rapina de umas poucas cidades e imaginando, a partir da pilhagem de umas urbes modestas, quantas riquezas haveria em todas, decidiu levar guerra à Grécia inteira. [...] [9] Do mesmo modo, por causa da pilhagem, pôs-se a caminho da Cítia, para, segundo o costume dos comerciantes, suprir as despesas de uma guerra com outra guerra.” (Just. 9.1.1 e 9); [1, 1] *In Graeciam Philippus cum uenisset, sollicitatus paucarum ciuitatum direptione et ex praeda modicarum urbium quantae opes uniuersarum essent animo prospiciens, bellum toti Graeciae inferre statuit. [...]* [9] *In Scythiam quoque praedandi causa profectus est, more negotiantium inpensas belli alio bello refecturus.*

<sup>253</sup> [11] *Ob hanc igitur causam urbem antiquam et nobilem exscindit et fratres olim destinato supplicio tradit praedaeque ingenti pariter et parricidii uoto fruitur. [12] Inde, quasi omnia quae agitasset animo ei licerent, auraria in Thessalia, argenti metalla in Thracia occupat, [13] et ne quod ius uel fas inuiolatum praetermitteret, piraticam quoque exercere instituit. [14] His ita gestis forte euenit, ut eum fratres duo, reges Thraciae, non contemplatione iustitiae eius, sed inuicem metuentes, ne alterius uiribus accederet, disceptationum suarum iudicem eligerent. [15] Sed Philippus more ingenii sui ad iudicium ueluti ad bellum inopinantibus fratribus instructo exercitu superuenit regnoque utrumque non iudicis more, sed fraude latronis ac scelere spoliauit.*

Notamos o contraste que há entre a narrativa de seus atos no livro VII, quando seu ataque à Tessália não é motivado pela cobiça, mas, conforme já citado, pelo desejo de fortalecer seu exército com os cavalos dali, formando, por conseguinte, um exército invicto (Just. 7.6.8-9), em oposição ao trecho destacado acima em que, dada a justificativa para seus ataques, é descrito como alguém que não respeita leis ou costumes humanos e religiosos.

Além da quebra de *fides* que será desenvolvida no episódio da guerra contra os foces (Just. 8.4-5), outra falta imputada a Filipe é a prostituição de Alexandre, o Molosso, irmão de sua esposa, processo que o tornaria mais obediente ao poder do rei da Macedônia:

[4] [m]as também não se abstém de seus chegados, visto que decidiu destronar Arribas, rei do Épiro, ligado à sua esposa, Olímpíade, por estreitíssimo parentesco, [5] e, em nome da irmã, chama para a Macedônia o enteado dele, Alexandre, irmão de sua esposa Olímpíade, um moço de louvável beleza. [6] Atraído com toda a afeição a uma esperança de reinado, por meio de um amor dissimulado, levou-o a um hábito de desonra para obter dele uma maior complacência ou por pudor da consciência, ou para o benefício do reino. [7] Então, como chegava aos vinte anos, entregou o reino tomado de Arribas ao que era ainda moço, sendo um transgressor em ambos os casos, [8] já que não observou o direito de parentesco em relação àquele a quem privara do reino, e fez desse, a quem o deu, um prostituto antes de um rei<sup>254</sup> (Just. 8.6.4-8).

Com isso, o retrato de Filipe é majoritariamente negativo no livro VIII, encerrando com seu desvio quanto a seu duplo desrespeito ao direito familiar, ligado à esfera da *pietas*. Já no livro IX, tendo o rei privado a Grécia de sua liberdade, demonstra-se sua capacidade estrategista, provavelmente ligada à *prudencia*, de modo que é capaz de controlar suas emoções diante da vitória sobre os atenienses – os quais demonstraram seu valor ao não se render<sup>255</sup> – e os tratar com *clementia*, em oposição ao que é dispensado aos tebanos,

<sup>254</sup> [4] *Sed nec a proximis manus abstinet; siquidem Arrybam, regem Epiri, uxori suae Olympiadi artissima cognatione iunctum, pellere regno statuit* [5] *atque Alexandrum, priuignum eius, uxoris Olympiadis fratrem, puerum honestae pulchritudinis, in Macedoniam nomine sororis arcessit*, [6] *omnique studio sollicitatum in spem regni simulato amore ad stupri consuetudinem perpulit, maiora in eo obsequia habiturus siue conscientiae pudore siue regni beneficio*. [7] *Cum igitur ad XX annos peruenisset, ereptum Arrybae regnum puero admodum tradit, scelestus in utroque*, [8] *nam nec in eo ius cognationis seruauit, cui ademit regnum, et eum, cui dedit, inpudicum fecit ante quam regem*.

<sup>255</sup> Justino destaca sua virtude mesmo na derrota: “[9] [c]omeçada a batalha, ainda que os atenienses fossem superiores pelo número muito maior de soldados, são vencidos pela virtude dos macedônios, endurecida pelas guerras constantes. [10] Todavia, não foram abatidos sem se lembrar de sua antiga glória; pois, todos, morrendo com feridas recebidas frontalmente, cobriram com seus corpos os locais que receberam dos comandantes para defender.” (Just. 9.3.9-10); [9] *Proelio commisso, cum Athenienses longe maiore militum numero praestarent, adsiduis bellis indurata*

garantindo sua dominação sobre eles. Dessa maneira, o rei não se mostra como orgulhoso frente aos vencidos que antes eram vistos como o bastião da liberdade grega, em uma ação que é descrita como calculada para obter efeitos específicos:

[4, 1] [a] felicidade de sua vitória foi sabiamente dissimulada. Em consequência disso, Filipe não fez, naquele dia, os sacrifícios habituais, não riu durante o festim, não ofereceu jogos entre as refeições, nem usou coroas ou perfumes e, assim, venceu tanto quanto lhe coube, de modo que ninguém o percebesse vitorioso. [2] Também ordenou que fosse chamado não de rei da Grécia, mas de comandante. [3] E, assim, conteve-se entre a tácita alegria e a dor dos inimigos, para que não parecesse ter exultado junto aos seus, nem ter insultado os vencidos. [4] Aos atenienses, que ele suportara como os mais ferrenhos inimigos, devolveu, gratuitamente, os cativos, entregou os corpos dos arruinados em guerra para sepultura e os exortou a que depositassem seus restos mortais nos túmulos de seus antepassados. [5] Além disso, envia a Atenas seu filho, Alexandre, junto a seu amigo, Antípatro, para selar a paz e a amizade com eles. [6] Entretanto, vendeu não só os cativos tebanos, mas também a sepultura de seus mortos. [7] Quanto aos cidadãos aristocratas, decapitou uns, encaminhou outros ao exílio e tomou os bens de todos eles<sup>256</sup> (Just. 9.4.1-7).

Assim, é inegável que Filipe possa ser considerado um exímio governante, o que é testemunhado pela ampliação e consolidação do poder macedônio, a partir da dominação de povos vizinhos<sup>257</sup>, mas o narrador do epítome julga seus meios – como ao dizer que “[...] para que não deixasse alguma lei ou direito divino inviolado [...]”, o rei dedicara-se à pirataria (Just. 8.3.13) –, demonstrando uma dualidade na construção do rei que será amplificada no final do livro IX. Ali, Filipe não terá uma morte em campo de batalha, como se poderia esperar de um general, mas será assassinado no casamento de sua filha, Cleópatra, com o

---

*uirtute Macedonum uincuntur. [10] Non tamen inmemores pristinae gloriae cecidere; quippe aduersis uulneribus omnes loca, quae tuenda a ducibus acceperant, morientes corporibus texerunt.*

<sup>256</sup> [4, 1] *Huius uictoriae callide dissimulata laetitia est. Denique non solita sacra Philippus illa die fecit, non in conuiuio risit, non ludos inter epulas adhibuit, non coronas aut unguenta sumpsit, et quantum in illo fuit, ita uicit, ut uictorem nemo sentiret. [2] Sed nec regem se Graeciae, sed ducem appellari iussit. [3] Atque ita inter tacitam laetitiam et dolorem hostium temperauit, ut neque apud suos exultasse neque apud uictos insultasse uideretur. [4] Atheniensibus, quos passus infestissimos fuerat, et captiuos gratis remisit et bello consumptorum corpora sepulturae reddidit, reliquiasque funerum ut ad sepulcra maiorum deferrent ultro hortatus est. [5] Super haec Alexandrum filium cum amico Antipatro, qui pacem cum his amicitiamque iungeret, Athenas misit. [6] Thebanorum porro non solum captiuos, uerum etiam interfectorum sepulturam uendidit. [7] Principes ciuitatis alios securi percussit, alios in exilium redegit, bonaque omnium occupauit.*

<sup>257</sup> Justino descreve como o rei consegue unificar os povos que tem sob seu poder: “[6, 1] [p]õe alguns povos diante dos inimigos nas próprias fronteiras; coloca outros nos remotos limites do reino; distribui alguns cativos de guerra para repovoar as urbes. [2] E, deste modo, cria um só reino e povo a partir de muitas gentes e nações.” (Just. 8.6.1-2); [6, 1] *Alios populos in finibus ipsis hostibus opponit; alios in extremis regni terminis statuit; quosdam bello captos in supplementis urbium diuidit. [2] Atque ita ex multis gentibus nationibusque unum regnum populumque constituit.*

mesmo Alexandre que prostituíra, supostamente em consequência de sua inação enquanto juiz.

A morte do rei é apresentada inicialmente como consequência do tratamento injusto dispensado a Pausânias. Vejamos:

[4] Pausânias, um nobre jovem dos macedônios, a ninguém suspeito, tendo ficado de tocaia numa viela, assassina Filipe na passagem e, de um dia destinado à alegria, faz um horrendo com o luto de um funeral. [5] Nos primeiros anos da puberdade, ele havia indignamente sofrido um estupro por Átalo, a cuja infâmia acrescentara também esta ignomínia: [6] que Átalo o submetera, seduzido por um banquete e debilitado pelo vinho, não só à sua lascívia, mas também à dos convidados, como se fosse uma cortesã barata, e o tornara objeto de riso de todos os de sua idade. [7] Pausânias, suportando com pesar essa situação, apresenta, muitas vezes, sua queixa a Filipe. [8] Como era, não sem riso, desacreditado pelas várias delongas e percebia seu adversário honrado com o cargo de comandante, converte sua ira ao próprio Filipe e executa, contra o injusto juiz, a vingança que não podia contra o adversário<sup>258</sup> (Just. 9.6.4-8).

Perceba-se que Pausânias é vítima de um crime motivado por um vício – a *libido* – e perpetrado por Átalo, o qual, naquele momento, era cunhado de Filipe, pois este rechaçara Olímpade e se casara com a irmã daquele, outra Cleópatra (Just. 9.5.8). Nesse caso, há ainda o agravante de que Átalo prostituíra o jovem não só a seus desejos, mas também aos de seus convidados. O tratamento dado a Pausânias é considerado indigno tanto pelo próprio estupro (*stuprum per iniuriam*) como pelas ações de Filipe diante de sua denúncia (*ab iniquo iudice*), o que demonstra a necessidade de um castigo que não é atendida pelo rei, gerando, então, *ira* e, por fim, *ultio*, o que se configura, mais uma vez, como um comportamento digno de reprimenda de Filipe quando posto em posição de juiz<sup>259</sup>. Conforme discutiremos na próxima subseção, considera-se que o ato de Pausânias tenha sido instigado por Olímpade, mas, dentro da construção do *Epítome*, ele torna-se possível, primeiro, pela impunidade dispensada ao crime sofrido pelo jovem: “[8] [a]creditavam que [...] ambos [Olímpade e Alexandre]

<sup>258</sup> [4] *Pausanias, nobilis ex Macedonibus adulescens, nemini suspectus, occupatis angustiis Philippum in transitu obruncat diemque laetitiae destinatum foedum luctu funeris facit.* [5] *Hic primis pubertatis annis stuprum per iniuriam passus ab Attalo fuerat, cuius indignitati haec etiam foeditas accesserat.* [6] *Nam perductum in conuiuium solutumque mero Attalus non suae tantum, uerum et conuiuuarum libidini uelut scortum uile subiecerat ludibriumque omnium inter aequales reddiderat.* [7] *Hanc rem aegre ferens Pausanias querelam Philippo saepe detulerat.* [8] *Cum uariis frustrationibus non sine risu differretur et honoratum insuper ducatu aduersarium cerneret, iram in ipsum Philippum uertit ultionemque, quam ab aduersario non poterat, ab iniquo iudice exegit.*

<sup>259</sup> Conforme já citamos, Filipe, segundo o *Epítome*, não atua com justiça em 8.3.15, ao ser chamado pelos reis trácios para que julgasse suas desavenças.

teriam impelido Pausânias, que se queixava pela impunidade de seu estupro, a uma tamanha falta”<sup>260</sup> (Just. 9.7.8).

Como já apontamos, há algumas figuras, como Epaminondas, sobre as quais o abreviador insere comentários mais gerais quanto à sua conduta após indicar sua morte. No caso de Filipe, encontramos:

[4] [f]oi um rei mais zeloso com os preparativos das armas do que dos banquetes, [5] ele para quem os maiores bens eram os instrumentos das guerras; mais hábil na aquisição de riquezas do que em sua conservação. [6] Por isso, em meio aos saques cotidianos, sempre estava pobre. [7] Nele, a misericórdia e a perfídia eram amadas em igual condição. A ele, nenhum meio para vencer era vergonhoso. [8] Igualmente persuasivo e traiçoeiro, porque na conversa prometia mais do que cumpria; artífice nas coisas sérias e nas zombarias. [9] Cultivava amizades por sua utilidade, não por lealdade. Era um costume ordinário para ele fingir bondade no ódio, levantar o ódio entre os que estão de acordo e buscar o reconhecimento junto a uns e outros. [10] Em meio a isso, era insigne pela eloquência e pelo discurso, pleno de agudeza e soléncia, de maneira que não faltaria facilidade à sua elegância, nem elegância à sua facilidade de invenção<sup>261</sup> (Just. 9.8.4-10).

O início da descrição faz parecer um retrato de um rei pragmático, mais preocupado com a guerra do que com os prazeres da mesa, mas a descrição logo mostra, como ocorre com Filipe de modo geral, um outro lado de sua atuação. Assim, embora o rei tenha passado seus anos formativos na casa de Epaminondas e se tenha aproveitado de sua virtude para se aperfeiçoar, enquanto seu modelo morre na pobreza em função da *frugalitas*, o que é louvável no contexto, Filipe, que fora motivado pela *cupiditas* ao menos em parte de suas ações, era lançado, ao contrário, à *inopia*, pois esbanjava as riquezas que adquiria. Ademais, o rei é representado como alguém que tomaria qualquer decisão que seria necessária para sua vitória, tendo a *eloquentia* capaz de o auxiliar em seus objetivos.

Tal trecho é seguido por uma comparação entre o rei e seu herdeiro, Alexandre, o Grande:

<sup>260</sup> [...] *utrique Pausaniam de impunitate stupri sui querentem ad tantum facinus inpulisse credebantur.*

<sup>261</sup> [4] *Fuit rex armorum quam conuiuorum apparatibus studiosior, [5] cui maxime opes erant instrumenta bellorum; diuitiarum quaestu quam custodia sollertior. [6] Itaque inter cotidianas rapinas semper inops erat. [7] Misericordia in eo et perfidia pari iure dilectae. Nulla apud eum turpis ratio uincendi. [8] Blandus pariter et insidiosus, adloquio qui plura promitteret quam praestaret; in seria et iocos artifex. [9] Amicitias utilitate, non fide colebat. Gratiam fingere in odio, instruere inter concordantes odia, apud utrumque gratiam quaerere sollemnis illi consuetudo. [10] Inter haec eloquentia et insignis oratio, acuminis et sollertiae plena, ut nec ornatus facilis nec facilitati inuentionum deesset ornatus.*

[11] [a] ele, sucedeu seu filho Alexandre, maior que o pai em virtude e em vícios. [12] Por isso, os meios para vencer eram, para ambos, distintos. Este preparava a guerra em campos abertos, aquele com artifícios. Aquele se alegrava com os inimigos enganados, este, destroçados às claras. [13] Aquele foi mais prudente em seu parecer, este, mais elevado em ânimo. [14] O pai dissimulava a sua ira e, muitas vezes, também a vência; este, quando se tivesse irritado, não havia adiamento, nem moderação de sua vingança. [15] Ambos eram muito ávidos por vinho, mas os vícios da embriaguez eram distintos. O costume do pai era lançar-se ao inimigo até saído de um banquete, ir à peleja, expor-se ao perigo temerariamente; Alexandre enfurecia-se não contra o inimigo, mas com os seus. [16] Por isso que, amiúde, as batalhas devolviam Filipe ferido, enquanto este, frequentemente, saía de um banquete como um carrasco dos amigos. [17] Aquele não queria reinar com amigos, este exercia o poder sobre os amigos. O pai prefere ser amado, este, temido. [18] A cultura das letras era similar em ambos. O pai era maior pela sagacidade, este, pela lealdade. [19] Filipe era mais moderado em suas palavras e em seu discurso, este, em suas ações. [20] O ânimo do filho era mais disposto a poupar os vencidos e mais honesto. O pai fora mais entregue à frugalidade, o filho, ao luxo. [21] Com essas habilidades, o pai lançou os alicerces de um império mundial, o filho consumou a glória de toda sua obra<sup>262</sup> (Just. 9.8.11-21).

Diante desse paralelo, atribuem-se explicitamente virtudes e vícios a ambos os reis, e o leitor pode julgar, a partir do que leu, o retrato de Filipe – note-se, por exemplo, a *prudencia* destacada na passagem e que já discutimos nesta seção. Outro elemento é a capacidade do rei de domar sua *ira*, enquanto Alexandre a levava à *ultio*. A ligação entre esses dois elementos é indicada por Valério Máximo:

[t]ambém a ira e o ódio excitam uma grande agitação nos peitos humanos: aquela progride com mais rapidez, este é mais constante em seu desejo de fazer o mal; cada um sendo uma condição plena de consternações e violenta, nunca sem tormento de quem as têm, pois, enquanto deseja causar dor, a sofre, ansioso com uma amarga inquietação por não experimentar a vingança (*ultio*)<sup>263</sup> (V. Max. 9.3 pr.).

<sup>262</sup> [11] *Huic Alexander filius successit et uirtute et uitii patre maior.* [12] *Itaque uincendi ratio utrique diuersa: hic aperta, ille artibus bella tractabat; deceptis ille gaudere hostibus, hic palam fusis.* [13] *Prudentior ille consilio, hic animo magnificentior.* [14] *Iram pater dissimulare, plerumque etiam uincere; hic ubi exarsisset, nec dilatio ultionis nec modus erat.* [15] *Vini nimis uterque auidus, sed ebrietatis diuersa uitia: patri mos erat etiam de conuiuio in hostem procurrere, manum conserere, periculis se temere offerre; Alexander non in hostem, sed in suos saeuiebat;* [16] *quam ob rem saepe Philippum uulneratum proelia remisere, hic amicorum interfector conuiuio frequenter excessit.* [17] *Regnare ille cum amicis nolebat, hic in amicos regna exercebat. Amari pater malle, hic metui.* [18] *Litterarum cultus utrique similis. Sollertiae pater maioris, hic fidei.* [19] *Verbis atque oratione Philippus, hic rebus moderatior.* [20] *Parcendi uictis filio animus et promptior et honestior. Frugalitati pater, luxuriae filius magis deditus erat.* [21] *Quibus artibus orbis imperii fundamenta pater iecit, operis totius gloriam filius consummauit.*

<sup>263</sup> *Ira quoque et odium in pectoribus humanis magnos fluctus excitant, procursu celerior illa, nocendi cupidine hoc pertinacius, uterque consternationis plenus affectus ac numquam sine tormento sui*

Com efeito, a capacidade de Filipe para dominar sua ira e não a levar à *ultio* pode ser observada, por exemplo, no episódio do cerco de Motona. Adicionalmente, embora Justino apresente o rei como um esbanjador em 9.8.5-6, coloca-o, em 9.8.20, como mais frugal do que seu herdeiro, o que faz sentido, visto que Filipe é descrito como alguém que preferia a guerra aos banquetes no início da passagem, enquanto, conforme veremos, a narrativa aponta que Alexandre corromper-se-á pelo contato com o luxo persa (Just. 11.10.1-2). Logo, cria-se uma expectativa em relação à construção de Alexandre, a qual poderia ou não se adequar ao retrato que o leitor de Justino já conheceria<sup>264</sup>, afinal, estudiosos, como Catherine Rubincam (2005) e Brett Bartlett (2014), consideram que a representação de Alexandre no *Epítome* é uma das – e talvez a mais – negativas que a Antiguidade nos legou. Nesse sentido, concordamos com a visão de Worthington (2010, p. 167-8):

[e]m uma primeira leitura, o relato dá uma visão, habitualmente, hostil ao caráter de Filipe. Justino o vê como uma pessoa cruel, enganosa e desprovida de vergonha em suas ações e ainda diz que Filipe não hesitou em saquear e vender como escravas as mulheres e crianças das cidades aliadas (8.3.1-5). Alexandre também é alvo de crítica, e a passagem mostra que as más qualidades de Alexandre superaram suas boas qualidades. [...] Uma leitura mais cuidadosa dessa passagem de Justino revela que Filipe é apresentado como o reverso de Alexandre. Em outras palavras, as boas qualidades pessoais de Filipe superam as más, e, portanto, Trogo/Justino eleva-o acima de Alexandre. [...] A crítica ao caráter de Filipe na passagem pode, no entanto, ser simplesmente o reconhecimento pragmático das medidas que Filipe foi forçado a tomar, dadas as situações em que ele tantas vezes se encontrava, e, portanto, que o público romano de Trogo/Justino entenderia. Durante grande parte de seu reinado, Filipe lutou para unificar seu reino, dada a sua história, para proteger suas fronteiras de invasões e para desafiar a interferência por parte das potências gregas hostis.<sup>265</sup>

---

*uiolentus, quia dolorem, cum inferre uult, patitur, amara sollicitudine ne non contingat ultio anxius.*

<sup>264</sup> Vale notar que, como indica Worthington (2010, p. 167-8), a opinião acerca de Alexandre variou ao longo do tempo, sendo hostil no primeiro século antes da Era Comum, mas simpática no século II de nossa era, devido à ascensão do filelenismo. Justino estaria inserido no segundo momento, mas escolhe uma fonte pertencente ao primeiro, e sua obra reflete a opinião corrente no tempo de Trogo sobre o dominador macedônio.

<sup>265</sup> “At a first reading the account gives a generally hostile view of Philip’s character. Justin views him as a cruel person, deceitful, and beyond shame in his actions, and, further, says that Philip had no hesitation in plundering and selling into slavery the women and children of allied cities (8.3.1-5). Alexander is also the subject of criticism, and the passage shows that Alexander’s bad qualities outweighed his good qualities. [...] A more careful reading of this Justin passage reveals that Philip is presented as the reverse of Alexander. In other words, Philip’s personal good qualities outweigh his bad ones, and hence Trogo/Justin elevates him over Alexander. [...] The criticisms of Philip’s character in the passage may, however, simply be pragmatic acknowledgments of the measures

A percepção de que Filipe assume as posições que são necessárias para o sucesso de sua soberania faz sentido na medida em que o rei é apresentado como prudente, e essa virtude pode ser observada, por exemplo, quando ele opta por ser chamado de comandante, não de rei da Grécia – veremos o contraste com seu herdeiro que, em determinado momento, deseja ser adorado por seus subordinados, o que gera tensão em seu reino (Just. 12.7.1-3). Contudo, o sucesso em suas ações não isenta Filipe de reprimendas por parte do narrador. Assim, Justino apresenta a dualidade dessas figuras, que não parecem perfeitas ou totalmente reprováveis por se apresentarem em um ato particular. Filipe é um exímio estrategista, ao mesmo tempo em que é imoderado; é apontado como frugal quando comparado a Alexandre, mas dissipador quando considerado individualmente. Essa visão mais ampla em oposição ao isolamento de ações específicas acaba por humanizar essas personagens, as quais, muitas vezes, como ocorre com Semíramis, sobressaem-se na esfera pública, enquanto se desviam na vida privada. Quanto a Filipe, nota-se que seus vícios não o impedem de ser grandioso e assim lançar os alicerces de uma soberania que será levada a seu ápice por Alexandre.

### 3.1.6 Olimpíade

Considerando a intersecção que realiza entre Filipe e Alexandre, optamos por inserir, nesta subseção, a análise da construção de Olimpíade. Esta é introduzida na narrativa como uma espécie de moeda no jogo de interesses dos homens que têm sua guarda, o que, embora comum, nem sempre é o destino das mulheres do *Epítome*, conforme vimos com Semíramis e Tamires. Como indicamos na subseção anterior, Filipe, tendo resolvido com sucesso os obstáculos do início de seu reinado, casa-se com Olimpíade, princesa dos molossos, a qual é apresentada como filha de Neoptólemo. O casamento é organizado pelo primo-irmão e cunhado da princesa, Arribas, que era também seu tutor, o qual esperava, com a ligação pelo parentesco, a expansão de seu reino. Contudo, “[t]al união foi, para ele, a causa de todos os males e do exílio”<sup>266</sup> (Just. 7.6.11), já que Filipe chamará, sob o nome de Olimpíade, o irmão dela, Alexandre, para junto de si, irá seduzi-lo e o colocar no trono dos molossos no lugar do

---

Philip was forced to take, given the situations in which he so often found himself, and hence which Trogus/Justin’s Roman audience would understand. For much of his reign, Philip was fighting to unite his kingdom, given its history, to protect its borders from invasion, and to defy interference on the part of hostile Greek powers.”

<sup>266</sup> [...] *quae causa illi exitii malorumque omnium fuit.*



rei (Just. 8.6.4-6). Assim, nota-se que aquela que é usada como meio para adquirir a ampliação de um reino por seu tutor, é utilizada por seu marido como pretexto para a perda de poder daquele.

Enquanto se desenrolam os feitos de Filipe, Alexandre, então com dezoito anos, juntar-se-á à expedição do pai (Just. 9.1.8), e, posteriormente, o rei repudiará Olímpíade por suspeitar de uma infidelidade, casando-se, a seguir, com a irmã de Átalo, Cleópatra. Em um primeiro momento, a informação é dada como se de passagem, mas, ali, Olímpíade deixa de ser apresentada como a filha de Neoptólemo, e passa a receber o epíteto de mãe de Alexandre:

[8] [n]o início da primavera, [Filipe] envia primeiro à Ásia, que estava sob a autoridade dos persas, três comandantes, Parmênio, Amintas e Átalo, cuja irmã recebera em matrimônio, tendo repudiado Olímpíade, mãe de Alexandre, devido à suspeita de sua desonra<sup>267</sup> (Just. 9.5.8)

Logo a seguir, Filipe é assassinado por Pausânias no casamento de sua filha com seu cunhado, que fora seu amante. Em um primeiro momento, a justificativa dada para o homicídio seria o fato de que Pausânias havia sido estuprado por Átalo e seus convidados, tendo solicitado de Filipe uma punição a seus agressores. O rei, entretanto, tê-lo-ia desprezado e elevado Átalo de posição, o que deslocara o ódio do jovem a si. Contudo, Justino apresenta que também se acreditava que haveria uma insídia por parte de Olímpíade e Alexandre. Assim, a introdução de um protagonismo da rainha repudiada tem um certo grau de incerteza por ser uma informação acreditada, uma espécie de mexerico, e não um fato – de fato, a opção pelo subjuntivo (*fuisse*) demonstra o não comprometimento do narrador com o que apresenta:

[7, 1] [t]ambém se acreditou que [Pausânias] teria sido incitado por Olímpíade, mãe de Alexandre, e que o próprio Alexandre não teria figurado como ingênuo quanto ao assassinato do pai; [2] pois não menos teria Olímpíade se amargurado com o divórcio e com o fato de que Cleópatra fora preferida em seu lugar do que Pausânias com o estupro. [...] [7] Do mesmo modo, Olímpíade incitava seu irmão, Alexandre, rei do Épiro, para a guerra e o teria convencido, se o pai, primeiro, não o tivesse feito seu genro com o casamento da filha. [8] Acreditavam que, por essas exasperações das iras, ambos teriam impelido Pausânias, que se queixava pela impunidade de seu estupro, a uma tamanha falta<sup>268</sup> (Just. 9.7.1-8).

<sup>267</sup> [8] *Initio ueris tres duces in Asiam Persarum iuris praemittit, Parmenionem, Amyntam et Attalum, cuius sororem nuper expulsa Alexandri matre Olympiade propter stupri suspicionem in matrimonium receperat.*

<sup>268</sup> [7, 1] *Creditum est etiam inmissum ab Olympiade, matre Alexandri, fuisse, nec ipsum Alexandrum ignarum paternae caedis extitisse; [2] quippe non minus Olympiada repudium et praelatam sibi Cleopatram quam stuprum Pausaniam doluisse. [...] [7] Olympias quoque fratrem suum*

Após a apresentação desses boatos, Justino indica as ações de Olímpíade, que teria arquitetado a fuga do assassino e, com a morte dele, honrado seu corpo. Perceba-se como a rainha usa da desculpa do dever para poder acessar o reino e, por extensão, Pausânias:

[10] [1] Logo, tendo ouvido sobre o homicídio do rei, ela própria, sob o pretexto do dever, teria corrido às exéquias e, na mesma noite em que veio, depositou uma coroa de ouro na cabeça de Pausânias que pendia de uma cruz, algo que, estando vivo o filho de Filipe, nenhum outro poderia ousar senão ela. [11] Logo, após uns poucos dias, cremou o corpo do assassino, que fora desprendido da cruz, sobre os restos mortais do marido, fez um túmulo no mesmo lugar do dele e cuidou para que, incutida a superstição no povo, fossem feitos sacrifícios a ele todos os anos. [12] Depois disso, obrigou Cleópatra – em prol de quem fora rechaçada do casamento por Filipe – a pôr fim à vida enforcando-se; antes, a filha deles havia sido morta em seu regaço. E, com a visão da enforcada, obteve a vingança a que se apressara por meio do parricídio. [13] Finalmente, consagrou aquela espada, com a qual o rei foi assassinado, a Apolo, sob o nome de Mirtale; de fato, este foi o seu nome quando pequenina, antes de Olímpíade. [14] Todas essas ações foram feitas publicamente, de modo que parecia, assim, ter receado que não se reconhecesse que a falta fora cometida por ela<sup>269</sup> (Just. 9.7.10-14).

Claramente, Olímpíade não é apresentada como uma figura positiva: regida pela ira, busca sua vingança, eliminando sua substituta junto à filha, e celebrando aquele por quem seu ex-marido fora morto enquanto faz questão de que todos saibam que é ela quem comete o que Justino chama de delito (*facinus*), estando protegida sob o nome de Alexandre – o que garante que não sofra as consequências. Como vimos com Tamires, a vingança (*ultio*) não necessariamente é apresentada como algo negativo, porém, enquanto Tamires é capaz de reger seus sentimentos, Olímpíade é dominada pela ira – como Alexandre também será. Motivada por essa inquietação, Olímpíade pode contar com o apoio de seu filho em suas

---

*Alexandrum, Epiri regem, in bellum subornabat peruicissetque, ni filiae nuptus pater generum occupasset. [8] His stimulis irarum utrique Pausaniam de impunitate stupri sui querentem ad tantum facinus inpulisse credebantur.*

<sup>269</sup> [10] *Ipsa deinde audita regis nece cum titulo officii ad exequias cucurrisset, in cruce pendentis Pausaniae capiti, eadem nocte qua uenit, coronam auream inposuit, quod nemo alius audere nisi haec superstitie Philippi filio potuisset. [11] Paucos deinde post dies refixum corpus interfectoris super reliquias mariti cremauit et tumulum ei eodem fecit in loco parentarique eidem quotannis incussa populo superstitione curauit. [12] Post haec Cleopatram, a qua pulsa Philippi matrimonio fuerat, in gremio eius prius filia interfecta, finire uitam suspendio coegit; spectaculoque pendentis ultione potita est, ad quam per parricidium festinauerat. [13] Nouissime gladium illum, quo rex percussus est, Apollini sub nomine Myrtales consecrauit, hoc enim nomen ante Olympiadis paruulae fuit. [14] Quae omnia ita palam facta sunt ut timuisse uideatur ne facinus ab ea commissum non probaretur.*

ações para levar a cabo sua vingança, visto que, pouco antes da morte de Filipe, Alexandre parece estar mais próximo de sua mãe do que de seu suposto pai, já que discute com ele em um banquete, sendo perseguido pelo rei com a espada desembainhada. Tal episódio faz com que o então príncipe retire-se para junto de sua mãe no Épiro e retorne à Macedônia apenas por ter sido coagido pela súplica de parentes (Just. 9.7.3-6). Além disso, já rei, Alexandre busca não só uma origem divina como limpar o nome de sua mãe da desonra, afastando-se ainda mais de Filipe:

[2] [1]logo, dirige-se para consultar Jove Âmon sobre os eventos futuros e também sobre sua própria origem. [3] E, com efeito, a mãe dele, Olímpíade, havia confessado a seu marido, Filipe, que Alexandre não fora concebido dele, mas de uma serpente de enorme magnitude. [4] Iguualmente, Filipe, próximo ao fim de sua vida, proclamara que ele não era mesmo seu filho. [5] Por esse motivo, em repúdio, expulsara Olímpíade como se condenada por sua desonra. [6] Então, Alexandre, desejando adquirir uma origem divina e, ao mesmo tempo, libertar a mãe da infâmia, incita os sacerdotes, por meio de emissários, a responderem o que ele desejava<sup>270</sup> (Just. 11.11.2-6).

Mais tarde, com a morte de Alexandre, Justino esclarecerá que Olímpíade, na verdade, vira-se em sonho com a serpente, o que também ocorre, por exemplo, com Laódice, esposa de Antíoco e mãe de Seleuco Nicátor, que sonha com Apolo, embora, no seu caso, isso não seja apresentado como algo negativo e digno de que fosse rechaçada, como acontece com Olímpíade – talvez porque Laódice recebe um anel que comprovaria o encontro com o deus (Just. 15.4.2-6). De todo modo, a suposta infidelidade de Olímpíade deixa de ser construída no texto como desonra quando se esclarece que foi um sonho, tornando-se, então, um dos prenúncios da grandeza de seu filho:

[2] [n]a noite em que sua mãe, Olímpíade, o concebeu, viu-se, durante o sono, ser enrolada por uma serpente enorme e não foi enganada pelo sonho, pois, sem dúvida, levou em seu útero uma obra maior do que a mortalidade humana; [3] e, ainda que a estirpe dos eácidas, desde a mais remota memória dos séculos, e os reinados de seu pai, de seu irmão, de seu marido e, sucessivamente, de todos os seus antepassados tenham sido ilustres, nenhum,

---

<sup>270</sup> [2] *Ad Iouem deinde Hammonem pergit consulturus et de euentu futurorum et de origine sua.* [3] *Namque mater eius Olympias confessa uiro suo Philippo fuerat Alexandrum non ex eo se, sed ex serpente ingentis magnitudinis, concepisse.* [4] *Denique Philippus ultimo prope uitae suae tempore filium suum non esse palam praedicauerat.* [5] *Qua ex causa Olympiada uelut stupri conpertam repudio dimiserat.* [6] *Igitur Alexander cupiens originem diuinitatis adquirere, simul et matrem infamia liberare, per praemissos subornat antistites quid sibi responderi uellet.*

contudo, foi tão preclaro quanto aquele em nome de seu filho<sup>271</sup> (Just. 12.16.2-3).

Com os crescentes conflitos entre os diádocos pelo poder, o papel de Olímpíade como influenciadora ativa dos eventos políticos torna-se mais pronunciado. Anteriormente, há a já citada tentativa frustrada de levar seu irmão à guerra contra Filipe (Just. 9.7.7); depois, suas acusações são elencadas entre os motivos que teriam levado Antípatro a tramar o envenenamento de Alexandre<sup>272</sup> (Just. 12.14.3). Porém, após a morte de seu filho, aqueles que estão no poder vão buscar sua aprovação; é o que acontece quando Pérdicas tenta casar-se com Cleópatra, irmã de Alexandre, e quando se iniciam os conflitos entre ele e Antígono: “[11] [a] alguns agradava que a guerra fosse transferida para a Macedônia, [...] onde também estava Olímpíade, mãe de Alexandre, [12] (que tinha) um peso não medíocre sobre os partidos e o favor dos cidadãos devido aos nomes de Alexandre e Filipe [...]”<sup>273</sup> (Just. 13.6.11-12).

Sua ligação com Alexandre beneficia sua posição, já que Justino, ao se referir a Cleópatra, destaca o peso do nome do rei – “[t]amanha era a veneração da grandeza de Alexandre que o favor do seu nome sagrado era buscado até nos passos de mulheres”<sup>274</sup> (Just. 14.1.8) –, mas pode surpreender que o nome de Filipe ainda apareça no trecho, considerando os acontecimentos posteriores à morte do rei. Sua relação com ele é lembrada quando as tropas enviadas contra ela passam para seu lado:

[9] [e], com efeito, enquanto Olímpíade, mãe do rei Alexandre, ia do Épiro à Macedônia [...] [10] ou pela memória de seu marido, ou pela grandeza de seu

<sup>271</sup> [2] *Qua nocte eum mater Olympias concepit, uisa per quietem est cum ingenti serpente uolutari, nec decepta somnio est, nam profecto maius humana mortalitate opus utero tulit;* [3] *quam cum Aeacidarum gens ab ultima saeculorum memoria et regna patris, fratris, mariti ac deinceps maiorum omnium inlustrauerint, nullius tamen nomine quam filii clarior fuit.*

<sup>272</sup> Embora Justino apresente que a rainha teria abalado Antípatro com várias acusações ([...] *Olympiade uariis se criminationibus uexatum [...]*), e que estas contribuíram para que ele perpetrasse o envenenamento do rei, não há, no *Epítome*, uma descrição mais detalhada quanto ao que Olímpíade teria feito exatamente e em que contexto. Em Plutarco (*Alex.* 68.2-3), narra-se que as guerras expansionistas de Alexandre, como a dominação da Índia, e suas consequências teriam levado a agitações na Macedônia, e, já que Olímpíade e Cleópatra discordavam de Antípatro, teriam dividido o poder, ficando aquela com o Epiro e esta com a Macedônia. A partir disso, Alexandre teria elogiado sua mãe, pois, a seu ver, os macedônios não se sujeitariam ao poder de uma mulher.

<sup>273</sup> [11] *Quibusdam placebat bellum in Macedoniam transferri ad ipsum fontem et caput regni ubi et Olympias esset, mater Alexandri, [12] non mediocre momentum partium et ciuium fauor propter Alexandri Philippique nomina; [...].*

<sup>274</sup> [8] *Tanta ueneratio magnitudinis Alexandri erat ut etiam per uestigia mulierum fauor sacrati eius nominis quaereretur.*

filho e pela indignidade das circunstâncias, os macedônios passaram para (o lado de) Olímpíade, por cuja ordem foram mortos Eurídice e também o rei, [...]”<sup>275</sup> (Just. 14.5.9-10).

Perceba-se que, ao contrário do que ocorre com Filipe, por exemplo, cujo apoio popular deriva ou de suas ações ou de presságios a seu respeito, no caso de Olímpíade, ele ocorre a partir do nome dos homens que a ela se ligam de alguma forma. Por outro lado, tanto os eventos que levam à tomada do trono por Olímpíade, como o início de seu reinado são caracterizados como femininos. Eurídice, esposa de Arrideu – ou seja, de Filipe III – tendo-se aproveitado da fragilidade da saúde de seu marido, começa a exercer o poder em seu nome, porém, “[...] estando abalada pela rivalidade feminina [...]”<sup>276</sup> (Just. 14.5.2), vê-se ameaçada pela presença de Olímpíade, que fora chamada da Grécia para a Macedônia. As atitudes que Eurídice toma a partir disso, conforme já citado, levarão à sua morte e a de seu marido. Já reinando, os feitos de Olímpíade, ou seja, o massacre dos aristocratas, são considerados mais “[...] um costume feminino do que régio, convertendo em ódio o favor a si”<sup>277</sup> (Just. 14.6.1).

Justino não apresenta, todavia, mais informações a respeito do motivo que faria com que a ação de Olímpíade se diferenciasse daquelas tomadas por reis na mesma posição. O *Epítome* é permeado de governantes que não poupam nem mesmo seus familiares ainda crianças ao subir ao trono. Alexandre, o Grande, por exemplo, mata seu irmão (Just. 11.2.3) e todos os parentes de sua madrasta que Filipe elevara a posições de poder (Just. 11.5.1-2); de fato, o rei mata tantas pessoas que, ao contemplar o suicídio após o assassinato de Clito, lembra-se deles com remorso:

[...] e lhe doía que um amigo velho e inofensivo tivesse sido morto por ele em meio aos festins e às bebidas. [...] [14] Então, vieram a seu encontro Parmênio e Filotas, então, Amintas, seu primo, então a madrasta e os irmãos mortos, então Átalo, Euríloco, Pausânias e outros aristocratas da Macedônia extintos. [15] Por isso, ele esteve quatro dias sem comer, até que foi dissuadido pelas preces de todo o exército [...]”<sup>278</sup> (Just. 12.6.6-15).

<sup>275</sup> [9] *Namque Olympias, mater Alexandri regis, cum ab Epiro in Macedoniam prosequente [...] [10] seu memoria mariti seu magnitudine filii et indignitate rei moti Macedones ad Olympiada transiere, cuius iussu et Eurydice et rex occiditur, [...]*.

<sup>276</sup> [...] *muliebri aemulatione percussa [...]*.

<sup>277</sup> [...] *muliebri magis quam regio more fecisset, fauorem sui in odium uertit.*

<sup>278</sup> [...] *amicumque senem et innoxium a se occisum inter epulas et pocula dolebat. [...] [14] Tunc Parmenion et Philotas, tunc Amyntas consobrinus, tunc nouerca fratresque interfecti, tunc Attalus, Eurylochus, Pausanias aliique Macedoniae extincti principes occurrerunt. [15] Ob haec illi quadriduo perseuerata inedia est, donec exercitus uniuersi precibus exoratus est [...]*.

Também Ptolomeu VIII exerce o poder de modo violento, eliminando aqueles que considerava como empecilhos a seus interesses, sejam eles seus familiares ou não. Por isso, seu povo, temendo a morte, exila-se do Egito, a ponto de que Ptolomeu precise atrair estrangeiros para ocupá-lo e não ser rei apenas de edifícios vazios<sup>279</sup> (Just. 38.8.3-7). Embora essas ações sejam dignas de censura, apenas o que faz Olímpíade recebe o rótulo de “costume feminino” (*muliebri more*).

Com o desagrado geral, a rainha irá para Pidna para escapar de Cassandro, mas, como é presa em um cerco junto a um “[...] bando mais pomposo do que útil”<sup>280</sup> (Just. 14.6.3), acaba por se entregar, após acordar sua salvação com o inimigo. Cassandro, porém, tramará para que os familiares dos assassinados pela rainha acusem sua crueldade (*crudelitatem mulieris*), e Olímpíade seja condenada (Just. 14.6.6). Note-se como se apresenta que a rainha é morta porque o povo se esquece, em meio à ira, das ações de seu marido e de seu filho, como se houvesse a possibilidade de que elas pudessem se sobrepor, de alguma forma, à sua crueldade e, assim, isentá-la da morte:

[7] [i]nflamados por eles, os macedônios, sem respeito por sua antiga majestade, decretam que seja morta, [8] esquecidos, inteiramente, que pelo filho e pelo marido dela, não só eles mesmos tiveram uma vida segura em meio aos vizinhos, como também conquistaram tamanhas riquezas e a soberania do orbe<sup>281</sup> (Just. 14.6.7-8).

Dessa maneira, a *ira* e a *crudelitas* são apresentadas, na construção de Olímpíade, como vícios femininos, os quais, se presentes em alguém em uma posição de poder, acabarão por levar a uma queda, aparentemente, inevitável quando há opositores capazes de atacar as fraquezas abertas por esses desvios. Todavia, a lembrança dos nomes dos reis retornará ao povo durante o assassinato da rainha:

[9] [m]as, quando Olímpíade vê que eles vêm, obstinados, até si armados, avança ao seu encontro, em veste régia, apoiada em duas criadas. [10] Ao vê-la, os algozes, assombrados pela sorte da majestade prévia e pelos nomes de tantos de seus reis que a partir dela vinham à memória, detiveram-se, [11] até que foram enviados por Cassandro os que a trespassaram. Ela não se refugiou da espada, nem gritou como uma mulher com as feridas, mas sucumbiu à morte ao modo dos homens fortes para a glória de sua antiga

<sup>279</sup> [...] *cum regem se non hominum, sed uacuarum aedium uideret*, [...] (Just. 38.8.7).

<sup>280</sup> [...] *speciosus magis quam utilis grex*, [...].

<sup>281</sup> [7] *A quibus accensi Macedones sine respectu pristinae maiestatis occidendam decernunt*, [8] *inmemores prorsus quod per filium eius uirumque non solum uitam ipsi inter finitimos tutam habuissent, uerum etiam tantas opes imperiumque orbis quaesissent*.

prosápia, de maneira que também ao morrer se poderia reconhecer que era a mãe de Alexandre. [12] Conta-se que, expirando, teria arrumado os cabelos e reunido sua veste nas pernas para que nada pudesse ser visto no corpo dela como indecoroso<sup>282</sup> (Just. 14.6.9-12).

Certa de sua morte, Olímpíade, segundo o texto, deixa de apresentar as características femininas que a levaram até ali e passa a se comportar como era esperado de “homens fortes” (*uirorum fortium more*), o que, por sua vez, reforça seu rótulo de mãe de Alexandre. Aparentemente, é ao morrer que a rainha vai apresentar o feito sobre-humano que lhe concederia seu status de *exemplum*, como uma mulher que não desvia da morte e perece com grande dignidade.

A mudança de um status negativo para um positivo não surpreende dentro da obra de Justino, já que o autor apresenta personagens que, humanos que são, têm seus erros e acertos, sofrendo suas consequências. Conforme já discutimos, a comparação entre Filipe e Alexandre, ao final do livro IX, demonstra que mesmo os grandes nomes, centrais em soberanias de destaque, têm seus defeitos e qualidades. Além disso, Rebecca Frank (2018, p. 48) aponta que é possível traçar um paralelo entre a morte de Olímpíade e aquela de Cleópatra apresentada por Horácio nas *Odes* (1.37), em que a alteração de status é a mesma.

Para Frank (2018, p. 43), Olímpíade é um *exemplum* dos problemas levantados por uma mulher que tem acesso ao poder, sendo uma fonte de destruição e um obstáculo às aspirações políticas dos outros desde o momento em que é introduzida na narrativa. A nosso ver, o rótulo é um tanto duro, já que outras mulheres são apresentadas, no *Epítome*, sob um prisma positivo estando no poder. Além disso, quando surge pela primeira vez na narrativa, a então princesa não tem escolha quanto a seu casamento, e, já rainha, seu nome é apenas usado como pretexto para que seu irmão seja substituído. Claramente, Olímpíade também não impede que seu filho seja um dos maiores líderes do *Epítome*<sup>283</sup>.

Ela aparece, sob a guarda de Arribas, como filha de Neoptólemo para se casar, e, a partir daí, seu nome e suas ações estão sempre sob a sombra, principalmente, de seu filho,

---

<sup>282</sup> [9] *Sed Olympias ubi obstinatos uenire ad se armatos uidet, ueste regali, duabus ancillis innixa ultro obuiam procedit.* [10] *Qua uisa percussores adtoniti fortuna maiestatis prioris et tot in ea memoriae occurrentibus regum suorum nominibus substiterunt,* [11] *donec a Cassandro missi sunt, qui eam confoderent, non refugientem gladium sed nec uulnera aut muliebriter uociferantem, sed uirorum fortium more pro gloria ueteris prosapiae morti succumbentem, ut Alexandrum posses etiam in moriente matre cognoscere.* [12] *Compsisse insuper expirans capillos et ueste crura contexisse fertur, ne quid posset in corpore eius indecorum uideri.*

<sup>283</sup> Embora as ações de Olímpíade em relação a Antípatro sejam elencadas entre as que motivaram o assassinato de Alexandre, elas não parecem pesar mais em sua decisão do que aquelas do próprio rei (Just. 12.14.1-5).

mas também de seu marido. Assim, será apresentada como irada, invejosa e rancorosa quando sua posição é ameaçada, mas entre esses dois homens, essa posição é dúbia; se sua relação com a serpente é negativa de um ponto de vista que privilegia Filipe, quando ele passa para Alexandre, é algo próspero. Olimpíade é delimitada por sua linhagem; na vingança, vê-se livre pela proteção de Alexandre, a ponto de utilizar um nome que não é ligado a nenhum dos dois – Mírtale<sup>284</sup>; na morte, é sua ascendência que é lembrada, assim como o rótulo de mãe de Alexandre que é reforçado. Em seu fim, reconhece-se quem era seu filho, não o peso de seus atos.

### 3.1.7 Alexandre, o Grande

Antes que a narrativa sobre Alexandre, o Grande, comece de fato, há algumas referências ao conquistador naquelas de outras personagens<sup>285</sup>. Em Just. 1.2.9, ao elencar os feitos de Semíramis, conta-se que a rainha “[...] levou guerra às Índias, onde além dela e de Alexandre, o Grande, ninguém penetrou”<sup>286</sup>. Quando aborda a origem das amazonas, Justino aponta a união entre a rainha Mírtia ou Taléstris e o macedônio (Just. 2.4.32-33), a qual é motivada pela necessidade de gerar descendência, episódio que o abreviador considera relevante retomar em duas outras ocasiões (Just. 12.3.5-6 e 42.3.7). Depois, indica-se como se acreditava que Alexandre fora o responsável pela queda do poder de sua linhagem ao alterar o local de seu enterro, desprezando as instruções de seu antepassado, Pérdicas (Just. 7.2.4), conforme já citamos anteriormente.

Assim, notamos a importância dada a seus feitos, visto que aparece como alguém cujas ações, de algum modo, interferem no curso das narrativas de outros, seja como comparante, destacando a grandeza do feito de Semíramis, seja por, supostamente, levar ao fim a soberania de sua família.

Já em meio às ações de Filipe II, Alexandre é citado em duas passagens antes do assassinato do rei. Primeiro, quando Filipe “[...] chama para junto de si o filho, Alexandre, de

<sup>284</sup> Segundo Plutarco (*De Pyth.* 14), a rainha teve quatro nomes: Polixena (Πολυξένην/*Polyxénēn*), Mírtale (Μυρτάλην/*Myrtálēn*), Olimpíade (Ὀλυμπιάδα/*Olympiáda*) e Estratonice (Στρατονίκην/*Stratonikēn*). A mudança de Mírtale para Olimpíade derivaria de uma homenagem ou a um festival em honra a Zeus que teria ocorrido próximo a seu casamento com Filipe, ou à vitória de seu marido nas Olimpíadas, ocorrida no ano seguinte (McAuley, 2018, p. 478).

<sup>285</sup> Além das indicações citadas, há, em Just. 2.3.4, uma menção a Zopirião, comandante de Alexandre, mas se considerou que ela dizia mais respeito aos citas e ao comandante do que ao rei, de fato.

<sup>286</sup> [...] *Indis bellum intulit, quo praeter illam et Alexandrum Magnum nemo intrauit.*



dezoito anos, para que, sob a campanha de seu pai, ingressasse nos primeiros estudos da guerra”<sup>287</sup> (Just. 9.1.8), e, posteriormente, ao ser enviado a Atenas junto a Antípatro para selar a paz (Just. 9.4.5). Observamos, então, que, ao contrário de Xerxes I, a quem falta a disciplina militar ao subir ao trono, o que ocasiona, de certa forma, sua queda, Filipe tivera o cuidado de formar seu herdeiro tanto no exercício das armas como no da diplomacia, essenciais para sua futura posição, como o próprio governo de seu pai atesta.

Mais adiante, como já discutimos nas duas subseções anteriores, Alexandre é inserido nos boatos a respeito do assassinato de Filipe, como se não fosse omissos aos supostos planos de sua mãe. Embora essa situação pudesse ser apontada como uma falta quanto à *pietas*, também notamos que as relações entre Alexandre e seu pai estavam fragilizadas após o rei ter rechaçado Olímpíade, devido à suspeita de que Alexandre não seria seu filho<sup>288</sup>. Não obstante, ao começar a governar, o primeiro cuidado de Alexandre é com as exéquias paternas e com o massacre dos envolvidos no assassinato de Filipe, com exceção de Alexandre dos linceas<sup>289</sup> (Just. 11.2.1-2).

Então, inicia-se, de fato, a narrativa a respeito do conquistador. Conforme esperamos demonstrar, o contraste entre Filipe e Alexandre, oferecido pelo próprio *Epítome* e anunciado desde a morte do primeiro, configura-se como uma espécie de roteiro daquilo que se considera, em Justino, como a degeneração (*degenero* cf. Just. 12.4.1) do segundo. Assim, abordaremos, de início, as virtudes com que Alexandre é construído para, então, passar a seus vícios.

No princípio, o exercício do poder de Alexandre ocorre sem grandes controvérsias:

[7] [a] chegada de Alexandre foi como uma cura para esses casos, [8] o qual, diante de uma assembleia, confortou todo o vulgo e, assim, exortou-o segundo a circunstância, de modo que removesse o medo dos que temiam e incitasse a esperança em todos. [9] Ele tinha vinte anos, e, nesta idade, com tal moderação, muito se prometeu a seu respeito, de maneira que era evidente que ele reservava mais para as ações efetivas. [10] Deu aos macedônios a isenção integral dos encargos, exceto a dispensa militar; com esse acordo, atraiu para si tamanho apoio de todos, que diziam ter mudado o corpo do homem, não a virtude do rei<sup>290</sup> (Just. 11.1.7-10).

<sup>287</sup> [...] [8] *filiumque Alexandrum, decem et octo annos natum ut sub militia patris tirocinii rudimenta deponeret, ad se arcessit.*

<sup>288</sup> Segundo Just. 11.11.3-5, além de Olímpíade ter dito que Alexandre fora concebido de uma grande serpente, Filipe também teria negado seu herdeiro ao final de sua vida.

<sup>289</sup> E talvez Olímpíade, se é que a rainha de fato estava envolvida no assassinato.

<sup>290</sup> [7] *Quis rebus ueluti medela quaedam interuentus Alexandri fuit, [8] qui pro contione ita uulgus omne consolatus hortatusque pro tempore est ut et metum timentibus demeret et in spem omnes impelleret. [9] Erat hic annos XX natus, in qua aetate ita moderate de se multa pollicitus est, ut*

De modo geral, ainda que Justino não registre qualquer discurso do rei, podemos considerar que Alexandre tinha *eloquentia*, já que aquietou as agitações que se levantaram com a perda de um rei cuja soberania já se estendia grandemente<sup>291</sup>. Contudo, destacamos que essa passagem de poder sem grandes conflitos é fruto de um cuidado de Filipe em ter um herdeiro inequívoco, algo que Alexandre falhará em observar e que resultará em grande derramamento de sangue, como veremos mais à frente.

O final da passagem acima é digno de nota, pois, enquanto no fim do livro IX<sup>292</sup>, o narrador aponta que Alexandre superara seu pai em vícios e virtudes, aos olhos do povo, naquele momento, ele teria a mesma virtude que Filipe, o que é relevante em um contexto em que se considera uma decadência – a impressão a seu respeito altera-se ao longo do desenvolvimento da narrativa. Assim, o novo rei é descrito como portador de *moderatio* no trato de seus subalternos, da mesma forma que seu antecessor era.

Adicionalmente, quando a notícia da morte de Filipe espalhou-se, alguns de seus subordinados “[...] pelo aborrecimento da extensa campanha, regozijavam-se pela remissão da expedição [...]”<sup>293</sup> (Just. 11.1.3), porém, Alexandre oferece vantagens ao povo, sem isentá-lo do exercício militar, o que indica que ele provavelmente tinha planos de manter o ciclo bélico iniciado por seu pai. De fato, ao se lançar ao Oriente, Alexandre organiza um exército de veteranos – porque estes seriam mais corajosos em combate (Just. 11.6.4-7) –, e sua expedição é tão longa, que seus soldados imploram por seu fim, ao que o rei aquiesce, retornando para a Macedônia após derrotar os cufites:

[...] seu exército inteiro, esgotado não menos pelo número de vitórias quanto pelas atribulações, clama, em lágrimas, para que desse um fim às guerras; [11] que se lembrasse, finalmente, da pátria e do retorno; que considerasse a idade dos soldados, aos quais o tempo de vida dificilmente bastava para o retorno. [12] Uns mostraram seus cabelos brancos, outros, os corpos debilitados pela idade, outros, arruinados por cicatrizes; [13] eles seriam os únicos a suportar uma contínua campanha de dois reis, Filipe e Alexandre.

---

*appareret plura eum experimentis reseruare. [10] Macedonibus inmunitatem cunctarum rerum praeter militiae uacationem dedit; quo pacto tantum sibi fauorem omnium conciliauit, ut corpus hominis, non uirtutem regis mutasse se dicerent.*

<sup>291</sup> Como pode ser observado com a morte do próprio Alexandre, nem sempre um período de transição é tranquilo

<sup>292</sup> Não mencionamos, aqui, o livro X, pois este se configura como uma digressão à história da Macedônia, abordando a passagem de poder, na Pérsia, de Artaxerxes II a Dario III. Indica-se em seu final, que Dario teria lutado contra Alexandre com sorte variável e, com sua derrota, ter-se-ia marcado o final da soberania persa.

<sup>293</sup> [...] *taedio longinquae militiae remissam sibi expeditionem gaudebant, [...]*.

[14] Por fim, pediram que ele devolvesse, ao menos, aos sepulcros paternos os restos mortais daqueles por quem seria abandonado não tanto por seus esforços quanto pela idade, [15] e, se não aos soldados, ao menos poupasse a si próprio, para que não cansasse a própria sorte, sobrecarregando-a demasiadamente<sup>294</sup> (Just. 12.8.10-15).

Mesmo assim, após ter retornado à Babilônia e dispensado os veteranos de seu serviço, apresenta-se ainda uma tensão entre o rei e aqueles que precisam permanecer no exército, os quais argumentam que o rei deveria considerar as atribulações da expedição e não a idade, além de valorizar seus esforços, quando sua glória era dependente deles (Just. 12.11.5-6). Alexandre, então, não podendo convencer seus soldados via *eloquentia*, acaba por castigá-los com suas próprias mãos (Just. 12.11.7-9). Tal revolta dos soldados macedônios – à qual retornaremos mais à frente – fará com que o rei substitua-os pelas tropas auxiliares dos persas (Just. 12.12.1-5), o que demonstra determinadas tensões no reinado de Alexandre, principalmente, porque este decide adotar os hábitos daqueles que dominara, assim como os elevar a posições de destaque.

Desse modo, consideramos que Alexandre afasta-se da Macedônia não só geograficamente ao buscar dominar o Oriente, mas também nas relações com seu povo em sua origem, as quais seu pai fora tão eficiente em manter (Worthington, 2010, p. 173); não é arbitrário, então, que Justino aponte que Filipe preferia ser amado, enquanto Alexandre, temido (Just. 9.8.17).

Podemos registrar também que, ao cortar o nó de Górdio (Just. 11.7.15-16), por exemplo, Alexandre interpreta o oráculo<sup>295</sup> com sagacidade, demonstrando *uafritia*, e ao vencer Dario III em batalha e aprisionar suas familiares, age com elas com *humanitas* a ponto de surpreender seu inimigo, o que ele próprio entende como uma grandeza de ânimo, a qual estaria ligada à sua educação militar:

---

<sup>294</sup> [...] *exercitus omnis non minus uictoriarum numero quam laboribus fessus lacrimis eum deprecatur finem tandem bellis faceret; [11] aliquando patriae reditusque meminisset, respiceret militum annos quibus uix aetas ad reditum sufficeret. [12] Ostendere alius canitiem, alius uulnera, alius aetate consumpta corpora, alius cicatricibus exhausta; [13] solos se esse qui duorum regum, Philippi Alexandrique, continuam militiam pertulerint. [14] Tandem orare, ut reliquias saltim suas paternis sepulcris reddat, quorum non studiis deficiatur quam annis, [15] ac, si non militibus, uel ipsi sibi parcat, ne fortunam suam nimis onerando fatiget.*

<sup>295</sup> “[...] nessa urbe [de Górdio], no templo de Júpiter, estaria situado o jugo de Górdio, sobre o qual os antigos oráculos vaticinavam que aquele que tivesse desatado seu nó haveria de reinar sobre toda a Ásia.” (Just. 11.7.4); [...] *in ea urbe in templo Iouis iugum Gordii positum, cuius nexum si quis soluisset, eum tota Asia regnaturum antiqua oracula cecinisse.*

[6] [n]o percurso, anunciam-lhe [a Dario] que a esposa dele teria morrido devido às complicações de um aborto, e que Alexandre teria chorado a morte dela e acompanhado, com benevolência, suas exéquias, e ele o teria feito não por amor, mas por humanidade (*humanitatis causa*); [7] com efeito, ela teria sido visitada por Alexandre uma única vez, embora ele tivesse, frequentemente, consolado a mãe e as filhas pequeninas dele. [8] Naquele momento, persuadiu-se de que fora, de fato, vencido, já que, após as batalhas, também fora superado pelo inimigo em generosidades e estaria agradecido, se não era capaz de vencer, por ser vencido, sobretudo, por tal inimigo. [...] [11] A isto, Alexandre respondeu que o ato de agradecimento vindo de um inimigo seria supérfluo; [12] que nada se fez para adular o inimigo, nem porque buscasse, com agrados, ou dúbios desfechos para a guerra, ou termos de paz, [13] mas, por sua grandeza de ânimo (*animi magnitudine*), com que teria aprendido a lutar contra as forças militares dos inimigos, não contra suas calamidades [...] <sup>296</sup> (Just. 11.12.6-13).

Para Valério Máximo, a *humanitas* é uma virtude que se relaciona à *liberalitas* e à *clementia*, o que, no contexto bélico do *Epítome*, é coerente com as atitudes apresentadas pelo rei:

[q]ue companheiras eu poderia oferecer para a bondade (*liberalitati*) mais ajustadas do que a benignidade (*humanitatem*) e a clemência (*clementiam*), já que reivindicam o mesmo tipo de louvor? Delas, a primeira oferece-se † [aos atormentados] pela pobreza; a outra, por sua ocupação; a terceira, por uma fortuna ambígua, [...] <sup>297</sup> (V. Max. 5.1 *pr.*).

Porém, a benevolência demonstrada em relação a seus inimigos <sup>298</sup> ocorre em contrapartida à ira dispensada a seus amigos, conforme já predito em sua comparação com Filipe – voltaremos a esse ponto posteriormente. De qualquer forma, Valério Máximo, após

<sup>296</sup> [6] *In itinere nuntiatur uxorem eius ex conlisione abiecti partus decessisse, eiusque mortem inlacrimatum Alexandrum exequiasque benigne prosecutum, idque eum non amoris, sed humanitatis causa fecisse; [7] nam semel tantum eam ab Alexandro uisam esse, cum matrem paruulasque filias eius frequenter consolaretur. [8] Tunc se ratus uere uictum, cum post proelia etiam beneficiis ab hoste superaretur, gratumque sibi esse, si uincere nequeat, quod a tali potissimum uinceretur. [...] [11] Ad haec Alexander gratiarum actionem ab hoste superuacaneam esse respondit; [12] nec a se quicquam factum in hostis adulationem, nec quod in dubios belli exitus aut in leges pacis sibi lenocinia quaereret, [13] sed animi magnitudine, qua didicerit aduersus uires hostium, non aduersus calamitates contendere [...].*

<sup>297</sup> *Liberalitati quas aptiores comites quam humanitatem et clementiam dederim, quoniam idem genus laudis expetunt? quarum prima † inopia, proxima occupatione, tertia ancipiti fortuna praestatur, [...].*

<sup>298</sup> A qual também pode ser observada no episódio de Poro, rei indo, em que Alexandre devolve, em honra à virtude de seu inimigo, o rei incólume a seu reino após derrotá-lo (Just. 12.8.1-7). Em Just. 9.8.20, Justino indica que Alexandre era mais inclinado a poupar seus inimigos do que seu pai o fora.

elencar um ato de *humanitas* de Alexandre não narrado em Justino<sup>299</sup>, propõe que o desejo do exército em beijar a mão do rei já moribundo também estaria ligado à sua *humanitas*, o qual, em sua versão, ao contrário do que consta em Justino, estaria morrendo por uma enfermidade e não por intervenção humana:

[...] ele mesmo, sucumbindo não devido a homem algum, mas pela natureza e pela fortuna, apesar de estar desfalecendo pela severidade de sua doença, levantado ainda na cama, estendeu a mão direita a todos que desejavam segurá-la. Quem não desejaria beijar aquela que, já oprimida pelo destino, teve a capacidade reter o maior dos exércitos, mais vigorosa por sua humanidade (*humanitate*) do que pela vida?<sup>300</sup> (V. Max. 5.1 *ext.* 1).

O episódio equivalente ao citado por Valério Máximo demonstra, em Justino, a *fortitudo* do rei diante da morte – traço também explorado na construção de sua mãe, conforme vimos na subseção anterior. Ele não apenas aceita seu próprio fim, mas é capaz até de acalmar aqueles que o rodeiam e se veem desesperançados com seu destino:

[2] [I]logo, ele mesmo acalmou os soldados que causavam tumulto e suspeitavam que o rei perecia devido a insídias, e, tendo sido levado ao local mais alto da urbe, admitiu todos eles à sua presença e estendeu, aos que choravam, sua própria mão direita para que a beijassem. [3] Enquanto todos estavam lacrimosos, ele mesmo não só ficou sem lágrimas, mas ainda sem qualquer mostra de uma disposição mais triste, a ponto de ter consolado

<sup>299</sup> Conforme Valério Máximo (5.1 *ext.* 1), enquanto atacava uma localidade coberta por neve e estava em um lugar mais quente, Alexandre teria visto um soldado mais velho sofrendo com as condições climáticas e trocado de lugar com ele. Em nota a essa passagem, Santiago López Moreda, Maria Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Alvarez (2003, p. 341) informam-nos que Alexandre seria um dos focos principais dos elogios de Valério ao longo de sua obra. Quanto a isso, vale ressaltar que o autor parece resistente em indicar vícios em figuras ilustres, embora ceda à necessidade de sua obra: “[e] não agrada buscar *exempla* a partir de desconhecidos, e julgar os vícios dos homens excelentes é vergonhoso. Mesmo assim, enquanto a fidelidade a meu propósito insta-me a abarcar aquilo que é mais excelente, que a minha vontade ceda às tarefas, desde que não falte a consciência – necessária ao que narra – para recomendar de bom grado o que é ilustre.” (V. Max. 9.3 *ext. pr.*); *Neque ab ignotis exempla petere iuuat et maximis uiris exprobare uitia sua uerecundiae est. ceterum cum propositi fides excellentissima quaeque complecti moneat, uoluntas operi cedat, dum praeclara libenter probandi necessaria narranti conscientia non desit.* Nem tudo o que consta sobre Alexandre em Valério aparece também em Justino – o próprio trecho aqui citado é um exemplo –, e mesmo episódios equivalentes têm diferenças; em Valério Máximo (3.8 *ext.* 6), por exemplo, assim como em Quinto Cúrcio Rufo (3.5-6), Alexandre e o médico Filipe, que o salva de sua enfermidade em Tarso, são amigos, e o evento configura-se como *exemplum* de *constantia* em relação à amizade. Justino, em contrapartida, trata Filipe simplesmente como “um dos médicos” (*unus erat ex medicis*) (Just. 11.8.3-9).

<sup>300</sup> [...] *idem non hominum ulli, sed naturae fortunaeque cedens, quamquam uiolentia morbi dilabebatur, in cubitum tamen erectus dexteram omnibus, qui eam contingere uellent, porrexit. quis autem illam osculari non cuperet, quae iam fato oppressa maximi exercitus complexui humanitate quam spiritu uiuidior suffecit?*

àqueles que se afligiam mais violentamente e dado algumas instruções aos pais deles: [4] tal como diante de um inimigo, seu ânimo foi invicto também diante da morte. [...] [8] Como os amigos viam que ele morria, perguntam quem ele tornaria herdeiro do império. Respondeu “o mais digno”. [9] Tamanha foi a grandeza de ânimo dele que, enquanto deixava o filho Hércules, o irmão Arrideu, a esposa, Roxane, grávida, esquecido dos familiares, nomeou o mais digno como herdeiro: [10] tal como se fosse ímpio qualquer um, salvo um homem forte, suceder a um homem forte, ou a força militar de tamanho reino ser deixada àqueles que não foram aprovados. [11] Com essas palavras, como se desse o sinal da guerra entre os amigos, ou tivesse atirado a maçã da Discórdia, assim todos se alçam à rivalidade e buscam, com a lisonja do vulgo, o tácito favor dos soldados<sup>301</sup> (Just. 12.15.2-11).

Embora Justino apresente a questão de que Alexandre considerava ímpio que um homem que não fosse forte (*fortis*) como ele o sucedesse, o rei, na verdade, não deixa um herdeiro indisputável a seu trono, e sua atitude em dizer “o mais digno” é, como indica o próprio Justino, equivalente à maçã que ocasiona a famosa guerra de Troia.

Como Alexandre prevê (Just. 12.15.6), sua sucessão será sangrenta, ao contrário da de seu pai<sup>302</sup>, que fora planejada, o que revelaria, aos olhos de Worthington (2010, p. 171-2), com quem concordamos, uma falha no governo de Alexandre em comparação ao de seu antecessor, pois o rei fracassa em observar, com antecedência, a importância de um sucessor e dos casamentos políticos – de fato, os livros subsequentes à morte de Alexandre no *Epítome* abordam longas disputas pelo poder. De modo geral, é a inabilidade de Alexandre em suas relações interpessoais que será utilizada como motivadora de seu assassinato (Just. 12.14.1-5), e, a nosso ver, dois dos vícios do rei destacados por Justino ao longo de sua narrativa são a *ira* e a *superbia*, as quais influenciam diretamente essas relações.

---

<sup>301</sup> [2] *Tumultuantes deinde milites insidiisque perire regem suspicantes ipse sedauit eosque omnes, cum prolatus in editissimum urbis locum esset, ad conspectum suum admisit osculandamque dexteram suam flentibus porrexit.* [3] *Cum lacrimarent omnes, ipse non sine lacrimis tantum, uerum sine ullo tristioris mentis argumento fuit, ut quosdam impatientius dolentes consolatus sit, quibusdam mandata ad parentes eorum dederit:* [4] *adeo sicuti in hostem, ita et in mortem inuictus animus fuit.* [...] [8] *Cum deficere eum amici uiderent, quaerunt, quem imperii faciat heredem. Respondit “dignissimum”.* [9] *Tanta illi magnitudo animi fuit ut, cum Herculem filium, cum fratrem Arridaeum, cum Roxanen uxorem praegnantem relinqueret, oblitus necessitudinum dignissimum nuncuparit heredem:* [10] *prorsus quasi nefas esset uiro forti alium quam uirum fortem succedere, aut tanti regni opes aliis quam probatis relinqui.* [11] *Hac uoce ueluti bellicum inter amicos cecinisset aut malum Discordiae misisset, ita omnes in aemulationem consurgunt et ambitione uulgi tacitum fauorem militum quaerunt.*

<sup>302</sup> “Ao contrário” no sentido de que Alexandre sobe ao trono sem oposição; é inegável, contudo, que tenha havido derramamento de sangue, já que o novo rei logo se ocupa em matar aqueles que poderiam reclamar sua posição (Just. 11.5.1-2).

A primeira indicação de *ira* no exercício de poder de Alexandre ocorre com a devastação de Tebas: após a morte de Filipe, Demóstenes, comprado pelos persas, espalhava pela Grécia o rumor de que o rei morreria junto a suas tropas em um embate contra os tríbalos. Com isso, as cidades gregas veem uma oportunidade de retomar sua liberdade e desertam, o que é prontamente oprimido por Alexandre (Just. 11.2.7-10). Enquanto a Tessália permanece de seu lado, e Atenas, percebendo o poder do rei, solicita sua misericórdia via embaixadores, Tebas, contudo, prefere tentar as armas e perde (Just. 11.3.1-7).

Nesse contexto, em assembleia, focueus, plateenses, téspios e orcômenos acusam a Alexandre a crueldade de Tebas<sup>303</sup>, englobando mesmo os crimes representados em suas peças de teatro (Just. 11.3.8-11). Então, embora Cléadas, um dos prisioneiros tebanos, argumente – em um *exemplum* de *eloquentia* – em favor de sua origem, considerando a devastação que Tebas já enfrentara e que a deixara com poucos habitantes, bem como o fato de que era o local de nascimento de Hércules – a quem Alexandre prestava culto (Just. 11.10.10) – e em que Filipe fora educado (Just. 11.4.1-6), ao fim:

[...] a ira foi mais poderosa do que as preces. E, assim, a urbe é arruinada; os campos são divididos entre os vencedores; [8] os cativos são vendidos coroados, cujo preço não se eleva conforme o interesse dos compradores, mas segundo o ódio dos inimigos<sup>304</sup> (Just. 11.4.7-8).

Não há, nesse episódio, *clementia*. Notamos como o tratamento dado à cidade é semelhante ao que Filipe dispensa às suas aliadas gregas após a quebra de sua *fides* (Just. 7.3.1-3), em contraposição ao que ocorre, por exemplo, em Motona. Contudo, nesta passagem, a *ira* pode ser ligada não só a Alexandre, como aos inimigos dos tebanos de modo mais geral. Veremos como a *ira* torna-se um dos elementos mais marcantes da construção do caráter específico do rei ao longo de sua narrativa.

Mais à frente, ao se lançar contra os persas governados por Dario III, seu exército é claramente motivado pela *avaritia*, vício que, neste momento, não parece afetar Alexandre diretamente, o qual está mais inclinado à *cupiditas gloriae*:

<sup>303</sup> Os povos citados acusavam Tebas de ter destruído as cidades gregas e formado aliança com os persas, assim “[...] seriam detestados não só pela presente perfídia, mas também pela velha infâmia” (Just. 11.3.11); *non praesenti tantum perfidia, uerum et uetere infamia inuisi forent*.

<sup>304</sup> [...] *potentior fuit ira quam preces. Itaque urbs diruitur; agri inter uictores diuiduntur; [8] captiui sub corona uenduntur, quorum pretium non ex ementium commodo, sed ex inimicorum odio extenditur*.

[5] [Alexandre d]ivide entre os amigos todo o seu patrimônio pessoal que tinha na Macedônia e na Europa, tendo renunciado a Ásia. [6] Antes que alguma nau saísse do litoral, massacra vítimas, solicitando a vitória na guerra, para a qual teria sido eleito como vingador da Grécia, tantas vezes assaltada pelos persas, [7] os quais teriam alcançado impérios já bastante longos e maduros, e seria o tempo de eles aceitarem como sucessores aqueles que melhor viriam a atuar. [8] Mas o exército dele também não estava com uma expectativa de ânimos diferente da do rei, [9] porque, esquecidos todos das esposas e dos filhos e da campanha distante da pátria, já julgavam o ouro persa e as riquezas de todo o Oriente como se fossem sua pilhagem particular e também não se tinham lembrado da guerra e dos perigos, mas dos bens<sup>305</sup> (Just. 11.5.8-9).

Essa visão acerca de Alexandre quanto às riquezas será alterada, todavia, quando o rei vence Dario em batalha e se apodera de seu acampamento. Ali, seguindo um *tópos* que pode ser observado em outras obras da Antiguidade, como na *Ode* 1.38, de Horácio, a riqueza persa apresenta-se como um elemento corruptor<sup>306</sup>:

[...] tendo contemplado as riquezas e a magnificência dos bens de Dario, é tomado pela admiração de tamanhas posses. [2] Então, pela primeira vez, começou a frequentar banquetes luxuosos e festins suntuosos, então, também, a amar, devido à beleza de sua figura, a cativa Barsina, [3] com quem, posteriormente, teve um filho, que chamou de Hércules<sup>307</sup> (Just. 11.10.1-3).

Daí em diante, Alexandre rende-se ao que a narrativa constrói como luxo persa, adotando os costumes daqueles que ele havia dominado. Após a morte de Dario, por exemplo, Alexandre passa a se vestir como os persas, e suas atitudes quanto à *luxuria* e à *libido* – as quais, para Valério Máximo (9.1 *pr.*), têm a mesma origem – são julgadas pelo narrador, conforme observamos ao final desta passagem:

<sup>305</sup> [5] *Patrimonium omne suum, quod in Macedonia Europaque habebat, amicis diuidit, sibi Asiam sufficere praefatus.* [6] *Priusquam ulla nauis litore excederet, hostias caedit, petens uictoriam bello, quo totiens a Persis adpetitae Graeciae ultor electus sit,* [7] *quibus longa iam satis et matura imperia contigisse quorumque tempus esse uices excipere melius acturos.* [8] *Sed nec exercitus eius alia quam regis animorum praesumptio fuit;* [9] *quippe obliti omnes coniugum liberorumque et longinuae a domo militiae Persicum aurum et totius Orientis opes iam quasi suam praedam ducebant, nec belli periculorumque, sed diuitiarum meminerant.*

<sup>306</sup> Conforme já indicamos, note-se que o mesmo processo ocorre quando os atenienses tomam as riquezas deixadas pelo exército de Xerxes: “[6] [o] acampamento atulhado da riqueza do rei foi capturado. Onde, pela primeira vez, tendo dividido o ouro persa entre si, a luxúria da riqueza seduziu os gregos” (Just. 2.14.6); [6] *Castra referta regalis opulentiae capta. Vnde primum Graecos diuiso inter se auro Persico diuitiarum luxuria cepit.*

<sup>307</sup> [...] *opes Darii diuitiarumque adparatum contemplatus admiratione tantarum rerum capitur.* [2] *Tunc primum luxuriosa conuiuia et magnificentiam epularum sectari, tunc et Barsinen captiuam diligere propter formae pulchritudinem coepit,* [3] *a qua postea susceptum puerum Herculem uocauit.*



[...] Alexandre toma a indumentária dos reis persas e o diadema antes incomum para os reis macedônicos, como se tivesse aderido às leis daqueles que vencera. [9] E para que esses não fossem vistos como algo mais odioso por serem apenas dele, ordena que seus próprios amigos adotem, do mesmo modo, uma longa veste dourada e purpúrea. [10] Para que fosse imitado, do mesmo modo, o luxo assim como a cultura dos persas, distribui os turnos da noite entre os bandos de concubinas reais, escolhidas por sua beleza e nobreza. [11] A isso, soma grandiosos preparativos de festins, de modo que seu excesso não parecesse escasso e decadente, e embeleza o banquete com jogos segundo a magnificência régia, [12] sem se lembrar, em suma, que tamanhas riquezas costumam ser perdidas por esses costumes, não obtidas<sup>308</sup> (Just. 12.3.8-12).

Ademais, enquanto Alexandre critica, ao se bater com Dario, o fato de que suas tropas são cobertas por riquezas, instruindo a seus soldados para

[...] que desprezem aquela linha de batalha que refulgia com ouro e prata, na qual haveria muito mais de pilhagem do que de perigo, já que a vitória não se busca com o esplendor de ornamentos, mas com a bravura do ferro<sup>309</sup> (Just. 11.13.11),

por outro lado, ao delimitar seu reino no Oriente, irá fundar os argiráspidas:

[5] [p]ara que os equipamentos do exército também convergissem a essa glória, cobriu os arneses dos cavalos e as armas dos soldados de prata e chamou seu exército de argiráspidas, devido a seus escudos argênteos<sup>310</sup> (Just. 12.7.5).

Embora os argiráspidas sejam considerados um exército invicto (Just. 14.2.6), comprovando sua bravura, pode-se observar, em certa medida, a adoção de uma ostentação de riqueza que é fora, anteriormente, caracterizada como persa. Além disso, após a adoção das vestimentas e do diadema, Alexandre assume ainda outro costume persa:

---

<sup>308</sup> [...] *Alexander habitum regum Persarum et diadema insolitum antea regibus Macedonicis, uelut in leges eorum quos uicerat, transiret, adsumit. [9] Quae ne inuidiosius in se uno conspicerentur, amicos quoque suos longam uestem auratam purpureamque sumere iubet. [10] Vt luxum quoque sicut cultum Persarum imitaretur, inter paelicum regiarum greges electae pulchritudinis nobilitatisque noctium uices diuidit. [11] His rebus ingentes epularum apparatus adicit, ne ieiuna et destructa luxuria uideretur, conuiuiumque iuxta regiam magnificentiam ludis exornat, [12] inmemor prorsus tantas opes amitti his moribus, non quaeri solere.*

<sup>309</sup> [...] *spernant illam aciem auro et argento fulgentem, in qua plus praedae quam periculi sit, cum uictoria non ornamentorum decore, sed ferri uirtute quaeratur.*

<sup>310</sup> [5] *Cui gloriae ut etiam exercitus ornamenta conuenirent, phaleras equorum et arma militum argento inducit exercitumque suum ob argenteos clipeos Argyraspidas appellauit.*

[7, 1] [d]epois, ocorreu o que, de início, refreara quanto ao costume persa para que as arrogâncias régias não fossem todas ao mesmo tempo mais odiosas: ordena que não seja saudado, mas adorado. [2] Entre os que se recusavam mais veementemente estava Calístenes. Essa ação foi a ruína não só dele, mas de muitos aristocratas macedônios, visto que todos foram mortos, sob a acusação de tramar insídias. [3] Contudo, rejeitada a adoração ao rei pelos macedônios, o costume de saudá-lo é mantido<sup>311</sup> (Just. 12.7.1-3).

E decide, após um desentendimento com seu exército, como já mencionamos, substituir sua guarda por soldados persas:

[12, 1] [d]epois, dirige-se às tropas auxiliares dos persas em uma assembleia à parte. [2] Louva a sua fidelidade constante em relação a ele assim como aos antigos reis; recorda seus benefícios a eles; que nunca os teve como vencidos, mas como aliados na vitória; enfim, que seguira o costume deles, não eles, o de sua própria gente; que unira os vencedores aos vencidos pelos laços de casamentos. [3] Depois, fala, do mesmo modo, que confiaria a guarda de sua própria pessoa não tanto aos macedônios como a eles. [4] E, assim, escolhe, dentre esses, mil jovens para sua guarda e une a seu exército uma porção das tropas auxiliares formada na disciplina macedônia. [5] Os macedônios receberam mal essa ação, dizendo que os seus próprios inimigos eram colocados, pelo rei, em sua própria função. [6] Por isso, todos procuram o rei, chorando; rogam para que, antes, sacie-se com os seus suplícios do que com essas afrontas<sup>312</sup> (Just. 12.12.1-6).

Conforme é possível observar na leitura dessas passagens, as atitudes de Alexandre geram tensões em seu reinado, principalmente porque, enquanto, no início de seu governo, ele fora comparado como um igual a Filipe, ao assumir hábitos persas, começa-se a o considerar como alguém que havia degenerado. Ao mesmo tempo, nota-se como Alexandre não se rende a práticas consideradas viciosas sozinho, pois busca estendê-las a seus súditos, de modo que não possa ser julgado, pelas ações das quais eles também compartilhariam:

---

<sup>311</sup> [7, 1] *Dein, quod primo ex Persico superbiae regiae more distulerat ne omnia pariter inuidiosiora essent, non salutari, sed adorari se iubet. [2] Acerrimus inter recusantes Callisthenes fuit. Quae res et illi et multis principibus Macedonum exitio fuit, siquidem sub specie insidiarum omnes interfecit. [3] Retentus tamen est a Macedonibus mos salutandi regis explosa adoratione.*

<sup>312</sup> [12, 1] *Inde separatim auxilia Persarum in contione adloquitur. [2] Laudat perpetuam illorum cum in se tum in pristinos reges fidem; sua in illos beneficia commemorat ut numquam quasi uictos, sed ueluti uictoriae socios habuerit, denique se in illorum, non illos in gentis suae morem transisse, adfinitatibus conubiorum uictos uictoribus miscuisse. [3] Tum quoque ait custodiam corporis sui non Macedonibus tantum se, uerum et illis crediturum. [4] Atque ita mille ex his iuuenes in numerum satellitum legit auxiliorumque portionem formatam in disciplinam Macedonum exercitui suo miscet. [5] Quam rem aegre Macedones tulerunt, iactantes hostes suos in officium suum a rege subiectos. [6] Tunc uniuersi flentes regem adeunt; orant suppliciis suis potius saturaret se quam contumeliis.*

[...] por todo o acampamento havia uma indignação geral, porque ele teria degenerado a tal ponto em relação a seu pai, que também rejeitara o nome da pátria e assumira os costumes dos persas. [2] Mas, para que não parecesse ter sucumbido sozinho aos vícios daqueles que submetera pelas armas, permitiu, do mesmo modo, a seus próprios soldados, se tinham uma ligação com suas cativas, tomá-las como esposas, [3] julgando que o desejo de voltar à pátria deveria ser menor ao terem, nos acampamentos, alguma semelhança dos lares e da morada doméstica; [4] igualmente, o trabalho militar também seria mais brando com a doçura das esposas<sup>313</sup> (Just. 12.4.1-4).

Desse modo, Alexandre é apresentado não só como alguém que não valoriza seu exército<sup>314</sup>, como que o corrompe. Esse descontentamento dos macedônios apontado no início da passagem acima acaba por incitar a *ira* de Alexandre, o qual se desagrada com as comparações com seu antecessor, independentemente da forma como elas ocorrem:

[5, 1] [e]ntretimentos, Alexandre começa a se enfurecer com os seus não com o ódio de um rei, mas com o de um inimigo. [2] Indignava-se, excessivamente, se, nos diálogos com os seus, fosse repreendido por ter arruinado os costumes de seu pai Filipe e da pátria. [3] Devido a essas acusações, é assassinado, do mesmo modo, o ancião Parmênio – próximo em dignidade a um rei – junto a seu filho, Filotas, tendo antes questionado um e outro. [4] E, assim, pelo acampamento inteiro, todos começaram a murmurar, compadecendo-se com a desgraça do ancião e do filho inocentes, dizendo que, por outro lado, não deveriam, do mesmo modo, esperar por algo melhor. [5] Quando isso foi anunciado a Alexandre, rece[ou] que essa opinião também se espalhasse pela Macedônia, e que a glória de sua vitória se ofuscasse pela mácula de sua fúria [...] <sup>315</sup> (Just. 12.5.1-5).

<sup>313</sup> [...] *indignatio omnium totis castris erat, a Philippo illum patre tantum degenerasse, ut etiam patriae nomen eiuraret moresque Persarum adsumeret, quos propter tales mores uicerat. [2] Sed ne solus uitii eorum quos armis subiecerat, succubuisse uideretur, militibus quoque suis permisit, si quarum captiuarum consuetudine tenerentur, ducere uxores, [3] existimans minorem in patriam reditus cupiditatem futuram habentibus in castris imaginem quandam larum ac domesticae sedis; [4] simul et laborem militiae molliorem fore dulcedine uxorum.*

<sup>314</sup> Conforme se nota em: “[5] [m]as os [soldados] que foram mantidos, suportando com pesar a retirada dos veteranos, rogavam também por sua própria baixa e exigiam não serem contados os anos, mas os seus serviços militares, julgando que os que foram, ao mesmo tempo, companheiros em campanha, também seriam livrados, igualmente, do juramento. [6] E já não o buscavam com preces, mas com insulto, exigindo que ele, sozinho com seu próprio pai, Âmon, começasse as guerras, visto que menosprezava os soldados” (Just. 12.11.5-6); [5] *Sed retenti ueteranorum discessum aegre ferentes missionem et ipsi flagitabant nec annos, sed stipendia sua numerari iubebant, pariter in militiam lectos pariter sacramento solui aequum censentes. [6] Nec iam precibus, sed conuicio agebant, iubentes eum solum cum patre suo Hammone inire bella, quatenus milites suos fastidiat.*

<sup>315</sup> [5, 1] *Interea Alexander non regie, sed hostili odio saeuire in suos coepit. [2] Maxime indignabatur carpi se sermonibus suorum patris Philippi patriaeque mores subuertisse. [3] Propter quae crimina Parmenio quoque senex, dignitate regi proximus, cum Philota filio, de utroque prius quaestionibus habitis, interficitur. [4] Fremere itaque omnes uniuersis castris coepere innoxii senis filiique casum*

E:

[6, 1] [a]ssim, após esses feitos, em um dia solene, chama os amigos a um banquete, [2] em que, principiada, entre os ébrios, a menção aos feitos realizados por Filipe, ele mesmo, assentindo a maior parte dos convidados, começou a se colocar acima de seu pai e a exaltar a grandeza das suas próprias ações. [3] E, assim, quando um dos anciões, Clito, em confiança à amizade do rei, cuja palma segurava, defendeu a memória de Filipe e louvou os feitos dele, tanto ofendeu ao rei que, com um dardo tomado de seu guarda, o trucidou em meio ao banquete. [4] Exultante com esse massacre, opunha-se à defesa de Filipe e ao louvor das campanhas paternas pelo morto. [5] Depois que seu ânimo, saciado pelo massacre, acalmou-se, e, no lugar da ira, sucedeu o juízo, considerando ora a pessoa morta, ora a causa de o ter matado, começou a se arrepender do que havia feito; [6] pois teria ouvido louvores ao pai com uma ira tal que não estaria reservada nem mesmo aos insultos e lhe doía que um amigo velho e inofensivo tivesse sido morto por ele em meio aos festins e às bebidas. [7] Convertido, então, ao remorso com o mesmo furor com que antes fora à ira, quis morrer<sup>316</sup> (Just. 12.6.1-7).

A repulsa de Alexandre em relação ao elogio de seu antecessor distancia-o daqueles filhos que superam os pais e que eram dignos de serem louvados, conforme testemunham as *Metamorfoses* (15.850-8)<sup>317</sup>, de Ovídio. Na primeira passagem, Alexandre é capaz de notar

---

*miserantes, interdum se quoque non debere melius sperare dicentes. [5] Quae cum nuntiata Alexandro essent, uerens ne haec opinio etiam in Macedoniam diulgaretur et uictoriae gloria saeuitiae macula infuscaretur, [...].*

<sup>316</sup> [6, 1] *His ita gestis sollemni die amicos in conuiuium uocat, [2] ubi orta inter ebrios rerum a Philippo gestarum mentione praeferre se patri ipse rerumque suarum magnitudinem extollere caelo tenus coepit adsentante maiore conuiuuarum parte. [3] Itaque cum unus e senibus, Clitos, fiducia amicitiae regiae, cuius palmam tenebat, memoriam Philippi tueretur laudaretque eius res gestas, adeo regem offendit, ut telo a satellite rapto eundem in conuiuio trucidauerit. [4] Qua caede exultans mortuo patrocinium Philippi laudemque paternae militiae obiebat. [5] Postquam satiatus caede animus conquieuit et in irae locum successit aestimatio, modo personam occisi, modo causam occidendi considerans, pigere eum facti coepit; [6] quippe paternas laudes tam iracunde accepisse se quam nec conuicia debuisset, amicumque senem et innoxium a se occisum inter epulas et pocula dolebat. [7] Eodem igitur furore in paenitentiam quo pridem in iram uersus mori uoluit.*

<sup>317</sup> “[...] Vendo os triunfos de seu filho, confessa que são / maiores que os seus, e fica feliz por ser superado por ele. / Ainda que o filho proíba que os seus feitos sejam antepostos / aos de seu pai, a Fama, contudo, livre e não sujeita às ordens / de ninguém, dá-lhe a preferência, contra a vontade dele, / e é só neste ponto que ela lhe resiste. Assim cede o grande Atreu / à glória de Agamêmnon, vence assim Teseu a Egeu / e Aquiles vence Peleu. Por fim, para usar de exemplos / que lhes equivalham, é assim que Saturno é inferior a Júpiter.” (Ov., *Met.* 15.850-8, trad. D. L. Dias); [...] *natique uidens bene facta fatetur / esse suis maiora et uinci gaudet ab illo. / hic sua praeferri quamquam uetat acta paternis, / libera fama tamen nullisque obnoxia iussis / inuitum praefert unaque in parte repugnat. / sic magnus cedit titulis Agamemnonis Atreus, / Aegea sic Theseus, sic Pelea uicit Achilles; / denique, ut exemplis ipsos aequantibus utar, / sic et Saturnus minor est Ioue: [...]*

que se cria uma imagem negativa a seu respeito a partir de sua *ira*<sup>318</sup>, bem como, no segundo trecho, de perceber que ela é motivada por um sentimento indigno em relação a seu pai, mais uma vez temendo as repercussões de seus atos junto aos seus, de quem reconhece ser um opositor pior do que a seus inimigos:

[...] refletia sobre o quanto de histórias e de rejeição teria produzido em seu próprio exército, o quanto entre as gentes vencidas, o quanto de medo e de ódio a si junto aos outros amigos, [13] quão amargo e triste tornara-se o seu banquete, não sendo ele mais terrível estando armado na linha de batalha do que em um banquete<sup>319</sup> (Just. 12.6.12-13).

Os arroubos desse vício ligam-se à sua incapacidade de ser *moderatus* nesses contextos, o que o leva ao tratamento injusto de alguém que o considerava próximo e, após o abrandamento do sentimento, a alguma forma de arrependimento – seja pelo bem de sua imagem, seja pela consciência da injustiça de seu ato. Como se prediz na comparação entre Filipe e Alexandre, ao final do livro IX, o rei tornar-se-á um carrasco de seus amigos (*amicorum interfector*; Just. 9.8.16), lançando-os a duros castigos que são desproporcionais às suas faltas, algumas simplesmente supostas. Além de Parmênio, Filotas e Clito citados acima, também verificamos – assim como enumera Valério Máximo (9.3 *ext.* 1) – a desmesura de sua *ira* ao punir indevidamente Calístenes, que se opusera à ideia de adorá-lo, mesmo quando também fora o responsável por o convencer a não se matar após o assassinato de Clito (Just.

<sup>318</sup> É digno de nota que Alexandre logo reprime qualquer possibilidade de levante ou crítica em relação a suas ações: “[5] [q]uando isso foi anunciado a Alexandre, receando que essa opinião também se espalhasse pela Macedônia, e que a glória de sua vitória se ofuscasse pela mácula de sua fúria, simula que enviaria alguns de seus amigos à pátria como mensageiros de sua vitória. [6] Exorta os soldados, que teriam mais rara ocasião para isso devido a uma campanha mais remota, a escreverem aos seus. [7] Ordena que lhe sejam levados, em segredo, os maços de cartas entregues; [8] a partir das quais, conhecido o juízo de cada um a seu respeito, reuniu em uma mesma hoste aqueles que tinham opinado mais duramente sobre o rei, para ou aniquilá-los ou, nos confins de seus territórios, distribuí-los em colônias.” (Just. 12.5.5-8); [5] *Quae cum nuntiata Alexandro essent, uerens ne haec opinio etiam in Macedoniam diuulgaretur et uictoriae gloria saeuitiae macula infuscaretur, simulat se ex amicis quosdam in patriam uictoriae nuntios missurum.* [6] *Hortatur milites suis scribere, rariorem habituros occasionem propter militiam remotiorem.* [7] *Datos fasces epistularum tacite ad se deferri iubet;* [8] *ex quibus cognito de se singulorum iudicio in unam cohortem eos qui de rege durius opinati fuerant, contribuit, aut consumpturus eos aut in ultimis terris in colonias distributurus.*

<sup>319</sup> [12] *Reputabat deinde, quantum in exercitu suo, quantum apud deuictas gentes fabularum atque inuidiae, quantum apud ceteros amicos metum et odium sui fecerit, [13] quam amarum et triste reddiderit conuiuium suum, non armatus in acie quam in conuiuio terribilior.*

12.6.17; 12.7.1-2 e 15.3.3-5), e Lisímaco que levava veneno a Calístenes para o libertar de sua tortura<sup>320</sup> (Just. 15.3.6-8).

Em certa medida, a *ira* de Alexandre também pode ser relacionada à sua *superbia*, visto que, nos trechos citados acima, o rei não aceita ser comparado a Filipe, mesmo quando seus feitos não estão sendo diminuídos em paralelo aos dele, como se apenas suas façanhas fossem dignas de lembrança. De fato, ao tratar da *superbia* e da *impotentia*, Valério Máximo enumera atos de Alexandre que também são abordados por Justino:

[a] virtude e a felicidade do rei Alexandre deixou-se levar por três passos muito evidentes de insolência (*insolentia*): com efeito, reivindicou como pai Jove Âmon com desdém por Filipe; com tédio quanto aos hábitos e costumes macedônicos, assumiu veste e práticas persas; desprezando sua condição de mortal, emulou uma divina, e não se envergonhou ao dissimular a de filho, de cidadão, de homem<sup>321</sup> (V. Max. 9.5 ext. 1).

Em Justino, a negativa quanto à descendência a partir de Filipe em detrimento da de Jove ocorre porque Alexandre deseja, ao mesmo tempo, uma origem divina e livrar sua mãe da desonra, conforme já citamos:

[...] Alexandre, desejando adquirir uma origem divina e, ao mesmo tempo, libertar a mãe da infâmia, incita os sacerdotes, por meio de emissários, a responderem o que ele desejava. [7] Ingressando no templo, os sacerdotes, sem demora, saúdam-no como filho de Âmon. [8] Ele, feliz pela adoção do deus, ordena que fosse considerado como filho desse pai. [9] Logo, pergunta se se teria vingado de todos os assassinos de seu próprio pai. Responde-se que o pai dele não poderia ser assassinado nem morrer; a vingança do rei Filipe fora plenamente cumprida. [10] Tendo indagado uma terceira questão, responde-se que lhe seriam dadas a vitória em todas as guerras e a posse das terras. [11] Do mesmo modo, foi respondido aos seus próprios companheiros que venerassem Alexandre como um deus, não como um rei. [12] A partir de então, a insolência (*insolentia*) dele se ampliou, e uma espantosa soberba cresceu em seu ânimo, suprimida a afabilidade que aprendera com as letras dos gregos e os costumes dos macedônios<sup>322</sup> (Just. 11.11.6-12).

<sup>320</sup> Voltaremos a este episódio em 3.1.7.2.

<sup>321</sup> *Alexandri regis uirtus ac felicitas tribus insolentiae euidentissimis gradibus exultauit: fastidio enim Philippi Iouem Hammonem patrem asciuit, taedio morum et cultus Macedonici uestem et instituta Persica adsumpsit, spreto mortali habitu diuinum, aemulatus est, nec fuit ei pudori filium, ciuem, hominem dissimulare.*

<sup>322</sup> [...] *Alexander cupiens originem diuinitatis acquirere, simul et matrem infamia liberare, per praemissos subornat antistites quid sibi responderi uellet. [7] Ingredientem templum statim antistites ut Hammonis filium salutant. [8] Ille laetus dei adoptione hoc se patre censi iubet. [9] Rogat deinde an omnes interfectores parentis sui sit ultus. Respondetur patrem eius nec interfici posse nec mori; regis Philippi plene peractam ultionem. [10] Tertia interrogatione poscenti uictoriam omnium bellorum possessionemque terrarum dari respondetur. [11] Comitibus quoque*

Se por um lado, podemos considerar um jogo político em que Alexandre busca fortalecer sua posição porque Filipe o negara como seu filho em vida (Just. 9.7.3-6), por outro, a passagem acima, que precede, no *Epítome*, a derrota de Dario, demonstra que, embora a narrativa construa o declínio de Alexandre principalmente a partir do contato com o luxo persa, na verdade, o rei já tinha em si traços de *superbia*, visto que manipula seus subordinados com a ilusão de uma resposta de um deus e usa dessa ilusão para se comportar de determinada forma; note-se como ele ordena que falem o que quer ouvir, e, entre as instruções dadas, há aquela a seus companheiros para que o tratem como um deus.

Assim, o desejo de que fosse adorado é, na verdade, amplificado pelos costumes persas, mas já existia no rei. Também chamamos atenção para o fato de que a sua insolência amplia-se (*illi aucta insolentia*), de modo que haveria uma inclinação pessoal de Alexandre a tal vício, que não pôde ser suprimida pela educação que recebera junto aos macedônios e aos gregos.

A *superbia* de Alexandre ocorre não só em suas relações pessoais, como também na decisão de realizar determinados feitos. Na Índia, por exemplo, ao alcançar um determinado local, temos:

[...] quando chega a uma pedra de admirável rigidez e altura, em que muitos povoados refugiaram-se, soube que Hércules fora impedido de tomar aquela pedra por um terremoto. [13] E, assim, invadido pelo desejo de superar os atos de Hércules, apossando-se da pedra com enorme trabalho e perigo, aceitou a rendição de todas as gentes daquele lugar<sup>323</sup> (Just. 12.7.12-3).

Desse modo, notamos que Alexandre deseja superar os atos de um grande herói, filho de um deus, que assume, após sua morte, a posição divina e ao qual o rei prestava culto, conforme já indicamos. Essa vontade de superação poderia caracterizar-se como ὕβρις (*hýbris*). Todavia, a consequência de seu desejo, nesse episódio, tem saldo positivo, já que Alexandre é capaz de dominar a região, apesar de o ato ocorrer com “enorme trabalho e perigo” (*cum summo labore ac periculo*). Assim, essa ação é levada a cabo, a nosso ver, a

---

*suis responsum, ut Alexandrum pro deo, non pro rege colerent. [12] Hinc illi aucta insolentia mirusque animo increuit tumor exempta comitate quam et Graecorum litteris et Macedonum institutis didicerat.*

<sup>323</sup> [...] *cum ad saxum mirae asperitatis et altitudinis, in quod multi populi confugerant, peruenisset, cognoscit Herculem ab expugnatione eiusdem saxi terrae motu prohibitum. [13] Captus itaque cupidine Herculis acta superare cum summo labore ac periculo potitus saxo omnes eius loci gentes in deditionem accepit.*

partir de um outro vício – embora um tanto ambíguo – de Alexandre, que é a *temeritas*. Valério Máximo define:

[t]ambém os impulsos da temeridade (*temeritatis*) são súbitos e veementes; as mentes dos homens abaladas por esses golpes não conseguem discernir seus próprios perigos, nem acompanhar com justa apreciação os feitos alheios<sup>324</sup> (V. Max. 9.8 *pr.*).

Com efeito, em meio à guerra, Alexandre é descrito como alguém que se lança aos lugares em que o combate é mais renhido, muitas vezes colocando sua vida em perigo, como se pode observar em Just. 11.14.5, durante a batalha contra Dario. Em Just. 12.9.5-12, em meio ao assalto à urbe dos mandros e sugambros, Alexandre salta da muralha para a cidade sozinho e, logo, é cercado por inimigos. Ali, mesmo em grande desvantagem numérica, é capaz de resistir até que o auxílio de seus companheiros chegue. Apesar de Justino louvar o que consideramos como sua *fortitudo*, o rei é flechado:

[6] [e], assim, quando os inimigos distinguiram-no sozinho, gerado um clamor, acorreram de todos os lados, como se pudessem, com uma única cabeça, acabar com as guerras do orbe e dar vingança a tantas gentes. [7] E Alexandre também não resistiu com menor firmeza e, sozinho, combate contra tantos mil. [8] É algo incrível de ser dito como nem a multidão de inimigos, nem a grande força dos dardos, nem tamanho clamor dos que o perseguem o aterraram; sozinho, abateu e pôs em fuga a tantos mil. [9] Quando, porém, viu-se sendo esmagado pela multidão, encostou-se a um tronco, que estava em pé ao lado do muro, [10] com cujo auxílio, seguro, susteve o esquadrão por muito tempo. Por fim, reconhecido o perigo, saltam até ele os seus amigos, muitos dos quais são massacrados; [11] e a batalha esteve ambígua por um tempo muito longo, até que todo o exército, derrubados os muros, veio em auxílio. [12] Nessa batalha, atravessado por uma flecha abaixo do peito, tombou devido à perda de sangue; caído de joelhos combateu, por um tempo muito longo, até matar aquele por quem fora ferido. [13] A recuperação dessa ferida foi mais severa que a própria ferida<sup>325</sup> (Just. 12.9.6-13).

<sup>324</sup> *Temeritatis etiam et subiti et uehementes sunt impulsus, quorum ictibus hominum mentes concussae nec sua pericula dispicere nec aliena facta iusta aestimatione prosequi ualent.*

<sup>325</sup> [6] *Itaque cum eum hostes solum conspexissent, clamore edito undique concurrunt, si possint in uno capite orbis bella finire et ultionem tot gentibus dare.* [7] *Nec minus Alexander constanter restitit et unus aduersus tot milia proeliatur.* [8] *Incredibile dictu est ut eum non multitudo hostium, non uis magna telorum, non tantus lacessentium clamor terruerit, solus tot milia ceciderit ac fugauerit.* [9] *Vbi uero obrui multitudine se uidit, trunco se, qui propter murum stabat, adplicuit,* [10] *cuius auxilio tutus cum diu agmen sustinisset, tandem cognito periculo eius amici ad eum desiliunt, ex quibus multi caesi;* [11] *proeliumque tam diu anceps fuit, quoad omnis exercitus muris deiectis in auxilium ueniret.* [12] *In eo proelio sagitta sub mamma traiectus cum sanguinis fluxu deficeret, genu posito tam diu proeliatu est, donec eum, a quo uulneratus fuerat, occideret.* [13] *Curatio uulneris grauior ipso uulnere fuit.*



Assim, embora haja a coragem e a habilidade para batalhar, o rei parece colocar-se em perigo – e aos que o acompanham – sem muita reflexão quanto às consequências de seus atos, conforme a descrição de Valério Máximo dada à *temeritas*. Mesmo que seja positivo que o rei coloque-se frente a suas forças, conforme o contraste com a posição de Xerxes I revela, Alexandre parece levar essa ação a um extremo.

Outro exemplo possível de *temeritas* ocorre em Just. 12.11.8-9, conforme já citamos, quando decide castigar, desarmado, a assembleia de soldados que se revoltavam contra ele, momento em que Justino destaca a disciplina militar do rei ao aplicar o suplício com suas próprias mãos àqueles que não puderam ser convencidos por suas palavras.

Ainda que a *temeritas* possa garantir, por vezes, bons resultados, podemos encontrar na narrativa do *Epítome* passagens como a da morte do filho de Pirro I, Ptolomeu, que agia de maneira semelhante a Alexandre, com resultado muito diverso – a sua morte e o repúdio de seu pai: “[10] [c]onta-se que, quando levaram o corpo dele ao pai, Pirro teria dito que ele fora morto um tanto mais tarde do que ele próprio temia ou do que a temeridade (*temeritas*) dele merecera”<sup>326</sup> (Just. 25.4.10).

Desse modo, consideramos que a *temeritas* pode ser alvo de crítica e, no caso de Alexandre, coloca em risco não só o rei como aqueles que o seguem, em especial os que integram sua guarda<sup>327</sup>, mesmo que, na batalha contra Dario, procure o perigo para poupar seus soldados (Just. 11.14.5). Mais uma vez, dado o contraste de apresentação entre as ações de Ptolomeu e as de Alexandre ou mesmo entre aquelas que são apenas do segundo, observamos a necessidade da “sensibilidade situacional” (Langlands, 2018, p. 126) do público em relação ao feito apresentado para que se possa considerar a possível aplicabilidade de sua exemplaridade à determinada situação.

Não podemos negar que Alexandre é representado como um exímio general, consumando, como propõe Justino, a obra cujos alicerces Filipe lançara. Este adicionara a vantagem dos cavalos tessálios a suas forças<sup>328</sup> (Just. 7.6.8), e quando Alexandre parte para o

---

<sup>326</sup> [10] *Cuius corpus ut relatum patri est, dixisse Pyrrhum ferunt, aliquanto tardius eum, quam timuerit ipse uel temeritas eius meruerit, occisum esse.*

<sup>327</sup> Em Just. 15.3.11-12, por exemplo, Alexandre separa-se de seus guardas, devido à velocidade de seu cavalo, ao perseguir inimigos dispersos. Ao tentar acompanhá-lo, Filipe, irmão de Lisímaco, acaba por falecer nos braços do rei.

<sup>328</sup> Em comparação a seu antecessor, Alexandre não apenas não cuida em ter um herdeiro claro, como ainda ocasiona a perda considerável de seus cavalos: “[2] [ao perseguir Dario, p]erdeu a maior parte dos cavalos com o calor, e os que sobraram também se tornaram inúteis” (Just. 12.1.2); [2]

Oriente, é com os soldados que já haviam servido sob seu pai que monta seu exército (Just. 11.6.4-7). A partir destes, Alexandre formará uma tropa considerada invicta (*inuictus*) ao fazer com que seus soldados, chamados de epígonos, nasçam, cresçam, eduquem-se, casem-se e tenham filhos, reiniciando o ciclo, dentro de um acampamento militar, de modo que não necessitassem retornar à pátria ou a exaurir, já que o próprio acampamento era visto como sua pátria<sup>329</sup> (Just. 12.4.2-11).

Enquanto comandante, podemos destacar, por exemplo, o fato de que, quando se encontra com as forças mais numerosas de Dario, Alexandre demonstra *eloquentia* e *prudentia* ao preparar seus soldados tanto com palavras adequadas conforme os povos a que pertenciam, como para a visão da grandeza e do que se considerava como exotismo do exército inimigo (Just. 11.9.2-7). Contudo, essas habilidades acabam por ser, em alguma medida, eclipsadas por sua falha em ser *moderatus*, o que gera a antipatia de seus subordinados em relação a ele.

O fato de que o rei era temido em seu governo custa-lhe a vida, já que Alexandre não tem uma morte gloriosa em campo de batalha – como Epaminondas teve, por exemplo –, mas é envenenado por causa da indisposição de Antípatro em relação a ele. A ocasião para tanto apresenta-se devido a seu hábito recorrente de se embriagar:

[6] [d]e volta, então, à Babilônia, após ter dedicado muitos dias ao ócio, [Alexandre] marca um banquete, conforme o hábito há muito interrompido; [7] e, todo entregue à felicidade, juntara a noite com o dia em vigília. Enfim, retornando do banquete, o tessálio Médio convida-o, junto a seus camaradas, a uma renovada festança. [8] Tendo aceitado uma taça, de repente, na metade da bebida, gemeu como se trespassado por um dardo [9] e, retirado do banquete semimorto, foi torturado por tamanha dor que reclamava o ferro como remédio, e o toque dos homens doía-lhe como se o ferissem. [10] Os amigos espalharam que a causa da enfermidade foi o excesso de bebedeira, contudo, na verdade, as causas foram as insídias, cuja infâmia foi subjugada pelo poder dos sucessores.

[14, 1] O responsável pelas insídias foi Antípatro, pois viu que os amigos dele, muito queridos, foram mortos; que Alexandre dos lincestas, seu próprio genro, foi assassinado; [2] que ele, após grandiosos feitos na Grécia, não era, junto ao rei, tão digno de agradecimento quanto odioso; [3] que, do mesmo modo, foi abalado pelas várias acusações da mãe dele, Olímpíade. [4] A isso, ajuntar-se-iam os suplícios perpetrados cruelmente, poucos dias antes, aos intendentess das nações vencidas. [5] Por esses motivos, pensava, do mesmo modo, que não fora chamado à Macedônia para uma aliança militar, mas

---

*Equorum maior pars aestu amissa, inutiles etiam qui superfuerant facti.* Aponta-se, então, possivelmente, para uma falta em relação à *prudentia* do rei.

<sup>329</sup> O que não deixa de apontar também, a nosso ver, o afastamento que Alexandre vivencia em relação às suas origens.

para uma punição. [6] Então, para se anteceder ao rei, incita o filho Cassandro [...] para que fosse dado um veneno a ele. [7] Tamanha força havia nesse veneno que não era contido em bronze, nem em ferro, nem em barro e não podia ser de outro modo levado senão em um casco de cavalo. Tendo advertido o filho para não confiar em outro além do tessálio e dos irmãos, [8] por essa razão, então, junto ao tessálio, foi preparado e retomado o banquete<sup>330</sup> (Just. 12.13.6-12.14.8).

Note-se como não só a oportunidade manifesta-se pelo hábito ocioso do rei, como o próprio acobertamento do assassinato é plausível, dado que o povo, muito provavelmente, já saberia que Alexandre tinha o costume de exagerar na bebida. Desse modo, o anúncio do narrador de que, apesar do esquecimento de Alexandre, o ócio ocasionava a perda de riquezas (Just. 12.3.12) concretiza-se.

Outro elemento que destacamos no episódio da morte de Alexandre liga-se à observação de presságios, conforme já discutimos ao analisar a figura de Ciro II. Apesar da emulação em relação aos feitos de Hércules, de modo geral, Alexandre é representado, no *Epítome*, como alguém que respeita a esfera do divino, tanto em seu culto, como em seus presságios.

Assim, podemos apontar, por exemplo, sua parada em Ílion para honrar os mortos na guerra de Troia (Just. 11.5.12), sua crença quanto ao nó Górdio (Just. 11.7.15-16), seu desejo de se dirigir a Tiro para prestar culto a Hércules (Just. 11.10.10), sua reverência a Nisa, cidade que teria sido fundada por Dioniso, a qual Alexandre toma, mas ordena a seus soldados que preservem (Just. 12.7.6-8), e sua atenção ao sonho que lhe revela o antídoto contra o veneno das flechas de Ambiger (Just. 12.10.3). Além disso, após sua morte, Justino elenca os prodígios que teriam apontado a grandeza de Alexandre mesmo antes de seu nascimento:

---

<sup>330</sup> [6] *Reuersus igitur Babyloniam multis diebus otio datis intermissum olim conuiuium sollemniter instituit;* [7] *totusque in laetitiam effusus cum diei noctem peruigilem iunxisset, recedentem iam e conuiuio Medius Thessalus instaurata comisatione et ipsum et sodales eius inuitat.* [8] *Accepto poculo media potione repente uelut telo confixus ingemuit* [9] *elatusque conuiuio semianimis tanto dolore cruciatus est, ut ferrum in remedia posceret tactumque hominum uelut uulnera indolesceret.* [10] *Amici causas morbi intemperiem ebrietatis disseminauerunt, re autem uera insidiae fuerunt, quarum infamiam successorum potentia oppressit.*  
 [14, 1] *Auctor insidiarum Antipater fuit, qui cum carissimos amicos eius interfectos uideret, Alexandrum Lyncestarum, generum suum, occisum,* [2] *se magnis rebus in Graecia gestis non tam gratum apud regem quam inuidiosum esse,* [3] *a matre quoque eius Olympiade uariis se criminationibus uexatum.* [4] *Huc accedebant ante paucos dies supplicia in praefectos deuictarum nationum crudeliter habita.* [5] *Ex quibus rebus se quoque a Macedonia non ad societatem militiae, sed ad poenam uocatum arbitrabatur.* [6] *Igitur ad occupandum regem Cassandrum filium dato ueneno subornat, [...]* [7] *cuius ueneni tanta uis fuit, ut non aere, non ferro, non testa contineretur, nec aliter ferri nisi in ungula equi potuerit; praemonito filio, ne alii quam Thessalo et fratribus crederet.* [8] *Hac igitur causa apud Thessalum paratum repetitumque conuiuium est.*

[2] [n]a noite em que sua mãe, Olímpíade, o concebeu, viu-se, durante o sono, ser enrolada por uma serpente enorme e não foi enganada pelo sonho, pois, sem dúvida, levou em seu útero uma obra maior do que a mortalidade humana; [3] e, ainda que a estirpe dos eácidas, desde a mais remota memória dos séculos, e os reinados de seu pai, de seu irmão, de seu marido e, sucessivamente, de todos os seus antepassados tenham sido ilustres, nenhum, contudo, foi tão preclaro quanto aquele em nome de seu filho. [4] Alguns prodígios da grandeza dele apareceram mesmo em seu nascimento. [5] Com efeito, naquele dia em que nasceu, duas águias repousaram, durante todo o dia, no alto da casa do pai dele, anunciando o presságio da dupla soberania, a da Europa e a da Ásia. [6] Do mesmo modo, naquele mesmo dia, o pai dele recebeu a notícia de duas vitórias, uma, na guerra dos ilíricos, outra, nos jogos Olímpicos, a que enviara quadrigas, o que revelava o presságio da vitória da criança sobre todas as terras<sup>331</sup> (Just. 12.16.2-6).

Mesmo que se considere a degeneração de Alexandre ao longo de sua atuação, é inegável que os presságios citados se cumpriram, e notamos que, apesar de seus vícios, o rei é apontado como grandioso devido aos resultados de suas conquistas. Todavia, pouco antes de sua morte, o rei ignora um alerta que recebera:

[...] [enquanto Alexandre apressava-se] à Babilônia, como se para realizar uma assembleia do orbe terrestre, um dos magos prenunciou que não adentrasse a urbe, atestando que esse lugar ser-lhe-ia fatal. [4] Por isso, evitada a Babilônia, retirou-se para a urbe de Borsipa, há muito abandonada, do outro lado do Eufrates. [5] Ali, ao contrário, foi impelido pelo filósofo Anaxarco a desprezar as predições dos magos como falsas e incertas, pois, se correspondem ao destino, são desconhecidas pelos mortais e, se dependem da natureza, são imutáveis<sup>332</sup> (Just. 12.13.3-5).

A proposta de Anaxarco faz sentido de um ponto de vista prático, na medida em que dificilmente Alexandre poderia evitar, por muito tempo, adentrar a Babilônia, enquanto

<sup>331</sup> [2] *Qua nocte eum mater Olympias concepit, uisa per quietem est cum ingenti serpente uolutari, nec decepta somnio est, nam profecto maius humana mortalitate opus utero tulit;* [3] *quam cum Aeacidarum gens ab ultima saeculorum memoria et regna patris, fratris, mariti ac deinceps maiorum omnium inlustrauerint, nullius tamen nomine quam filii clarior fuit.* [4] *Prodigia magnitudinis eius ipso ortu nonnulla apparuere.* [5] *Nam ea die qua natus est, duae aquilae tota die perpetes supra culmen domus patris eius sederunt, omen duplicis imperii, Europae Asiaeque, praeferentes.* [6] *Eadem quoque die nuntium pater eius duarum uictoriarum accepit, alterius belli Illyrici, alterius certaminis Olympici, in quod quadrigarum currus miserat, quod omen uniuersarum terrarum uictoriam infanti portendebat.*

<sup>332</sup> [...] *Babyloniam festinanti, uelut conuentum terrarum orbis acturo, quidam ex magis praedixit ne urbem introiret, testatus hunc locum ei fatalem fore.* [4] *Ob haec omissa Babylonia in Borsipam urbem trans Euphraten, desertam olim, concessit.* [5] *Ibi ab Anaxarcho philosopho compulsus est rursus magorum praedicta contemnere ut falsa et incerta et, si fati constant, ignota mortalibus ac si naturae debeantur, inmutabilia.*

embaixadas de todo o orbe (*uniuersum terrarum orbem*) o aguardavam (Just. 12.13.1-2), mas também podemos considerar a pequenez humana de Alexandre diante de seu destino: embora tenha sido capaz de dominar o que se entendia, à época, como o mundo todo, não pôde desviar-se de sua morte prenunciada<sup>333</sup>. De qualquer forma, ainda que o encerramento de sua narrativa possa ser interpretado como elogioso em alguma medida, também é possível verificar, ao final da passagem, um certo tom de alerta quanto àqueles que cercam a figura de poder:

[16, 1] Alexandre morreu aos trinta e três anos e um mês, homem dotado de uma grandeza de ânimo sobre-humana. [...] [7] Menino, foi educado nos mais agudos estudos das letras. [8] Passada a infância, engrandeceu-se por cinco anos sob o mestre Aristóteles, ínclito entre todos os filósofos. [9] Logo, recebida a soberania, ordenou que fosse chamado de rei de todas as terras e do mundo<sup>334</sup> [10] e deu tamanha confiança a seus soldados, que, estando ele presente, desarmados, não temiam as armas de inimigo algum. [11] E, assim, não lutou contra inimigo algum que não tenha vencido, não sitiou urbe alguma que não tenha tomado de assalto, não atacou gente alguma que não tenha suplantado. [12] Por último, foi vencido, no fim, não pela virtude do inimigo, mas pelas insídias dos seus e pela fraude dos cidadãos<sup>335</sup> (Just. 12.16.1-12).

<sup>333</sup> Não seria ocioso lembrar que algo semelhante acontece com Alexandre, o Molosso. Segundo Justino, o rei do Épiro teria recebido um oráculo de que morreria na cidade de Pandósia, junto à corrente do Aquerúsio. Buscando fugir de seu destino, Alexandre lança-se à Itália, sem saber que ali, como no Épiro, havia locais com os mesmos nomes (Just. 12.2.1-15). Logo, percebemos a relevância dada aos presságios dentro da construção do *Epítome*, cujo texto coloca paralelamente o alerta dado a Alexandre, o Grande, com aquele a seu tio, em uma espécie de prenúncio – ou confirmação – ao leitor do que se concretizaria em relação ao primeiro: “[...] assim como os oráculos délficos proclamaram a Alexandre, o Grande, que haveria insídias na Macedônia, assim, a este [Alexandre, o Molosso], a predição de Jove Dodônio fora sobre a urbe de Pandósia e a corrente do Aquerúsio” (Just. 12.2.3); [...] *sicut Alexandro Magno Delphica oracula insidias in Macedonia, ita huic responsum Dodonaei Iouis urbem Pandosiam amnemque Acherusium praedixerat*.

<sup>334</sup> Ação que também poderia indicar sua *superbia*, pois se observa um contraste com Filipe, que ao dominar a Grécia, prefere ser chamado de comandante (*ducem*) a rei (Just. 9.4.2). Também Sóstenes, que chega ao poder na Macedônia após as decisões desastrosas de Ptolomeu Cerauno, tem atitude semelhante à de Filipe: “[...] [14] e, quando foi chamado de rei pelo exército, ele mesmo impeliu os soldados a lhe prestar juramento não com o título de rei, mas de comandante” (Just. 24.5.14); [...] [14] *et cum rex ab exercitu appellatus esset, ipse non in regis, sed in ducis nomen iurare milites compulit*.

<sup>335</sup> [16, 1] *Decessit Alexander mense uno, annos tres et XXX natus, uir supra humanam potentiam magnitudine animi praeditus. [...] [7] Puer acerrimis litterarum studiis eruditus fuit. [8] Exacta pueritia per quinquennium sub Aristotele doctore, ínclito omnium philosophorum, creuit. [9] Accepto deinde imperio regem se terrarum omnium ac mundi appellari iussit [10] tantamque fiduciam sui militibus fecit, ut illo praesente nullius hostis arma nec inermes timuerint. [11] Itaque cum nullo hostium umquam congressus est quem non uicerit, nullam urbem obsedit quam non expugnauerit, nullam gentem adiit quam non calcauerit. [12] Victus denique ad postremum est non uirtute hostili, sed insidiis suorum et fraude ciuili*.

Diante desse quadro, consideramos que a crítica de Sêneca (*Ep.* 94.61-2), aqui já citada, acerca dos *exempla* é coerente: se recortamos de sua narrativa a vitória de Alexandre sobre Dario, por exemplo, o rei constrói-se, de fato, como um grande general e conquistador. Todavia, a visão mais geral de sua vida permite que se observe – como acontece com outras personagens aqui já discutidas – também suas falhas, as quais, no contexto do *Epítome*, são as causas de sua queda. Assim, mesmo um conquistador com fama de ser filho de um deus e cujos atos funcionariam como um reforço a essa fama não está isento das consequências de seus próprios vícios e dos atos daqueles que o circundam.

### 3.1.7.1 Dario III, Codomano

Embora Alexandre, o Grande, tenha outros opositores nomeados no *Epítome*, como o rei Ambiger (*Just.* 12.10.2-4), o inimigo mais expressivo do rei é, obviamente, Dario III. Este é inserido no texto a partir de sua vitória em combate individual sob o governo de Oco (Artaxerxes III), no livro X, o qual se coloca entre a morte de Filipe e o início dos feitos de Alexandre. Neste ponto, Dario é chamado, inicialmente, de Codomano:

[...] [Oco] leva guerra aos cadúsios. [3] Nela, um certo Codomano teria avançado, com o aplauso de todos, contra um inimigo que o provocava; morto o adversário, restituiu aos seus a vitória e, igualmente, a glória da qual quase foram privados. [4] Por essa bela ação, o mesmo Codomano é posto à frente dos armênios. [5] Logo, passado um tempo, depois da morte do rei Oco, devido à memória de sua antiga virtude, foi instituído rei pelo povo, honrado com o nome de Dario, para que não lhe faltasse a majestade real, [6] e, por muito tempo, travou guerra, com grande virtude e sorte variável, contra Alexandre, o Grande. [7] Finalmente, vencido por Alexandre e morto por seus parentes, com sua vida, pôs fim, igualmente, ao reino dos persas<sup>336</sup> (*Just.* 10.3.2-7).

Como se pode notar no trecho, Dario é apresentado como um soldado que não tem necessariamente posição de destaque (*quidam*), mas que, por meio de sua *fortitudo* e

---

<sup>336</sup> [...] *bellum Cadusiis infert.* [3] *In eo aduersus prouocatore[m] hostium Codomannus quidam cum omnium fauore processisset, hoste caeso uictoriam suis pariter et prope amissam gloriam restituit.* [4] *Ob haec decora idem Codomannus praeficitur Armeniis.* [5] *Interiecto deinde tempore post mortem Ochi regis ob memoriam pristinae uirtutis rex a populo constituitur, Darii nomine, ne quid regiae maiestati deesset, honoratus,* [6] *bellumque cum Alexandro Magno diu uariante fortuna magna uirtute gessit.* [7] *Postremo uictus ab Alexandro et a cognatis occisus uitam pariter cum Persarum regno finiuit.*

habilidade em combate, é capaz de vencer e inspirar seus pares, granjeando-lhes vitória. Assim, é a memória de sua virtude que faz com que o povo o eleve ao trono, como ocorria antes de Nino alterar os costumes antigos (Just. 1.1.1). Ainda que, ao final, seja vencido por Alexandre, o narrador destaca que o rei guerreava com “grande virtude” (*magna uirtute*), o que, considerando a destreza bélica de Alexandre, é um elemento digno de monumento.

A realce dado à virtude de Dario na passagem é significativa, pois Justino descreve que Artaxerxes II garantira sua soberania a partir de uma guerra fratricida (Just. 5.11 e 10.2.2), e seus filhos ter-se-iam desviado, faltando com a *pietas* e agindo com *crudelitas*: Dario, que recebe o reino do pai enquanto este ainda vivia – evento apresentado como *exemplum* de *pietas* (Just. 10.1.2-4) –, planeja o assassinato dele, simplesmente porque Artaxerxes negara-se a lhe dar também uma de suas concubinas. Descoberto antes que pudesse levar o plano a cabo, é morto, e seu pai falece devido à dor de se ver traído pelo filho por cuja felicidade tanto prezara (Just. 10.1-2). Quando Oco chega ao trono, então,

[...] temendo uma conspiração igual, impregna o palácio com o massacre de seus parentes e a destruição dos aristocratas, não se comovendo por misericórdia alguma, nem pela família, nem pelo sexo, nem pela idade, seguramente, para que não fosse considerado mais inofensivo do que seus irmãos parricidas<sup>337</sup> (Just. 10.3.1).

Por conseguinte, a virtude de Dario sobressai-se diante das faltas de seus antecessores, membros da família real, que não medem esforços para se manter em suas posições, enquanto ele é elevado ao poder por meio de ações que, conforme descritas na passagem citada, não são realizadas em nome de uma almejada ascensão. De todo modo, tal como ocorre com Alexandre, cria-se no leitor uma expectativa em relação à atuação de Dario, o qual, a partir do livro X, é construído em função de um ponto de vista que privilegia o rei macedônio enquanto protagonista e coloca Dario como seu opositor.

Com efeito, a reinserção de Dario na narrativa ocorre por meio de uma adversativa (*contra*), em que se contrastam as organizações para a guerra do rei persa com as de Alexandre. Este, tendo cumprido suas obrigações religiosas (Just. 11.5.10-12) e inspirado seus soldados, os quais escolhera entre os mais experientes (Just. 11.6.1-7), inicia a expedição antes planejada por seu pai (Just. 9.5.5-8), enquanto:

---

<sup>337</sup> [...] *timens parem coniurationem regiam cognatorum caede et strage principum replet, nulla, non sanguinis, non sexus, non aetatis, misericordia permotus, scilicet ne innocentior fratribus parricidis haberetur.*

[8] [a]o contrário, Dario, rei dos persas, age por confiança em suas forças militares, não com astúcia, afirmando aos seus que planos dissimulados convinhão a uma vitória furtiva, [9] e que não retinha o inimigo nas fronteiras do reino, mas o admitia no coração do reino, persuadido de que seria mais glorioso repelir a guerra do que não a receber. [10] Então, o primeiro encontro foi nas planícies de Adrastea. [11] Na linha de batalha, havia seiscentos mil soldados dos persas, que vencidos, não menos pela habilidade de Alexandre do que pela virtude dos macedônios, puseram-se em fuga: e assim se deu o grande massacre dos persas<sup>338</sup> (Just. 11.6.8-11).

A estratégia bélica utilizada por Dario no trecho é semelhante àquela empregada por Tamires para dizimar o exército de Ciro II, porém, enquanto a rainha, após permitir que seu inimigo ingressasse em seu reino, utiliza emboscadas (Just. 1.8.2 e 9-12), Dario, em uma ação de *cupiditas gloriae*, não apresenta a *prudencia* que a rainha tivera. Adicionalmente, podemos perceber a diferença de topografia: enquanto Tamires utiliza-se dos montes de seu reino (Just. 1.8.11), Dario encontra-se com Alexandre em terreno mais plano, o que afetaria as manobras de seus exércitos.

A derrota do rei persa é significativa, dado que seiscentos mil soldados são vencidos por “[...] trinta e dois mil soldados de infantaria [e] quatro mil e quinhentos de cavalaria [...]”<sup>339</sup> (Just. 11.6.2) do exército de Alexandre, o que o narrador considera digno de nota: “[3] [n]ão se sabe se teria sido mais admirável porque, com essa tropa tão pequena, teria conquistado o orbe terrestre inteiro ou por ter ousado atacar”<sup>340</sup> (Just. 11.6.3). Pesa-se, então, não os números, mas a virtude dos soldados<sup>341</sup>, ao mesmo tempo em que se pode destacar que os macedônios também eram capazes de ganhar mesmo em desvantagem numérica quando estavam sob o comando de Filipe II, ainda que seu inimigo seja representado como virtuoso, conforme atesta sua rivalidade com Ateas, rei dos Citas: “[a]inda que os citas fossem

---

<sup>338</sup> [8] *Contra rex Persarum Darius fiducia uirium nihil astu agere, adfirmans suis occulta consilia uictoriae furtiuae conuenire, [9] nec hostem regni finibus arcere, sed in intimum regnum accipere, gloriosius ratus repellere bellum quam non admittere. [10] Prima igitur congressio in campis Adrasteis fuit. [11] In acie Persarum sexcenta milia militum fuere, quae non minus arte Alexandri quam uirtute Macedonum superata terga uerterunt: magna itaque caedes Persarum fuit.*

<sup>339</sup> [...] *peditum XXXII milia, equitum IV milia quingenti [...].*

<sup>340</sup> [3] *Hac tam parua manu uniuersum terrarum orbem utrum sit admirabilius uicerit an adgredi ausus fuerit, incertum est.*

<sup>341</sup> O que também ocorre, por exemplo, na batalha de Filipe contra os atenienses: “[9] [c]omeçada a batalha, ainda que os atenienses fossem superiores pelo número muito maior de soldados, são vencidos pela virtude dos macedônios, endurecida pelas guerras constantes” (Just. 9.3.9); [9] *Proelio commisso, cum Athenienses longe maiore militum numero praestarent, adsiduis bellis indurata uirtute Macedonum uincuntur.*



superiores em virtude, número e ânimo, são vencidos pela astúcia de Filipe”<sup>342</sup> (Just. 9.2.14). Logo, parece-nos ser fundamental para que a vitória seja alcançada a capacidade estratégica de quem está na liderança, ponto em que Dario parece falhar ao escolher recepcionar o inimigo em seu próprio território.

Considerando o perigo a que Alexandre lançava as tropas, acreditamos que suas ações após a batalha configuram-se como uma estratégia para manter o moral entre seus subordinados, a partir das benesses dadas aos que caíram, os quais recebem, inclusive, monumentos por seus feitos<sup>343</sup>:

[12] [d]o exército de Alexandre, foram abatidos nove soldados de infantaria, cento e vinte de cavalaria, [13] aos quais o rei, para consolação dos demais, suntuosamente enterrados, dedicou estátuas equestres e deu imunidades a seus familiares. [14] Após a vitória, a maior parte da Ásia desertou para o seu lado. Travou, também, muitas guerras com os intendentess de Dario, que venceu já não tanto com as armas quanto com o terror de seu próprio nome<sup>344</sup> (Just. 11.6.12-14).

A atitude de Alexandre é relevante em sua posição, pois a diferença numérica entre suas forças e as dos persas é reiterada pela narrativa quando os reis vão reencontrar-se em campo de batalha:

[9, 1] [e]ntrementes, Dario avança para a linha de batalha com quatrocentos mil soldados de infantaria e cem mil soldados de cavalaria. [2] Essa multidão de inimigos inquietava Alexandre devido à consideração do pequeno número dos seus, mas, por outro lado, ele refletia sobre quantas ações tinha executado e quantos povos derrubado com esse pequeno número<sup>345</sup> (Just. 11.9.1-2).

---

<sup>342</sup> *Cum uirtute numero et animo praestarent Scythae, astu Philippi uincuntur.*

<sup>343</sup> O rei tem atitude semelhante após a morte de Dario: “[1, 1] Alexandre fez enterrar, com grandiosos gastos nos funerais, os soldados perdidos enquanto perseguia Dario; distribuiu treze mil talentos ao restante de seus aliados na expedição” (Just. 12.1.1); *Alexander in persequendo Dario amissos milites magnis funerum inpensis extulit, reliquis expeditionis eius sociis tredecim milia talentum diuisit.*

<sup>344</sup> [12] *De exercitu Alexandri nouem pedites, centum XX equites cecidere, [13] quos rex inpense ad ceterorum solacia humatos statuis equestribus donauit cognatisque eorum inmunitates dedit. [14] Post uictoriam maior pars Asiae ad eum defecit. Gessit et plura bella cum praefectis Darii, quos iam non tam armis quam terrore nominis sui uicit.*

<sup>345</sup> [9, 1] *Interea Darius cum CCCC milibus peditum et centum milibus equitum in aciem procedit. [2] Mouebat haec multitudo hostium respectu paucitatis suae Alexandrum, sed interdum reputabat quantas res cum ista paucitate gessisset quantosque populos fudisset.*

Assim, demonstra-se a confiança que Alexandre tem em suas forças – não em seu número como Dario, mas a partir de sua eficiência já comprovada. Dario comete então uma espécie de erro semelhante ao de Xerxes (Just. 2.10.21-24) ao se fiar principalmente em sua vantagem numérica, sendo que o que diferencia os dois reis é a experiência em guerra e a *fortitudo*, que permitirá que se considere, ao menos quando o foco da narrativa está no rei persa, que teria lutado com grande virtude (*magna uirtute*) (Just. 10.3.6).

Logo, evidencia-se a relevância da disciplina e da estratégia militares, as quais tornariam possível superar a diferença numérica; note-se como o abreviador destaca como um elemento digno de admiração que Alexandre tenha realizado tanto com uma força pequena. Há, assim, um contraste em relação ao relacionamento de Alexandre com seus soldados antes e depois da vitória sobre Dario, pois, enquanto temos a confiança do rei neste trecho, posteriormente, conforme já mencionamos, essas mesmas tropas se sentirão desprezadas por seu comandante (Just. 12.11.5-6 e 12.12.5-6).

De toda forma, Justino aponta a importância de um comandante ao inspirar seus soldados para a batalha, indicando a necessidade da *eloquentia*, visto que ambos os reis sabem adaptar-se a seu público:

[3] [e], assim, como a esperança vencida o medo, persuadido de que era mais perigoso retardar a guerra, para que o desespero não crescesse junto aos seus, tendo circulado entre os seus, dirige-se a cada uma das gentes com um discurso diferente. [4] Excitava os ilírios e os trácios com a pretensão de riqueza e de bens; os gregos com a memória de antigas guerras e de seu ódio mortal pelos persas; [5] por outro lado, lembra os macedônios ora da Europa vencida, ora da Ásia tão almejada, vangloria-se de que não são encontrados homens iguais a eles em todo o orbe terrestre; [6] de resto, esse também haveria de ser o fim de seus trabalhos e o cume de sua glória. [7] E ordena, enquanto isso, que a linha de frente detenha-se aqui e ali, para que, com essa pausa, acostumem seus olhos a suportar a turba de inimigos. [8] E também o trabalho de Dario não foi menos ativo ao coordenar sua linha de frente, porque, menosprezados os papéis dos comandantes, ele mesmo percorria tudo, exortava um por um, lembrava-os da antiga glória dos persas e da perpétua posse de seu império dada pelos deuses imortais. [9] Depois disso, com os ânimos elevados, tem início a batalha; nela, ambos os reis são feridos; a peleja esteve incerta por muito tempo, até que Dario fugisse<sup>346</sup> (Just. 11.9.3-9).

<sup>346</sup> [3] *Itaque cum spes metum uinceret, periculosius differre bellum ratus, ne desperatio suis cresceret, circumuectus suos singulas gentes diuersa oratione adloquitur.* [4] *Illyrios et Thracas opum ac diuitiarum ostentatione, Graecos ueterum bellorum memoria interneciuique cum Persis odii accendebat;* [5] *Macedonas autem nunc Europae uictae admonet, nunc Asiae expetitae, nec inuentos illis toto orbe pares uiros gloriatur;* [6] *ceterum et laborum finem hunc et gloriae cumulum fore.* [7] *Atque inter haec identidem consistere aciem iubet, ut hac mora consuescant oculis turbam hostium sustinere.* [8] *Nec Darii segnis opera in ordinanda acie fuit; quippe omissis*

A nova vitória de Alexandre permite que Justino aborde um *exemplum* de *pietas*, representado pelas familiares de Dario que são aprisionadas – perceba-se o compromisso com as obrigações familiares, que são colocadas acima das próprias vidas –, bem como de *clementia* por parte do rei macedônio. Neste trecho do *Epítome*, Alexandre ainda é apresentado de modo mais positivo, já que o capítulo antecede aqueles em que o rei teria sido corrompido pelo luxo persa (Just. 11.10.1-2) e por sua *superbia* ao, supostamente, ser reclamado como filho de Âmon (Just. 11.11.6-12), conforme já discutimos. De toda forma, o comportamento de Alexandre em relação a essas mulheres será destacado não só pelo narrador na passagem abaixo, como pelo próprio Dario mais à frente (Just. 11.12.6-8):

[12] [e]ntre os cativos do acampamento, estavam a mãe, a esposa, a irmã dela e as duas filhas de Dario. [13] Como Alexandre chegasse para vê-las e as encorajar, abraçando-se umas às outras diante da visão dos homens armados, como se fossem morrer, sem demora, romperam em pranto. [14] Logo, atirando-se aos joelhos de Alexandre, clamam não pela morte, mas por um adiamento da morte para que sepultem o corpo de Dario. [15] Movido por tamanha piedade (*tanta pietate*) das mulheres, Alexandre disse que Dario também vivia, apartou o medo da morte das que temem e instruiu também para que fossem mantidas e saudadas como rainhas; [16] do mesmo modo, ordenou às filhas que não esperassem um casamento mais baixo do que a dignidade de seu pai<sup>347</sup> (Just. 11.9.12-16).

O tratamento dispensado às prisioneiras também será retomado após o assassinato do rei macedônio, já que a mãe de Dario busca a morte ao perder aquele que lhe tratara com *pietas*, elemento que, por sua vez, destaca a virtude de Alexandre em suas relações exteriores ao seu círculo de amizades:

[...] a mãe do rei Dario, a qual, do alto de tamanha majestade fora submetida ao cativo, tendo perdido o filho, não se queixara da vida até aquele dia devido à indulgência do vencedor, ao ouvir a morte de Alexandre, buscou a

---

*ducum officiis ipse omnia circumire, singulos hortari, ueteris gloriae Persarum imperiique perpetuae a diis immortalibus datae possessionis admonere. [9] Post haec proelium ingentibus animis committitur; in eo uterque rex uulneratur; tam diu certamen anceps fuit quoad fugeret Darius.*

<sup>347</sup> [12] *Inter captiuos castrorum mater et uxor eademque soror et filiae duae Darii fuere. [13] Ad quas uisendas hortandasque eum Alexander ueniret, conspectis armatis inuicem se amplexae, uelut statim moriturae, conplorationem ediderunt. [14] Prouolutae deinde genibus Alexandri non mortem, sed, dum Darii corpus sepeliant, dilationem mortis deprecantur. [15] Motus tanta mulierum pietate Alexander et Darium uiuere dixit et timentibus mortis metum dempsit easque et haberi et saluari ut reginas praecepit; [16] filias quoque non sordidius dignitate patris sperare matrimonium iussit.*

sua própria morte, [6] não porque colocara o inimigo acima do filho, mas porque havia experimentado a piedade de um filho (*pietatem filii*) naquele a quem temera como inimigo<sup>348</sup> (Just. 13.1.5-6).

Com isso, há, claramente, um contraste nas reações à morte de Alexandre<sup>349</sup>, que reforçam sua posição de carrasco dos amigos e seu distanciamento em relação a seu próprio povo, os quais, conforme já discutimos na subseção anterior, levam a seu envenenamento. Assim, ainda que seja remarcado ao longo de sua narrativa que Alexandre era temido por seus inimigos (Just. 11.6.14; 11.10.5; 11.14.7 e 12.13.2), o comportamento destes é de maior dor do que a de seus aliados:

[7] [c]ontrariamente, os macedônios, por outro lado, alegravam-se não como se tivessem perdido um concidadão e um rei de tamanha majestade, mas um inimigo, maldizendo sua excessiva severidade e os constantes perigos da guerra. [8] A isso se ajuntava que os aristocratas avaliavam o reino e as soberanias como um espólio inesperado, enquanto o vulgo dos soldados, os tesouros e a grande quantidade de ouro, pensando aqueles na sucessão do reino, estes na herança de riquezas e bens<sup>350</sup> (Just. 13.1.7-8).

De toda maneira, de volta às batalhas entre Dario e Alexandre, após trocas de cartas em que o primeiro tenta negociar a libertação de suas familiares sem sucesso (Just. 12.12), os reis avançam para a guerra. Apresenta-se, novamente, o costume dos reis de circular entre seus homens de modo a os estimular à luta:

[...] os comandantes não cessavam de circular entre os seus. [7] Dario dizia que, caso se fizesse uma divisão, mal caberia apenas um inimigo para dez armênios; [8] Alexandre advertia os macedônios para que não se demovessem pela multidão do inimigo, nem pelo tamanho do corpo ou pela estranheza de sua cor; [9] ordena que somente fosse lembrado que combatiam com aqueles mesmos pela terceira vez; que não pensassem que

<sup>348</sup> [5] *Mater quoque Darii regis, quae amisso filio a fastigio tantae maiestatis in captiuitatem redacta indulgentia uictoris in eam diem uitae non paenituerat, audita morte Alexandri mortem sibi ipsa consciuit, [6] non quod hostem filio praeferret, sed quod pietatem filii in eo quem ut hostem timuerat, experta esset.*

<sup>349</sup> De fato, antes de informar o suicídio da mãe de Dario, Justino indica que “[...] quando chegou a certeza da morte dele [de Alexandre], todas as gentes bárbaras, vencidas pouco antes por ele, prantearam-no não como um inimigo, mas como um pai.” (Just. 13.1.4); [4] *Vt uero mortis eius fides adfuit, omnes barbarae gentes paulo ante ab eo deuictae non ut hostem eum, sed ut parentem luxerunt.*

<sup>350</sup> [7] *Contra Macedones uersa uice non ut ciuem ac tantae maiestatis regem, uerum ut hostem amissum gaudebant, et seueritatem nimiam et adsidua belli pericula execrantes. [8] Huc accedebat, quod principes regnum et imperia, uulgus militum thesauros et grande pondus auri uelut inopinatam praedam spectabant, illi successionem regni, hi opum ac diuitiarum hereditatem cogitantes.*

eles fizeram-se melhores com a fuga, quando traziam consigo, para a linha de batalha, tão triste memória do massacre dos seus e de tanto sangue derramado nas duas lutas; [10] e que, do mesmo modo que para Dario havia uma turba maior de homens, assim, para ele mesmo havia uma de guerreiros. [11] Exorta para que desprezem aquela linha de batalha que refulgia com ouro e prata, na qual haveria muito mais de pilhagem do que de perigo, já que a vitória não se busca com o esplendor de ornamentos, mas com a bravura do ferro<sup>351</sup> (Just. 11.13.6-11).

E mais uma vez, a guerra pende para o lado de Alexandre, o que coloca Dario em uma posição delicada. Assim, decidido a morrer, é convencido a fugir:

[3] [c]omo Dario via os seus sendo vencidos, quis também ele mesmo morrer, mas foi impelido pelos que estavam próximos a fugir. [4] Logo, aconselhando alguns para que fosse cortada a ponte do rio Cidno, de maneira a impedir a passagem do inimigo, diz não querer um plano para sua própria salvação a ponto de que lance tantos milhares de aliados ao inimigo; que devia estar aberto, também para a fuga dos outros, o caminho que se abria para ele<sup>352</sup> (Just. 11.14.3-4).

A nosso ver, podemos considerar a posição de Dario em não colocar sua própria salvação acima daqueles que o haviam acompanhado até ali como um ato de *constantia*. Segundo Valério Máximo (3.8 *pr.*):

[...] com efeito, a natureza dispõe-se de tal modo que aquele que acredita em algum empreendimento com prudência e discernimento ou defende o já realizado com mais vigor se o censuram, ou, se o estorvam, leva o que ainda não foi completado até o fim sem qualquer delonga.<sup>353</sup>

Desse modo, Dario mantém o compromisso com seus soldados para que eles também possam evadir, mesmo que isso o ponha em perigo, já que a via mantém-se aberta,

<sup>351</sup> [...] *nec duces circuire suos cessabant. [7] Darius uix denis Armeniis singulos hostes, si diuisio fieret, euenire dicebat; [8] Alexander Macedonas monebat, ne multitudine hostium, nec corporis magnitudine uel coloris nouitate mouerentur; [9] tantum meminisse iubet, cum isdem se tertio pugnare; nec meliores factos putarent fuga, cum in aciem secum tam tristem memoriam caedium suarum et tantum sanguinis duobus proeliis fusi ferrent; [10] et quemadmodum Dario maiorem turbam hominum esse, sic uirorum sibi. [11] Hortatur, spernant illam aciem auro et argento fulgentem, in qua plus praedae quam periculi sit, cum uictoria non ornamentorum decore, sed ferri uirtute quaeratur.*

<sup>352</sup> [3] *Darius cum uinci suos uideret, mori et ipse uoluit, sed a proximis fugere compulsus est. [4] Suadentibus deinde quibusdam ut pons Cydni fluminis ad iter hostium inpediendum intercluderetur, non ita se saluti suae uelle consultum ait ut tot milia sociorum hosti obiciat; debere et aliis fugae uiam patere, quae patuerit sibi.*

<sup>353</sup> [...] *natura enim sic conparatum est ut, quisquis se aliquid ordine ac recte mente complexum confidit, uel iam gestum, si obtrectetur, acriter tueatur, uel nondum editum, si interpellatur, sine ulla cunctatione ad effectum perducatur.*

igualmente, ao inimigo. Note-se como Dario, neste ponto, afasta-se, então, de Xerxes que, em um revés, abandona seu exército à própria sorte, buscando apenas sua própria salvação (Just. 2.13.8-10). Contudo, Dario, assim como Filipe e Alexandre, não terá a oportunidade de ter uma morte gloriosa, mas será traído por seus familiares que visavam à benevolência do rei macedônio (Just. 11.15.1). Ferido e preso, em seus estertores, o rei dos persas deixa uma mensagem a Alexandre:

[7] [o]rdena que estas sejam levadas a Alexandre: ele morria como devedor àquele dos maiores méritos, para quem nenhuma cortesia realizara, porque havia reconhecido nele o ânimo de um rei, não hostil à sua mãe e a seus filhos, sendo mais feliz em seu destino quanto ao inimigo do que quanto aos familiares e parentes, [8] pois, a vida que foi dada à sua mãe e a seus filhos pelo próprio inimigo, fora tomada de si pelos familiares, aos quais ele dera não só a vida, mas também reinos. [9] Por essa razão, a eles será destinado o favor que desejar o próprio vencedor. [10] Refere-se a Alexandre com o único favor de que, morrendo, é capaz: pede aos numes celestes e infernais e aos deuses protetores dos reis para que a soberania de todas as terras chegue a ele, vitorioso. [11] Para si, advogava pela graça, mais justa do que onerosa, de uma sepultura. [12] No que concerne à vingança, já não era sua, mas seria uma causa exemplar e comum a todos os reis, a qual lhe seria desonroso e perigoso negligenciar; porque, de um lado, está situada a causa da sua justiça, de outro, também, a da utilidade. [13] Para isso, oferecia sua mão direita, único penhor de fidelidade real, para ser levada a Alexandre. Após isso, tendo estendido a mão, faleceu. [14] Quando essas foram anunciadas a Alexandre, visto o corpo do defunto, acompanhou com lágrimas uma morte tão indigna àquela proeminência e ordenou sepultar o corpo conforme o costume real e levar os restos dele para o túmulo de seus antepassados<sup>354</sup> (Just. 11.15.7-14).

Estando em uma posição delicada, Dario não amaldiçoa aquele que lhe lançara guerra e fora responsável, em certa medida, por sua queda, mas vota por sua vitória e glória, ato que é produto do tratamento de Alexandre quanto a suas familiares. Por conseguinte, há um bom resultado à demonstração de virtude do rei macedônio que recebe o monumento do discurso

---

<sup>354</sup> [7] *Perferri haec Alexandro iubet: se nullis in eum meritorum officiis maximorum illi debitorem mori, quod in matre liberisque suis regium eius, non hostilem animum expertus felicis hostem quam cognatos propinquosque sortitus sit; [8] quippe matri et liberis suis ab eodem hoste uitam datam, sibi a cognatis ereptam, quibus et uitam et regna dederit. [9] Quamobrem gratiam illis eam futuram quam ipse uictor uolet. [10] Alexandro referre se, quam solam moriens potest, gratiam, precari superum inferumque numina et regales deos ut illi terrarum omnium uictori contingat imperium. [11] Pro se iustam magis quam grauem sepulturae ueniam orare. [12] Quod ad ultionem pertineat, iam non suam, sed exempli communemque omnium regum esse causam, quam neglegere illi et indecorum et periculosum esse; quippe cum in altero iustitiae eius, in altero etiam utilitatis causa uersetur. [13] In quam rem unicum pignus fidei regiae, dextram se ferendam Alexandro dare. Post haec porrecta manu expirauit. [14] Quae ubi Alexandro nuntiata sunt, uiso corpore defuncti tam indignam illo fastigio mortem lacrimis prosecutus est corpusque regio more sepeliri et reliquias eius maiorum tumulis inferri iussit.*

de Dario. Ademais, destacamos, na passagem, a indicação da *ultio* como uma causa justa e exemplar, conforme já discutimos anteriormente, ainda que exista a rivalidade entre os dois reis. Com efeito, posteriormente, Alexandre vingará Dario ao torturar seu amigo que é colocado como responsável pela morte do rei (Just. 12.5.10-11).

Conforme ocorre com outros governantes abordados no *Epítome*, e buscamos demonstrar aqui, as figuras que se opõem a esses líderes enriquecem, em certa medida, sua construção. No caso de Dario, dá-se a oportunidade de observar como Alexandre era visto por seus inimigos, com os quais o rei macedônio agiria de modo mais moderado do que em relação a seus aliados. Além disso, como o persa é descrito, do ponto de vista de Alexandre, como um rei de proeminência (*illo fastigio*), acentua-se o lado positivo do rei macedônio, já que alguém virtuoso considera-se em dívida quanto a seu inimigo devido a suas atitudes.

De qualquer maneira, ainda que Dario argumente que ele próprio teria sido generoso com seus familiares, outorgando-lhes poder, são eles que o levam a uma morte indigna. Desse modo, mais uma vez, notamos oposições entre as esferas da vida pública e da privada dos grandes líderes que habitam o *Epítome*, nas quais eles se sobressaem e degeneram, mas cujos resultados podem variar conforme suas próprias circunstâncias individuais.

### 3.1.7.2 Lisímaco e Calístenes

Embora Lisímaco tenha uma atuação mais extensa, considerando que é um dos diádocos, limitaremos nossa análise, nesta subseção, principalmente ao episódio de Calístenes, por acreditarmos que também pode ser ligado à construção de Alexandre. Calístenes é apresentado pela primeira vez no *Epítome* logo após o assassinato de Clito, sendo descrito como alguém que se esforçara para convencer Alexandre contra seu possível suicídio motivado pela culpa:

[...] [Alexandre] esteve quatro dias sem comer, até que foi dissuadido pelas preces de todo o exército, que pede para que não lhe doesse assim a morte de um único, [16] a ponto de dizimar a todos aqueles conduzidos à mais longínqua barbárie, abandoná-los entre gentes hostis e agastadas pela guerra. [17] Foram muito úteis as preces do filósofo Calístenes, ligado a ele como condiscípulo de Aristóteles e chamado, então, para junto do próprio rei para transmitir as memórias dos atos dele<sup>355</sup> (Just. 12.6.15-17).

<sup>355</sup> [...] *illi quadriduo perseuerata inedia est, donec exercitus uniuersi precibus exoratus est, precantis, ne ita mortem unius doleat, [16] ut uniuersos perdat quos in ultimam deductos barbariam inter infestas et inritatas bello gentes destituat. [17] Multum profuere Callisthenis philosophi preces;*

Calístenes, então, é posto como companheiro de estudos de Alexandre, bem como aquele responsável pela imortalização de seus feitos. Entretanto, apesar de sua atuação positiva junto ao rei, o filósofo receberá um tratamento talvez até mais duro do que aquele dispensado a Clito, assassinado por elogiar Filipe. Conforme se vê no capítulo seguinte da narrativa, Calístenes teria sido morto, acusado pelo rei de traição, após se recusar a adorá-lo, conforme o rei desejava, por se inclinar aos costumes dos persas. Na passagem, não há muito detalhamento do que acontece com Calístenes, embora a morte pareça ocorrer um tanto em vão, pois Alexandre teria voltado atrás em sua vontade, motivado pela rejeição de seu povo, como já citamos anteriormente (Just. 12.7.1-3).

Mais à frente, no livro XV, depois da morte de Alexandre, Justino passa a descrever Lisímaco, enquanto este estava sob as ordens de Cassandro (Just. 15.2.17 e 15.3). Destacamos o início da passagem:

[3, 1] [e]ste Lisímaco havia nascido em uma condição certamente ilustre, mas foi mais preclaro pelas provas de sua virtude do que por toda a sua nobreza, [2] essa que nele foi tamanha que venceu, com sua grandeza de ânimo, a própria filosofia e, com a glória de sua força, todos aqueles que haviam dominado o Oriente<sup>356</sup> (Just. 15.3.1-2).

Chamamos atenção para o fato de que Lisímaco é apresentado como alguém cuja virtude é capaz de vencer os dominadores do Oriente, enquanto, comparativamente, Alexandre é aquele cuja *insolentia* teria “[...] suprimid[o] a afabilidade que aprendera com as letras dos gregos e os costumes dos macedônios”<sup>357</sup> (Just. 11.11.12). O contraste entre Alexandre e Lisímaco é indicado pela própria narrativa, dado que Justino, a seguir, retoma o episódio da morte de Calístenes, observando a *crudelitas* do rei frente a um aliado que não teria, na prática, cometido uma grande falta contra Alexandre, principalmente ao se considerar os hábitos macedônios dos quais o rei afastava-se:

[3] [c]om efeito, dado que Alexandre, o Grande, irado (*iratus*), tivesse inventado que o filósofo Calístenes, por se opor ao costume da saudação

---

*condiscipulatu apud Aristotelen familiaris illi et tunc ab ipso rege ad prodenda memoriae acta eius accitus.*

<sup>356</sup> [3, 1] *Erat hic Lysimachus inlustri quidem Macedoniae loco natus, sed uirtutis experimentis omni nobilitate clarior, [2] quae tanta in illo fuit ut animi magnitudine philosophiam ipsam uiriumque gloria omnes, per quos Oriens domitus est, uicerit.*

<sup>357</sup> [...] *et Graecorum litteris et Macedonum institutis didicerat.*



persa, teria sido cúmplice das insídias que eram preparadas para si [4] e, mutilados cruelmente todos os seus membros e cortados orelhas, nariz e lábios, o tivesse transformado num espetáculo disforme e digno de pena, [5] e, além disso, para o terror dos demais, o fizesse circular preso em uma gaiola junto com um cachorro, [6] então, Lisímaco, acostumado a ouvir Calístenes e a receber dele as instruções da virtude, com pena de um tamanho homem que sofria as punições não por um delito, mas pela liberdade, deu a ele veneno como um remédio para sua calamidade<sup>358</sup> (Just. 15.3.3-6).

Ao mesmo tempo que se reforça a construção de Alexandre como carrasco de seus amigos, Lisímaco configura-se, a nosso ver, como um *exemplum* de *constantia*, na passagem, porque, mesmo diante da possibilidade de um castigo semelhante por desafiar a vontade do rei, prontifica-se a libertar Calístenes de seu sofrimento injusto, dado o vínculo de que desfrutavam. De fato, sua ação não passará impune, mas, por meio de sua *fortitudo*, Lisímaco consegue superar as expectativas de Alexandre:

[7] Alexandre recebeu isso [a morte de Calístenes] tão mal que ordenou que ele [Lisímaco] fosse levado para um leão ferocíssimo. [8] Mas, quando o leão, incitado por sua presença, atirou-se a ele com violência, Lisímaco mergulhou sua mão envolta em sua túnica na boca do leão e, arrancada sua língua, tirou a vida da fera. [9] Quando isso foi anunciado ao rei, o assombro deu lugar à satisfação, e o teve em maior estima pela firmeza de tamanha virtude. [10] Lisímaco, do mesmo modo, recebeu com elevado ânimo a afronta do rei, como se fosse de um pai. [11] Enfim, apagada de seu ânimo toda a memória desse fato, depois, na Índia, foi o único companheiro no páreo para o rei que perseguia, através de imensas dunas de areia, alguns dos inimigos dispersos, visto que ele fora separado da legião de seus guardas devido à velocidade de seu cavalo<sup>359</sup> (Just. 15.3.7-11).

<sup>358</sup> [3] *Quippe cum Alexander Magnus Callisthenen philosophum propter salutationis Persicae interpellatum morem insidiarum, quae sibi paratae fuerant, consciuum fuisse iratus finxisset* [4] *eumque truncatis crudeliter omnibus membris abscisisque auribus ac naso labiisque deforme ac miserandum spectaculum reddidisset*, [5] *insuper in cauea cum cane clausum ad metum ceterorum circumferret*: [6] *tunc Lysimachus, audire Callisthenen et praecepta ab eo uirtutis accipere solitus, miseratus tanti uiri non culpae, sed libertatis poenas pendentis, uenenum ei in remedia calamitatum dedit*.

<sup>359</sup> [7] *Quod adeo Alexander aegre tulit, ut eum obici ferocissimo leoni iuberet*. [8] *Sed cum ad conspectum eius concitatus leo impetum fecisset, manum amiculo inuolutam Lysimachus in os leonis inmersit abreptaque lingua feram exanimauit*. [9] *Quod cum nuntiatum regi esset, admiratio in satisfactionem cessit, carioreque eum propter constantiam tantae uirtutis habuit*. [10] *Lysimachus quoque magno animo regis ueluti parentis contumeliam tulit*. [11] *Denique omni ex animo huius facti memoria exturbata postea in India insectanti regi quosdam palantes hostes, cum a satellitum turba equi celeritate desertus esset, solus ei per immensas harenarum moles cursus comes fuit*.

Note-se como a virtude de Lisímaco, digna da admiração de Alexandre, é destacada, inclusive, em sua capacidade de ignorar a ofensa do rei – possivelmente uma marca de *moderatio* –, o que o rei é, constantemente, incapaz de fazer. Então, é posto como igual a Alexandre em sua capacidade ofensiva – seu irmão, em comparação, teria morrido ao tentar acompanhar o rei (Just. 15.3.12).

O capítulo é encerrado com presságios a respeito de Lisímaco, demonstrando como ele, por sua virtude, mais uma vez se elevaria sobre os demais:

[...] Alexandre, ao desmontar de seu cavalo, feriu Lisímaco na frente com a ponta de sua lança, de modo que o sangue não pode ser estancado de outra forma até que o rei, tirado seu diadema, o pousasse na cabeça dele para pressionar a ferida. [14] O que foi o primeiro auspício da majestade real de Lisímaco. [15] E também, após a morte de Alexandre, quando as províncias foram divididas entre os sucessores dele, as gentes mais ferozes foram-lhe atribuídas como se ao mais vigoroso (*fortissimo*) de todos, [16] a tal ponto que, pelo consenso coletivo, também recebeu a palma da virtude entre os demais<sup>360</sup> (Just. 15.3.13-16).

Assim, consideramos que as narrativas acerca de Alexandre e das virtudes de Lisímaco podem ser, em alguma medida, lidas separadamente; todavia, ainda que o autor não realize anáfora ou catáfora, informando a seu leitor que os episódios serão trabalhados em outros momentos – o que Justino, por vezes, faz, como demonstra a união entre Alexandre e Taléstris (Just. 2.4.33, 12.3.5-7 e 42.3.7) –, a leitura das duas narrativas pode enriquecer a formação de sentido do texto, na medida que a *crudelitas* de Alexandre, por exemplo, intensifica-se pela descrição do castigo impetrado a Calístenes. Do mesmo modo, como já se sabe do que o rei era capaz, fortalece-se a *constantia* de Lisímaco, que coloca a libertação do filósofo acima de seu próprio bem-estar.

Posteriormente, depois da narrativa de seus conflitos com Cassandro e os demais diádocos, Lisímaco morrerá, segundo Justino, com setenta e quatro anos (Just. 17.1.10), “não sem valor” (*non instrenue moriens*) (Just. 17.1.2), em batalha contra Seleuco – um tipo de morte que se adequaria melhor, quando comparada à de Alexandre ou mesmo à de Filipe, à expectativa projetada sobre um grande comandante.

---

<sup>360</sup> *Lysimachum desiliens equo Alexander hastae cuspidem ita in fronte uulnerauit, ut sanguis aliter cludi non posset quam diadema sibi demptum rex adligandi uulneris causa capiti eius inponeret. [14] Quod auspiciu[m] primum regalis maiestatis Lysimacho fuit. [15] Sed et post mortem Alexandri, cum inter successores eius prouinciae diuiderentur, ferocissimae gentes quasi omnium fortissimo adsignatae sunt. [16] Adeo etiam consensu uniuersorum palmam uirtutis inter ceteros tulit.*

### 3.1.8 Elissa/Dido e Pigmalião

No *Epítome*, um dos pensamentos da Dido virgiliana, pouco antes de sua morte, realiza-se: as naus dos troianos não aportam no litoral de Cartago. Conforme Cristina Pinheiro (2010, p. 106-7), Justino, assim como Timeu, localiza a rainha fora do contexto mitológico ligado à fundação de Roma, sendo que sua versão é a mais longa, legada pela Antiguidade, das façanhas da rainha<sup>361</sup> a que se tem acesso hoje. Claramente, isso impacta sua construção, e a distancia de sua faceta mais célebre representada nos versos de Virgílio, de modo que a rainha pode sair da sombra das ações de Eneias. Embora Justino também a chame de Dido pelo menos uma vez – ao se referir a ela em sua primeira ocorrência –, majoritariamente, é Elissa que aparece, e, a partir daqui, é assim que a personagem será nomeada.

A primeira menção a Elissa, que ocorre no livro XI, já a estabelece como um *exemplum*. Alexandre, o Grande, após ter sua majestade reconhecida por diversos reis do Oriente, expressa o desejo de ir a Tiro – onde havia um importante templo de Hércules –, para prestar culto ao deus, contudo, os tírios recusam-se a recebê-lo e, com sua vinda, preparam-se para a guerra:

[12] e, sem demora, desembarcado o exército na ilha, [Alexandre] é recebido com guerra pelos tírios, não menos corajosos pela confiança nos cartagineses. [13] De fato, *elevava o ânimo dos tírios o exemplo de Dido*, a qual, tendo fundado Cartago, teria conquistado a terceira parte do orbe, considerando vergonhoso que suas próprias mulheres tivessem mais coragem para conquistar um império do que eles para defender a liberdade. [14] Afastados, então, para Cartago os de idade imbele, e, tendo as tropas auxiliares sido rapidamente convocadas, são capturados, não muito tempo depois, por uma traição<sup>362</sup> (Just. 11.10.12-4, grifo nosso).

A passagem testemunha que a ação de Elissa – a conquista de parte do orbe – já passara pelas quatro operações propostas por Roller (2018): os tírios, afastados

---

<sup>361</sup> A autora aponta que a versão de Justino teria servido de inspiração a Fawzy Mellah para a escrita de seu romance *Elissa, La Reine Vagabonde (Elissa, a rainha errante)* (Pinheiro, 2010, p. 159) – o qual não parece ter tradução para o português –, o que reitera, como os estudos de Alexandre Bonilha (2011) e Talita Juliani (2021), a influência do abreviador sobre a literatura posterior.

<sup>362</sup> [12] *confestimque exercitu insulae adplicito, non minus animosis Tyriis fiducia Karthaginensium, bello excipitur*. [13] *Augebat enim Tyriis animos Didonis exemplum, quae Karthagine condita tertiam partem orbis quaesisset, turpe ducentes si feminis suis plus animi fuisset in imperio quaerendo quam sibi in tuenda libertate*. [14] *Amota igitur inbelli aetate Karthaginem et arcessitis mox auxiliis non magno post tempore per prodicionem capiuntur*. (Grifo nosso).

temporalmente da rainha<sup>363</sup>, sabem de sua existência, de modo que se presume a presença de alguma forma de monumento – talvez a própria Cartago –, e eles a julgam valorosa ao ponto de ter seu ânimo elevado por ela e desejarem superá-la. O feito da rainha destaca-se também por ter sido realizado por uma mulher que tomara uma posição ofensiva de conquista, o que coloca os tírios em uma situação comprometedor caso optassem pela passividade diante da ameaça de Alexandre à sua liberdade.

Por fim, Justino apresenta um motivo para a queda de Tiro que difere das demais fontes, como Diodoro Sículo<sup>364</sup>, as quais indicam que a cidade teria caído devido às dificuldades geradas após sete meses de cerco. Com essa divergência, por um lado, atribui-se uma ação negativa a, pelo menos, um dos tírios; por outro, retira-se do coletivo o possível pejo de uma rendição, como ocorre em Diodoro, o que pode reforçar o valor do povo capaz de resistir à ameaça de Alexandre – que, naquele momento, acabara de derrotar Dario III – e, por extensão, do *exemplum* da rainha de Cartago.

Elissa reaparece no *Epítome* no livro XVIII. No início deste, Pirro, rei do Épiro na virada do século III AEC, é chamado pelos tarentinos, samnitas e lucanos em auxílio contra os romanos. Desejando tomar a soberania da Itália e rivalizar com os exemplos de seus antepassados<sup>365</sup>, ele lança-se contra Roma e tem aquela que ficaria conhecida como “vitória pírrica”, já que ocorre ao preço da morte de grande parte de seu exército. De toda forma, após duas vitórias catastróficas para os epirotas, Magão, comandante cartaginês, oferece apoio aos romanos “[...] para que, como fossem assaltados por um inimigo externo, fossem ajudados por tropas auxiliares externas”<sup>366</sup> (Just. 18.2.2). A necessidade de ajuda é negada pelos romanos, mas a menção aos cartagineses dá a oportunidade para que Justino aborde a origem destes a partir do tírios.

<sup>363</sup> Considerando-se que Cartago teria sido fundada no século IX AEC, e Alexandre vivera no IV AEC.

<sup>364</sup> “Los tirios, pues, que soportaron el asedio con más valentía [5] que inteligencia, cayeron en tales desgracias, tras ser sitiados durante siete meses.” (D. S. 17.46.4-5, trad. J. M. Guzmán Hernida); “[5] Τύριοι μὲν οὖν γενναϊότερον μᾶλλον ἢ φρονιμώτερον ὑποστάντες τὴν πολιορκίαν τοσαύταις περιέπεσον συμφοραῖς, πολιορκηθέντες μῆνας ἑπτὰ.” (D. S. 17.46.5).

<sup>365</sup> “[2] Uma vez que seu ânimo estava inclinado a esse feito, os exemplos de seus antepassados começaram a impeli-lo, para que não parecesse ser inferior a seu tio Alexandre, de cuja proteção os tarentinos, igualmente, fizeram uso contra os brútijs, ou que tivesse menos coragem do que Alexandre, o Grande, que submeteu o Oriente em uma expedição militar tão distante de sua pátria.” (Just. 18.1.2); [2] *In quam rem inclinatum semel animum praecipitem agere coeperant exempla maiorum, ne aut inferior patruo suo Alexandro uideretur, quo defensore idem Tarentini aduersus Bruttios usi fuerant, aut minores animos Magno Alexandro habuisse, qui tam longa a domo militia Orientem subegit.*

<sup>366</sup> [...] *ut, quoniam externo hoste oppugnarentur, externis auxilijs iuuarentur.*

Assim, retomam-se a revolta das pessoas escravizadas em Tiro e a queda de seus descendentes frente à ofensiva de Alexandre, o Grande, conforme já se fizera menção no livro XI e se discutiu no trecho acima. Justino não insere, em qualquer um dos dois trechos, uma referência que possa levar o leitor a cruzá-los em uma leitura pontual, mas a observação do livro XVIII pode enriquecer a produção de sentidos de XI e vice-versa, já que, por um lado, sabe-se que as ações de Elissa são exemplares; por outro, detalham-se quais são esses atos de grandeza.

Justino passa, em seguida, à história de Elissa, que começa com a então princesa de Tiro, cuja beleza é destacada (*insignis formae uirgine*; Just. 18.4.3), sendo nomeada por seu pai como herdeira junto a seu irmão, Pigmalião, o qual era ainda muito jovem. O reino, contudo, é dado a este, enquanto aquela se casa com seu tio, chamado, nesta versão, de Acerbas – diverso do mais conhecido Siqueu, como em Virgílio e Ovídio –, que tinha grandes riquezas. Estas são alvo da cobiça de Pigmalião, a ponto de o rei assassinar o marido da irmã, que além de seu cunhado, é seu tio e sacerdote de Hércules. Tal ação é apresentada como condenável por Justino, configurando-se como uma falta em relação à *pietas*: “[8] [a]çulado por isso, Pigmalião, esquecido do direito humano, mata seu próprio tio e também cunhado, sem respeito à piedade (*pietatis*)”<sup>367</sup> (Just. 18.4.8).

Por isso, Elissa decide enganar seu irmão, dizendo que queria mudar-se para junto dele, mas, na verdade, utilizando a oportunidade para fugir para longe. Pigmalião não considerará a possibilidade de um dolo nas propostas da irmã, enviando-lhe ajudantes para a sua mudança. As ações do rei, mais uma vez, são caracterizadas pela cobiça: “[11] [n]ão a contragosto, Pigmalião ouviu as palavras da irmã, julgando que, com ela, também viria o ouro de Acerbas” (Just. 18.4.11).

Em latim, a cobiça pode ser designada por *cupiditas*, relacionada a uma avidez de obter, neste caso, riquezas. Em Quintiliano, encontra-se um exemplo em contexto semelhante: “[a]ssim, caso se diga que alguém matou um homem por causa de herança: [...] Não é suficiente apenas colocar determinados argumentos, é preciso robustecê-los, como em: *a cobiça foi a causa do crime*; dela a *ira* é a força motriz [...]”<sup>368</sup> (Quint., *Inst.* 5.12.5-6, trad. B. F. Bassetto, grifo da edição.). Valério Máximo, contudo, coloca a *cupiditas* como algo que

<sup>367</sup> [8] *Qua incensus Pygmalion oblitus iuris humani auunculum suum eundemque generum sine respectu pietatis occidit.*

<sup>368</sup> [...] *Ut, si quis hereditatis gratia hominem occidisse dicatur: [...] [6] Quaedam argumenta ponere satis non est, adiuvanda sunt: cupiditas causa sceleris fuit, quae sit uis eius: ira, [...]* (Grifo da edição).

caracteriza a *auaritia*: “[a]presenta-se também a avareza, rastreadora de lucros ocultos, tão voraz sorvedouro de pilhagem, infeliz com o lucro que consegue e miserável pela cobiça de obter”<sup>369</sup> (V. Max. 9.4). Como indica Arina Bragova (2018, p. 257), Cícero também oferece sua definição do conceito: “[e] a avareza é a sugestão veemente pelo dinheiro, como que muito desejada, inerente e profundamente arraigada; [...]”<sup>370</sup> (Cic., *Tusc.* 4.26, trad. B. F. Bassetto). De fato, o próprio Justino apresentará o vício do rei como *auaritia*:

[...] [Elissa] diz que, para si, havia, certamente, uma morte há muito almejada, mas, para eles [os agentes do rei], eram iminentes terríveis torturas e funestos suplícios, porque privaram a avareza (*auaritia*) do tirano das riquezas de Acerbas, por cuja expectativa o rei cometera parricídio<sup>371</sup> (Just. 18.4.14).

Assim, Pigmalião é caracterizado por sua *auaritia* que o leva a ferir a *pietas* em seu círculo familiar. Segundo Morgan (2007, p. 150), partindo da análise de Valério Máximo, a *auaritia* é um vício que afeta tanto aquele que a tem, como as vítimas deste, mas nem sempre ela é punida. Este é o caso de Pigmalião, pois, enquanto planejava perseguir sua irmã com guerra ímpia (*impio bello*), é convencido justamente por aqueles que pertencem à esfera da *pietas* – sua mãe e os deuses – a abandonar seus planos para que não fosse punido, não por sua *auaritia*, mas porque acossar Elissa seria opor-se ao nascimento de Cartago<sup>372</sup>. A partir de então, o rei de Tiro não reaparece na narrativa.

Voltando ao trecho em que Elissa foi deixada, tendo sido afetada pela *auaritia* de seu irmão, a princesa começa a planejar sua fuga. Assim, utiliza argumentos plausíveis para enganar seu irmão<sup>373</sup>. Depois, ludibria os ajudantes enviados por ele para que acreditassem ter

<sup>369</sup> *Protrahatur etiam auaritia, latentium indagatrix lucrorum, manifestae praedae auarissima uorago, neque habendi fructu felix et cupiditate quaerendi miserrima.*

<sup>370</sup> *est autem auaritia opinatio uehemens de pecunia, quasi ualde expetenda sit, inhaerens et penitus insita, [...].*

<sup>371</sup> [...] *sibi quidem ait optatam olim mortem, sed illis acerbos cruciatus et dira supplicia imminere, qui Acherbae opes, quarum spe parricidium rex fecerit, auaritiae tyranni subtraxerint.*

<sup>372</sup> “[6] Enquanto essas ações sucedem-se, como Pigmalião, tendo descoberto a fuga da irmã, preparava-se para perseguir a fugitiva com uma guerra ímpia, penosamente desistiu, vencido pelas súplicas de sua mãe e pelas ameaças dos deuses, [7] já que os vates, inspirados, previam que não ficaria impune caso se opusesse ao desenvolvimento da urbe mais auspiciosa de todo o orbe [...]” (Just. 18.5.6-7); [6] *Dum haec aguntur, Pygmalion, cognita sororis fuga, cum impio bello fugientem persequi pararet, aegre precibus matris deorumque minis uictus quieuit; [7] cui cum inspirati uates canerent non impune laturum, si incrementa urbis toto orbe auspicatissimae interpellasset, [...].*

<sup>373</sup> “[9] Elissa, durante muito tempo, avessa ao irmão devido a seu crime, tendo, até o fim, dissimulado o ódio e, enquanto isso, domado sua face, planeja, em segredo, uma fuga com alguns dos aristocratas tomados em aliança, os quais ela pensava terem semelhante ódio ao rei e o mesmo

jogado a herança de Acerbas no mar<sup>374</sup> – o que não só lhe garante um número maior de aliados, como, provavelmente, desvia a cobiça de outros. No Chipre, tem o cuidado de garantir que seu povo possa gerar descendência<sup>375</sup> ao mandar capturar parte das virgens cipriotas que buscavam adquirir seus dotes prostituindo-se nas praias. Já na África, compra um pedaço de terra que poderia cobrir com o couro de um boi, com o objetivo de que seus companheiros pudessem descansar, porém consegue ocupar uma extensão maior de território do que o esperado ao cortar o couro em tiras<sup>376</sup>. Todas essas ações podem ser ligadas à *uafritia*, de modo que Elissa consegue atingir seus objetivos sem necessariamente usar a força – exceto, provavelmente, no sequestro das virgens cipriotas, porque a passagem não deixa claro qual artifício fora utilizado para capturá-las.

Talvez este seja um traço a ser atribuído aos cartagineses dentro da obra, já que Justino faz, pelo menos, três referências a um *Punicum ingenium* (Just. 18.2.4; 18.6.2 e 31.4.2), a

---

desejo de fugir. [10] Naquele momento, dirige-se ao irmão com um dolo; finge que quer mudar-se para junto dele, para que a casa do marido não renove, ainda mais, para ela, que desejava esquecer, a imagem penosa do luto, ou para que não viesse aos olhos dela uma recordação tão amarga.” (Just. 18.4.9-10); [9] *Elissa diu fratrem propter scelus auersata ad postremum dissimulato odio mitigatoque interim uultu fugam tacita molitur adsumptis quibusdam principibus in societatem, quibus par odium in regem esse eandemque fugiendi cupiditatem arbitrabatur.* [10] *Tunc fratrem dolo adgreditur, fingit se ad eum migrare uelle, ne amplius ei mariti domus cupidae obliuionis grauem luctus imaginem renouet neue ultra amara admonitio oculis eius occurrat.*

<sup>374</sup> “[12] Mas, no início da tarde, Elissa coloca em navios os agentes enviados pelo rei para a mudança junto a todas as suas próprias riquezas e, adiantada em alto mar, obriga-os a jogar na água uns fardos de areia envolvidos em invólucros no lugar do dinheiro. [13] Naquele momento, ela mesma, lastimando e com voz lúgubre, invoca Acerbas; roga para que retome de boa vontade suas próprias riquezas que lhe tinha deixado e receba, como sacrifícios, aquelas que teriam sido a causa de sua morte. [14] Naquele momento, dirige-se aos próprios agentes; diz que [...] para eles, eram iminentes terríveis torturas e funestos suplícios, porque privaram a avareza do tirano das riquezas de Acerbas, por cuja expectativa o rei cometera parricídio. [15] Incutido, em todos, esse medo, aceita-os como companheiros de fuga.” (Just. 18.4.12-5); [12] *Sed Elissa ministros migrationis a rege missos nauibus cum omnibus opibus suis prima uespera inponit prouectaque in altum compellit eos onera harenae pro pecunia inuolucris inuoluta in mare deicere.* [13] *Tunc deflens ipsa lugubrique uoce Acherbam ciet; orat ut libens opes suas recipiat, quas reliquerit, habeatque inferias, quas habuerat causam mortis.* [14] *Tunc ipsos ministros adgreditur; [...] ait [...] illis acerbos cruciatus et dira supplicia inminere, qui Acherbae opes, quarum spe parricidium rex fecerit, auaritia tyranni subtraxerint.* [15] *Hoc metu omnibus iniecto comites fugae accepit.*

<sup>375</sup> “[5] Elissa, então, ordena que um total de oitenta dessas virgens, tomadas, seja levado às naus, para que os jovens pudessem ter casamentos, e a urbe, descendência.” (Just. 18.5.5); [5] *Harum igitur ex numero LXXX admodum uirgines raptas nauibus inponi Elissa iubet ut et inuentus matrimonia et urbs subolem habere posset.*

<sup>376</sup> “[9] Logo, tendo comprado um local que poderia ser coberto com o couro de um boi, no qual poderia reanimar os companheiros fatigados pela longa navegação até que partisse, ordena que o couro seja cortado em partes bem finas e, assim, ocupa um espaço maior do que o local que pedira.” (Just. 18.5.9); [9] *dein empto loco, qui corio bouis tegi posset, in quo fessos longa nauigatione socios, quoad proficisceretur, reficere posset, corium in tenuissimas partes secari iubet atque ita maius loci spatium quam petierat, occupat, [...].*

partir do qual as personagens – Magão, os embaixadores de Elissa e os de Aníbal – utilizam-se de artimanhas ligadas ao discurso para alcançar seus objetivos. Entretanto, enquanto as ações desempenhadas pela rainha geram bons resultados, a de seus embaixadores ocasionará a morte dela.

Se os atos de Pigmalião configuram-se como uma infração à *pietas*, Elissa, ao contrário, mostra-se preocupada com os elementos relacionados a essa virtude. Assim, uma de suas ações antes de partir de Tiro é a de renovar os sacrifícios a Hércules (Just. 18.4.15). Além disso, enquanto seu irmão assassina um sacerdote, Elissa, em sua primeira parada, no Chipre, recebe a companhia de outro sacerdote, o qual é ligado ao culto a Júpiter e fora inspirado pelos deuses a segui-la, sinal interpretado como um bom presságio (Just. 18.5.1-3). Porém, provavelmente a marca mais clara de sua *pietas* está relacionada à pátria que foi capaz de fundar.

Quando Cartago já florescia, Iarbas, rei dos maxitanos, solicita uma conferência com dez aristocratas cartagineses, na qual lhes informa que ou se casaria com a rainha ou declararia guerra à cidade. Os embaixadores decidem, então, enganar a rainha:

[2] [o]s embaixadores, temendo relatar isso à rainha, agiram junto a ela com engenho púnico, anunciando que o rei solicitava alguém que ensinasse bem, a ele e aos africanos, um modo de viver mais culto; [3] mas quem se poderia encontrar que deseje apartar-se de seus consanguíneos para estar com os bárbaros e os que viviam conforme o costume das feras?<sup>377</sup> (Just. 18.6.2-3).

Elissa, sem saber a verdade sobre a solicitação do rei vizinho, considerará que há uma resistência deles em a cumprir e os repreende:

[4] [n]aquele momento, censurados pela rainha caso se recusassem a uma vida mais áspera no lugar da salvação da pátria, à qual também a própria vida era devida caso a situação o exigisse, expuseram as instruções do rei, dizendo que aquilo que orientava aos outros, ela própria deveria fazer, caso desejasse velar pela urbe. [5] Presa por esse dolo, tendo invocado, por longo tempo, o nome do marido, Acerbas, com muitas lágrimas e aflitiva lamentação, por fim, respondeu que iria aonde a chamassem sua própria sorte e a da urbe<sup>378</sup> (Just. 18.6.4-5).

<sup>377</sup> [2] *Quod legati reginae referre metuentes Punico cum ea ingenio egerunt, nuntiantes regem aliquem poscere, qui cultiores uictus eum Afrosque perdoceat; [3] sed quem inueniri posse, qui ad barbaros et ferarum more uiuentes transire a consanguineis uelit?*

<sup>378</sup> [4] *Tunc a regina castigati, si pro salute patriae asperiozem uitam recusarent, cui etiam ipsa uita, si res exigat, debeat, regis mandata aperuere, dicentes quae praecipiat aliis, ipsi facienda esse, si uelit urbi consultum esse. [5] Hoc dolo capta diu Acherbae uiri nomine cum multis lacrimis et lamentatione flebili iuuocato ad postremum ituram se quo sua et urbis fata uocarent, respondit.*



O dever com a pátria é claro na passagem, visto que Elissa considera que a própria vida deve ser posta abaixo dela. Depois, ao descobrir a verdade, a rainha, apesar de lamentar a situação diante de sua ligação com o marido assassinado, parece concordar com seu destino em função do bem-estar da cidade, o que apontaria para uma ação em que se coloca o bem comum acima da individualidade (Langlands, 2018, p. 29-33). Contudo, a resposta de Elissa, mais uma vez, configura-se como um ato de *uafritia*:

[6] [t]omado um espaço de três meses para isso, tendo construído uma pira na parte mais distante da urbe, como se para aplacar os manes do marido e lhe enviar sacrifícios antes das núpcias, massacra muitas vítimas e, tomada uma espada, sobe à pira [7] e, assim, voltando-se para o povo, disse que iria até seu marido, como orientavam, e deu fim à sua vida com a espada<sup>379</sup> (Just. 18.6.6-7).

Assim, embora, à primeira vista, pareça haver um ato de complacência em relação à demanda de Iarbas com o intuito de prevenir uma guerra contra Cartago, Elissa prefere manter-se unida unicamente a Acerbas, dando uma interpretação astuta ao que era pedido de si. Sua morte retira de Iarbas a justificativa para uma guerra, já que não há mais uma rainha com quem se casar, mas, se, mesmo assim, argumenta-se que sua morte poderia deixar Cartago fragilizada, valemo-nos de Morgan (2007, p. 143) para responder que “[...] não se espera necessariamente que a *pietas* sobreviva ao tratamento injusto da comunidade”<sup>380</sup>.

Por fim, pode-se considerar que as ações de Elissa foram julgadas positivas do ponto de vista da comunidade, pois, além do testemunho do trecho no livro XI, “[d]urante todo o tempo em que Cartago esteve invicta, [Elissa] foi cultuada como uma deusa”<sup>381</sup> (Just. 18.6.8), de modo que se garantiu o monumento a partir delas. Assim, ainda que a rainha não seja posta, ao longo da narrativa, em campo bélico ou planejando manobras militares, sua atuação é considerada exemplar pelos bons resultados obtidos.

<sup>379</sup> [6] *In hoc trium mensium sumpto spatio, pyra in ultima parte urbis exstructa, uelut placatura uiri manes inferiasque ante nuptias missura multas hostias caedit et sumpto gladio pyram conscendit*  
[7] *atque ita ad populum respiciens ituram se ad uirum, sicut praeceperint, dixit uitamque gladio finiuit.*

<sup>380</sup> “[...] nor is *pietas* necessarily expected to survive unjust treatment by the community.”

<sup>381</sup> [8] *Quamdiu Karthago inuicta fuit, pro dea culta est.*

### 3.2 INSIGNES POR SUAS VIRTUDES: COMO SE CONSTRÓI A EXEMPLARIDADE NO *EPÍTOME*

A análise aqui apresentada permite que concluamos que o *Epítome* é composto por uma série de *exempla* – o que já seria esperado em uma obra de cunho histórico, conforme discutimos no início desta seção. Embora Justino tenha-se proposto a fazer um apanhado a partir da obra muito mais extensa de Pompeio Trogo, o abreviador opta por manter a organização do texto em uma longa narrativa que, de alguma forma, está interligada, ao contrário dos episódios isolados apresentados, por exemplo, em Valério Máximo. Isso possibilita uma visão mais global da construção de suas personagens, que tendem a ter um maior detalhamento em suas construções, de modo que é viabilizado ao leitor destacar da obra feitos que representem vícios e virtudes específicos, mas, ao mesmo tempo, contrastar a atuação dessas figuras entre si, tendo em mente o contexto de determinado ato, além de seu impacto em relação a suas vidas e a de outras personagens, mesmo que estas estejam afastadas temporalmente daquelas.

Como esperamos ter demonstrado, esse paralelo pode contribuir para que se compreendam com mais facilidade esses conceitos abstratos (Langlands, 2018, p. 112), bem como mensurar a importância da chamada “sensibilidade situacional” (Langlands, 2018, p. 126), essencial para a consideração da aplicabilidade para emulação de um *exemplum*, de maneira que se perceba que uma mesma atitude diante de uma situação análoga pode ou não ser a mais adequada em outro momento – vejam-se as estratégias bélicas de Tamires e Dario III ao permitir que o inimigo ingressasse em seus territórios.

Outro elemento que observamos é que, por se organizar como uma narrativa histórica – ainda que tal rótulo seja questionado –, é necessário que o leitor realize um esforço maior em relação a um apanhado como o de Valério Máximo, em que os vícios e virtudes já aparecem catalogados. Assim, cabe ao público considerar os episódios da narrativa que podem representar dado conceito, principalmente porque, embora Justino realize, por vezes, essa ligação explicitamente – como em Just. 14.6.11, em que destaca o comportamento de Olímpíade diante da morte –, essa não é uma prática corrente no *Epítome*.

Com isso, também se possibilita o enriquecimento da formação de sentido desses *exempla* quando se considera a interligação de certas personagens com outras em detrimento de ações isoladas: a *crudelitas* de Alexandre, o Grande, em relação a Calístenes pode acentuar-se a partir da leitura da *constantia* de Lisímaco (Just. 12.7.1-2 e 15.3.3-6), por exemplo. Adicionalmente, o julgamento deixado a cargo do leitor permite uma espécie de

renovação quanto à interpretação dos feitos narrados, já que, segundo Roller (2018, p. 12-3), um ato que se configura como um *exemplum* passa pelo julgamento daqueles que têm contato com ele posteriormente, e como os vícios e virtudes são interligados entre si, conforme aponta Cícero (*Tusc.* 3.17), o leitor pode considerar, a partir de seu senso crítico, com que conceito determinado ato relaciona-se, sem a influência tão direta do autor da narrativa e a partir dos resultados mais amplos que o distanciamento histórico permite observar.

De modo geral, concluímos que, ainda que as narrativas individuais do *Epítome* possam ser lidas como *exempla*, este não é o único atrativo que o texto tem a oferecer, já que, concordando com Cícero (*Fam.* 51.2.4-5), nós também podemos nos comprazer com o infortúnio alheio, enquanto dispomos de nossa própria segurança e ventura.

## 4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar como ocorre a construção da exemplaridade no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, de Justino. O questionamento quanto a esse aspecto partiu, inicialmente, da construção do *Prefácio* do texto, em que o autor explicita ter feito um apanhado de episódios de sua fonte tendo em mente o entretenimento (*uoluptate iucunda*) e o exemplo (*exemplo*) (Just., *Prae.* 4) que esses poderiam trazer para seu público. Posteriormente, também consideramos sua relevância dado o fato de que parte expressiva dos estudos realizados contemporaneamente a respeito da obra abordam a possível ligação da coleta de *exempla* no *Epítome*, seu gênero e seu uso prático em contexto educacional.

Como a obra não dispunha de uma tradução extensa e de fácil acesso em língua portuguesa, nosso primeiro objetivo específico concernia à acessibilidade do texto nessa língua para que também nosso estudo se tornasse inteligível. Mesmo com um recorte para análise definido, a reflexão do que seria traduzido teve diferentes estágios que se alteraram até o último semestre do doutorado. Passamos, assim, de uma proposta inicial muito prática, em que apenas as citações realizadas ao longo do estudo seriam traduzidas – tendo em vista que nosso objetivo principal era analisar um aspecto específico da obra, e não a traduzir –, a um momento em que se optou por incluir a tradução integral como parte do trabalho.

Essa constante ampliação foi influenciada pelo levantamento realizado durante nosso Trabalho de Conclusão de Curso (Mello, 2022) do Bacharelado em Letras: Tradução, com habilitação em Latim, da Universidade Federal de Juiz de Fora, o qual levamos a cabo durante um semestre da primeira metade desta pesquisa e que nos permitiu divisar as evidências de leitura do *Epítome* no Brasil, seja em ambientes formais ou não, nos mais diferentes contextos e campos do saber. Adicionalmente, o diálogo com os pares – ainda que seja um dado informal – levou-nos à conclusão de que uma tradução parcial poderia não ser integralizada posteriormente, considerando as várias demandas existentes após a finalização de um doutorado.

Diante desse contexto, a tradução não ocorreu de modo linear, já que nos dedicamos a trechos específicos que foram expandindo-se e se emendando até que a obra completa fosse remontada em língua portuguesa. Embora se possa acusar o número reduzido de notas presentes em nossa tradução quando comparado com aquelas em outras línguas vernáculas, salientamos que nosso objetivo quanto à tradução, nesta tese, era o de ampliar a visibilidade

do texto para um público que já o tem utilizado em seus estudos nos mais diferentes contextos e, por isso, tem-se mostrado disposto a algum esforço para lê-lo.

Além disso, as traduções de John Yardley (1994 cf. Justin) e de Bernard Mineo (2016; 2018; 2020 cf. Justin) atestam que a realização de notas históricas pode ser um trabalho realizado com o esforço de mais de um estudioso<sup>382</sup> e que exige conhecimento específico. Em nosso caso, houve a limitação não só de nosso campo de atuação como do tempo de realização desta pesquisa. Assim, conforme já concluímos em estudo realizado anteriormente:

[a] escolha por uma proposta [tradutória] que se inclina às proposições de Berman (2007 [1985]) considera um leitor que é – ou deve ser – educado em relação à estrangeiridade do outro. Logo, é possível que se demarque um público que precisa se interessar e se esforçar para que esse processo de alteridade aconteça, porém, ao se ponderar que o leitor de Justino no Brasil já tem precisado se empenhar em língua estrangeira, julga-se que a possibilidade desse desafio não seja tão grande, e que a leitura poderá ser auxiliada pelos demais elementos que compõem este trabalho e por outros estudos disponíveis (Mello, 2022, p. 150).

Embora nossa tradução integre a totalidade do texto-fonte, reconhecemos que o texto de chegada ainda pode ser aperfeiçoado e revisado, processo que acabou sendo limitado pela necessidade de finalização desta tese.

De todo modo, complementar à tradução, disponibilizamos a nosso leitor um índice onomástico – Apêndice D – com quase seiscentas entradas que se referem às personagens abordadas ao longo do *Epítome*, o que acreditamos facilitar que se encontrem figuras isoladas ao longo da narrativa, bem como informações complementares àquelas indicadas por Justino, as quais podem servir como ponto de partida para pesquisas em outras fontes.

Quanto à nossa análise, tendo em mente que, embora a obra de Justino seja utilizada como ponto de partida em diferentes estudos, ela em si não havia sido alvo de um estudo específico que abrangesse suas características em língua portuguesa, dedicamo-nos, na seção 2, a debater o possível contexto de produção do texto. Assim, discutimos tanto a apresentação que Justino faz de si mesmo – tendo em mente o que o autor diz realizar com a obra de seu antecessor –, como as abordagens quanto ao gênero da obra.

---

<sup>382</sup> Na tradução para o inglês, o responsável pelas notas é Robert Develin (cf. Justin, 1994); na francesa, Giuseppe Zecchini (cf. Justin, 2016; 2018; 2020). Por outro lado, a historiadora Marie-Pierre Arnaud-Lindet (cf. Justinus, 2003) realiza tanto a tradução para o francês como as notas de sua edição, como o faz José Castro Sánchez (cf. Justino; Pompeyo Trogo, 2008) para a versão em espanhol.

Para isso, levamos em consideração o impacto dos rótulos atribuídos ao *Epítome* em sua recepção, o que também influencia, direta ou indiretamente, os estudos realizados sobre Justino, dado se tratar de uma obra abreviada, o que, durante muito tempo, fez com que se enxergasse como um trabalho de importância secundária e responsável pela perda das *Histórias Filípicas*, de Pompeio Trogo. Por conseguinte, embora seu autor não tenha restringido explicitamente a obra a um gênero, o rótulo de “epítome” foi-lhe conferido pela tradição, o que colaborou para que fosse relegada a um segundo plano.

Todavia, notamos que, conforme também atestam os estudos de pesquisadores como John Yardley (1994; 1997; 2003; 2010), Arnaud-Lindet (2003), Luis Ballesteros Pastor (2009a; 2009b), e Alice Borgna (2014; 2015; 2020a; 2020b), atualmente, o texto de Justino tem sido alvo de estudos que se dedicam a pensar as características próprias da obra e sua significação conforme seu contexto de produção. Por conseguinte, o *Epítome* tem sido visto como uma obra autoral, que funciona de modo autônomo em relação à sua fonte. Nesse sentido, concluímos que a obra, produzida entre os séculos II e IV de nossa era, muito provavelmente foi escrita por um autor que não era cristão e que já almejava a independência de sua obra quanto à de Trogo, tendo em mente o controle que explicita sobre seu antecessor, principalmente em seu prefácio.

Como os estudos mais recentes tendem a se afastar da tentativa de rastreamento do que seria de Pompeio Trogo em Justino, com o intuito de recuperá-lo, mas abordam, por outro lado, questionamentos acerca dos modos pelos quais o autor ter-se-ia apropriado de seu antecessor e com quais propósitos, busca-se, a partir de características do texto, apartar Justino do rótulo de historiador para que se o considere como rétor. Nesse sentido, também se propõe que o *Epítome* teria sido redigido para que fosse utilizado em contexto educacional, de modo que seus *exempla* poderiam servir de base para a escrita de declamações.

Conforme discutimos na seção 3 desta tese, embora não desprezemos os argumentos desses pesquisadores (como Jal, 1998; Yardley, 2010; Borgna, 2020a; 2020b), também consideramos que o caráter histórico da obra não deve ser ignorado, tendo em vista as mais diversas formas por que a história antiga foi cultivada através da antiguidade. Dessa maneira, consideramos que Justino, enquanto um abreviador, pode comungar os rótulos de rétor e de historiador, representando um tipo de discurso específico caracterizado conforme o período em que estava inserido. Nesse sentido, aventamos que um estudo em que se realizasse a análise comparativa de sua obra às de outros autores mais ou menos próximos historicamente, como Veleio Patérculo, poderia revelar elementos de aproximação, como a preferência por um tipo de construção retórica do texto.

Além disso, os estudiosos citados acima argumentam que o *Epítome* muito provavelmente fora pensado como uma obra para ser lida em episódios isolados, proposta de que nos afastamos em parte. A nosso ver, embora a leitura episódica seja possível, a obra de Justino apresenta-se, por um lado, com uma organização um tanto caótica: a eliminação dos epítetos dos reis, por exemplo, faz com que a localização de uma informação isolada seja dificultada, o que nos leva a questionar a eficiência de Justino enquanto um professor que estaria organizando um material didático para consulta rápida, principalmente se compararmos sua obra a outras como a de Valério Máximo, em que se explicita tal propósito. Por outro lado, sua leitura linear permite a interligação dos diversos eventos narrados, enriquecendo a formação de sentidos, mesmo quando determinados episódios não são próximos, como citamos ao longo da seção anterior. Logo, não negamos que o abreviador possa ter sido um rétor, mas julgamos que seu trabalho não necessariamente seria fonte de consulta rápida de *exempla* para a escrita de declamações, mas que poderia propor-se a atender a outras demandas de um contexto educacional.

Acreditamos que Justino reuniu uma série de situações visando àquilo que ele próprio determina buscar com sua obra: o prazer e o aprendizado. Ainda que sua abordagem tenha rompido com certos elementos da narrativa histórica – por vezes, em seu esforço de abreviação, o autor faz parecer que um evento é consequência de outro, o que não é observado nas evidências históricas –, Justino consegue manter, em larga medida, a coerência interna de sua obra, de modo que o leitor que tem contato com ela em isolado consegue formar um todo inteligível. Como hoje ao se ler um romance histórico, no *Epítome*, temos a oportunidade de encontrar os mais diversos conflitos e intrigas entre pessoas que, em sua maior parcela, desejavam ou estavam envolvidas com o poder de grandes soberanias, a partir de um ponto de vista que privilegia o estrangeiro em função do romano, o que poderia configurar certa novidade para a obra. Aproximamos, dessa forma, a eficiência da narrativa contínua de Justino àquela da unidade épica: ainda que seja possível ler episódios isolados nas epopeias, a leitura integral revela um todo coerente em si mesmo.

Obviamente, o *Epítome* apresenta as lacunas de determinados eventos, quando comparado a outras fontes. Todavia, essas ausências não deveriam ser enxergadas como um defeito no esforço de Justino, mas como uma característica, dado que o abreviador, em seu prefácio, assume fazer uma seleta. Se não realizasse o papel de coletor daquilo que o cativava e que, por extensão, julgava interessar também seu leitor, Justino seria, então, um copista do texto de Trogo, e seu trabalho poderia ter-se perdido nas linhas da história como as demais cópias da obra de seu antecessor. Por isso, dada a possibilidade de se mensurar o todo das

*Histórias Filípicas* a partir dos *Prólogos*, as ausências no *Epítome* não deveriam ser consideradas perdas ou imprecisões, mas um elemento a ser analisado por revelar um interesse particular inserido em determinado intervalo histórico.

De todo modo, independentemente se considera-se que Justino seja ou não um historiador, há um consenso de que sua obra configura-se pela interligação de *exempla*. Conforme indicam autores antigos, como Cícero e Quintiliano, e contemporâneos, como Rebecca Langlands (2018) e Matthew Roller (2018), *exempla* são narrativas geralmente curtas em que um personagem ou grupo é capaz de realizar um grande ato de virtude ou vício, o qual se sobressai entre seus pares, sendo julgado, e, a partir do qual, cria-se um monumento que deveria ser, então, emulado ou evitado. Com isso, conceitos abstratos poderiam ser entendidos com mais facilidade, dada a possibilidade de se observar determinado vício ou virtude em um contexto prático.

Assim, pressupõem-se que as narrativas históricas são um arcabouço de *exempla*, os quais, além de cumprirem um papel educacional na vivência romana, também eram apropriados para serem utilizados em outros gêneros, como na epopeia e na declamação, mesmo quando um *exemplum* não necessariamente tenha, de fato, um compromisso com um acontecimento. Essa apropriação é um elemento relevante para nossas conclusões, visto que tanto Cícero como Quintiliano descrevem os *exempla* como narrativas mais curtas, dado que se dedicam ao uso prático desse tipo de argumento dentro de um discurso, enquanto o *Epítome* configura-se, a nosso ver, como o estágio anterior, ou seja, como uma fonte em que esses *exempla* poderiam ser buscados. Justino, contudo, opta por, ao invés de catalogar essas histórias, como faz Valério Máximo, apresentá-las de modo interligado por meio de uma narrativa mais ampla.

Por conseguinte, o *Epítome* tem episódios curtos que se adequam com excelência às características acima indicadas. Como exemplo, podemos citar aquele de Cinegiro, soldado ateniense que é imortalizado por sua determinação em impedir que as naus de Dario I escapassem, colocando o bem do coletivo acima de sua própria individualidade, ao ponto de perder as duas mãos (Just. 2.9.16-19). Todavia, Justino também aborda longamente determinadas personagens, como Alexandre, o Grande, dando a oportunidade que se considere não só suas virtudes ou seus vícios em isolado, mas as observe como figuras multifacetadas que se aperfeiçoam, que se corrompem e que são, afinal de contas, humanas, e com as quais é imediata a identificação. Assim, podemos contrastar o tratamento dispensado por Alexandre às familiares de Dario III com aquele concedido a Clito e a Calístenes, o que, a nosso ver, pode facilitar que o leitor considere a adequação de determinadas ações a certas



situações, e como há elementos que influenciam algumas práticas; não há garantia de que, porque uma figura apresentou virtude ou vício em um momento, sempre haverá uma constância.

Esse detalhamento provavelmente também impacta a questão do prazer de leitura do texto. Apontamos o contraste que há entre a abordagem da vingança de Tamires em relação a Ciro II em Valério Máximo, em Frontino e em Justino. Enquanto, no primeiro, a narrativa limita-se à reprovação ordenada pela rainha e à sua vingança (V. Max. 9.10 *ext.* 1)<sup>383</sup>, e, no segundo, destaca-se sua estratégia bélica (Fron., *Str.* 2.5.5)<sup>384</sup>, Justino detalha primeiro o modo como Ciro derrota as forças comandadas pelo filho de Tamires, para então descrever a artimanha utilizada pela rainha, sua capacidade de reger seus sentimentos e o tamanho de sua vitória (Just. 1.8). Com isso, observamos que, embora as narrativas isoladas de Justino possam ser vistas como *exempla*, a maneira como são apresentadas difere daquilo que observamos em obras que explicitamente são dedicadas à sua coleta.

De modo geral, nossa hipótese de que Justino teria dado destaque a características que humanizam suas personagens, demonstrando seus erros e acertos e suas consequências, de maneira a que sua narrativa pudesse servir de exemplo a um público variado parece-nos comprovada, e a crítica de Sêneca (*Ep.* 94.61-2) aos *exempla* não poderia ser aplicada de todo ao *Epítome*.

Acreditamos que outros estudos podem ser realizados para analisar a obra em sua individualidade, como aqui fizemos, ou em contraste com outras fontes, abordando seus aspectos linguísticos e literários. Assim, poder-se-ia suprir uma lacuna a respeito de um texto que tem sido legado às margens, principalmente em língua portuguesa. Esperamos que nossa tradução e análise possam facilitar o acesso à leitura do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, de Justino, bem como motivar a proposição de outras traduções para o texto, considerando que, conforme já afirmamos, tradução alguma pode ser considerada definitiva. Por fim, com este testemunho de nosso trabalho, almejamos ter contribuído para que a obra de

<sup>383</sup> “Há uma e outra rainha de vingança preclara: Tomíres, a qual ordenou que a cabeça decepada de Ciro fosse posta em um odre repleto de sangue humano, censurando a sede insaciável dele por sangue derramado e, ao mesmo tempo, exigindo dele as punições pelo assassinato de seu próprio filho; e também Berenice [...]”; *Clarae ultionis utraque regina, et Tomyris, quae caput Cyri abscisum in utrem humano sanguine repletum demitti iussit exprobrans illi insatiabilem cruoris sitim simulque poenas occisi ab eo filii sui exigens, et Berenice* [...].

<sup>384</sup> “Tamires, rainha dos citas, lutando com um Marte imparcial, atraiu, com simulado temor, Ciro, comandante dos persas, para uns desfiladeiros conhecidos por seus soldados e ali, de repente, virada a tropa, ajudada pela natureza do local, devastou-o”; *Thamyris, Scytharum regina, Cyrum Persarum ducem aequo Marte certantem simulato metu elicuit ad notas militi suo angustias atque ibi, repente conuerso agmine, natura loci adiuta deuicit*.

Justino permaneça cumprindo aquilo que desejava seu autor: o prazer e o aprendizado com sua leitura.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN Numismatic Society. **Silver Didrachm of Ptolemy VI Philometor, Aradus, 159 BC - 158 BC. 1944.100.77295**, JPEG. Altura: 2487 pixels. Largura: 2562 pixels. 2940 dpi. Formato JPEG. 2020a. Disponível em: <http://numismatics.org/collection/1944.100.77295>. Acesso em: 28 nov. 2021.

AMERICAN Numismatic Society. **Silver Didrachm of Ptolemy VIII Physcon, Alexandria, 138 BC - 137 BC. 1944.100.75452**, JPEG. Altura: 2570 pixels. Largura: 2684 pixels. 3200 dpi. Formato JPEG. 2020b. Disponível em: <http://numismatics.org/collection/1944.100.75452>. Acesso em: 28 nov. 2021.

APPIANOS. De bello mithridatico. *In*: APPIANOS. **Appianou alexandreos romaikon historion ta sozomena**. Edição e tradução para o latim de Iohannes Schweighaeuser. Leipzig: Lorenzii et Schuleri, 1785. v. 1.

ARNAUD-LINDET, Marie-Pierre. Introduction, annexes et notes. *In*: JUSTINUS. **Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée**. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. 2003. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/introduction.html>. Acesso em: 6 out. 2021.

BALLESTEROS PASTOR, Luis. El discurso de Mitrídates en el “Epítome de las Historias Filípicas de Pompeyo Trogo” (Iust.XXXVIII 4-7): un estudio sobre las fuentes. **Mediterraneo Antico**, v. 9, p. 381-96, 2006.

BALLESTEROS PASTOR, Luis. Aproximación al estudio de los discursos en el *Epítome* de Justino. **Talia dixit**: revista interdisciplinar de Retórica e Historiografía, v. 4, p. 29-42, 2009a. Disponível em: <https://publicaciones.unex.es/index.php/TD/article/view/210>. Acesso em: 16 set. 2014.

BALLESTEROS PASTOR, Luis. Pompeyo Trogo, Justino y las críticas a Roma: a propósito del discurso etolio (Iust. XXVIII 2). **Mediterraneo Antico**, v. 12. p. 381-92, 2009b.

BARSBY, John. Preface, introduction and commentary. *In*: TERENCE. **Eunuchus**. New York: Cambridge University Press, 2006.

BARTLETT, Brett. Justin’s *Epítome*: the unlikely adaptation of Trogus’ *World history*. **Histos**, v. 8, p. 246-83, 2014. Disponível em: <https://histos.org/documents/2014A09BartlettJustinsEpítome.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/profs/romulo/bermanantoineatraducaoealtraoualberguedolonginquo.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/bermanantoineatraducaoealtraoualberguedolonginquo.pdf). Acesso em: 10 nov. 2019.

BEVAN, Edwyn Robert. **The house of Ptolemy: a history of Hellenistic Egypt under the Ptolemaic Dynasty**. Reimpressão. Chicago: Ares Publishers, 1989.

BONILHA, Alexandre da Cruz. **Manuel de Faria e Sousa, historiador**. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-30052012-132749/publico/2011\\_AlexandredaCruzBonilha\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-30052012-132749/publico/2011_AlexandredaCruzBonilha_VOrig.pdf). Acesso em: 19 dez. 2020.

BORGNA, Alice. Uno sguardo originale intorno a Roma: Pompeo Trogo e Giustino. **La Biblioteca di CC**, v. 1, p. 52-77, 2014. Disponível em: <https://www.classicocontemporaneo.eu/PDF/116.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BORGNA, Alice. Quando la storia è noiosa: Giustino e lo strano caso delle morti in stock. *In*: Busetto, Anna; Loukas, Sebastiano (orgs.). **Ricerche a confronto: Dialoghi di Antichità Classiche e del Vicino Oriente**. Vicenza: Saecula, 2015. p. 279-94.

BORGNA, Alice. Couper quoi, comment, pour qui ? Justin, l’Abrégé des *Histoires Philippiques* de Trogue Pompée et son lectorat. *In*: Boehm, Isabelle; Vallat, Daniel. **Épitome** : Abréger les textes antiques. Lyon: MOM Éditions, 2020a. Disponível em: <http://books.openedition.org/momeditions/10657>. Acesso em: 24 jan. 2021.

BORGNA, Alice. Texts and personalities: Justin and his ‘Epitoma’ of Pompeius Trogus. **Latinitas**, n. 8, v. 1, p. 17-40, 2020b.

BRAGOVA, Arina. Cicero on vices. **Studia Antiqua et Archaeologica**, v. 24, n. 2, p. 253-77, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/42468054/Cicero\\_on\\_vices](https://www.academia.edu/42468054/Cicero_on_vices). Acesso em: 19 jul. 2022.

BRITO, Bernardo de. **Monarchia Lusytana composta por frey Bernardo de Brito chronista geral e religioso da ordem de s. Bernardo, professo no Real mosteiro de Alcobaça**: parte primeira que contem as historias de Portugal desde a criação do mundo te o nascimento de nosso sñor Iesu Christo. Alcobaça: Alexandre de Siqueira & Antonio Alvarez, 1597. Disponível em: <http://purl.pt/14843/4>. Acesso em: 28 maio 2022.

BRUNT, Peter A. On historical fragments and epitomes. **The Classical Quarterly**, v. 30, n. 2, p. 477-94, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/638516>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BUNSON, Matthew. **Encyclopedia of the Roman Empire**. Nova York: Facts on File, 2002.

CALÍMACO. Hino a Apolo: bilíngue. Tradução de Erika Werner. *In*: Werner, Erika. **Os Hinos de Calímaco**: Poesia e Poética. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 230-236.

CARY, Max *et al.* **The Oxford Classical Dictionary**. Oxford: Clarendon, 1953.

CASTRO SÁNCHEZ, José. Introducción e notas. *In*: Justino; Pompeyo Trogo. **Épitome de las “Historias Filípicas” de Pompeyo Trogo, Prólogos, Fragmentos**. Introdução, tradução para o espanhol e notas de José Castro Sánchez. Madrid: Gredos, 2008.

CÍCERO. *Ad Familiares* 5, 12II. *In*: Scatolin, Adriano. Tradução de *Ad Familiares* 5, 12II, de Marco Túlio Cícero. **Língua e Literatura**, n. 27, p. 395-404, 2003. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/105512/104170>. Acesso em: 7 out. 2022.

CÍCERO. Brutus; Bruto. Tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida. *In: ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. O Brutus de Marcos Túlio Cícero: estudo e tradução.* 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 57-198. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06052015-121442/pt-br.php>. Acesso em: 4 fev. 2021.

CÍCERO. **Dos Deveres.** Tradução de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CICERO, M. Tullius. **De Officiis:** with an English Translation. Edição de Walter Miller. Cambridge: Harvard University Press, 1913.

CÍCERO. Da invenção. Tradução de Kabengele Ilunga. *In: ILUNGA, Kabengele. O Da Invenção, de Marco Túlio Cícero: tradução e estudo.* 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-28052010-120525. p. 40-165. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-28052010-120525/publico/2009\\_KabengeleIlunga.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-28052010-120525/publico/2009_KabengeleIlunga.pdf). Acesso em: 13 mar. 2023.

CICERO. De oratore. *In: CICERO. M. Tulli Ciceronis Rhetorica.* Edição de A. S. Wilkins. Oxford: Oxford University Press, 1902.

CÍCERO. **Discussões tusculanas.** Tradução de Bruno Fregni Basseto. Uberlândia: EDUFU, 2014. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/72kk4>. Acesso em: 24 jul. 2022.

CÍCERO. Do orador. *In: SCATOLIN, Adriano. A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23.* 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010-165443/pt-br.php>. Acesso em: 4 jan. 2021.

CÍCERO. *Orator;* O orador. *In: VICCINI, André Novo. Como fazer um orador: tradução e estudo do Orator de Cícero.* 2018. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-17122018-145846/publico/2018\\_AndreNovoViccini\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-17122018-145846/publico/2018_AndreNovoViccini_VCorr.pdf). Acesso em: 22 jul. 2022.

CICERO. *Pro Plancio.* *In: CICERO. M. Tulli Ciceronis Orationes: Recognovit breuique adnotatione critica instruxit Albertus Curtis Clark.* Edição de Albert Clark. Oxford: Typographeo Clarendoniano, 1909.

CICERO, M. Tullius. **Rhetorici libri duo qui uocantur de inuentione.** Edição de Eduard Stroebel. Lipsiae: Teubner, 1915.

CÍCERO, Marco Túlio. **Sobre as leis (De legibus).** Tradução, introdução e notas de Bruno Amaro Lacerda e Charlene Martins Miotti. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. Disponível em:

<https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/12/SOBRE-AS-LEIS-2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CÍCERO, Marco Túlio. **Tópicos**: os lugares do argumento. Tradução de Gilson Charles dos Santos. Campinas: Pontes, 2019.

CICERO. **Tusculanae Disputationes**. Edição de Max Pohlenz. Leipzig: Teubner, 1918.

[CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CITRONI, Mario *et al.* **Literatura de Roma Antiga**. Tradução de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: A History**. Tradução para o inglês de Joseph B. Solodow. Baltimore; Londres: Johns Hopkins University Press, 1994.

CORNELL, Tim; BISPHAM, Edward (orgs.). **The fragments of the Roman historians: texts and translations**. Oxford: Oxford University Press, 2013. v. 2.

CURCIO FURO, Quinto. **Historia de Alejandro Magno**. Introdução, tradução para o espanhol e notas de Francisco Pejenaute Rubio. Madrid: Gredos, 1986.

DAMON, Cynthia. Rhetoric and historiography. *In*: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 439-50.

DEZOTTI, Lucas Consolin; FERREIRA, Anise D'Orange. Confrontando divergências estruturais na elaboração de diretrizes para alinhamentos de *corpora* paralelos latim-português. **ReVEL**, v. 22, n. 42, 2024, p. 131-54. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=817&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DICIONÁRIO Etimológico da mitologia grega. 2013. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod\\_resource/content/2/demgol\\_pt.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf). Acesso em: 6 maio 2020.

DIODORO de Sicília. **Biblioteca Histórica**: libros I-III. Tradução para o espanhol e notas de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Gredos, 2001.

DIODORO de Sicília. **Biblioteca Histórica**: libros XV-XVII. Tradução para o espanhol e notas de Juan José Torres Esbarranch (libro XV) e Juan Manuel Guzmán Hernida (libros XVI-XVII). Madrid: Gredos, 2011.

DIODORUS Siculus. **Diodori Bibliotheca Historica**. Edição de Immanuel Bekker, Ludwig Dindorf e Friedrich Vogel. Teubner: Leipzig, 1888-1890. v. 1-2.

DIODORUS Siculus. **Diodorus of Sicily in twelve volumes**: with an english translation by C. H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1989. v. 4-8.

DIONISIO de Halicarnaso. **Historia Antigua de Roma**: libros I-III. Tradução para o espanhol e notas de Elvira Jiménez e Ester Sánchez. Madrid: Gredos, 1984.

DIONYSIUS of Halicarnassus. **Dionysii Halicarnasei Antiquitatum Romanarum quae supersunt**: Vol I-IV. Edição de Karl Jacoby. Leipzig: Teubner, 1885.

DIONYSIUS of Halicarnassus. **Dionysii Halicarnasei quae exstant**: Volumen Quintum; Opusculorum, Volumen Prius. Edição de Hermann Usener. Leipzig: Teubner, 1899.

DUECK, Daniela. Historical *exempla* in Augustan Rome and their role in a geographical Context. **Studies in Latin Literature and Roman History**, v. X, Collection Latomus (ed. C. Deroux), p. 176-96, 2000.

EISELEN, Frederick Carl. **Sidon**: a study in oriental history. Nova York: Columbia University Press, 1907.

ELLIOTT, Jackie. Authorship and authority in the Preface to Justin's *Epitome* of Trogus' *Philippic Histories*. In: GUZMÁN, Antonio; MARTÍNEZ, Javier (ed.). **Animo Decipiendi?:** rethinking fakes and authorship in Classical, Late Antique and Early Christian Works. Elden: Barkhuis, 2018. p. 109-23. Disponível em: [www.jstor.org/stable/j.ctvvggx27t.10](http://www.jstor.org/stable/j.ctvvggx27t.10). Acesso em: 19 dez. 2020.

ENCYCLOPAEDIA Britannica. 11. ed. New York: Encyclopaedia Britannica, 1911. 29 v. Disponível em: <https://archive.org/details/EncyclopaediaBritannica1911HQDJVU>. Acesso em: 4 dez. 2019.

ENGELS, Donald. The length of Eratosthenes' stade. **The American Journal of Philology**, v. 106, n. 3, p. 298-311, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/295030>. Acesso em: 3 jun. 2021.

FLESS, Friederike; MOEDE, Katja. Music and dance: forms of representation in pictorial and written sources. In: RÜPKE, Jörg. **A companion to Roman Religion**. Malden: Blackweel Publishing, 2011. p. 249-62. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9780470690970.ch18>. Acesso em: 27 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3, p. 264-98.

FOX, Matthew. **Roman historical myths**: the regal period in Augustan Literature. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FOX, Matthew. Rhetoric and literature at Rome. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 369-81.

FRANGA, Liviu. À propos de l'*épitomé* de Justin. **Latomus**, v. 47, n. 4, p. 868-74, out.-dez. 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41535205>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FRANK, Rebecca. A Roman Olympias: powerful women in the *Historiae Philippicae* of Pompeius Trogus. In: HOWE, Tim; POWNALL, Frances (ed.). **Ancient Macedonians in the**

**Greek and Roman Sources: From History to Historiography.** Wales: Classical Press of Wales, 2018. p. 41-58.

FRONTINO. **Estratagemas.** Tradução de Miguel Mata. Lisboa: Sílabo, 2005.

FRONTINUS. The Stratagems. *In*: FRONTINUS. **The Stratagems and The Aqueducts of Rome:** with an English translation by Charles E. Bennett. Harvard: Loeb, 1925.

GABBA, Emilio. **Republican Rome, the army and the allies.** Tradução para o inglês de P. J. Cuff. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1976.

GALDI, Marco. **L'epitome nella letteratura latina.** Napoles: P. Federico & G. Ardia, 1922.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos:** a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos do francês por Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda e Miriam Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010 [1982].

GLARE, Peter Geoffrey William (ed.). **Oxford Latin Dictionary.** New York: Oxford University Press, 1968.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica:** grega e latina. Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HERÓDOTO. **História.** Tradução de José Brito Broca. São Paulo: W. M. Jackson, 1964. 2. v.

HERODOTUS. **Herodotus.** Edição e tradução para o inglês de Alfred Denis Godley. Londres; New York: W. Heinemann; G. P. Putnam's Sons, 1921-4.

HORACE. **Satires, Epistles and Ars Poetica.** Edição de H. Rushton Fairclough. Londres: Cambridge; Massachusetts: William Heinemann Ltd.; Harvard University Press, 1929.

HORÁCIO. **Arte Poética:** bilíngue. Tradução de Dante Tringali. *In*: TRINGALI, Dante. **A Arte Poética de Horácio:** bilíngue. São Paulo: Musa, 1993.

HORSTER, Marietta; REITZ, Christiane. "Condensation" of literature and the pragmatics of literary production. *In*: HORSTER, Marietta; REITZ, Christiane (ed.). **Condensing texts – condensed texts.** Palingensia 98. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2010. p. 3-14. Disponível em: [https://www.steiner-verlag.de/uploads/tx\\_cronavtitel/datei-datei/9783515093958\\_p.pdf](https://www.steiner-verlag.de/uploads/tx_cronavtitel/datei-datei/9783515093958_p.pdf). Acesso em: 15 abr. 2021.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

JAL, Paul. À propos des *Histoires Philippiques*: quelques remarques. **Revue des Études Latines**, v. 65, p. 194-209, 1987.

JERÔNIMO. Comentário a Daniel: bilíngue. *In*: MALUF, Lilian Chaves. **Daniel no antro das ninfas:** um estudo sobre o desafio de Porfírio ao status profético das revelações daniélicas e sobre a réplica de Jerônimo. 2009. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Instituto



de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4250/1/2009\\_LilianChavesMaluf.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4250/1/2009_LilianChavesMaluf.pdf). Acesso em: 14 dez. 2020.

JULIANI, Talita Janine. ***Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio***: tradução parcial, estudo introdutório e notas. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270798>. Acesso em: 19 dez. 2020.

JULIANI, Talita Janine. Dido, rainha de Cartago: uma releitura de Giovanni Boccaccio na obra *De mulieribus claris*. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 133-53, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/36098>. Acesso em: 6 set. 2022.

JUSTIN. ***Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée***: Tome I – Livres I-X. Texto estabelecido, traduzido para o francês e comentado por Bernard Mineo e notas de Giuseppe Zecchini. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

JUSTIN. ***Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée***: Tome II – Livres XI-XXIII. Texto estabelecido, traduzido para o francês e comentado por Bernard Mineo e notas de Giuseppe Zecchini. Paris: Les Belles Lettres, 2018.

JUSTIN. ***Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée***: Tome III – Livres XXIV-XLIV. Texto estabelecido, traduzido para o francês e comentado por Bernard Mineo e notas de Giuseppe Zecchini. Paris: Les Belles Lettres, 2020.

JUSTIN. ***Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus***. Tradução para o inglês de John C. Yardley e introdução e notas de R. Develin. Atlanta: Scholars Press, 1994.

JUSTINO. 18.4-18.6: episódio de Dido. Tradução de Jéssica Frutuoso Mello alinhada ao texto latino da edição de Otto Seel pela tradutora e por Lucas Consolin Dezotti. *In*: UGARIT: translation alignment editor. 2023. Disponível em: <https://ugarit.ialigner.com/text.php?id=34072>. Acesso em: 1 mar. 2024.

JUSTINO, Marco Juniano. Histórias Filípicas de Trogo Pompeu: Semíramis e Roma. Tradução de Antônio Chelini e Homero Osvaldo Machado Nogueira. *In*: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (orgs.). **Historiadores latinos**: antologia bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 236-47.

JUSTINO. 18.4.3-18.6.8. *In*: PINHEIRO, Cristina Santos. **O percurso de Dido, rainha de Cartago, na literatura latina**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 115-8. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/2349>. Acesso em: 17 jul. 2022.

JUSTINO; POMPEYO TROGO. **Epítome de las “Histórias Filípicas” de Pompeyo Trogo, Prólogos, Fragmentos**. Introdução, tradução para o espanhol e notas de José Castro Sánchez. Madrid: Gredos, 2008.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Justini Historiarum Philippicarum ex Trogo Pompeu libri XLIV**. Texto estabelecido por Johann Christian Friedrich Wetzel. Paris: Lemaire, 1823.

Disponível em: <https://mdz-nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bvb:12-bsb10247384-2>. Acesso em: 13 nov. 2021.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitome of the *Philippic History of Pompeius Trogus***. Tradução para o inglês e notas de John Selby Watson. Londres: Henry G. Bohn, 1853. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html>. Acesso em: 5 jun. 2021.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi**: Accedunt prologi in Pompeium Trogum. Edição de Franz Rühl. Lipsia: Teubner, 1886.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Abrégé des *Histoires Philippiques de Trogue Pompée***. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. [S. l.]: 2003. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/index.html>. Acesso em: 21 out. 2021.

JUSTINUS, Marcus Junianus. Livre V. *In*: JUSTINUS, Marcus Junianus. **Abrégé des *Histoires Philippiques de Trogue Pompée***. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. [S. l.]: 2003. [https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Iustinus/ius\\_tl05.html](https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Iustinus/ius_tl05.html). Acesso em: 19 maio 2023.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitoma historiarum Philippicarum Pompei Trogi**. Edição de Otto Seel. Vercelli: DigilibLT, 2011 [1972]. Disponível em: <https://digiliblt.uniupo.it/xtf/view?query=&brand=default;docId=dlt000321/dlt000321.xml>. Acesso em: 13 nov. 2021.

KRAUS, Christina Shuttleworth. From *exempla* to exemplar? Writing History around the emperor in Imperial Rome. *In*: EDMONDSON, Jonathan; MASON, Steve; RIVES, James. **Flavius Josephus and Flavian Rome**. Oxford: Oxford Scholarship Online, 2007. Disponível em: <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780199262120.001.0001/acprof-9780199262120-chapter-10>. Acesso em: 1 jul. 2022.

LACTANTIUS. **Diuinae Institutiones**. Edição de Jacques Paul Migne. Paris: Garnier, 1844.

LANGLANDS, Rebecca. **Exemplary ethics in ancient Rome**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018.

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. **Harpers' Latin dictionary**: a new Latin dictionary founded on the translation of Freund's Latin-German lexicon. Oxford: Clarendon Press, 1879.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English lexicon**. New York: Oxford University Press, 1996.

LITCHFIELD, Henry Wheatland. National *exempla uirtutis* in Roman Literature. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 25, p. 1-71, 1914. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/310381>. Acesso em: 16 jul. 2022.

LÍVIO, Tito. **História de Roma**. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.

LIVIUS, Titus. **Titi Liui ab urbe condita libri editionem primam curauit Guilelmus Weissenborn editio altera auam curauit Mauritius Mueller Pars I: Libri I-X.** Edição de W. Weissenborn e H. J. Müller. Leipzig: Teubner, 1898.

LÓPEZ MOREDA, Santiago; HARTO TRUJILLO, Maria Luisa; VILLALBA ALVAREZ, Joaquín. Introducción, traducción y notas. In: VALERIO MÁXIMO. **Hechos y dichos memorables.** Introdução, tradução para o espanhol e notas de Santiago López Moreda, Maria Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Álvarez. Madrid: Gredos, 2003. v. 1.

LUCE, Torrey James. Marius and the Mithridatic Command. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, v. 19, n. 2, p. 161-94, 1970. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4435129>. Acesso em: 9 nov. 2021.

MARIANA, Juan de. Historia de España. In: RIVADENEYRA, Manuel (ed.). **Biblioteca de autores españoles: desde la formacion del lenguaje hasta nuestros dias.** Madrid: M. Rivadeneyra, 1864. v. 1.

MCAULEY, Alex. The tradition and ideology of naming seleukid queens. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, v. 67, n. 4, p. 472-94, 2018. Disponível em: <https://researchspace.auckland.ac.nz/bitstream/handle/2292/64580/McAuley%202018%20-%20Naming%20Seleukid%20Queens.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MELLO, Jéssica Frutuoso. **Um bando de pastores e senhores do mundo: introdução, tradução e notas dos retratos dos romanos no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bachareladotraducao/wp-content/uploads/sites/166/2023/05/TCC-J%C3%A9ssica-Frutuoso.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

MELLO, Jéssica Frutuoso; MIOTTI, Charlene Martins. Gênero e autoria no prefácio do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*. **Fólio: Revista de Letras**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9745>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. **Biblioteca de traductores españoles.** Santander: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952-1953. 4 v. Disponível em: <http://www.larramendi.es/en/corpus/unidad.do?idUnidad=101005&idCorpus=1000&posicion=1>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MINEO, Bernard. Introduction. In: JUSTIN. **Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée: Tome I – Livres I-X.** Texto estabelecido, traduzido e comentado por Bernard Mineo e notas de Giuseppe Zecchini. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

MINIUM. **Mindat.** Hudson Institute of Mineralogy, 2022. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-2721.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MOMMSEN, Theodor (ed.). **Inscriptiones Calabriae, Apuliae, Samnii, Sabinorum, Piceni latinae: consilio et auctoritate Academiae litterarum regiae Borussicae.** Berlin: G. Reimerum,

1883. v. 9. Disponível em: <https://arachne.dainst.org/entity/3110142>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MORGAN, Teresa. *Exempla*. In: MORGAN, Teresa. **Popular morality in the early Roman Empire**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007. p. 122-59.

MUSTI, Domenico. O pensamento histórico romano. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. **O espaço literário da Roma Antiga: a produção do texto**. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. v. 1. p. 187-254.

NEIMAN, David. Phoenician place-names. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 24, n. 1-2, p. 113-115, jan.-abr. 1965. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/543103>. Acesso em: 23 set. 2021.

OROSIUS. **Historiarum aduersum paganos libri VII ex recogn. C. Zangemeister**. Edição de Karl Zangemeister. Leipzig: Teubner, 1889.

OVÍDIO. **Metamorfoses**: edição bilingue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias e apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Tradução de Manuel Losa. 13. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PASQUALI, Kely Cristina. **Máximos e mínimos em geometria euclidiana plana**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) – Departamento de Matemática, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96564/Kely\\_Cristina\\_Pasquali.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96564/Kely_Cristina_Pasquali.pdf?sequence=1). Acesso em: 6 ago. 2021.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIERROT, Jules. Avertissement de la Première Édition. In: JUSTINO, Marco Juniano. **Oeuvres complètes de Justin**: Abrégé de *L'Histoire Universelle* de Trogue Pompée. Tradução para o francês de Jules Pierrot e E. Boitard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1862. p. V-XI. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3068749c/f20.item>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PINHEIRO, Cristina Santos. **O percurso de Dido, rainha de Cartago, na literatura latina**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 115-8. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/2349>. Acesso em: 17 jul. 2022.

PLINY the Elder. **Naturalis Historia**. Edição de Karl Friedrich Theodor Mayhoff. Lipsiae: Teubner, 1906.

PLUTARCH. **Moralia**. Edição de Gregorios N. Bernardakis. Leipzig: Teubner, 1891.

PLUTARCH. **Moralia**: with an english translation by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1931-6.

PLUTARCO. Antigos hábitos dos lacedemônios. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. **Graphos**, v. 22, n. 1, p. 120-38, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2020v22n1.50450>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PLUTARCO. As virtudes das mulheres. Tradução de Mariana Duarte Silveira. *In*: SILVEIRA, Mariana Duarte. **A imagem feminina na *Moralia***: heroísmo e outras virtudes. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 46-105. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-23082007-130557/publico/TESE\\_MARIANA\\_DUARTE\\_SILVEIRA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-23082007-130557/publico/TESE_MARIANA_DUARTE_SILVEIRA.pdf). Acesso em: 11 mar. 2023.

PLUTARCO. **Obras morales y de costumbres: *Moralia***. Tradução para o espanhol de Mercedes López Salvá *et al.* Madrid: Gredos, 1985-2004. 13. v.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**: Solón, Públicola, Temístocles, Camilo, Pericles, Fábio Máximo. Introdução, tradução para o espanhol e notas de Aurelio Pérez Jiménez. 1. reimp. Madrid: Gredos, 2008. v. 2.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**: Alejandro, César, Agesilao, Pompeyo, Sertorio, Éumenes. Introdução, tradução para o espanhol e notas de Jorge Bergua Cavero, Salvador Bueno Morillo e Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Gredos, 2007. v. 6.

POLIBIO. **Historias**: libros XVI-XXXIX. Tradução para o espanhol e notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 1983. v. 3.

POLYBIUS. **Historiae**. Edição de Theodorus Büttner-Wobst after L. Dindorf. Leipzig: Teubner, 1893-.

PRATA, Patrícia. Intertextualidade e literatura latina: pressupostos teóricos e geração de sentidos. **PhaoS**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 125-54, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/5753/5989>. Acesso em: 11 mar. 2021.

QUINTILIAN. **The *Instituto Oratoria* of Quintilian**: with an english translation. Tradução para o inglês de Harold Edgeworth Butler. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1920.

QUINTILIANO. **Instituição oratória**. Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. Tomos I e II.

QUINTILIANO. Livro X da *Institutio oratoria*. Tradução de Antônio Martinez Rezende. *In*: REZENDE, Antônio Martinez de. **Rompendo o silêncio**: a construção do discurso oratório em Quintiliano. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 184-274. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7U8PNU>. Acesso em: 9 ago. 2016.

RICŒUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. 2. reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Romana**: antologia da Cultura Latina. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 2009.

ROLLER, Matthew B. **Models from the past in Roman culture**: a world of *exempla*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018.

ROSSETTI, Lívio. Do papiro ao códice medieval e às primeiras edições impressas. *In*: ROSSETTI, Lívio. **Introdução à Filosofia Antiga**: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”. São Paulo: Paulus, 2005. p. 59-91.

RUBINCAM, Catherine. A tale of two “Magni”: Justin/Trogus on Alexander and Pompey. **Historia**: Zeitschrift Für Alte Geschichte, v. 54, n. 3, p. 265-74, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4436774>. Acesso em: 22 set. 2023.

SALLUSTIUS Crispus, Gaius. *Bellum Iugurthinum*. *In*: SALLUSTIUS Crispus, Gaius. **Catilina, Iugurtha, Orationes et Epistulae excerptae de Historiis**. Edição de Axel W. Ahlberg. Leipzig: Teubner, 1919.

SALÚSTIO. Guerra de Jugurta: bilíngue. *In*: SOUZA, Alice Maria de. Uma república degradada: breve estudo da *Guerra de Jugurta* de Caio Salústio Crispo. **Fronteiras**: Revista Catarinense de História, n. 35, p. 27-49, jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.edu.br/index.php/FRCH/article/download/11418/7420>. Acesso em: 20 maio 2022.

SANT’ANNA, Henrique Mondanez. Entre o trono e o cálice: intoxicação frequente de reis macedônios como *topos* literário na historiografia helenística e nas fontes sobre Alexandre Magno. **História Unisinos**, v. 24, n. 1, p. 12-20, jan.-abr. 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/hist.2020.241.02/60747481>. Acesso em: 19 dez. 2020.

SANTOS, Gilson Charles dos. *Moderatio* e *Clementia* na República Romana Tardia e início de Principado. **Classica**: Revista Brasileira de Estudos Clássicos, [S. l.], v. 36, p. 1-11, 2023. DOI: 10.24277/classica.v36.2023.1035. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/1035>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006 [1927].

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John (Eds.). **A companion to digital humanities**. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/>. Acesso em: 9 jul. 2022.

SCHWEIGER, Franz Ludwig Anton. **Handbuch der classischen bibliographie**. Leipzig: Friederich Fleischer, 1832. 2 v.

SCRIPTORES Historiae Augustae. Edição de David Magie. Londres: William Heinemann; New York: G.P. Putnam’s Sons, 1932. 3 v.

SENECA. De Clementia. *In*: SENECA, L. Annaeus. **Moral essays**: volume 1. Edição de John W. Basore. Londres; New York: Heinemann, 1928.

SÊNECA. Epístola 94: bilíngue. Tradução de Fabiana Lopes da Silveira. *In*: SILVEIRA, Fabiana Lopes da. **Praecepta e decreta na Epístola 94 de Sêneca**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1624290>. Acesso em: 9 jul. 2022.

SÊNECA. Trechos das *Epístolas*: bilíngue. Tradução de José Eduardo S. Lohner. *In*: SÊNECA. **Sobre a ira; Sobre a tranquilidade da alma**: diálogos. Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2014.

SIERRA CORELLA, Antonio. **La censura de libros y papeles en España y los índices y catálogos españoles de los prohibidos y expurgados**. Madrid: Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, 1947. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10637/2131>. Acesso em: 28 jan. 2021.

STRONK, Jan P. Real epitome or a cuckoo's egg? (on B. Mineo, ed., Justin: Abrégé des *Histoires Philipiques* de Trogue Pompée. Tome I: livres I–X. Texte établi, traduit et commenté par Bernard Mineo, notes historiques de Giuseppe Zecchini). **Histos**, n. 12, p. 23-8, mar. 2018. Disponível em: <https://histos.org/documents/2018RR05StronkonMineo.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SYME, Ronald. The date of Justin and the discovery of Trogus. **Historia**: Zeitschrift für Alte Geschichte, v. 37, n. 3, p. 358-71, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4436062>. Acesso em: 19 dez. 2020.

TÁCITO. **Anais**. Tradução e prólogo de Leopoldo Pereira. São Paulo: Tecnoprint, [19-?].

TACITUS. **Annales ab excessu diui Augusti**. Edição de Charles Dennis Fisher. Oxford Clarendon Press, 1906.

TRALES, Flégon de. **História, histórias e paradoxografia**: opera omnia. Tradução de Reina Marisol Troca Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/46028>. Acesso em: 16 ago. 2021.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. Disponível em: [https://funag.gov.br/loja/download/0041-historia\\_da\\_guerra\\_do\\_peloponeso.pdf](https://funag.gov.br/loja/download/0041-historia_da_guerra_do_peloponeso.pdf). Acesso em: 2 abr. 2023.

VALÉRIO MÁXIMO. Trechos dos *Feitos e ditos memoráveis*. Tradução de Guilherme Dias da Silva. *In*: DIAS DA SILVA, Guilherme. **Valério Máximo, Roma e o outro**: imagens da Grécia em Roma no século I d.C. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17676/000721357.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 jul. 2022.

VALERIO MÁXIMO. **Hechos y dichos memorables**. Introdução, tradução para o espanhol e notas de Santiago López Moreda, Maria Luisa Harto Trujillo e Joaquín Villalba Álvarez. Madrid: Gredos, 2003. 2 v.

VALERIUS MAXIMUS. **Factorum et Dictorum Memorabilium**: libri nouem. Edição de Karl Friedrich Kempf. Leipzig: Teubner, 1888.

VERGIL. Aeneid. *In*: VERGIL. **Bucolics, Aeneid, and Georgics of Vergil**. Edição de J. B. Greenough. Boston: Ginn & Co., 1900.

WATSON, John Selby. Notes. *In*: JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus**. Tradução para o inglês, introdução e notas de John S. Watson. Londres: Henry G. Bohn, 1853. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html>. Acesso em: 6 out. 2021.

WATSON, John Selby. **Justin, Cornelius Nepos and Eutropius**. Tradução para o inglês, introdução e notas de John S. Watson. Londres: Henry G. Bohn, 1876.

WISEMAN, Timothy Peter. Practice and theory in Roman Historiography. **History**, v. 66, n. 218, p. 375-93, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24417929>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WORTHINGTON, Ian. “Worldwide Empire” versus “Glorious Enterprise”: Diodorus and Justin on Philip II and Alexander the Great. *In*: CARNEY, Elizabeth; OGDEN, Daniel (ed.). **Philip II and Alexander the Great: Father and Son, Lives and Afterlives**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 165-74.

YARDLEY, John Clark. The literary background to Justin / Trogus. **The Ancient History Bulletin**, v. 8, n. 2, p. 60-70, 1994. Disponível em: <https://ancienthistorybulletin.org/downloads/j-c-yardley-the-literary-background-to-justin-trogus-volume-8-pg-60-70/>. Acesso em: 06 maio 2021.

YARDLEY, John Clark. Introduction. *In*: JUSTIN. **Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus: books 11-12 – Alexander the Great**. Tradução para o inglês e notas de John C. Yardley e comentários de Waldemar Heckel. Oxford: Clarendon, 1997. p. 1-42.

YARDLEY, John Clark. **Justin and Pompeius Trogus: a study of the language of Justin’s Epitome of Trogus**. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

YARDLEY, John Clark. What is Justin doing with Trogus?. *In*: HORSTER, Marietta; REITZ, Christiane (ed.). **Condensing texts – Condensed texts**. Palingensia 98. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2010. p. 469-90.

ZAVALIS, Vinícius Moretti. **Entre agência e dominação masculina: o poder de Arsínoe II como Rainha do Alto e Baixo Egito (séc. III a.C.)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2328.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.



## APÊNDICE A – Índices da tradução

De modo a permitir a leitura integral da obra em um só documento, trouxemos a tradução proposta em Mello (2022, p. 58-130) para cá, e as indicações numéricas de seu recorte aparecem no Quadro 1 abaixo. Parte dessas passagens foram aperfeiçoadas, conforme a necessidade, por meio de correções e/ou outras alterações para buscar, por exemplo, a uniformização de determinados vocábulos. Por conseguinte, as entradas do índice onomástico – Apêndice D – que concernem a esses trechos passaram pelo mesmo processo. Caso o leitor consulte diretamente a tradução, encontrará indicações desse aproveitamento em notas de rodapé.

Emprestamos o símbolo de número inteiro ( $\mathbb{Z}$ ) da Matemática para marcar que a porção indicada na coluna anterior já constava inteiramente traduzida naquele trabalho.

Quadro 1 – Trechos do *Epítome* traduzidos em Mello (2022) que também aparecem aqui

Livro	Capítulo	Seção	Livro	Capítulo	Seção
VI	6	5	XXXIII	$\mathbb{Z}$	
XVII	2	11-15	XXXIV	$\mathbb{Z}$	
	3	14-22	XXXVI	3	8-9
XVIII	1-2	$\mathbb{Z}$		4	$\mathbb{Z}$
XX	5	4-5	XXXVII	1	$\mathbb{Z}$
XXIII	3	$\mathbb{Z}$		4	$\mathbb{Z}$
XXIV	4	1-4	XXXVIII	2-7	$\mathbb{Z}$
XXV	3	1-2		8	1 e 8-11
	4	5	XXXIX	5	2-5
	5	3-6	XL	$\mathbb{Z}$	
XXVIII	1	5-6	XLI	1	1 e 7-9
	2	$\mathbb{Z}$		5	5-6 e 8
XXIX	$\mathbb{Z}$		XLII	4-5	$\mathbb{Z}$
XXX	2	8	XLIII	$\mathbb{Z}$	
	3-4	$\mathbb{Z}$	XLIV	1	4
XXXI	$\mathbb{Z}$			2	6-8
XXXII	1	1-3		5	6-8
	2	$\mathbb{Z}$	-		
	3	1-11			
	4	$\mathbb{Z}$			

Fonte: Mello (2022, p. 57).

Para facilitar a consulta a trechos específicos, considerando a extensão da tradução e as referências a determinadas passagens ao longo de nosso estudo, os quadros abaixo foram idealizados para funcionar como índices: o Quadro 2 para os *Prólogos* e o 3 para o *Epítome*. Estes são compostos por hiperlinks, de modo que, ao se clicar em um título ou número de livro ou capítulo, o leitor será levado a seu início; em meio à obra, basta clicar em qualquer um dos títulos dos livros ou dos números que abrem um capítulo – como em [3, 1] – na coluna do texto latino que se voltará ao quadro correspondente.

Quadro 2 – Índice da tradução: os *Prólogos*, de autoria desconhecida

<i>Prólogos</i>	
I	XXIII
II	XXIV
III	XXV
IV	XXVI
V	XXVII
VI	XXVIII
VII	XXIX
VIII	XXX
IX	XXXI
X	XXXII
XI	XXXIII
XII	XXXIV
XIII	XXXV
XIV	XXXVI
XV	XXXVII
XVI	XXXVIII
XVII	XXXIX
XVIII	LX
XIX	LXI
XX	LXII
XXI	LXIII
XXII	LXIV

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No Quadro 3, a seguir, os algarismos romanos dizem respeito aos livros, e os arábicos, a seus capítulos:

Quadro 3 – Índice da tradução: o *Epítome*, de Justino

<i>Prefácio</i>																											
<b>I</b>					<b>XII</b>								<b>XXIII</b>				<b>XXXIV</b>										
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	1	2	3	4							
6	7	8	9	10	9	10	11	12	13	14	15	16															
<b>II</b>					<b>XIII</b>								<b>XXIV</b>				<b>XXXV</b>										
1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	5	6	7	8	1	2		
9	10	11	12	13	14	15																					
<b>III</b>					<b>XIV</b>								<b>XXV</b>				<b>XXXVI</b>										
1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	1	2	3	4						
<b>IV</b>					<b>XV</b>								<b>XXVI</b>				<b>XXXVII</b>										
1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	1	2	3	4												
<b>V</b>					<b>XVI</b>								<b>XXVII</b>				<b>XXXVIII</b>										
1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	1	2	3	1	2	3	4	5									
7	8	9	10	11									6	7	8	9	10										
<b>VI</b>					<b>XVII</b>								<b>XXVIII</b>				<b>XXXIX</b>										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	1	2	3	4	1	2	3	4	5							
<b>VII</b>					<b>XVIII</b>								<b>XXIX</b>				<b>XL</b>										
1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	1	2									
<b>VIII</b>					<b>XIX</b>								<b>XXX</b>				<b>XLI</b>										
1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	1	2	3	4	5	6					
<b>IX</b>					<b>XX</b>								<b>XXXI</b>				<b>XLII</b>										
1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	5		
<b>X</b>					<b>XXI</b>								<b>XXXII</b>				<b>XLIII</b>										
1	2	3	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5						
<b>XI</b>					<b>XXII</b>								<b>XXXIII</b>				<b>XLIV</b>										
1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	5	6	7	8	1	2			1	2	3	4	5			
9	10	11	12	13	14	15																					

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

## APÊNDICE B – A tradução dos *Prólogos*

Abaixo, são apresentados, lado a lado, o texto latino e a tradução realizada; esta tem o espaçamento entre linhas um tanto menor do que o daquele para favorecer o paralelismo, visto que, em língua portuguesa, o texto tende a ser mais longo, o que já aconteceria naturalmente, mesmo se fosse considerada, apenas, sua necessidade do uso de artigos, os quais não ocorrem em latim, bem como de pronomes pessoais e preposições, que são bem mais frequentes em português.

Entre parênteses, constam termos introduzidos durante a tradução, comumente recuperando um referente cuja omissão, em língua portuguesa, parece comprometer a formação de sentido. Os sinais de *diuisa* – ou seja, < > – indicam adições realizadas pela editora, Marie-Pierre Arnaud-Lindet<sup>385</sup> (2003 cf. Justinus), enquanto os colchetes no *prol. lib. XXXIV* apontam que se considera que o trecho é interpolado.

Todas as notas são da tradutora. Advertimos nosso leitor de que, como o texto está dividido em colunas, por vezes, a numeração dessas notas não segue a ordem crescente em sua apresentação no rodapé, principalmente quando há continuação entre as páginas. No mais, comentários acerca do processo tradutório podem ser verificados na introdução desta tese. Para acessar trechos específicos com mais facilidade, recomenda-se consultar o Quadro 2, presente no Apêndice A.

### PROLOGVS LIBRI I

Primo uolumine continentur haec: Imperium Assyriorum a Nino rege usque ad Sardanapallum post quem translatum est per Arbacem ad Medos, usque ad ultimum regem Astyagem; is a nepote suo Cyro pulsus regno, et Persae regno potiti. Vt Croeso Lydiae regi bellum intulit Cyrus uictumque cepit; hic in excessu dicti Aeolicarum et Ionicarum

### Prólogo do livro I

No primeiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: a soberania dos assírios desde o rei Nino até Sardanápalo, depois de quem o reino foi transferido por Arbaces para os medos, até o último rei, Astíages. Ele foi expulso do poder por seu neto Ciro<sup>386</sup>, e os persas apossaram-se do reino. Como Ciro levou guerra a Creso, rei da Lídia, e obteve a vitória. Aqui, em digressão, contam-se as situações das cidades dos eólios e dos jônios e as origens dos lídios e dos etruscos na Itália.

<sup>385</sup> Cujas edições utilizamos para a tradução, conforme é detalhado na introdução deste trabalho.

<sup>386</sup> Ciro II, o Grande.

urbium situs originesque Lydorum et in Italia Tuscorum. Post Cyrum filius Cambyses Aegyptum domuit; repetitae Aegypti origines urbium. Extincto Cambyse Darius occisis magis regnum Persicum accepit captaque Babylone bella Scythica molitus est.

Depois de Ciro, seu filho, Cambises<sup>387</sup>, domou o Egito. São retomadas as origens das cidades do Egito. Morto Cambises, Dario<sup>388</sup> recebeu o reino persa após as mortes dos magos, e, tomada a Babilônia, foi declarada guerra à Cítia.

## PROLOGVS LIBRI II

Secundo uolumine continentur haec: Scythiae et Ponti situs originesque Scythiae usque ad bellum, quo est inde pulsus Darius qui post hanc fugam Graeciae bellum intulit per Datim et Tisaphernem, quod soli Athenienses sustinuerunt. Hic origines Athenarum repetitae et reges usque ad Pisistrati tyrannidem, qua extincta Marathone uicere Persas. Vt mortuo Dario filius eius Xerxes bellum Graeciae intulit: ac repetitae origines Thessaliae; expulsoque Graecia Xerxe bellum ab Atheniensibus translatum in Asiam usque ad Xerxis interitum.

## Prólogo do livro II

No segundo volume, estão contidos os seguintes assuntos: a disposição da Cítia e do Ponto e as origens da Cítia até a guerra em que Dario é expulso de lá, o qual, após essa fuga, levou guerra à Grécia por meio de Datis e Tisafernes<sup>389</sup>, a qual os atenienses sustiveram sozinhos. Aqui, as origens de Atenas são retomadas e os reis até a tirania de Pisístrato, que venceram os persas na extinta Maratona. Com a morte de Dario, seu filho, Xerxes<sup>390</sup>, levou guerra à Grécia, e também são retomadas as origens da Tessália; e, expulso Xerxes da Grécia, a guerra deslocou-se dos atenienses à Ásia até a morte de Xerxes.

## PROLOGVS LIBRI III

Tertio uolumine continentur haec: Vt mortuo Xerxe filius Artaxerxes ultus interfectorem patris Artabanum bellum cum defectore

## Prólogo do livro III

No terceiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, morto Xerxes, seu filho Artaxerxes<sup>391</sup>, vingado do assassino de seu pai, Artabano, manteve a guerra contra o

<sup>387</sup> Cambises II.

<sup>388</sup> Dario I.

<sup>389</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online) e Castro Sánchez (2008, p. 562), na verdade, seria Artafernes.

<sup>390</sup> Xerxes I.

<sup>391</sup> Artaxerxes I.

Aegypti habuit, primoque dux eius Achaemenes uictus est, iterum per Bagabaxum Aegyptus recepta. Vt Graecis cum rege pacificatis bella inter ipsos orta sint. Inde repetitae Peloponnensium origines: ut ab Herculis posteris Dorico populo sit occupata. Deinde bella Argolica et Messania, coalitique Sicyone et Corinthio tyranni. Bellum Crisaeum et quod Athenienses primo cum Boeotis, dein cum Peloponnesiis gesserunt.

impostor do Egito, e primeiro o comandante dele, Aquêmenes, foi vencido, e, mais uma vez, por meio de Bagabaxo, o Egito foi retomado. Como os gregos estavam em paz com o rei, surgiram guerras entre si. De lá, são retomadas as origens do Peloponeso: como foi ocupado pelo povo dórico oriundo dos descendentes de Hércules. Em seguida, as Guerras Argólica e Messênia, e as uniões dos tiranos em Corinto e Sicião. A guerra de Crissa e a que os atenienses travaram primeiro com os beócios, depois com os peloponésios.

#### PROLOGVS LIBRI IV

Quarto uolumine continentur res Siculae, ab ultima origine usque ad deletam Syracusis Atheniensium classem.

#### Prólogo do livro IV

No quarto volume, estão contidas as circunstâncias da Sicília, desde sua origem mais remota até a destruição da frota dos atenienses em Siracusa.

#### PROLOGVS LIBRI V

Quinto uolumine continentur haec: Bellum inter Athenienses et Lacedaemonios, quod Deceleicum uocatur, usque ad captas Athenas. Vt expulsi sunt Athenis XXX tyranni. Bellum quod Lacedaemonii in Asia cum Artaxerxe gesserunt propter Cyrum adiutum. Hinc repetitum in excessu Cyri cum fratre bellum et Graecorum, qui sub eo militauerunt.

#### Prólogo do livro V

No quinto volume, estão contidos os seguintes assuntos: a guerra entre atenienses e lacedemônios – a qual é chamada de Deceleica –, até a captura de Atenas. Como os trinta tiranos são expulsos de Atenas. A guerra que os lacedemônios travaram contra Artaxerxes<sup>392</sup> na Ásia, devido à ajuda de Ciro<sup>393</sup>. Dali, é retomada, em digressão, a guerra de Ciro com o irmão e os gregos que lutaram sob seu comando.

<sup>392</sup> Artaxerxes II Mnêmon.

<sup>393</sup> Filho mais novo de Dario II.

## PROLOGVS LIBRI VI

Sexto uolumine continentur haec: Bellum Lacedaemoniorum gestum in Asia cum Persicis praefectis, ducibus belli Dercylide et Agesilao, usque ad proelium nauale factum Cnido: quo uictis illis Athenienses repetiere imperium. Dein bellum Corinthiacum et bellum Boeotium, quo Leuctris et Mantineae uicti Spartani amisere imperium. In Thessalia deinde Iasonis et post illum Alexandri Pheraei coalitum atque extinctum imperium. Tum sociale bellum gestum aduersus Athenienses a Chiis et Rhodiis et Byzantiis. Transitus hinc ad res Macedonicas.

## Prólogo do livro VI

No sexto volume, estão contidos os seguintes assuntos: a guerra dos lacedemônios travada na Ásia com os intendentess persas, pelos comandantes de guerra Dercílides<sup>394</sup> e Agesilau, até o combate naval realizado em Cnido, com o qual, tendo sido eles vencidos, os atenienses retomam a soberania. Depois, a Guerra Coríntia e a Guerra da Beócia, em que os espartanos, vencidos em Leuctra e Mantínea, perderam a soberania. Na Tessália, em seguida, a consolidação e o término da soberania de Jasão e, depois dele, de Alexandre de Feras. Em seguida, a guerra dos aliados gerada pelos quios, ródios e bizantinos contra os atenienses. Passa-se, dali, para as situações macedônicas.

## PROLOGVS LIBRI VII

Septimo uolumine continentur origines Macedonicas regesque a conditore gentis Carano usque ad magnum Philippum; ipsius Philippi res gestae usque ad captam urbem Mothonen. Additae in excessu Illyriorum et Paeonum origines.

## Prólogo do livro VII

No sétimo volume, estão contidas as origens macedônicas e os reis desde o fundador desse povo, Carano, até Filipe, o Grande<sup>395</sup>; os feitos realizados por esse mesmo Filipe até a captura da cidade de Motona. Em digressão, são acrescentadas as origens dos ilírios e dos peônios.

## PROLOGVS LIBRI VIII

Octauo uolumine contingentur res gestae Philippi Magni post captam urbem Mothonen, a principio belli Phocensis, quod sacrum uocant, usque ad finem eius,

## Prólogo do livro VIII

No oitavo volume, são abordados os feitos realizados por Filipe, o Grande, após a captura da cidade de Motona, desde o princípio da guerra dos focenses, a qual chamam de Sagrada, até o final dela, e, no

<sup>394</sup> Justino chama-o de Hercílides (Castro Sánchez, 2008, p. 563).

<sup>395</sup> Filipe II da Macedônia.

interiectumque huic bellum, quod Philippus cum Chalcidicis urbibus gessit, quarum clarissimam deleuit Olynthon. Vt Illyrici reges ab eo uicti sunt, et Thracia atque Thessalia subactae, et rex Epiro datus Alexander erepto Arybba, et frustra Perinthos oppugnata.

meio desta, a guerra que Filipe travou contra as cidades cálquidas, dentre as quais destruiu a mais ilustre, Olinto. Como os reis ilíricos foram vencidos por ele, e a Trácia e a Tessália subjugadas, e Alexandre<sup>396</sup> foi dado como rei do Épiro, deposto de Aribas<sup>397</sup>, e Perinto, inutilmente atacada.

#### PROLOGVS LIBRI IX

#### Prólogo do livro IX

Nono uolumine continentur haec: Vt Philippus a Perintho summotus. Byzantii origines, a cuius obsidione summotus Philippus Scythiae bellum intulit. Repetitae inde Scythicae res ab his temporibus, in quibus illa prius finierant, usque ad Philippi bellum, quod cum Athea Scythiae rege gessit. Vnde reuersus Graeciae bellum intulit uictisque Chaeroneae, cum bella Persica moliretur praemissa classe cum ducibus, a Pausania, occupatis angustiis nuptiarum filiae, occisus est, priusquam bella Persica inchoaret. Repetitas res inde Persicae ab Dario Notho, cui successit filius Artaxerxes cognomine Mnemon, qui post fratrem Cyrum uictum pulsaque Cnido per Conona classe Lacedaemoniorum bellum cum Euagora rege Cyprio gessit: originesque Cypri repetit.

No nono volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Filipe foi rechaçado de Perinto. As origens de Bizâncio, de cujo cerco Filipe, rechaçado, levou guerra à Cítia. São retomadas, ali, as circunstâncias da Cítia desde aqueles tempos em que haviam sido estabelecidas previamente até a guerra de Filipe, a qual travou contra Ateas, rei da Cítia. De volta de lá, levou guerra à Grécia, e eles foram vencidos em Queroneia. Quando planejava as guerras persas, enviada a tropa, primeiramente, com os comandantes, foi morto, antes de começar as guerras persas, por Pausânias<sup>398</sup>, o qual, na ocasião das núpcias de sua filha, ficou de tocaia numa viela. Dali, são retomadas as circunstâncias da Pérsia, desde Dario Noto<sup>399</sup>, a quem sucedeu o filho Artaxerxes<sup>400</sup>, chamado de Mnêmon, o qual, depois, venceu o irmão, Ciro<sup>401</sup>, e, tendo expulsado de Cnido a tropa dos lacedemônios por meio de Cónon, guerreou contra Evágoras, rei do Chipre; e retomam-se as origens do Chipre.

<sup>396</sup> Alexandre I do Épiro.

<sup>397</sup> Ao longo do *Epítome*, *Arybba*.

<sup>398</sup> Pausânias de Oréstide.

<sup>399</sup> Dario II.

<sup>400</sup> Artaxerxes II Mnêmon.

<sup>401</sup> Ciro, o Jovem.



## PROLOGVS LIBRI X

Decimo uolumine continentur Persicae res. Vt Artaxerxes Mnemon pacificatus cum Euagora rege Cyprio bellum Aegyptium in urbe Ace compararit, ipse in Cadusis uictus, defectores in Asia purpuratos suos persecutus, primum Dotamen praefectum <Paphlagoniae><sup>402</sup>. Paphlagonon origo repetita: deinde praefectum Hellesponti Ariobarzanen, deinde in Syria praefectum Armeniae Oronten, omnibusque uictis decesserit filio successore Ocho. Is deinde occisis optimatibus Sidon accepit. Aegypto bellum ter intulit. Vt post mortem Ochi regnarit Arses, deinde Darius, qui cum Alexandro Macedonum rege bello conflixit.

## Prólogo do livro X

No décimo volume, estão contidas as circunstâncias da Pérsia. Como Artaxerxes Mnêmon, feita a paz com Evágoras, rei do Chipre, preparara a guerra do Egito na cidade de Ace; ele mesmo, vencido pelos cadúsios, perseguiu os seus próprios cortesãos, traidores, na Ásia, sendo o primeiro o intendente <da Paflagônia>, Dotames<sup>403</sup>. É retomada a origem de Paflagônia. A seguir, seu intendente no Helesponto, Ariobarzanes, a seguir, na Síria, seu intendente na Armênia, Orontes, e, vencidos todos, morreu, tendo como sucessor o filho Oco<sup>404</sup>. Este, a seguir, mortos os nobres, tomou Sídon. Levou guerra ao Egito três vezes. Como depois da morte de Oco, reinou Arses<sup>405</sup>, a seguir Dario<sup>406</sup>, que se bateu em guerra com Alexandre<sup>407</sup>, rei dos macedônios.

## PROLOGVS LIBRI XI

Vndecimo uolumine continentur res gestae Alexandri Magni usque ad interitum regis Persarum Darii, dictaeque in excessu origines et reges Cariae.

## Prólogo do livro XI

No décimo primeiro volume, estão contidos os feitos realizados por Alexandre, o Grande, até o assassinato de Dario, rei dos persas, e contam-se, em digressão, as origens e os reis da Cária.

## PROLOGVS LIBRI XII

Duodecimo uolumine continentur Alexandri

## Prólogo do livro XII

No décimo segundo volume, estão contidas as guerras de Alexandre, o Grande, à Bácia

<sup>402</sup> Não inserido no texto de Mineo (2016, p. 5, cf. Justin).

<sup>403</sup> Sátrapa da Paflagônia.

<sup>404</sup> Artaxerxes III.

<sup>405</sup> Artaxerxes IV.

<sup>406</sup> Dario III, antes chamado de Codomano.

<sup>407</sup> Alexandre, o Grande.

magni bella a Bactriana et Indica usque ad interitum eius, dictaeque in excessu res a praefecto eius Antipatro in Graecia gestae, et ab Archidamo, rege Lacedaemoniorum, Molossoque Alexandro in Italia, quorum ibi est uterque cum exercitu deletus. Additae his origines Italicae, Apulorum, Lucanorum, Samnitium, Sabinorum, et ut Zopyrion in Ponto cum exercitu periit.

e à Índia, até o assassinato dele, e contam-se, em digressão, os feitos realizados pelo intendente dele, Antípatro, na Grécia, por Arquídamo<sup>408</sup>, rei dos lacedemônios, e por Alexandre Molosso, na Itália, em que um e outro foram destruídos junto ao exército. São acrescentadas a isso as origens itálicas dos apúlios, dos lucanos, dos samnitas, dos sabinos, e como Zopirião pereceu no Ponto, com seu exército.

### PROLOGVS LIBRI XIII

Tertio decimo uolumine continentur haec: Vt mortuo Alexandro optimates castrorum eius prouinciarum imperia sint partiti; ut ueterani, qui ab eodem lecti erant in colonias, moliti relictis illis in Graeciam redire a Pithone sint deleti. Bellum Lamiacum, quod Antipater in Graecia gessit. Bellum quo Perdiccas regem Ariarathem occidit; <ut> occisus est. Bellum quo Eumenes Neoptolemum et Crateron occidit. Additae in excessu origines regesque Quirenarum.

### Prólogo do livro XIII

No décimo terceiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, morto Alexandre, foram repartidas as soberanias das províncias pelos nobres do acampamento dele; como os veteranos, deixados por eles na Grécia, são postos em retirada e destruídos por Píton. A Guerra Lamiaca, que Antípatro travou na Grécia. A guerra em que Pérdicas matou o rei Ariarate<sup>409</sup>; <como> foi morto. A guerra em que Eumênes matou Neoptólemo e Crátero. Acrescentam-se, em digressão, as origens e os reis de Quirenas.

### PROLOGVS LIBRI XIV

Quarto decimo uolumine continentur haec. Bellum inter Antigonum et Eumenen gestum: quem ut Cappadocia expulit Antigonus, sic Phrygia minore Arridaeu et Cliton uictos in Hellesponto nauali bello. Repetitur rursus

### Prólogo do livro XIV

No décimo quarto volume, estão contidos os seguintes assuntos: a guerra travada entre Antígono e Eumênes, o qual é expulso da Capadócia por Antígono, assim como são Arrideu e Clito da Frígia Menor, vencidos em guerra naval no Helesponto. A guerra, no

<sup>408</sup> Arquídamo III.

<sup>409</sup> Ariarate I.

bellum ab Eumene per Argyraspidas; quo uictus ab Antigono interiit. Ut in Macedonia Cassander uicto Polyperchonte receptaque a Nicanore Munychia matrem Alexandri Olympiada Pydnae obsessam interfecit.

entanto, é retomada por Eumênes por meio dos argiráspidas, na qual, vencido, é morto por Antígono. Como, na Macedônia, Cassandro, tendo vencido Poliperconte e recuperado a Munícia de Nicanor, assassinou a mãe de Alexandre, Olímpíade, sitiada em Pidna.

#### PROLOGVS LIBRI XV

Quinto decimo uolumine continentur haec: Vt Demetrius Antigoni filius Gazae uictus est ab Ptolomaeo. Vt Cassander in Macedonia filium Alexandri regis interfecit, ac alterum Polyperchon. Vt Cypro Ptolomaeum uicit classe Demetrius idemque ab obsidione Rhodi summotus est. Repetita in excessu origo Rhodiorum. Vnde digressus Demetrius liberauit a Cassandro Graeciam. Dein pater eius Antigonus bellum cum Lysimacho et Seleuco habuit, repetitaeque Seleuci res et regis Indiae Sandrocotti. Vt uictus bello Antigonus interiit reliquiaeque imperii sunt a filio collectae. Cleonymi deinde Spartani res gestae Corcyrae et Illyrico et in Italia, cui ablata Corcyra. Rex Cassander interiit.

#### Prólogo do livro XV

No décimo quinto volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Demétrio, filho de Antígono, foi vencido por Ptolomeu, em Gaza. Como Cassandro, na Macedônia, matou um filho do rei Alexandre, e Poliperconte, outro. Como, no Chipre, Demétrio venceu, com sua tropa, Ptolomeu, e aquele foi rechaçado do cerco de Rodes. É retomada, em digressão, a origem dos ródios. De volta de lá, Demétrio libertou a Grécia de Cassandro. Depois, o pai dele, Antígono, fez uma guerra com Lisímaco e Selêuco, e são retomados os feitos de Selêuco e os do rei da Índia, Sandrócoto. Como, vencido na guerra, Antígono foi morto, e o que sobrava de sua soberania foi reunido por seu filho. A seguir, os feitos realizados pelo espartano Cleônemes na Córçira, na Ilíria e na Itália, de quem a Córçira foi retirada. O assassinato do rei Cassandro.

#### PROLOGVS LIBRI XVI

Sexto decimo uolumine continentur haec: Vt mortuo Cassandro ortisque inter filios eius certaminibus Demetrius adiutor alteri adhibitus occiso eo Macedoniae regnum tenuit: quo mox euictus a Pyrro Epiri rege, translatis in Asiam bellis captus a Seleuce

#### Prólogo do livro XVI

No décimo sexto volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, com a morte de Cassandro e o surgimento de disputas entre os filhos dele, Demétrio, chamado para ajudar a um deles, tendo-o matado, reinou na Macedônia; ele, logo, foi expulso por Pirro, rei do Épiro, e, tendo transferido a guerra para a Ásia e sido capturado por Seleuco,

decessit. Vt Ptolomaeus nuncupato successore filio Philadelpho decessit. Vt Lysimachus in Ponto captus ac missus a Dromichaete rursus in Asia ciuitates, quae sub Demetrio fuerant, et in Ponto Heracleam occuparit. Repetitae inde Bithyniae et Heracleoticae origines, tyrannique Heracleae Clearchus et Satyrus et Dionysius, quorum filiis interfectis Lysimachus occupauit urbem.

morreu. Como Ptolomeu, tendo nomeado o filho Filadelfo como seu sucessor, morreu. Como Lisímaco, capturado no Ponto e libertado por Dromiquetes, ocupou novamente as cidades na Ásia que estavam sob Demétrio e Heracleia no Ponto. Retomam-se, dali, as origens da Bitínia e de Heracleia e os tiranos de Heracleia, Clearco, Sátiro e Dionísio, cujos filhos são assassinados por Lisímaco, que ocupa a urbe.

#### PROLOGVS LIBRI XVII

#### Prólogo do livro XVII

Septimo decimo uolumine continentur haec: Vt Lysimachus occiso filio Agathocle per nouercam Arsinoen bellum cum rege Seleuco habuit, quo uictus interiit: ultimumque certamen connilitonum Alexandri fuit. Vt Seleucus amissis in Cappadocia cum Diodoro copiis interfectus est ab Ptolomaeo fratre Arsinoes uxoris Lysimachi, in cuius uicem Ptolomaeus cognomine Ceraunus creatus ab exercitu rex Macedoniam occupauit; bella cum Antiocho et Pyrro composuit, datis Pyrro auxiliis, quibus iret contra Romanos defensum Tarentum. Inde repetitae origines regum Epiroticorum usque ad Pyrrum, ipsiusque Pyrri res gestae priusquam in Italiam traiecit.

No décimo sétimo volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Lisímaco, após o assassinato de seu filho, Agátocles, pela madrastra, Arsínoe, teve uma guerra com o rei Seleuco, em que, vencido, morreu: e foi a última peleja dos companheiros de guerra de Alexandre. Como Seleuco, tendo perdido suas tropas na Capadócia com Diodoro, foi morto por Ptolomeu, irmão de Arsínoe, esposa de Lisímaco; no lugar dele, Ptolomeu, chamado de Cerauno, eleito pelo exército como rei, ocupou a Macedônia, arranhou guerras junto a Antíoco e Pirro, dando a Pirro tropas auxiliares, com as quais foi contra os romanos para defender Tarento. Dali, são retomadas as origens dos reis dos epirotas até Pirro, e os feitos realizados pelo próprio Pirro antes de atravessar para a Itália.

#### PROLOGVS LIBRI XVIII

#### Prólogo do livro XVIII

Octauo decimo uolumine continentur res a Pyrro Epirota in Italia gestae contra

No décimo oitavo volume, estão contidos os feitos realizados por Pirro epirota, na Itália, contra os romanos, e, depois dessa guerra, na

Romanos, postque id bellum transitus eius in Siciliam aduersus Carthaginenses. Inde origines Phoenicum et Sidonos et Veliae Carthaginisque res gestae in excessu dictae.

Sicília, em oposição aos cartagineses. Dali, em digressão, contam-se as origens dos fenícios, de Sídon, de Vélia e os feitos ilustres dos cartagineses.

#### PROLOGVS LIBRI XIX

#### Prólogo do livro XIX

Vndeicensimo uolumine continentur res Carthaginensium in Africa per Sabellum Anonem gestae et in Sicilia, cum Selinuntem et Agragantum et Camerinam et Gelam ceperunt; quo bello Dionysius Syracusanus Siciliae regnum occupauit. Bellum, quod cum eo Poeni per Himilconem gesserunt, qui obsidione Syracusarum exercitum et classem amisit.

No décimo nono volume, estão contidos os feitos dos cartagineses na África e na Sicília realizados por Anon Sabelo; como tomaram Selinunte, Agrigento, Camerina e Gela; nessa guerra, Dionísio de Siracusa ocupou o reino da Sicília. A guerra que os penos<sup>410</sup> travaram com ele por meio de Himilcão, que perde o exército e a frota no cerco de Siracusa.

#### PROLOGVS LIBRI XX

#### Prólogo do livro XX

Vicensimo uolumine continentur res gestae Dionysii Siculi patris. Vt pulsus Poenis Italica bella sit molitus. Inde repetitae origines Venetorum et Graecorum et Gallorum, qui Italiam incolunt. Deductisque Dionysii rebus ad interitum eius dictae quas Anno magnus in Africa gessit.

No vigésimo volume, estão contidos os feitos realizados por Dionísio Sículo, pai. Como, expulsos os penos, planeja as guerras itálicas. Dali, são retomadas as origens dos vênets, dos gregos e dos gauleses que habitam a Itália. E, tendo sido descritos os feitos de Dionísio até a morte dele, diz-se o que Anon, o Grande, realizou na África.

#### PROLOGVS LIBRI XXI

#### Prólogo do livro XXI

Vno et uicensimo uolumine continentur haec: Vt in Sicilia Dionysius filius a patre amisso

No vigésimo primeiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Dionísio, filho, tendo perdido o pai, administrou a soberania

<sup>410</sup> Outro nome utilizado para se referir aos cartagineses.

tractarit imperium. Per <Dionem> Dionysius eiectus bellum cum Siculis gessit, donec amissis liberis et fratribus Corinthum <stetit>; statim <a Tim>oleonte<sup>411</sup> Carthaginensium bello sit liberata Sicilia mortuoque Sosistrato iterum facta seditione arcessitique a bello Carthaginenses obsederunt Syracusas quo bello Agathocles nactus imperium est.

na Sicília. Dionísio, afastado por <Díon>, guerreou com os sículos, até que, tendo perdido seus filhos e irmãos, <estabelece-se> em Corinto; logo, a Sicília foi libertada da guerra dos cartagineses <por Tim>oleonte. Morto Sosístrato e deflagrada, mais uma vez, uma revolta, os cartagineses, chamados de volta, fizeram um cerco a Siracusa. Com essa guerra, Agátocles obteve a soberania.

#### PROLOGVS LIBRI XXII

Secundo et uicensimo uolumine continentur haec: Res gestae Agathoclis: ut a Poenis nactus imperium bellum cum ipsis gessit, primum in Sicilia; dehinc uictus traiecit in Africam, ubi possessa prouincia Ophellam regem Cyrenarum interfecit. Vt rursus in Siciliam reuersus, occupata totius insulae dominatione, cum reuertisset in Africam, amissis copiis solus inde profugit in Siciliam, belloque ibi repetitus et cum Poenis pacem composuit et dissidentes a se Siculos subiecit.

#### Prólogo do livro XXII

No vigésimo segundo livro, estão contidos os seguintes assuntos: os feitos realizados por Agátocles. Como, tendo obtido a soberania dos penos, guerreou com eles, primeiro na Sicília; depois, vencedor, atravessou para a África, onde, tendo-se apoderado da província, assassinou o rei de Cirene, Ofela. Como de volta, novamente, à Sicília, tendo alcançado a dominação de toda a ilha, após ter voltado à África, perdidas as tropas, fugiu sozinho dali para a Sicília e, retomada a guerra lá, arranjou a paz com os penos e submeteu os sículos, que se rebelaram contra ele.

#### PROLOGVS LIBRI XXIII

Tertio et uicensimo uolumine continentur haec: Vt Agathocles domita Sicilia bellum in Italia Bruttis intulit. Repetitae inde Bruttiorum origines. Omnibus subactis rex seditione filii exheredati ac nepotis oppressus

#### Prólogo do livro XXIII

No vigésimo terceiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Agátocles, tendo dominado a Sicília, levou guerra aos brúttios na Itália. São retomadas, ali, as origens dos brúttios. Submetidos todos, o rei, surpreendido pela revolta de seu filho deserdado e de seu neto, morreu. A seguir, a guerra movida entre

<sup>411</sup> Em Mineo (2016, p. 10, cf. Justin), [...] *et fratribus Corinthum <abiit ; u>t a Timoleonte* [...].

interiit. Inter peregrinos deinde milites eius et Siculos bellum motum, quae causa Pyrrum, regem Epiri, in Siciliam adduxit. Bella quae Pyrrus cum Poenis et Mamertinis ibi gessit et a Sicilia reuersus in Italiam uictusque proelio a Romanis reuertit Epirum.

os soldados estrangeiros dele e os sículos; essa foi a causa que levou Pirro, rei do Épiro, à Sicília. As guerras que Pirro travou ali com os penos e os mamertinos e, de volta da Sicília para a Itália, vencido em batalha pelos romanos, voltou ao Épiro.

#### PROLOGVS LIBRI XXIV

Quarto et uicensimo uolumine continentur haec: Bellum quod inter Antigonom Gonatam et Antiochum Seleuci filium in Asia gestum est. Bellum, quod Ptolomaeus Ceraunus in Macedonia cum Monio Illyrio et Ptolomaeo Lysimachi filio habuit, utque Arsinoe sororem suam imperio Macedonicarum urbium exuit, ipse cum Belgio Gallorum duce congressus interiit. Repetitae inde Gallorum origines qui Illyricum occuparunt; atque ut ingressi Graeciam Brenno duce Delphis uicti deletique sint.

#### Prólogo do livro XXIV

No vigésimo quarto volume, estão contidos os seguintes assuntos: a guerra que foi travada entre Antígono Gonatas e Antíoco, filho de Seleuco, na Ásia. A guerra que Ptolomeu Cerauno teve, na Macedônia, com Mônio, o Ilírio, e Ptolomeu, filho de Lisímaco, e como expulsou sua própria irmã, Arsínoe, da soberania das cidades macedônicas. Ele mesmo morreu no encontro com Bêlgio, comandante dos gauleses. São retomadas, ali, as origens dos gauleses que ocuparam o Ilírico. E como, tendo ingressado na Grécia com o comandante Breno, foram vencidos e destruídos.

#### PROLOGVS LIBRI XXV

Quinto et uicensimo uolumine continentur haec: Vt Antigonus Gallos deleuit, deinde cum Apollodoro, Cassandreae tyranno, bellum habuit. Vt Galli transierunt in Asiam bellumque cum rege Antiocho et Bithunia gesserunt: quas regiones Tylene occuparunt. Vt Pyrrus ex Italia reuersus regno Macedoniae Antigonom exuerit, Lacedaemona obsederit, Argis interiit;

#### Prólogo do livro XXV

No vigésimo quinto volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Antígono destruiu os gauleses; a seguir a guerra que teve com Apolodoro, tirano de Cassandreia. Como os gauleses atravessaram para a Ásia e guerrearam com o rei Antíoco e Bitínia; quais regiões os tilenos ocuparam. Como Pirro, de volta da Itália ao reino da Macedônia, expulsou Antígono, fez cerco à Lacedemônia, morreu em Argos; e o filho dele, Alexandre, esteve na Guerra Ilírica com o rei Mitilo.

filisque eius Alexander Illyricum cum rege  
Mitylo bellum habuerit.

#### PROLOGVS LIBRI XXVI

Sexto et uicensimo uolumine continentur  
haec: Quibus in urbibus Graeciae  
dominationem Antigonus Gonatas  
constituerit. Vt defectores Gallos Megaris  
deleuit regemque Lacedaemonium Area  
Corinthi interfecit, dehinc cum fratris sui  
Crateri filio Alexandro bellum habuerit. Vt  
princeps Achaiae Aratus Sicuonem et  
Corinthum et Megara occuparit. Vt in Syria  
rex Antiochus cognomine Soter altero filio  
occiso, altero rege nuncupato Antiocho  
decesserit. Vt in Asia filius Ptolomaei regis  
socio Timarcho descuerit a patre. Vt frater  
Antigoni Demetrius occupato Cyrenis regno  
interiit. Vt mortuo rege Antiocho filius eius  
Seleucus Callinicus regnum acceperit.

#### PROLOGVS LIBRI XXVII

Septimo et uicensimo uolumine continentur  
haec: Seleuci bellum in Syria aduersus  
Ptolomaeum Tryphonem: item in Asia  
aduersus fratrem suum Antiochum Hieracem,  
quo bello Ancurae uictus est a Gallis: utque  
Galli Pergamo uicti ab Attalo Ziellan  
Bithunum occiderint. Vt Ptolomaeus Adaeum

#### Prólogo do livro XXVI

No vigésimo sexto volume, estão contidos os seguintes assuntos: em quais das urbes da Grécia Antígono estabeleceu sua dominação. Como destruiu os gauleses desertores em Mégara e assassinou o rei dos lacedemônios, Area, em Corinto; depois, esteve em guerra com Alexandre, filho de seu próprio irmão, Crátero. Como Arato, aristocrata de Acaia, ocupou Sicião, Corinto e Mégara. Como, na Síria, o rei Antíoco, chamado de Sóter, morreu após ter matado um filho e nomeado o outro, Antíoco, rei. Como, na Ásia, o filho de Ptolomeu<sup>412</sup>, tendo-se aliado a Timarco, abandonou seu pai. Como o irmão de Antígono, Demétrio, tendo ocupado o reino de Cirene, morreu. Como, morto o rei Antíoco, o filho dele, Seleuco Calínico, recebeu o reino.

#### Prólogo do livro XXVII

No vigésimo sétimo volume, estão contidos os seguintes assuntos: a guerra de Seleuco, na Síria, contra Ptolomeu Trifão; do mesmo modo, na Ásia, contra seu próprio irmão, Antíoco Híerax. Nessa guerra, foi vencido em Ancura pelos gauleses; e como os gauleses, vencidos, no Pérgamo, por Átalo, assassinaram Zélas da Bitínia. Como Ptomoleu matou Adeo, capturado novamente, e Antígono venceu Sófron em combate naval

<sup>412</sup> De Ptolomeu II.



denuo captum interfecerit, et Antigonus Andro proelio nauali Sophrona uicerit. Vt a Callinico fusus in Mesopotamia Antiochus insidiantem sibi effugit Ariamenes, dein postea custodes Tryphonis; quo a Gallis occiso Seleucus quoque frater eius decessit, maioremque filiorum eius Apaturius occidit.

em Andros. Como Antíoco, derrotado por Calínico na Mesopotâmia, escapou da emboscada de Ariamenes, depois, em seguida, dos guardas de Trifão; tendo sido aquele assassinado pelos gauleses, Seleuco também matou o irmão dele, e Apatúrio assassinou o mais velho dos filhos dele.

#### PROLOGVS LIBRI XXVIII

Octauo et uicensimo uolumine continentur haec: Vt mortuo rege Epiri Alexandro Laodamiam Epirotae occiderint. Dictique in excessu Basternici motus. Vt rex Macedoniae Demetrius sit a Dardanis fusus: quo mortuo tutelam filii eius Philippi suscepit Antigonus, qui Thessaliam in Asia Cariam subiecit et adiutis Achaeis contra regem Spartanum Cleomenem cepit Lacedaemona: amissoque regno Cleomenes Spartanus confugit Alexandriam atque ibi interiit. Dictum in excessu bellum Illyricum quod Romani gessere cum Teuta.

#### Prólogo do livro XXVIII

No vigésimo oitavo volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, morto Alexandre, rei do Épiro, os epirotas assassinaram Laodâmia. E são contados, em digressão, os motins dos basternas. Como Demétrio, rei da Macedônia, foi derrotado pelos dárdanos; tendo sido ele morto, a tutela do filho dele, Filipe, foi entregue a Antígono, que submeteu a Tessália e, na Ásia, a Cária e, ajudando os aqueus contra o rei espartano, Cleômenes, capturou a Lacedemônia. E, tendo perdido o reino, Cleômenes refugiou-se em Alexandria e, ali, morreu. É contada, em digressão, a Guerra Ilírica que os romanos travaram com Teuta.

#### PROLOGVS LIBRI XXIX

Vndetricensimo uolumine continentur haec: Res gestae Philippi regis aduersus Dardanos et Aetolos. Repetitaeque inde Creticae origines; post cuius insulae societatem Philippus cum Illyriis et Dardanis et rursus Aetolis bello congressus est adiuuantibus Aetolis Romanis: quo finito intulit Attalo

#### Prólogo do livro XXIX

No vigésimo nono volume, estão contidos os seguintes assuntos: os feitos realizados pelo rei Filipe contra os dardânios e etólios. E são retomadas, ali, as origens de Creta; após associar-se a esta ilha, Filipe encontrou-se em guerra com os ilírios, os dardânios e, novamente, com os etólios, tendo sido os etólios ajudados pelos romanos; com ela terminada, levou guerra a Átalo.

bellum.

### PROLOGVS LIBRI XXX

Tricensimo uolumine continentur haec: Vt mortuo Ptolomaeo Tryphone filius eius Philopator Antiochum regem uicit Raphiae, ipse amore Agathocleae corruptus decessit relicto filio pupillo, in quem cum Philippo rege Macedonum consensit Antiochus. Philippi deinde gesta in Asia, cum mouisset Attalo bella: a quibus reuersus bellum habuit cum ducibus Romanis Sulpicio et Flaminino, a quibus uictus; pax. Transitus deinde ad res Antiochi, qui post regnum acceptum persecutus defectores in Mediam Molonem, in Asiam Achaeum, quem obsedit Sardibus, pacata superiore Asia Bactris tenus in bella Romana descendit.

### Prólogo do livro XXX

No trigésimo volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, morto Ptolomeu Trifão, o filho dele, Filópator, venceu o rei Antíoco em Ráfia. Ele próprio, corrompido pelo amor de Agatóclea, morreu, deixando um filho órfão, a respeito de quem Antíoco concordou com Filipe, rei dos macedônios. A seguir, os feitos de Filipe na Ásia; como moveu guerras a Átalo; de volta dessas, teve guerra com os comandantes romanos Sulpício e Flaminino, pelos quais foi vencido; a paz. Passa-se, a seguir, aos feitos de Antíoco, que, após receber o reino, perseguiu os desertores: na Média, Molón; na Ásia, Aqueu, ao qual fez um cerco em Sardes. Pacificada a Ásia Superior até Bactra, entrou nas guerras romanas.

### PROLOGVS LIBRI XXXI

Vno et tricensimo uolumine continentur haec: Bellum, quod cum Lacedaemonio Nabide Titus Flamininus et Philopoemen dux Achaeorum gessit. Item bellum, quod cum Antiocho in Achaia per Acilium consulem, et in Asia per Scipionem gestum est, denique Hannibalis ad regem a Carthagine<sup>413</sup> fuga. Bellum cum Aetolis gestum per eundem Acilium, qui Antiochum Graecia expulerat.

### Prólogo do livro XXXI

No trigésimo primeiro volume estão contidos os seguintes assuntos: a guerra que Tito Flaminino e Filopomene, comandante dos aqueus, travaram com o lacedemônio Nábis. Do mesmo modo, a guerra que foi travada com Antíoco, na Acaia, pelo cônsul Acílio e, na Ásia, por Cipião. Enfim, a fuga de Aníbal de Cartago até o rei. A guerra travada com os etólios pelo mesmo Acílio, que expulsara Antíoco da Grécia.

<sup>413</sup> Em Mineo (2016, p. 15, cf. Justin), *Carthagine*[m].

## PROLOGVS LIBRI XXXII

Secundo et tricensimo uolumine continentur haec: Defectio ab Achaeis Lacedaemoniorum et Messeniorum, qua Philopoemen interiit. Romanorum in Asia duce Manlio aduersus Gallos bellum. Regis Philippi propter ablatas sibi ciuitates alienatus in Romanos animus, et ob hoc alter filiorum Demetrius occisus, concitatusque ab eo Basternae transire conati in Italiam. Inde in excessu dictae res Illyricae: ut Galli, qui occuparant Illyricum, rursus redierunt in Galliam: originesque Pannoniorum et incrementa Dacorum per Burobusten regem. In Asia bellum ab rege Eumene gestum aduersus Gallum Ortiagontem, Pharnacem Ponticum et Prusian, adiuuante Prusian Hannibale Poeno. Res gestae Hannibalis post uictum Antiochum et mors. Mortuo Seleuco filio Magni Antiochi successit regno frater Antiochus.

## PROLOGVS LIBRI XXXIII

Tertio et tricensimo uolumine continentur haec: Vt cum Perse Philippi filio, rege Macedonum, Romani bellum gesserint: quo capto deleta est Epiros. Achaicae ciuitates ab unitate corporis deductae, inter Achaeos et Lacedaemonios certamine orto. Bellum rursus in Macedonia gestum a Romanis cum Pseudophilippo.

## Prólogo do livro XXXII

No trigésimo segundo volume, estão contidos os seguintes assuntos: a deserção dos aqueus, lacedemônios e messênios, em que Filopomene morreu. A guerra dos romanos contra os gauleses, na Ásia, sob o comandante Mânlio. O ânimo do rei Filipe é perturbado em relação aos romanos devido às cidades tomadas de si, e, por isso, a morte de um de seus filhos, Demétrio, e os basternas que, provocados por ele, tentaram atravessar para a Itália. Ali, em digressão, são contadas as circunstâncias da Ilíria; como os gauleses, que ocuparam os ilíricos, novamente voltaram à Gália; e as origens dos panônios e as expansões dos dácios pelo rei Burobustes. Na Ásia, a guerra travada pelo rei Eumênes contra o gaulês Ortiagonte, Fárnace do Ponto e Prúsias, com Prúsias sendo ajudado pelo peno Aníbal. Os feitos realizados por Aníbal após Antíoco ter sido vencido e sua morte. Morto Seleuco, filho de Antíoco, o Grande, sucede-lhe no reino seu irmão Antíoco.

## Prólogo do livro XXXIII

No trigésimo terceiro volume, estão contidos os seguintes assuntos: como os romanos travaram guerra com Perseu, filho de Filipe, rei dos macedônios; tendo sido ele capturado, o Épiro foi destruído. As cidades da Acaia foram separadas da unidade de corpo na peleja surgida entre aqueus e lacedemônios. A guerra travada novamente na Macedônia pelos romanos com Pseudo-Filipe.

## PROLOGVS LIBRI XXXIV

Quarto et tricensimo uolumine continentur haec: Bellum Achaicum, quod Romani per Metellum et Mummium gessere, quo diruta est Corinthos. Bellum regis Eumenis cum Gallograecis et in Pisidia cum Selegensibus. Res quas gessit Syrias rex Antiochus, et rex Aegypti Ptolomaeus [repetitae inde origines rerum Cappadocium] Epiphanes. Vt mortuo Ptolomaeo relictis ab eo filii duo Philometor et Euergetes primum cum Antiocho habuere bellum, quod per Romanos finitum est, deinde inter se, quo maior est expulsus, restitutoque Romani inter fratres regna diuiserunt. Vt mortuo Antiocho rege Syriae Demetrius cognomine Soter, qui Romae fuerat obses, clam fugit occupataque Syria bellum cum Timarcho Medorum rege <et> habuit Ariarathe rege Cappadocum. Repetitae inde origines regum Cappadocum. Vt habitata inter Ariarathen et Orophernem regni certamina. Vt mortuo rege Asiae Eumene suffectus Attalus bellum cum Selegensibus habuit et cum rege Prusia.

## Prólogo do livro XXXIV

No trigésimo quarto volume, estão contidos os seguintes assuntos: a Guerra Acaia que os romanos travaram por meio de Metelo e Múmio, em que Corinto foi demolida. A guerra do rei Eumênes com os gálatas e, na Pisídia, com os selegenses. Os feitos realizados pelo rei da Síria, Antíoco, e pelo rei do Egito, Ptolomeu Epífanes; [ali, são retomadas as origens das circunstâncias dos capadóci] <sup>414</sup>. Como, morto Ptolomeu, os dois filhos deixados por ele, Filómetor e Evérgeta, primeiro, tiveram guerra com Antíoco, que foi terminada pelos romanos; a seguir, entre si, pela qual o mais velho foi expulso, e, tendo sido restituído, os romanos dividem os reinos entre os irmãos. Como, morto Antíoco, rei da Síria, Demétrio, chamado de Sóter, que fora refém em Roma, fugiu secretamente e, tendo ocupado a Síria, esteve em guerra com Timarco, rei dos medos, <e> Ariarate, rei dos capadóci. São retomadas, ali, as origens dos reis capadóci. Como houve a peleja pelo reino entre Ariarate e Orofernes. Como, morto Eumênes, rei da Ásia, seu substituto, Átalo, esteve em guerra com os selegenses e com o rei Prúsias.

## PROLOGVS LIBRI XXXV

Quinto et tricensimo uolumine continentur haec: Bellum piraticum inter Cretas et

## Prólogo do livro XXXV

No trigésimo quinto volume, estão contidos os seguintes assuntos: a guerra pirática entre Creta e Ródio; a revolta dos cnídios contra os

<sup>414</sup> O trecho entre colchetes teria sido interpolado (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Arnaud-Lindet (2003, recurso online, cf. Justinus) e Castro Sánchez (2008, p. 579, cf. Justino; Pompeyo Trogo) não o colocam em suas traduções, mas Mineo (2016, p. 16, cf. Justin), sim.

Rhodos; seditio Cnidiorum aduersus Ceramenses. Vt aduersus Demetrium Sotera subornatus est Alexander tamquam genitus Epiphane Antiocho, quo bello uictus Demetrius <interiit. Ut deinde maior filiorum eius Demetrius> inuisum stultitia Alexandrum bello uicit adiuuante Ptolomaeo Philometore, qui eo bello interiit. Vt deinde orta Demetrio bella sint cum Diodoto Tryphone expulsusque a Tryphone regno Syriae Demetrius. Repetit inde superioris Asiae motus factos per Araetheum et Arsacem Parthum.

ceramenses. Como Alexandre, como se fosse nascido de Antíoco Epífanês, foi incitado contra Demétrio Sóter. Nesta guerra, Demétrio, vencido, <foi morto. Como, a seguir, o filho mais velho dele, Demétrio,> venceu Alexandre – detestado por sua imprudência – na guerra com a ajuda de Ptolomeu Filómetor, que morreu nessa guerra. Como, a seguir, surgiram as guerras de Demétrio com Diódoto Trifão, e Demétrio foi expulso do reino da Síria por Trifão. Retomam-se, ali, os motins gerados na Ásia Superior por Areteu e o parto Arsáces.

#### PROLOGVS LIBRI XXXVI

Sexto et tricensimo uolumine continentur haec: Vt Trypho pulso Syria Demetrio captoque a Parthis bellum gessit cum fratre eius Antiocho cognomine Sidete. Vt Antiochus interfecto Hyrcano Iudaeos subegit. Repetita inde in excessu origo Iudaeorum. Vt rex Asiae Attalus Caenos Thracas subegit successoremque imperii Attalum Philometora reliquit. Mortuo denique Philometore <Aristonicus> regno Asiae occupato bellum cum Romanis gessit, quo captus est.

#### Prólogo do livro XXXVI

No trigésimo sexto volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Trifão, tendo expulsado Demétrio da Síria e sido capturado pelos partas, travou guerra com o irmão dele, Antíoco, chamado de Sidetes. Como Antíoco, tendo matado Hircano, submeteu os judeus. É retomada, ali, em digressão, a origem dos judeus. Como Átalo, rei da Ásia, submeteu os cenos trácios e deixou a soberania a seu sucessor, Átalo Filómetor. Enfim, morto Filómetor, após o reino da Ásia ser ocupado, <Aristônico> travou guerra com os romanos, por quem foi capturado.

#### PROLOGVS LIBRI XXXVII

Septimo et tricensimo uolumine continentur haec: Repetitis regum Ponticorum originibus,

#### Prólogo do livro XXXVII

No trigésimo sétimo volume, estão contidos os seguintes assuntos: retomam-se as origens dos reis do Ponto, até que a sucessão da

ut ultimum Mithridaten Eupatora series imperii deducta sit, atque ut ingressus ille regnum subegit Pontum et Paphlagoniam, priusquam in bella Romana descendit. Dictaque in excessu regum Bosporanorum et Colchorum origines et res gestae.

soberania seja conduzida ao último, Mitridates Eupátor, e como ele, começando a reinar, submeteu o Ponto e a Paflagônia, antes de entrar nas guerras romanas. E são contadas, em digressão, as origens dos reis do Bósforo e da Cólquida e seus feitos.

#### PROLOGVS LIBRI XXXVIII

Octavo et tricensimo uolumine continentur haec: Vt Mithridates Eupator occiso Ariarathe Cappadociam occuparit uicto que Nicomede et Maltino Bithyniam. Vt mortuo Ptolomaeo Philometore frater eius Physcon accepto regno Aegypti seditiones populi, deinde bellum cum uxore sua Cleopatra et cum rege Syriae Demetrio habuit. Inde repetitum, ut Demetrius captus sit a Parthis et frater eius uicto in Syria Tryphone bellum Parthis intulerit, qui cum exercitu suo deletus est.

#### Prólogo do livro XXXVIII

No trigésimo oitavo volume, estão contidos os seguintes assuntos: como Mitridates Eupátor, tendo matado Ariarate, ocupou a Capadócia e, tendo vencido Nicomedes e Maltino, a Bitínia. Como, morto Ptolomeu Filómetor, o irmão dele, Fiscão, tendo recebido o reino, teve as revoltas do povo do Egito, a seguir, a guerra com sua própria esposa, Cleópatra, e com o rei da Síria, Demétrio. Ali, retoma-se como Demétrio foi capturado pelos partas e o irmão dele, tendo vencido Trifão, na Síria, teria levado guerra ao partas; como foi destruído com seu próprio exército.

#### PROLOGVS LIBRI XXXIX

Nono et tricensimo uolumine continentur haec: Vt extincto a Parthis Antiocho Sidete frater eius Demetrius dimissus regnum Syriae recepit subornatoque in bellum aduersus eum Alexandro Zabineo interiit: filiusque eius Antiochus Grypos uicto Zabinaeo regnum occupauit: dehinc cum fratre suo Antiocho Ciziceno bellum in Syria Ciliciaque gessit. Vt Alexandria mortuo rege Ptolomaeo

#### Prólogo do livro XXXIX

No trigésimo nono volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, tendo Antíoco Sidetes sido assassinado pelos partas, o irmão dele, Demétrio, libertado, recuperou o reino da Síria e, tendo sido Alexandre Zabineu incitado a uma guerra contra ele, morreu. E o filho dele, Antíoco Gripo, tendo vencido Zabineu, ocupou o reino. Depois, travou uma guerra com seu próprio irmão, Antíoco Ciziceno, na Síria e na Cilícia. Como, em Alexandria, tendo sido morto o rei Ptolomeu Fiscão, o filho dele Ptolomeu Látiro, após

Physcone filius eius Ptolomaeus Lathyros accepto regno expulsus est a matre Cyprum et in Syria bello petitus ab eadem, suffecto in locum eius fratre Alexandro, donec occisa per Alexandrum matre recepit Aegypti regnum. Vt post Lathyrum filius Alexandri regnarit expulsoque eo suffectus sit Ptolomaeus Nothus. Vt Syriam Iudaei et Arabes terrestribus latrociniis infestarint, mari Cilices piraticum bellum mouerint, quod in Cilicia Romani per Marcum Antonium gesserunt. Vt in Syria Heracleo post mortem regis occuparit imperium.

receber o reino, foi expulso pela mãe para o Chipre e procurado por ela na Síria com guerra, tendo como substituto em seu lugar o irmão dele, Alexandre, até que, assassinada a mãe por Alexandre, recebeu o reino do Egito. Como reinou, após Látiro, o filho de Alexandre e, expulso, foi substituído por Ptolomeu Noto. Como os judeus e os árabes assolaram a Síria com latrocínios terrestres; os cilícios provocaram, no mar, a guerra pirática, que os romanos travaram, na Cilícia, por meio de Marco Antônio. Como, na Síria, após a morte do rei, Heracleu tomou de assalto a soberania.

#### PROLOGVS LIBRI XL

Quadragesimo uolumine continentur haec: Vt mortuo Grypo rege Cyzicenus cum filiis eius bello congressus interiit, hi deinde a filio Cyziceni Eusebe <extincti sunt: et ut repetito domestico bello><sup>415</sup>; extinctaque regum Antiochorum domo Tigranes Armenius Syriam occupauit, quo mox uicto Romani abstulere eam. Vt Alexandriam post interitum Ptolomaei Lathyri substituti sint eius filii: alteri data Cypros, cui P. Clodii rogatione Romani abstulerunt eam; alter seditione flagitatus Alexandriae Romam profugit belloque per Gabinium gesto recepit imperium: quo mortuo successit filius, qui cum sorore Cleopatra certamine insumpto et

#### Prólogo do livro XL

No quadragésimo volume, estão contidos os seguintes assuntos: como, morto o rei Gripo, Ciziceno, tendo-se encontrado em guerra com os filhos dele, morreu; a seguir, estes <foram extintos> pelo filho de Ciziceno, Eusébio, <e como é retomada a guerra interna>; e extinta toda a casa dos reis dos Antíocos, Tigranes Armênio ocupou a Síria, a qual os romanos, logo, tomaram dele, derrotado. Como, em Alexandria, após a morte de Ptolomeu Látiro, os filhos dele o substituem: a um foi dado o Chipre que os romanos tomaram dele por prerrogativa de P. Clódio; o outro, importunado por uma revolta de Alexandria, escapou para Roma e recebeu a soberania pela guerra realizada por Gabínio. Tendo sido aquele morto, sucedeu-lhe seu filho, que engajado em uma peleja com a irmã, Cleópatra, matou Pompeio Magno e travou guerra com César em Alexandria. Como

<sup>415</sup> Em Mineo (2016, p. 19, cf. Justin), apenas <interfecti>.

Pompeium magnum interfecit et bellum cum Caesare Alexandriae gessit. Vt successit eius regno soror Cleopatra, quae inligato in amorem suum M. Antonio belli Actiaci fine extinxit regnum Ptolomaeorum.

sucedeu-lhe, no reino, sua irmã, Cleópatra, que, tendo atado M. Antônio a seu amor, extinguiu o reino dos Ptolomeus com a Guerra do Ácio.

#### PROLOGVS LIBRI XLI

Vno et quadragensimo uolumine continentur res Parthicae et Bactrianae: In Parthicis ut est constitutum imperium per Arsacem regem. Successores deinde eius Artabanus et Tigranes cognomine Deus, a quo subacta est Media et Mesopotamia. Diciturque in excessu Arabiae situs. In Bactrianis autem rebus ut a Diodoto rege constitutum imperium est: deinde quo repugnante Scythicae gentes, Saraucacae et Asiani, Bactra occupauere et Sogdianos. Indicae quoque res additae, gestae per Apollodotum et Menandrum, reges eorum.

#### Prólogo do livro XLI

No quadragésimo primeiro volume, estão contidas as circunstâncias da Pártia e da Bácia. Quanto aos partas, como foi constituída a soberania pelo rei Arsáces. A seguir, os sucessores deles foram Artábano e Tigranes, chamado de Deus, por quem foram submetidas a Média e a Mesopotâmia. E é contada, em digressão, a situação da Arábia. Quanto à Bácia, por outro lado, as circunstâncias de como a soberania foi constituída pelo rei Diódoto; a seguir, com ele opondo resistência, as gentes da Cítia, os saraucas e os asiáticos ocuparam a Bácia e os sogdianos. Também são adicionadas as situações da Índia, os feitos de Apolódoto e Menandro, reis deles.

#### PROLOGVS LIBRI XLII

Secundo et quadragensimo uolumine continentur Parthicae res: Vt praefectus Parthis a Phrate Himerus Mesenis bellum intulit et in Babylonios et Seleucenses saeuit: utque Phrati successit rex Mithridates cognomine Magnus, qui Armeniis bellum intulit. Inde repetitae origines Armeniorum et

#### Prólogo do livro XLII

No quadragésimo segundo volume, estão contidas as circunstâncias da Pártia. Como Himero, posto à frente dos partas por Fraates<sup>416</sup>, levou guerra aos messênios e maltratou babilônios e selêucidas, e como o rei Mitrídates<sup>417</sup>, chamado de o Grande, que levou a guerra aos armênios, sucedeu a Fraates. Daí, são retomados as origens e os limites da Armênia. Com a sucessão instável

<sup>416</sup> Fraates II.

<sup>417</sup> Mitrídates II.



situs. Vt uaria conplurium regum in Parthis successione imperium accepit Orodes, qui Crassum deleuit et Syriam per filium Pacorum occupauit. Illi successit Phrates, qui et cum Antonio bellum habuit et cum Tiridate. Additae his res Scythicae. Reges Tocharorum Asiani interitusque Saraucarum.

de numerosos reis na Pártia, recebeu a soberania Orodes<sup>418</sup>, que arrasou Crasso e ocupou a Síria por meio do filho Pácoro. Àquele, sucedeu Fraates<sup>419</sup>, que travou guerra com Antônio e com Tiridates. A isto, acrescentam-se as circunstâncias da Cítia. Os reis asiáticos da Tocária e a destruição de sarauques.

#### PROLOGVS LIBRI XLIII

#### Prólogo do livro XLIII

Tertio et quadragensimo uolumine continentur origines priscorum Latinorum, situs urbis Romae et res usque ad Priscum Tarquinium. Origines deinde Liguriae et Massiliensium res gestae.

No quadragésimo terceiro volume, estão contidas as origens dos antigos latinos, a situação da urbe de Roma e suas circunstâncias até Prisco Tarquínio. A seguir, as origens da Ligúria e os feitos realizados pelos marselheses.

#### PROLOGVS LIBRI XLIV

#### Prólogo do livro XLIV

Quarto et quadragensimo uolumine continentur res Hispaniae et Punicae.

No quadragésimo quarto volume, estão contidas as circunstâncias hispânicas e púnicas.

---

<sup>418</sup> Orodes II.

<sup>419</sup> Fraates IV.

## APÊNDICE C – A tradução do *Epítome*, de Justino

Segue-se a tradução do *Epítome*. Os comentários que antecedem a seção anterior são válidos também para esta. Para acessar trechos específicos com mais facilidade, recomenda-se consultar o Quadro 3, presente no Apêndice A.

### PRAEFATIO

[1] Cum multi ex Romanis etiam consularis dignitatis uiri res Romanas Graeco peregrinoque sermone in historiam contulissent, seu aemulatione gloriae siue uarietate et nouitate operis delectatus uir priscae eloquentiae, Trogus Pompeius, Graecas et totius orbis historias Latino sermone composuit, ut, cum nostra Graece, Graeca quoque nostra lingua legi possent: prorsus rem magni et animi et corporis adgressus! [2] Nam cum plerisque auctoribus singulorum regum uel populorum res gestas scribentibus opus suum ardui laboris uideatur, nonne nobis Pompeius herculea audacia orbem terrarum adgressus uideri debet, cuius libris omnium saeculorum, regum, nationum populorumque res gestae continentur? [3] Et quae historici Graecorum, prout commodum cuique fuit, inter se gratiose occupauerunt, omissis quae sine fructu erant, ea omnia Pompeius diuisa temporibus et serie rerum digesta composuit. [4] Horum igitur quattuor et quadraginta uoluminum – nam totidem edidit –, per otium quo in Vrbe uersabamur, cognitione quaeque dignissima excerpsi, et

### Prefácio

[1] Embora muitos dos romanos, até homens da categoria de um cônsul, tivessem reunido, em narrativa histórica, os fatos romanos em grego e em idioma estrangeiro, Pompeio Trogo, um homem de eloquência venerável, ou atraído pela variedade e pela novidade do trabalho, ou mesmo pela emulação da glória, organizou as histórias gregas e do mundo todo em língua latina, de maneira que, já que a nossa história pode ser lida em língua grega, a grega, do mesmo modo, pudesse ser lida em nossa língua: sem dúvida, empreendeu uma obra de grande ânimo e corpo! [2] Com efeito, como a maior parte dos autores que escrevem os feitos realizados por únicos reis ou povos fazem sua obra parecer um trabalho árduo, não é verdade que Pompeio, cujos livros são compostos dos feitos realizados por todos os séculos, reis, nações e povos, que aborda o mundo inteiro, deve ser visto por nós como de uma audácia hercúlea? [3] E de tudo que os historiadores gregos ocuparam-se em separado, conforme o caminho foi apropriado para cada um, Pompeio reuniu esses feitos em tomos divididos pelo tempo e pelo encadeamento dos fatos com omissão dos que eram sem proveito. [4] Então, destes quarenta e quatro volumes – com efeito, publicou esse número –, escolhi de cada um, durante o ócio que na urbe estávamos vivendo, os fatos mais dignos ao conhecimento e, deixados de lado os que não era necessário conhecer nem por

omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate iucunda nec exemplo erant necessaria, breue ueluti florum corpusculum feci ut haberent et qui Graece didicissent, quo admonerentur, et qui non didicissent, quo instruerentur. [5] Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmisi, simul ut otii mei, cuius et Cato reddendam operam putat, apud te ratio constaret. [6] Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtreactionis inuidia decesserit, industriae testimonium habituro.

## LIBER I

[1, 1] Principio rerum gentium nationumque imperium penes reges erat quos ad fastigium huius maiestatis non ambitio popularis, sed spectata inter bonos moderatio prouehabat. [2] Populus nullis legibus tenebatur, arbitria principum pro legibus erant. [3] Fines imperii tueri magis quam proferre mos erat; intra suam cuique patriam regna finiebantur. [4] Primus omnium Ninus, rex Assyriorum, ueterem et quasi autum gentium morem noua imperii cupiditate mutauit. [5] Hic primus intulit bella finitimis et rudes adhuc ad resistendum populos terminos usque Libyae perdomuit. [6] Fuere quidem temporibus antiquiores Vezosis Aegyptius et Scythiae rex Tanaus, quorum alter in Pontum, alter usque Aegyptum excessit; [7] sed longinqua, non finitima gerebant bella, contentique uictoria

um aprazível divertimento, nem pelo exemplo, fiz, por assim dizer, uma breve antologia, de maneira que os que tivessem estudado em grego tivessem onde se lembrar, e os que não tivessem estudado, onde se instruir. [5] E enviei para ti, não tanto com a intenção de que o conheça melhor, quanto de que o corrija; ao mesmo tempo para que, junto de ti, estivesse seguro o resultado de meu ócio, cujo trabalho, como também supõe Catão, merece recompensa. [6] Por isso, basta para mim teu juízo no tempo apropriado: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, quando a inveja difamatória tiver cessado.

## Livro I

[1, 1] No princípio, a soberania das gentes e das nações estava nas mãos dos reis, os quais, ao ápice dessa grandeza, não a bajulação popular, mas a notável moderação, entre os bons, elevava. [2] O povo não era sujeitado por lei alguma, e as decisões dos aristocratas estavam no lugar das leis. [3] O costume era mais defender as fronteiras da soberania do que as estender; os domínios estavam limitados para cada um no interior de sua pátria. [4] O primeiro de todos que mudou o costume antigo e quase hereditário das gentes foi Nino, rei dos assírios, com uma nova ambição de governo. [5] Primeiro, ele levou guerras aos vizinhos até os limites da Líbia e subjogou os povos até então ignorantes para resistir. [6] Houve, certamente, em tempos anteriores, Vezosis, o egípcio, e Tanaus, rei dos citas; o primeiro destes avançou até o Ponto, e o outro, até o Egito; [7] mas travavam guerras com os (povos) longínquos, não com os vizinhos, e contentes com a vitória, buscavam não a soberania para si, mas a glória para seus

non imperium sibi, sed populis suis gloriam quaerebant. Ninus magnitudinem quaesitae dominationis continua possessione firmauit.

[8] Domitis igitur proximis, cum accessione uirium fortior ad alios transiret et proxima quaeque uictoria instrumentum sequentis esset, totius Orientis populos subegit. [9] Postremum bellum illi fuit cum Zoroastre, rege Bactrianorum, qui primus dicitur artes magicas inuenisse et mundi principia siderumque motus diligentissime spectasse. [10] Hoc occiso et ipse decessit, relicto adhuc inpubere filio Ninya et uxore Samiramide.

[2, 1] Haec neque inmaturo puero ausa tradere imperium nec ipsa palam tractare – tot ac tantis gentibus uix patienter uni uiro, nedum feminae parituris – simulat se pro uxore Nini filium, pro femina puerum. [2] Nam et statura utriusque mediocris et uox pariter gracilis et liniamentorum qualitas matri ac filio similis.

[3] Igitur bracchia et crura uelamentis, caput tiara tegit; et ne nouo habitu aliquid occultare uideretur, eodem ornato et populum uestiri iubet, quem morem uestis exinde gens uniuersa tenet. [4] Sic primis initiis sexum mentita puer esse credita est. [5] Magnas deinde res gessit quarum amplitudine ubi inuidiam superatam putat, quae sit fatetur quemue simulasset. [6] Nec hoc illi dignitatem regni ademit, sed admirationem auxit, quod mulier non feminas modo uirtute, sed etiam uiros anteiret. [7] Haec Babyloniam condidit murumque urbi cocto latere circumdedit,

próprios povos. Nino firmou, com uma posse duradoura, a extensão de seu domínio conquistado. [8] Subjugados, então, os mais próximos, como avançasse com o acréscimo mais vigoroso de recursos em direção aos outros, e cada próxima vitória fosse instrumento para as seguintes, submeteu os povos de todo Oriente. [9] A última guerra dele foi com Zoroastro, rei dos bactras, que dizem ser o primeiro a ter inventado as artes mágicas e a ter observado, com extremo cuidado, os primórdios do mundo e os movimentos das estrelas. [10] Morto Zoroastro, o próprio Nino faleceu, e seu filho Ninias, ainda impúbere, foi deixado junto à esposa, Semíramis.

[2, 1] Esta não ousa entregar o império ao rapaz imaturo nem o tomar para si publicamente – porque tantas e tamanhas gentes dificilmente se submeteriam com indulgência a um homem, muito menos a uma mulher –, finge-se filho de Nino em vez de esposa, um rapaz em vez de mulher. [2] Com efeito, a estatura mediana dos dois, a voz igualmente graciosa e a natureza das feições da mãe eram semelhantes às do filho. [3] Então, cobre os braços e as pernas com véus e a cabeça com uma tiara; e, para que não parecesse dissimular algo com a nova aparência, ordena que o povo vista-se com o mesmo ornamento, costume de traje que toda a gente mantém desde então. [4] Assim, desde o início, mentindo o sexo, foi julgada como um rapaz. [5] Logo, realizou grandes feitos, pela amplitude dos quais supõe a rejeição superada, confessa quem seria e quem teria fingido ser. [6] Isso não subtraiu a dignidade de sua autoridade, mas aumentou a admiração, uma vez que uma mulher teria sido capaz de sobrepujar, com sua virtude, não só às mulheres, mas também aos homens. [7] Ela fundou a Babilônia e dispôs ao redor da urbe um muro com tijolo

arenae uice bitumine interstrato, quae materia in illis locis passim e terra exaestuat. [8] Multa et alia praeclara huius reginae fuere, siquidem, non contenta adquisitos a uiro regni terminos tueri, Aethiopiam quoque imperio adiecit; [9] sed et Indis bellum intulit, quo praeter illam et Alexandrum Magnum nemo intrauit. [10] Ad postremum cum concubitus filii petisset ab eodem interfecta est, duos et XXXX annos post Ninum regno potita. [11] Filius eius Ninya, contentus elaborato a parentibus imperio, belli studia deposuit et, ueluti sexum cum matre mutasset, raro a uiris uisus in feminarum turba consenuit. [12] Posterius quoque eius id exemplum secuti responsa gentibus per internuntios dabant. [13] Imperium Assyrii, qui postea Syri dicti sunt, mille trecentis annis tenuere.

[3, 1] Postremus apud eos regnauit Sardanapallus, uir muliere corruptior. [2] Ad hunc uidendum – quod nemini ante eum permissum fuerat – praefectus ipsius Medis praepositus, nomine Arbactus, cum admitti magna ambitione aegre obtinisset, inuenit eum inter scortorum greges purpuras colorem et muliebri habitu, cum mollitia corporis et oculorum lasciuia omnes feminas anteiret, pensa inter uirgines partientem. [3] Quibus uisis, indignatus tali feminae tantum uirorum subiectum tractantique lanam ferrum et arma habentes parere, progressus ad socios quid uiderit refert, negat se ei parere posse, qui se feminam malit esse quam uirum. [4] Fit

cozido, entrecoberto, ao invés de areia, com betume – substância que, naqueles lugares, eleva-se fervendo em desordem do interior da terra. [8] Os feitos admiráveis da rainha foram muitos e variados, visto que, não satisfeita em proteger os limites do reino adquiridos por seu marido, acrescentou, do mesmo modo, a Etiópia à soberania; [9] mas também levou guerra às Índias, onde além dela e de Alexandre, o Grande, ninguém penetrou. [10] Por fim, como pretendesse deitar-se com o filho, foi morta por ele, senhora do reino durante quarenta e dois anos após Nino. [11] Seu filho, Ninias, contente com a soberania obtida pelo esforço de seus pais, depôs as intenções de guerra e, como se trocasse o sexo com a mãe, raramente visto entre os homens, envelheceu na turba de mulheres. [12] Do mesmo modo, seus descendentes, seguindo esse exemplo, davam as respostas aos povos por mensageiros. [13] O império dos assírios, que depois são chamados de sírios, subsistiu por mil e trezentos anos.

[3, 1] O último a reinar entre eles foi Sardanápalo, homem mais corrompido que uma mulher. [2] Como seu intendente, chamado Arbaces, comandante dos medos, penosamente teria conseguido, com muita solicitação, ser admitido para vê-lo – o que não fora permitido a ninguém antes dele –, encontrou-o entre bandos de concubinas, fiando púrpura com uma roca e, com aparência feminina, distribuindo entre as moças as tarefas, já que ele sobrepujava, pela brandura do corpo e pela lascívia dos olhos, todas as mulheres. [3] Em vista disso, indignado que tão grande contingente de homens fosse submetido a uma mulher desse tipo e que os hábeis com as armas e ferros obedecessem ao que maneja lã, de retorno aos aliados, relata o que viu e se nega a obedecer àquele que prefere ser uma mulher a um homem. [4] Então, uma conjuração é

igitur coniuratio. Bellum Sardanapallo infertur; quo ille audito, non ut uir regnum defensurus, sed, ut metu mortis mulieres solent, primo latebras circumspicit, mox deinde cum paucis et inconpositis in bellum progreditur. [5] Victus in regiam se recepit, ubi, extracta incensaque pyra, et se et diuitias suas in incendium mittit, hoc solo imitatus uirum. [6] Post hunc rex constituit interfectorem eius, Arbactus, qui praefectus Medorum fuerat; is imperium ab Assyriis ad Medos transfert.

[4, 1] Post multos deinde reges per ordinem successionis regnum ad Astyagen descendit. [2] Hic per somnum uidit ex naturalibus filiae, quam unicam habebat, uitem enatam, cuius palmitem omnis Asia obumbraretur. [3] Consulti arioli ex eadem filia nepotem ei futurum, cuius magnitudo praenuntietur, regni que ei amissionem portendi responderunt. [4] Hoc responso exterritus, neque claro uiro neque ciui filiam, ne paterna maternaque nobilitas nepoti animos extolleret, sed ex gente obscura tum temporis Persarum Cambysi, mediocri uiro, in matrimonium tradidit. [5] Ac ne sic quidem somnii metu deposito, grauidam ad se filiam arcessit ut sub aui potissimum oculis partus necaretur. [6] Natus infans datur occidendus Harpago, regis amico et arcanorum participi. [7] Is ueritus, si ad filiam, mortuo rege, uenisset imperium, quia nullum Astyages uirilis sexus genuerat, ne illa necati infantis ultionem, quoniam a

iniciada. Leva-se a guerra a Sardanápalo: o qual, tendo ouvido aquilo, não como um homem pronto a defender o reino, mas como as mulheres costumam fazer por medo da morte, considera primeiro esconderijos. Logo, avança, sem demora, à guerra com poucos e desordenados. [5] Vencido, retira-se ao palácio, de onde se atira, junto a suas riquezas, no incêndio de uma pira amontoada e acesa; nisso somente tendo imitado um homem. [6] Depois dele, seu assassino, Arbaces, o qual fora intendente dos medos, foi instituído rei; ele transfere a soberania dos assírios para os medos.

[4, 1] Logo, depois de muitos reis, o reino passa, por ordem de sucessão, a Astíages. [2] Este viu, em um sonho, uma videira, cujos ramos sombreavam toda a Ásia, nascendo das partes íntimas de sua filha, a única que tinha. [3] Consultados os videntes, responderam que ele haveria de ter, dessa mesma filha, um neto, cuja grandeza seria prenunciada, e que seria sinal da perda de seu reino. [4] Aterrorizado por esta resposta, entregou a filha em matrimônio não a um homem preclaro, nem a um cidadão – para que a nobreza paterna e materna não incutisse vontades no neto –, mas a Cambises dos persas, um homem mediano de uma gente, naquele tempo, desconhecida. [5] E como nem assim o medo do sonho foi afastado, foi buscar a filha grávida para junto de si, de maneira que o bebê fosse morto, de preferência, sob os olhos do avô. [6] O recém-nascido foi dado, para ser assassinado, a Harpago, amigo do rei e partícipe dos segredos. [7] Ele entrega o menino a um pastor do rebanho do rei para abandoná-lo, receoso que, se, com a morte do rei, a soberania viesse à filha – porque Astíages não tivera um do sexo masculino –, ela certamente exigiria vingança do

patre non potuisset, a ministro exigeret, pastori regii pecoris puerum exponendum, tradit. [8] Forte eodem tempore et ipsi pastori natus filius erat. [9] Eius igitur uxor, audita regii infantis expositione, summis precibus rogat sibi perferri ostendique puerum. [10] Cuius precibus fatigatus pastor, reuersus in siluam, inuenit iuxta infantem canem feminam paruulo ubera praebentem et a feris alitibusque defendentem. [11] Motus et ipse misericordia, qua motam etiam canem uiderat, puerum defert ad stabula, eadem cane anxie prosequente. [12] Quem ubi in manum mulier accepit, ueluti ad notam adludit, tantusque in illo uigor et dulcis quidam blandientis infantis risus apparuit, ut pastorem ultro rogaret uxor suum partum pro illo exponeret permitteretque sibi, siue fortunae ipsius; siue spei suae, puerum nutrire. [13] Atque ita permutata sorte paruulorum, hic pro filio pastoris educatur, ille pro nepote regis exponitur. [14] Nutrici postea nomen Spargos fuit, quia canem Persae sic uocant.

[5, 1] Puer deinde cum imperiosus inter pastores esset, Cyri nomen accepit. [2] Mox rex inter ludentes sorte delectus, cum per lasciuiam contumaces flagellis cecidisset, a parentibus puerorum querela regi delata, indignantibus a seruo regio ingenuos homines seruilibus uerberibus adfectos. [3] Ille, arcessito puero et interrogato, cum nihil

subordinado pelo assassinato do filho, pois que não tivesse podido exigí-la do pai. [8] Na mesma época, porventura, o próprio pastor tivera um filho. [9] A esposa dele, então, informada do abandono da criança real, roga, com as mais altas súplicas, para que o menino fosse levado e mostrado a ela. [10] O pastor, fatigado com suas preces, de volta à floresta, acha, ao lado da criança, uma cadela oferecendo suas tetas ao pequenino e o defendendo das feras e das aves. [11] E o próprio, movido pela compaixão com a qual vira também a cadela movida, traz o menino para a cabana; a mesma cadela diligentemente o seguindo. [12] Quando a mulher recebeu-o em mãos, ele gracejou como se para um conhecido, e se fez evidente nele tamanho vigor e certo riso doce da cativante criança, que a esposa, espontaneamente, rogou ao pastor que abandonasse o seu bebê ao invés dele e permitisse a ela nutrir o menino, seja para fortuna do bebê, seja para sua própria esperança. [13] E, deste modo, invertida a sorte dos pequeninos, este é educado como filho de pastor, aquele é abandonado como neto do rei. [14] Depois, a ama foi nomeada “Esparco”, porque os persas assim chamam o cão.

[5, 1] Logo, como o menino desse ordens entre os pastores, recebeu o nome de *Ciro*<sup>420</sup>. [2] Escolhido, por sorteio, como rei entre os meninos que brincavam, dado que por prazer abatesse com açoites os rebeldes, a querela foi revelada ao rei pelos pais dos meninos, indignados que homens livres fossem oprimidos por um servo do rei com pancadas servis. [3] Ele, tendo o menino sido chamado e interrogado, porque tivesse respondido

<sup>420</sup> A partir de κῦρος (*kýros*), “senhor”, “soberano”. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) afirma que a informação é debatível, pois *Ciro* teria sido nomeado a partir de seu avô paterno.

mutato uultu fecisse se ut regem responderet; admiratus constantiam, in memoriam somnii responsique reuocatur. [4] Atque ita cum et uultus similitudo et expositionis tempora et pastoris confessio conuenirent, nepotem agnouit, [5] et quoniam defunctus sibi somnio uideretur agitato inter pastores regno, animum minacem dumtaxat in illo fregit. [6] Ceterum Harpago, amico suo, infestus in ultionem seruati nepotis, filium eius interfecit epulandumque patri tradidit. [7] Sed Harpagus, ad praesens tempus dissimulato dolore, odium regis in uindictam occasionemque distulit. [8] Interiecto deinde tempore, cum adoleuisset Cyrus, dolore orbitatis admonitus, scribit ei, ut ablegatus ab auo in Persas fuerit, ut occidi eum paruulum auus iusserit, ut beneficio suo seruatus sit, ut regem offenderit, ut filium amiserit. [9] Hortatur exercitum paret et pronam ad regnum uiam ingrediatur: Medorum transitionem pollicitus. [10] Epistula quia palam ferri nequibat, regis custodibus omnes aditus obsidentibus, exenterato lepore inseritur lepusque in Persas Cyro ferendus fido seruo traditur; addita retia, ut sub specie uenatoris dolus lateret.

[6, 1] Lectis ille epistulis, somnio adgredi iussus est et praemonitus, ut quem primum

com nenhuma alteração no rosto, o teria feito como um rei; admirado com sua firmeza, a memória do sonho e da predição é reinvocada. [4] E assim, como a similaridade do rosto, as circunstâncias da exposição e a confissão do pastor convergissem, reconheceu o neto, [5] e, porque lhe parecesse cumprido o sonho quando alçado ao reino entre os pastores, não mais o abalou um ânimo ameaçador. [6] De resto, hostil a Harpago, seu amigo, em vingança pelo neto preservado, matou o filho dele e o deu em refeição ao pai. [7] Mas Harpago, com a dor dissimulada naquele momento, guardou o ódio do rei para a vingança e o momento propício. [8] Logo, passado algum tempo, como Ciro crescesse, Harpago, aconselhado pela dor da perda, escreve a ele como teria sido exilado aos persas por seu avô; como seu avô o teria ordenado pequenino para ser morto; como teria sido salvo por seu favor; como teria ofendido ao rei; como teria perdido o filho. [9] Exorta-o a avançar na direção de um caminho favorável ao reino, e o exército obedece: a deserção dos medos era prometida. [10] Porque a carta não podia ser levada às claras com os guardas do rei plantados em todas as entradas, ela é inserida em uma lebre estripada, e a lebre é entregue a um servo leal para ser levada a Ciro, entre os persas; cordas foram acrescentadas, de maneira que o dolo estivesse escondido sob a aparência de uma caça.

[6, 1] Lidas as cartas<sup>421</sup>, ele, do mesmo modo, foi ordenado, em um sonho, a atacar e advertido para que tomasse como aliado em

<sup>421</sup> Embora, no trecho anterior, Justino refira-se a apenas uma carta, no singular, aqui, há plural. Em nota a esta passagem, Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera que, se o texto segue a versão apresentada em Heródoto, a mensagem foi dada por meio da carta e do relato daquele que a levou. Se não, outras cartas poderiam ter sido enviadas por outros nobres. De todo modo, isso não é explicitado no texto de Justino.



postera die obuium habuisset, socium coeptis adsumeret. [2] Igitur antelucano tempore ruri iter ingressus, obuium habuit seruum de ergastulo cuiusdam Medi, nomine Sybaren: [3] huius requisita origine, ut in Persis genitum audiuit, demptis conpedibus adsumptoque comite, Persepolim regreditur. [4] Ibi conuocato populo iubet omnes praesto cum securibus adesse et siluam uiae circumdatam excidere. [5] Quod cum strenue fecissent eosdem postera die adparatis epulis inuitat; [6] deinde cum alacriores ipso conuiuio factos uideret, rogat si condicio ponatur utrius uitae sortem legant, hesterni laboris an praesentium epularum? “Praesentium” ut adclamaure omnes, ait hesterno similem labori omnem uitam acturos quoad Medis pareant; si se secuti sint, hodiernis epulis. [7] Laetis omnibus bellum Medis infert. [8] Astyages, meriti sui in Harpago oblitus, summam belli eidem committit, [9] qui exercitum acceptum statim Cyro per deditionem tradit regisque crudelitatem perfidia defectionis ulciscitur. [10] Quod ubi Astyage audiuit, contractis undique auxiliis, ipse in Persas proficiscitur et, repetito alacrius certamine, pugnantibus suis partem exercitus de tergo ponit et tergiuersantes ferro agi in hostes iubet [11] ac denuntiat suis, ni uincerent, non minus fortes post terga inuenturos, quam a frontibus uiros: proinde uideant fugientibus haec an illa pugnantibus acies rumpenda sit. [12] Ingens

seus planos o primeiro que aparecesse no dia seguinte. [2] Então, antes de amanhecer, tendo começado um caminho no campo, tomou um servo, chamado Síbaris, que saiu do calabouço de um certo medo: [3] tendo requisitado a origem dele, como ouviu ter nascido na Pérsia, tiradas as suas algemas e favorecido como companheiro, retorna a Persépolis. [4] Ali, convocado o povo, ordena a todos, no local, a cortarem com machados a floresta cercada pela estrada. [5] Porque tivessem executado isso com diligência, no dia seguinte, convida-os a um suntuoso festim. [6] Logo, como os visse mais entusiasmados com o próprio banquete, pergunta, se a condição fosse posta, qual das duas sortes de vida prefeririam: os trabalhos de ontem ou os festins do presente? Como todos gritaram “o presente”, fala que teriam uma vida toda semelhante ao trabalho do dia anterior enquanto se submetessem aos medos; mas o festim de hoje, se o seguissem. [7] Com todos felizes, leva-se guerra aos medos. [8] Astíages, esquecido de seu castigo a Harpago, confia a ele o comando de guerra, [9] o qual, sem demora, entrega a Ciro, por meio de uma rendição, o exército recebido e vinga a crueldade do rei com pérfida deserção. [10] Quando Astíages ouviu isso, parte contra os persas com as tropas auxiliares reunidas de todas as partes e, entusiasmado com a peleja retomada, põe parte de seu exército na retaguarda dos combatentes, ordena avançar com ferro contra as hostes titubeantes [11] e declara aos seus que, se não vencessem, haveriam de encontrar homens não menos fortes na retaguarda, do que os que estavam à frente: assim, veriam esta linha de batalha ser rompida como fugitivos ou aquela como combatentes. [12] Um grande ânimo foi acrescentado ao seu exército a partir da necessidade de combater, [13] e como, repelida, a linha dos persas aos poucos

post necessitatem pugnandi animus exercitui eius accessit, [13] pulsataque Persarum acies cum paulatim cederet, matres et uxores eorum obuiam occurrunt: orant in proelium reuertantur; [14] cunctantibus, sublata ueste, obscena corporis ostendunt rogantes, num in uteros matrum uel uxorū uellent refugere. [15] Hac repressi castigatione in proelium redeunt et, facta inpressione, quos fugiebant fugere compellunt. [16] In eo proelio Astyages capitur, cui Cyrus nihil aliud quam regnum abstulit nepotemque in illo magis quam uictorem egit, eumque maximae genti Hyrcanorum praeposuit. Nam in Medos reuerti ipse noluit. [17] Hic finis imperii Medorum fuit. Regnauerunt annis CCCL.

[7, 1] Initio regni, Cyrus Sybaren, coeptorum socium quem iuxta nocturnum uisum ergastulo liberauerat comitemque in omnibus rebus habuerat, Persis praeposuit sororemque suam ei in matrimonium dedit. [2] Sed ciuitates, quae Medorum tributariae fuerant, mutato imperio, etiam condicionem suam mutatam arbitantes, a Cyro defecerunt, quae res multorum bellorum Cyro causa et origo fuit. [3] Domitis deinde plerisque, cum aduersus Babylonios bellum gereret, Babyloniis rex Lydorum Croesus, cuius opes diuitiaeque insignes ea tempestate erant, in auxilium uenit; uictusque iam de se sollicitus in regnum refugit. [4] Cyrus quoque post uictoriam, compositis in Babylonia rebus, bellum transfert in Lydiam. [5] Ibi fortuna

recuasse, as mães e as esposas persas dirigiram-se ao seu encontro: rogam que retornem à batalha; [14] com as vestes levantadas, as suplicantes mostram as partes íntimas aos hesitantes: acaso desejariam refugiar-se nos úteros de suas mães ou de suas esposas? [15] Com essa censura, os reprimidos voltam à batalha e, com a pressão feita, aqueles dos quais fugiam obrigam a fugir. [16] Nessa batalha, Astíages é capturado, de quem Ciro não tomou nada além do reino e agiu com ele mais como neto do que como vitorioso e o colocou à frente da mais importante gente dos hircânios. Com efeito, ele mesmo não quis retornar aos medos. [17] Esse foi o fim do império dos medos. Reinaram por trezentos e cinquenta anos.

[7, 1] No início de seu reino, Ciro, que assim como a premonição, libertara do calabouço Síbaris – aliado de seus planos e que mantivera a camaradagem em todos os acontecimentos –, colocou-o à frente dos persas e lhe deu sua irmã em matrimônio. [2] Mas as cidades que foram tributárias dos medos, pensando que, mudada a soberania, também sua condição havia mudado, revoltaram-se contra Ciro, acontecimento que foi, para Ciro, causa e origem de muitas guerras. [3] Logo, domadas em sua maior parte, como ele travasse guerra contra os babilônios, Creso, rei dos lídios, cujas riquezas e poderios eram insignes naquele tempo, veio em auxílio aos babilônios; e vencido, já alarmado por si, fugiu de volta para seu reino. [4] Ciro, do mesmo modo, depois da vitória, com as coisas apaziguadas na Babilônia, transfere a guerra para a Lídia. [5] Ali, derrota sem esforço o exército de Creso, que já estava abalado pela sorte na batalha anterior; o próprio Creso é

prioris proelii perculsum iam Croesi exercitum nullo negotio fundit; Croesus ipse capitur. [6] Sed quanto bellum minoris periculi, tanto et mitior uictoria fuit. [7] Croeso et uita et patrimonii partes et urbs Beroe concessa, in qua etsi non regiam uitam, proximam tamen maiestati regiae degeret. [8] Haec clementia non minus uictori quam uicto utilis fuit, [9] quippe ex uniuersa Graecia, cognito quod inlatum Croeso bellum esset, auxilia uelut ad commune extinguendum incendium confluebant, [10] tantus Croesi amor apud omnes urbes erat passurusque Cyrus graue bellum Graeciae fuit, si quid in Croeso crudelius consulisset. [11] Interiecto deinde tempore, occupato in aliis bellis Cyro, Lydi rebellauere: [12] quibus iterum uictis arma et equi adempti iussique cauponas et ludicras artes et lenocinia exercere. [13] Ac sic gens industria quondam potens et manu strenua, effeminata mollitie luxuriaque, uirtutem pristinam perdidit et quos ante Cyrum inuictos bella praestiterant, in luxuriam lapsos otium ac desidiam superauit. [14] Fuere Lydis multi ante Croesum reges uariis casibus memorabiles, nullus tamen fortunae Candauli comparandus. [15] Hic uxorem, quam propter formae pulchritudinem deperibat, praedicare omnibus solebat, non contentus uoluptatum suarum tacita conscientia, nisi etiam matrimonii reticenda publicaret, [16] prorsus quasi silentium damnum pulchritudinis esset. [17] Ad postremum, ut adfirmationi suae

capturado. [6] Mas tanto foi a guerra de menor perigo, quanto mais indulgente a vitória. [7] A Cresos, são concedidas a vida, partes do patrimônio e a urbe Bereia, na qual viveria, se não uma vida régia, uma próxima à majestade régia. [8] Esta clemência não foi menos vantajosa para o vencedor que para o vencido, [9] pois, quando foi descoberto que se levara uma guerra a Cresos, tropas auxiliares de toda a Grécia confluíam como se para extinguir um incêndio a bens comuns; [10] havia tamanha afeição por Cresos junto a todas as urbes, de modo que Ciro haveria de suportar uma guerra severa da Grécia se, por acaso, tivesse, cruelmente, tomado medidas contra Cresos. [11] Logo, passado algum tempo, estando Ciro ocupado em outras guerras, os lídios revoltam-se: [12] aos quais, mais uma vez vencidos, subtraídos armas e cavalos, é ordenado que se encarreguem de estalagens, artes lúdicas e prostituição. [13] E assim uma gente outrora poderosa por sua engenhosidade e de mão infatigável, com efeminada delicadeza e luxúria, perdeu a virtude inicial, e o ócio e a indolência superaram aqueles que, invictos em guerras antes de Ciro, caíram em luxúria. [14] Antes de Cresos, houve numerosos reis dos lídios, com diferentes desventuras memoráveis, contudo nenhum comparável à sorte de Candaulos. [15] Este costumava gabar-se a todos de que morria de amor pela beleza da figura de sua esposa, não contente com a tácita consciência de seus prazeres, a não ser que tornasse públicos também os detalhes do matrimônio que devem ser silenciados, [16] em suma, como se o silêncio fosse um prejuízo à beleza. [17] Por fim, para que desse idoneidade à sua afirmação, mostra-a nua ao seu camarada Giges. [18] Com esse fato, Candaulos fez do amigo, incitado ao adultério da esposa, um inimigo para si e distanciou de si a esposa, tal como se tivesse sido entregue a outro por

fidem faceret, nudam sodali suo Gygi ostendit. [18] Quo facto et amicum in adulterium uxoris sollicitatum hostem sibi fecit et uxorem, ueluti tradito alii amore, a se alienauit. [19] Namque breui tempore caedes Candauli nuptiarum praemium fuit et uxor, mariti sanguine dotata, regnum uiri et se pariter adultero tradidit.

[8, 1] Cyrus, subacta Asia et uniuerso Oriente in potestatem redacto, Scythiis bellum infert.

[2] Erat eo tempore regina Scytharum Tamyris, quae non muliebriter aduentu hostium territa, cum prohibere eos transitu Araxis fluminis posset, transire permisit, et sibi faciliorem pugnam intra regni sui terminos rata et hostibus obiectu fluminis fugam difficiliorem. [3] Itaque Cyrus, traiectis copiis, cum aliquantisper in Scythiam processisset, castra metatus est. [4] Dein postera die, simulato metu, quasi refugiens castra deseruisset, ita uini adfatim et ea quae epulis erant necessaria reliquit; [5] quod cum nuntiatum reginae esset, adulescentulum filium ad insequendum eum cum tertia parte copiarum mittit. [6] Cum uentum ad castra Cyri esset, ignarus rei militaris adulescens, ueluti ad epulas, non ad proelium uenisset, omissis hostibus, insuetos barbaros uino se onerare patitur, [7] priusque Scythae ebrietate quam bello uincuntur. [8] Nam, cognitis his, Cyrus reuersus per noctem saucios opprimit omnesque Scythas cum reginae filio interficit. [9] Amissa tanto exercitu et, quod grauius doleret, unico filio, Tamyris orbitatis dolorem

amor. [19] E, com efeito, em breve tempo, o massacre de Candaulus foi o prêmio das núpcias, e sua esposa, tendo o sangue do marido por dote, entregou o reino do marido e, igualmente, a si mesma ao adúltero.

[8, 1] Ciro, tendo subjugado a Ásia e submetido todo o Oriente ao seu poder, leva guerra aos citas. [2] Naquela época, a rainha dos citas era Tamires, a qual, não aterrorizada à maneira das mulheres com a invasão dos inimigos, ainda que pudesse impedir a travessia do rio Araxes, permitiu que eles o atravessassem, certa de um combate mais fácil dentro dos limites de seu reino e de uma fuga mais difícil para os inimigos com o obstáculo do rio. [3] E assim, Ciro, tendo atravessado suas tropas e avançado por algum tempo na Cítia, levantou um acampamento. [4] Depois, no dia seguinte, com simulado temor, como se tivesse desertado, fugindo do acampamento, deixou para trás vinho em abundância e aquilo que era necessário a um banquete; [5] como isso fosse anunciado à rainha, ela envia o filho adolescente em perseguição do rei com um terço de suas tropas. [6] Quando chega aonde o acampamento de Ciro estava, o adolescente ignorante da ação militar, como se tivesse vindo a um festim e não a uma batalha, esquecidos os inimigos, permite aos bárbaros não habituados a se fartar de vinho, [7] e os citas são vencidos antes pela embriaguez do que pela guerra. [8] Com efeito, consciente disso, Ciro, tendo retornado durante a noite, surpreende os bêbados e assassina todos os citas junto com o filho da rainha. [9] Tendo perdido tamanho exército e, o que mais severamente lhe doía, o único filho, Tamires não derramou a dor da

non in lacrimas effudit, sed in ultionis solacia intendit hostesque recenti uictoria exultantes pari insidiarum fraude circumuenit; [10] quippe, simulata diffidentia propter uulnus acceptum, refugiens Cyrum ad angustias usque perduxit. [11] Ibi, compositis in montibus insidiis, ducenta milia Persarum cum ipso rege trucidauit. [12] In qua uictoria etiam illud memorabile fuit, quod ne nuntius quidem tantae cladis superfuit. [13] Caput Cyri amputatum in utrem humano sanguine repletum coici regina iubet cum hac exprobratione crudelitatis: “Satia te, inquit, sanguine, quem sitisti cuiusque insatiabilis semper fuisti”. [14] Cyrus regnauit annis XXX, non initio tantum regni, sed continuo totius temporis successu admirabiliter insignis.

[9, 1] Huic successit filius Cambyses, qui imperio patris Aegyptum adiecit; [2] sed, offensus superstitionibus Aegyptiorum, Apis ceterorumque deorum aedes dirui iubet; [3] ad Hammonis quoque nobilissimum templum expugnandum exercitum mittit, qui tempestatibus et harenarum molibus oppressus interiit. [4] Post haec, per quietem uidit fratrem suum Mergidem regnaturum; [5] quo somnio exterritus non dubitauit post sacrilegia

perda em lágrimas, mas planejou suas consolações na vingança e cercou, com igual estratégia de emboscadas, os inimigos exultantes com a vitória recente; [10] o fato é que, batendo em retirada, com simulada hesitação por causa do golpe recebido, conduziu Ciro até um desfiladeiro. [11] Ali, com emboscadas coordenadas nos montes, trucidou duzentos mil dos persas, incluído o próprio rei. [12] Nessa vitória também houve algo de memorável: o fato de que nem ao menos um mensageiro sobreviveu a tamanho desastre. [13] A rainha ordena que a cabeça cortada de Ciro seja colocada em um odre repleto com sangue humano junto a essa censura de sua crueldade: “sacia-te”, diz, “em sangue, tu que tinhas sede e do qual sempre foste insaciável”. [14] Ciro reinou por trinta anos, admiravelmente insigne não apenas no início de seu reino, mas por seu contínuo sucesso ao longo de todo o tempo.

[9, 1] Sucedeu-lhe seu filho, Cambises, que acrescenta o Egito ao império paterno. [2] Incomodado com as superstições dos egípcios, ordena destruir os templos de Ápis e do resto dos deuses. [3] Do mesmo modo, para tomar de assalto o templo nobilíssimo de Âmon, envia um exército, o qual pereceu esmagado pelas tempestades e pelas dunas de areias. [4] Depois disso, viu, durante o sono, que seu irmão Mergides<sup>422</sup> seria rei; [5] (Cambises), apavorado com o sonho, não vacilou em cometer também parricídio<sup>423</sup> após os sacrilégios. [6] De fato, era difícil que perdoasse os seus, quem, com desprezo

<sup>422</sup> Outros autores chamam-no de Esmédis.

<sup>423</sup> Embora Cambises mate seu irmão, de modo que seria esperado o uso, em português, de fratricídio, optou-se por manter uma tradução mais literal do termo *parricidium*, que tem, em latim, sentido mais amplo do que ocorre no português e, conforme aponta Castro Sánchez (2008, p. 122) em nota a outro trecho, também no espanhol. Essa opção também é seguida em outras passagens em que o termo é utilizado.

etiam parricidium facere. [6] Erat enim difficile ut parceret suis, qui cum contemptu religionis grassatus etiam aduersus deos fuerat. [7] Ad hoc tam crudele ministerium magum quendam ex amicis delegit, nomine Cometen [8] Interim ipse gladio sua sponte euaginato in femur grauiter uulneratus occubuit poenasque luit seu imperati parricidii seu perpetrati sacrilegii. [9] Quo nuntio accepto, magus ante famam amissi regis occupat facinus prostratoque Mergide, cui regnum debebatur, fratrem suum subiecit Oropasten. [10] Erat enim et oris et corporis liniamentis persimilis, ac nemine subesse dolum arbitrante, pro Mergide rex Oropasta constituitur; [11] quae res eo occultior fuit, quod apud Persas persona regis sub specie maiestatis occultitur. [12] Igitur magi ad fauorem populi conciliandum tributa et militiae uacationem in triennium remittunt, [13] ut regnum, quod fraude quaesierant, indulgentiae largitionibus confirmarent. [14] Quae res suspecta primo Hostani, uiro nobili et in conjectura sagacissimo, fuit. [15] Itaque per internuntios quaerit de filia, quae inter regias paelices erat, an Cyri filius rex esset. [16] Illa nec se ipsam scire ait nec ex alia posse cognoscere, quia singulae separatim recludantur. [17] Tum pertractare caput dormienti iubet, nam mago Cambyses aures utrasque praeciderat. [18] Factus dein per filiam certior sine auribus regem esse, optimatibus Persarum rem indicat et in

às religiões, também investira contra os deuses. [7] Escolheu, dentre seus amigos, um certo mago chamado Cometes para essa tão cruel função. [8] Nesse ínterim, o próprio Cambises, ferido severamente na coxa por sua espada que se desembainhou sozinha, caiu morto e pagou as punições de seu próprio império de parricídio e do sacrilégio perpetrado. [9] Recebida a notícia, o mago ocupa-se com uma falta antes do rumor da perda do rei e, morto Mergides, a quem o reino era devido, o substitui por seu irmão Oropaste. [10] De fato, os traços de rosto e de corpo eram muito semelhantes, e, com ninguém julgando que houvesse um dolo encoberto, Oropaste é feito rei no lugar de Mergides; [11] coisa que foi ainda mais ocultada, porque, entre os persas, a pessoa do rei é oculta sob o pretexto de sua majestade. [12] Então, os magos, para cativar o favor do povo, renunciaram ao tributo e ao serviço militar por três anos, [13] de maneira que consolidassem o reino, que por fraude obtiveram, mediante as liberalidades de sua indulgência. [14] Essa ação foi suspeita, primeiramente, a Otame, homem nobre e sagacíssimo em conjectura. [15] Assim, ele investiga, por intermediários, a partir de sua filha, que estava entre as concubinas reais, se acaso o filho de Ciro seria o rei. [16] Ela diz não saber por si própria, nem poder conhecer por meio de outra, porque cada uma seria encarcerada separadamente. [17] Depois disso, ele lhe ordena a examinar a sua cabeça enquanto ele dormia, pois, de fato, Cambises cortara as duas orelhas ao mago. [18] Logo, sendo mais confirmado pela filha o fato de o rei não ter orelhas, revela a verdade aos aristocratas persas e coage os impelidos por um juramento religioso ao massacre do falso rei. [19] Apenas sete souberam de sua conjuração, para que, com poucos, não fosse dado espaço ao arrependimento, e a ação não fosse narrada por alguém. Eles avançam ao

caedem falsi regis impulsos sacramenti religione obstringit. [19] Septem tantum conscii fuere huius coniurationis, qui ex continenti, ne dato in paenitentiam spatio, res per quemcumque narraretur, occultato sub ueste ferro ad regiam pergunt. [20] Ibi, obuiis interfectis, ad magos perueniunt, quibus ne ipsis quidem animus in auxilium sui defuit, [21] siquidem stricto ferro duos de coniuratis interficiunt. [22] Ipsi tamen corripuntur a pluribus, quorum alterum Gobryas medium amplexus, cunctantibus sociis, ne ipsum pro mago transfoderent, quia res obscuro loco gerebatur, uel per suum corpus adigi mago ferrum iussit. [23] Fortuna tamen ita regente, illo incolumi, magus interficitur.

[10, 1] Occisis magis, magna quidem gloria recuperati regni principum fuit, sed multo maior in eo, quod, cum de regno ambigerent, concordare potuerunt. [2] Erant enim uirtute et nobilitate ita pares, ut difficilem ex his populo electionem aequalitas faceret. [3] Ipsi igitur uiam inuenerunt, qua de se iudicium religioni et fortunae committerent, [4] pactique inter se sunt, ut die statuta omnes equos ante regiam primo mane perducerent et cuius equus inter solis ortum hinnitum primus edidisset, is rex esset. [5] Nam et solem Persae unum deum esse credunt et equos eidem deo sacratos ferunt. [6] Et erat inter coniuratos Darius, Hystaspi filius, cui de regno sollicito equi custos ait, si ea res uictoriam moraretur, nihil negotii superesse. [7] Per noctem deinde

palácio real com ferro oculto sob as vestes. [20] Ali, matando os que encontraram, chegam aos magos, aos quais, ao menos, não faltou ânimo em seu próprio auxílio, [21] visto que, com ferro empunhado, assassinam dois dos conjurados. [22] Eles, no entanto, são reduzidos por muitos mais, entre os quais Gobrias, que abraçado a um dos magos, ordena, aos aliados que temiam transpassá-lo ao invés do mago – uma vez que a ação fosse executada em local obscuro –, que cravem o ferro no mago, mesmo que através de seu corpo. [23] No entanto, regendo a sorte, com ele incólume, o mago é assassinado.

[10, 1] Mortos os magos, a glória dos aristocratas por terem recuperado o reino foi, sem dúvida, grande, mas muito maior quanto ao fato de que, embora disputassem o poder, foram capazes de concordar. [2] Com efeito, como eram parelhos em virtude e nobreza, do mesmo modo a igualdade fez a escolha entre eles difícil ao povo. [3] Eles, então, encontraram uma via por meio da qual confiassem no julgamento da religião e em sua sorte [4] e estipularam entre si que, em um dia fixado, todos levassem cavalos diante do palácio real no início da manhã, e aquele cujo cavalo primeiro relinchasse ao nascer do sol seria rei. [5] De fato, os persas acreditam ser o sol o único deus e consideram também os cavalos sagrados para esse mesmo deus. [6] E estava entre os conjurados Dario, filho de Histaspes, a quem, inquieto quanto ao reino, o cavaleiro fala que se nessa ação residisse a vitória, não restaria dificuldade alguma. [7] Logo, ele conduziu, durante a noite, na véspera do dia

equum pridie constitutam diem ad eundem locum ducit ibique equae admittit, ratus ex uoluptate ueneris futurum quod euenit. [8] Postera die itaque, cum ad statutam horam omnes conuenissent, Darii equus, cognito loco, ex desiderio feminae hinnitum statim edidit et, segnibus aliis, felix auspiciu domino primus emisit. [9] Tanta moderatio ceteris fuit, ut audito auspicio confestim equis desilierint et Darium regem salutauerint. [10] Populus quoque uniuersus secutus iudicium principum, eundem regem constituit. [11] Sic regnum Persarum septem nobilissimorum uirorum uirtute quaesitum tam leui momento in unum conlatum est. [12] Incredibile prorsus tanta patientia cecissem eos, quod ut eriperent magis, mori non recusauerint. [13] Quamquam praeter formam uirtutemque hoc imperio dignam etiam cognatio Dario juncta cum pristinis regibus fuit. [14] Principio igitur regni, Cyri filiam in matrimonium recepit, regalibus nuptiis regnum firmaturus, ut non tam in extraneum translatum quam in familiam Cyri reuersum uideretur. [15] Interiecto deinde tempore, cum Assyrii descuissent et Babyloniam occupassent difficilisque urbis expugnatio esset, aestuante rege, unus de interfecto magorum, Zopyrus, domi se uerberibus lacerari toto corpore iubet, nasum, aures et labia sibi praecidi, atque ita regi inopinanti se offert. [16] Attonitum et quaerentem Darium causas auctoremque tam foedae lacerationis tacitus

determinado, o cavalo até o mesmo local e ali deixa uma égua, certo de que o futuro sobreviria devido à voluptuosidade do amor. [8] E assim, no dia seguinte, quando todos estavam reunidos na hora fixada, o cavalo de Dario, reconhecido o local, relinchou imediatamente devido ao desejo pela fêmea, e, morosos os outros, primeiro soltou um auspício feliz ao dono. [9] Tamanha moderação havia nos restantes que, ouvido o auspício, teriam, imediatamente, desmontado dos cavalos e saudado Dario como rei. [10] Do mesmo modo, o povo inteiro o estabeleceu rei, seguindo o julgamento dos aristocratas. [11] Desta maneira, o reino dos persas, reclamado pela virtude de sete dos homens mais nobres, foi reunido em um único devido a uma ocasião tão simples. [12] É incrível que, com tamanha resignação, eles o tenham cedido, porque não teriam objetado morrer para que o arrebatassem aos magos. [13] Se bem que, além de sua figura e virtude dignas dessa soberania, Dario também estava unido pelo parentesco aos antigos reis. [14] Então, no início do reinado, recebeu a filha de Ciro em matrimônio para fortalecer o reinado com núpcias reais, de modo que não parecesse tanto como se transferido ao estrangeiro, mas retornado à família de Ciro. [15] Logo, passado algum tempo, como os assírios tivessem abandonado a aliança e ocupado a Babilônia, e a retomada da urbe fosse difícil, com o rei estando inquieto, um dentre os assassinos dos magos, Zópiro, ordena aos escravos de casa ser lacerado com açoites por todo o corpo, cortarem seu nariz, suas orelhas e seus lábios, e assim se apresenta ao surpreso rei. [16] Discreto, expõe a Dario – que, atônito, questiona as causas e o responsável por lacerações tão graves – com qual propósito o teria feito e, formado o plano para o futuro, parte da Babilônia com o título de desertor. [17] Lá, mostra o corpo



quo proposito fecerit edocet, formatoque in futura consilio, transfugae titulo Babyloniam proficiscitur. [17] Ibi ostendit populo laniatum corpus, queritur crudelitatem regis, a quo in regni petitione non uirtute, sed auspicio, non iudicio hominum, sed hinnitu equi superatus sit; [18] iubet illos ex amicis exemplum capere, quid hostibus cauendum sit; [19] hortatur, ne moenibus magis quam armis confidant, patianturque se commune bellum recentiore ira gerere. [20] Nota nobilitas uiri pariter et uirtus omnibus erat, nec de fide timebant, cuius ueluti pignora uulnera corporis et iniuriae notas habebant. [21] Constituitur ergo dux omnium suffragio et accepta parua manu semel atque iterum cedentibus ex consulto Persis, secunda proelia facit. [22] Ac postremo uniuersum sibi creditum exercitum Dario prodit urbemque ipsam in potestatem eius redigit. [23] Post haec, Darius bellum Scythis infert, quod sequenti uolumine referetur.

## LIBER II

[1, 1] In relatione rerum a Scythis gestarum, quae satis amplae magnificaeque fuerunt, principium ab origine repetendum est. [2] Non enim minus inlustria initia quam imperium habuere, nec uirorum magis quam feminarum uirtutibus claruere, [3] quippe cum ipsi Parthos Bactrianosque, feminae autem eorum Amazonum regna condiderint, [4] prorsus ut

mutilado ao povo, queixa-se da crueldade do rei, o qual, na disputa pelo reino, não pela virtude, mas por um auspício, não pelo julgamento dos homens, mas pelo relincho de um cavalo, teria sido coroado; [18] ordena-lhes que tomem o exemplo a partir do que estipulara aos amigos do que seria devido aos inimigos; [19] exorta-os a não confiarem mais nas muralhas do que no exército, e consintam a ele, com uma ira mais recente, gerar uma guerra comum. [20] A nobreza do homem e, igualmente, a virtude eram marcantes para todos: não temiam a palavra dada, cujas garantias tinham, por exemplo, as feridas do corpo e as marcas das injúrias. [21] Por conseguinte, ele é estabelecido comandante com aprovação de todos e, recebida uma pequena tropa, faz batalhas com o apoio dos persas, que recuam, uma e outra vez. [22] E, finalmente, entrega a Dario todo o exército confiado a si e subordina a própria urbe a seu poder. [23] Depois disso, Dario leva a guerra aos citas, o que é relatado no volume seguinte.

## Livro II

[1, 1] Quanto ao relato dos feitos dos citas, que foram bem amplos e magníficos, o princípio, desde sua origem, deve ser lembrado. [2] De fato, eles têm um início não menos ilustre do que sua soberania e não se notabilizaram devido a uma virtude maior dos homens do que das mulheres; [3] certamente, se eles (fundaram) os reinos dos partas e dos bactras, as mulheres deles, por sua vez, fundaram o das amazonas. [4] Em suma, quando são examinados os feitos dos

res gestas uirorum mulierumque considerantibus incertum sit uter apud eos sexus inlustrior fuerit. [5] Scytharum gens antiquissima semper habita, quamquam inter Scythas et Aegyptios diu contentio de generis uetustate fuerit: [6] Aegyptiis praedicantibus, initio rerum, cum aliae terrae nimio feruore solis arderent, aliae rigerent frigoris inmanitate, ita ut non modo primae generare homines, sed ne aduenas quidem recipere ac tueri possent, priusquam aduersus calorem uel frigus uelamenta corporis inuenirentur uel locorum uitia quaesitis arte remediis mollirentur, [7] Aegyptum ita temperatam semper fuisse, ut neque hiberna frigora nec aestiui solis ardores incolas eius premerent, [8] solum ita fecundum, ut alimentorum in usum hominum nulla terra feracior fuerit: [9] iure igitur ibi primum homines natos uideri debere, ubi educari facillime possent. [10] Contra Scythae caeli temperamentum nullum esse uetustatis argumentum putabant, [11] quippe naturam, cum primum incrementa caloris ac frigoris regionibus distinxit, statim ad locorum patientiam animalia quoque generasse, [12] sed et arborum ac frugum pro regionum condicione apte genera uariata; [13] et quanto Scythis sit caelum asperius quam Aegyptiis, tanto et corpora et ingenia esse duriora. [14] Ceterum si mundi quae nunc partes sunt, aliquando unitas fuit, siue inluuies aquarum principio rerum terras obrutas tenuit, siue ignis, qui et mundum genuit, cuncta

homens e das mulheres, é incerto qual dos dois sexos tenha sido mais ilustre. [5] A gente dos citas sempre foi considerada antiquíssima, contudo, há muito tempo, existia uma discussão a respeito da linhagem mais antiga: os citas ou os egípcios. [6] Os egípcios proclamavam que, no início das coisas, enquanto umas terras ardiam com o calor excessivo do sol, outras eram rijas pela brutalidade do frio, assim, não podiam, no princípio, gerar homens e nem acolher e velar por estrangeiros, antes que fossem inventadas roupas contra o calor ou o frio, ou as carências dos locais fossem abrandadas por recursos adquiridos pela arte. [7] Assim, como o Egito sempre foi temperado, e nem os frios do inverno, nem os ardores do sol de verão perseguissem os habitantes dele, [8] assim, o solo fecundo de alimentos teria sido mais fértil do que em qualquer terra para o uso do homem: [9] com razão, então, os primeiros homens devem ter nascido onde poderiam sustentar-se facilmente. [10] Contrariamente, os citas supunham que a moderação do clima não era prova alguma de antiguidade. [11] Certamente, a natureza, quando primeiro distinguiu as medidas de calor e de frio nas regiões, de imediato, conforme a tolerância do local, teria gerado, do mesmo modo, os animais [12] e, de modo apropriado, variadas espécies de árvores e grãos conforme a condição da região. [13] E, sendo o clima mais rigoroso para os citas do que para os egípcios, da mesma forma os corpos e as qualidades naturais são mais resistentes. [14] Se o restante do mundo, que agora são partes, outrora fora unido, seja porque, no princípio das coisas, uma inundação de águas submergiu as terras, seja porque o fogo, que também gerou o mundo, apossou-se de tudo, em um ou outro primórdio, os citas antepõem-se com sua origem. [15] Com efeito, se o fogo esteve primeiro no controle das coisas, o qual

possedit, utriusque primordiis Scythas origine praestare. [15] Nam si ignis prima possessio rerum fuit, qui paulatim extinctus sedem terris dedit, nullam prius quam septentrionalem partem hiemis rigore ab igne secretam, adeo ut nunc quoque nulla magis rigeat frigoribus; [16] Aegyptum uero et totum Orientem tardissime temperatum, quippe qui etiam nunc torrenti calore solis exaestuēt. [17] Quodsi omnes quondam terrae submersae profundo fuerunt, profecto editissimam quamque partem decurrentibus aquis primum detectam; humillimo autem solo eandem aquam diutissime immoratam; [18] et quanto prior quaeque pars terrarum siccata sit, tanto prius animalia generare coepisse. [19] Porro Scythiam adeo editiorem omnibus terris esse, ut cuncta flumina ibi nata in Maeotim, tum deinde in Ponticum et Aegyptium mare decurrant; [20] Aegyptum autem, quae tot regum, tot saeculorum cura inpensaque munita sit et aduersum uim incurrentium aquarum tantis structa molibus, tot fossis concisa, ut, cum his arceantur, illis recipiantur aquae, nihilo minus coli nisi excluso Nilo non potuerit nec possit, uideri hominum uetustate ultima, quae ex aggerationibus regum siue Nili trahentis limum terrarum recentissima uideatur. [21] His igitur argumentis superatis Aegyptiis antiquiores semper Scythae uisi.

[2, 1] Scythia autem in orientem porrecta includitur ab uno latere Ponto, ab altero montibus Riphæis, a tergo Asia et Phasi

extinto, pouco a pouco, deu morada às terras, parte alguma foi privada do fogo pelo rigor do inverno antes do que a setentrional, como até agora, do mesmo modo, nenhuma seria mais insensível ao frio; [16] na verdade, o Egito e todo o Oriente foi muito tardiamente temperado, visto que até agora ferve com o calor abrasador do sol. [17] Mas, se, outrora, todas as terras foram submersas no fundo do mar, seguramente qualquer parte mais elevada foi primeiro descoberta pelo escoamento das águas; no entanto, do mesmo modo, a água foi retida por mais tempo no solo mais baixo; [18] e quanto mais cedo uma parte das terras tenha sido seca, tanto antes teria começado a gerar animais. [19] Além disso, a Cítia era tão mais elevada que todas as terras, que, ali, todos os rios nascidos na Meótida, logo, corriam para o mar Pôntico e o Egípcio. [20] O Egito, no entanto – que teria sido fortificado com o cuidado e o gasto de tão grande número de reis e de tão grande número de séculos e edificado com tantas represas para reter a força contrária das águas correntes, cortado por tão grande número de fossas para que as águas retidas por aquelas fossem redistribuídas por essas – , não poderia ser habitado de maneira alguma a não ser que o Nilo fosse obstruído, e nem pode ser considerada como última em antiguidade entre os homens a terra que parece (ter surgido) dos loteamentos dos reis ou, muito recentemente, da lama trazida das terras pelo Nilo. [21] Superados, então, os argumentos egípcios, os citas são sempre vistos como os mais antigos.

[2, 1] A Cítia, no entanto, estende-se até o oriente, cercada, de um lado, pelo Ponto, de outro, pelos montes Rifeus, à retaguarda, pela Ásia e pelo rio Fásis. [2] Dispõe-se por

flumine. [2] Multum in longitudinem et latitudinem patet. [3] Hominibus inter se nulli fines. Neque enim agrum exercent, nec domus illis ulla aut tectum aut sedes est, armenta et pecora semper pascentibus et per incultas solitudines errare solitis. [4] Uxores liberosque secum in plaustris uehunt, quibus coriis imbrium hiemisque causa tectis pro domibus utuntur. [5] Iustitia gentis ingeniis culta, non legibus. [6] Nullum scelus apud eos furto grauius: quippe sine tecto munimentoque pecora et armenta habentibus quid inter siluas superesset, si furari liceret? [7] Aurum et argentum non perinde ac reliqui mortales adpetunt; [8] lacte et melle uescuntur; [9] lanae his usus ac uestium ignotus, et quamquam continuis frigoribus urantur, pellibus tamen ferinis ac murinis utuntur. [10] Haec continentia illis morum quoque iustitiam dedit, nihil alienum concupiscentibus; quippe ibi diuitiarum cupido est, ubi et usus [11] – atque utinam reliquis mortalibus similis moderatio abstinentiaque alieni foret! [12] profecto non tantum bellorum per omnia saecula terris omnibus continuaretur, [13] neque plus hominum ferrum et arma quam naturalis fatorum condicio raperet! – [14] Prorsus ut admirabile uideatur hoc illis naturam dare quod Graeci longa sapientium doctrina praeceptisque philosophorum consequi nequeunt, cultosque mores incultae barbariae conlacione superari. [15] Tanto plus in illis proficit uitiorum ignoratio quam in his

grande longitude e latitude. [3] Quanto aos homens, não há fronteira alguma entre si. De fato, não usam o campo, nem há, para eles, qualquer casa ou teto ou morada; apascentam, sempre, os rebanhos de bois e os de ovelhas e costumam errar pelas solidões agrestes. [4] Transportam as esposas e os filhos em carroças que, cobertas com couros por causa das chuvas e do inverno, utilizam em lugar de casas. [5] A justiça é cultivada pelas índoles da gente, não pelas leis. [6] Nenhum crime é mais severo para eles que o roubo: certamente, o que restaria do rebanho de ovelhas e do de bois, guardados sem teto e sem proteção, entre as florestas, se fosse permitido roubar? [7] Não procuram o ouro e a prata do mesmo modo que o restante dos mortais; [8] alimentam-se com leite e mel; [9] o uso da lã e de vestes é ignorado por eles e, embora sejam assolados pelo frio contínuo, utilizam, todavia, as peles de animais selvagens e roedores. [10] Essa sobriedade deu a eles costumes e, do mesmo modo, justiça, nada desejando de alheio; certamente, ali, o desejo por riqueza está onde também há o uso [11] – e queiram os deuses que a abstinência e a moderação sejam semelhantes para o restante dos mortais! [12] Seguramente, tamanhas guerras não seriam continuadas em todas as terras por todos os séculos, [13] nem o ferro e as armas arrebatariam mais homens do que a condição natural do destino! [14] Em suma, vejamos o quanto isto parece admirável: que a natureza lhes dê aquilo que os gregos, com a longa sabedoria dos sensatos e a instrução dos filósofos, não são capazes de alcançar, e que os costumes cultos, em comparação, sejam superados pela inculta barbárie. [15] A ignorância dos vícios é tão mais útil àqueles que o conhecimento da virtude para esses!

cognitio uirtutis!

[3, 1] Imperium Asiae ter quaesiuerunt; ipsi perpetuo ab alieno imperio aut intacti, aut inuicti mansere. [2] Darium regem Persarum turpi ab Scythia submouerunt fuga, [3] Cyrum cum omni exercitu trucidauerunt, [4] Alexandri Magni ducem Zopyrionem pariter ratione cum copiis uniuersis deleuerunt. [5] Romanorum audiuere, non sensere arma. [6] Parthicum et Bactrianum imperium ipsi condiderunt. [7] Gens laboribus et bellis aspera, uires corporum immensae; nihil parare quod amittere timeant, nihil uictores praeter gloriam concupiscunt. [8] Primus Scythis bellum indixit Vezosis, rex Aegyptius, missis prius legatis qui hostibus parendi legem dicerent. [9] Sed Scythae iam ante de aduentu regis a finitimis certiores facti legatis respondent [10] tam opulenti populi ducem stolide aduersus inopes occupasse bellum quod magis domi fuerit illi timendum [11] quod belli certamen anceps, praemia uictoriae nulla, damna manifesta sint. [12] Igitur non expectaturos Scythas dum ad se ueniatur, cum tanto sibi plura in hoste concupiscenda sint, ultroque praedae ituros obuiam. [13] Nec dicta res morata: quos cum tanta celeritate uenire rex didicisset, in fugam uertitur exercituque cum omni apparatu belli relicto, in regnum trepidus se recepit. [14] Scythas ab Aegypto paludes prohibuere. [15] Inde reuersi Asiam

[3, 1] Três vezes buscaram a soberania da Ásia; eles mesmos permaneceram sempre intactos ou invictos à soberania alheia. [2] Expulsaram Dario, rei dos persas, da Cítia com vergonhosa fuga, [3] trucidaram Ciro junto a todo o seu exército, [4] destruíram, com igual método, Zopirião, comandante de Alexandre, o Grande, junto a suas tropas inteiras<sup>424</sup>. [5] Ouviram, não sentiram, as armas dos romanos. [6] Eles fundaram a soberania parta e bactra. [7] Gente áspera pelos labores e pelas guerras, tem imensas forças físicas; nada obtiveram que temam perder; vitoriosos, nada cobiçam além da glória. [8] O primeiro que declarou guerra aos citas foi Vezosis, rei do Egito, com mensageiros enviados previamente para que dissessem aos inimigos a ordem a obedecer. [9] Mas os citas, já antes informados da chegada do rei pelos vizinhos, respondem aos embaixadores [10] que o comandante de tão opulento povo, o qual tem muito mais a ser temido em sua casa, teria, estupidamente, se ocupado com uma guerra contra pobres, [11] porque a desvantagem era clara com a peleja incerta da guerra e pelos despojos nulos da vitória. [12] Então, não esperando os citas que a guerra avançasse até eles, já que havia tamanhas riquezas para serem cobiçadas no inimigo, por sua própria conta estão em vias de proceder à pilhagem. [13] Palavras e ações não demoram: pois, o rei, quando soube que vinham com tamanha celeridade, é posto em fuga e, cheio de medo, recolheu-se ao reino, tendo deixado para trás o exército junto a todo o aparato bélico. [14] Os pântanos impediram os citas de chegar ao Egito. [15] De volta de lá, fizeram a submissa Ásia pagante de impostos com um tributo módico exigido mais em

<sup>424</sup> Justino faz menção a este episódio também em 12.1.4-5 e 12.2.16.

perdomitam uectigalem fecere, modico tributo magis in titulum imperii quam in uictoriae praemium inposito. [16] XV annis pacandae Asiae inmorati uxorum flagitatione reuocantur, per legatos denuntiantibus, ni redeant, subolem se ex finitimis quaesituras nec passuras, ut in posteritatem Scytharum genus per feminas intercidat. [17] His igitur Asia per mille quingentos annos uectigalis fuit. [18] Pependi tributi finem Ninus, rex Assyriorum, inposuit.

[4, 1] Sed apud Scythas medio tempore duo regii iuuenes Plynos et Scolopitus, per factionem optimatum domo pulsi, ingentem iuuentutem secum traxere, [2] et in Cappadociae ora iuxta amnem Thermodonta consederunt subiectosque Themiscyrios campos occupauere. [3] Ibi, per multos annos spoliare finitimos adsueti, conspiratione populorum per insidias trucidantur. [4] Horum uxores, cum uiderent exilio suo additam orbitatem, arma sumunt finesque suos submouentes primo, mox etiam inferentes bella defendunt. [5] Nubendi quoque finitimis animum omisere, seruitutem, non matrimonium appellantes. [6] Singulare omnium saeculorum exemplum, auxere rem publicam sine uiris, iam etiam cum contemptu uirorum tuentur. [7] Et ne feliciores aliae aliis uiderentur, uiros, qui domi remanserant, interficiunt. [8] Ultionem quoque caesorum coniugum excidio finitimorum consequuntur. [9] Tum pace armis quaesita, ne genus

de soberania do que em prêmio pela vitória. [16] Como se detiveram durante quinze anos dominando a Ásia, foram chamados de volta pela reclamação das esposas, avisados, por meio de embaixadores, que se não retornassem, elas procurariam descendência a partir dos vizinhos e que eles não sofressem se a raça dos citas se interrompesse na posteridade por causa das mulheres. [17] Então, a Ásia foi pagante de impostos por mil e quinhentos anos. [18] Nino, rei dos assírios, impôs a suspensão do tributo.

[4, 1] Mas, junto aos citas, nesse meio tempo, dois jovens reais, Plino e Escolopito, tendo sido expulsos da pátria por ação dos aristocratas, levaram consigo um grande número de jovens, [2] assentaram-se nos confins da Capadócia, próximos à corrente do Termodonte, e ocuparam os campos adjacentes ao rio. [3] Ali, por se terem acostumado, ao longo de muitos anos, a espoliar os vizinhos, são trucidados, mediante emboscadas, por conspiração dos povos. [4] As esposas deles, como viam a viuvez somada ao exílio, tomam armas e, primeiro repelindo os vizinhos, defendem as suas fronteiras; em pouco tempo, também elas suscitam as guerras. [5] Do mesmo modo, abandonaram o ânimo de casar, que chamam de servidão, não de matrimônio. [6] Sendo um exemplo singular de todos os séculos, ampliaram uma república sem homens e até a protegem com desprezo dos homens. [7] E, para que umas não parecessem mais felizes que as outras, assassinam os homens que permaneceram na pátria. [8] Do mesmo modo, obtêm vingança pelos maridos mortos com a destruição dos vizinhos. [9] Depois disso, tendo adquirido a paz pelas armas, para que a descendência não perecesse, começam a se deitar com os

interiret, concubitus finitimorum ineunt. [10] Si qui mares nascerentur, interficiebant. Virgines in eundem ipsis morem, non otio neque lanificio, [11] sed armis, equis, uenationibus exercebant, inustus infantum dexterioribus mammis, ne sagittarum iactus impediatur, unde dictae Amazones. [12] Duae his reginae fuere, Martesia et Lampeto, quae in duas partes agmine diuiso, inclitae iam opibus, uicibus gerebant bella, soli terminos alternis defendentes, [13] et ne successibus deesset auctoritas, genitas se Marte praedicabant. [14] Itaque, maiore parte Europae subacta, Asiae quoque nonnullas ciuitates occupauere. [15] Ibi, Epheso multisque aliis urbibus conditis, partem exercitus cum ingenti praeda domum dimittunt. [16] Reliquae, quae ad tuendum Asiae imperium remanserant, concursu barbarorum cum Martesia regina interficiuntur. [17] In huius locum filia eius Orithyia regno succedit, cui praeter singularem belli scientiam, eximia seruatae in omne aeuum uirginitatis admiratio fuit. [18] Huius uirtute, tantum additum gloriae et famae Amazonum est ut Herculi rex, cui duodecim stipendia debebat, quasi impossibile imperauerit, ut arma reginae Amazonum sibi adferret. [19] Eo igitur profectus longis nouem nauibus, comitante principum Graeciae

vizinhos. [10] Se nasciam bebês de sexo masculino, matavam. Estimulavam as virgens ao mesmo costume delas, não ao ócio e nem ao trabalho com a lâ, [11] mas às armas, aos cavalos, às caçadas, e, tendo os seios direitos das crianças removidos por queimadura para que o lançamento de flechas não fosse impedido, daí são chamadas Amazonas<sup>425</sup>. [12] Para elas, houve duas rainhas, Martésia e Lampito, que, dividindo o exército em duas partes, já ínclitas por suas obras, travavam guerra em sucessão, alternadamente defendendo sozinhas suas divisas, [13] e, para que a reputação não faltasse aos seus sucessos, proclamavam-se filhas de Marte. [14] E, assim, com a maior parte da Europa subjugada, ocuparam, do mesmo modo, algumas cidades da Ásia. [15] Ali, tendo fundado Éfeso e muitas outras urbes, enviam para casa parte do exército junto a uma grande pilhagem. [16] As restantes, que permaneceram junto à rainha Martésia para proteger o poder na Ásia, são assassinadas pela confluência dos bárbaros. [17] No lugar dela, ascendeu ao reino sua filha, Orítia, para a qual houve uma exímia admiração pela preservação da virgindade em toda vida, além do singular conhecimento de guerra. [18] Pela virtude dela, tanto é adicionado à glória e à fama das Amazonas que o rei a quem Hércules devia os doze trabalhos impôs, como se impossível, que lhe trouxesse as armas da rainha das Amazonas. [19] Então, Hércules, posto a caminho com nove grandes navios, acompanhado pela juventude dos príncipes da Grécia, ataca-as de surpresa. [20] Naquele tempo, duas irmãs dirigiam o reino das Amazonas, Antíope e

<sup>425</sup> Segundo o *Dicionário Etimológico de Mitologia Grega* (2013, p. 21), existem diferentes explicações para o nome “amazonas”. A versão dada por Justino relaciona-se, provavelmente, com a etimologia da palavra ἀμαζόνες (*amazónes*), “privadas de um seio”, sendo ἀμαζός (*amazós*), o termo jônio para ἀμαστός (*amastós*), “as de um único seio”.

iuuentute, inopinantes adgreditur. [20] Duae tum sorores Amazonum regna tractabant, Antiope et Orithyia; sed Orithyia foris bellum gerebat. [21] Igitur cum Hercules ad litus Amazonum adplicuit, infrequens multitudo cum Antiope regina nihil hostile metuente erat. [22] Qua re effectum est ut paucae repentino tumultu excitae arma sumerent facilemque uictoriam hostibus darent. [23] Multae itaque caesae captaeque, in his duae Antiope sorores, Menalippe ab Hercule, Hippolyte a Theseo. [24] Sed Theseus, obtenta in praemium captiua, eandem in matrimonium adsumpsit et ex ea genuit Hippolytum. [25] Hercules post uictoriam Menalippen captiuam sorori reddidit et pretium arma reginae accepit, atque ita functus imperio ad regem reuertitur. [26] Sed Orithyia, ubi conperit bellum sororibus inlatum et raptorem esse Atheniensium principem, hortatur comites in ultionem frustra et Ponti sinum et Asiam edomitam esse dicit, si Graecorum non tam bellis quam rapinis pateant. [27] Auxilium deinde a Sagylo, rege Scythiae, petit: genus Scytharum esse, cladem uirorum, necessitatem armorum, belli causas ostendit, adsecutasque uirtute, ne segniores uiris feminas habere Scythae uiderentur. [28] Motus ille domestica gloria mittit cum ingenti equitatu filium Panasagorum in auxilium, [29] sed ante proelium dissensione orta, ab auxiliis desertae bello ab Atheniensibus uincuntur. [30] Receptaculum tamen habuere castra sociorum,

Orítia; mas Orítia travava guerra no exterior. [21] Então, quando Hércules aportou no litoral das Amazonas, uma turba pouco numerosa estava junto à rainha Antíope, nada temendo de hostil. [22] Por essa razão, aconteceu que essas poucas tomassem as armas e, inflamadas pelo tumulto repentino, dessem vitória fácil aos inimigos. [23] E assim muitas são mortas e capturadas, entre estas, as duas irmãs de Antíope, Menalipe para Hércules, Hipólita para Teseu. [24] Mas Teseu, obtendo a capturada como despojo, tomou-a em matrimônio e dela gerou Hipólito. [25] Hércules, após a vitória, devolveu a cativa Menalipe à irmã e recebeu em paga as armas da rainha e, assim, cumprida a ordem, retorna ao rei. [26] Mas Orítia, no momento em que descobriu a guerra levada a suas irmãs e o raptor ser um príncipe ateniense, exorta as companheiras à vingança e diz terem inutilmente domado o golfo do Ponto e a Ásia, se estavam vulneráveis não apenas às guerras, mas também às rapinas dos gregos. [27] Logo, pede auxílio a Sagilo, rei dos citas: alega serem do clã dos citas, o desastre dos homens, a necessidade das armas, as causas da guerra, e, iguados em virtude, que os citas fossem vistos tendo mulheres não mais fracas que os homens. [28] Ele, movido pela glória local, envia em auxílio, junto a uma grande cavalaria, seu filho Panasagoro, [29] mas, devido a um desentendimento nascido antes do combate, elas são abandonadas pelas tropas auxiliares e vencidas pelos atenienses na guerra. [30] Todavia, elas encontraram refúgio no acampamento dos aliados, com auxílio dos quais retornaram ao reino intocadas pelas outras gentes. [31] Após Orítia, toma posse do reino Pentésileia, cujas grandes provas de virtude na guerra troiana, tendo levado auxílio contra os gregos, elevam-na entre os homens mais corajosos. [32] Logo, com Pentésileia morta



quarum auxilio intactae ab aliis gentibus in regnum reuertuntur. [31] Post Orithyiam Penthesilea regno potita est, cuius Troiano bello inter fortissimos uiros, cum auxilium aduersus Graecos ferret, magna uirtutis documenta extitere. [32] Interfecta deinde Penthesilea exercituque eius absumpto, paucae, quae in regno remanserant, aegre se aduersum finitimos defendentes, usque tempora Alexandri Magni durauerunt. [33] Harum Minithyia siue Thalestris regina, concubitu Alexandri per dies tredecim ad subolem ex eo generandum obtento, reuersa in regnum breui tempore cum omni Amazonum nomine intercidit.

[5, 1] Scythae autem tertia expeditione Asiana cum annis octo a coniugibus ac liberis afuissent, seruili bello domi excipiuntur. [2] Quippe coniuges eorum, longa exspectatione uirorum fessae, nec iam teneri bello, sed deletos ratae, seruis ad custodiam pecorum relictis nubunt, [3] qui reuersos cum uictoria dominos uelut aduenas armati finibus prohibent. [4] Quibus cum uaria uictoria fuisset, admonentur Scythae mutare genus pugnae, memores non cum hostibus, sed cum seruis proeliandum, nec armorum, sed dominorum iure uincendos, uerba in aciem, non tela adferenda, omissoque ferro, uirgas et flagella ceteraque seruilibus metus paranda instrumenta. [5] Probato omnes consilio,

e o exército dela aniquilado, as poucas que permaneceram no reino, defendendo-se dos vizinhos com dificuldade, duraram até o tempo de Alexandre, o Grande. [33] Dentre elas, a rainha Minitia ou Taléstris, deitando-se com Alexandre por treze dias, engravida<sup>426</sup>. De volta ao reino, em breve tempo, morre junto com todo o nome das Amazonas.

[5, 1] No entanto, os citas, como tivessem estado ausentes aos filhos e às esposas por oito anos na terceira expedição asiática, são recebidos em casa com uma guerra civil. [2] Certamente, suas esposas foram de opinião que já não eram detidos pela guerra, mas que teriam sido aniquilados, e, cansadas da longa espera pelos homens, casam-se com os servos deixados para cuidar dos rebanhos. [3] Os servos armados proíbem, nas fronteiras, os senhores regressados com a vitória, como se fossem estrangeiros. [4] Como a vitória tivesse-lhes sido incerta, os citas convencem-se a mudar a espécie de combate, lembrados a travar um combate não com inimigos, mas com servos; a vencê-los não por armas, mas pela autoridade dos senhores; para levar, à linha de batalha, açoites, não dardos; e, renunciando ao ferro, para preparar chibatas, azorragues e outros instrumentos temíveis para os servos. [5] Tendo aprovado o plano, todos equipados

<sup>426</sup> Cf. Just. 12.3.5-7 e 42.3.7.

instructi, sicut praeceptum erat, postquam ad hostem accessere, inopinantibus uerbera intenta; adeoque illos perculerunt, ut quos ferro non poterant, metu uerberum uincerent, fugamque non ut hostes uicti, sed ut fugitiui serui capesserent. [6] Quicumque capi potuerunt, supplicia crucibus luerunt. [7] Mulieres quoque male sibi consciae partim ferro, partim suspendio uitam finierunt. [8] Post haec pax apud Scythas fuit usque tempora Ianthyri regis. [9] Huic Darius, rex Persarum, sicut supra dictum est, cum filiae eius nuptias non obtinisset, bellum intulit [10] et, armatis septingentis milibus hominum, Scythiam ingressus, non facientibus hostibus pugnae potestatem, metuens, ne interrupto ponte Histri reditus sibi intercluderetur, amissis LXXX milibus hominum, trepidus refugit; [11] quae iactura abundante multitudine inter damna numerata non est. [12] Inde Asiam et Macedoniam domuit. Ionas quoque nauali proelio superat. [13] Dein cognito quod Athenienses Ionis contra se auxilium tulissent, omnem impetum belli in eos conuertit.

[6, 1] Nunc quoniam ad bella Atheniensium uentum est, quae non modo ultra spem gerendi, uerum etiam ultra gesti fidem peracta sunt, operaque Atheniensium effectum maiora quam uoto fuere, paucis urbis origo repetenda est, [2] et quia non, ut ceterae gentes, a sordidis initiis ad summa creuere. [3] Soli enim, praeterquam incremento, etiam origine

segundo era a ordem, depois de se aproximarem do inimigo, aos surpreendidos foram levantados os açoites, e a tal ponto os consternaram, que aqueles que não puderam vencer com ferro venceram pelo medo dos açoites, e empreenderam a fuga não como inimigos vencidos, mas como servos fugidos. [6] Todos aqueles que puderam ser aprisionados expiaram os suplícios sendo crucificados. [7] As mulheres, do mesmo modo, conscientes de sua maldade, parte pelo ferro, parte por enforcamento, puseram fim à vida. [8] Depois disso, houve paz entre os citas até o tempo do rei Jantiro. [9] Com este, Dario, rei dos persas, assim foi dito acima, como não tivesse obtido as núpcias com a filha dele, começou uma guerra [10] e, tendo invadido a Cítia com setecentos mil homens armados, não dando os inimigos oportunidade de combate e receoso que, quebrada a ponte do Istro, fosse impedida a sua volta, recua assustado, tendo perdido oitenta mil homens; [11] perda que não foi contada entre os danos graças à multidão abundante. [12] De lá, domou a Ásia e a Macedônia. Supera, do mesmo modo, os jônios em combate naval. [13] Depois, sabendo que os atenienses tinham levado auxílio aos jônios contra si, Dario convergiu todo o ímpeto de guerra contra eles.

[6, 1] Agora, já que se chegou às guerras dos atenienses, as quais foram levadas a cabo não somente acima da expectativa quanto à sua realização, mas mesmo acima da crença quanto a seus efeitos, e os trabalhos dos atenienses foram efetuados maiores do que o desejado, a origem da urbe deve ser lembrada em poucas palavras; [2] e porque não são engratecidos ao apogeu, como outras gentes, a partir de um sórdido início. [3] De fato, são os únicos que se glorificam,

gloriantur; [4] quippe non aduenae neque passim collecta populi conluuies originem urbi dedit, sed eodem innati solo, quod incolunt, et quae illis sedes, eadem origo est. [5] Primi lanificii et olei et uini usum docuere. Arare quoque ac serere frumenta glande uescentibus monstrarunt. [6] Litterae certe ac facundia et hic ciuilis disciplinae ordo ueluti templum Athenas habent. [7] Ante Deucalionis tempora regem habuere Cecropem, quem, ut omnis antiquitas fabulosa est, biforem tradidere, quia primus marem feminae matrimonio iunxit. [8] Huic successit Cranaus, cuius filia Atthis nomen regioni dedit. [9] Post hunc Amphictyonides regnauit, qui primus Mineruae urbem sacrauit et nomen ciuitati Athenas dedit. [10] Huius temporibus aquarum inluuies maiorem partem populorum Graeciae absumpsit. [11] Superfuerunt, quos refugia montium receperunt, aut ad regem Thessaliae Deucalionem ratibus euecti sunt, a quo propterea genus hominum conditum dicitur. [12] Per ordinem deinde successionis regnum ad Erechtheum descendit, sub quo frumenti satio est Eleusini a Triptolemo reperta, [13] in cuius muneris honorem noctes initiorum sacratae. [14] Tenuit et Aegeus, Thesei pater, Athenis regnum, a quo per diuortium discedens Medea propter adultam priuigni aetatem Colchos cum Medo filio ex Aegeo suscepto concessit. [15] Post Aegeum

além de seu desenvolvimento, também com sua origem; [4] certamente, não se deu origem à urbe com imigrantes nem com uma escória reunida daqui e dali, mas, com os nascidos no mesmo solo em que habitam e que é morada deles, ao mesmo tempo que é sua origem. [5] Foram os primeiros a aprender a lida com a lã e o uso do óleo e do vinho. Mostraram, do mesmo modo, como arar e cultivar grãos aos que se alimentavam de bolotas. [6] Sem dúvida, as letras, a eloquência e essa presente ordem da disciplina civil têm Atenas como templo. [7] Antes do tempo de Deucalião, tiveram Cécropes por rei, o qual – como toda antiguidade é fabulosa! – disseram ter sido biforme, porque foi o primeiro que uniu um homem a uma mulher em matrimônio. [8] A ele, sucedeu Cranau, cuja filha, Átide, deu nome à região. [9] Depois dele, reinou Anfictião, que primeiro consagrou a urbe a Minerva e deu o nome de Atenas à cidade. [10] No tempo dele, a cheia das águas engoliu a maior parte dos povos da Grécia. [11] Sobreviveram os que receberam refúgios nos montes, ou foram evacuados em jangadas até o rei da Tessália, Deucalião, a partir de quem, por causa disso, diz-se ter sido fundada a raça dos homens. [12] Logo, por ordem de sucessão, o reino passou a Erecteu, sob o qual a plantação de grãos foi descoberta por Triptólemo em Elêusis; [13] em honra desse presente, são instituídas as noites sagradas dos mistérios. [14] E Egeu, pai de Teseu, manteve seu reino em Atenas, do qual, retirando-se Medeia, por meio do divórcio, devido à idade adulta do enteado, pôs-se a caminho da Cólquida junto a Medo<sup>427</sup>, filho concebido de Egeu. [15] Depois de Egeu, Teseu e, por ordem,

<sup>427</sup> Segundo o que consta em Just. 42.2.12, Medeia retorna à Cólquida acompanhada não só de Medo como de Jasão.

Theseus ac deinceps Thesei filius Demophoon, qui auxilium Graecis aduersus Troianos tulit, regnum possedit. [16] Erant inter Athenienses et Dorienses simultatium ueteres offensae quas uindicaturi bello Dorienses de euentu proelii oracula consuluerunt. [17] Responsum superiores fore, ni regem Atheniensium occidissent. [18] Cum uentum esset in bellum, militibus ante omnia custodia regis praecipitur. [19] Atheniensibus eo tempore rex Codrus erat, qui, et responso dei et praeceptis hostium cognitis, permutato regis habitu pannosus, sarmenta collo gerens, castra hostium ingreditur. [20] Ibi in turba obsistentium a milite, quem falce astu conuulnerauerat, interficitur. Cognito regis corpore, Dorienses sine proelio discedunt. [21] Atque ita Athenienses uirtute ducis pro salute patriae morti se offerentis bello liberantur.

[7, 1] Post Codrum nemo Athenis regnauit, quod memoriae nominis eius tributum est. [2] Administratio rei publicae annuis magistratibus permissa. [3] Sed ciuitati nullae tunc leges erant, quia libido regum pro legibus habebatur. [4] Legitur itaque Solon, uir iustitiae insignis, qui uelut nouam ciuitatem legibus conderet. [5] Qui tanto temperamento inter plebem senatumque egit – cum, si quid pro altero ordine tulisset, alteri displiciturum uideretur –, ut ab utrisque parem gratiam traheret. [6] Huius uiri inter multa egregia et illud memorabile fuit: [7] inter Athenienses et

Demofonte – filho de Teseu que levou auxílio aos gregos contra os troianos – tomou posse do reino. [16] Havia, entre os atenienses e os dóricos, antigas ofensas por causa de suas inimizades, e, com intenção de vingá-las na guerra, os dóricos consultaram os oráculos a respeito do resultado da batalha. [17] A resposta foi que haveriam de ser superiores, se não matassem o rei ateniense. [18] Quando chegaram à guerra, a custódia do rei, antes de tudo, é recomendada aos soldados. [19] Naquele tempo, Codro era o rei dos atenienses, que, tendo conhecido a resposta do deus e as ordens dos inimigos, trocadas as vestes reais em maltrapilhas, ingressa no acampamento dos inimigos levando varas de videira no pescoço. [20] Ali, no meio da turba inimiga, é assassinado por um soldado, a quem, com astúcia, ferira profundamente com uma foice. Tendo reconhecido o corpo do rei, os dóricos retiram-se sem combate. [21] E, assim, os atenienses são libertados da guerra pela virtude do comandante morto que se ofereceu em favor da salvação da pátria.

[7, 1] Depois de Codro, ninguém reinou em Atenas, o que foi atribuído à memória de seu nome. [2] A administração dos assuntos públicos foi confiada aos magistrados anuais. [3] Mas, depois disso, não havia lei alguma na cidade, porque o desejo dos reis era mantido no lugar das leis. [4] E, assim, Sólon, homem insigne por sua justiça, é eleito, o qual fundaria praticamente uma nova cidade com suas leis. [5] Ele agiu com moderação tanto entre o vulgo como entre o senado de maneira a cativar igual simpatia de ambos – ainda que o que propusesse em favor de uma ordem fosse visto como desagrado à outra. [6] Dentre os muitos méritos desse homem, este foi memorável: [7] entre atenienses e megarenses, lutava-se com armas quase até a destruição pelo

Megarenses de proprietate Salaminae insulae prope usque interitum armis dimicatum fuerat. [8] Post multas clades capital esse apud Athenienses coepit, si quis legem de uindicanda insula tulisset. [9] Sollicitus igitur Solon, ne aut tacendo parum rei publicae consuleret aut censendo sibi, subitam dementiae simulat, [10] cuius uenia non dicturus modo prohibita, sed et facturus erat. [11] Deformis habitu, more uacordium in publicum euolat factoque concursu hominum, quo magis consilium dissimulet insolitis sibi uersibus suadere populo coepit quod uetabatur, [12] omniumque animos ita cepit, ut extemplo bellum aduersus Megarenses decerneretur insulaeque, deuictis hostibus, Atheniensium fieret.

[8, 1] Interea Megarenses, memores inlatis Atheniensibus belli et deserti, ne frustra arma mouisse uiderentur, matronas Atheniensium in Eleusinis sacris noctu oppressuri naues conscendunt. [2] Qua re cognita, dux Atheniensium Pisistratus iuuentutem in insidiis locat, iussis matronis solito clamore ac strepitu etiam in accessu hostium, ne intellectos se sentiant, sacra celebrare; [3] egressosque nauibus Megarenses inopinantes adgressus deleuit ac protinus classe captiua intermixtis mulieribus ut speciem captarum matronarum praeberent, Megara contendit. [4] Illi cum et nauium formam et petitam praedam cognoscerent, obuui ad portum procedunt quibus caesis, Pisistratus paulum a capienda

direito de posse da ilha de Salamina. [8] Após muitos desastres, estabeleceu-se ser um crime capital entre os atenienses se alguém propusesse uma lei a respeito de reivindicar a ilha. [9] Então, alarmado Sólon, porque considerava que cuidaria pouco dos assuntos públicos calando-se, ou de si, manifestando-se, simula uma súbita demência, [10] por cuja desculpa haveria não apenas de dizer as coisas proibidas, mas também de fazê-las. [11] Com as vestes disformes à maneira dos insanos, sai precipitadamente em público e, feita uma confluência de homens, começa a aconselhar o povo em versos incomuns – a fim de dissimular mais o plano que era proibido – [12] e cativou todos os ânimos de tal modo que, imediatamente, foi decretada guerra contra os megarenses, e, com os inimigos submetidos, a ilha tornou-se dos atenienses.

[8, 1] Entrementes, os megarenses, lembrados da guerra levada aos atenienses e abandonada, para não parecerem ter-se lançado às armas em vão, embarcam, durante a noite, nas naus, a fim de surpreender as matronas atenienses nos ritos de Elêusis. [2] Tendo sabido do fato, o comandante ateniense, Pisístrato, coloca a juventude em emboscada, com ordens às matronas de celebrar os ritos com clamor e estrépito até durante a chegada do inimigo, para que os megarenses não percebam que foram descobertos. [3] O ataque destruiu os surpresos megarenses desembarcados das naus, e, imediatamente, com as mulheres misturadas à frota cativa para que ostentassem a aparência de matronas capturadas, (Pisístrato) lança-se a Mégara. [4] Como eles reconheciam a forma das naus e o despojo almejado, avançam em direção ao porto. Tendo sido massacrados, pouco

urbe afuit. [5] Ita Dorienses suis dolis hosti uictoriam dedere. [6] Sed Pisistratus, quasi sibi non patriae uicisset tyrannidem per dolum occupat. [7] Quippe, uoluntariis uerberibus domi adfectus lacerato corpore, in publicum egreditur, [8] aduocata contione, uulnera populo ostendit de crudelitate principum, a quibus haec se passum simulabat, queritur; [9] adduntur uocibus lacrimae et inuidiosa oratione multitudo credula accenditur: amore plebis inuisum se senatui simulat. [10] Obtinet ad custodiam corporis sui satellitum auxilium, per quos occupata tyrannide, per annos XXXIII regnauit.

[9, 1] Post huius mortem Diocles, alter ex filiis, per uim stuprata uirgine, a fratre puellae interficitur. [2] Alter, Hippias nomine, cum imperium paternum teneret, interfectorem fratris comprehendi iubet, [3] qui, cum per tormenta conscios caedis nominare cogeretur, omnes amicos tyranni nominauit; [4] quibus interfectis, quaerenti tyranno an adhuc aliqui conscii essent, neminem ait superesse, quem amplius mori gestiat, nisi ipsum tyrannum; [5] qua uoce eiusdem se tyranni uictorem post uindictam pudicitiae sororis ostendit. [6] Huius uirtute cum admonita ciuitas libertatis esset, tandem Hippias regno pulsus in exilium agitur, [7] qui profectus in Persas ducem se Dario inferenti Atheniensibus bellum, sicut

faltou a Pisístrato para tomar a urbe. [5] Assim, os dóricos, com seus próprios dolos, entregaram a vitória ao inimigo. [6] Mas Pisístrato, como se tivesse vencido para si e não para a pátria, exerce a tirania por meio de um dolo: [7] o fato é que, disposto voluntariamente ao açoite dos escravos de sua casa<sup>428</sup>, sai com o corpo lacerado em público. [8] Convocando uma assembleia, expõe as feridas ao povo, queixando-se da crueldade dos aristocratas, de quem simulava tê-las sofrido; [9] lágrimas acrescenta às palavras, e a multidão crédula é inflamada pelo discurso odioso: simula-se odiado pelo senado por amor ao vulgo. [10] Obtém auxílio das escoltas para proteção de seu corpo, por meio das quais, exercendo a tirania, reinou por trinta e quatro anos.

[9, 1] Depois da morte dele, Diocles<sup>429</sup>, um de seus filhos, devido à violência no estupro de uma virgem, é assassinado pelo irmão da menina. [2] O outro, de nome Hípias, como obtivesse a soberania paterna, ordena que o assassino do irmão seja apanhado, [3] o qual, quando é obrigado por tortura a nomear os cúmplices da matança, nomeou a todos os amigos do tirano. [4] Com eles mortos, perguntando o tirano se acaso ainda haveria alguns cúmplices, o torturado diz restar ninguém mais que desejaria ver morto, se não o próprio tirano. [5] Com essas palavras, demonstrou-se vencedor também do tirano após a vingança da castidade da irmã. [6] Como, pela virtude dele, a cidade tivesse sido lembrada da liberdade, Hípias é, enfim, expulso do poder e lançado no exílio; [7] pondo-se a caminho dos persas, apresenta-se a Dario, oferecendo-se como comandante contra a sua pátria na guerra com os

<sup>428</sup> Note-se a atitude semelhante à de Zópiro quando este buscava auxiliar Dario na guerra contra os assírios (Just. 1.10.15).

<sup>429</sup> Outros autores, como Heródoto e Tucídides, chamam-no de Hiparco.

supra significatum est, aduersus patriam suam offert. [8] Igitur Athenienses, audito Darii aduentu, auxilium a Lacedaemoniis, socia tunc ciuitate, petiuerunt, [9] quos ubi uiderunt quadridui teneri religione, non expectato auxilio, instructis decem milibus ciuium et Plataeensibus auxiliariis mille, aduersus sexcenta milia hostium in campis Marathoniis in proelium egrediuntur. [10] Miltiades et dux belli erat et auctor non expectandi auxilii; quem tanta fiducia ceperat ut plus praesidii in celeritate quam in sociis duceret. [11] Magna igitur in pugnam euntibus animorum alacritas fuit, adeo ut, cum mille passus inter duas acies essent, citato cursu ante iactum sagittarum ad hostem uenerint. Nec audaciae eius euentus defuit: [12] pugnatum est enim tanta uirtute, ut hinc uiros, inde pecudes putares. [13] Victi Persae in naues confugerunt, ex quibus multae suppressae, multae captae sunt. [14] In eo proelio tanta uirtus singulorum fuit, ut, cuius laus prima esset, difficile iudicium uideretur. [15] Inter ceteros tamen Themistoclis adulescentis gloria emicuit, in quo iam tunc indoles futurae imperatoriae dignitatis apparuit. [16] Cynegiri quoque, militis Atheniensis, gloria magnis scriptorum laudibus celebrata est, [17] qui, post proelii innumeras caedes, cum fugientes hostes ad naues egisset, onustam nauem dextra manu tenuit nec prius dimisit quam manum amitteret; [18] tunc quoque amputata dextera, nauem sinistra comprehendit, quam et ipsam

atenienses, tal como foi indicado acima. [8] Então, os atenienses, tendo ouvido a respeito da chegada de Dario, pediram auxílio aos lacedemônios, aliados da cidade naquele momento. [9] Mas os atenienses, quando viram que os lacedemônios seriam retidos por quatro dias devido a ritos religiosos, não esperando o auxílio, equipados com dez mil cidadãos e mil auxiliares plateenses, lançaram-se à batalha contra seiscentos mil inimigos na planície de Maratona. [10] Miltíades era o comandante da guerra e também o responsável pela proposta de não esperar por auxílio; de quem tamanha confiança apoderara-se que contasse haver mais chance de defesa com a prontidão do que com os aliados. [11] Houve, então, uma grande exaltação dos ânimos nos que foram ao combate, até que, quando estavam a mil passos da outra linha de batalha, teriam avançado até o inimigo em uma marcha mais veloz que os tiros de flecheiros. E não faltou resultado à audácia dele: [12] de fato, o combate foi travado com tamanha virtude que se pensaria estarem, de um lado, homens, de outro, ovelhas. [13] Os persas, vencidos, refugiaram-se nas naus, dentre as quais muitas foram afundadas, muitas capturadas. [14] Nessa batalha, houve tamanha virtude de cada um, que parecia difícil o julgamento sobre quem teria maior louvor. [15] Entre outros, a glória brilhou para o ainda adolescente Temístocles, em quem a índole da futura dignidade de general aparecia já naquele momento. [16] A glória de Cinegiro, um soldado ateniense, foi, do mesmo modo, celebrada pelos louvores dos escritores. [17] Ele, após inúmeros massacres em combate, como os inimigos fugitivos tinham-se lançado às naus, reteve, com a mão direita, uma nau carregada e não a deixou partir antes que perdesse a mão; [18] naquele momento, com a direita amputada, agarrou a nau com a esquerda e,

cum amisisset, ad postremum morsu nauem detinuit. [19] Tantam in eo uirtutem fuisse, ut non tot caedibus fatigatus, non duabus manibus amissis uictus, truncus ad postremum et ueluti rabida fera dentibus dimicauerit. [20] Ducenta milia Persae eo proelio siue naufragio amisere. [21] Cecidit et Hippas, tyrannus Atheniensis, auctor et concitor eius belli, diis patriae ultoribus poenas repetentibus.

[10, 1] Interea et Darius, cum bellum restauraret, in ipso apparatu decedit, relictis multis filiis et in regno et ante regnum susceptis. [2] Ex his Ariamenes maximus natu aetatis priuilegio regnum sibi uindicabat, quod ius et ordo nascendi et natura ipsa gentibus dedit. [3] Porro Xerses controuersiam non de ordine, sed de nascendi felicitate referebat; [4] nam Ariamenen primum quidem Dario, sed priuato prouenisse; se regi primum natum. [5] Fratres itaque suos, qui ante geniti essent, priuatum patrimonium, quod eo tempore Darius habuisset, non regnum uindicare sibi posse; se esse, quem primum in regno iam rex pater sustulerit. [6] Huc accedere quod Ariamenes non patre tantum, sed et matre priuatae adhuc fortunae, auo quoque materno priuato procreatus sit; [7] se uero et matre regina natum et patrem non nisi regem uidisse, auum quoque maternum Cyrum se regem habuisse, non heredem, sed conditorem tanti regni. [8] Ita etsi in aequo iure utrumque fratrem pater reliquisset, materno tamen se iure et auito uincere. [9] Hoc certamen

como tinha perdido esta do mesmo modo, deteve a nau, até o fim, com os dentes. [19] Houve nele tamanha virtude que, não fatigado por tantas matanças, nem vencido, tendo perdido as duas mãos, teria lutado, mutilado, até o fim com os dentes tal como uma fera raivosa. [20] Os persas perderam duzentos mil homens em combate ou em naufrágio. [21] Hípias, tirano ateniense, sendo o responsável e provocador dessa guerra, foi abatido, com os deuses vingadores compensando as penas da pátria.

[10, 1] Entrementes, também Dario, enquanto buscava restabelecer a guerra, morreu em sua preparação, tendo deixado muitos filhos concebidos antes e durante o seu reino. [2] Dentre eles, Ariamenes, o mais velho, reivindicava para si o reino pelo privilégio da idade, direito que a ordem de nascimento e a própria natureza sentenciou às gentes. [3] Além disso, Xerxes apresentava uma questão controversa, pautando-se não pela ordem, mas pela ventura do nascimento; [4] de fato, Ariamenes era o primeiro filho de Dario, é verdade, mas nascido de um mero cidadão; ele era o primeiro nascido do rei. [5] E seus irmãos, que foram antes gerados, poderiam reivindicar para si a herança de um mero cidadão, que Dario teria tido naquele tempo, não o reino; seria ele o primeiro que o pai, já rei, teve em seu reino. [6] A este ponto, ajuntar-se-ia que Ariamenes não seria só de pai, mas ainda de mãe com condição de mera cidadã, e, do mesmo modo, de avô materno mero cidadão; [7] quanto a si, nascido de uma rainha, não vira o pai senão como rei, também teria como avô materno Ciro, do mesmo modo, rei, não um herdeiro, mas o fundador de tamanho reino. [8] Assim, ainda que o pai tivesse deixado os dois irmãos com igual direito, ele, todavia, venceria pelo direito de mãe e avô. [9] Em ânimo concorde, submetem essa disputa ao seu tio



concordi animo ad patruum suum Ariaphernen ueluti ad domesticum iudicem deferunt, [10] qui, domi cognita causa, Xerxen praeposuit; adeoque fraterna contentio fuit, ut nec uictor insultauerit nec uictus doluerit ipsoque litis tempore munera inuicem miserint, iucunda quoque inter se, non solum credula conuiuia habuerint, iudicium quoque ipsum sine arbitris, sine conuitio fuerit. [11] Tanto moderatius tunc fratres inter se maxima regna diuidebant, quam nunc exigua patrimonia partiuntur. [12] Igitur Xerxes bellum a patre coeptum aduersus Graeciam per quinquennium instruxit. [13] Quod ubi primum didicit Demaratus, rex Lacedaemoniorum, qui apud Xerxen exulabat, amicior patriae post fugam, quam regi post beneficia, ne inopinato bello opprimerentur omnia in tabellis ligneis magistratibus perscribit easdemque cera superinducta delet, [14] ne aut scriptura sine tegmine iudicium daret aut recens cera dolum proderet, fido deinde seruo perferendas tradit iusso magistratibus Spartanorum tradere. [15] Quibus perlatis, Lacedaemone quaestioni res diu fuit, quod neque scriptum aliquid uiderent nec frustra missas suspicarentur, tantoque rem maiorem, quanto esset occultior putabant. [16] Haerentibus in coniectura uiris, soror regis Leonidae consilium scribentis inuenit. [17]

paterno, Artafernes<sup>431</sup>, como a um juiz doméstico, [10] o qual, conhecida a causa da casa, preferiu Xerxes; a contenda foi a tal ponto fraterna, que o vencedor não teria sido insolente, nem o vencido teria lamentado, e, espontaneamente, no tempo do litígio, teriam enviado presentes um ao outro e até oferecido, mutuamente, agradáveis banquetes diplomáticos, e, do mesmo modo, a própria decisão teria ocorrido sem testemunhas e sem queixa. [11] Naquele momento, dividiam entre si os mais vastos impérios, irmãos tão mais moderados do que agora, que pequenos patrimônios são repartidos. [12] Então, Xerxes preparou, durante cinco anos, a guerra começada por seu pai contra a Grécia. [13] O que, quando, primeiramente, Demarato, rei dos lacedemônios, que vivia no exílio junto a Xerxes, compreendeu, mais amigo de sua pátria após a fuga do que do rei após os benefícios, para que não fossem esmagados por uma guerra inesperada, escreve tudo em tabuinhas de madeira aos magistrados e as apaga com cera derramada por cima, [14] para que a escrita sem a cobertura não decretasse sua sentença, ou a cera recente revelasse o dolo. Logo, entrega-as a um servo fiel para levá-las até lá, com ordem de entregar aos magistrados dos espartanos. [15] Após terem sido levadas, por longo tempo esteve o assunto em investigação na Lacedemônia, pois não viam nada escrito, nem supunham terem sido enviadas sem finalidade e pensavam ser o assunto tão mais importante quanto mais oculto estivesse. [16] Estando os homens entretidos em conjectura, a irmã do rei Leônidas descobriu o plano do remetente. [17] Tendo raspado, então, a cera,

<sup>431</sup> Há uma variação de grafia deste nome nos manuscritos: *Ariaphernen*, *Artamenen*, *Artafernenartanen* e *Artaphernen*. Ainda que Arnaud-Lindet (2003, recurso online) tenha optado pelo primeiro, na tradução, escolheu-se aquele pelo qual a figura é mais conhecida, o que é compartilhado por Mineo (2016, p. 60, cf. Justin).

Erasa igitur cera, belli consilia deteguntur. [18] Iam Xerxes septingenta milia de regno armauerat et trecenta milia de auxiliis, [19] ut non inmerito proditum sit flumina ab exercitu eius siccata Graeciamque omnem uix capere exercitum eius potuisse. [20] Naues quoque mille ducentas numero habuisse dicitur.<sup>430</sup> [21] Huic tanto agmini dux defuit. Ceterum si regem spectes diuitias, non duces laudes; [22] quarum tanta copia in regno eius fuit ut, cum flumina multitudine consumerentur opes tamen regiae superessent. [23] Ipse autem primus in fuga, postremus in proelio semper uisus est, in periculis timidus sicubi metus abesset, inflatus; [24] denique ante experimentum belli fiducia uirium ueluti naturae ipsius dominus et montes in planum deducebat et conuexa uallium aequabat et quaedam maria pontibus sternebat, quaedam ad nauigationis commodum per conpendium ducebat.

[11, 1] Cuius introitus in Graeciam quam terribilis tam turpis ac foedus discessus fuit. [2] Namque cum Leonida, rex Spartanorum, cum IV milibus militum angustias Thermopylarum occupasset, Xerxes contemptu paucitatis eos pugnam capessere

os planos de guerra são descobertos. [18] Já Xerxes armara setecentos mil homens do império e trezentos mil das tropas auxiliares, [19] de maneira que não injustamente tenha sido relatado que os rios foram secados pelo exército dele, e, com custo, tenha toda a Grécia podido conter o exército dele. [20] Diz-se, do mesmo modo, que tinha mil e duzentos navios. [21] Faltou um comandante a esse exército tão grande em marcha. De resto, se observasses o rei, exaltarias não o comandante, mas seus bens; [22] tamanha abundância houve no império dele que, ainda que os rios fossem esgotados pela multidão, as riquezas reais, todavia, perdurariam. [23] No entanto, Xerxes foi sempre visto como o primeiro na fuga, o último na batalha, tímido no perigo e pretensioso onde quer que o medo estivesse afastado; [24] enfim, com confiança nas suas forças militares antes da experiência da guerra, como se senhor da própria natureza, reduzia montes ao plano, nivelava vales íngremes, pavimentava alguns mares com pontes e outros direcionava oportunamente para proveito às suas navegações.

[11, 1] Sua entrada na Grécia foi tão terrível quanto sua retirada, infame e indigna. [2] E, de fato, enquanto Leônidas, rei dos espartanos, tivesse ocupado os desfiladeiros de Termópilas com quatro mil soldados, Xerxes, com desprezo pelo pequeno número, ordena dirigir para o combate aqueles cujos parentes foram mortos na batalha de

<sup>430</sup> Segue-se a proposta de Wetzel (1823, p. 121, cf. Justinus). O texto de Arnaud-Lindet (2003, recurso online, cf. Justinus) traz *Naues quoque decies centum milium numero habuisse dicitur*, e Seel (2011 [1972], p. 14, cf. Justinus), *Naues quoque rostratas mille ducentas, onerarias autem tria milia numero habuisse dicitur*, a qual também aparece em Mineo (2016, p. 61, cf. Justin). Opta-se pelo primeiro, que é igual, até certo ponto, a Seel e a Mineo, pois segundo o texto de Arnaud-Lindet, Xerxes teria um milhão de naus, o que parece mais inverossímil, ainda que a editora justifique sua escolha. A proposta de Seel e Mineo pode ser traduzida como “[d]iz-se, do mesmo modo, que tinha mil e duzentos navios, além de três mil (navios) de cargas.”

iubet, quorum cognati Marathonia pugna interfecti fuerant. [3] Qui dum ulcisci suos quaerunt, principium cladis fuere; succedente dein inutili turba maior caedes editur. [4] Triduo ibi cum dolore et indignatione Persarum dimicatum. [5] Quarta die cum nuntiatum esset Leonidae a XX milibus hostium summum cacumen teneri, tum hortatur socios, recedant et se ad meliora patriae tempora reseruent, sibi cum Spartanis fortunam experiendam; [6] plura se patriae quam uitae debere, ceteros ad praesidia Graeciae seruandos. [7] Audito regis imperio discessere ceteri, soli Lacedaemonii remanserunt. [8] Initio huius belli sciscitantibus Delphis oracula responsum fuerat, aut regi Spartanorum aut urbi cadendum. [9] Et idcirco rex Leonidas, cum in bellum proficisceretur, ita suos firmauerat, ut ire se parato ad moriendum animo scirent [10] angustiasque propterea occupauerat, ut cum paucis aut maiore gloria uinceret aut minore damno rei publicae caderet. [11] Dimissis igitur sociis hortatur Spartanos, meminerint qualitercumque proliatis cadendum esse; cauerent, ne fortius mansisse quam dimicasse uideantur; [12] nec expectandum, ut ab hoste circumuenirentur, sed dum nox occasionem daret, securis et laetis superueniendum; [13] nusquam uictores honestius quam in castris hostium perituros. [14] Nihil erat difficile

Maratona, [3] os quais, enquanto buscam vingar os seus, foram o princípio do desastre; ao sucedê-los depois uma turba inepta, um massacre maior se produz. [4] Por três dias, ali, lutou-se com dor e indignação dos persas. [5] No quarto dia, como tivesse sido comunicado a Leônidas que o cume mais alto estava ocupado por vinte mil inimigos, exorta, naquele momento, os aliados para que recuem e se conservem para tempos melhores da pátria, já que a sua sorte deve ser testada junto aos espartanos; [6] ele teria mais obrigação com sua pátria do que com sua vida, enquanto os restantes iriam assegurar as defesas da Grécia. [7] Ouvido o comando do rei, os restantes retiraram-se, e somente os lacedemônios permaneceram. [8] No início dessa guerra, tendo eles consultado os oráculos de Delfos, a resposta fora que ou o rei dos espartanos ou a urbe viria a cair. [9] E, por isso, o rei Leônidas, enquanto partia para a guerra, assim assegurara aos seus que se decidissem a ir com o ânimo disposto a morrer [10] e ocupara, em consequência disso, os desfiladeiros, para que, com poucos, ou vencesse com maior glória ou caísse com o menor dano para o estado. [11] Tendo dispensado, então, os aliados, Leônidas exorta os espartanos a se lembrarem de que, combatidos do modo que fossem, estariam destinados a cair; que cuidassem para que não parecessem mais corajosos por terem ficado do que por terem lutado; [12] e que não era para esperar que fossem cercados pelo inimigo, mas, enquanto a noite desse a oportunidade, era para investirem sobre os seguros e venturosos<sup>432</sup>; [13] em nenhum outro lugar pereceriam com mais honra como vitoriosos do que nos acampamentos dos inimigos. [14] A nada era difícil persuadir os persuadidos a

<sup>432</sup> Quer dizer, aqueles que se julgam seguros por estarem em seu próprio acampamento.

persuadere persuasis mori: [15] statim arma capiunt et sexcenti uiri castra quingentorum milium inrumpunt statimque regis praetorium petunt, aut cum illo aut, si ipsi oppressi essent, in ipsius potissimum sede morituri. [16] Tumultus totis castris oritur. Spartani, postquam regem non inueniunt, per omnia castra uictores uagantur; caedunt sternuntque omnia, ut qui sciant se pugnare non spe uictoriae, sed in mortis ultionem. [17] Proelium a principio noctis in maiorem partem diei tractum. [18] Ad postremum non uicti, sed uincendo fatigati inter ingentes stratorum hostium cateruas occiderunt. [19] Xerxes duobus uulneribus terrestri proelio acceptis experiri maris fortunam statuit.

[12, 1] Sed Atheniensium dux Themistocles cum animaduertisset Ionas, propter quos bellum Persarum susceperat, in auxilium regis classe uenisse, sollicitare eos in partes suas statuit, [2] et cum conloquendi copiam non haberet, quo applicituri erant, symbolos proponi et saxis proscribi curat: [3] “quae uos, Iones, dementia tenet? quod facinus agitatis? bellum inferre olim conditoribus uestris, nuper etiam uindicibus cogitatis? [4] An ideo moenia uestra condidimus, ut essent qui nostra delerent? [5] Quid si non haec et Dario prius et nunc Xerxi belli causa nobiscum foret, quod uos rebellantes non destituimus? [6] Quin uos in haec uestra castra ex ista obsidione

morrer: [15] imediatamente, apanham as armas, e seiscentos homens invadem o acampamento de quinhentos mil e, imediatamente, buscam a tenda do rei, para que, de preferência, ou morram com ele ou, se eles fossem reprimidos, em sua sede. [16] Um tumulto começa em todo o acampamento. Os espartanos, depois que não encontram o rei, vagam, vitoriosos, por todo acampamento; cortam e massacram a todos, como homens que sabem combater não com a esperança da vitória, mas em vingança de sua morte. [17] O combate prolonga-se do princípio da noite até a maior parte do dia. [18] No fim, não vencidos, mas cansados de vencer, caíram entre numerosos bandos de inimigos abatidos. [19] Xerxes, com dois golpes recebidos em batalha terrestre, decidiu tentar a sorte por mar.

[12, 1] Mas o comandante dos atenienses, Temístocles, como tivesse percebido que os jônios – devido aos quais tivera início a guerra dos persas<sup>433</sup> – tinham vindo em auxílio do rei com uma tropa, decidiu atraí-los para seu lado [2] e, como não houvesse recurso para falar com eles, provê que sejam arranjados sinais e escritos em pedras onde aportariam: [3] “qual demência vos sujeita, jônios? Que falta planejais? Pensais em levar guerra aos, outrora, vossos fundadores e também, recentemente, vingadores? [4] Acaso fundamos vossas cidades para que existissem os que destruíssem as nossas? [5] O que seria a causa da guerra de Xerxes agora conosco senão esta: que não abandonamos a vós, que se rebelaram primeiro contra Dario? [6] Por que vós não passais vosso acampamento desse cerco para este? [7] Ou, se isso é pouco seguro, ao

<sup>433</sup> Cf. Just. 2.5.13.

transitis? [7] aut si hoc parum tutum est, at uos commisso proelio ite cessim, inhibete remis et a bello discedite.” [8] Ante naualis proelii congressionem miserat Xerxes IV milia armatorum Delphos ad templum Apollinis diripiendum, [9] prorsus quasi non cum Graecis tantum, sed et cum diis immortalibus bellum gereret; [10] quae manus tota imbribus et fulminibus deleta est ut intellegeret quam nullae essent hominum aduersum deos uires. [11] Post haec Thespiades et Plataeas et Athenas uacuas hominibus incendit, et quoniam ferro in homines non poterat, in aedificia igne grassatur. [12] Namque Athenienses post pugnam Marathoniam praemonente Themistocle, uictoriam illam de Persis non finem, sed causam maioris belli fore, CC naues fabricauerant. [13] Aduentante igitur Xerxe, consulentibus Delphis oraculum responsum fuerat, salutem muris ligneis tuerentur. [14] Themistocles nauium praesidium demonstratum ratus persuadet omnibus patriam municipes esse, non moenia, ciuitatemque non in aedificiis, sed in ciuibus positam; [15] melius itaque salutem nauibus quam urbi commissuros; huius sententiae etiam deum auctorem esse. [16] Probato consilio, coniuges liberosque cum pretiosissimis rebus abditis insulis relictis urbe demandant; ipsi naues armati conscendunt. [17] Exemplum Atheniensium et aliae urbes imitatae. [18] Itaque cum adunata omnis sociorum classis et intenta in bellum nauale

menos vós, travada a batalha, ides vos afastando, fazeis recuar os navios com os remos e vos retirais da guerra.” [8] Antes do combate naval, Xerxes lançara um ataque de quatro mil homens armados a Delfos, para saquear o templo de Apolo; [9] em suma, como se não só travasse guerra com a Grécia, mas também com os deuses imortais; [10] de tal forma que o corpo de tropas foi todo destruído por chuvas e raios, para que compreendesse quão nulas eram as forças dos homens contra os deuses. [11] Depois disso, incendiou Tespiades, Plateias e Atenas, evacuadas pelos homens, e, porque não podia investir contra os homens com ferro, investe contra os edifícios com fogo. [12] E, com efeito, os atenienses, depois da batalha de Maratona, fabricaram duzentas naus graças a Temístocles, que, anteriormente, advertiu que aquela vitória haveria de ser não o fim, mas a causa de uma guerra maior vinda dos persas. [13] Então, com Xerxes se aproximando, a resposta aos que consultaram o oráculo de Delfos fora “resguardem a salvação com muros de madeira”. [14] Temístocles, certo de que o indicado era o destacamento das naus, persuade a todos de que a pátria eram os habitantes, não as muralhas, e a cidadania consistia não nos edifícios, mas nos cidadãos; [15] e assim, era melhor delegar a salvação às naus do que à urbe; e também o deus seria o responsável por essa decisão. [16] Aprovado o plano, confiam as esposas e os filhos com preciosíssimos bens às ilhas afastadas da urbe abandonada; eles, armados, embarcam nas naus. [17] Outras urbes também imitam o exemplo dos atenienses. [18] E, assim, ao passo que tivesse sido reunida toda a esquadra de aliados, e preparada a guerra naval, e tivessem ocupado os desfiladeiros do estreito de Salamina para que não pudesse ser cercado pela multidão, surge um desentendimento

esset angustiasque Salaminii freti, ne circumueniri a multitudine posset, occupassent, dissensio inter ciuitatum principes oritur. [19] Qui cum deserto bello ad sua tuenda dilabi uellent, timens Themistocles ne discessu sociorum uires minuerentur, per seruum fidum Xerxi nuntiat, uno in loco eum contractam Graeciam capere facillime posse. [20] Quodsi ciuitates, quae iam abire uellent, dissipentur, maiore labore ei singulas consecandas. [21] Hoc dolo inpellit regem signum pugnae dare. Graeci quoque aduentu hostium occupati proelium conlatis uiribus capessunt. [22] Interea rex uelut spectator pugnae cum parte nauium in litore remanet. [23] Artemisia autem, regina Halicarnasi, quae in auxilium Xerxi uenerat, inter primores duces bellum acerrime ciebat, quippe ut in uiro muliebrem timorem, ita in muliere uirilem audaciam cerneret. [25] Cum anceps proelium esset, Iones iuxta praeceptum Themistoclis pugnae se paulatim subtrahere coeperunt; quorum defectio animos ceterorum fregit. [26] Itaque circumspicientes fugam pelluntur Persae et mox proelio uicti in fugam uertuntur. [27] In qua trepidatione multae captae naues, multae mersae; plures tamen, non minus saeuitiam regis quam hostem timentes, domum dilabuntur.

[13, 1] Hac clade perculsum et dubium consilii Xerxen Mardonius adgreditur. [2]

entre os aristocratas das cidades. [19] Como esses, abandonada a guerra, desejavam dispersar-se para defender suas propriedades, Temístocles receoso de que, com a retirada, as forças militares dos aliados fossem reduzidas, anuncia a Xerxes, por meio de um servo fiel, ser possível apanhar facilmente a Grécia reunida em um só lugar, [20] e, se as cidades que já desejavam retirar-se fossem dissipadas, teria que ir ao enalço de uma a uma com maior trabalho para ele. [21] Com esse dolo, impele o rei a dar o sinal para o ataque. Os gregos, do mesmo modo, ocupados com a chegada dos inimigos, aderem à batalha com suas forças militares reunidas. [22] Entrementes, o rei, como um espectador do combate, permanece no litoral com parte das naus. [23] No entanto, Artemísia, rainha de Halicarnasso, que viera em auxílio de Xerxes, animava mais encarniçadamente a guerra entre os principais comandantes. [24]<sup>434</sup> Certamente, assim como o temor feminino em um homem, também poderias reconhecer a audácia masculina em uma mulher. [25] Como a batalha estivesse arriscada, os jônios, conforme a instrução de Temístocles, começaram a se retirar pouco a pouco do combate; a deserção deles abalou os ânimos dos restantes. [26] E assim os persas, ao olhar ao seu redor, são impelidos à fuga e, sem demora, vencidos em batalha, são postos em fuga. [27] Nessa precipitação, muitas naus foram capturadas, muitas afundadas; vários, ainda, temendo não menos a fúria do rei do que o inimigo, dispersam-se para a sua pátria.

[13, 1] Abalado por esse desastre e indeciso quanto a um plano, Xerxes é abordado por

<sup>434</sup> O texto de Arnaud-Lindet (2003, recurso online, cf. Justinus) não apresenta marcação para a linha 24. Seel (2011 [1972], p. 16, cf. Justinus) indica seu início entre *ciebat* e *quippe*, o que se segue.

Hortatur ut in regnum abeat, ne quid seditionis moueat fama aduersi belli et in maius, sicuti mos est, omnia extollens; [3] sibi CCC milia armatorum lecta ex omnibus copiis relinquat, qua manu aut cum gloria eius perdomiturum se Graeciam aut, si aliter euentus ferat, sine eiusdem infamia hostibus cessurum. [4] Probato consilio Mardonio exercitus traditur; reliquas copias rex ipse deducere in regnum parat. [5] Sed Graeci audita regis fuga consilium ineunt pontis interrumpendi, quem ille Abydo ueluti uictor maris fecerat, ut intercluso reditu aut cum exercitu deleteretur aut desperatione rerum pacem uictus petere cogeretur. [6] Sed Themistocles timens ne interclusi hostes desperationem in uirtutem uerterent et iter, quod aliter non pateret, ferro patefacerent, satis multos hostes in Graecia remanere dictitans, nec augeri numerum retinendo oportere; [7] cum uincere consilio ceteros non posset, eundem seruum ad Xerxen mittit certiolemque consilii facit et occupare transitum maturata fuga iubet. [8] Ille percussus nuntio tradit ducibus milites perducendos; ipse cum paucis Abydum contendit. [9] Vbi cum solutum pontem hibernis tempestatibus offendisset, piscatoria scapha trepidus traiecit. [10] Erat res spectaculo digna et aestimatione sortis humanae, rerum uarietate miranda in exiguo latentem uidere nauigio, quem paulo ante uix aequor omne capiebat, carentem omni etiam seruorum ministerio, cuius exercitus propter

Mardônio. [2] Exorta-o a que se retire ao reino, para que a fama de uma guerra adversa e até pior, assim como é costume, tudo elevando, não provoque uma revolta; [3] que deixe consigo trezentos mil homens armados escolhidos dentre todas as tropas: que com esse contingente, ou haveria de consumir a Grécia para a glória dele ou, se caso alcançasse outro resultado, haveria de se retirar dos inimigos sem infâmia para ele. [4] Aprovado o plano, um exército é entregue a Mardônio; o próprio rei prepara-se para conduzir as tropas restantes de volta ao reino. [5] Mas os gregos, tendo ouvido sobre a fuga do rei, formulam o plano de quebrar a ponte que ele, como se vencedor do mar, fizera em Abidos, para que, com a volta impedida, ou fosse destruído com o exército ou, vencido, fosse obrigado a pedir paz pelo desespero das circunstâncias. [6] Mas Temístocles, temendo que os inimigos impedidos convertessem o desespero em virtude e, porque outro não estivesse aberto, pelo ferro abrissem caminho, repetindo que permanecia, na Grécia, um grande número de inimigos e que não conviria aumentar o seu número retendo-os; [7] como não pudesse convencer os outros com o plano, envia o mesmo servo a Xerxes, informa-o a respeito do plano e ordena ocupar a passagem em uma fuga apressada. [8] Ele, abalado com a mensagem, entrega os soldados para serem conduzidos até o destino pelos comandantes; ele mesmo, com poucos, atravessa para Abidos. [9] Ali, como tivesse encontrado a ponte rompida pelas tempestades de inverno, apressado, atravessou em uma canoa de pesca. [10] O fato era propício à contemplação e à avaliação da sorte humana: ver, pela espantosa inconstância dos fatos, escondido em uma pequena embarcação, sem um só servo para o assistir, a quem, pouco antes, todo o mar mal continha, cujos exércitos, por

multitudinem terris graues erant. [11] Nec pedestribus copiis, quas ducibus adsignauerat, felicius iter fuit, siquidem cotidiano labori – neque enim ulla est metuentibus quies – etiam fames accesserat. [12] Multorum deinde dierum inopia contraxerat et pestem, tantaque foeditas morientium fuit, ut uiae cadaueribus implerentur alitesque et bestiae escae inlecebris sollicitatae exercitum sequerentur.

[14, 1] Interim Mardonius in Graecia Olynthum expugnat. [2] Athenienses quoque in spem pacis amicitiamque regis sollicitat, spondens incensae eorum urbis etiam in maius restitutionem. [3] Postquam nullo pretio libertatem his uenalem uidet, incensis quae aedificare coeperat, copias in Boeotiam transfert. [4] Eo et Graecorum exercitus, qui centum milium fuit, secutus est ibique proelium commissum. [5] Sed fortuna regis cum duce mutata non est; nam uictus Mardonius ueluti ex naufragio cum paucis profugit. [6] Castra referta regalis opulentiae capta. Vnde primum Graecos diuiso inter se auro Persico diuitiarum luxuria cepit. [7] Eodem forte die, quo Mardonii copiae deletae sunt, etiam nauali proelio in Asia sub monte Mycale aduersus Persas dimicatum est. [8] Ibi ante congressionem, cum classes ex aduerso starent, fama ad utrumque exercitum uenit uicisse Graecos et Mardonii copias occisione cecidisse. [9] Tantam famae uelocitatem fuisse, ut, cum matutino tempore proelium in Boeotia commissum sit, meridianis horis in

sua vastidão, pesavam sobre a terra. [11] Nem às tropas de infantaria, as quais atribuía aos comandantes, o caminho foi favorável, visto que ao trabalho cotidiano – de fato, não há sossego para os que têm medo – também se acrescera a fome. [12] Logo, à penúria de vários dias ajuntara-se a peste, e tamanho foi o horror dos que morriam, que as vias encheram-se de cadáveres, e aves e animais, atraídos pela isca de comida, seguiam o exército.

[14, 1] Nesse ínterim, Mardônio, na Grécia, toma de assalto Olinto. [2] Em esperança de paz e amizade do rei, assedia, do mesmo modo, os atenienses, prometendo solenemente uma reparação até maior em relação à sua urbe incendiada. [3] Depois que vê a liberdade não lhe ser posta à venda por preço algum, incendiando o que começara a edificar, transfere as tropas para a Beócia. [4] Para lá seguiu o exército dos gregos, que era de cem mil, e, ali, deu-se início ao combate. [5] Mas a fortuna do rei não mudou com o comandante; com efeito, vencido, Mardônio fugiu com poucos, como se de um naufrágio. [6] O acampamento atulhado da riqueza do rei foi capturado. Onde, pela primeira vez, tendo dividido o ouro persa entre si, a luxúria da riqueza seduziu os gregos. [7] Por acaso, no mesmo dia em que as tropas de Mardônio foram destruídas, lutou-se também contra os persas em combate naval ao sopé do monte Micalé, na Ásia. [8] Ali, antes do encontro, quando as esquadras pararam frente a frente, veio a notícia a ambos os exércitos de que os gregos tinham vencido e de que as tropas de Mardônio tinham sido abatidas numa carnificina. [9] Tamanha velocidade teria havido para a notícia que, embora a batalha tenha começado na Beócia pela manhã, ao meio-dia na Ásia, por tantos mares, em tamanha distância e em tão breve número de



Asiam per tot maria et tantum spatii tam breui horarum momento de uictoria nuntiatum sit. [10] Confecto bello, cum de praemiis ciuitatum ageretur, omnium iudicio Atheniensium uirtus ceteris praelata. [11] Interduces quoque Themistocles princeps ciuitatum testimonio iudicatus gloriam patriae suae auxit.

[15, 1] Igitur Athenienses aucti et praemiis belli et gloria, urbem ex integro condere moliuntur [2] Cum moenia maiora complexi fuissent, suspecti esse Lacedaemoniis coepere reputantibus quibus ruina urbis tantum incrementi dedisset quantum sit datura munita ciuitas. [3] Mittunt ergo legatos, qui monerent ne munimenta hostibus et receptacula futuri belli extruant. [4] Themistocles ut uidit spei urbis inuideri, non existimans abrupte agendum, respondit legatis ituros Lacedaemonem qui de ea re pariter cum illis consulant. [5] Sic dimissis Spartanis hortatur suos opus maturent. [6] Dein ipse interiecto tempore in legatione proficiscitur, et nunc in itinere infirmitate simulata, nunc tarditatem collegarum accusans, sine quibus agi iure nihil posset, diem de die proferendo spatium consummando operi quaerebat; [7] cum interim nuntiatur Spartanis opus Athenis maturari, propter quod denuo legatos mittunt ad inspiciendam rem. [8] Tum Themistocles per seruum magistratibus scribit Atheniensium legatos uinciant pignusque teneant ne in se grauius consulatur. [9] Adit deinde contionem

horas, tenha sido anunciada a vitória. [10] Acabada a guerra, como discutiam sobre os despojos das cidades, pelo juízo de todos, a virtude dos atenienses teria estado acima da dos restantes. [11] Temístocles, do mesmo modo, julgado o primeiro entre os comandantes pelo testemunho das cidades, aumentou a glória de sua pátria.

[15, 1] Então, os atenienses, enriquecidos com os despojos e com a glória da guerra, empenham-se em construir a urbe por inteiro. [2] Como muralhas mais amplas teriam sido concluídas, começaram a ser suspeitos aos lacedemônios, que refletiam se a comunidade murada haveria de lhes propiciar tamanho crescimento quanto a ruína da urbe tinha-lhes propiciado. [3] Por conseguinte, enviam embaixadores que os aconselhassem a não levantar baluartes aos inimigos e refúgios para uma futura guerra. [4] Temístocles, como viu a expectativa da urbe ser contrariada, não julgando que deveria agir bruscamente, respondeu aos embaixadores que iriam à Lacedemônia, aqueles que deliberariam sobre essa questão juntamente com eles. [5] Assim, dispensados os espartanos, exorta os seus para que apressem o trabalho. [6] Depois, passado um tempo, ele mesmo parte em missão de embaixada, e ora com simulada enfermidade durante o percurso, ora acusando a lentidão dos colegas, sem os quais nada poderia ser aviado com razão, dia após dia, procurava estender a demora para a conclusão do trabalho; [7] com esse íterim, anuncia-se aos espartanos que a obra dos atenienses vai completar-se, pelo que embaixadores são enviados novamente para inspecionar o fato. [8] Então, Temístocles escreve, por um servo, aos magistrados atenienses que prendam os embaixadores e os mantenham

Lacedaemoniorum, indicat permunitas Athenas esse et posse iam inlatum bellum non armis tantum, sed etiam muris sustinere; [10] si quid ob eam rem de se crudelius statuerent, legatos eorum in hoc pignus Athenis retentos. [11] Grauitur deinde castigat eos quod non uirtute, sed inbecillitate sociorum potentiam quaerent. [12] Sic dimissus ueluti triumphatis Spartanis a ciuibus excipitur. [13] Post haec Spartani, ne uires otio corrumperent et ut bis inlatum a Persis Graeciae bellum ulciscerentur, ultro fines eorum populantur. [14] Ducem suo sociorumque exercitui deligunt Pausaniam, qui pro ducatu regnum Graeciae adfectans prodicionis praemium cum Xerxe nuptias filiae eius paciscitur redditus captiuis ut fides regis aliquo beneficio obstringeretur. [15] Scribit praeterea Xerxi, quoscumque ad se nuntios misisset, interficeret, ne res loquacitate hominum proderetur. [16] Sed dux Atheniensium Aristides, belli socius electus, collegae conatibus obuiam eundo, simul et in rem sapienter consulendo prodicionis consilia discussit; nec multo post accusatus Pausanias damnatur. [17] Igitur Xerxes, cum prodicionis dolum publicatum uideret, ex integro bellum instituit. [18] Graeci quoque ducem constituunt Cimona Atheniensem, filium Miltiadis, quo duce apud Marathonem pugnatum est, iuuenem, cuius magnitudinem futuram pietatis documenta prodiderunt; [19] quippe patrem ob crimen peculatus in

como garantia para que não seja deliberada resolução mais severa contra ele. [9] Logo, vai à assembleia dos lacedemônios, mostra que Atenas está fortificada e já pode sustentar uma guerra a eles trazida não só com armas, mas também com muros; [10] se, por causa desse fato, estabelecessem a seu respeito alguma medida mais cruel, os embaixadores deles estavam retidos em Atenas como garantia. [11] Logo, censura-os severamente por buscarem o poder não na virtude, mas na fraqueza dos aliados. [12] Assim despachado, é acolhido pelos cidadãos como se eles tivessem triunfado sobre os espartanos. [13] Depois disso, os espartanos, para que os homens não se corrompessem com o ócio e para que vingassem a guerra trazida à Grécia duas vezes pelos persas, passam a saquear além de suas fronteiras. [14] Escolhem Pausânias como comandante de seu exército e dos aliados, o qual, almejando em vez do comando militar o reinado da Grécia – recompensa pela traição –, negocia as núpcias de sua filha com Xerxes, e restituem cativos para que a fidelidade do rei estivesse vinculada a algum benefício. [15] Além disso, escreve a Xerxes que assassinasse qualquer mensageiro que a ele fosse enviado, de modo que o fato não fosse exposto pela loquacidade dos homens. [16] Mas o comandante dos atenienses, Aristides, eleito aliado de guerra, adiantando-se contra os esforços do colega e, ao mesmo tempo, tomando medidas sobre o fato sabiamente, afastou os planos de traição; não muito depois, Pausânias, acusado, é condenado. [17] Então, Xerxes, como visse o dolo da traição tornado público, institui guerra outra vez. [18] Os gregos, do mesmo modo, estabelecem como comandante Címon, o ateniense, filho de Miltíades, comandante sob o qual se combateu em Maratona. Um jovem cujos exemplos de piedade revelaram a magnitude futura, [19]

carcerem coniectum ibique defunctum translatis in se uinculis ad sepulturam redemit.

[20] Nec in bello iudicium deligentium fefellit, siquidem non inferior uirtutibus patris, Xerxen, terrestri naualique bello superatum, trepidum recipere se in regnum coegit.

### LIBER III

[1, 1] Xerxes, rex Persarum, terror antea gentium, bello in Graecia infeliciter gesto etiam suis contemptui esse coepit. [2] Quippe Artabanus, praefectus eius, deficiente cotidie regis maiestate in spem regni adductus cum septem robustissimis filiis regiam uesperis ingreditur – nam amicitiae iure semper illi patebat, trucidatoque rege uoto suo obsistentes filios eius dolo adgreditur. [3] Securior de Artaxerxe, puero admodum, fingit regem a Dario, qui erat adulescens, quo maturius regno potiretur, occisum; inpellit Artaxerxen parricidium parricidio uindicare. [4] Cum uentum ad domum Darii esset, dormiens inuentus, quasi somnum fingeret, interficitur. [5] Dein cum unum ex regis filiis sceleri suo superesse Artabanus uideret metuereque de regno certamina principum, adsumit in societatem consilii Baccabasum, [6] qui praesenti statu contentus rem prodit Artaxerxi, ut pater eius occisus sit, ut frater falsa

haja vista que o pai, tendo sido lançado em cárcere por causa do crime de peculato, e lá falecido, ele resgatou para dar-lhe sepultura, transferidos os grilhões para si. [20] Nem desapontou o juízo dos que o escolheram para a guerra, visto que, não inferior às virtudes paternas, obrigou Xerxes, subjugado em guerra naval e terrestre, a recuar apressado a seu reino.

### Livro III

[1, 1] Xerxes, rei dos persas, antes o terror das gentes, após a desditosa guerra travada na Grécia, começa a ser desprezado até pelos seus. [2] Certamente, Artábano, seu intendente, com a autoridade do rei diminuindo a cada dia, motivado pela esperança de reinado, adentra, à noite, com sete de seus filhos mais fortes, no palácio – que para ele já estava sempre aberto pela prerrogativa da amizade –, e, morto o rei, aborda com um dolo os filhos dele resistentes ao seu desejo. [3] Mais tranquilo a respeito de Artaxerxes, um menino ainda, finge que o rei fora morto por Dario, que era adolescente, para que mais cedo tomasse posse do reino: impele Artaxerxes a vingar o parricídio com um parricídio<sup>435</sup>. [4] Quando chega à casa de Dario, encontrado dormindo, é assassinado como se fingisse o sono. [5] Depois, como Artábano visse que um dos filhos do rei tinha sobrevivido à sua transgressão e temesse disputas dos aristocratas pelo reino, toma Bacabaso como aliado do plano, [6] o qual, tenso com a presente situação, relata o fato a Artaxerxes: como o pai dele teria sido assassinado; como o irmão, subjugado por uma falsa suspeita de parricídio; como, por fim, preparavam-se

<sup>435</sup> Cf. nota a Just. 1.9.5.

parricidii suspicione oppressus, ut denique ipsi pararentur insidiae. [7] His cognitis Artaxerxes, uerens Artabani numerum filiorum, in posterum diem paratum esse armatum exercitum iubet, recogniturus et numerum militum et in armis industriam singulorum. [8] Itaque cum inter ceteros et ipse Artabanus armatus adsisteret, rex simulat se breuiorem lorica habere, iubet Artabanum secum commutare, exuentem se ac nudatum gladio traicit; tum et filios eius corripit iubet. [9] Atque ita egregius adulescens et caedem patris et necem fratris et se ab insidiis Artabani uindicauit.

[2, 1] Dum haec in Persis geruntur, interea Graecia omnis ducibus Lacedaemoniis et Atheniensibus in duas diuisa partes ab externis bellis uelut in uiscera sua arma conuertit. [2] Fiunt igitur de uno populo duo corpora, et eorundem castrorum homines in duos hostiles exercitus diuiduntur. [3] Hinc Lacedaemonii communia quondam ciuitatum auxilia ad uires suas trahebant, inde Athenienses et uetustate gentis et gestis rebus inlustres propriis uiribus confidebant. [4] Atque ita duo potentissimi Graeciae populi institutis Solonis et Lycurgi legibus pares ex aemulatione uirium in bellum ruebant. [5] Namque Lycurgus cum fratri suo Polydectae, Spartanorum regi, successisset regnumque sibi uindicare potuisset, Charillo, filio eius, qui natus postumus erat, cum ad aetatem adultam peruenisset, regnum summa fide restituit, [6] ut intellegerent omnes,

insídias para ele. [7] Conhecidos esses fatos, Artaxerxes, receando o número de filhos de Artábano, no dia seguinte, ordena que o exército seja preparado, armado, para inspecionar o número de soldados e a perícia de cada um com as armas. [8] E, assim, como também o próprio Artábano comparecesse armado entre os outros, o rei simula ter um peitoral mais curto, ordena a Artábano que o troque consigo e o atravessa, desarmado e despido, com a espada; depois, também ordena que os filhos dele sejam presos. [9] E, desta maneira, o egrégio adolescente vingou o sangue derramado do pai, o massacre do irmão e a si mesmo contra as insídias de Artábano.

[2, 1] Entrementes, enquanto essas ações são realizadas na Pérsia, a Grécia, toda dividida em duas partes pelos comandantes lacedemônios e atenienses, converte as armas das guerras externas como contra as suas próprias vísceras. [2] São feitos, então, de um único povo, dois corpos, e os homens dos mesmos acampamentos são divididos em dois exércitos hostis. [3] De um lado, os lacedemônios traziam para as suas próprias forças militares as tropas auxiliares das cidades outrora comuns; do outro, os atenienses, ilustres pela antiguidade de sua gente e também por seus feitos, confiavam em suas próprias forças militares. [4] E, assim, dois dos povos mais poderosos da Grécia, iguais pelas leis instituídas por Sólon e por Licurgo, ruíram em uma guerra devido à disputa de suas forças. [5] E, com efeito, embora Licurgo sucedesse seu irmão Polidectes, rei dos espartanos, e pudesse reclamar o reino para si, com suma fidelidade, restituiu o reino ao filho dele, Carilo – o qual nascera postumamente –, quando ele alcançou a idade adulta, [6] para

quanto plus apud bonos pietatis iura quam omnes opes ualerent. [7] Medio igitur tempore, dum infans conualescit tutelamque eius administrat, non habentibus Spartanis leges instituit, non inuentione earum magis, quam exemplo clarior: [8] siquidem nihil lege ulla in alios sanxit, cuius non ipse primus in se documentum daret. [9] Populum in obsequia principum, principes ad iustitiam imperiorum formauit. [10] Parsimoniam omnibus suavit, existimans laborem militiae adsidua frugalitatis consuetudine faciliorem fore. [11] Emi singula non pecunia, sed compensatione mercium iussit. [12] Auri argentique usum uelut omnium scelerum materiam sustulit.

[3, 1] Administrationem rei publicae per ordines diuisit: [2] regibus potestatem bellorum, magistratibus iudicia et annuos successores, senatui custodiam legum, populo sublegendi senatum uel creandi quos uellet magistratus potestatem permisit. [3] Fundos omnium aequaliter inter omnes diuisit, ut aequata patrimonia neminem potentiorum altero redderent. [4] Conuiuari omnes publice iussit, ne cuius diuitiae uel luxuria in occulto essent. [5] Iuuenibus non amplius una ueste uti toto anno permissum, nec quemquam cultius quam alterum progredi nec epulari opulenti, ne imitatio in luxuriam uerteretur. [6] Pueros puberes non in forum, sed in agrum deduci praecepit, ut primos annos non in luxuria, sed in opere et in laboribus agerent. [7] Nihil eos somni causa substernere et uitam

que todos compreendessem o quanto valiam, junto aos bons, os direitos da piedade, mais do que todas as riquezas. [7] Então, nesse meio tempo, enquanto a criança cresce, e ele administra sua tutela, institui leis aos espartanos, que não as tinham, sendo mais preclaro não pela invenção delas do que pelo exemplo: [8] visto que não sancionou, aos outros, lei alguma da qual ele mesmo, primeiro, não tivesse dado de si uma amostra. [9] Formou o povo para a obediência aos aristocratas; os aristocratas à justiça em suas ordens. [10] Aconselhou a todos a parcimônia, julgando que o trabalho do serviço militar seria mais fácil pelo hábito constante da frugalidade. [11] Ordenou que tudo fosse comprado não com dinheiro, mas pela troca de mercadorias. [12] Suprimiu o uso do ouro e da prata, como se fosse matéria de todo abominável.

[3, 1] Dividiu a administração dos assuntos públicos pelas ordens: [2] confiou a autoridade das guerras aos reis; a justiça aos magistrados e aos sucessores anuais; a custódia das leis ao senado; a autoridade de compor o senado ou de eleger os magistrados que quisesse ao povo. [3] Dividiu igualmente todos os fundos entre todos, para que os patrimônios iguados não tornassem um mais poderoso que o outro. [4] Ordenou a todos que comessem em público, para que os haveres ou o luxo deles não ficassem ocultos. [5] Aos jovens, não era permitido mais do que uma veste para o ano todo, para ninguém andar mais elegante que o outro, nem se banquetear com muita opulência, a fim de que não se voltassem ao luxo pela imitação. [6] Instruiu que os meninos púberes fossem conduzidos não ao fórum, mas ao campo, para que não passassem os primeiros anos em luxo, mas em esforço e trabalhos. [7] Instituiu que nada lhes forrasse o chão para dormir, e que passassem a vida sem iguarias e não

sine pulmento degere, neque prius in urbem redire quam uiri facti essent, statuit. [8] Virgines sine dote nubere iussit, ut uxores legerentur, non pecuniae, seueriusque matrimonia sua uiri coercerent, cum nullis frenis dotis tenerentur. [9] Maximum honorem non diutum et potentium, sed pro gradu aetatis senum esse uoluit, nec sane usquam terrarum locum honoratiorem senectus habet. [10] Haec quoniam primo solutis antea moribus dura uidebat esse, auctorem eorum Apollinem Delphicum fingit et inde se ea ex praecepto numinis detulisse, ut consuescendi taedium metus religionis euincat. [11] Dein ut aeternitatem legibus suis daret, iure iurando obligat ciuitatem, nihil eos de eius legibus mutatuos, priusquam reuerteretur, et simulat se ad oraculum Delphicum proficisci, consulturum quid addendum mutandumque legibus uideretur. [12] Proficiscitur autem Cretam ibique perpetuum exilium egit abique in mare ossa sua moriens iussit, ne relatis Lacedaemonem solutos se Spartani religione iuris iurandi in dissoluendis legibus arbitrarentur.

[4, 1] His igitur moribus ita breui ciuitas conualuit ut<sup>436</sup>, cum Messeniis propter stupratas uirgines suas in sollemni Messeniorum sacrificio bellum intulissent,

retornassem à urbe antes que se tornassem homens feitos. [8] Ordenou que se casassem as virgens sem dote, para que fossem escolhidas esposas, não bens, e os homens aferrassem-se mais seriamente a seus próprios matrimônios, já que não eram segurados por freio algum de dote. [9] Desejou que a honra máxima estivesse não com os ricos e poderosos, mas com os velhos conforme a medida da idade, e não há, de fato, qualquer lugar da terra em que a velhice seja mais honrada. [10] Como via que esses costumes a princípio eram duros para aqueles antes acomodados, fingiu que o responsável por eles era Apolo délfico e, dali, trouxe-os por intermédio do preceito do nume, para que o medo da religião triunfasse sobre o tédio de se acostumar (a novos hábitos). [11] Depois, para que desse eternidade a suas leis, obriga a cidade a fazer um juramento, segundo o qual eles nada mudariam nessas leis antes que ele retornasse e simula que parte para o oráculo de Delfos, parecendo consultar o que era para acrescentar e mudar nessas leis. [12] Parte, porém, para Creta e, ali, busca um exílio perpétuo e, morrendo, ordena jogar seus ossos no mar, para que, se levados de volta à Lacedemônia, os espartanos não se considerassem desligados, pela religião, do juramento a respeito da dissolução das leis.

[4, 1] Assim, então, por esses costumes, a cidade, em breve, cresceu de modo que, como levavam guerra aos messênios devido a suas virgens estupradas no sacrificio solene dos messênios, ligaram-se a um juramento

<sup>436</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online) haveria aqui um dos recortes mais claros de Justino, já que, entre o *cum* e o *ut*, Trogo provavelmente teria abordado as guerras argivas que aparecem nos *Prólogos*. Watson (1853, recurso online) também aponta, em nota ao trecho, que *breui* não é adequado, visto que entre a promulgação das leis de Licurgo e a guerra narrada haveria cerca de cento e quarenta e um anos.

grauissima se execratione obstrinxerint, non prius quam Messeniam expugnassent reuersuros, tantum sibi uel de uiribus suis uel de fortuna spondentes. [2] Quae res initium dissensionis Graeciae et intestini belli causa et origo fuit. [3] Itaque cum contra praesumptionem suam annis X in obsidione urbis tenerentur et querelis uxoribus post tam longam uiduitatem reuocarentur, [4] ueriti ne hac perseuerantia belli grauius sibi quam Messeniis nocerent, quippe illis quantum iuuentutis bello intercidat, mulierum fecunditate suppleri, sibi et bellis damna adsidua et fecunditatem uxoribus absentibus uiris nullam esse; [5] itaque legunt iuuenes ex eo genere militum qui post ius iurandum in supplementum uenerant; quibus Spartam remissis, promiscuos omnium feminarum concubitus permisere, [6] maturiorem futuram conceptionem rati si eam singulae per plures uiros experirentur. [7] Ex his nati ob notam materni pudoris Partheniae uocati. [8] Qui cum ad annum XXX peruenissent, metu inopiae (nulli enim pater existebat, cuius in patrimonium successio speraretur) ducem Phalantum adsumunt, filium Arati, qui auctor Spartanis fuerat iuuentutis ad generandam subolem domum remittendae [9] ut, sicuti dudum patrem eius nascendi auctorem habuissent, sic ipsum spei ac dignitatis suae

muito severo de que não voltariam antes que tomassem de assalto a Messênia: tanto prometiam de si quanto a suas próprias forças ou quanto a sua sorte. [2] Este acontecimento foi o início dos descentendimentos na Grécia e a causa e a origem da guerra interna. [3] E, assim, como foram, contra sua própria expectativa, retidos por dez anos no cerco à urbe e eram chamados de volta pelas reclamações das esposas após tão longa viuvez, [4] receando fazer um mal mais severo a si do que aos messênios com esse prolongamento da guerra – porque, para eles<sup>437</sup>, a fecundidade das mulheres supria quantos jovens matavam na guerra; para si, os danos da guerra eram constantes, e também a fecundidade das esposas era nula estando os homens ausentes –, [5] assim, escolhem os jovens daquele grupo de soldados que chegaram como reforço após o juramento, aos quais, de volta a Esparta, permitem que, promiscuos, deitem-se com todas as moças, [6] acreditando que a futura concepção seria mais rápida se cada uma delas a tentasse com vários homens. [7] Os nascidos deles são chamados de Partênios<sup>438</sup>, em razão da mácula ao pudor materno. [8] Eles, quando chegam aos trinta anos, com medo da indigência – de fato, não existia pai algum de quem poderiam esperar a sucessão ao patrimônio – tomam como comandante Falanto, filho de Arato, que fora o responsável (pela ideia) de que a juventude retornasse à pátria para gerar linhagem, [9] de modo que, assim como, há algum tempo, tinham o pai dele como o responsável por terem nascido, também tinham o próprio como o de sua esperança e de sua dignidade.

<sup>437</sup> Ou seja, os messênios.

<sup>438</sup> Em grego, παρθενίαι (*partheníai*), ou seja, “filhos de virgens”, a partir de παρθένος (*parthénos*), virgem, já que eram filhos de mulheres que não haviam sido casadas.

haberent. [10] Itaque nec salutatis matribus, quarum adulterio infamiam collegisse uidebantur, ad sedes inquirendas proficiscuntur; [11] diuque et per uarios casus iactati tandem in Italiam deferuntur et occupata arce Tarentinorum, expugnatis ueteribus incolis, sedes ibi constituunt. [12] Sed post annos plurimos dux eorum Phalantus per seditionem in exilium proturbatus Brundisium se contulit, quo expulsi sedibus suis ueteres Tarentini concesserant. [13] His moriens persuadet ut ossa sua postremasque reliquias conterant et tacite spargi in foro Tarentinorum curent; [14] hoc enim modo recuperare illos patriam suam posse Apollinem Delphis cecinisse. [15] Illi arbitrantes eum in ultionem sui ciuium fata prodidisse praeceptis paruere. Sed oraculi diuersa sententia fuerat. [16] Perpetuitatem enim urbis, non amissionem hoc facto promiserat. [17] Ita ducis exulis consilio et hostium ministerio possessio Tarentina Partheniis in aeternum fundata, [18] ob cuius beneficii memoriam Phalanto diuinos honores decreuere.

[5, 1] Interea Messenii, cum uirtute non possent, per insidias expugnantur. [2] Dein cum per annos octoginta grauiam seruitutis uerbera, plerumque et uincula ceteraque

[10] E, assim, não saudando suas mães, das quais consideravam ter recebido a infâmia pelo adultério<sup>439</sup>, partem buscando moradas; [11] e, jogados durante muito tempo e por vários acontecimentos, finalmente, fixam-se na Itália e, ocupada a cidadela dos tarentinos, após tomarem de assalto os antigos habitantes, estabelecem, ali, suas moradas. [12] Mas, após muitíssimos anos, o comandante deles, Falanto, desterrado para o exílio por uma revolta, retirou-se para Brundísio, para onde os antigos tarentinos, expulsos de suas próprias moradas, fugiram. [13] Ele, moribundo, persuade-os a que esmaguem seus ossos e seus últimos restos, cuidando para que, em silêncio, os esparjam no foro dos tarentinos, [14] pois Apolo de Delfos vaticinara que, desse modo, eles recuperariam a posse de sua própria pátria. [15] Eles, pensando que ele revelara as profecias em vingança a seus próprios concidadãos, obedeceram às instruções. Mas a sentença do oráculo era diversa: [16] prometera, na verdade, a perpetuidade da urbe com essa ação, não a sua perda. [17] Assim, pelo conselho de um comandante exilado e pela assistência dos inimigos, a posse tarentina foi eternamente assegurada aos partênios; [18] em razão deste benefício, decretaram honras divinas em memória de Falanto.

[5, 1] Entrementes, os messênios, que não podiam ser tomados de assalto em razão de sua virtude, o são por insídias. [2] Depois, como sofreram por oitenta anos os severos açoites da servidão, as muitas prisões e

<sup>439</sup> A ideia de adultério refere-se a um homem que tem relações sexuais com uma mulher livre que está sob a guarda de outro homem (Barsby, 2006, p. 262), ou seja, tem, nesse contexto, sentido um tanto diferente daquele mais comum em língua portuguesa. Como as espartanas não haviam sido casadas com aqueles com quem tiveram que se relacionar, estavam, então, ainda sob a guarda de seus familiares.



captiuitatis mala perpassi essent, post longam poenarum patientiam bellum restaurant. [3] Lacedaemonii quoque eo conspirati ad arma concurrunt, quod aduersus seruos dimicaturi uidebantur. [4] Itaque cum hinc iniuria, inde indignitas animos acueret, Lacedaemonii de belli euentu oraculo Delphis consulto iubentur duces belli ab Atheniensibus petere. [5] Porro Athenienses, cum responsum cognouissent, in contemptum Spartanorum Tyrtaeum, poetam claudum pede, misere, [6] qui tribus proeliis fusos eo usque desperationis Spartanos adduxit, ut seruos suos ad supplementum exercitus manumitterent hisque interfectorum matrimonia pollicerentur, [7] ut non numero tantum amissorum ciuium, sed et dignitati succederent. [8] Sed reges Lacedaemoniorum, ne contra fortunam pugnando maiora detrimenta ciuitati infligerent, reducere exercitum uoluerunt [9] ni interuenisset Tyrtaeus, qui composita carmina exercitui pro contione recitauit, in quibus hortamenta uirtutis, damnorum solacia, belli consilia conscripserat. [10] Itaque tantum ardorem militibus iniecit, ut non de salute, sed de sepultura solliciti tesseras insculptis suis et patrum nominibus dextro brachio deligarent, [11] ut, si omnes aduersum proelium consumpsisset et temporis spatio confusa corporum liniamenta essent, ex indicio titulorum tradi sepulturae possent. [12] Cum sic animatum reges exercitum uiderent, curant rem hostibus nuntiare; [13] Messeniis autem

também os demais males do cativo, após longa tolerância das penas, restabelecem a guerra. [3] Do mesmo modo, os lacedemônios, tão mais concordes, acorreram às armas, porque lhes parecia que iriam lutar contra servos. [4] E, assim, como aqui a injúria, ali a indignidade ataca os ânimos, tendo consultado o oráculo de Delfos sobre o resultado da guerra, são ordenados a pedir um comandante de guerra aos atenienses. [5] Contudo, os atenienses, quando souberam da resposta, enviaram, em desprezo aos espartanos, o poeta Tirteu, manco de um pé, [6] o qual levou os espartanos, derrotados com ele em três batalhas, a um tal ponto de desespero que libertaram seus próprios servos para reforço do exército e lhes prometiam as esposas dos que morreram, [7] de modo que substituíam os cidadãos que perderam não tanto em número, mas também em dignidade. [8] Mas os reis dos lacedemônios, para não infligir, batalhando contra a sorte, maiores prejuízos à cidade, quiseram retirar o exército, [9] se não tivesse interferido Tirteu, o qual recitava, em reunião, ao exército, os poemas que compusera, nos quais listara exortações de virtude, consolações de perdas, conselhos de guerra. [10] E, assim, inspirou tamanho ardor nos soldados, que, preocupados não com a salvação, mas com a sepultura, ataram, ao braço direito, tabuinhas gravadas com seus próprios nomes e os de seus pais, [11] para que, se um combate adverso arruinasse a todos, e as feições dos corpos ficassem confusas com o passar do tempo, poderiam ser levados à sepultura por meio da indicação das inscrições. [12] Quando os reis viram o exército assim animado, tratam de anunciar isso aos inimigos; [13] contudo, isso não despertou medo nos messênios, mas uma rivalidade mútua. [14] E, assim, fez-se o encontro com tamanhos ânimos que talvez nunca tenha havido combate algum tão

non timorem res, sed aemulationem mutam dedit. [14] Itaque tantis animis concursus est, ut raro umquam cruentius proelium fuerit. [15] Ad postremum tamen uictoria Lacedaemoniorum fuit.

[6, 1] Interiecto tempore tertium quoque bellum Messenii reparauere; [2] in cuius auxilium Lacedaemonii inter reliquos socios etiam Athenienses adhibuere; [3] quorum fidem cum suspectam haberent, superuacuos simulantes a bello eosdem dimiserunt. [4] Hanc rem Athenienses graueres pecuniam, quae erat in stipendium Persici belli ab uniuersa Graecia conlata, a Delo Athenas transferunt, ne deficientibus a fide societatis Lacedaemoniis praedae ac rapinae esset. [5] Sed nec Lacedaemonii quiescere, qui cum Messeniorum bello occupati essent, Peloponnesos inmiscere, qui bellum Atheniensibus facerent. [6] Paruae tunc temporis classe in Aegyptum missa uires Atheniensibus erant. Itaque nauali proelio dimicantes facile superantur. [7] Interiecto deinde tempore post reditum suorum aucti et classis et militum robore proelium reparant. [8] Iam et Lacedaemonii omissis Messeniis aduersus Athenienses arma uerterant. [9] Diu uaria uictoria fuit; ad postremum aequo Marte utrimque discessum. [10] Inde reuocati Lacedaemonii ad Messeniorum bellum, ne medium tempus otiosum Atheniensibus relinquerent, cum Thebanis paciscuntur, ut Boeotiorum imperium his restituerent, quod

cruentus. [15] Por fim, entretanto, a vitória foi dos lacedemônios.

[6, 1] Passado um tempo, os messênios, do mesmo modo, restabelecem a guerra ainda uma terceira vez, [2] para a qual os lacedemônios chamaram em seu auxílio, entre os outros aliados, também os atenienses; [3] como tinham a sua fidelidade sob suspeita, os dispensaram, simulando que eram supérfluos para a guerra. [4] Os atenienses, suportando severamente essa situação, transferem, de Delos para Atenas, o dinheiro que havia sido reunido de toda a Grécia para o gasto com a guerra pérsica, a fim de que, abandonando os lacedemônios a fidelidade à aliança, não ficasse para pilhagem e rapina. [5] Mas os lacedemônios também não aquiesceram, os quais, como estivessem ocupados com a guerra dos messênios, enviaram os peloponenses para que fizessem guerra aos atenienses. [6] Naquele tempo, tendo enviado uma frota ao Egito, as forças militares atenienses eram pequenas, e, assim, os esquadrões foram facilmente superados em combate naval. [7] Logo, passado algum tempo, depois do reforço do retorno dos seus e do aumento da frota e de soldados, restabelecem a batalha. [8] Já os lacedemônios, tendo esquecido os messênios, também verteram suas armas contra os atenienses. [9] Por muito tempo, a vitória foi variável; por fim, um e outro se afastam de um Marte imparcial. [10] Dali, chamados os lacedemônios de volta à guerra dos messênios, para que, nesse meio tempo, não deixassem os atenienses ociosos, pactuam com os tebanos que devolveriam a soberania dos beócios a eles – a qual perderam nos tempos da guerra pérsica –

temporibus belli Persici amiserant, ut illi Atheniensium bella susciperent. [11] Tantus furor Spartanorum erat ut duobus bellis impliciti suscipere tertium non recusarent, dummodo inimicis suis hostes acquirerent. [12] Igitur Athenienses aduersus tantam tempestatem belli duos duces deligunt, Periclen, spectatae uirtutis uirum, et Sophoclen, scriptorem tragoediarum, [13] qui diuiso exercitu et Spartanorum agros uastauerunt et multas Asiae ciuitates Atheniensium imperio adiecerunt.

[7, 1] His malis fracti Lacedaemonii in annos XXX pepigerunt pacem, sed tam longum otium inimicitiae non tulerunt. [2] Itaque intra quindecim annos rupto foedere cum contemptu deorum hominumque fines Atticos populantur [3] et, ne praedam potiusquam pugnam expetisse uiderentur, hostes ad proelium prouocant. [4] Sed Athenienses consilio Periclis ducis populationis iniuriam differunt in tempus ultionis, superuacuum pugnam existimantes, cum ulcisci hostem sine periculo possent. [5] Dein interiectis diebus naues conscendunt et nihil sentientibus Lacedaemoniis totam Spartam depraedantur multoque plura auferunt quam amiserant, [6] prorsus ut in comparatione damnorum longe pluris fuerit ultio quam iniuria. [7] Clara quidem haec Periclis expeditio habita, sed multo clarior priuati patrimonii contemptus fuit. [8] Huius agros in populatione ceterorum intactos hostes reliquerant, sperantes acquirere

para que eles suscitassem guerras aos atenienses. [12] Tamanho era o furor dos espartanos que, envolvidos em duas guerras, não se recusavam a suscitar uma terceira, desde que conseguissem adversários para seus próprios inimigos. [12] Então, os atenienses escolhem dois comandantes contra tamanha tempestade de guerra: Péricles, homem de notável virtude, e Sófocles, escritor de tragédias, [13] os quais, tendo dividido o exército, devastaram os campos dos espartanos e também acrescentaram muitas cidades da Ásia ao império dos atenienses.

[7, 1] Quebrantados por esses males, os lacedemônios firmaram a paz por trinta anos, mas não suportaram um ócio tão longo para a inimizade. [2] E, assim, rompido o acordo após quinze anos, com o desprezo dos deuses e dos homens, passam a saquear além das fronteiras áticas [3] e, para que não parecessem almejar antes a pilhagem do que o combate, provocam os inimigos à batalha. [4] Mas os atenienses, conforme o plano do comandante Péricles, guardam a injúria do saque para o tempo de vingança, pensando que a batalha seria desnecessária, quando poderiam castigar o adversário sem perigo. [5] Depois, passados uns dias, embarcam em naus e, nada percebendo os lacedemônios, depredam toda Esparta e obtêm muito mais do que aquilo que perderam, [6] de modo que, sem dúvida, pela comparação dos danos, a vingança foi de longe maior do que a injúria inicial. [7] Certamente, essa expedição de Péricles foi tida como preclara, mas muito mais preclaro foi seu desprezo pelo patrimônio privado. [8] Os inimigos, tendo saqueado os demais, haviam deixado os campos dele intactos, esperando poder colocá-lo ou em perigo devido à inveja ou em infâmia devido à suspeita de uma traição.

se illi posse aut periculum ex inuidia aut ex suspicione proditionis infamiam. [9] Quod ante prospiciens Pericles et futurum populo praedixerat et ad inuidiae impetum declinandum agros ipsos dono rei publicae dederat, [10] atque ita, unde periculum quaesitum fuerat, ibi maximam gloriam inuenit. [11] Post haec interiectis diebus nauali proelio dimicatum est; uicti Lacedaemonii fugerunt. [12] Nec cessatum deinceps est, quin aut terra aut mari uaria proeliorum fortuna inuicem se trucidarent. [13] Denique fessi tot malis pacem in annos L fecere, quam non nisi sex annis seruauerunt. [14] Nam indutias, quas proprio nomine condixerant, ex sociorum persona rumpebant, [15] quippe quasi minus periurii contraherent, si ferentes sociis auxilia potius quam si aperto proelio dimicassent. [16] Hinc bellum in Siciliam translatum, quod priusquam expono, de Siciliae situ pauca dicenda sunt.

#### LIBER IV

[1, 1] Siciliam ferunt angustis quondam faucibus Italiae adhaesisse direptamque uelut a corpore maiore impetu superi maris, quod toto undarum onere illuc uehitur. [2] Est autem terra ipsa tenuis ac fragilis et cauernis quibusdam fistulisque ita penetrabilis ut uentorum tota ferme flatibus pateat; [3] nec

[9] Péricles, já imaginando isso, proclamara o futuro ao povo e também doara esses mesmos campos à república para se desviar do ímpeto da inveja. [10] E, assim, ali onde fora buscado o perigo, foi encontrada a glória máxima. [11] Posteriormente, passados uns dias, luta-se em combate naval; vencidos, os lacedemônios fugiram. [12] Também não descansaram imediatamente, porque se trucidavam reciprocamente, em terra ou em mar, com variável sorte das batalhas. [13] Em consequência disso, cansados de tantos males, selaram a paz por cinquenta anos, o que não observaram senão por seis anos. [14] Com efeito, as tréguas a que se comprometiam em seu próprio nome, rompiam por meio da figura dos aliados, [15] como se cometessem um perjúrio menor se, antes, lutassem levando tropas auxiliares aos aliados do que se em uma batalha aberta. [16] Dali, a guerra foi transferida para a Sicília, mas antes que a relate, umas poucas (palavras) devem ser ditas sobre a situação da Sicília.

#### Livro IV

[1, 1] Contam que a Sicília estivera ligada à Itália por um istmo estreito e, como se arrancada do corpo maior pelo ímpeto do mar Superior<sup>440</sup> – o qual, ali, está com todo o peso das ondas – foi deslocada. [2] No entanto, a própria terra é fina e frágil e é trespassada por cavernas e físsuras, de maneira que, assim, abre-se quase toda aos sopros dos ventos; [3] e a natureza do próprio solo não deixa de gerar e nutrir as

<sup>440</sup> Ou seja, os mares Adriático e Jônico (Castro Sánchez, 2008, p. 135).

non et ignibus generandis nutriendisque soli ipsius naturalis materia, quippe intrinsecus stratum sulphure et bitumine traditur, [4] quae res facit, ut spiritu cum igne in terra interiore luctante frequenter et conpluribus locis nunc flammam, nunc uaporem, nunc fumum eructet. [5] Inde denique Aetnae montis per tot saecula durat incendium, [6] et ubi acrior per spiramenta caernarum uentus incubuit, harenarum moles egeruntur. [7] Proximum Italiae promuntorium Regium dicitur, ideo quia Graece abrupta hoc nomine pronuntiantur. [8] Nec mirum, si fabulosa est loci huius antiquitas, in quem res tot coiere mirae. [9] Primum quod nusquam alias torrens fretum, nec solum citato impetu, uerum etiam saeuo, neque experientibus modo terribile, uerum etiam procul uisentibus. [10] Vndarum porro in se concurrentium tanta pugna est, ut alias ueluti terga dantes uerticibus in imum desidere, alias quasi uictrices in sublime ferri uideas; nunc hinc fremitum feruentis aestus, nunc illinc gemitum in uoraginem desidentis exaudias. [11] Accedunt uicini et perpetui Aetnae montis ignes et insularum Aeolidum, uelut in ipsis undis alatur incendium; [12] neque enim in tam angustis terminis aliter durare tot saeculis tantus ignis potuisset, nisi et humoris nutrimentis aleretur. [13] Hinc igitur fabulae Scyllam et Charybdin peperere, hinc latratus auditus, hinc monstri credita

chamas, porque relata-se que, por dentro, abundam enxofre e betume. [4] Essa situação faz com que, enquanto o ar duela com a chama no interior da terra, (o solo) exale, frequentemente e em diversos locais, ora chamas, ora vapor, ora fumaça. [5] Daí, enfim, o fato de que perdura, por tantos séculos, o incêndio do monte Etna, [6] e, quando um vento mais forte choca-se com as fendas das cavernas, montantes de areia lançam-se para fora. [7] O promontório próximo da Itália é dito Régio, pois os precipícios são chamados por este nome em grego<sup>441</sup>. [8] E não é de se admirar que este local, em que se reuniram tantas circunstâncias admiráveis, tenha uma antiguidade fabulosa. [9] Primeiro porque em nenhuma outra parte o estreito é assim violento, com um ímpeto não só agitado, como também furioso e terrível, não apenas aos que o experimentam, como também aos que o veem a distância. [10] Além disso, há tamanho combate das ondas que se entrechocam que vês umas afundar como se recuassem, escapando para o fundo, outras, como se vencedoras, serem levadas às alturas; ouves claramente ora, aqui, o estrondo das ondas turbulentas, ora, ali, o gemido das que afundam na voragem. [11] Ajuntam-se as chamas vizinhas e perpétuas do monte Etna e das ilhas Eólicas, como se o incêndio fosse mantido pelas próprias ondas; [12] e, de fato, tamanha chama não poderia durar por tantos séculos, em limites tão estreitos, de outro modo se não se alimentasse também de provisões líquidas. [13] Daí, então, nasceram as fábulas de Cila e Caríbdis, daí os latidos ouvidos, daí a crença nas aparições de um monstro, já que os navegantes, tomados de terror pelos

<sup>441</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 136), a partir, provavelmente, da mesma raiz de palavras como ῥήγνυμι (*rhégnymi*), quebrar.

simulacra, dum nauigantes magnis uerticibus pelagi desidentis exterriti latrare putant undas, quas sorbentis aestus uorago conlidit. [14] Eadem causa etiam Aetnae montis perpetuos ignes facit. [15] Nam aquarum ille concursus raptum secum spiritum in imum fundum trahit atque ibi suffocatum tam diu tenet, donec per spiramenta terrae diffusus nutrimenta ignis incendat. [16] Iam ipsa Italiae Siciliaeque uicinitas, iam promuntiorum altitudo ipsa ita similis est ut quantum nunc admirationis, tantum antiquis terroris dederit credentibus, coeuntibus in se promuntoriis ac rursum discedentibus solida intercipi absumique nauigia. [17] Neque hoc ab antiquis in dulcedinem fabulae conpositum, sed metu et admiratione transeuntium. [18] Ea est enim procul inspicientibus natura loci, ut sinum maris, non transitum putes, quo cum accesseris discedere ac seiungi promuntoria, quae ante iuncta fuerint, arbitrere.

[2, 1] Siciliae primo Trinacriae nomen fuit, postea Sicania cognominata est. [2] Haec a principio patria Cycloperum fuit, quibus extinctis Cocalus regnum insulae occupauit. [3] Postquam singulae ciuitates in tyrannorum imperium concesserunt, quorum nulla terra feracior fuit, [4] horum ex numero Anaxilaus iustitia cum ceterorum crudelitate certabat, cuius moderationis haud mediocrem fructum tulit, [5] quippe decedens cum filios paruulos reliquisset tutelamque eorum Micalo, spectatae fidei seruo, commisisset, tantus

vórtices do pélogo que afunda, pensam que latem as ondas, as quais, sorvendo-as, a voragem das vagas encapeladas aniquila. [14] Essa mesma causa também cria as chamas perpétuas do monte Etna. [15] Com efeito, esta confluência das águas traz consigo o ar ao cavo fundo e, ali, o mantém, por longo tempo, sufocado, até que, espalhado pelas fendas na terra, incendeie as provisões da chama. [16] Ora a própria proximidade da Itália e da Sicília, ora a própria altitude dos promontórios é de tal modo semelhante, que teria rendido tamanha admiração agora quanto terror aos antigos, que acreditavam que os sólidos navios eram interceptados e engolidos pelos promontórios que se uniam e se afastavam de novo. [17] E isso não foi concebido pelos antigos devido ao encanto da fábula, mas pelo medo e pela admiração dos que passam. [18] Essa é, de fato, a natureza do local para os que o inspecionam de longe, de tal forma que penses que é um golfo do mar, não uma passagem, e quando tiveres te aproximado, julgues que os promontórios, que antes estiveram juntos, unem-se e se afastam.

[2, 1] O primeiro nome da Sicília foi Trinácia; posteriormente, foi chamada de Sicânia. [2] Esta foi, no princípio, a pátria dos ciclopes; com eles extintos, Cócalo ocupou o reino da ilha. [3] Depois, cada uma das cidades passou para o poder de tiranos, dos quais nenhuma terra foi mais fecunda. [4] Um deles, Anaxilau, competia com sua justiça contra a crueldade dos outros; a moderação dele levou a um fruto não desprezível, [5] pois, falecendo, embora tenha deixado os filhos pequeninos e delegado a tutela deles a Micalo, um seruo de notável fidelidade, houve tamanho amor à memória dele junto a todos, que preferiram obedecer a um seruo a abandonar os filhos

amor memoriae eius apud omnes fuit, ut parere seruo quam deserere regis filios mallent principesque ciuitatis obliti dignitatis suae regni maiestatem administrari per seruum paterentur. [6] Imperium Siciliae etiam Karthaginienses temptauere, diuque uaria uictoria cum tyrannis dimicatum. [7] Ad postremum amisso Hamilcare imperatore cum exercitu aliquantisper quieuerunt uicti.

[3, 1] Medio tempore, cum Regini discordia laborarent ciuitasque per dissensionem diuisa in duas partes esset, ueterani ab altera parte ab Himera in auxilium uocati, pulsus ciuitate contra quos inplorati fuerant et mox caesis quibus tulerant auxilium, urbem cum coniugibus et liberis sociorum occupauerunt, [2] ausi facinus nulli tyranno comparandum, quippe ut Reginis melius fuerit uinci quam uicisse. [3] Nam siue uictoribus captiuitatis iure seruissent siue amissa patria exulare necesse habuissent, non tamen inter aras et patrios lares trucidati crudelissimis tyrannis patriam cum coniugibus ac liberis praedam reliquissent. [4] Catinienses quoque cum Syracusanos graues paterentur, diffisi uiribus suis auxilium ab Atheniensibus petiuere; [5] qui seu studio maioris imperii, quod Asiam Graeciamque penitus occupauerunt, seu metu factae nuper idem a Syracusanis classis, ne Lacedaemoniis illae uires accederent, Lamponium ducem cum classe in Siciliam misere, ut sub specie ferendi Catiniensibus auxilii temptarent Siciliae imperium. [6] Et

do rei, e os aristocratas da cidade, esquecidos de sua própria dignidade, suportaram que a majestade do reino fosse administrada por um seruo. [6] Os cartagineses também tentaram a soberania e lutaram com os tiranos por muito tempo, tendo vitória variável. [7] Por fim, tendo perdido o general Amílcar com o seu exército, desistiram, por algum tempo, e se deram por vencidos.

[3, 1] Nesse meio tempo, enquanto os reginos ocupavam-se com a discórdia, e a cidade estava dividida em duas partes por um desentendimento, implora-se o auxílio, por uma das partes, dos veteranos de Hímera; tendo expulsado da cidade aqueles contra os quais foram invocados e matado, a seguir, aqueles aos quais levaram auxílio, ocuparam a urbe junto às esposas e aos filhos dos aliados, [2] atrevendo-se a uma falta comparável a nenhum tirano, pois, para os reginos, teria sido melhor serem vencidos do que vencer. [3] Com efeito, ou teriam servido aos vitoriosos pela lei do cativo, ou, tendo perdido a pátria, teriam precisado exilar-se, contudo, não teriam sido trucidados entre as aras e os lares pátrios, enquanto deixavam a pátria junto às esposas e aos filhos como pilhagem para tiranos tão cruéis. [4] Como os catinenses sofriam, do mesmo modo, os agravos siracusanos, desconfiando de suas próprias forças militares, pediram auxílio aos atenienses; [5] os quais, seja pela intenção de uma soberania maior, pois haviam ocupado inteiramente a Ásia e a Grécia, seja por medo de que as frotas construídas recentemente também pelos siracusanos se juntassem às forças militares dos lacedemônios, enviam o comandante Lampônio com uma frota à Sicília, para que, sob o pretexto de levar auxílio aos catinenses, tentassem a soberania

quoniam prima initia frequenter caesis hostibus prospera fuerant, maiore denuo classe et robustiore exercitu Lachete et Chariade ducibus Siciliam petiuere; [7] sed Catinienses siue metu Atheniensium siue taedio belli pacem cum Syracusanis remissis Atheniensium auxiliis fecerunt.

[4, 1] Interiecto deinde tempore, cum fides pacis a Syracusanis non seruaretur, denuo legatos Athenas mittunt, qui sordida ueste, capillo barbaque promissis et omni squaloris habitu ad misericordiam commouendam adquisito contionem deformes adeunt; [2] adduntur precibus lacrimae et ita misericordem populum supplices mouent, ut damnarentur duces, qui ab his auxilia deduxerant. [3] Igitur classis ingens decernitur; creantur duces Nicias et Alcibiades et Lamachos, tantisque uiribus Sicilia repetitur, ut ipsis terrori essent in quorum auxilia mittebantur. [4] Breui post tempore reuocato ad reatum Alcibiade duo proelia pedestria secunda Nicias et Lamachos faciunt; [5] munitionibus deinde circumdatis hostes etiam marinis com meatibus in urbe clausos intercludunt. [6] Quibus rebus fracti Syracusani auxilium a Lacedaemoniis petiuerunt. [7] Ab his mittitur Gylippus solus, sed in quo instar omnium auxiliorum erat. [8] Is audito in itinere belli iam inclinato statu auxiliis partim in Graecia, partim in Sicilia

na Sicília. [6] E, porque foram, desde os primeiros momentos, bem-sucedidos, tendo massacrado, frequentemente, os inimigos, atacaram de novo a Sicília com uma frota maior, um exército mais robusto e os comandantes Laques e Cariades; [7] mas os catinenses, ou por medo dos atenienses ou por tédio da guerra, selaram a paz com os siracusanos, tendo dispensado as tropas auxiliares dos atenienses.

[4, 1] Logo, passado um tempo, como a paz não era conservada com fidelidade pelos siracusanos, enviam, de novo, embaixadores a Atenas, os quais, disformes, com sórdida veste, cabelo e barba crescidos e tendo adquirido a aparência completa de sujidade para promover a misericórdia, procuram a reunião; [2] acrescentam lágrimas às preces, e, assim, os suplicantes movem o povo misericordioso, de modo que os comandantes fossem condenados por terem conduzido de volta as tropas auxiliares. [3] Então, decide-se por uma grande frota; elegem-se os comandantes Nícias, Alcibiades e Lâmaco, e se retorna à Sicília com forças militares tamanhas que causassem terror mesmo para aqueles a quem as tropas auxiliares eram enviadas. [4] Depois de um breve tempo, tendo Alcibiades sido chamado de volta por uma acusação<sup>442</sup>, Nícias e Lâmaco fazem duas batalhas com infantaria; [5] logo, tendo os cercado com fortificações, impediram também que seus inimigos, presos na urbe, tivessem fornecimentos marítimos de víveres. [6] Quebrantados por essas circunstâncias, os siracusanos pediram auxílio aos lacedemônios. [7] Só Gilipo lhes é enviado, mas havia nele o valor de todas as tropas auxiliares. [8] Ele, tendo ouvido, no percurso, a situação já deteriorada da guerra,

<sup>442</sup> Como é narrado em Just. 5.1.1.



ontractis opportuna bello loca occupat. [9] Duobus deinde proeliis uictus, congressus tertio occiso Lamacho et hostes in fugam compulit et socios obsidione liberauit. [10] Sed cum Athenienses a bello terrestri in nauale se transtulissent, Gylippus classem a Lacedaemone cum auxiliis arcessit. [11] Quo cognito et ipsi Athenienses in locum amissi ducis Demosthenen et Eurymedonta cum supplemento copiarum mittunt. [12] Peloponnesii quoque communi ciuitatum decreto ingentia Syracusanis auxilia misere, et quasi Graeciae bellum in Siciliam translatum esset, ita ex utraque parte summis uiribus dimicabatur.

[5, 1] Prima igitur congressione naualis certaminis Athenienses uincuntur; castra quoque cum omni publica ac priuata pecunia amittunt. [2] Super haec mala cum etiam terrestri proelio uicti essent, tunc Demosthenes censere coepit ut abirent Sicilia, dum res quamuis adflictae nondum tamen perditae forent. [3] Neque in bello male auspicato amplius perseuerandum; esse domi grauiora et forsitan infeliciora bella in quae reseruare hos urbis apparatus oporteat. [4] Nicias seu pudore male actae rei, seu metu destitutae spei ciuium, seu inpellente fato manere contendit. [5] Reparatur igitur nauale bellum et animi a prioris fortunae procella ad spem certaminis reuocantur; [6] sed inscitia ducum, qui inter angustias maris tuentes se

ocupa locais oportunos para a guerra com as tropas auxiliares reunidas em parte na Grécia, em parte na Sicília. [9] Logo, vencido em dois combates, tendo-se encontrado em um terceiro – no qual Lâmaco foi morto –, impeliu os inimigos à fuga e libertou os aliados do cerco. [10] Mas como os atenienses transferiam a guerra terrestre à naval, Gilipo foi buscar na Lacedemônia uma frota com tropas auxiliares. [11] Sabendo disso, os próprios atenienses também enviam, no lugar do comandante que perderam, Demóstenes e Eurimedonte com um suplemento de tropas. [12] Os peloponésios, do mesmo modo, por um decreto comum das cidades, enviaram uma grande quantidade de tropas auxiliares aos siracusanos, e, como se a guerra da Grécia tivesse passado à Sicília, assim, cada uma das partes lutou com suas máximas forças.

[5, 1] Então, no primeiro encontro da peleja naval, os atenienses são vencidos; perdem, do mesmo modo, o acampamento com todo o dinheiro público e privado. [2] Como, além desses males, fossem vencidos também em batalha terrestre, naquele momento, Demóstenes começou a considerar que se retirassem da Sicília, enquanto a situação, embora aflitiva, ainda não estava, contudo, perdida, [3] e que não deviam perseverar mais em uma guerra com mau auspício; havia guerras mais severas e talvez mais infelizes na pátria para as quais conviria reservar essas provisões da urbe. [4] Nícias, seja por pudor pelo mal dessas ações, seja por medo quanto à esperança abandonada dos cidadãos, seja porque era impelido pelo destino, lutou para que permanecessem. [5] Reinicia-se, então, a guerra naval, e os ânimos são reconduzidos do flagelo da fortuna anterior à esperança da peleja, [6] mas são facilmente vencidos pela incompetência dos comandantes, que atacam

Syracusanos adgressi, facile uincuntur. [7] Eurylochus <...>. Dux in prima acie fortissime dimicans primus cadit, XXX naues quibus praefuerat incenduntur. [8] Demosthenes et Nicias et ipsi uicti exercitum in terram deponunt, tutiorem fugam rati itinere terrestri. [9] Ab his relictas CXXX naues Gylippus inuasit, ipsos deinde insequitur; fugientes partim capit, partim caedit. [10] Demosthenes amisso exercitu a captiuitate gladio et uoluntaria morte se uindicat, [11] Nicias autem ne Demosthenis quidem exemplo ut sibi consuleret admonitus cladem suorum auxit dedecore captiuitatis.

os siracusanos que se protegiam entre os desfiladeiros marítimos. [7] Euríloco <...><sup>443</sup>. O comandante, tendo lutado com muita coragem na linha de batalha, cai primeiro; trinta naus, as quais ele liderava, foram incendiadas. [8] Demóstenes e Nícias, também vencidos, depõem o exército em terra, certos de uma fuga mais segura pelo percurso terrestre. [9] Gilipo assaltou as cento e trinta naus abandonadas por eles, logo, persegue aqueles; captura uma parte, massacra outra parte dos fugitivos. [10] Demóstenes, tendo perdido o exército, também reivindica para si com a espada uma morte voluntária no lugar do cativo; [11] Nícias, contudo, não aconselhado pelo exemplo de Demóstenes de modo que, de fato, o aplicasse a si, aumentou o desastre dos seus com a desonra do cativo.

## LIBER V

[1, 1] Dum Athenienses in Sicilia bellum per biennium cupidius quam felicius gerunt, interim concitor et dux eius Alcibiades absens

## Livro V

[1, 1] Enquanto os atenienses travavam guerra na Sicília com mais ambição do que com bom resultado por dois anos, nesse ínterim, Alcibiades, provocador e

<sup>443</sup> Em Mineo (2016, p. 90, cf. Justin), 7. *Eurymedon* dux [...] (grifo do editor); Wetzel (1823, p. 150, cf. Justinus) e Seel (2011 [1972], p. 24, cf. Justinus) apresentam o mesmo texto que ele, mas não o grifam. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) argumenta: “[o]s editores, antigos como recentes, corrigem aqui o texto dos manuscritos e escrevem Eurimedonte, mas prefiro manter a lição transmitida pela tradição manuscrita e indicar uma lacuna. Acredito que Justino fez, mais uma vez, um corte claro no texto de Pompeio Trogo que, sem dúvida, falava aqui das façanhas de um certo Euríloco, que não é conhecido de outra forma, antes de contar o fim do almirante Eurimedonte; o abreviador saltou de Euríloco para Eurimedonte, enganado pela semelhança dos nomes. No entanto, também é possível que tenha havido um deslize de Pompeio Trogo ou de Justino, provocado pelo fato de o histórico Euríloco ser um general espartano, morto em batalha campal pelo estrategista Demóstenes, então no início de sua carreira”; “Les éditeurs, anciens comme récents, corrigent ici le texte des mss et écrivent Eurymédon, mais je préfère garder la leçon transmise par la tradition manuscrite et indiquer une lacune. Je pense que Justin a opéré, une fois encore, une coupe claire dans le texte de Trogue Pompée qui parlait sans doute ici des exploits d’un certain Eurylochus, qui n’est pas autrement connu, avant de raconter la fin de l’amiral Eurymédon ; l’abrégiateur a sauté d’Eurylochus à Eurymédon, abusé par la ressemblance des noms. Cependant, il est aussi possible qu’il y ait eut un lapsus de Trogue Pompée ou de Justin, amené par le fait que l’Eurylochus historique était un général spartiate, tué en bataille rangée par le stratège Démosthène, alors au début de sa carrière”.

Athenis insimulatur mysteria Cereris initiorum sacra, nullo magis quam silentio sollemnia, enuntiauisse, [2] reuocatusque a bello ad iudicium, siue conscientia siue indignitatem rei non ferens, tacitus in exilium Elidem profectus est. [3] Inde, ubi non damnatum se tantum, uerum etiam diris per omnium sacerdotum religiones deuotum cognouit, Lacedaemona se contulit [4] ibique regem Lacedaemoniorum inpellit turbatis Atheniensibus aduerso Siciliae proelio ultro bellum inferre. [5] Quo facto omnia Graeciae regna uelut ad extinguendum commune incendium concurrunt, [6] tantum odium Athenienses imoderati imperii crudelitate contraxerant. [7] Darius quoque, rex Persarum, memor paterni auitique in hanc urbem odii facta cum Lacedaemoniis per Tisaphernen, praefectum Lydiae, societate omnem sumptum belli pollicetur. [8] Et erat hic quidem titulus cum Graecis coeundi; re autem uera timebat, ne uictis Atheniensibus ad se Lacedaemonii arma transferrent. [9] Quis igitur miretur tam florentes Atheniensium opes ruisse, cum ad opprimendam unam urbem totius Orientis uires concurrerent? [10] Non tamen inertis neque incruento cecidere bello sed proeliati ad ultimum, uictores etiam interdum, consumpti magis fortunae uarietate quam uicti sunt. [11] Principio belli omnes ab his etiam socii descuerant, ut fit: quo se fortuna, eodem etiam fauor hominum inclinat.

[2, 1] Alcibiades quoque motum aduersus

comandante deles, ausente de Atenas, é acusado de ter revelado os sagrados mistérios dos iniciados de Ceres, em que nada era mais solene do que o silêncio, [2] e, chamado de volta da guerra a juízo, ou por consciência, ou por não suportar a indignidade da situação, pôs-se, em segredo, a caminho do exílio na Élide. [3] Dali, quando soube que não só havia sido condenado, como também amaldiçoado pelas religiões com pragas de todos os sacerdotes, retirou-se para a Lacedemônia [4] e, ali, impele o rei dos lacedemônios a levar guerra aos atenienses, conturbados com a batalha adversa, longe, na Sicília. [5] Por esse fato, todos os reinos da Grécia acorreram como se para apagar um incêndio comum, [6] tamanho ódio os atenienses haviam reunido com a crueldade de sua dominação imoderada. [7] Dario, rei dos persas, do mesmo modo, lembrado do ódio do pai e do avô por essa urbe, tendo selado uma aliança com os lacedemônios por intermédio de Tisafernes, intendente da Lídia, promete-lhes todos os custos da guerra. [8] E esse era o pretexto, de fato, para se unir aos gregos; entretanto, na verdade, temia que, com os atenienses vencidos, os lacedemônios transferissem as armas a si. [9] Quem, então, se admiraria que as riquezas florescentes dos atenienses ruíram, quando as forças de todo o Oriente acorreram para esmagar uma única urbe? [10] Contudo, não foram abatidos em uma guerra sem valor e nem incruenta, mas batalhando até o fim, vitoriosos também, por vezes, foram arruinados mais pela fortuna variável do que (propriamente) derrotados. [11] No princípio da guerra, como acontece, foram abandonados por todos, também por seus aliados; para onde se inclina a fortuna, também (irá) o favor dos homens.

[2, 1] Alcibíades, igualmente, ajuda na guerra movida contra sua pátria, não com os

patriam bellum non gregarii militis opera, sed imperatoris uirtutibus adiuuat, [2] quippe acceptis V nauibus in Asiam contendit et tributarias Atheniensium ciuitates auctoritate nominis sui ad defectionem compellit. [3] Sciebant enim domi clarum, nec exilio uidebant factum minorem, nec tam ablatum Atheniensibus ducem quam Lacedaemoniis traditum, partaque cum amissis imperia pensare. [4] Sed apud Lacedaemonios uirtus Alcibiadis plus inuidiae quam gratiae contraxit. [5] Itaque cum principes uelut aemulum gloriae suae interficiendum insidiis mandassent, cognita re Alcibiades per uxorem Agidis regis, quam adulterio cognouerat, ad Tisaphernem praefectum Darii regis, profugit, cui se celeriter officii comitate et obsequendi gratia insinuauit. [6] Erat enim et aetatis flore et formae ueneratione nec minus eloquentia etiam inter Athenienses insignis, [7] sed in conciliandis amicitiarum studiis quam in retinendis uir melior, quia morum uitia sub umbra eloquentiae primo latebant. [8] Igitur persuadet Tisapherni, ne tanta stipendia classi Lacedaemoniorum praeberet; [9] uocandos enim in portionem muneris Ionios, quorum pro libertate, cum tributa Atheniensibus penderent, bellum susceptum sit, [10] sed nec auxiliis nimis enixe Lacedaemonios iuandos, quippe memorem esse debere alienam se uictoriam, non suam instruere, et eatenus bellum sustinendum, ne inopia deseratur. [11] Nam regem Persarum dissentientibus Graecis

trabalhos de um soldado raso, mas com as virtudes de um general, [2] porque, tendo aceitado cinco naus, lança-se à Ásia e obriga, pela autoridade de seu próprio nome, as cidades tributárias dos atenienses à deserção. [3] Sabiam, de fato, que era preclaro na pátria e viam que não se fez menor no exílio e que o comandante não fora tão subtraído dos atenienses quanto trazido aos lacedemônios, e pensavam que seus poderes haviam sido adquiridos quando lhe foram privados. [4] Mas a virtude de Alcibíades ajuntou mais inveja do que gratidão entre os lacedemônios. [5] E, assim, os aristocratas, como se ele competisse com sua própria glória, teriam mandado que fosse assassinado por meio de insídias; tendo Alcibíades sabido desse fato pela esposa do rei Ágis, a qual tomara em adultério, fugiu até Tisafernes, intendente do rei Dario, a quem, rapidamente, insinuou-se com a afabilidade de seus serviços e com a gratidão em se sujeitar. [6] Estava, de fato, na flor da idade, insigne pela veneração de sua figura e não menos por sua eloquência também entre os atenienses, [7] mas era um homem melhor em cativar as afeições das amizades do que em conservá-las, pois os vícios de seus costumes escondiam-se, primeiro, sob a sombra da eloquência. [8] Então, persuade Tisafernes a que não ofereça tamanhos gastos com a frota dos lacedemônios; [9] deveriam ser chamados, de fato, a tomar parte na despesa, os jônios, por cuja liberdade, a qual perderam com os tributos para os atenienses, a guerra teria sido começada, [10] mas os lacedemônios não deveriam ser ajudados com empenho demais quanto às tropas auxiliares, porque (Tisafernes) deveria lembrar-se que organizava a vitória de outros, não a sua própria, e que sustentasse a guerra com distância, para que não fosse abandonado por causa da penúria. [11] Com efeito,

arbitrum pacis ac belli fore, et quos suis non possit, ipsorum armis uicturum; perfecto autem bello statim ei cum uictoribus dimicandum. [12] Domesticis itaque bellis Graeciam obterendam, ne externis uacet, exaequandasque uires partium et inferiores auxilio leuandos. [13] Non enim quieturos post hanc uictoriam Spartanos, quia uindices se libertatis Graeciae professi sint. [14] Grata oratio Tisapherni fuit. Itaque commeatus maligne praebere, classem regiam non totam mittere, ne aut uictoriam daret aut necessitatem deponendi belli inponeret.

[3, 1] Interea Alcibiades hanc operam ciuibus uenditabat. [2] Ad quem cum legati Atheniensium uenissent, pollicetur his amicitiam regis, si res publica a populo translata ad senatum foret, [3] sperans ut aut concordante ciuitate dux belli ab omnibus legeretur aut discordia inter ordines facta ab altera parte in auxilium uocaretur. [4] Sed Atheniensibus imminente periculo belli maior salutis quam dignitatis cura fuit. [5] Itaque permittente populo imperium ad senatum transfertur. [6] Qui cum insita genti superbia crudeliter in plebem consuleret, singulis tyrannidis sibi inpotentiam uindicantibus, ab exercitu Alcibiades exul reuocatur duxque classi constituitur. [7] Statim igitur Athenas scribit, ex continenti se cum exercitu uenturum recepturumque a quadringentis iura populi, ni ipsi redderent. [8] Hac

desentendendo-se os gregos, o rei dos persas seria o árbitro da paz e da guerra, e venceria com as armas deles aqueles que não pudera com suas próprias; contudo, concluída a guerra, deveria lutar, sem demora, com os vitoriosos. [12] E, assim, a Grécia deveria ser obliterada com guerras internas, para que não estivesse desocupada para as externas, as forças das partes serem igualadas, e os inferiores deveriam ser ajudados por seu auxílio. [13] De fato, os espartanos não ficariam quietos após aquela vitória, pois se haviam proclamado como vingadores da liberdade da Grécia. [14] O discurso foi agradável a Tisafernes. E, assim, ofereceu escasso fornecimento de víveres e não enviou toda a frota real, seja para não lhes dar a vitória, seja para não impor a necessidade de que a guerra fosse deposta.

[3, 1] Entrementes, Alcibíades tentava vender este serviço aos cidadãos. [2] Quando chegam a ele embaixadores dos atenienses, promete-lhes a amizade do rei se a república fosse passada do povo ao senado, [3] esperando que, ou com a cidade de acordo, fosse eleito comandante de guerra por todos, ou, consumada a discórdia entre as ordens de ambas as partes, fosse chamado em auxílio. [4] Mas, com o perigo iminente da guerra aos atenienses, houve maior cuidado com a segurança do que com a dignidade. [5] E, assim, tendo permitido o povo, a soberania é passada ao senado. [6] Como este, dada a soberba natural dessa gente, tomava decisões contra o povo de maneira cruel, tendo cada um reivindicado para si o autoritarismo da tirania, Alcibíades, exilado, é chamado de volta pelo exército e eleito como comandante da frota. [7] Sem demora, então, escreve a Atenas que viria imediatamente com o exército e recuperaria dos quatrocentos os direitos do povo, se eles próprios não os devolvessem. [8] Os nobres, aterrorizados com essa ameaça, tentaram, primeiro,

denuntiatione optimates territi primo urbem prodere Lacedaemoniis temptauere, dein, cum id nequissent, in exilium profecti sunt. [9] Igitur Alcibiades intestino malo patria liberata summa cura classem instruit atque ita in bellum aduersus Lacedaemonios pergit.

[4, 1] Iam Sesto Mindarus et Pharnabazus, Lacedaemoniorum duces, instructis nauibus expectabant. [2] Proelio commisso uictoria penes Athenienses fuit. In eo bello maior pars exercitus et omnes ferme hostium duces caesi, naues LXXX captae. [3] Interiectis quoque diebus, cum bellum Lacedaemonii a mari in terram transtulissent, iterato uincuntur. [4] His malis fracti pacem petiere, quam ne acciperent opera eorum effectum est, quibus ea res quaestum praebebat. [5] Interea et Syracusanorum auxilia inlatum a Karthaginiensibus Siciliae bellum domum reuocauit. [6] Quibus rebus destitutis Lacedaemoniis Alcibiades cum classe uictrici Asiam uastat, multis locis proelia facit, ubique uictor recipit ciuitates quae defecerant, nonnullas capit et imperio Atheniensium adicit, [7] atque ita prisca nauali gloria uindicata, adiecta etiam laude terrestris belli, desideratus ciuibus suis Athenas reuertitur. [8] His omnibus proeliis ducentae naues hostium et praeda ingens capta. [9] Ad hunc redeuntis exercitus triumphum effusa omnis multitudo

entregar a urbe aos lacedemônios, depois, como não conseguiam isso, puseram-se a caminho do exílio. [9] Então, Alcibíades, tendo libertado a pátria de um mal interno, equipa, com maior cuidado, a frota e, assim, marcha em guerra contra os lacedemônios.

[4, 1] Já Míndaro e Farnabazo<sup>444</sup>, comandantes dos lacedemônios, esperavam em Sesto com as naus equipadas. [2] Começada a batalha, a vitória esteve em poder dos atenienses. Naquela guerra, caíram a maior parte do exército e quase todos os comandantes dos inimigos; oitenta naus foram capturadas. [3] Passados uns dias, do mesmo modo, quando os lacedemônios transferiram a guerra do mar para a terra, outra vez são vencidos. [4] Quebrantados por esses males, pediram a paz, a qual não obtiveram devido ao trabalho realizado por aqueles a que essa situação oferecia aquisições. [5] Entrementes, a guerra da Sicília, levada pelos cartagineses, também chamou de volta as tropas auxiliares dos siracusanos. [6] Por esses motivos, com os lacedemônios tendo sido abandonados, Alcibíades devasta a Ásia com a frota vitoriosa, faz batalhas em muitos locais e, vitorioso, aqui e ali, recupera as cidades que se revoltaram, captura muitas e as adiciona à soberania dos atenienses [7] e, assim, com a antiga glória naval vingada, tendo ajuntado também o louvor da guerra terrestre, retorna a Atenas, sendo quisto por seus próprios cidadãos. [8] Em todas essas batalhas, foram tomadas duzentas naus dos inimigos e uma enorme pilhagem. [9] Uma multidão inteira avança ao caminho para ver o triunfo do

<sup>444</sup> Embora o trecho possa dar a entender que Farnabazo era lacedemônio, ele era persa. Faz sentido que esteja à frente das tropas, pois os dois povos eram aliados neste momento. O trecho destaca-se entre aqueles em que pode ser apontado um erro de Justino, como pode observar-se em Bartlett (2014, p. 267).

obuiam procedit et uniuersos quidem milites, praecipue tamen Alcibiaden miratur; [10] in hunc oculos ciuitas uniuersa, in hunc suspensa ora conuertit, hunc quasi de caelo missum et uelut ipsam Victoriā contuentur; [11] laudant quae pro patria, nec minus admirantur quae exul contra gesserit, excusantes ipsi, iratum prouocatumque fecisse. [12] Enimuero tantum in uno uiro fuisse momenti, ut maximi imperii subuersi et rursus recepti auctor esset, et unde stetisset eo se uictoria transferret, fieretque cum eo mira quaedam fortunae inclinatio. [13] Igitur omnibus non humanis tantum, uerum et diuinis eum honoribus onerant; certant secum ipsi, utrum contumeliosius eum expulerint an reuocauerint honoratius. [14] Ipsos illi deos gratulantes tulere obuiam, quorum execrationibus erat deuotus, [15] et cui paulo ante omnem humanam opem interdixerant, eum, si queant, in caelo posuisse cupiunt. [16] Explent contumelias honoribus, detrimenta muneribus, execrationes precibus. [17] Non Siciliae illis aduersa pugna in ore est, sed Graeciae uictoria; non classes per illum amissae, sed acquisitae; nec Syracusarum, sed Ioniae Hellespontique meminerunt. [18] Sic Alcibiades numquam mediocribus nec in offensam nec in fauorem studiis suorum exceptus est.

[5, 1] Dum haec aguntur, et a Lacedaemoniis Lysander classi belloque praeficitur et in locum Tisaphernis Darius, rex Persarum,

exército que retorna e ainda todos os soldados, contudo, principalmente Alcibiades; [10] para ele, a cidade converge todos os olhos, por ele, as bocas abertas, olham-no quase como se tivesse sido enviado do céu e como fosse a própria Vitória; [11] louvam o que realizou pela pátria e não admiram menos o que, exilado, fez contra ela, justificando-o por o terem irado e provocado. [12] De fato, tamanha importância havia em um único homem, que fora o responsável por arruinar a maior soberania e a recuperar de volta, e, onde ele se estabelecesse, a vitória se transferia, e com ele ocorria certa inclinação admirável da fortuna. [13] Então, encham-no com todas as honras não só humanas, como também divinas; pelejam consigo próprios se teria sido mais afrontoso exilarem-no ou mais honroso chamarem-no de volta. [14] Eles, regozijados, levaram-no em direção aos próprios deuses, por cujas abominações fora amaldiçoado, [15] e aquele que, pouco antes, proibiram de toda relação humana, ele, se fossem capazes, desejavam pôr no céu. [16] Compensam insolências com honras, prejuízos com presentes, abominações com preces. [17] Não está em suas bocas o combate adverso na Sicília, mas a vitória na Grécia; não estão as frotas perdidas por intermédio dele, mas as adquiridas; nem se lembravam de Siracusa, mas da Jônia e do Helesponto. [18] Assim, Alcibiades nunca foi, nem na ofensa, nem no favor, acolhido pelos seus com sobriedade.

[5, 1] Enquanto essas ações sucedem-se, Lisandro é posto à frente da frota e da guerra pelos lacedemônios, e Dario, rei dos persas, coloca, no lugar de Tisafernes, seu filho,

filium suum Cyrum Ioniae Lydiaeque praeposuit, qui Lacedaemonios auxiliis opibusque ad spem fortunae prioris erexit. [2] Aucti igitur uiribus Alcibiaden cum centum nauibus in Asiam profectum, dum agros longa pace diuites securus populatur et praedae dulcedine sine insidiarum metu sparsos milites habet, repentino aduentu oppressere; [3] tantaque caedes palantium fuit, ut plus uulneris eo proelio Athenienses acciperent quam superioribus dederant, [4] et tanta desperatio apud Athenienses erat, ut ex continenti Alcibiaden ducem Conone mutarent, [5] arbitrantes uictos se non fortuna belli, sed fraude imperatoris, apud quem plus prior offensa ualuisset quam recentia beneficia; [6] uicisse autem eum priore bello ideo tantum ut ostenderet hostibus quem ducem spreuissent, et ut carius eis ipsam uictoriam uenderet. [7] Omnia enim credibilia in Alcibiade uigor ingenii et morum luxuria faciebat. [8] Veritus itaque multitudinis impetum denuo in uoluntarium exilium proficiscitur.

[6, 1] Itaque Conon Alcibiadi suffectus, habens ante oculos cui duci successisset, classem maxima industria exornat; [2] sed nauibus exercitus deerat, fortissimis quibusque in Asiae populatione amissis. [3] Armantur tamen senes aut inpuberes pueri, et numerus militum sine exercitus robore expletur. [4] Sed non magnam bello moram aetas fecit inbellis: caeduntur passim aut

Ciro, o qual alçou os lacedemônios à esperança da fortuna anterior com tropas auxiliares e recursos. [2] Engrandecidos, então, por essas forças militares, subjugam, com sua chegada repentina, Alcibíades, enquanto – posto a caminho da Ásia com cem naus – estava saqueando, seguro, uns campos ricos em paz duradoura, e tinha os soldados dispersos pela doçura da pilhagem, sem medo de emboscadas; [3] e o massacre dos errantes foi tamanho, que os atenienses sofreram mais perdas naquela batalha do que causaram nas precedentes, [4] e havia tamanho desespero entre os atenienses, que trocaram imediatamente o comandante Alcibíades por Cônnon, [5] pensando que teriam sido vencidos não pela fortuna da guerra, mas por uma fraude do general, junto a quem as ofensas anteriores valeriam mais do que os benefícios recentes; [6] (pensando) que ele teria vencido, contudo, na guerra anterior, com razão, tanto para que mostrasse aos inimigos qual comandante haviam rejeitado, como para que lhes vendesse a própria vitória mais cara. [7] De fato, o vigor da índole e a luxúria dos costumes de Alcibíades faziam com que tudo fosse crível. [8] E, assim, receoso do ímpeto da multidão, parte, de novo, para um exílio voluntário.

[6, 1] E, assim, o substituto de Alcibíades, Cônnon, tendo diante de seus olhos a qual comandante sucedia, ornamenta a frota com máxima perícia; [2] mas, por terem perdido aqueles mais corajosos no saque à Ásia, faltava às naus um exército. [3] São armados, no entanto, velhos e meninos ainda impúberes, e se satisfaz o número de soldados, sem a potência de um exército. [4] Mas a idade imbele não fez demorar mais a guerra: são massacrados aqui e ali ou capturados como fugitivos, e a desolação ou



fugientes capiuntur, tantaque strages aut occisorum aut captiuorum fuit, ut Atheniensium deletum non imperium tantum, uerum etiam nomen uideretur. [5] Quo proelio perditis et desperatis rebus ad tantam inopiam rediguntur, ut consumpta militari aetate peregrinis ciuitatem, seruis libertatem, damnatis inpunitatem darent. [6] Ex qua conluuione hominum domini antea Graeciae conscripto exercitu uix libertatem tuebantur. [7] Iterum tamen fortunam maris experiendam decernunt. [8] Tanta uirtus animorum fuit ut, cum paulo ante salutem desperauerint, nunc non desperent uictoriam. [9] Sed neque is miles erat, qui nomen Atheniensium tueretur, neque eae uires quibus uincere consuerant, neque ea scientia militaris in his quos uincula, non castra continuerant. Itaque omnes aut capti aut occisi. [10] Cum dux Conon proelio superfuisset solus, crudelitatem ciuium metuens cum octo nauibus ad regem Cyprium concedit. Euagoras autem <...>.

[7, 1] Dux Lacedaemoniorum, rebus feliciter

dos mortos ou dos prisioneiros foi tamanha, que a destruição dos atenienses parecia ser não só de sua soberania, como também de seu nome. [5] Por essa batalha perdida e pelas situações desesperadoras, são submetidos a tamanha penúria, que, arruinado (o contingente) em idade militar, deram cidadania a estrangeiros, liberdade aos servos, impunidade aos condenados. [6] Com um exército alistado a partir dessa escória de homens, os que antes eram os senhores da Grécia apenas defendiam sua liberdade. [7] No entanto, decidem experimentar, mais uma vez, a fortuna no mar. [8] Tamanha foi a virtude dos ânimos que, enquanto pouco antes se desesperavam por sua salvação, agora não se desesperam pela vitória. [9] Mas aqueles não eram soldados para defender o nome dos atenienses, nem aquelas as forças militares com que eles acostumaram-se a vencer, nem havia conhecimentos militares nesses que eram contidos por grilhões e não por acampamentos. E, assim, todos foram ou capturados ou mortos. [10] Como sobrevivesse sozinho à batalha, o comandante Cônnon, temendo a crueldade dos cidadãos, recua com oito naus para o rei do Chipre. Evágoras, no entanto, <...><sup>445</sup>.

[7, 1] O comandante dos lacedemônios,

<sup>445</sup> Em Wetzel (1823, p. 160, cf. Justinus), [...] *concedit Euagoram*. VII.1. *At dux Lacedaemoniorum* [...]. Em Seel (2011 [1972], p. 27, cf. Justinus) e Mineo (2016, p. 99, cf. Justin), há algo parecido, mas os editores explicitam o nome do comandante lacedemônio em *diuisa*: [...] *concedit Euagoram*. VII.1. <*Lysander*> *autem, dux Lacedaemoniorum*, [...]. Em termos de tradução, a diferença faz com que o trecho seja: “[...] recua com oito naus para o rei do Chipre, Evágoras. [7, 1] <Lisandro>, comandante dos lacedemônios, no entanto, [...]”. Yardley (1994, p. 62, cf. Justin) e Castro Sánchez (2008, p. 151, cf. Justino; Pompeyo Trogo) apresentam algo semelhante a isso em suas traduções; Watson (1853, recurso online, cf. Justinus) parece seguir Wetzel e não coloca o nome do comandante espartano. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) justifica sua escolha: “Justino fez aqui um corte desajeitado no texto de Pompeio Trogo, que deveria tratar sobre as reações de Evágoras. A correção de bom senso de editores desde Ruehl (*concedit Euagoram. Lysander autem*,) não se justifica paleograficamente”; “Justin a fait ici une coupure maladroite dans le texte de Trogue Pompée, qui devait parler des réactions d’Évagoras. La correction de bon sens des éditeurs depuis Ruehl (*concedit Euagoram. Lysander autem*,) ne se justifie pas paléographiquement.”

gestis fortunae hostium insultat. [2] Captiuas naues cum praeda bellica in triumphum modum ornatas mittit Lacedaemona [3] ac tributarias Atheniensium ciuitates quas metus dubiae belli fortunae in fide tenuerat, uoluntarias recipit, nec aliud ditionis Atheniensium praeter urbem ipsam relinquit. [4] Quae cuncta cum Athenis nuntiata essent, omnes relictis domibus per urbem discurrere pauidi, alius alium sciscitari, auctorem nuntii requirere; [5] non pueros imprudentia, non senes debilitas, non mulieres sexus inbecillitas domi tenet: adeo ad omnem aetatem tanti mali sensus penetrauerat. [6] In foro deinde coeunt atque ibi perpeti nocte fortunam publicam questibus iterant. [7] Alii fratres aut filios aut parentes deflent; cognatos alii, alii amicos cognatis cariores, et cum priuatis casibus querelam publicam miscent: [8] iam se ipsos, iam ipsam patriam perituram miserioremque incolumium quam amissorum fortunam iudicantes; [9] sibi quisque ante oculos obsidionem, famem et superbum uictoremque hostem proponentes; [10] iam ruinam urbis et incendia, iam omnium captiuitatem et miserrimam seruitutem recordantes; [11] feliciores prorsus priores urbis ruinas ducentes, quae incolumibus filiis parentibusque tectorum tantum ruinae taxatae sint. [12] Nunc autem non classem in quam sicuti pridem confugiant superesse, non exercitum cuius uirtute seruati pulchriora possent moenia extruere.

tendo realizado feitos com bons resultados, insulta a fortuna dos inimigos. [2] Envia à Lacedemônia as naus capturadas com a pilhagem bélica enfeitada ao modo de um triunfo [3] e recupera como tributárias voluntárias as cidades dos atenienses, cujo medo da fortuna dúbia da guerra mantinha a fidelidade, e não deixa urbe alguma sob a autoridade dos atenienses além da deles. [4] Quando essas ações, reunidas, foram anunciadas em Atenas, todos, abandonando as casas, correram pela urbe, apavorados, consultaram uns aos outros, perguntaram sobre o responsável pelo anúncio; [5] a imprudência não retém em casa os meninos, nem a debilidade, os velhos, nem a fraqueza do sexo, as mulheres: a tal ponto a consciência de tamanho mal penetrara em toda idade. [6] Logo, reúnem-se na praça e, ali, por toda a noite, repetem a fortuna pública com lamentos. [7] Uns lastimam irmãos ou filhos ou pais; outros, os familiares, outros, os amigos mais caros que familiares, e confundem a querela pública com casos privados; [8] julgando que haveria de perecer seja a própria pátria, sejam eles próprios, e que a fortuna dos incólumes era mais miserável do que a dos caídos; [9] punham-se, diante dos olhos de cada um, o cerco, a fome, o inimigo soberbo e vitorioso; [10] recordando seja a ruína da urbe e os incêndios, seja o cativo de todos e a servidão mais miserável; [11] pensando que as ruínas anteriores da urbe foram, em suma, mais felizes, pelas quais, estando incólumes os filhos e os pais, foram contabilizadas apenas as ruínas de seus tetos. [12] Agora, no entanto, não restava frota em que, como antes, refugiar-se, nem um exército por cuja virtude, salvos, poderiam levantar muralhas mais belas.

[8, 1] Sic defletae ac prope perditae urbi hostes superueniunt et obsidione circumdata obsessos fame urgent. [2] Sciebant enim neque ex aduectis copiis multum superesse, et ne nouae aduehi possent prouiderant. [3] Quibus malis Athenienses fracti post longam famem et adsidua suorum funera pacem petiuere, quae an dari deberet, diu inter Spartanos sociosque deliberatum. [4] Cum multi delendum Atheniensium nomen urbemque incendio consumendam censerent, negauerunt se Spartani ex duobus Graeciae oculis alterum eruturos, [5] pacem polliciti si demissa Piraeum uersus muri bracchia deicerent nauesque, quae reliquae forent, traderent reique publicae ex semet ipsis XXX rectores acciperent. [6] In has leges traditam sibi urbem Lacedaemonii formandam Lysandro tradiderunt. [7] Insignis hic annus et expugnatione Athenarum et morte Darii, regis Persarum, et exilio Dionysii, Siciliae tyranni, fuit. [8] Mutato statu Athenarum etiam ciuium condicio mutatur. [9] XXX rectores rei publicae constituuntur, qui fiunt tyranni; [10] quippe a principio tria milia sibi satellitum statuunt, quantum ex tot cladibus prope nec ciuium superfuerat, [11] et quasi paruus hic ad continendam ciuitatem exercitus esset, septingentos milites a uictoribus accipiunt. [12] Caedes deinde ciuium ab Alcibiade auspiciantur ne iterum rem publicam sub

[8, 1] Assim, os inimigos sobrevieram a uma urbe lastimosa e quase perdida e, tendo a rodeado com um cerco, atormentam os cercados com a fome. [2] Sabiam, de fato, que não restava muito dos suprimentos carregados e se precaveram para que novos não pudessem ser carregados. [3] Os atenienses, quebrantados por esses males, depois de uma longa fome e os contínuos falecimentos dos seus, pediram a paz, a qual esteve, por muito tempo, em deliberação entre os espartanos e seus aliados se deveria ser dada. [4] Enquanto muitos consideravam que o nome dos atenienses deveria ser destruído e a urbe consumida por um incêndio, os espartanos negaram-se a arrancar um dos dois olhos da Grécia; [5] prometiam a paz se derrubassem as guarnições das muralhas que se estendiam até o Pireneu, entregassem as naus que restassem e aceitassem deles mesmos trinta administradores para a república. [6] Tendo-se sujeitado a essas leis, os lacedemônios entregaram a urbe a Lisandro para consolidá-la. [7] Este ano<sup>446</sup> foi insigne pela tomada de Atenas, pela morte de Dario, rei dos persas, e pelo exílio de Dionísio, tirano da Sicília. [8] Mudada a situação de Atenas, também mudou a condição dos cidadãos. [9] Trinta administradores foram estabelecidos para a república, os quais se tornam tiranos; [10] porque, a princípio, decidem ter uma guarda para si de trinta mil, quase tantos quantos os cidadãos que haviam sobrevivido aos massacres, [11] e, como se esse exército fosse pouco para conter a cidade, aceitam setecentos soldados dos vitoriosos. [12] Logo, inauguram os massacres dos cidadãos com Alcibiades, para que ele não invadisse, mais uma vez, a república sob o pretexto de sua libertação. [13] Quando descobriram que

---

<sup>446</sup> Em 404.

obtentu liberationis inuaderet. [13] Quem cum profectum ad Artaxerxen, Persarum regem, conperissent, citato itinere miserunt qui eum interciperent; [14] a quibus occupatus, cum occidi aperte non posset, uiuus in cubiculo in quo dormiebat, crematus est.

[9, 1] Liberati hoc ultoris metu tyranni miseras urbis reliquias caedibus et rapinis exhauriunt.

[2] Quod cum displicere uni ex numero suo, Therameni, didicissent, ipsum quoque ad terrorem omnium interficiunt. [3] Fit igitur ex urbe passim omnium fuga, repleturque Graecia Atheniensium exulibus.

[4] Quod etiam ipsum auxilium cum miseris eriperetur – nam Lacedaemoniorum edicto ciuitates exules recipere prohibebantur –, omnes se Argos et Thebas contulere;

[5] ibi non solum tutum exilium egerunt, uerum etiam spem reciperae patriae receperunt. [6] Erat inter exules Thrasybulus, uir strenuus et domi nobilis, qui audendum aliquid pro patria et pro salute communi etiam cum periculo ratus,

adunatis exulibus castellum Phylen Atticorum finium occupat. [7] Nec deerat quarundam ciuitatum tam crudelis casus miserantium fauor. [8] Itaque et Ismenias, Thebanorum princeps, etsi publicis non poterat, priuatis tamen uiribus adiuuabat, [9] et Lysias, Syracusanus orator, exul tunc, quingentos milites stipendio suo instructos in auxilium patriae communis eloquentiae misit. [10] Fit itaque asperum proelium. Sed cum hinc pro patria summis uiribus, inde pro aliena

se havia posto a caminho de Artaxerxes, rei dos persas, apressadamente enviaram uns para que o interceptassem no percurso; [14] encontrado por eles, como não podia ser morto abertamente, foi cremado vivo no quarto em que dormia.

[9, 1] Libertados desse medo de um vingador, os tiranos exaurem os restos miseráveis da urbe com massacres e rapinas.

[2] Quando souberam que isso desagradava a um dentre os seus, Teramenes, assassinaram-no do mesmo modo, para o terror de todos. [3] Faz-se, então, por toda a parte, a fuga de todos da urbe, e a Grécia enche-se de exilados dos atenienses.

[4] Embora também esse mesmo auxílio tivesse sido removido dos miseráveis – com efeito, as cidades eram proibidas de acolher exilados pelo decreto dos lacedemônios – todos se retiraram para Argos e Tebas; [5] ali, não só tiveram um exílio seguro, como também acolheram a esperança de recuperar a pátria. [6] Estava, entre os exilados, Trasíbulo, homem diligente e de nobre reputação entre os seus, o qual, certo de que algo deveria ser tentado pela pátria e pela salvação comum mesmo com perigo, tendo reunido os exilados, ocupa o castelo de Fíle, nas fronteiras dos áticos.

[7] E não lhe faltava o favor de algumas cidades comiseradas com um caso de tamanha crueldade. [8] E, assim, Ismênias, um aristocrata dos tebanos, ainda que não pudesse fazê-lo com as forças militares públicas, ajuda-os, contudo, com as privadas, [9] e Lísias, orador siracusano, exilado naquele momento, envia quinhentos soldados equipados com seu próprio estipêndio em auxílio à pátria comum da eloquência. [10] E, assim, uma batalha brutal é iniciada. Mas como, de um lado, combatia-se pela pátria com a maior coragem, e de outro, mais seguros, pela dominação de fora,

dominatione securius pugnaretur, tyranni uincuntur. [11] Victi in urbem refugerunt quam exhaustam caedibus suis etiam armis spoliant. [12] Deinde cum omnes Athenienses prodicionis suspectos haberent, demigrare eos ex urbe iubent et in brachiis muri, quae diruta fuerant, habitare, extraneis militibus imperium tuentes. [13] Post haec Thrasybulum corrumpere imperii societatem pollicentes conantur. [14] Quod cum non contigisset, auxilia a Lacedaemoniis petiuere quibus accitis iterato proeliantur. [15] In eo bello Critias et Hippolochus, omnium tyrannorum saeuissimi, cadunt.

[10, 1] Ceteris uictis cum exercitus eorum, ex quibus maior pars Atheniensium erat, fugeret, magna uoce Thrasybulus exclamat: cur se uictorem fugiant potius quam ut uindicem communis libertatis adiuuent? [2] Ciuium illam meminerint aciem, non hostium esse; nec se ideo arma cepisse ut aliqua uictis adimat, sed ut adempta restituat; XXX se dominis, non ciuitati bellum inferre. [3] Admonet deinde cognationis, legum, sacrorum, communium, uetusti per tot bella commilitii, orat misereantur exulum ciuium, si tam patienter ipsi seruiant; reddant sibi patriam, accipiant libertatem. [4] His uocibus tantum promotum est ut reuersus in urbem exercitus XXX tyrannos emigrare Eleusinam iuberet, substitutis decem qui rem publicam regerent; [5] qui nihil exemplo prioris dominationis territi eandem uiam crudelitatis

os tiranos são vencidos. [11] Os vencidos refugiaram-se na urbe, a qual, exaurida por seus massacres, espoliam também das armas. [12] Logo, dado que tinham todos os atenienses como suspeitos de traição, ordenam que eles se retirem da urbe e vão habitar nas guarnições da muralha que tinham sido demolidas, protegendo sua soberania com soldados estrangeiros. [13] Depois disso, procuram corromper Trasíbulo, prometendo uma aliança de soberania. [14] Como não alcançaram isso, pediram tropas auxiliares aos lacedemônios, com as quais, cedidas, batalham outra vez. [15] Nessa guerra, Crítias e Hipóloco, os mais ferozes de todos os tiranos, caem.

[10, 1] Vencidos os demais, enquanto fugia o exército deles, cuja maior parte era de atenienses, Trasíbulo exclama em alta voz: por que razão fugiam do vencedor quando podiam ajudar o defensor da liberdade comum? [2] Que relembassem que aquela linha era de cidadãos, não de inimigos; que não tomara as armas para privar os vencidos de algo, mas para restituir o que lhes fora tirado; que levava guerra aos trinta senhores, não à cidade. [3] Logo, lembra-lhes dos parentes, das leis, dos ritos, dos pastos públicos, do antigo companheirismo em tantas guerras; roga que se compadeçam dos cidadãos exilados, se com tanta resignação eles mesmos serviam; que devolvam a si a pátria, aceitem a liberdade. [4] As palavras dele tiveram tamanho efeito que o exército, de volta à urbe, ordena que os trinta tiranos emigrem para Elêusis, substituindo-os com dez que governassem a república; [5] os quais, não aterrorizados pelo exemplo da dominação anterior, seguiram o mesmo método de crueldade. [6] Enquanto essas ações sucedem-se, anuncia-se na

adgressi sunt. [6] Dum haec aguntur, nuntiatur Lacedaemone in bellum Athenienses exarsisse; ad quod comprimendum Pausanias rex mittitur. [7] Qui misericordia exulis populi permotus patriam miseris civibus restituit et decem tyrannos ex urbe Eleusinam emigrare ad ceteros iubet. [8] Quibus rebus cum pax statuta esset, interiectis diebus repente tyranni, non minus restitutos exules quam se in exilium actos indignantur, quasi uero aliorum libertas sua seruitus esset, et bellum Atheniensibus inferunt. [9] Sed ad conloquium ueluti dominationem recepturi progressi per insidias comprehensi ut pacis uictimae trucidantur. Populus, quem emigrare iusserant, in urbem reuocatur. [10] Atque ita per multa membra ciuitas dissipata in unum tandem corpus redigitur, [11] et ne qua dissensio ex ante actis nasceretur, omnes iure iurando obstringuntur, discordiarum obliuionem fore. [12] Interea Thebani Corinthiique legatos ad Lacedaemonios mittunt qui ex manubiis portionem praedae communis belli periculique peterent. [13] Quibus negatis, non quidem aperte bellum aduersus Lacedaemonios decernunt, sed tacitis animis tantam iram concipiunt, ut subesse bellum intellegi posset.

[11, 1] Eodem forte tempore Darius, rex Persarum, moritur, Artaxerxe et Cyro filiis relictis. [2] Regnum Artaxerxi, Cyro ciuitates quarum praefectus erat, testamento legauit. [3] Sed Cyro iudicium patris iniuria uidebatur;

Lacedemônia que os atenienses haviam provocado uma guerra; à qual o rei Pausânias é enviado para reprimir. [7] Este, comovido pela misericórdia quanto ao povo exilado, restitui a pátria aos miseráveis cidadãos e ordena que os dez tiranos emigrem da urbe para Elêusis com os demais. [8] Como a paz fora estabelecida nessas circunstâncias, passados uns dias, de repente, os tiranos indignaram-se não menos que os exilados fossem restituídos do que com terem sido lançados no exílio, como se, na verdade, a liberdade dos outros fosse sua própria servidão, e levam a guerra aos atenienses. [9] Mas, postos a caminho para uma conversa como se para recuperar a dominação, foram apanhados em emboscadas, sendo assim trucidados como vítimas da paz. O povo, a quem tinham ordenado que emigrasse, é chamado de volta à urbe. [10] E, assim, a cidade, dissipada em muitos membros, é reconstituída, finalmente, em um único corpo, [11] e para que não nascesse um desentendimento a partir dos atos anteriores, todos são coagidos por um juramento a se esquecer das discórdias. [12] Entrementes, os tebanos e os coríntios enviam embaixadores aos lacedemônios para que pedissem uma porção da pilhagem obtida na guerra e no perigo comuns. [13] Tendo sido negada, decidiram-se, entretanto, não por uma guerra às claras contra os lacedemônios, mas concebem, em silêncio, uma tamanha ira de ânimo que se podia compreender que uma guerra aproximava-se.

[11, 1] Na mesma época, porventura, Dario, rei dos persas, morreu, tendo deixado os filhos Artaxerxes e Ciro. [2] Atribuiu, em testamento, o reino a Artaxerxes; a Ciro, as cidades das quais era intendente. [3] Mas, a Ciro, o juízo do pai parecia ser uma injúria, e, assim, preparava, ocultamente, uma guerra

itaque occulte aduersus fratrem bellum parabat. [4] Quod cum nuntiatum Artaxerxi esset, arcessitum ad se fratrem et innocentiam dissimulatione belli simulantem conpedibus aureis uinxit interfecissetque, ni mater prohibuisset. [5] Dimissus igitur Cyrus iam non occulte bellum, sed palam, nec per dissimulationem, sed aperta professione parare coepit; auxilia undique contrahit. [6] Lacedaemonii memores Atheniensi bello enixa se eius opera adiutos, uelut ignorantes contra quem bellum pararetur, decernunt auxilia Cyro mittenda, ubi res eius exegisset, [7] quaerentes apud Cyrum gratiam et apud Artaxerxen, si uicisset, ueniae patrocinia, cum nihil aduersus eum aperte decreuissent. [8] Sed cum in bello fors proelii utrumque fratrem pugnae obtulisset, prior Artaxerxes a fratre uulneratur; [9] quem cum equi fuga periculo subtraxisset, Cyrus a cohorte regia oppressus interficitur. Sic uictor Artaxerxes et praeda fraterni belli et exercitu potitur. [10] In eo proelio decem milia Graecorum in auxilio Cyri fuere, quae et in cornu, in quo steterant, uicerunt et post mortem Cyri neque armis a tanto exercitu uinci neque dolo capi potuerunt; [11] reuertentesque inter tot indomitas nationes et barbaras gentes per tanta itineris spatia uirtute se usque terminos patriae defenderunt.

contra o irmão. [4] Quando isso foi anunciado a Artaxerxes, intimado o irmão a comparecer diante de si e fingindo inocência pela guerra dissimulada, prendeu-o com correntes de ouro e o teria matado, se a mãe não o tivesse impedido. [5] Dispensado, então, Ciro começa a preparar uma guerra já não de modo dissimulado, mas proclamando-a em aberto; reúne tropas auxiliares por todos os lados. [6] Os lacedemônios, lembrados que com frequência foram ajudados pelos trabalhos dele na guerra ateniense, como se ignorantes quanto contra quem a guerra era preparada, determinam que fossem enviadas tropas auxiliares a Ciro, quando a circunstância dele exigisse, [7] buscando um benefício junto a Ciro e, junto a Artaxerxes, se vencesse, desculpas para defesa, quando nada teriam decretado abertamente contra ele. [8] Mas, quando, em guerra, o acaso do combate fez com que um e outro irmão se encontrassem, Artaxerxes é ferido, primeiro, pelo irmão; [9] quando ele tinha-se afastado do perigo pela fuga de seu cavalo, Ciro é assassinado, esmagado pela tropa real. Assim, vitorioso, Artaxerxes apossa-se da pilhagem de guerra do irmão e também de seu exército. [10] Naquela batalha, dez mil dos gregos foram em auxílio a Ciro, os quais venceram na ala em que se tinham postado e, depois da morte de Ciro, não puderam ser vencidos por tamanho exército por meio das armas e nem capturados por meio de um dolo; [11] e, tendo retornado entre tantas nações indômitas e gentes bárbaras, por tão longo percurso, defenderam-se, com virtude, até os limites da pátria.

## LIBER VI

[1, 1] Lacedaemonii, more ingenii humani quo plura habent eo ampliora cupientes, non contenti accessione Atheniensium opum uires sibi duplicatas, totius Asiae imperium adfectare coeperunt; sed maior pars sub regno Persarum erat. [2] Itaque Hercylides, dux in hanc militiam electus, cum uideret sibi aduersus duos praefectos Artaxerxis regis, Pharnabazum et Tisaphernen, maximarum gentium uiribus succinctos dimicandum, pacificandum cum altero statuit. [3] Aptior uisus Tisaphernes, uir et industria potior et militibus Cyri quondam regis instructor, in conloquium uocatur et, statutis condicionibus, ab armis dimittitur. [4] Hanc rem Pharnabazus apud communem regem criminatur ut Lacedaemonios Asiam ingressos non reppulerit armis, sed inpensis regiis aluerit, [5] merceturque ab his ut differant bella, quae gerant, tamquam non ad unius summam imperii detrimentum omne perueniat. [6] Indignum ait bella non perfici, sed redimi, hostem pretio, non armis submoueri. [7] His uocibus regem Tisapherni alienatum hortatur ut in locum eius naualis belli ducem eligat Conona Atheniensem, qui, amissa bello patria, Cypri exulabat; [8] quippe Atheniensibus, etsi fractae sint opes, manere tamen naualem usum, nec, si eligendus sit ex uniuersis, meliorem alium esse. [9] Acceptis igitur quingentis talentis, iussus est Conona classi

## Livro VI

[1, 1] Os lacedemônios, segundo o costume da índole humana segundo o qual quanto mais têm, tanto mais desejam, não contentes com suas forças militares duplicadas pela chegada do contingente dos atenienses, começaram a almejar a soberania de toda a Ásia; mas sua maior parte estava sob o poder dos persas. [2] E, assim, Hercílides, comandante eleito daquela expedição militar, como via que lhe eram adversos dois intendentes do rei Artaxerxes, Farnabazo e Tisafernes, munidos para lutar com as forças militares das gentes mais poderosas, decidiu que deveria firmar a paz com um deles. [3] Tisafernes, que pareceu mais apto, um homem de mais perícia e também mais preparado quanto aos soldados que outrora foram do rei Ciro, é chamado para uma conversa e, estabelecidas umas condições, afasta-se das armas. [4] Farnabazo acusa essa situação ao rei comum: que não teria repellido com armas os lacedemônios que ingressaram na Ásia, mas os fortalecido com gastos para o rei, [5] e os compra para que retardem as guerras que travariam, como se todo prejuízo não afetasse a integridade de uma mesma soberania. [6] Diz ser indigno que se afastassem as guerras não as terminando, mas pagando por sua remissão; o inimigo por um preço, não pelas armas. [7] Com essas palavras, tendo alienado Tisafernes, exortou o rei a que, no lugar dele, elegeisse como comandante da guerra naval Cônnon, o ateniense, o qual, tendo perdido a pátria na guerra, estava exilado no Chipre; [8] porque para os atenienses, mesmo que seus contingentes tenham sido despedaçados, ainda se mantinha a experiência naval, e, se fosse eleito dentre todos, não haveria outro melhor. [9] Tendo recebido, então, quinhentos talentos, ordenou-se que



praeficere.

[2, 1] His cognitis, Lacedaemonii et ipsi a rege Aegypti Hercynione auxilia naualis belli per legatos petunt, [2] a quo centum triremes et sexcenta milia modium frumenti missa; a ceteris quoque sociis ingentia auxilia contracta sunt. [3] Sed tanto exercitui et contra tantum duces deerat dignus imperator. [4] Itaque postulantibus sociis Agesilaum, regem tunc Lacedaemoniorum, propter responsa oraculi Delphici diu Lacedaemonii an eum summae rei praeponebant deliberauerunt, [5] quibus futurus imperii finis denuntiabatur, cum regnum claudicaret imperium; erat enim pedes claudus. [6] Ad postremum statuerunt melius esse incesse regem quam imperio regnum claudicare. [7] Postquam Agesilaum cum ingentibus copiis in Asiam misere, non facile dixerim quod aliud par ducum tam bene comparatum fuerit. [8] Quippe aetas, uirtus, consilium, sapientia utriusque prope una, gloria quoque rerum gestarum eadem; [9] quibus cum paria omnia fortuna dederit, inuictum tamen ab altero utrumque seruauit. [10] Magnus igitur amborum apparatus belli, magnae res gestae fuere. [11] Sed Cononem seditio militum inuadit, quos praefecti regis fraudare stipendio soliti erant, eo instantius debita postulantibus quo grauiorem sub magno duce militiam praesumebant. [12] Itaque Conon, diu rege per epistulas frustra fatigato,

promovesse Cónon à liderança da frota.

[2, 1] Conscientes disso, os próprios lacedemônios pedem, por meio de embaixadores, tropas auxiliares ao rei egípcio Hercinião para a guerra naval, [2] por meio do qual foram enviados cem trirremes e seiscentos mil módios<sup>447</sup> de grãos; foram reunidas, do mesmo modo, grandes tropas auxiliares de outros aliados. [3] Mas faltava um general digno a tamanho exército e contra um tamanho comandante. [4] E, assim, enquanto os aliados demandavam Agesilau, naquele momento, rei dos lacedemônios, os lacedemônios deliberavam por longo tempo se o poriam à frente do alto comando devido a umas respostas do oráculo délfico, [5] as quais declaravam que seria o fim de sua soberania, quando claudicasse a soberania real; este, com efeito, era claudicante de um pé. [6] Por fim, decidiram que era melhor o rei claudicar ao caminhar do que o reino na soberania. [7] Depois de enviarem Agesilau à Ásia com grandes tropas, não apontaria com facilidade que outro par de comandantes terá sido tão bem pareado. [8] De fato, a idade, a virtude, o plano, a sabedoria eram quase iguais em um e outro, e também a glória dos feitos realizados era a mesma; [9] embora a fortuna tenha dado a eles tudo páreo, contudo manteve um inuicto ao outro. [10] Grandes foram, então, os preparativos de guerra de ambos, grandes, os feitos realizados. [11] Mas uma revolta dos soldados assalta Cónon, aos quais os intendentos do rei costumavam fraudar os soldos, reclamando veementemente o que lhes era devido à medida em que presumiam uma expedição militar mais severa sob um grande comandante. [12] E, assim, Cónon, tendo fatigado em vão, por longo tempo, o rei com

<sup>447</sup> Um módio equivale 8,64 litros ou um alqueire (Saraiva, 2006 [1927], p. 745).

ad postremum ipse ad eum pergat, [13] a cuius aspectu et conloquio prohibitus est, quod eum more Persarum adorare nollet; [14] agit tamen cum eo per internuntios et queritur opulentissimi regis bella inopia dilabi, et qui exercitum parem hostibus habeat, pecunia uinci, qua praestet, inferioremque eum ea parte uirium inueniri, qua longe superior sit. [15] Postulat dari sibi ministrum inpensae, quia pluribus id mandare perniciosum sit. [16] Dato stipendio, ad classem remittitur, nec moram agendis rebus facit; multa fortiter, multa feliciter agit, agros hostiles uastat, urbes expugnat et quasi tempestas quaedam cuncta prosternit. [17] Quibus rebus territi, Lacedaemonii ad patriae subsidium reuocandum ab Asia Agesilaum decernunt.

[3, 1] Interim Pisandrus, ab Agesilao proficiscente dux patriae relictus, ingentem classem summis uiribus instruit, fortunam belli temptaturus. [2] Nec non et Conon, tunc primum cum hostium exercitu concursurus, magna cura suos ordinat. [3] Summa igitur non ducum tantum in eo proelio quam uulgi aemulatio fuit. [4] Nam et ipse dux Conon non tam Persis quam patriae studebat, [5] et sicuti, adflictis Atheniensium rebus, auctor amissae dominationis fuerat, sic uolebat idem haberi redditae patriamque uincendo recipere, quam uictus amiserat; [6] eo speciosius quod ne ipsorum quidem Atheniensium, sed alieni proelii uiribus dimicet, pugnaturus periculo regis, uicturus praemio patriae, gloriamque

cartas, por fim, ele mesmo marchou até ele, [13] a cuja presença e conversação foi proibido, porque não queria adorá-lo conforme o costume dos persas; [14] contudo, dirige-se a ele por meio de intermediários e se queixa que se dispersem as guerras de um rei tão opulento pela penúria, e aquele que tinha um exército páreo aos inimigos fosse vencido pelo dinheiro, do qual dispunha, e se encontrasse como inferior naquela parte de suas forças em que era tão superior. [15] Pede que lhe dê a administração da despesa, porque era pernicioso confiá-la a vários. [16] Dado o soldo, de volta à frota, não prolonga suas ações; empreende muitas com coragem, muitas com bons resultados, devasta os campos inimigos, toma de assalto suas urbes e, como uma tempestade, derruba a todas. [17] Aterrorizados por essas ações, os lacedemônios decidem chamar Agesilau de volta da Ásia para ajudar a pátria.

[3, 1] Nesse ínterim, Pisandro, comandante deixado na pátria por Agesilau ao partir, preparou uma grande frota com as maiores forças militares, para tentar a fortuna na guerra. [2] E também Cónon, naquele momento, ordena com o maior cuidado aos seus para, pela primeira vez, encontrar com o exército dos inimigos. [3] Então, naquela batalha, houve não só uma grande rivalidade dos comandantes como do vulgo. [4] Com efeito, o próprio comandante Cónon também dedicava-se não tanto pelos persas quanto pela pátria, [5] e como, nas situações aflitivas dos atenienses, fora o responsável pelos domínios perdidos, assim desejava poder, igualmente, devolvê-los e, vencendo, retomar a pátria, a qual, vencido, perdera. [6] Era mais extraordinário para ele que lutasse, de fato, não com as forças militares dos próprios atenienses, mas com as de uma outra batalha; combateria pelo perigo do rei,

diuersis artibus quam priores ciuitatis suae duces consecuturus, [7] quippe illos uincendo Persas patriam defendisse, se Persas uictores faciendo restitutum patriam esse. [8] Porro Pisandrus pro coniunctione Agesilai etiam uirtutum aemulator erat contendebatque, ne a rebus gestis eius et gloriae splendore decederet, neu tot bellis ac saeculis quaesitum imperium breuis momenti culpa subuerteret. [9] Eadem militum et omnium remigum cura erat, quos maior sollicitudo cruciabat, non tam ne ipsi quaesitas opes amitterent, quam ne pristinas Athenienses reciperent. [10] Sed quanto maius proelium fuit, tanto et clarior uictoria Cononis. [11] Victi Lacedaemonii fugam capesserunt<sup>448</sup>; praesidia hostium Athenis deducuntur, [12] populo, restituta dignitate, condicio seruilis eripitur, multae quoque ciuitates recipiuntur.

[4, 1] Hoc initium Atheniensibus resumendae potentiae et Lacedaemoniis habendae finis fuit. [2] Namque ueluti cum imperio etiam uirtutem perdidissent, contemni a finitimis coepere. [3] Primi igitur Thebani, Atheniensibus auxiliantibus, bellum his intulere, [4] quae ciuitas ex finitimis incrementis uirtute Epaminondae ducis ad spem imperii Graeciae erecta est. [5] Fit itaque terrestre proelium eadem

venceria para o prêmio da pátria e iria buscar a glória com artifícios diversos daqueles dos antigos comandantes de sua própria cidade, [7] porque eles, vencendo os persas, haviam defendido a pátria; ele restituiria a pátria ao fazer os persas vencedores. [8] Além disso, Pisandro, devido ao parentesco com Agesilau, também fora um rival de suas virtudes e competia para não ser inferior aos feitos ilustres e ao esplendor da glória dele, e para não arruinar a soberania conquistada com tantas guerras e séculos por culpa de um breve momento. [9] Igual era o cuidado dos soldados e de todos os remadores, aos quais uma maior preocupação atormentava, não tanto por perderem eles próprios os contingentes conquistados, quanto para que os atenienses não recuperassem os seus iniciais. [10] Mas quanto maior foi a batalha, também foi mais preclara a vitória de Cónon. [11] Vencidos, os lacedemônios buscam a fuga; os destacamentos dos inimigos são retirados de Atenas; [12] a condição servil é arrancada do povo, restituída sua dignidade; do mesmo modo, muitas cidades são retomadas.

[4, 1] Este foi o início, para os atenienses, do restabelecimento de sua potência e, para os lacedemônios, o final da que tinham. [2] E, com efeito, como se com a soberania perdessem também a virtude, começaram a ser desdenhados pelos vizinhos. [3] Os primeiros, então, a levar guerra a eles, com tropas auxiliares atenienses, foram os tebanos, [4] cuja cidade, pela expansão de suas fronteiras, foi erigida à esperança da soberania da Grécia pela virtude do comandante Epaminondas. [5] E, assim, faz-se uma batalha terrestre, em cujo combate a

<sup>448</sup> Embora a forma *capessi* seja atestada por gramáticos e ainda que a tenha mantido em seu texto, Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera-a demasiado estranha, preferindo *capessunt*, presente em *D. Mantém-se ali*, contudo, aquilo que está em seu texto, o que também consta em Mineo (2016, p. 111, cf. Justin).

Lacedaemoniorum fortuna qua pugnatum aduersus Conona nauali proelio fuerat. [6] In eo bello Lysander, quo duce Athenienses uicti a Lacedaemoniis fuerant, interficitur. [7] Pausanias quoque, alter dux Lacedaemoniorum, prodicionis accusatus in exilium abiit. [8] Igitur Thebani, potiti uictoria, uniuersum exercitum ad urbem Lacedaemoniorum ducunt, facilem expugnationem rati, quoniam deserti a sociis omnibus erant. [9] Quod metuentes Lacedaemonii regem suum Agesilaum ex Asia, qui ibi magnas res gerebat, ad defensionem patriae arcessunt. [10] Occiso enim Lysandro, nullius alterius fiduciam ducis habebant. [11] Cuius quoniam serus aduentus erat, conscripto exercitu, obuiam hosti procedunt. [12] Sed uictis aduersus paulo ante uictores nec animus neque uires pares fuere; prima itaque congressione funduntur. [13] Deletis iam suorum copiis superuenit rex Agesilaus qui, restituto proelio, non difficulter recenti et multis expeditionibus indurato milite hostibus uictoriam eripuit; ipse tamen grauiter sauciatur.

[5, 1] Quibus rebus cognitis, Athenienses uerentes ne iterum Lacedaemoniis uictoribus in pristinam sortem seruitutis redigerentur, exercitum contrahunt [2] eumque in auxilium Boeotiorum per Iphicraten, XX quidem annos natum, sed magnae indolis iuuenem, duci iubent. [3] Huius adulescentis supra aetatem uirtus admirabilis fuit, [4] nec umquam ante

fortuna dos lacedemônios fora a mesma da batalha naval contra Cônnon. [6] Nessa guerra, Lisandro é assassinado, comandante por quem os atenienses foram vencidos pelos lacedemônios. [7] Do mesmo modo, Pausânias, outro comandante dos lacedemônios, acusado de traição, partiu para o exílio. [8] Então, os tebanos, obtida a vitória, lideram o exército inteiro à urbe dos lacedemônios, acreditando que facilmente seria tomada de assalto, porque eles tinham sido abandonados por todos os aliados. [9] Temendo isso, os lacedemônios chamam para a defesa da pátria seu rei, Agesilau, da Ásia, onde realizava grandes feitos. [10] Morto, de fato, Lisandro, não tinham confiança em qualquer outro comandante. [11] Porque sua chegada atrasava-se, alistado um exército, avançam em direção ao inimigo. [12] Mas os vencidos não tinham ânimo nem forças páreas contra aqueles que pouco antes foram vencedores; e, assim, no primeiro encontro, foram desbaratados. [13] Quando as tropas deles já estavam aniquiladas, o rei Agesilau sobreveio, o qual, retomada a batalha com soldados endurecidos por muitas e recentes expedições militares, sem dificuldade, arrebatou a vitória dos inimigos; ele próprio, contudo, é severamente ferido.

[5, 1] Tendo sabido dessas ações, os atenienses, temerosos de que, com os lacedemônios mais uma vez vitoriosos, fossem subordinados à antiga sorte da servidão, reúnem um exército [2] e o ordenam em auxílio aos beócios sob o comando de Ificrates, que tinha ainda vinte anos, mas era um jovem de grande índole. [3] A virtude desse adolescente foi admirável acima de sua idade, [4] e nunca antes dele os atenienses tiveram, entre tamanhos grandes

cum Athenienses inter tot tantosque duces aut spei maioris aut indolis maturioris imperatorem habuerunt, [5] in quo non imperatoriae tantum, uerum et oratoriae artes fuere. [6] Conon quoque, audito reditu Agesilai, et ipse ex Asia ad depopulandos Lacedaemoniorum agros reuertitur, [7] atque ita, undique belli formidine circumstrepente, clausi Spartani ad summam desperationem rediguntur. [8] Sed Conon, uastatis hostium terris, Athenas pergit, ubi magno ciuium gaudio exceptus plus tamen tristitiae ipse ex incensa et diruta a Lacedaemoniis patria quam laetitiae ex recuperata post tantum temporis cepit. [9] Itaque quae incensa fuerant praedarum sumptu et exercitu Persarum restituit; quae diruta, refecit. [10] Fatum illud Athenarum fuit ut ante a Persis crematae manibus eorum, et nunc a Lacedaemoniis dirutae ex spoliis Lacedaemoniorum restituerentur, [11] uersaque uice haberent nunc socios, quos tunc hostes habuerant, et hostes nunc paterentur, cum quibus iuncti tunc artissimis societatis uinculis fuerant.

[6, 1] Dum haec geruntur, Artaxerxes, rex Persarum, legatos in Graeciam mittit per quos iubet omnes ab armis discedere; qui aliter fecisset, eum se pro hoste habiturum; ciuitatibus libertatem suaque omnia restituit. [2] Quod non Graeciae laboribus adsiduisque bellorum interneciuis odiis consulens fecit, [3] sed ne occupato sibi Aegyptio bello, quod propter auxilia aduersus praefectos suos

comandantes, um general de maior esperança ou índole mais precoce; [5] nele havia não só as habilidades de um general, como as de um orador. [6] Cónon, do mesmo modo, tendo ouvido sobre o retorno de Agesilau, volta da Ásia para assolar os campos dos lacedemônios, [7] e, assim, os espartanos, cercados por todos os lados pelo som do alarme da guerra, presos, são subordinados a um grande desespero. [8] Mas Cónon, tendo devastado as terras do inimigo, marcha para Atenas, onde foi acolhido com grande alegria pelos cidadãos, contudo, ele próprio foi mais tomado de tristeza pela pátria incendiada e demolida pelos lacedemônios do que de felicidade por a ter recuperado após tanto tempo. [9] E, assim, restituiu o que havia sido incendiado com o valor das pilhagens e com o exército dos persas; o que tinha sido demolido, reconstruiu. [10] Este foi o destino de Atenas: antes queimada pelos persas, foi restituída pelas mãos deles; e agora demolida pelos lacedemônios, foi restituída pelos espólios dos lacedemônios, [11] e, por uma inversão de situação, tinha agora como aliados os que naquele tempo tivera como inimigos, e suportava agora como inimigos aqueles com que naquele tempo estiveram vinculados por estreitos laços de aliança.

[6, 1] Enquanto essas ações são realizadas, Artaxerxes, rei dos persas, envia embaixadores à Grécia por meio dos quais ordena que todos se afastem das armas; aquele que fizesse diferente, teria a ele como inimigo; restitui às cidades a liberdade e tudo o que era seu. [2] Não fez isso por considerar os esforços da Grécia e os constantes ódios mortais das guerras, [3] mas para que, ocupado ele mesmo com a guerra no Egito – que principiara devido às tropas auxiliares enviadas aos lacedemônios contra seus

Lacedaemoniis missa susceperat, exercitus sui in Graecia detinerentur. [4] Fessi igitur tot bellis, Graeci cupide paruere. [5] Hic annus non eo tantum insignis fuit, quod repente pax tota Graecia facta est, sed etiam eo, quod eodem tempore urbs Romana a Gallis capta est. [6] Sed Lacedaemonii, securis insidiantes, absentiam Arcadum speculati, castellum eorum expugnant occupatoque praesidium inponunt. [7] Itaque, armato instructoque exercitu, Arcades, adhibitis in auxilium Thebanis, amissa bello repetunt. [8] In eo proelio Archidamus, dux Lacedaemoniorum, uulneratus; [9] qui, cum caedi suos iam ut uictos uideret, per praeconem corpora interfectorum ad sepulturam poposcit [10] – hoc est enim signum apud Graecos uictoriae traditae –, qua confessione contenti Thebani signum parcendi dedere.

[7, 1] Paucis deinde post diebus, neutris quicquam hostile facientibus, cum quasi tacito consensu indutiae essent, Lacedaemoniis alia bella aduersus finitimos gerentibus, Thebani, Epaminonda duce, occupandae urbis eorum spem ceperunt. [2] Igitur principio noctis taciti Lacedaemona proficiscuntur; non tamen adgredi incautos potuerunt. [3] Quippe senes et cetera inbellis aetas, cum aduentum hostium praesensissent, in ipsis portarum angustiis armati occurrunt; [4] et aduersus XV milia

próprios intendententes –, seus exércitos não fossem retidos na Grécia. [4] Cansados, então, de tantas guerras, os gregos, de bom grado, obedeceram. [5] Este ano foi notável não só porque, de repente, fez-se a paz em toda a Grécia, mas também porque, nessa mesma época, a urbe romana foi capturada pelos gauleses<sup>449</sup>. [6] Mas os lacedemônios, preparando uma emboscada em condições seguras, espreitando a ausência dos árcades, tomam de assalto uma fortaleza deles e colocam nela, ocupada, uma guarnição. [7] E, assim, armado e equipado o exército, os árcades, acrescidos pelo reforço dos tebanos, retomam com guerra aquilo de que foram privados. [8] Nessa batalha, é ferido o comandante dos lacedemônios, Arquídamo, [9] o qual, quando viu os seus serem massacrados já como vencidos, pediu por um arauto os corpos dos mortos para os sepultar [10] – este era, de fato, um sinal entre os gregos de uma vitória reconhecida. Os tebanos, contentes com essa confissão, deram o sinal para poupá-los.

[7, 1] Logo, após uns poucos dias, enquanto nenhum lado mostrava-se hostil, como se houvesse um tácito consenso de trégua, e os lacedemônios travavam outras guerras contra os vizinhos, os tebanos, a partir do comandante Epaminondas, foram tomados da esperança de ocupar a urbe deles. [2] Então, no início da noite, partem, em silêncio, para a Lacedemônia; não puderam, contudo, atacar os incautos, [3] pois os velhos e os outros de idade imbele, como presentiram a vinda dos inimigos, saem armados ao encontro deles na soleira das portas; [4] e não mais do que cem homens já afetados pela idade oferecem-se à batalha

<sup>449</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que, segundo a datação tradicional, seguindo Varrão, este ano seria 390 AEC, entretanto, a narrativa de Justino adequar-se-ia melhor àquela apresentada por Políbio, ou seja, 387 ou 386.

militum non amplius centum iam effetae aetatis uiri pugnae se offerunt. [5] Tantum animorum uiriumque patriae et penatium conspectus subministrat, tantoque praesentia quam recordatione sui maiores spiritus largiuntur. [6] Nam, ut uidere inter quae et pro quibus starent, aut uincendum sibi aut moriendum censuerunt. [7] Pauci igitur sustinere senes aciem cui par ante dies uniuersa iuuentus esse non potuit. [8] In eo proelio duo duces hostium cecidere, [9] cum interim, Agesilai aduentu nuntiato, Thebani recessere. [10] Nec bellum diu dilatatum, siquidem Spartanorum iuuentus, senum uirtute et gloria incensa, teneri non potuit, quin ex continenti acie decerneret. [11] Cum uictoria Thebanorum esset, Epaminonda, dum non ducis tantum, uerum et fortissimi militis officio fungitur, grauiter uulneratur. [12] Quo audito, et his ex dolore metus, et illis ex gaudio stupor inicitur atque ita uelut ex placito consensu a proelio disceditur.

[8, 1] Post paucos deinde dies Epaminonda decedit, cum quo uires quoque rei publicae ceciderunt. [2] Nam sicuti telo si primam aciem praefregeris, reliquo ferro uim nocendi sustuleris, sic illo, uelut mucrone teli, ablato duce Thebanorum, rei quoque publicae uires hebetatae sunt, ut non tam illum amisisse quam cum illo interis omnes uiderentur. [3] Nam neque hunc ante ducem ullum memorabile bellum gessere, nec postea uirtutibus, sed cladibus insignes fuere, ut

contra quinze mil soldados. [5] A visão da pátria e dos penates supre tamanho ânimo e força, e os ancestrais preenchem-nos de seu alento tanto por sua presença como por sua recordação. [6] Com efeito, quando viram entre quem e contra quem se levantavam, consideraram que deveriam ou vencer ou morrer. [7] Uns poucos velhos, então, sustiveram uma linha de combate que dias antes a juventude inteira não pudera. [8] Nessa batalha, dois comandantes dos inimigos foram abatidos. [9] Com esse ínterim, anunciada a chegada de Agesilau, os tebanos retiraram-se. [10] E a guerra não foi adiada por um longo tempo, visto que a juventude dos espartanos, açulada pela virtude e pela glória dos velhos, não pôde ser contida a menos que decidisse colocar-se em linha imediatamente. [11] Enquanto a vitória estava com os tebanos, Epaminondas, que executava o serviço não só de comandante como também de um soldado muito corajoso, é severamente ferido. [12] Tendo ouvido isso, insufla-lhes o medo oriundo da dor, e o estupor oriundo da alegria daqueles, e, assim, como se em um plácido consenso, retiram-se da batalha.

[8, 1] Logo, após uns poucos dias, Epaminondas morreu; com ele, foram abatidas, do mesmo modo, as forças da república. [2] Com efeito, como quando quebras a ponta de uma lança, privas da força de ferir o restante do ferro, assim com ele, tal como o fio de uma espada, arrebatado o comandante dos tebanos, do mesmo modo, embotaram-se as forças da república, de modo que pareciam ter não só sido privados dele, como perecido com ele. [3] Com efeito, não travaram guerra alguma que fosse memorável antes desse comandante, nem foram, posteriormente, insignes por suas virtudes, mas por seus desastres, como se

manifestum sit patriae gloriam et natam et extinctam cum eo fuisse. [4] Fuit autem incertum uir melior, an dux esset. [5] Nam et imperium non sibi semper, sed patriae quaesiuit, [6] et pecuniae adeo parcus fuit ut sumptus funeri defuerit. [7] Gloriam quoque non cupidior quam pecuniae, quippe recusanti omnia imperia ingesta sunt, [8] honoresque ita gessit ut ornatum non accipere, sed dare ipsi dignitati uideretur. [9] Iam litterarum studium, iam philosophiae doctrina tanta ut mirabile uideretur unde tam insignis militiae scientia homini inter litteras nato. [10] Neque ab hoc uitae proposito mortis ratio dissensit. [11] Nam ut relatus in castra semianimis uocem spiritumque collegit, id unum a circumstantibus requisiiuit, num cadenti sibi scutum ademisset hostis. [12] Quod ut seruatum audiuit adlatumque, ueluti laborum gloriaeque socium, osculatus est, iterum quaesiuit, utri uicissent. [13] Vt audiuit Thebanos, bene habere se rem dixit atque ita uelut gratulabundus patriae exspirauit.

[9, 1] Huius morte etiam Atheniensium uirtus intercidit, [2] siquidem amisso, cui aemulari consueuerant, in segnitiam torporemque resoluti, [3] non ut olim in classem et exercitus, sed in dies festos apparatusque ludorum reditus publicos effundunt [4] et cum actoribus nobilissimis poetisque theatra celebrant, frequentius scenam quam castra uisentes uersificatoresque meliores quam duces laudantes. [5] Tunc uectigal publicum,

estivesse manifesto que a glória da pátria tinha nascido e também morrido com ele. [4] No entanto, era incerto se teria sido melhor como homem ou como comandante. [5] Com efeito, sempre buscou a soberania não para si, mas para sua pátria [6] e foi a tal ponto parcimonioso com o dinheiro que faltou a quantia para seu funeral. [7] Também não era mais desejoso de glória do que de dinheiro, já que ele recusou todos os comandos que lhe foram oferecidos, [8] e, assim, parecia que os aceitava não para receber honras, mas para dar a eles próprios dignidade. [9] Tinha tamanha instrução seja no estudo das letras, seja no da filosofia que parecia prodigioso que fosse tão insigne na ciência militar um homem nascido entre as letras. [10] E a razão de sua morte não se diferenciou desse propósito de vida; [11] com efeito, quando, levado ao acampamento semimorto, reuniu sua voz e espírito, ele inquiriu aos que estavam ao redor uma coisa: se, ao cair, os inimigos haviam subtraído seu escudo. [12] Quando ouviu que fora salvo e trazido, beijou-o, como a um aliado de trabalhos e de glória. Mais uma vez, perguntou qual lado vencera; [13] quando ouviu que foram os tebanos, disse que a situação ia bem e, assim, como se parabenizando a pátria, expirou.

[9, 1] Com a morte dele, a virtude dos atenienses também é desmantelada, [2] visto que, perdido aquele com quem costumavam disputar, enfraquecidos pela ociosidade e pelo torpor, [3] não acodem com as receitas públicas, como outrora, à frota e ao exército, mas a dias festivos e a preparativos de jogos [4] e celebram os teatros com atores e poetas nobilíssimos, visitando com mais frequência a cena do que o acampamento e louvando os versificadores como melhores do que os comandantes. [5] Naquele momento, o tributo público, com que, antes, soldados e remadores mantinham-se, começou a ser



quo antea milites et remiges alebantur, cum urbano populo diuidi coeptum. [6] Quibus rebus effectum est ut, inter uitia Graecorum, sordidum et obscurum antea Macedonum nomen emergeret, [7] et Philippus, obses triennio Thebis habitus, Epaminondae et Pelopidarum uirtutibus eruditus, regnum Macedoniae Graeciae et Asiae ceruicibus ueluti iugum seruitutis inponeret.

## LIBER VII

[1, 1] Macedonia ante a nomine Emathionis regis, cuius prima uirtutis experimenta in illis locis extant, Emathia cognominata est. [2] Huius sicuti incrementa modica, et ita termini perangusti fuere. [3] Populus Pelasgi, regio Bottia dicebatur. [4] Sed postea uirtute regum et gentis industria subactis primo finitimis, mox populis nationibusque, imperium usque extremos Orientis terminos prolatum. [5] In regione Paeonia, quae nunc portio est Macedoniae, regnasse fertur Telegonus, pater Asteropaei, cuius Troiano bello inter clarissimos uindices urbis nomen accepimus. [6] Ex alio latere in Europa regnum Europus nomine tenuit. [7] Sed et Caranus: cum magna multitudine Graecorum sedes in Macedonia responso oraculi iussus quaerere, cum Emathiam uenisset, urbem Edessam, non

dividido com a população urbana. [6] O resultado dessas ações foi que, em meio aos vícios dos gregos, o nome antes sórdido e obscuro dos macedônios emerge, [7] e Filipe, que viveu como refém por três anos em Tebas, letrado nas virtudes de Epaminondas e Pelópidas<sup>450</sup>, impôs, como se um jugo de servidão, o reino da Macedônia aos pescoços da Grécia e da Ásia.

## Livro VII

[1, 1] A Macedônia era antes nomeada Emátia a partir do nome do rei Ematião, cujas primeiras provas de virtude mostraram-se naqueles locais. [2] Assim como as expansões dali eram modestas, também seus limites eram muito reduzidos. [3] Dizia-se que o povo era pelasgo; o reino, Bótia. [4] Mas, posteriormente, devido à virtude de seus reis e à diligência de sua gente, subjugados, primeiro, os vizinhos, e, em seguida, povos e nações, a soberania estendeu-se até os remotos limites do Oriente. [5] Na região da Peônia, que agora é uma porção da Macedônia, conta-se que teria reinado Telégono, pai de Asteropeu, cujo nome, sabemos, está entre os mais preclaros protetores da urbe na guerra troiana. [6] Do outro lado, na Europa, reinou alguém de nome Europo. [7] Mas também Carano: em resposta à ordem de um oráculo, buscou moradas na Macedônia com uma grande multidão de gregos. Quando chegou à Emátia, ocupou a urbe de Edessa ao seguir um rebanho de cabras que fugia da chuva,

<sup>450</sup> Embora tenha sido destacado aqui, a história de Pelópidas não é desenvolvida no *Epítome*. Em comparação com os *Prólogos*, Justino parece ter cortado vários elementos do livro VI, como a soberania de Jasão e a de Alexandre de Feras.

sentientibus oppidanis propter imbrium et nebulae magnitudinem, gregem caprarum imbrem fugientium secutus, occupavit; [8] reuocatusque in memoriam oraculi quo iussus erat ducibus capris imperium quaerere, regni sedem statuit; [9] religioseque postea observavit, quocumque agmen moueret, ante signa easdem capras habere, coeptorum duces habiturus, quas regni habuerat auctores. [10] Urbem Edessam ob memoriam muneris Aegaeas, populum Aegeadas uocavit. [11] Pulso deinde Mida – nam is quoque portionem Macedoniae tenuit – aliisque regibus pulsus, in locum omnium solus successit [12] primusque, adunatis gentibus uariarum populorum, ueluti unum corpus Macedoniae fecit, crescentique regno ualida incrementorum fundamenta constituit.

[2, 1] Post hunc Perdicca regnavit, cuius et uita inlustris et mortis postrema, ueluti ex oraculo, praecepta memorabilia fuere. [2] Siquidem senex moriens Argeo filio monstravit locum quo condi uellet, ibique non sua tantum, sed et succedentium sibi in regnum ossa poni iussit, [3] praefatus, quoad ibi conditae posterorum reliquiae forent, regnum in familia mansurum; [4] creduntque hac superstitione extinctam in Alexandro stirpem, quia locum sepulturae mutauerit. [5] Argeus, moderate et cum amore popularium administrato regno, successorem filium

não sendo eles percebidos pelos habitantes devido à densidade das chuvas e da névoa; [8] e, tendo lembrado o oráculo cuja ordem era buscar a soberania aonde as cabras o guiassem, estabeleceu a morada real. [9] E, posteriormente, cuidou religiosamente para que, aonde quer que movesse sua tropa, tivesse as mesmas cabras diante dos estandartes, de modo a ter como guias de suas empresas aquelas que tinham sido responsáveis por seu reino. [10] Em razão da memória desse presente, chamou-se a urbe, Edessa, de Egeia<sup>451</sup>; o povo, de egéadas. [11] Logo, expulso Midas – de fato, ele, do mesmo modo, teve uma porção da Macedônia – e expulsos os outros reis, sucedeu, sozinho, a todos em suas posições, [12] e, com as gentes reunidas de vários povos, primeiro, fez da Macedônia como se um só corpo e constituiu os sólidos alicerces das expansões para um reino que se ampliava.

[2, 1] Após ele, reinou Pérdicas, cuja vida foi ilustre, e as últimas instruções da morte, como se as de um oráculo, também foram memoráveis, [2] visto que o velho moribundo mostrou ao filho, Argeu, o local em que desejava ser enterrado e ordenou que, ali, fossem postos não só seus próprios ossos, mas também os daqueles que lhe sucedessem no reino, [3] renunciando que, enquanto fossem enterrados ali os restos dos pósteros, o reino permaneceria em sua família. [4] E acreditam, por essa superstição, que a estirpe foi extinta com Alexandre, porque o local de sepultura foi alterado. [5] Argeu, tendo administrado o reino com moderação e amor aos povos, deixou como sucessor seu filho, Filipe, que

<sup>451</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 173), “cidade das cabras”, em relação ao termo αἴγες (*aíges*), ou seja, cabras.

Philippum reliquit, qui, in matura morte raptus, Aeropum, paruulum admodum, instituit heredem. [6] Sed Macedonibus adsidua certamina cum Thracibus et Illyriis fuere quorum armis, ueluti cotidiano exercitio, indurati, gloria bellicae laudis finitimos terrebant. [7] Igitur Illyrii infantiam regis pupilli contemnentis, bello Macedonas adgrediuntur. [8] Qui, proelio pulsus, rege suo in cunis prolato et pone aciem posito, acrius certamen repetiuere, [9] tamquam ideo uicti antea fuissent, quod bellantibus sibi regis sui auspicia defuissent, [10] futuri uel propterea uictores, quod ex superstitione animum uincendi ceperant; [11] simul et miseratio eos infantis tenebat, quem, si uicti forent, captiuum de rege facturi uidebantur. [12] Conserto itaque proelio, magna caede Illyrios fudere, ostenderuntque hostibus suis priore bello regem Macedonibus, non uirtutem defuisse. [13] Huic Amyntas succedit et propria uirtute et Alexandri filii egregia indole insigniter clarus; [14] cui Alexandro tanta omnium uirtutum naturae ornamenta extitere ut etiam Olympio certamine uario ludicrorum genere contenderet.

[3, 1] Cum interim Darius, rex Persarum, turpi ab Scythia fuga submotus, ne ubique deformis militiae damnis haberetur, mittit cum parte copiarum Magabasum ad subigendam Thraciam ceteraque eius tractus regna, quibus

tomado por uma morte prematura, instituiu como herdeiro Aeropo, ainda pequenino. [6] Mas havia pelejas constantes entre os trácios e ilírios com os macedônios, que, endurecidos pelas armas deles como se por um exercício cotidiano, aterravam os vizinhos com a glória de seus louvores bélicos. [7] Então, os ilírios, desdenhando a tenra idade do rei órfão, vão à guerra contra os macedônios. [8] Estes, derrotados na batalha, após porem seu próprio rei em um berço e o colocarem atrás da linha de combate, retomaram a peleja com maior ímpeto, [9] como se, antes, tivessem sido vencidos porque lhes faltavam os auspícios de seu próprio rei; [10] seriam, por essa razão, vencedores, porque tomaram da superstição o ânimo para vencer. [11] Ao mesmo tempo, também havia a compaixão deles pela criança, a qual, se fossem vencidos, veriam ser transformada de rei em cativo. [12] E, assim, travada a batalha, derrubaram os ilírios em um grande massacre e mostraram a seus inimigos que, na guerra anterior, faltara aos macedônios o rei, não a virtude. [13] Amintas sucedeu-lhe, insigne por sua própria virtude e também pela egrégia índole de seu filho, Alexandre. [14] Tanto a natureza elevou esse Alexandre com os ornamentos de todas as virtudes que também competia em vários tipos de competições nos Jogos Olímpicos.

[3, 1] Com esse íterim, Dario, rei dos persas, saído da Cítia em vergonhosa fuga<sup>452</sup>, para que não fosse considerado, em todo canto, um desgraçado por causa dos prejuízos da expedição militar, envia Magabaso com parte das tropas para sujeitar a Trácia e os demais reinos contíguos, aos

<sup>452</sup> Cf. Just. 2.5.9-11.

pro ignobili momento erat accessura Macedonia. [2] Qui, breui tempore executo regis imperio, legatis ad Amyntam, regem Macedoniae, missis, obsides in pignus futurae pacis dari sibi postulabat. [3] Sed legati benigne excepti, inter epulas ebrietate crescente, rogant Amyntam ut apparatusi epularum adiciat ius familiaritatis, adhibitis in conuiuio suis ac filii uxoris; id apud Persas haberi pignus ac foedus hospitii. [4] Quae ut uenerunt, Persis eas petulantius contrectantibus, filius Amyntae Alexander rogat patrem, respectu aetatis ac grauitatis suae abiret conuiuio, pollicitus se hospitum temperaturum iocos. [5] Quo digresso, mulieres quoque paululum e conuiuio euocat, cultius exornaturus gratioresque reducturus. [6] In quarum locum matronali habitu exornatos iuuenes opponit, eosque petulantiam legatorum ferro, quod sub ueste gerebant, conpescere iubet. [7] Atque ita interfectis omnibus, ignarus rei Magabasis, cum legati non redirent, mittit eo cum exercitus parte Bubarem, ut in bellum facile et mediocre, [8] dedignatus ipse ire, ne dehonestaretur proelio tam foedae gentis. [9] Sed Bubares, ante bellum amore filiae Amyntae captus, omisso bello, nuptias facit depositisque hostilibus animis in adfinitatis iura succedit.

[4, 1] Post discessum a Macedonia Bubaris, Amyntas rex decedit, cuius filio et successori Alexandro cognatio Bubaris non Darii tantum

quais a Macedônia juntar-se-ia, devido à sua desconhecida importância. [2] Ele, após ter executado, em breve tempo, as ordens do rei, tendo enviado mensageiros a Amintas, rei da Macedônia, demandava que lhe fossem dados reféns como prova da futura paz. [3] Mas, acolhidos com benevolência, os embaixadores, em meio aos festins, com crescente embriaguez, pedem a Amintas que adicione ao preparativo dos festins a prerrogativa da amizade, acrescentando seus filhos e esposas ao banquete; isto é tido como penhor e pacto de hospitalidade junto aos persas. [4] Quando elas chegaram, tendo os persas as tocado com grande petulância, o filho de Amintas, Alexandre, pede ao pai, por respeito a sua idade e sua dignidade, que se retire do banquete, prometendo que moderaria as zombarias dos hóspedes. [5] Tendo este se retirado, manda sair, do mesmo modo, as mulheres brevemente do banquete, para as adornar com mais esmero e as tornar mais graciosas. [6] Apresenta, no lugar delas, uns jovens adornados com traje de matrona e lhes ordena que cortem a petulância dos embaixadores com o ferro que levavam sob a veste. [7] E, assim, mortos todos, Magabaso, ignorando o acontecido, como os embaixadores não voltaram, envia-lhe Bubares, com parte do exército, como a uma guerra fácil e sem importância, [8] não se dignando a ir ele mesmo, para que não se desonrasse em uma batalha com gente tão indigna. [9] Mas Bubares, capturado, antes da guerra, pelo amor da filha de Amintas, tendo evitado a guerra, casa-se e, deixados os ânimos hostis, segue as prerrogativas do parentesco.

[4, 1] Após a retirada de Bubares da Macedônia, morre o rei Amintas, a cujo filho e sucessor, Alexandre, o parentesco de Bubares forneceu não só a paz nos tempos de

temporibus pacem praestitit, uerum etiam Xerxen adeo conciliauit, ut, cum Graeciam, ueluti tempestas quaedam, occupasset, inter Olympum Haemumque montes totius regionis eum imperio donauerit. [2] Sed nec uirtute minus quam Persarum liberalitate regnum ampliauit. [3] Per ordinem deinde successionis, regnum Macedoniae ad Amyntam, fratris eius Menelai filium, peruenit. [4] Hic quoque insignis industria et omnibus imperatoriis uirtutibus instructus fuit, [5] qui ex Eurydice tres filios sustulit, Alexandrum, Perdiccam et Philippum, Alexandri Magni Macedonis patrem, et filiam Euryonem, ex Gygaea autem Archelaum, Arridaeum, Menelaum. [6] Cum Illyriis deinde et cum Olynthiis grauius bella gessit. [7] Insiidiis etiam Eurydices uxoris, quae nuptias generi pacta, occidendum uirum regnumque adultero tradendum susceperat, occupatus fuisset, ni filia paelicatum matris et sceleris consilia prodidisset. [8] Functus itaque tot periculis, senex decessit, regno maximo ex filiis Alexandro tradito.

[5, 1] Igitur Alexander, inter prima initia regni, bellum ab Illyriis, pacta mercede et Philippo fratre dato obside, redemit. [2] Interiecto quoque tempore, per eundem obsidem cum Thebanis gratiam pacis reconciliat. Quae res Philippo maxima incrementa egregiae indolis dedit, [3] siquidem, triennio Thebis obses habitus, prima pueritiae rudimenta in urbe seueritatis

Dario, mas também a tal ponto o uniu a Xerxes que, quando ele ocupara a Grécia como uma tempestade, ter-lhe-ia dado a soberania de toda a região entre os montes Olimpo e Hemo. [2] Mas ampliou seu reino não menos pela virtude do que pela generosidade dos persas. [3] Logo, por ordem de sucessão, o reino da Macedônia chega a Amintas, filho do irmão dele, Menelau. [4] Ele, do mesmo modo, foi insigne por sua diligência e perito em todas as virtudes de um general, [5] o qual teve três filhos com Eurídice: Alexandre, Pérdicas e Filipe – pai de Alexandre, o Grande da Macedônia –, e uma filha, Euríone; e também com Gigeia teve Arquelau, Arrideu e Menelau. [6] Logo, travou guerras mais severas contra os ilírios e os olíntios. [7] Teria estado ocupado também com as insídias da esposa, Eurídice, a qual, comprometida a se casar com genro, encarregara-se de matar o marido e entregar o reino ao adúltero, se sua filha não tivesse denunciado o prostituto da mãe e os planos da transgressão. [8] E, assim, aquele que sobreviveu a tantos perigos morreu idoso, tendo confiado o reino ao filho mais velho, Alexandre.

[5, 1] Então, Alexandre, desde o início do reinado, livra-se da guerra com os ilírios, por um preço acordado e com seu irmão, Filipe, entregue como refém. [2] Passado algum tempo, também restabelece, por meio do mesmo refém, o benefício da paz com os tebanos. Tal fato permitiu a Filipe os desenvolvimentos máximos de sua índole egrégia, [3] visto que, nos três anos em que esteve mantido como refém em Tebas, terminou os primeiros estudos da infância em uma urbe de antiga severidade e na casa

antiquae et in domo Epaminondae, summi et philosophi et imperatoris, deposuit. [4] Nec multo post Alexander insidiis Eurydices matris adpetitus occumbit, [5] cui Amyntas in scelere deprehensae propter communes liberos, ignarus eisdem quandoque exitiosam fore, pepercerat. [6] Frater quoque eius Perdicca pari insidiarum fraude decipitur. [7] Indignum prorsus libidinis causa liberos a matre uita priuatos, quam scelerum suorum suppliciis liberorum contemplatio uindicauerat. [8] Perdiccae hoc indignior caedes uidebatur quod ei apud matrem misericordiam ne paruulus quidem filius conciliauerat. [9] Itaque Philippus diu non regem, sed tutorem pupilli egit. [10] At ubi grauiora bella iminebant serumque auxilium in expectatione infantis erat, compulsus a populo regnum suscepit.

[6, 1] Vt est ingressus imperium, magna de illo spes omnibus fuit et propter ipsius ingenium, quod magnum spondebat uirum, et propter uetera Macedoniae fata, [2] quae cecinerant, uno ex Amyntae fillis regnante, florentissimum fore Macedoniae statum, cui spei scelus matris hunc residuum fecerat. [3] Principio regni, cum hinc caedes fratrum indigne peremptorum, inde hostium multitudo, hinc insidiarum metus, inde inopia continui belli et exhausti regni in maturam aetatem tironis urgerent, [4] bella, quae, uelut con spiratione quadam ad opprimendam Macedoniam multarum gentium, ex diuersis

de Epaminondas, excelso filósofo e general. [4] E, não muito depois, Alexandre sucumbiu, acometido pelas insídias de sua mãe, Eurídice, [5] a qual, apanhada em uma transgressão, Amintas poupou devido aos filhos comuns, não sabendo que algum dia haveria de lhes ser funesta. [6] Do mesmo modo, também o irmão dele, Pérdicas, é igualmente enganado pela artimanha das insídias. [7] É absolutamente repugnante que, por causa da lascívia, os filhos tenham sido privados da vida pela mãe, a qual fora livrada dos suplícios por suas transgressões em consideração de seus filhos. [8] Por isso, o massacre de Pérdicas parecia ainda mais repugnante, pois nem mesmo o pequenino filho dele provocara a misericórdia materna. [9] E assim, durante muito tempo, Filipe atuou não como um rei, mas como tutor do órfão. [10] Porém, quando guerras mais severas estavam iminentes, e o auxílio era tardado pela espera de uma criança, impelido pelo povo, assume o reinado.

[6, 1] Logo que iniciou sua soberania, houve, para todos, uma grande esperança, devido à sua índole, que prometia um grande homem, e devido às antigas profecias da Macedônia, [2] que vaticinaram que, reinando um dos filhos de Amintas, a condição da Macedônia haveria de ser a mais promissora, pelo que o crime da mãe fizera dele o último resquício dessa esperança. [3] No princípio do reinado, quando, de um lado, os massacres dos irmãos cruelmente assassinados, de outro, a multidão de inimigos, de um lado, o medo de insídias, de outro, a penúria de uma guerra contínua e de um reino exausto atormentassem a idade imatura do moço, [4] as guerras que, como em uma conspiração de muitas gentes para esmagar a Macedônia, afluíam ao mesmo tempo de diferentes lugares, porque não podia estar igualmente

locis uno tempore confluebant, quoniam omnibus par esse non poterat, dispensanda ratus, [5] alia interposita pactione componit, alia redimit, facillimis quibusque adgressis, quorum uictoria et militum trepidos animos firmaret et contemptum sibi hostium demeret. [6] Primum illi cum Atheniensibus certamen fuit; quibus per insidias uictis, metu belli grauioris, cum interficere omnes posset, incolumes sine pretio dimisit. [7] Post hos, bello in Illyrios translato, multa milia hostium caedit. Urbem nobilissimam Larissam capit. [8] Hinc Thessaliam non praedae cupiditate, sed quod exercitui suo robur Thessalorum equitum adiungere gestiebat, nihil minus quam bellum metuentem, inprouisis expugnat, [9] unumque corpus equitum pedestriumque copiarum inuicti exercitus fecit. [10] Quibus rebus feliciter prouenientibus, Olympiadam, Neoptolemi, regis Molossorum, filiam, uxorem ducit, [11] conciliante nuptias fratre patrueli, auctore uirginis, Arryba, rege Molossorum, qui sororem Olympiadis Troada in matrimonio habebat; quae causa illi exitii malorumque omnium fuit. [12] Nam dum regni incrementa adfinitate Philippi adquisiturum se sperat, proprio regno ab eodem priuatus in exilio consenuit. [13] His ita gestis, Philippus, iam non contentus submouere bella, ultro etiam quietos lacessit. [14] Cum Mothonam urbem

em todas, persuadido de que deveria desbaratá-las, [5] põe fim a umas mediante acordo, paga a remissão de outras, e travadas aquelas mais fáceis, com a vitória delas, firma os ânimos inseguros dos soldados e coíbe o desprezo dos inimigos por ele. [6] Primeiro, ele lutou contra os atenienses, os quais, vencidos devido a emboscadas, com medo de uma guerra mais severa, embora pudesse assassinar a todos, deixa-os partir incólumes, sem resgate. [7] Após esses, transferida a guerra aos ilírios, mata muitos milhares de inimigos. Toma a nobilíssima urbe de Larissa. [8] Dali, toma de assalto, inesperado, a Tessália – que nada temia menos que uma guerra –, não pela cobiça da pilhagem, mas porque desejava unir a seu exército o vigor dos cavalos dos tessálios, [9] e fez um exército invicto com um único corpo de tropas de cavalaria e infantaria. [10] Com o bom resultado vindo dessas ações, tomou por esposa Olímpíade, filha de Neoptólemo, rei dos molossos, [11] tendo preparado as núpcias seu primo-irmão, responsável pela virgem, Arribas, rei dos molossos, que era casado com a irmã de Olímpíade, Troade. Tal união foi, para ele, a causa da ruína e de todos os males<sup>453</sup>. [12] Com efeito, enquanto espera obter expansões de seu reino pelo parentesco com Filipe, privado, por ele, do próprio reino, envelheceu no exílio. [13] Assim, com esses feitos, Filipe, já não contente em repelir as guerras, afronta, por iniciativa própria, também os povos pacíficos. [14] Quando assaltava a urbe de Motona, ao passar diante da muralha, uma flecha atirada vazou o olho direito do rei. [15] Esse ferimento não o fez mais lento na guerra, nem mais irado contra os inimigos, [16] a ponto de que, passados alguns dias, teria dado a paz aos que a

<sup>453</sup> Cf. narrado a partir de Just. 8.6.4.

oppugnaret, in praetereuntem de muris sagitta iacta dextrum oculum regis effodit. [15] Quo uulnere nec segnior in bellum nec iracundior aduersus hostes factus est, [16] adeo ut, interiectis diebus, pacem deprecantibus dederit, nec moderatus tantum, uerum etiam mitis aduersus uictos fuerit.

## LIBER VIII

[1, 1] Graeciae ciuitates, dum imperare singulae cupiunt, imperium omnes perdiderunt, [2] quippe in mutuam exitium sine modo ruentes, omnibus perire quod singulae amitterent, non nisi oppressae senserunt. [3] Siquidem Philippus, rex Macedoniae, uelut e specula quadam libertati omnium insidiatus, dum contentiones ciuitatum alit auxilium inferioribus ferendo, uictos pariter uictoresque subire regiam seruitutem coegit. [4] Causa et origo huius mali Thebani fuere, qui cum rerum potirentur, secundam fortunam inbecillo animo ferentes uictos armis Lacedaemonios et Phocenses, quasi parua supplicia caedibus et rapinis luissent, apud commune Graeciae concilium superbe accusauerunt. [5] Lacedaemoniis crimini datum quod arcem Thebanam indutiarum tempore occupassent, Phocensibus, quod Boeotiam depopulati essent: [6] prorsus quasi post arma et bellum locum legibus reliquissent. [7] Cum iudicium arbitrio uictorum exerceretur, tanta pecunia

clamavam e não teria sido apenas moderado, mas também brando em relação aos vencidos.

## Livro VIII

[1, 1] Enquanto as cidades da Grécia desejam comandar individualmente, todas perderam o comando, [2] porque, impelidas, sem moderação, a uma ruína mútua, não perceberam, exceto quando subjugadas, que o que cada uma perdia era subtraído de todas. [3] Isto posto, Filipe, rei da Macedônia, como se, de uma torre de vigilância, espreitasse a liberdade de todos, enquanto alimentava as desavenças das cidades, levando auxílio às mais fracas, obrigou vencidas e vencedoras igualmente a se sujeitarem à régia servidão. [4] A causa e origem desse mal foram os tebanos, os quais, embora conquistassem sua soberania, ostentando, com ânimo débil, uma sorte favorável, insolentemente acusaram, na assembleia comum da Grécia, os lacedemônios e os foces, vencidos nos conflitos, como se eles tivessem sofrido poucos suplícios com os massacres e a rapina. [5] Aos lacedemônios foi imputado crime porque teriam ocupado a cidadela tebana em tempo de trégua; aos foces, porque teriam assolado a Beócia: [6] em suma, como se, após as armas e a guerra, tivessem permitido ocasião para as leis. [7] Como a decisão fosse tomada pela vontade dos vencedores, são condenados com uma quantia tamanha que não se pudesse pagar. [8] Então, como os foces estivessem



damnantur, quanta exsolui non posset. [8] Igitur Phocenses cum agris, liberis coniugibusque priuarentur, desperatis rebus Philomelo quodam duce ueluti deo irascentes templum Apollinis Delphis occupauere. [9] Inde auro et pecunia diuites conducto mercenario milite bellum Thebanis intulerunt. [10] Factum Phocensium, tametsi omnes execrarentur propter sacrilegium, plus tamen inuidiae Thebanis, a quibus ad hanc necessitatem compulsi fuerant, quam ipsis intulit. [11] Itaque auxilia his et ab Atheniensibus et a Lacedaemoniis missa. [12] Prima igitur congressione Philomelus Thebanos castris exiit. [13] Sequenti proelio primus inter confertissimos dimicans cecidit et sacrilegii poenas impio sanguine luit. [14] In huius locum dux Onomarchus creatur.

[2, 1] Aduersus quem Thebani Thessalique non ex ciuibus suis, ne uictoris potentiam ferre non possent, sed Philippum, Macedoniae regem, duces eligunt [2] et externae dominationi, quam in suis timuerunt, sponte succedunt. [3] Igitur Philippus, quasi sacrilegii, non Thebanorum ultor esset, omnes milites coronas laureas sumere iubet, atque ita ueluti deo duce in proelium pergit. [4] Phocenses insignibus dei conspectis conscientia delictorum territi abiectis armis fugam capessunt, poenasque uiolatae religionis sanguine et caedibus suis pendunt. [5] Incredibile quantum ea res apud omnes nationes Philippo gloriae dedit; [6] illum

privados de seus campos, filhos e esposas, em uma ação desesperada, ocuparam, pelo conselho de um certo Filomeno, o templo de Apolo em Delfos como se encolerizados contra o deus. [9] Dali, enriquecidos com ouro e dinheiro, tendo reunido um exército mercenário, levam a guerra aos tebanos. [10] A ação dos foces, todavia, ainda que todos a abominassem devido ao sacrilégio, trouxe aos tebanos, por causa dos quais foram impelidos a esta fatalidade, uma maior rejeição do que a eles próprios. [11] E, assim, lhes são enviadas tropas auxiliares pelos lacedemônios e também pelos atenienses. [12] No primeiro confronto, então, Filomeno expulsou os tebanos dos acampamentos. [13] Na batalha seguinte, o primeiro foi abatido, lutando entre os esquadrões mais cerrados, e expiou, com ímpio sangue, as penas do sacrilégio. [14] No lugar dele, Onomarco foi eleito comandante.

[2, 1] Contra ele, os tebanos e os tessálios elegem como comandante não um dentre seus cidadãos, porque não poderiam suportar o poder do vitorioso, mas Filipe, rei da Macedônia, [2] e, à dominação estrangeira, que temeram entre os seus, submetem-se voluntariamente. [3] Então, Filipe, como se fosse o vingador do sacrilégio, não dos tebanos, ordena que todos os soldados coloquem coroas de louro e, assim, marcha para a batalha tal como se guiado pelo deus. [4] Vistas as insígnias do deus, os foces, aterrorizados pela consciência de seus delitos, põem-se em fuga com as armas atiradas ao chão e expiam, com seu sangue e seus massacres, as penas pela profanação da religião. [5] É incrível quanta glória essa ação rendeu a Filipe junto a todas as nações; [6] dizia-se que ele era o punidor do sacrilégio, o vingador da religião, que

uindicem sacrilegii, illum ultorem religionum, quod orbis uiribus expiari debuisset solum qui piacula exigeret extitisse. [7] Dignum itaque qui a diis proximus habeatur, per quem deorum maiestas uindicata sit. [8] Sed Athenienses audito belli euentu, ne in Graeciam Philippus transiret, angustias Thermopylarum pari ratione sicuti antea aduenientibus Persis occupauere, sed nequaquam simili aut uirtute aut causa: siquidem tunc pro libertate Graeciae, nunc pro sacrilegio publico, tunc a rapina hostium templa uindicaturi, nunc aduersus uindices templorum raptos defensuri; [10] aguntque propugnatores sceleris cuius turpe erat alios uindices fuisse, [11] inmemores prorsus quod in dubiis rebus suis illo deo etiam consiliorum auctore usi fuerant, quod illo duce tot bella uictores inierant, tot urbes auspiciato condiderant, tantum imperium terra marique quaesierant, quod nihil sine maiestate numinis eius aut priuatae umquam aut publicae rei gesserant. [12] Tantum facinus admisisset ingenia omni doctrina exulta, pulcherrimis legibus institutisque formata, ut quid posthac suscenseri iure barbaris possit non haberent.

[3, 1] Sed nec Philippus melioris fidei aduersus socios fuit. [2] Quippe ueluti timens, ne ab hostibus sacrilegii scelere uinceretur, ciuitates, quarum paulo ante dux fuerat, quae sub auspiciis eius militauerant, quae gratulatae illi sibiue uictoriam fuerant, hostiliter

sozinho ter-se-ia levantado para exigir os agravos pelo que devia ser expiado com as forças de todo o orbe. [7] E, assim, era digno de ser tratado como próximo aos deuses aquele por meio do qual a majestade dos deuses teria sido vingada. [8] Mas os atenienses, tendo ouvido o desenlace da guerra, para que Filipe não avançasse para a Grécia, ocuparam os desfiladeiros das Termópilas com a mesma estratégia de antes nas invasões persas, mas de modo algum com igual virtude ou causa: [9] pois, naquele momento, agiram pela liberdade da Grécia, agora pelo sacrilégio público; naquele momento, deviam defender os templos da rapina do inimigo, agora, os usurpadores dos templos em oposição a seus vingadores; [10] e atuando como defensores de uma transgressão, do qual era vergonhoso que outros tenham sido vingadores, [11] sem se lembrar inteiramente de que, em seus momentos de dúvida, também se teriam servido das determinações vindas daquele deus; de que, com o seu conselho, vitoriosos, travaram tantas guerras; com seu auspício, fundaram tantas urbes, alcançaram tamanha soberania na terra e no mar; de que, sem a magnificência da divindade, não teriam realizado nem uma ação pública ou privada. [12] Tamanha falta teriam cometido as índoles cultivadas em todas as teorias, formadas nas mais belas leis e instituições, que, depois disso, não teriam algo que pudesse, com razão, suscitar indignação contra os bárbaros.

[3, 1] Mas Filipe, em comparação, também não foi de maior idoneidade com os aliados. [2] Com efeito, como se temendo ser vencido pelos inimigos na transgressão de sacrilégio, saqueou com hostilidade as cidades ocupadas, das quais pouco antes fora comandante, as quais lutaram sob seus auspícios, as quais se regozijaram com ele e consigo mesmas pela vitória; [3] vendeu,

occupatas diripuit; [3] coniuges liberosque omnium sub corona uendidit; [4] non deorum immortalium templis, non aedibus sacris, non diis penatibus publicis priuatisque, ad quos paulo ante ingressus hospitaliter fuerat, pepercit: [5] prorsus ut non tam sacrilegii ultor extitisse quam sacrilegiorum licentiam quaesisse uideretur. [6] Inde ueluti rebus egregie gestis in Chalcidiam traicit, ubi bello pari perfidia gesto captisque per dolum et occisis finitimis regibus uniuersam prouinciam imperio Macedoniae adiungit. [7] Deinde ad abolendam inuidiae famam, qua insignis praeter ceteros tunc temporis habebatur, per regna mittit et opulentissimas ciuitates, [8] qui opinionem sererent regem Philippum magna pecunia locare et muros per ciuitates et fana ac templa facienda, et ut per praecones susceptores sollicitarent. [9] Qui cum in Macedoniam uenissent, uariis dilationibus frustrati, uim regiae maiestatis timentes taciti proficiscebantur. [10] Post haec Olynthios adgreditur; receperant enim per misericordiam post caedem unius duos fratres eius, quos Philippus ex nouerca genitos ueluti participes regni interficere gestiebat. [11] Ob

coroados<sup>454</sup>, as esposas e os filhos de todos; [4] não poupou os templos dos deuses imortais, nem as residências sagradas, nem os deuses penates públicos e privados, nos quais há pouco fora admitido como hóspede: [5] em suma, agiu de modo que não parecia tanto se ter levantado como vingador do sacrilégio quanto ter buscado uma licença para sacrilégios. [6] Dali, como se em seguida a feitos egregiamente realizados, atravessa para a Cálquida<sup>455</sup>, onde, após uma guerra travada com a mesma perfidia e capturados e mortos os reis vizinhos, por meio de um dolo, acresce toda a província ao domínio da Macedônia. [7] Logo, para abolir a fama de sua rejeição, pela qual se distinguia naquele tempo entre os demais, envia, aos reinos e às cidades mais ricas, [8] pessoas que semeassem o rumor de que o rei Filipe gastava uma grande quantia para fazer muros, santuários e templos para as cidades, e que solicitassem pregoeiros, empreiteiros. [9] Estes, embora chegassem à Macedônia, frustrados por sucessivas delongas, partiam silenciosos, temendo a violência da majestade régia. [10] Depois disso, ataca os olíntios, pois, por compaixão, acolheram, após o massacre de um de seus irmãos, aos outros dois, os quais, nascidos de sua madrasta, como se herdeiros do reino, Filipe tinha grande desejo de assassinar. [11] Por essa causa, então, assola a antiga e nobre urbe e entrega os irmãos ao suplício destinado a eles há muito e goza, igualmente,

<sup>454</sup> Ou seja, vendeu como prisioneiros de guerra, já que esses eram expostos em leilão usando uma coroa de flores (Saraiva, 2006 [1927], p. 316).

<sup>455</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online): “[a] tradição manuscrita de Justino apresenta a lição de *cappadociam*, o que não é possível, donde há várias propostas de correções, incluindo o *thraciam* de Seel, conforme a realidade histórica, mas impossível de justificar paleograficamente; é melhor corrigir *chalcidiam* em referência ao prólogo, como fez J. Bongars (ed. de Paris, 1581)”; “La tradition manuscrite de Justin présente la leçon *cappadociam*: ce qui n’est pas possible, d’où diverses propositions de corrections, dont le *thraciam* de Seel, conforme à la réalité historique mais impossible à justifier paléographiquement: mieux vaut corriger *chalcidiam* en référence au prologue, comme l’a fait J. Bongars (éd. de Paris, 1581)”.

hanc igitur causam urbem antiquam et nobilem excindit et fratres olim destinato supplicio tradit praedaque ingenti pariter et parricidii uoto fruitur. [12] Inde, quasi omnia quae agitasset animo ei licerent, auraria in Thessalia, argenti metalla in Thracia occupat, [13] et ne quod ius uel fas inuiolatum praetermitteret, piraticam quoque exercere instituit. [14] His ita gestis forte euenit, ut eum fratres duo, reges Thraciae, non contemplatione iustitiae eius, sed inuicem metuentes, ne alterius uiribus accederet, disceptationum suarum iudicem eligerent. [15] Sed Philippus more ingenii sui ad iudicium ueluti ad bellum inopinantibus fratribus instructo exercitu superuenit regnoque utrumque non iudicis more, sed fraude latronis ac scelere spoliauit.

[4, 1] Dum haec aguntur, legati Atheniensium petentes pacem ad eum uenerunt. [2] Quibus auditis et ipse legatos Athenas cum pacis condicionibus misit; ibique ex commodo utrorumque pax facta. [3] Ex ceteris quoque Graeciae ciuitatibus non pacis amore, sed belli metu legationes uenere; [4] siquidem crudescente ira Thessali Boeotique orant ut professum aduersum Phocenses ducem Graeciae exhibeat; [5] tanto odio Phocensium ardentis, ut obliti cladium suarum perire ipsi quam non perdere eos praeoptarent, expertamque Philippi crudelitatem pati quam

da enorme pilhagem e do cobiçado parricídio<sup>456</sup>. [12] Dali, como se lhe fossem permitidas todas as coisas que ele assediase com o ânimo, ocupa a mina de ouro na Tessália, a jazida de prata na Trácia [13] e, para que não deixasse alguma lei ou direito divino inuiolado, começa a praticar, do mesmo modo, a pirataria. [14] Assim, após esses feitos, ocorreu, por acaso, que dois irmãos, reis da Trácia, o elegessem como juiz de suas disputas, não por apreço à justiça dele, mas reciprocamente temendo que ele se somasse às forças militares do outro. [15] Mas Filipe, por um costume de sua índole, sobrevém aos irmãos desprevenidos com um exército equipado como se para a guerra e espolia a ambos do reino, não com um caráter de juiz, mas com a fraude e a transgressão de um ladrão.

[4, 1] Enquanto essas ações sucedem-se, vieram até ele os embaixadores dos atenienses solicitando a paz. [2] Tendo sido ouvidos, também ele enviou embaixadores a Atenas com suas condições de paz; e, ali, fez-se a paz para a vantagem de ambos. [3] Do mesmo modo, vieram embaixadas de outras cidades da Grécia não por amor à paz, mas por medo da guerra, [4] visto que tessálios e beócios, com ira recrudescente, pedem para que ele apresente-se contra os foces como o proclamado comandante da Grécia, [5] ardendo com tamanho ódio pelos foces que, esquecidos de seus próprios desastres, eles mesmos escolhem perecer no lugar de não os destruir e preferem sofrer a conhecida crueldade de Filipe a perdoar seus inimigos. [6] Em contrapartida, recorrendo

<sup>456</sup> Cf. nota a Just. 1.9.5.

parcere hostibus suis mallent. [6] Contra Phocensium legati adhibitis Lacedaemoniis et Atheniensibus bellum deprecabantur, cuius ab eo dilationem ter iam emerant. [7] Foedum prorsus miserandumque spectaculum, Graeciam etiam nunc et uiribus et dignitate orbis terrarum principem, regum certe gentiumque semper uictricem et multarum adhuc urbium dominam alienis excubare sedibus aut rogantem bellum aut deprecantem; [8] in alterius ope spem omnem posuisse orbis terrarum uindices, eo usque discordia sua ciuilibusque bellis redactos, ut adulentur ultro sordidam paulo ante clientelae suae partem, [9] et haec potissimum facere Thebanos Lacedaemomosque, antea inter se imperii, nunc Graeciae imperantis aemulos. [10] Philippus inter haec uenditatione gloriae suae tantarum urbium fastidium agitat atque utros potius dignetur aestimat. [11] Secreto igitur auditis utrisque legationibus his ueniam belli pollicetur, iure iurando adactis responsum nemini prodituros; illis contra uenturum se auxiliumque laturum; utrosque uetat parere bellum aut metuere. [12] Sic uariato responso securis omnibus Thermopylarum angustias occupat.

[5, 1] Tunc primum Phocenses captos se fraude Philippi animaduertentes trepidi ad arma confugiunt. [2] Sed neque spatium erat instruendi belli nec tempus ad contrahenda auxilia, et Philippus excidium minabatur ni fieret deditio. [3] Victi igitur necessitate pacta

aos lacedemônios e aos atenienses, os embaixadores dos foces afastavam a guerra, cujo atraso já lhe tinham clamado três vezes. [7] É um espetáculo absolutamente vergonhoso e deplorável que a Grécia, até então a primeira do orbe terrestre por sua potência e sua dignidade, sempre vencedora de reis e, certamente, de gentes e, ainda agora, senhora de muitas urbes, fizesse guarda a tronos estrangeiros ou clamando pela guerra ou a afastando; [8] que os vingadores do orbe terrestre depositassem toda a esperança no poder de outro, levados, por sua própria discórdia e suas guerras civis, ao ponto de adularem, voluntariamente, a ele que pouco antes era parte ordinária de seus protegidos [9] e que, principalmente, fizessem isso os tebanos e os lacedemônios, os quais antes rivalizavam entre si pela soberania da Grécia e, agora, fazem-no pela atenção de seu soberano. [10] Enquanto isso, Filipe, na ostentação de sua glória, expressa desdém por tamanhas urbes e avalia qual dentre as duas era a mais digna. [11] Então, ouvidas, em segredo, ambas as embaixadas, a uns, promete a remissão da guerra, obrigados por juramento a não revelar a qualquer um sua resposta, aos outros, em contrapartida, que atacaria e lhes levaria ajuda; e proíbe a ambos que ou se preparem para a guerra ou a temam. [12] Assim, todos tranquilos pela resposta díspar, ocupa os desfiladeiros das Termópilas.

[5, 1] Naquele momento, os foces, notando-se, pela primeira vez, capturados na emboscada de Filipe, recorreram, apressados, às armas. [2] Mas não havia espaço para organizar a guerra, nem tempo para reunir as tropas auxiliares, e Filipe ameaçava sua destruição se não se desse a rendição. [3] Vencidos, então, pela

salute se dederunt. [4] Sed pactio eius fidei fuit, cuius antea fuerat deprecati belli promissio. [5] Igitur caeduntur passim rapiunturque; non liberi parentibus, non coniuges maritis, non deorum simulacra templis suis relinquuntur. [6] Vnum tantum miseris solacium fuit quod, cum Philippus portione praedae socios fraudasset, nihil rerum suarum apud inimicos uiderunt. [7] Reuersus in regnum, ut pecora pastores nunc in hibernos, nunc in aestiuos saltus traiciunt, sic ille populos et urbes, ut illi uel replenda uel derelinquenda quaeque loca uidebantur, ad libidinem suam transfert. [8] Miseranda ubique facies et excidio similis erat. [9] Non quidem pavor ille hostilis nec discursus per urbem militum erat, non tumultus armorum, non bonorum atque hominum rapina, sed tacitus maeror et luctus, [10] uerentibus ne ipsae lacrimae pro contumacia haberentur. [11] Crescit dissimulatione ipsa dolor, hoc altius demissus quo minus profiteri licet. [12] Nunc sepulcra maiorum, nunc ueteres penates, nunc tecta in quibus geniti erant quibusque genuerant, considerabant, [13] miserantes nunc uicem suam, quod in eam diem uixissent, nunc filiorum, quod non post eam diem nati essent.

[6, 1] Alios populos in finibus ipsis hostibus opponit; alios in extremis regni terminis statuit; quosdam bello captos in supplementis urbium diuidit. [2] Atque ita ex multis gentibus nationibusque unum regnum

necessidade, com um pacto por sua salvação, renderam-se. [4] Mas a fidelidade dele a esse pacto foi igual havia sido, anteriormente, à promessa de afastar a guerra. [5] Então, são massacrados e pilhados por toda parte; filhos não são deixados aos pais, nem esposas aos maridos, nem as imagens dos deuses em seus templos. [6] O único alívio a tamanha miséria foi que, como Filipe havia enganado os aliados quanto à sua porção da pilhagem, viram nenhuma de suas posses com os inimigos. [7] De volta ao reino, do mesmo modo que os pastores mudam seus rebanhos de pasto conforme é verão ou inverno, assim ele transfere os povos e as urbes, conforme cada um desses locais parecia-lhe precisar ser, segundo seu próprio capricho, ocupado ou abandonado. [8] Em todo lugar, o espetáculo era digno de pena e semelhante à destruição. [9] É verdade que não havia o pavor dos inimigos, nem a movimentação dos soldados pela urbe, nem o tumulto das armas, nem a rapina de bens e de homens, mas havia um tácito pesar e luto [10] aos temerosos para que também suas próprias lágrimas não fossem tidas como rebeldia. [11] Por essa mesma dissimulação, cresce sua dor, esta que, quanto menos se permite manifestar, mais profundamente se arraiga. [12] Ora observavam os sepulcros dos antepassados, ora os antigos penates, ora os tetos sob os quais foram gerados e em que geravam, [13] lamentando ora sua própria vicissitude, porque, devido a ela, teriam vivido esse dia, ora a de seus filhos, porque não teriam nascido em algum dia depois dela.

[6, 1] Põe alguns povos diante dos inimigos nas próprias fronteiras; coloca outros nos remotos limites do reino; distribui alguns cativos de guerra para repovoar as urbes. [2] E, deste modo, cria um só reino e povo a partir de muitas gentes e nações. [3] Apaziguadas e postas em ordem as coisas da

populumque constituit. [3] Conpositis ordinatisque Macedoniae rebus, Dardanos ceterosque finitimos fraude captes<sup>457</sup> expugnat. [4] Sed nec a proximis manus abstinet; siquidem Arrybam, regem Epiri, uxori suae Olympiadi artissima cognatione iunctum, pellere regno statuit [5] atque Alexandrum, priuignum eius, uxoris Olympiadis fratrem, puerum honestae pulchritudinis, in Macedoniam nomine sororis arcessit, [6] omnique studio sollicitatum in spem regni simulato amore ad stupri consuetudinem perpulit, maiora in eo obsequia habiturus siue conscientiae pudore siue regni beneficio. [7] Cum igitur ad XX annos peruenisset, ereptum Arrybae regnum puero admodum tradit, scelestus in utroque, [8] nam nec in eo ius cognationis seruauit, cui ademit regnum, et eum, cui dedit, inpudicum fecit ante quam regem.

## LIBER IX

[1, 1] In Graeciam Philippus cum uenisset, sollicitatus paucarum ciuitatum direptione et ex praeda modicarum urbium quantae opes uniuersarum essent animo prospiciens, bellum toti Graeciae inferre statuit. [2] Ad cuius emolumentum egregie pertinere ratus, si Byzantium, nobilem et maritimam urbem, receptaculum terra marique copiis suis

Macedônia, toma de assalto os dárdanos e outros vizinhos capturados em uma emboscada. [4] Mas também não se abstém de seus chegados, visto que decidiu destronar Arribas, rei do Épiro, ligado à sua esposa, Olímpíade, por estreitíssimo parentesco, [5] e, em nome da irmã, chama para a Macedônia o enteado dele, Alexandre, irmão de sua esposa Olímpíade, um moço de louvável beleza. [6] Atraído com toda a afeição a uma esperança de reinado, por meio de um amor dissimulado, levou-o a um hábito de desonra para obter dele uma maior complacência ou por pudor da consciência, ou para o benefício do reino. [7] Então, como chegava aos vinte anos, entregou o reino tomado de Arribas ao que era ainda moço, sendo um transgressor em ambos os casos, [8] já que não observou o direito de parentesco em relação àquele a quem privara do reino, e fez desse, a quem o deu, um prostituto antes de um rei.

## Livro IX

[1, 1] Como Filipe vinha à Grécia, atraído pela rapina de umas poucas cidades e imaginando, a partir da pilhagem de umas urbes modestas, quantas riquezas haveria em todas, decidiu levar guerra à Grécia inteira. [2] Persuadido de que estenderia egregiamente seu sucesso se tivesse submetido Bizâncio a seu poder, uma urbe nobre e litorânea, futuro refúgio para suas tropas em terra e mar, sitiou-a, fechando-lhe

<sup>457</sup> Em Wetzel (1823, p. 201, cf. Justinus), Seel (2011 [1972], p. 40, cf. Justinus) e Mineo (2016, p. 134, cf. Justin), *capto*s. É provável que essa forma seja um equívoco da edição.

futurum, in potestatem redegisset, eandem claudentem sibi portas obsidione cinxit. [3] Haec namque urbs condita primo a Pausania, rege Spartanorum, et per septem annos possessa fuit, dein uariante uictoria nunc Lacedaemoniorum, nunc Atheniensium juris habita est; [4] quae incerta possessio effecit ut nemine quasi suam auxilii iuuante libertatem constantius tueretur. [5] Igitur Philippus longa obsidionis mora exhaustus pecuniae commercium de piratica mutuatur. [6] Captis itaque CLXX nauibus mercibusque distractis, anhelantem inopiam paululum recreauit. [7] Deinde, ne unius urbis obpugnatione tantus exercitus teneretur, profectus cum fortissimis multas Chersonensi urbes expugnat, [8] filiumque Alexandrum, decem et octo annos natum ut sub militia patris tirocinii rudimenta deponeret, ad se arcessit. [9] In Scythiam quoque praedandi causa profectus est, more negotiantium inpensas belli alio bello refecturus.

[2, 1] Erat eo tempore rex Scytharum Atheas, qui cum bello Histrianorum premeretur, auxilium a Philippo per Apollonienses petit, in successionem eum regni Scythiae adoptaturus; [2] cum interim Histrianorum rex decedens et metu belli et auxiliorum necessitate Scythas soluit. [3] Itaque Atheas remissis Macedonibus nuntiari Philippo iubet, neque auxilium eius se petisse neque adoptionem mandasse; [4] nam neque uindicta Macedonum egere Scythas, quibus meliores

as portas com um cerco. [3] E, com efeito, primeiro, essa urbe foi fundada e dominada durante sete anos por Pausânias, rei dos espartanos, depois, alternando a vitória, é tida sob o poder ora dos lacedemônios, ora dos atenienses; [4] esse domínio incerto fez com que defendesse, com convicção, sua liberdade, já que ninguém a acudia com tropas auxiliares, como se ela fosse sua. [5] Então, Filipe, exaurido pela demora no longo cerco, busca, por meio da pirataria, um abastecimento monetário. [6] E assim, capturadas cento e setenta naus, e vendidas as suas mercadorias, aliviou um pouco sua penúria opressora. [7] Logo, para que não tivesse tamanho exército no ataque de uma única urbe, pondo-se a caminho com os mais fortes, toma de assalto muitas urbes do Quersoneso [8] e chama para junto de si o filho, Alexandre, de dezoito anos, para que, sob a campanha de seu pai, ingressasse nos primeiros estudos da guerra. [9] Do mesmo modo, por causa da pilhagem, pôs-se a caminho da Cítia, para, segundo o costume dos comerciantes, suprir as despesas de uma guerra com outra guerra.

[2, 1] Naquele tempo, o rei dos citas era Ateas, o qual, como fosse acossado pela guerra dos histrianos, pede, por meio dos apolonienses, auxílio a Filipe, a quem haveria de adotar na sucessão do reino da Cítia; [2] com esse íterim, a morte do rei dos histrianos livra os citas do medo da guerra e da necessidade de tropas auxiliares. [3] E assim, dispensados os macedônios, Ateas manda anunciar a Filipe que não tinha pedido o auxílio dele, nem assegurado sua adoção; [4] já que os citas não precisavam da proteção dos macedônios, aos quais eram superiores, nem lhe faltava um herdeiro, estando seu filho incólume. [5] Ouvido isso,



forent, neque heredem sibi incolumi filio deesse. [5] His auditis Philippus legatos ad Atheam mittit inpensae obsidionis portionem petentes, ne inopia deserere bellum cogatur; [6] quod eo promptius eum facere debere, quod missis a se in auxilium eius militibus ne sumptum quidem uiae, non modo officii pretia dederit. [7] Atheas inclementiam caeli et terrae sterilitatem causatus, quae non patrimoniis ditet Scythas, sed uix alimentis exhibeat, respondit nullas sibi opes esse quibus tantum regem expleat; [8] et turpius putare paruo defungi quam totum abnuere; [9] Scythas autem uirtute animi et duritia corporis, non opibus censerit. [10] Quibus inrisus Philippus soluta obsidione Byzantii Scythica bella adgreditur, praemissis legatis, quo securiores faceret, qui nuntient Atheae dum Byzantium obsidet, uouisse se statuam Herculi; [11] ad quam in ostio Histri ponendam se uenire, pacatum accessum ad religionem dei petens, amicus ipse Scythis uenturus. [12] Ille si uoto fungi uellet, statuam sibi mitti iubet; non modo ut ponatur, uerum etiam ut inuiolata maneat pollicetur; exercitum autem fines ingredi negat se passurum. [13] Ac si inuitis Scythis statuam ponat, eo digresso sublaturum uersurumque aes statuae in aculeos sagittarum. [14] His utrimque inritatis animis proelium committitur. Cum uirtute numero et animo

Filipe envia embaixadores a Ateas, requisitando uma porção nas despesas do cerco, para que não fosse obrigado a abandonar a guerra devido à penúria; [6] o que ele deveria fazer com a maior rapidez, porque nem mesmo teria assumido o gasto com a viagem dos soldados dele enviados em seu auxílio ou sequer o preço do serviço. [7] Ateas, tomando por pretexto a inclemência do clima e a esterilidade da terra, que não enriquecera os citas com patrimônios, mas apenas os nutria com alimentos, responde não ter riquezas que satisfaçam a tamanho rei; [8] e que considerava mais torpe pagar pouco do que se negar de todo; [9] além disso, os citas eram famosos por sua virtude de ânimo e rigor físico, não pelas riquezas<sup>458</sup>. [10] Ridicularizado por esses argumentos, Filipe, desfeito o cerco a Bizâncio, vai à guerra contra a Cítia, enviando antes embaixadores para que os deixassem mais tranquilos, os quais anunciem a Ateas que, enquanto cercava Bizâncio, ele teria devotado uma estátua a Hércules, [11] a qual vinha depositar no estreito do Histro; buscando uma via de acesso pacífica para o culto do deus, ele mesmo viria como amigo dos citas. [12] Aquele ordena que, se desejasse cumprir o voto, fosse-lhe enviada a estátua; promete que não apenas seria posta ali, como também permaneceria inviolada; porém, recusa-se a permitir que o exército entre em suas fronteiras. [13] E se ele pusesse a estátua contra a vontade dos citas, tendo-se retirado, eles haveriam de tomá-la e transformar o bronze da estátua em pontas de flechas. [14] Agastados os ânimos de um e de outro, trava-se combate. Ainda que os citas fossem superiores em virtude, número e ânimo, são vencidos pela astúcia de Filipe.

<sup>458</sup> Cf. Just. 2.2-3.

praestarent Scythae, astu Philippi uincuntur. [15] XX milia puerorum ac feminarum capta, pecoris magna uis, auri argentique nihil: ea primum fides inopiae Scythicae fuit. [16] XX milia nobilium equarum ad genus faciendum in Macedoniam missa.

[3, 1] Sed reuertenti a Scythia Triballi Philippo occurrunt; negant se transitum duros, ni portionem praedae accipiant. [2] Hinc iurgium et mox proelium; in quo ita in femore uulneratus est Philippus, ut per corpus eius equus interficeretur. [3] Cum omnes occisum putarent, praeda amissa est. Ita Scythica uelut deuota spolia paene luctuosa Macedonibus fuere. [4] Vbi uero ex uulnere primum conualuit, diu dissimulatum bellum Atheniensibus infert, [5] quorum causae Thebani se iunxere, metuentes ne uictis Atheniensibus ueluti uicinum incendium belli ad se transiret. [6] Facta igitur inter duas paulo ante infestissimas ciuitates societate legationibus Graeciam fatigant; communem hostem petunt communibus uiribus submouendum; [7] neque enim cessaturum Philippum, si prospere prima successerint, nisi omnem Graeciam domuerit. [8] Motae quaedam ciuitates Atheniensibus se iungunt; quasdam autem ad Philippum belli metus traxit. [9] Proelio commisso, cum Athenienses longe maiore militum numero praestarent, adsiduis bellis indurata uirtute Macedonum uincuntur. [10] Non tamen inmemores pristinae gloriae cecidere; quippe aduersis

[15] Foram capturadas vinte mil crianças e mulheres, uma grande quantidade de gado, e nada de ouro ou prata: essa foi, antes de tudo, a garantia da pobreza dos citas. [16] Vinte mil éguas de boa raça foram enviadas à Macedônia para dar crias.

[3, 1] Contudo, retornando Filipe da Cítia, saem a seu encontro os tribalos; recusam-se a lhe dar passagem a não ser que recebam uma porção da pilhagem. [2] Daí irrompe uma disputa e, a seguir, uma batalha, na qual, então, Filipe foi ferido na coxa de tal modo que, através do corpo dele, seu cavalo teria sido assassinado. [3] Como todos pensassem que (o rei) estava morto, a pilhagem foi abandonada. Assim, os espólios citas, como se amaldiçoados, quase foram funestos aos macedônios. [4] Porém, assim que convalesceu da ferida, leva, primeiro, a guerra há muito dissimulada aos atenienses; [5] os tebanos juntam-se à causa destes, temendo que, vencidos os atenienses, a guerra, como um incêndio vizinho, fosse transferida a eles. [6] Feita, então, uma aliança entre as duas cidades que, pouco antes, eram as mais ferrenhas inimigas, cansam a Grécia com embaixadas; buscam afastar, com forças militares comuns, um inimigo comum; [7] e, de fato, Filipe não descansaria enquanto não tivesse submetido toda a Grécia, se as primeiras incursões tivessem sido bem-sucedidas. [8] Algumas cidades, abaladas, juntam-se aos atenienses; mas o medo da guerra empurrou outras a Filipe. [9] Começada a batalha, ainda que os atenienses fossem superiores pelo número muito maior de soldados, são vencidos pela virtude dos macedônios, endurecida pelas guerras constantes. [10] Todavia, não foram abatidos sem se lembrar de sua antiga glória; pois, todos, morrendo com feridas recebidas frontalmente, cobriram com seus corpos os

uulneribus omnes loca, quae tuenda a ducibus acceperant, morientes corporibus texerunt.

[11] Hic dies uniuersae Graeciae et gloriam dominationis et uetustissimam libertatem finiuit.

[4, 1] Huius uictoriae callide dissimulata laetitia est. Denique non solita sacra Philippus illa die fecit, non in conuiuio risit, non ludos inter epulas adhibuit, non coronas aut unguenta sumpsit, et quantum in illo fuit, ita uicit, ut uictorem nemo sentiret. [2] Sed nec regem se Graeciae, sed ducem appellari iussit.

[3] Atque ita inter tacitam laetitiam et dolorem hostium temperauit, ut neque apud suos exultasse neque apud uictos insultasse uideretur. [4] Atheniensibus, quos passus infestissimos fuerat, et captiuos gratis remisit et bello consumptorum corpora sepulturae reddidit, reliquiasque funerum ut ad sepulcra maiorum deferrent ultro hortatus est. [5] Super haec Alexandrum filium cum amico Antipatro, qui pacem cum his amicitiamque iungeret, Athenas misit. [6] Thebanorum porro non solum captiuos, uerum etiam interfectorum sepulturam uendidit. [7] Principes ciuitatis alios securi percussit, alios in exilium redegit, bonaque omnium occupauit. [8] Pulsos deinde per iniuriam in patriam restituit; ex horum numero trecentos exules iudices rectoresque ciuitati dedit. [9] Apud quos cum potentissimi quique rei eius ipsius criminis postularentur, quod per iniuriam se in exilium egissent huius

locais que receberam dos comandantes para defender. [11] Este dia pôs um fim à glória da dominação e à tão antiga liberdade de toda a Grécia.

[4, 1] A felicidade de sua vitória foi sabiamente dissimulada. Em consequência disso, Filipe não fez, naquele dia, os sacrificios habituais, não riu durante o festim, não ofereceu jogos entre as refeições, nem usou coroas ou perfumes e, assim, venceu tanto quanto lhe coube, de modo que ninguém o percebesse vitorioso. [2] Também ordenou que fosse chamado não de rei da Grécia, mas de comandante. [3] E, assim, conteve-se entre a tácita alegria e a dor dos inimigos, para que não parecesse ter exultado junto aos seus, nem ter insultado os vencidos. [4] Aos atenienses, que ele suportara como os mais ferrenhos inimigos, devolveu, gratuitamente, os cativos, entregou os corpos dos arruinados em guerra para sepultura e os exortou a que depositassem seus restos mortais nos túmulos de seus antepassados. [5] Além disso, envia a Atenas seu filho, Alexandre, junto a seu amigo, Antípatro, para selar a paz e a amizade com eles. [6] Entretanto, vendeu não só os cativos tebanos, mas também a sepultura de seus mortos. [7] Quanto aos cidadãos aristocratas, decapitou uns, encaminhou outros ao exílio e tomou os bens de todos eles. [8] Logo, restituiu à pátria os expulsos injustamente; dentre os quais, deu à cidade, como juízes e governantes, um total de trezentos exilados. [9] Quando, perante esses, os mais poderosos foram acusados como réus desse mesmo crime – o de, injustamente, tê-los lançado no exílio –, foram de uma tal firmeza que todos se confessaram responsáveis e sustentaram que mais bem foi feito pela república quando haviam sido condenados, do que quando

constantiae fuerunt ut omnes se auctores faterentur meliusque cum re publica actum cum damnati essent, quam cum restituti, contenderent. [10] Mira prorsus audacia: de iudicibus uitae necisque suae, quemadmodum possunt, sententiam ferunt contemnuntque absolutionem quam dare inimici possunt, et quoniam rebus nequeunt ulcisci, uerbis usurpant libertatem.

[5, 1] Conpositis in Graecia rebus Philippus omnium ciuitatum legatos ad formandum rerum praesentium statum euocari Corinthum iubet. [2] Ibi pacis legem uniuersae Graeciae pro meritis singularum ciuitatum statuit, consiliumque omnium ueluti unum senatum ex omnibus legit. [3] Soli Lacedaemonii et regem et leges contempserunt, seruitutem, non pacem rati, quae non ipsis ciuitatibus conueniret, sed a uictore ferretur. [4] Auxilia deinde singularum ciuitatum describuntur, siue adiuuandus ea manu rex oppugnante aliquo foret seu duce illo bellum inferendum. [5] Neque enim dubium erat imperium Persarum his apparatibus peti. [6] Summa auxiliorum CC milia peditum fuere et equitum XV milia; [7] extra hanc summam et Macedoniae exercitus erat et confinis domitarum gentium barbaria. [8] Initio ueris tres duces in Asiam Persarum iuris praemittit, Parmenionem, Amyntam et Attalum, cuius sororem nuper expulsa Alexandri matre Olympiade propter stupri suspicionem in matrimonium receperat.

restituídos. [10] É uma audácia absolutamente admirável: anunciam, como podem, a sentença sobre os juizes de suas vidas e mortes, desprezam a absolvição que os inimigos podem dar e, porque não podem vingar-se com atos, praticam sua liberdade com palavras.

[5, 1] Apaziguadas as coisas na Grécia, Filipe ordena que embaixadores de todas as cidades sejam convocados a Corinto para consolidar a situação das presentes circunstâncias. [2] Ali, estabelece um termo de paz para a Grécia inteira, conforme os méritos de cada cidade, e, dentre todas, reúne uma assembleia de todas elas tal como um senado único. [3] Apenas os lacedemônios desprezaram o rei e seus termos, considerando servidão, não paz, o que não tivesse sido acordado pelas próprias cidades, mas proposto pelo vencedor. [4] Logo, são designadas as tropas auxiliares de cada uma das cidades, seja para o rei ser ajudado por esse contingente quando outro estivesse atacando, seja para, sob o seu comando, ser deflagrada a guerra. [5] E, de fato, não havia dúvida de que, com esses preparativos, almejava-se o império dos persas. [6] A soma das tropas auxiliares foi de duzentos mil soldados de infantaria e quinze mil de cavalaria; [7] além dessa, havia a soma do exército da Macedônia e dos bárbaros das gentes vizinhas dominadas. [8] No início da primavera, envia primeiro à Ásia, que estava sob a autoridade dos persas, três comandantes, Parmênio, Amintas e Átalo, cuja irmã recebera em matrimônio, tendo repudiado Olímpíade, mãe de Alexandre, devido à suspeita de sua desonra.

[6, 1] Interea, dum auxilia a Graecia coeunt, nuptias Cleopatrae filiae et Alexandri, quem regem Epiri fecerat, celebrat. [2] Dies erat pro magnitudine duorum regum, et conlocantis filiam et uxorem ducentis, apparatus insignis. [3] Sed nec ludorum magnificentia deerat; ad quorum spectaculum Philippus cum sine custodibus corporis medius inter duos Alexandros, filium generumque, contenderet, [4] Pausanias, nobilis ex Macedonibus adulescens, nemini suspectus, occupatis angustiis Philippum in transitu obruncat diemque laetitiae destinatum foedum luctu funeris facit. [5] Hic primis pubertatis annis stuprum per iniuriam passus ab Attalo fuerat, cuius indignitati haec etiam foeditas accesserat. [6] Nam perductum in conuiuium solumque mero Attalus non suae tantum, uerum et conuiuiarum libidini uelut scortum uile subiecerat ludibriumque omnium inter aequales reddiderat. [7] Hanc rem aegre ferens Pausanias querelam Philippo saepe detulerat. [8] Cum uariis frustrationibus non sine risu differretur et honoratum insuper ducatu aduersarium cerneret, iram in ipsum Philippum uertit ultionemque, quam ab aduersario non poterat, ab iniquo iudice exegit.

[7, 1] Creditum est etiam inmissum ab Olympiade, matre Alexandri, fuisse, nec ipsum Alexandrum ignarum paternae caedis

[6, 1] Entrementes, enquanto se reúnem as tropas auxiliares da Grécia, celebra o casamento de sua filha, Cleópatra, e Alexandre, a quem fizera rei do Épiro<sup>459</sup>. [2] O dia era insigne pelos preparativos, conforme a magnitude dos dois reis – o que dava a filha e o que tomava a esposa –, [3] mas também não faltava o esplendor dos jogos. Enquanto Filipe, sem seus guardacostas, dirigia-se para assisti-los entre os dois Alexandres, seu filho e seu genro, [4] Pausânias, um nobre jovem dos macedônios, a ninguém suspeito, tendo ficado de tocaia numa viela, assassina Filipe na passagem e, de um dia destinado à alegria, faz um horrendo com o luto de um funeral. [5] Nos primeiros anos da puberdade, ele havia indignamente sofrido um estupro por Átalo, a cuja infâmia acrescentara também esta ignomínia: [6] que Átalo o submetera, seduzido por um banquete e debilitado pelo vinho, não só à sua lascívia, mas também à dos convidados, como se fosse uma cortesã barata, e o tornara objeto de riso de todos os de sua idade. [7] Pausânias, suportando com pesar essa situação, apresenta, muitas vezes, sua queixa a Filipe. [8] Como era, não sem riso, desacreditado pelas várias delongas e percebia seu adversário honrado com o cargo de comandante, converte sua ira ao próprio Filipe e executa, contra o injusto juiz, a vingança que não podia contra o adversário.

[7, 1] Também se acreditou que teria sido incitado por Olimpíade, mãe de Alexandre, e que o próprio Alexandre não teria figurado como ingênuo quanto ao assassinato do pai; [2] pois não menos teria Olimpíade se

<sup>459</sup> Cf. Just. 8.6.7.

extitisse; [2] quippe non minus Olympiada repudium et praelatam sibi Cleopatram quam stuprum Pausaniam doluisse. [3] Alexandrum quoque regni aemulum fratrem ex nouerca susceptum timuisse; eoque factum ut in conuiuio antea primum cum Attalo, mox cum ipso patre iurgaret, [4] adeo ut etiam stricto gladio eum Philippus consecutus sit aegreque a filii caede amicorum precibus exoratus. [5] Quamobrem Alexander ad auunculum se in Epirum cum matre, inde ad reges Illyriorum contulerat; [6] uixque reuocanti mitigatus est patri precibusque cognatorum aegre redire compulsus. [7] Olympias quoque fratrem suum Alexandrum, Epiri regem, in bellum subornabat peruicissetque, ni filiae nuptus pater generum occupasset. [8] His stimulis irarum utrique Pausaniam de impunitate stupri sui querentem ad tantum facinus impulisse credebantur. [9] Olympias certe fugienti percussori etiam equos habuit praeparatos. [10] Ipsa deinde audita regis nece cum titulo officii ad exequias cucurrisset, in cruce pendens Pausaniae capiti, eadem nocte qua uenit, coronam auream inposuit, quod nemo alius audere nisi haec superstite Philippi filio potuisset. [11] Paucos deinde post dies refixum corpus interfectoris super reliquias mariti cremavit et tumulum ei eodem fecit in loco parentarum eidem quotannis incussa populo superstitione curavit. [12] Post haec Cleopatram, a qua pulsa Philippi matrimonio fuerat, in gremio eius prius filia interfecta,

amargurado com o divórcio e com o fato de que Cleópatra fora preferida em seu lugar do que Pausânias com o estupro. [3] Do mesmo modo, acreditou-se que Alexandre teria receado que um irmão, nascido da madrasta, fosse um concorrente ao reino; e, por isso, havia motivo para que discutisse, em um banquete, primeiro com Átalo, depois com o próprio pai, [4] a ponto de que Filipe teria, então, o perseguido com a espada desembainhada e sido penosamente dissuadido do massacre do filho pelas súplicas dos amigos. [5] Por essa razão, Alexandre refugiara-se com sua mãe na casa de seu tio no Épiro, dali, junto aos reis dos ilírios; [6] e dificilmente se reconciliou com o pai, que o chamava de volta, tendo sido, penosamente, coagido a retornar pelas súplicas dos parentes. [7] Do mesmo modo, Olímpíade incitava seu irmão, Alexandre, rei do Épiro, para a guerra e o teria convencido, se o pai, primeiro, não o tivesse feito seu genro com o casamento da filha. [8] Acreditavam que, por essas exasperações das iras, ambos teriam impelido Pausânias, que se queixava pela impunidade de seu estupro, a uma tamanha falta. [9] De fato, Olímpíade tinha até cavalos preparados para o assassino em fuga. [10] Logo, tendo ouvido sobre o homicídio do rei, ela própria, sob o pretexto do dever, teria corrido às exéquias e, na mesma noite em que veio, depositou uma coroa de ouro na cabeça de Pausânias que pendia de uma cruz, algo que, estando vivo o filho de Filipe, nenhum outro poderia ousar senão ela. [11] Logo, após uns poucos dias, cremou o corpo do assassino, que fora desprendido da cruz, sobre os restos mortais do marido, fez um túmulo no mesmo lugar do dele e cuidou para que, incutida a superstição no povo, fossem feitos sacrifícios a ele todos os anos. [12] Depois disso, obrigou Cleópatra – em prol de quem fora rechaçada do casamento por Filipe – a pôr

finire uitam suspendio coegit; spectaculoque pendentis ultione potita est, ad quam per parricidium festinauerat. [13] Nouissime gladium illum, quo rex percussus est, Apollini sub nomine Myrtales consecrauit, hoc enim nomen ante Olympiadis paruulae fuit. [14] Quae omnia ita palam facta sunt ut timuisse uideatur ne facinus ab ea commissum non probaretur.

[8, 1] Decessit Philippus XL et septem annorum, cum annis XXV regnasset. [2] Genuit ex Larissaea saltatrice filium Arridaeum qui post Alexandram regnauit. [3] Habuit et multos alios filios ex uariis matrimoniis regio more susceptos, qui partim fato, partim ferro periere. [4] Fuit rex armorum quam conuiuiorum apparatus studiosior, [5] cui maxime opes erant instrumenta bellorum; diuitiarum quaestu quam custodia sollertior. [6] Itaque inter cotidianas rapinas semper inops erat. [7] Misericordia in eo et perfidia pari iure dilectae. Nulla apud eum turpis ratio uincendi. [8] Blandus pariter et insidiosus, adloquio qui plura promitteret quam praestaret; in seria et iocos artifex. [9] Amicitias utilitate, non fide colebat. Gratiam fingere in odio, instruere inter concordantes odia, apud utrumque gratiam quaerere sollemnis illi consuetudo. [10] Inter haec eloquentia et insignis oratio, acuminis et sollertiae plena, ut nec ornatu

fim à vida enforcando-se; antes, a filha deles havia sido morta em seu regaço. E, com a visão da enforcada, obteve a vingança a que se apressara por meio do parricídio<sup>460</sup>. [13] Finalmente, consagrou aquela espada, com a qual o rei foi assassinado, a Apolo, sob o nome de Mírtale; de fato, este foi o seu nome quando pequenina, antes de Olímpíade. [14] Todas essas ações foram feitas publicamente, de modo que parecia, assim, ter receado que não se reconhecesse que a falta fora cometida por ela.

[8, 1] Filipe morreu aos quarenta e sete anos, quando havia reinado por vinte e cinco anos. [2] Gerou, de uma dançarina de Larissa, um filho, Arrideu, o qual reinou depois de Alexandre. [3] Teve, pelo costume real, muitos outros filhos gerados de vários casamentos, os quais, parte pela natureza, parte pelo ferro, morreram. [4] Foi um rei mais zeloso com os preparativos das armas do que dos banquetes, [5] ele para quem os maiores bens eram os instrumentos das guerras; mais hábil na aquisição de riquezas do que em sua conservação. [6] Por isso, em meio aos saques cotidianos, sempre estava pobre. [7] Nele, a misericórdia e a perfídia eram amadas em igual condição. A ele, nenhum meio para vencer era vergonhoso. [8] Igualmente persuasivo e traiçoeiro, porque na conversa prometia mais do que cumpria; artífice nas coisas sérias e nas zombarias. [9] Cultivava amizades por sua utilidade, não por lealdade. Era um costume ordinário para ele fingir bondade no ódio, levantar o ódio entre os que estão de acordo e buscar o reconhecimento junto a uns e outros. [10] Em meio a isso, era insigne pela eloquência e pelo discurso, pleno de agudeza e solércia, de maneira que não faltaria facilidade à sua elegância, nem elegância à

<sup>460</sup> Cf. nota a Just. 1.9.5.

facilitas nec facilitati inuentionum deesset ornatus. [11] Huic Alexander filius successit et uirtute et uitiis patre maior. [12] Itaque uincendi ratio utrique diuersa: hic aperta, ille artibus bella tractabat; deceptis ille gaudere hostibus, hic palam fuis. [13] Prudentior ille consilio, hic animo magnificentior. [14] Iram pater dissimulare, plerumque etiam uincere; hic ubi exarsisset, nec dilatio ultionis nec modus erat. [15] Vini nimis uterque auidus, sed ebrietatis diuersa uitia: patri mos erat etiam de conuiuio in hostem procurrere, manum conserere, periculis se temere offerre; Alexander non in hostem, sed in suos saeuiebat; [16] quam ob rem saepe Philippum uulneratum proelia remisere, hic amicorum interfector conuiuio frequenter excessit. [17] Regnare ille cum amicis nolebat, hic in amicos regna exercebat. Amari pater malle, hic metui. [18] Litterarum cultus utrique similis. Sollertiae pater maioris, hic fidei. [19] Verbis atque oratione Philippus, hic rebus moderatior. [20] Parcendi uictis filio animus et promptior et honestior. Frugalitati pater, luxuriae filius magis deditus erat. [21] Quibus artibus orbis imperii fundamenta pater iecit, operis totius gloriam filius consummauit.

## LIBER X

[1, 1] Artaxerxi, regi Persarum, ex paelicibus centum quindecim filii fuere, sed tres tantum iusto matrimonio suscepti, Darius, Ariaretes et

sua facilidade de invenção. [11] A ele, sucedeu seu filho Alexandre, maior que o pai em virtude e em vícios. [12] Por isso, os meios para vencer eram, para ambos, distintos. Este preparava a guerra em campos abertos, aquele com artificios. Aquele se alegrava com os inimigos enganados, este, destróçados às claras. [13] Aquele foi mais prudente em seu parecer, este, mais elevado em ânimo. [14] O pai dissimulava a sua ira e, muitas vezes, também a vencia; este, quando se tivesse irritado, não havia adiamento, nem moderação de sua vingança. [15] Ambos eram muito ávidos por vinho, mas os vícios da embriaguez eram distintos. O costume do pai era lançar-se ao inimigo até saído de um banquete, ir à peleja, expor-se ao perigo temerariamente; Alexandre enfurecia-se não contra o inimigo, mas com os seus. [16] Por isso que, amiúde, as batalhas devolviam Filipe ferido, enquanto este, frequentemente, saía de um banquete como um carrasco dos amigos. [17] Aquele não queria reinar com amigos, este exercia o poder sobre os amigos. O pai prefere ser amado, este, temido. [18] A cultura das letras era similar em ambos. O pai era maior pela sagacidade, este, pela lealdade. [19] Filipe era mais moderado em suas palavras e em seu discurso, este, em suas ações. [20] O ânimo do filho era mais disposto a poupar os vencidos e mais honesto. O pai fora mais entregue à frugalidade, o filho, ao luxo. [21] Com essas habilidades, o pai lançou os alicerces de um império mundial, o filho consumou a glória de toda sua obra.

## Livro X

[1, 1] Artaxerxes, rei dos persas, teve cento e quinze filhos com suas concubinas, mas somente três foram concebidos em matrimônio legal: Dario, Ariarete e Oco. [2]



Ochus. [2] Ex his Darium contra morem Persarum, apud quos rex non nisi morte mutatur, per indulgentiam pater regem uiuus fecit, [3] nihil sibi ablatum existimans quod in filium contulisset, sinceriusque gaudium ex procreatione capturus, si insignia maiestatis suae uiuus in filio conspexisset. [4] Sed Darius post noua paternae pietatis exempla interficiendi patris consilium cepit, [5] sceleratus si solus parricidium cogitasset, tanto sceleratior quod in societatem facinoris adsumptos quinquaginta fratres fecit parricidas. [6] Ostenti prorsus genus, ubi in tanto populo non solum sociari, uerum etiam sileri parricidium potuit, ut ex quinquaginta liberis nemo inuentus sit quem aut paterna maiestas aut ueneratio senis aut indulgentia patris a tanta inmanitate reuocaret. [7] Adeone uile paternum nomen apud tot numero filios fuit ut, quorum praesidio tutus etiam aduersus hostes esse debuerit, eorum insidiis circumuentus tutior ab hostibus quam a filiis fuerit?

[2, 1] Causa parricidii sceleratior ipso parricidio fuit. [2] Occiso quippe Cyro fraterno bello, cuius mentio supra habita est, Aspasian, paelicem eius, rex Artaxerxes in matrimonium receperat. [3] Hanc patrem cedere sibi sicuti regnum Darius postulauerat; qui pro indulgentia sua in liberos primo facturum se dixerat, [4] mox paenitentia

Destes, contrariamente ao costume dos persas, junto aos quais o rei não era substituído senão pela morte, o pai, vivo, fez de Dario rei, por indulgência, [3] pensando que nada do que tinha conferido ao filho era-lhe tirado e que seria tomado de uma alegria mais genuína quanto à sua progênie, se, vivo, visse as insígnias de sua própria majestade no filho. [4] Mas Dario, após os atípicos exemplos de piedade paterna, criou um plano para o assassinato do pai; [5] se seria transgressor considerar, sozinho, o parricídio, foi tanto mais transgressor, porque, agregados em uma aliança de ultraje, fez de cinquenta dos irmãos parricidas. [6] Foi, em suma, uma espécie de prodígio que, em meio a tantas pessoas, um parricídio pudesse não só unir, mas também ser silenciado, de modo que não se encontrou sequer um dos cinquenta filhos a quem ou a majestade paterna, ou o respeito ao velho, ou a indulgência do pai fizesse recuar de tamanha brutalidade. [7] Foi o nome paterno a tal ponto vil junto a um tão grande número de filhos que ele, que deveria estar seguro sob a guarda deles mesmo contra inimigos, estaria mais seguro cercado pelos inimigos do que pelas insídias dos filhos?

[2, 1] A causa do parricídio foi mais transgressora do que o próprio parricídio, [2] porque, morto Ciro em uma guerra fraterna – da qual há menção acima<sup>461</sup> –, o rei Artaxerxes recebera Aspásia, concubina daquele, em matrimônio. [3] Dario pedira a seu pai que a concedesse a si tal como o reino; ele, conforme sua própria indulgência em relação aos filhos, havia dito, primeiro, que o faria. [4] A seguir, levado pelo arrependimento, para negar de modo honesto

<sup>461</sup> Em Just. 5.11.

ductus ut honeste negaret quod temere promiserat, solis eam sacerdotio praefecit, quo perpetua illi ab omnibus uiris pudicitia imperabatur. [5] Hinc exacerbatus iuuenis in iurgia primo patris erupit, mox facta cum fratribus coniuratione, dum patri insidias parat, deprehensus cum sociis poenas parricidii diis paternae maiestatis ultoribus dedit. [6] Coniuges quoque omnium cum liberis, ne quod uestigium tanti sceleris extaret, interfectae. [7] Post haec Artaxerxes morbo ex dolore contracto decedit, rex quam pater felicior.

[3, 1] Hereditas regni Ocho tradita, qui timens parem coniurationem regiam cognatorum caede et strage principum replet, nulla, non sanguinis, non sexus, non aetatis, misericordia permotus, scilicet ne innocentior fratribus parricidis haberetur. [2] Atque ita ueluti purificato regno bellum Cadusiis infert. [3] In eo aduersus prouocatorem hostium Codomannus quidam cum omnium fauore processisset, hoste caeso uictoriam suis pariter et prope amissam gloriam restituit. [4] Ob haec decora idem Codomannus praeficitur Armeniis. [5] Interiecto deinde tempore post mortem Ochi regis ob memoriam pristinae uirtutis rex a populo constituitur, Darii nomine, ne quid regiae maiestati deesset, honoratus, [6] bellumque cum Alexandro Magno diu uariante fortuna magna uirtute gessit. [7] Postremo uictus ab Alexandro et a cognatis occisus uitam pariter cum Persarum

o que prometera fortuitamente, indica-a para o sacerdócio do sol, pelo que lhe era ordenada a perpétua castidade quanto a todos os homens. [5] Por isso, exasperado o jovem, primeiro se atira em altercações com o pai, a seguir, feita a conspiração com os irmãos, enquanto preparava insídias ao pai, foi surpreendido com os aliados, pagou as penitências do parricídio aos deuses vingadores da majestade paterna. [6] As esposas de todos foram mortas, do mesmo modo, com os filhos, para que não sobrasse vestígio de tamanha transgressão. [7] Após isso, Artaxerxes morre de uma enfermidade contraída devido à dor, tendo sido um rei mais feliz do que pai.

[3, 1] A herança do reino foi confiada a Oco, o qual, temendo uma conspiração igual, impregna o palácio com o massacre de seus parentes e a destruição dos aristocratas, não se comovendo por misericórdia alguma, nem pela família, nem pelo sexo, nem pela idade, seguramente, para que não fosse considerado mais inofensivo do que seus irmãos parricidas. [2] E, assim, como se com o reino purificado, leva guerra aos cadúsios. [3] Nela, um certo Codomano teria avançado, com o aplauso de todos, contra um inimigo que o provocava; morto o adversário, restituiu aos seus a vitória e, igualmente, a glória da qual quase foram privados. [4] Por essa bela ação, o mesmo Codomano é posto à frente dos armênios. [5] Logo, passado um tempo, depois da morte do rei Oco, devido à memória de sua antiga virtude, foi instituído rei pelo povo, honrado com o nome de Dario, para que não lhe faltasse a majestade real, [6] e, por muito tempo, travou guerra, com grande virtude e sorte variável, contra Alexandre, o Grande. [7] Finalmente, vencido por Alexandre e morto por seus parentes, com sua vida, pôs fim, igualmente, ao reino dos persas.

regno finiuit.

## LIBER XI

[1, 1] In exercitu Philippi sicuti uariae gentes erant, ita eo occiso diuersi motus animorum fuere. [2] Alii quippe iniusta seruitute oppressi ad spem se libertatis erigebant, [3] alii taedio longinquaе militiae remissam sibi expeditionem gaudebant, [4] nonnulli facem nuptiis filiae accensam rogo patris subditam dolebant. [5] Amicos quoque tam subita mutatione rerum haud mediocris metus ceperat, reputantes nunc prouocatam Asiam, nunc Europam nondum perdomitam, [6] nunc Illyrios, Thracas et Dardanos ceterasque barbaras gentes fidei dubiae et mentis infidae; qui omnes populi si pariter deficient, sisti nullo modo posse. [7] Quis rebus ueluti medela quaedam interuentus Alexandri fuit, [8] qui pro contione ita uulgus omne consolatus hortatusque pro tempore est ut et metum timentibus demeret et in spem omnes impelleret. [9] Erat hic annos XX natus, in qua aetate ita moderate de se multa pollicitus est, ut appareret plura eum experimentis reseruare. [10] Macedonibus inmunitatem cunctarum rerum praeter militiae uacationem dedit; quo pacto tantum sibi fauorem omnium conciliauit, ut corpus hominis, non uirtutem regis mutasse se dicerent.

[2, 1] Prima illi cura paternarum exequiarum fuit, in quibus ante omnia caedis conscios ad

## Livro XI

[1, 1] Assim como havia variadas gentes no exército de Filipe, com a morte dele, também as oscilações dos ânimos foram diversas. [2] Uns, porque eram oprimidos por uma servidão injusta, animavam-se com a esperança da liberdade, [3] outros, pelo aborrecimento da extensa campanha, regozijavam-se pela remissão da expedição, [4] a alguns, doía que a tocha acesa para as núpcias da filha fosse posta na fogueira funerária do pai. [5] Devido a uma mudança tão súbita, do mesmo modo, um medo nada trivial tomara seus amigos, que ponderavam ora que a Ásia fora provocada, ora que a Europa ainda não fora subjugada, [6] ora que os ilírios, trácios, dárdanos e outras gentes bárbaras eram de uma fidelidade dúbia e de um gênio infiel; porque, se todos esses povos desertassem igualmente, de modo algum poderiam ser parados. [7] A chegada de Alexandre foi como uma cura para esses casos, [8] o qual, diante de uma assembleia, confortou todo o vulgo e, assim, exortou-o segundo a circunstância, de modo que removesse o medo dos que temiam e incitasse a esperança em todos. [9] Ele tinha vinte anos, e, nesta idade, com tal moderação, muito se prometeu a seu respeito, de maneira que era evidente que ele reservava mais para as ações efetivas. [10] Deu aos macedônios a isenção integral dos encargos, exceto a dispensa militar; com esse acordo, atraiu para si tamanho apoio de todos, que diziam ter mudado o corpo do homem, não a virtude do rei.

[2, 1] O primeiro cuidado dele foi com as exéquias paternas, nas quais, ordenou, antes de tudo, o massacre dos cúmplices da morte

tumulum patris occidi iussit. [2] Soli Alexandro Lyncestarum fratri pepercit, seruans in eo auspiciam dignitatis suae; nam regem eum primus salutauerat. [3] Aemulum quoque imperii, Caranum, fratrem ex nouerca susceptum, interfici curauit. [4] Inter initia multas gentes rebellantes conpescuit, orientes nonnullas seditiones extinxit. [5] Quibus rebus erectus citato gradu in Graeciam contendit, ubi exemplo patris Corinthum euocatis ciuitatibus dux in locum eius substituitur. [6] Inchoatum deinde a patre Persicum bellum adgreditur. [7] In cuius apparatu occupato nuntiatur Athenienses et Lacedaemonios ab eo ad Persas defecisse auctoremque eius defectionis magno auri pondere a Persis corruptum Demosthenem oratorem extitisse, [8] qui Macedonum deletas omnes cum rege copias a Triballis adfirmauerit producto in contionem auctore, qui in eo proelio, in quo rex ceciderit, se quoque uulneratum diceret. [9] Qua opinione mutatos omnium ferme ciuitatum animos esse; praesidia Macedonum obsideri. [10] Quibus motibus occursurus tanta celeritate instructo paratoque exercitu Graeciam oppressit, ut, quem uenire non

do pai junto a seu túmulo. [2] Poujou apenas ao irmão<sup>462</sup>, Alexandre, dos lincestas, observando nele o auspício de sua própria dignidade, pois fora o primeiro a saudá-lo como rei. [3] Teve o cuidado de assassinar o irmão, Carano, nascido de sua madrasta<sup>463</sup>, um concorrente, do mesmo modo, à soberania. [4] Desde o princípio, reprimiu as muitas gentes insurgentes, extinguiu as numerosas revoltas nascentes. [5] Animado por esses feitos, põe-se, apressadamente, a caminho da Grécia, onde, pelo exemplo do pai, convocadas as cidades a Corinto, é posto no lugar dele como comandante. [6] Logo, vai à guerra, iniciada por seu pai, com os persas. [7] Ocupado na preparação dela, é-lhe anunciado que os atenienses e os lacedemônios desertaram para os persas, e que o responsável pela deserção teria sido o orador Demóstenes, corrompido pelos persas por uma grande cifra em ouro. [8] Ele teria assegurado que todas as tropas dos macedônios tinham sido destruídas junto ao rei pelos tríbalos, tendo apresentado em assembleia uma testemunha que dizia que também fora ferida naquela batalha em que o rei teria sido abatido. [9] Com esse rumor, foram mudados os ânimos de quase todas as cidades; as defesas dos macedônios estavam cercadas. [10] Para impedir essas agitações, oprimiu a Grécia com um exército equipado e preparado com tamanha rapidez que dificilmente acreditaram estar vendo aquele que não tinham sentido chegar.

<sup>462</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), há várias correções propostas para este trecho. É possível que Justino tenha omitido uma referência a uma lista dos cúmplices feita por Pompeio Trogo, dentre os quais estaria, pelo menos, um irmão de Alexandre de Licéstida, o que faria mais sentido já que este e Alexandre, o Grande, não eram irmãos. Para a autora, a correção de *fratri* por *principi* faria sentido, enquanto aquela proposta por Seel, *Lyncestarum parricidarum*, nem tanto.

<sup>463</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) e Castro Sánchez (2008, p. 209) apontam que se cria uma incongruência com o que fora narrado anteriormente. É possível que Carano fosse um filho de Cleópatra anterior a seu casamento com Filipe II ou deste com alguma de suas outras esposas ou concubinas.

senserant, uidere se uix crederent.

[3, 1] In transitu hortatus Thessalos fuerat beneficiorumque Philippi patris maternaeque suae cum his ab Aeacidarum gente necessitudinis admonuerat. [2] Cupide haec Thessalis audientibus exemplo patris dux uniuersae gentis creatus erat et uectigalia omnia reditusque suos ei tradiderant. [3] Sed Athenienses, sicuti primi defecerant, ita primi paenitere coeperunt, [4] contemptum hostis in admirationem uertentes pueritiamque Alexandri spretam antea supra uirtutem ueterum ducum extollentes. [5] Missis itaque legatis bellum deprecantur, quibus auditis et grauius increpitis Alexander bellum remisit. [6] Inde Thebas exercitum conuertit, eadem indulgentia usus, si parem paenitentiam inuenisset. [7] Sed Thebani armis non precibus nec deprecatione usi sunt: itaque uicti grauissima quaeque supplicia miserimae captiuitatis experti sunt. [8] Cum in consilio de excidio urbis deliberaretur, Phocenses et Plataeenses et Thespienses et Orchomenii, Alexandri socii uictoriaeque participes, excidia urbium suarum crudelitatemque Thebanorum referebant, [9] studia in Persas non praesentia tantum, uerum et uetera aduersus Graeciae libertatem increpantes, quam ob rem odium eos omnium populorum esse; [10] quod uel ex eo manifestari, quod iure iurando se omnes obstrinxerint, ut uictis Persis Thebas diruerent. [11] Adiciunt et scelerum priorum fabulas, quibus omnes

[3, 1] De passagem, havia exortado os tessálios e lhes lembrado dos favores de seu pai, Filipe, e do parentesco de sua própria mãe com eles a partir da gente dos eácidas. [2] Os tessálios, ouvindo isto de bom grado, segundo o exemplo de seu pai, tinham-no feito comandante de toda a gente e passado a ele todos os seus tributos e rendas. [3] Mas os atenienses, do mesmo modo que tinham sido os primeiros a desertar, assim foram os primeiros a começar a se arrepender, [4] convertendo o desprezo ao inimigo em admiração e exaltando, acima da virtude dos comandantes mais velhos, a juventude de Alexandre, antes desdenhada. [5] E assim, afastam a guerra enviando-lhe embaixadores; tendo sido ouvidos e severamente repreendidos, Alexandre cessou a guerra. [6] De lá, convergiu o exército a Tebas, para fazer uso da mesma indulgência, se encontrasse igual arrependimento. [7] Mas os tebanos fizeram uso das armas, não de preces, nem de clamores: e assim, vencidos, sofrem os mais severos suplícios do mais miserável cativo. [8] Como, em assembleia, fosse deliberado sobre a destruição da urbe, focenses, plateenses, téspios e orcômenos, aliados de Alexandre e partícipes de sua vitória, relatavam as destruições de suas urbes e a crueldade dos tebanos, [9] censurando não só as presentes alianças com os persas, mas também as antigas contra a liberdade da Grécia; por isso eles teriam o ódio de todos os povos, [10] algo que era ainda mais evidente, porque todos se teriam comprometido, com um juramento, a destruir Tebas, quando os persas fossem vencidos. [11] Acrescentam-se aí também as histórias de suas transgressões anteriores, com as quais encheram todas as cenas teatrais, de modo que seriam detestados não só pela presente

scaenas repleuerint, ut non praesenti tantum perfidia, uerum et uetere infamia inuisi forent.

[4, 1] Tunc Cleadas, unus ex captiuis, data potestate dicendi: non a rege se defecisse, quem interfectum audierint, sed a regis heredibus; [2] quicquid in eo sit admissum, credulitatis, non perfidiae culpam esse, cuius tamen iam magna se supplicia pependisse deleta iuuentute. [3] Nunc senum feminarumque sicuti infirmum, ita innocium restare uulnus, quod ipsum stupris contumeliisque ita uexatum esse ut nihil amarius umquam sint passi; [4] nec iam pro ciuibus se, qui tam pauci remanserint, orare, sed pro innocio patriae solo et pro urbe, quae non uiros tantum, uerum et deos genuerit. [5] Priuata etiam regem superstitione deprecatur geniti apud ipsos Herculis, unde originem gens Aeacidarum trahat, actaeque Thebis a patre eius Philippo pueritiae; [6] rogat urbi parcat, quae maiores eius partim apud se genitos deos adoret, partim educatos summae maiestatis reges uiderit. [7] Sed potentior fuit ira quam preces. Itaque urbs diruitur; agri inter uictores diuiduntur; [8] captiui sub corona uenduntur, quorum pretium non ex eminentium commodo, sed ex inimicorum odio extenditur. [9] Miseranda res Atheniensibus uisa; itaque portas refugis profugorum contra interdictum regis aperuere. [10] Quam rem ita grauiter tulit Alexander ut secunda legatione denuo

perfidia, mas também pela velha infâmia.

[4, 1] Naquele momento, Cléadas, um dos cativos, tendo-lhe sido dada a permissão de falar, disse que não teriam desertado do rei, sobre o qual tinham ouvido que fora morto, mas dos herdeiros do rei; [2] que o que teria sido cometido contra ele seria culpa da credulidade, não da perfídia, contudo, por causa dela, já teriam sofrido grandes suplícios com sua juventude destruída; [3] que, agora, restaria uma multidão de idosos e de mulheres tão fraca como inocente, essa que teria sido tão afligida por desonras e afrontas, que jamais teriam suportado nada mais cruel; [4] e que já não advogava por seus cidadãos, dos quais teriam restado tão poucos, mas pelo solo inocente da pátria e pela urbe que teria gerado não só homens, mas deuses, inclusive. [5] Também clama ao rei por sua crença em Hércules, nascido junto a eles, de quem a estirpe dos eácidas extraía a sua origem, e pela mocidade do pai dele, Filipe, passada em Tebas<sup>464</sup>; [6] roga que poupe a urbe, a qual, por um lado, adora como deuses os antepassados dele nela nascidos e, por outro, considera como reis da mais alta majestade os nela educados. [7] Mas a ira foi mais poderosa do que as preces. E, assim, a urbe é arruinada; os campos são divididos entre os vencedores; [8] os cativos são vendidos coroados<sup>465</sup>, cujo preço não se eleva conforme o interesse dos compradores, mas segundo o ódio dos inimigos. [9] A situação pareceu digna de pena aos atenienses, e, assim, contrariamente à proibição do rei, abriram suas portas para refúgio dos fugitivos. [10] Alexandre recebeu essa notícia com tal severidade, que somente teria recuado na guerra contra eles –

<sup>464</sup> Cf. Just. 7.5.2-3.

<sup>465</sup> Cf. nota a Just. 8.3.3.

bellum deprecantibus ita demum remiserit ut oratores et duces, quorum fiducia totiens rebellent, sibi dedantur; [11] paratissime Atheniensibus, ne cogantur, subire bellum, eo res deducta est ut retentis oratoribus duces in exilium agerentur [12] qui ex continenti ad Dariam profecti non mediocre momentum Persarum uiribus accessere.

[5, 1] Proficiscens ad Persicum bellum omnes nouercae suae cognatos, quos Philippus in excelsiorem dignitatis locum prouehens imperiis praefecerat, interfecit. [2] Sed nec suis, qui apti regno uidebantur, pepercit ne qua materia seditionis procul se agente in Macedonia remaneret [3] et reges stipendiarios conspectioris ingenii ad conuictum secum trahit, segiores ad tutelam regni relinquit. [4] Adunato deinde exercitu naues onerat, unde conspecta Asia incredibili ardore mentis accensus duodecim aras deorum in belli uota statuit. [5] Patrimonium omne suum, quod in Macedonia Europaque habebat, amicis diuidit, sibi Asiam sufficere praefatus. [6] Priusquam ulla nauis litore excederet, hostias caedit, petens uictoriam bello, quo totiens a Persis adpetitae Graeciae ultor electus sit, [7] quibus longa iam satis et matura imperia contigisse quorumque tempus esse uices excipere melius acturos. [8] Sed nec exercitus eius alia quam regis animorum praesumptio fuit; [9] quippe obliti omnes coniugum liberorumque et longinqua

os quais, novamente, o clamavam com uma segunda embaixada – com a condição de que lhe fossem entregues os oradores e os comandantes, por cuja convicção tantas vezes se rebelavam; [11] e, preparados os atenienses a marchar à guerra para que não fossem obrigados a isso, a exigência dele se reduz para que, mantidos os oradores, fossem lançados no exílio os comandantes, [12] os quais, pondo-se imediatamente a caminho de Dario, somaram um peso não desprezível às forças militares dos persas.

[5, 1] Partindo para guerra contra os persas, matou todos os parentes de sua madrasta, os quais Filipe indicara para elevada posição de honra, promovendo-os ao comando. [2] Mas também não perdoou os seus que eram considerados aptos ao reino, para que, agindo a distância, não restasse, na Macedônia, ocasião para revoltas, [3] e levou consigo os tributários reis de renomado engenho como companheiros de guerra; deixou os mais velhos com a tutela do reino. [4] Logo, carrega as naus com o exército reunido e, dali, divisada a Ásia, inflamado pelo ardor do espírito, ergueu doze altares aos deuses como votos para a guerra. [5] Divide entre os amigos todo o seu patrimônio pessoal que tinha na Macedônia e na Europa, tendo renunciado a sua Ásia. [6] Antes que alguma nau saísse do litoral, massacra vítimas, solicitando a vitória na guerra, para a qual teria sido eleito como vingador da Grécia, tantas vezes assaltada pelos persas, [7] os quais teriam alcançado impérios já bastante longos e maduros, e seria o tempo de eles aceitarem como sucessores aqueles que melhor viriam a atuar. [8] Mas o exército dele também não estava com uma expectativa de ânimos diferente da do rei, [9] porque, esquecidos todos das esposas e dos filhos e da campanha distante da pátria, já julgavam o ouro persa e as riquezas de todo o Oriente como se

a domo militiae Persicum aurum et totius Orientis opes iam quasi suam praedam ducebant, nec belli periculorumque, sed diuitiarum meminerant. [10] Cum delati in continentem essent, primus Alexander iaculum uelut in hostilem terram iecit armatusque de nauis tripudianti similis prosiluit atque ita hostias caedit, [11] precatus ne se regem illae terrae inuitae accipiant. [12] In Ilio quoque ad tumulos eorum, qui Troiano bello ceciderant, parentauit.

[6, 1] Inde hostem petens militem a populatione Asiae prohibuit, parcendum suis rebus praefatus, nec perdenda ea quae possessuri uenerint. [2] In exercitu eius fuere peditum XXXII milia, equitum IV milia quingenti, naues centum octoginta duae. [3] Hac tam parua manu uniuersum terrarum orbem utrum sit admirabilius uicerit an adgredi ausus fuerit, incertum est. [4] Cum ad tam periculosum bellum exercitum legeret, non iuuenes robustos nec primum fiorem aetatis, sed ueteranos, plerosque etiam emeritae militiae, qui cum patre patruisque militauerant, elegit [5] ut non tam milites

fossem sua pilhagem particular e também não se tinham lembrado da guerra e dos perigos, mas dos bens. [10] Quando tinham sido levados ao continente, Alexandre, primeiro, atirou um dardo como se à terra hostil e, semelhante ao que dança o *tripudium*<sup>466</sup>, saltou da nau armado e, assim, sacrificou vítimas, [11] tendo pedido para que aquelas terras, não a contragosto, o aceitassem como rei. [12] Em Ílion, fez, do mesmo modo, sacrifícios aos túmulos daqueles que foram abatidos na guerra de Troia.

[6, 1] Dali, chegando ao inimigo, dissuadiu a guarnição da devastação da Ásia, tendo prenunciado que deveriam poupar aquilo que era de sua posse e também para não arruinarem aquilo que teriam vindo tomar como seu. [2] No exército dele, havia trinta e dois mil soldados de infantaria, quatro mil e quinhentos de cavalaria, cento e oitenta e duas naus. [3] Não se sabe se teria sido mais admirável porque, com essa tropa tão pequena, teria conquistado o orbe terrestre inteiro ou por ter ousado atacar. [4] Como reunisse o exército para uma guerra tão perigosa, escolheu não os jovens robustos, nem os que estavam na flor da idade, mas os veteranos – a maior parte já havia cumprido os serviços militares – que teriam servido sob seu pai e seus tios, [5] de modo que pensarias serem escolhidos não tanto

<sup>466</sup> Segundo Friederike Fless e Katja Moede (2011, p. 255), *tripudium* era uma dança performada pelos sálíos, sacerdotes de Marte, os quais são, comumente, representados carregando escudos pendurados em uma vara. Tito Lívio faz menção à sua prática: “[Numa Pompílio e] escolheu também doze sálíos em honra de Marte Gradivo, dando-lhes como insígnia uma túnica bordada, coberta na altura do peito por uma placa de bronze. Ordenou-lhes que usassem também escudos caídos do céu chamados *ancilia* e saíssem pela cidade cantando hinos acompanhados de saltos ritmados e danças sacras.” (Liv. 1.20.4, trad. P. M. Peixoto); *Salios item duodecim Marti Gradiuo legit tunicaeque pictae insigne dedit et super tunicam aeneum pectori tegumen caelestiaque arma, quae ancilia appellantur, ferre ac per urbem ire canentes carmina cum tripudiis sollemnique saltatu iussit.* (Grifo nosso). Arnaud-Lindet (2003, recurso online), em nota a essa passagem, esclarece que *tripudium* é a dança, enquanto *tripudiare* é a ação de dançá-la.



quam magistros militiae electos putares. [6] Ordines quoque nemo nisi sexagenarius duxit ut, si principia castrorum cerneres, senatum te priscae alicuius rei publicae uidere diceres. [7] Itaque nemo in proelio fugam, sed uictoriam cogitauit; nec in pedibus cuiquam spes, sed in lacertis fuit. [8] Contra rex Persarum Darius fiducia uirium nihil astu agere, adfirmans suis occulta consilia uictoriae furtiuae conuenire, [9] nec hostem regni finibus arcere, sed in intimum regnum accipere, gloriosius ratus repellere bellum quam non admittere. [10] Prima igitur congressio in campis Adrasteis fuit. [11] In acie Persarum sexcenta milia militum fuere, quae non minus arte Alexandri quam uirtute Macedonum superata terga uerterunt: magna itaque caedes Persarum fuit. [12] De exercitu Alexandri nouem pedites, centum XX equites cecidere, [13] quos rex inpense ad ceterorum solacia humatos status equestribus donauit cognatisque eorum immunitates dedit. [14] Post uictoriam maior pars Asiae ad eum defecit. Gessit et plura bella cum praefectis Darii, quos iam non tam armis quam terrore nominis sui uicit.

[7, 1] Dum haec aguntur, interim indicio captiui ad eum defertur insidias ei ab Alexandro Lyncestarum genero Antipatri, qui praepositus Macedoniae erat, parari. [2] Ob quam causam timens, ne quis interfecto eo in Macedonia motus oreretur, in uinculis eum

soldados, mas mestres em campanhas. [6] Do mesmo modo, não conduziu às hostes qualquer um que não fosse sexagenário, de modo que, se observasses os oficiais dos acampamentos, dirias parecer-te o senado de alguma antiga república. [7] E assim, ninguém considerava, em combate, a fuga, mas a vitória; nem havia esperança alguma em seus pés, mas em seus braços. [8] Ao contrário, Dario, rei dos persas, age por confiança em suas forças militares, não com astúcia, afirmando aos seus que planos dissimulados convinham a uma vitória furtiva, [9] e que não retinha o inimigo nas fronteiras do reino, mas o admitia no coração do reino, persuadido de que seria mais glorioso repelir a guerra do que não a receber. [10] Então, o primeiro encontro foi nas planícies de Adrastea. [11] Na linha de batalha, havia seiscentos mil soldados dos persas, que vencidos, não menos pela habilidade de Alexandre do que pela virtude dos macedônios, puseram-se em fuga: e assim se deu o grande massacre dos persas. [12] Do exército de Alexandre, foram abatidos nove soldados de infantaria, cento e vinte de cavalaria, [13] aos quais o rei, para consolação dos demais, suntuosamente enterrados, dedicou estátuas equestres e deu imunidades a seus familiares. [14] Após a vitória, a maior parte da Ásia desertou para o seu lado. Travou, também, muitas guerras com os intendentess de Dario, que venceu já não tanto com as armas quanto com o terror de seu próprio nome.

[7, 1] Enquanto essas ações sucedem-se, nesse ínterim, ele é informado, pela denúncia de um cativo, que Alexandre dos lincetas, genro de Antípatro e que fora posto à frente da Macedônia, preparava insídias contra ele. [2] Por esse motivo, temendo que, se ele fosse morto, uma agitação iniciar-se-ia na Macedônia, mantém-no na prisão. [3] Depois disso, ataca a urbe de Górdio, a qual está

habuit. [3] Post haec Gordien urbem petit quae posita est inter Phrygiam maiorem et minorem; [4] cuius urbis potiundae non tam propter praedam cupido eum cepit, sed quod audierat in ea urbe in templo Iouis iugum Gordii positum, cuius nexum si quis soluisset, eum tota Asia regnaturum antiqua oracula cecinisse. [5] Huius rei causa et origo illa fuit. Gordius cum in his regionibus bubus conductis araret, aues eum omnis generis circumuolare coeperunt. [6] Profectus ad consulendos augures uicinae urbis obuiam in porta habuit uirginem eximia pulchritudinis, percontatusque eam quem potissimum augurem consuleret; [7] illa audita causa consulendi, gnara artis ex disciplina parentum, regnum ei portendi respondit polliceturque se et matrimonii et spei sociam. [8] Tam pulchra condicio prima regni felicitas uidebatur. [9] Post nuptias inter Phrygas orta seditio est. [10] Consulentibus de fine discordiarum oracula responderunt regem discordiis opus esse. [11] Iterato quaerentibus de persona regis, iubentur eum regem obseruare, quem reuersi primum in templum Iouis euntem plaustro repperissent. [12] Obuius illis Gordius fuit, statimque eum regem consalutant. [13] Ille plastrum quo uehenti regnum delatum fuerat, in templo Iouis positum maiestati regiae consecrauit. [14] Post hunc filius Mida regnauit, qui ab Orpheo sacrorum sollemnibus initiatus Phrygiam religionibus inpleuit, quibus tutior omni uita quam armis fuit. [15]

situada entre a Frígia Maior e a Menor. [4] Tomou-o o desejo de obter essa urbe não tanto pela pilhagem, mas porque ouvira que, nessa urbe, no templo de Júpiter, estaria situado o jugo de Górdio, sobre o qual os antigos oráculos vaticinavam que aquele que tivesse desatado seu nó haveria de reinar sobre toda a Ásia. [5] A causa e origem dessa crença foi esta: enquanto Górdio arava, com bois alugados, nestas terras, aves de todas as espécies começaram a voar ao redor dele. [6] Pondo-se a caminho para consultar os áugures da urbe vizinha, encontrou, diante da porta, uma virgem de exímia beleza e lhe perguntou qual o melhor áugure para consultar; [7] ela, ouvida a causa da consulta, conhecedora da arte por instrução dos pais, respondeu que lhe era pressagiado um reino e se ofereceu em matrimônio, também como companheira de sua ventura. [8] Tão belo arranjo parecia a primeira felicidade do reino. [9] Após as núpcias, uma revolta foi iniciada entre os frígios. [10] Consultados os oráculos sobre o fim dessas discórdias, responderam que seria necessário um rei para se ocupar das discórdias. [11] Perguntados outra vez sobre a pessoa do rei, são ordenados a respeitar como rei aquele que, ao regressarem, primeiro encontrassem indo ao templo de Jove em uma carroça. [12] Górdio apresentou-se a eles, e, sem demora, saúdam-no como rei. [13] Ele consagrou à majestade real a carroça em que estava sendo transportado quando lhe fora oferecido o reino, posicionada no templo de Jove. [14] Depois dele, reinou Midas, seu filho, que iniciado por Orfeu nos ritos de seus cultos, impregnou a Frígia com práticas religiosas, pelas quais, por toda a sua vida, estava mais protegido do que por armas. [15] Então, Alexandre, capturada a urbe, tendo vindo ao templo de Jove, requisitou o jugo da carroça, [16] o qual, sendo-lhe mostrado, como não pudesse descobrir as pontas das correias

Igitur Alexander capta urbe cum in templum Iouis uenisset, iugum plaustris requisivit, [16] quo exhibito, cum capita loramentorum intra nodos abscondita reperire non posset, uiolentius oraculo usus gladio loramenta caedit atque ita resolutis nexibus latentia in nodis capita inuenit.

[8, 1] Haec illi agenti nuntiatur Darium cum ingenti exercitu aduentare. [2] Itaque timens angustias magna celeritate Taurum transcendit, in qua festinatione quingenta stadia cursu fecit. [3] Cum Tarsum uenisset, captus Cydni fluminis amoenitate per mediam urbem influentis proiectis armis plenus pulueris ac sudoris in praeferidam undam se proiecit, [4] cum repente tantus neruos eius occupauit rigor ut interclusa uoce non spes modo remedii, sed nec dilatio periculi inueniretur. [5] Vnus erat ex medicis, nomine Philippus, qui solus remedium pollicetur; sed et ipsum Parmenionis pridie a Cappadocia missae epistulae suspectum faciebant, [6] qui ignarus infirmitatis Alexandri scripserat a Philippo medico caueret, nam corruptum illum a Dario ingenti pecunia esse. [7] Tutius tamen ratus dubiae se fidei medici credere quam indubitato morbo perire. [8] Accepto igitur poculo epistulas medico tradidit atque ita inter bibendum oculos in uultum legentis intendit. [9] Vt securum conspexit, laetior factus est

ocultas entre os nós, face a uma necessidade mais violenta do que a do oráculo, corta com a espada as correias e, assim, encontra as pontas que se escondiam nos apertados nós partidos.

[8, 1] Sucedendo essas ações, é-lhe anunciado que Dario aproxima-se com um grande exército. [2] E, assim, temendo os desfiladeiros, atravessa, com máxima rapidez, o Tauro; nessa pressa, fez, em uma corrida, quinhentos estádios<sup>467</sup>. [3] Como viesse a Tarso, capturado pelo encanto do rio Cidno, que fluía pelo meio da urbe, largadas as armas, lançou-se, coberto de pó e de suor, na água gélida, [4] quando, de repente, uma rigidez tal se apoderou dos nervos dele que, perdida a voz, não só inexístia a esperança de um remédio, mas também de que fosse encontrada proteção ao perigo. [5] Havia, entre os seus médicos, um chamado Filipe, que foi o único a oferecer um remédio; mas o faziam suspeito umas cartas enviadas da Capadócia, no dia anterior, por Parmênio, [6] o qual, não sabendo da enfermidade de Alexandre, escrevera para que tomasse cuidado com o médico Filipe, pois ele teria sido corrompido por Dario com uma grande quantia. [7] Entretanto, estava persuadido de que seria mais seguro acreditar na dúvida fidelidade do médico do que perecer por uma enfermidade indubitável. [8] Recebida, então, a taça, entregou as cartas ao médico e, assim, enquanto estava bebendo, dirigiu os olhos ao rosto do que lê. [9] Como o viu tranquilo, ficou mais alegre e recuperou a

<sup>467</sup> O tamanho de um estádio é variável. Donald Engels (1985, p. 310) indica que um estádio, segundo o uso de Eratóstenes, teria cerca 184,98 m, de modo que Alexandre poderia ter percorrido, mais ou menos, 92,5 km.

sanitatemque quarta die recepit.

[9, 1] Interea Darius cum CCCC milibus peditum et centum milibus equitum in aciem procedit. [2] Mouebat haec multitudo hostium respectu paucitatis suae Alexandrum, sed interdum reputabat quantas res cum ista paucitate gessisset quantosque populos fudisset. [3] Itaque cum spes metum uinceret, periculosius differre bellum ratus, ne desperatio suis cresceret, circumuectus suos singulas gentes diuersa oratione adloquitur. [4] Illyrios et Thracas opum ac diuitiarum ostentatione, Graecos ueterum bellorum memoria interneciuique cum Persis odii accendebat; [5] Macedonas autem nunc Europae uictae admonet, nunc Asiae expetitae, nec inuentos illis toto orbe pares uiros gloriatur; [6] ceterum et laborum finem hunc et gloriae cumulum fore. [7] Atque inter haec identidem consistere aciem iubet, ut hac mora consuescant oculis turbam hostium sustinere. [8] Nec Darii segnis opera in ordinanda acie fuit; quippe omissis ducum officiis ipse omnia circumire, singulos hortari, ueteris gloriae Persarum imperiique perpetuae a diis immortalibus datae possessionis admonere. [9] Post haec proelium ingentibus animis committitur; in eo uterque rex uulneratur; tam diu certamen anceps fuit quoad fugeret Darius. [10] Exinde caedes Persarum secuta est. Caesa sunt peditum sexaginta unum milia, equitum decem milia; capta XL milia; ex Macedonibus cecidere

saúde no quarto dia.

[9, 1] Entrementes, Dario avança para a linha de batalha com quatrocentos mil soldados de infantaria e cem mil soldados de cavalaria. [2] Essa multidão de inimigos inquietava Alexandre devido à consideração do pequeno número dos seus, mas, por outro lado, ele refletia sobre quantas ações tinha executado e quantos povos derrubado com esse pequeno número. [3] E, assim, como a esperança vencia o medo, persuadido de que era mais perigoso retardar a guerra, para que o desespero não crescesse junto aos seus, tendo circulado entre os seus, dirige-se a cada uma das gentes com um discurso diferente. [4] Excitava os ilírios e os trácios com a pretensão de riqueza e de bens; os gregos com a memória de antigas guerras e de seu ódio mortal pelos persas; [5] por outro lado, lembra os macedônios ora da Europa vencida, ora da Ásia tão almejada, vangloriava-se de que não são encontrados homens iguais a eles em todo o orbe terrestre; [6] de resto, esse também haveria de ser o fim de seus trabalhos e o cume de sua glória. [7] E ordena, enquanto isso, que a linha de frente detenha-se aqui e ali, para que, com essa pausa, acostumem seus olhos a suportar a turba de inimigos. [8] E também o trabalho de Dario não foi menos ativo ao coordenar sua linha de frente, porque, menosprezados os papéis dos comandantes, ele mesmo percorria tudo, exortava um por um, lembrava-os da antiga glória dos persas e da perpétua posse de seu império dada pelos deuses imortais. [9] Depois disso, com os ânimos elevados, tem início a batalha; nela, ambos os reis são feridos; a peleja esteve incerta por muito tempo, até que Dario fugisse. [10] Em pouco tempo, segue-se o massacre dos persas. Foram massacrados sessenta e um mil soldados de infantaria, dez mil de cavalaria; quarenta mil foram

pedestres CXXX, equites CL. [11] In castris Persarum multum auri ceterarumque opum inuentum. [12] Inter captiuos castrorum mater et uxor eademque soror et filiae duae Darii fuere. [13] Ad quas uisendas hortandasque eum Alexander ueniret, conspectis armatis inuicem se amplexae, uelut statim moriturae, conplorationem ediderunt. [14] Prouolutae deinde genibus Alexandri non mortem, sed, dum Darii corpus sepeliant, dilationem mortis deprecantur. [15] Motus tanta mulierum pietate Alexander et Darium uiuere dixit et timentibus mortis metum dempsit easque et haberi et salutari ut reginas praecepit; [16] filias quoque non sordidius dignitate patris sperare matrimonium iussit.

[10, 1] Post haec opes Darii diuitiarumque adparatum contemplatus admiratione tantarum rerum capitur. [2] Tunc primum luxuriosa conuiuia et magnificentiam epularum sectari, tunc et Barsinen captiuam diligere propter formae pulchritudinem coepit, [3] a qua postea susceptum puerum Herculem uocauit. [4] Memor tamen adhuc Darium uiuere Parmeniona ad occupandam Persicam classem aliosque amicos ad recipiendas Asiae ciuitates misit, [5] quae statim audita fama uictoriae ipsis Darii praefectis cum auri magno pondere tradentibus se in potestatem uictorum uenerunt. [6] Tunc in Syriam proficiscitur, ubi obuios cum infulis multos Orientis reges habuit. [7] Ex his pro meritis singulorum alios

capturados; dos macedônios, foram abatidos cento e trinta da infantaria, cento e cinquenta da cavalaria. [11] No acampamento dos persas, foi encontrada uma grande quantidade de ouro e de outras riquezas. [12] Entre os cativos do acampamento, estavam a mãe, a esposa, a irmã dela e as duas filhas de Dario. [13] Como Alexandre chegasse para vê-las e as encorajar, abraçando-se umas às outras diante da visão dos homens armados, como se fossem morrer, sem demora, romperam em pranto. [14] Logo, atirando-se aos joelhos de Alexandre, clamam não pela morte, mas por um adiamento da morte para que sepultem o corpo de Dario. [15] Movido por tamanha piedade das mulheres, Alexandre disse que Dario também vivia, apartou o medo da morte das que temem e instruiu também para que fossem mantidas e saudadas como rainhas; [16] do mesmo modo, ordenou às filhas que não esperassem um casamento mais baixo do que a dignidade de seu pai.

[10, 1] Depois disso, tendo contemplado as riquezas e a magnificência dos bens de Dario, é tomado pela admiração de tamanhas posses. [2] Então, pela primeira vez, começou a frequentar banquetes luxuosos e festins suntuosos, então, também, a amar, devido à beleza de sua figura, a cativa Barsina, [3] com quem, posteriormente, teve um filho, que chamou de Hércules. [4] Contudo, lembrado de que Dario ainda vivia, enviou Parmênio para se apoderar da frota persa e outros amigos para retomar as cidades da Ásia, [5] as quais, sem demora, quando foi ouvida a fama de sua vitória, renderam-se ao poder dos vencedores, enquanto os próprios intendentess de Dario entregavam-se com uma grande cifra em ouro. [6] Então, parte para Síria, onde muitos reis do Oriente vieram a seu encontro com diademas. [7] Dentre eles, conforme os méritos de cada um, acolheu a uns em

in societatem recepit, aliis regnum ademit suffectis in loca eorum nouis regibus. [8] Insignis praeter ceteros fuit Abdalonymus, rex ab Alexandro Sidoniae constitutus, [9] quem Alexander, cum operam oblocare ad puteos exhauriendos hortosque inrigandos solutus esset, misere uitam exhibentem regem fecerat spretis nobiles, ne generis id, non dantis beneficium putarent. [10] Tyrionum ciuitas cum coronam auream magni ponderis per legatos in titulum gratulationis Alexandro misisset, grate munere accepto Tyrum se ire uelle ad uota Herculi reddenda dixit. [11] Cum legati rectius id eum Tyro Vetere et antiquiore templo facturum dicerent, deprecantes eius introitum, ita exarsit, ut urbi excidium minaretur; [12] confestimque exercitu insulae adplicito, non minus animosis Tyriis fiducia Karthaginensium, bello excipitur. [13] Augebat enim Tyriis animos Didonis exemplum, quae Karthagine condita tertiam partem orbis quaesisset, turpe ducentes si feminis suis plus animi fuisset in imperio quaerendo quam sibi in tuenda libertate. [14] Amota igitur inbelli aetate Karthaginem et accessitis mox auxiliis non magno post tempore per prodicionem capiuntur.

[11, 1] Inde Rhodum Alexander Aegyptum

aliança, privou outros do reino, sendo postos novos reis nos lugares deles. [8] Mais insigne do que os demais foi Abdalônimo, instituído rei da Sidônia por Alexandre, [9] a quem, como estaria acostumado a oferecer seu trabalho para tirar água do poço e irrigar as hortas, levando a vida em condição miserável, Alexandre fizera rei, desprezados os nobres, para que não pensassem ser um mérito de sua linhagem, não de quem o concedia. [10] Como os cidadãos de Tiro, por meio de embaixadores, tivessem enviado, a título de parabenização, uma coroa de ouro de grande peso a Alexandre, aceito o presente com gratidão, disse que queria ir a Tiro para cumprir votos a Hércules. [11] Como os embaixadores dissessem-lhe que faria isso com mais razão na Velha Tiro e no templo mais antigo, recusando a visita dele, a tal ponto se enfureceu que ameaçava a destruição da urbe; [12] e, sem demora, desembarcado o exército na ilha, é recebido com guerra pelos tírios, não menos corajosos pela confiança nos cartagineses. [13] De fato, elevava o ânimo dos tírios o exemplo de Dido<sup>468</sup>, a qual, tendo fundado Cartago, teria conquistado a terceira parte do orbe, considerando vergonhoso que suas próprias mulheres tivessem mais coragem para conquistar um império do que eles para defender a liberdade. [14] Afastados, então, para Cartago os de idade imbele, e, tendo as tropas auxiliares sido rapidamente convocadas, são capturados, não muito tempo depois, por uma traição<sup>469</sup>.

[11, 1] Dali, Alexandre tomou, sem peleja, Rodes, o Egito e a Cilícia. [2] Logo, dirige-

<sup>468</sup> A história de Dido é mais detalhada em Just. 18.4-6.

<sup>469</sup> Conforme apontam Watson (1853, recurso online), Arnaud-Lindet (2003, recurso online) e Castro Sánchez (2008, p. 221), as demais fontes para este episódio, como Diodoro Sículo (17.40-6), indicam que Tiro teria caído devido às dificuldades geradas após sete meses de cerco. Justino fará nova menção a este episódio em 18.3.17.

Ciliciam sine certamine recepit. [2] Ad Iouem deinde Hammonem perguit consulturus et de euentu futurorum et de origine sua. [3] Namque mater eius Olympias confessa uiro suo Philippo fuerat Alexandrum non ex eo se, sed ex serpente ingentis magnitudinis, concepisse. [4] Denique Philippus ultimo prope uitae suae tempore filium suum non esse palam praedicauerat. [5] Qua ex causa Olympiada uelut stupri conpertam repudio dimiserat. [6] Igitur Alexander cupiens originem diuinitatis adquirere, simul et matrem infamia liberare, per praemissos subornat antistites quid sibi responderi uellet. [7] Ingredientem templum statim antistites ut Hammonis filium salutant. [8] Ille laetus dei adoptione hoc se patre censeri iubet. [9] Rogat deinde an omnes interfectores parentis sui sit ultus. Respondetur patrem eius nec interfici posse nec mori; regis Philippi plene peractam ultionem. [10] Tertia interrogatione poscenti uictoriam omnium bellorum possessionemque terrarum dari respondetur. [11] Comitibus quoque suis responsum, ut Alexandrum pro deo, non pro rege colerent. [12] Hinc illi aucta insolentia mirusque animo increuit tumor exempta comitate quam et Graecorum litteris et Macedonum institutis didicerat. [13] Reuersus ab Hammone Alexandream condidit et coloniam Macedonum caput esse Aegypti iubet.

[12, 1] Darius cum Babyloniam perfugisset, per epistulas Alexandrum precatur,

se para consultar Jove Âmon sobre os eventos futuros e também sobre sua própria origem. [3] E, com efeito, a mãe dele, Olímpíade, havia confessado a seu marido, Filipe, que Alexandre não fora concebido dele, mas de uma serpente de enorme magnitude. [4] Igualmente, Filipe, próximo ao fim de sua vida, proclamara que ele não era mesmo seu filho. [5] Por esse motivo, em repúdio, expulsara Olímpíade como se condenada por sua desonra. [6] Então, Alexandre, desejando adquirir uma origem divina e, ao mesmo tempo, libertar a mãe da infâmia, incita os sacerdotes, por meio de emissários, a responderem o que ele desejava. [7] Ingressando no templo, os sacerdotes, sem demora, saúdam-no como filho de Âmon. [8] Ele, feliz pela adoção do deus, ordena que fosse considerado como filho desse pai. [9] Logo, pergunta se se teria vingado de todos os assassinos de seu próprio pai. Responde-se que o pai dele não poderia ser assassinado nem morrer; a vingança do rei Filipe fora plenamente cumprida. [10] Tendo indagado uma terceira questão, responde-se que lhe seriam dadas a vitória em todas as guerras e a posse das terras. [11] Do mesmo modo, foi respondido aos seus próprios companheiros que venerassem Alexandre como um deus, não como um rei. [12] A partir de então, a insolência dele se ampliou, e uma espantosa soberba cresceu em seu ânimo, suprimida a afabilidade que aprendera com as letras dos gregos e os costumes dos macedônios. [13] De volta do templo de Âmon, fundou Alexandria e ordenou que essa colônia de macedônios fosse a capital do Egito.

[12, 1] Tendo escapado para a Babilônia, Dario pede a Alexandre, por meio de cartas, que lhe dê a oportunidade de resgatar as

redimendarum sibi captiuarum potestatem faciat, inque eam rem magnam pecuniam pollicetur. [2] Sed Alexander pretium captiuarum regnum omne, non pecuniam petit. [3] Interiecto tempore aliae epistulae Darii Alexandro redduntur, quibus filiae matrimonium et regni portio offertur. [4] Sed Alexander sua sibi dari rescripsit iussitque supplicem uenire, regni arbitria uictori permittere. [5] Tunc spe pacis amissa bellum Darius reparat et cum quadringentis milibus peditum, centum milibus equitum obuiam uadit Alexandro. [6] In itinere nuntiatur uxorem eius ex conlisione abiecti partus decessisse, eiusque mortem inlacrimatum Alexandrum exequiasque benigne prosecutum, idque eum non amoris, sed humanitatis causa fecisse; [7] nam semel tantum eam ab Alexandro uisam esse, cum matrem paruulasque filias eius frequenter consolaretur. [8] Tunc se ratus uere uictum, cum post proelia etiam beneficiis ab hoste superaretur, gratumque sibi esse, si uincere nequeat, quod a tali potissimum uinceretur. [9] Scribit itaque et tertias epistulas et gratias agit, quod nihil in suos hostile fecerit. [10] Offert deinde et maiorem partem regni usque Euphratem flumen et alteram filiam uxorem, pro reliquis captiuis XXX milia talentum. [11] Ad haec Alexander gratiarum actionem ab hoste superuacaneam esse respondit; [12] nec a se quicquam factum in hostis adulationem, nec quod in dubios belli exitus aut in leges

cativas e, para isso, promete uma grande quantia. [2] Mas Alexandre pede o reino inteiro como pagamento pelas cativas, não uma quantia. [3] Passado um tempo, outras cartas de Dario são recebidas por Alexandre, nas quais se oferecem a filha em matrimônio e uma porção do reino. [4] Mas Alexandre escreveu de volta que a si era dado o que já era seu e lhe ordenou que viesse como suplicante, deixando as decisões sobre o reino ao vitorioso. [5] Naquele momento, privado da esperança da paz, Dario recomeça a guerra e, com quatrocentos mil soldados de infantaria e cem mil de cavalaria, vai ao encontro de Alexandre. [6] No percurso, anunciam-lhe que a esposa dele teria morrido devido às complicações de um aborto, e que Alexandre teria chorado a morte dela e acompanhado, com benevolência, suas exéquias, e ele o teria feito não por amor, mas por humanidade; [7] com efeito, ela teria sido visitada por Alexandre uma única vez, embora ele tivesse, frequentemente, consolado a mãe e as filhas pequeninas dele. [8] Naquele momento, persuadiu-se de que fora, de fato, vencido, já que, após as batalhas, também fora superado pelo inimigo em generosidades e estaria agradecido, se não era capaz de vencer, por ser vencido, sobretudo, por tal inimigo. [9] E, assim, escreve também uma terceira carta e agradece por nada de hostil ter sido feito contra os seus. [10] Logo, oferece também a maior parte do reino até o rio Eufrates, uma outra filha como esposa e trinta mil talentos pelo resto dos prisioneiros. [11] A isto, Alexandre respondeu que o ato de agradecimento vindo de um inimigo seria supérfluo; [12] que nada se fez para adular o inimigo, nem porque buscasse, com agrados, ou dúbios desfechos para a guerra, ou termos de paz, [13] mas, por sua grandeza de ânimo, com que teria aprendido a lutar contra as forças militares dos inimigos, não contra



pacis sibi lenocinia quaereret, [13] sed animi magnitudine, qua didicerit aduersus uires hostium, non aduersus calamitates contendere; [14] polliceturque praestaturum se ea Dario, si secundus sibi, non par haberi uelit. [15] Ceterum neque mundum posse duobus solibus regi, nec orbem summa duo regna saluo statu terrarum habere. [16] Proinde aut deditionem ea die aut in posteram aciem paret; nec polliceatur sibi aliam, quam sit expertus, uictoriam.

[13, 1] Postera die aciem producunt, cum repente ante proelium confectum curis Alexandrum somnus adripuit. [2] Cum ad pugnam solus rex deesset, a Parmenione aegre excitatus, quaerentibus somni causas omnibus inter pericula, cum etiam in otio semper parcior fuerit, magno se aestu liberatum ait, somnumque sibi a repentina securitate datum, [3] quod liceat cum omnibus Darii copiis conflare; ueritum se longam belli moram, si Persae exercitum diuisissent. [4] Ante proelium utraque acies hostibus spectaculo fuit. [5] Macedones multitudinem hominum, corporum magnitudinem armorumque pulchritudinem mirabantur, Persae a tam paucis uicta suorum tot milia stupebant. [6] Sed nec duces circuire suos cessabant. [7] Darius uix denis Armeniis singulos hostes, si diuisio fieret, euenire dicebat; [8] Alexander Macedonas monebat, ne multitudinem hostium, nec corporis magnitudine uel coloris nouitate mouerentur; [9] tantum meminisse iubet, cum

suas calamidades; [14] e promete que concederá essas coisas a Dario, caso queira ser considerado como seu segundo, não seu igual. [15] De resto, também o mundo não poderia ser governado por dois sóis, nem o orbe ter dois reinos soberanos, estando intacta a condição das terras. [16] Portanto, que ou prepare a rendição naquele dia, ou, no próximo, a linha de batalha; e que não lhe prometa uma vitória diferente da que havia experimentado.

[13, 1] No dia seguinte, avançam à linha de batalha, quando, de repente, antes do combate, um sono apossou-se de Alexandre, esgotado pelas preocupações. [2] Como somente o rei faltasse à luta, foi acordado, com dificuldade, por Parmênio; a todos que perguntavam as causas de seu sono em meio aos perigos, quando, mesmo em época de paz, sempre fora mais parcimonioso, fala que se libertara de uma grande perturbação e que se entregara ao sono pela repentina segurança [3] de que lhe fosse permitido bater-se com todas as tropas de Dario; que estivera receoso de um longo prolongamento da guerra, caso os persas tivessem dividido seu exército. [4] Antes do combate, cada uma das linhas foi um espetáculo para os inimigos. [5] Os macedônios admiravam-se com a multidão de homens, com o tamanho de seus corpos e a beleza de suas armas; os persas espantavam-se que tão poucos venceram tantos milhares dos seus. [6] Mas também os comandantes não cessavam de circular entre os seus. [7] Dario dizia que, caso se fizesse uma divisão, mal caberia apenas um inimigo para dez armênios; [8] Alexandre advertia os macedônios para que não se demovessem pela multidão do inimigo, nem pelo tamanho do corpo ou pela

isdem se tertio pugnare; nec meliores factos putarent fuga, cum in aciem secum tam tristem memoriam caedium suarum et tantum sanguinis duobus proeliis fusi ferrent; [10] et quemadmodum Dario maiorem turbam hominum esse, sic uirorum sibi. [11] Hortatur, spernant illam aciem auro et argento fulgentem, in qua plus praedae quam periculi sit, cum uictoria non ornamentorum decore, sed ferri uirtute quaeratur.

[14, 1] Post haec proelium committitur. Macedones in ferrum cum contemptu totiens a se uicti hostis ruebant; contra Persae mori quam uinci praeoptabant. [2] Raro in ullo proelio tantum sanguinis fusum est. [3] Darius cum uinci suos uideret, mori et ipse uoluit, sed a proximis fugere compulsus est. [4] Suadentibus deinde quibusdam ut pons Cydni fluminis ad iter hostium inpediendum intercluderetur, non ita se saluti suae uelle consultum ait ut tot milia sociorum hosti obiciat; debere et aliis fugae uiam patere, quae patuerit sibi. [5] Alexander autem periculosissima quaeque adgrediebatur, et ubi confertissimos hostes acerrime pugnare conspexisset, eo semper inmergebatur periculaque sua esse, non militis uolebat. [6] Hoc proelio Asiae imperium rapuit, quinto post acceptum regnum anno; [7] cuius tanta felicitas fuit ut post hoc nemo rebellare ausus sit patienterque Persae post imperium tot

estranheza de sua cor; [9] ordena que somente fosse lembrado que combatiam com aqueles mesmos pela terceira vez; que não pensassem que eles fizeram-se melhores com a fuga, quando traziam consigo, para a linha de batalha, tão triste memória do massacre dos seus e de tanto sangue derramado nas duas lutas; [10] e que, do mesmo modo que para Dario havia uma turba maior de homens, assim, para ele mesmo havia uma de guerreiros. [11] Exorta para que desprezem aquela linha de batalha que refulgia com ouro e prata, na qual haveria muito mais de pilhagem do que de perigo, já que a vitória não se busca com o esplendor de ornamentos, mas com a bravura do ferro. [14, 1] Depois disso, trava-se o combate. Os macedônios precipitavam-se ao ferro com desprezo a um inimigo que tantas vezes haviam vencido; por outro lado, os persas preferiam morrer a serem vencidos. [2] Raramente, em batalha alguma, tanto sangue foi derramado. [3] Como Dario via os seus sendo vencidos, quis também ele mesmo morrer, mas foi impelido pelos que estavam próximos a fugir. [4] Logo, aconselhando alguns para que fosse cortada a ponte do rio Cidno, de maneira a impedir a passagem do inimigo, diz não querer um plano para sua própria salvação a ponto de que lance tantos milhares de aliados ao inimigo; que devia estar aberto, também para a fuga dos outros, o caminho que se abrisse para ele. [5] Alexandre, em contrapartida, atirava-se a tudo o que era mais perigoso e sempre mergulhava para onde distinguisse que os inimigos, mais cerrados, combatiam mais ardentemente, e queria que os perigos fossem seus, não de seus soldados. [6] Nessa batalha, arrebatou a soberania da Ásia, cinco anos após ter aceitado o reinado; [7] a ventura dele foi tamanha que, após isso, ninguém ousou rebelar-se, e os persas, após tantos anos de soberania, aceitaram, com

annorum iugum seruitutis acceperint. [8] Donatis reffectisque militibus XXXIV diebus praedam recognouit. [9] In urbe deinde Susa XL milia talentum inuenit. [10] Expugnat et Persepolim, caput Persici regni, urbem multis annis inlustrem refertamque orbis terrarum spoliis quae interitu eius primum apparuere. [11] Inter haec octingenti admodum Graeci occurrunt Alexandro, qui poenam captiuitatis truncata corporis parte tulerant, rogantes ut sicuti Graeciam se quoque ab hostium crudelitate uindicaret. [12] Data potestate redeundi agros accipere maluerunt, ne non tam gaudium parentibus quam detestandum sui conspectum reportarent.

[15, 1] Interea Darius in gratiam uictoris a cognatis suis aureis conpedibus catenisque in uico Parthorum Thara uincitur, [2] credo ita diis immortalibus iudicantibus ut in terra eorum qui successuri imperio erant, Persarum regnum finiretur. [3] Alexander quoque citato cursu postera die superuenit; ibi cognouit Darium clauso uehiculo per noctem exportatum. [4] Iusso igitur exercitu subsequi cum sex milibus equitum fugientem insequitur; in itinere multa et periculosa proelia facit. [5] Emensus deinde plura milia passuum cum nullum Darii indicium repperisset, respirandi equis data potestate, unus e militibus, dum ad fontem proximum pergit, in uehiculo Darium multis quidem uulneribus confossum, sed spirantem adhuc inuenit; [6] qui applicito captiuo cum ciuem

resignação, o jugo da servidão. [8] Recompensados e restabelecidos os soldados, por trinta e quatro dias, inspecionou a pilhagem. [9] Logo, encontrou quarenta mil talentos na urbe de Susa. [10] Também toma de assalto Persépolis, capital do reino persa, urbe ilustre por muitos anos e enriquecida com os espólios do orbe terrestre, que apareceram, pela primeira vez, com a ruína dela. [11] Em meio a isso, saem ao encontro de Alexandre cerca de oitocentos gregos, os quais suportaram a pena do cativo com uma parte de seus corpos mutilada, rogando para que, como a Grécia, do mesmo modo, os libertasse da crueldade do inimigo. [12] Dada a permissão de retornar, preferiram aceitar terras aráveis, para que não levassem aos pais, no lugar de alegria, repulsa por seu próprio aspecto.

[15, 1] Entrementes, com vista à benevolência do vitorioso, Dario é acorrentado com grilhões e correntes de ouro por seus próprios familiares em uma aldeia dos partos, Tara, [2] tendo julgado os deuses imortais, assim creio, que o reinado dos persas fosse encerrado na terra daqueles que seriam os sucessores de sua soberania. [3] Alexandre, do mesmo modo, sobrevém, em uma marcha veloz, no dia seguinte; ali, descobriu que Dario fora levado, durante a noite, em um veículo fechado. [4] Tendo ordenado, então, ao exército que o seguisse, persegue o fugitivo com seis mil soldados de cavalaria; no percurso, provoca muitas e perigosas batalhas. [5] Logo, tendo percorrido muitas milhas, como não achava rastro algum de Dario, dada, aos cavalos, oportunidade para respirar, um de seus soldados, enquanto se encaminha a uma fonte próxima, encontra Dario no veículo, certamente, com múltiplas feridas, mas ainda respirando; [6] o qual, tendo-se aproximado um cativo, quando descobriu, pela voz, ser

ex uoce cognouisset, id saltem praesentis fortunae habere se solacium dixit quod apud intellecturum locuturus esset nec incassum postremas uoces emissurus. [7] Perferri haec Alexandro iubet: se nullis in eum meritorum officiis maximorum illi debitorem mori, quod in matre liberisque suis regium eius, non hostilem animum expertus feliciter hostem quam cognatos propinquosque sortitus sit; [8] quippe matri et liberis suis ab eodem hoste uitam datam, sibi a cognatis ereptam, quibus et uitam et regna dederit. [9] Quamobrem gratiam illis eam futuram quam ipse uictor uolet. [10] Alexandro referre se, quam solam moriens potest, gratiam, precari superum inferumque numina et regales deos ut illi terrarum omnium uictori contingat imperium. [11] Pro se iustam magis quam grauem sepulturae ueniam orare. [12] Quod ad ultionem pertineat, iam non suam, sed exempli communemque omnium regum esse causam, quam negligere illi et indecorum et periculosum esse; quippe cum in altero iustitiae eius, in altero etiam utilitatis causa uersetur. [13] In quam rem unicum pignus fidei regiae, dextram se ferendam Alexandro dare. Post haec porrecta manu expirauit. [14] Quae ubi Alexandro nuntiata sunt, uiso corpore defuncti tam indignam illo fastigio mortem lacrimis prosecutus est corpusque regio more sepeliri et reliquias eius maiorum tumulis inferri iussit.

um concidadão, disse haver ao menos um conforto para ele na presente condição, porque ia falar com quem o entenderia e também não emitiria suas últimas palavras em vão. [7] Ordena que estas sejam levadas a Alexandre: ele morria como devedor àquele dos maiores méritos, para quem nenhuma cortesia realizara, porque havia reconhecido nele o ânimo de um rei, não hostil à sua mãe e a seus filhos, sendo mais feliz em seu destino quanto ao inimigo do que quanto aos familiares e parentes, [8] pois, a vida que foi dada à sua mãe e a seus filhos pelo próprio inimigo, fora tomada de si pelos familiares, aos quais ele dera não só a vida, mas também reinos. [9] Por essa razão, a eles será destinado o favor que desejar o próprio vencedor. [10] Refere-se a Alexandre com o único favor de que, morrendo, é capaz: pede aos numes celestes e infernais e aos deuses protetores dos reis para que a soberania de todas as terras chegue a ele, vitorioso. [11] Para si, advogava pela graça, mais justa do que onerosa, de uma sepultura. [12] No que concerne à vingança, já não era sua, mas seria uma causa exemplar e comum a todos os reis, a qual lhe seria desonroso e perigoso negligenciar; porque, de um lado, está situada a causa da sua justiça, de outro, também, a da utilidade. [13] Para isso, oferecia sua mão direita, único penhor de fidelidade real, para ser levada a Alexandre. Após isso, tendo estendido a mão, faleceu. [14] Quando essas foram anunciadas a Alexandre, visto o corpo do defunto, acompanhou com lágrimas uma morte tão indigna àquele proeminência e ordenou sepultar o corpo conforme o costume real e levar os restos dele para o túmulo de seus antepassados.

## LIBER XII

[1, 1] Alexander in persequendo Dario amissos milites magnis funerum impensis extulit, reliquis expeditionis eius sociis tredecim milia talentum diuisit. [2] Equorum maior pars aestu amissa, inutiles etiam qui superfuerant facti. [3] Pecunia omnis, CXC milia talentum, Ecbatana congesta eique Parmenio praepositus. [4] Dum haec aguntur, epistulae Antipatri a Macedonia ei redduntur, quibus bellum Agidis, regis Spartanorum, in Graecia, bellum Alexandri, regis Epiri, in Italia, bellum Zopyrionis praefecti eius in Scythia continebatur. [5] Quibus uarie affectus plus tamen laetitiae cognitis mortibus duorum aemulorum regum quam doloris amissi cum Zopyrione exercitus cepit. [6] Namque post profectionem Alexandri Graecia ferme omnis in occasionem recipiendae libertatis ad arma concurrerat, [7] auctoritatem Lacedaemoniorum secuta, qui Philippi Alexandrique et pacem soli spreuerant et leges respuerant; dux huius belli Agis, rex Lacedaemoniorum, fuit. [8] Quem motum Antipater contractis militibus in ipso ortu oppressit. [9] Magna tamen utrimque caedes fuit. [10] Agis rex cum suis terga dantes uideret, dimissis satellitibus, ut Alexandro felicitate, non uirtute inferior uideretur, tantam stragem hostium edidit, ut agmina interdum fugaret. [11] Ad postremum etsi a multitudine uictus, gloria tamen omnes uicit.

## Livro XII

[1, 1] Alexandre fez enterrar, com grandiosos gastos nos funerais, os soldados perdidos enquanto perseguia Dario; distribuiu treze mil talentos ao restante de seus aliados na expedição. [2] Perdeu a maior parte dos cavalos com o calor, e os que sobraram também se tornaram inúteis. [3] Todo o dinheiro – cento e noventa mil talentos – foi reunido em Ecbátana e posto sob a guarda de Parmênio. [4] Enquanto essas ações sucedem-se, umas cartas de Antípatro, da Macedônia, são entregues a ele, nas quais era abordada a guerra de Ágis, rei dos espartanos, na Grécia; a guerra de Alexandre, rei do Épiro, na Itália; a guerra de Zopirião, seu intendente, na Cítia. [5] Afetado de vários modos por essas (notícias), experimentou, porém, mais alegria pelas mortes informadas de dois reis rivais do que dor pelo exército que perdera junto a Zopirião. [6] E, com efeito, após a partida de Alexandre, quase toda a Grécia acorrera às armas pela oportunidade de recuperar a liberdade, [7] seguindo o modelo dos lacedemônios, os únicos que rejeitaram a paz e que também rechaçaram as leis de Filipe e de Alexandre; o comandante dessa guerra foi Ágis, rei dos lacedemônios. [8] Antípatro, tendo reunido os soldados, oprimiu, no próprio início, esse motim. [9] Contudo, houve um enorme massacre de um lado e de outro. [10] O rei Ágis, como vira os seus dando as costas, dispensados seus guardas, para que fosse considerado como inferior a Alexandre em ventura, não em coragem, causou tamanha destruição aos inimigos, que, aqui e ali, pôs em fuga as guarnições. [11] Por fim, ainda que vencido por uma multidão, venceu, contudo, a todos em glória.

[2, 1] Porro Alexander, rex Epiri, in Italiam auxilia Tarentinis aduersus Bruttios deprecantibus sollicitatus, ita cupide profectus fuerat, uelut in diuisione orbis terrarum Alexandro, Olympiadis sororis suae, filio, Oriens, sibi Occidens sorte contigisset, [2] non minorem rerum materiam in Italia, Africa Siciliaque, quam ille in Asia et in Persis habiturus. [3] Huc accedebat, quod, sicut Alexandro Magno Delphica oracula insidias in Macedonia, ita huic responsum Dodonaei Iouis urbem Pandosiam amnemque Acherusium praedixerat. [4] Quae utraque cum in Epiro essent, ignarus eadem et in Italia esse, ad declinanda fatorum pericula peregrinam militiam cupidius egerat. [5] Igitur cum in Italiam uenisset, primum illi bellum cum Apulis fuit, [6] quorum cognito urbis fato breui post tempore pacem et amicitiam cum rege eorum fecit. [7] Erat namque tunc temporis urbs Apulis Brundisium, quam Aetoli secuti fama rerum in Troia gestarum clarissimum ac nobilissimum duce Diomedem condiderant; [8] sed pulsi ab Apulis consulentes oracula responsum acceperant, locum qui repetissent perpetuo possessuros. [9] Hac igitur ex causa per legatos cum belli comminatione restitui sibi ab Apulis urbem postulauerant; [10] sed ubi Apulis oraculum innotuit, interfectos legatos in urbe sepelierunt, perpetuam ibi sedem habituros. Atque ita defuncti responso diu urbem possederunt. [11] Quod factum cum

[2, 1] Além disso, Alexandre, rei do Épiro, chamado à Itália pelos tarentinos que clamavam por tropas auxiliares contra os brúlios, assim, pusera-se a caminho entusiasticamente, como se, na divisão do orbe terrestre, o Oriente fosse atribuído pela sorte a Alexandre, filho de sua irmã, Olímpíade, e o Ocidente a si mesmo; [2] não deveria ter menos oportunidade para feitos na Itália, na África e na Sicília do que aquele, na Ásia e na Pérsia. [3] A este ponto, ajuntar-se-ia que, assim como os oráculos délficos proclamaram a Alexandre, o Grande, que haveria insídias na Macedônia, assim, a este, a predição de Jove Dodônio fora sobre a urbe de Pandósia e a corrente do Aquerúsio. [4] Como ambas ficavam no Épiro, ignorante de que existiam lugares com o mesmo nome na Itália, lançou-se, com mais empenho, aos perigos de uma campanha estrangeira para se desviar do destino. [5] Então, quando chegou à Itália, a primeira guerra dele foi contra os apúlios; [6] conhecido o destino da urbe, após um breve tempo, firmou a paz e a amizade com o rei deles. [7] E, com efeito, naquele tempo, os apúlios estavam na urbe de Brundísio, a qual fundaram os etólios, seguindo Diomedes, comandante nobilíssimo e preclaríssimo pela fama de seus grandes feitos em Troia; [8] mas, expulsos pelos apúlios, consultando os oráculos, receberam a predição de que aqueles que reclamassem o local perpetuamente o possuiriam. [9] Por essa razão, então, tinham demandado aos apúlios, por meio de embaixadores, com ameaça de guerra, que lhes restituíssem a urbe; [10] mas, quando o oráculo veio ao conhecimento dos apúlios, sepultaram os embaixadores mortos na urbe, devendo ter ali sua morada perpétua. E, portanto, cumprida a predição, conservaram a urbe por muito tempo. [11] Quando Alexandre soube desse fato, tendo honrado os vaticínios do

cognouisset Alexander, antiquitatis fata ueneratus bello Apulorum abstinuit. [12] Gessit et cum Bruttiiis Lucanisque bellum multasque urbes cepit; cum Metapontinis et Poediculis et Romanis foedus amicitiamque fecit. [13] Sed Bruttii Lucanisque cum auxilia a finitimis contraxissent, acrius bellum repetiuere. [14] Ibi rex iuxta urbem Pandosiam et flumen Acheronta, non prius fatalis loci cognito nomine quam occideret, interficitur moriensque non in patria fuisse sibi periculosam mortem, propter quam patriam fugerat, intellexit. [15] Corpus eius Thurii publice redemptum sepulturae tradiderunt. [16] Dum haec in Italia aguntur, Zopyrion quoque, praefectus Ponti ab Alexandro Magno relictus, otiosum se ratus si nihil et ipse gessisset, adunato XXX milium exercitu Scythis bellum intulit [17] caesusque cum omnibus copiis poenas temere inlati belli genti innoxiae luit.

[3, 1] Haec cum nuntiata in Parthia Alexandro essent, simulato maerore propter Alexandri cognationem exercitui suo triduo luctum indixit. [2] Omnibus deinde uelut perpetrato bello reditum in patriam expectantibus coniugesque ac liberos suos animo iam quodam modo complectentibus ad contionem exercitum uocat. [3] Ibi nihil actum tot egregiis proeliis ait, si incolumis orientalis barbaria relinquatur; nec se corpus, sed regnum Darii petisse; persequendosque eos esse, qui a regno defecerint. [4] Hac oratione

passado, absteve-se da guerra com os apúlios. [12] Travou guerra com os brúlios e os lucanos e tomou muitas urbes; firmou amizade e acordo com os metapontinos, os peucetianos e os romanos. [13] Mas como os brúlios e os lucanos tinham reunido as tropas auxiliares dos vizinhos, retomaram a guerra com maior ímpeto. [14] Ali, o rei é liquidado, ao lado da urbe de Pandósia e do rio Aqueronte, antes que lhe fosse conhecido o nome do local fatal em que caía e, morrendo, compreendeu que sua perigosa morte não estava na pátria, visto que fugira da pátria. [15] Os túrios entregaram o corpo dele, resgatado com recursos públicos, à sepultura. [16] Enquanto essas ações sucedem-se na Itália, do mesmo modo, Zopirião, deixado por Alexandre, o Grande, como intendente do Ponto, julgando-se ocioso se também ele nada empreendesse, reunido um exército de trinta mil homens, levou guerra aos citas [17] e, massacrado com todas as tropas, expiou as penas por uma guerra temerariamente lançada a uma gente inofensiva.

[3, 1] Quando isso foi anunciado a Alexandre na Pártia, com simulado pesar pelo parentesco com Alexandre, declarou um luto de três dias a seu exército. [2] Logo, tendo todos esperado o retorno à pátria, como se a guerra estivesse terminada, e já, de certo modo, em mente abraçando suas esposas e filhos, convoca o exército para uma assembleia. [3] Ali, fala que nada fora realizado com tantas batalhas egrégias, se a barbárie do Oriente era deixada incólume; também que não teria buscado o corpo, mas o reino de Dario; e que deveriam ser perseguidos aqueles que desertaram do reino. [4] Incitados, por esse discurso, os ânimos dos soldados como se a seu estado original,

uelut ex integro incitatis militum animis Hyrcaniam Mardosque subegit. [5] Ibi ei occurrit Thalestris siue Minythia, Amazonum regina, cum CCC mulieribus XXXV dierum inter confertissimas gentes itinere confecto ex rege liberos quaesitura; [6] cuius conspectus aduentusque admirationi omnibus fuit et propter insolitum feminis habitum et propter expetitum concubitum. [7] Ob hoc tredecim diebus otio a rege datis, ut est uisa uterum implesse, discessit. [8] Post haec Alexander habitum regum Persarum et diadema insolitum antea regibus Macedonicis, uelut in leges eorum quos uicerat, transiret, adsumit. [9] Quae ne inuidiosius in se uno conspicerentur, amicos quoque suos longam uestem auratam purpureamque sumere iubet. [10] Vt luxum quoque sicut cultum Persarum imitaretur, inter paelicum regiarum greges electae pulchritudinis nobilitatisque noctium uices diuidit. [11] His rebus ingentes epularum apparatus adicit, ne ieiuna et destructa<sup>470</sup> luxuria uideretur, conuiuiumque iuxta regiam magnificentiam ludis exornat, [12] inmemor prorsus tantas opes amitti his moribus, non quaeri solere.

submeteu a Hircânia e os mardos. [5] Ali, tendo feito um percurso por trinta e cinco dias, passando pelas gentes mais populosas, Taléstris – ou Minitia –, rainha das amazonas, buscando ter filhos com o rei<sup>471</sup>, vem a seu encontro com trezentas mulheres, [6] cuja visão e chegada fora admirável para todos devido à sua indumentária incomum para mulheres e também devido à união almejada. [7] Por isso, tendo oferecido, o rei, treze dias de ócio, quando ela considerou ter engravidado, retirou-se. [8] Depois disso, Alexandre toma a indumentária dos reis persas e o diadema antes incomum para os reis macedônicos, como se tivesse aderido às leis daqueles que vencera. [9] E para que esses não fossem vistos como algo mais odioso por serem apenas dele, ordena que seus próprios amigos adotem, do mesmo modo, uma longa veste dourada e purpúrea. [10] Para que fosse imitado, do mesmo modo, o luxo assim como a cultura dos persas, distribui os turnos da noite entre os bandos de concubinas reais, escolhidas por sua beleza e nobreza. [11] A isso, soma grandiosos preparativos de festins, de modo que seu excesso não parecesse escasso e decadente, e embeleza o banquete com jogos segundo a magnificência régia, [12] sem se lembrar, em suma, que tamanhas riquezas costumam ser perdidas por esses costumes, não obtidas.

<sup>470</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) traz, em sua edição, que o consenso para este vocábulo é *destructa* – traduzindo-o, inclusive, como *déstructuré* –, entretanto, aponta que há *adstricta*, na edição de Ruehl, *dstricta*, na de Seel, e *restricta*, na de Galdi. Mineo (2018, p. 29, cf. Justin) segue Seel. Wetzel (1823, p. 244, cf. Justinus) propõe, em relação a esta passagem, que: “[a]ssim como o reinado dos persas foi destruído, o excesso dos persas, igualmente, seria visto como algo a ser destruído”; *Ne cum Persarum regno destructo destructa simul uideretur esse luxuria Persarum*. Watson (1853, recurso online) considera que o texto está corrompido, inclinando-se a *restricta* e traduzindo-o como *parsimonious*. Castro Sánchez (2008, p. 234, cf. Justino; Pompeyo Trogo), que segue Seel, traduz como *pobre*, e Mineo, *pauvre*.

<sup>471</sup> Cf. Just. 2.4.33 e 42.3.7.



[4, 1] Inter haec indignatio omnium totis castris erat, a Philippo illum patre tantum degenerasse, ut etiam patriae nomen eiuraret moresque Persarum adsumeret, quos propter tales mores uicerat. [2] Sed ne solus uitiiis eorum quos armis subiecerat, succubuisse uideretur, militibus quoque suis permisit, si quarum captiuarum consuetudine tenerentur, ducere uxores, [3] existimans minorem in patriam reditus cupiditatem futuram habentibus in castris imaginem quandam larum ac domesticae sedis; [4] simul et laborem militiae molliorem fore dulcedine uxorum. [5] In supplementa quoque militum minus exauriri posse Macedoniam, si ueteranis patribus tirones filii succederent militaturi in uallo in quo essent nati, [6] constantioresque futuri si non solum tirocinia, uerum et incunabula in ipsis castris posuissent. [7] Quae consuetudo in successoribus quoque Alexandri mansit. [8] Igitur et alimenta pueris statuta et instrumenta armorum equorumque iuuenibus data, et patribus pro numero filiorum praemia statuta. [9] Si quorum patres occidissent, nihilo minus pupilli stipendia patrum trahebant, quorum pueritia inter uarias expeditiones militia erat. [10] Itaque a paruula aetate laboribus periculisque indurati inuictus exercitus fuere, neque castra aliter quam patriam neque pugnam aliud umquam quam uictoriam duxere. [11] Haec suboles nomen habuit Epigoni. [12] Parthis deinde domitis

[4, 1] Enquanto isso, por todo o acampamento havia uma indignação geral, porque ele teria degenerado a tal ponto em relação a seu pai, que também rejeitara o nome da pátria e assumira os costumes dos persas. [2] Mas, para que não parecesse ter sucumbido sozinho aos vícios daqueles que submetera pelas armas, permitiu, do mesmo modo, a seus próprios soldados, se tinham uma ligação com suas cativas, tomá-las como esposas, [3] julgando que o desejo de voltar à pátria deveria ser menor ao terem, nos acampamentos, alguma semelhança dos lares e da morada doméstica; [4] igualmente, o trabalho militar também seria mais brando com a doçura das esposas. [5] Ademais, poderia, do mesmo modo, exaurir menos a Macedônia, se os filhos, recrutas, rendessem a seus pais, veteranos, para cumprir o serviço militar na trincheira em que haviam nascido [6] e deveriam ser mais firmes se tinham, no mesmo acampamento, não só os primeiros estudos da guerra, como também o berço. [7] Esse hábito perdurou, do mesmo modo, com os sucessores de Alexandre. [8] Então, foram fixadas provisões para os meninos, e dadas as equipagens de armas e cavalos aos jovens, e fixados os prêmios aos pais conforme o número de filhos. [9] Se os pais deles caíssem, contudo, os órfãos, cuja infância ocorria em meio a várias expedições militares, não recebiam menos dos soldos dos pais. [10] E, assim, endurecidos, desde a tenra idade, por trabalhos e perigos, foram um exército invicto e não consideraram o acampamento senão como a pátria, nem o combate nunca como outra coisa senão a vitória. [11] Esta linhagem teve o nome de epígonos. [12] Logo, subjugados os partos, Andrágoras é designado dentre estes nobres persas como seu intendente; daí, posteriormente, os reis dos partos tiveram sua origem.

praefectus his statuitur ex nobilibus Persarum Andragoras; inde postea originem Parthorum reges habuere.

[5, 1] Interea Alexander non regie, sed hostili odio saeuire in suos coepit. [2] Maxime indignabatur carpi se sermonibus suorum patris Philippi patriaeque mores subuertisse. [3] Propter quae crimina Parmenio quoque senex, dignitate regi proximus, cum Philota filio, de utroque prius quaestionibus habitis, interficitur. [4] Fremere itaque omnes uniuersis castris coepere innoxii senis filiique casum miserantes, interdum se quoque non debere melius sperare dicentes. [5] Quae cum nuntiata Alexandro essent, uerens ne haec opinio etiam in Macedoniam diulgaretur et uictoriae gloria saeuitiae macula infuscaretur, simulat se ex amicis quosdam in patriam uictoriae nuntios missurum. [6] Hortatur milites suis scribere, rariorem habituros occasionem propter militiam remotiorem. [7] Datos fascas epistularum tacite ad se deferri iubet; [8] ex quibus cognito de se singulorum iudicio in unam cohortem eos qui de rege durius opinati fuerant, contribuit, aut consumpturus eos aut in ultimis terris in colonias distributurus. [9] Inde Drancas, Euergetas uel Parimas, Parapammenos, Adasprios ceterosque populos, qui in radice Caucasi morabantur, subegit. [10] Interea unus ex amicis Darii Bessus uinctus perducitur, qui regem non solum prodiderat, uerum et interfecerat. [11] Quem in ultionem

[5, 1] Entrementes, Alexandre começa a se enfurecer com os seus não com o ódio de um rei, mas com o de um inimigo. [2] Indignava-se, excessivamente, se, nos diálogos com os seus, fosse repreendido por ter arruinado os costumes de seu pai Filipe e da pátria. [3] Devido a essas acusações, é assassinado, do mesmo modo, o ancião Parmênio – próximo em dignidade a um rei – junto a seu filho, Filotas, tendo antes questionado um e outro. [4] E, assim, pelo acampamento inteiro, todos começaram a murmurar, compadecendo-se com a desgraça do ancião e do filho inocentes, dizendo que, por outro lado, não deveriam, do mesmo modo, esperar por algo melhor. [5] Quando isso foi anunciado a Alexandre, receando que essa opinião também se espalhasse pela Macedônia, e que a glória de sua vitória se ofuscasse pela mácula de sua fúria, simula que enviaria alguns de seus amigos à pátria como mensageiros de sua vitória. [6] Exorta os soldados, que teriam mais rara ocasião para isso devido a uma campanha mais remota, a escreverem aos seus. [7] Ordena que lhe sejam levados, em segredo, os maços de cartas entregues; [8] a partir das quais, conhecido o juízo de cada um a seu respeito, reuniu em uma mesma hoste aqueles que tinham opinado mais duramente sobre o rei, para ou aniquilá-los ou, nos confins de seus territórios, distribuí-los em colônias. [9] Daí, submeteu drancas, euergetas ou parimas, parapammenos, adásprios e outros povos que se encontravam ao pé do Cáucaso. [10] Entrementes, um dos amigos de Dario, Besso, é conduzido amarrado até ele, o qual não só traiçoeira o rei, como, de fato, o matara. [11] Ele foi levado por um irmão de Dario para ser torturado em vingança por sua

perfidiae excruciantum fratri Darii tradidit, reputans non tam hostem suum fuisse Darium quam amicum eius a quo esset occisus. [12] Et ut his terris nomen relinqueret, urbem Alexandream super amnem Tanaim condidit, intra diem septimum decimum muro sex milium passuum consummato, translatis eorum ciuitatum populis, quas Cyrus condiderat. [13] In Bactrianis quoque Sogdianisque XII urbes condidit, distributis his, quoscumque in exercitu seditiosos habebat.

[6, 1] His ita gestis sollemni die amicos in conuiuium uocat, [2] ubi orta inter ebrios rerum a Philippo gestarum mentione praeferre se patri ipse rerumque suarum magnitudinem extollere caelo tenus coepit adstante maiore conuiuiarum parte. [3] Itaque cum unus e senibus, Clitos, fiducia amicitiae regiae, cuius palmam tenebat, memoriam Philippi tueretur laudaretque eius res gestas, adeo regem offendit, ut telo a satellite rapto eundem in conuiuio trucidauerit. [4] Qua caede exultans mortuo patrocinium Philippi laudemque paterna militiae obiebat. [5] Postquam satiatus caede animus conqueiuit et in irae locum successit aestimatio, modo personam occisi, modo causam occidendi considerans, pigere eum facti coepit; [6] quippe paternas laudes tam iracunde accepisse se quam nec conuicia debuisset, amicumque senem et innoxium a se occisum inter epulas et pocula dolebat. [7] Eodem igitur furore in

perfidia, considerando que Dario não fora tanto um inimigo seu quanto um amigo daquele por quem fora morto. [12] E, para que deixasse seu nome nessas terras, fundou a urbe de Alexandria próxima à corrente do Tánais; concluído, em dezessete dias, seu muro de seis mil passos, o povo de três cidades que Ciro fundara foi transferido para ela. [13] Do mesmo modo, fundou doze urbes nos territórios dos bactras e dos sogdianos, tendo distribuído nelas aqueles revoltosos que tinha em seu exército.

[6, 1] Assim, após esses feitos, em um dia solene, chama os amigos a um banquete, [2] em que, principiada, entre os ébrios, a menção aos feitos realizados por Filipe, ele mesmo, assentindo a maior parte dos convidados, começou a se colocar acima de seu pai e a exaltar a grandeza das suas próprias ações. [3] E, assim, quando um dos anciões, Clito, em confiança à amizade do rei, cuja palma segurava, defendeu a memória de Filipe e louvou os feitos dele, tanto ofendeu ao rei que, com um dardo tomado de seu guarda, o trucidou em meio ao banquete. [4] Exultante com esse massacre, opunha-se à defesa de Filipe e ao louvor das campanhas paternas pelo morto. [5] Depois que seu ânimo, saciado pelo massacre, acalmou-se, e, no lugar da ira, sucedeu o juízo, considerando ora a pessoa morta, ora a causa de o ter matado, começou a se arrepender do que havia feito; [6] pois teria ouvido louvores ao pai com uma ira tal que não estaria reservada nem mesmo aos insultos e lhe doía que um amigo velho e inofensivo tivesse sido morto por ele em meio aos festins e às bebidas. [7] Convertido, então, ao remorso com o mesmo furor com que antes fora à ira, quis morrer.

paenitentiam quo pridem in iram uersus mori uoluit. [8] Primum in fletus progressus amplecti mortuum, uulnera tractare, et quasi audienti confiteri dementiam, adreptumque telum in se uertit peregissetque facinus, nisi amici interuenissent. [9] Mansit haec uoluntas moriendi etiam sequentibus diebus. [10] Accesserat enim paenitentiae nutricis suae et sororis Cliti recordatio, cuius absentis eum maxime pudebat: [11] tam foedam illi alimentorum suorum mercedem redditam, ut, in cuius manibus pueritiam egerat, huic iuuenis et uictor pro beneficiis funera remitteret. [12] Reputabat deinde, quantum in exercitu suo, quantum apud deuictas gentes fabularum atque inuidiae, quantum apud ceteros amicos metum et odium sui fecerit, [13] quam amarum et triste reddiderit conuiuium suum, non armatus in acie quam in conuiuio terribilior. [14] Tunc Parmenion et Philotas, tunc Amyntas consobrinus, tunc nouerca fratresque interfecti, tunc Attalus, Eurylochus, Pausanias aliique Macedoniae extincti principes occurrerunt. [15] Ob haec illi quadriduo perseuerata inedia est, donec exercitus uniuersi precibus exoratus est, precantis, ne ita mortem unius doleat, [16] ut uniuersos perdat quos in ultimam deductos barbariam inter infestas et inritas bello gentes destituat. [17] Multum profuere Callisthenis philosophi preces; condiscipulatu apud Aristotelen familiaris illi et tunc ab ipso rege ad prodenda memoriae acta eius accitus.

[8] Primeiro, começando a chorar, abraça o morto, toca suas feridas e lhe confessa seu desvario como se ele o ouvisse e vira o arremessado dardo contra si e teria levado a cabo a falta, se os amigos não tivessem intervindo. [9] Essa vontade de morrer ainda permaneceu pelos dias seguintes. [10] De fato, acrescera ao remorso a lembrança da irmã de Clito e sua própria ama, de quem, ausente, ele envergonhava-se imensamente: [11] tão horrenda recompensa por suas provisões foi por ele restituída, porque ele, jovem e vencedor, entregara um funeral em paga dos cuidados àquela em cujas mãos estivera na infância. [12] Logo, refletia sobre o quanto de histórias e de rejeição teria produzido em seu próprio exército, o quanto entre as gentes vencidas, o quanto de medo e de ódio a si junto aos outros amigos, [13] quão amargo e triste tornara-se o seu banquete, não sendo ele mais terrível estando armado na linha de batalha do que em um banquete. [14] Então, vieram a seu encontro Parmênio e Filotas, então, Amintas, seu primo, então, a madrastra e os irmãos mortos, então, Átalo, Euríloco, Pausânias e outros aristocratas da Macedônia extintos. [15] Por isso, ele esteve quatro dias sem comer, até que foi dissuadido pelas preces de todo o exército, que pede para que não lhe doesse assim a morte de um único, [16] a ponto de dizimar a todos aqueles conduzidos à mais longínqua barbárie, abandoná-los entre gentes hostis e agastadas pela guerra. [17] Foram muito úteis as preces do filósofo Calístenes, ligado a ele como condiscípulo de Aristóteles e chamado, então, para junto do próprio rei para transmitir as memórias dos atos dele. [18] Convocado, então, seu ânimo para a guerra, aceitou a rendição dos corasmos e dos dahas.

[18] Reuocato igitur ad bella animo Chorasmos et Dahas in deditionem accepit.

[7, 1] Dein, quod primo ex Persico superbiae regiae more distulerat ne omnia pariter inuidiosiora essent, non salutari, sed adorari se iubet. [2] Acerrimus inter recusantes Callisthenes fuit. Quae res et illi et multis principibus Macedonum exitio fuit, siquidem sub specie insidiarum omnes interfecti. [3] Retentus tamen est a Macedonibus mos salutandi regis explosa adoratione. [4] Post haec Indiam petit, ut Oceano ultimoque Oriente finiret imperium. [5] Cui gloriae ut etiam exercitus ornamenta conuenirent, phaleras equorum et arma militum argento inducit exercitumque suum ob argenteos clipeos Argyraspidas appellauit. [6] Cum ad Nysam urbem uenisset, oppidanis non repugnantibus fiducia religionis Liberi patris, a quo condita urbs erat, parci iussit, laetus non militiam tantum, uerum et uestigia se dei secutum. [7] Tunc ad spectaculum sacri montis duxit exercitum, naturalibus bonis, uite hederaque, non aliter uestiti, quam si manu cultus colentiumque industria exornatus esset. [8] Sed exercitus eius, ubi ad montem accessit, repentino impetu mentis in sacros dei ululatus instinctus cum stupore regis sine noxa discurrit, ut intellegeret non tam oppidanis se parcendo quam exercitui suo consuluisse. [9] Inde montes Daedalos regnaque Cleophris

[7, 1] Depois, ocorreu o que, de início, refreara quanto ao costume persa para que as arrogâncias régias não fossem todas ao mesmo tempo mais odiosas: ordena que não seja saudado, mas adorado. [2] Entre os que se recusavam mais veementemente estava Calístenes. Essa ação foi a ruína não só dele<sup>472</sup>, mas de muitos aristocratas macedônios, visto que todos foram mortos, sob a acusação de tramar insídias. [3] Contudo, rejeitada a adoração ao rei pelos macedônios, o costume de saudá-lo é mantido. [4] Após isso, ataca a Índia, de modo a delimitar sua soberania no Oceano e no Oriente mais longínquo. [5] Para que os equipamentos do exército também convergissem a essa glória, cobriu os arneses dos cavalos e as armas dos soldados de prata e chamou seu exército de argiráspidas, devido a seus escudos argênteos. [6] Quando chegou à urbe de Nisa, dado que os habitantes não opusessem resistência por confiança ao culto do pai Líber, por quem a urbe fora fundada, ordenou serem poupados, feliz não só por tamanha campanha do deus, como também por ter seguido seus passos. [7] Então, conduziu seu exército até o espetáculo do monte sagrado, repleto de belezas naturais, de videira e de hera como se fosse cultivado por mãos e ornamentado pela perícia de cultivadores. [8] Mas o exército dele, quando se aproximou do monte, instigado a enunciar os gritos sagrados do deus por um repentino ímpeto da mente, corre, para assombro do rei, de um lado para outro sem se ferir, de modo que ele compreendeu ter decidido poupar não tanto aqueles habitantes quanto o seu próprio

<sup>472</sup> Cf. Just. 15.3.3-6.

reginae petit. Quae cum se dedidisset ei, concubitu redemptum regnum ab Alexandro recepit, inlecebris consecuta, quod armis non poterat; [10] filiumque ab eo genitum Alexandrum nominavit, qui postea regno Indorum potitus est. [11] Cleophris regina propter prostratam pudicitiam scortum regium ab Indis exinde appellata est. [12] Peragrata India cum ad saxum mirae asperitatis et altitudinis, in quod multi populi confugerant, peruenisset, cognoscit Herculem ab expugnatione eiusdem saxi terrae motu prohibitum. [13] Captus itaque cupidine Herculis acta superare cum summo labore ac periculo potitus saxo omnes eius loci gentes in deditorem accepit.

[8, 1] Vnus ex regibus Indorum fuit, Porus nomine, uiribus corporis et animi magnitudine pariter insignis, [2] qui bellum iam pridem audita Alexandri opinione in aduentum eius parabat. [3] Commisso itaque proelio exercitum suum Macedonas inuadere iubet, sibi regem eorum priuatum hostem deposcit. [4] Nec Alexander pugnae moram fecit; sed prima congressione uulnerato equo cum praeceps ad terram decidisset, concursu satellitum seruatur. [5] Porus multis uulneribus obrutus capitur. [6] Qui uictum se adeo doluit ut, cum ueniam ab hoste accepisset, neque cibum sumere uoluerit neque uulnera curari passus sit aegreque sit ab eo obtentum ut uellet uiuere. [7] Quem Alexander ob honorem uirtutis incolumem in

exército. [9] Dali, ataca os montes Dédalos e os reinos da rainha Cleófide. Esta, após se ter rendido a ele, recebeu seu reino de volta ao se deitar com Alexandre, tendo conseguido com seus encantos aquilo que não pudera com as armas; [10] e chamou o filho dele concebido de Alexandre, o qual, depois, apossa-se do reino dos indos. [11] A rainha Cleófide, por ter prostituído sua castidade, é chamada, desde então, de cortesã real pelos indos. [12] Percorrida a Índia, quando chega a uma pedra de admirável rigidez e altura, em que muitos povoados refugiaram-se, soube que Hércules fora impedido de tomar aquela pedra por um terremoto. [13] E, assim, invadido pelo desejo de superar os atos de Hércules, apossando-se da pedra com enorme trabalho e perigo, aceitou a rendição de todas as gentes daquele lugar.

[8, 1] Entre os reis dos indos havia um chamado Poro, insigne, igualmente, por suas forças físicas e sua grandeza de ânimo, [2] o qual, já antes ouvido o rumor sobre Alexandre, preparava a guerra para a sua chegada. [3] E, assim, travada a batalha, ordena seu exército a assaltar os macedônios; reivindica o rei deles para si como um inimigo pessoal. [4] E Alexandre também não fez demorar o combate, mas, ferido seu cavalo no primeiro confronto, tendo caído de cabeça ao chão, é salvo pela confluência de seus guardas. [5] Poro, coberto por muitas feridas, é capturado. [6] Esse a tal ponto se doeu por ser vencido que, quando recebeu a graça do inimigo, não quis aceitar comida, nem permitiu que suas feridas fossem curadas, e penosamente se obteve dele que desejasse viver. [7] Alexandre, em honra à sua virtude, entrega-o, incólume, a seu reino. [8] Fundou, ali, duas urbes; a uma chamou de Nicea, a outra de Bucéfala, a partir do nome de seu cavalo. [9] Dali, toma de assalto

regnum remisit. [8] Duas ibi urbes condidit; unam Nicaeam, alteram ex nomine equi Bucephalen uocauit. [9] Inde Adrestas, Catheanos, Praesidas, Gangaridas caesis eorum exercitibus expugnat. [10] Cum ad Cufites uenisset, ubi eum hostium CC milia equitum opperiebantur, exercitus omnis non minus uictoriarum numero quam laboribus fessus lacrimis eum deprecatur finem tandem bellis faceret; [11] aliquando patriae reditusque meminisset, respiceret militum annos quibus uix aetas ad reditum sufficeret. [12] Ostendere alius canitiem, alius uulnera, alius aetate consumpta corpora, alius cicatricibus exhausta; [13] solos se esse qui duorum regum, Philippi Alexandrique, continuam militiam pertulerint. [14] Tandem orare, ut reliquias saltem suas paternis sepulcris reddat, quorum non studiis deficiatur quam annis, [15] ac, si non militibus, uel ipsi sibi parcat, ne fortunam suam nimis onerando fatiget. [16] Motus his tam iustis precibus uelut in finem uictoriae castra solito magnificentiora fieri iussit, quorum molitionibus et hostis terreretur et posteris admiratio sui relinqueretur. [17] Nullum opus laetius milites fecere. Itaque caesis hostibus cum gratulatione in eadem reuerterunt.

[9, 1] Inde Alexander ad amnem Acesinem pergit; per hunc in Oceanum deuehitur. [2] Ibi Agensonas Sibosque, quos Hercules condidit,

os adrestas, os cateanos, os présidas, os gangáridas, massacrados os exércitos deles. [10] Quando chegou aos cufites, onde o esperavam duzentos mil soldados de cavalaria inimigos, seu exército inteiro, esgotado não menos pelo número de vitórias quanto pelas atribulações, clama, em lágrimas, para que desse um fim às guerras; [11] que se lembrasse, finalmente, da pátria e do retorno; que considerasse a idade dos soldados, aos quais o tempo de vida dificilmente bastava para o retorno. [12] Uns mostraram seus cabelos brancos, outros, os corpos debilitados pela idade, outros, arruinados por cicatrizes; [13] eles seriam os únicos a suportar uma contínua campanha de dois reis, Filipe e Alexandre. [14] Por fim, pediram que ele devolvesse, ao menos, aos sepulcros paternos os restos mortais daqueles por quem seria abandonado não tanto por seus esforços quanto pela idade, [15] e, se não aos soldados, ao menos poupasse a si próprio, para que não cansasse a própria sorte, sobrecarregando-a demasiadamente. [16] Movido por essas preces tão justas, como se para o final de sua vitória, ordenou que fosse feito um acampamento mais esplendoroso que o habitual, por cujas construções ele espantasse os inimigos e deixasse aos pósteros admiração a seu respeito. [17] Obra alguma os soldados fizeram mais felizes. E, assim, massacrados os inimigos, retornaram a ela com gratidão.

[9, 1] Dali, Alexandre marcha à corrente do Acesines; por ela, desce até o Oceano. [2] Ali, aceita a rendição dos agensonas e dos sibos, os quais Hércules fundou. [3] De lá,

in deditionem accepit. [3] Hinc in Mandros et Sugambros nauigat, quae gentes eum armatis LXXX milibus peditum et LX milibus equitum excipiunt. [4] Cum proelio uictor esset, exercitum ad urbem eorum ducit. [5] Quam desertam a defensoribus cum de muro, quem primus ceperat, animaduertisset, in urbis planitiem sine ullo satellite desiluit. [6] Itaque cum eum hostes solum conspexissent, clamore edito undique concurrunt, si possint in uno capite orbis bella finire et ultionem tot gentibus dare. [7] Nec minus Alexander constanter restitit et unus aduersus tot milia proeliatur. [8] Incredibile dictu est ut eum non multitudo hostium, non uis magna telorum, non tantus lacessentium clamor terruerit, solus tot milia ceciderit ac fugauerit. [9] Vbi uero obrui multitudine se uidit, trunco se, qui propter murum stabat, adplicuit, [10] cuius auxilio tutus cum diu agmen sustinuisset, tandem cognito periculo eius amici ad eum desiliunt, ex quibus multi caesi; [11] proeliumque tam diu anceps fuit, quoad omnis exercitus muris deiectis in auxilium ueniret. [12] In eo proelio sagitta sub mamma traiectus cum sanguinis fluxu deficeret, genu posito tam diu proeliatu est, donec eum, a quo uulneratus fuerat, occideret. [13] Curatio uulneris grauior ipso uulnere fuit.

[10, 1] Itaque ex magna desperatione tandem

navega até os mandros e os sugambros<sup>473</sup>, gentes que o receberam com armadas de oitenta mil soldados de infantaria e sessenta mil soldados de cavalaria. [4] Como fora vencedor na batalha, conduz seu exército à urbe deles. [5] Como notara, a partir do muro, do qual fora o primeiro a se apoderar, que ela estava abandonada pelos seus defensores, saltou ao plano da urbe sem qualquer guarda. [6] E, assim, quando os inimigos distinguiram-no sozinho, gerado um clamor, acorreram de todos os lados, como se pudessem, com uma única cabeça, acabar com as guerras do orbe e dar vingança a tantas gentes. [7] E Alexandre também não resistiu com menor firmeza e, sozinho, combate contra tantos mil. [8] É algo incrível de ser dito como nem a multidão de inimigos, nem a grande força dos dardos, nem tamanho clamor dos que o perseguem o aterraram; sozinho, abateu e pôs em fuga a tantos mil. [9] Quando, porém, viu-se sendo esmagado pela multidão, encostou-se a um tronco, que estava em pé ao lado do muro, [10] com cujo auxílio, seguro, susteve o esquadrão por muito tempo. Por fim, reconhecido o perigo, saltam até ele os seus amigos, muitos dos quais são massacrados; [11] e a batalha esteve ambígua por um tempo muito longo, até que todo o exército, derrubados os muros, veio em auxílio. [12] Nessa batalha, atravessado por uma flecha abaixo do peito, tombou devido à perda de sangue; caído de joelhos combateu, por um tempo muito longo, até matar aquele por quem fora ferido. [13] A recuperação dessa ferida foi mais severa que a própria ferida.

[10, 1] E, assim, salvo, enfim, de um enorme

<sup>473</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica que os manuscritos tendem a corrigir este nome para *Sudracas*, que seria o nome grego para os xudracas, contudo, aponta que o erro seria de Pompeio Trogo que confundira um povo distante da Índia com um gaulês mais próximo de si.



saluti redditus Polyperconta cum exercitu Babyloniam mittit, ipse cum lectissima manu nauibus conscensis Oceani litora peragrat. [2] Cum uenisset ad urbem Ambigeri regis, oppidani inuictum ferro audientes sagittas ueneno armant atque ita gemino mortis uulnere hostem a muris submouentes plurimos interficiunt. [3] Cum inter multos uulneratus etiam Ptolomeus esset moriturusque iam iamque uideretur, per quietem regi monstrata in remedia ueneni herba est, qua in potu accepta statim periculo liberatus est maiorque pars exercitus hoc remedio seruata. [4] Expugnata deinde urbe reuersus in nauem Oceano libamenta dedit, prosperum in patriam reditum precatus; [5] ac ueluti curru circa metam acto, positus imperii terminis, quatenus aut terrarum solitudines prodire passae sunt aut mare nauigabile fuit, secundo aestu ostio fluminis Indi inuehitur. [6] Ibi in monumenta a se rerum gestarum urbem Barcem condidit arasque statuit relicto ex numero amicorum litoralibus Indis praefecto. [7] Inde iter terrestre facturus, cum arida loca medii itineris dicerentur, puteos opportunis locis fieri praecepit, quibus ingenti dulci aqua inuenta Babyloniam redit. [8] Ibi multae deuictae

desespero, envia Poliperconte com o exército de volta para a Babilônia; ele mesmo, tendo embarcado em naus com uma tropa seleta, percorre os litorais do Oceano. [2] Quando chega à urbe do rei Ambiger<sup>474</sup>, os habitantes, tendo ouvido que era invulnerável ao ferro, armam-se de flechas com veneno e, assim, afastando o inimigo de seus muros com ferida duplamente mortal, assassinam muitíssimos. [3] Quando entre os muitos feridos também estava Ptolomeu e parecia que já estava a ponto de morrer, uma planta, remédio para o veneno, é mostrada para o rei durante o sono, com a qual, recebida em uma bebida, livrou-se, sem demora, do perigo, e a maior parte do exército foi salva com esse remédio. [4] Logo, tomada a urbe, de volta à nau, ofereceu libações ao Oceano, tendo pedido um retorno bem-sucedido à pátria; [5] e, como se com uma carruagem tivesse corrido ao redor da meta<sup>475</sup>, assentados os limites de sua soberania, até onde ou as solidões terrestres estavam abertas para avançar ou o mar era navegável, é transportado por uma maré tranquila à desembocadura do rio Indo. [6] Ali, fundou a urbe de Barce<sup>476</sup>, como um monumento de seus feitos, e ergueu altares, tendo deixado um dentre seus amigos como intendente dos litorais indos. [7] Dali, desejando fazer o percurso terrestre, como se dizia que estava em meio a locais áridos, instruiu para que fossem feitos poços em locais oportunos, com os quais, tendo sido encontrada uma grande quantidade de água doce, ele retornou à Babilônia. [8] Ali,

<sup>474</sup> Seria o rei chamado de Sambo (Σάμβου; *Sámbou*) por Diodoro Sículo (17.102.6) e Estrabão (15.1.33), ou de Sabbas (Σάββα; *Sábban*) em Plutarco (*Alex.* 64.1) (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online; Castro Sánchez, 2008, p. 244).

<sup>475</sup> A meta era algum sinal ou objeto que demarcava o fim de uma corrida. No caso do circo romano, em que ocorriam as corridas de carruagem, as metas eram colunas cônicas colocadas ao solo em cada um de seus fins. Assim, seria como se Alexandre houvesse terminado a sua corrida, atravessando a linha de chegada.

<sup>476</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 245), o registro desta cidade só aparece em Justino.

gentes praefectos suos accusauerunt, quos sine respectu amicitiae Alexander in conspectu legatorum necari iussit. [9] Filiam post haec Darii regis Statiram in matrimonium recepit; sed et optimatibus Macedonum lectas ex omnibus gentibus nobilissimas uirgines tradidit, ut communi facto crimen regis leuaretur.

[11, 1] Tunc ad contionem exercitum uocat et promittit se aes alienum omnium propria impensa soluturum, ut praedam praemiaque integra domos ferant. [2] Insignis haec munificentia non summa tantum, uerum etiam titulo muneris fuit nec a debitoribus magis quam a creditoribus gratius excepta, quoniam utrisque exactio pariter ac solutio difficilis erat. [3] XX milia talentum in hos sumptus expensa. [4] Dimissis ueteranis exercitum iunioribus supplet. [5] Sed retenti ueteranorum discessum aegre ferentes missionem et ipsi flagitabant nec annos, sed stipendia sua numerari iubebant, pariter in militiam lectos pariter sacramento solui aequum censentes. [6] Nec iam precibus, sed conuicio agebant, iubentes eum solum cum patre suo Hammone inire bella, quatenus milites suos fastidiat. [7] Contra ille nunc castigare milites, nunc lenibus uerbis monere, ne gloriosam militiam seditionibus infuscarent. [8] Ad postremum cum uerbis nihil proficeret, ad corripiendos seditionis auctores e tribunali in contionem armatam inermis ipse desiluit et nemine prohibente tredecim correptos manu sua ipse

muitas gentes vencidas acusaram os seus intendentes, os quais Alexandre, sem consideração à amizade, ordenou que fossem mortos na presença dos embaixadores. [9] Após isso, recebeu a filha do rei Dario, Estatira, em matrimônio e também entregou, aos aristocratas macedônios, as virgens mais nobres escolhidas dentre todas as gentes, para que, com disposição geral, fosse aliviada a censura do rei.

[11, 1] Então, chama o exército a uma assembleia e promete quitar com sua própria despesa as dívidas de todos eles, para que levem, a suas casas, a pilhagem e os despojos íntegros. [2] Essa generosidade foi insigne não só pela quantia, mas também pela premissa da oferta, e não foi acolhida com mais gratidão pelos devedores do que pelos credores, pois a cobrança e a quitação eram, ao mesmo tempo, difíceis para ambos. [3] Vinte mil talentos foram desembolsados para esses custos. [4] Dispensados os veteranos, completa o exército com os mais jovens. [5] Mas os que foram mantidos, suportando com pesar a retirada dos veteranos, rogavam também por sua própria baixa e exigiam não serem contados os anos, mas os seus serviços militares, julgando que os que foram, ao mesmo tempo, companheiros em campanha, também seriam livrados, igualmente, do juramento. [6] E já não o buscavam com preces, mas com insulto, exigindo que ele, sozinho com seu próprio pai, Âmon, começasse as guerras, visto que menosprezava os soldados. [7] Em contrapartida, ele ora repreendia os soldados, ora os advertia com palavras doces para não ofuscarem uma campanha gloriosa com revoltas. [8] Ao fim, como nada alcançou com palavras, ele mesmo, desarmado, saltou da tribuna à assembleia armada para deter os responsáveis pela revolta e, ninguém impedindo, ele mesmo, detidos treze com

ad supplicium duxit. [9] Tantam uel illis moriendi patientiam metus regis uel huic exigendi supplicii constantiam disciplina militaris dabat.

[12, 1] Inde separatim auxilia Persarum in contione adloquitur. [2] Laudat perpetuam illorum cum in se tum in pristinos reges fidem; sua in illos beneficia commemorat ut numquam quasi uictos, sed ueluti uictoriae socios habuerit, denique se in illorum, non illos in gentis suae morem transisse, adfinitatibus conubiorum uictos uictoribus miscuisse. [3] Tum quoque ait custodiam corporis sui non Macedonibus tantum se, uerum et illis crediturum. [4] Atque ita mille ex his iuuenes in numerum satellitum legit auxiliorumque portionem formatam in disciplinam Macedonum exercitui suo miscet. [5] Quam rem aegre Macedones tulerunt, iactantes hostes suos in officium suum a rege subiectos. [6] Tunc uniuersi flentes regem adeunt; orant suppliciis suis potius saturaret se quam contumeliis. [7] Qua modestia obtinuerunt ut undecim milia militum ueteranorum exauctoraret; [8] sed et ex amicis dimissi senes Polypercon, Clitos, Gorgias, Polydamas, Amadas, Antigenes. [9] Dimissis Crateros praeponitur, iussus praeesse Macedonibus in Antipatri locum, Antipatrumque cum supplemento tironum in

sua própria mão, levou-os ao suplício. [9] Ou o medo do rei dava-lhes tamanha resignação para morrer ou, a disciplina militar, a ele, tamanha firmeza para aplicar o suplício.

[12, 1] Depois, dirige-se às tropas auxiliares dos persas em uma assembleia à parte. [2] Louva a sua fidelidade constante em relação a ele assim como aos antigos reis; recorda seus benefícios a eles; que nunca os teve como vencidos, mas como aliados na vitória; enfim, que seguira o costume deles, não eles, o de sua própria gente; que unira os vencedores aos vencidos pelos laços de casamentos. [3] Depois, fala, do mesmo modo, que confiaria a guarda de sua própria pessoa não tanto aos macedônios como a eles. [4] E, assim, escolhe, dentre esses, mil jovens para sua guarda e une a seu exército uma porção das tropas auxiliares formada na disciplina macedônia. [5] Os macedônios receberam mal essa ação, dizendo que os seus próprios inimigos eram colocados, pelo rei, em sua própria função. [6] Por isso, todos procuram o rei, chorando; rogam para que, antes, sacie-se com os seus suplícios do que com essas afrontas. [7] Com essa continência, obtiveram que licenciasse onze mil soldados dos veteranos; [8] e também, entre seus amigos, deu dispensa a Poliperconte, Clito, Górgias, Polidamante, Amadas<sup>477</sup>, Antígenes. [9] Crátero, ordenado que liderasse os macedônios no lugar de Antípatro, é posto à frente dos dispensados, e convoca Antípatro, junto a um reforço de recrutas, ao lugar daquele. [10] Aos de partida, é pago um soldo como se estivessem servindo. [11] Enquanto essas ações

<sup>477</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), o nome é incomum, sendo possível que seja produto de um processo de ditografia, dada a semelhança com parte do nome anterior. A editora considera a correção de Vossius para *Amyntas* uma solução interessante, contudo, segue-se, na tradução, o que consta em seu texto. Em Mineo (2018, p. 41, cf. Justin), há [*Ammadas*].

locum eius euocat. [10] Stipendia reuertentibus ueluti militantibus data. [11] Dum haec aguntur, unus ex amicis eius Hephaestion decedit, dotibus primo formae pueritiaeque, mox obsequiis regi percarus. [12] Quem contra decus regium Alexander diu luxit tumulumque ei duodecim milium talentum fecit eumque post mortem coli ut deum iussit.

[13, 1] Ab ultimis litoribus Oceani Babyloniam reuertenti nuntiatur legationes Karthaginiensium ceterarumque Africae ciuitatum, sed et Hispaniarum, Siciliae, Galliae, Sardiniae, nonnullas quoque ex Italia aduentum eius Babyloniae opperiri. [2] Adeo uniuersum terrarum orbem nominis eius terror inuaserat, ut cunctae gentes ueluti destinato sibi regi adulerentur. [3] Hac igitur ex causa Babyloniam festinanti, uelut conuentum terrarum orbis acturo, quidam ex magis praedixit ne urbem introiret, testatus hunc locum ei fatalem fore. [4] Ob haec omissa Babylonia in Borsipam urbem trans Euphraten, desertam olim, concessit. [5] Ibi ab Anaxarcho philosopho compulsus est rursus magorum praedicta contemnere ut falsa et incerta et, si fati constent, ignota mortalibus ac si naturae debeantur, inmutabilia. [6] Reuersus igitur Babyloniam multis diebus otio datis intermissum olim conuiuium sollemniter instituit; [7] totusque in laetitiam effusus cum diei noctem peruigilem iunxisset, recedentem iam e conuiuio Medius Thessalus instaurata

sucedem-se, morre um dos amigos dele, Heféstio, muito querido pelo rei, primeiramente, pelos dotes de sua figura e de sua juventude, em seguida por sua humildade. [12] A quem, contrariamente à dignidade de um rei, Alexandre pranteou por um longo tempo e lhe fez um túmulo de doze mil talentos, ordenando que ele fosse venerado, após a morte, como a um deus.

[13, 1] Quando voltava dos mais remotos litorais do Oceano para a Babilônia, é anunciado que embaixadas dos cartagineses e de outras cidades da África, e também das Hispânias, da Sicília, da Gália, da Sardenha, e, do mesmo modo, algumas da Itália aguardavam a chegada dele na Babilônia. [2] A tal ponto o terror do nome dele invadira o orbe terrestre inteiro, que todas as gentes o teriam adulado como a um rei que lhes fora destinado. [3] Por essa razão, então, apressando-se à Babilônia, como se para realizar uma assembleia do orbe terrestre, um dos magos renunciou que não adentrasse a urbe, atestando que esse lugar ser-lhe-ia fatal. [4] Por isso, evitada a Babilônia, retirou-se para a urbe de Borsipa, há muito abandonada, do outro lado do Eufrates. [5] Ali, ao contrário, foi impelido pelo filósofo Anaxarco a desprezar as predições dos magos como falsas e incertas, pois, se correspondem ao destino, são desconhecidas pelos mortais e, se dependem da natureza, são imutáveis. [6] De volta, então, à Babilônia, após ter dedicado muitos dias ao ócio, marca um banquete, conforme o hábito há muito interrompido; [7] e, todo entregue à felicidade, juntara a noite com o dia em vigília. Enfim, retornando do banquete, o tessálio Médio convida-o, junto a seus camaradas, a uma renovada festança. [8] Tendo aceitado uma taça, de repente, na

comisatione et ipsum et sodales eius inuitat. [8] Accepto poculo media potione repente uelut telo confixus ingemuit [9] elatusque conuiuio semianimis tanto dolore cruciatus est, ut ferrum in remedia posceret tactumque hominum uelut uulnera indolesceret. [10] Amici causas morbi intemperiem ebrietatis disseminauerunt, re autem uera insidiae fuerunt, quarum infamiam successorum potentia oppressit.

[14, 1] Auctor insidiarum Antipater fuit, qui cum carissimos amicos eius interfectos uideret, Alexandrum Lyncestarum, generum suum, occisum, [2] se magnis rebus in Graecia gestis non tam gratum apud regem quam inuidiosum esse, [3] a matre quoque eius Olympiade uariis se criminationibus uexatum. [4] Huc accedebant ante paucos dies supplicia in praefectos deuictarum nationum crudeliter habita. [5] Ex quibus rebus se quoque a Macedonia non ad societatem militiae, sed ad poenam uocatum arbitrabatur. [6] Igitur ad occupandum regem Cassandrum filium dato ueneno subornat, qui cum fratribus Philippo et Iolla ministrare regi solebat, [7] cuius ueneni tanta uis fuit, ut non aere, non ferro, non testa contineretur, nec aliter ferri nisi in ungula equi potuerit; praemonito filio, ne alii quam Thessalo et fratribus crederet. [8] Hac igitur causa apud Thessalum paratum repetitumque conuiuium est. [9] Philippus et Iollas praegustare ac temperare potum regis soliti in aqua frigida uenenum habuerunt, quam

metade da bebida, gemeu como se trespassado por um dardo [9] e, retirado do banquete semimorto, foi torturado por tamanha dor que reclamava o ferro como remédio, e o toque dos homens doía-lhe como se o ferissem. [10] Os amigos espalharam que a causa da enfermidade foi o excesso de bebedeira, contudo, na verdade, as causas foram as insídias, cuja infâmia foi subjugada pelo poder dos sucessores.

[14, 1] O responsável pelas insídias foi Antípatro, pois viu que os amigos dele, muito queridos, foram mortos; que Alexandre dos lincestas, seu próprio genro, foi assassinado; [2] que ele, após grandiosos feitos na Grécia, não era, junto ao rei, tão digno de agradecimento quanto odioso; [3] que, do mesmo modo, foi abalado pelas várias acusações da mãe dele, Olímpíade. [4] A isso, ajuntar-se-iam os suplicios perpetrados cruelmente, poucos dias antes, aos intendentés das nações vencidas. [5] Por esses motivos, pensava, do mesmo modo, que não fora chamado à Macedônia para uma aliança militar, mas para uma punição. [6] Então, para se anteceder ao rei, incita o filho Cassandro – o qual, junto a seus irmãos Filipe e Iolas, costumava servir o rei – para que fosse dado um veneno a ele. [7] Tamanha força havia nesse veneno que não era contido em bronze, nem em ferro, nem em barro e não podia ser de outro modo levado senão em um casco de cavalo. Tendo advertido o filho para não confiar em outro além do tessálio e dos irmãos, [8] por essa razão, então, junto ao tessálio, foi preparado e retomado o banquete. [9] Filipe e Iolas, habituados a provar e a preparar a bebida do rei, mantiveram o veneno em água fria, que derramaram por cima da bebida já provada.

praegustatae iam potioni supermiserunt.

[15, 1] Quarto die Alexander indubitata[m] mortem sentiens agnoscere se fatum domus maiorum suorum ait, nam plerosque Aeacidarum intra XXX annum defunctos. [2] Tumultuantes deinde milites insidiisque perire regem suspicantes ipse sedauit eosque omnes, cum prolatus in editissimum urbis locum esset, ad conspectum suum admisit osculandamque dexteram suam flentibus porrexit. [3] Cum lacrimarent omnes, ipse non sine lacrimis tantum, uerum sine ullo tristioris mentis argumento fuit, ut quosdam impatientius dolentes consolatus sit, quibusdam mandata ad parentes eorum dedit: [4] adeo sicuti in hostem, ita et in mortem inuictus animus fuit. [5] Dimissis militibus circumstantes amicos percontatur, uideanturne similem sibi reperturi regem. [6] Tacentibus cunctis tum ipse, ut hoc nesciat, ita illud scire uaticinarique se ac paene oculis uidere dixit, quantum sit in hoc certamine sanguinis fusura Macedonia, quantis caedibus, quo cruore mortuo sibi parentatura. [7] Ad postremum corpus suum in Hammonis templum condi iubet. [8] Cum deficere eum amici uiderent, quaerunt, quem imperii faciat heredem. Respondit “dignissimum”. [9] Tanta illi magnitudo animi fuit ut, cum Herculem filium, cum fratrem Arridaeum, cum Roxanen uxorem praegnantem relinqueret, oblitus necessitudinum dignissimum nuncuparit heredem: [10] prorsus quasi nefas esset uiro

[15, 1] No quarto dia, Alexandre, percebendo que a morte era certa, disse reconhecer o destino da casa de seus antepassados, pois a maior parte dos eácidas teria falecido aos trinta anos. [2] Logo, ele mesmo acalmou os soldados que causavam tumulto e suspeitavam que o rei perecia devido a insídias, e, tendo sido levado ao local mais alto da urbe, admitiu todos eles à sua presença e estendeu, aos que choravam, sua própria mão direita para que a beijassem. [3] Enquanto todos estavam lacrimosos, ele mesmo não só ficou sem lágrimas, mas ainda sem qualquer mostra de uma disposição mais triste, a ponto de ter consolado àqueles que se afligiam mais violentamente e dado algumas instruções aos pais deles: [4] tal como diante de um inimigo, seu ânimo foi invicto também diante da morte. [5] Dispensados os soldados, pergunta aos amigos que o rodeiam se lhes parecia que encontrariam novamente um rei semelhante a si. [6] Tendo permanecido todos em silêncio, então, ele mesmo disse que não sabia isso, assim como sabia e vaticinava e quase via com seus olhos quanto sangue a Macedônia derramaria nesta peleja, com quantos massacres, com cujo sangue derramado o honraria, morto. [7] Por fim, ordena que seu próprio corpo seja enterrado no templo de Âmon. [8] Como os amigos viam que ele morria, perguntam quem ele tornaria herdeiro do império. Respondeu “o mais digno”. [9] Tamanha foi a grandeza de ânimo dele que, enquanto deixava o filho Hércules, o irmão Arrideu, a esposa, Roxane, grávida, esquecido dos familiares, nomeou o mais digno como herdeiro: [10] tal como se fosse ímpio qualquer um, salvo um homem forte, suceder a um homem forte, ou a força militar de tamanho reino ser deixada àqueles que não foram aprovados. [11] Com essas

forti alium quam uirum fortem succedere, aut tanti regni opes aliis quam probatis relinqui.

[11] Hac uoce ueluti bellicum inter amicos cecinisset aut malum Discordiae misisset, ita omnes in aemulationem consurgunt et ambitione uulgi tacitum fauorem militum quaerunt. [12] Sexta die praeclusa uoce exemptum digito anulum Perdiccae tradidit, quae res gliscentem amicorum dissensionem sedauit. [13] Nam etsi non uoce nuncupatus heres, iudicio tamen electus uidebatur.

[16, 1] Decessit Alexander mense uno, annos tres et XXX natus, uir supra humanam potentiam magnitudine animi praeditus. [2] Qua nocte eum mater Olympias concepit, uisa per quietem est cum ingenti serpente uolutari, nec decepta somnio est, nam profecto maius humana mortalitate opus utero tulit; [3] quam cum Aeacidarum gens ab ultima saeculorum memoria et regna patris, fratris, mariti ac deinceps maiorum omnium inlustrauerint, nullius tamen nomine quam filii clarior fuit. [4] Prodigia magnitudinis eius ipso ortu nonnulla apparuere. [5] Nam ea die qua natus est, duae aquilae tota die perpetes supra culmen domus patris eius sederunt, omen duplicis imperii, Europae Asiaeque, praeferentes. [6] Eadem quoque die nuntium pater eius duarum uictoriarum accepit, alterius belli Illyrici, alterius certaminis Olympici, in

palavras, como se desse o sinal da guerra entre os amigos, ou tivesse atirado a maçã da Discórdia, assim todos se alçam à rivalidade e buscam, com a lisonja do vulgo, o tácito favor dos soldados. [12] No sexto dia, emudecida sua voz, entregou o anel retirado do dedo a Pérdicas, ato que acalmou o crescente desentendimento dos amigos. [13] De fato, ainda que o herdeiro não tenha sido nomeado com a voz, contudo, viu-se o eleito pelo juízo.

[16, 1] Alexandre morreu aos trinta e três anos e um mês<sup>478</sup>, homem dotado de uma grandeza de ânimo sobre-humana. [2] Na noite em que sua mãe, Olímpíade, o concebeu, viu-se, durante o sono, ser enrolada por uma serpente enorme e não foi enganada pelo sonho, pois, sem dúvida, levou em seu útero uma obra maior do que a mortalidade humana; [3] e, ainda que a estirpe dos eácidas, desde a mais remota memória dos séculos, e os reinados de seu pai, de seu irmão, de seu marido e, sucessivamente, de todos os seus antepassados tenham sido ilustres, nenhum, contudo, foi tão preclaro quanto aquele em nome de seu filho. [4] Alguns prodígios da grandeza dele apareceram mesmo em seu nascimento. [5] Com efeito, naquele dia em que nasceu, duas águias repousaram, durante todo o dia, no alto da casa do pai dele, anunciando o presságio da dupla soberania, a da Europa e a da Ásia. [6] Do mesmo modo, naquele mesmo dia, o pai dele recebeu a notícia de duas vitórias, uma, na guerra dos

<sup>478</sup> Conforme aponta Arnaud-Lindet (2003, recurso online), Alexandre teria nascido em julho de 356 e morrido em junho de 323, o que faz com que descrição não seja muito exata. A edição de Seel (2011 [1972], p. 60, cf. Justinus) e a de Mineo (2018, p. 45, cf. Justin) trazem *iunio* no lugar de *uno*, o que resultaria em “Alexandre morreu em junho, aos trinta e três anos”.

quod quadrigarum currus miserat, quod omen uniuersarum terrarum uictoriam infanti portendebat. [7] Puer acerrimis litterarum studiis eruditus fuit. [8] Exacta pueritia per quinquennium sub Aristotele doctore, inclito omnium philosophorum, creuit. [9] Accepto deinde imperio regem se terrarum omnium ac mundi appellari iussit [10] tantamque fiduciam sui militibus fecit, ut illo praesente nullius hostis arma nec inermes timuerint. [11] Itaque cum nullo hostium umquam congressus est quem non uicerit, nullam urbem obsedit quam non expugnauerit, nullam gentem adiit quam non calcauerit. [12] Victus denique ad postremum est non uirtute hostili, sed insidiis suorum et fraude ciuili.

### LIBER XIII

[1, 1] Extincto in ipso aetatis ac uictoriarum flore Alexandro Magno triste apud omnes tota Babylonia silentium fuit. [2] Sed nec deuictae gentes fidem nuntio habuerunt quod ut inuictum regem ita inmortalem esse crediderant, [3] recordantes quotiens praesenti morte ereptus esset, quam saepe pro amisso repente se non sospitem tantum suis, uerum etiam uictorem obtulisset. [4] Vt uero mortis eius fides adfuit, omnes barbarae gentes paulo ante ab eo deuictae non ut hostem eum, sed ut parentem luxerunt. [5] Mater quoque Darii regis, quae amisso filio a fastigio tantae maiestatis in captiuitatem redacta indulgentia

ilíricos, outra, nos jogos Olímpicos, a que enviara quadrigas, o que revelava o presságio da vitória da criança sobre todas as terras. [7] Menino, foi educado nos mais agudos estudos das letras. [8] Passada a infância, engrandeceu-se por cinco anos sob o mestre Aristóteles, ínclito entre todos os filósofos. [9] Logo, recebida a soberania, ordenou que fosse chamado de rei de todas as terras e do mundo [10] e deu tamanha confiança a seus soldados, que, estando ele presente, desarmados, não temiam as armas de inimigo algum. [11] E, assim, não lutou contra inimigo algum que não tenha vencido, não sitiou urbe alguma que não tenha tomado de assalto, não atacou gente alguma que não tenha suplantado. [12] Por último, foi vencido, no fim, não pela virtude do inimigo, mas pelas insídias dos seus e pela fraude dos cidadãos.

### Livro XIII

[1, 1] Tendo Alexandre, o Grande, falecido na flor da idade e das vitórias, um triste silêncio tomou a todos pela Babilônia inteira. [2] Mas as gentes vencidas também não tinham certeza dessa notícia, porque acreditaram que o rei seria imortal, assim como era invicto, [3] lembrando-se de quantas vezes fora tirado de uma morte imediata, de como, muitas vezes dado como perdido, apresentara-se aos seus não só são e salvo, mas também vitorioso. [4] Mas quando chegou a certeza da morte dele, todas as gentes bárbaras, vencidas pouco antes por ele, prantearam-no não como um inimigo, mas como um pai. [5] Do mesmo modo, a mãe do rei Dario, a qual, do alto de tamanha majestade fora submetida ao cativo, tendo perdido o filho, não se queixara da vida até aquele dia devido à indulgência do vencedor,



uictoris in eam diem uitae non paenituerat, audita morte Alexandri mortem sibi ipsa consciuit, [6] non quod hostem filio praeferret, sed quod pietatem filii in eo quem ut hostem timuerat, experta esset. [7] Contra Macedones uersa uice non ut ciuem ac tantae maiestatis regem, uerum ut hostem amissum gaudebant, et seueritatem nimiam et adsidua belli pericula execrantes. [8] Huc accedebat, quod principes regnum et imperia, uulgius militum thesauros et grande pondus auri uelut inopinatum praedam spectabant, illi successionem regni, hi opum ac diuitiarum hereditatem cogitantes. [9] Erant enim in thesauris L milia talentum et in annuo uectigali tributo tricena milia. [10] Sed nec amici Alexandri frustra regnum spectabant. Nam eius uirtutis ac uenerationis erant ut singulos reges putares; [11] quippe ea formae pulchritudo et proceritas corporis et uirium ac sapientiae magnitudo in omnibus fuit, ut qui eos ignoraret, non ex una gente, sed ex toto terrarum orbe electos iudicaret. [12] Neque enim umquam ante Macedonia uel ulla gens alia tam clarorum uirorum prouentu floruit, [13] quos primo Philippus, mox Alexander tanta cura legerat, ut non tam ad societatem belli quam in successionem regni electi uiderentur. [14] Quis igitur miretur talibus ministris orbem terrarum uictum, cum exercitus Macedonum tot non ducibus, sed regibus regeretur? [15] qui numquam sibi repperissent pares, si non inter se concurrissent, multosque Macedonia pro uno

ao ouvir a morte de Alexandre, buscou a sua própria morte, [6] não porque colocara o inimigo acima do filho, mas porque havia experimentado a piedade de um filho naquele a quem temera como inimigo. [7] Contrariamente, os macedônios, por outro lado, alegravam-se não como se tivessem perdido um concidadão e um rei de tamanha majestade, mas um inimigo, maldizendo sua excessiva severidade e os constantes perigos da guerra. [8] A isso se ajuntava que os aristocratas avaliavam o reino e as soberanias como um espólio inesperado, enquanto o vulgo dos soldados, os tesouros e a grande quantidade de ouro, pensando aqueles na sucessão do reino, estes na herança de riquezas e bens. [9] De fato, havia em tesouros cinquenta mil talentos e trinta mil da tributação anual de impostos. [10] Mas os amigos de Alexandre não avaliavam o reino sem motivo. Com efeito, eles eram de tal virtude e honra que poderias reputar como reis cada um deles; [11] pois a beleza de sua figura, a estatura de seus corpos e de suas forças e a sabedoria de todos era tão grande que aqueles que não os conhecessem julgariam não terem sido eleitos de uma única gente, mas de todo o orbe terrestre. [12] De fato, nunca antes a Macedônia ou qualquer outra gente floresceu com uma abundância de homens tão notáveis [13] quanto aqueles que escolhera com tamanho cuidado, primeiro, Filipe, depois, Alexandre, de modo que parecia terem sido eleitos não tanto para uma aliança de guerra quanto para a sucessão do reino. [14] Quem, então, se admiraria que o orbe terrestre fora vencido por tais agentes, quando o exército macedônio era regido não tanto por comandantes, mas por reis? [15] A eles nunca foram encontrados iguais, e, se não tivessem concorrido entre si, a Macedônia teria tido muitos Alexandres ao invés de um único, se a Fortuna não os tivesse armado

Alexandros habuisset, nisi Fortuna eos aemulatione uirtutis in perniciem mutuam armasset.

[2, 1] Ceterum occiso Alexandro non ut laeti ita et securi fuere omnibus unum locum competentibus, [2] nec minus milites quam inuicem se timebant, quorum et libertas solutior et fauor incertus erat. [3] Inter ipsos uero aequalitas discordiam augebat nemine tantum ceteros excedente, ut ei aliquis se submitteret. [4] Armati itaque in regiam coeunt ad formandum rerum praesentium statum. [5] Perdicca censet Roxanes expectari partum, quae exacto mense octauo matura iam ex Alexandro erat, et si puerum peperisset, hunc dari successorem patri. [6] Meleager negat differenda in partus dubios consilia, neque expectandum, dum reges sibi nascerentur, cum iam genitis uti liceret; [7] seu puer illis placeat, esse Pergami filium Alexandri natum ex Barsine, nomine Herculem, [8] seu mallent iuuenem, esse in castris fratrem Alexandri Arridaem, quem et cunctis non suo tantum, uerum et patris Philippi nomine acceptissimum. [9] Ceterum Roxanen esse originis Persicae, nec esse fas ut Macedonibus ex sanguine eorum quorum regna deleuerint, reges constituentur, [10] quod nec ipsum Alexandrum uoluisse dicit; denique morientem nullam de eo mentionem habuisse. [11] Ptolomeus recusabat regem Arridaem non propter maternas modo sordes, quod ex Larissaeo scorto nasceretur, sed etiam

para sua mútua destruição por disputa de bravura.

[2, 1] De resto, morto Alexandre, não estavam tão seguros quanto felizes, por estarem todos competindo por um único lugar, [2] nem temiam uns aos outros menos do que aos soldados, cuja liberdade estava mais desregrada, e o préstimo era incerto. [3] Na verdade, a igualdade entre eles mesmos elevava a discórdia, já que ninguém se sobressaía tanto sobre os demais a ponto de alguém a ele se submeter. [4] E, assim, reúnem-se armados no palácio para consolidar a situação das presentes circunstâncias. [5] Pérnicas considera que se espere o parto de Roxane, que estava grávida de Alexandre já no oitavo mês, e, se parisse um menino, que fosse dada a ele a sucessão do pai. [6] Meleagro refuta que se devam retardar os planos por um parto dúbio, e que se espere que nasçam reis para eles, quando é permitido servir-se dos já nascidos; [7] ou se um menino lhes agradava, havia, no Pérgamo, o filho de Alexandre, nascido de Barsina, com nome de Hércules; [8] ou se preferiam um jovem, havia, no acampamento, o irmão de Alexandre, Arrideu, companheiro e muito benquisto por todos não só por seu nome, mas também pelo do pai, Filipe. [9] De resto, Roxane era de origem persa, e não era justo para os macedônios que se fossem estabelecidos reis do sangue daqueles cujos reinos destruíram, [10] o que nem o próprio Alexandre disse ter desejado; no fim, moribundo, não fizera qualquer menção a ele. [11] Ptolomeu recusava Arrideu como rei, não só devido à pobreza materna – porque era nascido de uma cortesã de Larissa –, mas também por causa da grave doença de que padecia; a fim de que ele não tivesse o nome de rei, quando outro detivesse a soberania. [12] Seria

propter ualeitudinem maiorem quam patiebatur, ne ille nomen regis, alius imperium teneret; [12] melius esse ex his legi qui prae uirtute regi suo proximi fuerint, qui prouineias regant, quibus bella mandentur, quam sub persona regis indignorum imperio subiciantur. [13] Vicit Perdiccae sententia consensu uniuersorum. [14] Placuit itaque Roxanes expectari partum, et, si puer natus fuisset, tutores Leonatum et Perdiccam et Crateron et Antipatrum constituunt confestimque in tutorum obsequia iurant.

[3, 1] Cum equites quoque idem fecissent, pedites indignati nullas sibi consiliorum partes relictas Arridaeum, Alexandri fratrem, regem appellant satellitesque illi ex turba sua legunt et nomine Philippi patris uocari iubent. [2] Quae cum nuntiata equitibus essent, legatos ad mitigandos eorum animos duos ex proceribus, Attalum et Meleagrum mittunt, qui potentiam ex uulgi adulatione quaerentes omnia legatione militibus consentiunt. [3] Statim et seditio creuit, ubi caput et consilium habere coepit. [4] Tum ad delendum equitatum cuncti in regiam armati irrumpunt, [5] quo cognito equites trepidi ab urbe discedunt castrisque positos et ipsi pedites terrere coeperunt. [6] Sed nec procerum inter se odia cessabant. [7] Attalus ad interficiendum Perdiccam, ducem partis alterius, mittit; [8] ad quem armatum et ultro prouocantem cum accedere percussores ausi non fuissent, tanta constantia Perdiccae fuit ut ultro ad pedites ueniret et in contionem

melhor que escolhessem entre aqueles que, por sua virtude, estiveram próximos de seu rei, que governam províncias, a quem as guerras são confiadas, ao invés de se sujeitar ao comando de pessoas indignas de um rei. [13] A sentença de Pérdicas vence com o consenso coletivo. [14] E, assim, aprovaram esperar o parto de Roxane e, para o caso de nascer um menino, estabelecem como tutores Leonato, Pérdicas, Crátero e Antípatro e, imediatamente, juram obediência aos tutores.

[3, 1] Do mesmo modo, enquanto os soldados da cavalaria faziam isso, os da infantaria, indignados que não lhes fora deixada participação alguma nos planos, proclamam Arrideu, irmão de Alexandre, rei, escolhem os guardas dele a partir de sua turba e ordenam que o chamem pelo nome do pai, Filipe. [2] Quando isso foi anunciado aos da cavalaria, enviam, para acalmar os ânimos deles, dois embaixadores dentre os nobres, Átalo e Meleagro, os quais, buscando o poder por meio da adulação do vulgo, esquecida a embaixada, consentem aos soldados. [3] Sem demora, também a revolta, assim que começou a ter uma cabeça e um plano, engrandece-se. [4] Então, juntos, todos invadem armados o palácio para destruir a cavalaria. [5] Conscientes disso, os soldados da cavalaria retiram-se, apressados, da urbe e, tendo assentado acampamentos, começaram eles mesmos a aterrorizar os da infantaria. [6] Mas também não cessavam os ódios dos nobres entre si. [7] Átalo envia uns para assassinar Pérdicas, comandante do outro partido; [8] estando ele armado e, além disso, provocando, os algozes não se atreveram a se aproximar; tamanha era a firmeza de Pérdicas que foi, além disso, até

uocatos edoceret, quod facinus molirentur. [9] Respicerent contra quos arma sumpsissent: non illos Persas, sed Macedonas, non hostes, sed ciues esse, plerosque etiam cognatos eorum, certe connilitones, eorundem castrorum ac periculorum socios; [10] edituros deinde egregium hostibus suis spectaculum, ut quorum armis uictos se doleant, eorum mutuis caedibus gaudeant, parentaturosque sanguine suo manibus hostium a se interfectorum.

[4, 1] Haec cum pro singulari facundia sua Perdicca perorasset, adeo mouit pedites, ut probato consilio eius dux ab omnibus legeretur. [2] Tum equites in concordiam reuocati in Arridaeum regem consentiunt. [3] Seruata est portio regni Alexandri filio, si natus esset. [4] Haec agebantur posito in medio Alexandri corpore, ut maiestas eius testis decretorum esset. [5] His ita compositis Macedoniae et Graeciae Antipater praepositus, regiae pecuniae custodia Cratero traditur, castrorum et exercitus et rerum cura Meleagro et Perdicae adsignatur; [6] iubeturque Arridaeus rex corpus Alexandri in Hammonis templum deducere. [7] Tunc Perdicca, infensus seditionis auctoribus, repente ignaro collega lustrationem castrorum propter mortem regis in posterum edicit. [8] Postquam armatum exercitum in campo constituit, consentientibus uniuersis euocatus dum transit, de singulis manipulis seditiosos supplicio tradi occulte iubet. [9] Reuersus inde inter principes prouincias diuidit, simul ut et

os da infantaria e, chamados a uma assembleia, expõe a falta que maquinavam: [9] que enxergassem contra quem tomavam as armas; não eram eles persas, mas macedônios; não inimigos, mas concidadãos, e muitos também eram parentes deles, certamente, companheiros de guerra, aliados nos mesmos acampamentos e perigos; [10] logo, produziriam um espetáculo egrégio a seus próprios inimigos, que se alegrariam com os massacres mútuos daqueles por cujas armas, vencidos, doíam-se, e vingariam com seu próprio sangue os manes dos inimigos por eles mesmos assassinados.

[4, 1] Quando Pérdicas concluiu seu discurso com essas (palavras), comoveu, com sua eloquência singular, a tal ponto os soldados da infantaria que, aprovado o plano, escolheram-no como comandante de todos. [2] Então, os da cavalaria, de volta à concórdia, consentem que Arrideu seja rei. [3] Uma porção do reino foi guardada para o filho de Alexandre, se nascesse. [4] Essas ações foram conduzidas com o corpo de Alexandre posicionado no centro, para que a majestade dele fosse testemunha dos decretos. [5] Assim, com isso resolvido, Antípatro é posto à frente da Macedônia e da Grécia; a Crátero é entregue a custódia dos bens reais; a Meleagro e a Pérdicas é atribuído o cuidado dos acampamentos, dos exércitos e dos negócios; [6] e se ordena ao rei Arrideu que conduza o corpo de Alexandre ao templo de Âmon. [7] Então, Pérdicas, irritado com os responsáveis pela revolta, de repente, ignorando o colega (Meleagro), fixa, para o dia seguinte, a purificação dos acampamentos devido à morte do rei. [8] Depois, colocou o exército armado no campo e, enquanto passa, ordena com o consentimento de todos que os revoltosos convocados de cada tropa sejam secretamente entregues ao suplício. [9] De volta dali, divide as províncias entre os

aemulos remoueret et munus imperii beneficii sui faceret. [10] Prima Ptolomeo Aegyptus et Africae Arabiaeque pars sorte uenit, quem ex gregario milite Alexander uirtutis causa prouexerat; [11] cui ad tradendam prouinciam Cleomenes, qui Alexandriam aedificauerat, datur. [12] Confinem huic prouinciae Syriam Laomedon Mytilenaeus, Ciliciam Philotas accipiunt. [13] Pitho Illyrius Mediae maiori, Atropatos minori, socer Perdiccae, praeponitur. [14] Susiana gens Coeno, Phrygia maior Antigono, Philippi filio, adsignatur. [15] Lyciam et Pamphyliam Nearchus, Cariam Cassander, Lydiam Menander sortiuntur. [16] Leonato minor Phrygia euenit; Thracia et regiones Pontici maris Lysimacho, Cappadocia cum Paphlagonia Eumeni data. [17] Summus castrorum tribunatus Seleuco, Antiochi filio, cessit. [18] Stipatoribus regis satellitibusque Cassander, filius Antipatri, praeficitur. [19] In Bactriana ulteriore et Indiae regionibus priores praefecti retenti. [20] Seras inter amnes Hydaspem et Indum Taxiles habebat. [21] In colonias in Indis conditas Pithon, Agenoris filius, mittitur. Parapamēnos, finem Caucasi montis, Oxyartes accepit. [22] Arachossi Cedrossique Sibyrto traduntur; Drancae et Arei Stasanori. [23] Bactrianos Amyntas sortitur, Sogdianos Sicheos Staganor, Parthos Philippus, Hyrcanos Phrataphernes, Carmanos Tleptolemus, Persas

príncipes, para, ao mesmo tempo, afastar os rivais e também tornar a função da soberania um benefício próprio. [10] Primeiramente, o Egito e parte da África e da Arábia vão, pela sorte, para Ptolomeu, a quem Alexandre elevara de soldado raso por causa de sua virtude; [11] para lhe entregar a província, Cleomenes, que edificou Alexandria, é indicado. [12] Aceitam Laomedonte Mitileno a Síria, província vizinha a esta; Filotas, a Cilícia. [13] Píton, o Ilírio, é colocado à frente da Média Maior; Atropatos, sogro de Pérdiccas, da Menor. [14] A gente susiana é atribuída a Coeno; a Frígia Maior, a Antígono, filho de Filipe. [15] Nearco obtém a Lícia e a Panfília; Cassandro, a Cária; Menandro, a Lídia. [16] A Frígia Menor veio a Leonato; a Trácia e as regiões do mar pântico são dadas a Lisímaco; a Capadócia com a Paflagônia, a Eumênes. [17] O sumo tribunato dos acampamentos passou a Seleuco, filho de Antíoco. [18] Cassandro, filho de Antípatro, é posto à frente dos acompanhantes e dos guardas do rei. [19] Na Bactriana ulterior e nas regiões da Índia, mantiveram-se os intendentés anteriores. [20] Taxiles tinha os seres<sup>479</sup> entre as correntes do Hidaspes e do Indo. [21] Às colônias fundadas na Índia, é enviado Píton, filho de Agenor. Oxiartes recebe os parapamēnos na fronteira do monte Cáucaso. [22] Os aracósios e os cedrósios passam a Sibírto; os drancas e os areus, a Estasanor. [23] Amintas obtém os bactrianos; Estaganor, os sogdianos siqueus; Fratafernes, os hircânios; Tleptolemo, os carmanos; Peucestes, os persas; Arconte de Pela, os babilônios; Arcesilau, a Mesopotâmia. [24] Como essa divisão tinha tocado a cada um como um presente do

<sup>479</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 260), “[o]s seres eram os povos da seda”; “Los seres eran los pueblos de la seda”.

Peucestes, Babylonios Archon Pellaeus, Arcesilaus Mesopotamiam. [24] Cum haec diuisio uelut fatale munus singulis contigisset, ita magna incrementorum memoria plurimis fuit, [25] siquidem non magno post tempore, quasi regna, non praefecturas diuisissent, sic reges ex praefectis facti magnas opes non sibi tantum parauerunt, uerum etiam posteris reliquerunt.

[5, 1] Dum haec in Oriente aguntur, in Graecia Athenienses et Aetoli bellum, quod iam uiuo Alexandro mouerant, summis uiribus instruebant. [2] Causae belli erant quod reuersus ab India Alexander epistulas in Graeciam scripserat, quibus omnium ciuitatum exules, praeter caedis damnati, restituebantur. [3] Quae recitatae praesenti uniuersa Graecia in mercatu Olympico magnos motus fecerant, [4] quia plurimi non legibus pulsati patria, sed per factionem principum fuerant, uerentibus isdem principibus ne reuocati potentiores in re publica fierent. [5] Palam igitur iam tunc multae ciuitates libertatem bello uindicandam fremebant. [6] Principes tamen omnium Athenienses et Aetoli fuere. [7] Quod cum nuntiatum Alexandro esset, mille naues longas sociis imperari praeceperat, quibus in Occidente bellum gereret, excursurusque cum ualida manu fuerat ad Athenas delendas. [8] Igitur Athenienses contracto XXX milium

destino, ficou, assim, para muitos, a grandiosa memória das expansões, [25] visto que não muito tempo depois, como se tivessem dividido reinos, não intendências, como se fossem feitos reis a partir de intendentes, preparavam grandes poderes não tanto para si, mas, na verdade, também para os deixar aos pósteros.

[5, 1] Enquanto essas ações sucedem-se no Oriente, os atenienses e os etólios organizam uma guerra – que já moviam quando Alexandre estava vivo – com suas maiores forças militares. [2] As causas da guerra eram que Alexandre, de volta da Índia, escrevera cartas à Grécia, por meio das quais restituía os exilados a todas as cidades<sup>480</sup>, exceto os condenados por homicídio; [3] essas, lidas na presença de toda a Grécia, durante o mercado olímpico, criaram grandes comoções, [4] porque muitos tinham sido expulsos da pátria não pelas leis, mas por ação dos aristocratas, temendo esses mesmos aristocratas que os que retornariam se fizessem mais poderosos na república. [5] Naquele momento, já então muitas cidades murmuravam abertamente sobre a liberdade a ser reivindicada pela guerra. [6] Os primeiros de todos, contudo, foram os atenienses e os etólios. [7] Quando isso foi anunciado a Alexandre, ele instruiu que se requisitasse aos aliados mil naus longas, com as quais travou guerra no Ocidente, e faria uma excursão a Atenas, com uma tropa robusta, para a destruir. [8] Então, os atenienses, tendo reunido um exército de trinta mil e duzentas naus, travaram guerra com Antípatro, a quem a Grécia sobreviera

<sup>480</sup> Como seu pai já fizera, cf. Just. 9.4.8-10.

exercitu et ducentis nauibus bellum cum Antipatro, cui Graecia sorte euenerat, gerunt eumque detractantem proelium et Heracleae urbis moenibus tuentem se obsidione cingunt. [9] Eodem tempore Demosthenes, Atheniensis orator, pulsus patria ob crimen accepti ab Harpago auri, qui crudelitatem Alexandri fugerat, quod ciuitatem in eiusdem Alexandri bellum inpelleret, forte Megaris exulabat. [10] Qui ut missum ab Atheniensibus Hyperidem legatum cognouit, qui Peloponnesum in societatem armorum sollicitaret, secutus eum Sicyona, Argos et Corinthum ceterasque ciuitates eloquentia sua Atheniensibus iunxit. [11] Ob quod factum missa ab Atheniensibus obuam nauis ab exilio reuocatur. [12] Interim in obsidione Antipatri Leosthenes, dux Atheniensium, telo a muris in transeuntem iacto occiditur. [13] Quae res tantum animorum Antipatro dedit, ut etiam uallum rescindere auderet. [14] Auxilium deinde a Leonato per legatos petit, qui cum uenire cum exercitu nuntiatum esset, obuam ei Athenienses cum instructis copiis fuere, ibique equestri proelio graui uulnere ictus extinguitur. [15] Antipater tametsi auxilia sua uideret uicta, morte tamen Leonati laetatus est; quippe et aemulum sublatum et uires eius accessisse sibi

pela sorte, e, como ele recusava a batalha e se mantinha nas muralhas da urbe de Heracleia<sup>481</sup>, circundam-na com um cerco. [9] Ao mesmo tempo, Demóstenes, orador ateniense, expulso da pátria pelo crime de ter aceitado ouro de Harpago<sup>482</sup> – o qual fugira da crueldade de Alexandre –, exilava-se, porventura, em Mégara. [10] Ele, quando soube que Hipérides fora enviado pelos atenienses como embaixador para solicitar, ao Peloponeso, uma aliança de armas, seguindo-o, une, com sua peculiar eloquência, Sicião, Argos, Corinto e outras cidades aos atenienses. [11] Por esse fato, é chamado de volta do exílio pelos atenienses, tendo sido enviada uma nau a seu encontro. [12] Nesse ínterim, Leóstenes, comandante dos atenienses, é morto, no cerco de Antípatro, por um dardo lançado dos muros enquanto passava. [13] Essa ação deu tamanho ânimo a Antípatro, que também ousou passar a trincheira. [14] Logo, pede por meio de embaixadores, auxílio a Leonato, de quem, quando foi anunciado que chegava com o exército, os atenienses foram ao encontro com as tropas equipadas, e, ali, golpeado em uma batalha equestre, expira devido a um severo ferimento. [15] Ainda que Antípatro visse suas tropas auxiliares vencidas, estava feliz, entretanto, com a morte de Leonato, porque se regozijava com um rival suprimido e com as forças militares dele acrescidas às suas. [16] Em seguida, então, tendo recebido o exército dele, quando parecia igual aos inimigos também em batalha, liberou-se do cerco, pôs-se a caminho da Macedônia. [17] Do mesmo

<sup>481</sup> Embora Antípatro seja derrotado em Heracleia, o cerco ocorre, na verdade, em Lâmia; daí o nome de “Guerra Lamiaca” que ocorre nos *Prólogos*. A imprecisão, provavelmente, deriva do esforço de Justino em abreviar a narrativa (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online; Castro Sánchez, 2008, p. 263).

<sup>482</sup> Haveria, aqui, um pequeno erro; na verdade, seria Harpalo, tesoureiro de Alexandre e filho de Macatas (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online; Castro Sánchez, 2008, p. 263).

gratulabatur. [16] Statim igitur exercitu eius recepto, cum par hostibus etiam proelio uideretur, solutus obsidione in Macedoniam concessit. [17] Graecorum quoque copiae finibus Graeciae hoste pulso in urbes dilapsae.

[6, 1] Interea Perdicca bello innoxio Ariarathi, regi Cappadocum, inlato proelio uictor nihil praemii praeter uulnera et pericula rettulit. [2] Quippe hostes ab acie in urbem recepti occisis coniugibus et liberis domos quisque suas cum omnibus copiis incenderunt; [3] eoque congestis etiam seruitiis semet ipsi praecipitant, ut nihil hostis uictor suarum rerum praeter incendii spectaculo frueretur. [4] Inde, ut uiribus auctoritatem regiam acquireret, ad nuptias Cleopatrae, sororis Alexandri Magni et alterius Alexandri quondam uxoris, non aspernante Olympiade, matre eius, intendit, [5] sed prius Antipatrum sub adfinitatis obtentu capere cupiebat. [6] Itaque fingit se in matrimonium filiam eius petere, quo facilius ab eo supplementum tironum ex Macedonia obtineret. [7] Quem dolum praesentiente Antipatro, dum duas eodem tempore uxores quaerit, neutram obtinuit. [8] Post haec bellum inter Antigonom et Perdiccam oritur. [9] Antigono Crateros et Antipater auxilium ferebant, qui facta cum Atheniensibus pace Polyperconta Graeciae et Macedoniae praeponunt. [10] Perdicca, alienatis rebus, Arridaeum et

modo, expulso o inimigo das fronteiras da Grécia, as tropas dos gregos dissolveram-se nas urbes.

[6, 1] Entrementes, Pérdicas, vitorioso em uma guerra ao inofensivo Ariarate, rei da Capadócia, nada obteve de prêmio com a batalha empreendida, além de feridas e de perigos. [2] Porque os inimigos, refugiados dos campos na urbe, tendo matado suas esposas e filhos, um por um incendiaram as suas casas com todos os seus bens, [3] e reunidos, ali, também os servos, precipitaram-se eles mesmos (no fogo), para que o inimigo vitorioso nada usufruísse de suas posses além do espetáculo do incêndio. [4] Dali, a fim de adquirir uma autoridade régia para suas forças, planejou suas núpcias com Cleópatra, irmã de Alexandre, o Grande, e, antes, esposa do outro Alexandre, sem resistência de Olímpíade, mãe dele. [5] Mas, primeiro, desejava enganar Antípatro sob o pretexto do parentesco; [6] e, assim, finge pedir a filha dele em matrimônio, para obter, mais facilmente, com isso, um reforço de recrutas da Macedônia. [7] Pressentindo Antípatro o dolo, enquanto procura duas esposas ao mesmo tempo, obteve nenhuma. [8] Após isso, tem início uma guerra entre Antígono e Pérdicas. [9] Crátero e Antípatro levam auxílio a Antígono, os quais, tendo selado a paz com os atenienses, colocam Poliperconte à frente da Grécia e da Macedônia. [10] Pérdicas, devido às situações perturbadoras, chamou, para a Capadócia, Arrideu e o filho de Alexandre, o Grande – de cujo cuidado fora encarregado – para um conselho acerca da direção da



Alexandri Magni filium, in Cappadocia, quorum cura illi mandata fuerat, de summa belli in consilium adhibet. [11] Quibusdam placebat bellum in Macedoniam transferri ad ipsum fontem et caput regni ubi et Olympias esset, mater Alexandri, [12] non mediocre momentum partium et ciuium fauor propter Alexandri Philippique nomina; [13] sed in rem uisum est ab Aegypto incipere, ne in Macedoniam profectis Asia a Ptolomeo occuparetur. [14] Eumeni praeter prouincias, quas acceperat, Paphlagonia et Caria et Lycia et Phrygia adiciuntur. [15] Ibi Crateron et Antipatrum opperiri iubetur; adiutores ei dantur cum exercitibus suis frater Perdicae Alcetas et Neoptolemus; [16] Clito cura classis traditur; Cilicia Philotae adempta Philoxeno datur; ipse Perdica Aegyptum cum ingenti exercitu petit. [17] Sic Macedonia in duas partes discurrentibus ducibus in sua uiscera armatur, ferrumque ab hostili bello in ciuilem sanguinem uertit, exemplo furentium manus ac membra sua ipsa caesura. [18] Sed Ptolomeus in Aegypto sollerti industria magnas opes parabat. [19] Quippe et

guerra<sup>483</sup>. [11] A alguns agradava que a guerra fosse transferida para a Macedônia, para a própria fonte e capital do reino, onde também estava Olímpíade, mãe de Alexandre, [12] (que tinha) um peso não medíocre sobre os partidos e o favor dos cidadãos devido aos nomes de Alexandre e Filipe; [13] mas pareceu melhor começar pelo Egito, para que, estando a caminho da Macedônia, a Ásia não fosse ocupada por Ptolomeu. [14] Além das províncias que recebera, são adicionadas, para Eumênes, a Paflagônia<sup>484</sup>, a Cária, a Lícia e a Frígia. [15] Ali, é ordenado que espere por Crátero e Antípatro; são dados a ele como ajudantes Alcetas, irmão de Pérdicas, e Neoptólemo, com seus próprios exércitos; [16] o cuidado da frota é entregue a Clito; a Cilícia é subtraída de Filotas, dada a Filoxeno; o próprio Pérdicas ataca o Egito com um grande exército. [17] Assim, a Macedônia, tendo seus comandantes se dividido em dois partidos, arma-se contra suas próprias vísceras e verte o ferro de uma guerra hostil contra o sangue civil, a exemplo dos desvairados dispostos a cortar suas próprias mãos e membros. [18] Mas Ptolomeu preparava, com engenhosa perícia, um grandioso poderio no Egito, [19] porque, com sua moderação insigne, também atraía para si o favor dos egípcios e cativara os reis vizinhos com benefícios e cortesias; [20] do

<sup>483</sup> Esta passagem apresenta diferentes versões, o que gera sentidos díspares. Conforme aponta Arnaud-Lindet (2003, recurso online), é possível, por exemplo, que no lugar de *rebus* seja *regibus* (reis), assim como há a inserção de *amicos* (amigos) após *belli* proposta por Rühl e aceita por Seel. Assim, em Seel (2011 [1972], p. 64, cf. Justinus), há [10] *Perdicca alienatis regibus, Arridaeo et Alexandro, Magni filio, in Cappadocia, quorum cura illi mandata fuerat, de summa belli <amicos> in consilium adhibet.*; “[10] Pérdicas, tendo distanciado, para a Capadócia, os reis Arrideu e Alexandre, filho do Grande, – de cujo cuidado fora encarregado –, chamou <seus amigos> para o conselho acerca da direção da guerra”. Esta proposta é seguida por Castro Sánchez (2008, p. 265, cf. Justino; Pompeyo Trogo), mas não por Arnaud-Lindet (2003, recurso online, cf. Justinus), Mineo (2018, p. 56, cf. Justin) e Watson (1853, recurso online, cf. Justinus).

<sup>484</sup> Como se pode ver em um trecho mais acima (Just. 13.4.16), Eumênes já recebera o comando da Paflagônia anteriormente.

Aegyptios insigni moderatione in fauorem sui sollicitauerat et reges finitimos beneficiis obsequiisque deuinxerat; [20] terminos quoque imperii adquisita Cyrene urbe ampliauerat factusque iam tantus erat, ut non tam timeret hostes quam timendus ipse hostibus esset.

[7, 1] Cyrene autem condita fuit ab Aristaeo, cui nomen Battos propter linguae obligationem fuit. [2] Huius pater Grinus, rex Therae insulae, cum ad oraculum Delphos propter dedecus adulescentis filii nondum loquentis deum deprecaturus uenisset, responsum accepit quo iuebatur filius eius Battos Africam petere et urbem Cyrenen condere; usum ibi linguae accepturum. [3] Cum responsum ludibrio simile uideretur propter solitudinem Therae insulae ex qua coloni ad urbem condendam in Africam tam uastae regionis proficisci iuebantur, res omissa est. [4] Interiecto deinde tempore uelut contumaces pestilentia deo parere compelluntur, quorum tam insignis paucitas fuit, ut uix unam nauem complerent. [5] Cum uenissent in Africam, pulsus accolis montem Cyran et propter amoenitatem loci et propter fontis ubertatem occupauere. [6] Ibi Battos, dux eorum, linguae nodis solutis loqui

mesmo modo, ampliara os limites de sua soberania, tendo adquirido a urbe de Cirene, e já a fizera tamanha que não temia tanto os inimigos quanto ele mesmo era temível para os inimigos.

[7, 1] Cirene, contudo, havia sido fundada por Aristeu, o qual tivera o nome de Bato devido a um impedimento da língua<sup>485</sup>. [2] O pai dele, Grino, rei da ilha de Tera, quando foi clamar ao oráculo de Delfos devido à vergonha do filho que, adolescente, ainda não falava, recebeu uma resposta segundo a qual era ordenado que o filho dele, Bato, se dirigisse para a África e fundasse a urbe de Cirene; receberia, ali, o uso da língua. [3] Como a resposta parecia-se com uma zombaria, devido à destituição da ilha de Tera, da qual os colonos são ordenados a partir para fundar uma urbe na África, uma região tão vasta, a informação foi esquecida. [4] Logo, passado algum tempo, como eram rebeldes, são obrigados por uma pestilência a obedecer ao deus; tão insigne era seu pequeno número que mal enchiam uma nau. [5] Quando chegaram à África, tendo expulsado seus habitantes, ocuparam o monte Cirra devido ao encanto do lugar e também devido à abundância de fontes. [6] Ali, Bato, comandante deles, começou primeiro a falar, dissolvidos os nós da língua; este fato inflamou os ânimos deles devido a uma parte das promessas do deus já ter sido recebida com a fundação da urbe,

<sup>485</sup> A partir do grego βατταρίζω (*battarizō*), gaguejar. Segundo Castro Sánchez (2008, p. 266): “[n]o entanto, Hérodoto (4.155) afirma que Batto significa ‘rei’ em líbio. A relação entre Bato e o mítico Aristeu parece tratar-se de uma tentativa de remontar à dinastia dos Bátidas de Cirene aos tempos míticos”; “Sin embargo, Heródoto (*IV 155*) afirma que Batto significa ‘rey’ em líbico. La relación de Bato com el mítico Aristeu parece que trataba de remontar la dinastia de los Bátidas de Cirene a tempos míticos”.

primum coepit, quae res animos eorum ex promissis dei iam parte percepta in reliquam spem condendae urbis accendit. [7] Positis igitur castris opinionem ueteris fabulae accipiunt, Cyrenen, eximiae pulchritudinis uirginem, a Thessaliae monte Pelio ab Apolline raptam perlatamque in eiusdem montis iuga, cuius collem occupauerant, a deo repletam quattuor pueros peperisse, Nomium, Aristaeum, Autuchum, Agraeum; [8] missos a patre Hypseo, rege Thessaliae, qui perquirerent uirginem, loci amoenitate captos in isdem terris cum uirgine resedisse; [9] ex his pueris tres adultos in Thessaliam reuersos auita regna recepisse; [10] Aristaeum in Arcadia late regnasse, eumque primum et apium et mellis usum et lactis ad coagula hominibus tradidisse solstitialisque ortus sideris primum inuenisse. [11] Quibus auditis Battos uirginis nomine ex dei responsis agnito urbem Cyrenen condidit.

[8, 1] Igitur Ptolomeus huius urbis auctus uiribus bellum in aduentum Perdiccae parabat. [2] Sed Perdiccae plus odium adrogantiae quam uires hostium nocebat, quam exosi etiam socii ad Antipatrum gregatim profugiebant. [3] Neoptolemus quoque in auxilium Eumeni relictus non solum transfugere, uerum etiam prodere partium exercitum uoluit. [4] Quam rem cum praesensisset Eumenes, cum proditore

para a esperança da (parte) restante. [7] Posicionado, então, o acampamento, ouvem antigas fábulas: Cirene, virgem de exímia beleza, fora raptada por Apolo, da Tessália, no monte Pélio, e levada ao cume daquele mesmo monte, cuja encosta ocuparam; engravidada pelo deus, pariu quatro meninos: Nômio, Aristeu, Autuco e Agreu. [8] Aqueles que foram enviados pelo pai Hipseu, rei da Tessália, para procurar a virgem, cativados, entretanto, pelo encanto do local, permanecem naquela mesma terra com a virgem. [9] Três desses meninos, adultos, receberam, de volta à Tessália, os reinos hereditários. [10] Aristeu reinou em toda a Arcádia, e ele foi o primeiro a mostrar aos homens o uso das abelhas e do mel e a coagular o leite e, primeiro, encontrou o nascimento da estrela solsticial. [11] Tendo ouvido isso, Bato, reconhecido o nome da virgem por causa da resposta do deus, fundou a urbe de Cirene.

[8, 1] Então, Ptolomeu, engratecido com as forças militares dessa urbe, preparava a guerra para a chegada de Pérdicas. [2] Mas, a Pérdicas, causava mais mal o ódio à sua arrogância do que as forças militares dos inimigos, tanto que, agastados também os aliados, escapavam em bandos para Antípatro. [3] Do mesmo modo, Neoptólemo, deixado em auxílio a Eumênes, não só queria fugir, como também entregar o exército de seu partido. [4] Pressentindo essa situação, foi preciso que Eumênes decidisse batalhar com o traidor. [5] Vencido, Neoptólemo escapa até Antípatro e

decernere proelio necesse habuit. [5] Victus Neoptolemus ad Antipatrum et Polyperconta profugit eis que persuadet, ut continuatis mansionibus laeto ex uictoria et securo fuga sua Eumeni superueniant. [6] Sed res Eumenen non latuit. Itaque insidiae in insidiatores uersae, et qui securum adgressuros se putabant, securis in itinere et peruigilio noctis fatigatis occursum est. [7] In eo proelio Polypercon occiditur. [8] Neoptolemus quoque cum Eumene congressus diu mutuis uulneribus acceptis conluctatus est; in summa uictus occumbit. [9] Victor igitur duobus proeliis continuis Eumenes adflictas partes transitione sociorum paululum sustentauit. [10] Ad postremum tamen Perdicca occiso ab exercitu hostis cum Pithone et Illyrio et Alceta, fratre Perdiccae, appellatur bellumque aduersus eos Antigono decernitur.

Poliperconte<sup>486</sup> e os persuade a sobrevir, com marchas seguidas, a Eumênes, que estava feliz com a vitória e confiante por sua fuga. [6] Mas isso não escapou a Eumênes. E, assim, a emboscada voltou-se aos que emboscavam, e aquele sujeito confiante que consideravam atacar veio ao seu encontro quando eles estavam confiantes no percurso e fatigados pela vigília da noite. [7] Nessa batalha, Poliperconte<sup>487</sup> é morto. [8] Neoptólemo tendo-o, do mesmo modo, encontrado, lutou com Eumênes por um longo tempo, saindo ambos feridos; enfim, vencido, ele sucumbe. [9] Vencedor, então, em duas batalhas seguidas, Eumênes aliviou um pouco seus partidos enfraquecidos pela deserção dos aliados. [10] Por fim, contudo, tendo Pérdiccas morrido, é chamado de inimigo pelo exército, junto com Píton, Ilírio<sup>488</sup> e Alcetas, irmão de Pérdiccas, e uma guerra é decretada contra eles por Antígono.

#### LIBER XIV

[1, 1] Eumenes ut Perdiccam occisum, se hostem a Macedonibus iudicatum bellumque

#### Livro XIV

[1, 1] Eumênes, quando soube que Pérdiccas estava morto, que ele mesmo fora julgado

<sup>486</sup> Há, aqui, um erro de Justino; na verdade, seria Crátero (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online; Castro Sánchez, 2008, p. 268).

<sup>487</sup> Mesma situação da nota anterior.

<sup>488</sup> Parece haver, na narrativa, dois Pítons: um que é filho de um certo Agenor, outro que é apelidado de “o Ilírio” (Just. 13.4.13 e 21). Contudo, as edições variam quanto à inserção de *et* antes de *Illyrio*. Segue-se o que consta nas edições de Arnaud-Lindet (2003, recurso online, cf. Justinus), de Seel (2011 [1972], p. 66, cf. Justinus) e de Mineo (2018, p. 60, cf. Justin), de modo que haveria três pessoas. Curiosamente, em sua tradução, Arnaud-Lindet (2003, recurso online) faz parecer que só há duas: “[...] avec Peithon, dit l’Illyrien et Alcetas, frère de Perdiccas, [...]”; “[...] junto a Píton, dito Ilírio, e Alcetas, irmão de Pérdiccas, [...]”. Do mesmo modo, em Castro Sánchez (2008, p. 268, cf. Justino; Pompeyo Trogo), considerou-se que são duas pessoas, porém, em Watson (1853, recurso online, cf. Justinus), três.

Antigono decretum cognouit, ultro ea militibus suis indicauit, [2] ne fama aut rem in maius extolleret aut militum animos rerum nouitate terreret; [3] simul an ut circa se animati essent cognosceret, sumpturus consilium ex motu uniuersorum. [4] Constanter tamen praefatus est, si cui haec terrori essent, habere eum discedendi potestatem. [5] Qua uoce adeo cunctos in studium partium suarum induxit ut ultra illum omnes hortarentur rescissurosque se ferro decreta Macedonum adfirmarent. [6] Tunc exercitu in Aeoliam promotu pecunias ciuitatibus imperat, recusantes dare hostiliter diripit. [7] Inde Sardas profectus ad Cleopatram, sororem Alexandri Magni, ut eius uoce centuriones principalesque confirmarentur, existimatos ibi maiestatem regiam uerti unde soror Alexandri staret. [8] Tanta ueneratio magnitudinis Alexandri erat ut etiam per uestigia mulierum fauor sacri eius nominis quaeretur. [9] Cum reuersus in castra esset, epistulae totis castris abiectae inueniuntur, quibus his qui Eumenis caput ad Antigonom detulissent, magna praemia definiebantur. [10] His cognitis Eumenes uocatis ad contionem militibus primo gratias agit quod nemo inuentus esset qui spem cruenti praemii fidei sacramenti anteponeret, [11] tum deinde callide subnectit confictas has a se epistulas ad experiundos suorum animos esse. [12] Ceterum salutem suam in omnium potestate esse, nec Antigonom nec quemquam

como inimigo pelos macedônios e que Antígono decretara-lhe guerra, informou espontaneamente esses fatos a seus soldados, [2] para que a fama não elevasse mais a situação ou aterrorizasse os ânimos dos soldados pela novidade dessas situações; [3] ao mesmo tempo, saberia se estavam bem dispostos consigo, de modo a escolher um plano a partir do entusiasmo de todos. [4] Contudo, prenunciou-se com firmeza que, se esses fatos fossem atemorizantes para alguém, tinham a chance de se retirar. [5] Com essas palavras, induziu a todos em tal favor de seus próprios partidos que todos o exortaram mais e afirmaram que rasgariam os decretos dos macedônios com o ferro. [6] Então, movido o exército para a Eólia, exige dinheiro das cidades; saqueia, com hostilidade, as que se recusavam a lhe dar. [7] Dali, pôs-se a caminho de Sardes, até Cleópatra, irmã de Alexandre, o Grande, para que, com a voz dela, os centuriões e os oficiais fossem fortalecidos, porque julgavam que a majestade régia voltar-se-ia para onde a irmã de Alexandre estivesse. [8] Tamanha era a veneração da grandeza de Alexandre que o favor do seu nome sagrado era buscado até nos passos de mulheres. [9] Quando voltou para o acampamento, foram encontradas cartas atiradas por todo o acampamento, nas quais eram definidos grandes prêmios para aqueles que trouxessem até Antígono a cabeça de Eumênes. [10] Consciente disso, Eumênes, tendo convocado os soldados a uma assembleia, primeiro agradece que não tenha sido encontrado alguém que antepusesse a esperança de um prêmio cruento à fidelidade de um juramento; [11] logo a seguir, acrescenta, sabiamente, que aquelas cartas foram inventadas por ele para testar os ânimos dos seus. [12] Ademais, sua segurança estava sob o poder de todos, e nem Antígono, nem qualquer um dos

ducum sic uelle uincere, ut ipse in se exemplum pessimum statuatur. [13] Hoc facto et in praesenti labantium animos deterruit et in futurum prouidit ut, si quid simile accidisset, non se ab hoste corrumpi, sed ab duce temptari milites arbitrarentur. [14] Omnes igitur operam suam certatim ad custodiam salutis eius offerunt.

[2, 1] Cum interim Antigonus cum exercitu superuenit castrisque positus postera die in aciem procedit. [2] Nec Eumenes moram proelio fecit; qui uictus in munitum quoddam castellum confugit. [3] Vbi cum uideret se fortunam obsidionis subiturum, maiorem exercitus partem dimisit, ne aut consensu multitudinis hosti traderetur aut obsidio ipsa multitudine grauaretur. [4] Legatos deinde ad Antipatrum, qui solus par Antigoni uiribus uidebatur, supplices mittit, a quo cum auxilia Eumeni missa Antigonus didicisset, ab obsidione recessit. [5] Erat quidem solutus ad tempus metu mortis Eumenes, sed nec salutis dimisso exercitu magna spes erat. [6] Omnia igitur circumspicienti optimum uisum est ad Alexandri Magni Argyraspidas, inuictum exercitum et tot uictoriarum praefulgentem gloria, decurrere. [7] Sed Argyraspides post Alexandrum omnes duces fastidiebant, sordidam militiam sub aliis post tanti regis memoriam existimantes. [8] Itaque Eumenes blandimentis agere, suppliciter singulos adloqui, nunc conmiliones suos, nunc patronos appellans, periculorum orientalium

comandantes desejava vencer assim, de modo a estabelecer um péssimo exemplo a partir de si próprio. [13] Com esse fato, alarmou, no presente, os ânimos dos que vacilavam e também se precaveu para que, se, no futuro, algo similar acontecesse, os soldados não julgassem que estavam sendo corrompidos pelo inimigo, mas testados por seu comandante. [14] Todos, então, oferecem seu trabalho para a custódia da segurança dele.

[2, 1] Com esse ínterim, Antígono sobrevém com o exército e, tendo posicionado seu acampamento, avança para a linha de batalha no dia seguinte. [2] Eumênes também não fez demorar a batalha; o qual, vencido, refugiou-se em um castelo fortificado. [3] Ali, como se viu submetido ao fado de um cerco, dispensa a maior parte do exército para que não fosse ou entregue ao inimigo pelo acordo da multidão ou o cerco agravado pela própria multidão. [4] Logo, envia embaixadores suplicantes a Antípatro, o único que parecia ser páreo em forças a Antígono. Quando Antígono soube que ele havia enviado tropas auxiliares a Eumênes, retirou-se do cerco. [5] Certamente, Eumênes livrara-se do medo da morte, mas também não tinha uma grande esperança de salvação, tendo dispensado seu exército. [6] Analisadas, então, todas as situações, parece-lhe que o melhor seria recorrer aos argiráspidas de Alexandre, o Grande, exército invicto e resplandecente de tantas vitórias. [7] Mas os argiráspidas, após Alexandre, menosprezam todos os comandantes, julgando sórdida uma expedição militar sob qualquer outro após a memória de tamanho rei. [8] E, assim, Eumênes bajula-os, suplicando-lhes individualmente, chamando-os ora de companheiros de guerra, ora de aliados dos perigos orientais, ora de refúgios de sua própria salvação e única defesa, [9]

socios, nunc refugia salutis suae et unica praesidia, [9] commemorans solos esse quorum uirtute Oriens sit domitus, solos qui militiam Liberi patris, qui Herculis monumenta superarint; [10] per hos Alexandrum magnum factum, per hos diuinos honores et immortalem gloriam consecutum. [11] Orat ut non tam ducem se quam conmilitem recipiant unumque ex corpore suo esse uelint. [12] Receptus hac lege paulatim imperium, primum monendo singulos, mox quae perperam facta erant blande corrigendo usurpat; nihil in castris sine illo agi, nihil administrari sine sollertia illius poterat.

[3, 1] Ad postremum cum Antigonum uenire cum exercitu nuntiatum esset, compellit in aciem descendere. [2] Ibi cum ducis imperia contemnunt, hostium uirtute superantur. [3] In eo proelio non gloriam tantum tot bellorum cum coniugibus et liberis, sed et praemia longa militia parta perdiderunt. [4] Sed Eumenes, qui et auctor cladis erat nec aliam spem salutis reliquam habebat, uictos hortabatur. [5] Nam et uirtute eos superiores fuisse adfirmabat, quippe ab his V milia hostium caesa, et si in bello perstent, ultro hostes pacem petituros. [6] Damna, quibus se uictos putent, duo milia mulierum et paucos infantes et seruitia esse, quae melius uincendo possint reparare quam deserendo uictoriam. [7] Porro Argyraspides neque fugam se temptaturos dicunt post damna patrimoniorum

recordando que eram os únicos por cuja virtude o Oriente fora subjugado; os únicos que superaram a expedição militar do pai Líber e os monumentos de Hércules; [10] por causa deles, Alexandre fizera-se grande; por causa deles, conseguira honras divinas e glória imortal. [11] Roga para que não o recebam tanto como um comandante quanto como companheiro de guerra e queiram que ele seja um de seu próprio corpo. [12] Recebido com essa condição, aos poucos usurpa a soberania, primeiro, instruindo individualmente, a seguir, corrigindo, com brandura, os atos imprudentes; nada era feito no acampamento sem ele, nada podia ser administrado sem a solércia dele.

[3, 1] Por fim, quando foi anunciado que Antígono vinha com o exército, obriga-os a entrar em campo. [2] Ali, como desprezam as ordens do comandante, são superados pela virtude dos inimigos. [3] Naquela batalha, perderam, com as esposas e os filhos, não só a glória de tantas guerras, mas também os prêmios adquiridos em longa expedição militar. [4] Mas Eumênes, que era o responsável pelo desastre e também não tinha outra esperança de salvação, exortava os vencidos. [5] Com efeito, afirmava que eles eram superiores em virtude, porque cinco mil inimigos foram mortos por eles, e, se persistissem na guerra, os inimigos, espontaneamente, pediriam a paz. [6] Os prejuízos pelos quais se pensavam vencidos – duas mil mulheres e uns poucos filhos e servos – tão melhor poderiam recuperar vencendo do que abandonando a vitória. [7] Em contrapartida, os argiráspidas dizem que não tentariam a fuga após os prejuízos de seus patrimônios e após terem sido privados das esposas e que não travariam guerra

et post coniuges amissas, neque bellum gesturos contra liberos suos; [8] ultroque eum conuiciis agitant, quod se post tot annos emeritorum stipendiorum redeuntes domum cum praemiis tot bellorum ab ipsa missione rursus in nouam militiam immensaue bella reuocauerit, [9] et a laribus iam quodam modo suis et ab ipso limine patriae abductos inanibus promissis deceperit, [10] nunc quoque amissis omnibus felicis militiae quaestibus ne uictos quidem in misera et inopi senecta quiescere sinat. [11] Ignaris deinde ducibus confestim ad Antigonum legatos mittunt petentes ut sua reddi iubeat. Is redditurum se pollicetur, si Eumenes sibi tradant. [12] Quibus cognitis Eumenes cum paucis fugere temptauit; sed retractus desperatis rebus, cum concursus multitudinis factus esset, petit ut postremum sibi adloqui exercitum liceret.

[4, 1] Iussus ab uniuersis dicere facto silentio laxatisque uinculis prolatam, sicut erat catenatus, manum ostendit. [2] “Cernitis, milites” inquit, “habitum atque ornamenta ducis uestri, quae mihi non hostium quisquam inposuit; nam hoc etiam solacio foret. [3] Vos me ex uictore uictum, uos me ex imperatore captiuum fecistis, quater intra hunc annum in mea uerba iure iurando obstricti estis. [4] Sed ista omitto neque enim miseros conuicia decent; [5] unum oro, si propositorum Antigoni in meo capite summa consistit, inter uos me uelituri mori. [6] Nam neque illius

contra seus próprios filhos; [8] e, além disso, lançam-lhe insultos, porque, após tantos anos de serviços militares, retornando à pátria com os prêmios de tantas guerras, chamou-os de volta, novamente, da própria baixa, para uma nova expedição militar e uma guerra imensa, [9] e, apartados dos lares já quase seus e do próprio limiar da pátria, enganou-os com promessas vãs; [10] agora, privados, do mesmo modo, dos ganhos das expedições militares bem-sucedidas, não permite sequer que, vencidos, repousem em uma velhice miserável e penuriosa. [11] Logo, sem que os comandantes soubessem, imediatamente, enviam embaixadores a Antígono requisitando que ordene que seus bens sejam devolvidos. Ele promete devolvê-los caso lhe entreguem Eumênes. [12] Consciente disso, Eumênes tentou fugir com poucos, mas apanhado em uma situação desesperadora, quando se formou a confluência da multidão, pediu que lhe fosse permitido conversar pela última vez com o exército.

[4, 1] Ordenado por todos a falar, tendo sido feito silêncio e os grilhões afrouxados, mostra a mão levantada, como se estivesse acorrentado. [2] “Vedes, soldados,” diz “a veste e os ornamentos de vosso comandante que inimigo algum me impôs; com efeito, isto também teria sido um consolo. [3] Vós que me fizestes, de vencedor, um vencido; vós (que me fizestes), de general, um cativo. Quatro vezes durante este ano vos comprometestes com um juramento a minhas palavras. [4] Mas deixo isso de lado, porque insultos, de fato, não convêm aos miseráveis; [5] uma só coisa pleiteio: se o cerne dos objetivos de Antígono consiste em minha própria cabeça, consentais que eu morra entre vós. [6] Com efeito, não interessa a ele de que modo ou onde eu caia, e eu estaria livre



interest quemadmodum aut ubi cadam, et ego fuero ignominia mortis liberatus. [7] Hoc si inpetro, soluo uos iure iurando, quotiens uos sacramento mihi deuouistis. [8] Aut si ipsos pudet roganti uim adhibere, ferrum huc date et permittite, quod uos facturos pro imperatore iurastis, imperatorem pro uobis sine religione iuris iurandi facere.” [9] Cum non obtineret, preces in iram uertit. [10] “At uos”, ait, “deuota capita, respiciant dii periuriorum uindices talesque uobis exitus dent, quales uos ducibus uestris dedistis. [11] Nempe uos idem paulo ante et Perdiccae sanguine estis aspersi et in Antipatrum eadem moliti. [12] Ipsum denique Alexandrum, si fas fuisset eum mortali manu cadere, interempturi, quod maximum erat, seditionibus agitastis. [13] Ultima nunc ego perfidorum uictima has uobis diras atque inferias dico: [14] ut inopes extorresque omne aeuum in hoc castrensi exilio agatis deuorentque uos arma uestra quibus plures uestros quam hostium duces absumpsistis.” [15] Plenus deinde irae custodes suos praecedere ad Antigoni castra coepit. [16] Sequitur exercitus prodito imperatore suo et ipse captiuus, triumphumque de se ipse ad uictoris castra ducit, [17] omnia auspicia regis Alexandri et tot bellorum palmas laureasque una secum uictori tradentes; [18] et ne quid deesset pompae, elephantum quoque et auxilia orientalia subsecuntur. [19] Tanto pulchrior haec Antigono quam Alexandro tot uictoriae

de uma morte ignominiosa. [7] Se isso alcançar, libero-vos do juramento, quantas vezes vos consagrastes com uma promessa a mim. [8] Ou, se vos envergonha usar a força em alguém que roga, dai-me aqui um ferro e permiti que aquilo que vós jurastes fazer por seu general, seja feito pelo general por vós, sem juramento religioso.” [9] Como não o obtinha, verteu as preces em ira. [10] “Quanto a vós,” diz “cabeças amaldiçoadas, que os deuses vingadores de perjúrios vos enxerguem e deem um fim tal qual destes a vossos comandantes. [11] Seguramente, vós mesmos, pouco antes, tivestes espargido o sangue de Pérdicas e também maquinado algo igual para Antípatro. [12] Enfim, se lhe fosse permitido cair por uma mão mortal, teríeis liquidado o próprio Alexandre; o assediastes com revoltas, que era o máximo (que pudestes fazer). [13] Agora, eu, última vítima de vossas perfídias, digo-vos essas funestas e infernais (palavras): [14] que, pobres e expatriados, fiqueis toda a vida no exílio deste acampamento, e que vos devorem vossas armas com que aniquilastes um número maior de vossos próprios comandantes do que os dos inimigos.” [15] Logo, cheio de ira, começou a andar à frente de seus próprios guardas até o acampamento de Antígono. [16] O exército, ele mesmo cativo, segue-o, tendo atraído seu próprio general, e conduz o triunfo de si mesmos ao acampamento do vitorioso, [17] entregando, junto a si, todos os auspícios do rei Alexandre, as palmas e os louros de tantas guerras ao vencedor; [18] e, para que nada faltasse à pompa, seguem-no, do mesmo modo, os elefantes e as tropas auxiliares orientais. [19] Tão mais bonita foi esta vitória para Antígono do que tantas para Alexandre, porque, enquanto este venceu o Oriente, ele superou aqueles por que o Oriente fora vencido. [20] Então, Antígono dividiu aqueles dominadores do orbe em seu

fuerunt, ut, cum ille Orientem uicerit, hic etiam eos, a quibus Oriens uictus fuerat, superauerit. [20] Igitur Antigonus domitores illos orbis exercitui suo diuidit, redditis eorum quae in uictoria ceperat. [21] Eumenes uerecundia prioris amicitiae in conspectum suum uenire prohibitum adsignari custodibus praecepit.

[5, 1] Interea Eurydice, uxor Arridaei regis, ut Polyperconta a Graecia redire in Macedoniam cognouit et ab eo arcessitam Olympiada, [2] muliebri aemulatione percussa, abutens ualetudine uiri cuius officia sibi uindicabat, [3] scribit regis nomine Polyperconti, Cassandro exercitum tradat in quem regni administrationem rex transtulerit; eadem et in Asiam Antigono per epistulas nuntiat. [4] Quo beneficio deuinctus Cassander nihil non ex arbitrio muliebris audaciae gerit. [5] Dein profectus in Graeciam multis ciuitatibus bellum infert. [6] Quarum excidio uelut uicino incendio territi Spartani urbem quam semper armis, non muris defenderant, tunc contra responsa fatorum et ueterem maiorum gloriam armis diffisi murorum praesidio includunt. [7] Tantum eos degenerauisse a maioribus, ut, cum multis saeculis murus urbi uirtus ciuium fuerit, tunc ciues saluos se non existimauerint fore, nisi intra muros laterent. [8] Dum haec aguntur, Cassandrum a Graecia turbatus Macedoniae status domum reuocauit. [9] Namque Olympias, mater Alexandri regis, cum ab Epiro in Macedoniam prosequente

próprio exército, tendo-lhes devolvido aquilo de se apoderara com sua vitória. [21] A Eumênes, pela vergonha da amizade anterior, instrui para que, proibido de vir à sua presença, fosse entregue aos guardas.

[5, 1] Entrementes, Eurídice, esposa do rei Arrideu, quando soube que Poliperconte voltava da Grécia para a Macedônia e que intimara Olímpíade, [2] estando abalada pela rivalidade feminina e abusando da doença do marido cujos deveres reivindicava para si, [3] em nome do rei, escreve a Poliperconte que entregara o exército a Cassandro, a quem o rei transferira a administração do reino; por cartas, anuncia isso também a Antígono na Ásia. [4] Atado a esse benefício, Cassandro nada faz que não seja pelo arbítrio da audácia feminina. [5] Depois, pondo-se a caminho da Grécia, leva guerra a muitas cidades. [6] Aterrorizados com a destruição delas como se houvesse um incêndio vizinho, os espartanos, que sempre se defenderam com armas, não com muros, naquele momento, contrariamente às respostas do destino e à antiga glória dos antepassados, estando desconfiados das armas, rodeiam a urbe com a defesa dos muros. [7] Tanto haviam eles degenerado em relação a seus antepassados, que, como durante muitos séculos o muro da urbe fora a virtude dos cidadãos, naquele momento, os cidadãos não julgaram que estariam salvos se não se escondessem no interior dos muros. [8] Enquanto essas ações sucedem-se, a situação conturbada da Macedônia chamou Cassandro de volta da Grécia para a pátria. [9] E, com efeito, enquanto Olímpíade, mãe do rei Alexandre, ia do Épiro à Macedônia

Aeacida, rege Molossorum, ueniret prohiberique finibus ab Eurydice et Arridaeo rege coepisset, [10] seu memoria mariti seu magnitudine filii et indignitate rei moti Macedones ad Olympiada transiere, cuius iussu et Eurydice et rex occiditur, sex annis post Alexandrum potitus regno.

[6, 1] Sed nec Olympias diu regnauit. Nam cum principum passim caedes muliebri magis quam regio more fecisset, fauorem sui in odium uertit. [2] Itaque audito Cassandri aduentu diffisa Macedonibus cum nuru Roxane et nepote Hercule in Pydnam urbem concedit. [3] Proficiscenti Deidamia, Aeacidiae regis filia, et Thessalonice priuigna, et ipsa clara Philippi patris nomine, multaeque aliae principum matronae, speciosus magis quam utilis grex, comites fuere. [4] Haec cum nuntiata Cassandro essent, statim citato cursu Pydnam uenit et urbem obsidione cingit. [5] Cum fame ferroque urgeretur, Olympias longae obsidionis taedio pacta salute uictori se tradidit. [6] Sed Cassander ad contionem uocato populo, sciscitaturus quid de Olympiade fieri uelint, subornat parentes interfectorum, qui sumpta lugubri ueste crudelitatem mulieris accusarent. [7] A quibus accensi Macedones sine respectu pristinae maiestatis occidendam decernunt, [8] inmemores prorsus quod per filium eius uirumque non solum uitam ipsi inter finitimos tutam habuissent, uerum etiam tantas opes imperiumque orbis quaesissent. [9] Sed

em companhia de Eácida, rei dos molossos, e começara a ser apartada de suas fronteiras por Eurídice e pelo rei Arrideu, [10] ou pela memória de seu marido, ou pela grandeza de seu filho e pela indignidade das circunstâncias, os macedônios passaram para (o lado de) Olímpíade, por cuja ordem foram mortos Eurídice e também o rei, tendo-se apossado do reino por seis anos após Alexandre.

[6, 1] Mas nem Olímpíade reinou por um longo tempo. Com efeito, enquanto realizava os massacres dos aristocratas por toda parte, mais por um costume feminino do que régio, converteu em ódio o favor a si. [2] E, assim, tendo ouvido sobre a chegada de Cassandro, desconfiada dos macedônios, recua, com a nora Roxane e o neto Hércules, para a urbe de Pidna. [3] Foram suas companheiras na partida Deidâmia, filha do rei Eácida, e Tessalônica, sua enteada e ela própria preclara pelo nome do pai Filipe, e mais outras matronas dos aristocratas, bando mais pomposo do que útil. [4] Quando isso foi anunciado a Cassandro, ele vai, em seguida, com uma marcha veloz, a Pidna e cinge a urbe com um cerco. [5] Como era atormentada pela fome e pelo ferro, Olímpíade, devido ao aborrecimento de um longo cerco, entregou-se ao vencedor, tendo pactuado sua salvação. [6] Mas Cassandro, convocado o povo a uma assembleia para os consultar sobre o que queriam que fosse feito de Olímpíade, suborna os parentes dos assassinados para que, tomada veste lúgubre, acusem a crueldade da mulher. [7] Inflamados por eles, os macedônios, sem respeito por sua antiga majestade, decretam que seja morta, [8] esquecidos, inteiramente, que, pelo filho e pelo marido dela, não só eles mesmos tiveram uma vida segura em meio aos vizinhos, como também conquistaram tamanhas riquezas e a soberania do orbe. [9] Mas, quando

Olympias ubi obstinatos uenire ad se armatos uidet, ueste regali, duabus ancillis innixa ultro obuiam procedit. [10] Qua uisa percussores adtoniti fortuna maiestatis prioris et tot in ea memoriae occurrentibus regum suorum nominibus substiterunt, [11] donec a Cassandro missi sunt, qui eam confoderent, non refugientem gladium sed nec uulnera aut muliebriter uociferantem, sed uirorum fortium more pro gloria ueteris prosapiae morti succumbentem, ut Alexandrum posses etiam in moriente matre cognoscere. [12] Compsisse insuper expirans capillos et ueste crura contexisse fertur, ne quid posset in corpore eius indecorum uideri. [13] Post haec Cassander Thessalonicen, regis Arridaei filiam, uxorem duxit; filium Alexandri cum matre in arcem Amphipolitanam custodiendos mittit.

## LIBER XV

[1, 1] Perdicca et fratre eius, Eumene, ac Polyperconte ceterisque ducibus diuersae partis occisis finitum certamen inter successores Alexandri Magni uidebatur, cum repente inter ipsos uictores nata discordia est. [2] Quippe postulantibus Ptolomeo et Cassandro et Lysimacho ut pecunia in praeda capta prouinciaeque diuiderentur, Antigonus negauit se in eius belli praemia socios

Olimpiáde vê que eles vêm, obstinados, até si armados, avança ao seu encontro, em veste régia, apoiada em duas criadas. [10] Ao vê-la, os algozes, assombrados pela sorte da majestade prévia e pelos nomes de tantos de seus reis que a partir dela vinham à memória, detiveram-se, [11] até que foram enviados por Cassandro os que a trespassaram. Ela não se refugiou da espada, nem gritou como uma mulher com as feridas, mas sucumbiu à morte ao modo dos homens fortes para a glória de sua antiga prosápia, de maneira que também ao morrer se poderia reconhecer que era a mãe de Alexandre. [12] Conta-se que, expirando, teria arrumado os cabelos e reunido sua veste nas pernas para que nada pudesse ser visto no corpo dela como indecoroso. [13] Após isso, Cassandro tomou Tessalônica, filha do rei Arrideu<sup>489</sup>, como esposa; envia o filho de Alexandre com a mãe para a cidadela de Anfípolis para que sejam vigiados.

## Livro XV

[1, 1] Com Pérdicas e o irmão dele, e Eumênes, Poliperconte e os demais comandantes do partido contrário mortos, parecia que a peleja entre os sucessores de Alexandre, o Grande, havia terminado, quando, de repente, entre os próprios vencedores nasce uma discórdia; [2] porque, quando Ptolomeu, Cassandro e Lisímaco demandaram que o dinheiro e as províncias capturados como despojos fossem divididos, Antígono negou-se a admitir aliados nos prêmios daquela guerra em que passara

<sup>489</sup> Há, aqui, um erro, já que, conforme foi dito mais acima (Just. 14.6.3), Tessalônica era filha de Filipe II e enteada de Olimpiáde, sendo, então, meio-irmã de Arrideu.

admissurum, in cuius periculum solus descenderit; [3] et ut honestum aduersus socios bellum suscipere uideretur, diuulgat se Olympiadis mortem a Cassandro interfectae ulcisci uelle et Alexandri, regis sui, filium cum matre obsidione Amphipolitana liberare. [4] His cognitis Ptolomeus et Cassander inita cum Lysimacho et Seleuco societate bellum terra marique enixe instruunt. [5] Tenebat Ptolomeus Aegyptum cum Africae parte maiore et Cypro et Phoenice. Cassandro parebat Macedonia cum Graecia. [6] Asiam et partem Orientis occupauerat Antigonus, cuius filius Demetrius prima belli congressione a Ptolomeo apud Galamam uincitur. [7] In quo proelio maior Ptolomei moderationis gloria quam ipsius uictoriae fuit; [8] siquidem et amicos Demetrii non solum cum suis rebus, uerum etiam additis insuper muneribus dimisit et ipsius Demetrii priuatum omne instrumentum ac familiam reddidit adiecto honore uerborum, [9] non se propter praedam, sed propter dignitatem inisse bellum, indignatum quod Antigonus deuictis diuersae factionis ducibus solus communis uictoriae praemia corripuisset.

[2, 1] Dum haec aguntur, Cassander ab Apollonia rediens incidit in Abderitas qui propter ranarum muriumque multitudinem relicto patrio solo sedes quaerebant; [2] ueritus ne Macedoniam occuparent facta

sozinho pelo perigo. [3] E, para que parecesse honesto ao suscitar a guerra contra seus aliados, divulga que desejava vingar-se de Cassandro pelo assassinio de Olímpíade e libertar Alexandre, filho de seu rei, com a mãe do cerco de Anfípolis. [4] Conscientes disso, Ptolomeu e Cassandro, tendo iniciado uma aliança com Lisímaco e Seleuco, preparam, com empenho, a guerra por terra e por mar. [5] Ptolomeu tinha o Egito junto à maior parte da África, do Chipre e da Fenícia. Cassandro submetia a Macedônia junto à Grécia. [6] Antígono ocupara a Ásia e parte do Oriente. O filho dele, Demétrio, é vencido na primeira guerra no encontro com Ptolomeu em Galama<sup>490</sup>. [7] Nessa batalha, a glória da moderação de Ptolomeu foi maior do que a própria vitória, [8] visto que deixou partir também os amigos de Demétrio não só com seus próprios pertences, como também com presentes que, além disso, acrescentara e devolveu cada suprimento pessoal e a família do próprio Demétrio, acrescidos da honra dessas palavras: [9] não começara a guerra tendo em vista a pilhagem, mas devido à dignidade, indignado que Antígono, com os comandantes do partido contrário derrotados, tivesse carregado sozinho os despojos de uma vitória comum.

[2, 1] Enquanto essas ações sucedem-se, Cassandro, de volta à Apolônia, depara-se com os abderitas, que, tendo deixado o solo pátrio devido a uma multidão de rãs e ratos, buscavam moradas; [2] temendo que eles ocupassem a Macedônia, feito um acordo,

<sup>490</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), os manuscritos estão corrompidos. A batalha teria ocorrido em Gaza em 312 AEC.

pactione in societatem eos recepit agrosque iis ultimos Macedoniae adsignat. [3] Deinde, ne Hercules, Alexandri filius, qui annos XIV excesserat, fauore paterni nominis in regnum Macedoniae uocaretur, occidi eum tacite cum matre Barsine iubet corporaque eorum terra obrui, ne caedes sepultura proderetur, [4] et quasi parum facinoris in ipso primum rege, mox in matre eius Olympiade ac filio admisisset, [5] alterum quoque filium cum matre Roxane pari fraude interfecit, scilicet quasi regnum Macedoniae, quod adfectabat, aliter consequi quam scelere non posset. [6] Interea Ptolomeus cum Demetrio nauali proelio iterato congregitur et amissa classe hostique concessa uictoria in Aegyptum refugit. [7] Demetrius filium Ptolomei Leontiscum et fratrem Menelaum amicosque eius cum priuati instrumenti ministerio pari prouocatus antea munere, Aegyptum remittit; [8] et ut appareret eos non odiis, sed dignitatis gloria accensos, donis muneribusque inter ipsa bella contendebant. [9] Tanto honestius tunc bella gerebantur quam nunc amicitiae coluntur. [10] Hac uictoria elatus Antigonus regem se cum Demetrio filio appellari a populo iubet. [11] Ptolomeus quoque, ne minoris apud suos auctoritatis haberetur, rex ab exercitu cognominatur. [12] Quibus auditis Cassander et Lysimachus et ipsi regiam sibi maiestatem uindicauerunt. [13] Huius honoris

recebe-os em uma aliança e lhes atribui os campos mais distantes na Macedônia. [3] Logo, para que Hércules, filho de Alexandre, que passara dos quatorze anos, não fosse chamado para o reino da Macedônia por favor ao nome paterno, ordena que ele seja morto, silenciosamente, com a mãe, Barsina, e que os corpos deles sejam cobertos por terra, para que uma sepultura não expusesse os massacres. [4] E, como se tivesse cometido poucas faltas, primeiro, contra o próprio rei, a mãe dele, Olímpíade, e o filho, [5] do mesmo modo assassina, com igual fraude, o outro filho com a mãe Roxane, como se, de fato, não pudesse obter o reino da Macedônia, a que almejava, de outra forma senão por transgressão. [6] Entrementes, Ptolomeu enfrenta Demétrio pela segunda vez em um combate naval e, tendo perdido sua frota e concedido a vitória ao inimigo, refugia-se no Egito. [7] Demétrio, impelido a préstimo equivalente devido ao presente anterior<sup>491</sup>, devolve o filho de Ptolomeu, Leontisco, o irmão, Menelau, e os amigos dele com os suprimentos pessoais; [8] e, para que ficasse evidente que eram inflamados não pelo ódio, mas pela glória da dignidade, competiam com dons e presentes em meio à própria guerra. [9] Travavam-se guerras, então, com tão mais honradez do que agora amizades são cultivadas. [10] Alentado com essa vitória, Antígono ordena ao povo que chame a si e ao filho Demétrio de rei. [11] Ptolomeu, do mesmo modo, para que não tivesse uma autoridade menor junto aos seus, é nomeado rei pelo exército. [12] Sabendo disso, Cassandro e Lisímaco também reivindicam para si mesmos a majestade real. [13] Todos se abstiveram dos ornamentos dessa honra por tanto tempo quanto os filhos

<sup>491</sup> Cf. Just. 15.1.7-9.

ornamentis tam diu omnes abstinerunt quam diu filii regis sui superesse potuerunt. [14] Tanta in illis uerecundia erat ut cum opes regias haberent, regum tamen nominibus aequo animo caruerint quoad Alexandro iustus heres fuit. [15] Sed Ptolomeus et Cassander ceterique factionis alterius duces cum carpi se singulos ab Antigono uiderent, dum priuatum singulorum, non commune uniuersorum bellum ducunt nec auxilium ferre alter alteri uolunt, quasi uictoria unius, non omnium foret, [16] per epistulas se inuicem confirmantes tempus, locum coeundi condicunt bellumque communibus uiribus instruunt. [17] Cui cum Cassander interesse propter finitimum bellum non posset, Lysimachum cum ingentibus copiis in auxilium sociis mittit.

[3, 1] Erat hic Lysimachus inlustri quidem Macedoniae loco natus, sed uirtutis experimentis omni nobilitate clarior, [2] quae tanta in illo fuit ut animi magnitudine philosophiam ipsam uiriumque gloria omnes, per quos Oriens domitus est, uicerit. [3] Quippe cum Alexander Magnus Callisthenem philosophum propter salutationis Persicae interpellatum morem insidiarum, quae sibi paratae fuerant, conscium fuisse iratus finxisset [4] eumque truncatis crudeliter omnibus membris abscisisque auribus ac naso labiisque deforme ac miserandum

de seu próprio rei conseguiram sobreviver. [14] Tamanho era o respeito deles que, ainda que tivessem poderes reais, abstiveram-se, contudo, dos nomes de reis, com igual ânimo, enquanto existiu um herdeiro legal de Alexandre. [15] Mas Ptolomeu, Cassandro e os demais comandantes do outro partido, como se percebiam enfraquecidos individualmente por Antígono, enquanto lideravam uma guerra particular, de indivíduos, não uma guerra comum a todos, e uns não queriam levar auxílio aos outros, como se a vitória de um só não fosse a de todos, [16] entram em acordo mutuamente, confirmando, por meio de cartas, tempo e local para se encontrarem, e preparam uma guerra com forças militares comuns. [17] Ao que, como Cassandro não podia atender devido à guerra com os vizinhos, envia Lisímaco com um grande número de tropas em auxílio aos aliados.

[3, 1] Este Lisímaco havia nascido em uma condição certamente ilustre, mas foi mais preclaro pelas provas de sua virtude do que por toda a sua nobreza, [2] essa que nele foi tamanha que venceu, com sua grandeza de ânimo, a própria filosofia e, com a glória de sua força, todos aqueles que haviam dominado o Oriente. [3] Com efeito, dado que Alexandre, o Grande, irado, tivesse inventado que o filósofo Calístenes<sup>492</sup>, por se opor ao costume da saudação persa, teria sido cúmplice das insídias que eram preparadas para si [4] e, mutilados cruelmente todos os seus membros e cortados orelhas, nariz e lábios, o tivesse transformado num espetáculo disforme e digno de pena, [5] e, além disso, para o terror dos demais, o fizesse circular preso em uma

<sup>492</sup> Justino já fez menção à morte de Calístenes em 12.7.2, porém, há, aqui, mais detalhes.

spectaculum reddidisset, [5] insuper in cauea cum cane clausum ad metum ceterorum circumferret: [6] tunc Lysimachus, audire Callisthenen et praecepta ab eo uirtutis accipere solitus, miseratus tanti uiri non culpae, sed libertatis poenas pendentis, uenenum ei in remedia calamitatum dedit. [7] Quod adeo Alexander aegre tulit, ut eum obici ferocissimo leoni iuberet. [8] Sed cum ad conspectum eius concitatus leo impetum fecisset, manum amiculo inuolutam Lysimachus in os leonis inmersit abreptaque lingua feram exanimauit. [9] Quod cum nuntiatum regi esset, admiratio in satisfactionem cessit, carioeremque eum propter constantiam tantae uirtutis habuit. [10] Lysimachus quoque magno animo regis ueluti parentis contumeliam tulit. [11] Denique omni ex animo huius facti memoria exturbata postea in India insectanti regi quosdam palantes hostes, cum a satellitum turba equi celeritate desertus esset, solus ei per immensas harenarum moles cursus comes fuit. [12] Quod idem antea Philippus, frater eius, cum facere uoluisset, inter manus regis expirauerat. [13] Sed Lysimachum desiliens equo Alexander hastae cuspidem ita in fronte uulnerauit, ut sanguis aliter cludi non posset quam diadema sibi demptum rex adligandi uulneris causa capiti eius inponeret. [14] Quod auspiciam primum regalis maiestatis Lysimacho fuit. [15] Sed et post mortem Alexandri, cum inter successores eius

gaiola junto com um cachorro, [6] então, Lisímaco, acostumado a ouvir Calístenes e a receber dele as instruções da virtude, com pena de um tamanho homem que sofria as punições não por um delito, mas pela liberdade, deu a ele veneno como um remédio para sua calamidade. [7] Alexandre recebeu isso tão mal que ordenou que ele fosse levado para um leão ferocíssimo. [8] Mas, quando o leão, incitado por sua presença, atirou-se a ele com violência, Lisímaco mergulhou sua mão envolta em sua túnica na boca do leão e, arrancada sua língua, tirou a vida da fera. [9] Quando isso foi anunciado ao rei, o assombro deu lugar à satisfação, e o teve em maior estima pela firmeza de tamanha virtude. [10] Lisímaco, do mesmo modo, recebeu com elevado ânimo a afronta do rei, como se fosse de um pai. [11] Enfim, apagada de seu ânimo toda a memória desse fato, depois, na Índia, foi o único companheiro no páreo para o rei que perseguia, através de imensas dunas de areia, alguns dos inimigos dispersos, visto que ele fora separado da legião de seus guardas devido à velocidade de seu cavalo. [12] Quando, antes, o irmão dele, Filipe, quis fazer o mesmo, faleceu nos braços do rei. [13] Mas Alexandre, ao desmontar de seu cavalo, feriu Lisímaco na frente com a ponta de sua lança, de modo que o sangue não pode ser estancado de outra forma até que o rei, tirado seu diadema, o pousasse na cabeça dele para pressionar a ferida. [14] O que foi o primeiro auspício da majestade real de Lisímaco. [15] E também, após a morte de Alexandre, quando as províncias foram divididas entre os sucessores dele, as gentes mais ferozes foram-lhe atribuídas como se ao mais vigoroso de todos, [16] a tal ponto que, pelo consenso coletivo, também recebeu a palma da virtude entre os demais.



prouinciaie diuiderentur, ferocissimae gentes quasi omnium fortissimo adsignatae sunt. [16] Adeo etiam consensu uniuersorum palmam uirtutis inter ceteros tulit.

[4, 1] Priusquam bellum inter Ptolomeum sociosque eius aduersum Antigonum committeretur, repente ex Asia maiore digressus Seleucus nouus Antigono hostis accesserat. [2] Huius quoque et uirtus clara et origo admirabilis fuit; [3] siquidem mater eius Laodice, cum nupta esset Antiocho, claro inter Philippi duces uiro, uisa sibi est per quietem ex concubitu Apollinis concepisse, [4] grauidamque factam munus concubitus a deo anulum accepisse, in cuius gemma anchora sculpta esset, iussaque donum id filio, quem peperisset, dare. [5] Admirabilem fecit hunc uisum et anulus, qui postera die eiusdem sculpturae in lecto inuentus est, et figura anchorae, quae in femore Seleuci nata cum ipso paruulo fuit. [6] Quamobrem Laodice anulum Seleuco eunti cum Alexandro Magno ad Persicam militiam, edocto de origine sua, dedit. [7] Vbi post mortem Alexandri occupato regno Orientis urbem condidit, ibi quoque geminae originis memoriam consecrauit. [8] Nam et urbem ex Antiochi patris nomine Antiochiam uocauit et campos uicinos urbi Apollini dicauit. [9] Originis eius argumentum etiam in posteris mansit, siquidem filii nepotesque eius anchoram in

[4, 1] Antes que se travasse a guerra entre Ptolomeu e seu aliados contra Antígono, de repente, Seleuco, partindo da Ásia Maior, surge a Antígono como um novo inimigo. [2] Do mesmo modo, a virtude dele era preclara, assim como sua origem, admirável; [3] visto que a mãe dele, Laódice, enquanto estava casada com Antíoco, homem preclaro entre os comandantes de Filipe, viu-se, durante o sono, ter concebido ao se deitar com Apolo<sup>493</sup> [4] e, tendo engravidado, aceitou como presente, por se ter deitado com o deus, um anel, em cuja gema estava entalhada uma âncora, e ela foi ordenada a dá-lo como um dom ao filho que parisse. [5] Fizeram com que essa visão fosse admirável o anel que, no dia seguinte, foi encontrado no leito com o mesmo entalhe, e também a imagem de uma âncora na coxa de Seleuco que nasceu com o próprio pequenino. [6] Por essa razão, Laódice deu o anel a Seleuco quando foi, com Alexandre, o Grande, à expedição militar na Pérsia, [7] onde, após a morte de Alexandre, o Grande, tendo ocupado o reino do Oriente, fundou uma urbe e também ali consagrou a memória de sua dupla origem. [8] Com efeito, também chamou a urbe de Antioquia a partir do nome do pai, Antíoco, e devotou os campos vizinhos à urbe a Apolo. [9] A prova da origem dele perdurou até a posteridade, visto que os filhos e os netos dele tinham uma âncora na coxa como uma marca natural de sua linhagem. [10] Após a divisão dos reinos macedônicos entre os aliados, travou muitas

<sup>493</sup> Assim como Olímpíade, mãe de Alexandre, o Grande, vira-se com uma serpente gigante (Just. 12.16.2).

femore ueluti notam generis naturalem habuere. [10] Multa in Oriente post diuisionem inter socios regni Macedonici bella gessit. [11] Principio Babyloniam cepit; inde auctis ex uictoria uiribus Bactrianos expugnauit. [12] Transitum deinde in Indiam fecit, quae post mortem Alexandri, ueluti ceruicibus iugo seruitutis excusso, praefectos eius occiderat. [13] Auctor libertatis Sandrocottus fuerat, sed titulum libertatis post uictoriam in seruitutem uerterat; [14] siquidem occupato regno populum quem ab externa dominatione uindicauerat ipse seruitio premebat. [15] Fuit hic humili quidem genere natus, sed ad regni potestatem maiestate numinis impulsus. [16] Quippe cum procacitate sua Nandrum regem offendisset, interfici a rege iussus salutem pedum celeritate quaesierat. [17] Ex qua fatigatione cum somno captus iaceret, leo ingentis formae ad dormientem accessit sudoremque profluentem lingua ei detersit expergefatumque blande reliquit. [18] Hoc prodigio primum ad spem regni impulsus contractis latronibus Indos ad nouitatem regni sollicitauit. [19] Molienti deinde bellum aduersus praefectos Alexandri elephantus ferus infinitae magnitudinis ultro se obtulit et ueluti domita mansuetudine eum tergo exceptit duxque belli et proelior insignis fuit. [20] Sic adquisito regno Sandrocottus ea tempestate, qua Seleucus futurae magnitudinis fundamenta iaciebat, Indiam possidebat, [21]

guerras no Oriente. [11] Primeiro, tomou a Babilônia; dali, tendo aumentado suas forças militares com a vitória, toma de assalto os bactrianos. [12] Logo, fez a passagem para a Índia, a qual, após a morte de Alexandre, como se tirado de seus pescoços o jugo da servidão, havia assassinado seus intendentos. [13] O responsável pela liberdade fora Sandrocottus, mas vertera o título de liberdade em servidão após a vitória, [14] visto que, tendo ocupado o reino, acossava com a servidão o povo a quem ele próprio livrara da dominação externa. [15] Esse nasceu de uma linhagem, certamente, humilde, mas foi impelido à majestade real pelo poder dos numes, [16] pois, quando ofendeu o rei Nandro com seu atrevimento, condenado pelo rei a ser assassinado, alcançara a salvação pela velocidade dos pés. [17] Quando, devido a essa fadiga, jazia, capturado pelo sono, um leão de tamanho imenso aproximou-se do que dormia, enxugou com a língua o suor que dele escorria e, tendo-o acordado com brandura, deixa-o. [18] Impelido por esse prodígio, pela primeira vez, à esperança do reino, contratados uns ladrões, atraíu os indos a uma renovação do reino. [19] Logo, enquanto projeta a guerra contra os intendentos de Alexandre, um elefante feroz de extraordinária magnitude apresentou-se espontaneamente e, como se domado à mansidão, levou-o nas costas e foi um comandante e combatente insigne na guerra. [20] Assim, tendo adquirido o reino, Sandrocottus controlava a Índia ao mesmo tempo em que Seleuco lançava os alicerces de sua futura grandeza. [21] Seleuco, após fazer um pacto com ele e com as coisas apaziguadas no Oriente, passa à guerra de Antígono. [22] Reunidas, então, as tropas de todos os aliados, travam combate; nele, Antígono é assassinado; Demétrio, filho dele, põe-se em fuga. [23] Mas os aliados,

cum quo facta pactione Seleucus compositisque in Oriente rebus in bellum Antigoni descendit. [22] Adunatis igitur omnium sociorum copiis proelium committitur; in eo Antigonus occiditur, Demetrius, filius eius, in fugam uertitur. [23] Sed socii profligato hostili bello denuo in semet ipsos arma uertunt et, cum de praeda non conuenirent, iterum in duas factiones diducuntur. [24] Seleucus Demetrio, Ptolomeus Lysimacho iunguntur. Cassandro defuncto Philippus filius succedit. [25] Sic quasi ex integro noua Macedoniae bella nascuntur.

#### LIBER XVI

[1, 1] Post Cassandri regis filique eius Philippi continuas mortes Thessalonice regina, uxor Cassandri, non magno post tempore ab Antipatro filio, cum uitam etiam per ubera materna deprecaretur, occiditur. [2] Causa parricidii fuit, quod post mortem mariti in diuisione inter fratres regni propensior fuisse pro Alexandro uidebatur. [3] Quod facinus eo grauius omnibus uisum est quod nullum maternae fraudis uestigium fuit, [4] quamquam in parricidio nulla satis iusta causa ad sceleris patrocinia praetexi potest. [5] Ob haec igitur Alexander in ultionem maternae necis gesturus cum fratre bellum auxilium a

terminada a guerra ao inimigo, de novo voltam as armas contra si mesmos e, como não concordavam quanto à pilhagem, mais uma vez, separam-se em dois partidos. [24] Juntam-se Seleuco com Demétrio, Ptolomeu com Lisímaco. Falecido Cassandro, seu filho, Filipe, sucede-o. [25] Assim, como se do início, nascem novas guerras na Macedônia.

#### Livro XVI

[1, 1] Após as mortes do rei Cassandro e do filho dele, Filipe, a rainha Tessalônica, esposa de Cassandro, foi morta, não muito tempo depois, pelo filho, Antípatro, enquanto clamava por sua vida até com os seios maternos. [2] A causa do parricídio<sup>495</sup> foi que, após a morte do marido, parecia estar mais favorável a Alexandre na divisão do reino entre os irmãos. [3] Essa falta pareceu a todos mais severa porque não houve vestígio algum de uma trama materna, [4] até porque, em um parricídio, nenhuma causa poderia ser suficientemente justa para a defesa da transgressão. [5] Por isso, então, Alexandre pediu auxílio a Demétrio para guerrear com o irmão em vingança pelo assassinato materno. [6] E Demétrio, na esperança de invadir o reino macedônico, não se demorou. [7] Temendo a vinda dele,

<sup>495</sup> Cf. nota a Just. 1.9.5.

Demetrio petit. [6] Nec Demetrius spe inuadendi Macedonici regni moram fecit. [7] Cuius aduentum uerens Lysimachus persuadet genero suo Antipatro ut malit cum fratre in gratiam reuerti quam paternum hostem in Macedoniam admitti. [8] Incohatam igitur inter fratres reconciliationem cum praesensisset Demetrius, per insidias Alexandrum interfecit [9] occupatoque Macedoniae regno caedem apud exercitum excusaturus in contionem uocat. [10] Ibi priorem se petitum ab Alexandro adlegat, nec fecisse se, sed occupasse insidias. [11] Regem autem se Macedoniae uel aetatis experimentis uel causis iustiores esse. [12] Patrem enim suum et Philippo regi et Alexandro Magno socium in omni militia fuisse; [13] liberorum deinde Alexandri ministrum et ad persequendos defectores ducem extitisse. [14] Contra Antipatrum, auum horum adulescentium, amariorem semper ministrum regni quam ipsos reges fuisse. [15] Cassandrum uero patrem, extinctorem regiae domus, non feminis, non pueris pepercisse nec cessasse quoad omnem stirpis regiae subolem deleret. [16] Horum scelerum ultionem, quia nequisset ab ipso Cassandro exigere, ad liberos eius translatam. [17] Quamobrem etiam Philippum Alexandrumque, si quis manium sensus est, non interfectores suos ac stirpis suae, sed ultores eorum Macedoniae regnum tenere malle. [18] Per haec mitigato populo rex Macedoniae appellatur. [19]

Lisímaco persuade seu próprio genro, Antípatro, de modo que ele prefira retornar às graças com o irmão a um inimigo paterno ser admitido na Macedônia. [8] Então, como Demétrio tivesse pressentido a reconciliação iniciada entre os irmãos, matou Alexandre por meio de insídias [9] e, tendo-se apoderado do reino da Macedônia, chama o exército a uma assembleia para justificar o massacre. [10] Ali, alega ter sido procurado por Alexandre antes e que não fizera insídias, mas delas ter-se-ia apoderado. [11] Por sua vez, seria mais justo que fosse o rei da Macedônia ou pela experiência da idade ou pelas circunstâncias: [12] de fato, seu próprio pai fora aliado do rei Filipe e de Alexandre, o Grande, em todas as expedições; [13] logo, teria permanecido como um assistente dos filhos de Alexandre e um comandante na perseguição dos traidores. [14] Contrariamente, Antípatro, avô desses adolescentes, sempre fora um assistente do reino mais amargo do que seus próprios reis. [15] O pai dele, Cassandro, o exterminador da casa real, não havia poupado mulheres, nem meninos, nem descansado enquanto não tivesse destruído toda a linhagem da estirpe real. [16] A vingança dessas transgressões havia passado para os filhos dele, porque não a pudesse exigir do próprio Cassandro. [17] Por esse motivo, também Filipe e Alexandre, se há alguma consciência nos manes, prefeririam ter no trono da Macedônia não os seus assassinos e os de sua própria estirpe, mas os vingadores deles. [18] Tendo aplacado o povo com essas palavras, é chamado rei da Macedônia. [19] Como Lisímaco, do mesmo modo, fosse acossado pela guerra de Doricetes, rei dos trácios, para não precisar ter que lutar, ao mesmo tempo, contra Demétrio, sela a paz com ele, tendo-lhe entregado uma parte da Macedônia, a qual viera por sorte a Antípatro, genro dele.

Lysimachus quoque cum bello Doricetis<sup>494</sup>, regis Thracum, premeretur, ne eodem tempore aduersus Demetrium dimicare necesse haberet, tradita ei altera parte Macedoniae, quae Antipatro, genero eius, obuenerat, pacem cum eo fecit.

[2, 1] Igitur Demetrius totis Macedonici regni uiribus instructus cum Asiam occupare statuisset, iterato Ptolomeus, Seleucus et Lysimachus, experti priore certamine, quantae uires essent concordiae, pacta societate adunatisque exercitibus bellum aduersus Demetrium transferunt in Europam. [2] His comitem se et belli socium iungit Pyrrus, rex Epiri, sperans non difficiliter Demetrium amittere Macedoniae posse quam adquisierat. [3] Nec spes frustra fuit quippe exercitu eius corrupto ipsoque in fugam acto regnum Macedoniae occupauit. [4] Dum haec aguntur Lysimachus generum suum Antipatrum regnum Macedoniae ademptum sibi fraude soceri querentem interficit filiamque suam Eurydicen, querelarum sociam, in custodiam tradit, [5] atque ita uniuersa Cassandri domus Alexandro Magno seu necis ipsius seu stirpis extinctae poenas partim caede, partim supplicio, partim parricidio luit. [6] Demetrius quoque a tot exercitibus circumuentus, cum posset honeste mori, turpiter se dedere Seleuco maluit. [7] Finito bello Ptolomeus cum magna rerum gestarum gloria moritur. Is

[2, 1] Então, enquanto Demétrio, equipado com todas as forças militares do reino macedônico, decidia ocupar a Ásia, Ptolomeu, Seleuco e Lisímaco, tendo experimentado, na peleja anterior, o tamanho das forças militares que havia na concórdia, feita, outra vez, uma aliança e reunidos os exércitos, transferem a guerra contra Demétrio à Europa. [2] Pirro, rei do Épiro, une-se a eles como companheiro e aliado de guerra, esperando que Demétrio perderia a posse da Macedônia com não mais dificuldade do que a adquirira. [3] E a esperança não foi frustrada, pois, com o exército dele corrompido, e ele mesmo posto em fuga, ocupou o reino da Macedônia. [4] Enquanto essas ações sucedem-se, Lisímaco assassina seu próprio genro, Antípatro, que se queixava pelo reino da Macedônia subtraído de si por meio do estratagemas do sogro, e sua própria filha, Eurídice, aliada das querelas, foi entregue à prisão, [5] e, assim, a casa inteira de Cassandro purgou as punições a Alexandre, o Grande, seja por sua própria morte, seja pela estirpe extinta, parte por massacre, parte por suplício, parte por parricídio. [6] Demétrio, do mesmo modo, cercado por tantos exércitos, enquanto poderia morrer honrosamente, prefere entregar-se vergonhosamente a Seleuco. [7] Terminada a guerra, Ptolomeu morreu com a grande glória de seus feitos. Ele mesmo,

<sup>494</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que Jean-Albert Fabricius corrige o termo por *Dromichaetes*, ou seja, Dromiquetes, o que é seguido por Mineo (2018, p. 79, cf. Justin).

contra ius gentium minimo natu ex filiis ante infirmitatem regnum tradiderat eiusque rei populo rationem reddiderat; [8] cuius non minor fauor in accipiendo quam patris in tradendo regno fuerat. [9] Inter cetera patris et filii mutuae pietatis exempla etiam ea res amorem populi iuueni conciliauerat, quod pater regno publice ei tradito priuatus officium regi inter satellites fecerat omnique regno pulchrius regis esse patrem duxerat.

[3, 1] Sed inter Lysimachum et Pyrrum regem, socios paulo ante aduersus Demetrium, adsidium inter pares discordiae malum bellum mouerat. [2] Victor Lysimachus pulso Pyrru Macedoniam occupauerat. [3] Inde Thraciae ac deinceps Heracleae bellum intulerat, cuius urbis et initia et exitus admirabiles fuere. [4] Quippe Boeotiis pestilentia laborantibus oraculum Delphis responderat, coloniam in Ponti regione sacram Herculi conderent. [5] Cum propter metum longae ac periculosae nauigationis mortem in patria omnibus praeoptantibus res omissa esset, bellum his Phocenses intulerunt, [6] quorum cum aduersa proelia paterentur, iterato ad oraculum decurrunt; responsum idem belli quod pestilentiae remedium fore. [7] Igitur conscripta colonorum manu in Pontum delati urbem Heracleam condiderunt, et quoniam fatorum auspiciis in eas sedes delati erant, breui tempore magnas opes parauere. [8] Multa deinde huius urbis aduersus finitimos bella, multa etiam

antes de sua enfermidade, contrário ao direito das gentes, entregara o reino ao mais novo de seus filhos e apresentara ao povo a razão dessa ação; [8] pelo que o apoio ao caçula por aceitar o reino não fora menor do que aquele ao pai por entregá-lo. [9] Entre outros exemplos de mútua piedade de pai e filho, esta ação também provocara o amor do povo pelo jovem: o pai, tendo entregado o reino a ele publicamente, havia servido, como cidadão, entre os guardas do rei e considerado mais belo do que todo o reino ser pai do rei.

[3, 1] Mas, como é constante entre iguais, o mal da discórdia movera uma guerra entre Lisímaco e o rei Pirro, pouco antes aliados contra Demétrio. [2] Lisímaco, vitorioso, tendo expulsado Pirro, ocupara a Macedônia. [3] Dali, havia levado guerra à Trácia e, em seguida, a Heracleia, urbe que tinha origens e êxitos admiráveis, [4] pois o oráculo de Delfos respondera aos beócios, que padeciam com uma pestilência, que fundassem uma colônia consagrada a Hércules na região do Ponto. [5] Como essa ação estava esquecida devido ao medo de uma longa e perigosa navegação, tendo preferido a morte na pátria, os focenses levaram guerra a eles, [6] os quais, como sofriam com as batalhas adversas, outra vez, correram ao oráculo; a resposta foi que o remédio para a guerra seria o mesmo que para a pestilência. [7] Então, levada ao Ponto uma hoste convocada de colonos, fundaram a urbe de Heracleia e, porque foram levados àquelas moradas pelos auspícios do destino, em pouco tempo, prepararam grandes contingentes. [8] Logo, essa urbe teve muitas guerras contra os vizinhos, também muitos males por seus desentendimentos internos. Entre outras ações, esta foi, por assim dizer, especialmente memorável: [9] quando os atenienses conquistaram a soberania e, tendo vencido os persas, estabeleceram um tributo

domesticae dissensionis mala fuere. Inter cetera magna uel praecipue illud memorabile fuit. [9] Cum rerum potirentur Athenienses uictisque Persis Graeciae et Asiae tributum in tutelam classis descripsissent, omnibus cupide ad praesidium salutis suae conferentibus soli Heracleenses ob amicitiam regum Persicorum conlationem abnuerant. [10] Missus itaque ab Atheniensibus Lamachus cum exercitu ad extorquendum quod negabatur, dum relictis in litore nauibus agros Heracleensium populatur, classem cum maiore parte exercitus naufragio repentinae tempestatis amisit. [11] Itaque cum neque mari posset amissis nauibus, neque terra auderet cum parua manu inter tot ferocissimas gentes reuerti, Heracleenses honestiorem beneficii quam ultionis occasionem rati instructos comitatibus auxiliisque dimittunt, [12] bene agrorum suorum populationem inpensam existimantes, si quos hostes habuerant amicos reddidissent.

[4, 1] Passi sunt inter plurima mala etiam tyrannidem; [2] siquidem cum plebs et nouas tabulas et diuisionem agrorum diuitum inpotenter flagitaret, diu re in senatu tractata cum exitus rei non inueniretur, [3] ad postremum aduersus plebem nimio otio lasciuientem auxilia a Timotheo, Atheniensium duce, mox ab Epaminonda Thebanorum petiuere. [4] Vtrisque negantibus

à Grécia e à Ásia para a tutela das frotas, enquanto todos, de bom grado, contribuíam para defesa de sua própria salvação, somente os heracleenses, por sua amizade com os reis persas, abstiveram-se da colaboração. [10] E, assim, Lâmaco, enviado pelos atenienses com um exército para extorquir o que era recusado, deixadas as naus no litoral, enquanto tomava de assalto os campos dos heracleenses, perdeu a frota com a maior parte do exército no naufrágio de uma tempestade repentina. [11] E, assim, como não podia voltar por mar com as naus perdidas, nem ousava fazê-lo por terra com uma pequena tropa entre tantas gentes ferocíssimas, os heracleenses, acreditando que a ocasião de um benefício era mais honrosa do que a da vingança, libertam-nos, equipados com suprimentos e tropas auxiliares, [12] julgando a despesa da tomada de seus próprios campos positivamente, se tivessem transformado aqueles que eram seus inimigos em amigos.

[4, 1] Entre os muitíssimos males por que passaram estava também a tirania, [2] visto que, como o vulgo exigia insolentemente novas contas<sup>496</sup> e também a divisão dos campos dos ricos, a situação foi discutida, por longo tempo, no senado, sem que encontrassem uma solução; [3] por fim, pediram, contra a plebe lasciva por excesso de ócio, tropas auxiliares a Timóteo, comandante dos atenienses, e, a seguir, a Epaminondas, dos tebanos. [4] Negando um e outro, recorrem a Clearco, que eles

<sup>496</sup> Ou seja, o perdão das dívidas.

ad Clearchum, quem ipsi in exilium egerant, decurrunt. [5] Tanta calamitatum necessitas fuit, ut cui patriam interdixerant, eum ad tutelam patriae uocarent. [6] Sed Clearchus, exilio facinorosior redditus et dissensionem populi occasionem inuadendae tyrannidis existimans, [7] primo tacitus cum Mithridate, ciuium suorum hoste, conloquitur et inita societate paciscitur, ut reuocatus in patriam prodita ei urbe praefectus eius constitueretur. [8] Postea autem insidias, quas ciuibus parauerat, in ipsum Mithridatem uerterat. [9] Namque cum uelut arbiter ciuilibus discordiae de exilio reuersus esset, statuto tempore quo urbem Mithridati traderet, ipsum cum amicis suis cepit captumque accepta ingenti pecunia dimisit. [10] Atque ut in illo subitum se ex socio fecit hostem, sic ex defensore senatoriae causae repente patronus plebis euasit [11] et aduersus auctores potentiae suae, a quibus reuocatus in patriam, per quos in arce conlocatus fuerat, non solum plebem accendit, uerum etiam nefandissima quaeque tyrannicae crudelitatis exercuit. [12] Igitur populo ad contionem uocato neque ad futurum se amplius grassanti in populum senatui ait; intercessurum etiam, si in pristina saeuitia perseueret; [13] quod si pares se crudelitati senatorum arbitrentur, abiturum cum militibus suis neque ciuilibus discordiis interfuturum; [14] sin uero diffidant uiribus propriis, uindictae se ciuium non defuturum. [15] Proinde consulant sibi ipsi: iubeant abire se, si

mesmos lançaram no exílio. [5] Tamanha era a necessidade com essas calamidades, que chamavam para tutela da pátria aquele que haviam afastado da pátria. [6] Mas Clearco, restituído do exílio mais facínora e julgando o desentendimento do povo uma ocasião de apoderar-se da tirania, [7] primeiro, conversa, em segredo, com Mitrídates, inimigo de seus próprios cidadãos, e negocia o início de uma aliança, de modo que, chamado de volta à pátria, com a urbe entregue a ele, fosse estabelecido como intendente dele. [8] Posteriormente, por sua vez, volta essas insídias, as quais preparara aos cidadãos, ao próprio Mitrídates. [9] E, com efeito, de volta do exílio como um árbitro da discórdia civil, no tempo estabelecido em que entregaria a urbe a Mitrídates, capturou-o com seus amigos e, tendo aceitado uma grande quantia em dinheiro, deixa-o partir. [10] E tal como, naquele caso, subitamente de um aliado fez-se um inimigo, assim, de um defensor da causa senatorial esgueirou-se, de repente, um protetor da plebe [11] e não só inflamou a plebe contra os autores de seu próprio poder, pelos quais foi chamado de volta à pátria, pelos quais foi colocado na cidadela, como também exerceu a mais nefanda crueldade tirânica. [12] Então, tendo convocado o povo a uma assembleia, diz que não mais avançaria com o senado contra o povo; também interviria se aquele persistisse em sua antiga fúria; [13] e, caso pensem ser páreos à crueldade dos senadores, retirar-se-ia com seus soldados e não tomaria parte nas discórdias civis; [14] mas caso hesitem em relação às suas próprias forças, ele não faltaria à revanche dos cidadãos. [15] Assim, que consultem a si próprios: se lhe ordenam partir, ou se preferem que permaneça como aliado da causa popular. [16] O vulgo, incitado pelas palavras dele, oferece-lhe a suma soberania e, enquanto se encoleriza



malint, uel causae popularis socium remanere. [16] His uerbis sollicitata plebs summum ad eum imperium defert et, dum senatus potentiae irascitur, in seruitutem se tyrannicae dominationis cum coniugibus et liberis tradit.

[17] Igitur Clearchus LX senatores comprehensos – nam ceteri in fugam dilapsi erant – in uincula conpingit. [18] Laetari plebs quod a duce potissimum senatorum senatus deleretur, uersaque uice auxilium eorum in exitium conuersum esse. [19] Quibus dum mortem passim omnibus minatur, cariora eorum pretia fecit, [20] siquidem Clearchus magna pecunia, quasi minis populi occulte eos subtracturus, accepta spoliatos fortunis uita quoque spoliauit.

[5, 1] Cognito deinde quod bellum sibi ab iis qui profugerant misericordia in auxilium sollicitatis ciuitatibus pararetur, seruos eorum manumittit [2] et, ne quid mali adflictis honestissimis domibus deesset, uxores eorum filiasque nubere seruis suis proposita recusantibus morte compellit, ut eos sibi fidiore et dominis infestiores redderet. [3] Sed matronis tam lugubres nuptiae grauiorens repentinis funeribus fuere. [4] Itaque multae se ante nuptias, multae in ipsis nuptiis occisae prius nouis maritis interficiunt et se tam funestis calamitatibus uirtute ingenui pudoris eripiunt. [5] Proelium deinde committitur, quo uictor tyrannus captiuos senatores in triumphum modum per ora ciuium trahit. [6] Reuersus in urbem alios uincit, torquet alios, occidit alios;

com o poder do senado, entrega-se, com as esposas e os filhos, à servidão da dominação tirânica. [17] Então, Clearco reúne no cativeiro sessenta senadores detidos – com efeito, os demais haviam-se dispersado em fuga. [18] O vulgo felicita-se que o senado fosse destruído pelo comandante mais poderoso dos senadores, e que, por uma inversão de situação, o auxílio deles se tivesse convertido em ruína. [19] Enquanto ameaça, daqui e dali, a todos eles com a morte, fez os resgates deles mais caros, [20] visto que Clearco, tendo aceitado muito dinheiro como se fosse subtraí-los das ameaças do povo em segredo, espoliou também a vida daqueles que foram espoliados de sua fortuna.

[5, 1] Logo, tendo descoberto que os que tinham fugido, depois de suscitar pela misericórdia um auxílio das cidades, preparavam-lhe uma guerra, libertou os servos deles, [2] e, para que não faltasse um mal às aflitas casas mais honestas, obriga as esposas e as filhas deles a casarem com seus próprios servos, tendo ameaçado de morte às que se recusassem, para que estas se tornassem mais fiéis a si e ferrenhos inimigos dos senhores. [3] Mas as núpcias tão lúgubres das matronas foram mais severas com os funerais repentinis; [4] e, assim, muitas, antes das núpcias, muitas, durante as próprias núpcias, mataram-se, tendo assassinado primeiro os novos maridos, e se arrancaram de calamidades tão funestas pela virtude natural do pudor. [5] Logo, trava-se combate, do qual o tirano, vencedor, leva os senadores cativos como em um triunfo diante dos cidadãos. [6] De volta à urbe, prende uns, tortura outros, mata outros; lugar algum da urbe está livre da

nullus locus urbis a crudelitate tyranni uacat. [7] Accedit saeuitiae insolentia, crudelitati adrogantia. [8] Interdum ex successu continuae felicitatis obliuiscitur se hominem, interdum Iouis filium dicit. [9] Eunti per publicum aurea aquila uelut argumentum generis praeferebatur, [10] ueste purpurea et cothurniis regum tragicorum et aurea corona utebatur, [11] filium quoque suum Ceraunon uocat ut deos non mendacio tantum, uerum etiam nominibus inludat. [12] Haec illum facere duo nobilissimi iuuenes, Chion et Leonides, indignantes patriam liberaturi in necem tyranni conspirant. [13] Erant hi discipuli Platonis philosophi, qui uirtutem, ad quam cotidie praeceptis magistri erudiebantur, patriae exhibere cupientes. Cognatos uel clientes in insidiis locant. [14] Ipsi more iurgantium ad tyrannum ueluti ad regem in arcem contendunt; [15] qui iure familiaritatis admissi, dum alterum priorem dicentem intentus audit tyrannus, ab altero obruncatur. [16] Sed et ipsi sociis tardius auxilium ferentibus a satellitibus obruuntur. [17] Qua re factum est, ut tyrannus quidem occideretur, sed patria non liberaretur. [18] Nam frater Clearchi Satyrus eadem uia tyrannidem inuadit, multisque annis per gradus successionis Heracleenses regnum tyrannorum fuere.

crudeldade do tirano. [7] À fúria, junta-se a insolência; à crueldade, a arrogância. [8] Esquecido, às vezes, de que era um homem, devido ao sucesso de sua ventura contínua, diz, às vezes, que é filho de Jove. [9] Saído em público, uma águia de ouro era carregada à sua frente como prova de sua linhagem; [10] trajava-se com veste purpúrea, com os coturnos dos reis das tragédias e com uma coroa de ouro. [11] Chama, do mesmo modo, seu próprio filho de Cerauno, de maneira a zombar dos deuses tanto pela mentira, como também pelos nomes<sup>497</sup>. [12] Indignados com as ações que ele realizava, dois jovens nobilíssimos, Quíon e Leônides, conspiram para libertar a pátria com o assassinato do tirano. [13] Eles eram discípulos do filósofo Platão, os quais, desejando exibir para a pátria a virtude em que eram letrados cotidianamente pelos ensinamentos do professor, colocam cinquenta parentes ou clientes em emboscada. [14] Eles próprios, a partir do costume das discussões, encaminham-se ao tirano como a um rei na cidadela; [15] tendo sido eles admitidos pela lei da amizade, enquanto o tirano ouve, atento, o primeiro que fala, é assassinado pelo outro. [16] Mas, com o auxílio de seus aliados chegando tardiamente, eles próprios também são executados pelos guardas. [17] O resultado dessa ação foi que, certamente, matou-se o tirano, mas a pátria não foi libertada. [18] Com efeito, o irmão de Clearco, Sátiro, intenta a tirania pelo mesmo método, e, por muitos anos, os heracleenses estiveram sob o reino de tiranos conforme a ordem de sucessão.

<sup>497</sup> Pois Κεραυνός (*Keraunós*), raio, é um dos epítetos de Júpiter (Castro Sánchez, 2008, p. 295).

## LIBER XVII

[1, 1] Per idem ferme tempus Hellesponti et Chersonesi regionibus terrae motus fuit, [2] maxime tamen Lysimachia urbs ante duos et XX annos a Lysimacho rege condita, euersa est. [3] Quod portentum dira Lysimacho stirpique eius ac regni ruinam cum clade uexatarum regionum portendebat. [4] Nec ostentis fides defuit, nam breui post tempore Agathoclem, filium suum, quem in successionem regni ordinauerat, per quem multa bella prospere gesserat, non solum ultra patrium, uerum etiam ultra humanum morem perosus ministra Arsinoe nouerca ueneno interfecit. [5] Haec illi prima mali labes, hoc initium inpendentis ruinae fuit. [6] Nam parricidium principum secutae caedes sunt luentium supplicia, quod occisum iuuenem dolebant. [7] Itaque et ii qui caedibus superfuerant, et ii qui exercitibus praeerant certatim ad Seleucum deficiunt [8] eumque pronum iam ex aemulatione gloriae bellum Lysimacho inferre compellunt. [9] Vltimum hoc certamen conmilitionum Alexandri fuit et uelut ad exemplum fortunae par reseruatum. [10] Lysimachus quattuor et LXX annos natus erat, Seleucus septem et LXX. [11] Sed in hac aetate utrique animi iuueniles erant imperiique

Livro XVII<sup>498</sup>

[1, 1] Quase ao mesmo tempo, houve um terremoto nas regiões do Helesponto e do Quersoneso, [2] mas a urbe mais arrasada foi Lisimaquia, que havia sido fundada há vinte e dois anos pelo rei Lisímaco. [3] Esse agouro, com o desastre das regiões abaladas, agourava a ruína funesta da estirpe de Lisímaco e do reino dele. [4] E não faltou credibilidade ao que era mostrado; com efeito, após um breve tempo, detestando Agátocles, seu filho – o qual nomeara à sucessão do reino, por meio de quem muito guerreara com prosperidade –, não só com um (ódio) superior ao de um pai, mas também superior ao costume humano, mata-o com veneno, tendo como auxiliar a madrasta Arsinoé. [5] Essa foi para ele a primeira queda de uma desgraça, esse o início da ruína que se aproximava. [6] Com efeito, ao parricídio, seguiram-se os massacres dos aristocratas, que expiaram os suplícios, porque lhes doía o jovem assassinado. [7] E, assim, aqueles que tinham sobrevivido aos massacres e também aqueles à frente dos exércitos, à porfia, desertam para Seleuco [8] e o compelem, ele, que já estava inclinado a uma disputa pela glória, a levar guerra a Lisímaco. [9] Essa foi a última peleja dos companheiros de guerras de Alexandre e foi como se esse par tivesse sido reservado como exemplo pela fortuna. [10] Lisímaco tinha setenta e quatro anos de idade; Seleuco, setenta e sete. [11] Mas, nessa idade, ambos tinham ânimos juvenis e carregavam um desejo insaciável de governar; [12] pois, embora os dois

<sup>498</sup> Os trechos Just. 17.2.11-5 e 17.3.14-22 já integram o recorte traduzido em Mello (2022, p. 58-60), contudo, foram trazidos para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

cupiditatem insatiabilem gerebant; [12] quippe cum orbem terrarum duo soli tenerent, angustis sibi metis inclusi uidebantur uitaeque finem non annorum spatio, sed imperii terminis metiebantur.

[2, 1] In eo bello Lysimachus amissis ante uariis casibus quindecim liberis non instrenue moriens postremus domus suae ruinae cumulus accessit. [2] Laetus tanta uictoria Seleucus et, quod maius uictoria putat, solum se de cohorte Alexandri remansisse uictoremque uictorum extitisse, non humanum esse opus, sed diuinum munus gloriatur, [3] ignarus prorsus non multo post fragilitatis humanae se ipsum exemplum futurum. [4] Quippe post menses admodum septem a Ptolomeo, cuius sororem Lysimachus in matrimonio habuerat, per insidias circumuentus occiditur [5] regnumque Macedoniae, quod Lysimacho eripuerat, cum uita pariter amittit. [6] Igitur Ptolomeus cum et in gratiam memoriae Magni Ptolomei patris et in fauorem ultionis Lysimachi ambitiosus ad populares esset, primo Lysimachi filios conciliare sibi statuit [7] nuptiasque Arsinoes, sororis suae, matris eorum, petit puerorum adoptione promissa [8] ut cum in locum patris eorum successisset, nihil illi moliri uel uerecundia matris uel appellatione patris auerent. [9] Fratris quoque, regis Aegypti, concordiam per epistulas deprecatur,

sozinhos tivessem o orbe terrestre<sup>499</sup>, parecia-lhes que estavam encurralados em limites estreitos e mensuravam o fim da vida não pela duração dos anos, mas pelas fronteiras de seu domínio.

[2, 1] Nessa guerra, Lisímaco, tendo, antes, perdido, quinze filhos em diferentes desventuras, morrendo, não sem valor, o último da casa, atingiu o pico de sua própria ruína. [2] Seleuco, feliz com tamanha vitória e, o que considera sua maior vitória, com o fato de ter restado, sozinho, da corte de Alexandre e se ter levantado como o vitorioso dos vitoriosos, vangloria-se de isso não ter sido obra humana, mas presente dos deuses, [3] ignorando, em suma, que não muito depois, seria ele mesmo um exemplo da fragilidade humana. [4] Porque, após não mais que sete meses, cercado por insídias, foi morto por Ptolomeu, com cuja irmã Lisímaco era casado, [5] e perdeu com a vida o reino da Macedônia que igualmente arrebatara de Lisímaco. [6] Então, ainda que Ptolomeu estivesse ansioso para cair nas graças dos populares pela memória de seu pai, Ptolomeu, o Grande, e em seu favor pela vingança de Lisímaco, primeiro decidiu conciliar-se com os filhos de Lisímaco, [7] e pede núpcias com Arsinoé, sua própria irmã, mãe deles, com a promessa de adoção dos meninos [8] para que, quando sucedesse ao lugar do pai deles, nada ousassem planejar contra ele, ou por respeito à mãe ou ao nome de pai. [9] Clama, do mesmo modo, pela concórdia a seu irmão, rei do Egito, por meio de cartas, tendo declarado esquecer-se da ofensa por ele ter-lhe arrebatado o reino paterno e nem buscar mais do irmão do que aquilo que, mais honrado, ganhara do

<sup>499</sup> Castro Sánchez (2008, p. 298) informa o exagero da construção, pois ela ignora a existência dos Ptolomeus.

professus deponere se offensam erepti paterni regni neque amplius a fratre quaesiturum quod honestius a paterno hoste perceperit, [10] omnique arte adulatur eum enim ne Antigono Demetrii filio, Antiocho filio Seleuci, cum quibus bellum habiturus erat, tertius sibi hostis accederet. [11] Sed nec Pyrrhus, rex Epiri, omissus, ingens momentum futurus utri parti socius accessisset, [12] qui et ipse spoliare singulos cupiens omnibus se partibus uenditabat. [13] Itaque Tarentinis aduersus Romanos laturus auxilium ab Antigono naues ad exercitum in Italiam deportandum mutuo petit, ab Antiocho pecuniam, qui opibus quam militibus instructor erat, ab Ptolomeo Macedonum militum auxilia. [14] Sed Ptolomeus, cui nulla dilationis ex infirmitate uirium uenia esset, quinque milia peditum, equitum IV milia, elephantos L non amplius quam in biennii usum dedit. [15] Ob haec Pyrrhus filia Ptolomei in matrimonium accepta uindicem eum regni reliquit, pacificatus cum omnibus finitimis, ne abducta in Italiam iuuentute praedam hostibus regnum relinqueret.

[3, 1] Sed quoniam ad Epiri mentionem uentum est, de origine regni eius pauca narranda sunt. [2] Molossorum primum in ea regione regnum fuit. [3] Post Pyrrhus, Achillis filius amisso per absentiam Troianis

inimigo paterno, [10] e o adula com toda arte para que não se juntasse, como um terceiro inimigo, a Antígono, filho de Demétrio, e Antíoco, filho de Seleuco, com os quais guerrearía. [11] Mas também Pirro, rei do Épiro, não foi desprezado, um aliado de grande importância para qualquer lado a que se juntasse, [12] e aquele, desejando espoliar um a um, vendia-se para todos os lados. [13] E, assim, para levar auxílio aos tarentinos contra os romanos, pede emprestadas naus a Antígono para transportar o exército à Itália; dinheiro a Antíoco, que era mais equipado de riquezas do que de soldados; e os auxílios dos soldados macedônios a Ptolomeu. [14] Mas Ptolomeu, para quem não havia desculpa para um atraso baseado na fraqueza de suas forças militares, concedeu, por não mais que dois anos, o uso de cinco mil soldados de infantaria, quatro mil de cavalaria e cinquenta elefantes. [15] Por isso, Pirro, tendo aceitado a filha de Ptolomeu em casamento, deixou-o como defensor do reino<sup>500</sup>, depois de ter selado a paz com todos os vizinhos, para que, afastada a juventude na Itália, não deixasse o reino à pilhagem dos inimigos.

[3, 1] Mas porque se chegou a uma menção ao Épiro, umas poucas palavras devem ser faladas sobre a origem de seu reino. [2] Nesta região esteve, primeiro, o reino dos molossos. [3] Depois, Pirro, filho de Aquiles, tendo perdido o reino paterno devido a sua ausência nos tempos troianos, assentou-se

<sup>500</sup> Como se verá em 18.1.3, Pirro teria deixado o reino sob a guarda de seu filho de quinze anos que compartilha esse nome. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera que a homonímia tenha levado ao erro aqui.

temporibus paterno regno in his locis consedit: qui Pyrrhidae primo, postea Epirotae dicti sunt. [4] Sed Pyrrhus cum in templum Dodonaei Iouis ad consulendum uenisset, ibi Lanassam, neptem Herculis, rapuit, ex cuius matrimonio octo liberos sustulit. [5] Ex his nonnullas uirgines nuptum finitimis regibus tradidit opesque adfinitatum auxilio magnas parauit. [6] Atque ita Heleno, filio Priami regis, ob industriam singularem regnum Chaonum et Andromacham Hectoris e matrimonio suo, quam in diuisione Troianae praedae acceperat, uxorem tradidit, [7] breuique post tempore Delphis insidiis Orestis, filii Agamemnonis, inter altaria dei interiit. [8] Successor huic Piales filius fuit. [9] Per ordinem deinde regnum ad Tharybam descendit, [10] cui, quoniam pupillus et unicus ex gente nobili superesset, intentiore omnium cura seruandi eius educandique publice tutores constituuntur. [11] Athenas quoque erudiendi gratia missus. Quanto doctior maioribus suis, tanto et populo gratior fuit. [12] Primus itaque leges et senatum annuosque magistratus et rei publicae formam composuit, [13] et ut a Pyrrho sedes, sic uita cultior populo a Tharyba statuta. [14] Huius filius Neoptolemus fuit, ex quo nata est Olympias, mater magni Alexandri, et Alexander, [15] qui post eum regnum Epiri tenuit et in Italia bello gesto in Brutiis interiit. [16] Post eius mortem frater Aeacidas regno successit, qui adsiduis aduersus Macedonas bellorum certaminibus

nesses locais, os quais são chamados, primeiro, de pírridas, depois, epirotas. [4] Mas Pirro, quando foi consultar o templo de Jove Dodoneu, ali arrebatou Lanassa, neta de Hércules, de cujo matrimônio teve oito filhos. [5] Entregou algumas de suas filhas aos reis vizinhos para se casarem e, com o reforço dessas relações, supriu grandes regimentos. [6] E, assim, entregou a Heleno, filho do rei Príamo, por sua singular perícia, o reino dos caônios e, como esposa, a Andrômaca de Heitor, a partir de seu próprio matrimônio, a qual recebera na divisão da pilhagem troiana, [7] e, após um breve tempo, morre, em Delfos, em uma emboscada de Orestes, filho de Agamêmnon, entre os altares do deus. [8] O sucessor dele foi seu filho, Piales. [9] Por ordem, logo, o reino passa a Táribas, [10] ao qual, porque era órfão e o único a restar da gente nobre, devido ao cuidado de todos em defendê-lo e em educá-lo, são estabelecidos, publicamente, tutores. [11] Foi enviado, do mesmo modo, a Atenas em prol de sua educação. Quanto mais instruído era do que seus antepassados, mais reconhecido era pelo povo. [12] E, assim, foi o primeiro a propor leis, um senado, magistrados anuais e o modo da república, [13] e como as moradas, por Pirro, assim, uma vida mais culta foi estabelecida ao povo por Táribas. [14] O filho dele foi Neoptólemo, de quem nasceram Olímpíade – mãe de Alexandre, o Grande – e Alexandre, [15] que obteve o reino do Épiro depois dele e morreu na Itália, na guerra travada contra os brútijs. [16] Após a morte dele, seu irmão, Eácida, o sucedeu no reino, o qual, fatigando o povo com as contínuas pelejas das guerras contra os macedônios, atraiu o descontentamento dos cidadãos [17] e, em consequência disso, lançado no exílio, deixou o filho, Pirro, ainda pequenino, com dois anos, no reino. [18] E, como sua morte era buscada devido ao ódio

populum fatigando offensam ciuium contraxit [17] ac propterea in exilium actus Pyrrhum filium, bimum admodum paruulum, in regno reliquit. [18] Qui et ipse, cum a populo propter odium patris ad necem quaereretur, furtim subtractus in Illyrios defertur [19] traditusque est Beroae, Glauciaie regis uxori, nutriendus, quae et ipsa genus Aeacidarum erat. [20] Ibi eum seu misericordia fortunae eius seu infantilibus blandimentis inductus rex aduersum Cassandrum, Macedoniae regem, qui eum sub belli comminatione deposcebat, diu protexit, addito in auxilium etiam adoptionis officio. [21] Quibus rebus moti Epirotae odio in misericordiam uerso annorum XI eum in regnum reuocauerunt, datis tutoribus, qui regnum usque in adultam eius aetatem tuerentur. [22] Adulescens deinde multa bella gessit tantusque rerum successu haberi coeptus est, ut Tarentinos solus aduersus Romanos tueri posse uideretur.

## LIBER XVIII

[1, 1] Igitur Pyrrus, rex Epiri, cum iterata Tarentinorum legatione additis Samnitium et Lucanorum precibus, et ipsis auxilio aduersus Romanos indigentibus fatigaretur, non tam supplicium precibus quam spe inuadendi Italiae imperii inductus uenturum se cum exercitu pollicetur. [2] In quam rem

do povo por seu pai, também ele, furtivamente escondido, foi levado até os ilírios [19] e entregue para ser cuidado a Béroe, esposa do rei Glaucias, a qual também era nascida dos Eácidas. [20] Ali, o rei, levado seja pela misericórdia da sorte dele, seja pelos carinhos infantis, acrescentando também a obrigação de uma adoção em seu auxílio, protegeu-o, durante muito tempo, contra Cassandro, rei da Macedônia, que o reivindicava sob a ameaça de guerra. [21] Comovidos por essas ações, os epirotas, tendo transformado o ódio em misericórdia, chamaram-no de volta ao reino quando tinha onze anos, com tutores encarregados de defenderem o reino até a idade adulta dele. [22] Logo, adolescente, travou muitas guerras e, pelo sucesso de suas ações, começou a ser reputado de tal forma que parecia ser o único que teria sido capaz de defender os tarentinos contra os romanos.

## Livro XVIII<sup>501</sup>

[1, 1] Então, Pirro, rei do Épiro, como fosse importunado por uma segunda embaixada dos tarentinos, acrescentadas as súplicas dos samnitas e dos lucanos, que também necessitavam de auxílio contra os romanos, levado não tanto pelas súplicas dos que rogavam quanto pela esperança de apoderar-se da soberania da Itália, promete que iria com um exército. [2] Uma vez que seu

<sup>501</sup> Os trechos Just. 18.1 e 18.2 também integram o recorte de Mello (2022, p. 60-3), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

inclinatum semel animum praecipitem agere coeperant exempla maiorum, ne aut inferior patruo suo Alexandro uideretur, quo defensore idem Tarentini aduersus Bruttios usi fuerant, aut minores animos Magno Alexandro habuisse, qui tam longa a domo militia Orientem subegit. [3] Igitur relicto custode regni Ptolomeo filio annos XV nato exercitum in portu Tarentino exponit, duobus paruulis filiis, Alexandro et Heleno, in solacia longinquae secum expeditionis adductis. [4] Cuius audito aduentu consul Romanus Valerius Laeuinus festinans, ut prius cum eo congredere, quam auxilia sociorum conuenirent, exercitum in aciem educit. [5] Nec rex, tametsi numero militum inferior esset, certamini moram fecit. [6] Sed Romanos uidentes iam inuisitata ante elephantorum forma stupere primo, mox cedere proelio coegit, uictoresque iam noua Macedonum repente monstra uicerunt. [7] Nec hostibus incruenta uictoria fuit. Nam et Pyrrus ipse grauiter uulneratus est et magna pars militum eius caesa, maioremque gloriam eius uictoriae quam laetitiam habuit. [8] Huius pugnae euentum multae ciuitates secutae Pyrrum se tradunt. [9] Inter ceteras etiam Locri prodito praesidio Romano ad Pyrrum deficiunt. [10] Ex ea praeda Pyrrus CC captiuos milites gratis Romam remisit, ut

ânimo estava inclinado a esse feito, os exemplos de seus antepassados começaram a impeli-lo, para que não parecesse ser inferior a seu tio Alexandre, de cuja proteção os tarentinos, igualmente, fizeram uso contra os brúttios, ou que tivesse menos coragem do que Alexandre, o Grande, que submeteu o Oriente em uma expedição militar tão distante de sua pátria. [3] Então, deixado o filho, Ptolomeu, de quinze anos, como protetor do reino<sup>502</sup>, desembarcou o exército no porto de Tarento, levando consigo os dois filhos pequeninos, Alexandre e Heleno, como consolo de uma prolongada expedição. [4] Tendo ouvido sobre sua chegada, o cônsul romano Valério Levino, apressado para enfrentá-lo antes que as tropas auxiliares dos aliados agrupassem-se, põe o exército em formação. [5] E o rei também não retardou a peleja, ainda que fosse inferior em número de soldados, [6] mas obrigou os romanos que já venciam a, primeiro, parar diante da figura extraordinária dos elefantes, depois, a se retirar da batalha; e os desconhecidos monstros dos macedônios, de repente, venceram os já vencedores. [7] E a vitória não foi sem sangue para os inimigos, pois o próprio Pirro também foi severamente ferido, a maior parte do exército dele massacrada, e houve mais glória do que alegria com a vitória dele<sup>503</sup>. [8] Muitas cidades, seguindo o sucesso desse combate, entregam-se a Pirro. [9] Entre outros, também os lócrios, tendo atraído a guarnição romana, desertaram para Pirro. [10] Desta pilhagem, Pirro devolveu a Roma gratuitamente duzentos soldados cativos, para que os romanos, conhecida a virtude dele, também

<sup>502</sup> Cf. nota a Just. 17.2.15, há uma inconsistência sobre quem teria ficado com a guarda do reino na narrativa de Justino.

<sup>503</sup> O desenlace da Batalha de Heracleia fica conhecido como Vitória Pírrica, dado o tamanho da perda do exército epírota.



cognita uirtute eius Romani cognoscerent etiam liberalitatem. [11] Interiectis deinde diebus, cum sociorum exercitus superuenisset, iterato proelium cum Romanis facit, in quo par fortuna priori bello fuit.

[2, 1] Interea Mago, dux Karthaginiensium, in auxilium Romanorum cum centum XX nauibus missus senatum adiit, aegre tulisse Karthaginienses adfirmans, quod bellum in Italia a peregrino rege paterentur. [2] Ob quam causam missum se, ut, quoniam externo hoste oppugnarentur, externis auxiliis iuuarentur. [3] Gratiae a senatu Karthaginiensibus actae auxiliaque remissa. [4] Sed Mago Punico ingenio post paucos dies tacitus, quasi pacificator Karthaginiensium, Pyrrum adiit speculaturus consilia eius de Sicilia, quo eum arcessi fama erat. [5] Nam Romanis eadem causa mittendi auxilia Karthaginiensibus fuerat, ut Romano bello, ne in Siciliam transire posset, Pyrrus in Italia detineretur. [6] Dum haec aguntur, legatus a senatu Romano Fabricius Luscinus missus pacem cum Pyrro conponit. [7] Ad quam confirmandam Cineas Romam cum ingentibus a Pyrro donis missus neminem, cuius domus muneribus pateret, inuenit. [8] Huic continentiae Romanorum simile exemplum isdem ferme temporibus fuit. [9] Nam missi a senatu Aegyptum legati cum ingentia sibi a Ptolomeo rege missa munera spreuissent, interiectis diebus ad cenam inuitatis aureae coronae missae sunt,

reconhecessem sua indulgência. [11] Logo, passados uns dias, quando chegara o exército dos aliados, outra vez empreende uma batalha contra os romanos, na qual teve a mesma sorte da guerra anterior.

[2, 1] Enquanto isso, Magão, comandante dos cartagineses, enviado em auxílio dos romanos com cento e vinte naus, apresenta-se ao senado, afirmando que os cartagineses dificilmente teriam admitido que se permitisse uma guerra na Itália vinda de um rei estrangeiro. [2] Por esse motivo fora enviado, para que, como fossem assaltados por um inimigo externo, fossem ajudados por tropas auxiliares externas. [3] Foram dados os agradecimentos pelo senado aos cartagineses, e as tropas auxiliares, enviadas de volta. [4] Mas Magão, com engenho púnico, após poucos dias, como se fosse o pacificador dos cartagineses, apresenta-se, em segredo, a Pirro para observar os planos dele sobre a Sicília, para onde, segundo o rumor, ele havia sido chamado. [5] Com efeito, este fora o motivo para os cartagineses enviarem tropas auxiliares aos romanos: que Pirro fosse detido na Itália com a guerra romana e não pudesse passar para a Sicília. [6] Enquanto essas ações sucedem-se, o embaixador Fabrício Luscinio, enviado pelo senado romano, sela a paz com Pirro. [7] Cíneas, enviado a Roma para a confirmar com grandiosos presentes de Pirro, não encontra alguém cuja casa se abraisse às ofertas. [8] Quase na mesma época, houve um exemplo da sobriedade dos romanos similar a esse: [9] com efeito, os embaixadores enviados pelo senado ao Egito não aceitaram as grandiosas ofertas enviadas a eles por Ptolomeu. Passados uns dias, convidados a um jantar, foram-lhes enviadas coroas de ouro, as quais, aceitas por eles devido ao protocolo, no dia seguinte,

quas illi ominis causa receptas postera die status regis inposuerunt. [10] Igitur Cineas, cum turbatam cum Romanis pacem ab Appio Claudio renuntiasset, interrogatus a Pyrro, qualis Roma esset, respondit regum urbem sibi uisam. [11] Post haec legati Siculorum superueniunt tradentes Pyrro totius insulae imperium, quae adsiduis Karthaginiensium bellis uexabatur. [12] Itaque relicto Locris Alexandro filio firmatisque sociorum ciuitatibus ualido praesidio in Siciliam exercitum traiecit.

[3, 1] Et quoniam ad Karthaginiensium mentionem uentum est, de origine eorum pauca dicenda sunt, repetitis Tyrriorum paulo altius rebus, quorum casus etiam dolendi fuerunt. [2] Tyrriorum gens condita a Phoenicibus fuit, [3] qui terrae motu uexati relicto patriae solo ad Syrium stagnum primo, mox mari proximum litus incoluerunt, [4] condita ibi urbe, quam a piscium ubertate Sidona appellauerunt; nam piscem Phoenices sidon uocant. [5] Post multos deinde annos a rege Ascaloniorum expugnati, nauibus appulsi Tyron urbem ante annum Troianae cladis condiderunt. [6] Ibi Persarum bellis diu uarieque fatigati uictores quidem fuere, sed adtritibus uiribus a seruis suis multitudine

depositarum nas estátuas do rei. [10] Então, quando anunciava que a paz com os romanos fora turbada por Ápio Cláudio, perguntado por Pirro como seria Roma, Cíneas respondeu que lhe parecia uma urbe de reis. [11] Depois disso, chegaram os embaixadores dos sicilianos, passando a Pirro a soberania de toda a ilha, que era assolada pelas guerras contínuas dos cartagineses. [12] E assim, tendo deixado o filho Alexandre em Locros e fortalecido as cidades dos aliados com uma guarnição robusta, atravessa seu exército para a Sicília.

[3, 1] E porque se chegou a uma menção aos cartagineses, umas poucas palavras devem ser ditas sobre a origem deles, lembrando as histórias um pouco mais remotas dos tírios, cujos infortúnios também foram dolorosos. [2] A gente dos tírios foi fundada pelos fenícios, [3] que, abalados por um terremoto, tendo deixado o solo da pátria, habitaram, primeiro, próximo ao lago Sírio<sup>504</sup>, depois, próximo ao litoral marítimo, [4] fundando, ali, uma urbe que nomearam de Sidón pela abundância de peixes, pois os fenícios chamavam peixe de *sidon*<sup>505</sup>. [5] Logo, depois de muitos anos, tomados de assalto pelo rei dos ascalônios, tendo desembarcado de suas naus, fundaram a urbe de Tiro, um ano antes do desastre de Troia. [6] Ali, fatigados, durante muito tempo e de várias formas, pelas guerras dos persas, foram vencedores, certamente, mas, abatidas suas forças, sofreram suplícios indignos pela

<sup>504</sup> Seria o lago de Genesaré.

<sup>505</sup> Segundo Freiderick Eiselen (1907, p. 11), Justino é o primeiro a trazer esta explicação para o nome da cidade, levando à criação de uma tradição, a qual, durante um longo tempo, não foi muito questionada. Contudo, o estudioso aponta que a etimologia proposta por Justino não seria correta, pois a palavra – צִדּוֹן (*šīdūn*) – não se traduziria como peixe, sendo possível que, na verdade, o nome da cidade derive daquele do deus צִד (Šid) (Eiselen, 1907, p. 11-4).

abundantibus indigna supplicia perpessi sunt, [7] qui conspiratione facta omnem liberum populum cum dominis interficiunt atque ita potiti urbe lares dominorum occupant, rem publicam inuadunt, coniuges ducunt et, quod ipsi non erant, liberos procreant. [8] Vnus ex tot milibus seruorum fuit, qui miti ingenio senis domini paruulique filii eius fortuna moueretur dominosque non truci feritate, sed pia misericordiae humanitate respiceret. [9] Itaque cum uelut occisos alienasset seruisque de statu rei publicae deliberantibus placuisset regem ex corpore suo creari eumque potissimum quasi acceptissimum diis qui solem orientem primus uidisset, rem ad Stratonem – hoc enim ei nomen erat – dominum occulte latentem detulit. [10] Ab eo formatus, cum medio noctis omnes in unum campum processissent, ceteris in orientem spectantibus, solus occidentis regionem intuebatur. [11] Id primum aliis uideri furor, in occidente solis ortum quaerere. [12] Vbi uero dies aduentare coepit editissimisque culminibus urbis oriens splendere, expectantibus aliis ut ipsum solem aspicerent, hic primus omnibus fulgorem solis in summo fastigio ciuitatis ostendit. [13] Non seruilis ingenii ratio uisa; requirentibus auctorem de domino confitetur. [14] Tunc intellectum est, quantum ingenua seruilibus ingenia praestarent, malitiaque seruos, non sapientia uincere. [15] Igitur uenia seni filioque data est, et uelut numine quodam reseruos

ação de seus próprios servos que abundavam na multidão, [7] os quais, tendo feito uma conspiração, assassinam, junto a seus senhores, todo o povo livre e, assim, tomada a urbe, ocupam os lares dos senhores, assaltam o governo, apossam-se das esposas e têm filhos livres, o que eles mesmos não eram. [8] Entre todos os milhares de servos, houve um que, com índole dócil, se comovesse pela sorte de seu velho senhor e de seu pequenino filho e enxergasse seus senhores não com uma ferocidade cruel, mas com a pia humanidade da misericórdia. [9] E, assim, tendo-os poupado como se estivessem mortos, quando agradou aos servos que deliberavam sobre a situação do governo eleger um rei dentre seu próprio grupo, e, de preferência, aquele que, como se fosse o mais benquisto pelos deuses, primeiro visse o sol nascente, relatou, em segredo, tal decisão a seu senhor escondido, Estratão – com efeito, este era o nome dele. [10] Instruído por ele, quando todos, no meio da noite, tinham avançado para um mesmo terreno, enquanto os restantes olhavam na direção do oriente, ele, sozinho, contemplava o ocidente. [11] No princípio, parecia, aos outros, loucura procurar o nascer do sol no ocidente, [12] porém, na verdade, quando o dia começou a chegar e a brilhar, levantando-se nos tetos mais elevados da urbe, enquanto os outros voltavam-se para olhar para o próprio sol, ele mostra, primeiro, a todos, o fulgor do sol no telhado mais alto da cidade. [13] O raciocínio não pareceu vir do engenho de um servo; aos que perguntam o responsável, confessa sobre seu senhor. [14] Naquele momento, compreendeu-se o quanto os engenhos dos livres superavam aos dos servos, e que os servos venceram pela malícia, não pela sabedoria. [15] Então, a graça foi dada ao velho e ao filho, e, pensando que eles teriam sido guardados como se por algum deus,

arbitrantes regem Stratonem creauerunt. [16] Post cuius mortem regnum ad filium ac deinde ad nepotes transiit. [17] Celebre hoc seruorum facinus metuendumque exemplum toto orbe terrarum fuit. [18] Itaque Alexander Magnus, cum interiecto tempore in Oriente bellum gereret, uelut ultor publicae securitatis, expugnata eorum urbe omnes qui proelio superfuerant, ob memoriam ueteris caedis crucibus adfixit; [19] genus tantum Stratonis inuiolatum seruauit regnumque stirpi eius restituit, ingenuis et innoxiiis incolis insulae adtributis ut exstirpato seruili germine genus urbis ex integro conderetur.

[4, 1] Hoc igitur modo Tyrii Alexandri auspiciis conditi parsimonia et labore quaerendi cito conualuere. [2] Ante cladem dominorum cum et opibus et multitudine abundarent, missa in Africam iuuentute Vticam condidere. [3] Cum interim rex Tyro decedit filio Pygmalione et Elissa filia, insignis formae uirgine, heredibus institutis. [4] Sed populus Pygmalioni, admodum puero,

elegeram Estratão<sup>506</sup> como rei. [16] Após a morte dele, o reino passou a seu filho e, logo, a seus netos. [17] Essa falta dos servos foi célebre e um exemplo temível para todo o orbe terrestre. [18] E, assim, quando, passado um tempo, Alexandre, o Grande, travava guerra no Oriente, como se fosse o vingador da segurança pública, tomada de assalto a urbe deles<sup>507</sup>, pregou em cruces todos aqueles que sobreviveram à batalha, devido à memória do antigo massacre; [19] manteve inviolada apenas a descendência de Estratão e restituiu o reino à estirpe dele, tendo enviado uns habitantes livres e honrados à ilha para que, extirpada a progênie servil, fosse, novamente, restabelecida a descendência da urbe.

[4, 1]<sup>508</sup> Desse modo, então, os tírios, restaurados com os auspícios de Alexandre, cresceram, rapidamente, pela parcimônia e pelo empenho em conquistar. [2] Antes do desastre dos senhores, quando abundavam em riquezas e também em número, enviados uns jovens à África, fundaram Útica. [3] Com esse íterim, o rei<sup>509</sup> faleceu em Tiro, tendo instituído como herdeiros o filho, Pigmalião, e a filha, Elissa, virgem de insigne figura. [4] Mas o povo entregou o reino a Pigmalião, um menino ainda. [5] Elissa, do mesmo modo, casou-se com seu

<sup>506</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 308), o registro de tal rei só aparece em Justino.

<sup>507</sup> Justino já mencionara o conflito entre a cidade de Tiro e Alexandre, o Grande, na passagem que se inicia em 11.10.10.

<sup>508</sup> O trecho que se estende de Just. 18.4 a 18.6 foi utilizado durante o projeto de extensão “Mutirão de anotação de textos greco-latinos”, coordenado pela professora Anise de Abreu Gonçalves D’Orange Ferreira, da Faculdade de Ciências e Letras do Campus Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no ano 2022. Com isso, sua tradução, com possíveis diferenças, pode ser encontrada alinhada ao texto latino da edição de Otto Seel (2011 [1972] cf. Justinus) pelo professor Lucas Consolin Dezotti e por mim (cf. Justino, 2023) em: <https://ugarit.ialigner.com/text.php?id=34072>. Acesso em: 1 mar. 2024. Mais informações sobre o processo de alinhamento podem ser encontradas em Dezotti e Ferreira (2024).

<sup>509</sup> Há uma concordância entre Seel, Galdi e Ruehl de que o nome do rei seria *Mutto* (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Em Mineo (2018, p. 98, cf. Justin) também consta esse nome.

regnum tradidit. [5] Elissa quoque Acherbae auunculo suo, sacerdoti Herculis, qui honos secundus a rege erat, nubit. [6] Huic magnae, sed dissimulae opes erant, aurumque metu regis non tectis, sed terrae crediderat; [7] quam rem etsi homines ignorabant, fama tamen loquebatur. [8] Qua incensus Pygmalion oblitus iuris humani auunculum suum eundemque generum sine respectu pietatis occidit. [9] Elissa diu fratrem propter scelus auersata ad postremum dissimulato odio mitigatoque interim uultu fugam tacita molitur adsumptis quibusdam principibus in societatem, quibus par odium in regem esse eandemque fugiendi cupiditatem arbitratur. [10] Tunc fratrem dolo adgreditur, fingit se ad eum migrare uelle, ne amplius ei mariti domus cupidae obliuionis grauem luctus imaginem renouet neue ultra amara admonitio oculis eius occurrat. [11] Non inuitus Pygmalion uerba sororis audiuit, existimans cum ea et aurum Acherbae ad se uenturum. [12] Sed Elissa ministros migrationis a rege missos nauibus cum omnibus opibus suis prima uespera inponit prouectaue in altum conpellit eos onera harenae pro pecunia inuolucris inuoluta in mare deicere. [13] Tunc deflens ipsa lugubrique uoce Acherbam ciet; orat ut libens opes suas recipiat, quas reliquerit, habeatque inferias, quas habuerat causam mortis. [14]

próprio tio materno, Acerbas<sup>510</sup>, sacerdote de Hércules, o que era a segunda dignidade depois do rei. [6] Esse tinha grandes riquezas, mas escondidas, e, por medo do rei, confiara o ouro não a seu teto, mas à terra; [7] ainda que os homens ignorassem tal ação, sua fama, contudo, circulava. [8] Açulado por isso, Pigmalião, esquecido do direito humano, mata seu próprio tio e também cunhado, sem respeito à piedade. [9] Elissa, durante muito tempo, avessa ao irmão devido a seu crime, tendo, até o fim, dissimulado o ódio e, enquanto isso, domado sua face, planeja, em segredo, uma fuga com alguns dos aristocratas tomados em aliança, os quais ela pensava terem semelhante ódio ao rei e o mesmo desejo de fugir. [10] Naquele momento, dirige-se ao irmão com um dolo; finge que quer mudar-se para junto dele, para que a casa do marido não renove, ainda mais, para ela, que desejava esquecer, a imagem penosa do luto, ou para que não viesse aos olhos dela uma recordação tão amarga. [11] Não a contragosto, Pigmalião ouviu as palavras da irmã, julgando que, com ela, também viria o ouro de Acerbas. [12] Mas, no início da tarde, Elissa coloca em navios os agentes enviados pelo rei para a mudança junto a todas as suas próprias riquezas e, adiantada em alto mar, obriga-os a jogar na água uns fardos de areia envolvidos em invólucros no lugar do dinheiro. [13] Naquele momento, ela mesma, lastimando e com voz lúgubre, invoca Acerbas; roga para que retome de boa vontade suas próprias riquezas que lhe tinha deixado e receba, como sacrifícios, aquelas que teriam sido a causa de sua morte. [14] Naquele momento, dirige-se aos próprios

<sup>510</sup> Comumente, como em Virgílio e Ovídio, o marido de Dido é chamado de Siqueu. Segundo Castro Sánchez (2008, p. 309), seu sacerdócio estaria ligado a Melqart, principal divindade fenícia, a qual era identificada com Hércules.

Tunc ipsos ministros adgreditur; sibi quidem ait optatam olim mortem, sed illis acerbos cruciatus et dira supplicia imminere, qui Acherbae opes, quarum spe parricidium rex fecerit, auaritiae tyranni subtraxerint. [15] Hoc metu omnibus iniecto comites fugae accepit. Iunguntur et senatorum in eam noctem praeparata agmina, atque ita sacris Herculis, cuius sacerdos Acherbas fuerat, repetitis exilio sedes quaerunt.

[5, 1] Primus illis adpulsus terrae Cyprus insula fuit, [2] ubi sacerdos Iouis cum coniuge et liberis deorum monitu comitem se Elissae sociumque fortunae offert pactus sibi posterisque perpetuum honorem sacerdotii. [3] Condicio pro manifesto omine accepta. [4] Mos erat Cypridis uirgines ante nuptias statutis diebus dotalem pecuniam quaesituras in quaestum ad litus maris mittere, pro reliqua pudicitia libamenta Veneri soluturas. [5] Harum igitur ex numero LXXX admodum uirgines raptas nauibus inponi Elissa iubet ut et inuentus matrimonia et urbs subolem habere posset. [6] Dum haec aguntur, Pygmalion, cognita sororis fuga, cum impio bello fugientem persequi pararet, aegre precibus matris deorumque minis uictus quieuit; [7] cui cum inspirati uates canerent non inpune

agentes; diz que, para si, havia, certamente, uma morte há muito almejada, mas, para eles, eram iminentes terríveis torturas e funestos suplícios, porque privaram a avareza do tirano das riquezas de Acerbas, por cuja expectativa o rei cometera parricídio<sup>511</sup>. [15] Incutido, em todos, esse medo, aceita-os como companheiros de fuga. Também se juntaram a ela grupos de senadores preparados para aquela noite, e, assim, renovados os sacrifícios a Hércules, de quem Acerbas fora sacerdote, buscam suas moradas no exílio.

[5, 1] Seu primeiro desembarque em terra foi na ilha de Chipre, [2] onde, por advertência dos deuses, o sacerdote de Jove oferece-se, junto a sua esposa e a seus filhos, a Elissa como companheiro e aliado de sua sorte, tendo sido negociada a honra perpétua do sacerdócio para si e para seus descendentes. [3] Tal condição foi aceita como um óbvio presságio. [4] Era costume dos cipriotas enviar, para o litoral marinho, as virgens, antes de suas núpcias, em dias estabelecidos, para buscar o dinheiro do dote pela prostituição<sup>512</sup>, devendo prestar oferendas a Vênus pelo pudor remanescente. [5] Elissa, então, ordena que um total de oitenta dessas virgens, tomadas, seja levado às naus, para que os jovens pudessem ter casamentos, e a urbe, descendência. [6] Enquanto essas ações sucedem-se, como Pigmalião, tendo descoberto a fuga da irmã, preparava-se para perseguir a fugitiva com uma guerra ímpia, penosamente desistiu, vencido pelas súplicas de sua mãe e pelas ameaças dos deuses, [7] já que os vates, inspirados, previam que não

<sup>511</sup> Cf. nota a Just. 1.9.5.

<sup>512</sup> Literalmente, “na busca de lucro”, “com um ofício lucrativo”. O contexto parece apontar para a tradução adotada, que é compartilhada por Watson (1853, recurso online, cf. Justinus), Arnaud-Lindet (2003, recurso online, cf. Justinus) e Castro Sánchez (2008, p. 310, cf. Justino; Pompeyo Trogo). Este indica que o trecho refere-se à prostituição sagrada que ocorria na Mesopotâmia, na Lídia e na África e chegara à Grécia por influência oriental (Castro Sánchez, 2008, p. 310).

laturum, si incrementa urbis toto orbe auspicatissimae interpellasset, hoc modo spatium respirandi fugientibus datum. [8] Itaque Elissa delata in Africae sinum incolas loci eius aduentu peregrinorum mutuarumque rerum commercio gaudentes in amicitiam sollicitat, [9] dein empto loco, qui corio bouis tegi posset, in quo fessos longa navigatione socios, quoad proficisceretur, reficere posset, corium in tenuissimas partes secari iubet atque ita maius loci spatium quam petierat, occupat, unde postea ei loco Byrsae nomen fuit. [10] Confluentibus deinde uicinis locorum, qui spe lucri multa hospitibus uenalia inferebant, [11] sedesque ibi statuentibus ex frequentia hominum uelut instar ciuitatis effectum est. [12] Uticensium quoque legati dona ut consanguineis adtulerunt hortatique sunt, urbem ibi conderent ubi sedes sortiti essent. [13] Sed et Afros detinendi aduenas amor cepit. [14] Itaque consentientibus omnibus Karthago conditur statuto annuo uectigali pro solo urbis. [15] In primis fundamentis caput bubulum inuentum est, quod auspicium fructuosae quidem, sed laboriosae

ficaria impune caso se opusesse ao desenvolvimento da urbe mais auspiciosa de todo o orbe; desse modo, deu-se, aos fugitivos, um espaço para respirar. [8] E, assim, Elissa, levada ao golfo da África, atrai a amizade dos habitantes desse local, que se alegram com a chegada dos estrangeiros e com o comércio de mútuas mercadorias. [9] Logo, tendo comprado um local que poderia ser coberto com o couro de um boi, no qual poderia reanimar os companheiros fatigados pela longa navegação até que partisse, ordena que o couro seja cortado em partes bem finas e, assim, ocupa um espaço maior do que o local que pedira<sup>513</sup>. Daí, posteriormente, o nome desse local ter sido Birsa<sup>514</sup>. [10] Logo, confluindo os vizinhos desses lugares, com a esperança de lucrar, muito traziam para vender aos forasteiros, [11] e, estabelecendo, ali, moradas, formou-se como se uma espécie de cidade pela afluência dos homens. [12] Do mesmo modo, os embaixadores dos uticenses trouxeram presentes como a seus consanguíneos e os exortaram a fundar uma urbe ali onde suas moradas foram designadas pelo destino. [13] Mas até os africanos foram tomados pelo desejo de reter os estrangeiros. [14] E, assim, todos de acordo, Cartago foi fundada, tendo sido estabelecido um tributo anual pelo solo da urbe. [15] Nas primeiras fundações, foi encontrada a cabeça de um

<sup>513</sup> Tal ação é conhecida no campo da Física e da Matemática como “problema de Dido”, estando ligada ao conceito de desigualdade isoperimétrica. Uma discussão a seu respeito, incluindo essa referência de Justino ao ato de Elissa, pode ser lida, por exemplo, no trabalho de Kely Pasquali (2004, p. 12).

<sup>514</sup> A partir do grego βύρσα (*býrsa*), pele curtida, couro, entretanto, a etimologia é questionável. Segundo David Neiman (1965, p. 114), as evidências disponíveis permitem que se considere que os fenícios eram pessoas práticas, o que se reflete na escolha dos nomes de seus territórios, que, normalmente, são uma simples descrição utilitária do local. Entre os exemplos de tal nomenclatura, Neiman (1965, p. 114) cita Birsa, traduzindo seu nome original, בצרָא (*boṣrā*), como fortaleza (*fortress*) e indicando que a palavra foi transliterada para o grego com metátese, a qual, possivelmente, deriva do esforço de uma aproximação com o som de *býrsa*, devido a essa tentativa etimológica que também pode ser observada no texto de Justino.

perpetuoque seruae urbis fuit; propter quod in alium locum urbs translata, [16] ibi quoque equi caput repertum, bellicosum potentemque populum futurum significans, urbi auspicatam sedem dedit. [17] Tunc ad opinionem nouae urbis concurrentibus gentibus breui et populus et ciuitas magna facta.

[6, 1] Cum successu rerum florentes Karthaginis opes essent, rex Maxitanorum Hiarbas decem Poenorum principibus ad se accessit Elissae nuptias sub belli denuntiatione petit. [2] Quod legati reginae referre metuentes Punico cum ea ingenio egerunt, nuntiantes regem aliquem poscere, qui cultiores uictus eum Afrosque perdoceat; [3] sed quem inueniri posse, qui ad barbaros et ferarum more uiuentes transire a consanguineis uelit? [4] Tunc a regina castigati, si pro salute patriae asperiores uitam recusarent, cui etiam ipsa uita, si res exigat, debeat, regis mandata aperuere, dicentes quae praecipiat aliis, ipsi facienda esse, si uelit urbi consultum esse. [5] Hoc dolo capta diu Acherbae uiri nomine cum multis lacrimis et lamentatione flebili iuuocato ad postremum ituram se quo sua et urbis fata uocarent, respondit. [6] In hoc trium mensium sumpto spatio, pyra in ultima parte urbis exstructa, uelut placatura uiri manes inferiasque ante nuptias missura multas

boi, o que foi um auspício de uma urbe fecunda, de fato, mas trabalhadora e perpetuamente servil, pelo que a urbe foi mudada para outro local; [16] ali, foi descoberta, do mesmo modo, a cabeça de um cavalo, a qual, significando que o povo seria belicoso e poderoso, deu à urbe uma morada auspiciosa. [17] Então, ocorrendo as gentes ao rumor da nova urbe, em breve, o povo e a cidade fazem-se grandiosos.

[6, 1] Como as riquezas de Cartago floresciam pelo sucesso dessas ações, Iarbas, rei dos maxitanos<sup>515</sup>, tendo intimado dez dos aristocratas penos<sup>516</sup>, pede suas núpcias com Elissa, sob ameaça de guerra. [2] Os embaixadores, temendo relatar isso à rainha, agiram junto a ela com engenho púnico, anunciando que o rei solicitava alguém que ensinasse bem, a ele e aos africanos, um modo de viver mais culto; [3] mas quem se poderia encontrar que deseje apartar-se de seus consanguíneos para estar com os bárbaros e os que viviam conforme o costume das feras? [4] Naquele momento, censurados pela rainha caso se recusassem a uma vida mais áspera no lugar da salvação da pátria, à qual também a própria vida era devida caso a situação o exigisse, expuseram as instruções do rei, dizendo que aquilo que orientava aos outros, ela própria deveria fazer, caso desejasse velar pela urbe. [5] Presa por esse dolo, tendo invocado, por longo tempo, o nome do marido, Acerbas, com muitas lágrimas e aflitiva lamentação, por fim, respondeu que iria aonde a chamassem sua própria sorte e a da urbe. [6] Tomado um espaço de três meses para isso, tendo construído uma pira na parte mais distante da urbe, como se para aplacar os manes do marido e lhe enviar sacrifícios

<sup>515</sup> Comumente, como em Virgílio, é rei de gétulos.

<sup>516</sup> Outro nome utilizado para se referir aos púnicos.



hostias caedit et sumpto gladio pyram conscendit [7] atque ita ad populum respiciens ituram se ad uirum, sicut praeceperint, dixit uitamque gladio finiuit. [8] Quamdiu Karthago inuicta fuit, pro dea culta est. [9] Conditata est haec urbs LXXII annis ante quam Roma. [10] Cuius uirtus sicut bello clara fuit, ita domi status uariis discordiarum casibus agitatus est. [11] Cum inter cetera mala etiam peste laborarent, cruenta sacrorum religione et scelere pro remedio usi sunt; [12] quippe homines ut uictimas immolabant et inpueres, quae aetas etiam hostium misericordiam prouocat, aris admouebant, pacem deorum sanguine eorum exposcentes, pro quorum uita dii rogari maxime solent.

[7, 1] Itaque aduersis tanto scelere numinibus, cum in Sicilia diu infeliciter dimicassent, translato in Sardiniam bello amissa maiore exercitus parte graui proelio uicti sunt; [2] propter quod duces suos Mazeum<sup>518</sup> cuius auspiciis et Siciliae partem domuerant et aduersus Afros magnas res gesserant, cum parte exercitus quae superfuerat, exulare iusserunt. [3] Quam rem aegre ferentes milites legatos Karthaginem mittunt, qui reditum

antes das núpcias, massacra muitas vítimas e, tomada uma espada, sobe à pira [7] e, assim, voltando-se para o povo, disse que iria até seu marido, como orientavam, e deu fim à sua vida com a espada. [8] Durante todo o tempo em que Cartago esteve invicta, foi cultuada como uma deusa. [9] Essa urbe foi fundada setenta e dois anos antes de Roma<sup>517</sup>. [10] Assim como sua virtude foi preclara em guerra, também sua situação interna agitou-se por vários casos de discórdias. [11] Quando, entre outros males, padeciam também com a peste, foram usados, como remédio, a religião cruenta dos sacrifícios e a transgressão, [12] pois, imolavam homens como vítimas e conduziam aos altares jovens cuja idade provoca misericórdia até ao inimigo, pedindo a paz dos deuses com o sangue daqueles por cuja vida, sobretudo, costumam rogar aos deuses.

[7, 1] E, assim, contrários os nunes a tamanha transgressão, como lutavam há longo tempo na Sicília de modo desditoso, a guerra transferiu-se à Sardenha, e foram vencidos em uma batalha severa, após terem perdido a maior parte do exército. [2] Por isso, mandaram exilar, junto à parte do exército que sobrevivera, seu próprio comandante, Mazeu, por cujos auspícios haviam submetido parte da Sicília e também realizado grandes feitos contra os africanos. [3] Os soldados, suportando com pesar essa situação, enviam embaixadores a Cartago, os quais, primeiro, pedem o retorno e o perdão

<sup>517</sup> Ao se observar os textos de historiadores antigos, há uma grande variação de datas para a fundação de Cartago. Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), tendo em mente que, na época de Pompeio Trogo, considerava-se que Roma havia sido fundada no terceiro ano da sexta Olimpíada, em 754 ou 753, pode-se indicar que, nesse caso, a fundação de Cartago teria ocorrido em 825 ou 824 AEC.

<sup>518</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), o nome encontra-se grafado de diferentes formas: *mazeum*, *maleum*, *maceum*, *mezeum*, *malchum*. Considerando as indicações de Watson (1853, recurso online) e Castro Sánchez (2008, p. 313) e a edição de Mineo (2018, p. 103, Justin), a última opção parece ser mais aceita, resultando, em português, em “Malco”.

primo ueniamque infelicis militiae petant, tum denuntient, quod precibus nequeant, armis se consecuturos. [4] Cum et preces et minae legatorum spretae essent, interiectis diebus conscensis nauibus armati ad urbem ueniunt, [5] ibi deos hominesque testati non se expugnatum, sed reciperatum patriam uenire, ostensurosque ciuibus suis non uirtutem sibi priore bellor, sed fortunam defuisse, [6] prohibitis com meatibus obsessaque urbe in summam desperationem Karthaginenses adduxerunt. [7] Interea Karthalo, Mazei exulum ducis filius, cum praeter castra patris a Tyro, quo decimas Herculi ferre ex praeda Siciliensi, quam pater eius ceperat, a Karthaginensibus missus fuerat, reuerteretur accessitusque a patre esset, prius se publicae religionis officia executurum quam priuatae pietatis respondit. [8] Quam rem tametsi indigne ferret pater, non tamen uim adferre religioni ausus est. [9] Interiectis deinde diebus Karthalo petito com meatu a populo cum reuersus ad patrem esset ornatusque purpura et infulis sacerdotii omnium se oculis ingereret, tum in secretum abducto pater ait: [10] “aususne es, nefandissimum caput, ista purpura et auro ornatus in conspectum tot miserorum ciuium uenire et maesta ac lugentia castra circumfluentibus quietae felicitatis insignibus uelut exultabundus intrare? Nusquamne te aliis iactare potuisti? [11] Nullus locus aptior quam sordes patris et exilii infelicis aerumnae fuerunt? [12] Quid, quod

por uma expedição militar infeliz; depois, declaram que aquilo que não conseguissem com preces, iriam buscar com as armas. [4] Como as preces e também as ameaças dos embaixadores foram desprezadas, passados uns dias, tendo embarcado em naus, chegaram à urbe armados. [5] Ali, os deuses e os homens eram testemunhas de que chegavam não para tomar de assalto sua pátria, mas para a recuperar, e demonstrariam aos seus próprios cidadãos que não lhes faltara virtude ao guerrear anteriormente, mas sorte. [6] Proibido o fornecimento de víveres e sitiada a urbe, levaram, em suma, os cartagineses ao desespero. [7] Entrementes, Cartalo, filho do comandante dos exilados, Mazeu, passando pelo acampamento do pai ao voltar de Tiro, a que fora enviado pelos cartagineses para levar a Hércules a décima parte da pilhagem dos sicilianos – da qual o pai dele se apoderara – e, ao ser chamado pelo pai, respondeu que, antes da piedade privada, executaria os deveres da religião pública. [8] Ainda que o pai tenha levado a mal tal ação, contudo, não se atreveu a causar animosidade quanto à religião. [9] Logo, passados uns dias, tendo Cartalo pedido passagem ao povo, quando retornou ao pai e, ornado com púrpura e também com as faixas de sacerdote, apresentou-se aos olhos de todos; então, levado ao privado, o pai falou: [10] “atreves-te, tão nefanda cabeça, a vir, ornado com esta púrpura e este ouro, à vista de tamanho número de cidadãos miseráveis e a entrar em um acampamento desolado e lacrimoso, com tantas insígnias de tranquila ventura como se exultante? Não pudeste te jactar em qualquer outro local? [11] Nenhuma circunstância foi melhor do que a mazela do pai e a infelicidade dos revezes de um exilado? [12] O que (dizer do fato de que), pouco antes chamado, desdenhaste, soberbamente, não digo o pai,

paulo ante uocatus, non dico patrem, ducem certe ciuium tuorum superbe spreuisti? [13] Quid porro tu in purpura ista coronisque aliud quam uictoriarum mearum titulos geris? [14] Quoniam igitur tu in patre nihil nisi exulis nomen agnoscis, ego quoque imperatorem me magis quam patrem iudicabo statuamque in te exemplum, ne quis posthac infelicibus miseris patris inludat.” [15] Atque ita eum cum ornatu suo in altissimam crucem in conspectu urbis suffigi iussit. [16] Post paucos deinde dies Karthaginem capit euocatoque populo ad contionem exilii iniuriam queritur, belli necessitatem excusat, contentumque uictoria sua punitis auctoribus miserorum ciuium iniuriosi exilii omnibus se ueniam dare dicit. [17] Atque ita decem senatoribus interfectis urbem legibus suis reddidit. [18] Nec multo post ipse adfectati regni accusatus duplicis, et in filio et in patria, parricidii poenas dedit. [19] Huic Mago imperator successit cuius industria et opes Karthaginensium et imperii fines et bellicae gloriae laudes creuerunt.

## LIBER XIX

[1, 1] Mago, Karthaginensium imperator, cum primus omnium ordinata disciplina militari imperium Poenorum condidisset uiresque ciuitatis non minus bellandi arte quam uirtute firmasset, diem fungitur relictis

mas o comandante de teus cidadãos? [13] O que mais, afinal, tu ostentas nesta púrpura e nestas coroas senão os títulos de minhas vitórias? [14] Porque, então, tu nada reconheces no pai que não o nome de exilado, eu mesmo, do mesmo modo, me julgarei mais um general do que um pai e estabecerei um exemplo de ti, para que ninguém, no futuro, zombe das infelizes misérias de um pai.” [15] E, assim, ordenou suspendê-lo com seus ornamentos em uma cruz altíssima à vista da urbe. [16] Logo, após poucos dias, tomou Cartago e, convocado o povo a uma assembleia, queixasse da injúria do exílio, justifica a necessidade da guerra e, contente com sua própria vitória, tendo punido os responsáveis pelo injurioso exílio dos miseráveis cidadãos, diz ter dado o perdão a todos. [17] E, assim, mortos dez dos senadores, devolve a urbe a suas próprias leis. [18] Não muito depois, acusado ele próprio de almejar o reino, pagou as penitências do duplo parricídio<sup>519</sup>: contra o filho e contra a pátria. [19] Magão sucedeu-o como general, por cuja perícia, as riquezas, as fronteiras do império e também os louvores das glórias bélicas dos cartagineses cresceram.

## Livro XIX

[1, 1] Como Magão, general dos cartagineses, o primeiro de todos na disciplina militar organizada, tinha fundado o império dos penos e consolidado as forças militares da cidade não menos por sua habilidade de guerrear que por sua virtude, chega ao fim de seus dias, tendo deixado

<sup>519</sup> Cf. nota a Just. 1.9.5.

duobus filiis Asdrubale et Hamilcare, [2] qui per uestigia paternae uirtutis decurrentes sicuti generi, ita et magnitudini patris successerunt. [3] His ducibus Sardiniae bellum inlatum; aduersus Afros quoque uectigal pro solo urbis multorum annorum repetentes dimicatum. [4] Sed Afrorum sicuti causa iustior, ita et fortuna superior fuit, [5] bellumque cum his solutione pecuniae, non armis finitum. [6] In Sardinia quoque Asdrubal grauiter uulneratus imperio Hamilcari fratri tradito interiit, [7] cuius mortem cum luctus ciuitatis, tum et dicturae undecim et triumphu quattuor insignem fecere. [8] Hostibus quoque creuere animi, ueluti cum duce uires Poenorum cecidissent. [9] Itaque Siciliae populis propter adsiduas Karthaginensium iniurias ad Leonidam fratrem regis Spartanorum concurrentibus graue bellum natum, in quo et diu et uaria uictoria proeliatum fuit. [10] Dum haec aguntur, legati a Dario, Persarum rege, Karthaginem uenerunt adferentes edictum, quo Poeni humanas hostias immolare et canina uesci prohibebantur; [11] mortuorumque corpora cremare potius quam terra obruere a rege iubebantur; [12] petentes simul auxilia aduersus Graeciam, cui inlaturus bellum Darius erat. [13] Sed Karthaginenses auxilia negantes propter adsidua finitimorum bella ceteris, ne per omnia contumaces uiderentur, cupide paruere.

dois filhos, Asdrúbal e Amílcar, [2] os quais, seguindo os vestígios da virtude paterna, sucederam-no tanto na linhagem como também na magnitude do pai. [3] Sob esses comandantes, levou-se guerra à Sardenha; lutou-se, do mesmo modo, contra os africanos, que reclamavam o imposto de muitos anos pelo solo da urbe. [4] Mas como a causa dos africanos era mais justa, assim, também sua fortuna foi superior, [5] e a guerra com eles foi dissolvida com dinheiro, não terminada pelas armas. [6] Na Sardenha, do mesmo modo, Asdrúbal, ferido severamente, morreu, tendo entregado o império ao irmão, Almícar. [7] A morte daquele se fez insigne não só pelo luto da cidade, como também por suas onze ditaduras<sup>520</sup> e quatro triunfos. [8] Do mesmo modo, o ânimo dos inimigos cresceu, como se as forças dos penos tivessem sido abatidas com o comandante. [9] E, assim, tendo os povos da Sicília ocorrido a Leônidas, irmão do rei dos espartanos, devido às assíduas injúrias dos cartagineses, nasceu uma guerra severa, em que combateram por longo tempo e também com vitória variável. [10] Enquanto essas ações sucedem-se, vieram a Cartago uns embaixadores de Dario, rei dos persas, que traziam um édito pelo qual os penos eram proibidos de imolar vítimas humanas e de se alimentar de carne canina, [11] e eram comandados pelo rei a antes cremar os corpos dos mortos do que os cobrir com terra; [12] pediam, igualmente, tropas auxiliares contra a Grécia, à qual Dario levaria guerra. [13] Mas os cartagineses, negando as tropas auxiliares devido às guerras assíduas de seus vizinhos, para que não parecessem ser insolentes quanto a tudo, obedeceram de bom grado ao

<sup>520</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), o termo *dictatura* é uma transliteração do grego *δικτατορία* (*diktatoría*) e deve corresponder à magistratura exercida, em Cartago, por um sufete.

[2, 1] Interea Hamilcar bello Siciliensi interficitur relictis tribus filiis Himilcone, Hannone, Gisgone. [2] Asdrubali quoque par numerus filiorum fuit, Hannibal, Asdrubal et Sapho. [3] Per hos res Karthaginensium ea tempestate regebantur. [4] Itaque et Mauris bellum inlatum et aduersus Numidas pugnatum et Afri compulsi stipendium urbis conditae Karthaginensibus remittere. [5] Dein, cum familia tanta imperatorum grauis liberae ciuitati esset omniaque ipsi agerent simul et iudicarent, centum ex numero senatorum iudices deliguntur, [6] qui reuersis a bello ducibus rationem rerum gestarum exigent, ut hoc metu ita in bello imperia cogitarent, ut domi iudicia legesque respicerent. [7] In Sicilia in locum Hamilcaris imperator Himilco succedit, qui cum nauali terrestrique bello secunda proelia fecisset multasque ciuitates cepisset, repente pestilentis sideris ui exercitum amisit. [8] Quae res cum nuntiata Karthagine esset, maesta ciuitas fuit; omnia ululatibus non secus ac si urbs ipsa capta esset personabant, [9] clausae priuatae domus, clausa deorum templa, intermissa omnia sacra, omnia priuata officia damnata. [10] Cuncti deinde ad portum congregantur egredientesque paucos e nauibus, qui cladi superfuerant, de suis

restante.

[2, 1] Entrementes, Amílcar é assassinado na guerra siciliana, tendo deixado três filhos, Himilcão, Hanão, Gisgão. [2] Do mesmo modo, houve um número igual de filhos de Asdrúbal: Aníbal, Asdrúbal e Safo. [3] Naquele tempo, os assuntos dos cartagineses eram regidos por eles. [4] E, assim, levou-se guerra aos mouros, batalhou-se contra os númidas, e também os africanos foram impelidos a renunciar ao tributo pela urbe fundada pelos cartagineses. [5] Depois, como uma tamanha família de generais fosse severa para uma cidade livre, e eles próprios agissem e julgassem, igualmente, em todas as frentes, são escolhidos cem dentre o número de senadores como juízes, [6] os quais exigiriam a justificativa de seus feitos aos comandantes que retornavam da guerra, para que, a partir deste medo, pensassem, assim, sobre suas ordens na guerra, de modo que considerassem a justiça e as leis da pátria. [7] Na Sicília, a Amílcar sucedeu como general Himilcão, o qual, enquanto batalhava favoravelmente em guerra naval e terrestre e tomava muitas cidades, perdeu, de repente, o exército pela força de uma pestilência astral<sup>521</sup>. [8] Quando essa situação foi anunciada em Cartago, a cidade ficou desolada; todos os lugares ressoavam com uivos como se a própria urbe tivesse sido capturada; [9] foram fechadas as casas privadas, fechados os templos dos deuses, interrompidos todos os ritos, condenados os serviços privados. [10] Logo, todos reúnem-se no porto e perguntam sobre os seus aos poucos que sobreviveram à catástrofe e que saíam das naus. [11] Na verdade, para os miseráveis, que antes estavam com uma

<sup>521</sup> Diodoro Sículo apresenta a peste como um castigo divino, pois os cartagineses haviam atacado certas construções sagradas (D. S. 13.86.1-3 e 14.70-1). Comparativamente, no *Epítome*, ela parece ser uma virada de sorte repentina e não consequência de um ato nefando.

percontantur. [11] Vt uero dubia antea spe et suspenso metu, incerta orbitatis expectatione casus suorum miseris eluxit, tunc toto litore plangentium gemitus, tunc infelicium matrum ululatus et flebiles querelae audiebantur.

[3, 1] Inter haec procedit inops e nauis sua imperator sordida seruilique tunica discinctus, ad cuius conspectum plangentium agmina iunguntur. [2] Ipse quoque manus ad caelum tendens nunc sortem suam, nunc publicam fortunam deflet; [3] nunc deos accusat, qui tanta belli decora et tot ornamenta uictoriarum, quae ipsi dederant, abstulerint; qui captis tot urbibus totiensque hostibus terrestri naualique proelio uictis exercitum uictorem non bello sed peste deleuerint. [4] Deferre se tamen ciuibus suis non modica solacia, quod malis eorum hostes gaudere, non gloriari possint; [5] quippe cum neque eos, qui mortui sunt, a se occisos, neque eos, qui reuersi sunt, a se fugatos possint dicere, [6] praedamque quam relictis a se castris abstulerint, non esse talem quam uelut spoliū uicti hostis ostentent, sed quam possessione uacua fortuitis dominorum mortibus sicuti caduca occuparint. [7] Quod ad hostes pertineat, uictores se recessisse; quod ad pestem, uictos. [8] Nihil tamen se grauius ferre, quam quod inter fortissimos uiros mori non potuerit seruatusque sit non ad uitae iucunditatem, sed ad ludibrium calamitatis. [9] Quamquam ubi miseris copiarum reliquias Karthaginem reduxerit, se

esperança dúbia e o medo suspenso pela expectativa incerta da perda, a queda dos seus ficou patente; naquele momento, ouuiam-se, em todo o litoral, os gemidos dos que se lamentam, naquele momento, os uivos e as aflições das queixas das infelizes mães.

[3, 1] Enquanto isso, o general avança de sua própria nau, desvalido em uma túnica suja e seruil; à vista dele, junta-se o grupo lamentoso. [2] Do mesmo modo, ele próprio, estendendo as mãos ao céu, lastima ora sua própria sorte, ora o destino público; [3] ora acusa os deuses, que teriam tomado as conquistas em tamanhas guerras e tantos ornamentos de vitórias que eles mesmos lhe haviam dado; que teriam destruído não com a guerra, mas com a peste um exército vitorioso que tinha capturado tamanhas urbes e vencido tantos inimigos em combate terrestre e naval. [4] Trazia consolações não módicas aos seus próprios cidadãos: que os inimigos poderiam alegrar-se com os males deles, não se vangloriar, [5] pois não podiam dizer que os que estavam mortos foram assassinados por eles, nem que os que voltaram haviam fugido deles, [6] e que a pilhagem nos acampamentos por eles deixados, a qual teriam tomado, não era tal qual como se ostentassem o espólio de um inimigo vencido, mas como se tivessem ocupado posses abandonadas, como se sem dono, após as mortes fortuitas dos senhores. [7] No que concerne aos inimigos, ter-se-iam retirado como vencedores; à peste, como vencidos. [8] Contudo, suportara nada mais severo que não ter podido morrer entre os homens mais corajosos e ter sido preservado não para o prazer da vida, mas para a miséria da calamidade. [9] Mesmo assim, enquanto guiou de volta a Cartago os míseros restantes de suas tropas, seguiu, ao mesmo tempo, seus companheiros [10] e mostrou à pátria que não estava vivo até aquele dia porque

quoque secuturum commilitones suos [10] ostensurumque patriae non ideo se in eam diem uixisse, quoniam uellet uiuere, sed ne hos, quibus nefanda lues pepercerat, inter hostium exercitus relictos morte sua proderet. [11] Tali uociferatione per urbem ingressus, ut ad limina domus suae uenit, prosecutam multitudinem uelut postremo adloquio dimisit [12] obseratisque foribus ac nemine ad se, ne filiis quidem, admissis mortem sibi consciuit.

## LIBER XX

[1, 1] Dionysius e Sicilia Karthaginiensibus pulsus occupatoque totius insulae imperio graue otium regno suo periculosamque desidiam tanti exercitus ratus, copias in Italiam traiecit, [2] simul ut et militum uires continuo labore acuerentur et regni fines proferrentur. [3] Prima illi militia aduersus Graecos, qui proxima Italici maris litora tenebant, fuit; [4] quibus deuictis finitimos quosque adgreditur omnesque Graeci nominis Italiam possidentes hostes sibi destinant; [5] quae gentes non partem, sed uniuersam ferme Italiam ea tempestate occupauerant [6] Denique multae urbes adhuc post tantam uetustatem uestigia Graeci moris ostentant. [7] Namque et Tuscorum populi, qui oram Inferi maris possident, a Lydia uenerunt, [8] et

desejava viver, mas para que não abandonasse com a sua própria morte aqueles que a nefanda epidemia poupava, deixados entre o exército dos inimigos. [11] Tendo ingressado na urbe com tal vociferação, quando chegou ao limiar de sua própria casa, despachou a multidão como se com uma última conversa [12] e, tendo fechado os portões e não admitindo ninguém, nem mesmo os filhos, buscou a própria morte.

## Livro XX<sup>522</sup>

[1, 1] Dionísio, tendo expulsado os cartagineses da Sicília e ocupado a soberania de toda a ilha, certo de que o ócio seria severo para seu próprio reino e a indolência perigosa a tamanho exército, atravessou suas tropas para a Itália, [2] de modo que fossem, ao mesmo tempo, atizadas as forças dos soldados com o trabalho contínuo, e estendidas também as fronteiras do reino. [3] A primeira expedição militar dele foi contra os gregos que controlavam os litorais próximos do mar itálico; [4] tendo-os vencido, ataca os vizinhos e determina que todos os possuidores de nomes gregos na Itália são seus inimigos; [5] essas gentes tinham ocupado, naquele tempo, não parte, mas a Itália quase inteira. [6] Enfim, muitas urbes, ainda hoje, após tamanha antiguidade, mostram vestígios de costumes gregos. [7] E, com efeito, os povos dos tuscos<sup>523</sup>, que possuem a praia do mar Inferior, vieram da Lídia; [8] e os vênnetos, que vemos como habitantes do mar Superior, foi Troia que,

<sup>522</sup> O trecho Just. 20.5.4-5 também integra o recorte de Mello (2022, p. 63), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

<sup>523</sup> Os etruscos.

Venetos, quos incolas Superi maris uidemus, capta et expugnata Troia Antenore duce misit, [9] Adria quoque Illyrico mari proxima, quae et Adriatico mari nomen dedit, Graeca urbs est; [10] Arpos Diomedes exciso Ilio naufragio in ea loca delatus condidit. [11] Sed et Pisae in Liguribus Graecos auctores habent; et in Tuscis Tarquinius a Thessalis, et Spina in Vmbris; Perusini quoque originem ab Achaeis ducunt. [12] Quid Caeren urbem dicam? quid Latinos populos qui ab Aenea conditi uidentur? [13] Iam Falisci, Nolani, Abellani nonne Chalcidensium coloni sunt? [14] Quid tractus omnis Campaniae? quid Bruttii Sabinique? quid Samnites? [15] Quid Tarentini, quos a Lacedaemone profectos spuriosque uocatos accepimus? [16] Thurinorum urbem condidisse Philocteten ferunt; ibique adhuc monumentum eius uisitur, et Herculis sagittae in Apollinis templo, quae fatum Troiae fuere.

[2, 1] Metapontini quoque in templo Mineruae ferramenta, quibus Epeos, a quo conditi sunt, equum Troianum fabricauit ostentant. [2] Propter quod omnis illa pars Italiae Maior Graecia appellata est. [3] Sed principio originum Metapontini cum Sybaritanis et Crotoniensibus pellere ceteros Graecos Italia statuerunt. [4] Cum primum urbem Sirim cepissent, in expugnatione eius L iuuenes amplexos Mineruae simulacrum sacerdotemque deae uelatum ornamentis inter ipsa altaria trucidauerunt. [5] Ob haec cum

capturada e tomada de assalto, enviou pelo comandante Antenor; [9] a Ádria, do mesmo modo, próxima ao mar Ilírico, que também deu nome ao mar Adriático, é uma urbe grega. [10] Tendo assolado Ílion, Diomedes, transportado àquele local por um naufrágio, fundou Arpos. [11] Mas também Pisa, na Ligúria, tem gregos como seus autores; e Tarquínia, na Etrúria, e Espina, na Úmbria, reputam que sua origem está nos tessálios; os perusinos, do mesmo modo, nos aqueus. [12] O que direi da urbe de Cere? O que, dos povos latinos que parecem ter sido fundados por Eneias? [13] Os faliscos, os nolanos e os abelanos já não eram colonos dos calcídios? [14] O que, de toda a extensão da Campânia? O que, dos brúlios e dos sabinos? O que, dos samnitas? [15] O que, dos tarentinos, que admitimos terem partido da Lacedemônia e sido chamados de espúrios? [16] Contam que Filoctetes teria fundado a urbe dos túrios, e, ali, ainda se visita o monumento dele e as flechas de Hércules no templo de Apolo, as quais foram o destino de Troia.

[2, 1] Os metapontinos mostram, do mesmo modo, no templo de Minerva, as ferramentas com as quais Epeu, por quem foram fundados, fabricou o cavalo de Troia. [2] Por isso, toda aquela parte da Itália foi chamada de Grécia Maior. [3] Mas, no princípio de suas origens, os metapontinos junto aos sibaritas e aos crotonienses decidiram rechaçar os demais gregos da Itália. [4] Quando primeiro capturaram a urbe de Síris, ao tomá-la, trucidaram cinquenta jovens deles abraçados à estátua de Minerva e o sacerdote, coberto pelos ornamentos da deusa, em meio aos altares dela. [5] Por essa ação, teriam sido assolados pela peste e por revoltas; os crotonienses foram os primeiros



peste et seditionibus uexarentur, priores Crotonienses Delphicum oraculum adierunt.

[6] Responsum his est finem mali fore si uiolatum Mineruae numen et interfectorum manes placassent. [7] Itaque cum statuas iuuenibus iustae magnitudinis et in primis Mineruae fabricare coepissent, Metapontini cognito oraculo dei occupandam manium et deae pacem rati, iuuenibus modica et lapidea simulacra ponunt et deam panificiis placant.

[8] Atque ita pestis utrobique sedata est, cum alteri magnificentia, alteri uelocitate certassent. [9] Recuperata sanitate non diu Crotonienses quieuerunt.

[10] Itaque indignantes in oppugnatione Siris auxilium contra se a Locrensibus latum, bellum his intulerunt. [11] Quo metu territi Locrenses ad Spartanos decurrunt; auxilium supplices deprecantur.

[12] Illi longinqua militia grauati auxilium a Castore et Polluce petere eos iubent. [13] Neque legati responsum sociae urbis spreuerunt profectique in proximum templum facto sacrificio auxilium deorum inplorant.

[14] Litatis hostiis obtentoque, ut rebantur, quod petebant, haud secus laeti quam si deos ipsos secum auecturi essent, puluinaria iis in nauis componunt faustisque profecti ominibus solacia suis pro auxiliis deportant.

[3, 1] His cognitis Crotonienses et ipsi legatos ad oraculum Delphos mittunt, uictoriae facultatem bellique prosperos euentus

a acorrer ao oráculo délfico. [6] A resposta para eles foi que o fim do mal aconteceria se aplacassem o nume violado de Minerva e os manes dos assassinados. [7] E, assim, enquanto começavam a fabricar estátuas na justa magnitude dos jovens e, primeiro, na de Minerva, os metapontinos, tendo sabido do oráculo do deus, acreditando que deveriam apoderar-se da paz dos manes e da deusa, expõem estátuas modestas e de pedra e aplacam a deusa com pães. [8] E, assim, a peste acalmou-se de um e outro lado, pois uns a pleitearam pela magnificência, outros, pela velocidade. [9] Recuperada a saúde, os crotonienses não ficaram em paz por muito tempo. [10] E, assim, indignados que, no assalto a Síris, tenha sido levado auxílio contra si pelos locrenses<sup>524</sup>, levaram guerra a eles. [11] Aterrorizados com medo deles, os locrenses recorrem aos espartanos; clamam, súplices, por auxílio. [12] Eles, relutantes com uma expedição militar longínqua, ordenam-lhes que peçam auxílio a Castor e Pólux. [13] E os embaixadores não rejeitaram a resposta da urbe aliada e, pondo-se a caminho do templo próximo, feito um sacrifício, imploram o auxílio dos deuses. [14] Tendo oferecido os sacrifícios e obtido, acreditavam, o que pediam, não menos felizes do que se levassem consigo os próprios deuses, põem leitos para eles nas naus e, postos a caminho com presságios prósperos, transportam consolação aos seus no lugar de tropas auxiliares.

[3, 1] Conhecidos esses fatos, os crotonienses também enviam os próprios embaixadores ao oráculo de Delfos, clamando pela circunstância da vitória e

<sup>524</sup> Justino utiliza tanto *Locrenses* como *Locri* para se referir a este povo, de modo que buscamos manter a variação traduzindo-as por locrenses e lócrios.

deprecantes. [2] Responsum prius uotis hostes quam armis uincendos. [3] Cum uouissent Apollini decimas praedae, Locrenses et uoto hostium et responso dei cognito nonas uouerunt tacitamque eam rem habuere, ne uotis uincerentur. [4] Itaque cum in aciem processissent et Crotoniensium centum uiginti milia armatorum constitissent, Locrenses paucitatem suam circumpicientes – nam sola XV milia militum habebant – omissa spe uictoriae in destinatam mortem conspirant, [5] tantusque ardor ex desperatione singulos cepit ut uictores se putarent, si non inulti morerentur. [6] Sed dum mori honeste quaerunt, feliciter uicerunt, nec alia causa uictoriae fuit quam quod desperauerunt. [7] Pugnantis Locris aquila ab acie numquam recessit eosque tam diu circumuolauit quoad uincerent. [8] In cornibus quoque duo iuuenes diuerso a ceteris armorum habitu, eximia magnitudine et albis equis et coccineis paludamentis pugnare uisi sunt nec ultra apparuerunt quam pugnatum est. [9] Hanc admirationem auxit incredibilis famae uelocitas. Nam eadem die, qua in Italia pugnatum est, et Corintho et Athenis et Lacedaemone nuntiata est uictoria.

[4, 1] Post haec Crotoniensibus nulla uirtutis exercitatio, nulla armorum cura fuit. [2] Oderant enim quae infeliciter sumpserant mutassentque uitam luxuria, ni Pythagoras philosophus fuisset. [3] Hic Sami Demarato, locuplete negotiatore, patre natus magnisque

resultados favoráveis na guerra. [2] A resposta foi que precisariam vencer os inimigos nos votos antes que nas armas. [3] Como tinham oferecido a décima parte da pilhagem a Apolo, os locrenses, tendo sabido do voto dos inimigos e também da resposta do deus, ofereceram a nona parte e mantiveram esse ato em segredo, para que não fossem vencidos nos votos. [4] E, assim, como avançavam em linha, e os crotonienses tivessem ostentado cento e vinte mil homens armados, os locrenses, ao olhar ao redor de sua própria pequenez – com efeito, tinham apenas quinze mil soldados –, perdida a esperança de vitória, unem-se para a morte destinada, [5] e tamanho ardor tomou cada um a partir do desespero que se consideravam vitoriosos se não morressem inutilmente. [6] Mas, enquanto buscavam morrer honestamente, por felicidade, venceram, e não havia outra causa para a vitória além do fato de que se desesperaram. [7] Enquanto os lócrios combatiam, uma águia nunca se retirou de sua linha e voou ao redor deles por longo tempo até que vencessem. [8] Nos flancos, da mesma maneira, em traje diverso do modo dos outros soldados, dois jovens de enorme grandeza, em cavalos brancos e com manto militar purpúreo, foram vistos combater e não eram mais visíveis além do combate. [9] Esta admiração aumentou com a incrível velocidade da fama. Com efeito, naquele mesmo dia em que se combateu na Itália, a vitória foi anunciada em Corinto, em Atenas e na Lacedemônia.

[4, 1] Depois disso, nenhuma das virtudes foi exercitada, nenhuma das armas cuidada pelos crotonienses. [2] Odiavam, de fato, o que tinham empreendido de maneira infeliz e teriam transformado a vida em luxúria, não fosse pelo filósofo Pitágoras. [3] Este, nascido de um opulento comerciante, Demarato, e formado para o melhor

sapientiae incrementis formatus Aegyptum primo, mox Babyloniam ad perdiscendos siderum motus originemque mundi spectandam profectus summam scientiam consecutus erat. [4] Inde regressus Cretam et Lacedaemona ad cognoscendas Minois et Lycurgi inclitas ea tempestate leges contenderat. [5] Quibus omnibus instructus Crotonam uenit populumque in luxuriam lapsum auctoritate sua ad usum frugalitatis reuocauit. [6] Laudabat cotidie uirtutem et uitia luxuriae casumque ciuitatum ea peste perditarum enumerabat [7] tantumque studium ad frugalitatem multitudinis prouocauit ut aliquos ex his luxuriatos ad optimam frugem conuersos fuisse incredibile uideretur. [8] Matronarum quoque separatam a uiris doctrinam et puerorum a parentibus frequenter habuit. [9] Docebat nunc has pudicitiam et obsequia in uiros, nunc illos modestiam et litterarum studium. [10] Inter haec uelut genetricem uirtutum frugalitatem omnibus ingerebat [11] consecutusque disputationum adsiduitate erat, ut matronae auratas uestes ceteraque dignitatis suae ornamenta uelut instrumenta luxuriae deponerent eaque omnia delata in Iunonis aedem ipsi deae consecrarent, [12] prae se ferentes uera ornamenta matronarum pudicitiam, non uestes esse. [13] In iuuentute quoque quantum profligatum sit uicti feminarum contumaces animi manifestant. [14] Sed CCC ex iuuenibus cum sodalicii iure sacramento quodam nexi

desenvolvimento de sua sabedoria, partiu primeiro ao Egito e, em breve, à Babilônia para que fossem aprendidos os movimentos das estrelas e observada a origem do mundo, tendo alcançado sumo conhecimento. [4] De volta de lá, foi para Creta e para a Lacedemônia para conhecer as leis de Minos e Licurgo, íclitas naquele tempo. [5] Instruído em todas essas questões, veio a Crotona e chamou de volta, com sua própria autoridade, o povo, caído em luxúria, ao hábito da frugalidade. [6] Louvava, diariamente, a virtude e enumerava os vícios da luxúria e a desgraça das cidades perdidas por essa peste [7] e provocou tamanha inclinação para a frugalidade na multidão, que parecia incrível que alguns daqueles que eram luxuriosos haviam sido convertidos ao melhor modo de vida frugal. [8] Frequentemente procedeu, do mesmo modo, à instrução das matronas separada dos maridos e a dos meninos de seus pais. [9] Ensinava, ora, àquelas, o pudor e a obediência aos maridos, ora, a esses, a modéstia e o conhecimento das letras. [10] Em meio a isso, apresentava, a todos, a frugalidade como a progenitora das virtudes [11] e conseguiu, com a frequência das discussões, que as matronas depusessem as vestes douradas e outros ornamentos de sua dignidade como se fossem instrumentos da luxúria e, tendo levado tudo ao santuário de Juno, consagrassem-nos à própria deusa, [12] alardeando que os verdadeiros ornamentos das matronas eram o pudor, não as vestes. [13] Os ânimos insolentes das mulheres, que foram vencidos, atestam quanto foi alcançado também na juventude. [14] Mas trezentos jovens unidos por um certo juramento sagrado de camaradagem levavam uma vida separada dos demais cidadãos; como se procedessem a uma reunião de conjuração clandestina, converteram contra si a cidade, [15] a qual

separatam a ceteris ciuibus uitam exercerent; quasi coetum clandestinae coniurationis haberent, ciuitatem in se conuerterunt, [15] quae eos, cum in unam domum conuenissent, cremare uoluit. [16] In quo tumultu sexaginta ferme periere; ceteri in exilium profecti. [17] Pythagoras autem cum annos XX Crotone egisset, Metapontum emigravit ibique decessit; [18] cuius tanta admiratio fuit, ut ex domo eius templum facerent eumque pro deo colerent.

[5, 1] Igitur Dionysius tyrannus, quem supra a Sicilia exercitum in Italiam traiecisse bellumque Graecis intulisse memorauimus, expugnatis Locris Crotonienses uix uires longo otio ex prioris belli clade resumentes adgreditur, [2] qui fortius cum paucis tanto exercitui eius quam antea cum tot milibus Locrensiu paucitati restiterunt. [3] Tantum uirtutis paupertas aduersus insolentes diuitias habet, tantoque insperata interdum sperata uictoria certior est. [4] Sed Dionysium gerentem bellum legati Gallorum, qui ante menses Romam incenderant, societatem amicitiamque petentes adeunt, [5] gentem suam inter hostes eius positam esse magnoque usui ei futuram uel in acie bellanti uel de tergo intentis in proelium hostibus adfirmant. [6] Grata legatio Dionysio fuit. Itaque pacta societate et auxiliis Gallorum auctus bellum uelut ex integro restaurat. [7] His autem Gallis

quis queimá-los quando estavam reunidos em uma casa. [16] Naquele tumulto, quase sessenta pereceram; os demais foram postos a caminho do exílio. [17] Pitágoras, no entanto, após ter passado vinte anos em Crotona, emigrou para Metaponto e morreu ali; [18] havia tamanha admiração por ele que fizeram da casa dele um templo e o veneravam como a um deus.

[5, 1] Então, o tirano Dionísio, que, assim como lembramos acima<sup>525</sup>, tinha atravessado o exército da Sicília para a Itália e levado guerra aos gregos, tendo tomado de assalto a Lócrida, ataca os crotonienses que recuperavam suas forças após o longo ócio oriundo do desastre da guerra anterior, [2] os quais resistiram a tamanho exército dele mais corajosamente com poucos do que antes com tantos mil à escassez dos locrenses. [3] Tamanha virtude tem a pobreza contra insolentes riquezas, e tão mais certa é, por vezes, a vitória inesperada do que a esperada. [4] Mas os embaixadores dos gauleses – os quais, meses antes, haviam incendiado Roma – procuram Dionísio, que guerreava, pedindo sua aliança e amizade: [5] afirmam que sua própria gente estava posicionada no meio dos inimigos dele e lhe seria de grande utilidade, ou em campo, guerreando, ou na retaguarda, com os inimigos lançando-se à batalha. [6] A embaixada foi um benefício para Dionísio, e, assim, selada a aliança e engrandecido com as tropas auxiliares dos gauleses, restabelece a guerra como se do início. [7] No entanto, para esses gauleses, a causa de virem à Itália

<sup>525</sup> Em Just. 20.1.3.

causa in Italiam ueniendi sedesque nouas quaerendi intestina discordia et adsiduae domi dissensiones fuere, [8] quarum taedio cum in Italiam uenissent sedibus Tuscos expulerunt et Mediolanum, Comum, Brixiam, Veronam, Bergomum, Tridentum, Vincentiam condiderunt. [9] Tusci quoque duce Raeto auitis sedibus amissis Alpes occupauere et ex nomine ducis gentem Raetorum condiderunt. [10] Sed Dionysium in Siciliam aduentus Karthaginiensium reuocauit, qui reparato exercitu bellum, quod lue deseruerant, auctis uiribus repetebant. [11] Dux belli Hanno Karthaginiensis erat, [12] cuius inimicus Suniator, potentissimus ea tempestate Poenorum, cum odio eius Graecis litteris Dionysio aduentum exercitus et segnitiam ducis familiariter praenuntiasset, comprehensis epistulis prodicionis damnatur, facto senatus consulto [13] ne quis postea Karthaginiensis aut litteris Graecis aut sermoni studeret, ne aut loqui cum hoste aut scribere sine interprete posset. [14] Nec multo post Dionysius, quem paulo ante non Sicilia, non Italia capiebat, adsiduis belli certaminibus uictus fractusque insidiis ad postremum suorum interficitur.

## LIBER XXI

[1, 1] Extincto in Sicilia Dionysio tyranno in locum eius milites maximum natu ex filiis

e de buscarem novas moradas foram a discórdia interna e os contínuos desentendimentos na pátria; [8] por tédio dessas coisas, vieram à Itália, expulsaram os tuscos<sup>526</sup> de suas moradas e fundaram Mediolano, Como, Brixia, Verona, Bergamo, Tridento e Vicentia<sup>527</sup>. [9] Os tuscos, do mesmo modo, tendo sido privados das moradas de seus avós, comandados por Reto, ocuparam os Alpes e fundaram a gente dos retos a partir do nome do comandante. [10] Mas a chegada dos cartagineses na Sicília fez Dionísio voltar, os quais, tendo restituído o exército, retornavam para a guerra, da qual tinham desertado pela epidemia, com forças militares engrandecidas. [11] O comandante de guerra dos cartagineses era Hanão, [12] cujo inimigo, Suniator, o mais poderoso dos penos naquele tempo, com ódio dele, em letras gregas tinha prenunciado a Dionísio, em tom de intimidade, a chegada do exército e a ociosidade do comandante. Apanhadas as cartas, é condenado por traição. O senado fez um decreto [13] para que nenhum dos cartagineses estudasse as letras gregas ou esta língua, para que não pudessem falar com o inimigo ou escrever sem um intérprete. [14] E não muito depois, Dionísio, a quem pouco antes nem a Sicília, nem a Itália retinha, vencido e quebrantado pelas peijas constantes da guerra, foi, enfim, assassinado pelas insídias dos seus.

## Livro XXI

[1, 1] Morto o tirano Dionísio, na Sicília, os soldados escolhem, em seu lugar, o filho

<sup>526</sup> Os etruscos.

<sup>527</sup> Hoje, Milão, Como, Bréscia, Verona, Bérgamo, Trento e Vicenza.

eius, nomine Dionysium, suffecere, [2] et naturae ius secuti, et quod firmiter futurum esse regnum, si penes unum remansisset, quam si portionibus inter plures filios diuideretur, arbitrabantur. [3] Sed Dionysius inter initia regni auunculos fratrum suorum ueluti aemulos imperii sui hortatoresque puerorum ad diuisionem regni tollere gestiebat. [4] Quare paulisper dissimulatum animum prius ad fauorem popularium conciliandum intendit, excusatus facturus quod statuerat, si probatus ante omnibus foret. [5] Igitur nexorum tria milia e carcere dimittit, tributa populo per triennium remittit, quibuscumque delinquentis potest animos omnium sollicitat. [6] Tunc ad destinatum facinus conuersus non cognatos tantum fratrum, sed etiam ipsos interficit, [7] ut quibus consortium regni debebat ne spiritus quidem consortium relinqueret, tyrannidem in suos prius quam in externos auspicatus.

[2, 1] Sublatis deinde aemulis in segnitiam lapsus saginam corporis ex nimia luxuria oculorumque uoletudinem contraxit adeo ut non solem, non puluerem, non denique splendorem ferre lucis ipsius posset. [2] Propter quae dum contemni se putat, saeuitia grassatur nec, ut pater, carcerem nexis, sed caedibus ciuitatem replet; [3] ob quae non contemptior omnibus quam inuisior fuit. [4] Itaque cum bellum aduersus eum Syracusani decreuissent, diu dubitauit imperium deponeret an bello resisteret. [5] Sed a

mais velho dele, de nome Dionísio, como substituto, [2] seguindo o direito natural e também porque consideravam que o reino seria mais firme se permanecesse nas mãos de um único do que se fosse dividido em porções entre os muitos filhos. [3] Mas Dionísio, no início do reino, ansiava suprimir os tios de seus próprios irmãos como se fossem rivais à sua soberania e exortadores dos meninos para a divisão do reino. [4] Por essa razão, direcionou, por pouco tempo, seu ânimo dissimulado primeiro para cativar o favor popular a fim de fazer o que estabeleceria, estando justificado, se antes tivesse sido aprovado por todos. [5] Então, liberta três mil dos presos do cárcere, renuncia aos tributos do povo por três anos e incita os ânimos de todos com quaisquer agrados que pode. [6] Naquele momento, convertido à falta planejada, assassina não só os parentes dos irmãos, mas também eles próprios, [7] de modo que não restasse àqueles a quem devia a partilha do reino nem mesmo a partilha do sopro vital, dando início à tirania contra os seus antes que contra os de fora.

[2, 1] Logo, suprimidos os rivais, caído na ociosidade, desenvolveu a gordura do corpo, a partir da excessiva luxúria, e uma doença dos olhos, pela qual não podia tolerar o sol, nem o pó, nem sequer o próprio esplendor da luz. [2] Enquanto pensa ser desprezado por causa disso, investe com crueldade e não faz como o pai que encheu o cárcere com endividados, mas enche a cidade com massacres; [3] por isso, não foi mais desprezado do que odiado por todos. [4] E, assim, quando os siracusanos decretaram guerra contra ele, durante muito tempo, duvidou se deporia a soberania ou resistiria à guerra. [5] Mas é obrigado pelos soldados, que esperavam a pilhagem e a rapina da

militibus praedam et urbis direptionem sperantibus descendere in proelium cogitur. [6] Victus cum iterato non felicius fortunam temptasset, legatos ad Syracusanos mittit, spondens se depositurum tyrrannidem, si mitterent ad eum quibuscum sibi de pace conueniret. [7] In quam rem missos primores in carcere retinet, atque ita incautis omnibus nec quicquam hostile metuentibus exercitum ad delendam ciuitatem mittit. [8] Fit igitur in ipsa urbe anceps proelium in quo oppidanis multitudine superantibus Dionysius pellitur. Qui cum obsidionem arcis timeret, cum omni regio apparatu in Italiam profugit tacitus. [9] Exul a Locrensibus sociis acceptus, uelut iure regnaret, arcem occupat solitamque sibi saeuitiam exercet. [10] Coniuges principum ad stuprum rapi iubebat, uirgines ante nuptias abducebat stupratasque procis reddebat, locupletissimos quosque aut ciuitate pellebat aut occidi imperabat bonaque eorum inuadebat.

[3, 1] Dein cum rapinae occasio deesset, uniuersam ciuitatem callido commento circumuenit. [2] Cum Reginorum tyranni Leophronis bello Locrenses premerentur, uouerant, si uictores forent, ut die festo Veneris uirgines suas prostituerent. [3] Quo uoto intermisso cum aduersa bella cum Lucanis gererent, in contionem eos Dionysius uocat; hortatur ut uxores filiasque suas in templum Veneris quam possint ornatissimas mittant, [4] ex quibus sorte ductae centum

urbe, a entrar na batalha. [6] Vencido, enquanto novamente tentava a sorte sem sucesso, envia embaixadores aos siracusanos, prometendo deixar a tirania se lhe enviassem alguém com quem acordasse sobre a paz. [7] Retém os nobres enviados para isso em cárcere e, assim, estando todos incautos e sem temer uma ação hostil, envia o exército para destruir a cidade. [8] Dá-se, então, na própria urbe uma batalha arriscada, na qual, tendo os cidadãos superado em número a multidão, Dionísio é repellido. Como ele temia o cerco da cidadela, fugiu com todo o aparato real para a Itália, em segredo. [9] Aceito como exilado pelos aliados locrenses, como se reinasse por direito, ocupa a cidadela e exerce sua crueldade habitual. [10] Ordenava que as esposas dos nobres fossem raptadas para estuprá-las, abduzia as virgens antes das núpcias e as devolvia estupradas a seus pretendentes; ou rechaçava da cidade quaisquer dos muito opulentos, ou impunha que fossem mortos e assaltava os bens deles.

[3, 1] Depois, como faltava ocasião para a rapina, cercou a cidade inteira com astuto projeto. [2] Enquanto os locrenses eram acoçados com guerra pelo tirano dos régios, Leofron, ofereceram que, se fossem vitoriosos, prostituiriam suas próprias virgens no dia festivo de Vênus. [3] Como esse voto foi interrompido por travarem uma guerra adversa contra os lucanos, Dionísio chama-os para uma reunião; exorta-os a que enviem suas próprias esposas e filhas ao templo de Vênus o mais ornamentadas que pudessem, [4] das quais, cem, escolhidas pela sorte, cumpririam o voto público e, por obséquio da religião, ficariam por um mês

uoto publico fungantur religionisque gratia uno stent in lupanari mense omnibus ante iuratis uiris, ne quis ullam adtaminet. [5] Quae res ne uirginibus uoto ciuitatem soluentibus fraudi esset, decretum facerent ne qua uirgo nuberet priusquam illae maritis traderentur. [6] Probato consilio, quo et superstitioni et pudicitiae uirginum consulebatur, certatim omnes feminae inpensius exornatae in templum Veneris conueniunt, quas omnes Dionysius inmissis militibus spoliat ornamentaque matronarum in praedam suam uertit. [8] Quarundam uiros ditiores interficit, quasdam ad prodendas uirorum pecunias torquet. [9] Cum his artibus per annos sex regnasset, conspiratione Locrorum ciuitate pulsus in Siciliam redit. [10] Ibi Syracusas securis omnibus post longam intercapedinem pacis per prodicionem recepit.

[4, 1] Dum haec in Sicilia geruntur, interim in Africa princeps Karthaginensium Hanno opes suas, quibus uires rei publicae superabat, ad occupandam dominationem intendit regnumque inuadere interfecto senatu conatus est. [2] Cui sceleri sollemnem nuptiarum diem filiae suae legit, ut religione uotorum nefanda commenta facilius tegerentur. [3] Itaque plebi epulas in publicis porticibus, senatui in domo sua parat, ut poculis ueneno infectis secretius senatum et sine arbitris interficeret orbamque rem publicam facilius inuaderet. [4] Qua re magistratibus per ministros prodita scelus declinatum, non uindicatum est, ne in uiro tam

em um prostíbulo, com todos os homens tendo jurado que ninguém desonraria sequer uma delas. [5] Para que isso não fosse um prejuízo para as virgens que liberavam a cidade do voto, tinham feito um decreto para que nenhuma virgem se casasse antes que aquelas fossem entregues a maridos. [6] Aprovado o plano, com o qual teriam cuidado da superstição e também do pudor das virgens, todas as mulheres, ornamentadas com muito gasto, convergem ao templo de Vênus, as quais Dionísio expolia, tendo enviado seus soldados, e converte os ornamentos das matronas em sua própria pilhagem. [8] Assassina os maridos mais ricos de algumas, tortura outras para que entreguem o dinheiro dos maridos. [9] Como reinava por seis anos com esses artificios, expulso da cidade por uma conspiração dos lócrios, volta para a Sicília. [10] Ali, por meio de uma traição recuperou Siracusa de todos os que estavam seguros após um longo intervalo de paz.

[4, 1] Enquanto essas ações são realizadas na Sicília, entrementes na África, um aristocrata dos cartagineses, Hanão, dirigiu suas próprias riquezas, com as quais superava as forças militares da república, para exercer a dominação e, assassinado o senado, tentou apoderar-se do reino. [2] Para essa transgressão, escolheu o dia solene das núpcias de sua própria filha, de modo que os projetos nefandos estivessem mais facilmente encobertos pela sacralidade dos votos. [3] E, assim, prepara banquetes para o vulgo nos pórticos públicos, para o senado em sua própria casa, de modo que, mais em segredo e sem testemunhas, assassinasse o senado com taças impregnadas de veneno e tomasse posse mais facilmente da república órfã. [4] Tendo sido essa situação relatada aos magistrados pelos subordinados, o crime



potenti plus negotii faceret res cognita quam cogitata. [5] Contenti itaque cohibuisse decreto modum nuptiarum sumptibus statuunt idque obseruari non ab uno, sed ab uniuersis iubent, ne persona designata, non uitia correcta uiderentur. [6] Hoc consilio praeuentus iterum seruitia concitat statutaque rursus caedium die, cum denuo se proditum uideret, timens iudicium munitum quoddam castellum cum XX milibus seruorum armatis occupat. [7] Ibi dum Afros regemque Maurorum concitat, capitur uirgisque caesus effossis oculis et manibus cruribusque fractis, uelut a singulis membris poenae exigerentur, in conspectu populi occiditur; corpus uerberibus laceratum in crucem figitur. [8] Filii quoque cognatique omnes, etiam innoxii, supplicio traduntur, ne quisquam aut ad imitandum scelus aut ad mortem ulciscendam ex tam nefaria domo superesset.

[5, 1] Interea Dionysius Syracusis receptus, cum grauior crudeliorque in dies ciuitati esset, iterata conspiratione obsidetur. [2] Tunc deposito imperio arcem Syracusanis cum exercitu tradidit receptoque priuato instrumento Corinthum in exilium proficiscitur. [3] Ibi humillima quaeque tutissima existimans in sordidissimum uitae genus descendit: [4] non contentus in publico uagari, sed potare; nec conspici in popinis lupanaribusque, sed totis diebus desiderare; [5] cum perditissimo quoque de minimis rebus disceptare; pannosus et squalidus incedere;

foi desviado, não vingado, para que a descoberta da situação não causasse, a um homem tão poderoso, mais agitação do que a sua formulação. [5] E, assim, contentes por lhe terem coibido, estabelecem, com um decreto, um limite para os custos de núpcias e ordenam que ele seja observado não só por um, mas por todos, para que não parecessem corrigir uma pessoa específica, ao invés dos vícios. [6] Antecipado por esse plano, mais uma vez provoca os servos e, novamente, no dia estabelecido para o massacre, quando, de novo, vê-se traído, temendo um julgamento, ocupa certo castelo fortificado com vinte mil dos servos armados. [7] Ali, enquanto provoca os africanos e o rei dos mouros, é capturado e massacrado com varas, seus olhos vazados e suas mãos e pernas quebradas, como se exigissem as penas de cada um de seus membros; seu corpo, lacerado pelos açoites, foi fixado em uma cruz. [8] Seus filhos, do mesmo modo, e todos os parentes, também os inocentes, são entregues ao suplício, para que não restasse alguém de uma casa tão nefária para ou imitar o crime ou vingar a morte.

[5, 1] Entrementes, Dionísio, restabelecido em Siracusa, enquanto era cada dia mais severo e mais cruel com a cidade, é, mais uma vez, cercado por uma conspiração. [2] Naquele momento, afastada a soberania, entrega a cidadela com o exército aos siracusanos e, recebido o suprimento pessoal, parte para o exílio em Corinto. [3] Ali, julgando que qualquer situação mais humilde era a mais segura, rebaixou-se ao tipo de vida mais sórdido: [4] não contente em vagar em público, bebia; nem em ser visto em tavernas e prostíbulos, permanecia lá por dias inteiros; [5] discutia com o mais degenerado, do mesmo modo, sobre as mínimas coisas; andava maltrapilho e esqualido; com mais boa vontade oferecia o riso do que o procurava; [6] ficava de pé no

risum libentius praebere quam captare; [6] in macello perstare; quod emere non poterat, oculis deuorare; apud aediles aduersus lenones iurgare; [7] omniaque ista facere, ut contemnendus magis quam metuendus uideretur. [8] Nouissime ludi magistrum professus pueros in triuio docebat, ut aut a timentibus semper in publico uideretur aut a non timentibus facilius contemneretur. [9] Nam licet tyranni his semper uitiiis abundant, tamen simulatio haec uitiorum, non naturae erat, magisque haec arte quam amisso regali pudore faciebat, expertus; quam inuisa tyrannorum forent etiam sine opibus nomina. [10] Laborabat itaque inuidiam praeteritorum contemptu praesentium demere, neque honesta, sed tuta consilia circumspiciebat. [11] Inter has tamen dissimulationum artes ter insimulatus est adfectatae tyrannidis, nec aliter quam dum contemnitur, liberatus est.

[6, 1] Inter haec Karthaginienses tanto successu rerum Alexandri Magni exterriti, uerentes ne Persico regno et Africum uellet adiungere, mittunt ad speculandos eius animos Hamilcarem cognomento Rodanum, uirum sollertia facundiaque praeter ceteros insignem. [2] Augebant enim metum et Tyros, urbs auctorum originis suae, capta [3] et Alexandria aemula Karthaginis in terminis Africae et Aegypti condita [4] et felicitas regis, apud quem nec cupiditas nec fortuna

mercado; o que não podia comprar, devorava com os olhos; brigava junto aos edis contra os alcoviteiros; [7] fez tudo isso para parecer mais desprezível do que temível. [8] Finalmente, proclamado professor de escola, ensinava os meninos em uma encruzilhada, para que ou fosse visto sempre em público pelos que o temiam, ou mais facilmente desprezado pelos que não o temiam. [9] Com efeito, embora os tiranos sempre abundem nesses vícios, contudo, isso era uma simulação dos vícios, não sua disposição natural, e fazia isso mais por artifício do que pelo pudor real perdido, tendo experimentado o quão odiosos eram os nomes dos tiranos mesmo sem riquezas. [10] E, assim, trabalhava para remover o ódio das ações passadas com o desprezo das presentes, e não sondava ao redor por planos honestos, mas seguros. [11] Contudo, em meio a esses artifícios das dissimulações, três vezes foi acusado de almejar a tirania e, não de outro modo do que por ser desprezado, foi libertado.

[6, 1] Enquanto isso, os cartagineses, aterrorizados por tamanho sucesso dos feitos de Alexandre, o Grande, receando que desejasse ajuntar também a África ao reino persa, enviam, para espreitar os ânimos dele, Amílcar, conhecido como Ródano, homem insigne por sua solércia e eloquência acima dos demais. [2] De fato, também elevavam seu medo as capturas de Tiro<sup>528</sup>, urbe dos responsáveis por sua própria origem, [3] e de Alexandria, rival de Cartago, fundada nos limites da África e do Egito [4] e os bons resultados do rei, em quem nem a ambição nem a fortuna tinham limite algum, recentemente. [5] Então, Amílcar, tendo

<sup>528</sup> Cf. Just. 18.3.18-19 e 18.4.1.

ullo modo terminabantur. [5] Igitur Hamilcar per Parmeniona aditu regis obtento profugisse se ad regem expulsus patria fingit militemque se expeditionis offert. [6] Atque ita consiliis eius exploratis in tabellis ligneis uacua desuper cera inducta ciuibus suis omnia perscribat. [7] Sed Karthaginienses post mortem regis reuersum in patriam, quasi urbem regi uenditasset, non ingrato tantum, uerum etiam crudeli animo necauerunt.

## LIBER XXII

[1, 1] Agathocles, Siciliae tyrannus, qui magnitudini prioris Dionysii successit, ad regni maiestatem ex humili et sordido genere peruenit. [2] Quippe in Sicilia patre figulo natus non honestiorem pueritiam quam principia originis habuit, [3] siquidem forma et corporis pulchritudine egregius diu uitam stupri patientia exhibuit. [4] Annos deinde pubertatis egressus libidinem a uiris ad feminas transtulit. [5] Post haec apud utrumque sexum famosus uitam latrociniis mutauit. [6] Interiecto tempore, cum Syracusas concessisset adscitusque in ciuitatem inter incolas esset, diu sine fide fuit, [7] quoniam nec in fortunis quod amitteret, nec in uerecundia quod inquinaret habere uidebatur; [8] in summa gregariam militiam sortitus non minus tunc seditiosa quam antea

obtido uma audiência com o rei por intermédio de Parmênio, finge que, expulso da pátria, tinha fugido até o rei e se oferece como soldado para sua expedição militar. [6] E, assim, tendo investigado os planos deles, escrevia tudo detalhadamente para seus próprios cidadãos em tabuinhas de madeira com cera infiltrada, plana na superfície<sup>529</sup>. [7] Mas, de volta à pátria após a morte do rei, como se tivesse vendido a urbe ao rei, os cartagineses, não só com ânimo ingrato, mas também cruel, mataram-no.

## Livro XXII

[1, 1] Agátocles, tirano da Sicília, o qual sucedeu a grandeza do Dionísio anterior, chegou à majestade real a partir de uma linhagem humilde e sórdida, [2] pois, nascido na Sicília de um pai oleiro, não teve uma infância mais honrosa do que suas primeiras origens, [3] visto que, egrégio por sua figura e pela beleza de seu corpo, por longo tempo, nutriu, com resignação, uma vida de depravação. [4] Logo, passados seus anos de puberdade, transferiu a lascívia dos homens para as mulheres. [5] Depois disso, famoso junto a um e outro sexo, mudou de vida, dedicando-se aos latrocínios. [6] Passado algum tempo, como se havia retirado para Siracusa e fora acolhido na cidade entre seus habitantes, esteve, por longo tempo, sem confiança, [7] já que não parecia ter nem fortuna que pudesse perder, nem modéstia que pudesse manchar; [8] enfim, destinado a ser soldado raso, era o mais disposto a todo tipo de falta não menos por causa de sua atual vida conflituosa do que por aquela torpe, de antes; [9] com

<sup>529</sup> Como fizera Demarato, em Just. 2.10.13-4, que revela os planos de Xerxes aos lacedemônios.

turpi uita in omne facinus promptissimus erat; [9] nam et manu strenuus et in contionibus perfacundus habebatur. [10] Breui itaque centurio ac deinceps tribunus militum factus est. [11] Primo bello aduersus Aethnaeos magna experimenta sui Syracusanis dedit. [12] Sequenti Campanorum tantam de se spem omnibus fecit ut in locum demortui ducis Damasconis sufficeretur, [13] cuius uxorem adulterio cognitam post mortem uiri in matrimonium recepit. [14] Nec contentus, quod ex inope repente diues factus esset, piraticam aduersus patriam exercuit. [15] Saluti ei fuit quod socii capti tortique de illo negauerunt. [16] Bis occupare imperium Syracusarum uoluit, bis in exilium actus est.

[2, 1] A Murgantinis, apud quos exulabat, odio Syracusanorum primo praetor, mox dux creatur. [2] In eo bello et urbem Leontinorum capit et patriam suam Syracusas obsidere coepit, [3] ad cuius auxilium Hamilcar, dux Poenorum, inploratus depositis hostilibus odiis praesidia militum mittit. [4] Ita uno eodemque tempore Syracusae et ab hoste ciuili amore defensae et a ciue hostili odio inpugnatae sunt. [5] Sed Agathocles cum uideret fortius defendi urbem quam oppugnari, precibus per internuntios Hamilcarem exorat ut inter se et Syracusanos pacis arbitria suscipiat, peculiaria in ipsum officia sui repromittens. [6] Qua spe inpletus Hamilcar societatem cum eo mutuae potentiae iungit, ut quantum uirium Agathocli aduersus

efeito, era tido como diligente na tropa e também muito eloquente nas assembleias. [10] E assim, em breve, foi feito centurião e, em seguida, tribuno dos soldados. [11] Em sua primeira guerra contra o povo do Etna, deu aos siracusanos provas de sua própria grandeza. [12] Na seguinte, ao povo da Campânia, criou tamanha esperança para todos a respeito de si, que foi posto no lugar do comandante Damascão, que morrera, [13] cuja esposa, tomada em adultério, recebeu em matrimônio após a morte do marido. [14] E não contente com se ter tornado, de repente, um rico saído da pobreza, praticou pirataria contra a pátria. [15] A salvação dele foi que seus aliados, capturados e torturados, negaram-se a falar dele. [16] Duas vezes desejou exercer a soberania em Siracusa, duas vezes foi posto no exílio.

[2, 1] Foi eleito pelos murgantinos, junto aos quais se exilava, primeiramente pretor, a seguir, comandante, por ódio aos siracusanos. [2] Naquela guerra, captura a urbe dos leontinos e também começa a cercar Siracusa, sua própria pátria; [3] chamado em auxílio dela, Amílcar, comandante dos penos, envia destacamentos de soldados, tendo afastado os ódios aos inimigos. [4] Assim, em um só tempo, Siracusa foi defendida por um inimigo com amor civil e também atacada por um cidadão com um ódio inimigo. [5] Mas Agátocles, quando percebeu que a urbe era defendida com mais coragem do que era assaltada, suplica com preces a Amílcar, por meio de mensageiros, que tome o arbítrio da paz entre si e os siracusanos, prometendo-lhe colocar-se ele mesmo a seu serviço. [6] Inspirado por essa esperança, Amílcar une-se a ele em uma aliança de mútuo poder, para que tanto desse forças militares a Agátocles contra os siracusanos, como ele mesmo as

Syracusanos dedisset, tantum ipse ad incrementa domesticae potentiae reciperet. [7] Igitur non pax tantum Agathocli conciliatur, uerum etiam praetor Syracusis constituitur. [8] Tunc Hamilcari expositis insignibus Cereris tactisque in obsequia Poenorum iurat. [9] Deinde acceptis ab eo V milibus Afrorum potentissimos quosque ex principibus interficit, [10] atque ita ueluti rei publicae statum formaturus populum in theatrum ad contionem uocari iubet contracto in gymnasio senatu, quasi quaedam prius ordinaturus. [11] Sic conpositis rebus inmissis militibus populum obsidet, senatum trucidat, [12] cuius peracta caede ex plebe quoque locupletissimos et promptissimos interficit.

[3, 1] His ita gestis militem legit exercitumque conscribit, quo instructus finitimas ciuitates nihil hostile metuentes ex inprouiso adgreditur, Poenorum quoque socios permittente Hamilcare foede uexat. [2] Propter quod querelas Karthaginem socii non tam de Agathocle quam de Hamilcare detulerunt, [3] hunc ut dominum et tyrannum, illum ut proditorem arguentes, a quo infestissimo hosti fortunae sociorum interposita pactione donatae sint; [4] si cui ab initio Syracusae in pignus societatis sint traditae, urbs semper Poenis infesta et de imperio Siciliae Karthaginis aemula, nunc insuper ciuitates sociorum eidem titulo pacis addictas. [5] Denuntiare igitur se haec breui ad ipsos redundatura ac propediem sensuros, quantum

recebesse para reforço do poder pátrio. [7] Então, Agátocles não só concilia a paz, como também é instituído pretor de Siracusa. [8] Depois, diante das insígnias de Ceres e as tocando, jura a Amílcar cortesia aos penos. [9] Logo, tendo recebido dele cinco mil africanos, assassina os mais poderosos dentre os aristocratas [10] e, assim, como se tivesse a intenção de reestruturar a república, ordena que o povo seja chamado ao teatro para uma assembleia, tendo reunido o senado no ginásio, como se para ajustar previamente alguns pontos de pauta. [11] Dessa maneira, com essas circunstâncias coordenadas, enviados os soldados, cerca o povo, trucida o senado [12] e, consumado o massacre deles, assassina, do mesmo modo, os mais opulentos e os mais dispostos do vulgo.

[3, 1] Assim, após esses feitos, escolhe soldados e alista um exército, com o qual, equipado, trava, de repente, guerra com as cidades vizinhas que nada temiam de hostil; assola, do mesmo modo, os aliados dos penos, com Amílcar vergonhosamente permitindo. [2] Devido a isso, os aliados trouxeram a Cartago as queixas não tanto sobre Agátocles, quanto sobre Almícar, [3] acusando aquele de ser um dominador e um tirano, este de ser um traidor, já que as fortunas dos aliados tinham sido dadas a um inimigo ferrenho mediante um pacto; [4] se, a princípio, Siracusa, urbe sempre hostil aos penos e rival de Cartago pela soberania da Sicília, fora entregue como garantia de uma aliança, agora eram somadas, além disso, as cidades dos aliados também em sinal de paz. [5] Declaravam, então, que, em breve, isso respingaria neles próprios, e perceberiam, sem demora, a grandeza dos males que trouxeram não tanto à Sicília quanto à própria África. [6] O senado é inflamado por

mali non Siciliae magis quam ipsi Africae adtulerint. [6] His querelis senatus in Hamilcarem accenditur, sed quoniam in imperio esset, tacita de eo suffragia tulerunt et sententias, priusquam recitarentur, in urnam coniectas obsignari iusserunt, dum alter Hamilcar, Gisgonis filius, a Sicilia reuenteretur. [7] Sed haec callida commenta Poenorum et sententias inauditas mors Hamilcaris praeuenit, liberatusque est fati munere, quem per iniuriam ciues inauditum damnauerant. [8] Quae res Agathocli aduersus Poenos occasionem mouendi belli dedit. [9] Prima igitur illi cum Hamilcare, Gisgonis filio, proelii congressio fuit, a quo uictus maiori mole reparaturus bellum Syracusas concessit. [10] Sed secundi certaminis eadem fortuna quae et prioris fuit.

[4, 1] Cum igitur uictores Poeni Syracusas obsidione cinxissent, Agathocles, cum se neque uiribus parem neque ad obsidionem ferendam instructum uideret, super haec a sociis crudelitate eius offensis desertus esset, [2] statuit bellum in Africam transferre, mira prorsus audacia, ut, quibus in solo urbis suae par non erat, eorum urbi bellum inferret, qui sua tueri non poterat, impugnaret aliena uictusque uictoribus insultaret. [3] Huius consilii non minus admirabile silentium quam commentum fuit. Populo hoc solum professus, inuenisse se uictoriae uiam; animos illi tantum in breuem obsidionis patientiam firmarent, uel cui status praesentis fortunae displiceret, dare

essas queixas contra Amílcar, mas, porque ele estava no comando, convocaram uma votação escondida dele e ordenaram que as decisões reunidas, antes de serem lidas, fossem seladas em uma urna, enquanto o outro Amílcar, filho de Gisgão, retornava da Sicília. [7] Mas a morte de Amílcar antecipa esses planos astutos dos penos, suas decisões não são ouvidas, e aquele que os cidadãos condenaram injustamente sem o ouvir foi libertado por um presente do destino. [8] Essa ação deu a Agátocles ocasião de mover guerra contra os penos. [9] Então, o primeiro encontro da batalha foi dele com Amílcar, filho de Gisgão; vencido por ele, retirou-se para Siracusa de modo a reiniciar a guerra com maior ímpeto. [10] Mas a sorte da segunda peleja foi a mesma que a da anterior.

[4, 1] Então, enquanto os penos sitiavam Siracusa em um cerco, Agátocles, ao perceber que não era páreo em forças militares nem equipado para suportar o cerco e que fora, além disso, desertado pelos aliados ofendidos pela crueldade dele, [2] decidiu transferir a guerra para a África; uma audácia, em suma, estúpida que levasse guerra à urbe daqueles a quem ele não era páreo no solo de sua própria urbe; que aquele que não pudera defender seus próprios bens atacasse os alheios, e o vencido insultasse os vitoriosos. [3] O silêncio sobre esse plano não foi menos admirável do que sua projeção. Proclamou ao povo apenas que teria encontrado o caminho para a vitória; que firmassem os ânimos deles apenas para uma breve tolerância ao cerco, e que fosse dado o livre poder de se retirar a quem desagradasse o estado da presente sorte. [4]

se ei discedendi liberam potestatem. [4] Cum mille sescenti discessissent, ceteros ad obsidionis necessitatem frumento et stipendio instruit; L tantum secum talenta ad praesentem usum aufert, cetera ex hoste melius quam ex sociis paraturus. [5] Omnes deinde seruos militaris aetatis libertate donatos sacramento adigit eosque et maiorem partem ferme militum nauibus inponit, ratus exaequata utriusque ordinis condicione mutuam inter eos uirtutis aemulationem futuram; ceteros omnes ad tutelam patriae relinquit.

[5, 1] Septimo igitur imperii anno comitibus duobus adultis filiis Archagatho et Heraclida, [2] nullo militum sciente quo ueheretur, cursum in Africam dirigit, cum omnes aut in Italiam praedatum se aut in Sardiniam ituros crederent. Tunc primum, exposito in Africae litore exercitu, consilium suum omnibus aperit. [3] Quo in loco Syracusae positae sint ostendit, quibus aliud nullum auxilium superesset, quam ut hostibus faciant, quae ipsi patiantur. [4] Quippe aliter domi, aliter foris bella tractari. Domi ea sola auxilia esse, quae patriae uires subministrent; foris hostem etiam suis uiribus uinci, deficientibus sociis et odio diuturni imperii externa auxilia circumspectantibus. [5] Huc accedere quod urbes castellaque Africae non muris cinctae, non in montibus positae sint, sed in planis campis sine ullis munimentis iaceant, quas omnes metu excidii facile ad belli societatem perlici posse. [6] Maius igitur

Enquanto mil e seiscentos retiraram-se, equipou o resto com o necessário de grãos e dinheiro para o cerco; leva consigo apenas cinquenta talentos para uso imediato, planejando obter o resto mais prontamente do inimigo do que dos aliados. [5] Logo, compromete com um juramento todos os servos em idade militar, recompensados com a liberdade, e embarca-os em naus junto com a maior parte quase de seus soldados, certo de que, igualada uma e outra ordem em condição, seria mútua, entre eles, a rivalidade quanto à coragem; deixa todo o restante para a tutela da pátria.

[5, 1] Então, no sétimo ano da soberania, tendo como companheiros seus dois filhos adultos, Arcágato e Heráclida, [2] sem que soldado algum soubesse para onde era transportado, dirige seu curso à África, enquanto todos acreditavam que iriam pilhar ou a Itália ou Sardenha. Naquele momento, pela primeira vez, tendo desembarcado o exército no litoral da África, expôs o seu próprio plano a todos. [3] Naquele local, mostra a situação em que estava Siracusa, à qual não restava nenhum outro auxílio além de fazer aos inimigos aquilo a que eles mesmos eram submetidos, [4] pois as guerras eram preparadas de um modo em casa, de outro fora. Em casa, só há as tropas auxiliares que as forças militares da pátria fornecem; fora, o inimigo é vencido também por suas próprias forças militares, por aliados desertando e procurando ao redor tropas auxiliares por ódio a uma longa soberania externa. [5] A esse ponto, acrescenta que as urbes e as fortalezas da África não eram cingidas por muros, não estavam posicionadas em montes, mas jaziam em campos planos sem proteção alguma, pelo que todas, com medo de uma fácil destruição, poderiam ser atraídas a uma

Karthaginiensibus ab ipsa Africa quam ex Sicilia exarsurum bellum, coituraque auxilia omnium aduersus unam urbem nomine quam opibus amplioem, et quas non adtulerit uires, inde sumpturum. [7] Nec in repentino Poenorum metu modicum momentum uictoriae fore, qui tanta audacia hostium percussi trepidaturi sint. [8] Accessura et uillarum incendia, castellorum urbiumque contumacium direptionem, tum ipsius Karthaginis obsidionem, [9] quibus omnibus non sibi tantum in alios, sed et aliis in se sentient patere bella. [10] His non solum Poenos uinci, sed et Siciliam liberari posse; nec enim moraturos in eius obsidione hostes, cum sua urgeantur. [11] Nusquam igitur alibi facilius bellum, sed nec praedam uberiorem inueniri posse; nam capta Karthagine omnem Africam Siciliamque praemium uictorum fore. [12] Gloriam certe tam honestae militiae tantam in omne aeuum futuram, ut terminari nullo tempore obliuionis silentio possit, ut dicatur eos solos mortalium esse qui bella, quae domi ferre non poterant, ad hostes transtulerint ultroque uictores insecuti sint et obsessores urbis suae obsederint. [13] Omnibus igitur forti ac laeto animo bellum ineundum, quo nullum aliud possit aut praemium uictoribus uberius aut uictis monumentum inlustrius dare.

[6, 1] His quidem adhortationibus animi militum erigebantur, sed terrebat eos portenti religio quod nauigantibus sol defecerat. [2]

aliança de guerra. [6] Então, provocaria uma guerra maior aos cartagineses partindo da própria África do que a partir da Sicília, e as tropas auxiliares reunidas de todos estariam contra uma única urbe, maior por seu nome do que por seus feitos, e alistaria ali as forças militares que não trouxera. [7] E um elemento não pequeno para a vitória seria o repentino medo dos penos, que, abalados com tamanha audácia dos inimigos, ficariam receosos. [8] Acrescentar-se-iam também os incêndios das vilas, a rapina das fortalezas e das urbes rebeldes, logo, o cerco da própria Cartago; [9] com tudo isso, perceberiam que não só a eles deixam impingir guerras contra os outros, mas também aos outros contra si. [10] Com isso, não só os penos poderiam ser vencidos, mas também a Sicília libertada; de fato, os inimigos não demorariam no cerco desta, enquanto as suas (terras) eram atormentadas. [11] Então, em nenhum outro lugar poderia encontrar-se uma guerra mais fácil, nem uma pilhagem mais proveitosa; com efeito, com Cartago capturada, toda a África e a Sicília seriam prêmio dos vitoriosos. [12] Certamente, a glória de tão honrosa expedição militar seria tão grande para todo o sempre, que não terminaria em tempo algum com o silêncio do esquecimento; dir-se-ia que eles foram os únicos mortais que transferiram aos inimigos as guerras que não puderam (travar) em casa, e que, além disso, acometeram os vitoriosos e cercaram a urbe dos que cercavam a sua própria. [13] Então, era dever de todos um ânimo corajoso e satisfeito ao entrar em guerra, na qual, como em nenhuma outra, poderia ser-lhes dado ou prêmio mais vultoso aos vitoriosos ou recordação mais ilustre aos vencidos.

[6, 1] É verdade que, com essas exortações, os ânimos dos soldados foram exaltados, mas os aterrava um agouro religioso, porque, enquanto navegavam, o sol havia-se



Cuius rei rationem non minore cura rex quam belli reddebat, adfirmans si priusquam proficiscerentur factum esset, crediturum aduersum profecturis prodigium esse; nunc, quia egressis acciderit, illis, ad quos eatur, portendere. [3] Porro defectus naturalium siderum semper praesentem rerum statum mutare, certumque se esse et florentibus Karthaginiensium opibus et laboribus aduersisque rebus suis commutationem significari. [4] Sic consolatis militibus uniuersas naues consentiente exercitu incendi iubet, ut omnes scirent auxilio fugae adempto aut uincendum aut moriendum esse. [5] Deinde cum omnia, quacumque ingrederentur, prosternerent, uillas castellaque incenderent, obuius ei fuit cum XXX milibus paganorum Hanno, [6] sed proelio commisso duo de Siculis, tria milia de Poenis cum ipso duce cecidere. [7] Hac uictoria et Siculorum animi eriguntur et Poenorum franguntur. [8] Agathocles uictis hostibus urbes castellaque

eclipsado. [2] O rei apontava uma razão para essa circunstância com não menor cuidado do que para a guerra, afirmando que, se tivesse ocorrido antes de partirem, deveriam acreditar que o presságio estava contra os que iriam partir; agora, porque ocorrera com eles desembarcados, agourava aqueles aos quais marchavam. [3] Além disso, o eclipse das estrelas comuns sempre mudava o presente estado das circunstâncias e, com certeza, significaria uma troca, por um lado, das riquezas florescentes dos cartagineses e, por outro, das circunstâncias de seus próprios esforços e adversidades. [4] Assim, consolados os soldados, ordena, com o exército consentindo, que as naus inteiras sejam incendiadas, para que todos saibam que, subtraído o auxílio da fuga, era preciso ou vencer ou morrer. [5] Depois, enquanto derrubavam tudo onde quer que ingressavam, incendiavam vilas e fortificações, Hanão foi ao encontro deles com trinta mil camponeses, [6] mas foram abatidos dois dos sículos<sup>530</sup>, e três mil dos penos com o próprio comandante. [7] Com essa vitória, os ânimos dos sículos foram elevados, e os dos penos aniquilados. [8] Vencidos os inimigos, Agátocles toma de

<sup>530</sup> Seguimos o que aparece na edição e na tradução de Arnaud-Lindet (2003, recurso online), que argumenta: “[t]raduzo o texto de Justino *duo de Siculis, tria milia de Poenis...cecidere*, como Orósio (*Hist.*, 4,6,23), cuja única fonte é esta de Justino, o entende: ‘encontrou-se com um certo Hanão com trinta mil penos, o qual ele assassinou junto a dois mil de seus soldados; ele mesmo, por outro lado, perdeu apenas dois naquela guerra’. Por outro lado, se 2000 sicilianos tivessem caído diante de um exército de camponeses, matando apenas 3000 ou, pior, 2000, de acordo com a tradição de CD seguida por Orósio, os gregos não teriam tido motivos para se felicitem por sua vitória.”; “Je traduis le texte de Justin *duo de Siculis, tria milia de Poenis...cecidere*, comme Orose (*Hist.*, 4,6,23), dont la source unique est ici Justin, l’compris: *Hannonem quendam cum triginta milibus Poenorum obuium habuit, quem cum duobus milibus suorum interfecit, ipse autem duos tantum in eo bello perdidit*. D’autre part, si 2000 Siciliens étaient tombés devant une armée de payans, en n’en tuant que 3000 ou, pire, 2000 selon la tradition de CD suivie par Orose, les Grecs n’auraient pas eu lieu de se féliciter de leur victoire”. Watson (1853, recurso online cf. Justinus), Yardley (1994, p. 177 cf. Justin), Castro Sánchez (2008, p. 346 cf. Justino) e Mineo (2018, p. 133 cf. Justin) apresentam “dois mil sicilianos” em suas traduções. De qualquer forma, Justino tende a repetir o termo *milia* neste tipo de estrutura, conforme pode ser observado, por exemplo, em 2.9.9; 2.10.18; 9.5.6; 11.6.2; 11.9.1 e 10; 11.12.5 e 12.9.3.

expugnat, praedas ingentes agit, hostium multa milia trucidat. [9] Castra deinde in quinto lapide a Karthagine statuit, ut damna carissimarum rerum uastitatemque agrorum et incendia uillarum de muris ipsius urbis specularentur. [10] Interea ingens tota Africa deleti Poenorum exercitus fama occupatarumque urbium diuulgatur. [11] Stupor itaque omnes et admiratio incessit, unde tanto imperio tam subitum bellum, praesertim ab hoste iam uicto; admiratio deinde paulatim in contemptum Poenorum uertitur. [12] Nec multo post non Afri tantum, uerum etiam urbes nobilissimae nouitatem secutae ad Agathoclem defecere frumentoque et stipendio uictorem instruxere.

[7, 1] His Poenorum malis etiam deletus in Sicilia cum imperatore exercitus uelut quidam aerumnarum cumulus accessit. [2] Nam post profectionem a Sicilia Agathoclis in obsidione Syracusarum Poeni segniore redditi ab Antandro, fratre regis Agathoclis, occidione caesi nuntiabantur. [3] Itaque cum domi forisque eadem fortuna Karthaginensium esset, iam non tributariae tantum ab his urbes, uerum etiam socii reges deficiebant, amicitiarum iura non fide, sed successu ponderantes. [4] Erat inter ceteros rex Cyrenarum Afellas, qui spe inproba regnum totius Africae amplexus societatem cum Agathocle per legatos iunxerat pactusque cum

assalto urbes e fortificações, coleta grandes pilhagens, trucida muitos milhares de inimigos. [9] Logo, estabelece seu acampamento a cinco milhas de Cartago, para que observassem os danos de seus bens mais caros, a desolação dos campos e os incêndios das vilas a partir dos muros de sua própria urbe. [10] Entrementes, por toda a África, é divulgada a fama da destruição do exército dos penos e da ocupação das urbes. [11] E, assim, o estupor e a admiração avança em todos, de onde (viria) uma guerra tão súbita a uma tão grande soberania, especialmente, por um inimigo já vencido; logo, a admiração mudou-se, aos poucos, em desprezo pelos penos. [12] E, não muito depois, não só as africanas, como também urbes nobilíssimas, seguindo a novidade, amotinaram-se para o lado de Agátocles e equiparam o vitorioso com grãos e dinheiro.

[7, 1] A esses males dos penos, como um certo acúmulo dos revezes, também se ajunta a destruição do exército com seu general na Sicília. [2] Com efeito, após a partida de Agátocles da Sicília, anunciou-se que os penos, tendo-se tornado mais relapsos no cerco de Siracusa, foram massacrados em uma carnificina por Antandro, irmão do rei Agátocles. [3] E, assim, enquanto a sorte dos cartagineses era a mesma em casa e fora, não só as urbes tributárias deles, como também os reis aliados os abandonavam, avaliando os deveres das amizades não pela fidelidade, mas por sua consequência. [4] Estava, entre os demais, o rei de Cirene, Afela<sup>531</sup>, o qual, com a perversa esperança de enlaçar o poder de toda a África, unira-se em aliança a Agátocles por meio de embaixadores e selara com ele um pacto, para que, vencidos os cartagineses, a soberania da Sicília passasse

<sup>531</sup> No prólogo deste livro, há *Ophellas*.

eo fuerat ut Siciliae illi, sibi Africae imperium uictis Karthaginiensibus cederet. [5] Itaque cum ad belli societatem cum ingenti exercitu ipse uenisset, Agathocles blando adloquio et humili adulatione, cum saepius simul cenassent adoptatusque filius eius ab Afella esset, incautum interficit [6] occupatoque exercitu eius iterato Karthaginienses omnibus uiribus bellum cientes magno utriusque exercitus sanguine graui proelio superat. [7] Hoc certaminis discrimine tanta desperatio inlata Poenis est ut, nisi in exercitu Agathoclis orta seditio fuisset, transiturus ad eum Bomilcar, dux Poenorum, cum exercitu fuerit. [8] Ob quam noxam in medio foro a Poenis patibulo suffixus est, ut idem locus monumentum suppliciorum eius esset, qui ante fuerat ornamentum honorum. [9] Sed Bomilcar magno animo crudelitatem ciuium tulit adeo ut de summa cruce ueluti de tribunali in Poenorum scelera contionaretur, [10] obiectans illis nunc Hannonem falsa adfectati regni inuidia circumuentum, nunc Gisgonis innocentis exilium, nunc in Hamilcarem, patruum suum, tacita suffragia, quod Agathoclem socium illis facere quam hostem maluerit. [11] Haec cum in maxima populi contione uociferatus esset, expirauit.

[8, 1] Interea Agathocles profligatis in Africa rebus, tradito Archagatho filio exercitu in Siciliam recurrit, nihil actum in Africa

para aquele, a da África para si. [5] E, assim, como ele mesmo chegava à aliança de guerra com um grande exército, Agátocles, com persuasiva conversa e humilde adulação, dado que, constantemente, jantavam ao mesmo tempo, e um filho dele fora adotado por Afela, assassina o incauto [6] e, tendo dominado o exército dele, outra vez supera – em uma grande batalha profundamente sangrenta para um e outro exército – os cartagineses, que avançaram à guerra com suas forças militares inteiras. [7] Neste ponto decisivo da peleja, tamanho desespero abateu-se sobre os penos que, se não se houvesse iniciado uma revolta no exército de Agátocles, Bomílcar, comandante dos penos, teria passado com o exército para o lado dele. [8] Por essa violação, foi crucificado pelos penos no meio do fórum, para que o mesmo local que antes fora ornamento de suas honras, fosse monumento dos suplícios dele. [9] Mas Bomílcar suportou a crueldade dos cidadãos com ânimo tão elevado que, do alto da cruz, como se num tribunal, denunciava publicamente os crimes dos penos, [10] apontando ora Hanão, por eles acusado falsamente de almejar o poder<sup>532</sup> devido à sua impopularidade, ora o exílio do inocente Gisgão, ora as votações secretas contra Amílcar, seu próprio pai, porque preferira fazer Agátocles um aliado a um inimigo deles. [11] Tendo vociferado essas palavras para uma grande assembleia popular, expirou.

[8, 1] Entrementes, Agátocles, tendo quase concluído suas ações na África e entregue o exército a seu filho, Arcágato, retorna à Sicília, julgando que nada teria sido feito na África, se fossem cercados em Siracusa por

<sup>532</sup> A respeito deste Hanão, consultar Just. 21.4.

existimans, si amplius Syracusae obsiderentur. [2] Nam post occisum Hamilcarem, Gisgonis filium, nouus eo a Poenis missus exercitus fuerat. [3] Statim igitur primo aduentu eius omnes Siciliae urbes, auditis rebus quas in Africa gesserat, certatim se ei tradunt, atque ita pulsus e Sicilia Poenis totius insulae imperium occupauit. [4] In Africam deinde reuersus seditione militum excipitur, nam stipendiorum solutio in aduentum patris dilata a filio fuerat. [5] Igitur in contionem uocatos blandis uerbis permulsit: stipendia illis non a se flagitanda esse, sed ab hoste quaerenda; communem uictoriam, communem praedam futuram. [6] Paulum modo adniterentur, dum belli reliquiae peraguntur, cum sciant Karthaginem captam spes omnium expleturam. [7] Sedato militari tumultu interiectis diebus ad castra hostium exercitum ducit, ibi inconsultius proelium committendo maiorem partem exercitus perdidit. [8] Cum itaque in castra fugisset uersamque in se inuidiam temere commissi belli uideret pristinamque offensam non depensi stipendii metueret, concubia nocte solus a castris cum Archagatho filio profugit. [9] Quod ubi milites cognouere, haud secus quam si ab hoste capti essent, trepidauere, bis se a rege suo in mediis hostibus relictos esse proclamantes, salutemque suam desertam ab eo esse, quorum ne sepultura quidem relinquenda fuerit. [10] Cum persequi regem uellent, a Numidis excepti in castra reuertuntur, comprehenso

mais tempo. [2] Com efeito, após a morte de Amílcar, filho de Gísgão, os penos haviam enviado um novo exército para lá. [3] Sem demora, então, primeiro, com a chegada dele, todas as urbes da Sicília, tendo ouvido sobre os feitos que realizara na África, entregam-se a ele, à porfia, e, assim, expulsados os penos da Sicília, exerceu a soberania em toda a ilha. [4] De volta à África, logo, é recebido com uma revolta dos soldados; com efeito, a quitação dos soldos fora adiada pelo filho até o retorno do pai. [5] Então, convocados a uma assembleia, agrada-os com palavras persuasivas: os soldos deles não deveriam ser demandados a ele, mas buscados no inimigo; comum seria a vitória, comum a pilhagem; [6] que se esforçassem apenas um pouco até que o restante da guerra fosse rematado, na medida que sabiam que Cartago capturada satisfaria a expectativa de todos. [7] Acalmado o tumulto dos soldados, passados uns dias, conduz o exército até o acampamento inimigo. Ali, sendo imprudente ao travar a batalha, perdeu a maior parte do exército. [8] E, assim, já que fugia para o acampamento, via voltar-se contra si o rancor por ter travado a guerra de maneira negligente e temia a antiga afronta da não quitação dos soldos, no início da noite, escapou do acampamento sozinho com o filho Arcágato. [9] Quando os soldados descobriram isso, como se tivessem sido capturados pelos inimigos, não pouco estremeceram, proclamando que duas vezes foram abandonados por seu próprio rei no meio dos inimigos, e que sua própria salvação fora por ele desamparada, quando, certamente, nem a sepultura deles deveria ter sido abandonada. [10] Enquanto desejavam perseguir o rei, recebidos pelos númidas, voltam ao acampamento, tendo prendido e reconduzido, contudo, Arcágato, que, na errância da noite, separara-se do pai. [11]

tamen reductoque Archagatho, qui a patre noctis errore discesserat. [11] Agathocles autem nauibus, quibus reuerterat e Sicilia, cum custodibus earundem Syracusas defertur, [12] exemplum flagitii singulare, rex exercitus sui desertor filiorumque pater proditor. [13] Interim in Africa post fugam regis milites pactione cum hostibus facta, interfectis Agathoclis liberis Karthaginiensibus se tradidere. [14] Archagathus cum occideretur ab Arcesilao, amico antea patris, rogauit eum, quidnam liberis eius facturum Agathoclem putet, per quem ipse liberis careat. Tunc respondit satis habere se quod superstites eos esse Agathoclis liberis sciat. [15] Post haec Poeni ad persequendas belli reliquias duces in Siciliam miserunt, cum quibus Agathocles pacem aequis condicionibus fecit.

## LIBER XXIII

[1, 1] Agathocles, rex Siciliae, pacificatus cum Karthaginiensibus partem ciuitatum a se fiducia uirium dissidentem armis subegit. [2] Dein quasi angustis insulae terminis clauderetur, cuius imperii partem primis incrementis ne sperauerat quidem, in Italiam transcendit, exemplum Dionysii secutus, qui multas Italiae ciuitates subegerat. [3] Primi igitur hostes illi Bruttii fuere, quia et fortissimi

Agátocles, no entanto, é levado a Siracusa nas naus com que voltara da Sicília, com os guardas delas, [12] sendo um exemplo singular de desonra: um rei desertor de seu próprio exército e um pai traidor dos filhos. [13] Nesse ínterim, na África, após a fuga do rei, os soldados, tendo selado um pacto com os inimigos, e assassinado os filhos<sup>533</sup> de Agátocles, entregaram-se aos cartagineses. [14] Quando Arcágato ia ser morto por Arcesilau, antes um amigo de seu pai, rogou que ele pensasse no que Agátocles faria com os filhos daquele por quem fora privado de filhos. Naquele momento, responde que lhe bastava saber que eles sobreviveram aos filhos de Agátocles. [15] Depois disso, os penos enviaram comandantes à Sicília para que o restante da guerra fosse rematado, com os quais Agátocles selou a paz com iguais condições.

## Livro XXIII<sup>534</sup>

[1, 1] Agátocles, rei da Sicília, em paz com os cartagineses, submeteu pelas armas parte das cidades que, por confiança em suas próprias forças militares, haviam-se separado dele. [2] Depois, como se estivesse confinado aos estreitos limites da ilha – da qual, nas expansões iniciais, não esperara sequer uma parte sob seu domínio –, atravessou para a Itália, seguindo o exemplo de Dionísio, que submetera muitas cidades da Itália. [3] Então, os primeiros inimigos

<sup>533</sup> O plural pode dar a entender que Heráclida também foi morto na ocasião, porém Justino só nomeia Arcágato a seguir.

<sup>534</sup> O trecho Just. 23.3 também integra o recorte de Mello (2022, p. 63-5), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

tum et opulentissimi uidebantur, simul et ad iniurias uicinorum prompti. [4] Nam multas ciuitates Graeci nominis Italia expulerant; [5] auctores quoque suos Lucanos bello uicerant et pacem cum his aequis legibus fecerant. [6] Tanta feritas animorum erat ut nec origini suae parcerent. [7] Namque Lucani isdem legibus liberos suos quibus et Spartani instituere soliti erant. [8] Quippe ab initio pubertatis in siluis inter pastores habebantur sine ministerio seruili, sine ueste quam induerent uel cui incubarent, ut a primis annis duritiae parsimoniaeque sine ullo usu urbis adsuescerent. [9] Cibus his praeda uenatica, potus aut lactis aut fontium liquor erat. Sic ad labores bellicos indurabantur. [10] Horum igitur ex numero L primo ex agris finitimorum praedare soliti, confluenta deinde multitudine sollicitati praeda cum plures facti essent, infestas regiones reddebant. [11] Itaque fatigatus querelis sociorum Dionysius, Siciliae tyrannus, sexcentos Afros ad conpescendos eos miserat; [12] quorum castellum proditum sibi per Bruttiam mulierem expugnauerunt ibique ciuitatem concurrentibus ad opinionem nouae urbis pastoribus statuerunt Bruttiosque se ex nomine mulieris uocauerunt. [13] Primum illis cum Lucanis, originis suae auctoribus, bellum fuit, [14] qua uictoria erecti cum pacem aequo iure fecissent, ceteros finitimos armis subegerunt tantasque opes breui consecuti sunt, ut perniciosi etiam regibus haberentur. [15] Denique Alexander,

dele foram os brúlios, pois eram vistos, naquela época, como os mais corajosos e também os mais opulentos e, ao mesmo tempo, dispostos a injúrias aos vizinhos. [4] Com efeito, expulsaram da Itália muitas comunidades de renome grego; [5] do mesmo modo, haviam vencido seus próprios fundadores, os lucanos, e selaram a paz com eles por meio de acordos igualitários. [6] A ferocidade de seus ânimos era tamanha que não pouparam nem mesmo os de sua própria origem. [7] E, com efeito, os lucanos estavam acostumados a educar seus próprios filhos com os mesmos preceitos que os espartanos. [8] De fato, no início da puberdade ficavam nas florestas entre pastores sem a assistência de um servo, sem veste com que se cobrir ou em que se deitar, para que, em seus primeiros anos, acostumassem-se ao rigor e à parcimônia, sem qualquer hábito da urbe. [9] A comida deles era o butim da caça; a bebida, ou o leite ou a água das fontes. Assim, eram endurecidos para os trabalhos bélicos. [10] Então, de cinquenta deles a princípio, acostumados a pilhar os campos dos vizinhos, logo, como confluía uma multidão incitada pela pilhagem, tornaram-se numerosos e faziam as regiões inabitáveis. [11] E, assim, Dionísio, tirano de Siracusa, cansado das querelas dos aliados, enviara seiscentos africanos para os reprimir; [12] cujo castelo tomam de assalto pela traição de uma mulher, Brútia, e, ali, com os pastores acorrendo ao rumor de uma nova urbe, estabeleceram uma cidade e se chamaram de brúlios a partir do nome da mulher. [13] A primeira guerra deles foi com os lucanos, responsáveis por sua própria origem. [14] Animados por essa vitória, após selarem a paz por meio de um pacto igualitário, submeteram pelas armas os demais vizinhos e conseguiram tantas riquezas, que eram tidos como perniciosos também pelos reis.

rex Epiri, cum in auxilium Graecarum ciuitatum cum magno exercitu in Italiam uenisset, cum omnibus copiis ab his deletus est. [16] Quare feritas eorum successu felicitatis incensa diu terribilis finitimis fuit. [17] Ad postremum inploratus Agathocles spe ampliandi regni a Sicilia in Italiam traiecit.

[2, 1] Principio opinionis aduentus eius concussi legatos ad eum societatem amicitiamque petentes miserunt. [2] Quos Agathocles ad cenam inuitatos, ne exercitum traici uiderent, et in posterum statuta eis die conscensa nauis frustratus est. [3] Sed fraudis haud laetus euentus fuit, siquidem reuerti eum in Siciliam interiectis paucis diebus uis morbi coegit, [4] quo toto corpore comprehensus per omnes neruos articulosque umore pestifero grassante uelut intestino singulorum membrorum bello inugnabatur. [5] Ex qua desperatione bellum inter filium nepotemque eius regnum iam quasi mortui uindicantibus oritur; occiso filio regnum nepos occupauit. [6] Igitur Agathocles, cum morbi cura et aegritudo grauiore essent et inter se alterum alterius malo cresceret, desperatis rebus uxorem suam Theoxenam genitosque ex ea duos paruulos cum omni pecunia et familia regalique instrumento, quo praeter illum nemo regum ditior fuit, nauibus inpositos Aegyptum, unde uxorem acceperat, remittit, timens ne praedonem regni sui hostem

[15] Em consequência disso, Alexandre, rei do Épiro, enquanto vinha à Itália com um grande exército em auxílio das comunidades gregas, foi destruído com todas as suas tropas por eles.<sup>535</sup> [16] Por essa razão, a ferocidade deles, abrasada pelo sucesso de sua ventura, por longo tempo, foi terrível aos vizinhos. [17] Por fim, Agátocles, chamado em seu auxílio, atravessou da Sicília para a Itália, com a esperança de ampliar o reino.

[2, 1] No princípio, alvoroçados pelo rumor da chegada dele, enviaram embaixadores até ele pedindo uma aliança e sua amizade. [2] Agátocles, tendo-os convidado para um jantar, de modo a que não vissem o exército deslocar-se e, no dia seguinte ao combinado com eles, tendo embarcado em uma nau, frustra-os. [3] Mas a fraude não foi de maneira alguma um acontecimento feliz, visto que, passados uns poucos dias, foi obrigado a voltar à Sicília pela força de uma enfermidade; [4] fora apanhado por ela e tinha um líquido pestilento avançando por seu corpo inteiro, por todos os nervos e articulações como se cada membro fosse atacado em uma guerra interna. [5] Devido ao desespero com isso, começa uma guerra entre o filho e o neto dele reivindicando o reino, como se ele já estivesse morto; com o filho assassinado, o neto ocupou o reino. [6] Então, Agátocles, enquanto o cuidado com a enfermidade e a doença ficavam mais graves, e, entre si, um crescia pelo estrago do outro, devido às situações desesperadoras, tendo posto em nau a sua esposa, Teoxena, e os dois filhos que teve com ela, com todo o dinheiro, os servos e o aparato real – em que nenhum outro dos reis era mais rico –, devolve-os ao Egito, de onde recebera a esposa, temendo que sofressem como um inimigo a pilhagem de seu próprio reino, [7]

<sup>535</sup> Cf. 12.2.14.

paterentur. [7] Quamquam uxor diu ne ab aegro diuelleretur deprecata est, ne discessus suus adiungi nepotis parricidio posset et tam cruento haec deseruisse uirum quam ille inpugnasse auum uideretur. [8] Nubendo se non prosperae tantum, sed omnis fortunae inisse societatem, nec inuitam periculo spiritus sui empturam, ut extremos uiri spiritus exciperet et exequiarum officium, in quod profecta se nemo sit successurus, obsequio debitae pietatis inpleret. [9] Discedentes paruuli flebili ululatu amplexi patrem tenebant; ex altera parte uxor maritum non amplius uisura osculis fatigabat. Nec minus senis lacrimae miserabiles erant. [10] Flebant hi morientem patrem, ille exules liberos; hi discessu suo solitudinem patris, aegri senis, ille in spem regni susceptos relinqui in egestate lugebat. [11] Inter haec regia omnis adsistentium fletibus tam crudelis discidii inpleta resonabat. [12] Tandem finem lacrimis necessitas profectionis inposuit et mors regis proficiscentes filios insecuta est. [13] Dum haec aguntur, Karthaginienses cognitis quae in Sicilia agebantur, occasionem totius insulae occupandae datam sibi existimantes magnis uiribus eo traiciunt multasque ciuitates subigunt.

[3, 1] Eo tempore et Pyrrhus aduersus Romanos bellum gerebat, [2] qui inploratus a Siculis in auxilium, sicuti dictum est, cum Syracusas uenisset, rex Siciliae sicut Epiri appellatur. [3] Quarum rerum felicitate laetus

ainda que a esposa, por longo tempo, tenha clamado para não ser separada do enfermo, de modo que sua própria retirada não pudesse ajuntar-se ao parricídio do neto e parecesse ter abandonado o marido com tanta crueldade como a dele ao atacar o avô. [8] (Dizia que) ao se casar, entrara em uma aliança não só de prosperidade, mas de toda sorte, e não a contragosto obtivera, com perigo à sua própria vida, que recolhesse os últimos suspiros do esposo e cumprisse, com obediência à devida piedade, o serviço das exéquias, ao que, com sua partida, ninguém sucederia. [9] Os pequeninos, que se separavam, abraçaram o pai com uivos aflitivos; por outra parte, a esposa, que não mais o veria, cansava o marido com beijos. As lágrimas do velho não eram menos dignas de pena. [10] Aqueles lamentavam o pai moribundo, este, os filhos exilados; aqueles, com sua separação, a solidão do pai, o velho enfermo, este chorava por deixar em necessidade os que gerara para a esperança de reinar. [11] Em meio a isso, todo o palácio ressoava inspirado com o choro de tamanha crueldade da retirada [12] Por fim, a necessidade da partida impôs um fim às lágrimas, e a morte do rei seguiu os filhos que partiam. [13] Enquanto essas ações sucedem-se, os cartagineses, conscientes de que essas ações sucediam-se na Sicília, julgando ter-lhes sido dada uma ocasião para ocupar toda a ilha, atravessam para lá com grandes forças militares e sujeitam muitas cidades.

[3, 1] Naquele tempo, também Pirro guerreava contra os romanos, [2] o qual, com o auxílio implorado pelos sicilianos, conforme foi dito, ao chegar a Siracusa, é declarado rei da Sicília, assim como era do Épiro. [3] Alegre com a ventura dessas ações, destina ao filho Heleno o reino da



Heleno filio Siciliae uelut auitum – nam susceptus ex filia Agathoclis regis erat –, Alexandro autem Italiae regnum destinat. [4] Post haec multa secunda proelia cum Karthaginiensibus facit. [5] Interiecto deinde tempore legati ab Italicis sociis uenere nuntiantes, resisti Romanis non posse deditionemque futuram, nisi subueniat. [6] Anxius tam ambiguo periculo incertusque quid ageret uel quibus primum subueniret, in utrumque pronus consultabat; [7] quippe instantibus hinc Karthaginiensibus, inde Romanis periculosum uidebatur exercitum in Italiam non traicere, periculosius a Sicilia deducere, ne aut illi non lata ope aut hi deserti amitterentur. [8] In hoc aestu periculorum tutissimus portus consiliorum uisus est omnibus uiribus decernere in Sicilia et profligatis Karthaginiensibus uictorem exercitum transponere in Italiam. [9] Itaque conserto proelio cum superior fuisset, quoniam tamen a Sicilia abiret pro uicto fugere uisus est; [10] ac propterea et socii ab eo defecerunt et imperium Siciliae tam cito amisit quam facile quaesierat. [11] Sed nec in Italia meliore felicitate usus in Epirum reuertitur. Admirabilis utriusque rei casus in exemplum fuit. [12] Nam sicut ante secunda fortuna rebus supra uota fluentibus Italiae Siciliaeque imperium et tot de Romanis uictorias adstruxerat, ita nunc aduersa uelut in

Sicília como se viesse do avô – de fato, fora nascido da filha do rei Agátocles<sup>536</sup> –, e o da Itália, por sua vez, a Alexandre. [4] Depois disso, trava muitas batalhas favoráveis com os cartagineses. [5] Logo, passado algum tempo, chegaram embaixadores de seus aliados itálicos anunciando que os romanos não podiam ser contidos e, se ele não viesse em auxílio, haveriam de se render. [6] Angustiado com o duplo perigo e indeciso quanto ao que fazer ou a quem socorrer primeiro, deliberava, inclinado a um ou outro lado; [7] porque, com os cartagineses ameaçando daqui, os romanos dali, parecia perigoso não atravessar o exército para a Itália, mais perigoso retirá-lo da Sicília: que não se perdessem aqueles por não lhes levar ajuda, ou estes por os desertar. [8] Neste mar de perigos, pareceu ser o porto mais seguro para seus planos combater com todas as forças militares na Sicília e, abatidos os cartagineses, passar o exército vitorioso para a Itália. [9] E assim, travado o combate, mesmo sendo superior, entretanto, pareceu fugir igual a um vencido, porque se retirava da Sicília; [10] e, por essa razão, os aliados desertaram dele, e perdeu a soberania da Sicília com tanta rapidez quanto com facilidade a tinha adquirido. [11] Mas, ao não ter também um resultado melhor na Itália, retorna ao Épiro. O infortúnio de uma e de outra ação foi digno de admiração por seu exemplo. [12] Com efeito, do mesmo modo que, antes, a sorte favorável nas ações que transcorriam acima de suas expectativas adicionara-lhe a soberania da Itália e da Sicília e tantas vitórias contra os romanos, agora, assim, adversa, como para mostrar a fragilidade humana, destruindo aquilo com que lhe cumulara, soma à ruína siciliana um

<sup>536</sup> Na verdade, o neto de Agátocles seria Alexandre, já que ele era filho de Lanassa, enquanto Heleno seria de Bircena, filha do rei da Ilíria.

ostentationem fragilitatis humanae destruens, quae cumulauerat, Siciliensi ruinae naufragium maris et foedam aduersus Romanos pugnam turpemque ab Italia discessum adiecit.

[4, 1] Post profectionem a Sicilia Pyrrhi magistratus Hiero creatur, [2] cuius tanta moderatio fuit, ut consentiente omnium ciuitatum fauore dux aduersus Karthaginienses primo, mox rex crearetur. [3] Huius futurae maiestatis ipsa infantilis educatio quasi praenuntia fuit. [4] Quippe genitus erat patre Hieroclito, nobili uiro, cuius origo a Gelone, antiquo Siciliae tyranno, manabat, [5] sed maternum illi genus sordidum atque adeo pudibundum fuit. [6] Nam ex ancilla natus ac propterea a patre uelut dehonestamentum generis expositus fuerat. [7] Sed paruulum et humanae opis egentem apes congesto circa iacentem melle multis diebus aluere. [8] Ob quam rem responso aruspicum admonitus pater, qui regnum infanti portendi canebant, paruulum recolligit omnique studio ad spem maiestatis, quae promittebatur, instituit. [9] Eidem in ludo inter coaequales discenti lupo tabulam in turba puerorum repente conspectus eripuit. [10] Adulescenti quoque prima bella ineunti aquila in clipeo, noctua in hasta consedit. [11] Quod ostentum et consilio cautum et manu promptum regemque futurum significabat. [12] Denique aduersus prouocatores saepe pugnavit semperque uictoriam reportauit. [13]

naufrágio no mar, um combate funesto contra os romanos e uma retirada torpe da Itália.

[4, 1] Após a retirada de Pirro da Sicília, Hierão foi eleito magistrado, [2] e tamanha foi sua moderação que, consentindo todas as cidades a seu favor, fora eleito primeiro comandante contra os cartagineses, a seguir, rei. [3] A própria educação em sua infância foi como um prenúncio de sua futura majestade. [4] Certamente, foi gerado do pai Hieróclito, um homem nobre, cuja origem remontava a Gelão, antigo tirano da Sicília, [5] mas sua ascendência materna era sórdida e até vergonhosa. [6] Com efeito, nasceu de uma criada e, por causa disso, fora exposto por seu pai como uma desonra à linhagem. [7] Mas abelhas, reunindo mel ao redor do pequenino que jazia e estava destituído de ajuda humana, alimentaram-no durante muitos dias. [8] Por essa situação, o pai, aconselhado pela resposta dos arúspices, que previam que um trono era anunciado à criança, retoma o pequenino e o prepara, com toda devoção, para a esperança da majestade que lhe era prometida. [9] Enquanto estudava na escola entre os de sua idade, um lobo que apareceu, de repente, na turba de meninos arrebatou sua tabuinha. [10] Em sua adolescência, do mesmo modo, quando ia a suas primeiras guerras, uma águia posou em seu escudo, uma coruja, em sua lança. [11] Esse prodígio significava que seria cuidadoso em seus planos, ágil no combate e um rei. [12] Em consequência disso, amiúde combatia contra os que o desafiavam e sempre retornava com a vitória. [13] Recebeu do rei Pirro muitos prêmios militares. [14] Insigne pela beleza de seu corpo, havia, do mesmo modo, uma

A Pyrrho rege multis militaribus donis donatus est. [14] Pulchritudo ei corporis insignis, uires quoque in homine admirabiles fuere. [15] In adloquio blandus, in negotio iustus, in imperio moderatus, prorsus ut nihil ei regium deesse praeter regnum uideretur.

força admirável no homem. [15] Persuasivo na conversa, justo ao negociar, moderado no comando, parecia, em suma, que nada lhe faltava da realeza além de um reino.

#### LIBER XXIV

[1, 1] Dum haec in Sicilia geruntur, interim in Graecia dissidentibus inter se bello Ptolomeo Cerauno et Antiocho et Antigono regibus, [2] omnes ferme Graeciae ciuitates ducibus Spartanis, uelut occasione data ad spem libertatis erectae, missis inuicem legatis, per quos in societatis foedera alligarentur, in bellum prorumpunt [3] et, ne cum Antigono, sub cuius regno erant, bellum coepisse uiderentur socios eius Aetolos adgrediuntur, [4] causas belli praetendentes, quod consensu Graeciae sacratum Apollini Cirraeum campum per uim occupassent. [5] Huic bello ducem deligunt Area, qui adunato exercitu urbes sataque in his campis posita depopulatur, quae auferri non poterant incendit. [6] Quod cum e montibus conspicati pastores Aetolorum essent, congregati admodum quingenti sparsos hostes ignorantesque quanta manus esset, quoniam conspectum illis metus et incendiorum fumus abstulerat, consecretantur

#### Livro XXIV<sup>537</sup>

[1, 1] Enquanto essas ações são realizadas na Sicília, nesse ínterim, desentendendo-se entre si os reis Ptolomeu Cerauno, Antíoco e Antígono<sup>538</sup>, [2] quase todas as cidades gregas irromperam em guerra, animadas pelos comandantes espartanos, como se tivesse sido dada ocasião para uma esperança de liberdade. Tendo enviado embaixadores reciprocamente por meio dos quais poderiam unir-se em acordos de parceria, [3] e, para que não parecessem ter começado uma guerra com Antígono, sob cujo reinado estavam, atacaram os etólios, aliados dele, [4] alegando, com o consentimento da Grécia, serem as causas da guerra o fato de que eles teriam ocupado pela força o campo de Cirra, consagrado a Apolo. [5] Escolhem como comandante dessa guerra Areu, o qual, tendo reunido um exército, assola as urbes e as colheitas situadas naqueles campos, incendeia o que não podiam carregar. [6] Enquanto os pastores dos etólios viam isso dos montes, cerca de quinhentos homens reunidos foram ao encalço dos inimigos dispersos e ignorantes de quantos havia naquela tropa, porque o medo e a fumaça dos incêndios haviam arrebatado a visão deles, e, trucidados cerca de nove mil, puseram os

<sup>537</sup> O trecho Just. 24.4.1-4 já integra o recorte traduzido em Mello (2022, p. 65), contudo, foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

<sup>538</sup> Cf. Just. 17.2.10 e subsequentes.

trucidatisque admodum nouem milibus praedones in fugam uerterunt. [7] Reparantibus deinde Spartanis bellum auxilium multae ciuitates negauerunt, existimantes dominationem eos, non libertatem Graeciae, quaerere. [8] Interea inter reges bellum finitur; nam Ptolomeus pulso Antigono cum regnum totius Macedoniae occupasset, pacem cum Antiocho facit adfinitatemque cum Pyrro rege data ei in matrimonium filia sua iungit.

[2, 1] Exinde externo metu deposito inpium et facinosum animum ad domestica scelera conuertit insidiasque Arsinoae, sorori suae, instruit, quibus et filios eius uita et ipsam Cassandreae urbis possessione priuaret. [2] Primus ei dolus fuit simulato amore sororis matrimonium petere; aliter enim ad sororis filios, quorum regnum occupauerat, quam concordiae fraude peruenire non poterat. [3] Sed nota scelerata Ptolomei uoluntas sorori erat. [4] Itaque non credenti mandat uelle se cum filiis eius regni consortium iungere; cum quibus non ideo se armis contendisse, quoniam eripere his regnum, sed quod id facere sui muneris uellet. [5] In hoc mitteret arbitrum iuris iurandi, quo praesente apud deos patrios quibus uellet obsecrationibus se obligaret. [6] Incerta Arsinoe quid ageret: si mitteret, decipi periurio, si non mitteret, prouocare rabiem fraternae crudelitatis timebat. [7] Itaque plus liberis quam sibi timens, quos matrimonio suo protecturam se

que estavam pilhando em fuga. [7] Logo, restabelecendo os espartanos a guerra, muitas cidades negaram-lhes auxílio, julgando que buscavam a dominação deles, não a liberdade da Grécia. [8] Entrementes, a guerra entre os reis é terminada; com efeito, enquanto Ptolomeu, tendo expulsado Antígono, ocupava o reino da Macedônia inteira, sela a paz com Antíoco e junta-se ao rei Pirro em parentesco, tendo-lhe dado a sua filha em matrimônio.

[2, 1] Em pouco tempo, afastado o medo externo, converte o ânimo ímpio e ultrajante às transgressões internas e arma insídias a Arsinoé, sua própria irmã, para privar os filhos dela da vida e ela própria da posse da urbe de Cassandria. [2] O primeiro dolo dele foi, com simulado amor, pedir a irmã em matrimônio; de fato, não poderia chegar aos filhos da irmã, cujo reino ocupara, de outro modo além da fraude de uma reconciliação. [3] Mas a vontade transgressora de Ptolomeu era conhecida pela irmã. [4] E, assim, como não acreditava, comunica que deseja juntar-se com os filhos dela em uma partilha do reino; com os quais se lançara às armas não porque quisesse tomar o reino deles, mas para fazê-lo um presente seu. [5] Para isso, (disse) que enviasse uma testemunha para o juramento, em cuja presença obrigar-se-ia junto aos deuses pátrios com as promessas que desejasse. [6] Arsinoé estava incerta sobre como agir: se enviasse, seria enganada com perjúrio; se não enviasse, temia provocar a raiva da crueldade fraterna. [7] E, assim, temendo mais por seus filhos do que por si, aos quais julgava que protegeria com seu próprio matrimônio, envia um de seus amigos, Dião; [8] ao qual, conduzido ao

arbitrabatur, mittit ex amicis suis Dionem; [8] quo perducto in sanctissimum Iouis templum ueterrimae Macedonum religionis Ptolomeus sumptis in manus altaribus, contingens ipsa simulacra et puluinaria deorum inauditis ultimisque execrationibus adiurat [9] se sincera fide sororis matrimonium petere nuncupaturumque se eam reginam, neque in contumeliam eius se aliam uxorem aliosue quam filios eius liberos habiturum. [10] Arsinoe postquam et spe inpleta est et metu soluta, ipsa cum fratre conloquitur, cuius uultus et blandientes oculi cum fidem non minorem quam ius iurandum promitterent, reclamante Ptolomeo filio fraudem subesse, in matrimonium fratris concedit.

[3, 1] Nuptiae magno apparatu laetitiaque omnium celebrantur. [2] Ad contionem quoque uocato exercitu capiti sororis diadema inponit reginamque eam appellat. [3] Quo nomine in laetitiam effusa Arsinoe, quia quod morte Lysimachi, prioris mariti, amiserat recepisset, ultro uirum in urbem suam Cassandream inuitat, cuius urbis cupiditate fraus struebatur. [4] Praegressa igitur uirum diem festum urbi in aduentum eius indicit, domos, templa ceteraque omnia exornari iubet, aras ubique hostiasque disponi; [5] filios quoque suos, Lysimachum sedecim annos natum, Philippum triennio minorem, utrumque forma insignem, coronatos occurrere iubet. [6] Quos Ptolomeus ad celandam fraudem cupide et ultra modum

mais sagrado templo de Jove, há muito reverenciado pelos macedônios, Ptolomeu, pondo as mãos nos altares, tocando as próprias imagens e os leitos dos deuses, jura com inauditas e extremas execrações [9] pedir a irmã em matrimônio com sincera fidelidade, que a nomearia rainha, e que não existiria a insolência de ter outra esposa ou outros herdeiros além dos filhos dela. [10] Depois, Arsinoé, inspirada com esperança e também libertada do medo, ela própria conversa com o irmão, cujo rosto e olhos cativantes prometiam uma fidelidade não menor que o juramento; enquanto o filho Ptolomeu protesta que havia uma fraude encoberta, aceita o matrimônio com o irmão.

[3, 1] As núpcias foram celebradas com grandes preparativos e alegria de todos. [2] (Ptolomeu), do mesmo modo, tendo convocado o exército a uma assembleia, coloca um diadema na cabeça da irmã e a chama de rainha. [3] Arsinoé, entregue à alegria com esse nome, pois recuperara o que perdera com a morte de Lisímaco, seu marido anterior, voluntariamente convida o esposo para sua própria urbe, Cassandra, urbe por cuja ambição a fraude fora maquinada. [4] Então, chegando antes que o esposo, declara um dia festivo na urbe para a vinda dele, ordena que sejam ornamentados os templos, as casas e tudo mais, que sejam dispostos, em todo canto, altares e vítimas; [5] a seus próprios filhos, do mesmo modo, Lisímaco, de dezesseis anos, Filipe, três anos menor, um e outro insígnem por sua figura, ordena que o recebam, coroados. [6] Ptolomeu, para esconder a fraude, cansa-os, por longo tempo, entusiasticamente, com abraços e beijos acima da medida da afeição

uerae adfectionis amplexus osculis diu fatigat. [7] Vbi ad portam uentum est, occupari arcem iubet, pueros interfici, qui cum ad matrem confugissent, in gremio eius inter ipsa oscula trucidantur. [8] Proclamante Arsinoe, quid tantum nefas aut nubendo aut post nuptias contraxisset; pro filiis saepe se percussoribus obtulit, frequenter corpore suo puerorum corpora amplexata protexit uulneraque excipere, quae liberis intendebantur, uoluit. [9] Ad postremum etiam spoliata funeribus filiorum scissa ueste et crinibus sparsis cum duobus seruulis ex urbe protracta Samothraciam in exilium abiit, eo miserior quod mori ei cum filiis non licuit. [10] Sed nec Ptolomeo inulta scelera fuerunt; quippe diis immortalibus tot periuria et tam cruenta parricidia uindicantibus breui post a Gallis spoliatus regno captusque uitam ferro, ut meruerat, amisit.

[4, 1] Namque Galli abundante multitudine, cum eos non caperent terrae, quae genuerant, CCC milia hominum ad sedes nouas quaerendas uelut uer sacrum miserunt. [2] Ex his portio in Italia consedit quae et urbem Romanam captam incendit [3] et portio Illyricos sinus ducibus auibis – nam augurandi studio Galli praeter ceteros callent – [4] per strages barbarorum penetrauit et in

sincera. [7] Quando chegou ao portão, ordena que a cidadela seja ocupada, os meninos assassinados, os quais, enquanto se refugiavam com a mãe, são trucidados no regaço dela entre seus beijos, [8] com Arsinoé perguntando se atraíra tamanha impiedade ao se casar ou depois do casamento; apresentou-se, muitas vezes, no lugar dos filhos aos algozes, frequentemente protegeu com o próprio corpo os corpos dos meninos, abraçada a eles, e quis receber os ferimentos que eram direcionados a seus herdeiros. [9] Por fim, espoliada também dos funerais dos filhos, com a veste rasgada e com os cabelos dispersos, arrastada da urbe com dois servos, partiu para o exílio na Samotrácia, ainda mais miserável por não lhe ter sido permitido morrer com os filhos. [10] Mas as transgressões de Ptolomeu não ficaram impunes; pois, com os deuses imortais vingando tantos perjúrios e parricídios tão cruentos, foi, em breve, espoliado do reino pelos gauleses e, capturado, perdeu a vida pelo ferro que merecera.

[4, 1] Com efeito, os gauleses, abundando em multidão, já que as terras que os tinham gerado não (mais) os continham, enviaram trezentos mil homens para buscar uma nova morada, tal como uma primavera sagrada<sup>539</sup>. [2] Uma porção deles assentou-se na Itália e incendiou a urbe romana capturada, [3] e outra porção, tendo pássaros como guias – com efeito, os gauleses eram mais hábeis que os outros no estudo dos augúrios –, [4] penetrou o golfo ilírico, para desastre dos bárbaros, e se assentou na Panônia; gente

<sup>539</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online) e Watson (1853, recurso online), a primavera sagrada era um costume dos itálicos; diante de um desastre, prometiam a um deus tudo o que nasceria na primavera seguinte. Assim, os animais eram sacrificados, enquanto as crianças, quando se tornavam adultas, eram levadas até as fronteiras e enviadas para fundar outras cidades, sob a proteção de um animal totêmico.

Pannonia consedit; gens aspera, audax, bellicosa, quae prima post Herculem, cui ea res uirtutis admirationem et immortalitatis fidem dedit, Alpium inuicta iuga et frigore intractabilia loca tran-scendit. [5] Ibi domitis Pannoniis per multos annos cum finitimis uaria bella gesserunt. [6] Hortante deinde successu diuisis agminibus alii Graeciam, alii Macedoniam omnia ferro proterentes petiuere, [7] tantusque terror Gallici nominis erat, ut etiam reges non lacessiti ultro pacem ingenti pecunia mercarentur. [8] Solus rex Macedoniae Ptolomeus aduentum Gallorum intrepidus audiuit eis que cum paucis et incompositis, quasi bella non difficilium quam scelera patrentur, parricidiorum furiis agitatus occurrit. [9] Dardanorum quoque legationem XX milia armatorum in auxilium offerentem spreuit, addita insuper contumelia, actum de Macedonia dicens si, cum totum Orientem soli domuerint, nunc in uindictam finium Dardanis egeant; [10] milites se habere filios eorum qui sub Alexandro rege stipendia toto orbe terrarum uictores fecerint. [11] Quae ubi Dardano regi nuntiata sunt, inclitum illud Macedoniae regnum breui in maturi iuuenis temeritate casurum dixit.

[5, 1] Igitur Galli duce Belgio ad temptandos Macedonum animos legatos ad Ptolomeum mittunt, offerentes pacem, si emere uelit; [2] sed Ptolomeus inter suos belli metu pacem Gallos petere gloriatus est. [3] Nec minus ferociter se legatis quam inter amicos iactauit,

austera, audaz e belicosa, que foi a primeira depois de Hércules – a quem esta ação outorgou a admiração de sua virtude e a crença em sua imortalidade – a transpor os cumes invencíveis dos Alpes e os lugares inabitáveis pelo frio. [5] Ali, tendo dominado os panônios, travaram várias guerras por muitos anos com os vizinhos. [6] Logo, exortados pelo sucesso, divididos em grupos, atacaram uns a Grécia, outros a Macedônia, esmagando tudo com o ferro, [7] e o nome dos gauleses inspirava tamanho terror que também os reis que não eram provocados voluntariamente negociavam a paz com grande quantia de dinheiro. [8] O rei da Macedônia, Ptolomeu, foi o único a ouvir, intrépido, sobre a vinda dos gauleses e, agitado pelas fúrias dos parricídios, dirigiu-se até eles com poucos homens e desorganizados, como se guerras não fossem mais difíceis de levar a cabo do que transgressões. [9] Do mesmo modo, rejeitou a embaixada dos dardânios que oferecia em auxílio vinte mil homens armados, tendo acrescentado ainda por cima uma insolência, ao dizer a respeito da Macedônia que, como haviam submetido todo o Oriente sozinhos, estariam acabados se agora precisassem dos dardânios para proteger suas fronteiras; [10] que tinham como soldados os filhos daqueles que, vitoriosos sob o rei Alexandre, fizeram todo o orbe da terra tributário. [11] Quando essas palavras foram anunciadas ao rei dardânio, este disse que aquele ínclito reino da Macedônia, em breve, cairia pela temeridade de um jovem imaturo.

[5, 1] Então, os gauleses, tendo como comandante Bêlgio, enviam embaixadores até Ptolomeu para testar os ânimos dos macedônios, oferecendo a paz se desejassem comprá-la; [2] mas Ptolomeu vangloriou-se entre os seus de os gauleses pedirem a paz com medo da guerra. [3] E, por outro lado, não se jactava com menos arrogância para os

aliter se pacem daturum negando nisi principes suos obsides dederint et arma tradiderint; non enim fidem se nisi inermibus habiturum. [4] Renuntiata legatione risere Galli, undique adclamantes breui sensurum, sibi an illi consulentes pacem obtulerint. [5] Interiectis diebus proelium conseritur; uicti Macedones caeduntur; [6] Ptolomeus multis uulneribus saucius capitur; caput eius amputatum et lancea fixum tota acie ad terrorem hostium circumfertur. [7] Paucos ex Macedonibus fuga seruauit; ceteri aut capti aut occisi. [8] Haec cum nuntiata per omnem Macedoniam essent, portae urbium clauduntur, luctu omnia replentur: [9] nunc orbitatem amissorum filiorum dolebant, nunc excidia urbium metuebant, nunc Alexandri Philippique, regum suorum, nomina sicuti numina in auxilium uocabant: [10] sub illis se non solum tutos, uerum etiam uictores orbis terrarum extitisse; [11] ut tuerentur patriam suam quam gloria rerum gestarum caelo proximam reddidissent, ut opera adflictis ferrent quos furor et temeritas Ptolomei regis perdidisset, orabant. [12] Desperantibus omnibus non uotis agendum Sosthenes, unus de Macedonum principibus, ratus contracta iuuentute et Gallos uictoria exultantes conpescuit et Macedoniam ab hostili populatione defendit. [13] Ob quae uirtutis beneficia multis nobilibus regnum Macedoniae adfectantibus ignobilis ipse praeponitur, [14] et cum rex ab exercitu

embaixadores do que entre os amigos, negando dar a paz enquanto não lhe dessem os aristocratas deles como reféns e lhe entregassem suas armas; de fato, não os consideraria de confiança se não estivessem desarmados. [4] Proclamado o resultado da embaixada, os gauleses riram, gritando, por todos os lados, que logo ficaria evidente se lhe teriam apresentado a oferta de paz por conta de si ou por conta dele. [5] Passados uns dias, a batalha foi travada; os macedônios, vencidos, foram massacrados; [6] Ptolomeu, golpeado com muitas feridas, foi capturado; a cabeça dele, decepada e fixada em uma lança, foi circulada em toda linha de batalha para o terror do inimigo. [7] Poucos dos macedônicos foram salvos com a fuga; os demais foram ou mortos ou capturados. [8] Quando essas notícias são anunciadas por toda a Macedônia, as portas das urbes fecham-se, tudo enche-se de luto: [9] ora lhes doía o pesar dos filhos perdidos, ora chamavam em auxílio os nomes de Alexandre e de Filipe, seus próprios reis, como os de numes; [10] sob o comando deles, não só estiveram seguros, mas também se teriam alçado como vencedores do orbe terrestre; [11] oravam para que defendessem sua própria pátria, a qual tornaram próxima ao céu com a glória de seus feitos; para que trouxessem alívio aos aflitos que haviam sido perdidos pelo furor e a temeridade do rei Ptolomeu. [12] Com todos desesperançados, Sóstenes, um dos aristocratas macedônios, certo de que era preciso agir, mas não com imprecensões, tendo reunido a juventude, reprimiu os gauleses, exultantes com a vitória e também defendeu a Macedônia de um povo hostil. [13] Por esses serviços de sua virtude, ele mesmo, sendo de família simples, foi posto à frente de muitos dos nobres que almejavam o reino da Macedônia, [14] e, quando foi chamado de rei pelo exército, ele mesmo



appellatus esset, ipse non in regis, sed in ducis nomen iurare milites conpult.

[6, 1] Interea Brennus, quo duce portio Gallorum in Graeciam se effuderat, audita uictoria suorum, qui Belgio duce Macedonas uicerant, indignatus parta uictoria opimam praedam et Orientis spoliis onustam tam facile relictam esse, ipse adunatis CL milibus peditum et XV milibus equitum in Macedoniam inrumpit. [2] Cum agros uillasque popularetur, occurrit ei cum instructo exercitu Macedonum Sosthenes; sed pauci a pluribus, et trepidi a ualentibus facile uincuntur. [3] Itaque cum uicti se Macedones intra muros urbium condidissent, uictor Brennus nemine prohibente totius Macedoniae agros depraedatur. [4] Inde quasi terrena iam spolia sorderent, animum ad deorum immortalium templa conuertit, scurriliter iocatus locupletes deos largiri hominibus oportere. [5] Statim igitur Delphos iter uertit, praedam religioni, aurum offensae deorum immortalium praeferens; quos nullis opibus egere, ut qui eas largiri hominibus soleant, adfirmabat. [6] Templum autem Apollinis Delphis positum est in monte Parnaso, in rupe undique inpendente; ibi ciuitatem frequentia hominum fecit, qui admiratione maiestatis undique concurrentes in eo saxo consedere. [7] Atque ita templum et ciuitatem non muri, sed praecipitia, nec manu facta, sed naturalia praesidia defendunt, prorsus ut incertum sit, utrum munimentum loci an maiestas dei plus

impeliu os soldados a lhe prestar juramento não com o título de rei, mas de comandante.

[6, 1] Entrementes, Breno, sob cujo comando uma porção dos gauleses espalhara-se pela Grécia, tendo ouvido sobre a vitória dos seus, os quais teriam vencido os macedônios com o comandante Bêlgio, ficou indignado que, obtida a vitória, a pilhagem farta e carregada com os espólios do Oriente fosse tão facilmente deixada para trás. Ele mesmo, tendo reunido cento e cinquenta mil soldados de infantaria e quinze mil de cavalaria, invade a Macedônia. [2] Enquanto saqueava os campos e as vilas, Sóstenes vai ao encontro dele com um equipado exército de macedônios; mas, poucos entre muitos e assustados entre valentes, são facilmente vencidos. [3] E, assim, quando os macedônios, vencidos, esconderam-se dentro dos muros das urbes, Breno, vitorioso, sem ninguém para o impedir, depreda os campos de toda a Macedônia. [4] Daí, como se os espólios terrenos já não fossem o bastante, direciona seu ânimo aos templos dos deuses imortais, zombando com pilhéria que os deuses opulentos deveriam distribuir a riqueza aos homens. [5] Sem demora, então, dirige-se ao caminho de Delfos, antepondo a pilhagem à religião, o ouro à ofensa aos deuses imortais; afirmava que eles não precisavam de riqueza alguma, já que costumam distribuí-la aos homens. [6] O templo de Apolo em Delfos, no entanto, está localizado no monte Parnaso, em uma rocha escarpada por todos os lados; ali, fez-se uma cidade pela afluência dos homens, que, acorrendo de todos os lados por admiração à majestade divina, assentaram-se naquela pedra. [7] E, assim, defendem o templo e a cidade não com muros, mas precipícios, não com fortificações produzidas por mão humana, mas naturais, de modo que, em suma, seja incerto o que há ali de mais

hic admirationis habeat. [8] Media saxi rupes in formam theatri recessit. Quamobrem et hominum clamor et si quando accedit tubarum sonus, personantibus et respondentibus inter se rupibus multiplex audiri ampliorque quam editur resonare solet. Quae res maiorem maiestatis terrorem ignaris rei et admirationem stupentibus plerumque adfert. [9] In hoc rupis amfractu media ferme montis altitudine planities exigua est, atque in ea profundum terrae foramen quod in oracula patet, ex quo frigidus spiritus ui quadam uelut uento in sublime expulsus mentes uatum in uecordiam uertit inpletasque deo responsa consulentibus dare cogit. [10] Multa igitur ibi et opulenta regum ac populorum uisuntur munera quaeque magnificentia sui reddentium uota gratam uoluntatem et deorum responsa manifestant.

[7, 1] Igitur Brennus cum in conspectu haberet templum, diu deliberauit an confestim rem adgrederetur an uero fessis uia militibus noctis spatium ad resumendas uires daret. [2] Aenianum et Thessalorum duces, qui se ad praedae societatem iunxerant, amputari moras iubebant dum inparati hostes et recens aduentus sui terror esset; [3] interiecta nocte et animos hostibus, forsitan et auxilia accessura, et uias, quae tunc pateant, obstructum iri. [4] Sed Gallorum uulgius ex longa inopia, ubi

admirável: a proteção do local ou a majestade do deus. [8] No meio da pedra, a rocha recuou-se em forma de teatro. Por essa razão, o clamor dos homens e também o som das trombetas, quando se soma a ele, ao retumbar e reverberar entre as rochas, costumam ser ouvidos em ecos e ressoar mais alto do que ao serem emitidos. Essa circunstância, muitas vezes, leva a um maior pavor da majestade divina aos ignorantes e admiração aos que se deslumbram. [9] Em uma cavidade dessa rocha, quase no meio da altura do monte, há uma pequena planície e, nela, uma fissura profunda na terra que se abre aos oráculos, da qual um sopro gelado, expelido para cima por uma certa força, como se do vento, verte as mentes das vates em desvario<sup>540</sup> e obriga as inspiradas a dar as respostas do deus aos que o consultam. [10] Então, ali se veem muitos e opulentos presentes de reis e povos que atestam, cada um com sua própria magnificência, as respostas dos deuses e a grata disposição dos que cumprem as promessas.

[7, 1] Então, quando Breno avistou o templo, deliberou, por muito tempo, se trataria de seu propósito imediatamente ou se, na verdade, daria o espaço da noite aos soldados, cansados da jornada, para que suas forças fossem recuperadas. [2] Os comandantes dos enianos e dos tessálios, que se tinham juntado a ele em aliança para a pilhagem, ordenavam que a demora fosse abreviada, enquanto os inimigos estavam despreparados, e o terror de sua chegada era recente; [3] passada a noite, ânimos e talvez tropas auxiliares seriam acrescentados aos inimigos, e os caminhos, que agora estavam abertos, seriam fechados. [4] Mas o bando de

<sup>540</sup> Em latim, é significativo a repetição do *u-* em um trecho que se descreve o maravilhamento divino que o local provoca a partir de suas características. Buscamos reproduzir o efeito em nossa tradução utilizando *-v-*.

primum uino ceterisque com meatibus referta rura inuenit, non minus abundantia quam uictoria laetum per agros se sparserat, [5] desertisque signis ad occupanda omnia pro uictoribus uagabantur. Quae res dilationem Delphis dedit. [6] Prima namque opinione aduentus Gallorum prohibiti agrestes oraculis feruntur messes uinaque uillis efferre. [7] Cuius rei salutare praeceptum non prius intellectum est quam uini ceterarumque copiarum abundantia uelut mora Gallis obiecta auxilia finitimorum conuenere. [8] Prius itaque urbem suam Delphi aucti uiribus sociorum permuniuere quam Galli uino uelut praedae incubantes ad signa reuocarentur. [9] Habebat Brennus lecta ex omni exercitu peditum sexaginta quinque milia; Delphorum sociorumque non nisi quattuor milia milites erant, [10] quorum contemptu Brennus ad acuendos suorum animos praedae ubertatem omnibus ostendebat statuasque cum quadrigis, quarum ingens copia procul uisebatur, solido auro fusas esse plusque in pondere quam in specie habere praedae adfirmabat.

[8, 1] Hac adseueratione incitati Galli, simul et hesterno mero saucii, sine respectu periculorum in bellum ruebant. [2] Contra Delphi plus in deo quam in uiribus remponentes cum contemptu hostium resistebant scandentesque Gallos e summo montis uertice partim saxis, partim armis obruebant. [3] In hoc partium certamine repente uniuersorum

gauleses, após longa penúria, encontrou ali, primeiro, as fazendas abarrotadas de vinho e outros víveres; não menos feliz com a abundância do que com a vitória, [o bando] tinha-se espalhado pelos campos [5] e, abandonados seus estandartes, eles vagavam para tudo ocupar na condição de vencedores. Essa situação deu uma protelação a Delfos. [6] E, com efeito, contam que, com o primeiro rumor da vinda dos gauleses, os camponeses foram proibidos pelos oráculos de recolher as messes e o vinho das vilas. [7] Não se compreendeu a vantagem desse preceito até que, com a abundância de vinho e outros suplementos opondo-se aos gauleses como um obstáculo, convergiram as tropas auxiliares dos vizinhos. [8] E, assim, os délficos, engratecidos pelas forças militares dos aliados, fortaleceram sua própria urbe antes que os gauleses, inclinados ao vinho como se à pilhagem, fossem reconvocados a seus estandartes. [9] Breno tinha sessenta e cinco mil soldados de infantaria, selecionados do exército todo; os soldados dos délficos e de seus aliados eram não mais do que quatro mil; [10] com desprezo por eles, Breno mostrava a todos a exuberância da pilhagem para atizar os ânimos dos seus e afirmava que as estátuas nas quadrigas, cuja enorme abundância era vista a distância, teriam sido fundidas com ouro maciço e que haveria na pilhagem mais peso do que à primeira vista.

[8, 1] Incitados por essa indicação, os gauleses, ainda bêbados por causa do vinho puro da véspera, precipitaram-se à guerra sem consideração aos perigos. [2] Ao contrário, os délficos, depositando mais crédito no deus do que em suas forças, resistiam com desprezo aos inimigos e, do alto topo do monte, derrubavam os gauleses que o escalavam, parte com pedras, parte com armas. [3] Nessa peleja das partes, de repente, os sacerdotes de todos os templos,

templorum antistites, simul et ipsae uates sparsis crinibus cum insignibus atque infulis pauidi uecordesque in primam pugnantium aciem procurrunt. [4] Aduenisse deum clamant eumque se uidisse desilientem in templum per culminis aperta fastigia, dum omnes opem dei suppliciter inplorant, iuuenem supra humanum modum insignis pulchritudinis, [5] comitesque ei duas armatas uirgines ex propinquis duabus Dianae Mineruaeque aedibus occurrisse; [6] nec oculis tantum haec se perspexisse, audisse etiam stridorem arcus ac strepitum armorum. [7] Proinde ne cunctarentur diis antesignanis hostem caedere et uictoriae deorum socios se adiungere summis obsecrationibus monebant. [8] Quibus uocibus incensi omnes certatim in proelium prosiliunt. [9] Praesentiam dei et ipsi statim sensere, nam et terrae motu portio montis abrupta Gallorum strauit exercitum et confertissimi cunei non sine uulneribus hostium dissipati ruebant. [10] Insecuta deinde tempestas est, quae grandine et frigore saucios ex uulneribus absumpsit. [11] Dux ipse Brennus cum dolorem uulnerum ferre non posset, pugione se finiuit. [12] Alter ex ducibus punitis belli auctoribus cum decem milibus sauciorum citato agmine Graecia excedit. [13] Sed nec fugientibus fortuna commodior fuit, siquidem pauidis nulla sub tectis acta nox, nullus sine labore et periculo

assim como as próprias vates, com os cabelos dispersos, com suas insígnias e faixas, apavorados e ensandecidos, lançam-se à frente da linha de combatentes. [4] Clamam que o deus havia chegado e que o tinham visto baixar ao templo pelas cumeeiras abertas do telhado como um jovem sobre-humano, de insigne beleza, enquanto todos imploram com súplicas a ajuda do deus, [5] e, dos santuários de Diana e Minerva próximos, tinham ido a seu encontro duas virgens armadas como companheiras; [6] não só tinham averiguado esse fato com os olhos, mas também ouvido o estrépito do arco e o estrondo das armas. [7] Portanto, recomendavam, com as mais altas imprecações, que não se demorassem para massacrar o inimigo tendo os deuses à frente dos estandartes e se ajuntassem como aliados à vitória dos deuses. [8] Inflamados por essas palavras, todos, à porfia, atiraram-se à batalha. [9] Também eles mesmos, sem demora, sentiram a presença do deus; com efeito, uma porção do monte precipitada por um terremoto abateu-se sobre o exército dos gauleses, e os batalhões mais cerrados ruíam, dissipados, não sem ferimentos dos inimigos. [10] Logo, segue-se uma tempestade, a qual, com o granizo e o frio, consumiu os que estavam debilitados por ferimentos. [11] O próprio comandante, Brenno, como não podia suportar a dor de um ferimento, matou-se com um punhal. [12] O outro dos comandantes, tendo punido os responsáveis pela guerra, bateu em retirada da Grécia com dez mil alquebrados em marcha veloz. [13] Mas a fortuna não foi mais oportuna aos que fugiam<sup>541</sup>, visto que, apavorados, não passavam noite alguma sob um teto, dia algum sem trabalho e perigo; [14] as chuvas contínuas, a neve solidificada pela geada, a

<sup>541</sup> A passagem lembra a retirada do exército de Xerxes da Grécia, cf. Just. 2.13.11-2.

dies; [14] adsidui imbres et gelu nix concreta et fames et lassitudo et super haec maximum peruigilise malum miseras infelicis belli reliquias obterebant. [15] Gentes quoque nationesque, per quas iter habebant, palantes uelut praedam sectabantur. [16] Quo pacto euenit, ut nemo ex tanto exercitu qui paulo ante fiducia uirium etiam deos contemnebat, uelut ad memoriam tantae cladis superesset.

## LIBER XXV

[1, 1] Inter duos reges, Antigonum et Antiochum, statuta pace cum in Macedoniam Antigonus reuerteretur, nouus eidem repente hostis exortus est. [2] Quippe Galli, qui a Brenno duce, cum in Graeciam proficisceretur, ad terminos gentis tuendos relictos fuerant, ne soli desides uiderentur, peditum XV milia, equitum tria milia armauerant [3] fugatisque Getarum Triballorumque copiis Macedoniae imminentes legatos ad regem miserunt, qui pacem ei uenalem offerrent, simul et regis castra specularentur. [4] Quos Antigonus pro regali munificentia ingenti apparatu epularum ad cenam inuitauit. [5] Sed Galli expositum grande auri argentique pondus admirantes atque praedae ubertate sollicitati infestiores quam uenerant reuertuntur. [6] Quibus et elephantos ad terrorem uelut inusitatas

fome, a exaustão e, sobretudo, a vigília – o pior mal – obliteraram os miseráveis restantes daquela guerra infeliz. [15] Ao mesmo tempo, as gentes e nações através das quais passavam perseguiam os dispersos como presa. [16] Desta feita, ocorreu que ninguém de um exército tamanho que, pouco antes, por confiança em suas forças, desdenhava até os deuses, tenha sobrevivido para recordar tamanho desastre.

## Livro XXV<sup>542</sup>

[1, 1] Estabelecida a paz entre os dois reis, Antígono e Antíoco, quando Antígono regressava à Macedônia, surgiu-lhe, de repente, um novo inimigo. [2] O fato é que os gauleses que tinham sido deixados para proteger as fronteiras de sua gente por Breno, que partira para a Grécia, a fim de que não parecessem ser os únicos indolentes, armaram quinze mil soldados de infantaria, três mil de cavalaria [3] e, tendo posto em fuga as tropas dos getas e dos tribalos, ameaçando a Macedônia, enviaram embaixadores ao rei, os quais lhe ofereciam a paz por um preço, ao mesmo tempo que observavam o acampamento do rei. [4] Antígono, conforme a generosidade real, convidou-os para jantar com ingente preparativo nos banquetes. [5] Mas os gauleses, admirando a grande quantidade de ouro e de prata exposta e atraídos pela abundância da pilhagem, tornam-se mais hostis do que quando tinham chegado. [6] O rei ordenara que também lhes fossem mostrados os elefantes para os assustar como fossem figuras extraordinárias para os

<sup>542</sup> Os trechos Just. 25.3.1-2, 25.4.5 e 25.5.3-6 já integram o recorte traduzido em Mello (2022, p. 65-6), contudo, foram trazidos para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

barbaris formas rex ostendi iusserat, et naues onustas copiis demonstrari, [7] ignarus quod, quibus ostentatione uirium metum se inicere existimabat, eorum animos ut ad opimam praedam sollicitabat. [8] Itaque legati reuersi ad suos omnia in maius extollentes opes pariter et negligentiam regis ostendunt; [9] referta auro et argento castra, sed neque uallo fossaue munita; et quasi satis munimenti in diuitiis haberent, ita eos omnia officia militaria intermisisse, [10] prorsus quasi ferri auxilio non indigerent, quoniam abundarent auro.

[2, 1] Hac relatione auidae gentis animi satis ad praedam incitabantur; [2] accedebat tamen et exemplum Belgi, qui non magno ante tempore Macedonum exercitum cum rege trucidauerat. [3] Itaque consentientibus omnibus nocte castra regis adgrediuntur, qui praesentis tantam tempestatem signum pridie dederat, ut omnibus rebus ablatis in proxima silua taciti se occultarent. [4] Neque aliter seruata castra quam quod deserta sunt, siquidem Galli, ubi omnia uacantia nec sine defensoribus modo, uerum etiam sine custodibus uident, non fugam hostium, sed dolum arbitantes, diu intrare portas timuerunt. [5] Ad postremum integris et intactis munimentis scrutantes potius quam diripientes castra occupauerunt. [6] Tunc ablatis quae inuenerant ad litus conuertuntur. Ibi dum naues incautius diripiunt, a remigibus et ab exercitus parte, quae eo cum coniugibus

bárbaros e que lhes fossem exibidas as naus carregadas de suas tropas, [7] sem saber que atraía para uma rica pilhagem os ânimos daqueles a quem julgava instilar o medo pela ostentação de suas forças militares. [8] E, assim, os embaixadores, de volta aos seus, amplificando tudo ainda mais, enfatizam igualmente as riquezas e a negligência do rei; [9] que o acampamento era enriquecido de ouro e prata, mas não fortificado com trincheira ou fossa; e que, como se tivessem proteção suficiente para suas posses, assim eles teriam interrompido todos os exercícios militares, [10] tal como se não precisassem do auxílio do ferro, porque abundavam em ouro.

[2, 1] Os ânimos de uma gente ávida o bastante pela pilhagem eram incitados por este relato; [2] no entanto, ajuntar-se-ia também o exemplo de Bélgica, que, não muito tempo antes, trucidara o exército dos macedônios junto com seu rei. [3] E, assim, com o consentimento de todos, atacam, durante a noite, o acampamento do rei, o qual, pressentindo tamanha tormenta, dera, no dia anterior, o sinal para que, com todas as posses retiradas, escondessem-se calados em uma floresta próxima. [4] E o acampamento foi salvo não de outra forma do que por seu abandono, visto que os gauleses, quando viram tudo vazio e não só sem defensores, como também sem guardas, pensando não na fuga do inimigo, mas em um dolo, por muito tempo temeram atravessar as portas. [5] Por fim, com as fortificações inteiras e intactas, apropriaram-se do acampamento, mais investigando do que usurpando. [6] Então, tendo retirado o que encontraram, convergem-se para o litoral. Ali, enquanto, incautos, saqueiam as naus, nada temendo, são trucidados pelos remeiros e por parte do exército que se refugiara naquele lugar com as esposas e os

et liberis confugerant, nihil tale metuentes trucidantur, [7] tantaque caedes Gallorum fuit, ut Antigono pacem opinio huius uictoriae non a Gallis tantum, uerum etiam a finitimorum feritate praestiterit. [8] Quamquam Gallorum ea tempestate tantae fecunditatis iuuentus fuit ut Asiam omnem uelut examine aliquo inplerent. [9] Denique neque reges Orientis sine mercenario Gallorum exercitu ulla bella gesserunt, neque pulsati regno ad alios quam ad Gallos confugerunt. [10] Tantus terror Gallici nominis et armorum inuicta felicitas erat, ut aliter neque maiestatem suam tutam neque amissam recuperare se posse sine Gallica uirtute arbitrarentur. [11] Itaque in auxilium a Bithyniae rege inuocati regnum cum eo parta uictoria diuiserunt eamque regionem Gallograeciam cognominauerunt.

[3, 1] Dum haec in Asia geruntur, interim in Sicilia Pyrrhus a Poenis nauali proelio uictus ab Antigono, Macedoniae rege, supplementum militum per legatos petit, [2] denuntians, ni mittat, redire se in regnum necesse habere, incrementa rerum, quae de Romanis uoluerit, de ipso quaesitum. [3] Quod ubi negatum legati retulerunt, dissimulatis causis repentinam fingit profectionem. [4] Socios interim parere bellum iubet, arcis Tarentinae custodiam Heleno filio et amico Miloni tradit. [5] Reuersus in Epirum statim fines Macedoniae inuadit; cui Antigonus cum

filhos, [7] e tamanho foi o massacre dos gauleses que o rumor dessa vitória forneceu a paz a Antígono não só com os gauleses, mas também com a ferocidade dos vizinhos. [8] Mesmo assim, naquele tempo, a juventude dos gauleses foi de tamanha fecundidade que eles impregnaram toda a Ásia como um enxame. [9] Em consequência disso, nem um dos reis do Oriente guerreou sem um exército mercenário de gauleses e, expulsos do reino, não se refugiaram com outros que não os gauleses. [10] Tamanho era o terror do nome dos gauleses e o sucesso invicto de suas armas que pensavam que não haveria outra forma de preservar sua própria majestade e de a recuperar se perdida, senão por intermédio da coragem gaulesa. [11] E, assim, invocados em auxílio ao rei da Bitínia, obtida a vitória, dividiram com ele o reino e chamaram aquela região de Galo-Grécia<sup>543</sup>.

[3, 1] Enquanto essas ações são realizadas na Ásia, nesse ínterim, na Sicília, Pirro, vencido em um combate naval pelos penos, pede, por meio de embaixadores, um reforço de soldados a Antígono, rei da Macedônia, [2] avisando que, se não o enviasse, precisaria retornar ao reino para obter dele próprio a expansão de poder que desejava conseguir dos romanos. [3] Quando os embaixadores informaram-no da negativa, finge uma partida repentina por uma causa dissimulada. [4] Nesse ínterim, ordena que os aliados preparem a guerra, entrega a custódia da cidadela de Tarento ao filho Heleno e ao amigo Milão. [5] De volta ao Épiro, sem demora, invade as fronteiras da Macedônia; Antígono sai ao encontro dele com um exército e, vencido em batalha, é posto em

<sup>543</sup> A Galácia.

exercitu occurrit uictusque proelio in fugam uertitur. [6] Atque ita Pyrrhus Macedoniam in deditionem accepit et ueluti damna amissae Siciliae Italiaeque adquisito Macedoniae regno pensasset, relictum Tarenti filium et amicum arcessit. [7] Antigonus autem cum paucis equitibus, fugae comitibus, repente fortunae ornamentis destitutus amissi regni speculaturus euentus Thessalonicam se recepit ut inde cum conducta Gallorum mercennaria manu bellum repararet. [8] Rursus ab Ptolomeo, Pyrrhi filio, funditus uictus; cum septem comitibus fugiens non iam recipiendi regni spem, sed salutis latebras ac fugae solitudines captat.

[4, 1] Igitur Pyrrhus in tanto fastigio regni conlocatus iam nec eo, ad quod uotis perueniendum fuerat, contentus Graeciae Asiaeque regna meditatatur. [2] Neque illi maior ex imperio quam ex bello uoluptas erat, nec quisquam Pyrrhum, qua tulisset imperium, sustinere ualuit. [3] Sed ut ad deuincenda regna inuictus habebatur, ita deuictis adquisitisque celeriter carebat. Tanto melius studebat adquirere imperia quam retinere. [4]

fuga. [6] E, assim, Pirro recebe a Macedônia em rendição e, como se tivesse compensado os danos da perda da Sicília e da Itália com o reino da Macedônia adquirido, intima o filho e o amigo deixados em Tarento. [7] Antígono, no entanto, destituído, de repente, dos ornamentos da fortuna, com uns poucos cavaleiros, companheiros de fuga, recolheu-se em Tessalônica para observar os acontecimentos do reino que perdera, de modo a restabelecer a guerra com uma tropa mercenária recrutada dos gauleses. [8] De novo, foi completamente vencido por Ptolomeu, filho de Pirro; fugindo com sete companheiros, tenta granjear não mais a esperança de recuperar o reino, mas esconderijos para sua salvação e lugares desertos para sua fuga.

[4, 1] Então, Pirro, colocado em tamanha proeminência de uma realeza, já não contente com aquilo a que poderia chegar com imprecações, aspira pelos reinos da Ásia e da Grécia. [2] E não era maior o prazer que ele tinha com o poder do que com a guerra, e lugar algum a que Pirro levasse seu poder foi capaz de o suportar. [3] Mas, assim como era tido como invicto ao conquistar reinos, também rapidamente era privado dos conquistados e adquiridos, tanto mais se esforçava por adquirir do que por manter as soberanias. [4] E, assim, enquanto deslocava suas tropas para o Quersoneso<sup>544</sup>,

<sup>544</sup> Conforme nota de Arnaud-Lindet (2003, recurso online): “[é] evidente que Pompeio Trogo transpôs aqui o termo grego genérico *khersónēsos* [χερσόνησος] (península) que encontrou em sua fonte: mas que península era essa? Obviamente não pode ser o Quersoneso da Trácia, mas poderia ser a península rochosa perto de Epidauro, ou melhor, o Peloponeso como um todo, que corresponderia à ação de Pirro; em outras correções foram propostas *Peloponneso* ou *Peloponneson*, mas são difíceis para justificar paleograficamente. Por outro lado, é curioso o uso do dativo de finalidade; o verbo *transpono* é normalmente construído com *in* + acusativo; quando vem acompanhado de dativo, é dativo de interesse; Justino teria entendido Pireu como um homem? Talvez o aliado de Pirro, o rei Cleônimo, tenha sido privado da realeza em Esparta por seu sobrinho, Areu. Justino fez aqui obviamente cortes claros na história de Pompeio Trogo que falaria de Cleônimo, o pretexto para a intervenção de Pirro no Peloponeso.



Itaque cum copias Chersoneso transposuisset, legationibus Atheniensium et Achaeorum Messeniorumque excipitur. [5] Sed et Graecia omnis admiratione nominis eius, simul et rerum aduersus Romanos Poenosque gestarum adtonita aduentum eius expectabat. [6] Primum illi bellum aduersus Spartanos fuit, ubi maiore mulierum quam uirorum uirtute exceptus et Ptolomeum fillum et exercitus partem robustissimam amisit; [7] quippe oppugnanti urbem ad tutelam patriae tanta multitudo feminarum concurrat, ut non fortius uictus quam uerecundius recederet. [8] Porro Ptolomeum filium eius adeo strennum et manu fortem fuisse tradunt ut urbem Corcyram cum sexagesimo ceperit, idem proelio nauali quinquerremem ex scapha cum septimo insiluerit captamque tenuerit, [9] in oppugnatione quoque Spartanorum usque in mediam urbem equo procucurrerit ibique concursu multitudinis interfectus sit. [10] Cuius corpus ut relatum patri est, dixisse

é acolhido por embaixadas dos atenienses, dos aqueus e dos messênios. [5] Mas também toda a Grécia esperava a chegada dele com admiração pelo seu nome e, ao mesmo tempo, assombrada com os feitos realizados contra os romanos e os penos. [6] A primeira guerra dele foi contra os espartanos, onde, acolhido com maior coragem pelas mulheres do que pelos homens, perdeu o filho Ptolomeu e também a parte mais forte do exército; [7] porque, enquanto assaltava a urbe, ocorreu tamanha multidão de mulheres para a guarda da pátria que se retirara vencido não pela força, mas pela vergonha. [8] Além disso, conta-se que o filho dele, Ptolomeu, era a tal ponto infatigável e corajoso na tropa que, com sessenta homens, capturou a urbe de Cócira; que, igualmente, em uma batalha naval, saltara, com sete homens, de uma canoa para um quinquerreme<sup>545</sup> e, tendo-o capturado, o conservou; [9] do mesmo modo, no assalto aos espartanos, ter-se-ia adiantado até o meio da urbe em um cavalo e, ali, foi assassinado pela confluência da multidão. [10] Conta-se que, quando levaram o corpo dele ao pai, Pirro teria dito que ele fora morto um tanto mais tarde do que ele próprio temia ou do

---

Corinto é regida por Antígono, bem como algumas cidades costeiras que ele conseguiu manter (Pausânias, 1.13.2), de modo que Pirro passa pelo mar para a Acaia a partir do território dos etólios, seus aliados.”; “Il est évident que Trogue Pompée a ici transposé le terme grec générique khersónēsos (*presqu’île*) qu’il a trouvé dans sa source : mais de quelle *presqu’île* s’agissait-il ? Il ne peut évidemment pas s’agir de la Chersonèse de Thrace, mais serait-ce la péninsule rocheuse proche d’Épidaure, ou bien plutôt le Péloponnèse dans son ensemble, ce qui correspondrait à l’action de Pyrrhos : d’ailleurs les corrections *Peloponneso* ou *Peloponneson* ont été proposées, mais elles sont difficilement justifiables paléographiquement. D’autre part, l’usage du datif de but est curieux ; Le verbe *transpono* se construit normalement avec *in* + acc. ; quand il est accompagné du datif, il s’agit d’un datif d’intérêt : Justin aurait-il pris le Pirée pour un homme ? Peut-être l’allié de Pyrrhos, le roi Cléonyme, privé de la royauté à Sparte par son neveu Aréos. Justin a manifestement opéré ici des coupes claires dans le récit de Trogue Pompée qui devait parler de Cléonyme, prétexte de l’intervention de Pyrrhos dans le Péloponnèse.

Corinthe est tenue par Antigone, ainsi que quelques villes côtières qu’il a pu garder (Pausanias, 1,13,2), si bien que Pyrrhos passe par mer en Achaïe depuis le territoire des Étoliens, ses alliés.”

<sup>545</sup> Um tipo de embarcação. Seu nome deriva do fato de que tem cinco filas de remos ou cinco homens por remo.

Pyrrhum ferunt, aliquanto tardius eum, quam timuerit ipse uel temeritas eius meruerit, occisum esse.

[5, 1] Repulsus ab Spartanis Pyrrhus Argos petit; ibi dum Antigonom in urbe clausum expugnare conatur, inter confertissimos uiolentissime dimicans saxo de muris ictus occiditur. [2] Caput eius Antigono refertur, qui uictoria mitius usus filium eius Helenum cum Epirotis sibi deditum in regnum remisit eique insepulti patris ossa in patriam referenda tradidit. [3] Satis constans inter omnes auctores fama est nullum nec eius nec superioris aetatis regem comparandum Pyrrho fuisse, raroque non inter reges tantum, uerum etiam inter inlustres uiros aut uitae sanctioris aut iustitiae probatoris uisum fuisse, [4] scientiam certe rei militaris in illo uiro tantam fuisse, ut cum Lysimacho, Demetrio, Antigono, tantis regibus, bella gesserit, inuictus semper fuerit, [5] Illyriorum quoque, Siculorum Romanorumque et Karthaginensium bellis numquam inferior, plerumque etiam uictor extiterit; [6] qui patriam certe suam angustam ignobilemque fama rerum gestarum et claritate nominis sui toto orbe inlustrem reddiderit.

## LIBER XXVI

[1, 1] Post mortem Pyrrhi non in Macedonia tantum, uerum etiam in Asia Graeciaque magni bellorum motus fuere. [2] Nam et

que a temeridade dele merecera.

[5, 1] Repelido pelos espartanos, Pirro ataca Argos; ali, enquanto tenta tomar de assalto Antígono, que estava encerrado na urbe, ao lutar com violência entre os esquadrões mais cerrados, é morto, atingido por uma pedra vinda dos muros. [2] A cabeça dele é levada a Antígono, o qual, mais indulgente com a vitória, enviou de volta ao reino o filho dele, Heleno, que lhe fora dado junto com os epirotas, e lhe entregou os ossos insepultos de seu pai para que fossem levados à pátria. [3] Já é uma tradição entre todos os autores que rei algum, nem da época dele, nem de anteriores, poderia ser comparado a Pirro, e raramente se viu, não só entre reis, como também entre homens ilustres, alguém de vida mais venerável ou de justiça mais comprovada; [4] havia, certamente, tamanho conhecimento dos assuntos militares nesse homem que, ainda que tenha guerreado com tão grandes reis – Lisímaco, Demétrio, Antígono –, sempre saiu invicto; [5] do mesmo modo, nunca foi inferior nas guerras dos ilírios, dos sículos, dos romanos e dos cartagineses e até, na maior parte das vezes, alçou-se vitorioso; [6] ele, com a fama de seus feitos e a dignidade de seu próprio nome, certamente, tornara ilustre, em todo o orbe, a sua própria pátria, pequena e obscura.

## Livro XXVI

[1, 1] Após a morte de Pirro, não só na Macedônia, mas também na Ásia e na Grécia houve grandes movimentações de guerras. [2] Com efeito, com os peloponenses

Peloponnensii per proditionem Antigono traditi, [3] et uariante hominum partim dolore, partim gaudio, prout singulae ciuitates aut auxilium de Pyrrho sperauerant aut metus sustinuerant, ita aut cum Antigono societatem iungebant aut mutuis inter se odiis in bellum ruebant. [4] Inter hunc turbatarum prouinciarum motum Epiorum quoque urbs ab Aristotimo principe per tyrannidem occupatur. [5] A quo cum multi ex primoribus occisi, plures in exilium acti essent, Aetolis per legatos postulantibus, coniuges liberosque exulum redderet, primo negauit, [6] postea, quasi paeniteret, proficiscendi ad suos potestatem omnibus matronis dedit diemque profectionis statuit. [7] Illae, quasi in perpetuum cum uiris exulaturae, pretiosissima quaeque auferentes, cum ad portam quasi uno agmine profecturae conuenissent, omnibus rebus spoliatae in carcerem recluduntur, occisis prius in gremio matrum paruulis liberis uirginibusque ad stuprum direptis. [8] Hac tam saeua dominatione stupentibus omnibus princeps eorum Hellanicus, senex et liberis orbus, ut qui nec aetatis nec pigneris respectu timeret, contractos domum fidissimos amicorum in uindictam patriae hortatur. [9] Cunctantibus priuato publicum periculum finire et deliberandi spatium postulantibus accessitis seruis iubet obserari fores tyrannoque nuntiari mitteret qui coniuratos apud se comprehenderet; obiectans singulis se, quia liberandae patriae auctor esse non possit,

entregues a Antígono por uma traição, [3] e, variando as emoções dos homens, parte deles com dor, parte deles com alegria, conforme cada uma das cidades tinha ou esperado o auxílio de Pirro ou suportado o medo dele, assim ou juntavam-se a Antígono em aliança ou precipitavam-se em guerra com ódio mútuo entre si. [4] Entre esse movimento que conturbava as províncias, do mesmo modo, a urbe dos epeus é tomada de assalto com tirania por Aristótimo, um aristocrata, [5] a quem, já mortos muitos dos nobres e outros mais coagidos ao exílio, demandando os etólios, por meio de embaixadores, que ele entregasse aos exilados suas esposas e filhos, primeiro negou; [6] posteriormente, como se se arrependesse, deu a todas as matronas a permissão para partir até os seus e estabeleceu um dia para a partida. [7] Elas, como se prestes a serem exiladas para sempre com os maridos, levando consigo o que era mais precioso, quando convergiram à porta para se porem a caminho como um único grupo, são encarceradas e espoliadas de todas as suas posses; antes, os filhos pequeninos foram mortos no regaço materno, e as virgens raptadas para serem estupradas. [8] Com todos espantados com essa dominação tão feroz, um nobre deles, Helânico, velho e carente de filhos, não tendo o que temer quanto à idade e à prole, reunidos em sua casa os amigos mais fiéis, exorta-os a vingar a pátria. [9] Como hesitavam em pôr um fim ao perigo coletivo com o individual e demandavam um espaço para deliberar, ordena que, chamados seus servos, sejam fechados os portões e que se anuncie ao tirano para que ele envie alguém que apanhe em flagrante os conjurados em sua casa; apontando a cada um que, se não pudesse ser o responsável pela libertação da pátria, seria o vingador de seu abandono. [10] Naquele momento, eles, cercados por um duplo perigo, elegendo a via mais

desertae ultorem futurum. [10] Tunc illi ancipiti periculo circumuenti honestiorem uiam eligentes coniurant in tyranni necem, atque ita Aristotimus quinto quam tyrannidem occupauerat mense opprimitur.

[2, 1] Interea Antigonus cum multiplici bello et Ptolomei regis et Spartanorum premeretur nouusque illi hostis Gallograeciae exercitus adfluxisset, in speciem castrorum parua manu aduersus ceteros relictis aduersus Gallos totis uiribus proficiscitur. [2] Quibus cognitis Galli, cum et ipsi se proelio pararent, in auspiciis pugnae hostias caedunt, quarum exitis cum magna caedes interitusque omnium praediceretur, non in timorem, sed in furorem uersi sperantesque deorum minas expiari caede suorum posse, coniuges et liberos suos trucidant, auspiciis belli a parricidio incipientes. [3] Tanta rabies feris animos inuaserat ut non parcerent aetati cui etiam hostes pepercissent, bellumque internecium cum liberis liberorumque matribus gererent, pro quibus bella suscipi solent. [4] Itaque quasi scelere uitam uictoriamque redemissent, sicut erant cruenti ex recenti suorum caede, in proelium non meliore euentu quam omine proficiscuntur; [5] siquidem pugnantibus prius parricidiorum furiae quam hostes circumuenere, obuersantibusque ante oculos inanibus interemptorum omnes occisione caesi. [6] Tanta strages fuit, ut pariter cum hominibus dii consensisse in exitum parricidarum uiderentur. [7] Post huius pugnae

honestas, conjuram-se em prol da morte do tirano, e, assim, Aristótimos é assassinado no quinto mês após exercer a tirania.

[2, 1] Entrementes, Antígono, como era açoitado por uma guerra em múltiplas frentes pelo rei Ptolomeu e pelos espartanos, e o exército da Galo-Grécia afluía como um novo inimigo, deixada contra os demais povos uma pequena tropa com a aparência de um acampamento, ele avança contra os gauleses com todas as suas forças militares. [2] Sabendo disso os gauleses, como também se preparavam para a batalha, massacraram vítimas para os auspícios do combate; dado que as entranhas delas prediziam grandes massacres e destruição de todos, transformados não pelo temor, mas pelo furor, e esperando poder expiar as ameaças dos deuses com o massacre dos seus, trucidam suas próprias esposas e filhos, iniciando os auspícios da guerra com o parricídio. [3] Tamanha raiva invadira os ânimos ferozes que não perdoaram a idade que mesmo os inimigos perdoavam e travaram uma guerra mortal com os filhos e com mães de seus filhos, em prol dos quais costumam suscitar as guerras. [4] E, assim, como se tivessem resgatado a vida e a vitória com uma transgressão, ensanguentados como estavam pelo recente massacre dos seus, partiram para a batalha com um resultado não melhor do que o presságio; [5] visto que as fúrias dos parricídios cercaram os combatentes antes que os inimigos, e, tendo diante dos olhos as sombras daqueles que liquidaram, todos foram massacrados em uma matança. [6] Tamanha foi a desolação, que parecia que os deuses estavam em consenso com os homens quanto à ruína dos parricidas. [7] Após o resultado desse

euentum Ptolomeus et Spartani uictorem hostium exercitum declinantes in tutiora se recipiunt. [8] Antigonus quoque ubi eorum discessum uidet, recenti adhuc ex priore uictoria militum ardore bellum Atheniensibus infert. [9] In quo cum occupatus esset, interim Alexander, rex Epiri, ulcisci mortem patris Pyrri cupiens fines Macedoniae depopulatur. [10] Aduersus quem cum reuersus a Graecia Antigonus esset, transitione militum destitutus regnum Macedoniae cum exercitu amittit. [11] Huius filius Demetrius, puer admodum, absente patre reparato exercitu non solum amissam Macedoniam recipit, uerum etiam Epiri regno Alexandrum spoliatur. [12] Tanta uel mobilitas militum uel fortunae uarietas erat ut uicissim reges nunc exules, nunc reges, uiderentur.

[3, 1] Igitur Alexander, cum exul ad Acarnanas confugisset, non minore Epirotarum desiderio quam sociorum auxilio in regnum restituitur. [2] Per idem tempus rex Cyrenarum Magas decedit, qui ante infirmitatem Beronicen, unicam filiam, ad finiendam cum Ptolomeo fratre certamina filio eius desponderat. [3] Sed post mortem regis mater uirginis Arsinoe, ut inuita se contractum matrimonium solueretur, misit qui ad nuptias uirginis regnumque Cyrenarum Demetrium, fratrem regis Antigoni, a Macedonia arcesserent, qui et ipse ex filia Ptolomei procreatus erat. [4] Sed nec Demetrius moram fecit. Itaque cum secundante uento celeriter

combate, Ptolomeu e os espartanos, desviando-se do exército vitorioso dos inimigos, afastaram-se para lugares mais seguros. [8] Antígono, do mesmo modo, ao ver que eles retiravam-se, aproveitando a euforia dos soldados com a vitória anterior ainda recente, leva guerra aos atenienses. [9] Enquanto estava ocupado com ela, nesse ínterim, Alexandre, rei do Épiro, desejando vingar a morte de seu pai, Pirro, assola as fronteiras da Macedônia. [10] Quando, contra ele, Antígono, de volta da Grécia, foi abandonado por uma deserção dos soldados, perdeu o reino da Macedônia junto com o exército. [11] O filho dele, Demétrio, ainda um menino, ausente o pai, tendo restituído o exército, não só retomou a Macedônia perdida, como também espolia Alexandre do reino do Épiro. [12] Havia tamanha inconstância dos soldados ou variação da fortuna que os reis eram reconhecidos, alternadamente, ora como exilados, ora como reis.

[3, 1] Então, Alexandre, enquanto se refugiava como exilado na Arcanânia, foi restituído ao reino não menos por desejo dos epirotas do que por auxílio dos aliados. [2] Naquele mesmo tempo, o rei de Cirene, Magas, morreu, o qual, antes de sua enfermidade, para pôr fim à peleja fraterna com Ptolomeu, prometera sua única filha, Berenice, ao filho dele. [3] Mas, após a morte do rei, a mãe da virgem, Arsinoé, a fim de que fosse dissolvido o matrimônio pactuado contra sua vontade, enviou quem convocasse da Macedônia Demétrio, irmão do rei Antígono, e ele próprio também nascido de uma filha de Ptolomeu, para as núpcias com a virgem e o reino de Cirene. [4] Mas Demétrio também não se demorou. E, assim, embora tenha voado a Cirene rapidamente com um vento favorável, confiante em sua beleza, com a qual

Cyrenas aduolasset, fiducia pulchritudinis, qua nimis placere socru coeperat, statim a principio superbus regiae familiae militibusque inpotens erat studiumque placendi a uirgine in matrem contulerat. [5] Quae res suspecta primo uirgini, dein popularibus militibusque inuisa fuit. [6] Itaque uersis omnium animis in Ptolomei filium insidiae Demetrio comparantur, cui, cum in lectum socrus concessisset, percussores inmittuntur. [7] Sed Arsinoe audita uoce filiae ad fores stantis et praecipientis ut matri parceretur, adulterum paulisper corpore suo protexit. [8] Quo interfecto Beronice et stupra matris salua pietate ultra est et in matrimonio sortiundo iudicium patris secuta.

## LIBER XXVII

[1, 1] Mortuo Syriae rege Antiocho, cum in locum eius filius Seleucus successisset, hortante matre Laodice, quae prohibere debuerat, auspicia regni a parricidio coepit; [2] quippe Beronicen, nouercam suam, sororem Ptolomei, regis Aegypti, cum paruulo fratre ex ea suscepto interfecit. [3] Quo facinore perpetrato et infamiae maculam subiit et Ptolomei se bello implicuit. [4] Porro Beronice, cum ad se interficiendam missos didicisset, Daphinae se claudit. [5] Vbi cum obsideri eam cum paruulo filio nuntiatum

começara a agradar a sogra mais do que o necessário, imediatamente, desde o princípio, era soberbo com a família real e insolente com os soldados, e passara seus agrados da virgem à mãe. [5] Essa ação pareceu suspeita, primeiramente, à virgem, depois odiosa ao povo e aos soldados. [6] E, assim, com os ânimos de todos voltados para o filho de Ptolomeu, preparam-se insídias contra Demétrio, a quem, enquanto se punha a caminho do leito da sogra, são enviados assassinos. [7] Mas Arsinoé, tendo ouvido a voz da filha que estava junto às portas e instruía para que perdoassem a mãe, protegeu, por pouco tempo, o adúltero com seu próprio corpo. [8] Com ele assassinado, Berenice vingou o ato vergonhoso da mãe, com a piedade a salvo, e seguiu o juízo do pai quanto ao matrimônio escolhido.

## Livro XXVII

[1, 1] Morto o rei da Síria, Antíoco, enquanto sucedia para o lugar dele seu filho Seleuco, inaugura os auspícios de seu reino com um parricídio – tendo-o sua mãe Laódice exortado, ela que deveria proibi-lo –, [2] porque assassinou Berenice, sua própria madrastra, junto com o irmão pequenino, dela nascido. [3] Tendo perpetrado essa falta, incorreu na mácula da infâmia e também se envolveu em uma guerra com Ptolomeu. [4] Além disso, Berenice, quando soube que haviam sido enviados para a assassinar, encerrou-se em Dafne<sup>547</sup>. [5] Quando anunciou-se nas cidades da Ásia que estava cercada com o filho pequenino, em lembrança da dignidade paterna e dos

<sup>547</sup> Cidade próxima à Antioquia, onde existia um famoso templo de Apolo.

Asiae ciuitatibus esset, recordatione paternae maiorumque eius dignitatis casum tam indignae fortunae miserantes auxilia ei omnes misere. [6] Frater quoque Ptolomeus periculo sororis exterritus relicto regno cum omnibus uiribus aduolat. [7] Sed Beronice ante aduentum auxiliorum, cum ui expugnari non posset, dolo circumuenta trucidatur. Indigna res omnibus uisa. [8] Itaque cum uniuersae ciuitates quae defecerant ingentem classem comparassent, repente exemplo crudelitatis exterritae simul et in ultionem eius quam defensuri fuerant Ptolomeo se tradunt,<sup>546</sup> [9] qui nisi in Aegyptum domestica seditione reuocatus esset, totum regnum Seleuci occupasset. [10] Tantum uel illi odium parricidale scelus uel huic fauorem indigne peremptae mors sororis adtulerat.

[2, 1] Post discessum Ptolomei Seleucus cum aduersus ciuitates quae defecerant ingentem classem comparasset, repente uelut diis ipsis parricidium uindicantibus orta tempestate classem naufragio amittit; [2] nec quicquam illi ex tanto adparatu praeter nudum corpus et spiritum et paucos naufragii comites residuos fortuna fecit. [3] Misera quidem res, sed optanda Seleuco fuit; siquidem ciuitates, quae odio eius ad Ptolomeum transierant, uelut diis arbitris satisfactum sibi esset, repentina

antepassados dele, todos enviaram-lhe tropas auxiliares, sentindo pena da desgraça de tão indigna fortuna. [6] Do mesmo modo, seu irmão, Ptolomeu, apavorado com o perigo da irmã, tendo deixado o reino, voa para lá com todas as suas forças militares. [7] Mas, antes da chegada das tropas auxiliares, Beronice, como não podia ser tomada de assalto pela força, é trucidada, enredada por um dolo. Essa ação pareceu a todos indigna. [8] E, assim, enquanto todas as cidades que se revoltaram preparam grandes frotas, de repente, aterrorizadas com o exemplo de crueldade e, ao mesmo tempo, para vingar aquela a quem foram defender, entregam-se a Ptolomeu, [9] o qual, se não tivesse sido chamado de volta ao Egito por uma revolta interna, teria ocupado todo o reino de Seleuco. [10] Àquele o crime parricida trouxera tão grande ódio, a este, por sua vez, a morte da irmã cruelmente executada trouxera a benevolência.

[2, 1] Após a retirada de Ptolomeu, Seleuco, enquanto preparava uma grande frota contra as cidades que se revoltaram, de repente, como se os próprios deuses vingassem o parricídio, iniciada uma tempestade, perdeu a frota em um naufrágio; [2] e, de tão grande aparato, a fortuna deixou nada além de seu corpo nu, a vida e um poucos companheiros de naufrágio. [3] Situação miserável, certamente, mas foi desejável para Seleuco, visto que as cidades que haviam passado a Ptolomeu com ódio dele, como se estivessem satisfeitas com as decisões dos deuses, com uma repentina mudança de ânimos,

<sup>546</sup> Em Mineo (2020, p. 25 cf. Justin), assim como na tradução de Castro Sánchez (2008, p. 384 cf. Justino; Pompeyo Trogo), parte do trecho aparece entre colchetes, marcando interpolação: [8] *Itaque [cum] uniuersae ciuitates [quae defecerant ingentem classem comparassent, repente] exemplo crudelitatis exterritae simul et in ultionem eius quam defensuri fuerant Ptolomeo se tradunt, [...]*.

animorum mutatione in naufragi misericordiam uersae imperio se eius restituunt. [4] Laetus igitur malis suis et damnis ditior redditus ueluti par uiribus bellum Ptolomeo infert, [5] sed quasi ad ludibrium tantum Fortunae natus esset nec propter aliud opes regni recepisset, quam ut amitteret, uictus proelio non multo quam post naufragium comitator trepidus Antiochiam confugit. [6] Inde ad Antiochum fratrem litteras facit, quibus auxilium eius inplorat oblata ei Asia intra finem Tauri montis in praemium latae opis. [7] Antiochus autem cum esset annos XIV natus, supra aetatem regni auidus occasionem non tam pio animo quam offerebatur adripuit, sed latronis more fratri totum eripere cupiens puer sceleratam uirilemque sumit audaciam. [8] Vnde Hierax est cognominatus, quia non hominis, sed accipitris ritu in alienis eripiendis uitam sectaretur. [9] Interea Ptolomeus cum Antiochum in auxilium Seleuco uenire cognouisset, ne cum duobus uno tempore dimicaret, in annos X cum Seleuco pacem facit; [10] sed pax ab hoste data interpellatur a fratre, qui conducto Gallorum mercenario exercitu pro auxilio bellum, pro fratre hostem inploratus exhibuit. [11] In eo proelio uirtute Gallorum uictor quidem Antiochus fuit, sed Galli arbitantes Seleucum in proelio cecidisse in ipsum Antiochum arma uertere, liberius

recobradas à misericórdia, reintegram-se à soberania dele. [4] Feliz, então, com seus próprios males e mais rico com os prejuízos, como se fosse páreo em forças militares, leva guerra a Ptolomeu; [5] mas, como se tivesse nascido para ser objeto de riso da Fortuna e não tivesse recebido as riquezas do reino por outro propósito além de que as perdesse, vencido em uma batalha, não muito mais bem acompanhado do que depois do naufrágio, refugiou-se, assustado, na Antioquia. [6] De lá, escreve cartas a seu irmão, Antíoco, nas quais implora pelo auxílio dele, tendo-lhe oferecido a Ásia delimitada pelo monte Tauro como prêmio pela ajuda levada. [7] Antíoco, contudo, ainda que tivesse quatorze anos, era ávido de reinar para além de sua idade, apossou-se dessa oportunidade não tanto com ânimo pio quanto pelo que era oferecido, mas, com a conduta de um ladrão, desejando arrebatar tudo o que era do irmão, o menino assume uma audácia transgressora e viril. [8] Daí que foi chamado de Híerax<sup>548</sup>, pois tocava a vida não com o hábito de um homem, mas com o de uma ave de rapina, arrebatando o que é alheio. [9] Entrementes, quando Ptolomeu soube que Antíoco vinha em auxílio de Seleuco, para não lutar com os dois a um só tempo, selou a paz com Seleuco por dez anos; [10] mas a paz dada pelo inimigo é interrompida pelo irmão, o qual, tendo conduzido o exército mercenário dos gauleses, apresentou, ao que implorara, a guerra no lugar de auxílio, um inimigo no lugar de irmão. [11] Naquele combate, Antíoco foi o vitorioso com a coragem dos gauleses, mas os gauleses, julgando que Seleuco caíra em combate, verteram suas armas ao próprio Antíoco, para, mais livres, assolarem a Ásia se toda a estirpe real fosse

<sup>548</sup> Do grego *ἰέραξ* (*hiérax*), ou seja, falcão.



depopulaturi Asiam si omnem stirpem regiam extinxissent. [12] Quod ubi sensit Antiochus, uelut a praedonibus auro se redemit societatemque cum mercennariis suis iunxit.

[3, 1] Interea rex Bithyniae Eumenes sparsis consumptisque fratribus bello intestinae discordiae quasi uacantem Asiae possessionem inuasurus uictorem Antiochum Gallosque adgreditur. [2] Nec difficile saucios adhuc ex superiore congressione integer ipse uiribus superat. [3] Ea namque tempestate omnia bella in exitium Asiae gerebantur: uti quisque fortior fuisset Asiam uelut praedam occupabat. [4] Seleucus et Antiochus fratres bellum propter Asiam gerebant, Ptolomeus, rex Aegypti, sub specie sororiae ultionis Asiae inhiabat. [5] Hinc Bithynus Eumenes, inde Galli, humiliorum semper mercennaria manus, Asiam depopulabantur, cum interea nemo defensor Asiae inter tot praedones inueniebatur. [6] Victo Antiocho cum Eumenes maiorem partem Asiae occupasset, ne tunc quidem fratres perduto praemio propter quod bellum gerebant concordare potuerunt, sed omisso externo hoste in mutuuum exitium bellum reparant. [7] In eo Antiochus denuo uictus multorum dierum fuga fatigatus tandem ad socerum suum Ariamenem, regem

extinta. [12] Quando Antíoco sentiu isso, resgatou-se, como se de bandidos, com ouro e se juntou em aliança com seus próprios mercenários.

[3, 1] Entrementes, o rei da Bitínia, Eumênes<sup>549</sup>, querendo invadir a Ásia como se fosse uma propriedade vacante, com os irmãos dispersos e arruinados por uma guerra oriunda de discórdia interna, ataca o vitorioso Antíoco e os gauleses. [2] E supera sem dificuldade os ainda feridos do confronto anterior, estando ele mesmo intacto em suas forças militares. [3] E, com efeito, naquela época, todas as guerras eram travadas visando à ruína da Ásia: na medida em que cada um era mais forte, apossava-se da Ásia como se fosse sua pilhagem. [4] Os irmãos Seleuco e Antíoco travavam guerra por causa da Ásia; Ptolomeu, rei do Egito, sob o pretexto de vingança da irmã, cobiçava a Ásia. [5] De um lado, Eumênes da Bitínia, de outro, os gauleses, tropa mercenária sempre dos mais execráveis, assolavam a Ásia, enquanto, entrementes, nenhum defensor, entre tantos bandidos, era encontrado para a Ásia. [6] Vencido Antíoco, enquanto Eumênes ocupa a maior parte da Ásia, naquele momento, os irmãos, tendo perdido, certamente, o prêmio pelo qual travavam guerra, não puderam entrar em acordo, mas, esquecido o inimigo externo, restabelecem a guerra para sua mútua ruína. [7] Nela, Antíoco, vencido novamente, fatigado por uma fuga de muitos dias, finalmente é escoltado até seu próprio sogro, Ariamenes<sup>550</sup>, rei da Capadócia, [8]

<sup>549</sup> Haveria um engano de nomes na passagem; na verdade, Antíoco entra em conflito com Átalo I do Pérgamo.

<sup>550</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), a informação é imprecisa, já que o sogro de Antíoco seria Zialeas, enquanto Ariamenes (Ariarates III) seria seu cunhado. A estudiosa atribui o erro a Pompeio Trogo, que, provavelmente, teria interpretado mal o termo κηδεστής (*kēdestēs*), usado para se referir a um parente cuja ligação dá-se por casamento.

Cappadociae, peruehitur. [8] A quo cum benigne primum exceptus esset, interiectis diebus cognito quod insidiae sibi pararentur, salutem fuga quaesiuit. [9] Igitur cum profugo nusquam tutus locus esset, ad Ptolomeum hostem, cuius fidem tutiorem quam fratris existimabat, decurrit, memor uel quae facturus fratri esset uel quae meruisset a fratre. [10] Sed Ptolomeus non amicior dedito quam hosti factus adseruari eum artissima custodia iubet. [11] Hinc quoque Antiochus opera cuiusdam meretricis adiutus, quam familiarius nouerat, deceptis custodibus elabitur fugiensque a latronibus interficitur. [12] Seleucus quoque iisdem ferme diebus amisso regno equo praecipitatus finitur. Sic fratres quasi et germanis casibus exules ambo post regna scelerum suorum poenas luerunt.

## LIBER XXVIII

[1, 1] Olympias, Pyrrhi Epirotae regis filia, amisso marito eodemque germano fratre Alexandro cum tutelam filiorum ex eo susceptorum, Pyrrhi et Ptolomei, regni que administrationem in se recepisset, Aetolis partem Acarnaniae, quam in portionem belli pater pupillorum acceperat, eripere uolentibus ad regem Macedoniae Demetrium decurrit [2]

por quem, embora tenha sido, primeiro, acolhido com benevolência, passados uns dias, tendo sabido que insídias eram-lhe preparadas, buscou a salvação na fuga. [9] Então, quando não havia lugar seguro para o fugitivo, recorreu a seu inimigo, Ptolomeu, cuja fidelidade julgava mais segura do que a do irmão, lembrando ou o que estaria prestes a fazer ao irmão ou o que teria merecido do irmão. [10] Mas Ptolomeu, não sendo mais amigo de quem se entregara do que de um inimigo, ordena que seja mantido na mais estreita prisão. [11] Do mesmo modo, Antíoco, ajudado pelos serviços de uma certa meretriz, a qual tinha conhecido intimamente, tendo enganado seus guardas, esgueira-se dali e, fugindo, é assassinado por ladrões. [12] Seleuco, do mesmo modo, tendo perdido o reino, faleceu, quase no mesmo dia, ao cair de um cavalo. Assim, os irmãos, como se por desventuras também gêmeas, ambos exilados após reinar, expiaram as penas de suas próprias transgressões.

## Livro XXVIII<sup>551</sup>

[1, 1] Olímpíade, filha do rei epirota, Pirro, tendo perdido o marido e, concomitantemente, o irmão, Alexandre<sup>552</sup>, como tinha recebido a tutela dos filhos que tivera com ele, Pirro e Ptolomeu, e da administração do reino, com os etólios querendo arrebatá-la parte da Acarnânia, cuja porção o pai dos órfãos havia aceitado pela guerra, correu ao rei da Macedônia, Demétrio, [2] e, tendo ele como esposa a

<sup>551</sup> Os trechos Just. 28.1.5-6 e 28.2 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 67-8), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

<sup>552</sup> Em latim, há *germano fratre*, ou seja, Alexandre seria filho da mesma mãe e do mesmo pai que Olímpíade. Segundo Castro Sánchez (2008, p. 389), a informação é inexata, já que Alexandre II era filho de Lanassa, enquanto Olímpíade poderia ser de Antígona.

eique habenti uxorem Antiochi, regis Syriae, sororem filiam suam Phthiam in matrimonium tradit ut auxilium, quod misericordia non poterat, jure cognationis obtineret. [3] Fiunt igitur nuptiae, quibus et noui matrimonii gratia adquiritur et ueteris offensa contrahitur. [4] Nam prior uxor, uelut matrimonio pulsa, sponte sua ad fratrem Antiochum discedit eumque in mariti bellum inpellit. [5] Acarnanes quoque diffisi Epirotis aduersus Aetolos auxilium Romanorum inplorantes obtinuerunt a Romano senatu, [6] ut legati mitterentur qui denuntiarent Aetolis, praesidia ab urbibus Acarnaniae deducerent paterenturque liberos esse qui soli quondam aduersus Troianos, auctores originis suae, auxilia Graecis non miserint.

[2, 1] Sed Aetoli legationem Romanorum superbe audiuerunt, Poenos illis et Gallos, a quibus tot bellis occisione caesi sint, [2] exprobrantes dicentesque prius illis portas aduersus Karthaginienses aperiendas, quas clausit metus Punici belli, quam in Graeciam arma transferenda. [3] Meminisse deinde iubent, qui quibus minentur. [4] Aduersus Gallos urbem eos suam tueri non potuisse captamque non ferro defendisse, sed auro redemisse; [5] quam gentem se aliquanto maiore manu Graeciam ingressam non solum nullis externis uiribus, sed ne domesticis quidem totis adiutos uniuersam delesse,

irmã de Antíoco, rei da Síria, entrega sua própria filha, Fítia, em matrimônio, para que obtivesse, pelo direito do parentesco, o que não pudera pela misericórdia. [3] Então, celebram-se as núpcias, com as quais se adquire o benefício do novo matrimônio, e também se acarreta uma ofensa às antigas (núpcias). [4] Com efeito, a esposa anterior, como se expulsa do matrimônio, retira-se, por sua própria vontade, até o irmão, Antíoco, e o impele à guerra com o marido. [5] Os acarnânios, do mesmo modo, desconfiados dos epirotas, ao implorar auxílio dos romanos contra os etólios obtiveram-no do senado romano, [6] de modo que foram enviados embaixadores que notificaram os etólios para que retirassem as guarnições das urbes da Acarnânia e permitissem serem livres os únicos que, outrora, não teriam enviado tropas auxiliares aos gregos contra os troianos, precursores de sua linhagem.

[2, 1] Mas os etólios ouviram com arrogância a embaixada dos romanos, evocando-lhes os penos<sup>553</sup> e os gauleses, pelos quais teriam sido massacrados em tantas guerras, [2] e dizendo que deveriam antes abrir, contra os cartagineses, as portas que o medo da guerra púnica fechou do que transferir as armas à Grécia. [3] Logo, ordenaram que se lembrassem quem ameaçava a quem. [4] Eles não teriam conseguido proteger sua urbe contra os gauleses, nem a teriam libertado, prisioneira, com ferro, mas com ouro; [5] os etólios, ajudados não só por nenhuma das forças militares externas, mas nem mesmo por todas as internas, destruíram aquela gente que ingressara na Grécia com uma tropa tão maior e ofereceram como local para as sepulturas deles aquele que tinham

<sup>553</sup> Outro nome utilizado para se referir aos púnicos.

sedemque sepulcris eorum praebuisse, quam illi urbibus imperioque suo proposuerant; [6] contra Italiam trepidis ex recenti urbis suae incendio Romanis uniuersam ferme a Gallis occupatam. [7] Prius igitur Gallos Italia pellendos quam minentur Aetolis, priusque sua defendenda quam aliena appetenda. [8] Quos autem homines Romanos esse? Nempe pastores, qui latrocinio iustis dominis ademptum solum teneant, [9] qui uxores cum propter originis dehonesta non inuenirent, [10] ui publica rapuerint, qui denique urbem ipsam parricidio condiderint murorumque fundamenta fraterno sanguine adperserint. [11] Aetolos autem principes Graeciae semper fuisse et sicut dignitate, ita et uirtute ceteris praestitisse; [12] solos denique esse, qui Macedonas imperio terrarum semper florentes contempserint, qui Philippum regem non timuerint, qui Alexandri Magni post Persas Indosque deuictos, cum omnes nomen eius horrerent, edicta spreuerint. [13] Monere igitur se Romanos, contenti sint fortuna praesenti nec prouocent arma, quibus et Gallos caesos et Macedonas contemptos uideant. [14] Sic dimissa legatione Romanorum, ne fortius locuti quam fecisse uiderentur, fines Epiri regni et Acarnaniae depopulantur.

[3, 1] Iam Olympias filiis regna tradiderat, et in locum Pyrrhi, fratris defuncti, Ptolomeus successerat, [2] qui cum hostibus instructo exercitu obuius processisset, infirmitate

pretendido para as urbes deles e para sua própria soberania; [6] ao contrário, assustados os romanos com o recente incêndio de sua própria urbe, quase toda a Itália fora ocupada pelos gauleses. [7] Então, deveriam, primeiro, rechaçar os gauleses da Itália para ameaçarem os etólios e defender, primeiro, a suas propriedades para procurar as alheias. [8] Além disso, que tipo de homens seriam os romanos? Certamente, uns pastores, que tinham ocupado o solo tomado por latrocínio dos legítimos donos; [9] que, como não encontrassem esposas devido a suas origens vis, [10] teriam-nas raptado com pública violência; que, por fim, teriam fundado a própria urbe com um parricídio e regado os alicerces de seus muros com o sangue fraterno. [11] Todavia, os etólios sempre tinham sido os primeiros da Grécia e sobrepujavam os demais em dignidade, assim como em virtude; [12] eram, por fim, os únicos que tinham desdenhado os macedônios sempre florescentes por sua soberania da terra; que não tiveram medo do rei Filipe; que tinham desprezado as ordens de Alexandre, o Grande, quando, depois que os persas e os indos foram derrotados, todos tremiam com o nome dele. [13] Então, recomendam aos romanos que estejam contentes com a presente sorte e também não provoquem as armas, com as quais veem os gauleses serem massacrados, e os macedônios, desdenhados. [14] Assim, tendo dispensado os embaixadores dos romanos, para que não fossem vistos como mais fortes em palavras do que por aquilo que faziam, devastam as fronteiras do reino do Épiro e da Arcanânia.

[3, 1] Olímpíade já entregara os reinos aos filhos, e ao lugar de Pirro, seu irmão falecido, sucedera Ptolomeu, [2] o qual, enquanto avançava rumo aos inimigos com um exército equipado, morreu no percurso, apanhado por uma enfermidade. [3]

correptus in itinere decedit. [3] Olympias quoque gemino funerum uulnere adflicta, aegrum spiritum trahens non diu filiis superuixit. [4] Cum ex gente regia sola Nereis uirgo cum Laodamia sorore superesset, Nereis nubit Geloni, Siciliae tyranni filio, [5] Laodamia autem cum in aram Dianae confugisset concursu populi interficitur. [6] Quod facinus dii immortales adsiduis cladibus gentis et prope interitu totius populi uindicauerunt. [7] Nam et sterilitatem famemque passi et intestina discordia uexati externis ad postremum bellis paene consumpti sunt. [8] Milo quoque, Laodamiae percussor, in furorem uersus nunc ferro, nunc saxo, in summa dentibus laceratis uisceribus duodecima die interiit. [9] His in Epiro gestis interim in Macedonia Demetrius rex relicto filio Philippo, paruulo admodum, decedit, [10] cui Antigonus tutor datus accepta in matrimonium matre pupilli regem se constitui laborat. [11] Interiecto deinde tempore cum seditione minaci Macedonum clausus in regia teneretur, in publicum sine satellitibus procedit, [12] proiectoque in uulgus diademate ac purpura dare haec eos alteri iubet, qui aut imperare illis nesciat aut cui parere ipsi sciant; [13] se adhuc inuidiosum illud regnum non uoluptatibus, sed laboribus ac periculis sentire. [14] Commemorat deinde beneficia sua: ut defectionem sociorum uindicauerit, ut Dardanos Thessalosque exultantes morte Demetrii regis conpescuerit, ut denique

Olimpíade, afligida, do mesmo modo, pela ferida de ambos os funerais arrastando uma vida pesarosa, não sobreviveu, por longo tempo, aos filhos. [4] Como só restavam da linhagem real uma virgem, Nereida, com sua irmã, Laodâmia, Nereida casa com Gelão, filho do tirano de Siracusa, [5] Laodâmia, no entanto, enquanto fugia para o altar de Diana, foi assassinada pela confluência do povo. [6] Os deuses imortais vingaram-se dessa falta com desastres constantes a essa gente e com a ruína de quase todo o povo. [7] Com efeito, tendo suportado a esterilidade e também a fome e sido abalados por discórdia interna, por fim, chegaram perto de ser arruinados pelas guerras externas. [8] Milão, algoz de Laodâmia, do mesmo modo, convertido em furor, tendo lacerado suas vísceras ora com o ferro, ora com uma pedra, ao fim, com os dentes, pereceu no décimo segundo dia. [9] Paralelamente a esses feitos no Épiro, o rei Demétrio falece na Macedônia, tendo deixado o filho Filipe, ainda pequenino, [10] o qual é dado a Antígono, seu tutor que, tendo aceitado a mãe do órfão em matrimônio, trabalha para que ele mesmo fosse feito rei. [11] Logo, passado algum tempo, como era mantido preso no palácio por uma revolta ameaçadora dos macedônios, avança contra o público sem guardas [12] e, tendo lançado o diadema e a púrpura ao vulgo, ordena que sejam dados a um outro, a quem ou não saiba governá-los ou a quem eles mesmos saibam obedecer; [13] a experiência até então com aquele reino odioso não era de prazeres, mas de trabalhos e perigos. [14] Logo, recorda-lhes seus próprios serviços: como os livrara da deserção dos aliados; como interceptara os dárdanos e os tessálios, exultantes com a morte do rei Demétrio; como, por fim, não só defendera a dignidade dos macedônios, como também a ampliara. [15] Se eles

dignitatem Macedonum non solum defenderit, uerum et auxerit. [15] Quorum si illos paeniteat, deponere imperium et reddere illis munus suum, quia regem quaerant cui imperent. [16] Cum populus pudore motus recipere eum regnum iuberet, tam diu recusauit quoad seditionis auctores supplicio traderentur.

[4, 1] Post haec bellum Spartanis infert, qui soli Philippi Alexandrique bellis et imperium Macedonum et omnibus metuenda arma contempserant. [2] Inter duas nobilissimas gentes bellum summis utrimque uiribus fuit, cum hi pro uetere Macedonum gloria, illi non solum pro inlibata libertate, sed etiam pro salute certarent. [3] Victi Lacedaemonii non ipsi tantum, uerum etiam coniuges liberique magno animo fortunam tulere. [4] Nemo quippe in acie saluti pepercit, nulla amissum coniugem fleuit, filiorum mortes senes laudabant, patribus in acie caesis filii gratulabantur, suam uicem omnes dolebant quod non et ipsi pro patriae libertate cecidissent. [5] Patentibus omnes domibus saucios excipiebant, uulnera curabant, lassos reficiebant; [6] inter haec nullus in urbe strepitus, nulla trepidatio, magisque omnes publicam quam priuatam fortunam lugebant. [7] Inter haec Cleomenes rex post multas hostium caedes toto corpore suo pariter et hostium cruore madens superuenit [8] ingressusque in urbem non humi consedit, non cibum aut potum poposcit, non denique

queixavam-se disso, depunha a soberania e a devolvia às suas próprias mãos para que buscassem um rei que governariam. [16] Como o povo, movido pelo pudor, tinha mandado que retomasse o poder, recusou-se a fazê-lo por longo tempo, até que os responsáveis pela revolta fossem entregues ao suplício.

[4, 1] Depois disso, leva guerra aos espartanos, os únicos que, nas guerras de Filipe e de Alexandre, tinham desprezado a soberania dos macedônios e suas armas temíveis a todos. [2] Entre essas duas gentes tão nobres, fez-se a guerra com as maiores forças de um e outro lado: enquanto, de um lado, pelejam pela antiga glória dos macedônios, de outro, não só pela liberdade intocada, mas também por sua salvação. [3] Vencidos os lacedemônios, não só eles mesmos, como também as esposas e filhos suportaram sua fortuna com magnanimidade, [4] pois ninguém em linha de batalha poupou-se com vistas à própria salvação, nenhuma mulher chorou pelo marido perdido, os velhos louvavam as mortes dos filhos, os filhos regozijavam-se com os pais massacrados em linha de batalha, todos doíam-se por seu próprio quinhão: o fato de que eles mesmos também não tinham caído pela liberdade da pátria. [5] Com suas casas abertas, todos recebiam os feridos, curavam as lesões, reanimavam os cansados; [6] enquanto isso, nenhum estrépito na urbe, nenhuma precipitação, e todos choravam mais a fortuna pública do que a privada. [7] Enquanto isso, sobreveio o rei Cleômenes, depois de muitos massacres dos inimigos e com seu corpo todo encharcado tanto com seu próprio sangue derramado quanto com o do inimigo, [8] e, tendo ingressado na urbe, não se assentou no chão, não pediu comida

armorum onus deposuit, [9] sed adclinis parieti, cum IV milia sola ex pugna superfuisse conspexisset, hortatus ut se ad meliora rei publicae tempora reseruarent, [10] tunc cum coniuge et liberis Aegyptum ad Ptolomeum proficiscitur, a quo honorifice exceptus diu in summa dignatione regis uixit. [11] Postremo post Ptolomei mortem a filio eius cum omni familia interficitur. [12] Antigonus autem caesis occidione Spartanis fortunam tantae urbis miseratus a direptione milites prohibuit ueniamque his, qui superfuerant, dedit, [13] praefatus bellum se cum Cleomene, non cum Spartanis habuisse, cuius fuga omnis ira finita sit; [14] nec minori sibi gloriae fore si ab eo seruata Lacedaemon a quo solo capta sit, proderetur. [15] Parcere igitur se solo urbis ac tectis, quoniam homines, quibus parceret, non superfuissent. [16] Nec multo post ipse decedit regnumque Philippo pupillo, annos quattuordecim nato, tradidit.

## LIBER XXIX

[1, 1] Isdem ferme temporibus prope uniuersi orbis imperia noua regum successione mutata sunt. [2] Nam et in Macedonia Philippus mortuo Antigono, tutore eodemque uirico,

ou bebida, não depôs, enfim, o peso das armas, [9] mas, encostado em uma parede, quando conferiu que somente quatro mil tinham sobrevivido à batalha, exorta-os para que se conservem para tempos melhores da república<sup>554</sup>. [10] Depois disso, parte, com a esposa e os filhos, para o Egito, até Ptolomeu, por quem foi acolhido honradamente, e viveu por longo tempo com a suma dignidade de rei. [11] Finalmente, depois da morte de Ptolomeu, foi assassinado pelo filho dele com toda a família. [12] Antígono, por sua vez, massacrados os espartanos, com pena da fortuna de tamanha urbe, impediu a rapina dos soldados e deu o perdão àqueles que sobreviveram; [13] prenuncia que guerreará não com os espartanos, mas com Cleômenes, com cuja fuga havia terminado toda a ira; [14] e que sua glória não seria menor se fosse proclamado que a Lacedemônia fora salva pelo único que a havia dominado. [15] Logo, perdoava o solo da urbe e os tetos das casas, já que não haviam sobrevivido homens aos quais perdoar. [16] E, não muito depois, ele mesmo faleceu e entregou o reino a seu pupilo, Filipe, de quatorze anos.<sup>555</sup>

## Livro XXIX<sup>556</sup>

[1, 1] Quase na mesma época, as soberanias de praticamente todo o orbe alteraram-se com uma nova sucessão dos reis. [2] Com efeito, na Macedônia, Filipe, de quatorze anos – morto Antígono, tutor e padrasto dele

<sup>554</sup> Note-se a atitude semelhante à de Leônidas nas Termópilas, cf. Just. 2.11.5.

<sup>555</sup> Conforme indica Castro Sánchez (2008, p. 395), Justino omite a guerra dos romanos contra a rainha Teuta dos ilírios que, segundo os *Prólogos*, era abordada por Pompeio Trogo neste livro.

<sup>556</sup> O livro também integra o recorte de Mello (2022, p. 69-73), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

annorum XIV regnum suscepit; [3] et in Asia interfecto Seleuco inpubes adhuc rex Antiochus constitutus est; [4] Cappadociae quoque regnum Ariarathi, puero admodum, pater ipse tradiderat; [5] Aegyptum patre ac matre interfectis occupauerat Ptolomeus, cui ex facinoris crimine cognomentum Philopator fuit. [6] Sed et Spartani in locum Cleomenis suffecerunt Lycurgum. [7] Et ne qua temporibus mutatio deesset, apud Karthaginienses quoque aetate inmatura dux Hannibal constituitur, non penuria seniorum, sed odio Romanorum, quo inbutum eum a pueritia sciebant, fatale non tam Romanis quam ipsi Africae malum. [8] His regibus pueris tametsi nulli senioris aetatis rectores erant, tamen in suorum quisque maiorum uestigia intentis magna indoles uirtutis enituit. [9] Solus Ptolomeus, sicut scelestus in occupando, ita et segnissimus in administrando regno fuit. [10] Philippum Dardani ceterique omnes finitimi populi, quibus uelut inmortale odium cum Macedonum regibus erat, contemptu aetatis adsidue lacescebant. [11] Contra ille submotis hostibus non contentus sua defendisse ultro etiam Aetolis bellum inferre gestiebat.

[2, 1] Quae agitantem illum Demetrius, rex Illyriorum, nuper a Paulo, Romano consule, uictus supplicibus precibus adgreditur, iniuriam Romanorum querens, [2] qui non contenti Italiae terminis, imperium spe improba totius orbis amplexi, bellum cum

–, assumiu o reino; [3] também, na Ásia, assassinado Seleuco, foi constituído rei Antíoco, ainda impúbere; [4] do mesmo modo, o pai de Ariarate entregara-lhe o reino da Capadócia; [5] assassinados o pai e a mãe, Ptolomeu, que, pela perversa falta, foi chamado de Filópator, ocupara o Egito. [6] Mas também os espartanos colocaram Licurgo no lugar de Cleômenes. [7] E para que não faltasse, nesses tempos, mudança alguma, Aníbal, do mesmo modo, em idade precoce, foi instituído comandante entre os cartagineses, não por escassez de homens mais velhos, mas pelo ódio aos romanos, que sabiam ter sido nele imbuído desde a infância; um mal fatal não tanto aos romanos como aos próprios africanos. [8] Ainda que, entre esses jovens reis, não houvesse mestres de idade mais avançada, contudo, atentos aos passos de seus próprios antepassados, distinguiu-se, em cada um, a grande índole de sua virtude. [9] Somente Ptolomeu, assim como fora ímpio ao ocupar o reino, também foi indolente ao administrá-lo. [10] Os dárdanos e todos os outros povos fronteiriços, aos quais o ódio aos reis macedônios era como se fosse imortal, com desdém por sua idade, continuamente atacavam Filipe. [11] Ele, ao contrário, afastados os inimigos, não contente em defender suas posses, também desejava levar guerra aos etólios.

[2, 1] Sucedendo essas ações, Demétrio, rei dos ilírios, vencido, recentemente, por Paulo, cônsul romano, procura-o com preces suplicantes, queixando-se das injúrias dos romanos, [2] os quais, não contentes com os limites da Itália, guerreavam com todos os reis com a perversa esperança de abraçar em uma soberania todo o orbe. [3] Assim,



omnibus regibus gerant. [3] Sic illos Siciliae, sic Sardiniae Hispaniaeque, sic denique totius Africae imperium adfectantes bellum cum Poenis et Hannibale suscepisse; [4] sibi quoque non aliam ob causam, quam quod Italiae finitimus uidebatur, bellum inlatum, quasi nefas esset aliquem regem iuxta imperii eorum terminos esse. [5] Sed et ipsi cauendum exemplum esse, cuius quanto promptius nobilisque sit regnum, tanto sit Romanos acriores hostes habiturus. [6] Super haec cedere se illi regno, quod Romani occupauerint, profitetur, gratius habiturus, si in possessione imperii sui socium potius quam hostes uideret. [7] Huiusmodi oratione impulit Philippum, ut omissis Aetolis bellum Romanis inferret, minus negotii existimantem, quod iam uictos eos ab Hannibale apud Trasimenum lacum audierat. [8] Itaque ne eodem tempore multis bellis detineretur, pacem cum Aetolis facit, non quasi alio bellum translaturus, sed ut Graeciae quieti consulturus, quam numquam in maiore periculo fuisse adfirmabat, [9] siquidem consurgentibus ab Occidente nouis Poenorum ac Romanorum imperiis, quibus una haec a Graecia atque Asia sit mora, dum inter se bello discrimen imperii faciunt; ceterum statim uictoribus transitum in Orientem fore.

[3, 1] Videre se itaque, ait, consurgentem in Italia nubem illam trucis et cruenti belli; uidere tonantem ac fulminantem ab occasu procellam, quam in quascumque terrarum

aspirando à soberania da Sicília, da Sardenha, da Hispânia e, por fim, de toda a África, eles teriam suscitado uma guerra contra os penos e Aníbal; [4] do mesmo modo, não havia outra causa para a guerra a ele levada além do fato de que parecia ser vizinho da Itália, como se fosse ilícito ser rei de uma soberania próxima aos limites deles. [5] Mas, também o próprio (Filipe) deveria estar precavido a partir desse exemplo, pois quanto mais seu reino fosse notável e famoso, tanto mais teria os romanos como inimigos terríveis. [6] Além disso, declara que lhe concederia o reino dele, que os romanos tinham ocupado, pois consideraria mais agradável se, antes, visse um aliado na posse de seu próprio império do que inimigos. [7] Impeliu Filipe com tal discurso, de modo que, esquecidos os etólios, lança guerra aos romanos, avaliando que seriam um problema menor, porque ouvira que eles já tinham sido vencidos por Aníbal junto ao lago Trasimeno. [8] E, assim, para que não ficasse ocupado com múltiplas guerras ao mesmo tempo, faz a paz com os etólios, não como se estivesse transferindo a guerra a outro lugar, mas como se para cuidar da harmonia da Grécia, sobre a qual afirmava nunca ter estado em maior perigo, [9] visto que se levantavam, a partir do Ocidente, as novas soberanias dos púnicos e dos romanos; para as quais há uma só coisa que as afasta da Grécia e da Ásia – o tempo durante o qual, por meio da guerra entre si, fazem a partilha da soberania; mas vitoriosos, sem demora, haveriam de passar para o Oriente.

[3, 1] E, assim, ele vê, diz, levantar-se, na Itália, aquela nuvem de uma guerra cruel e sangrenta; vê, ao pôr-do-sol, uma tormenta com raios e trovões, a qual, para qualquer parte da terra que for levada pela tempestade da vitória, há de manchar tudo com uma

partes uictoriae tempestas detulerit, magno cruoris imbre omnia foedaturam. [2] Frequenter Graeciam ingentes motus passam, nunc Persarum, nunc Gallorum, nunc Macedonum bellis, sed omnia illa leuia fuisse existimatos, si ea, quae nunc in Italia concurrat manus, extra terram illam se effuderit. [3] Cernere se, quam cruenta et sanguinaria inter se bella utrique populi et uiribus copiarum et ducum artibus gerant, quae rabies finiri solo partis alterius interitu sine ruina finitimorum non possit. [4] Feros igitur uictorum animos minus quidem Macedoniae quam Graeciae timendos, quia et remotior et in uindictam sui robustior sit; [5] scire tamen se eos, qui tantis uiribus concurrant, non contentos hoc fine uictoriae fore, metuendumque sibi quoque certamen eorum, qui superiores extiterint. [6] Hoc praetexto finito cum Aetolis bello nihil aliud quam Poenorum Romanorumque bella respiciens singulorum uires perpendebat. [7] Sed nec Romani, tametsi Poeni et Hannibal in ceruicibus erant, soluti metu Macedonico uidebantur; [8] quippe terrebat eos et uetus Macedonum deuicti Orientis gloria et Philippus studio Alexandri aemulationis incensus, quem promptum in bella industriumque cognouerant.

[4, 1] Igitur Philippus, cum iterato uictos a Poenis Romanos didicisset, aperte hostem se his professus naues, quibus in Italiam exercitum traiceret, fabricare coepit. [2]

vasta chuva de sangue. [2] Frequentemente, a Grécia suportou notáveis agitações, com guerras ora dos persas, ora dos gauleses, ora dos macedônios, mas não de julgar que todas elas foram leves, se essa, que, agora, reúne as tropas na Itália, se espalhasse daquela terra afora. [3] Ele percebe o quanto são cruéis e sanguinárias as guerras que fazem entre si um e outro povo, com as forças dos soldados e as habilidades dos comandantes, um furor que não pode ser extinto somente com o extermínio de uma das partes, sem a ruína dos vizinhos. [4] Então, os ferozes ânimos dos vitoriosos devem ser, seguramente, menos temidos pela Macedônia do que pela Grécia, porque está mais distante e é também mais robusta em sua própria defesa; [5] todavia, sabe que eles, que reúnem tamanhas forças militares, não têm de se contentar com esse limite para sua vitória, e ele deveria temer, do mesmo modo, uma peleja com aqueles que se mostrassem superiores. [6] Com esse pretexto, terminada a guerra com os etólios, não investigava outra coisa que as guerras dos penos e dos romanos, ponderando as forças militares de cada um deles. [7] Mas também os romanos, ainda que os penos e Aníbal estivessem em seus pescoços, não se viam livres do medo dos macedônicos, [8] pois os assustava a antiga glória dos macedônios de conquistadores do Oriente e Filipe, o qual, inspirado pela vontade de emular Alexandre, haviam reconhecido como preparado e hábil para a guerra.

[4, 1] Então, Filipe, quando soube que os romanos tinham sido vencidos outra vez pelos penos, tendo-se declarado abertamente inimigo daqueles, começa a construir naus, nas quais atravessaria seu exército para a Itália. [2] Logo, envia a Aníbal um

Legatum deinde ad Hannibalem iungendae societatis gratia cum epistulis mittit, [3] qui comprehensus et ad senatum perductus incolumis dimissus est, non in honorem regis, sed ne dubius adhuc indubitatus hostis redderetur. [4] Postea uero, cum Romanis nuntiatum esset in Italiam Philippum copias traiecturum, Laeuinum praetorem cum instructis nauibus ad prohibendum transitum mittunt. [5] Qui cum in Graeciam traiecisset, multis promissis inpellit Aetolos bellum aduersus Philippum suscipere. Philippus quoque Aethaeos in Romanorum bella sollicitat. [6] Interea et Dardani Macedoniae fines uastare coeperunt, abductisque XX milibus captiuorum Philippum a Romano bello ad tuendum regnum reuocauerunt. [7] Dum haec aguntur, Laeuinus praetor iuncta cum Attalo rege societate Graeciam populatur. Quibus cladibus percussae ciuitates auxilium petentes Philippum legationibus fatigant; [8] nec non et Illyriorum reges lateri eius haerentes adsiduis precibus promissa exigebant. Super haec uastati Macedones ultionem flagitabant. [9] Quibus tot tantisque rebus obsessus, cui rei primum occurreret, ambigebat; omnibus tamen propediem auxilia se missurum pollicetur, non quia facere posset quae promittebat, sed ut spe inpletos in societatis iure retineret. [10] Prima tamen illi expeditio aduersus Dardanos fuit, qui absentiam eius aucupantes maiore belli mole Macedoniae iminebant. [11] Cum Romanis

embaixador com cartas para selar uma aliança, [3] o qual, preso e conduzido ao senado, foi libertado incólume, não em honra ao rei, mas para que um inimigo até então dúbio não fosse convertido em indubitável. [4] Posteriormente, porém, quando fora anunciado aos romanos que Filipe atravessaria seus soldados para a Itália, enviam o pretor Levino com naus armadas para impedir sua passagem. [5] Ele, como atravessava a Grécia, impele, com muitas promessas, os etólios a empreenderem guerra contra Filipe. Do mesmo modo, Filipe atrai os aqueus para a guerra contra os romanos. [6] Entretanto, também os dardânios começaram a assolar os limites da Macedônia e, detidos vinte mil capturados, fizeram Filipe voltar da guerra romana para defender seu reino. [7] Enquanto essas ações sucedem-se, o pretor Levino, concluída uma aliança com o rei Átalo, saqueia a Grécia. Abaladas por esses desastres, as cidades importunam Filipe com embaixadas, pedindo auxílio; [8] além disso, também os reis dos ilírios, estando agarrados ao flanco dele, exigiam suas promessas com assíduas preces. Ademais, os macedônios, que tinham sido saqueados reclamavam vingança. [9] Cercado por tantas e tamanhas dificuldades, hesitava à qual delas primeiro acorrer; porém, promete a todos que, em breve, enviaria tropas auxiliares, não porque pudesse fazer o que prometia, mas para os manter, pela esperança, satisfeitos com o pacto da aliança. [10] Todavia, a primeira expedição foi contra os dárdanos, que, aguardando a ausência dele, ameaçavam a Macedônia com maior força de guerra. [11] Sela, do mesmo modo, a paz com os romanos, contentes por, naquele ínterim, terem afastado a guerra com os macedônicos. Planejou emboscadas a Filopemene, comandante dos aqueus, o qual – soubera – agitava os ânimos dos aliados

quoque pacem facit, contentis interim bellum Macedonicum distulisse. Philopoemeni, Achaeorum duci, quem ad Romanos sociorum animos sollicitare didicerat, insidias praetendit. Quibus ille cognitis uitatisque discedere ab eo Achaeos auctoritate sua coegit.

em favor dos romanos. Consciente disso e evitando-as, este mesmo obrigou, com sua autoridade, os aqueus a se retirarem.

### LIBER XXX

### Livro XXX<sup>557</sup>

[1, 1] Philippo in Macedonia magnis rebus intento in Aegypto Ptolomei diuersi mores erant; [2] quippe regno parricidio parto et ad necem utriusque parentis caede etiam fratris adstructa, ueluti rebus feliciter gestis luxuriae se tradiderat, regisque mores omnis secuta regia erat. [3] Itaque non amici tantum praefectique, uerum etiam omnis exercitus depositis militiae studiis otio ac desidia corrupti marcebant. [4] Quibus rebus cognitis Antiochus, rex Syriae, uetere inter se regnorum odio stimulante repentino bello multas urbes eius oppressit ipsamque Aegyptum adgreditur. [5] Trepidare igitur Ptolomeus, legationibus missis, quoad uires pararet morari Antiochum. [6] Magno deinde exercitu in Graecia conducto secundum proelium facit, spoliassetque regno Antiochum, si fortunam uirtute iuuisset. [7] Sed contentus reciperatione urbium quas amiserat, facta pace auide materiam quietis

[1, 1] Enquanto, na Macedônia, Filipe preparava grandes planos, no Egito, os comportamentos de Ptolomeu eram diversos; [2] certamente, tendo adquirido o reino por meio de um parricídio e adicionado ao massacre de um e outro progenitor também o de um irmão, entregara-se à luxúria como se tivesse realizado feitos bem-sucedidos, e todo o palácio havia seguido os comportamentos do rei. [3] E, assim, não só os amigos e os intendentos, mas também todo o exército, deixadas as expedições militares, entorpeciam-se, corrompidos pelo ócio e pela indolência. [4] Tendo sabido dessas ações, Antíoco, rei da Síria, animando-se pelo antigo ódio entre os reinos, surpreende muitas urbes deles com uma guerra repentina e ataca o próprio Egito. [5] Então, Ptolomeu, cheio de medo, tendo enviado embaixadas de modo a tardar Antíoco até que preparasse suas forças militares, [6] logo, reunido um grande exército na Grécia, faz uma batalha favorável e teria espoliado o reino de Antíoco, se ele tivesse ajudado a fortuna com a virtude. [7] Mas contente em ter recuperado as urbes que perdera, selada a

<sup>557</sup> Os trechos Just. 30.2.8, 30.3 e 30.4 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 73-7), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

adripuit reuolutusque in luxuriam occisa Eurydice, uxore eademque sorore sua, Agathocliae meretricis inlecebris capitur, [8] atque ita omnem magnitudinem nominis ac maiestatis oblitus noctes in stupris, dies in conuiujs consumit. [9] Adduntur instrumenta luxuriae, tympana et crepundia; nec iam spectator rex, sed magister nequitiae neruorum oblectamenta modulatur. [10] Haec prime laborantis regiae tacita pestis et occulta mala fuere.

[2, 1] Dehinc crescente licentia iam nec parietibus regiae domus contineri meretricis audacia potest, quam proteruiorem sociata cum Agathocle fratre, ambitiosae pulchritudinis scorto, cotidiana regis stupra faciebant. [3] Accedebat et mater Oeanthe, quae geminae subolis inlecebris deuinctum regem tenebat. [4] Itaque non contentae rege iam etiam regnum possident, iam in publico uisuntur, iam salutantur, iam comitantur. [5] Agathocles regis lateri iunctus ciuitatem regebat, tribunatus et praefecturas et ducatus mulieres ordinabant; nec quisquam in regno suo minus quam rex ipse poterat, cum interim relicto quinquenni ex Eurydice sorore filio moritur. [6] Sed mors eius, dum pecuniam regiam mulieres rapiunt et imperium inita cum perditissimis societate occupare conantur, diu occultata fuit. [7] Re tamen cognita concursu multitudinis et Agathocles occiditur et

paz, apossou-se, com avidez, da oportunidade de repouso e, lançado à luxúria, tendo assassinado Eurídice<sup>558</sup>, esposa e ela mesma sua própria irmã, foi capturado pelos encantos da meretriz Agatoclia, [8] e, assim, esquecido de toda a grandeza de seu nome e de sua majestade, consome as noites em orgias, os dias, em banquetes. [9] Acrescentam-se, como instrumentos da luxúria, tímpanos e chocalhos; e o rei já não era um espectador, mas, como o professor da frouxidão, toca os deleites das cordas. [10] Foram estes, primeiro, a peste silenciosa e os males ocultos de que padecia o palácio.

[2, 1] Depois, com a crescente licenciosidade, a audácia da meretriz já não podia ser contida pelas paredes da casa real, pois aliada com seu irmão, Agátocles, um cortesão de lisonjeira beleza, faziam as orgias cotidianas do rei mais ousadas. [3] Ajuntava também a mãe, Enante, que tinha o rei atado pelos encantos de sua dupla progênie. [4] E, assim, não contentes em possuir o rei, também já (possuíam) o reino; já eram vistos em público, já eram saudados, já eram acompanhados. [5] Agátocles, ao lado do flanco do rei, regia a cidade, as mulheres coordenavam as tribunas, as prefeituras e os comandos militares; e ninguém tinha menos poder em seu reino do que o próprio rei quando, nesse ínterim, morreu, tendo deixado um filho de cinco anos, nascido de sua irmã, Eurídice. [6] Mas a morte dele foi ocultada por muito tempo, enquanto as mulheres pilhavam o dinheiro real e procuravam ocupar a soberania depois de terem firmado aliança com os mais degenerados. [7] Contudo, sabendo dessa situação, com a confluência da multidão, Agátocles foi assassinado, e também as

<sup>558</sup> Castro Sánchez (2008, p. 404) aponta que, na verdade, seria Arsinoé III.

mulieres in ultionem Eurydices patibulis suffiguntur. [8] Morte regis, supplicio meretricum uelut expiata regni infamia legatos Alexandrini ad Romanos misere, orantes ut tutelam pupilli susciperent tuerenturque regnum Aegypti, quod iam Philippum et Antiochum facta inter se pactione diuisisse dicebant.

[3, 1] Grata legatio Romanis fuit causas belli aduersus Philippum quaerentibus, qui insidiatus temporibus belli Punicis fuerat. [2] Huc accedebat, quod Poenis et Hannibale superatis nullius magis arma metuebant, reputantibus quantum motum Pyrrus parua Macedonum manu in Italia fecisset, quantasque res Macedones in Oriente gessissent. [3] Mittuntur itaque legati, qui Philippo et Antiocho denuntient, regno Aegypti abstineant. [4] Mittitur et M. Lepidus in Aegyptum, qui tutorio nomine regnum pupilli administret. [5] Dum haec aguntur, interim legationes Attali regis et Rhodiorum iniurias Philippi querentes Romam uenerunt. Quae res omnem cunctationem Macedonici belli senatui eximit. [6] Statim igitur titulo ferendi sociis auxiliis bellum aduersus Philippum decernitur, legionesque cum consule in Macedonia mittuntur. [7] Nec multo post tempore fiducia Romanorum tota Graecia aduersus Philippum spe pristinae libertatis erecta bellum ei intulit; atque ita cum

mulheres crucificadas em patíbulo por vingança de Eurídice. [8] Como se, com a morte do rei e o suplício das meretrizes, fosse expiada a infâmia do reino, os alexandrinos enviam embaixadores aos romanos, pedindo para aceitarem a tutela do órfão e protegerem o reino do Egito, que Filipe e Antíoco já teriam dividido, diziam, por um pacto feito entre si.

[3, 1] A embaixada foi grata aos romanos que buscavam causas para uma guerra contra Filipe, que fora traçoeiro nos tempos da guerra púnica. [2] Somava-se a isso o fato de que, superados os penos e Aníbal, não havia alguém cujas armas temessem mais, considerando quão grande agitação Pirro fizera na Itália com uma pequena tropa de macedônios, e quão grandes feitos realizaram os macedônios no Oriente. [3] E, assim, são enviados embaixadores para que declarem a Filipe e Antíoco que se abstenham do reino do Egito. [4] Também M. Lépido é enviado ao Egito, para que administre, na qualidade de tutor, o reino do órfão. [5] Enquanto essas ações sucedem-se, entretanto, chegaram a Roma embaixadas do rei Átalo e dos ródios, queixando-se das injúrias de Filipe. Este fato livra o senado de toda a incerteza sobre a guerra macedônica. [6] Então, em seguida, a título de levar tropas auxiliares aos aliados, é decretada guerra contra Filipe, e as legiões são enviadas com um cônsul<sup>559</sup> para Macedônia. [7] E, não muito tempo depois, toda a Grécia, por confiança nos romanos, açulada pela esperança de sua antiga liberdade, levou guerra contra Filipe; e, assim, como o rei fosse atormentado por todos os lados, é compelido a pedir a paz. [8] Depois, quando as condições da paz foram propostas pelos

<sup>559</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 406), o cônsul seria Públio Sulpício Galba Máximo.

undique rex urgeretur, pacem petere compellitur. [8] Dehinc cum expositae condiciones pacis a Romanis essent, repetere sua et Attalus et Rhodii et Achaei et Aetoli coepere. [9] Contra Philippus adduci se posse, ut Romanis pareat, concedebat; ceterum indignum esse Graecos a Philippo et Alexandro, maioribus suis, uictos et sub iugum Macedonici imperii subactos ueluti uictores leges pacis sibi dicere, quibus prius sit seruitutis ratio reddenda quam libertas uindicanda. [10] Ad postremum tamen petente eo indutiae duorum mensium datae, ut pax, quae in Macedonia non conueniebat, Romae a senatu peteretur.

[4, 1] Eodem anno inter insulas Theram et Therasiam medio utriusque ripae maris spatio terrae motus fuit, [2] in quo cum admiratione nauigantium repente ex profundo cum calidis aquis insula emersit. [3] In Asia quoque eadem die idem motus terrae Rhodum multasque alias ciuitates grauis ruinarum labe concussit, quasdam solidas absorbit. [4] Quo prodigio territis omnibus uates cecinere, oriens Romanorum imperium uetus Graecorum ac Macedonum uoraturum. [5] Interim a senatu repudiata pace Philippus in societatem belli Nabim tyrannum sollicitat. [6] Atque ita cum in aciem exercitum instructis e diuerso hostibus produxisset, hortari suos coepit referendo Persas, Bactros Indosque et omnem Asiam Orientis fine a Macedonibus

romanos, Átalo, os ródios, os aqueus e os etólios começaram a reclamar suas posses. [9] Por outro lado, Filipe admitia poder ser convencido a se sujeitar aos romanos; mas seria indigno que os gregos, vencidos por Filipe e Alexandre, seus próprios antepassados, e submetidos ao jugo da soberania macedônia, apontassem a ele os termos de paz, como se vencedores; os quais, primeiro, deveriam prestar conta de sua servidão, antes de reivindicar sua liberdade. [10] Por fim, entretanto, a pedido dele, foi dada uma trégua de dois meses, para que a paz, que não foi concluída na Macedônia, fosse pedida ao senado de Roma.

[4, 1] Naquele mesmo ano, entre as ilhas de Tera e Tesaria, no meio do mar, a uma distância igual entre as margens, houve um terremoto, [2] a partir do que, para a admiração dos navegantes, de repente, emergiu do fundo, junto a águas quentes, uma ilha. [3] Na Ásia, do mesmo modo, naquele mesmo dia, o mesmo terremoto sacudiu, com uma catástrofe de severas destruições, Rodes e muitas outras cidades; engoliu algumas inteiras. [4] Aterrorizados todos por esse prodígio, os vates profetizaram que o nascente império dos romanos devoraria o antigo dos gregos e dos macedônios. [5] Entrementes, repudiada a paz pelo senado, Filipe atrai o tirano Nábis para uma aliança de guerra. [6] E, assim, quando conduzia o exército à linha de batalha, com o inimigo organizado no lado oposto, começa a exortar os seus, pelo argumento de que os persas, os bactras, os indos e toda a Ásia, até os confins do Oriente, foram dominados pelos macedônios, [7] e que deviam incumbir-se desta guerra

perdomitam; [7] tantoque hoc bellum fortius quam illa sustinendum, quanto sit imperio libertas carior. [8] Sed et Flamininus, Romanus consul, relatione rerum gestarum recentissime suos stimulabat in proelium, ostendendo hinc Karthaginem cum Sicilia, inde Italiam et Hispaniam Romana uirtute perdomitas. [9] Ne Hannibalem quidem Alexandro Magno postponendum, quo Italia pulso Africam ipsam, tertiam partem mundi, superauerint. [10] Sed nec Macedonas ueteri fama, sed praesentibus uiribus aestimandos, [11] quia non cum Alexandro Magno, quem inuictum audiant, nec cum exercitu eius, qui totum Orientem deuicerit, bellum gerant, sed cum Philippo, puero immaturae aetatis, [12] qui regni terminos aduersus finitimos aegre defendat, et cum his Macedonibus, qui non ita pridem praedae Dardanis fuerint. [13] Illos maiorum decora, se suorum militum commemorare. [14] Non enim alio exercitu Hannibalem et Poenos et totum ferme Occidentem, sed his ipsis, quos in acie habeat, militibus subactos. [15] His adhortationibus utrimque concitati milites proelio concurrunt, alteri Orientis, alteri Occidentis imperio gloriantes, ferentesque in bellum alii maiorum suorum antiquam et

com tão mais força do que daquelas, quando a liberdade é tão mais cara do que a soberania. [8] Mas, também Flaminino, cônsul romano, animava os seus à batalha com o relato de feitos mais recentes, ostentando, de um lado, Cartago junto à Sicília, de outro, a Itália e a Hispânia subjugadas pela virtude romana. [9] E (dizia) que, certamente, nem deveria ser colocado abaixo de Alexandre, o Grande, Aníbal, com o qual, expulso da Itália, (os romanos) teriam vencido a própria África, terceira parte do mundo. [10] Mas que os macedônios não deveriam ser avaliados por sua antiga fama, mas pelas presentes forças militares, [11] porque não guerreiam com Alexandre, o Grande, de quem ouviam ser invicto, nem com o exército dele, que teria derrotado todo o Oriente, mas com Filipe, um jovem de idade imatura<sup>560</sup>, [12] o qual dificilmente defendia suas fronteiras contra os vizinhos, e com estes macedônios, que, então, há pouco tempo, teriam sido pilhagem dos dárdanos; [13] que aqueles relembavam as conquistas de seus antepassados, ele, as de seus próprios soldados; [14] que, de fato, não foi com outro exército que Aníbal, os penos e quase todo o Ocidente foram submetidos, mas com estes mesmos soldados que tinha em linha. [15] Animados e excitados uns e outros soldados, acorrem à batalha, vangloriando-se uns pela soberania do Oriente, outros, do Ocidente, e levando à guerra uns, a antiga e obsoleta glória de seus antepassados, outros, a flor de sua virtude, vicejante com as experiências recentes. [16] Mas a sorte romana venceu os macedônios. [17] E,

<sup>560</sup> Embora fosse considerado jovem quando assumiu o poder, a esta altura, Filipe, na verdade, já tinha por volta de quarenta anos, sendo então mais velho do que era Alexandre, o Grande, quando este morreu. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera a passagem uma construção retórica comum. Além disso, a estudiosa aponta, em sua edição, que alguns manuscritos trazem *uiro* (homem) no lugar de *puero*, o que não gera tanta diferença de sentido na tradução, já que a adjetivação permanece.



obsoletam gloriam, alii uirentem recentibus experimentis uirtutis florem. [16] Sed Macedonas Romana Fortuna uicit. [17] Fractus itaque bello Philippus pace a Flaminio consule petita nomen quidem regium retinuit, sed omnibus Graeciae urbibus, uelut regni membris extra terminos antiquae possessionis, amissis solam Macedoniam retinuit. [18] Offensi tamen Aetoli, quia non arbitrio eorum Macedonia quoque adempta regi et data sibi in praemium belli esset, legatos ad Antiochum mittunt, qui eum adulatione magnitudinis in Romana bella spe societatis uniuersae Graeciae inpellerent.

#### LIBER XXXI

[1, 1] Mortuo Ptolomeo Philopatore, rege Aegypti, contemptaque paruuli filii eius aetate, qui in spem regni relictus praeda etiam domesticis erat, Antiochus, rex Syriae, occupare Aegyptum statuit. [2] Itaque Phoenicen ceterasque Syriae quidem, sed iuris Aegypti ciuitates cum inuasisset, legatos ad eum senatus mittit, qui denuntiarent ei, abstineret regno pupilli postremis patris precibus fidei suae traditi. [3] Quibus spretis interiecto tempore alia legatio superuenit, quae omissa pupilli persona ciuitates iure belli factas populi Romani in integrum restitui iubebat. [4] Abnuenti bellum denuntiatum,

assim, enfraquecido pela guerra, Filipe, pedida a paz ao cônsul Flaminino, manteve, de fato, o título de rei, mas, tendo perdido todas as urbes da Grécia, como membros do reino fora dos limites de sua antiga posse, manteve somente a Macedônia. [18] Contudo, os etólios, ofendidos porque, conforme o julgamento deles, a Macedônia não teria sido, do mesmo modo, tirada do rei e dada a eles como prêmio de guerra, enviam embaixadores a Antíoco, para que, com a adulação da grandeza dele, impelisse uma guerra aos romanos, por uma esperança de uma aliança com a Grécia inteira.

#### Livro XXXI<sup>561</sup>

[1, 1] Morto Ptolomeu Filópator, rei do Egito, e desdenhada a idade do pequenino filho dele – o qual, deixado com a esperança de reinar, era presa até de seu círculo doméstico –, Antíoco, rei da Síria, decidiu ocupar o Egito. [2] E, assim, como invadia a Fenícia e as outras cidades, certamente, da Síria, mas sob a jurisdição do Egito, o senado envia-lhe embaixadores, para que lhe declarassem que se abstivesse do reino de seu pupilo, entregue à sua confiança pelas últimas preces do pai. [3] Tendo sido menosprezados, passado algum tempo, sobrevém uma outra embaixada, a qual, omitida a pessoa do pupilo, ordenava que fossem restituídas, em sua integridade, as cidades feitas dos romanos pela lei da guerra. [4] Recusando-se, declaram-lhe guerra, a

<sup>561</sup> O livro também integra o recorte de Mello (2022, p. 77-87), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

quod ille facile susceptum infeliciter gessit. [5] Eodem tempore et Nabis tyrannus multas Graeciae ciuitates occupauerat. [6] Igitur senatus, ne uno tempore duplici bello Romanae uires detinerentur, scripsit Flaminino, si ei uideatur, sicuti Macedoniam a Philippo, ita et Graeciam a Nabide liberet. [7] Ob quam causam imperium ei prorogatum. Terribile quippe Antiochi bellum Hannibalis nomen faciebat, quem aemuli eius occultis mandatis cum Antiocho inisse societatem apud Romanos criminabantur, [8] negantes eum aequo animo sub legibus uiuere adsuetum imperio et immoderata licentia militari; semperque taedio quietis urbanae nouas belli causas circumspicere. [9] Quae etsi falsa nuntiata fuissent, apud timentes tamen pro ueris habebantur.

[2, 1] Denique senatus metu perculsus ad speculandos actus Hannibalis legatum in Africam Cn. Seruilium mittit eique tacitis mandatis praecipit, ut, si posset, eum per aemulos eius interficeret metuque inuisi nominis tandem populum Romanum liberaret. [2] Sed res Hannibalem non diu latuit, uirum ad prospicienda cauendaque pericula paratum nec minus in secundis aduersa quam in aduersis secunda cogitantem. [3] Igitur cum tota die in oculis principum legatique Romani in foro Karthaginensium obseruatus in supremum fuisset, adpropinquante uespere equum

qual, recebida com facilidade, ele travou sem bom resultado. [5] Na mesma época, também o tirano Nábis ocupara muitas cidades da Grécia. [6] Então, o senado, para que as forças militares romanas não fossem detidas em duas guerras a um só tempo, escreveu a Flaminino que se bem lhe parecesse, libertasse, como a Macedônia de Filipe, assim também a Grécia de Nábis. [7] Por esse motivo, o comando dele foi prorrogado. Certamente, o que fazia a guerra de Antíoco terrível era o nome de Aníbal, a quem os rivais dele, sob ordens ocultas, acusavam, perante os romanos, de ter começado uma aliança com Antíoco, [8] dizendo que ele, acostumado com o mando e a liberalidade imoderada do serviço militar, não vivia com um ânimo igual sob as leis; e, sempre, com o tédio do repouso urbano, consideraria novas causas para uma guerra. [9] Ainda que essas informações fossem falsas, contudo, eram tidas como verdadeiras junto aos que temiam.

[2, 1] Por fim, o senado, abalado pelo medo, envia, como embaixador, Cn. Servílio à África, para observar os atos de Aníbal e o instrui com ordens secretas para que, se pudesse, o assassinasse por meio dos rivais dele e libertasse a população romana do medo do nome odiado. [2] Mas isso não ficou escondido de Aníbal por muito tempo, homem preparado para prever e evitar perigos, pensando não menos nas adversidades durante a prosperidade, do que nas prosperidades durante a adversidade. [3] Então, embora tenha estado visível aos olhos dos nobres e do embaixador romano no fórum dos cartagineses durante o dia todo, até seu fim, ao chegar a noite, monta um cavalo e põe-se a caminho de uma quinta que tinha próxima à beira-mar, nos arredores da urbe, tendo ordenado a seus servos, que nada

conscendit et rus urbanum, quod propter litus maris habebat, ignaris seruis iussisque ad portam reuertentem opperiri, contendit. [4] Habebat ibi naues cum remigibus occulto sinu litoris absconditas; erat et grandis in eo agro pecunia praeparata, ut, cum res exegisset, nec facultas fugam nec inopia moraretur. [5] Lecta igitur seruorum iuuentute, quorum copiam Italicorum captiuorum numerus augebat, nauem conscendit cursumque ad Antiochum dirigit. [6] Postera die ciuitas principem suum ac tum temporis consulem in foro expectabat. [7] Quem ut profectum nuntiatum est, non aliter quam si urbs capta esset, omnes trepidare exitiosamque sibi fugam eius ominati sunt. [8] Legatus uero Romanus, quasi iam bellum inlatum Italiae ab Hannibale esset, tacitus Romam regreditur trepidumque nuntium refert.

[3, 1] Interim in Graecia Flamininus iuncta cum quibusdam ciuitatibus societate Nabidem tyrannum duobus continuis proeliis subigit et grauibus pacis legibus fractum uelut exsanguem in regno reliquit. [2] Sed libertate Graeciae restituta deductisque ab urbibus praesidiis, cum Romanus exercitus in Italiam reportatus esset, uelut uacua rursus possessione sollicitatus multas ciuitates repentino bello inuasit. [3] Quibus rebus exterriti Achaei, ne uicinum malum etiam ad

sabiam, a esperar à porta que ele retornasse. [4] Tinha, ali, naus escondidas com remeiros em uma curva oculta do litoral; naquele campo, também estava preparada uma grande quantidade de dinheiro, para que, quando a circunstância exigisse, nem os meios, nem a penúria tardasse a fuga. [5] Então, escolhida a juventude entre os servos, cujo número aumentava com um grupo de capturados itálicos, embarca em uma nau e dirige seu curso até Antíoco. [6] No dia seguinte, a cidade esperava, no fórum, seu nobre e, naquele tempo, cônsul<sup>562</sup>. [7] Quando foi anunciado que ele tinha partido, não de outro modo, como se a urbe tivesse sido capturada, todos estremeceram e pressagiaram que a fuga dele lhes seria funesta. [8] Porém, o embaixador romano, como se a guerra já tivesse sido levada à Itália por Aníbal, retorna, em segredo, a Roma e relata a notícia inquietante.

[3, 1] Enquanto isso, na Grécia, Flaminino, selada uma aliança com algumas cidades, sujeitou o tirano Nábis em duas batalhas consecutivas e, alquebrado pelos severos termos de paz, deixou-o em seu reino, como se exangue. [2] Mas, restituída a liberdade da Grécia e retiradas as defesas das urbes, tendo o exército romano retornado à Itália, (Nábis), como se atraído por um vão desejo de posse renovado, atacou muitas cidades com uma guerra repentina. [3] Os aqueus, atemorizados por essas ações, para que o mal vizinho não serpenteasse também até eles, declaram guerra contra Nábis e instituem,

<sup>562</sup> Conforme aponta Castro Sánchez (2008, p. 413), Justino utiliza equivalentes latinos para os cargos; em Cartago, o termo utilizado seria sufete.

se serperet bellum aduersus Nabidem decernunt ducemque praetorem suum Philopoemenem, insignis industriae uirum, constituunt, [4] cuius in eo bello tanta uirtus enituit, ut opinione omnium Flaminino, Romano imperatori, compararetur. [5] Eodem tempore Hannibal, cum ad Antiochum peruenisset, uelut deorum munus excipitur, [6] tantusque eius aduentu ardor animis regis accessit ut non tam de bello quam de praemiis uictoriae cogitaret. [7] Sed Hannibal, cui nota Romana uirtus erat, negabat opprimi Romanos nisi in Italia posse. [8] Ad hoc sibi centum naues et decem milia peditum mille equitum poscebat, promittens hac manu non minus bellum quam gesserit Italiae restauraturum [9] et in Asia regi sedenti aut uictoriam de Romanis aut aequas pacis condiciones relaturum; [10] quippe et Hispanis bello flagrantibus ducem tantum deesse, et Italiam notiores sibi nunc quam pridem fuisse; sed nec Karthaginem quieturam sociamque se ei sine mora praebituram.

[4, 1] Cum regi consilia placuisset, mittitur Karthaginem unus ex comitibus Hannibalis, qui in bellum cupidos hortetur Hannibalemque cum copiis adfuturum nuntiet; nihil dicat partibus nisi animos Karthaginiensium deesse: Asiam et uires belli et sumptum praebituram. [2] Haec cum relata Karthaginem essent, nuntius ipse ab inimicis Hannibalis comprehenditur perductusque in senatum cum

como comandante, seu pretor Filopemene, homem de notável habilidade, [4] cuja virtude tanto brilhou naquela guerra, que, na opinião de todos, era comparado a Flaminino, general romano. [5] Ao mesmo tempo, Aníbal, que chegara ao reino de Antíoco, é recebido como um presente dos deuses, [6] e um tamanho ardor de ânimo inflamou-se com a vinda dele que não considerara tanto a guerra, quanto o prêmio da vitória. [7] Mas Aníbal, a quem era conhecida a virtude romana, negava ser possível que os romanos fossem esmagados senão na Itália. [8] Para isso, reclamava para si cem naus, dez mil soldados de infantaria e mil de cavalaria, prometendo, com essa tropa, restabelecer uma guerra não menor do que aquela que travara na Itália [9] e que, permanecendo o rei na Ásia, levar-lhe-ia ou a vitória sobre os romanos, ou condições de paz favoráveis; [10] certamente, também faltava apenas um comandante aos hispanos, inflamados pela guerra, e a Itália era-lhe mais conhecida agora do que antes; e nem Cartago ficaria imóvel e, sem demora, oferecer-se-ia a ele como aliada.

[4, 1] Como os planos tinham agradado ao rei, um dos companheiros de Aníbal é enviado a Cartago, para que exorte à guerra os que a desejam, e anuncie que Aníbal estará presente com um contingente; diga-se nada faltar aos envolvidos senão os ânimos dos cartagineses: a Ásia ofereceria, à guerra, os homens e também o custeio. [2] Quando essas coisas foram relatadas em Cartago, o próprio mensageiro foi preso pelos inimigos de Aníbal e, levado ao senado, tendo-lhe sido interrogado a quem ele fora enviado,

interrogaretur, ad quem missus esset, Punico ingenio respondit se ad uniuersum senatum missum; nec enim opus hoc singulorum, sed uniuersorum esse. [3] Dum multis diebus deliberant, an eum Romam ad purgandam publicam conscientiam mittant, tacitus conscensa naue ad Hannibalem reuertitur. Quo cognito Karthaginienses ultro rem Romam per legatum deferunt. [4] Romani quoque legatos ad Antiochum misere, qui sub specie legationis et regis apparatus specularentur et Hannibalem aut Romanis mitigarent aut adsiduo conloquio suspectum inuisumque redderent regi. [5] Itaque legati cum Ephesi conuenissent Antiochum, mandata ei senatus tradunt. [6] Dum responsum expectant, omnibus diebus adsidui circa Hannibalem fuere, dicentes eum timide a patria recessisse, cum pacem Romani non tam cum re publica eius quam cum eo factam summa fide custodiant; [7] nec bella eum Romanorum magis odio quam patriae amore gessisse, cui ab optimo quoque etiam spiritus ipse debeatur. Has enim publicas inter populos, non priuatas inter duces bellandi causas esse. Inde res gestas eius laudare. [8] Quarum sermone laetus saepius cupidiusque cum legatis conloquebatur, ignarus quod familiaritate Romana odium sibi apud regem crearet. [9] Quippe Antiochus tam adsiduo conloquio reconciliatam eius cum Romanis gratiam existimans nihil ad eum, sicuti solebat, referre, expertemque totius consilii et

respondeu, com púnico engenho, que fora enviado ao senado todo; e, de fato, esta não era uma obra de indivíduos isolados, mas de todos. [3] Enquanto deliberavam, por muitos dias, se o enviariam a Roma para limpar a consciência pública, em segredo, tendo embarcado em uma nau, retorna a Aníbal. Ao saberem disso, os cartagineses submetem voluntariamente o assunto a Roma por meio de um embaixador. [4] Os romanos, do mesmo modo, enviaram embaixadores a Antíoco, para que, na condição de embaixada, observassem o preparativo do rei e, ou amansassem Aníbal quanto aos romanos, ou o tornassem suspeito e detestável ao rei pelas conversas frequentes. [5] E, assim, quando os embaixadores encontraram-se com Antíoco em Éfeso, entregaram a ele as recomendações do senado. [6] Enquanto esperam sua resposta, todos os dias, ficaram em torno de Aníbal, dizendo-lhe que se tinha retirado de sua pátria por temor, enquanto os romanos conservavam, com suma lealdade, a paz selada não tanto com a república dele quanto com ele mesmo; [7] e que também ele guerreava não mais por ódio aos romanos quanto por amor à pátria, à qual aquele dentre os melhores devia também a própria vida. De fato, as causas para as guerras eram questões públicas entre os povos, não privadas entre comandantes. Daí, louvaram os feitos dele. [8] Feliz com o diálogo sobre esses assuntos, com mais empenho falava com os embaixadores, sem saber que, com a familiaridade romana, gerava o ódio do rei a si mesmo. [9] Certamente, Antíoco, julgando que, com fala tão assídua, fora reconciliada a benevolência daquele com os romanos, nada referia a ele como costumava e, excluído de todos os seus planos, começou a ser odiado como se fosse seu inimigo e traidor. Este ato corrompeu tamanhos preparativos de guerra ao falhar a perícia do general. [10] As

ueluti hostem proditoremque suum odisse coepit. Quae res tantum apparatus belli cessante imperatoria arte corruptit. [10] Senatus mandata fuerant, contentus terminis Asiae esset, ne ipsis Asiam ingrediendi necessitatem inponeret. Quibus spretis non accipiendum bellum statuit, sed inferendum.

[5, 1] Dicitur, cum frequenter de bello consilium remoto Hannibale habuisset, tandem eum uocari iussisse, non ut ex sententia eius aliquid ageret, sed ne per omnia spreuisse uideretur, omnibusque perrogatis postremum interrogasse. [2] Quo ille animaduerso intellegere se professus est, non quia egeat consilio, sed ad supplendum numerum sententiarum se uocatum; tamen et odio Romanorum et amore regis, apud quem solum tutum exilium sibi relictum sit, se uiam gerendi belli edisseriturum. [3] Veniam deinde libertati praefatus nihil se aut consiliorum aut coeptorum praesentium probare ait, neque sedem belli Graeciam sibi placere, cum Italia uberior materia sit; [4] quippe Romanos uinci non nisi armis suis posse nec Italiam aliter quam Italicis uiribus subigi; siquidem diuersum ceteris mortalibus esse illud et hominum et belli genus. [5] Aliis bellis plurimum momenti habere priorem aliquam cepisse occasionem loci temporisque, agros rapuisse, urbes aliquas expugnasse; cum Romano, seu occupaueris prior aliqua seu uiceris, tamen etiam cum uicto et iacente

recomendações do senado foram que ficasse contente com os limites da Ásia, para que não os obrigasse à necessidade de ingressar na Ásia. Tendo-as desprezado, decidiu não aceitar a guerra, mas suscitá-la.

[5, 1] Diz-se que, após realizar o conselho de guerra, frequentemente, estando Aníbal afastado, enfim, mandou chamá-lo, não para agir de modo algum conforme a decisão dele, mas para não parecer que o rejeitava totalmente, e, tendo perguntado a todos, interroga-o por último. [2] Ele, ao perceber isso, declarou compreender que fora chamado não porque precisava de seu plano, mas para completar o número de decisões; porém, por ódio aos romanos e também por amor ao rei, o único junto ao qual lhe fora concedido um exílio seguro, demonstraria a via para guerrear. [3] Logo, pedindo, primeiro, benevolência por sua franqueza, fala que não aprovava plano ou projeto algum dos presentes e que não lhe agradava a Grécia ser a sede da guerra, quando, na Itália, haveria oportunidade mais proveitosa; [4] porque os romanos não poderiam ser vencidos senão com suas próprias armas, nem a Itália ser submetida por outra força militar que não as dos itálicos, visto que aquela categoria de guerra e também de homens era diversa do restante dos mortais. [5] Em outras guerras, teria muito mais importância aproveitar qualquer primeira ocasião de lugar e de tempo, arrebatando os campos, tomar de assalto algumas urbes; contra o romano, quer primeiro ocupe (suas terras) de algum modo, quer o venças, contudo, ainda terá que lutar mesmo com o vencido e o abatido. [6] Por isso que, se

luctandum esse. [6] Quam ob rem si quis eos in Italia lacessat, suis eos opibus, suis uiribus, suis armis posse uincere, sicut ipse fecerit. [7] Sin uero quis illis Italia uelut fonte uirium cesserit, proinde falli ac si quis amnes non ab ipsis fontium primordiis deriuare, sed concretis iam aquarum molibus auertere uel exsiccare uelit. [8] Haec et secreto se censuisse utroque ministerium consilii sui obtulisse, et nunc praesentibus amicis ideo repetisse, ut scirent omnes rationem gerendi cum Romanis belli, eosque foris inuictos, domi fragiles esse. [9] Nam prius illos urbe quam imperio, prius Italia quam prouinciis exui posse; quippe et a Gallis captos et a se prope deletos esse; neque umquam se uictum prius quam terris eorum cesserit; reuerso Karthaginem statim cum loco fortunam belli mutatam.

[6, 1] Huic sententiae obtrectatores amici regis erant, non utilitatem rei cogitantes, sed uerentes ne probato consilio eius primum apud regem locum gratiae occuparet. [2] Et Antiocho non tantum consilium quam auctor displicebat, ne gloria uictoriae Hannibalis, non sua esset. [3] Omnia igitur uariis adsentationum adulationibus corrumpebantur, nihil consilio uel ratione agebatur. Rex ipse per hiemem in luxuriam lapsus nouis cotidie nuptiis deditus erat. [4] Contra Acilius, Romanus consul, qui ad hoc bellum missus

alguém os atacar na Itália, eles podem ser derrotados com seus próprios recursos, suas próprias forças militares, suas próprias armas, assim como ele mesmo fizera. [7] Se, porém, alguém lhes tiver deixado a Itália como uma fonte de poder, engana-se tal qual alguém que queira desviar as correntes não a partir de suas próprias fontes, mas as redirecionar ou estancar já no grosso das águas. [8] Ele tinha dado esse parecer em segredo e oferecido, além disso, a assistência de seu plano e, por isso, agora, tinha-o repetido com os amigos estando presentes, para que todos soubessem o método para se guerrear contra os romanos, e que aqueles que eram invictos no exterior, eram frágeis em casa. [9] Com efeito, eles poderiam ser privados, primeiro, da urbe do que do império; primeiro, da Itália do que das províncias, porque foram capturados pelos gauleses e quase destruídos por ele – ele que não fora nunca vencido antes de ter abandonado as terras deles<sup>563</sup>; de volta a Cartago, sem demora, mudou-se, como o lugar, a sorte da guerra.

[6, 1] Os amigos do rei eram contrários a essa decisão, considerando não a utilidade da ideia, mas temendo que, aprovado o plano, ele ocupasse lugar principal junto ao rei. [2] E não tanto o plano quanto o autor desgostava a Antíoco, porque a glória da vitória seria de Aníbal, não sua. [3] Então, tudo seria prejudicado pelas diversas adulações dos que o lisonjeiam; nada seria feito conforme o plano ou a prudência. O próprio rei, durante o inverno, caído na luxúria, estava entregue, a cada dia, a novas núpcias. [4] Por outro lado, Acílio, cônsul romano que fora enviado para essa guerra, preparava, com suma habilidade, tropas, armas e o restante necessário para a guerra,

<sup>563</sup> É possível que haja aqui uma ambiguidade, e *eorum* refira-se aos cartagineses.

erat, copias, arma ceteraque bello necessaria summa industria parabat, ciuitates socias confirmabat, dubias inliciebat; nec alius exitus belli quam adparatus utriusque partis fuit. [5] Itaque prima belli congressione cum cedentes suos rex cerneret, non laborantibus auxilium tulit, sed fugientibus se ducem praebuit castraque ditia uictoribus relinquit. [6] Deinde cum in Asiam praeda Romanis occupatis fugiendo peruenisset, paenitere neglecti consilii coepit reuocatoque in amicitiam Hannibale omnia ex sententia eius agere. [7] Interim nuntiatur ei Liuium, Romanum ducem, cum LXXX rostratis nauibus in bellum nauale a senatu missum aduentare; quae res spem illi restituendae fortunae dedit. [8] Itaque priusquam sociae ciuitates ad hostes deficerent, decernere nauali proelio statuit, sperans cladem in Graecia acceptam noua posse uictoriae gloria aboleri. [9] Tradita igitur Hannibali classe proelium committitur. Sed neque Asiani milites Romanis neque naues eorum pares rostratis nauibus fuere; minor tamen clades ducis sollertia fuit. [10] Romam nondum opinio uictoriae uenerat et idcirco in consulibus creandis suspensa ciuitas erat.

[7, 1] Sed aduersus Hannibalem ducem quis melius quam Africani frater crearetur, cum uincere Poenos opus Scipionum esset? [2] Creatur igitur consul Lucius Scipio, eique datur legatus frater Africanus, ut intellegeret Antiochus non maiorem fiduciam se in

confirmava as cidades aliadas, cativava as titubeantes; e o êxito na guerra não foi outro do que o preparado por uma e outra parte. [5] E, assim, no primeiro confronto da guerra, quando o rei percebeu os seus recuando, não levou auxílio aos que se fadigavam, mas se apresentou como o líder dos que fugiam e deixou, aos vencedores, seu rico acampamento. [6] Logo, ocupados os romanos com a pilhagem, quando, fugindo, chegou à Ásia, começou a lamentar o plano negligenciado e, tendo chamado Aníbal de volta à sua amizade, faz tudo conforme o conselho dele. [7] Entrementes, é anunciado a ele que Lívio, comandante romano enviado pelo senado para um combate naval, aproxima-se com oitenta naus armadas; tal informação deu-lhe a esperança de que sua sorte deveria ser restaurada. [8] E, assim, antes que as cidades aliadas desertassem para o lado inimigo, decidiu pôr um fim ao combate naval, esperando que o desastre na Grécia pudesse ser apagado com a nova glória de uma vitória. [9] Então, confiada uma tropa a Aníbal, tem início a batalha, mas os soldados asiáticos não foram iguais aos romanos, nem as naus deles às naus armadas; o desastre, contudo, foi menor pela solércia do comandante. [10] O rumor da vitória ainda não chegara a Roma, e, por isso, a cidade estava incerta quanto à eleição dos cônsules.

[7, 1] Mas quem melhor seria eleito comandante contra Aníbal do que o irmão de Africano, quando era trabalho dos Cipiões vencer os penos? [2] Então, Lúcio Cipião é eleito cônsul, e seu irmão, Africano, lhe é outorgado como embaixador, para que Antíoco compreendesse que não haveria para si maior confiança no vencido Aníbal do que



Hannibale uicto quam Romanos in uictore Scipione habere. [3] Traicientibus in Asiam Scipionibus exercitum iam utrubique profligatum bellum nuntiatum est, uictumque Antiochum terrestri, Hannibalem nauali bello inuenerunt. [4] Primo igitur aduentu eorum legatos pacem petentes Antiochus ad eos mittit peculiare donum Africano ferentes filium ipsius, quem rex paruo nauigio traicientem ceperat. [5] Sed Africanus priuata beneficia a rebus publicis secreta dixit, aliaque esse patris officia, alia patriae iura, quae non liberis tantum, uerum etiam uitae ipsi praeponantur. [6] Proinde gratum se munus accipere priuatoque inpendio munificentiae regis responsurum. Quod ad bellum pacemque pertineat, nihil neque gratiae dari neque de iure patriae decidi posse respondit. [7] Nam neque de redimendo filio umquam tractauit nec senatum de eo agere permisit, sed, ut dignum maiestate eius erat, armis se recepturum dixerat. [8] Post haec leges pacis dicuntur: ut Asia Romanis cederet, contentus Syriae regno esset, naues uniuersas, captiuos et transfugas traderet sumptumque omnem belli Romanis restitueret. [9] Quae cum

para os romanos no vitorioso Cipião. [3] Enquanto os Cipiões atravessam o exército para a Ásia, anunciou-se que a guerra já fora terminada de um e outro lado, e encontraram Antíoco vencido na guerra terrestre, Aníbal na naval. [4] Então, com a sua chegada, Antíoco, imediatamente, envia-lhes embaixadores pedindo a paz, trazendo a Africano, como presente particular, o próprio filho dele, a quem o rei tinha capturado ao atravessar para um pequenino barco. [5] Mas Africano disse que os favores pessoais eram distintos dos assuntos públicos, e uns seriam os deveres de pai, outros os direitos da pátria, que não só antecediam os filhos como também a própria vida<sup>564</sup>; [6] que, portanto, agradecido, aceitaria o presente e responderia à generosidade do rei com uma despesa pessoal. Quanto ao que concernia à guerra e à paz, respondeu que nada poderia ser dado como agradecimento nem retirado do direito da pátria. [7] Com efeito, nunca tratou do resgate do filho, nem o senado permitiu que agisse em relação a isso, mas, conforme era próprio à autoridade dele, dissera que o recuperaria pelas armas. [8] Após isso, são ditos os termos da paz: que ele cedesse a Ásia aos romanos; se contentasse com o reino da Síria; entregasse todas as naus, os cativos e os desertores, e restituísse o custo da guerra integralmente aos romanos. [9] Quando esses (termos) foram anunciados a Antíoco, respondeu que ainda não fora vencido ao ponto de que se permitisse ser espoliado de seu reino, e que

<sup>564</sup> Conforme aparece também nos versos de Lucílio, que resumem a moral romana: *uirtus id dare quod re ipsa debetur honori / hostem esse atque inimicum hominum morumque malorum, / contra defensorem hominum morumque bonorum / hos magni facere, his bene uelle, his uiuere amicum, / commoda praeterea patriai prima putare, / deinde parentum, tertia iam postremaque nostra; "virtude é dar aquilo que por si só é devido à honra, / ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, / e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons, a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo; / e, além disso, pôr em primeiro lugar o bem da pátria, / em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso."* (Lucil. *apud* Lactant., *Div. Instit.* 6.5.2. Trad. Maria Helena Rocha Pereira. Grifo nosso).

nuntiata Antiocho essent, nondum ita uictum se esse respondit, ut spoliari se regno pateretur, bellique ea inritamenta, non pacis blandimenta esse.

[8, 1] Igitur cum ab utrisque bellum pararetur ingressique Asiam Romani Ilium uenissent, mutua gratulatio Iliensium ac Romanorum fuit, Iliensibus Aenean ceterosque cum eo duces a se profectos, Romanis se ab his procreatos referentibus; [2] tantaque laetitia omnium fuit, quanta esse post longum tempus inter parentes et liberos solet. [3] Iuuabat Ilienses nepotes suos Occidente et Africa domita Asiam ut auitum regnum uindicare, optabilem Troiae ruinam fuisse dicentes, ut tam feliciter renasceretur. [4] Contra Romanos auitos lares et incunabula maiorum templaque ac deorum simulacra inexplebile desiderium uidendi tenebat. [5] Profectis ab Ilio Romanis Eumenes rex cum auxiliis occurrit, nec multo post proelium cum Antiocho commissum. [6] Cum in dexteriore cornu pulsa legio Romana maiore dedecore quam periculo ad castra fugeret, M. Aemilius, tribunus militum, ad tutelam castrorum relictus armare se milites suos et extra uallum progredi iubet strictisque gladiis fugientibus minari, morituros dicens, ni in proelium reuertantur, infestioraque sua quam hostium castra inuenturos. [7] Adtonita tam ambiguo periculo legio comitantibus commilitonibus, qui fugere eos prohibuerant, in proelium reuertitur, magnaque caede edita initium

aqueas eram provocações de guerra, não estímulos para a paz.

[8, 1] Então, enquanto um e outro lado preparava-se para a guerra, e os romanos, tendo ingressado na Ásia, chegavam a Ílion, houve mútua felicitação entre ílios e romanos, lembrando-se os ílios de Eneias e de outros comandantes que com ele partiram, e os romanos, de que deles foram gerados; [2] foi tão grande a felicidade para todos quanto a que costuma haver entre pais e filhos, após um longo tempo. [3] Agradava aos ílios que os seus netos, dominados o Ocidente e a África, reivindicassem a Ásia como um antigo reino, dizendo ter sido desejável a ruína de Troia para que renascesse com tamanha felicidade. [4] De sua parte, um desejo de ver os antigos lares, os berços de seus antepassados, os templos e as estátuas dos deuses apoderou-se dos romanos. [5] Partindo os romanos de Ílion, o rei Eumênes saiu a seu encontro com tropas auxiliares, e, não muito depois, a guerra contra Antíoco foi travada. [6] Como, na ala direita, uma legião romana fugiu para o acampamento com uma vergonha maior do que o perigo, M. Emílio, tribuno militar, deixado para a tutela do acampamento, ordenou seus próprios soldados a se armarem, avançarem para fora da trincheira e ameaçarem os fugitivos com as espadas empunhadas, dizendo que morreriam se não retornassem à batalha e que encontrariam seu próprio acampamento mais hostil do que os inimigos. [7] Espantada a legião pelo perigo dos dois lados, em companhia dos camaradas que os impediam de fugir, retornam à batalha, e, ocorrido um grande massacre, a vitória começou. Foram massacrados cinquenta mil inimigos, onze mil,

uictoriae fuit. Caesa hostium L milia, capta XI. [8] Antiocho pacem petenti nihil ad superiores condiciones additum, Africano praedicante, Romanos neque, si uincantur, animis minui neque, si uincant, secundis rebus inolescere. [9] Captas ciuitates inter socios diuisere, muneri Romano aptiorem Asiam quam possessioni uoluptariae iudicantes; quippe uictoriae gloriam Romano nomini uindicandam, opum luxuriam sociis relinquendam.

capturados. [8] Tendo Antíoco pedido a paz, nada foi adicionado às condições anteriores, proclamando Africano que os romanos, se eram vencidos, não diminuían o ânimo, se venciam, não se tornavam insolentes pelas circunstâncias favoráveis. [9] Dividiram as cidades capturadas entre os aliados, julgando que a Ásia fosse mais adequada como presente romano do que como posse por prazer, pois, a glória da vitória deveria ser reivindicada pelo nome romano, a luxúria da riqueza deveria ser deixada aos aliados.

## LIBER XXXII

## Livro XXXII<sup>565</sup>

[1, 1] Aetoli, qui Antiochum in bella Romana impulerant, uicto eodem soli aduersus Romanos et uiribus in pares et omni auxilio destituti remanserunt; [2] nec multo post uicti libertatem, quam inlibatam aduersus dominationem Atheniensium Spartanorumque inter tot Graeciae ciuitates soli retinuerant, amiserunt. [3] Quae condicio tanto amarior illis, quanto serior fuit, reputantibus tempora illa, quibus tantis Persarum opibus domesticis uiribus restiterint, quibus Gallorum uiolentiam Asiae Italiaeque terribilem Delphico bello fregerint; quae gloriosa recordatio maius desiderium libertatis augebat. [4] Dum haec aguntur, medio tempore inter Messenios et Achaeos de principatu primo dissensio, mox bellum ortum est. [5] In eo nobilis Achaeorum

[1, 1] Os etólios, que impeliram Antíoco à guerra romana, com ele vencido, ficaram sozinhos contra os romanos, desiguais em forças militares e destituídos de todo auxílio; [2] e, não muito depois, vencidos, perderam a liberdade que, sozinhos, entre todas as cidades da Grécia, tinham mantido contra a dominação dos atenienses e dos espartanos. [3] Essa condição foi muito mais amarga para eles quanto mais tardia, refletindo sobre aqueles tempos em que, com as forças militares internas, resistiram a tamanhos poderios dos persas, em que quebraram, na guerra délfica, a violência dos gauleses, terrível à Ásia e à Itália; essa recordação gloriosa mais aumentava o desejo de liberdade. [4] Enquanto essas ações sucedem-se, nesse meio tempo, com o primeiro desentendimento sobre a supremacia entre os messênios e os aqueus, irrompeu, em seguida, uma guerra. [5] Nela, o nobre general dos aqueus, Filopêmene, é

<sup>565</sup> Os trechos Just. 32.1.1-3; 32.2; 32.3.1-11 e 32.4 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 87-92), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

imperator Philopoemen capitur, non quia pugnando uitae pepercerit, sed dum suos in proelium reuocat, in transitu fossae equo praecipitatus a multitudine hostium oppressus est. [6] Quem iacentem Messenii seu metu uirtutis seu uerecundia dignitatis interficere ausi non fuerunt. [7] Itaque laeti uelut in illo omne bellum confecissent, captiuum per uniuersam ciuitatem in modum triumphi circumduxerunt effuso obuiam populo ac si suus, non hostium imperator aduentaret, nec uictorem Achaei auidius uidissent, quam uictum hostes uiderunt. [8] Igitur eundem in theatrum duci iusserunt ut omnes contuerentur quem potuisse capi incredibile singulis uidebatur. [9] Inde in carcerem ducto uerecundia magnitudinis eius uenenum dedere, quod ille laetus, ac si uicisset, accepit, quaesito prius an Lycortas, praefectus Achaeorum, quem secundum a se esse scientia militari sciebat, incolumis effugisset. Quem ut accepit euasisse, non in totum dicens male consultum Achaeis expirauit. [10] Nec multo post reparato bello Messenii uincuntur poenasque interfecti Philopoemenis rependerunt.

[2, 1] Interea in Syria rex Antiochus, cum graui tributo pacis a Romanis uictus oneratus esset, seu inopia pecuniae compulsus seu auaritia sollicitatus, qui sperabat se sub specie tributariae necessitatis excusatus sacrilegia commissurum, adhibito exercitu nocte templum Elymaei Iouis adgreditur. [2] Qua re

capturado, não porque teria resguardado sua vida ao combater, mas porque, enquanto chamava os seus de volta à batalha, precipitado do cavalo na travessia de uma fossa, foi subjugado pela multidão de inimigos. [6] A quem, derrubado, os messênios não tiveram coragem de matar ou pelo medo de sua bravura, ou por respeito à sua dignidade. [7] E, assim, felizes como se com ele tivessem terminado toda a guerra, conduziram o cativo ao redor da cidade inteira ao modo de um triunfo, com o povo ajuntando-se em seu entorno, como se seu próprio general se aproximasse, não o dos inimigos; e os aqueus não o tinham visto com mais anseio como vencedor do que os inimigos o viram como vencido. [8] Então, ordenaram que ele fosse conduzido ao teatro para que fosse possível a todos olhar aquele que parecia incrível, a cada um, terem capturado. [9] Conduzido dali para o cárcere, deram-lhe veneno por respeito à grandeza dele, o qual, ele, feliz como se vencesse, aceitou; tendo, anteriormente, perguntado se Licortas, intendente dos aqueus – o qual sabia ser o segundo em relação a si em conhecimento militar –, havia escapado incólume, ao ouvir que ele evadira, expirou, dizendo que nem tudo ia mal com os planos dos aqueus. [10] E, não muito depois, tendo recomeçado a guerra, os messênios são vencidos e compensam as penas por terem assassinado Filopêmene.

[2, 1] Entrementes, na Síria, o rei Antíoco, vencido pelos romanos, estando sobrecarregado com seu severo tributo de paz, ou impelido pela penúria de dinheiro, ou atraído pela avareza, esperava que os sacrilégios que cometeria seriam mais desculpáveis sob o pretexto da necessidade tributária; reunido o exército, ataca, à noite, o templo de Jove Elimeo. [2] Divulgada essa ação, é assassinado com todos os soldados

prodita concursu incolarum cum omni milite interficitur. [3] Romae, cum multae Graeciae ciuitates questum de iniuriis Philippi, regis Macedonum, uenissent et disceptatio in senatu inter Demetrium, Philippi filium, quem pater ad satisfaciendum senatui miserat, et legatos ciuitatum esset, turba querelarum confusus adulescens repente obticuit. [4] Tunc senatus uerecundia eius motus, quae probata etiam antea, cum obses Romae esset, omnibus fuerat, causam illi donauit. Atque ita modestia sua Demetrius ueniam patri, non iure defensionis, sed patrocinio pudoris obtinuit, [5] quod ipsum decreto senatus significatum est, ut appareret non tam absolutum regem, quam donatum filio patrem. [6] Quae res Demetrio non gratiam legationis, sed odium obtreptionis comparauit. [7] Nam et apud fratrem Persen aemulatio illi inuidiam contraxit, et apud patrem nota absolutio causa offensae fuit, indignante Philippo plus momenti apud senatum personam filii quam auctoritatem patris ac dignitatem regiae maiestatis habuisse. [8] Igitur Perseus perspecta patris aegritudine cotidie absentem Demetrium apud eum criminari et primo inuisum, post etiam suspectum reddere; nunc amicitiam Romanorum, nunc prodicionem patris ei obiectare. [9] Ad postremum insidias sibi ab eo paratas confingit, ad cuius rei probationem inmittit indices, testes subornat et facinus, quod obicit, admittit. [10] Quibus rebus conpulso ad parricidium patre funestam

pela confluência dos habitantes. [3] Como muitas cidades da Grécia vinham a Roma reclamar das injúrias de Filipe, rei dos macedônios, e havia uma discussão, no senado, entre Demétrio, filho de Filipe – que o pai enviara ao senado para se justificar –, e os embaixadores das cidades; o adolescente, confundido pelo turbilhão de queixas, de repente, calou-se. [4] Então, o senado, comovido pelo comedimento dele, o qual já antes fora aprovado por todos, quando era refém em Roma, garantiu a ele a causa. E, assim, com sua própria modéstia, Demétrio obteve a graça para o pai, não pela justiça da defesa, mas pelo patrocínio de seu pudor; [5] isso mesmo o senado havia marcado no decreto, para que fosse evidente que não tanto o rei fora absolvido quanto o pai fora recompensado pelo filho. [6] Tal ação não rendeu, a Demétrio, a gratidão da embaixada, mas o ódio do ciúme. [7] Com efeito, somou-se, junto a seu irmão, Perseu, a rivalidade contra ele à inveja, e a carta de absolvição foi motivo de ofensa junto ao pai, indignando-se Filipe que a pessoa de seu filho tinha mais efeito, junto ao senado, do que a autoridade do pai e a dignidade da majestade régia. [8] Então, Perseu, reconhecida a repulsa do pai, dia a dia, teria acusado Demétrio, que estava ausente, e o tornou primeiro odioso, depois também suspeito a ele, apontando ora a amizade dos romanos, ora a traição do pai. [9] Por fim, inventa que insídias eram preparadas contra si por ele, apresenta denunciante como prova de tal ação, suborna testemunhas e comete a falta de que o acusa. [10] Impelido o pai ao parricídio por essas ações, tornou funesto todo o palácio.

omnem regiam facit.

[3, 1] Occiso Demetrio sublatoque aemulo non neglegentior tantum Perseus in patrem, uerum etiam contumacior erat, nec heredem regni, sed regem gerebat. [2] His rebus offensus Philippus impatientius in dies mortem Demetrii dolebat, tunc et insidiis circumuentum suspicari, testes indicesque torquere. [3] Atque ita cognita fraude non minus scelere Persei quam innoxia Demetrii morte cruciabatur, peregrissetque ultionem, nisi morte praeuentus fuisset. [4] Nam breui post tempore morbo ex aegritudine contracto decessit, relicto magno belli apparatu aduersus Romanos, quo postea Perseus usus est. [5] Nam et Gallos Scordiscos ad belli societatem perpulerat, fecissetque Romanis graue bellum nisi decessisset. [6] Namque Galli bello aduersus Delphos infeliciter gesto, in quo maiorem uim numinis quam hostium senserant, amisso Brenno duce pars in Asiam, pars in Thraciam extorres fugerant. [7] Inde, per eadem uestigia qua uenerant, antiquam patriam repetiuere. [8] Ex his manus quaedam in confluente Danuuii et Sauri consedit Scordiscosque se appellari uoluit. [9] Tectosagi autem cum in antiquam patriam Tolosam uenissent comprehensique pestifera lue essent, non prius sanitatem recuperauere quam, aruspicum responsis moniti, aurum argentumque bellis sacrilegiisque quaesitum

[3, 1] Morto Demétrio e eliminado o rival, Perseu era não só mais desleixado como também mais insolente em relação ao pai, e não se portava como o herdeiro do reino, mas como rei. [2] Ofendido por essas ações, Filipe, mais aflito a cada dia, doía-se da morte de Demétrio e, então, suspeitava que fora rodeado de insídias, interrogava os denunciadores e as testemunhas. [3] E, assim, descoberta a fraude, torturava-se não menos pela transgressão de Perseu do que pela morte inocente de Demétrio e teria obtido vingança, se não tivesse sido surpreendido pela morte. [4] Com efeito, pouco tempo depois, morreu de uma enfermidade contraída devido à angústia, tendo deixado um grande preparativo de guerra contra os romanos, que, posteriormente, Perseu usou. [5] Com efeito, também se unira aos gauleses escordiscos em aliança de guerra e teria perpetrado uma guerra severa aos romanos, se não tivesse morrido. [6] E, com efeito, os gauleses, tendo realizado uma guerra contra Delfos<sup>566</sup> sem bons resultados, em que sentiram mais a força do deus do que do inimigo, tendo perdido o comandante Brenno, fugiram, expulsos, parte para a Ásia, parte para a Trácia. [7] De lá, voltaram à sua antiga pátria pelos mesmos passos por que haviam vindo. [8] Um de seus grupos assentou-se próximo à confluência do Danúbio e do Sava e quis ser chamado de escordiscos. [9] Contudo, os tectoságios, quando chegaram à antiga pátria, Tolosa, foram atacados por uma epidemia mortal, e não recuperaram a saúde antes que, advertidos pela resposta dos arúspices, fossem submergidos, no lago de Tolosa, o ouro e a prata obtidos por meio de guerras e sacrilégios; [10] muito tempo depois,

<sup>566</sup> Justino narra tal conflito em 24.6-8.

in Tolosensem lacum mergerent; [10] quod omne magno post tempore Caepio, Romanus consul, abstulit. Fuere autem argenti pondo centum decem milia, auri pondo quinquies decies centum milia. [11] Quod sacrilegium causa excidii Caepioni exercituique eius postea fuit. Romanos quoque Cimbrici belli tumultus uelut ultor sacrae pecuniae insecutus est. [12] Ex gente Tectosagorum non mediocris populus praedae dulcedine Illyricum repetiuit spoliatisque Histris in Pannonia consedit. [13] Histrorum gentem fama est originem a Colchis ducere, missis ab Aeëta rege ad Argonautas, raptores filiae, persequendos; [14] qui ut a Ponto intrauerunt Histrum, alueo Sauis fluminis penitus inuecti uestigia Argonautarum insequentes naues suas umeris per iuga montium usque ad litus Adriatici maris transtulerunt, cognito quod Argonautae idem propter magnitudinem nauis priores fecissent; [15] quos ut auectos Colchi non reppererunt, siue metu regis siue taedio longae nauigationis iuxta Aquileiam consedere Histrique ex uocabulo amnis quo a mari concesserant, appellati. [16] Daci quoque suboles Getarum sunt, qui cum Orole rege aduersus Bastarnas male pugnassent, ob ultionem segnitiae capturi somnum capita locopedum ponere iussu regis cogebantur ministeriaque uxoribus, quae ipsis ante fieri solebant, facere. Neque haec ante mutata sunt

Cepião, côsul romano, levou tudo embora. Havia, não obstante, cento e dez mil libras<sup>567</sup> de prata e um milhão e meio de libras de ouro. [11] Esse sacrilégio foi, posteriormente, a causa da destruição de Cepião e do exército dele. Do mesmo modo, o tumulto da guerra cimbria acometeu os romanos como retaliação pelo dinheiro sagrado. [12] Um bando não pequeno da gente dos tectoságios retomou a Ilíria por causa da atratividade da pilhagem e, tendo espoliado os histros, assentou-se na Panônia. [13] Conta-se que a origem da gente dos histros deriva dos colcos enviados pelo rei Eetes para perseguir os argonautas, sequestradores de sua filha, [14] os quais assim que entraram no Histro a partir do Ponto, tendo-se transportado ao longo do leito do rio Sava, seguindo os vestígios dos argonautas, transferiram suas próprias naus nos ombros através dos cumes dos montes até o mar Adriático, ao saber que, antes, os argonautas fizeram igual devido ao tamanho da nau; [15] como os colcos não encontraram os que partiram, seja por medo do rei, seja pelo tédio da longa navegação, assentaram-se próximo a Aquileia e foram chamados de histros a partir da alcunha da corrente por que se retiraram do mar. [16] Os dácios, do mesmo modo, são descendentes dos getas, os quais, como tinham combatido mal contra os bastarnas no tempo do rei Oroles, em vingança à sua covardia, foram obrigados, por ordem do rei, a pôr as cabeças no lugar dos pés durante o sono e a fazer, às esposas, os serviços que, antes, elas costumavam fazer para eles mesmos. E isso não foi mudado antes que destruíssem, com a bravura, a ignomínia recebida na guerra.

<sup>567</sup> Uma libra tem cerca de 327 g.

quam ignominiam bello acceptam uirtute delerent.

[4, 1] Igitur Perseus, cum imperio Philippi patris successisset, omnes has gentes aduersus Romanos in societatem belli sollicitabat. [2] Interim inter Prusiam regem, ad quem Hannibal post pacem Antiocho a Romanis datam profugerat, et Eumenen bellum ortum est, quod Prusias Hannibalis fiducia rupto foedere prior intulit. [3] Namque Hannibal, cum ab Antiocho Romani inter ceteras condiciones pacis deditionem eius deposcerent, admonitus a rege in fugam uersus Cretam defertur. [4] Ibi cum diu quietam uitam egisset inuidiosumque se propter nimias opes uideret, amphoras plumbo repletas in templo Dianae, quasi fortunae suae praesidia, deponit [5] atque ideo nihil de illo sollicita ciuitate, quoniam uelut pignus opes eius tenebat, ad Prusiam contendit, auro suo in status, quas secum portabat, infuso, ne conspectae opes uitae nocerent. [6] Dein cum Prusias terrestri bello ab Eumene uictus esset et proelium in mare transtulisset, Hannibal nouo commento auctor uictoriae fuit; quippe omne serpentium genus in fictiles lagoenas coici iussit medioque proelio in naues hostium mittit. [7] Id primum Ponticis ridiculum uisum fictilibus dimicare, qui ferro nequeant. Sed ubi serpentibus coepere naues repleri ancipiti periculo circumuenti hosti uictoriam cesserunt. [8] Quae ubi Romam nuntiata sunt, missi a senatu legati sunt, qui utrumque regem

[4, 1] Então, Perseu, como sucedera a seu pai Filipe na soberania, solicitava a todas essas gentes uma aliança de guerra contra os romanos. [2] Entrementes, irrompeu uma guerra entre Eumênes e o rei Prúsias – para junto de quem Aníbal fugira após a paz ser outorgada a Antíoco pelos romanos –, na qual Prúsias, com confiança em Aníbal, foi o primeiro a entrar, rompida a aliança. [3] E, com efeito, como os romanos exigiam de Antíoco, entre outras condições de paz, a entrega dele, Aníbal, aconselhado pelo rei, posto em fuga, transfere-se para Creta. [4] Ali, por um longo tempo, leva uma vida pacífica. Quando se vê sendo odiado devido às suas riquezas excessivas, deposita umas ânforas repletas de chumbo no templo de Diana, como se para a defesa de sua própria fortuna, [5] e, por isso, estando a cidade com ele nada preocupada, porque tinha as riquezas dele como uma segurança, ele encaminha-se até Prúsias, com seu próprio ouro – que levava consigo – fundido em estátuas, para que as riquezas visíveis não prejudicassem sua vida. [6] Depois, quando Prúsias foi vencido por Eumênes em guerra terrestre e tendo transferido a batalha para o mar, Aníbal, com um novo projeto, foi o autor da vitória, porque ordenou que fosse reunida toda espécie de serpentes em jarros de barro e, no meio da batalha, joga-os nas naus dos inimigos. [7] Em princípio, pareceu ridículo aos pânticos lutar com barro o que não podiam com o ferro, mas quando as naus começaram a se encher de serpentes, cercados por um duplo perigo, cederam a vitória ao inimigo. [8] Quando isso foi anunciado em Roma, foram enviados, pelo senado, embaixadores, para obrigar um e outro rei à paz e reclamar Aníbal. Contudo, Aníbal, ao saber disso, tendo tomado



in pacem cogent Hannibalemque deposcerent. Sed Hannibal re cognita sumpto ueneno legationem morte praeuenit. [9] Insignis hic annus trium toto orbe maximorum imperatorum mortibus fuit, Hannibalis et Philopoemenis et Scipionis Africani. [10] Ex quibus constat Hannibalem nec tum, cum Romano tonantem bello Italia contremuit, nec cum reuersus Karthaginem summum imperium tenuit, aut cubantem cenasse aut plus quam sextario uini indulsisse [11] pudicitiamque eum tantam inter tot captiuas habuisse, ut in Africa natum quiuis negaret. [12] Moderationis certe eius fuit ut, cum diuersarum gentium exercitus rexerit, neque insidiis suorum militum sit petitus umquam neque fraude proditus, cum utrumque hostes saepe temptassent.

### LIBER XXXIII

[1, 1] Minore quidem rerum motu Romani Macedonicum quam Punicum bellum gesserunt, sed tanto clarius quanto nobilitate Macedones Poenos antecesserunt, quippe cum gloria Orientis domiti, tum et auxilio omnium regum iuuabantur. [2] Itaque Romani et legiones plures numero conscripserunt et auxilia a Masinissa, rege Numidarum, et ceteris omnibus sociis acciuerunt, et Eumeni,

veneno, antecipou sua morte à embaixada. [9] Este ano foi notável pela morte de três dos maiores generais de todo o orbe: Aníbal, Filopêmene e Cipião Africano. [10] Dentre estes, é evidente que Aníbal, então, nem quando a Itália tremeu com ele retumbando na guerra romana, nem quando, de volta a Cartago, reteve a suma soberania, jantava deitado ou se permitiu mais do que um sextário<sup>568</sup> de vinho, [11] e havia nele tamanho pudor em meio a tantas cativas que qualquer um negaria que (ele) tivesse nascido na África. [12] Certamente, a moderação dele foi tal que, enquanto regia um exército de gentes diversas, não foi atacado pelas insídias de seus próprios soldados e nunca foi traído com fraude, ainda que os inimigos, muitas vezes, tenham tentado um e outro.

### Livro XXXIII<sup>569</sup>

[1, 1] Os romanos, certamente, travaram a guerra macedônica com menos comoção do que a púnica, mas com tanto mais notabilidade quanto nobreza, pois os macedônios eram superiores aos penos, já que tinham as vantagens da glória de terem dominado o Oriente e, então, do auxílio de todos os reis. [2] E, assim, os romanos alistaram um número maior de legiões, convocaram as tropas auxiliares de Masinissa, rei dos númidas, e de todos os

<sup>568</sup> Corresponde a 1/6 de um côngio (cerca de 3,5 l), assim, Aníbal bebia não mais do que cerca de 600 ml de vinho.

<sup>569</sup> O livro também integra o recorte de Mello (2022, p. 92-4), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

regi Bithyniae, denuntiatur ut bellum summis uiribus iuuaret. [3] Perso praeter Macedonicum inuictae opinionis exercitum decennis belli sumptus a patre paratus in thesauris et horreis erat. Quibus rebus inflatus oblitus fortunae paternae ueterem Alexandri gloriam considerare suos iubebat. [4] Prima equitum congressio fuit, qua uictor Perses suspensam omnium expectationem in fauorem sui traxit; [5] misit tamen legatos ad consulem qui pacem peterent quam patri suo Romani etiam uicto dedissent, inpensas belli lege uicti suscepturus. Sed consul P. Licinius non minus graues quam uicto leges dixit. [6] Dum haec aguntur, metu tam periculosi belli Romani Aemilium Paulum consulem creant eique extra ordinem Macedonicum bellum decernunt; qui cum ad exercitum uenisset, non magnam moram pugnae fecit. [7] Pridie quam proelium consereretur luna nocte defecit, id portentum Perso omnibus praesagantibus finemque Macedonici regni portendi uaticinantibus.

[2, 1] In ea pugna M. Cato, oratoris filius dum inter confertissimos hostes insigniter dimicat, equo delapsus pedestre proelium adgreditur. [2] Nam cadentem manipulus hostium cum horrido clamore ueluti iacentem obtruncaturus circumsteterat; at ille citus corpore collecto magnas strages edidit. [3] Cum ad unum opprimendum undique hostes conuolarent,

outros aliados e mandaram Eumênes, rei da Bitínia<sup>570</sup>, apoiar a guerra com suas melhores tropas. [3] Perseu, além do exército macedônico de fama invicta, munido por seu pai, estava preparado em tesouros e grãos para dez anos de guerra. Por isso, pretensioso, esquecida a sorte paterna, ordenava aos seus que pensassem na glória de Alexandre. [4] O primeiro ataque foi da cavalaria, em que Perseu, vitorioso, atraiu a seu favor a expectativa incerta de todos; [5] enviou, contudo, embaixadores ao cônsul para pedir a paz que também os romanos tinham concedido a seu pai vencido; pagaria as despesas da guerra pela lei dos vencidos. Mas o cônsul P. Licínio disse que as leis não seriam menos severas do que (as aplicadas) a um vencido. [6] Enquanto essas ações sucedem-se, os romanos, com medo de uma guerra tão perigosa, elegem o cônsul Emílio Paulo e o encarregam, em caráter excepcional, da guerra macedônica; quando esse chegou ao exército, não fez demorar mais o combate. [7] Na noite do dia anterior àquele em que a batalha foi travada, a lua eclipsou-se, pressagiando todos que esse agouro era a Perseu e vaticinando que agourava o fim do reino macedônico.

[2, 1] Nesse combate, M. Catão, filho do orador, enquanto luta entre os adversários muito cerrados, caído do cavalo, avança para batalha a pé. [2] Com efeito, ao ser derrubado, um manípulo de inimigos, com horrído clamor, havia-o rodeado como se para assassiná-lo enquanto jazia; mas ele, rápido, tendo-se recomposto, causou grandes destruições. [3] Enquanto os adversários voluiam de todos os lados para esmagar a um só, no momento em que ataca alguém alto, a

<sup>570</sup> Eumênes II era rei do Pérgamo, conforme aparece em Just. 32.4.2, e não da Bitínia.

dum procerum quendam petit, gladius ei e manu elapsus in mediam cohortem hostium decidit; [4] ad quem recuperandum umbone se protegens inspectante utroque exercitu inter hostium mucrones sese inmersit recollectoque gladio multis uulneribus exceptis ad suos cum clamore hostium reuertitur. Huius audaciam ceteri imitati uictoriam peperere. [5] Perses rex fuga cum decem milibus talentum Samothraciam defertur, quem Cn. Octavius ad persequendum missus a consule cum duobus filiis, Alexandro et Philippo, cepit captumque ad consulem adduxit. [6] Macedonia a Carano, qui primus in ea regnauit, usque Persen XXX reges habuit. Quorum sub regno fuit quidem annis DCCCCXXIV, sed rerum non nisi CL duobus annis potita. [7] Ita cum in dicionem Romanorum cecisset, magistratibus per singulas ciuitates constitutis libera facta est legesque quibus adhuc utitur, a Paulo accepit. [8] Aetolorum uniuersarum urbium senatus cum coniugibus et liberis qui dubia fide fuerant, Romam missus, ibique, ne in patria aliquid nouaret, diu detentus, aegreque post multos annos legationibus ciuitatum senatu fatigato in patriam quisque suam remissus est.

espada, escapando da mão dele, despenha em meio à hoste de inimigos; [4] para a recuperar, protegendo-se com o escudo, à vista de ambos os exércitos, mergulhou entre os agulhões dos inimigos e, retomada a espada, com muitas feridas recebidas, retorna aos seus em meio ao clamor dos inimigos. Os demais, tendo imitado a audácia dele, alcançaram a vitória. [5] O rei Perseu põe-se em fuga para a Samotrácia com dez mil talentos<sup>571</sup>; Cn. Otávio, enviado pelo cônsul para persegui-lo, o prendeu junto com seus dois filhos, Alexandre e Filipe, e o levou, capturado, até o cônsul. [6] A Macedônia teve, até Perseu, trinta reis desde Carano, o primeiro a reinar sobre ela. Certamente, esteve sob o poder deles por novecentos e vinte e quatro anos<sup>572</sup>, mas, destes, não foi soberana senão por cinquenta e dois anos. [7] Assim, quando passou à autoridade dos romanos, estabelecidos magistrados para cada uma das cidades, foi libertada e recebeu, de Paulo, as leis que até hoje são usadas. [8] Os senadores de todas as urbes dos etólios que tiveram uma lealdade dúbia foram enviados a Roma junto às esposas e aos filhos e ali foram detidos por um longo tempo, para que não se agitassem na pátria, e a custo, após muitos anos, tendo fatigado o senado com as embaixadas das cidades, cada um foi devolvido à sua própria pátria.

<sup>571</sup> O valor do talento varia de acordo com a época e o povo. O talento ático pesava cerca de 26 kg, enquanto o romano, cerca de 32 kg.

<sup>572</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), há uma variação deste número nos manuscritos, ocorrendo 924, 934, 914 e 904; de todo modo, segunda metade do século X AEC.

## LIBER XXXIV

[1, 1] Poenis ac Macedonibus subactis Aetolorumque uiribus principum captiuitate debilitatis soli adhuc ex Graecia uniuersa Achaei nimis potentes tunc temporis Romanis uidebantur, non propter singularum ciuitatum nimias opes, sed propter conpirationem uniuersarum. [2] Namque Achaei, licet per ciuitates ueluti per membra diuisi sint, unum tamen corpus et unum imperium habent singularumque urbium pericula mutuis uiribus propulsant. [3] Quaerentibus igitur Romanis causas belli tempestiue Fortuna querelas Spartanorum obtulit, quorum agros Achaei propter mutuum odium populabantur. [4] Spartanis a senatu responsum est, legatos se ad inspiciendas res sociorum et ad iniuriam demendam in Graeciam missuros; [5] sed legatis occulta mandata data sunt, ut corpus Achaeorum dissoluerent singulasque urbes proprii iuris facerent, quo facilius et ad obsequium cogerentur et, si quas urbes contumaces essent, frangerentur. [6] Igitur legati omnium ciuitatum principibus Corinthum euocatis decretum senatus recitant, quid consilii habeant aperiant; [7] expedire omnibus dicunt ut singulae ciuitates sua iura et suas leges habeant. [8] Quod ubi omnibus innotuit, ueluti in furorem uersi uniuersum peregrinum populum trucidant; [9] legatos

Livro XXXIV<sup>573</sup>

[1, 1] Subjugados pelos penos e pelos macedônios, e debilitadas as forças militares dos etólios pelo cativo dos nobres, neste ponto, da Grécia inteira, somente os aqueus pareciam ser, aos romanos, potentes em demasia, naquele tempo, não devido às excessivas riquezas de cada uma das cidades, mas devido à conspiração de todas elas. [2] E, de fato, os aqueus, ainda que estejam divididos pelas cidades como em membros, têm, contudo, um único corpo e uma única soberania e rechaçam o perigo de cada uma das urbes com mútuas forças militares. [3] Procurando, então, os romanos, causas para a guerra, a Fortuna, oportunamente, apresenta as queixas dos espartanos, cujos campos os aqueus haviam saqueado devido a um ódio mútuo. [4] A resposta do senado aos espartanos foi que seriam enviados, à Grécia, embaixadores para inspecionar a situação dos aliados e coibir as injúrias; [5] mas foram dados mandados ocultos aos embaixadores para que dissolvessem o corpo dos aqueus e fizessem independentes cada uma das urbes para que fossem coagidas à submissão mais facilmente e, se algumas urbes fossem desobedientes, que fossem aniquiladas. [6] Então, os embaixadores, tendo convocado os nobres de todas as cidades a Corinto, recitam o decreto do senado, expõem aquele plano que tinham: [7] dizem ser vantajoso a todos que cada uma das cidades tenha sua própria justiça e suas próprias leis. [8] Quando isso veio ao conhecimento de todos, como se vertidos em violência, trucidam os povos estrangeiros inteiros; [9] teriam assolado, do mesmo modo, os próprios embaixadores dos

<sup>573</sup> O livro também integra o recorte de Mello (2022, p. 94-8), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

quoque ipsos Romanorum uiolassent ni audito tumultu trepidi fugissent.

[2, 1] Haec ubi Romam nuntiata sunt, statim senatus Mummio consuli bellum Achaicum decernit, qui extemplo exercitu deportato et omnibus strenue prouisis pugnandi copiam hostibus fecit. [2] Sed Achaei ueluti nihil negotii Romano bello suscepissent, ita apud eos neglecta et soluta omnia fuere. [3] Itaque praedam, non proelium cogitantes et uehicula ad spolia hostium reportanda adduxerunt et coniuges liberosque suos ad spectaculum certaminis in montibus posuerunt. [4] Sed proelio commisso ante oculos suorum caesi lugubre his spectaculum et grauem luctus memoriam reliquerunt. [5] Coniuges quoque liberique eorum de spectatoribus captiui facti praeda hostium fuere. [6] Vrbs ipsa Corinthus diruitur, populus omnis sub corona uenditur, ut hoc exemplo ceteris ciuitatibus metus nouarum rerum inponeretur. [7] Dum haec aguntur, rex Syriae Antiochus Ptolomeo, maiori sororis suae filio, regi Aegypti, bellum infert, segni admodum et cotidiana luxuria ita marcenti, ut non solum regiae maiestatis officia intermitteret, uerum etiam sensu hominis nimia sagina careret. [8] Pulsus igitur

romanos se, ouvido o tumulto, não tivessem fugido, aterrados.

[2, 1] Quando essas (notícias) são anunciadas em Roma, sem demora, o senado delega a guerra aqueia ao cônsul Múmio, o qual, imediatamente, transportado o exército e, tendo diligentemente tudo meditado, deu a oportunidade aos inimigos de combater. [2] Mas os aqueus, como se nenhuma preocupação divisassem com a guerra romana, (comportaram-se) de modo que todas as ações entre eles fossem negligenciadas e desunidas. [3] E, assim, pensando na pilhagem, não na batalha, também levaram veículos para transportar os espólios do inimigo e puseram as esposas e seus próprios filhos nos montes para o espetáculo da peleja. [4] Mas, iniciado o combate, massacrados diante dos olhos dos seus, deixaram a eles um lúgubre espetáculo e a severa memória do luto. [5] As esposas e os filhos deles, do mesmo modo, foram feitos de espectadores em cativos, pilhagem do inimigo. [6] A própria urbe de Corinto é arruinada, toda a população é vendida coroada<sup>574</sup>, para que, com esse exemplo, se incutisse medo de novas ações nas demais cidades. [7] Enquanto essas ações sucedem-se, o rei da Síria, Antíoco, lança guerra ao rei do Egito, Ptolomeu, filho mais velho de sua própria irmã, assaz indolente e de tal forma entorpecido pela luxúria cotidiana, que não só negligenciava os deveres da majestade real, como também carecia de sentimento humano devido à excessiva gordura<sup>575</sup>. [8]

<sup>574</sup> Os prisioneiros de guerra eram leiloados enquanto usavam coroas de flores (Saraiva, 2006 [1927], p. 316).

<sup>575</sup> Como se verá em Just. 38.8.9-10, a descrição da obesidade é também utilizada para se referir a Ptolomeu VIII, conhecido como Fiscão, ou seja, “o Barrigudo”; este aparece logo na seção seguinte (Just. 34.2.8) e é o irmão mais novo de Ptolomeu VI, de quem Justino trata neste trecho. É possível encontrar representações em que Ptolomeu VIII, de fato, tem o rosto mais cheio do que parece ocorrer com aquelas em que há Ptolomeu VI (cf. American, 2020a, recurso online e American, 2020b, recurso online). Segundo Edwyn Bevan (1927, p. 305), Políbio apresenta

regno ad fratrem minorem Ptolomeum Alexandream confugit participatoque cum eo regno legatos Romam ad senatum mittunt, auxilia petunt, fidem societatis inplorant. Mouere senatum preces fratrum.

[3, 1] Mittitur itaque legatus Popilius ad Antiochum, qui abstinere illum Aegypto aut, si iam incessisset, excedere iuberet. [2] Cum in Aegypto eum inuenisset osculumque ei rex obtulisset – nam coluerat inter ceteros Lucium Popilium Antiochus, cum obses Romae esset –, tunc Popilius facessere interim priuatam amicitiam iubet, cum mandata patriae intercedant; [3] prolatoque senatus decreto et tradito, cum cunctari eum uideret consultationemque ad amicos referre, ibi Popilius uirga quam in manu gerebat amplo circulo inclusum ut amicos caperet, consulere eos iubet nec prius inde exire, quam responsum senatui daret, aut pacem aut bellum cum Romanis habiturum. [4] Adeoque

Expulso, então, do reino, refugiou-se junto a seu irmão menor, Ptolomeu, em Alexandria, e, dividido o reino com ele, enviam embaixadores a Roma, pedem tropas auxiliares para o senado, imploram por fidelidade à aliança. As preces dos irmãos comovem o senado.

[3, 1] E, assim, Popílio é enviado como embaixador a Antíoco; ordenam que ele se abstinêsse do Egito, ou, se já tivesse avançado, que saísse. [2] Como o tinha encontrado no Egito, e o rei oferecera-lhe um beijo – com efeito, Antíoco estimara Lúcio Popílio mais que os demais, quando tinha sido refém em Roma –, então, Popílio ordena deixar de lado a amizade privada, enquanto se apresentam os mandatos da pátria; [3] e, exibido e confiado o decreto do senado, como via que ele hesitava e se reportava aos amigos para consulta, ali, Popílio, com o cajado que trazia na mão, tendo-o encurralado em um amplo círculo de modo que retivesse os amigos, ordena que eles deliberassem e não o deixassem antes que dessem ao senado a resposta: ou teriam a paz ou a guerra com os romanos. [4] E essa rigidez abalou a tal ponto o ânimo do rei, que respondeu que obedeceria ao senado. [5] De

---

Ptolomeu VI como sendo nobre em suas ações e valoroso em batalha, mas entregue à inércia nos momentos de calmaria, o que se alinha com a primeira parte da descrição de Justino aqui. Para o autor, este retrato da obesidade do rei não combinaria com as ações que ele desempenhou, mas é possível que Justino crie a caricatura exagerando o que diz Políbio, o qual estava em uma posição histórica que lhe permitiria dar uma descrição mais precisa (Bevan, 1927, p. 305). Considerando que, na maior parte do tempo, Justino omite os qualificadores dos reis que, teoricamente, apareciam em Pompeio Trogo, como ocorre nos *Prólogos*, há também a possibilidade de que ele tenha confundido um irmão com o outro nesta passagem, já que são homônimos. Em Políbio, no qual a decisão de fugir é considerada fruto da má influência de um amigo do rei, consta: “Si todo le hubiera ocurrido a Ptolomeo por naturaleza, deberíamos reprochar a ésta y no echar las culpas a ninguna causa exterior, pero, puesto que en las acciones posteriores la naturaleza dio razón de sí misma, demostrando que Ptolomeo fue un hombre firme y noble en medio de los peligros, es lógico y se cae de su peso que la causa de aquella retirada hacia Samotracia, de la cobardía que entonces le asaltó, debe retrotraerse al eunuco, a la familiaridad del rey con él.” (trad. M. B. Recort); “[5] ἐπειδὴ δὲ διὰ τῶν μετὰ ταῦτα πράξεων ἢ φύσις ὑπὲρ αὐτῆς ἀπελογήθη, δείξασα τὸν Πτολεμαῖον καὶ στάσιμον ἰκανῶς καὶ γενναῖον ἐν τοῖς κινδύνοις ὑπάρχοντα, δῆλον ὡς εἰκότως ἂν τις τῆς τότε περὶ αὐτὸν γενομένης ἀγεννίας καὶ τῆς ὀρμῆς τῆς εἰς τὴν Σαμοθράκην τὴν αἰτίαν ἐπὶ τὸν σπάδωνα καὶ τὴν τούτου συντροφίαν ἀναφέρῃ. —” (Plb. 28.21.5).

haec asperitas animum regis fregit, ut pariturum se senatui responderet. [5] Reuersus in regnum Antiochus decedit relicto paruulo admodum filio, [6] cui cum tutores dati a populo essent, patruus eius Demetrius, qui obses Romae erat, cognita morte fratris Antiochi senatum adiit: obsidem se uiuo fratre uenisse, quo mortuo cuius obses sit, se ignorare. [7] Dimitti igitur se ad regnum petendum aequum esse quod, iure gentium maiori fratri cesserit, ita nunc sibi, qui pupillum aetate antecedit, deberi. [8] Cum se non dimitti animaduerneret a senatu, tacito iudicio tutius apud pupillum quam apud eum regnum futurum arbitrante, specie uenandi ab urbe profectus Ostiis tacitus cum fugae comitibus nauem conscendit. [9] Delatus in Syriam secundo fauore omnium excipitur, regnumque ei occiso pupillo ac tutoribus traditur.

[4, 1] Eodem fere tempore Prusias, rex Bithyniae, consilium cepit interficiendi Nicomedis filii dum consulere studet minoribus filiis quos ex nouerca eius susceperat et Romae habebat. [2] Sed res adulescenti ab iis qui facinus susceperant proditur hortatique sunt, ut crudelitate patris prouocatus occupet insidias et in auctorem retorqueat scelus. Nec difficilis persuasio fuit. [3] Igitur cum accitus in regnum patris uenisset, statim rex appellatur. [4] Prusias regno spoliatus a filio priuatusque redditus etiam a seruis deseritur. [5] Cum in latebris

volta ao reino, Antíoco morreu, deixando um filho ainda pequenino. [6] Como lhe foram dados tutores pela população, o tio paterno dele, Demétrio, que era refém em Roma, conhecida a morte do irmão, Antíoco, apresentou-se ao senado: viera como refém com o irmão vivo, com ele morto, não sabia por quem era refém. [7] Então, seria razoável que fosse libertado para reclamar o reino, que, por direito das gentes, fora cedido a seu irmão maior, assim, agora, era devido a si, que precedia por idade ao órfão. [8] Como compreendeu que não seria libertado pelo senado, que, em tácito julgamento, pensa que o reino estaria mais seguro junto ao órfão do que junto a ele, saído da urbe com o pretexto de caçar, embarca, tácito, em uma nau em Óstia com uns companheiros de fuga. [9] Levado à Síria, é recebido com o próspero favor de todos, e, morto o órfão e seus tutores, o reino é entregue a ele.

[4, 1] Quase ao mesmo tempo, Prúsias, rei da Bitínia, tomou a decisão de assassinar o filho, Nicomedes, enquanto busca cuidar de seus filhos mais novos que tivera com a madrasta dele e que mantinha em Roma. [2] Mas tal fato é revelado ao adolescente por aqueles que foram encarregados da falta e o exortam para que, provocado pela crueldade do pai, anteceda-se às insídias e reverta o crime ao autor. E também não foi difícil de o persuadir. [3] Então, quando, chamado, chegou ao reino do pai, sem demora, é chamado de rei. [4] Prúsias, espoliado do reino pelo filho e restituído à vida de particular, foi abandonado também pelos servos. [5] Enquanto ficava em esconderijos, foi assassinado pelo filho, em não menor transgressão do que quando ordenara matar o

ageret, non minore scelere quam filium occidi  
iusserat, a filio interficitur.

filho.

#### LIBER XXXV

[1, 1] Demetrius occupato Syriae regno nouitati suae otium periculosum ratus ampliare fines regni et opes augere finitimorum bellis statuit. [2] Itaque Ariarathi, regi Cappadociae, propter fastiditas sororis nuptias infestus fratrem eius Orophernen per iniuriam regno pulsum supplicem recepit, datumque sibi honestum belli titulum gratulatus restituere eum in regnum statuit. [3] Sed Orophernes ingrato animo inita cum Antiochensibus pactione, offensis tunc Demetrio, pellere ipsum regno, a quo restituebatur, consilium cepit. [4] Quo cognito Demetrius uitae quidem eius, ne Ariarathes metu fraterni belli liberaretur, pepercit, ipsum autem comprehensum uinctum Seleucia custodiri iubet. [5] Nec Antiochenses indicio territi a defectione destiterunt. [6] Itaque adiuuantibus et Ptolomeo, rege Aegypti, et Attalo, rege Asiae, et Ariarathe Cappadociae, bello a Demetrio laccessiti subornant propolam quendam, sortis extremae iuuenem, qui Syriae regnum uelut paternum armis repeteret, [7] et ne quid contumeliae deesset, nomen ei Alexandri inditur genitusque ab Antiocho rege dicitur. [8] Tantum odium Demetrii apud omnes erat ut aemulo eius non uires tantum regiae, uerum etiam generis nobilitas consensu

#### Livro XXXV

[1, 1] Demétrio, tendo ocupado o reino da Síria, certo de que o ócio seria perigoso à sua própria inexperiência, decidiu ampliar as fronteiras do reino e aumentar suas riquezas com guerras com os vizinhos. [2] E, assim, hostil a Ariarate, rei da Capadócia, devido a seu desdém pelas núpcias com sua irmã, recebeu o irmão dele, o suplicante Orofernes, que fora expulso do reino por uma injúria, e, regozijado por lhe ter sido dado um pretexto honesto para a guerra, decidiu restituí-lo ao reino. [3] Mas, Orofernes, com ânimo ingrato, tendo iniciado um pacto com os antioquenses, que se opunham a Demétrio naquele momento, criou um plano para rechaçar do reino aquele por quem fora restituído. [4] Consciente disso, Demétrio, de fato, poupou a vida dele para que Ariarate não se libertasse do medo de uma guerra fraterna, entretanto, ordena que ele, apanhado, fique preso sob custódia em Selêucia. [5] Os antioquenses, não aterrorizados pela informação, não desistem de sua deserção. [6] E, assim, ajudados por Ptolomeu, rei do Egito, Átalo, rei da Ásia, e também Ariarate, da Capadócia, na guerra a Demétrio, subornam um vendedor qualquer, um jovem da mais baixa condição, para que reclamasse, pelas armas, o reino da Síria como se fosse de seu pai, [7] e, para que não faltasse afronta alguma, colocam-lhe o nome de Alexandre e se diz que é descendente do rei Antíoco. [8] O ódio a Demétrio junto a todos era tamanho que, com o consenso de todos, eram atribuídas ao rival dele não só as forças militares régias, como também a nobreza da linhagem. [9] Então, Alexandre,



omnium tribueretur. [9] Igitur Alexander admirabili rerum uarietate, pristinarum sordium oblitus, totius ferme Orientis uiribus succinctus bellum Demetrio infert uictumque uita pariter ac regno spoliatur. [10] Quamquam nec Demetrio animus in propulsando bello defuit. Nam et primo proelio hostem fugauit et regibus bellum restituentibus multa milia in acie cecidit. [11] Ad postremum tamen inuicto animo inter confertissimos fortissime dimicans cecidit.

[2, 1] Início da guerra, Demétrio confiara seus dois filhos aos cuidados de seu próprio hóspede de Cnido com uma grande quantidade de ouro, para que escapassem do perigo da guerra e, se assim o acaso tivesse encaminhado, observassem a vingança paterna. [2] O maior deles, Demétrio, passados seus anos de puberdade, tendo ouvido sobre a luxúria de Alexandre, a quem as riquezas inesperadas e os ornamentos de uma ventura estranha mantinham inerte no palácio como um cativo entre bandos de concubinas, ataca, com as tropas auxiliares cretenses, o sujeito tranquilo que nada temia de hostil. [3] Os antioquenses, do mesmo modo, para corrigir a antiga ofensa ao pai com um novo mérito, entregam-se a ele; mas também os soldados paternos, inflamados em favor ao jovem, preferindo o juramento religioso anterior à soberba do novo rei, transferem seus estandartes a Demétrio. [4] E, assim, Alexandre, destruído por um ímpeto da fortuna não menor do que aquele por que fora alentado, vencido na primeira batalha, é assassinado; e pagou as penas a Demétrio, a quem matara, e também a Antíoco, de quem mentira ter sido gerado.

[2, 1] Início da guerra, Demétrio confiara seus dois filhos aos cuidados de seu próprio hóspede de Cnido com uma grande quantidade de ouro, para que escapassem do perigo da guerra e, se assim o acaso tivesse encaminhado, observassem a vingança paterna. [2] O maior deles, Demétrio, passados seus anos de puberdade, tendo ouvido sobre a luxúria de Alexandre, a quem as riquezas inesperadas e os ornamentos de uma ventura estranha mantinham inerte no palácio como um cativo entre bandos de concubinas, ataca, com as tropas auxiliares cretenses, o sujeito tranquilo que nada temia de hostil. [3] Os antioquenses, do mesmo modo, para corrigir a antiga ofensa ao pai com um novo mérito, entregam-se a ele; mas também os soldados paternos, inflamados em favor ao jovem, preferindo o juramento religioso anterior à soberba do novo rei, transferem seus estandartes a Demétrio. [4] E, assim, Alexandre, destruído por um ímpeto da fortuna não menor do que aquele por que fora alentado, vencido na primeira batalha, é assassinado; e pagou as penas a Demétrio, a quem matara, e também a Antíoco, de quem mentira ter sido gerado.

[4] Atque ita Alexander, non minore impetu fortunae destructus quam elatus, primo proelio uictus interficitur; deditque poenas et Demetrio, quem occiderat, et Antiocho, cuius mentitus originem fuerat.

por uma admirável variação de circunstâncias, esquecido de sua antiga sordidez, leva guerra a Demétrio munido com as forças militares do Oriente quase inteiro e espolia o vencido, ao mesmo tempo, da vida e do reino, [10] ainda que não tenha faltado ânimo a Demétrio para rechaçar a guerra. Com efeito, na primeira batalha, pôs em fuga o inimigo e, tendo os reis restituído a guerra, abateu muitos milhares em linha. [11] Por fim, contudo, foi abatido com ânimo invicto, lutando com a maior coragem entre os esquadrões mais cerrados.

[2, 1] No início da guerra, Demétrio confiara seus dois filhos aos cuidados de seu próprio hóspede de Cnido com uma grande quantidade de ouro, para que escapassem do perigo da guerra e, se assim o acaso tivesse encaminhado, observassem a vingança paterna. [2] O maior deles, Demétrio, passados seus anos de puberdade, tendo ouvido sobre a luxúria de Alexandre, a quem as riquezas inesperadas e os ornamentos de uma ventura estranha mantinham inerte no palácio como um cativo entre bandos de concubinas, ataca, com as tropas auxiliares cretenses, o sujeito tranquilo que nada temia de hostil. [3] Os antioquenses, do mesmo modo, para corrigir a antiga ofensa ao pai com um novo mérito, entregam-se a ele; mas também os soldados paternos, inflamados em favor ao jovem, preferindo o juramento religioso anterior à soberba do novo rei, transferem seus estandartes a Demétrio. [4] E, assim, Alexandre, destruído por um ímpeto da fortuna não menor do que aquele por que fora alentado, vencido na primeira batalha, é assassinado; e pagou as penas a Demétrio, a quem matara, e também a Antíoco, de quem mentira ter sido gerado.

## LIBER XXXVI

[1, 1] Recuperato paterno regno Demetrius, et ipse rerum successu corruptus, uitiis adulescentiae in segnitiam labitur tantumque contemptum apud omnes inertiae, quantum odium ex superbia pater habuerat, contraxit. [2] Itaque cum ab imperio eius passim ciuitates deficerent, ad abolendam segnitiae maculam bellum Parthis inferre statuit; [3] cuius aduentum non inuiti Orientis populi uidere et propter Arsacidae, regis Parthorum, crudelitatem et quod ueteri Macedonum imperio adsueti noui populi superbiam indigne ferebant. [4] Itaque cum et Persarum et Elymaeorum Bactrianorumque auxiliis iuuaretur, multis proeliis Parthos fudit. [5] Ad postremum tamen pacis simulatione deceptus capitur traductusque per ora ciuitatum populis, qui descuerant, in ludibrium fauoris ostenditur. [6] Missus deinde in Hyrcaniam benigne et iuxta cultum pristinae fortunae habetur. [7] Dum haec aguntur, interim in Syria Trypho, qui se tutorem Antiocho, Demetrii priuigno, substitui a populo laborauerat, occiso pupillo regnum Syriae inuadit. [8] Quo diu potitus tandem exsolescente fauore recentis imperii ab Antiocho, puero admodum, Demetrii fratre, qui in Asia educabatur, bello uincitur, rursusque regnum Syriae ad subolem Demetrii

Livro XXXVI<sup>576</sup>

[1, 1] Tendo recuperado o reino paterno, e sendo ele mesmo corrompido pelo sucesso de suas circunstâncias, Demétrio desliza dos vícios da adolescência para a ociosidade e ajunta, em todos, tanto desprezo por sua inércia, quanto o ódio que seu pai havia (ajuntado) por causa de sua soberba. [2] E, assim, enquanto as cidades, aqui e ali, desertavam da soberania dele, decidiu levar guerra aos partas para abolir a mácula de sua ociosidade. [3] Os povos do Oriente viram a chegada dele não a contragosto, devido à crueldade de Arsácides, rei dos partas, e também porque, acostumados com a antiga soberania dos macedônios, indignavam-se com a soberba do novo povo. [4] E, assim, enquanto era ajudado pelas tropas auxiliares dos persas, dos elímeos, e dos báctrias, derrubou os partas em muitas batalhas. [5] Por fim, contudo, enganado por uma simulação de paz, foi capturado e, levado diante dos povos das cidades que o tinham abandonado, foi exposto como chacota ao seu favor. [6] Enviado, logo, à Hircânia, foi tratado bondosamente e cuidado de um modo próximo ao de sua fortuna inicial. [7] Enquanto essas ações sucedem-se, nesse ínterim, na Síria, Trifão, que trabalhara para que fosse posto, pelo povo, como tutor de Antíoco, enteado de Demétrio, tendo matado seu pupilo, apodera-se do reino da Síria. [8] Tendo reinado por muito tempo, enfim, com o favor à soberania recente diminuindo, é vencido em guerra por Antíoco, ainda moço, irmão de Demétrio, o qual foi educado na Ásia, e o reino da Síria é, novamente, retornado à linhagem de Demétrio. [9] Então, Antíoco, lembrando que o pai fora

<sup>576</sup> Os trechos Just. 36.3.8-9 e 36.4 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 98-100), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

reuertitur. [9] Igitur Antiochus, memor quod et pater propter superbiam inuisus et frater propter segnitiam contemptus fuisset, ne in eadem uitia incideret, recepta in matrimonium Cleopatra, uxore fratris, ciuitates, quae initio fraterni imperii defecerant, summa industria persequitur, domitasque rursus regni terminis adicit; [10] Iudaeos quoque, qui a Macedonico imperio sub Demetrio patre armis se in libertatem uindicauerant, subegit. Quorum uires tantae fuere, ut post hunc nullum Macedonum regem tulerint domesticisque imperiis usi Syriam magnis bellis infestauerint.

[2, 1] Namque Iudaeis origo Damascena, Syriae nobilissima ciuitas, unde et Assyriis regibus genus et reginae Samiramidi fuit. [2] Nomen urbi a Damasco rege inditum, in cuius honorem Syri sepulcrum Arates, uxoris eius, pro templo coluere, deamque exinde sanctissimae religionis habent. [3] Post Damascum Azelus, mox Adores et Abrahames et Israhel reges fuere. [4] Sed Israhel felix decem filiorum prouentus maioribus suis clariorem fecit. [5] Itaque populum in decem regna diuisum filiis tradidit, omnesque ex nomine Iudae, qui post diuisionem decesserat, Iudaeos appellauit colique memoriam eius ab omnibus iussit, cuius portio omnibus

odiado devido à sua soberba e também o irmão desprezado devido à sua ociosidade, para que não caísse nos mesmos vícios, tendo recebido Cleópatra, esposa do irmão, em matrimônio, persegue, com grande perícia, as cidades que se revoltaram no início da soberania de seu irmão e adiciona, novamente, as dominadas aos limites do reino. [10] Submeteu, do mesmo modo, os judeus, que reclamaram, com armas, a liberdade da soberania macedônica sob seu pai, Demétrio. As forças militares deles foram tamanhas que, depois disso, não suportaram rei macedônio algum e, fazendo uso da soberania interna, teriam hostilizado a Síria com guerras grandiosas.

[2, 1] E, de fato, a origem dos judeus está em Damascena, a cidade mais nobre da Síria, de onde também se originou a raça dos reis assírios e da rainha Semíramis. [2] O nome da urbe foi colocado pelo rei Damasco, em cuja honra os sírios veneraram o sepulcro de Arates<sup>577</sup>, esposa dele, como um templo e, desde então, têm-na como uma deusa de uma religião muito sagrada. [3] Depois de Damasco, foram reis Azelo, e, sem demora, Adores, Abraão e Israel. [4] Mas o feliz nascimento dos dez filhos de Israel fez-lhe mais preclaro que seus próprios antepassados. [5] E, assim, entregou o povo dividido em dez reinos aos filhos e chamou a todos de judeus, a partir do nome de Judá, que morrera depois da divisão, e ordenou a todos que cultivassem a memória dele, cuja porção somara-se à de todos. [6] O mais novo dos irmãos era José; receando o

<sup>577</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 447), “[p]ropriamente Atargatis, deusa síria da fertilidade, também chamada de Derceto. Corresponde à Istar babilônica, à Astarte dos fenícios e à Grande Deusa da Ásia Menor.”; “Propriamente Atargatis, diosa siria de la fertilidade, llamada también Derceto. Corresponde a la Istar babilónica, a la Astarté de los fenicios y a la Gran Diosa del Asia Menor”.

accesserat. [6] Minimus aetate inter fratres Ioseph fuit, cuius excellens ingenium fratres ueriti clam interceptum peregrinis mercatoribus uendiderunt. [7] A quibus deportatus in Aegyptum, cum magicas ibi artes sollerti ingenio percepisset, breui ipsi regi percarus fuit. [8] Nam et prodigiorum sagacissimus erat et somniorum primus intellegentiam condidit, nihilque diuini iuris humanique ei incognitum uidebatur, [9] adeo ut etiam sterilitatem agrorum ante multos annos prouiderit; perissetque omnis Aegyptus fame, nisi monitu eius rex edicto seruari per multos annos fruges iussisset; [10] tantaque experimenta eius fuerunt, ut non ab homine, sed a deo responsa dari uiderentur. [11] Filius eius Moyses fuit, quem praeter paternae scientiae hereditatem etiam formae pulchritudo commendabat. [12] Sed Aegyptii, cum scabiem et uutiliginem paterentur, responso moniti eum cum aegris, ne pestis ad plures serperet, terminis Aegypti pellunt. [13] Dux igitur exulum factus sacra Aegyptiorum furto abstulit, quae repetentes armis Aegyptii domum redire tempestatibus compulsi sunt. [14] Itaque Moyses Damascena, antiqua patria, repetita montem Sinam occupat, in quo septem dierum ieiunio per deserta Arabiae cum populo suo fatigatus cum tandem uenisset, septimum diem more gentis Sabbata appellatum in omne aeuum ieiunio sacrauit, quoniam illa dies famem illis erroremque finierat. [15] Et quoniam metu contagionis

distinto ingenho dele, seus irmãos, tendo-o apanhado em segredo, venderam-no a uns mercadores estrangeiros. [7] Transportado por eles para o Egipto, como tinha obtido, ali, as artes mágicas com seu ingenho solerte, em breve, foi muito estimado pelo próprio rei. [8] Com efeito, era o melhor intérprete de prodígios e também o primeiro a estabelecer um entendimento dos sonhos, e nada do domínio divino e do humano parecia-lhe ser desconhecido, [9] a tal ponto que também previa a esterilidade dos campos muitos anos antes; e todo o Egipto teria perecido de fome, se, por advertência dele, o rei não tivesse ordenado, com um édito, que os grãos fossem guardados por muitos anos; [10] e houve tamanhas provas dele, que as respostas não pareciam ser dadas por um homem, mas por um deus. [11] O filho dele foi Moisés, que era recomendado tanto pela herança do conhecimento paterno, como também pela beleza de sua figura. [12] Mas os egípcios, enquanto sofriam com a sarna e o vitiligo, advertidos por um oráculo, para que a peste não serpenteasse entre a maioria, impeliram-no com os doentes para os limites do Egipto. [13] Tornado, então, comandante dos exilados, tomou os objetos sagrados dos egípcios em um roubo; os egípcios, buscando retomá-los pelas armas, são obrigados pelas tempestades a voltar para casa. [14] E, assim, retomada Damascena, sua antiga pátria, Moisés ocupa o monte Sinai, em que chegou, enfim, junto a seu próprio povo, fadigado, após sete dias em jejum através dos desertos árabes. Consagrou o sétimo dia, chamado pelo costume dessa gente de sábado, ao jejum para todo sempre, porque naquele dia dera fim à fome e à errância deles. [15] E porque se lembravam de terem sido expulsos por medo do contágio, para que não fossem odiosos aos habitantes pela mesma circunstância, cuidaram para que não convivessem com

pulsos se ab Aegypto meminerant, ne eadem causa inuisi apud incolas forent, cauerunt ne cum peregrinis conuiuissent; quod ex causa factum paulatim in disciplinam religionemque conuertit. [16] Post Moysen etiam filius eius Arruas sacerdos sacris Aegyptiis, mox rex creatur; semperque exinde hic mos apud Iudaeos fuit, ut eosdem reges et sacerdotes haberent, quorum iustitia religioni permixta incredibile quantum coaluere.

[3, 1] Opes genti ex uectigalibus opobalsami creuere, quod in his tantum regionibus gignitur. [2] Est namque uallis quae continuis montibus uelut muro quodam ad instar castrorum clauditur – spatium loci ducenta iugera; nomine Aricus dicitur –; [3] in ea silua est ubertate et amoenitate insignis, siquidem palmeto et opobalsameto distinguitur. [4] Et arbores opobalsami similem formam piceis arboribus habent, nisi quod sunt humiles magis et in uinearum morem excoluntur. Hae certo anni tempore balsamum sudant. [5] Sed non minor loci eius apricitatis quam ubertatis admiratio est; quippe cum toto orbe regionis eius ardentissimus sol sit, ibi tepidi aeris naturalis quaedam ac perpetua opacitas inest. [6] In ea regione latus lacus est, qui propter magnitudinem aquae et immobilitatem Mortuum Mare dicitur. [7] Nam neque uentis mouetur resistente turbinibus bitumine, quo aqua omnis stagnatur, neque nauigationis

estrangeiros; esse fato, pouco a pouco, converteu-se de uma circunstância em regra e religião. [16] Depois de Moisés, também o filho dele, Arruas, sacerdote dos ritos egípcios, foi, sem demora, eleito rei; e, desde então, sempre houve este costume entre os judeus de que tivessem os reis e os sacerdotes em uma única pessoa; é incrível o quanto eles fortaleceram-se ao ter a justiça mesclada à religião.

[3, 1] As riquezas dessa gente cresceram pelos ganhos com seu balsamal, o que é produzido apenas naquela região. [2] E, com efeito, há um vale que é encerrado por uma cadeia de montes como se por um muro, lembrando um acampamento – a extensão do lugar é de duzentas jeiras; diz-se que seu nome é Arico<sup>578</sup>. [3] Naquela floresta, há uma abundância e um encanto insigne, visto que se distingue por seu palmar e seu balsamal. [4] E as árvores do balsamal têm a forma similar às das árvores de pinho, exceto por serem mais baixas e cultivadas ao modo das videiras. Elas exalam bálsamo em determinada época do ano. [5] Mas este lugar não é menos admirável por seu calor do que por sua abundância; pois, embora o sol dessa região seja o mais quente de todo o orbe, ali, encontra-se um certo sombreamento perpétuo e natural de atmosfera tépida. [6] Naquela região, há um vasto lago, que é dito Mar Morto devido à grandeza e à imobilidade das águas. [7] Com efeito, não é movido pelos ventos, sendo resistente às rajadas pelo betume, que se estagna em toda a água, nem se submete a navegações, pois tudo que carece de vida é puxado para seu fundo; nem sustém material

<sup>578</sup> Jericó.

patiens est, quoniam omnia uita carentia in profundum merguntur; nec materiam ullam sustinet, nisi quae alumine illinatur. [8] Primum Xerxes, rex Persarum, Iudaeos domuit; postea cum ipsis Persis in dicionem Alexandri Magni uenere diuque in potestate Macedonici imperii subiecti Syriae regno fuere. [9] A Demetrio cum descuiissent, amicitia Romanorum petita primi omnium ex Orientalibus libertatem acceperunt, facile tunc Romanis de alieno largientibus.

[4, 1] Per eadem tempora, quibus in Syria regni mutatio inter novos reges alternabatur, in Asia rex Attalus florentissimum ab Eumene patruo acceptum regnum caedibus amicorum et cognatorum suppliciis foedabat, nunc matrem anum, nunc Beronicen sponsam maleficiis eorum necatas confingens. [2] Post hanc scelestam uiolentiae rabiem squalidam uestem sumit, barbam capillumque in modum reorum submittit, non in publicum prodire, non populo se ostendere, non domi laetiora conuiuia inire aut aliquod signum sani hominis habere, prorsus ut poenas pendere manibus interfectorum uideretur. [3] Omissa deinde regni administratione hortos fodiebat, gramina serebat et noxia innoxiiis permiscebat, eaque omnia ueneni suco infecta uelut peculiare munus amicis mittebat. [4] Ab hoc studio aerariae artis fabricae se tradit, cerisque

algun, a não ser se banhado de alúmen. [8] Xerxes, rei dos persas, foi o primeiro a domar os judeus; depois, junto aos próprios persas, eles passaram à autoridade de Alexandre, o Grande, e, posteriormente, durante muito tempo, estiveram submetidos ao reino da Síria sob a soberania macedônica. [9] Como tinham abandonado Demétrio, tendo pedido a amizade dos romanos, foram os primeiros de todos os orientais a receberem a liberdade, tendo os romanos, naquele tempo, facilmente distribuído o que era de outro.

[4, 1] Naquela mesma época em que, na Síria, a mudança de poder alternava-se entre novos reis, na Ásia, o rei Átalo desonrava o reino que recebera muito florescente de seu tio paterno, Eumênes<sup>579</sup>, com os massacres de seus amigos e os suplícios de seus parentes, inventando que ora a velha mãe, ora a noiva, Berenice, tinham sido mortas pelos malefícios deles. [2] Depois desse transgressor rompante de violência, toma uma veste imunda, deixa crescer a barba e o cabelo à maneira dos réus, não sai em público, não se mostra à população, não frequenta banquetes mais alegres em casa ou tem qualquer sinal de um homem são, em suma, como se parecesse pagar aos manes as penas dos assassinados. [3] Logo, tendo negligenciado a administração do reino, cavava hortas, semeava ervas, misturava as malfazejas com as benfazejas e, isso tudo impregnado com suco venenoso, enviava aos amigos como um presente particular. [4] Dessa atividade, mudou-se para a arte de modelar o bronze, deleitando-se em esculpir a cera, fundir e cunhá-la com metal. [5]

<sup>579</sup> Há uma confusão de nomes aqui. Embora Átalo III tenha recebido o reino de seu tio, o nome deste era Átalo II. Eumênes II, que reinara antes deste, foi pai de Átalo III (Castro Sánchez, 2008, p. 451).

fingendis et aere fundendo procudendoque oblectatur. [5] Matri deinde sepulcrum facere instituit, cui operi intentus morbum ex solis feruore contraxit et septima die decessit. Huius testamento heres populus Romanus tunc instituitur. [6] Sed erat ex Eumene Aristonicus, non iusto matrimonio, sed ex paelice Ephesia, citharistae cuiusdam filia, genitus, qui post mortem Attali uelut paternum regnum Asiam inuasit. [7] Cum multa secunda proelia aduersus ciuitates, quae metu Romanorum tradere se eidem nolebant, fecisset iustusque iam rex uideretur, Asia Licinio Crasso consuli decernitur, [8] qui intentior Attalicae praedae quam bello, cum extremo anni tempore inordinata acie proelium conseruisset, uictus poenas inconsultae auaritiae sanguine dedit. [9] In huius locum missus Perpenna consul prima congressione Aristonicum superatum in potestatem suam redegit Attalicasque gazas, hereditarias populi Romani, nauibus inpositas Romam deportauit. [10] Quod aegre ferens successor eius M. Aquilius consul ad eripiendum Aristonicum Perpennae, ueluti sui potius triumphii munus esse deberet, festinata uelocitate contendit. [11] Sed contentionem consulum mors Perpennae diremit. [12] Sic Asia Romanorum facta cum opibus suis uitia quoque Romam transmisit.

Logo, começa a fazer um sepulcro para a sua mãe; aplicado a essa obra, contraiu uma enfermidade por causa do calor do sol e morreu no sétimo dia. No testamento dele, então, o povo romano é instituído como seu herdeiro. [6] Mas havia Aristônico, filho de Eumênes, não oriundo de um matrimônio legítimo, mas de uma concubina efésia, filha de alguma citarista, o qual, após a morte de Átalo, invadiu a Ásia, como um reino paterno. [7] Embora tenha feito muitas batalhas favoráveis contra cidades que, com medo dos romanos, não queriam passar para o lado dele, e já fosse visto como legítimo rei, a Ásia é entregue a Licínio Crasso, [8] o qual, mais aplicado à pilhagem de Átalo do que à guerra, no final do ano, travou a batalha com uma linha de combate desorganizada, foi vencido e pagou, com sangue, as penas de imprudente avareza. [9] Enviado no lugar dele, o cônsul Perpenna reconduziu, no primeiro encontro, o vencido Aristônico à sua autoridade e, postos em naus, transportou, a Roma, os tesouros reais de Átalo, herdados pelo povo romano. [10] Suportando isso com desgosto, o sucessor dele, o cônsul M. Aquílio, põe-se a caminho, com celeridade, para tirar Aristônico de Perpenna, como se ele devesse ser, de preferência, uma prenda de seu próprio triunfo. [11] Mas a morte de Perpenna acabou com a contenda dos cônsules. [12] Assim, a Ásia, feita dos romanos, do mesmo modo, transmitiu a Roma, junto a suas riquezas, seus vícios.

## LIBER XXXVII

[1, 1] Capto Aristonico Massilienses pro Phocaeensibus, conditoribus suis, quorum urbem senatus et omne nomen, quod et tunc et antea Antiochi bello infesta contra populum Romanum arma tulerant, deleri iusserat, legatos Romam deprecatum misere ueniamque his a senatu obtinuere. [2] Post haec regibus, qui aduersus Aristonicum auxilia tulerant, praemia persoluta: Mithridati Pontico Phrygia maior, filiis Ariarathis, regis Cappadociae, qui eodem bello occiderat, Lycaonia et Cilicia datae. [3] Fidiorque populus Romanus in socii filios quam mater in liberos fuit; quippe hinc paruulis auctum regnum, inde uita adempta. [4] Namque Laodice ex numero sex filiorum, quos uirilis sexus ex Ariarathe rege susceperat, timens ne non diutina administratione regni adultis quibusdam potiretur, quinque parricidali ueneno necauit; [5] unum paruulum sceleri matris cognatorum custodia eripuit, qui post necem Laodices – nam propter crudelitatem eam populus extinxerat – solus regno potitus est. [6] Mithridates quoque repentina morte interceptus filium, qui et ipse Mithridates dictus est, reliquit; [7] cuius ea postea magnitudo fuit, ut non sui tantum temporis, uerum etiam superioris aetatis omnes reges

Livro XXXVII<sup>580</sup>

[1, 1] Capturado Aristônico, os massilienses enviaram embaixadores a Roma em favor dos foces, seus fundadores – de quem o senado ordenara destruir a urbe e todo o nome, porque, então e também antes, na guerra de Antíoco, levaram armas inimigas contra a população romana –, e obtiveram a graça do senado para eles. [2] Depois disso, foram pagos os prêmios aos reis que levaram tropas auxiliares contra Aristônico: a Mitridates do Ponto foi dada a Frígia Maior; aos filhos de Ariarate, rei da Capadócia, que morrera nessa mesma guerra, a Licaônia e a Cilícia. [3] E o povo romano foi mais fiel aos filhos de seu aliado do que a mãe à sua prole, porque, dali, o reino dos pequeninos foi expandido, daqui, a vida tomada. [4] E, com efeito, Laódice, do total de seis filhos dos que eram varões que tivera com Ariarate, assassinou cinco com veneno parricida<sup>581</sup>, temendo não sustentar a administração do reino por um longo tempo com alguns sendo adultos; [5] a custódia dos parentes libertou um só pequenino da transgressão da mãe, o qual, depois do assassinato de Laódice – com efeito, o povo a eliminou devido à sua crueldade –, apossa-se do reino, sozinho. [6] Mitridates, do mesmo modo, surpreendido por uma morte repentina, deixou um filho, que também foi chamado de Mitridates, [7] cuja posterior grandeza foi tal que superou a todos os reis, não só os de seu tempo como também os de épocas anteriores, e travou guerra com os romanos por quarenta e seis anos, com vitórias variáveis, [8] dado que os maiores generais, Sula, Lúculo e outros e, por fim, Cn. Pompeio, venceram-no,

<sup>580</sup> Os trechos Just. 37.1 e 37.4 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 100-2), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

<sup>581</sup> A tradução do termo segue a lógica da nota a Just. 28.2.10.



maiestate superauerit bellaque cum Romanis per XLVI annos uaria uictoria gesserit, [8] cum eum summi imperatores, Sylla, Lucullus ceterique, in summa Cn. Pompeius ita uicerit, ut maior clariorque in restaurando bello resurgeret damnisque suis terribilior redderetur. [9] Denique ad postremum non ui hostili uictus, sed uoluntaria morte in auito regno senex herede filio decessit.

[2, 1] Huius futuram magnitudinem etiam caelestia ostenta praedixerant. [2] Nam et eo quo genitus est anno et eo quo regnare primum coepit stella cometes per utrumque tempus septuagenis diebus ita luxit, ut caelum omne conflagrare uideretur. [3] Nam et magnitudine sui quartam partem caeli occupauerat et fulgore sui solis nitorem uicerat; et cum oreretur occumberetque, IV horarum spatium consumebat. [4] Puer tutorum insidias passus est, qui eum fero equo inpositum equitare iacularique cogeabant; [5] qui conatus cum eos fefellissent supra aetatem regente equum Mithridate, ueneno eum appetuere. [6] Quod metuens antidota saepius bibit et ita se aduersus insidias, exquisitis tutioribus remediis, stagnauit ut ne uolens quidem senex ueneno mori potuerit. [7] Timens deinde ne inimici, quod ueneno non potuerant, ferro peragerent, uenandi studium finxit, quo per septem annos neque urbis neque ruris tecto usus est, [8] sed per siluas uagatus diuersis montium regionibus pernoctabat ignaris omnibus, quibus esset

certamente, mas de modo que ele ressurgia maior e mais ilustre ao restabelecer a guerra e, com suas próprias perdas, retornava mais terrível. [9] Enfim, por último, não foi vencido por uma força hostil, mas por uma morte voluntária – morreu velho em seu reino ancestral, tendo um filho como herdeiro.

[2, 1] Os prodígios celestiais também tinham proclamado a futura grandeza dele. [2] Com efeito, no ano em que foi gerado e também no primeiro em que começou a reinar, em um e outro, um cometa luzente brilhou, assim, durante setenta dias, de modo que o céu todo parecia estar em chamas. [3] Com efeito, ocupara a quarta parte do céu com sua grandeza e também vencera o esplendor do sol com seu fulgor; e entre nascer e se pôr, consumia o período de quatro horas. [4] O menino sofreu com as insídias de seus tutores que, montando-o em um cavalo feroz, obrigavam-no a cavalgar e disparar; [5] como os esforços deles tinham sido frustrados com Mitrídates regendo o cavalo de um modo superior para sua idade, ameaçaram-no com veneno. [6] Por ter medo disso, bebeu antídotos muitas vezes e, assim, procurando remédios mais eficazes, empapou-se de tal modo para combater as insídias que, mesmo querendo, velho, não teria conseguido morrer com veneno. [7] Logo, temendo que os inimigos granjeassem com ferro o que não puderam com veneno, fingiu ter a vocação de caçar, pelo que, durante sete anos, não usou um abrigo da cidade, nem do campo, [8] mas, percorrendo as florestas, pernoitava nas regiões de montes diversos, sem ninguém saber os locais em que estava, acostumado a ou fugir correndo das feras ou as perseguir, e até a

locis, adsuetus feras cursu aut fugere aut persequi, cum quibusdam etiam uiribus congregari. [9] Quibus rebus et insidias uitauit et corpus ad omnem uirtutis patientiam durauit.

[3, 1] Ad regni deinde administrationem cum accessisset, statim non de regendo, sed de augendo regno cogitauit. [2] Itaque Scythas inuictos antea, qui Zopyriona, Alexandri Magni ducem, cum XXX milibus armatorum deleuerant, qui Cyrum, Persarum regem, cum CC milibus trucidauerant, qui Philippum, Macedonum regem, fugacem fecerant, ingenti felicitate perdomuit. [3] Auctus igitur uiribus Pontum quoque ac deinceps Cappadociam occupauit. [4] Cum de Asia tractaret, tacitus cum quibusdam amicis regno profectus uniuersam nemine sentiente peruagatus est omniumque urbium situm ac regiones cognouit. [5] Inde in Bithyniam transcendit et quasi dominus Asiae opportuna quaeque uictoriae suae metatus est. [6] Post haec in regnum, cum iam perisse crederetur, reuersus est inuento paruulo filio, quem per absentiam eius soror uxorque Laodice enixa fuerat. [7] Sed inter gratulationem post longam peregrinationem aduentus sui et filii geniti ueneno periclitatus est siquidem Laodice soror, cum perisse eum crederet, in concubitus amicorum proiecta, quasi admissum facinus maiori scelere tegere posset, uenenum aduenienti parauit. [8] Quod cum ex ancillis Mithridates cognouisset, facinus in auctores

enfrentar algumas com as suas forças. [9] Por essas circunstâncias, evadiu-se das insídias e também endureceu seu corpo para todo o sofrimento oriundo da virtude.

[3, 1] Logo, quando acedeu à administração do reino, sem demora, considerou não governar, mas elevar o reino. [2] E, assim, subjogou, com grande ventura, os citas, antes invictos, que destruíram Zopirião, comandante de Alexandre, o Grande, com trinta mil homens armados, que trucidaram Ciro, rei dos persas, com duzentos mil, que fizeram fugir Filipe, rei dos macedônios. [3] Engrandecido por essas forças militares, ocupou o Ponto, do mesmo modo, e, em seguida, a Capadócia. [4] Quando se dirigia à Ásia, partiu do reino, em segredo, com alguns amigos, percorreu-a inteira sem que alguém percebesse e conheceu as regiões e as situações de todas as urbes. [5] Dali, atravessou para a Bitínia e, como se fosse dono da Ásia, marcou os (locais) oportunos para sua própria vitória. [6] Depois disso, quando já se acreditava que tinha perecido, voltou ao reino, tendo encontrado um filho pequenino, o qual, durante a ausência dele, sua irmã e esposa, Laódice, dera à luz. [7] Mas, tendo chegado depois de sua longa peregrinação, entre as parabenizações pelo filho gerado, correu o risco de ser envenenado, visto que sua irmã, Laódice, enquanto acreditara que ele perecera, tendo passado a se deitar com os amigos, como se pudesse encobrir uma falta com uma transgressão maior, preparou veneno para o que chegava. [8] Mitrídates, ao saber disso pelas criadas, vingou a falta em seus autores.

uindicauit.

[4, 1] Hieme deinde adpetente non in conuiuio, sed in campo, nec in auocationibus, sed in exercitationibus, nec inter sodales, sed inter coaequales aut equo aut cursu aut uiribus contendebat. [2] Exercitum quoque suum ad parem laboris patientiam cotidiana exercitatione durabat, atque ita inuictus ipse inexpugnabilem exercitum fecerat. [3] Inita deinde cum Nicomede societate Paphlagoniam inuadit uictamque cum socio diuidit. [4] Quam cum teneri a regibus senatui nuntiatum esset, legatos ad utrumque misit, qui gentem restitui in pristinum statum iuberent. [5] Mithridates, cum se iam parem magnitudini Romanorum crederet, superbo responso hereditarium patri suo regnum obuennisse respondit; mirarique se quod, cum ei relata controuersia non fuerit, sibi referatur. [6] Nec territus minis Galatiam quoque occupat. [7] Nicomedes, quoniam se tueri iure non poterat, iusto regi redditurum respondit. [8] Atque ita filium suum mutato nomine Pylaemenen, Paphlagonum regum nomine, appellat et quasi stirpi regiae reddidisset regnum, falso nomine tenet. [9] Sic ludibrio habiti legati Romam reuertuntur.

#### LIBER XXXVIII

[1, 1] Mithridates parricidia nece uxoris

[4, 1] Logo, aproximando-se o inverno, não em banquete, mas no campo, não em divertimentos, mas em exercícios, não entre os camaradas, mas entre os de sua idade, competia ou a cavalo, ou na corrida ou com a força física. [2] Endurecia, do mesmo modo, seu próprio exército com exercício cotidiano para uma igual resistência ao trabalho e, assim, sendo ele mesmo invicto, fizera um exército inexpugnável. [3] Depois, iniciada uma aliança com Nicomedes, invadiu a Paflagônia e dividiu a vencida com o aliado. [4] Quando foi anunciado ao senado que ela era ocupada por reis, enviou embaixadores a um e outro para ordenar que restituíssem a gente à sua situação anterior. [5] Como Mitridates já se acreditava igual em grandeza aos romanos, respondeu, com uma resposta soberba, que o reino fora obtido por herança de seu próprio pai e que se admirava que, enquanto a ele não fora apresentada controvérsia alguma, a si se apresentasse. [6] E, não estando aterrorizado com as ameaças, ocupa, do mesmo modo, a Galácia. [7] Nicomedes, porque não podia amparar-se em um direito, respondeu que a devolveria ao rei legítimo. [8] E, assim, mudado o nome de seu próprio filho, chama-o de Pilémenes, nome do rei paflagônio, e, como se devolvesse o reino à estirpe régia, mantém-no com um nome falso. [9] Assim, ludibriados, os embaixadores retornam a Roma.

#### Livro XXXVIII<sup>582</sup>

[1, 1] Mitridates, tendo inaugurado os

<sup>582</sup> Os trechos Just. 38.2-7; 38.8.1 e 38.8.8-11 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 103-13), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

auspicatus sororis alterius Laodices filios, cuius uirum Ariarathen, regem Cappadociae, per Gordium insidiis occiderat, tollendos statuit, nihil actum morte patris existimans, si adulescentes paternum regnum, cuius ille cupiditate flagrabat, occupassent. [2] Igitur dum in his cogitationibus uersatur, interim Nicomedes, rex Bithyniae, uacuum morte regis Cappadociam inuadit. [3] Quod cum nuntiatum Mithridati fuisset, per simulationem pietatis auxilia sorori ad expellendum Cappadocia Nicomedem mittit. [4] Sed iam Laodice per pactum se Nicomedi in matrimonium tradiderat. [5] Quod aegre ferens Mithridates praesidia Nicomedis Cappadocia expellit regnumque sororis filio restituit, egregium prorsus factum nisi subsecuta fraus esset; [6] siquidem interiectis mensibus simulat se Gordium, quo ministro usus in Ariarathe interficiendo fuerat, restituere in patriam uelle, sperans, si obsisteret adulescens, causas belli futuras, aut, si permitteret, per eundem filium tolli posse per quem interfecerat patrem. [7] Quod ubi Ariarathes iunior moliri cognouit, indigne ferens interfectorem patris per auunculum potissimum ab exilio reuocari, ingentem exercitum contrahit. [8] Igitur cum in aciem eduxisset Mithridates peditum LXXX milia, equitum X milia, currus falcatos sexcentos, nec Ariarathi auxiliantibus finitimis regibus

parricídios com a morte da esposa, decidiu suprimir os filhos de sua outra irmã, cujo marido, Ariarate, rei da Capadócia, tinha assassinado por meio das insídias de Górdio, julgando que nada seria feito sobre a morte do pai, se os adolescentes tivessem ocupado o reino paterno, pelo qual ele ardia de desejo. [2] Então, enquanto revolviam-se nesses pensamentos, nesse ínterim, Nicomedes, rei da Bitínia, invade a Capadócia, vacante com a morte do rei. [3] Como isso tinha sido anunciado a Mitrídates, em uma simulação de piedade à irmã, envia tropas auxiliares para expulsar Nicomedes da Capadócia. [4] Mas já Laódice entregara-se em matrimônio a Nicomedes devido a um pacto. [5] Suportando isso com desgosto, Mitrídates expulsou Nicomedes da Capadócia e restituiu o reino ao filho da irmã. O feito teria sido egrégio, sem dúvida, se não tivesse uma fraude por companhia, [6] visto que, passados uns meses, simulava querer restituir à pátria Górdio, que fora usado como auxiliar no assassinato de Ariarate, esperando que, se o adolescente resistisse, haveria causas para a guerra, ou, se assentisse, o filho poderia ser suprimido por aquele mesmo que assassinara o pai. [7] Quando Ariarate, o Jovem, soube o que era maquinado, suportando com indignação que o assassino do pai fosse chamado do exílio, especialmente por seu tio, reúne um grande exército. [8] Então, como Mitrídates tivesse posto em linha oitenta mil soldados de infantaria, dez mil de cavalaria, seiscentas quadrigas armadas com foices, e as tropas de Ariarate, com os reis vizinhos ajudando, não fossem menores, temendo a incerteza da guerra, transfere seus planos às insídias. [9] E, tendo atraído o jovem para uma conversa, como carregava uma faca entre suas faixas<sup>583</sup>, diz ao

<sup>583</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), “*fascia* não tem um significado muito claro: refere-

minores copiae essent, incertum belli timens consilia ad insidias transfert [9] sollicitatoque iuvene ad colloquium, cum ferrum occultatum inter fascias gereret, scrutatore ab Ariarathe regio more misso, curiosius imum uentrem pertractanti ait caueret ne aliud telum inueniret quam quaereret. [10] Atque ita risu protectis insidiis seuocatum ab amicis uelut ad secretum sermonem inspectante utroque exercitu interficit; regnum Cappadociae octo annorum filio inposito Ariarathis nomine additoque ei rectore Gordio tradidit.

[2, 1] Sed Cappadoces crudelitate ac libidine praefectorum uexati a Mithridate deficiunt fratremque regis, et ipsum Ariarathen nomine ab Asia ubi educabatur reuocant, [2] cum quo Mithridates proelium renouat uictumque regno Cappadociae expellit; nec multo post adulescens ex aegritudine collecta infirmitate decedit. [3] Post huius mortem, Nicomedes timens ne Mithridates accessione Cappadociae etiam Bithyniam finitimam inuaderet, subornat puerum eximiae pulchritudinis, quasi Ariarathes tres, non duos filios genuisset, qui a senatu Romano paternum regnum peteret. [4] Vxorem quoque Laodicen Romam mittit ad testimonium trium ex Ariarathe susceptorum filiorum. [5] Quod ubi

investigador enviado por Ariarate, conforme costume real, enquanto ele examinava com atenção seu baixo ventre, que tomasse cuidado para não encontrar um dardo diferente daquele que buscava. [10] E, assim, tendo protegido as insídias com o riso, assassina, em frente a um e outro exército, o que chamara à parte dos amigos como se para um diálogo secreto; entregou o reino da Capadócia a seu filho de oito anos, tendo-lhe posto o nome de Ariarate e acrescentado Górdio como seu administrador.

[2, 1] Mas os capadócios, abalados pela crueldade e pela lascívia de seus intendentess, desertam de Mitridates e chamam de volta da Ásia, onde era educado, o irmão do rei, cujo nome também era Ariarate<sup>584</sup>, [2] com quem Mitridates renova o combate e, vencido, expulsa-o do reino da Capadócia; e, não muito depois, o jovem morreu de uma enfermidade contraída devido à angústia. [3] Após a morte dele, Nicomedes, temendo que Mitridates invadisse também a vizinha Bitínia, suborna um jovem de notável beleza para que pedisse ao senado romano o reino paterno como se Ariarate tivesse gerado três filhos, não dois. [4] Envia, do mesmo modo, Laódice, a esposa, para testemunhar acerca dos três filhos que teve de Ariarate. [5] Quando Mitridates soube disso, também ele, com desaforo semelhante, envia Górdio a Roma para que asseverasse ao senado que o jovem ao qual entregara o reino da

---

se a tudo o que é feito de tiras torcidas em torno de algo; dada a piada que se segue, Mitridates deve ter colocado a lâmina em sua tanga”; “*fascia* n’a pas un sens bien net : = tout ce qui est constitué de bandelettes entortillées autour de quelque chose; étant donné la blague qui suit, Mithridate avait dû mettre la lame dans son pagne”.

<sup>584</sup> Há três pessoas diferentes com o nome de Ariarate neste parágrafo. Para detalhes sobre cada uma delas, recomenda-se consultar o índice onomástico (Apêndice D).

Mithridates cognouit, et ipse pari inpudentia Gordium Romam mittit, qui senatui adseueret puerum, cui Cappadociae regnum tradiderat, ex eo Ariarathe genitum, qui bello Aristonici auxilia Romanis ferens cecidisset. [6] Sed senatus studio regum intellecto, aliena regna falsis nominibus furantium, Mithridati Cappadociam et Nicomedi ad solacia eius Paphlagoniam ademit. [7] Ac ne contumelia regum foret ademptum illis, quod daretur aliis, uterque populus libertate donatus est. [8] Sed Cappadoces munus libertatis abnuentes negant uiuere gentem sine rege posse. Itaque rex illis a senatu Ariobarzanes statuitur.

[3, 1] Erat eo tempore Tigranes rex Armeniae, obses Parthis ante multum temporis datus, nec olim ab eisdem in regnum paternum remissus. Hunc Mithridates mire ad societatem Romani belli, quod olim meditabatur, perlicere cupiebat. [2] Nihil igitur de offensa Romanorum sentientem per Gordium impellit, ut Ariobarzani, segni admodum bellum inferat, et ne quis dolus subesse uideatur, filiam suam ei Cleopatram in matrimonium tradit. [3] Primo igitur aduentu Tigranis Ariobarzanes sublatis rebus suis Romam contendit, atque ita per Tigranen rursus Cappadocia iuris esse Mithridatis coepit. [4] Eodem tempore mortuo Nicomede etiam filius eius, et ipse Nicomedes, regno a Mithridate pellitur; qui cum supplex Romam uenisset, decernitur in senatu ut uterque in regnum restituantur; in quod tum missi M. Aquilius et

Capadócia era nascido daquele Ariarate que fora abatido ao levar tropas auxiliares aos romanos na guerra com Aristônico. [6] Mas o senado, conhecido o intento dos reis que, com nomes falsos, subtraem os reinos alheios, tomou a Capadócia de Mitrídates e, para sua consolação, a Paflagônia de Nicomedes. [7] E para que não fosse um ultraje aos reis (o fato de) que fosse dado a outros aquilo que foi tomado deles, deu-se a liberdade para um e outro povo. [8] Mas os capadócios, recusando o presente da liberdade, dizem que a gente não pode viver sem um rei, e, assim, Ariobarzanes é estabelecido como rei deles pelo senado.

[3, 1] Naquele tempo, Tigranes era o rei da Armênia, o qual fora dado como refém aos partas há um longo tempo e, não há muito, enviado, por eles mesmos, de volta ao reino paterno. Mitrídates desejava intensamente atraí-lo a uma aliança na guerra contra os romanos, à qual aspirava há muito. [2] Então, por meio de Górdio, impele-o – ele, que nada percebe quanto à ofensa aos romanos – a lançar guerra ao assaz indolente Ariobarzanes e, para que não parecesse haver dolo subjacente, entrega-lhe sua filha, Cleópatra, em matrimônio. [3] Então, com a chegada de Tigranes, Ariobarzanes, tendo apanhado seus próprios pertences, põe-se a caminho de Roma, e, assim, por meio de Tigranes, a Capadócia começa a estar, novamente, sob o mando de Mitrídates. [4] Ao mesmo tempo, morto Nicomedes, o filho dele, também ele mesmo Nicomedes, é igualmente expulso do reino por Mitrídates; como aquele, súplice, vinha a Roma, decide-se no senado que um e outro sejam restituídos ao reino; para o que, depois, são enviados como embaixadores M. Aquílio e

Mallius Malthinus legati. [5] His cognitis Mithridates societatem cum Tigrae bellum aduersus Romanos gesturus iungit, pactique inter se sunt ut urbes agrisque Mithridati, homines uero et quaecumque auferri possent, Tigrani cederent. [6] Post haec Mithridates intellecto quantum bellum suscitaret, legatos ad Cimbros, alios ad Gallograecos et Sarmatas Bastarnasque auxilia petitum mittit. [7] Nam omnes has gentes Romanum meditabundus bellum uariis beneficiorum muneribus iam ante inlexerat. Ab Scythia quoque exercitum uenire iubet omnemque Orientem aduersus Romanos armat. [8] Non magno igitur labore Aquilium et Malthinum Asiano exercitu instructos uincit, quibus simul cum Nicomede pulsus ingenti fauore ciuitatum excipitur. [9] Multum ibi auri argentique studio ueterum regum magnumque belli apparatus inuenit, quibus instructus debita ciuitatibus publica priuataque remittit et uacationem quinquennii concedit. [10] Tunc ad contionem milites uocat eosque uariis exhortationibus ad

Málio Maltino<sup>585</sup>. [5] Tendo sabido disso, Mitridates sela uma aliança com Tigranes para guerrear contra os romanos, e pactuaram entre si que as urbes e os campos passariam a Mitridates, porém os homens e tudo o que pudesse ser carregado, a Tigranes. [6] Depois disso, Mitridates, compreendendo a dimensão da guerra que suscitara, envia embaixadores pedindo tropas auxiliares aos cimbros, outros aos gálatas e aos sármatas e bastarnas. [7] Com efeito, aspirando à guerra romana, já antes atraía todas essas gentes com vários presentes entre os benefícios (concedidos). Ordena vir, do mesmo modo, um exército da Cítia e arma todo o Oriente contra os romanos. [8] Então, vence, sem muito trabalho, Aquílio e Maltino, munidos com um exército asiático; ao mesmo tempo que são expulsos junto a Nicomedes, ele é recebido com grande aplauso pelas cidades. [9] Ali, encontrou muito ouro e prata – oriundos do empenho de antigos reis – e um grande aparato bélico; deles munido, salda as dívidas públicas e privadas dos cidadãos e concede isenção por cinco anos. [10] Então, convoca os soldados a uma assembleia e os incita com várias exortações às guerras romanas ou asiáticas. [11] Considerarei seu estilo digno de que eu inserisse seu exemplo na curta extensão desse trabalho; Pompeio Trogo o narrou de

<sup>585</sup> Este nome é tema de debate, já que não é fácil correspondê-lo a uma figura histórica conhecida. Como se verá adiante, Justino repete o nome sem o prenome em outras passagens deste livro. Há variação de ortografia nos manuscritos: *Manlius*; *Manilius*; *Maltinus* (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online), enquanto editores já propuseram *Aquilius Manlius et Manius Attilius* e *Aquilius Mallius et Maltinus* (Watson, 1853, recurso online). Watson (1853, recurso online) aponta que o nome *Maltinus* aparece em Horácio (*S.* 1.2.25), e Torrey Luce (1970, p. 189), que *Manlius Maltinus* consta em uma inscrição, CIL 9.5073, encontrada em *Interamnia Praetuttiorum*, atual Téramo (cf. Mommsen, 1883, p. 487). Há alguma discussão se este Maltino seria o Mancino (Μαγκίνοσ; *Magkînos*) que aparece em Apiano (*Mith.* 19.58-9). Luce (1970, p. 188) considera que seriam duas pessoas diferentes, dado que, entre outras evidências, um autor escreve que Maltino estaria na Capadócia, enquanto o outro, que Mancino estaria, na mesma época, na Frígia. O nome também aparece como *Maltino* no prólogo para este livro. Como se pode observar em Emilio Gabba (1976, p. 229) e na edição de Axel W. Ahlberg (*Sal., Jug.* 73.7), a questão *Mancino* e *Mant(h)ino* também se faz presente em Salústio.

Romana bella siue Asiana incitat. [11] Quam orationem dignam duxi, cuius exemplum breuitati huius operis insererem; quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Liuius et in Sallustio reprehendit, quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.

[4, 1] Optandum sibi fuisse ait, ut de eo liceret consulere, bellumne sit cum Romanis an pax habenda; [2] quin uero sit resistendum inpugnantibus, ne eos quidem dubitare, qui spe uictoriae careant; quippe aduersus latronem, si nequeant pro salute, pro ultione tamen sua omnes ferrum stringere. [3] Ceterum quia non id agitur, an liceat quiescere non tantum animo hostiliter, sed etiam proelio congressis, consulendum, qua ratione ac spe coepta bella sustineant. [4] Esse autem sibi uictoriae fiduciam, si sit illis animus; Romanosque uinci posse cognitum non sibi magis quam ipsis militibus, qui et in Bithynia Aquilium et Malthinum in Cappadocia fuderint. [5] Ac si quem aliena magis exempla quam sua experimenta moueant, audire se a Pyrro, rege Epiri, non amplius quinque milibus Macedonum instructo fusos tribus proeliis

modo indireto, já que criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história inserindo, em seu trabalho, discursos diretos como se fossem de sua própria lavra<sup>586</sup>.

[4, 1] (Mitrídates) diz que teria sido desejável que lhe fosse permitido deliberar se deveria fazer a guerra ou a paz com os romanos; [2] ainda que, na verdade, nem mesmo aqueles a quem falta a esperança da vitória duvidam que se deve resistir àqueles que atacam; porque todos empunham o ferro contra um ladrão por vingança, se não o podem por proteção. [3] Além disso, porque não se trata de deliberar se seria permitido abster-se dos que se acercam de modo hostil não só em ânimo, como também em batalha, mas com que razão e esperança sustentariam as guerras iniciadas. [4] Contudo, existe, para ele, a confiança da vitória se neles há ânimo; e que os romanos podiam ser vencidos era-lhe sabido não mais do que aos mesmos soldados que derrubaram Aquílio na Bitínia e Maltino na Capadócia. [5] E, se os exemplos alheios movem alguém mais do que suas próprias experiências, ele está informado de que os romanos foram dispersados em três batalhas por Pirro, rei do Épiro, munido com não mais de cinco mil macedônios. [6] Está informado que Aníbal, vitorioso, demorou-se na Itália por dezesseis

<sup>586</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica quatro discursos diretos ao longo do *Epítome* (Just. 1.8.13; 2.12.3-7; 14.4.2-14 e 18.7.10-14); Watson (1853, recurso online), dois (Just. 14.4; 18.7). A diferença entre os dois pode decorrer do fato de que 1.8.13 e 2.12.3-7 são indicações de mensagens escritas; a primeira, a censura da rainha Tamires a Ciro II, o Grande, no odre em que mandara guardar a cabeça decepada do rei; a segunda, os avisos escritos em rochas e deixados aos jônios por ordem de Temístocles durante a guerra contra Xerxes I. De todo modo, o apontamento de Justino faz com que se pense que os discursos não seriam assim na obra de Trogo, mas é difícil encerrar essa questão.



Romanos. [6] Audire Hannibalem sedecim annis Italiae uictorem inmoratum, et quin ipsam caperet urbem, non Romanorum illi uires restitisse sed domesticae aemulationis atque inuidiae studium. [7] Audire populos transalpinae Galliae Italiam ingressos maximis eam pluribusque urbibus possidere et latius aliquanto solum finium, quam in Asia, quae dicatur inbellis, idem Galli occupauissent. [8] Nec uictam solum dici sibi Romam a Gallis, sed etiam captam, ita ut unius illis montis tantum cacumen relinqueretur; nec bello hostem, sed pretio remotum. [9] Gallorum autem nomen, quod semper Romanos terruit, in partem uirium suarum ipse numeret. Nam hos, qui Asiam incolunt, Gallos ab illis, qui Italiam occupauerant, sedibus tantum distare, [10] originem quidem ac uirtutem genusque pugnae idem habere; tantoque his acriora esse quam illis ingenia, quod longiore ac difficiliore spatio per Illyricum Thraciamque prodierint, paene operosius transitis eorum finibus quam ubi consedere possessis. [11] Iam ipsam Italiam audire se numquam, ut Roma condita sit, satis illi pacatam, sed adsidue per omnes annos pro libertate alios, quosdam etiam pro uice imperii bellis continuis perseuerasse; [12] et a multis ciuitatibus Italiae deletos Romanorum exercitus ferri, a quibusdam nouo contumeliae more sub iugum missos. [13] Ac ne ueteribus inmoremur exemplis, hoc ipso tempore

anos, e que não foram as forças militares dos romanos, de fato, a impedi-lo de tomar a própria urbe, mas a inclinação para a rivalidade e para o ódio entre os compatriotas. [7] Está informado que os povos da Gália Transalpina que ingressaram na Itália se apoderaram de muitas e das maiores de suas urbes e tinham ocupado um território de limites um tanto mais extensos do que aquele mesmo que os gauleses (ocupam) na Ásia, a qual é dita imbele. [8] E lhe dizem que Roma não só foi vencida pelos gauleses, mas também capturada a tal ponto que lhes restava apenas o cume de um monte; e que o inimigo não foi afastado pela guerra, mas por um preço. [9] Contudo, ele mesmo elencava o nome dos gauleses, que sempre aterraram os romanos, como parte de suas próprias forças militares. Com efeito, estes gauleses que habitam a Ásia diferem daqueles que ocuparam a Itália somente em relação a seus assentamentos; [10] certamente, têm igual origem, virtude e modo de combate, e as índoles destes são tão mais vigorosas do que daqueles, porque avançaram através do Ilírico e da Trácia por uma distância maior e mais difícil, sendo a travessia dessas fronteiras quase mais trabalhosa do que a tomada dali onde se assentam. [11] Ele está informado que já a própria Itália, desde que Roma fora fundada, nunca esteve suficientemente em paz com ela, mas, assiduamente, por todos os anos, os outros (povos) persistiam em contínuas guerras pela liberdade, alguns até pela sucessão na soberania; [12] e que os exércitos dos romanos teriam sido trucidados por muitas das cidades da Itália, sob o jugo das quais foram colocados em uma nova modalidade de humilhação. [13] E para que não nos demoremos em exemplos antigos, nesta mesma época, a Itália inteira levantava-se com a Guerra Mársica, pedindo já não a liberdade, mas a participação na

uniuersam Italiam bello Marsico consurrexisse, non iam libertatem, sed consortium imperii ciuitatisque poscentem; [14] nec grauius uicino Italiae bello quam domesticis principum factionibus urbem premi, multoque periculosius esse Italico ciuile bellum. [15] Simul et a Germania Cimbros, inmensa milia ferorum atque inmitium populorum, more procellae inundasse Italiam; [16] quorum etsi singula bella sustinere Romani possent, uniuersis tamen obruantur, ut ne uacatuos quidem bello suo putet.

[5, 1] Utendum igitur occasione et rapienda incrementa uirium, ne, si illis occupatis quieuerint, mox aduersus uacuos et quietos maius negotium habeat. [2] Non enim quaeri, an capienda sint arma, sed utrum sua potius occasionem an illorum. [3] Nam bellum quidem iam tunc secum ab illis geri coeptum, cum sibi pupillo maiorem Phrygiam ademerint, quam patri suo praemium dati aduersus Aristonicum auxilii concesserant, gentem quam et proauo suo Mithridati Seleucus Callinicus in dotem dedisset. [4] Quid, cum Paphlagonia se decedere iusserint, non alterum illud genus belli fuisse? Quae non ui, non armis, sed adoptione testamenti et regum domesticorum interitu hereditaria patri suo obuennisset. [5] Cum inter hanc decretorum amaritudinem parendo non tamen eos mitigaret, quin acerbius in dies gerant, non

soberania e na cidadania; [14] a urbe não era mais molestada pela guerra vizinha da Itália do que pelas facções internas dos aristocratas, e a guerra civil era muito mais perigosa do que a itálica. [15] Ao mesmo tempo, também da Germânia, os cimbros, inúmeros milhares de povos ferozes e violentos, inundavam a Itália ao modo de uma procela; [16] ainda que os romanos pudessem sustentar guerras com cada um deles, seriam, no entanto, engolidos por todas elas juntas, de modo que pensava que, por certo, sequer estariam desocupados para (enfrentar) uma guerra contra ele próprio.

[5, 1] Então, a ocasião deveria ser utilizada e as expansões das forças militares aproveitadas, para que não haja – se descansassem, estando aqueles ocupados –, a seguir, uma dificuldade maior contra eles, estando livres e descansados. [2] De fato, não perguntaria se deveriam pegar em armas, mas se o deveriam na ocasião mais favorável àqueles ou a si mesmos. [3] Com efeito, a guerra consigo já antes fora iniciada por eles, quando, órfão, privaram-no da Frígia Maior, que haviam dado a seu próprio pai como recompensa pelo auxílio prestado contra Aristônico, gente que também Seleuco Calínico dera como dote ao seu bisavô, Mitrídates. [4] Não terá sido outro tipo de guerra quando lhe ordenaram que se retirasse da Paflagônia? Aquela que chegara a seu próprio pai não pela força, não pelas armas, mas pela adoção de um testamento e pela herança resultante da morte dos reis nativos. [5] Em meio ao amargor desses decretos, embora sujeitando-se, não teria conseguido abrandá-los, eles que a cada dia se comportam de modo mais acerbo. [6] De fato, que tipo de indulgência não lhes foi por ele oferecida? A Frígia e a Paflagônia não

obtinuisse. [6] Quod enim a se non praebitum illis obsequium? Non Phrygiam Paphlagoniamque dimissas? Non Cappadocia filium eductum, quam iure gentium uictor occupauerat? [7] Raptum tamen sibi esse uictoriae ius ab illis, quorum nihil est nisi bello quaesitum. [8] Non regem Bithyniae Chreston, in quem senatus arma decreuerat, a se in gratiam illorum occisum? Tamen nihil minus inputari sibi, si qua Gordius aut Tigranes faciat. [9] Libertatem etiam in contumeliam sui a senatu ultro delatam Cappadociae, quam reliquis gentibus abstulerunt; dein populo Cappadocum pro libertate oblata Gordium regem orante ideo tantum, quoniam amicus suus esset, non obtinuisse. [10] Nicomedem praecepto illorum bellum sibi intulisse; quia ultum ierit se, ab ipsis uentum obuiam in eo; et nunc eam secum bellandi illis causam fore, quod non inpune se Nicomedi lacerandum, saltatricis filio, praebuerit.

[6, 1] Quippe non delicta regum illos, sed uires ac maiestatem insequi, neque in uno se, sed in aliis quoque omnibus hac saepe arte grassatos. [2] Sic et auum suum Pharnacen per cognitionum arbitria succidaneum regi Pergameno Eumeni datum; [3] Sic rursus Eumenen, cuius classibus primo in Asiam fuere transiecti, cuius exercitu magis quam suo et Magnum Antiochum et Gallos in Asia et mox in Macedonia regem Perseum domuerant, [4] et ipsum pro hoste habitum

foram libertadas? Não foi seu filho retirado da Capadócia, a qual, vencedor, ocupara pelo direito das gentes? [7] Contudo, o direito da vitória foi por eles tomado de si, que nada buscavam senão pela guerra. [8] Cresto, rei da Bitínia, a quem o senado condenou às armas, não foi morto por ele em favor a eles? Contudo, não obstante, se Górdio ou Tigranes fazem algo, (isto) lhe é imputado. [9] Também, em ultraje a ele, à Capadócia foi concedida a liberdade, a qual arrebataram dos demais povos; depois, Górdio, a quem a população da Capadócia pedia como rei no lugar da liberdade oferecida, não o teria conseguido pela única razão de que era seu amigo. [10] Nicomedes, mandado por eles, levou-lhe guerra; porque se teria adiantado para se vingar, eles mesmos vieram a seu encontro; e, agora, aquela era causa para guerrear consigo: que não se deixara agredir impunemente por Nicomedes, o filho de uma dançarina.

[6, 1] Como se vê, eles não perseguiram os delitos dos reis, mas as forças militares e a majestade, e, frequentemente, investiram com este método não só em relação a si mesmos, mas, do mesmo modo, em relação a todos os outros. [2] Assim, também seu próprio avô, Farnaces, pelo julgamento de parentes, fora dado como sucessor do rei Eumênes do Pérgamo; [3] assim, outrora, (ocorreu com) Eumênes, em cujas frotas primeiro foram transportados para a Ásia, com cujo exército, mais do que com o seu próprio, domaram Antíoco, o Grande, também os gauleses na Ásia e, em seguida, o rei Perseu, na Macedônia; [4] e mesmo ele

eique interdictum Italia, et quod cum ipso deforme sibi putauerant, cum filio eius Aristonico bellum gessisse. Nullius apud eos maiora quam Masinissae, regis Numidarum, haberi merita; [5] huic inputari uictum Hannibalem, huic captum Syphacem, huic Karthaginem deletam, hunc inter duos illos Africanos tertium seruatorem urbis referri: [6] tamen cum huius nepote bellum modo in Africa gestum adeo inexpiabile, ut ne uictum quidem patris memoriae donarent, quin carcerem ac triumphum spectaculum experiretur. [7] Hanc illos omnibus regibus legem odiorum dixisse, scilicet quia ipsi tales reges habuerint, quorum etiam nominibus erubescant, aut pastores Aboriginum, aut aruspices Sabinorum, aut exules Corinthiorum, aut seruos uernasque Tuscorum, aut, quod honoratissimum nomen fuit inter haec, Superbos; [8] atque ut ipsi ferunt conditores suos lupae uberibus altos, sic omnem illum populum luporum animos inexplebiles sanguinis, atque imperii diuitiarumque auidos ac ieiunos habere.

[7, 1] Se autem, seu nobilitate illis comparetur, clariorem illa conluie conuenarum esse, qui paternos maiores suos a Cyro Darioque, conditoribus Persici regni, maternos a magno Alexandro ac Nicatoro Seleuco, conditoribus imperii Macedonici, referat, seu populus illorum conferatur suo, earum se gentium esse,

foi tido como inimigo e banido de Roma, e a guerra, que com ele mesmo haviam considerado sórdida para si, geraram contra o filho dele, Aristônico. Ninguém tinha mais méritos junto a eles do que Masinissa, rei dos númidas; [5] a ele atribuía-se Aníbal vencido; a ele, Sífax capturado; a ele, Cartago destruída; ele era contado como o terceiro salvador da urbe junto àqueles dois africanos: [6] contudo, há pouco, gestou-se, com o neto dele, na África, uma guerra tão implacável, que, mesmo vencido, não o perdoaram em memória do pai, que não suportara o cárcere e o espetáculo do triunfo. [7] Eles haviam estabelecido esta lei de ódio a todos os reis, sem dúvida porque eles mesmos tiveram tais reis, dos quais se envergonhavam até por suas alcunhas, sejam pastores dos aborígenes, sejam arúspices dos sabinos, sejam exilados dos coríntios, sejam servos e filhos de servos dos tuscus<sup>587</sup>, sejam – a alcunha que era mais honrada entre estes – Soberbos; [8] e, como eles próprios admitem, seus fundadores foram nutridos pelos úberes de uma loba, assim todo aquele povo tinha ânimos de lobo, implacáveis de sangue, ávidos e esfaimados de poder e de posses.

[7, 1] Ele, todavia, caso seja comparado a eles em nobreza, é mais ilustre do que aquela mistura impura de estrangeiros, porque conta seus próprios antepassados paternos a partir de Ciro e Dario, fundadores do reino persa, os maternos a partir de Alexandre, o Grande, e Seleuco Nicátor, fundadores do império macedônico; caso o povo deles seja cotejado ao seu próprio, ele é daquelas gentes que não só se equiparam à soberania romana, mas

<sup>587</sup> Outro nome para os etruscos.

quae non modo Romano imperio sint pares, sed Macedonico quoque obstiterint. [2] Nullam subiectarum sibi gentium expertam peregrina imperia; nullis umquam nisi domesticis regibus paruisse, Cappadociam uelint an Paphlagoniam recensere, rursus Pontum an Bithyniam, itemque Armeniam maiorem minoremque; quarum gentium nullam neque Alexander ille, qui totam pacauit Asiam, nec quisquam successorum eius aut posteriorum attigisset. [3] Scythiam duos umquam ante se reges non pacare, sed tantum intrare ausos, Darium et Philippum, aegre inde fugam sibi expedisse, unde ipse magnam aduersus Romanos partem uirium haberet. [4] Multoque se timidius ac diffidentius bella Pontica ingressum, cum ipse rudis ac tiro esset, Scythiae praeter arma uirtutemque animi locorum quoque solitudinibus uel frigoribus instructae, per quae denuntiaretur ingens militiae periculum ac labor. [5] Inter quas difficultates ne spes quidem praemii foret ex hoste uago nec tantum pecuniae, sed etiam sedis inope. [6] Nunc se diuersam belli condicionem ingredi. Nam neque caelo Asiae esse temperatius aliud, nec solo fertilius nec urbium multitudine amoenius; magnamque temporis partem non ut militiam, sed ut festum diem acturos bello dubium facili magis an ubere, [7] si modo aut proximas regni

fizeram, do mesmo modo, frente à macedônica. [2] Nenhuma das gentes a ele submetidas havia experimentado soberanias estrangeiras; nunca obedecera a reis que não os nativos – se querem arrolar a Capadócia ou a Paflagônia, ademais o Ponto ou a Bitínia, e também a Armênia Maior e a Menor: nem aquele Alexandre, que domou toda a Ásia, nem algum dos sucessores dele ou dos pósteros tocara de leve qualquer uma dessas gentes. [3] Antes de si, somente dois reis, Dario e Filipe, atreveram-se não a domar, mas apenas a ingressar na Cítia; a muito custo desembaraçou-se a fuga dali, onde ele próprio tinha a maior parte das forças militares contra os romanos. [4] E, de modo muito mais receoso e desconfiado, entrara nas guerras pônicas, visto que ele mesmo era novato e inexperto, e além das armas e da virtude de ânimo, os citas eram protegidos, do mesmo modo, por desertos ou pelas friagens de suas regiões, devido às quais se prometiam enorme perigo e trabalho à expedição. [5] Em meio a essas dificuldades, não havia qualquer esperança de obter despojos de um inimigo nômade, desprovido tanto de dinheiro como também de assentamento. [6] Agora, entra na guerra em condição diversa. Com efeito, nenhum clima é mais temperado do que o da Ásia, nenhum solo, mais fértil, nenhum conglomerado de urbes mais aprazível; e passariam a maior parte do tempo não como em expedição, mas como em um dia festivo, por uma guerra sobre a qual havia dúvida se seria mais fácil ou proveitosa, [7] mesmo que só tivessem ouvido falar sobre as riquezas próximas do reino atálico ou as antigas da Lídia e da Jônia, que iam não tomar de assalto, mas delas se apossar; [8] e a Ásia espera-o tão ávida, que com suas

Attalici opes aut ueteres Lydiae Ioniaeque audierint, quas non expugnatum eant, sed possessum; [8] tantumque se auida expectat Asia, ut etiam uocibus uocet: adeo illis odium Romanorum incussit rapacitas proconsulum, sectio publicanorum, calumniae litium. [9] Sequantur se modo fortiter et colligant, quid se duce possit efficere tantus exercitus, quem sine cuiusquam militum auxilio suamet unius opera uiderint Cappadociam caeso rege cepisse, qui solus mortalium Pontum omnem Scythiamque pacauerit, quam nemo ante transire tuto atque adire potuit. [10] Nam iustitiae atque liberalitatis suae ne ipsos milites quin experiantur testes refugere et illa indicia habere, quod solus regum non paterna solum, uerum etiam externa regna hereditatibus propter munificentiam adquisita possideat, Colchos, Paphlagoniam, Bosphorum.

[8, 1] Sic excitatis militibus post annos tres et XX sumpti regni in Romana bella descendit. [2] At in Aegypto mortuo rege Ptolomeo ei, qui Cyrenis regnabat, Ptolomeo per legatos regnum et uxor Cleopatra regina, soror ipsius, defertur. [3] Laetus igitur hoc solo Ptolomeus quod sine certamine fraternum regnum recepisset, in quod subornari et a matre Cleopatra et fauore principum fratris filium cognouerat, ceterum infestus omnibus, statim ubi Alexandriam ingressus est, fautores pueri

vozes o convoca: a tal ponto a rapina dos procônsules, a arrecadação dos publicanos<sup>588</sup>, a calúnia dos litígios incutiu neles o ódio aos romanos. [9] Que apenas o sigam com coragem e calculem o que um tamanho exército pode executar consigo como comandante, aquele que eles viram sozinho, com seu próprio trabalho, sem o auxílio de qualquer soldado, tomar a Capadócia, morto seu rei; aquele, único entre os mortais, que domara todo o Ponto e a Cítia, que ninguém antes pudera atravessar e atacar sem perigo. [10] Com efeito, quanto a sua justiça e liberalidade, os próprios soldados, testemunhas que, de fato, as experimentam, não recebiam e tinham provas delas, porque era o único dos reis que possuía não só os reinos paternos, como também os reinos externos, a Cólquida, a Paflagônia, o Bósforo, adquiridos por heranças devido à sua generosidade.

[8, 1] Inflamados, assim, os soldados, travou as guerras romanas, após vinte e três anos de que se assenhorara do reino. [2] Entretanto, no Egito, morto o rei Ptolomeu, são transferidos a Ptolomeu, que reinava em Cirene, o reino e, como esposa, a rainha Cleópatra, irmã dele, por meio de embaixadores. [3] Feliz, então, só com isso, Ptolomeu, que, sem peleja, recuperara o reino fraterno – para o qual soubera que o filho do irmão era incitado por sua mãe, Cleópatra, também com o apoio dos aristocratas – e que, além disso, era hostil a todos, sem demora, ao ingressar em Alexandria, ordenou que os protetores do

<sup>588</sup> Ou seja, dos cobradores de impostos.

trucidari iussit. [4] Ipsum quoque die nuptiarum, quibus matrem eius in matrimonium recipiebat, inter apparatus epularum et sollemnia religionum in complexu matris interficit atque ita torum sororis caede filii eius cruentus ascendit. [5] Post quod non mitior in populares, qui eum in regnum uocauerant, fuit, siquidem peregrinis militibus licentia caedis data omnia sanguine cotidie manabant; ipsam quoque sororem filia eius uirgine per uim stuprata et in matrimonium adscita repudiat. [6] Quibus rebus territus populus in diuersa labitur patriamque metu mortis exul relinquit. [7] Solus igitur in tanta urbe cum suis relictus Ptolomeus, cum regem se non hominum, sed uacuarum aedium uideret, edicto peregrinos sollicitat. [8] Quibus confluentibus obuius legatis Romanorum, Scipioni Africano et Spurio Mummio et L. Metello, qui ad inspicienda sociorum regna ueniebant, procedit. [9] Sed quam cruentus ciuibus, tam ridiculus Romanis fuit. Erat enim et uultu deformis et statura breuis et sagina uentris non homini, sed beluae similis. [10] Quam foeditatem nimia subtilitas perlucidae uestis augebat, prorsus quasi astu inspicienda praeberentur, quae omni studio occultanda pudibundo uiro erant. [11] Post discessum deinde legatorum – quorum Africanus, dum inspicit urbem, spectaculo Alexandrinis fuit – iam etiam peregrino populo inuisus cum filio, quem ex sorore susceperat, et cum uxore, matris paelice, metu insidiarum tacitus in

menino fossem trucidados. [4] Do mesmo modo, no dia das núpcias, em que recebera a mãe dele em matrimônio, em meio aos preparativos dos banquetes e às solenidades religiosas, assassinou o próprio (menino) nos braços da mãe e, assim, subiu ao leito da irmã coberto do sangue do massacre do filho dela. [5] Depois disso, não foi mais indulgente em relação às pessoas que o chamaram para o reino, visto que, tendo sido dada permissão aos soldados estrangeiros para os massacrar, todos os lugares jorravam de sangue a cada dia. Do mesmo modo, repudia a própria irmã, tendo sujeitado a filha dela, uma virgem que estuprara com violência, ao matrimônio. [6] Aterrorizado por essas ações, o povo dispersa-se para lugares diversos e, exilado, deixa a pátria com medo da morte. [7] Então, Ptolomeu, deixado sozinho com os seus em tamanha urbe, como via ser rei não de homens, mas de edificios vazios, atrai, com um édito, estrangeiros. [8] Confluindo estes, sai ao encontro dos embaixadores dos romanos, Cipião Africano, Espúrio Múmio e L. Metelo, que vinham para examinar os reinos dos aliados. [9] Mas foi tão ridículo para os romanos, quanto sanguinário para seus cidadãos. Era, de fato, de semblante disforme, baixa estatura e semelhante, pela gordura de seu ventre, não a um homem, mas a um animal corpulento, [10] cuja feiura a excessiva leveza de suas vestes transparentes salientava, como se fosse apresentado à contemplação, com astúcia, aquilo que para um homem pudico deveria ser oculto com todo o zelo. [11] Depois, após a retirada dos embaixadores – entre os quais, Africano, enquanto contempla a urbe, serviu de espetáculo para os alexandrinos –, já odiado também pelo povo estrangeiro, por medo de insídias, põe-se, em segredo, a caminho do exílio junto ao filho que tivera com a irmã e junto à esposa, rival da mãe, e, tendo

exilium proficiscitur contractoque mercenario exercitu bellum sorori pariter ac patriae infert. [12] Arcessitum deinde maximum a Cyrenis filium, ne eum Alexandrini contra se regem crearent, interficit. Tunc populus statuas eius et imagines detrahit. [13] Quod factum studio sororis existimans filium, quem ex ea susceperat, interficit, corpusque in membra diuisum et in cista conpositum matri die natalis eius inter epulas offerri curat. [14] Quae res non reginae tantum, uerum etiam uniuersae ciuitati acerba et luctuosa fuit tantumque maerorem festiuissimo conuiuio intulit ut regia omnis repentino luctu incenderetur. [15] Verso igitur studio principum ab epulis in exequias membra lacera populo ostendunt et quid sperare de rege suo debeant, filii caede demonstrant.

[9, 1] Finito luctu orbitatis Cleopatra, cum urgeri se fraterno bello uideret, auxilium a Demetrio, rege Syriae, per legatos petit, cuius et ipsius uarii et memorabiles casus fuere. [2] Namque Demetrius, sicut supra dictum est, cum bellum Parthis intulisset et multis congressionibus uictor fuisset, repente insidiis circumuentus amisso exercitu capitur. [3] Cui Arsacides, Parthorum rex, magno et regio animo misso in Hyrcaniam non cultum tantum regium praestitit, sed et filiam in matrimonium dedit regnumque Syriae, quod

contratado um exército mercenário, lança guerra, ao mesmo tempo, à irmã e à pátria. [12] Logo, convocado de Cirene o filho mais velho, mata-o para que os alexandrinos, contrários a si, não o tornassem rei. Naquele momento, o povo derrubou as estátuas e imagens dele. [13] Julgando que isso foi feito por intenção da irmã, assassina o filho que tivera com ela e cuida para que o corpo dele, dividido em membros, seja oferecido à mãe, arrumado em uma cesta, no dia do aniversário dela, em meio aos banquetes. [14] Essa ação foi terrível e funesta não só para a rainha, como também para toda a cidade e levou tamanho pesar à refeição tão festiva que todo o palácio foi incendiado por um repentino luto. [15] Tendo mudado, então, sua intenção do banquete às exéquias, os aristocratas mostram os membros lacerados ao povo e demonstram, com o massacre do filho, aquilo que deviam esperar de seu rei.

[9, 1] Superado o luto pela perda do filho, Cleópatra, como se via atormentada pela guerra fraterna, pede, por meio de embaixadores, auxílio a Demétrio, rei da Síria, cujas próprias desditas foram variadas e memoráveis. [2] E, com efeito, Demétrio – assim foi dito acima<sup>589</sup> – mesmo tendo levado guerra aos partas e sido vencedor em muitos ataques, de repente, cercado em uma emboscada, privado de seu exército, é capturado. [3] Arsácides, rei dos partas, com ânimo elevado e régio, tendo-o enviado à Hircânia, forneceu-lhe não só um cuidado régio, mas também lhe deu a filha em matrimônio e prometeu restituir-lhe o reino da Síria, o qual, durante a ausência dele,

<sup>589</sup> A partir de Just. 36.1.3.



per absentiam eius Trypho occupauerat, restitutum promittit. [4] Post huius mortem desperato reditu non ferens captiuitatem Demetrius, priuatam etsi opulentam uitam pertaesus, tacitus in regnum fugam meditatur. [5] Hortator illi et comes Callimander amicus erat, qui post captiuitatem eius a Syria per Arabiae deserta ducibus pecunia comparatis Parthico habitu Babyloniam peruenerat. [6] Sed fugientem Phrahates, qui Arsacidae successerat, equitum celeritate per compendiosos tramites occupatum retrahit. [7] Vt est deductus ad regem, Callimandro quidem non tantum uenia, uerum etiam praemium fidei datum, Demetrium autem et grauiter castigatum ad coniugem in Hyrcaniam remittit artioribusque custodiis obseruari iubet. [8] Interiecto deinde tempore, cum fidem illi etiam suscepti liberi facerent, eodem amico comite repetita fuga est, sed pari infelicitate prope fines regni sui reprehenditur ac denuo perductus ad regem ut inuisus a conspectu submouetur. [9] Tunc quoque uxori et liberis donatus in Hyrcaniam, poenalem sibi ciuitatem, remittitur talisque aureis in exprobrationem puerilis leuitatis donatur. [10] Sed hanc Parthorum tam mitem in Demetrium clementiam non misericordia gentis faciebat nec respectus cognationis, sed quod Syriae regnum adfectabant usuri Demetrio aduersus Antiochum fratrem, prout res uel tempus uel

Trifão ocupara. [4] Depois da morte daquele, tendo perdido a esperança de retornar, não suportando o cativo, Demétrio, entediado com a vida privada, ainda que opulenta, em segredo aspirava a uma fuga para seu reino. [5] Tinha como exortador e companheiro o amigo Calíandro, o qual, depois do cativo dele, chegara, com veste parta, à Babilônia vindo da Síria, através dos desertos da Arábia, com guias obtidos com dinheiro. [6] Mas Fraates, que sucedera a Arsácides, traz de volta o fugitivo, que foi alcançado graças à velocidade dos cavalos em oportunos atalhos. [7] Quando foi levado ao rei, a Calíandro foi dado não só o indulto, como também um prêmio por sua fidelidade; por sua vez, ordena que Demétrio, censurado severamente, fosse reenviado à sua esposa, na Hircânia, e observado por guardas mais rigorosos. [8] Logo, passado algum tempo, como os filhos que tivera também lhe conferissem credibilidade<sup>590</sup>, a fuga foi repetida, tendo o mesmo amigo como companheiro, mas, com igual infelicidade, é preso quase nas fronteiras de seu próprio reino e, conduzido de novo ao rei, é expulso de sua presença como *persona non grata*. [9] Naquela ocasião, do mesmo modo, como um presente para a esposa e os filhos, é reenviado à Hircânia, cidade que lhe era um castigo, e, em censura à sua pueril leviandade, é presenteado com dados de ouro. [10] Mas esta tão branda clemência dos partas a Demétrio não se derivava da misericórdia dessa gente, nem do respeito a seu parentesco, mas do fato de que almejavam o reino da Síria, para fazer uso de Demétrio contra o irmão, Antíoco, conforme a situação, ou o tempo ou a fortuna da guerra

<sup>590</sup> Ou seja, a confiança dos partos foi conquistada por causa dos filhos que Demétrio tivera com a irmã do rei.

fortuna belli exegisset.

[10, 1] His auditis Antiochus occupandum bellum ratus exercitum, quem multis finitimorum bellis indurauerat, aduersus Parthos ducit. [2] Sed luxuriae non minor apparatus quam militiae fuit, quippe octoginta milia armatorum secuta sunt trecenta lixarum, ex quibus cocorum pistorum maior numerus fuit. [3] Argenti certe aurique tantum, ut etiam gregarii milites auro caligas figerent proculcarentque materiam cuius amore populi ferro dimicant. [4] Culinarum quoque argentea instrumenta fuere, prorsus quasi ad epulas, non ad bellum pergerent. [5] Aduenienti Antiocho multi orientales reges occurrere tradentes se regnaque sua cum execratione superbiae Parthicae. [6] Nec mora congressioni fuit. Antiochus tribus proeliis uictor cum Babyloniam occupasset, Magnus haberi coepit. Itaque ad eum omnibus populis deficientibus nihil Parthis reliqui praeter patrios fines fuit. [7] Tunc Phraates Demetrium in Syriam ad occupandum regnum cum Parthico praesidio remittit ut eo pacto Antiochus ad sua tuenda a Parthia reuocaretur. Interim, quoniam uiribus non poterat, insidiis Antiochum ubique temptabat. [8] Propter multitudinem hominum exercitum suum Antiochus per ciuitates in hiberna diuiserat, quae res exitii causa fuit. Nam cum grauari se copiarum praebitione et iniuriis militum ciuitates uiderent, ad Parthos deficiunt et die statuta omnes apud se diuisum exercitum per

exigisse.

[10, 1] Tendo ouvido sobre isso, Antíoco, certo de que deveria apoderar-se da guerra, conduz um exército – que endurecera em muitas guerras vizinhas – contra os partas. [2] Mas o preparativo para a luxúria não foi menor do que para a expedição militar, pois oitenta mil homens armados foram seguidos por trezentos serventes, dos quais o maior número era de cozinheiros e padeiros. [3] Havia, sem dúvida, tanta prata e ouro que até mesmo os soldados rasos prendiam seus calçados com ouro e pisoteavam um material por cujo desejo os povos lutavam com ferro. [4] Do mesmo modo, os instrumentos dos cozinheiros eram de prata, como se estivessem, em suma, equipados para banquetes, não para a guerra. [5] Muitos reis orientais saíram ao encontro de Antíoco, que avançava, entregando seus próprios reinos e a si mesmos enquanto execravam a soberba parta. [6] E o encontro não demorou. Antíoco, vencedor em três batalhas, como ocupava a Babilônia, começou a ser considerado “o Grande”. E, assim, tendo todos os povos desertado para ele, nada sobrou aos partas além de suas fronteiras ancestrais. [7] Naquele momento, Fraates reenvia Demétrio à Síria para ocupar o reino com uma guarnição parta a fim de que Antíoco fosse chamado de volta da Pártia para proteger suas posses. Nesse ínterim, como não podia com as forças militares, assolava Antíoco com emboscadas em todos os lugares. [8] Devido ao grande número de homens em seu próprio exército, Antíoco dividira-os, durante o inverno, em cidades, o que foi a causa de sua ruína. Com efeito, como as cidades viam-se oneradas pelo abastecimento das tropas e pelas injúrias dos soldados, desertam para os partas, e, em um dia estabelecido, todas atacam o exército dividido entre si com emboscadas, para que

insidias, ne inuicem ferre auxilia possent, adgrediuntur. [9] Quae cum nuntiata Antiocho essent, auxilium proximis laturus cum ea manu quae secum hiemabat, progreditur. In itinere obuium regem Parthorum habuit, aduersus quem fortius quam exercitus eius dimicauit. [10] Ad postremum tamen, cum uirtute hostes uincerent, metu suorum desertus occiditur; cui Phraates exequias regio more fecit filiamque Demetrii, quam secum Antiochus aduexerat, captus amore uirginis uxorem duxit. [11] Paenitere deinde dimissi Demetrii coepit; ad quem retrahendum cum turmas equitum festinato misisset, Demetrium hoc ipsum metuentem iam in regno missi inuenerunt frustra que omnia conati ad regem suum reuersi sunt.

#### LIBER XXXIX

[1, 1] Antiocho in Parthia cum exercitu deleto frater eius Demetrius obsidione Parthorum liberatus ac restitutus in regnum, cum omnis Syria in luctu propter amissum exercitum esset, [2] quasi Parthica ipsius ac fratris bella quibus alter captus, alter occisus erat, prospere cessissent, ita Aegypto bellum inferre statuit, regnum Aegypti Cleopatra socru pretium auxilii aduersus fratrem suum pollicente. [3] Sed dum aliena affectat, ut adsolet fieri, propria per defectionem Syriae amisit,

não pudessem levar auxílio mutuamente. [9] Quando essas ações foram anunciadas a Antíoco, ele avança com a tropa que passava o inverno consigo, levando auxílio aos mais próximos. No percurso, deparou-se com o rei dos partas, contra quem lutou com mais coragem do que o exército dele. [10] Por fim, no entanto, como os inimigos venciam com virtude, desertado pelos seus por medo, é morto; a ele, Fraates fez as exéquias conforme o costume real e tomou a filha de Demétrio – a qual Antíoco trouxera consigo – como esposa, capturado pelo amor da virgem. [11] Logo, começa a se arrepender de ter dispensado Demétrio, a quem teria enviado com urgência tropas de cavaleiros para o buscar. Os enviados encontraram Demétrio, que temia isso, já em seu reino e, tendo em vão tentado de tudo, voltaram a seu próprio rei.

#### Livro XXXIX<sup>591</sup>

[1, 1] Com a aniquilação de Antíoco na Pártia junto a seu exército, o irmão dele, Demétrio, foi libertado do cerco dos partas e restituído ao reino, enquanto toda a Síria estava em luto devido ao exército que tinha sido perdido, [2] e como se as guerras partas, dele mesmo e do irmão – nas quais um foi capturado, e o outro, morto –, tivessem sido bem-sucedidas, assim, decidiu levar guerra ao Egito, com sua sogra Cleópatra prometendo o reino do Egito como um prêmio pelo auxílio contra seu próprio irmão. [3] Mas, enquanto aspirava às posses alheias, como é comum acontecer, foi

<sup>591</sup> O trecho Just. 39.5.2-5 já fazia parte do recorte de Mello (2022, p. 113-4), mas foi trazido para cá para permitir a leitura contínua.

siquidem Antiochenses primi duce Tryphone, execrantes superbiam regis, quae conuersatione Parthicae crudelitatis intolerabilis facta erat, mox Apameni ceteraque ciuitates exemplum secutae per absentiam regis a Demetrio defecere. [4] Ptolomeus quoque, rex Aegypti, bello ab eodem petitus, cum cognouisset Cleopatram, sororem suam, opibus Aegypti nauibus inpositis ad filiam et Demetrium generum in Syriam profugisse, inmittit inuenem quendam Aegyptium, Protarchi negotiatoris filium, qui regnum Syriae armis peteret. [5] Composita fabula, quasi per adoptionem Antiochi regis receptus in familiam regiam esset, nec Syris quemlibet regem aspernantibus, ne Demetrii superbiam paterentur, nomen iuueni Alexandri inponitur auxiliaque ab Aegypto ingentia mittuntur. [6] Interea corpus Antiochi interfecti a rege Parthorum in loculo argenteo ad sepulturam in Syriam remissum superuenit, quod cum ingenti studio ciuitatum et regis Alexandri ad confirmandam fabulae fidem excipitur. Quae res illi magnum fauorem popularium conciliauit omnibus non fictas in eo, sed ueras lacrimas existimantibus. [7] Demetrius autem uictus ab Alexandro cum undique circumstantibus malis premeretur ad postremum etiam ab uxore filiisque deseritur. [8] Relictus igitur cum paucis seruulis cum Tyrum religione se templi defensurus petisset,

privado das próprias, devido à deserção da Síria, visto que os antióquios desertaram primeiro de Demétrio, devido à ausência do rei, com o comandante Trifão, abominando a soberba do rei, a qual a convivência com a crueldade parta fez intolerável; depois, os apameios e outras cidades seguiram esse exemplo. [4] Do mesmo modo, Ptolomeu, rei do Egito, atacado com guerra por ele, como tinha tomado conhecimento de que Cleópatra, sua própria irmã, escapara com as riquezas do Egito postas em naus até a filha e o genro, Demétrio, na Síria, envia um certo jovem egípcio, Protarco, filho de um comerciante, para que reclamasse o reino da Síria com armas. [5] Composta a fábula, como se tivesse sido recebido na família real por adoção do rei Antíoco, os sírios, não desdenhando um rei qualquer, para que não sofressem com a soberba de Demétrio, dão ao jovem o nome de Alexandre e o enviam do Egito com grandes tropas auxiliares. [6] Entrementes, o corpo de Antíoco, assassinado pelo rei dos partas, chegou à Síria, enviado de volta em um caixão de prata para a sepultura, o qual foi acolhido pelos cidadãos e pelo rei Alexandre com grande afeição para confirmar a crença na fábula. Essa ação atraiu um favor maior dos populares, todos julgando que as lágrimas dele não eram fingidas, mas verdadeiras. [7] Como Demétrio, no entanto, vencido por Alexandre, era acossado por males que o cercavam de todos os lados, por fim, foi desertado também por sua esposa e seus filhos. [8] Então, deixado com uns poucos servos, enquanto pretendia defender-se pela religião no templo de Tiro, saindo da nau, foi assassinado por ordem do intendente. [9] Um de seus filhos, Seleuco, porque assumiu o diadema sem a autorização da mãe, foi

naui egrediens praefecti iussu interficitur. [9] Alter ex filiis, Seleucus, quoniam sine matris auctoritate diadema sumpsisset, ab eadem interficitur; alter, cui propter nasi magnitudinem cognomen Grypos fuit, rex a matre hactenus constituitur, ut nomen regis penes filium, uis autem omnis imperii penes matrem esset.

[2, 1] Sed Alexander occupato Syriae regno, tumens successu rerum, spernere iam etiam ipsum Ptolomeum, a quo subornatus in regnum fuerat, superba insolentia coepit. [2] Itaque Ptolomeus reconciliata sororis gratia destruere Alexandri regnum, quod odio Demetrii uiribus suis adquisierat, summis opibus instituit. [3] Mittit igitur ingentia Grypo auxilia et filiam Tryphaenam Grypo nupturam, ut populos in auxilium nepotis non societate tantum belli, uerum etiam adfinitate sua sollicitet. [4] Nec res frustra fuit. Nam cum omnes Grypum instructum Aegypti uiribus uiderent, paulatim ab Alexandro deficere coepere. [5] Fit deinde inter reges proelium, quo uictus Alexander Antiochiam profugit. Ibi inops pecuniae, cum stipendia militibus deessent, e templo Iouis solidum ex auro signum Victoriae tolli iubet, facietis iocis sacrilegium circumscribens; nam Victoriam commodatam sibi ab Ioue esse dicebat. [6] Interiectis deinde diebus, cum ipsius Iouis aureum simulacrum infiniti ponderis tacite

assassinado por ela; outro, que devido ao tamanho do nariz foi apelidado de Gripo<sup>592</sup>, foi instituído rei pela mãe, contanto que o nome de rei estivesse sob domínio do filho, no entanto, todo o poder da soberania sob domínio da mãe.

[2, 1] Mas Alexandre, tendo ocupado o reino, envaidecido pelo sucesso das ações, já começa a desprezar com soberba insolência também o próprio Ptolomeu, por quem fora preparado para o reino. [2] E, assim, Ptolomeu, tendo-se reconciliado com a irmã, propôs-se a, com os maiores recursos, destruir o reino de Alexandre, o qual adquirira com suas próprias forças militares por ódio a Demétrio. [3] Envia, então, grandes tropas auxiliares a Gripo e à filha, Trifena, casada com Gripo, de modo a cativar os povos para o auxílio ao neto não só pela aliança de guerra, mas também por seu próprio parentesco. [4] E essa ação não foi frustrada. Com efeito, quando todos viram Gripo equipado com as forças militares do Egito, aos poucos, começaram a desertar de Alexandre. [5] Logo, é iniciada uma batalha entre os reis, da qual Alexandre, vencido, foge para a Antioquia. Ali, sem dinheiro, como faltavam os soldos para os soldados, ordena roubar do templo de Jove uma estátua maciça de ouro da Vitória, circunscrevendo o sacrilégio a uma brincadeira jocosa; com efeito, dizia que a Vitória fora-lhe emprestada por Jove. [6] Logo, passados alguns dias, como tinha ordenado que arrancassem, em segredo, a estátua de ouro do próprio Jove, de peso extraordinário, e fora apanhado no sacrilégio

<sup>592</sup> A partir de γρυπός (*grypós*), ou seja, de nariz adunco, aquilino.

euelli iussisset deprehensusque in sacrilegio concursu multitudinis esset in fugam uersus, magna ui tempestatis oppressus ac desertus a suis a latronibus capitur perductusque ad Grypum interficitur. [7] Grypos porro recuperato patrio regno externisque periculis liberatus insidiis matris adpetitur. Quae cum cupiditate dominationis prodito marito Demetrio et altero filio interfecto huius quoque uictoria inferiorem dignitatem suam factam doleret, uenienti ab exercitatione poculum ueneni obtulit. [8] Sed Grypos praedictis iam ante insidiis, ueluti pietate cum matre certaret, bibere ipsam iubet; abnuenti instat; postremum prolato indice eam arguit, solam defensionem sceleris superesse adfirmans, si bibat, quod filio obtulit. Sic uicta regina scelere in se uerso ueneno, quod alii parauerat, extinguitur. [9] Parta igitur regni securitate Grypos octo annis quietem et ipse habuit et regno praestitit. [10] Natus deinde illi est aemulus regni, frater ipsius Cyzicenus, eadem matre genitus, sed ex Antiocho patruo susceptus, quem cum ueneno tollere uoluisset ut maturius armis cum eo de regno contenderet, excitauit.

[3, 1] Inter has regni Syriae parricidas discordias moritur rex Aegypti Ptolomeus, regno uxori et alteri ex filiis quem illa legisset relicto; uidelicet quasi quietior Aegypti status quam Syriae regnum esset, cum mater altero ex filiis electo alterum hostem esset habitura. [2] Igitur cum pronior in minorem filium

pela confluência da multidão, pôs-se em fuga, subjugado pela grande força de uma tempestade, abandonado pelos seus, capturado por ladrões e, conduzido até Gripo, é assassinado. [7] Gripo, além disso, tendo recuperado o reino paterno e sido libertado dos perigos externos, é acometido pelas insídias da mãe. Esta, como desejava dominar, tendo traído o marido, Demétrio, e assassinado o outro filho, doía-se, do mesmo modo, que sua própria dignidade se fizesse inferior com a vitória deste, e ofereceu ao que chegava de um exercício uma taça com veneno. [8] Mas Gripo, proclamadas já antes as insídias, como se competisse em piedade com a mãe, ordena que ela própria beba; insiste com a que recusa; enfim, tendo apresentado uma testemunha, acusa-a, afirmando que só restava uma defesa contra a transgressão: que bebesse o que oferecia ao filho. Assim, vencida a rainha, tendo convertido a si a transgressão que preparara para o outro, morreu. [9] Assegurada, então, a segurança do reino, Gripo teve, ele mesmo, tranquilidade por oito anos e a forneceu ao reino. [10] Logo, surgiu-lhe um rival ao reino: o irmão dele, Ciziceno, gerado pela mesma mãe, mas concebido de seu tio, Antíoco, o qual, como desejava suprimi-lo com veneno, incitou-o a se lançar, com mais rapidez, às armas contra ele pelo reino.

[3, 1] Em meio a estas discórdias parricidas do reino da Síria, morre o rei do Egito, Ptolomeu, tendo deixado o reino à esposa e àquele entre os filhos que ela escolhesse; evidentemente, como se a situação do Egito fosse mais tranquila do que o reino da Síria, dado que a mãe, ao ter eleito um de seus filhos, estaria destinada a ter o outro como inimigo. [2] Então, embora estivesse mais favorável ao filho mais novo, foi obrigada

esset, a populo compellitur maiorem eligere. Cui prius quam regnum daret, uxorem ademit compulsisque repudiare carissimam sibi sororem Cleopatram minorem sororem Selenen ducere iubet, non materno inter filias iudicio, cum alteri maritum eriperet, alteri daret. [3] Sed Cleopatra non tam a uiro repudiata quam a matre diuortio uiri dimissa Cyziceno in Syria nubit, eique ne nudum uxoris nomen adferret, exercitum Cyprici sollicitatum uelut dotalem ad maritum deducit. [4] Par igitur iam uiribus fratris Cyzicenus proelium committit ac uictus in fugam uertitur. [5] Tunc Antiochiam Grypos, in qua erat Cyziceni uxor Cleopatra, obsidere coepit, qua capta Tryphaena, uxor Grypi, nihil antiquius quam sororem Cleopatram requiri iussit, non ut captiuae opem ferret, sed ne effugere captiuitatis mala posset, quae sui aemulatione in hoc potissimum regnum inuaserit hostique sororis nubendo hostem se eius effecerit. [6] Tunc peregrinos exercitus in certamina fratrum adductos, tum repudiatam a fratre contra matris uoluntatem extra Aegyptum nuptam accusat. [7] Contra Grypos orare, ne tam foedum facinus facere cogatur. A nullo umquam maiorum suorum inter tot domestica, tot externa bella post uictoriam in feminas saeuitum, quas sexus ipse et periculis bellorum et saeuitiae uictorum eximat; [8] in hac uero praeter commune bellantium fas

pelo povo a eleger o mais velho. Antes de lhe dar o reino, privou-o da esposa e, impelido a repudiar a irmã, Cleópatra, muito querida por ele, ordena-lhe a tomar a irmã mais nova, Selene, não havendo um julgamento maternal entre as filhas, visto que arrebatava o esposo de uma para dar à outra. [3] Mas Cleópatra, não tanto repudiada pelo marido quanto dispensada pela mãe com o divórcio do marido, casou-se com Ciziceno na Síria e, para não lhe levar só o mero título de “esposa”, traz um exército do Chipre recrutado como um dote para o esposo. [4] Ciziceno, já então páreo em forças militares, trava combate com o irmão e, vencido, põe-se em fuga. [5] Naquele momento, Gripo começou a cercar a Antioquia, em que estava Cleópatra, esposa de Ciziceno, a qual, capturada, Trifena, esposa de Gripo, ordena que nada seja requisitado antes da irmã, Cleópatra, não para levar ajuda à cativa, mas para que ela não pudesse fugir dos males do cativo, porque, em sua própria rivalidade com ela, assaltara este reino tão poderoso e se fizera inimiga à irmã ao se casar com o inimigo. [6] Naquele momento, acusa-a de ter levado exércitos estrangeiros a uma peleja fraterna, depois, repudiada pelo irmão, de se ter casado fora do Egito contra a vontade da mãe. [7] Contrariamente, Gripo advogava para que não fosse obrigado a fazer uma falta tão infame. Nunca nenhum de seus antepassados, entre tantas guerras internas, tantas externas, após a vitória, havia-se enfurecido contra as mulheres, as quais o próprio sexo livra dos perigos das guerras e da fúria dos vitoriosos; [8] para ela, na verdade, além dos direitos comuns dos guerreiros, ajuntar-se-ia a obrigação do sangue; certamente, aquela, com quem se

accedere necessitudinem sanguinis; quippe ipsius, quae tam cruenta saeuat, sororem equidem germanam esse, suam uero consobrinam, liberorum deinde communium materteram. [9] His tot necessitudinibus sanguinis adicit superstitionem templi quo abdita profugerit, tantoque religiosius colendos sibi deos, quo magis his propitiis ac fauentibus uicisset; tum neque occisa illa uirium se quicquam Cyziceno dempturum, nec seruaturum reddita. [10] Sed quanto Grypos abnuit, tanto muliebri pertinacia accenditur, rata non misericordiae haec uerba, sed amoris esse. Itaque uocatis ipsa militibus mittit qui sororem confoderent. [11] Qui ut in templum intrauerunt, cum euellere eam non possent, manus amplexantis deae simulacrum praeciderunt. Tunc Cleopatra execratione parricidarum mandata uiolatis numinibus ultione sui decedit. [12] Nec multo post repetita proelii congressione uictor Cyzicenus uxorem Grypi Tryphaenam, quae paulo ante sororem interfecerat, capit eiusque supplicio uxoris manibus parentauit.

[4, 1] At in Aegypto Cleopatra cum grauaretur socio regni, filio Ptolomeo, populum in eum incitat, abductaque ei Selene uxore eo indignius quod ex Selene iam duos filios habebat, exulare cogit, arcessito minore filio Alexandro et rege in locum fratris constituto. [2] Nec filium regno expulisse contenta bello

enfurecia, tão cruenta, era, de fato, irmã<sup>593</sup>, na verdade, sua própria prima, então, tia materna dos filhos comuns deles. [9] Adiciona a tantas obrigações de sangue a superstição do templo em que se escondera ao fugir, e que tanto mais religioso deveria ser ao honrar os deuses, quanto mais lhe foram propícios e favoráveis para que vencesse; e, naquele momento, nada tiraria, com a morte dela, das forças militares de Ciziceno, nem, com ela entregue, as salvaria. [10] Mas quanto mais Gripo nega-se, tanto mais é inflamada a obstinação feminina, certa de que essas não eram palavras de misericórdia, mas de amor. E, assim, tendo, ela mesma, chamado os soldados, envia-os para que trespassassem a irmã. [11] Quando eles entraram no templo, como não podiam arrancá-la, cortam as mãos com que abraçava a estátua da deusa. Naquele momento, abominando os parricidas, Cleópatra morre, tendo instruído sua própria vingança aos deuses violados. [12] E, não muito depois, retomado o encontro da batalha, o vencedor, Ciziceno, captura Trifena, a esposa de Gripo que pouco antes assassinara a irmã, e, com o suplício dela, apaziguou os manes da esposa.

[4, 1] Entretanto, no Egito, Cleópatra, como se incomodava por ter o filho, Ptolomeu, como corregente no reino, incita o povo contra ele e, apartada dele a esposa, Selene – o que era muito indigno, pois tinha com Selene já dois filhos –, obriga-o a se exilar, tendo intimado o filho mais novo, Alexandre, e o estabelecido como rei no lugar do irmão. [2] E, não contente em ter expulsado o filho do reino, perseguiu com

<sup>593</sup> Em latim, a expressão *sororem germanam* indica que ela era filha da mesma mãe e do mesmo pai.



Cypri exulantem persequitur. Vnde pulso interficit ducem exercitus sui, quod uiuum eum e manibus emisisset, quamquam Ptolomeus uerecundia materni belli non uiribus minor ab insula recessisset. [3] Igitur Alexander territus hac matris crudelitate et ipse eam relinquit periculoso regno securam ac tutam uitam anteponens. [4] Cleopatra uero timens ne maior filius Ptolomeus a Cyziceno ad recuperandam Aegyptum auxiliis iuuaretur, ingentia Grypo auxilia et Selenen uxorem, nupturam hosti prioris mariti, mittit Alexandrumque filium per legatos in regnum reuocat; [5] cui cum occultatis insidiis exitium machinaretur, occupata ab eodem interficitur spiritumque non fato, sed parricidio dedit; [6] digna prorsus hac mortis infamia, quae et matrem toro expulit et duas filias uiduas alterno fratrum matrimonio fecit et filio alteri in exilium acto bellum intulit, alteri erepto regno exitium per insidias machinata est.

[5, 1] Sed nec Alexandro caedes tam nefanda inulta fuit. Nam ubi primum conpertum est scelere filii matrem interfectam, concursu populi in exilium agitur reuocatoque Ptolomeo regnum redditur, quod neque cum matre bellum gerere uoluisset, neque a fratre armis repetere quod prior possedisset. [2] Dum haec aguntur, frater eius ex paelice susceptus, cui pater Cyrenarum regnum testamento reliquerat, herede populo Romano instituto

guerra o que se exilava no Chipre. Tendo-o expulsado dali, assassinou o comandante de seu próprio exército que o deixara escapar vivo de suas mãos, ainda que Ptolomeu tenha-se retirado da ilha por respeito à mãe, não por ser menor em forças militares. [3] Então, Alexandre, aterrorizado por esta crueldade da mãe, também ele mesmo abandona-a, antepondo, a um reino perigoso, uma vida segura e resguardada. [4] Cleópatra, na verdade, temendo que o filho mais velho, Ptolomeu, fosse apoiado com tropas auxiliares de Ciziceno para recuperar o Egito, envia a Gripo grandes tropas auxiliares e, como esposa, Selene, para se casar com o inimigo de seu antigo marido, e chama de volta ao reino, por meio de embaixadores, o filho Alexandre; [5] enquanto maquinava a ruína deste com insídias ocultas, tendo sido antecipada por ele, foi assassinada e deixou o sopro vital não pelo destino, mas por parricídio; [6] foi digna da infâmia dessa morte, pois expulsou a mãe de seu leito, fez as duas filhas viúvas pelo matrimônio alternado com os irmãos e, alternadamente, levou guerra a um filho lançado ao exílio e maquinou, por insídias, a ruína do outro, tendo-lhe tomado o reino.

[5, 1] Mas tão nefando massacre cometido por Alexandre não ficou impune. Com efeito, quando, primeiro, descobriu-se que a mãe fora assassinada pela transgressão do filho, é expulso para o exílio pela confluência do povo, e Ptolomeu, chamado de volta, retorna ao reino, já que ele não desejara travar guerra com a mãe, nem reivindicar de seu irmão, por meio de armas, aquilo que anteriormente tinha possuído. [2] Enquanto essas ações sucedem-se, um irmão dele<sup>594</sup>, nascido de uma concubina, a quem o pai deixara em testamento o reino de Cirene,

<sup>594</sup> Ou seja, Apião.

decedit. [3] Iam enim fortuna Romana porrigere se ad orientalia regna, non contenta Italiae terminis, coeperat. Itaque et ea pars Libyae prouincia facta est; postea Creta Ciliciaque piratico bello perdomitae in formam prouinciae rediguntur. [4] Quo pacto et Syriae et Aegypti regna Romana uicinitate artata, quae incrementa de finitimis bellis quaerere solebant, adempto uagandi arbitrio uires suas in perniciem mutuam conuerterunt, [5] adeo ut adsiduis proeliis consumpti in contemptum finitimorum uenerint praedaeque Arabum genti, inbelli antea, fuerint; [6] quorum rex Herotimus fiducia septingentorum filiorum, quos ex paelicibus susceperat, diuisis exercitibus nunc Aegyptum, nunc Syriam infestabat magnumque nomen Arabum uiribus finitimorum exsanguibus fecerat.

morreu, tendo instituído como herdeiro o povo romano. [3] Já, de fato, a sorte romana começara a se estender pelos reinos orientais, não contida nos limites da Itália. E, assim, também essa parte da Líbia foi feita província; posteriormente, Creta e Cilícia, submetidas numa guerra de piratas, foram reduzidas à condição de províncias. [4] Por isso, oprimidos pela vizinhança com Roma, os reinos da Síria e também do Egito, os quais costumavam buscar a sua expansão por meio de guerras fronteiriças, subtraído o arbítrio de perambular, reverteram suas próprias forças militares para uma mútua devastação, [5] a tal ponto que, arruinados em batalhas constantes, alcançaram o desprezo dos vizinhos e foram pilhagem da gente dos árabes, antes imbele; [6] o rei deles, Herótimo, com confiança nos setecentos filhos que tivera com concubinas, assolava, com os exércitos divididos, ora o Egito, ora a Síria, e fizera o nome dos árabes grandioso com as forças militares exangues dos vizinhos.

## LIBER XL

## Livro XL<sup>595</sup>

[1, 1] Mutuis fratrum odiis et mox filiis inimicitiiis parentum succedentibus cum inexpiabili bello et reges et regnum Syriae consumptum esset, ad externa populus auxilia concurrat peregrinosque reges sibi

[1, 1] Como os reis e também o reino da Síria tinham sido arruinados em uma guerra implacável por causa do ódio mútuo dos irmãos<sup>596</sup>, e, em seguida, dos filhos que sucederam às inimizades dos pais, o povo acorreu aos auxílios externos e começou a procurar reis estrangeiros para si. [2] E

<sup>595</sup> O livro também integra o recorte de Mello (2022, p. 114-5), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento. Este é o menor livro do *Epítome*. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) destaca como, em Trogo, haveria, nele, a narrativa sobre como os romanos tiraram proveito dos conflitos internos para anexar a Síria e o Egito ao seu território, enquanto Justino dedica-se, apenas, aos últimos dois reis da Síria. Segundo o prólogo, este livro compreenderia, inclusive, a história de Cleópatra, que teria prendido Marco Antônio a seu amor ([...] *Cleopatra, quae inligato in amorem suum M. Antonio [...] prol. lib. XL*), ao que o abreviador não faz qualquer menção.

<sup>596</sup> Na verdade, dos primos, Antíoco VIII, Filómetor, e Antíoco IX, de Cízico.

circumspicere coepit. [2] Itaque cum pars Mithridatem Ponticum, pars Ptolomeum ab Aegypto arcessendum censeret, occurreretque quod et Mithridates implicitus bello Romano esset, Ptolomeus quoque hostis semper fuisset Syriae, [3] omnes in Tigranen, regem Armeniae, consensere, instructum praeter domesticas vires et Parthica societate et Mithridatis adfinitate. [4] Igitur accitus in regnum Syriae per X et VIII annos tranquillissimo regno potitus est; neque bello alium lacescere neque lacesitus inferre alii bellum necesse habuit.

[2, 1] Sed sicut ab hostibus tuta Syria fuit, ita terrae motu uastata est, quo centum septuaginta milia hominum et multae urbes perierunt. Quod prodigium mutationem rerum portendere aruspices responderunt. [2] Igitur Tigrane a Lucullo uicto rex Syriae Antiochus, Cyziceni filius, ab eodem Lucullo appellatur. [3] Sed quod Lucullus dederat, postea ademit Pompeius qui poscenti regnum respondit ne uolenti quidem Syriae, nedum recusanti daturum se regem, qui X et VII annos, quibus Tigranes Syriam tenuit, in angulo Ciliciae latuerit, uicto autem eodem Tigrane a Romanis alieni operis praemia postulet. [4] Igitur ut habenti regnum non ademerit, ita quo cesserit Tigrani, non daturum, quod tueri nesciat, ne rursus Syriam Iudaeorum et Arabum latrociniis infestam reddat. [5] Atque

assim, já que uma parte pensava que deveria ser convocado Mitrídates Pôntico, outra parte, Ptolomeu do Egito, e ocorria que, enquanto Mitrídates estava tolhido pela guerra romana, Ptolomeu, do mesmo modo, sempre fora um inimigo da Síria, [3] todos pensaram em Tigranes, rei da Armênia, munido, além disso, pelas forças militares internas, pela aliança parta e pelo parentesco com Mitrídates. [4] Então, chamado para o trono da Síria, apossa-se, por dezoito anos, de um reino tranquilíssimo; e não teve que provocar os outros à guerra, nem foi preciso, provocado, levar a guerra a outros.

[2, 1] Mas, do mesmo modo que a Síria esteve segura quanto aos inimigos, assim foi devastada por um terremoto, em que setenta mil pessoas e muitas urbes pereceram. Os arúspices responderam que esse prodígio agourava uma mudança de situações. [2] Então, vencido Tigranes por Lúculo, Antíoco, filho de Ciziceno<sup>597</sup>, foi chamado de rei da Síria pelo mesmo Lúculo. [3] Mas aquilo que Lúculo dera, tomou, posteriormente, Pompeio, que respondeu ao pleiteante ao reino que não lhe daria a Síria, nem se ela o quisesse, muito menos quando o recusava como rei, ele que, por dezessete anos, nos quais Tigranes controlou a Síria, escondeu-se em um canto da Cilícia; não obstante, vencido o mesmo Tigranes pelos romanos, postula prêmio pelo trabalho alheio. [4] Então, da mesma forma que ele (Pompeio) não subtraiu o reino de quem o tinha, assim, visto que o cedeu a Tigranes, não o daria a ele (Antíoco) – já que não sabe conservá-lo – para não deixar a Síria

<sup>597</sup> Era, na verdade, filho de Antíoco X, Eusébio, “Ciziceno” a que se faz referência na passagem.

e neto de Antíoco IX, este que era, de fato, o

ita Syriam in prouinciae formam redegit, paulatimque Oriens Romanorum discordia consanguineorum regum factus est.

infestada com os latrocínios dos judeus e dos árabes. [5] E, assim, reduziu a Síria à condição de província, e, paulatinamente, o Oriente fez-se dos romanos pela discórdia dos reis consanguíneos.

## LIBER XLI

[1, 1] Parthi, penes quos uelut diuisione orbis cum Romanis facta nunc Orientis imperium est, Scytharum exules fuere. [2] Hoc etiam ipsorum uocabulo manifestatur, nam Scythico sermone exules “parthi” dicuntur. [3] Hi et Assyriorum et Medorum temporibus inter Orientis populos obscurissimi fuere. [4] Postea quoque, cum imperium Orientis a Medis ad Persas translatum est, ueluti uulgus sine nomine praeda uictorum fuere. [5] Postremo Macedonibus triumphato Oriente seruiuerunt, [6] ut cuiuis mirum uideatur ad tantam eos felicitatem per uirtutem prouectos, ut imperent gentibus, sub quarum imperio ueluti seruile uulgus fuere. [7] A Romanis quoque trinis bellis per maximos duces florentissimis temporibus laccessiti soli ex omnibus gentibus non pares solum, uerum etiam uictores fuere; [8] quamquam plus gloriae sit inter Assyria et Medica Persicaque memorata olim regna et opulentissimum illud mille urbium Bactrianum imperium emergere potuisse quam longinqua bella uicisse, [9] praeterea cum grauibus Scythicis et

## Livro XLI<sup>598</sup>

[1, 1] Os partas – em cujo poder estava o Oriente, como se tivesse sido feita uma divisão do orbe com os romanos – eram exilados dos citas. [2] Isto também era claro pela alcunha deles: com efeito, os exilados são ditos *parthi* na língua cita. [3] Naqueles tempos dos assírios e também dos medos, foram os mais obscuros entre os povos do Oriente. [4] Posteriormente, do mesmo modo, quando a soberania do Oriente foi transferida dos medos aos persas, foram pilhagem dos vencedores como se fossem um vulgo sem nome. [5] Finalmente, serviram aos macedônios em seu triunfo no Oriente, [6] de modo que pareça admirável a qualquer um que eles, promovidos à ventura por sua virtude, governassem as gentes sob cuja soberania estiveram como se fossem um vulgo servil. [7] Atacados, do mesmo modo, pelos romanos em três guerras, pelos maiores comandantes nos tempos mais florescentes, foram os únicos de todas as gentes a ser-lhes não só parelhos, mas também vitoriosos; [8] se bem que haveria mais glória em terem conseguido emergir entre os reinos assírio, medo e persa, outrora famosos, e aquele império opulentíssimo das mil urbes báltrias, do que em vencer em guerras longínquas, [9] sobretudo, porque eram afligidos pelas violentas guerras com os citas e seus vizinhos, sendo

<sup>598</sup> Os trechos Just. 41.1.1 e 7-9 e 41.5.5-6 e 8 já faziam parte do recorte de Mello (2022, p. 115-6), mas foram trazidos para cá para permitir a leitura contínua.

uicinalibus bellis adsidue uexati uariis periculorum certaminibus urgerentur. [10] Hi domesticis seditionibus Scythia pulsati solitudines inter Hyrcaniam et Dahas et Areos et Sparnos et Margianos furtim occupauere. [11] Fines deinde non intercedentibus primo finitimis, postea etiam prohibentibus in tantum protulere ut non inmensa tantum ac profunda camporum, uerum etiam praerupta collium montiumque ardua occupauerint. [12] Ex quo fit ut Parthiae pleraque finium aut aestus aut frigoris magnitudo possideat, quippe cum montes nix campos aestus infestet.

[2, 1] Administratio gentis post defectionem Macedonici imperii sub regibus fuit. [2] Proximus maiestati regum probulorum ordo est; ex hoc duces in bello, ex hoc in pace rectores habent. [3] Sermo his inter Scythicum Medicumque medius et utrisque mixtus. [4] Vestis olim sui moris; posteaquam accessere opes, ut Medis perlucida ac fluida. Armorum patrius ac Scythicus mos. [5] Exercitum non, ut aliae gentes, liberorum, sed maiorem partem seruitiorum habent, quorum uulgu nulli manumittendi potestate permissa ac per hoc omnibus seruis nascentibus in dies crescit. Hos pari ac liberos suos cura et equitare et sagittare magna industria docent. [6] Locupletissimus ut quisque est, ita plures in bella equites regi suo praebet. Denique

continuamente ameaçados por pelejas variegadas em perigos. [10] Expulsos da Cítia por essas revoltas internas, ocuparam, furtivamente, os desertos entre a Hircânia, os dahas, os areos, os esparnos e os margianos. [11] Então, primeiro, não sendo inibidos pelos vizinhos, depois, mesmo com eles impedindo, expandiram suas fronteiras a tal ponto que ocuparam não só a imensidão e a vastidão dos campos, como também as escarpas das colinas e os aclives dos montes. [12] Daí que a intensidade ou do calor ou do frio possui a maior parte das fronteiras da Pártia, pois enquanto a neve hostiliza os montes, o calor, os campos.

[2, 1] Depois da deserção da soberania macedônica, a administração dessas gentes ficou sob responsabilidade dos reis. [2] Próxima à majestade dos reis está a ordem dos próbulos<sup>599</sup>; a partir dela têm os comandantes na guerra, a partir dela, os administradores na paz. [3] A língua deles está no meio entre a dos citas e a dos medos e é uma mistura de ambas. [4] Outrora, tinham seu próprio costume de vestimenta; depois que suas riquezas aumentaram, (têm) uma translúcida e fluída como a dos medos. O costume de suas armas é o dos seus pais e dos citas. [5] Não têm um exército de homens livres como o de outras gentes, mas a maior parte é de servos, os quais ninguém do vulgo tem o poder para libertar, e, por isso, (o exército) cresce devido a todos os servos que nascem por dia. Com cuidado igual ao destinado a seus próprios filhos, ensinam-nos a montar a cavalo e a atirar flechas com grande perícia. [6] Quanto mais

<sup>599</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que há diferenças nos manuscritos para o termo, e os editores ao longo do tempo propuseram diferentes soluções. Segundo a estudiosa, essa ordem seria escolhida pelas sete principais famílias dos citas (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Mineo (2020, p. 120, cf. Justin) traz *p<r>obulorum* (grifo do editor).

Antonio bellum Parthis inferenti cum L milia equitum occurrissent, soli CCCC liberi fuere. [7] Comminus in acie proeliari aut obsessas expugnare urbes nesciunt. Pugnant aut procurrentibus equis aut terga dantibus; saepe etiam fugam simulant ut incautiores aduersum uulnera insequentes habeant. [8] Signum his in proelio non tuba, sed tympano datur. Nec pugnare diu possunt; ceterum intolerandi forent, si quanta his est impetus uis, tanta et perseuerantia esset. [9] Plerumque in ipso ardore certaminis proelia deserunt ac paulo post pugnam ex fuga repetunt, ut, cum maxime uicisse te putes, tunc tibi discrimen subeundum sit. [10] Munimentum ipsis equisque loricae plumatae sunt, quae utrumque toto corpore tegunt. Auri argentique nullus nisi in armis usus.

[3, 1] Vxores dulcedine uariae libidinis singuli plures habent, nec ulla delicta adulterio grauius uindicant. [2] Quamobrem feminis non conuiuia tantum uirorum, uerum etiam conspectum interdicit. [3] Carne non nisi uenatibus quaesita uescuntur. [4] Equis omni tempore uectantur; illis bella, illis conuiuia, illis publica ac priuata officia obeunt; super illos ire, consistere, mercari, colloqui. Hoc

opulento alguém é, tanto mais cavalos oferece a seu próprio rei nas guerras. Em consequência disso, enquanto cinquenta mil soldados de cavalaria teriam saído ao encontro de Antônio – que levava guerra aos partas –, somente quatrocentos eram homens livres. [7] Não sabem batalhar em linha, corpo a corpo, ou tomar de assalto urbes sitiadas. Combatem a cavalo ou avançando ou dando as costas; amiúde, também simulam fuga de modo a que tenham os que os perseguem mais incautos contra seus ataques. [8] O sinal para batalha não lhes é dado por uma trombeta, mas por um tambor. E não podem combater por muito tempo; de resto, seriam insuperáveis, se a força deles tivesse também tamanha perseverança, quanto tem ímpeto. [9] E muitas vezes desertam de batalhas durante o próprio ardor da peleja e, pouco depois, retomam o combate em seguida à fuga, de modo que, quando pensas ter vencido, com certeza, naquele momento, uma ameaça ter-se-ia aproximado de ti. [10] A proteção deles próprios e dos cavalos estão nas couraças de escamas de metal<sup>600</sup>, as quais cobrem o corpo inteiro de ambos. Nenhum uso se faz do ouro e da prata, exceto em suas armas.

[3, 1] Cada um tem muitas esposas pelo encanto de prazeres variados, e não punem outro delito com mais severidade do que o adultério. [2] Por essa razão, as mulheres são proibidas não só dos banquetes com os homens, como também de serem vistas. [3] Não se alimentam de carne, a não ser aquelas obtidas em caçadas. [4] Ficam montados a cavalo o tempo todo; neles dirigiam-se à guerra, neles, aos banquetes, neles, aos serviços públicos e privados; sobre eles, movem-se, detêm-se, fazem comércio,

<sup>600</sup> Em latim, *plumatus*, emplumado, coberto de penas. Saraiva (2006 [1927], p. 909) atesta “coberto de escamas de metal” a partir de Justino.

denique discrimen inter seruos liberosque est, quod serui pedibus, liberi non nisi equis incedunt. [5] Sepultura uulgo aut auium aut canum laniatus est; nuda demum ossa terra obruunt. [6] In superstitionibus atque cura deorum praecipua omnibus ueneratio est. [7] Ingenia genti tumida, seditiosa, fraudulenta, procacia; quippe uiolentiam uiris, mansuetudinem mulieribus adsignant. [8] Semper aut in externos aut in domesticos motus inquieti, natura taciti, ad faciendum quam ad dicendum promptiores; proinde secunda aduersaque silentio tegunt. [9] Principibus metu, non pudore parent. In libidinem proiecti, in cibum parci. [10] Fides dicti promissique nulla, nisi quatenus expedit.

[4, 1] Post mortem Alexandri Magni cum inter successores eius Orientis regna diuiderentur, nullo Macedonum dignante Parthorum imperium Staganori, externo socio, traditur. [2] Postea diductis Macedonibus in bellum ciuile cum ceteris superioris Asiae populis Eumenen secuti sunt, quo uicto ad Antigonom transiere. [3] Post hunc a Nicatore Seleuco ac mox ab Antiocho et successoribus eius possessi, a cuius pronepote Seleuco primum defecere primo Punico bello, L. Manlio Vulsone M. Atilio Regulo consulibus. [4] Huius defectionis impunitatem illis duorum fratrum regum, Seleuci et Antiochi, discordia dedit, qui dum inuicem eripere sibi regnum

conversam. Esta é a distinção entre os servos e os homens livres: que os servos andam a pé, os homens livres, senão a cavalo. [5] Geralmente, sua sepultura é a mutilação ou por aves ou por cães; forram, eventualmente, os ossos desnudos com terra. [6] Há em todos uma particular veneração às crenças e cuidado com os deuses. [7] As índoles dessa gente são altivas, revoltosas, fraudulentas, atrevidas; pois atribuem a violência aos homens, a mansidão às mulheres. [8] Sempre inquietos para agitações ou externas ou internas; silenciosos por natureza; mais dispostos a fazer do que a dizer; assim, cobrem com o silêncio o que é favorável e o adverso. [9] Obedecem aos aristocratas por medo, não por pudor. São inclinados ao prazer, parcos para comida. [10] Não há fidelidade alguma ao que foi dito e prometido, a não ser quando lhes é vantajoso.

[4, 1] Depois da morte de Alexandre, o Grande, quando os reinos do Oriente foram divididos entre os sucessores dele, como nenhum dos macedônios a considerava digna, a soberania dos partos é entregue a Estaganor<sup>601</sup>, um aliado externo. [2] Posteriormente, com os macedônios separados em uma guerra civil, seguiram, com os outros povos da Ásia superior, Eumênes; vencido este, passaram para Antígono. [3] Depois dele, são dominados por Seleuco Nicátor, e depois, por Antíoco e pelos sucessores dele, contra cujo bisneto, Seleuco, primeiro se revoltaram na Primeira Guerra Púnica, sob os consulados de L. Mânlio Vulsão e M. Atilio Régulo. [4] A impunidade por essa deserção deles deu-se pela discórdia de dois reis, os irmãos Seleuco e Antíoco, que, enquanto queriam mutualmente arrebatam o reino para si,

<sup>601</sup> Estaganor aparece na lista da divisão do reino em Just. 13.4.23.

uolunt, persequi defectores omiserunt. [5] Eodem tempore etiam Theodotus, mille urbium Bactrianarum praefectus, defecit regemque se appellari iussit, quod exemplum secuti totius Orientis populi a Macedonibus defecere. [6] Erat eo tempore Arsaces, uir sicut incertae originis, ita uirtutis expertae. [7] Hic solitus latrocinis et rapto uiuere accepta opinione Seleucum a Gallis in Asia uictum, solutus regis metu, cum praedonum manu Parthos ingressus praefectum eorum Andragoran oppressit sublatoque eo imperium gentis inuasit. [8] Non magno deinde post tempore Hyrcanorum quoque regnum occupauit, atque ita duarum ciuitatum imperio praeditus grandem exercitum parat metu cum Seleuci et Theodoti, Bactrianorum regis. [9] Sed cito morte Theodoti metu liberatus cum filio eius, et ipso Theodoto, foedus ac pacem fecit, nec multo post cum Seleuco rege ad defectores persequendos ueniente congressus uictor fuit; [10] quem diem Parthi exinde sollemnem uelut initium libertatis obseruant.

[5, 1] Reuocato deinde Seleuco nouis motibus in Asiam dato laxamento regnum Parthicum format, militem legit, castella munit, ciuitates firmat; [2] urbem quoque nomine Daram in monte Apaorteno condit, cuius loci ea condicio est ut neque munitius quicquam esse

negligenciaram a perseguição dos desertores. [5] Na mesma época, também Teódoto<sup>602</sup>, intendente das mil urbes báltrias, revoltou-se e ordenou que fosse chamado de rei, o que foi um exemplo seguido por todos os povos do Oriente que se revoltaram contra os macedônios. [6] Naquela época, havia um homem, Ársaces, que, por um lado, era de origem incerta, por outro, tinha virtude reconhecida. [7] Ele, habituado a viver por meio de latrocínios e roubo, tendo assentido ao rumor de que Seleuco fora vencido pelos gauleses na Ásia, livre do medo do rei, ingressou (no território) dos partos com uma tropa de bandidos, oprimiu o intendente deles, Andrágoras, e, com ele eliminado, assaltou a soberania dessa gente. [8] Não muito tempo depois, então, ocupou, do mesmo modo, o reino dos hircânios e, assim, dotado com a soberania das duas cidades, prepara um exército por medo de Seleuco e Teódoto, rei dos báltrias. [9] Mas, rapidamente, libertado do medo com a morte de Teódoto, selou um acordo e a paz com o filho dele, ele também Teódoto, e, não muito depois, lutou com o rei Seleuco que viera para perseguir os desertores, sendo vencedor; [10] os partas, desde então, reverenciam este dia solene, como se fosse o início de sua liberdade.

[5, 1] Então, enquanto Seleuco é chamado de volta à Ásia por novos motins, tendo-lhe sido dado um repouso, organiza o reino dos partas, reúne os soldados, protege castelos, fortifica cidades; [2] funda, do mesmo modo, a urbe chamada de Dara no monte Apaorteno, cujo local tem uma condição tal que não poderia haver outro mais protegido,

<sup>602</sup> Normalmente, assim como seu filho citado mais abaixo, é chamado de Diódoto. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) opta por usar este nome em sua tradução; nós, por manter aquele mais próximo ao que aparece em latim.



neque amoenius possit. [3] Ita enim et praeruptis rupibus undique cingitur ut tutela loci nullis defensoribus egeat, et soli circumiacentis tanta ubertas ut propriis opibus expleatur; [4] fontium ac siluarum ea copia est, ut et aquarum abundantia inrigetur et uenationum uoluptatibus exornetur. [5] Sic Arsaces quaesito simul constitutoque regno non minus memorabilis Parthis quam Persis Cyrus, Macedonibus Alexander, Romanis Romulus, matura senectute decedit, [6] cuius memoriae hunc honorem Parthi tribuerunt ut omnes exinde reges suos Arsacis nomine nuncupent. [7] Huius filius et successor regni, Arsaces et ipse nomine, aduersus Antiochum, Seleuci filium, centum milibus peditum et XX milibus equitum instructum mira uirtute pugnauit; ad postremum in societatem eius adsumptus est. [8] Tertius Parthis rex Priapatius fuit, sed et ipse Arsaces dictus. Nam sicut supra dictum est, omnes reges suos hoc nomine, sicuti Romani Caesares Augustosque, cognominauere. [9] Hic actis in regno XV annis decessit, relictis duobus filiis, Mithridate et Phrahate. Quorum maior Phrahates, more gentis heres regni, Mardos, ualidam gentem, bello domuit nec multo post decessit pluribus filiis relictis, [10] quibus praeteritis fratri potissimum Mithridati, insignis uirtutis uiro, reliquit imperium, plus regio quam patrio deberi nomini ratus potiusque patriae quam liberis consulendum.

[6, 1] Eodem ferme tempore, sicut in Parthis

nem com mais encanto. [3] Assim, de fato, é cercada, por todos os lados, por encostas íngremes, de modo que nenhum defensor é necessário para a tutela do local, e há uma tamanha abundância no solo circundante que é suprida por seus próprios recursos; [4] há uma grande quantidade de fontes e florestas, de modo que é irrigada por uma abundância de águas e também ornamentada pelos prazeres da caça. [5] Assim, Ársaces, tendo alcançado e, ao mesmo tempo, constituído o reino, não menos memorável aos partas do que Ciro aos persas, Alexandre aos macedônios, Rômulo aos romanos, morreu em madura velhice, [6] em cuja memória os partas tributaram esta honraria: que, a partir de então, todos os seus próprios reis sejam chamados pelo nome de Ársaces. [7] O filho dele e seu sucessor no reino, ele mesmo chamado Ársaces, combateu, com admirável virtude, contra Antíoco, filho de Seleuco, equipado com cem mil soldados de infantaria e vinte mil de cavalaria; por fim, associou-se a ele em uma aliança. [8] O terceiro rei dos partas foi Priapácio, mas também ele é dito Ársaces. Com efeito, como foi dito acima, todos os seus reis eram distinguidos por esse nome, assim como os Césares e os Augustos pelos romanos. [9] Ele, após atuar no reino por quinze anos, morreu, tendo deixado dois filhos, Mitridates e Fraates. O mais velho deles, Fraates, herdeiro do reino pelo costume de sua gente, submeteu com guerra os mardos, gente robusta, e, não muito depois, morreu, deixando muitos filhos; [10] com eles preteridos, deixa a soberania preferencialmente ao irmão, Mitridates, homem de insigne virtude, certo de que devia mais ao nome de rei do que ao de pai e o considerando mais útil à pátria do que os filhos.

[6, 1] Quase na mesma época, dois grandes homens começam seus reinados: como

Mithridates, ita in Bactris Eucratides, magni uterque uiri regna ineunt. [2] Sed Parthorum fortuna felicior ad summum hoc duce imperii fastigium eos perduxit. [3] Bactriani autem per uaria bella iactati non regnum tantum, uerum etiam libertatem amiserunt, siquidem Sogdianorum et Arachotorum et Drangarum et Areorum Indorumque bellis fatigati ad postremum ab inualidioribus Parthis uelut exsanguis oppressi sunt. [4] Multa tamen Eucratides bella magna uirtute gessit, quibus adtritum cum obsidione Demetrii, regis Indorum, pateretur, cum CCC militibus LX milia hostium adsiduus eruptionibus uicit. Quinto itaque mense liberatus Indiam in potestatem redegit. [5] Vnde cum se reciperet, a filio, quem socium regni fecerat, in itinere interficitur, qui non dissimulato parricidio, uelut hostem, non patrem interfecisset, et per sanguinem eius currum egit et corpus abici insepultum iussit. [6] Dum haec apud Bactros geruntur, interim inter Parthos et Medos bellum oritur. Cum uarius utriusque populi casus fuisset, ad postremum uictoria penes Parthos fuit. [7] His uiribus auctus Mithridates Mediae Bacasin praeponit, ipse in Hyrcaniam proficiscitur. [8] Vnde reuersus bellum cum Elymaeorum rege gessit, quo uicto hanc quoque gentem regno adiecit imperiumque Parthorum a monte Caucaso multis populis in

Mitrídates entre os partos, também Eucrátides entre os báciais. [2] Mas a fortuna dos partos, mais favorável, conduziu-os ao mais alto ápice da soberania por meio desse comandante. [3] Os báciais, por sua vez, lançados em várias guerras, perderam não só o reino, como também a liberdade, visto que fatigados com as guerras dos sogdianos, aracotos, drangas<sup>603</sup>, areos e indos, por fim, como se exaustos, foram oprimidos pelos partos, mais fracos que eles. [4] Contudo, Eucrátides travou muitas guerras com grande virtude. Abatido por elas, enquanto suportava o cerco de Demétrio, rei dos indos, (ainda) venceu, por meio de contínuas ofensivas, sessenta mil inimigos com trezentos soldados. E, assim, libertado (do cerco) após cinco meses, submeteu a Índia a seu poder. [5] Quando se deslocava dali, foi assassinado, no percurso, pelo filho, a quem fizera aliado do reino; ele, não dissimulando o parricídio, como se tivesse assassinado um inimigo, não o pai, dirigiu a carruagem sobre o sangue dele e também ordenou abandonar o corpo insepulto. [6] Enquanto essas ações são realizadas junto aos báciais, nesse ínterim, tem início uma guerra entre os partos e os medos. Embora fossem variáveis as situações para ambos os povos, por fim, a vitória foi para as mãos partos. [7] Engradecido com essas forças militares, Mitrídates pôs Bacasis à frente da Média; ele mesmo parte para a Hircânia. [8] De volta de lá, travou guerra com o rei dos elímeos; com ele vencido, anexa, do mesmo modo, essa gente ao reino e, tendo submetido muitos povos à sua autoridade, estendeu a soberania dos partos desde o monte Cáucaso até o rio

<sup>603</sup> Em outros trechos, como Just. 12.9.5, drancas. Reproduzimos a diferença de grafia do latim nesta passagem, embora Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indique a possibilidade de que seja *Drancarum*.

dicionem redactis usque flumen Euphraten protulit. [9] Atque ita aduersa ualetudine adreptus, non minor Arsace proauo, gloriosa senectute decedit.

Eufrates. [9] E, assim, combatido por uma doença adversa, não menor que seu bisavô Ársaces, faleceu de uma velhice gloriosa.

## LIBER XLII

[1, 1] Post necem Mithridatis, Parthorum regis, Phrahates filius rex statuitur, qui cum inferre bellum in ultionem temptati ab Antiocho Parthici regni Syriae stauisset, Scytharum motibus ad sua defendenda reuocatur. [2] Namque Scythae in auxilium Parthorum aduersus Antiochum, Syriae regem, mercede sollicitati cum confecto bello iam superuenissent et calumnia tardius lati auxilii mercede fraudarentur, dolentes tantum itineris frustra emensum, cum uel stipendium pro uexatione uel alium hostem dari sibi poscerent, superbo responso offensi fines Parthorum uastare coeperunt. [3] Igitur Phrahates, cum aduersus eos proficisceretur, ad tutelam regni reliquit Himerum quendam pueritiae sibi flore conciliatum, quin tyrannica crudelitate oblitus et uitae praeteritae et uicarii officii Babylonios multasque alias ciuitates inopportune uexauit. [4] Ipse autem Phrahates exercitum Graecorum, quem bello Antiochi captum superbe crudeliterque tractauerat, in bellum secum ducit, inmemor prorsus quod hostiles eorum animos nec captiuitas minuerat et insuper iniuriarum indignitas exacerbauerat. [5] Itaque cum inclinatam Parthorum aciem

## Livro XLII

[1, 1] Após o massacre de Mitrídates, rei dos partas, seu filho Fraates é designado como rei, o qual, como tivesse decidido levar guerra à Síria em vingança ao ataque de Antíoco ao reino parta, é chamado de volta para a defesa de seus bens por causa da movimentação dos citas. [2] E, com efeito, os citas, atraídos por uma recompensa, tinham vindo em auxílio dos partas contra Antíoco, rei da Síria. Tendo chegado com a guerra já terminada e sido despojados da recompensa devido ao ultraje do auxílio trazido tardiamente, lamentando tamanho percurso percorrido em vão, requeriam, por isso, ou o soldo pelo sofrimento, ou serem enviados a outro inimigo. Ofendidos por uma resposta soberba, começaram a devastar os territórios dos partas. [3] Então, Fraates, como tinha partido contra eles, deixou a tutela do reino a um certo Himeros – querido a si desde a flor da infância –, que, esquecido de sua vida passada e de seus deveres de substituto, atacou de maneira inoportuna, com tirânica crueldade, os babilônios e muitas outras cidades. [4] No entanto, o próprio Fraates conduziu à guerra um exército grego que, capturado na guerra contra Antíoco, tratara com orgulho e crueldade, sem se lembrar inteiramente de que o cativo não reduzira os ânimos hostis deles, e nem de que, por outro lado, a indignidade das injúrias os exasperara. [5] E, assim, quando viram a linha de batalha dos partas em declínio, transferiram as armas

uidissent, arma ad hostes transtulere, et diu cupitam captiuitatis ultionem exercitus Parthici et ipsius Phrahatis regis cruenta caede exsecuti sunt.

[2, 1] In huius locum Artabanus, patruus eius, rex substituitur. Scythae autem contenti uictoria depopulata Parthia in patriam reuertuntur. [2] Sed et Artabanus bello Tochariis inlato in brachio uulneratus statim decedit. [3] Huic Mithridates filius succedit, cui res gestae Magni cognomen dedere; quippe claritatem parentum aemulatione uirtutis accensus animi magnitudine supergreditur. [4] Multa igitur bella cum finitimis magna uirtute gessit multosque populos Parthico regno addidit. [5] Sed et cum Scythis prospere aliquotiens dimicauit ultorque iniuriae parentum fuit. [6] Ad postremum Artoadisti, Armeniorum regi, bellum intulit. [7] Sed quoniam in Armeniam transitum facimus, origo eius paulo altius repetenda est. [8] Neque enim silentio tantum regnum praeteriri fas est, cum fines eius post Parthiam omnium regnorum magnitudinem superent, [9] siquidem Armenia a Cappadocia usque mare Caspium undecies centum milia patet, sed et in latitudinem milia passuum septingenta porrigitur. [10] Conditam est autem ab Armenio, Iasonis Thessali comite, quem cum perditum propter insignem periculosamque regno suo uirtutem Pelias rex recuperet, denunciata militia in Colchos abire iubet pellemque arietis memorabilem gentibus

para o inimigo e executaram a vingança do cativo, há muito desejada, com o cruento massacre do exército parto e do próprio rei Fraates.

[2, 1] No lugar dele, o substitui como rei Artábano, seu tio. Os citas, no entanto, satisfeitos com a vitória e com a Pártia devastada, voltam à sua pátria. [2] Mas também Artábano morre, em seguida, por causa de uma ferida no braço em uma guerra levada aos tocários. [3] O filho dele, Mitrídates, sucede-o, a quem os feitos deram o apelido de “o Grande”. De fato, impelido pelo desejo de se igualar à virtude dos ancestrais e por sua grande sabedoria, sobrepuja a reputação deles. [4] Travou, então, com grande virtude, muitas guerras com os vizinhos e acrescentou muitos povos ao reino parto. [5] Mas, também, algumas vezes, lutou favoravelmente contra os citas e foi vingador da ofensa aos seus ancestrais. [6] Por fim, levou guerra a Artoadistes, rei dos armênios. [7] Mas, como fazemos a passagem à Armênia, sua remota origem deve ser um pouco lembrada. [8] Na verdade, não é justo que se passe em silêncio tamanho reino, visto que as suas fronteiras superam a extensão de todos os reinos depois da Pártia, [9] pois, a Armênia dispõe-se por mil e cem milhas da Capadócia até o mar Cáspio, mas, em latitude, estende-se por setecentos mil passos. [10] Com efeito, foi fundada por Armênio, companheiro do tessálio Jasão, o qual, como o rei Pélias o desejasse destruído devido à sua ilustre virtude, perigosa à sua autoridade, ordena-lhe partir para a Cólquida em vaticinada expedição e trazer a pele do carneiro insigne entre as gentes, esperando a morte do homem, ou por causa dos perigos de tão longa navegação, ou por causa da guerra de tão profunda barbárie. [11] Então, divulgada

reportare, sperans interitum uiri aut ex periculis tam longae nauigationis aut ex bello tam profundae barbariae. [11] Igitur Iason diuulgata opinione tam gloriosae expeditionis, cum ad eum certatim principes iuuentutis totius ferme orbis concurrerent, exereitum fortissimorum uirorum, qui Argonautae cognominati sunt, comparauit. [12] Quem cum magnis rebus gestis incolumem reduxisset, rursus a Peliae filiis Thessalia magna uipulsus cum ingenti multitudine, quae ad famam uirtutis eius ex omnibus gentibus cotidie confluebat, comite Medea uxore, quam repudiatam miseratione exilii rursus receperat, et Medo, priuigno ab Aegeo, rege Atheniensium, genito, Colchos repetiuit socerumque Aeetam regno pulsum restituit.

[3, 1] Magna deinde bella cum finitimis gessit captasque ciuitates partim regno soceri ad abolendam superioris militiae iniuriam, qua filiam eius Medeam abduxerat et filium Aegialeum interfecerat, adiunxit, partim populis, quos secum adduxerat, adsignauit [2] primusque humanorum post Herculem et Liberum, qui reges Orientis fuisse traduntur, eam caeli plagam domuisse dicitur. [3] Populis quibusdam Rhecam et Amphistratum, aurigas Castoris et Pollucis, duces adsignauit [4] Cum Albanis foedus percussit, qui Herculem ex Italia ab Albano monte, cum Geryone extincto armenta eius per Italiam

a expectativa de tão gloriosa expedição, como os príncipes da juventude de quase todo o mundo aflúissem a ele, Jasão reúne um exército dos mais fortes homens, que foram chamados de Argonautas. [12] Como o tivesse reconduzido incólume com muitos feitos ilustres, ele foi de novo expulso com grande animosidade da Tessália pelos filhos de Pélias, junto à ingente multidão – a qual confluía diariamente vinda de todas as gentes para a fama de sua virtude – e acompanhado da esposa Medeia, a qual ele acolhera rejeitada por causa da miséria do segundo exílio, e de Medo, seu enteado, gerado de Egeu, rei dos atenienses, retornou aos colcos e restituiu, ao reino, seu sogro Eetes que tinha sido expulso.

[3, 1] Logo, para obliterar a ofensa da expedição anterior, na qual abduzira a filha dele, Medeia, e lhe matara o filho Egialeu<sup>604</sup>, travou grandes guerras com os vizinhos e parte das cidades capturadas ajuntou ao reino do sogro, parte atribuiu aos povos que aduzira consigo, [2] e se diz ter sido o primeiro dos humanos a domar essa região do orbe, depois de Hércules e Líber, que teriam sido, segundo a tradição, reis do Oriente. [3] Designou Recas e Anfístrato, aurigas de Pólux e Castor, comandantes de alguns desses povos. [4] Cunhou uma aliança com os albanos, os quais dizem terem seguido Hércules da Itália, desde o monte Albano, quando, morto Gerião, ele conduzia seus bois através da Itália, e, lembrados das origens italianas, saudaram como irmãos o exército de Cn. Pompeio na

<sup>604</sup> Comumente, o irmão de Medeia é chamado de Absirto.

duceret, secuti dicuntur, quique memores Italicae originis exercitum Cn. Pompei bello Mithridatico fratres salutauere. [5] Itaque Iasoni totus ferme Oriens ut conditori diuinos honores templaque constituit, quae Parmenion, dux Alexandri Magni, post multos annos dirui iussit, ne cuiusquam nomen in Oriente uenerabilius quam Alexandri esset. [6] Post mortem Iasonis Medus aemulus uirtutis eius in honorem matris Mediam urbem condidit regnumque ex nomine suo Medorum constituit, sub cuius maiestate Orientis postea imperium fuit. [7] Albanis uicinae Amazones sunt, quarum reginam Thalestrim concubitum Alexandri petisse multi anctores prodidere. [8] Armenius quoque, et ipse Thessalus, unus de numero ducum Iasonis, recollecta multitudine, quae amisso Iasone rege passim uagabatur, Armeniam condidit, [9] a cuius montibus Tigris fluuius modicis primo incrementis nascitur; interiecto deinde aliquanto spatio sub terras mergitur, atque ita post quinque et XX milia passuum grande iam flumen in regione Sophene emergit ac sic in paludes Euphratis recipitur.

[4, 1] Igitur Mithridates, rex Parthorum, post bellum Armeniae propter crudelitatem a senatu Parthico regno pellitur. [2] Frater eius Orodes, cum regnum uacans occupasset, Babyloniam, quo Mithridates confugerat, diu obsidet et fame coactos in deditionem

Guerra Mitridática. [5] E assim, quase todo Oriente estabeleceu honras divinas e templos para Jasão, como seu fundador, os quais, após muitos anos, Parmênio, um comandante de Alexandre, o Grande, ordenou destruir, para que nenhum outro nome fosse venerado como o de Alexandre. [6] Depois da morte de Jasão, Medo, êmulo de sua virtude, fundou a urbe de Média em honra à sua mãe e estabeleceu o reino dos Medos, a partir de seu nome, sob cuja autoridade esteve depois o império do Oriente. [7] As amazonas são vizinhas dos albanos, cuja rainha Taléstris muitos autores transmitiram ter buscado deitar-se com Alexandre<sup>605</sup>. [8] Armênio – um dos numerosos comandantes de Jasão e ele próprio tessálio –, do mesmo modo, reunida a multidão que vagava em desordem devido à perda do rei Jasão, fundou a Armênia, [9] de cujas montanhas nasce, no início, o rio Tigre: de volume modesto, oculta-se sob as terras por uma considerável distância percorrida, e assim, depois de vinte e cinco mil passos, o rio emerge já grande na região de Sofene e, assim, é recebido nos pântanos do Eufrates.

[4, 1] Então, Mitridates, rei dos partas, é expulso do reino pelo senado parta, após a guerra da Armênia, devido à sua crueldade. [2] Como tinha ocupado o trono vacante, seu irmão Orodes sitiava a Babilônia, onde Mitridates refugiara-se durante muito tempo, e compele os cidadãos, coagidos pela fome, à rendição. [3] Por sua vez, Mitridates

<sup>605</sup> Cf. Just. 2.4.33 e 12.3.5-7.

oppidanos compellit. [3] Mithridates autem fiducia cognationis ultro se in potestatem Orodis tradit. [4] Sed Orodes plus hostem quam fratrem cogitans in conspectu suo trucidari iussit. Post haec bellum cum Romanis gessit Crassumque imperatorem cum filio et omni exercitu Romano deleuit. [5] Huius filius Pacorus missus ad persequendas Romani belli reliquias magnis rebus in Syria gestis in Parthiam patri suspectus reuocatur, quo absente exercitus Parthorum relictus in Syria a Cassio, quaestore Crassi, cum omnibus ducibus trucidatur. [6] His ita gestis non magno post tempore Romanis inter Caesarem Pompeiumque civile bellum oritur, in quo Parthi Pompeianarum partium fuere et propter amicitiam cum Pompeio bello Mithridatico iunctam et propter Crassi necem, cuius filium in partibus Caesaris esse audierant, quem ultorem patris uictore Caesare futurum deliberabant. [7] Itaque uictis partibus Pompeianis et Cassio et Bruto auxilia aduersus Augustum et Antonium misere, et post belli finem rursus Pacoro duce inita cum Labieno societate Syriam et Asiam uastare castraque Ventidi, qui post Cassium absente Pacoro exercitum Parthicum fuderat, magna mole adgrediuntur. [8] Sed ille simulato timore diu continuit se et insultare Parthos aliquantisper passus est; ad postremum in securos laetosque partem legionum emisit, quarum impetu fusi Parthi in diuersa abiere. [9] Pacorus cum fugientes suos abduxisse

entrega-se espontaneamente ao poder de Orodes, por confiança do parentesco. [4] Mas Orodes ordenou trucidá-lo em sua presença, considerando-o mais um inimigo do que um irmão. Após isso, guerreou com os romanos e arrasou o general Crasso com seu filho e todo o exército romano. [5] O filho de Orodes, Pácoro, enviado em perseguição aos restantes do exército romano, tendo realizado grandes façanhas na Síria, é chamado de volta à Pártia em condição de suspeito para seu pai. Com sua ausência, o exército dos partas, deixado na Síria, é trucidado com todos os comandantes por Cássio, questor de Crasso. [6] Assim, não muito tempo depois desses acontecimentos, começa a guerra civil romana entre César e Pompeio, na qual os partas estavam do lado de Pompeio, devido à estreita amizade com Pompeio desde a Guerra Mitridática, e, por causa da morte de Crasso, cujo filho ouviram estar ao lado de César, ponderavam que ele haveria de ser vingador do pai, com César vitorioso. [7] E assim, com as façções de Pompeio vencidas, enviaram tropas auxiliares a Cássio e Bruto contra Augusto e Antônio e, após o fim da guerra, novamente sob o comando de Pácoro, tendo começado uma aliança com Labieno, devastaram a Síria e a Ásia e atacaram os acampamentos de Ventídio com um grande efetivo, ele que derrotara, depois de Cássio, o exército parta na ausência de Pácoro. [8] Mas ele, com temor simulado, confinou-se durante muito tempo e, por um período, permitiu-se insultar pelos partas. Por fim, quando seguros e satisfeitos, lançou contra eles parte das legiões. Pelo ímpeto delas, os partas, em fuga, dispersaram-se em diferentes direções. [9] Como Pácoro pensava que os fugitivos teriam afastado consigo as legiões romanas, e também que o acampamento de Ventídio estaria sem defensores, ataca-o. [10] Então, Ventídio,

secum legiones Romanas putaret, castra Ventidi, ueluti sine defensoribus, adgreditur. [10] Tum Ventidius reliqua parte legionum emissa uniuersam Parthorum manum cum rege ipso Pacoro interficit; nec ullo bello Parthi umquam maius uulnus acceperunt. [11] Haec cum in Parthia nuntiata essent, Orodes, pater Pacori, qui paulo ante uastatam Syriam, occupatam Asiam a Parthis audierat uictoremque Pacorum Romanorum gloriabatur, repente filii morte et exercitus clade audita ex dolore in furorem uertitur. [12] Multis diebus non adloqui quemquam, non cibum sumere, non uocem emitte, ita ut etiam mutus factus uideretur. [13] Post multos deinde dies, ubi dolor uocem laxauerat, nihil aliud quam Pacorum uocabat; Pacorus illi uideri, Pacorus audiri uidebatur, cum illo loqui, cum illo consistere; interdum quasi amissum fiebiliter dolebat. [14] Post longum deinde luctum alia sollicitudo miserandum senem inuadit, quem ex numero XXX filiorum in locum Pacori regem destinet. [15] Multae paelices, ex quibus generata tanta iuuentus erat, pro suis quaeque sollicitae animum senis obsidebant. [16] Sed fatum Parthiae fecit, in qua iam quasi sollemne est reges parricidas haberi ut sceleratissimus omnium, et ipse Phraates nomine, rex statueretur.

[5, 1] Itaque statim, quasi nollet mori, patrem interficit; fratres quoque omnes XXX trucidat. Sed nec in filiis cessant parricidia. [2] Nam

enviada a parte restante das legiões, assassina toda a força militar dos partas junto ao próprio comandante Pácoro; nunca, em guerra alguma, os partas sofreram maior desgraça. [11] Quando estas notícias foram anunciadas na Pártia, Orodes, pai de Pácoro, que pouco antes ouvira sobre a destruição da Síria, a ocupação da Ásia pelos partas, e vangloriava-se pela vitória de Pácoro sobre os romanos, de repente, ouvidas (as notícias) sobre a morte do filho e o desastre do exército, converte-se da dor ao furor. [12] Por muitos dias não dirigiu a palavra à pessoa alguma, nem tomou alimento, nem soltou um som, ao ponto de parecer como mudo de fato. [13] Logo, após muitos dias, quando a dor relaxara a sua voz, nenhum outro chamava senão Pácoro; Pácoro parecia-lhe estar visível, Pácoro parecia-lhe fazer-se ouvir, com ele falar, parecia com ele demorar-se; de tempos em tempos, sofria em lágrimas como se perdido. [14] Depois de um longo tempo em luto, logo, outra inquietação invadiu o miserável velho: para qual dos trinta filhos destinar o trono parta no lugar de Pácoro. [15] Muitas concubinas, das quais foram gerados tantos jovens, cercavam o ânimo do velho, solícitas, cada uma em prol do seu. [16] Mas o destino da Pártia, onde é quase um hábito ter-se reis parricidas, fez que o mais transgressor de todos fosse nomeado rei, também ele com nome de Fraates.

[5, 1] Assim, como se não quisesse morrer, assassina, sem demora, o pai; trucidada, do mesmo modo, todos os trinta irmãos. Mas os parricídios não cessam nem ante a seus



cum infestos sibi optimates propter adsidua scelera uideret, ne esset qui nominari rex posset, adultum filium interfici iubet. [3] Huic Antonius propter auxilium aduersus se et Caesarem latum bellum cum sedecim ualidissimis legionibus intulit, sed grauiter multis proeliis uexatus a Parthia refugit. [4] Qua uictoria insolentior Phrahates redditus, cum multa crudeliter consuleret, in exilium a populo suo pellitur. [5] Itaque cum magno tempore finitimas ciuitates, ad postremum Scythas precibus fatigasset, Scytharum maxime auxilio in regnum restituitur. [6] Hoc absente regem Parthi Tiridaten quendam constituerant, qui audito aduentu Scytharum cum magna amicorum manu ad Caesarem in Hispania bellum tunc temporis gerentem confugit, obsidem Caesari minimum Phrahatis filium ferens, quem neglegentius custoditum rapuerat. [7] Quo cognito Phrahates legatos statim ad Caesarem mittit, seruum suum Tiridaten et filium remitti sibi postulat. [8] Caesar et legatione Phrahatis audita et Tiridatis postulatis cognitis – nam et ipse restitui in regnum desiderabat, iuris Romanorum futuram Parthiam adfirmans, si eius regnum muneris eorum fuisset – neque Tiridaten dediturum se Parthis dixit, neque aduersus Parthos Tiridati auxilia daturum. [9] Ne tamen per omnia nihil a Caesare obtentum uideretur, et Phrahati filium sine pretio remisit

filhos. [2] Com efeito, como percebia os nobres hostis a si por causa de sua incessante transgressão, para que não houvesse quem pudesse ser nomeado rei, ordena que seja assassinado o filho adulto. [3] Antônio, por causa do auxílio enviado contra a si e a César<sup>606</sup>, levou a guerra a ele, com dezesseis legiões fortíssimas, mas severamente abalado pelas muitas batalhas, recuou da Pártia. [4] Regressado Fraates, mais arrogante com essa vitória, como tomava medidas muito cruelmente, é expulso pelo seu povo para o exílio. [5] Assim, visto que, por longo tempo, tinha fatigado com súplicas desde as cidades vizinhas, até, por último, os citas, é restituído ao poder, sobretudo, com o auxílio dos citas. [6] Nisto, em sua ausência, os partas estabeleceram rei um certo Tirídates, que, informado da invasão dos citas, com um grande punhado de amigos, fugiu até César que guerreava na Hispânia naquela época, levando como refém para César o filho menor de Fraates, a quem raptara enquanto era tutelado de forma mais negligente. [7] Tomado conhecimento disso, Fraates envia, em seguida, embaixadores a César, postula que o seu servo Tirídates e seu filho sejam remetidos a ele. [8] César, ouvidas as postulações de Fraates e informado do pedido de Tirídates – pois o próprio desejava ser restituído ao poder, afirmando que a Pártia estaria sob as leis dos romanos, se pelas mãos destes, fosse dele o reino –, disse-lhe que nem haveria de entregar Tirídates aos partas, nem haveria de dar a Tirídates tropas auxiliares contra os partas. [9] Entretanto, para que não parecesse nada ter obtido de César por tudo (o que pediu), remeteu o filho a Fraates sem resgate e ordenou ser oferecida uma soma opulenta a Tirídates, enquanto quisesse residir junto aos

<sup>606</sup> Todas as referências a César, neste trecho, dizem respeito a Augusto.

et Tiridati, quoad manere apud Romanos uellet, opulentum sumptum praeberi iussit. [10] Post haec finito Hispaniensi bello cum in Syriam ad componendum Orientis statum uenisset, metum Phrahati incussit ne bellum Parthiae uellet inferre. [11] Itaque tota Parthia captiui ex Crassiano siue Antoni exercitu recollecti signaque cum his militaria Augusto remissa. [12] Sed et filii nepotesque Phrahatibus obsides Augusto dati, plusque Caesar magnitudine nominis sui fecit, quam armis facere alius imperator potuisset.

#### LIBER XLIII

[1, 1] Parthis orientalibusque ac totius propemodum orbis rebus explicitis ad initia Romanae urbis Trogius ueluti post longam peregrinationem domum reuertitur, ingrati cuius officium existimans, si, cum omnium gentium res gestas inlustrauerit, de sola tantum patria taceat. [2] Breuiter igitur initia Romani imperii perstringit, ut nec modum propositi operis excedat nec utique originem urbis, quae est caput totius orbis, silentio praetermittat. [3] Italiae cultores primi Aborigines fuere, quorum rex Saturnus tantae iustitiae fuisse dicitur, ut neque seruierit quisquam sub illo neque quicquam priuatae rei

romanos. [10] Depois disso, com a guerra hispânica terminada, como (Roma) tivesse vindo à Síria para apaziguar a situação do Oriente, incutiu medo em Fraates, para que não quisesse levar guerra à Pártia. [11] E assim os cativos do exército de Crasso ou de Antônio foram reunidos por toda Pártia e, com eles, as insígnias militares reenviadas a Augusto, [12] mas, também, os filhos e netos de Fraates, feitos reféns, de presente a Augusto. E César fez mais com a grandeza de seu nome do que outro general teria conseguido fazer com as armas.<sup>607</sup>

#### Livro XLIII<sup>608</sup>

[1, 1] Terminadas as histórias dos partas, dos orientais e de quase todo o orbe, Trogo (retorna) às origens da urbe romana, como se, após uma longa peregrinação retornasse à casa, julgando ser um trabalho de um cidadão ingrato, se, após tornar célebres os feitos de todas as gentes, silenciou somente quanto à sua pátria. [2] Breuemente, então, toca de passagem nas origens da soberania romana para nem exceder a extensão da obra proposta, nem passar inteiramente em silêncio a origem da urbe, a qual é a capital de todo o orbe. [3] Os primeiros moradores da Itália foram os aborígenes, cujo rei, Saturno, diz-se, foi de tamanha justiça que, sob ele, não havia alguém que fosse servo, nem algo que fosse de propriedade privada, mas tudo era comum e indiviso para todos,

<sup>607</sup> Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que aqui ocorre o fim da cronologia da obra. Como se verá a seguir, no livro XLIII, retomam-se as origens de Roma e de Marselha, enquanto, no XLIV, Justino dedica-se à Hispânia.

<sup>608</sup> O livro também integra o recorte de Mello (2022, p. 120-9), mas foi trazido para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

habuerit, sed omnia communia et indiuisa omnibus fuerint, ueluti unum cunctis patrimonium esset. [4] Ob cuius exempli memoriam cautum est, ut Saturnalibus exaequato omnium iure passim in conuiuiss serui cum dominis recumbant. [5] Itaque Italia regis nomine Saturnia appellata, et mons in quo habitabat Saturnius, in quo nunc ueluti ab Ioue pulso sedibus suis Saturno Capitolium est. [6] Post hunc tertio loco regnasse Faunum ferunt, sub quo Euander ab Arcadiae urbe Pallanteo in Italiam cum mediocri turba popularium uenit, cui Faunus et agros et montem, quem ille postea Palatium appellauit, benigne adsignauit. [7] In huius radicibus templum Lycaeo, quem Graeci Pana, Romani Lupercum appellant, constituit; ipsum dei simulacrum nudum caprina pelle amictum est, quo habitu nunc Romae Lupercalibus decurritur. [8] Fauno uxor fuit nomine Fatua, quae adsidue diuino spiritu inpleta ueluti per furorem futura praemonebat. Vnde adhuc, qui inspirari solent, fatuari dicuntur. [9] Ex filia Fauni et Hercule, qui eodem tempore extincto Geryone armenta, uictoriae praemia, per Italiam ducebat, stupro conceptus Latinus procreatur. [10] Quo tenente regnum Aeneas

como se houesse um único patrimônio para o conjunto. [4] Em memória ao exemplo dele, cuidou-se para que, nas Saturnais, igualado o direito de todos sem distinção, os servos reclinassem-se ao lado de seus senhores nos banquetes. [5] E, assim, a Itália foi chamada, a partir do nome do rei, de Satúrnica, e o monte em que habitava, de Satúrnio, em que, agora, como se Saturno tivesse sido expulso de suas próprias sedes por Jove, está o Capitólio. [6] Depois dele, contam que teria reinado, em terceiro lugar, Fauno, sob quem Evandro viera da urbe da Arcádia, em Palanteia, à Itália, junto a uma comitiva de médio porte, a quem Fauno, bondosamente, deu campos e também um monte, a que aquele, depois, chamou de Palatino. [7] Aos pés dele, construiu um templo a Liceu, a quem os gregos chamam de Pã, os romanos, de Luperco; a estátua nua desse mesmo deus está envolta com uma pele de cabra, traje com que, agora, desfila-se nas Lupercálias de Roma. [8] A esposa de Fauno tinha o nome de Fatua, a qual, continuamente unida ao espírito divino como se a um furor, previa o futuro. Daí que, até hoje, os que costumam ser inspirados são ditos “fatídicos”<sup>609</sup>. [9] Da filha de Fauno e Hércules – que, naquele tempo, morto Gerião, conduzia o gado, prêmio da vitória, através da Itália –, foi gerado Latino<sup>610</sup>, concebido de um estupro. [10] Estando o reino sob seu controle, Eneias veio de Ílion – tendo sido Troia tomada de assalto pelos gregos – à Itália e, sem demora, foi recebido com guerra. Embora tivesse posto o exército

<sup>609</sup> *Fatuari* é o infinitivo de *fatuor* (estar inspirado). Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), esta etimologia para o termo a partir do nome de Fatua só apareceria em Justino.

<sup>610</sup> Segundo Castro Sánchez (2008, p. 511): “[a] tradição ‘helenizante’ apresenta-o como filho de Circe e Ulisses, enquanto que, para a tradição latina recolhida por Virgílio na *Eneida*, era filho do deus nativo Fauno e da deusa de Minturnas, Marica. Aqui é feito neto, não filho, de Fauno.”; “La tradición ‘helenizante’ lo presenta como hijo de Circe y Ulises, mientras que la tradición latina, recogida por Virgilio en la *Eneida*, era hijo del dios indígena Fauno y de la diosa de Minturnas, Marica. Aquí se le hace nieto, no hijo, de Fauno.”

ab Ilio Troia a Graecis expugnata in Italiam venit statimque bello exceptus, cum in aciem exercitum eduxisset, ad conloquium uocatus tantam admirationem sui Latino praebuit, ut et in societatem regni reciperetur et Lauinia in matrimonium ei data gener adscisceretur. [11] Post haec commune utriusque bellum aduersus Turnum, regem Rutulorum, propter fraudatas Lauinae fuit nuptias, in quo et Turnus et Latinus interiit. [12] Igitur cum Aeneas iure uictoriae utroque populo potiretur, urbem ex nomine uxoris Lauinium condidit. [13] Bellum deinde aduersus Mezentium, Etruscorum regem, gessit, in quo cum ipse occidisset, in locum eius Ascanius filius successit, qui Lauinio relicto Longam Albam condidit, quae CCC annis caput regni fuit.

[2, 1] Post multos deinde huius urbis reges ad postremum Numitor et Amulius regno potiti sunt. [2] Sed Amulius cum ui aetate potioem Numitorem oppressisset, filiam eius Ream in perpetuam uirginitatem, ne quis uindex regni uirilis sexus ex gente Numitoris oriretur, demersit, addita iniuriae specie honoris, ut non damnata, sed sacerdos electa uideretur. [3] Igitur clausa in luco Marti sacro duos pueros, incertum stupro an ex Marte conceptos, enixa est. [4] Quo cognito Amulius multiplicato metu prouentu duorum pueros exponi iubet et puellam uinculis onerat, ex quorum iniuria decessit. [5] Sed Fortuna origini Romanae prospiciens pueros lupae alendos obtulit, quae

em campo, foi chamado para uma conferência e causou tamanha admiração a Latino que foi acolhido como aliado de seu reino e adotado como genro, tendo sido Lavínia dada em matrimônio a ele. [11] Após isso, houve uma guerra comum de um e outro contra Turno, rei dos rútulos, devido às núpcias roubadas com Lavínia, em que perecem Turno e também Latino. [12] Então, como Eneias, por direito de vitória, apoderou-se de um e de outro povo, fundou a urbe de Lavínio, a partir do nome da esposa. [13] Logo, guerreou contra Mezêncio, rei dos etruscos, ocasião em que ele mesmo morreu; sucedeu, no lugar dele, o filho Ascânio, que, deixada Lavínio, fundou Alba Longa, a qual foi a capital do reino por trezentos anos.

[2, 1] Logo, após muitos reis nessa urbe, por fim, Numitor e Amúlio assumem o poder. [2] Mas Amúlio, tendo subjogado pela força Numitor, preferido pela idade, sepultou a filha dele, Réa, em uma virgindade perpétua, para que não nascesse, da gente de Numitor, alguém do sexo masculino, vingador do reino; acrescentou-se à injúria um aspecto de honra para que não parecesse ter sido condenada, mas escolhida como sacerdotisa. [3] Então, presa em um bosque sagrado a Marte, deu à luz dois meninos, concebidos, é incerto, de um estupro ou a partir de Marte. [4] Sabendo disso, Amúlio, multiplicado o medo pelo nascimento dos dois, ordena expor os meninos e cobrir a moça de grilhões, por cuja injúria, morreu. [5] Mas a Fortuna, velando pela origem romana, mostrou os meninos a uma loba para serem alimentados, a qual, privada dos filhotes,

amissis catulis distenta ubera exinanire cupiens nutricem se infantibus praebuit. [6] Cum saepius ad paruulos ueluti ad catulos reuerteretur, rem Faustulus pastor animaduertit subtractosque ferae inter greges pecorum agresti uita nutriuit. [7] Martios pueros fuisse, siue quod in luco Martis enixi sunt siue quod a lupa, quae in tutela Martis est, nutriti, ueluti manifestis argumentis creditum. Nomina pueris alteri Remo, alteri Romulo fuere. [8] Adultis inter pastores de uirtute cotidiana certamina et uires et pernecitatem auxere. [9] Igitur cum latrones a rapina pecorum industrie frequenterque submouerent, Remus ab isdem latronibus captus et uelut ipse esset, quod in aliis prohibebat, regi offertur; crimini datur quasi greges Numitoris infestare solitus esset. Tunc a rege Numitori in ultionem traditur. [10] Sed Numitor adulescentia iuuenis permotus et in suspicionem expositi nepotis adductus, cum eum nunc liniamentorum filiae similitudo, nunc aetas expositionis temporibus congruens anxium tenerent, repente Faustulus cum Romulo superuenit; a quo origine cognita puerorum facta conspiratione et adulescentes in ultionem maternae necis et Numitor in uindictam erepti regni armantur.

[3, 1] Occiso Amulio regnum Numitori restituitur et urbs Romana ab adulescentibus conditur. [2] Tunc et senatus centum seniorum, qui patres dicti sunt, constituitur; tunc et uicinis conubia pastorum

desejando esvaziar os úberes cheios, ofereceu-se como nutriz às crianças. [6] Como voltava, constantemente, aos pequeninos como se aos filhotes, o pastor Faustulo notou a situação e, subtraídos da fera, nutriu-os em meio ao rebanho dos bois, em uma vida rústica. [7] Acreditou-se que os meninos fossem de Marte, ou porque foram dados à luz no bosque sagrado de Marte, ou porque foram nutridos por uma loba, a qual está sob a tutela de Marte, como se fosse uma prova evidente. Os nomes dos meninos foram, de um, Remo, de outro, Rômulo. [8] Já adultos, os certames cotidianos pela virtude entre os pastores aumentaram suas forças e também sua agilidade. [9] Então, como, com perícia e frequentemente, repeliam os ladrões das rapinas dos bois, Remo foi capturado pelos mesmos ladrões e, como se ele próprio fosse aquilo que proibia aos outros, é trazido diante do rei; o crime é atribuído a ele, como se fosse habituado a assolar os gados de Numitor. A seguir, é apresentado ao rei Numitor para punição. [10] Mas Numitor, comovido pela juventude do rapaz e levado à suspeita de que era o neto exposto, quando ora a similaridade das feições da filha, ora a idade consoante aos tempos da exposição o mantinham aflito, de repente, Faustulo chegou junto a Rômulo; conhecida, a partir dele, a origem dos meninos, feita a conspiração, os jovens armam-se para a punição da morte materna, e também Numitor, em vingança pelo reino tomado.

[3, 1] Morto Amúlio, o reino é restituído a Numitor, e a urbe romana é fundada pelos jovens. [2] A seguir, também é constituído o senado de cem anciões, os quais são chamados “pais”; a seguir, também, desdenhando os vizinhos as uniões com pastores, são raptadas as virgens sabinas, e,

dedignantibus uirgines Sabinae rapiuntur, finitimisque populis armis subiectis primo Italiae et mox orbis imperium quaesitum. [3] Per ea tempora adhuc reges hastas pro diademate habebant, quas Graeci *Æsceptra* dixerunt. Nam et ab origine rerum pro diis immortalibus ueteres hastas coluere, ob cuius religionis memoriam adhuc deorum simulacris hastae adduntur. [4] Temporibus Tarquinii regis ex Asia Phocaeensium iuuentus ostio Tiberis inuecta amicitiam cum Romanis iunxit; inde in ultimos Galliae sinus nauibus profecta Massiliam inter Ligures et feras gentes Gallorum condidit, magnasque res, siue dum armis se aduersus Gallicam feritatem tuentur siue dum ultro lacessunt, a quibus fuerant antea lacessiti, gesserunt. [5] Namque Phocaeenses exiguitate ac macie terrae coacti studiosius mare quam terras exercuere: piscando mercandoque, plerumque etiam latrocinio maris, quod illis temporibus gloriae habebatur, uitam tolerabant. [6] Itaque in ultimam Oceani oram procedere ausi in sinum Gallicum ostio Rhodani amnis deuenere, [7] cuius loci amoenitate capti, reuersi domum referentes quae uiderant, plures sollicitauerunt. [8] Duces classis Simos et Protis fuerunt. Itaque regem Segobrigiorum, Nannum nomine, in cuius finibus urbem condere gestiebant, amicitiam petentes conueniunt. [9] Forte eo die rex occupatus in apparatu nuptiarum

submetidos os povos fronteiriços pelas armas, buscaram a soberania, primeiro, da Itália, e em breve, do orbe. [3] Durante aquele tempo, os reis ainda tinham, no lugar de diademas, lanças, as quais os gregos chamam de cetros. Com efeito, também na origem das atividades (humanas), os antigos veneravam as lanças no lugar dos deuses imortais; pela memória dessa religião, lanças ainda são postas nas imagens dos deuses. [4] Nos tempos do rei Tarquínio, a juventude dos foces, saída da Ásia para a embocadura do Tibre, uniu-se em amizade aos romanos; dali, tendo partido em naus pelo golfo aos confins da Gália, fundou Marselha, entre os ligúrios e as gentes ferozes dos gauleses, e realizaram<sup>611</sup> grandes feitos, seja enquanto se defendiam com armas contra a ferocidade gaulesa, seja, por outro lado, enquanto atacavam aqueles por quem antes haviam sido atacados. [5] E, com efeito, os foces, obrigados pela pequenez e esterilidade da terra, dedicavam mais esforço ao mar do que à terra: ganhavam a vida pescando, negociando e, muitas vezes, também pelo latrocínio no mar, que, naqueles tempos, era tido como uma honra. [6] E, assim, tendo ousado avançar à última costa do Oceano, no golfo gaulês, chegaram à embocadura da corrente do Ródano – [7] capturados pela beleza desse lugar, de volta à pátria, contando o que viram, atraíram muitos. [8] Os comandantes da frota eram Simos e Protes. E, assim, pedindo sua amizade, visitaram o rei dos segobrigios, chamado Nano, em cujas fronteiras desejavam fundar uma urbe. [9] Por acaso, naquele dia, o rei estava ocupado com a preparação das núpcias de sua filha, Giptis, a qual, pelo costume da gente, preparava para dar em casamento a um genro escolhido, ali, em

<sup>611</sup> Segue-se a variação entre singular e plural presente no texto-fonte.

Gyptis filiae erat, quam more gentis electo inter epulas genero nuptum tradere illic parabat. [10] Itaque cum ad nuptias inuitati omnes proci essent, rogantur etiam Graeci hospites ad conuiuium. [11] Introducta deinde uirgo cum iuberetur a patre aquam porrigere ei, quem uirum eligeret, tunc omissis omnibus ad Graecos conuersa aquam Proti porrigit, qui factus ex hospite gener locum condendae urbis a socero accepit. [12] Condita igitur Massilia est prope ostia Rhodani amnis in remoto sinu, uelut in angulo maris. [13] Sed Ligures incrementis urbis inuidentes Graecos adsiduis bellis fatigabant, qui pericula propulsando in tantum enituerunt, ut uictis hostibus in captiuis agris multas colonias constituerint.

[4, 1] Ab his igitur Galli et usum uitae cultioris deposita ac mansuefacta barbaria et agrorum cultus et urbes moenibus cingere didicerunt. [2] Tunc et legibus, non armis uiuere, tunc et uitem putare, tunc oliuam serere consuerunt, adeoque magnus et hominibus et rebus inpositus est nitor, ut non Graecia in Galliam emigrasse, sed Gallia in Graeciam translata uideretur. [3] Mortuo rege Nanno Segobrigiorum, a quo locus acceptus condendae urbis fuerat, cum regno filius eius Comanus successisset, adfirmante quodam regulo, quandoque Massiliam exitio finitimis populis futuram, opprimendamque in ipso ortu, ne mox ualidior ipsum obrueret. [4] Subnectit et illam fabulam: canem aliquando partu grauidam locum a pastore precario

meio aos festins. [10] E, assim, como todos os pretendentes tinham sido convidados às núpcias, também os hóspedes gregos são chamados a participar do banquete. [11] Logo, apresentada a virgem, quando foi mandada pelo pai a oferecer água àquele que elegera como marido, então, esquecidos todos, tendo-se voltado aos gregos, ofereceu água a Protes, o qual, feito de hóspede em genro, recebeu do sogro um local para fundar a urbe. [12] Foi fundada, então, Marselha, junto à embocadura da corrente do Ródano, em um golfo distante, como se em um canto do mar. [13] Mas os ligúrios, invejando a expansão da urbe, fatigavam os gregos com contínuas guerras, os quais se esforçaram tanto em repelir os perigos, que, vencidos os inimigos, construíram muitas colônias nos campos capturados.

[4, 1] Com isso, então, os gauleses, deposta e domesticada a barbárie, aprenderam um modo de vida mais culto, o cultivo dos campos e a cercar as urbes com muros. [2] Então, também se habituaram a viver com leis, não com armas; então, também a podar a vinha; então, a semear a oliveira, e tão grande esplendor consolidou-se sobre os homens e também suas atividades que não parecia a Grécia ter emigrado à Gália, mas a Gália ser transformada em Grécia. [3] Morto o rei dos segobrigios, Nano, de quem fora recebido o local para fundar a urbe, quando o filho dele, Comano, o sucedeu no reino, houve um certo reizinho assegurando que, algum dia, Marselha seria a ruína dos povos fronteiriços e deveria ser destruída na própria origem, para que, em breve mais poderosa, (ela) não viesse a destroná-lo. [4] E acrescenta esta fábula: um dia, uma cadela grávida pediu a um pastor, com repetidos rogos, um local para parir, o qual obteve. Pediu outra vez que o habitasse, para que lhe

petisse, in quo pareret, quo obtento iterato petisse, ut sibi educare eodem in loco catulos liceret; ad postremum adultis catulis fultam domestico praesidio proprietatem loci sibi uindicasse. [5] Non aliter Massilienses, qui nunc inquilini uideantur, dominos quandoque regionum futuros. [6] His incitatus rex insidias Massiliensibus struit. Itaque sollemni Floraliorum die multos fortes ac strenuos uiros hospitii iure in urbem misit, plures sirpeis latentes frondibusque supertectos induci uehiculis iubet, [7] ipse cum exercitu in proximis montibus delitescit, ut, cum nocte a praedictis apertae portae forent, tempestiue ad insidias adesset urbemque somno ac uino sepultam armatis inuaderet. [8] Sed has insidias mulier quaedam regis cognata prodidit, quae adulterare cum Graeco adulescente adsolita in amplexu iuuenis miserata formae eius insidias aperuit periculumque declinare iubet. [9] Ille rem statim ad magistratus defert; atque ita patefactis insidiis cuncti Ligures comprehenduntur latentesque de sirpeis protrahuntur. [10] Quibus omnibus interfectis insidiant regi insidiae tenduntur. Caesa cum ipso rege hostium septem milia. [11] Exinde Massilienses festis diebus portas claudere, uigilias agere, stationes in muris obseruare,

fosse permitido educar naquele mesmo local os filhotes. Por fim, adultos os filhotes, fiada na guarnição doméstica, reivindicou a propriedade do lugar para si. [5] Não de outro modo, os marselheses, que agora pareciam inquilinos, seriam, um dia, os senhores da região. [6] Incitado por essas insídias, o rei trama contra os marselheses. E, assim, no dia solene das festas em honra a Flora, envia à urbe, por direito de hospitalidade, muitos homens fortes e diligentes; ordena que vários, ocultos em cestos e cobertos por folhas, sejam trazidos em veículos. [7] Ele mesmo escondeu-se com o exército nas montanhas próximas, para que, quando, à noite, as portas fossem abertas pelos que foram antes enviados, se aproximasse, tempestivamente, às emboscadas e, com soldados armados, invadissem a urbe sepultada no sono e no vinho<sup>612</sup>. [8] Mas, uma certa mulher, parente do rei, denunciou essas emboscadas; ela, acostumada a cometer adultério com um jovem grego, nos braços do rapaz, com pena da figura dele, expôs as emboscadas e ordena que se afaste do perigo. [9] Ele, imediatamente, conta a situação aos magistrados, e, assim, reveladas as emboscadas, todos os ligúrios são presos, e os (que estão) ocultos são arrancados dos cestos. [10] Mortos todos eles, uma emboscada é armada para o rei que emboscava. Foram massacrados sete mil inimigos junto ao próprio rei. [11] Desde então, os marselheses fecham as portas em dias festivos, fazem vigílias, têm postos para observar nos muros, inspecionam estrangeiros, têm precauções e, desse modo,

<sup>612</sup> Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), a construção *urbemque somno ac uino sepultam [...] inuaderet* ecoa aquela de Virgílio: *inuadunt urbem somno uinoque sepultam* (A. 2.265); “invadem a cidade sepultada no sono e no vinho”, que, por sua vez, retoma a de Ênio: *nunc hostes uino domiti somnoque sepulti* (Ann. 292); “agora, as hostes dominadas pelo vinho e sepultadas no sono”.



peregrinos recognoscere, curas habere, ac ueluti bellum habeant, sic urbem pacis temporibus custodire. [12] Adeo illic bene instituta non temporum necessitate, sed recte faciendi consuetudine seruantur.

[5, 1] Post haec magna illis cum Liguribus, magna cum Gallis fuere bella, quae res et urbis gloriam auxit et uirtutem Graecorum multiplicata uictoria celebrem inter finitimos reddidit. [2] Karthaginensium quoque exercitus, cum bellum captis piscatorum nauibus ortum esset, saepe fuderunt pacemque uictis dederunt, [3] cum Hispanis amicitiam iunxerunt, cum Romanis prope ab initio conditae urbis foedus summa fide custodierunt auxiliisque in omnibus bellis industrie socios iuuerunt. Quae res illis et uirium fiduciam auxit et pacem ab hostibus praestitit. [4] Cum igitur Massilia et fama rerum gestarum et abundantia opum et uirium gloria uirente floreret, repente finitimi populi ad nomen Massiliensium delendum uelut ad commune extinguendum incendium concurrunt. [5] Dux consensu omnium Catumandus regulus eligitur. Qui cum magno exercitu lectissimorum uirorum urbem hostium obsideret, per quietem specie toruae mulieris, quae se deam dicebat, exterritus ultro pacem cum Massiliensibus fecit, [6] petitoque ut intrare illi urbem et deos eorum adorare liceret, cum in arcem Mineruae uenisset, conspecto in porticibus simulacro deae, quam per quietem uiderat, repente exclamat illam

guardam a urbe em tempos de paz como se estivessem em guerra; [12] a tal ponto, ali, as tradições são bem preservadas, não pela necessidade dos tempos, mas pelo hábito de fazê-las sabiamente.

[5, 1] Após esses eventos, houve grandes guerras deles com os ligúrios e grandes com os gauleses; isso aumentava a glória da urbe e também, multiplicada a vitória, tornou a virtude dos gregos célebre entre os vizinhos. [2] Derrotaram, do mesmo modo, frequentemente, os exércitos dos cartagineses quando rebentou a guerra pelas naus de pesca capturadas e concederam a paz aos vencidos; [3] uniram-se em amizade com os hispanos; conservaram o tratado (feito) com os romanos com suma fidelidade quase desde o início da fundação da urbe e, com zelo, ajudaram seus aliados com tropas auxiliares em todas as guerras. Isso aumentou a confiança em suas forças militares e lhes garantiu a paz (por parte) dos inimigos. [4] Enquanto, então, Marselha florescia com a fama de seus feitos, a abundância das riquezas e a glória verdejante das forças militares, de repente, os povos fronteiriços, como se para extinguir um incêndio a bens comuns, concorrem para destruir o nome dos marselheses. [5] Catumando, um jovem rei, é eleito comandante pelo consenso de todos, ele que, quando cercava a urbe dos inimigos com um grande exército de homens escolhidos, aterrorizado com a visão de uma mulher ameaçadora em sonho – a qual dizia ser uma deusa –, selou, primeiramente, a paz com os marselheses, [6] e, tendo ele pedido para entrar na urbe e que lhe fosse permitido adorar os deuses deles, como chegasse ao templo de Minerva – sendo avistada, nos pórticos, a imagem da deusa que vira em sonho –, de repente, exclama que fora ela

esse, quae se nocte exterrisset, illam, quae recedere ab obsidione iussisset. [7] Gratulatusque Massiliensibus, quod animaduerteret eos ad curam deorum immortalium pertinere, torque aureo donata dea in perpetuum amicitiam cum Massiliensibus iunxit. [8] Parta pace et securitate fundata reuertentes a Delphis Massiliensium legati, quo missi munera Apollini tulerant, audiuerunt urbem Romanam a Gallis captam incensamque. [9] Quam rem domi nuntiatam publico funere Massilienses prosecuti sunt aurumque et argentum publicum priuatumque contulerunt ad explendum pondus Gallis, a quibus redemptam pacem cognouerant. [10] Ob quod meritum et immunitas illis decreta et locus spectaculorum in senatu datus et foedus aequo iure percussum. [11] In postremo libro Trogus: maiores suos a Vocontiiis originem ducere; auum suum Trogum Pompeium Sertoriano bello ciuitatem a Cn. Pompeio percepisse, [12] patrum Mithridatico bello turmas equitum sub eodem Pompeio duxisse; patrem quoque sub C. Caesare militasse

que o aterrorizara à noite, ela que ordenara retirar o cerco. [7] E se regozija com os marselheses, porque percebera que eles estavam sob a guarda dos deuses imortais; tendo oferecido uma grinalda de ouro à deusa, uniu-se em amizade com os marselheses para sempre. [8] Adquirida a paz e estabelecida a segurança, os embaixadores dos marselheses, voltando de Delfos – para onde os enviados tinham levado presentes a Apolo –, ouviram que a urbe romana fora capturada e incendiada pelos gauleses. [9] Os marselheses, em sua pátria, acompanharam essa notícia anunciada com luto público e juntaram ouro e também prata públicos e privados para completar o valor para os gauleses, de quem sabiam que a paz fora comprada. [10] Por este mérito, foi-lhes decretada a imunidade, dado assento junto ao senado nos espetáculos e também concluído um tratado de reciprocidade. [11] No fim do livro, Trogo considera: a origem de seus antepassados a partir dos vocôncios; que seu próprio avô, Pompeio Trogo, obtivera de Cn. Pompeio, com a Guerra Sertoriana, a cidadania; [12] que seu tio paterno, na Guerra Mitridática, comandara tropas de cavaleiros sob o mesmo Pompeio; que também seu pai serviu o exército sob C. César<sup>613</sup> e que tivera a guarda das epístolas, das embaixadas e, ao mesmo tempo, do anel<sup>614</sup>.

<sup>613</sup> Para Arnaud-Lindet (2003, recurso online), é debatível a qual César a passagem refere-se, visto que, embora os comentadores do texto normalmente indiquem que é a Júlio César, este não é normalmente chamado de *C. Caesar* nos textos, enquanto Augusto, por outro lado, é referido simplesmente por *Caesar*, como já se viu anteriormente. Assim, a estudiosa indica que pode ser o filho de Júlia e Agripa que, assim como seu irmão Lúcio, fora adotado por Augusto e a quem normalmente se chama dessa forma. Assim, o pai de Trogo, já idoso, poderia ter acompanhado o príncipe em sua expedição ao Oriente, em que este conheceu Fraates V, na virada para a Era Comum (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online).

<sup>614</sup> Segundo Watson (1853, recurso online), este seria “[o] mesmo cargo que Mecenas e Agripa ocuparam sob Augusto, e Muciano sob Vespasiano, como aparece em Dión Cássio e seu epitomizador”; “The same office which Maecenas and Agrippa held under Augustus, and Mucianus under Vespasian, as appears from Dion. Cass. and his epitomiser.”

epistularumque et legationum, simul et anuli curam habuisse.

#### LIBER XLIV

[1, 1] Hispania sicuti Europae terminos claudit, ita et huius operis finis futura est. [2] Hanc ueteres ab Hiberno amne primum Hiberiam, postea ab Hispalo Hispaniam cognominauerunt. [3] Haec inter Africam et Galliam posita Oceani freto et Pyrenaeis montibus clauditur. Sicut minor utraque terra, ita utraque fertilior. [4] Nam neque ut Africa uiolento sole torretur, neque ut Gallia adsiduis uentis fatigatur, sed media inter utramque hinc temperato calore, inde felicibus et tempestiuis imbribus in omnia frugum genera fecunda est, adeo ut non ipsis tantum incolis, uerum etiam Italiae ubique Romanae cunctarum rerum abundantia sufficiat. [5] Hinc enim non frumenti tantum magna copia est, uerum et uini, mellis oleique. Nec ferri solum materia praecipua, sed et equorum pernices greges. [6] Sed nec summae tantum terrae laudanda bona, uerum et abstrusorum metallorum felices diuitiae. Iam lini spartique uis ingens, minii certe nulla feracior terra. [7] In hac cursus amnium non torrentes rapidique, ut noceant, sed lenes et uineis campisque inrigui, aestuariis quoque Oceani adfatim piscosi, plerique etiam diuites auro, quod in

#### Livro XLIV<sup>615</sup>

[1, 1] Assim como a Hispânia encerra os limites da Europa, também será, então, o fim desta obra. [2] Os antigos primeiro a nomearam de Hibernia a partir do rio Hiberno, depois de Hispânia, a partir de Hispalo<sup>617</sup>. [3] Situada entre a África e a Gália, ela é encerrada pelo estreito do Oceano e os montes Pirineus. Assim como é menor que ambas as terras, também é, então, mais fértil que ambas. [4] Com efeito, não é, como a África, queimada por violento sol, nem é, como a Gália, atormentada por ventos constantes, mas, no meio, entre uma e outra, aqui com um calor moderado, ali com chuvas afortunadas e oportunas, é fecunda em todas as espécies de frutos, a tal ponto que, com a abundância de uma miríade de alimentos, provê não só aos próprios habitantes, como também à Itália e à urbe romana. [5] Ali, de fato, há não apenas uma grande quantidade de grãos, mas também de vinho, de mel e de óleo. E não só a qualidade do ferro é superior, mas também os rebanhos de cavalos, incansáveis. [6] Mas não só os bens da superfície da terra devem ser celebrados, como também as afortunadas riquezas dos metais ocultos. Ademais, há uma grande quantidade de recursos de linho e de esparto<sup>618</sup>; certamente, terra alguma é mais fecunda em minério<sup>619</sup>. [7] Nela, os cursos das correntes não são violentos e rápidos a ponto de fazer mal, mas brandos e irrigam os vinhedos e os campos; do mesmo

<sup>615</sup> Os trechos Just. 44.1.4; 44.2.6-8 e 44.5.6-8 já integram o recorte traduzido em Mello (2022, p. 129-30), contudo, foram trazidos para cá para permitir a leitura ininterrupta em um único documento.

paludibus<sup>616</sup> uehunt. [8] Vno tantum Pyrenaei montis dorso adhaeret Galliae, reliquis partibus undique in orbem mari cingitur. [9] Forma terrae prope quadrata, nisi quod artantibus freti litoribus in Pyrenaeum coit. Porro Pyrenaei montis spatium sexcenta milia passuum efficit. [10] Salubritas caeli per omnem Hispaniam aequalis, quia aeris spiritus nulla paludium graui nebula inficitur. Huc accedunt et marinae aerae undique uersus adsidui flatus, quibus omnem prouinciam penetrantibus euentilato terrestri spiritu praecipua hominibus sanitas redditur.

modo, os estuários do Oceano são muito abundantes em peixes e, também, os mais ricos em ouro, que transportam pelos pântanos. [8] Está ligada à Gália somente pela cordilheira dos montes Pirineus; nas partes restantes, (a Hispânia) é cingida pelo mar por todos os lados. [9] A forma de sua terra é quase quadrada, a não ser pelos afunilamentos do estreito cerrado pelos litorais nos Pirineus. Além disso, a extensão dos montes Pirineus é de seiscentos mil passos. [10] A salubridade do clima é igual em toda a Hispânia, porque nenhum sopro de ar é contaminado pela névoa pesada dos pântanos. A isso, ajuntam-se as brisas marinhas, assiduamente sopradas para todos os lados, a partir das quais, penetrando pela província inteira, dissipado o sopro terrestre, garante-se uma saúde superior para os

<sup>617</sup> Seria um filho de Hércules; o frei Bernardo de Brito (1597, p. 28), por exemplo, registra, em sua *Monarchia Lusytana*, o parentesco, assim como seu reinado sobre a Hispânia: “[p]artido (como já dissemos) o valeroso capitão Hercules, pera Italia, começou Hispalo, seu filho, a governar o Reyno de toda Hespanha [...]”. O padre Juan de Mariana (1864, p. 10), em sua *Historia de España* – em que, inclusive, faz menção a esta passagem de Justino –, considera, por outro lado, que seria um companheiro de Hércules: “[f]eito isto e tendo dado ordem e assentado as outras coisas da Espanha, Hércules ou Oro nomeou como governador a um de seus companheiros, de nome Hispalo, de cuja lealdade e prudência na paz e na guerra estava certo e do que teve muita satisfação; [...] É certo que Hispalo reinou na Espanha depois dos Geriões, e Justino afirma que a partir de Hispalo se dizia Espanha, em latim *Hispania*, trocada apenas uma letra”; “Hecho esto y dado órden y asiento en las demás cosas de España, nombró Hércules ó Oro por governador dela uno de sus compañeros, por nombre Hispalo, de cuya lealtad y prudencia en paz y en guerra estaba pagado y tenia mucha satisfaccion; [...] Por certa cosa se tiene haber Hispalo reinado en España despues de los Geriones, y Justino afirma que de Hispalo se dijo España, en latin *Hispania*, trocada solamente una letra.”

<sup>618</sup> Uma espécie de junco.

<sup>619</sup> Embora, atualmente, a palavra esteja ligada ao zarcão – tetróxido de chumbo (Pb<sub>3</sub>O<sub>4</sub>) –, é possível que Justino refira-se ao cinábrio – sulfeto de mercúrio II (HgS) –, que é abundante na região. A mudança de nome teria ocorrido, ao longo do tempo, porque o cinábrio era adulterado com o zarcão, até que “mínio” passa a ser usado só para o adulterante (Minium, 2022, recurso online).

<sup>616</sup> Em Ruehl, *palucibus*, e em Galdi, *balucibus* (Arnaud-Lindet, 2003, recurso online). Mineo (2020, p. 152, cf. Justin) e Castro Sánchez (2008, p. 520, cf. Justino; Pompeyo Trogo) optam por seguir a última opção, e ambas podem ser traduzidas como “em areias de ouro”. Watson (1853, recurso online, cf. Justinus) traduz como “[...] and most of them are rich in gold [...]” (“[...] a maior parte deles é rica em ouro [...]”). Charlton Lewis e Charles Short (1879) registram esta passagem para a entrada de *ballux* em seu dicionário, enquanto Saraiva (2006 [1927], p. 138) indica que *ballux* (ou *balux*) é uma palavra hispânica, o que pode ser relevante ao contexto. Além disso, pode-se considerar que o rio Tejo (*Tagus/Tago*), por exemplo, é caracteristicamente apresentado como aurífero, como ocorre em Plínio, o Velho: “O Tago é louvado por suas areias de ouro.” (Plin., *Nat.* 4.47); *tagus auriferis harenis celebratur*.

[2, 1] Corpora hominum ad inediam laboremque, animi ad mortem parati. Dura omnibus et adstricta parsimonia. [2] Bellum quam otium malunt; si extraneus deest, domi hostem quaerunt. [3] Saepe tormentis pro silentio rerum creditarum inmortui; adeo illis potior taciturnitatis cura quam uitae. [4] Celebratur etiam bello Punico serui illius patientia, qui ultus dominum inter tormenta risu exultauit serenaque laetitia crudelitatem torquentium uicit. [5] Velocitas genti pernix, inquietus animus: plurimis militares equi et arma sanguine ipsorum cariora. [6] Nullus in festos dies epularum apparatus. Aqua calida lauari post secundum Punicum bellum a Romanis didicere. [7] In tanta saeculorum serie nullus illis dux magnus praeter Viriatum fuit, qui annis decem Romanos uaria uictoria fatigauit; adeo feris propiora quam hominibus ingenia gerunt. Quem ipsum non iudicio populi electum, sed ut cauendi scientem declinandorumque periculorum peritum secuti sunt. [8] Cuius ea uirtus continentiaque fuit, ut, cum consulares exercitus frequenter uicerit, tantis rebus gestis non armorum, non uestis cultum non denique uictum mutauerit, sed in eo habitu, quo primum bellare coepit, perseuerauerit, ut quiuis gregarius miles ipso imperatore opulentior uideretur.

homens.

[2, 1] Os corpos dos homens estão preparados para a fome e o trabalho, o ânimo, para a morte. Há, em todos, uma firme e austera parcimônia. [2] Preferem a guerra ao ócio; se lhes falta um estrangeiro, buscam um inimigo na pátria. [3] Muitas vezes, morrem nas torturas devido ao silêncio sobre os assuntos confiados (a eles); a tal ponto o cuidado com a discrição é mais importante do que a vida. [4] Também se celebra a resignação daquele servo na Guerra Púnica, o qual, tendo vingado seu senhor, exultou com riso em meio às torturas e venceu a crueldade dos torturadores com uma serena alegria. [5] A agilidade dessa gente é incansável, o ânimo, inquieto: para muitos, os cavalos militares e as armas são mais caros do que seu próprio sangue. [6] Não se prepara banquete algum em dias festivos. Após a segunda Guerra Púnica, aprenderam a se lavar com água quente com os romanos. [7] Em tamanha sucessão de séculos, não houve, para eles, um grande comandante exceto Viriato, que fatigou os romanos por dez anos com variadas vitórias; a tal ponto tinham as índoles mais próximas de feras do que de homens. O próprio (Viriato) não fora eleito pelo julgamento do povo, mas o seguiram porque sabia desviar dos perigos e era perito em afastá-los. [8] A virtude e a sobriedade dele foram tais que, ainda que tenha, frequentemente, vencido exércitos consulares, depois de tamanhos feitos, não teria mudado a decoração das armas, nem da veste, nem mesmo seu modo de viver, mas havia perseverado nele aquele hábito com que primeiro começou a guerrear, de maneira que qualquer soldado raso parecia mais opulento que o próprio general.

[3, 1] In Lusitanis iuxta fluuium Tagum uento equas fetus concipere multi auctores prodidere. Quae fabulae ex equarum fecunditate et gregum multitudine natae sunt, qui tanti in Gallaecia ac Lusitania et tam pernices uisuntur, ut non inmerito uento ipso concepti uideantur. [2] Gallaeci autem Graecam sibi originem adserunt; siquidem post finem Troiani belli Teucrum morte Aiaci fratris inuisum patri Telemoni, cum non reciperetur in regnum, Cyprum concessisse atque ibi urbem nomine antiquae patriae Salaminam condidisse; inde accepta opinione paternae mortis patriam repetisse, [3] sed cum ab Eurysace, Aiacis filio, accessu prohiberetur, Hispaniae litoribus adpulsum loca, ubi nunc est Karthago Noua, occupasse; inde Gallaeciam transisse et positis sedibus genti nomen dedisse. [4] Gallaeciae autem portio Amphiloichi dicuntur. Regio cum aeris ac plumbi uberrima, tum et minio, quod etiam uicino flumini nomen dedit. [5] Auro quoque ditissima, adeo ut etiam aratro frequenter glebas aureas excidant. [6] In huius gentis finibus sacer mons est, quem ferro uiolari nefas habetur; sed si quando fulgure terra proscissa est, quod in his locis adsidua res est, detectum aurum uelut dei munus colligere permittitur. [7] Feminae res domesticas agrorumque culturas administrant, ipsi armis et rapinis seruiunt. [8] Praecipua his quidem

[3, 1] Muitos autores contaram que, na Lusitânia, junto ao rio Tago<sup>620</sup>, as éguas concebiam suas crias a partir do vento. Essas fábulas nasceram por causa da fecundidade das éguas e pela turba de rebanhos, que são vistos, na Galícia e na Lusitânia, tão numerosos e tão incansáveis, que, não sem razão, parecem ter sido concebidos pelo próprio vento. [2] Os galegos defendem para si uma origem grega, visto que, após o fim da guerra troiana, Teucro, odioso ao pai, Télamon, pela morte do irmão, Ajax, como não foi recebido no reino, retirou-se para o Chipre e, ali, fundou a urbe de Salamina, a partir do nome de sua antiga pátria; dali, tendo recebido o rumor da morte paterna, retornou à sua pátria, [3] mas, quando Eurísaces, filho de Ajax, proibiu sua entrada, desembarcado nos litorais da Hispânia, ocupou os locais onde, agora, está a Nova Cartago. Dali, avançou para a Galícia e, assentadas as moradas, deu nome a essa gente. [4] Diz-se que uma porção da Galícia, por sua vez, são dos anfílocos. A região é abundante em cobre e chumbo, assim como em mínio, que também deu nome ao rio vizinho. [5] Do mesmo modo, é riquíssima em ouro, a tal ponto que até do arado frequentemente despencam torrões áureos. [6] Nas fronteiras dessa gente, está um monte sagrado que violar com o ferro é tido como nefando; mas, se a terra for fendida por um raio – o que naquele local é algo constante –, permite-se recolher o ouro descoberto como se um presente do deus. [7] As mulheres administram os assuntos domésticos e os cultivos dos campos; eles mesmos servem às armas e à rapina. [8] A qualidade do ferro deles é, certamente, superior, mas a água tem mais força que o próprio ferro; com efeito, o ferro torna-se

<sup>620</sup> Ou seja, Tejo.

ferri materia, sed aqua ipso ferro uiolentior; quippe temperamento eius ferrum acrius redditur, nec ullum apud eos telum probatur, quod non aut Birbili fluuio aut Chalybe tinguatur. [9] Vnde etiam Chalybes fluuii huius finitimi appellati ferroque ceteris praestare dicuntur.

[4, 1] Saltus uero Tartessorum, in quibus Titanas bellum aduersus deos gessisse proditur, incolere Curetes, quorum rex uetustissimus Gargoris mellis colligendi usum primus inuenit. [2] Huic cum ex filiae stupro nepos prouenisset, pudore flagitii uariis generibus extinguere paruulum uoluit; sed per omnes casus Fortuna quadam seruatus ad postremum ad regnum tot periculorum miseratione peruenit. [3] Primum omnium cum eum exponi iussisset et post dies ad corpus expositi requirendum misisset, inuentus est uario ferarum lacte nutritus. [4] Deinde relatum domum in tramite angusto, per quem armenta commeare consueuerant, proici iubet, crudelis prorsus, qui proculcari nepotem, quam simplici morte interfici maluit. [5] Ibi quoque cum inuiolatus esset nec alimentis egeret, canibus primo ieiunis et multorum dierum abstinentia cruciatis, mox etiam suis obiecit. [6] Itaque cum non solum non noceretur, uerum etiam quarundam uberibus aleretur, ad ultimum in Oceanum abici iussit. [7] Tum plane manifesto quodam

mais forte pela têmpera deles, e, junto a eles, dardo algum   aprovado que não tenha sido banhado ou no rio B rbilis<sup>621</sup>, ou no C libe. [9] Daí, os vizinhos desse rio têm também são chamados de c libes, e se diz que superam os demais devido a seu ferro.

[4, 1] De fato, nos bosques dos tartessos, em que, relata-se, os titãs travaram guerra contra os deuses, habitavam os curetes, cujo rei antiquíssimo, Gargoris, descobriu primeiro a utilidade de recolher o mel. [2] Esse, como lhe nascera um neto a partir do estupro de sua filha, por vergonha de sua desgraça, desejou extinguir o pequenino de várias formas; mas, salvo de todas as circunstâncias por alguma sorte, por fim, chega ao trono pela comisera o gerada por tantos perigos. [3] Antes de tudo, quando ordenou que ele fosse abandonado e, dias depois, mandou buscar o corpo abandonado, foi encontrado sendo alimentado pelo variado leite das feras. [4] Logo, levado para casa, ordena que seja colocado em uma estrada estreita, pela qual o gado costumava passar; sem d vida, era cruel, aquele que preferia que o neto fosse pisoteado a, simplesmente, dar-lhe a morte. [5] Como, ali, do mesmo modo, ficara inuiolado e não lhe faltara alimento, lançou-o, primeiro, a uns cães, torturados pelo jejum e pela abstinência de muitos dias, depois, até mesmo aos porcos. [6] E, assim, como não são não lhe faziam mal, como também algumas feras o nutriam com seus úberes, por último, ordenou que fosse jogado no Oceano. [7] Depois, claramente por manifesta o de alguma divindade, foi carregado como se por uma nau, não pela vaga, entre o refluxo furioso da maré e as

<sup>621</sup> Ou seja, o rio Jal n.

numine inter furentes aestus ac reciprocantes undas, uelut naue, non fluctu ueheretur, leni salo in litore exponitur, nec multo post cerua adfuit, quise ubera paruulo offerret. [8] Inde denique conuersatione nutricis eximia puero pernicitas fuit; inter ceruorum greges diu montes saltusque haud inferior uelocitate peragrauit. [9] Ad postremum laqueo captus regi dono datus est. Tunc et liniamentorum similitudine et notis corporis, quae inustae paruulo fuerant, nepos agnitus. [10] Admiracione deinde tot casuum periculorumque ab eodem successor regni destinatur. [11] Nomen illi inpositum Habidis, quin ut regnum accepit, tantae magnitudinis fuit, ut non frustra deorum maiestate tot periculis ereptus uideretur. Quippe et barbarum populum legibus uinxit et boues primus aratro domari frumentaue sulco quaerere docuit et ex agresti cibo mitiora uesci odio eorum, quae ipse passus fuerat, homines coegit. [12] Huius casus fabulosi uiderentur, ni et Romanorum conditores lupa nutriti et Cyrus, rex Persarum, cane alitus proderetur. [13] Ab hoc et ministeria seruilia populo interdicta et plebs in septem urbes diuisa. [14] Mortuo Habide regnum per multa saecula ab successoribus eius retentum. In alia parte Hispaniae quae ex insulis constat, regnum penes Geryonem fuit. In hac tanta pabuli laetitia est, ut, nisi abstinentia interpellata

ondas vazantes e, gentilmente, abandonado na praia pelo mar. Não muito depois, chegou uma corça que ofereceu seus úberes ao pequenino. [8] Daí, enfim, pela convivência com a ama, o menino teve uma exímia agilidade; por longo tempo, percorreu, com não menor velocidade, os montes e os bosques entre o rebanho de cervos. [9] Por fim, capturado com um laço, foi dado ao rei como um presente. Então, pela similaridade das feições e também pelos sinais no corpo que foram marcados com ferro no pequenino, foi reconhecido como neto. [10] Logo, pela admiração de todas as circunstâncias e perigos, ele é determinado como seu sucessor ao reino. [11] O nome de Habis lhe foi posto, e ele, quando recebeu o reino, foi de tal grandeza que não parecia ter sido inutilmente livrado de tantos perigos. Com efeito, moderou os povos bárbaros com leis e foi o primeiro a ensinar como domar os bois para o arado e obter os cereais da lavra e obrigou os homens a se alimentarem com uma refeição mais suave, ao invés de rústica, por ódio daquilo que ele mesmo havia sofrido. [12] Essas circunstâncias pareceriam fabulosas, se os fundadores dos romanos também não tivessem sido alimentados por uma loba<sup>622</sup>, e Ciro, rei dos persas, recebido sustento de uma cadela<sup>623</sup>. [13] Por ele, foi proibido, ao povo, o trabalho servil, e a plebe foi dividida em sete urbes. [14] Morto Habis, o reino foi mantido pelos sucessores dele por muitos séculos. Na outra parte da Hispânia, a qual é formada por ilhas, o reino estava em posse de Gerião. Nela, havia tamanha abundância de pastagem que os gados explodiriam se a engorda não fosse interrompida com a abstinência. [15] Daí, enfim, que os rebanhos de Gerião, que,

<sup>622</sup> Cf. Just. 43.2.5-7.

<sup>623</sup> Cf. Just. 1.4.10-11.



sagina fuerit, pecora rumpantur. [15] Inde denique armenta Geryonis, quae illis temporibus solae opes habebantur, tantae famae fuere, ut Herculem ex Asia praedae magnitudine inlexerint. [16] Porro Geryonem ipsum non triplicis naturae, ut fabulis proditur, fuisse ferunt, sed tres fratres tantae concordiae extitisse, ut uno animo omnes regi uiderentur, nec bellum Herculi sua sponte intulisse, sed cum armenta sua rapi uidissent, amissa bello repetisse.

[5, 1] Post regna deinde Hispaniae primi Karthaginienses imperium prouinciae occupauerunt. [2] Nam cum Gaditani a Tyro, unde et Karthaginiensibus origo est, sacra Herculis per quietem iussi in Hispaniam transtulissent urbemque ibi condidissent, inuidens incrementis nouae urbis finitimis Hispaniae populis ac propterea Gaditanos bello lacessentibus auxilium consanguineis Karthaginienses misere. [3] Ibi felici expeditione et Gaditanos ab iniuria uindicauerunt et maiore iniuria partem prouinciae imperio suo adiecerunt. [4] Postea quoque hortantibus primae expeditionis auspiciis Hamilcarem imperatorem cum maiore manu ad occupandam prouinciam misere, qui magnis rebus gestis, dum fortunam inconsultius sequitur, in insidias deductus occiditur. [5] In huius locum gener ipsius Asdrubal mittitur, qui et ipse a seruo Hispani cuiusdam, ulciscente domini iniustam necem, interfectus est. [6] Sed maior utroque

naquele tempo, eram sua única riqueza, tinham tamanha fama que atraíram Hércules, vindo da Ásia, devido à magnitude da pilhagem. [16] Além disso, contam que o próprio Gerião não teria uma natureza tríplice, como se narra nas fábulas, mas eram três irmãos que viviam em tamanha concórdia que todos pareciam ser regidos por um só ânimo e tampouco levaram guerra a Hércules voluntariamente, mas, quando viram que roubava seus rebanhos, reclamaram, com a guerra, aquilo de que tinham sido privados.

[5, 1] Logo, após os reinos da Hispânia, os cartagineses foram os primeiros a exercer a soberania na província. [2] Com efeito, quando os gaditanos foram ordenados, durante o sono, a transferir os ritos de Hércules de Tiro, onde também os cartagineses têm sua origem, para a Hispânia e a fundarem, ali, uma urbe, tendo os povos vizinhos da Hispânia inveja do crescimento da nova urbe e, por isso, perseguido os gaditanos com a guerra, os cartagineses enviaram auxílio a seus consanguíneos. [3] Ali, com uma feliz expedição, vingaram os gaditanos da injúria e também, com uma injúria maior, adicionaram parte da província a seu próprio império. [4] Posteriormente, exortados pelos auspícios da primeira expedição, enviaram, do mesmo modo, o general Amílcar com uma imensa tropa para ocupar a província, o qual, tendo realizado grandes feitos, enquanto seguia, imprudente, a sorte, levado a uma emboscada, foi assassinado. [5] No lugar dele, é enviado seu próprio genro, Asdrúbal, o qual é ele mesmo morto por um servo de um certo hispano, que vinga o assassínio injusto de seu senhor. [6] Mas, sucedeu-lhe Aníbal, filho de Amílcar, general maior do que um e outro, visto que, tendo superado os feitos de um e

Hannibal imperator, Hamilcaris filius, succedit, siquidem utriusque res gestas supergressus uniuersam Hispaniam domuit. Inde Romanis inlato bello Italiam per annos sedecim uariis cladibus fatigauit, [7] cum interea Romani missis in Hispaniam Scipionibus primo Poenos prouincia expulerunt, postea cum ipsis Hispanis grauius bella gesserunt. [8] Nec prius perdomitae prouinciae iugum Hispani accipere potuerunt, quam Caesar Augustus perdomito orbe uictoria ad eos arma transtulit populumque barbarum ac ferum legibus ad cultiorem uitam usum traductum in formam prouinciae redegit.

outro, domou a Hispânia inteira. De lá, lançada guerra aos romanos, fatigou a Itália por dezesseis anos com variadas catástrofes, [7] enquanto os romanos, tendo enviado os Cipiãoes à Hispânia, primeiro expulsaram os penos da província, depois, travaram guerras severamente com os próprios hispanos. [8] E os hispanos não puderam aceitar o jugo de província submissa, até que César Augusto, submisso o orbe, direcionou a eles as armas vitoriosas e reduziu à condição de província o povo bárbaro e feroz, levado, pelo uso das leis, a uma vida mais culta.

## APÊNDICE D – Índice onomástico

Nesta seção, os nomes das personagens abordadas no *Epítome*<sup>624</sup> estão organizados em ordem alfabética e acompanhados por um breve resumo a respeito de quem são. As indicações numéricas entre colchetes dizem respeito às passagens em que são abordados, e, em caso de homonímia, seguimos a sua ordem de ocorrência na narrativa.

Embora a maior parte das informações seja autorreferencial, acrescentamos, sempre que possível, algumas complementares, como a indicação numérica dos reis e os períodos de seu reinado. Essas foram baseadas nas referências contidas nas traduções de Watson (1853 cf. Justinus), Arnaud-Lindet (2003 cf. Justinus) e Castro Sánchez (2008 cf. Justino; Pompeyo Trogo), bem como na *Encyclopaedia Britannica* (1911), em Paul Harvey (1998) e em Matthew Bunson (2002). As datas referem-se ao período anterior à Era Comum, a menos que expresse o contrário.

Este índice não inclui todas as figuras citadas nos *Prólogos*, tendo em vista que, dado recorte realizado por Justino, algumas delas não aparecem ao longo de sua obra.

**Abdalônimo:** homem de origem humilde escolhido por Alexandre, o Grande, para ser rei da Sidônia. [11.10.8-9].

**Abraão:** rei sírio após Damasco, Azelo e Adores. [36.1.3].

**Acerbas:** rico sacerdote de Hércules em Tiro, é a figura mais importante do reino, depois do rei. Casa-se com sua sobrinha, Dido (ou Elissa), mas é assassinado pelo irmão dela, o rei Pigmalião, que buscava adquirir, com isso, sua riqueza. Outros autores chamam-no de Siqueu. [18.4.5-8 e 10-15; 18.6.5-7].

**Acílio:** Mânio, Glabião. Cônsul em 191, derrota Antíoco III na Batalha das Termópilas no mesmo ano. [31.6.4-6].

**Adores:** rei sírio após Damasco e Azelo. [36.1.3].

---

<sup>624</sup> Algumas entradas aqui presentes já pertenciam a Mello (2022, p. 131-48) e foram trazidas para cá junto com as traduções dos trechos que lhes dizem respeito. Parte delas foi corrigida, modificada e/ou ampliada de acordo com a necessidade e as informações aqui abordadas.

**Aeropo:** I, é filho de Filipe I da Macedônia. Com a morte de seu pai, herda o trono ainda criança. Por desprezo à sua idade, os povos vizinhos, principalmente os ilírios, atacam e vencem a Macedônia, até que o exército coloca-o em seu berço atrás das linhas macedônias para inspirar os soldados à vitória. [7.2.5-13].

**Afela:** ou, segundo os *Prólogos*, Ofela. Rei de Cirene, alia-se a Agátocles, tirano de Siracusa, com a esperança de que, após derrotarem Cartago, poderia ficar com a soberania da África. Adota um dos filhos de Agátocles, mas acaba sendo assassinado pelo tirano, que toma seu exército. [22.7.4-6].

**Africano:** Públio Cornélio Cipião. Irmão mais velho de Cipião Asiático. Foi cônsul em 205 e 194. Derrota Aníbal na Batalha de Zama em 202. Posteriormente, é enviado, junto a seu irmão, para lidar com Antíoco III. Atua também como embaixador, ao lado de Lúcio Metelo e Espúrio Múmio. [31.7; 32.4.9; 38.8.8-11; 44.5.7].

**Agamêmnon:** líder dos que atacaram Troia na famosa guerra, é pai de Orestes. [17.3.7].

**Agátocles:** filho de Lisímaco, um dos diádocos, é morto por seu pai, após ter sido indicado à sua sucessão e obtido sucesso em guerra. Era amado pelos nobres, o que resulta em diversos massacres orquestrados por seu pai; os que sobrevivem desertam para o lado de Seleuco e o incitam à guerra. [17.1.4-6].

**Agátocles:** tirano de Siracusa de 317 a 289, é irmão de Antandro, pai de Arcágato e Heráclida, avô de um dos filhos de Pirro I e marido de Teoxena. De origem humilde, é filho de um oleiro da Sicília. Aproveita-se de sua beleza para se sustentar, na juventude, por meio da prostituição e do roubo. Sai de sua pátria e vai para Siracusa, onde começa a trabalhar como soldado e, por sua habilidade bélica e discursiva, logo se torna centurião e tribuno. Com sua vitória na Campânia, assume a posição de comandante, deixada vaga com a morte de Damascão. É exilado duas vezes por tentar assumir o poder. No exílio, é posto à frente dos murgantinos, com cujo exército assalta Siracusa. Alia-se a Amílcar, comandante dos cartagineses, o que lhe permite tomar a cidade. A partir de então, suas ações geram diversos conflitos com Cartago, tendo sorte variável. Em meio a eles, toma a decisão considerada audaciosa de deixar Siracusa cercada pelo inimigo e atacar a cidade africana diretamente.

Assassina Afela, rei de Cirene, que adotara um de seus filhos e de quem era aliado. Após um revés devido a uma batalha mal planejada, abandona seus soldados e seus filhos à própria sorte na África. Estes são assassinados pelo exército, que se junta ao poder dos cartagineses. Ao fim, Agátocles sela a paz com Cartago e começa a submeter as cidades da Sicília que se haviam revoltado. Nesse ínterim, contrai uma enfermidade e morre. Teria sido rei da Sicília de 304 a 289 [22; 23.1.1-3 e 17; 23.2; 23.3.3].

**Agenor:** pai de Píton, o qual é enviado para as colônias macedônias na Índia, após a morte de Alexandre, o Grande. [13.4.21].

**Agésilau:** II, rei de Esparta, de 400 a 360, e pai de Arquídamo III. Teria alguma deficiência motora no pé, pelo que os lacedemônios hesitam em enviá-lo contra os persas liderados por Cônon, pois haveria um oráculo que dizia que a soberania espartana chegaria ao fim quando o rei claudicasse. Justino descreve-o como sendo páreo ao comandante inimigo, e o rei realiza grandes feitos enquanto comandante na Ásia. É chamado de volta por seu povo para defender sua pátria dos tebanos que a atacam sob a liderança de Epaminondas e com o apoio dos atenienses. Embora consiga a vitória, é ferido gravemente. [6.2.4-17; 6.3.1 e 8; 6.4.9-13; 6.5.6; 6.7.9].

**Ágis:** II, rei espartano, recebe, em seu reino, Alcibíades, comandante ateniense exilado. Este seduz sua esposa. Ágis teria reinado de 427 a 400. [5.2.5].

**Ágis:** III, rei espartano, lidera os gregos contra os macedônios em busca da liberdade, quando Alexandre, o Grande, afastara-se para a guerra contra Dario III. Teria reinado de 338 a 331, quando morre de modo glorioso em batalha contra Antípatro. [12.1.4 e 6-11].

**Agreu:** um dos quatro filhos de Cirene, princesa da Tessália, e Apolo. Vai, já adulto, à pátria de sua mãe para assumir o trono de reinos hereditários. [13.7.7 e 9].

**Ájax:** herói grego, filho de Télamon, que era rei de Salamina, irmão de Teucro e pai de Eurísaces. Morre logo após a guerra de Troia, o que torna seu irmão odioso a seu pai. [44.2.2-3].

**Alcetas:** irmão de Pérdicas, é enviado, junto a Neoptólemo, como reforço a Eumênes para que aguardassem o avanço de Crátero e Antípatro. Com a morte de Pérdicas, é declarado inimigo da Macedônia. [13.6.15; 13.8.10; 15.1.1].

**Alcibíades:** comandante ateniense, é enviado para Sicília, junto a Nícias e Lâmaco, com o pretexto de auxiliar os catinenses contra os siracusanos. Entretanto, é chamado de volta à pátria devido a uma acusação de que teria revelado os mistérios do culto de Ceres. Por isso, exila-se em Élide, ajudando a ofensiva contra sua pátria ao lado da Lacedemônia até que descobre, pela esposa do rei Ágis, a qual seduzira, que era alvo de insídias. Tendo partido para a Lídia, influencia as decisões de Tisafernes, intendente de Dario. Contudo, os atenienses, diante dos próprios infortúnios, chamam-no de volta, oferecendo-lhe o comando do exército. Alcibíades consegue a vitória e é louvado por seu povo, mas suas tropas são surpreendidas na Ásia pelos lacedemônios, e, com sua derrota, é execrado pelos cidadãos e substituído por Cônon, precisando exilar-se novamente na Pérsia. Com a derrota de Atenas, os trinta tiranos que haviam sido escolhidos pelos espartanos decidem matá-lo e o queimam vivo enquanto dormia, em 404. Ao longo da narrativa, é apresentado como alguém luxurioso e eloquente; isto lhe permite fazer amigos com facilidade, mas, por seus vícios, seria incapaz de os manter. [4.4.3-4; 5.1.1-4; 5.2; 5.3; 5.4; 5.5.2-8; 5.6.1; 5.7; 5.8.12-14].

**Alexandre:** I da Macedônia, é filho de Amintas I. Devido à sua grande virtude, teria competido em vários esportes nos Jogos Olímpicos. Pune os embaixadores persas enviados ao reino de seu pai por Magabaso, os quais agiram com petulância em relação às macedônias. Recebe benefícios de Xerxes I, devido ao casamento de Bubares com sua irmã. Teria reinado de 498 a 454. [7.2.13-14; 7.3.4-7; 7.4.1-2].

**Alexandre:** II da Macedônia. Filho mais velho de Amintas III e Eurídice, recebe o trono com a morte de seu pai. Envia seu irmão, Filipe II, como refém aos ilírios e, depois, aos tebanos. Teria reinado de 370 a 368, quando sua mãe o mata. [7.4.5 e 8; 7.5.1-7].

**Alexandre:** I do Épiro, também conhecido por “o Molosso”. Filho de Neóptolemo I do Épiro e irmão de Olímpíade, é seduzido por Filipe II e colocado, por ele, no trono, substituindo Arribas. Posteriormente, casa-se com Cleópatra, filha de Filipe, o qual é morto durante a celebração. Assim como Pirro I, também teria oferecido proteção aos tarentinos. Morre em

uma batalha contra os brúlios, em 331, tendo reinado desde 342. [8.6.5-8; 9.6.1-3; 9.7.5 e 7; 12.1.4; 12.2.1-6 e 11-15; 12.3.1; 12.16.3; 13.6.4; 17.3.14-15; 18.1.2; 23.1.15].

**Alexandre:** dos lincestas ou de Lincéstida. Era genro de Antípatro. É poupado por Alexandre, o Grande, no início de seu reinado por ter sido o primeiro a saudá-lo como rei. Posteriormente, em 334, é preso por participar de uma conspiração contra ele. [11.2.2; 11.7.1-2; 12.14.1].

**Alexandre:** filho de Alexandre, o Grande, e Cleófide, uma das rainhas asiáticas. Torna-se rei dos indos. [12.7.10].

**Alexandre:** IV da Macedônia, filho de Alexandre, o Grande, e Roxane, nasce após a morte do pai. É assassinado junto à sua mãe, em 309, sob as ordens de Cassandro, que buscava eliminar seus concorrentes ao poder. [14.6.13; 15.1.3; 15.2.5].

**Alexandre:** V da Macedônia, filho de Cassandro e Tessalônica. Seu irmão, Antípatro, acredita que a mãe deles favorecerá Alexandre na divisão do reino, motivo pelo qual a assassina, o que ocasiona guerra entre os irmãos. Alexandre busca o auxílio de Demétrio I, mas acaba sendo traído e morto por ele. Teria reinado de 295 a 294. [16.1.2-18].

**Alexandre:** II do Épiro, é filho de Pirro I e marido e irmão de Olímpíade II. Seu pai leva-o em sua expedição militar, deixando-o em Locros. Ataca a Macedônia em vingança à morte de seu pai, mas acaba perdendo o Épiro para Demétrio, filho de Antígono II, Gônatas. Consegue retomar o trono com o auxílio de seus aliados. Teria reinado de 272 a 255. Após sua morte, sua esposa é deixada com a tutela dos filhos e do reino. [18.1.3; 18.2.12; 23.3.3; 26.2.9-11; 26.3.1; 28.1.1].

**Alexandre:** um dos filhos de Perseu, é preso junto a seu pai e seu irmão, Filipe, pelos romanos, na Samotrácia. [33.2.5].

**Alexandre:** Balas. Era um vendedor de origem humilde que é convencido pelos antioquenses a se fingir de descendente de Antíoco IV e a reclamar o reino de Demétrio I como se fosse seu direito hereditário. Tem sucesso em sua empreitada, mas, acomodado posteriormente, acaba sendo derrotado e morto por Demétrio II. [35.1.6-9; 35.2.2-4].

**Alexandre:** II, Zabinas, rei da Síria. Originalmente chamado de Protarco, é um jovem egípcio, filho de um comerciante, a quem Ptolomeu VIII ordena que reclamasse o reino da Síria como se fosse um filho adotado de Antíoco VII. Como o povo estava insatisfeito com Demétrio II, aceita-o. Alexandre, contudo, começa a desprezar Ptolomeu, de modo que este decide auxiliar Gripo contra ele. Alexandre sofre uma deserção e é vencido em batalha, pelo que se vê obrigado a roubar de um templo de Júpiter para pagar seus soldados. Devido ao ato nefando, é capturado pelo povo e enviado a Gripo, sendo então assassinado. [39.1.4-7; 39.2.1-6].

**Alexandre:** I, Ptolomeu X. Filho de Cleópatra III e irmão de Ptolomeu IX, é colocado no trono pela mãe, no lugar de seu irmão. Contudo, temendo a crueldade dela, acaba por a assassinar. Quando esse ato é descoberto, Alexandre é exilado pelo povo. [39.4; 39.5.1].

**Alexandre, o Grande:** Alexandre III da Macedônia, filho de Olímpíade e, supostamente, Filipe II. Continua a prática expansionista de seu pai, com grande sucesso. Reinou de 336 a 323, quando é envenenado pelos filhos de Antípatro. Em seu leito de morte, prevê que muito sangue será derramado por sua sucessão, o que se confirma pelos constantes conflitos entre os diádocos e seus descendentes. [1.2.9; 2.3.4; 2.4.32-33; 7.2.4; 7.4.5; 9.1.8; 9.4.5; 9.6.3; 9.7.1-6 e 10; 9.8.2 e 11-21; 10.3.6-7; 11.1.7 e subsequentes até 13.1.7; 13.1.10 e 13-15; 13.2.1, 5, 7-10, 12 e 14; 13.3.1; 13.4.3-4 e 6; 13.5.1-2, 7 e 9; 13.6.4 e 10-12; 14.1.7-8; 14.2.6-7 e 10; 14.4.12, 17 e 19; 14.5.9-10; 14.6.11 e 13; 15.1.1 e 3; 15.2.3-5 e 13-14; 15.3.3-5, 7, 9-13 e 15; 15.4.6-7, 12 e 19; 16.1.12-13 e 17; 16.2.5; 17.3.14; 17.1.9; 17.2.2; 18.1.2; 18.3.18-19; 18.4.1; 21.6; 24.4.10; 24.5.9-11; 28.2.12; 28.4.1; 29.3.8; 30.3.9; 30.4.9 e 11; 33.1.3; 36.3.8; 37.3.2; 38.7.1-2; 41.4.1; 41.5.5; 42.3.5 e 7].

**Amadas:** um dos amigos de Alexandre, o Grande, a ser dispensado do serviço militar, em 324. É possível que seu nome seja, na verdade, resultado de ditografia. [12.12.8].

**Ambiger:** rei indo. Outros historiadores tê-lo-iam chamado de Sambo ou Sabbas. Seu povo teria recebido o exército de Alexandre, o Grande, com flechas envenenadas, mas o rei macedônio sonha com um antídoto. [12.10.2].



**Amílcar:** comandante cartaginês, é filho de Magão, irmão de Asdrúbal e pai de Hilmicão, Hanão e Gisgão. Continua os grandes feitos de seu pai ao lado de seu irmão. Com o falecimento deste, assume o poder. Morre na guerra com a Sicília, sendo substituído por Hilmicão. [4.2.7; 19.1; 19.2.1 e 7].

**Amílcar:** Ródano. Cartaginês, insigne por sua eloquência e sagacidade, é enviado para a corte de Alexandre, o Grande, para descobrir os planos do rei em relação à África. Finge-se de exilado e se oferece como soldado ao rei macedônio, o que lhe permite escrever para sua pátria as decisões de Alexandre em tabuinhas cobertas de cera. Com a morte do rei, retorna para Cartago, mas é morto como se fosse um traidor. [21.6].

**Amílcar:** comandante cartaginês, é pai de Bomílcar. Envia auxílio a Siracusa contra Agátocles, mas acaba pactuando com ele. Como Agátocles passa a atacar as cidades aliadas de Cartago, estas denunciam Amílcar a seu senado. Os cartagineses fazem planos contra o comandante, mas este morre antes que possam agir. [22.2.3-6 e 8-9; 22.3.1-7; 22.7.10].

**Amílcar:** filho de Gisgão. Comandante cartaginês, estava na Sicília enquanto o senado tramava contra seu homônimo. Vence Agátocles em duas batalhas, o que faz o tirano de Siracusa decidir deixar sua cidade sitiada e atacar Cartago diretamente. É morto, e seu exército trucidado por Antandro, irmão de Agátocles, pois os soldados tornaram-se indolentes com o longo cerco. [22.3.6 e 9-10; 22.7.1-2; 22.8.2].

**Amílcar:** Barca. General cartaginês, é pai de Aníbal e sogro de Asdrúbal. Ocupa a Hispânia, mas é morto em uma emboscada, sendo substituído por seu genro. Aníbal é considerado um general maior do que ambos. [44.5.4-6].

**Amintas:** I, rei macedônio de 540 a 498. É pai de Alexandre I da Macedônia. [7.2.13; 7.3.2-5 e 9; 7.4.1].

**Amintas:** III. Sobrinho de Alexandre I, pai de Filipe II e avô de Alexandre, o Grande. Teria reinado de 393 a 370. [7.4.3-8].

**Amintas:** IV. É filho de Pérdicas III e sobrinho de Filipe II. [9.5.8; 12.6.14].

**Amintas:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos bactrianos. [13.4.23].

**Amúlio:** um dos reis da Itália, descendente de Eneias. É irmão de Numitor e tio de Réa, a quem, após tomar o reino de seu irmão, obriga ao sacerdócio para que ela não gerasse filhos homens que pudessem derrubar seu poder. É, contudo, morto pelos filhos dela, Rômulo e Remo. [43.2.1-2 e 4; 43.3.1].

**Anaxarco:** filósofo grego, discípulo de Demócrito. Impele Alexandre, o Grande, a desprezar os conselhos de um de seus magos e a ingressar na Babilônia, o que, em parte, levará o rei à sua morte. [12.13.5].

**Anaxilau:** um dos tiranos da Sicília, agia com justiça e moderação. Ao morrer, deixa a tutela de seus filhos – ainda crianças – e do reino a Mícalo, um escravizado. Devido ao amor do povo pelo tirano, todos aceitam a governança de alguém em uma condição considerada por eles como inferior. [4.2.3-5].

**Andrágoras:** nobre persa apontado por Alexandre, o Grande, como governador da Pártia em 331, tornando-se a origem da dinastia parta. [12.4.12].

**Andrágoras:** intendente de Seleuco II na Pártia, é vencido por Ársaces I, que invade seu território com uma tropa de ladrões, após a derrota de Seleuco contra os gauleses. [41.4.7].

**Andrômaca:** viúva de Heitor, é entregue a Heleno, seu cunhado, por Pirro, filho de Aquiles, que a recebera como butim. [17.3.6].

**Anfictião:** rei ateniense, teria sido o primeiro a consagrar a cidade a Minerva, dando-lhe o nome de Atenas. Em seu reinado, ocorre uma enchente, o que obriga as pessoas a se refugiarem junto a Deucalião, na Tessália. [2.6.9-10].

**Anfistrato:** um dos aurigas de Castor e Pólux. Jasão torna-o líder de alguns dos povos que conquista após retornar à Cólquida. [42.3.3].

**Aníbal:** cartaginês, é um dos três filhos de Asdrúbal e neto de Magão. Divide o poder com seus irmãos e seus primos. [19.2.1-6].

**Aníbal:** general cartaginês, filho de Amílcar, nutre, desde a infância, ódio a Roma. Substitui seu cunhado, Asdrúbal, na ocupação da Hispânia. Após seu exílio de Cartago, auxilia Antíoco III e, depois, Prúsias I em suas expedições bélicas. Por fim, envenena-se para evitar que fosse entregue aos romanos. É considerado um dos três maiores generais de seu tempo, ao lado de Filopêmene e Cipião Africano, tendo fatigado os romanos por dezesseis anos. [29.1.7; 29.2.3 e 7; 29.3.7; 29.4.2; 30.3.2; 30.4.9 e 14; 31.1.7-9; 31.2; 31.3.5-10; 31.4-5; 31.6.1-2, 6 e 9; 31.7.1-3; 32.4.2-12; 38.3.6; 38.6.5; 44.5.6-7].

**Antandro:** irmão de Agátocles, tirano de Siracusa. Teria massacrado o exército cartaginês que cercava Siracusa, enquanto Agátocles atacava Cartago diretamente. [22.7.2].

**Antígenes:** um dos guardas de Alexandre, o Grande, e um de seus amigos a ser dispensado do serviço militar, em 324. Morre em 316. [12.12.8].

**Antígono:** I Monoftalmo. Filho de um certo Filipe e pai de Demétrio, torna-se um dos diádocos. Após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Cilícia. Depois, entra em conflito com Pérdicas. Com a morte dele, torna-se responsável pela guerra contra Eumênes e seus aliados. Após vencê-lo, divide os argiráspidas em meio a suas tropas, e as partes que estavam sob o poder de Eumênes passam para o seu. Então, combate com Ptolomeu, Cassandro e Lisímaco por se recusar a dividir os despojos da guerra. Tendo sido assassinados os herdeiros de Alexandre sob as ordens de Cassandro, assume o título de rei, junto a seu filho. Morre em batalha contra Seleuco. [13.4.14; 13.6.8-9; 13.8.10; 14.1.1, 9 e 13; 14.2.1-2, 4; 14.3.1-3 e 11; 14.4.5-6 e 15-20; 14.5.3; 15.1.2-4, 6 e 9; 15.2.10 e 13-15; 15.4.1 e 21-22; 41.4.2-3].

**Antígono:** II, Gônatas, rei do Egito ptolomaico, é filho de Demétrio. É expulso do reino da Macedônia por Ptolomeu Cerauno. Guerreia contra os gauleses, obtendo um resultado positivo. Pirro I pede-lhe suas naus para transportar o exército até a Itália. Antígono nega auxílio a Pirro, pelo que entra em conflito com ele. É continuamente derrotado, até ser cercado em Argos, onde Pirro é morto. Devolve os restos mortais do rei do Épiro a seu filho, Heleno. É atacado pelos gauleses, mas consegue a vitória, voltando-se então para a Grécia. Enquanto estava lá, a Macedônia é invadida por Alexandre, outro filho de Pirro. De volta a seu reino, Antígono sofre a deserção de seu exército e perde a Macedônia, a qual é recuperada

por seu filho, Demétrio. Teria reinado de 277 a 274 e de 272 a 239, sendo considerado um dos grandes reis de sua época. [17.2.10 e 13; 24.1.1-4 e 8; 25.1; 25.2.1-7; 25.3; 25.5.1-2 e 4; 26.1.2-3; 26.2.1 e 4-11; 26.3.3].

**Antígono:** III, Doson. Tutor e padraсто de Filipe V, após a morte de Demétrio II da Macedônia, casa-se com a rainha. Busca ocupar o trono, no que encontra resistência do povo, mas é capaz de convencê-lo após o assassinato dos líderes dos revoltosos. Submete Esparta – que resistira ao poder de Filipe II e Alexandre, o Grande –, ao derrotar o rei Cleômenes III. Teria reinado de 229 a 221, quando morre e deixa o trono para Filipe, então com 14 anos. [28.3.10-16; 28.4.1-3 e 12-16; 29.1.2].

**Antíoco:** pai de Seleuco Nicátor e marido de Laódice, é um ilustre comandante sob Filipe II. Seu filho funda a Antioquia em sua homenagem. [13.4.17; 15.4.3 e 8].

**Antíoco:** I, Sóter, rei dos selêucidas, é filho de Seleuco. Pirro I pede-lhe auxílio financeiro para a guerra contra os romanos. Sela a paz com Ptolomeu Cerauno. Os partas passam a seu comando depois de estarem sob Seleuco Nicátor. [17.2.10 e 13; 24.1.1 e 8; 25.1.1; 41.4.3].

**Antíoco:** II, Teos, rei da Síria, é pai de Seleuco II e marido de Laódice I. Sua irmã era casada com Demétrio II da Macedônia, mas este se casa com Fítia, princesa do Épiro, o que gera guerra entre os dois reis. A irmã não é nomeada na narrativa de Justino – ainda que ela seja apresentada como incitadora do conflito – mas, provavelmente, trata-se de Estratonice. [27.1.1; 28.1.2-4].

**Antíoco:** Hiérax, é filho de Antíoco II e irmão de Seleuco II. Embora tivesse apenas quatorze anos, entra em guerra contra seu irmão pela soberania, motivo pelo qual a revolta parta contra o poder de Seleuco fica impune. É derrotado por Eumênes, rei da Bitínia, pelo que se vê obrigado a se entregar a Ptolomeu. Este o mantém aprisionado, até que Antíoco consegue fugir com o auxílio de uma prostituta. É, contudo, assassinado por ladrões. [27.2.6-12; 27.3.1-2, 4 e 6-11; 41.4.4].

**Antíoco:** III, o Grande, rei da Síria. É filho de Seleuco II. Os alexandrinos acreditavam que era uma ameaça ao Egito, pelo que solicitam auxílio dos romanos, após a morte de Ptolomeu IV, ocorrida em 205. Posteriormente, recebe Aníbal em seu reino quando este se refugia dos

romanos. Luta contra Ársaces II, mas, por fim, faz um acordo com ele. Teria reinado de 223 a 187, ano de sua morte. [29.1.3; 30.2.8; 30.3.3; 30.4.18; 31.1.1-4 e 7; 31.2.5; 31.3.5-10; 31.4.1 e 4-10; 31.5; 31.6.1-9; 31.7.2-9; 31.8.5-8; 32.1.1; 32.2.1-2; 32.4.2-3; 38.6.3; 41.5.7].

**Antíoco:** IV, Epifânio, Epimanes. Rei da Síria, é filho de Antíoco III e teria reinado após o assassinato de seu irmão Seleuco IV, de 175 a 164. Declara guerra a Ptolomeu VI do Egito, que era seu sobrinho, mas volta atrás após a embaixada de Popílio. Morre, deixando um filho pequeno, que é assassinado por seu irmão, Demétrio I. Alexandre Balas finge ser seu filho para tomar o reino de Demétrio. [34.2.7; 34.3.1-7; 35.1.7; 35.2.4].

**Antíoco:** VII, Evérgeta, Sideta. Rei da Síria, é filho de Demétrio I e irmão de Demétrio II. Derrota Trifão, retomando o reino de sua família. Casa-se com Cleópatra, esposa de seu irmão, e se dedica a ampliar as fronteiras da Síria, submetendo, entre outros povos, os judeus. Ataca a Pártia, o que motiva a represália de Fraates II. Teria reinado de 139 ou 138 até 129. [35.2.1; 36.1.8-10; 38.9.10; 38.10; 39.1.1 e 5-6; 39.2.10; 42.1.1-2 e 4].

**Antíoco:** VI. É enteado de Demétrio II da Síria. Foi assassinado por Trifão, que era seu tutor e que desejava a soberania para si. [36.1.7].

**Antíoco:** XIII, Asiático. Teria recebido o trono da Síria de Lúculo, após a derrota de Tigranes II. É deposto, contudo, por Pompeio Magno. Teria reinado de 69 a 64. [40.2.2-4].

**Antiope:** rainha das amazonas que teria reinado junto à irmã, Orítia. [2.4.20-23 e 25].

**Antípatro:** amigo de Filipe II e um de seus maiores generais, cargo que mantém sob Alexandre, o Grande. É pai de Cassandro e sogro de Alexandre dos lincestas. Teria sido o responsável pela conspiração que culmina na morte do rei dos macedônios em 323. Torna-se, posteriormente, um dos diádocos, ficando, inicialmente, à frente da Macedônia e da Grécia. Durante a guerra levantada pelos atenienses por sua liberdade, fica sitiado – segundo Justino – em Heracleia, até a morte de Leóstenes, comandante dos inimigos, e o recebimento das tropas de Leonato, que caíra em batalha. Durante o conflito entre Pérdicas e Antígono, fica do lado deste. Com a morte de Pérdicas, envia auxílio a Eumênes que estava cercado por Antígono. [9.4.5; 11.7.1; 12.1.4 e 8; 12.12.9; 12.14.1-7; 13.2.14; 13.4.5 e 18; 13.5.8 e 12-17; 13.6.5-7, 9 e 15; 13.8.2 e 5; 14.2.4; 14.4.11; 16.1.14].

**Antípatro:** II, filho de Cassandro e Tessalônica, esposo de Eurídice e genro de Lisímaco, assassina sua mãe por acreditar que ela favoreceria seu irmão, Alexandre, na divisão do reino. É morto por seu sogro, após este tomar sua parte do reino da Macedônia para entregar a Demétrio e evitar, assim, uma ofensiva dele. Teria reinado de 297 a 294. [16.1; 16.2.4-5].

**Antônio:** Marco. É um dos triúmviros, junto a Lépido e Augusto. Empreende, em 36, uma campanha malsucedida contra os partas. [41.2.6; 42.4.7; 42.5.3 e 11].

**Ápio Cláudio:** Cego, profere um famoso discurso rechaçando a paz dos romanos com Pirro I, pelo que a guerra é restabelecida. [18.2.10].

**Aquiles:** um dos principais heróis na guerra de Troia, é pai de Pirro. [17.3.3].

**Arates:** esposa de Damasco, um rei sírio, é cultuada pelo povo como uma deusa após sua morte. [36.1.2].

**Arato:** espartano, pai de Falanto, teria tido a ideia de enviar, durante o cerco à Messênia, parte das tropas de volta a Esparta para gerar linhagem. Com isso, nascem os partênios. [3.4.8-9].

**Arbaces:** teria sido um dos generais de Sardanápalo e responsável por sua queda. Funda o império medo em 830, aproximadamente. [1.3.2-6].

**Arcágato:** um dos filhos de Agátocles, tirano de Siracusa, e irmão de Heráclida. É deixado por seu pai no comando do exército que cerca Cartago, enquanto ele parte para Siracusa. Decide não realizar os pagamentos dos soldados até o retorno de Agátocles, o que gera revolta. Seu pai é capaz de reverter a insubordinação, mas realiza um ataque sem planejamento, perde a maior parte de seu exército e decide fugir com seu filho, abandonando o restante de suas tropas. Arcágato perde-se no meio da noite, é capturado pelos siracusanos que foram deixados para trás e morto por Arcesilau, alguém que antes era amigo de seu pai. [22.5.1; 22.8.1, 4, 8 e 10-14].

**Arcesilau:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Mesopotâmia. [13.4.23].

**Arcesilau:** amigo de Agátocles, tirano de Siracusa, é abandonado na África por ele com o resto das tropas, após uma derrota. É responsável pelo assassinato do filho do tirano, Arcágato, o qual roga para que pense nas consequências que o ato geraria para seus próprios filhos. Arcesilau responde-lhe que lhe bastava saber que seus filhos viveram mais que os de Agátocles. [22.8.14].

**Arcote de Pela:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos babilônios. [13.4.23].

**Areu:** comandante escolhido pelos gregos contra a dominação macedônia sob o reinado de Antígono Gônatas. Ataca, então, os etólios. [24.1.5].

**Argeu:** I, rei da Macedônia, é filho de Pérdicas I e pai de Filipe I. Teria governado com moderação. [7.2.2-5].

**Ariafernes:** irmão de Dario I e, logo, tio de Ariamenes e Xerxes I. Consultado a respeito de quem deveria herdar o reino, favorece o segundo. [2.10.9-10].

**Ariamenes:** filho mais velho de Dario I, concebido antes que se tornasse rei. Sua mãe e seu avô materno teriam origem humilde. Tem uma disputa amistosa com Xerxes I, seu meio-irmão, pelo trono do império persa, após a morte de seu pai. [2.10.2-11].

**Ariamenes:** Ariarates III, rei da Capadócia, é, segundo Justino, sogro de Antíoco Híerax. Este se refugia junto a ele, após a derrota contra Eumênes (ou Átalo), mas precisa escapar novamente quando descobre que insídias estavam sendo preparadas contra ele. [27.3.7].

**Ariarate:** rei da Capadócia, é derrotado por Pérdicas, o qual não recebe prêmios por sua vitória, já que os capadócios jogam-se, junto aos seus bens, no fogo. [13.6.1].

**Ariarate:** IV, Eusébio. Recebe o reino da Capadócia de seu pai, Ariarate III. Teria reinado de 220 a 163. [29.1.4].

**Ariarate: V**, Eusébio, Filópator. Rei da Capadócia, é irmão de Orofernes. Teria desdenhado as núpcias com a irmã de Demétrio I, pelo que se torna alvo do descontentamento do rei. Por isso, Demétrio ajuda seu irmão que havia sido exilado. Ariarate envia tropas auxiliares aos antioquenses contra Demétrio. Também oferece auxílio aos romanos na guerra contra Aristônico, em que morre, motivo pelo qual seus filhos recebem a Licaônia e a Cilícia. [35.1.2-4 e 6; 37.1.2 e 4; 38.2.5].

**Ariarate: VI**. É filho de Ariarate V e Laódice, sendo o único que foi poupado pela mãe. Teve, com sua esposa, Laódice (outra que não a sua mãe), dois filhos: Ariarate VII e Ariarate VIII. É assassinado por Górdio. [38.1.1 e 6-7; 38.2.3-4].

**Ariarate: VII**. É filho de Ariarate VI e Laódice. Irrita-se com seu tio, Mitrídates VI, porque este desejava que Górdio retornasse para a Capadócia, de modo que organiza uma guerra contra ele. Mitrídates assassina-o em frente a seus exércitos. [38.1.1 e 5-10].

**Ariarate: IX**. Filho de Mitrídates VI, é posto no comando da Capadócia quando tinha oito anos, em 99, tendo Górdio como administrador. [38.1.10].

**Ariarate: VIII**. Irmão de Ariarate VII, é chamado ao trono pelos capadócios que se revoltam contra os abusos dos intendentos de Mitrídates VI. É vencido por ele em combate e morre, logo depois, de angústia. [38.2.1-3].

**Ariarete**: um dos três herdeiros legítimos de Artaxerxes II. Outras fontes chamam-no de Ariaspes. [10.1.1].

**Ariobarzanes: I** da Capadócia, Filorromano. É indicado pelos capadócios como seu rei em 93, tendo o apoio dos romanos. [38.2.8; 38.3.2-4].

**Aristeu**: filho de Grino, rei da ilha de Tera. Era chamado, primeiramente, de Bato devido a um impedimento na fala. Após migrar para a África, por um desígnio do oráculo de Apolo, teria sido responsável por fundar a cidade de Cirene. Justino não apresenta uma explicação para a ligação entre o nome Bato e a questão da fala, mas, provavelmente, ela deriva do grego



βατταρίζω (*battarízō*), gaguejar. Heródoto apresenta outra origem para o nome, conforme consta em nota ao trecho. [13.7].

**Aristeu:** um dos quatro filhos de Cirene, princesa da Tessália, e Apolo, teria sido rei da Arcádia e o primeiro a demonstrar aos homens o cuidado com as abelhas, o uso do mel, a coagulação do leite e, também, a encontrar o nascimento da estrela solsticial. [13.7.7 e 10].

**Aristides:** comandante dos atenienses durante uma das partes finais da guerra contra Xerxes I. Toma medidas contra a traição de seu sócio, Pausânias. [2.15.16].

**Aristônico:** filho ilegítimo de Eumênes II e uma concubina, assume o nome de Eumênes III. Após a morte de Átalo III, entra em conflito com os romanos – que foram deixados como herdeiros do rei – pelo direito ao reino paterno, Pérgamo. Embora vença Licínio Crasso, é derrotado por Perpenna. Teria reinado de 133 a 129. [36.4.6-10; 37.1.1-2; 38.2.5; 38.5.3; 38.6.4].

**Aristóteles:** o filósofo grego. Alexandre, o Grande, teria sido seu discípulo junto a Calístenes. [12.6.17; 12.16.8].

**Aristótimo:** aristocrata, exerce a tirania na cidade dos epeus, agindo de modo cruel contra o povo. É assassinado pelos insurgentes organizados por Helânico, cinco meses após assumir o poder. [26.1.4-10].

**Armênio:** um dos argonautas, teria fundado a Armênia. [42.2.10; 42.3.8].

**Arquelau:** filho de Amintas III com Gigeia, é meio-irmão de Filipe II. [7.4.5; 8.3.10-11].

**Arquídamo:** III, filho e sucessor de Agesilau II, foi rei e comandante espartano. Tendo sido ferido na guerra contra os arcádios que eram auxiliados pelos tebanos e percebendo seu exército ser exterminado, vê-se obrigado a aceitar sua derrota. [6.6.8-10].

**Arribas:** casado com Troade, irmã de Olímpíade, era primo-irmão e tutor desta. Organiza seu casamento com Filipe II, esperando que isso o beneficiasse, entretanto, ocorre o contrário.

Teria reinado de 370 a 342, quando é destronado por Filipe e substituído por Alexandre I do Épiro, irmão de Olímpíade. [7.6.11-12; 8.6.4 e 7-8].

**Arrideu:** filho de Amintas III com Gigeia, é meio-irmão de Filipe II. [7.4.5; 8.3.10-11].

**Arrideu:** Filipe III da Macedônia, filho de Filipe II e uma dançarina de Larissa, e meio-irmão de Alexandre, o Grande. Teria uma deficiência, o que levantou contrariedade a sua ascensão ao trono, após a morte de Alexandre; contudo, assume o reino em 323. Sua esposa, Eurídice, aproveita-se de sua fragilidade para exercer o poder em seu lugar. Ambos são mortos sob as ordens de Olímpíade. [9.8.2; 12.15.9; 13.2.8 e 11-12; 13.3.1-2; 13.4.2 e 6; 13.6.10; 14.5.1-3 e 9-10; 14.6.13].

**Arruas:** filho de Moisés e neto de José, torna-se sacerdote dos ritos egípcios e é eleito rei. [36.2.16].

**Ársaces:** I da Pártia. De origem incerta, foi alguém que vivia de saques e que toma o trono parta, aproveitando-se da fragilidade da dominação macedônia. Também submete a Hircânia, sela a paz com Teódoto II (ou Diódoto II) e vence Seleuco II. O dia desta vitória é comemorado pelos partas como o marco inicial de sua liberdade. Ársaces teria organizado seu reino e o melhorado a ponto de seu nome tornar-se uma espécie de título para os reis partas posteriores. [41.4.6-10; 41.5.1-7; 41.6.9].

**Ársaces:** II, é filho de Ársaces I e o sucede no trono parta. Combate com Antíoco III, mas acaba firmando uma aliança com ele. [41.5.7].

**Arsácides:** cf. **Mitridates I.**

**Arsinoé:** filha de Ptolomeu I, esposa de Lisímaco e madrasta de Agátocles, auxilia seu marido no assassinato de seu enteado. Com a morte de Lisímaco, casa-se com o próprio irmão, Ptolomeu Cerauno. Este a engana, assassina seus filhos e a exila. [17.1.4; 17.2.4-8; 24.2-3].

**Arsinoé:** esposa de Magas, rei de Cirene, é contra o casamento planejado por seu marido para sua filha, Berenice II. Escolhe, então, Demétrio, o Belo, irmão de Antígono II, porém ele

prefere a mãe à filha. Tendo ofendido o povo e sua prometida original, Demétrio é assassinado, apesar dos esforços de Arsinoé para o proteger. [26.3.3-8].

**Artábano:** intendente de Xerxes I. Trama contra o rei, quando a autoridade deste está fragilizada pelo resultado das guerras na Grécia. Mata Xerxes e seus filhos, dentre eles, Dario, contudo é morto por Artaxerxes I, em 465. [3.1.2-9].

**Artábano:** I, Arsaces VII. Rei da Pártia, é pai de Mitrídates II e tio de Fraates II, a quem substitui no poder. Morre devido a uma ferida, em seu braço, sofrida em uma guerra levada aos tocários. Teria reinado de 128 ou 129 a 124. [42.2.1-3].

**Artaxerxes:** I, Longímanso. É o filho mais novo de Xerxes I. Mata Artabano, vingando seu pai e seus irmãos e subindo, assim, ao trono. Teria reinado de 465 a 425. [3.1.3 e 6-9].

**Artaxerxes:** II, Mnêmon, é filho de Dario II e irmão de Ciro, o Jovem. Rei da Pérsia, estava no poder durante a Guerra de Corinto. Seu pai deixa-lhe o trono ao morrer, o que desagradou seu irmão. Por isso, enfrenta uma guerra organizada por Ciro, com o auxílio dos lacedemônios, da qual sai vitorioso. Teve cento e quinze filhos, mas apenas três herdeiros legítimos. Decide passar, ainda em vida, seu reino para um deles, Dario, acreditando que isso lhe traria felicidade. Contudo, como lhe nega a posse de uma de suas concubinas, Dario começa a tramar seu assassinato. Descoberto, seu filho é morto, e Artaxerxes morre de desgosto. Teria reinado de 404 a 358. [5.8.13; 5.11; 6.1.2 e 4-9; 6.2.12-16; 6.6.1-3; 10.1-2].

**Artemísia:** rainha de Halicarnasso após a morte de seu pai, o rei Lígdamis. Teria acompanhado Xerxes I à Grécia com cinco naus. Demonstra grande bravura em combate, ao contrário do rei dos persas. [2.12.23].

**Artoadistes:** Artavasdes I. Rei dos armênios, é subjogado por Mitrídates II, por volta de 120. [42.2.6].

**Ascânio:** filho de Eneias, deixa a cidade de Lavínio e funda Alba Longa. [43.1.13].

**Asdrúbal:** comandante cartaginês, é filho de Magão, irmão de Amílcar e pai de Aníbal, Asdrúbal e Safo. Continua as grandes realizações de seu pai ao lado do irmão. Morre na

Sardenha, deixando o poder para Almícar. Seu falecimento é gravemente sentido na pátria. [19.1; 19.2.2].

**Asdrúbal:** II, cartaginês, é um dos três filhos de Asdrúbal e neto de Magão. Divide o poder com seus irmãos e seus primos. [19.2.1-6].

**Asdrúbal:** general cartaginês, é genro de Amílcar. Assume o lugar dele na Hispânia após a sua morte, mas é assassinado por alguém escravizado que vingava seu senhor, o qual teria sido executado de modo injusto. É substituído por seu cunhado, Aníbal, que é considerado um general maior do que ele. [44.4.5-6].

**Aspásia:** concubina de Ciro, o Jovem, torna-se, posteriormente, esposa de Artaxerxes II. Porque Dario desejava-a para si, junto com o reino, Artaxerxes ordena-a ao sacerdócio do sol. [10.2.2-4].

**Asteropeu:** filho de Telégono, é príncipe da Peônia. Teria lutado do lado troiano durante a guerra de Troia. [7.1.5].

**Astíages:** último rei do império medo, é avô de Ciro II. Ordena que o neto fosse assassinado ao nascer para evitar que perdesse o trono. O menino, contudo, é poupado e criado por pastores. Astíages teria reinado de 584 até 550, e Ciro teria iniciado a guerra contra ele em 553, destronando-o. [1.4.1-7; 1.5.2-7; 1.6.8-16].

**Átalo:** general sob Filipe II e irmão de Cleópatra, com quem o rei macedônio casara-se após repudiar Olímpíade. Teria estuprado Pausânias, o que acarretaria o assassinato do rei. [9.5.8; 9.6.5-6; 9.7.3; 12.6.14].

**Átalo:** nobre que, após a morte de Alexandre, o Grande, toma partido na rebelião que proclama Arrideu como rei. [13.3.2-3 e 7].

**Átalo:** I, Sóter, rei do Pérgamo. Faz uma aliança com os romanos contra Filipe V. Teria reinado de 241 a 197. [29.4.7; 30.3.5 e 8].

**Átalo:** II, Filadelfo, rei do Pérgamo. Une-se aos antioquenses contra Demétrio I. [35.1.6].

**Átalo:** III, Filómetor, Evérgeta, rei do Pérgamo. Teria matado seus familiares e amigos e, posteriormente, se dedicado à jardinagem e à escultura. Morre de uma espécie de insolação, contraída enquanto construía um sepulcro para sua mãe, deixando os romanos como seus herdeiros. [36.4.1-5 e 8-9; 38.7.7].

**Ateas:** rei da Cítia até 339, quando perde sua vida em batalha contra Filipe II. [9.2].

**Átide:** princesa ateniense, é filha de Cranau. A região sob o poder de seu pai é nomeada a partir dela. [2.6.8].

**Atropatos:** sogro de Pérdicas. Após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Média Menor. [13.4.13].

**Augusto:** Caio Otaviano. Herdeiro de Júlio César, é o primeiro imperador de Roma. Além de outras ações, fora responsável pela submissão da Hispânia à condição de província. Reinou de 27 a 14 EC. [42.4.7; 42.5.3 e 6-12; 44.5.8].

**Autuco:** um dos quatro filhos de Cirene, princesa da Tessália, e Apolo. Vai, já adulto, à pátria de sua mãe para assumir o trono de reinos hereditários. [13.7.7 e 9].

**Azelo:** rei sírio após Damasco. [36.1.3].

**Bacabaso:** cúmplice, em um primeiro momento, de Artabano, revela a verdade sobre a morte de Xerxes I a Artaxerxes I. [3.1.5-6].

**Bacasis:** é posto à frente da Média por Mitrídates I. [41.6.7].

**Barsina:** filha de Artabazo, foi amante de Alexandre, o Grande, e teve com ele um filho, Hércules. É morta junto a este a mando de Cassandro. [11.10.2-3; 13.2.7; 15.2.3].

**Bato:** cf. Aristeu.

**Bélgio:** comandante dos gauleses, é responsável pela invasão da Macedônia e pela derrota de Ptolomeu Cerauno. É derrotado por Sóstenes, nobre macedônio que é posto à frente do exército com a morte do rei. [24.5; 24.6.1; 25.2.2].

**Berenice:** II, filha do rei de Cirene, Magas, e Arsinoé, tem sua mão prometida a Ptolomeu III antes da morte de seu pai. Como sua mãe era contra esse casamento, oferece-a a Demétrio, o Belo, irmão de Antígono II. Ele, contudo, prefere a mãe à filha, mas é assassinado por esta, que realiza o desejo de seu pai, casando-se com Ptolomeu. [26.3.2-8].

**Berenice:** esposa de Antíoco II, Téos, e irmã de Ptolomeu III, é assassinada junto a seu filho pequeno por Seleuco II. Sua morte gera revolta e o avanço de Ptolomeu na Síria. [27.1.2-10].

**Berenice:** noiva de Átalo III, teria sido assassinada, segundo o rei, por seus familiares e amigos. [36.4.1].

**Béroë:** do Épiro, é esposa do rei Glaucias e rainha dos ilírios. Tem ascendência eácida, pelo que recebe Pirro I para criá-lo, já que o povo dele tinha buscado matá-lo por ódio a seu pai. [17.3.19].

**Besso:** amigo de Dario III, é entregue, pelo irmão do rei, a Alexandre, o Grande, por ter traído a confiança daquele e o matado. Alexandre o teria torturado e morto em 329. [12.5.10-11].

**Bomílcar:** comandante cartaginês, é filho de Amílcar, o qual se aliara a Agátocles, tirano de Siracusa. Também intenta passar para o lado de Agátocles, devido aos reveses que Cartago estava enfrentando na guerra, pelo que é preso e crucificado por seu povo no meio do fórum. Em seu suplício, acusa os cartagineses de perseguir seus concidadãos por inveja. [22.7.7-11].

**Breno:** comandante dos gauleses, dirige suas forças para a Macedônia depois da derrota de Bélgio, sendo capaz de derrotar Sóstenes. Parte, então, para Delfos com a intenção de saquear o templo de Apolo. A ofensiva tem resultado negativo, e o comandante mata-se, pois não era capaz de suportar a dor das feridas recebidas em batalha, em 279. [24.6.1-5; 24.7; 24.8.1 e 11; 25.1.2; 32.3.6].

**Brútia:** mulher cuja traição permitiu que uma fortaleza dos africanos fosse tomada por parte dos lucanos, e, a partir disso, funda-se uma cidade. Depois disso, o povo que passa a habitar ali é chamado de “brútio” em homenagem a ela. [23.1.12-13].

**Bruto:** Marco Júnio, o Jovem. É um dos assassinos de Júlio César. Recebe, junto a Cássio, apoio parta. [42.4.7].

**Bubares:** enviado por Magabaso, comandante persa, para a Macedônia para a submeter, acaba por se apaixonar pela filha do rei Amintas, com quem se casa, depondo as intenções de guerra. [7.3.7-8; 7.4.1].

**Calíandro:** amigo de Demétrio II, da Síria, segue-o em seu exílio na Hircânia. Acompanha-o também em suas tentativas de retomar o trono. [38.9.5-8].

**Calístenes:** de Olinto. Teria estudado junto a Alexandre, o Grande, sob Aristóteles. Acompanha o rei da Macedônia, a seu convite, para que pudesse narrar seus feitos. É torturado e morto, em 327, acusado de traição, por se recusar a adorar Alexandre. [12.6.17; 12.7.2].

**Cambises:** I, pai de Ciro II. [1.4.4].

**Cambises:** II, rei persa que conquistou, em 525, o Egito. Reinou de 529 a 522. Seria um dos filhos de Ciro II, o Grande. [1.9.1-8 e 17].

**Candaules:** último rei da dinastia dos Heráclidas. Teria sido morto, por volta de 685, por Giges. [1.7.14-19].

**Carano:** da Macedônia. É considerado o primeiro dos reis macedônios. Busca morada na Macedônia por causa de um oráculo que ordenava que se instalasse no local aonde as cabras o guiassem. Ocupa, então, Edessa, mudando seu nome para Egeia em referência às cabras. Teria reinado de 808 a 778. [7.1.7-12; 7.2.1; 33.2.6].

**Carano:** meio-irmão de Alexandre, o Grande, é morto quando ele assume o reino. [11.2.3; 12.6.14].

**Cariades:** comandante ateniense, é enviado, junto a Laques, para a Sicília após a empreitada bem-sucedida de Lampônio, com o pretexto de auxiliar os catinenses. Estes selam, contudo, a paz com os siracusanos, dispensando as tropas atenienses. [4.3.6-7].

**Caribdis:** monstro marinho que se caracteriza por ser um vórtice que engole e regurgita o mar. Normalmente, é apresentada como uma ameaça ao lado de Cila. Justino explica que a criação de seu mito é justificada pelas características geográficas da Sicília. [4.1.13-18].

**Carilo:** filho de Polidectes, rei espartano, e sobrinho de Licurgo. Tendo nascido após a morte de seu pai, permanece sob a guarda de seu tio até alcançar a idade adulta e receber o trono. [3.2.5].

**Cartalo:** filho de Mazeu, comandante cartaginês. Durante o cerco de seu pai a Cartago, é enviado pelos cidadãos para deixar uma oferenda a Hércules em Tiro. Em seu retorno, ignora o pai, argumentando que suas obrigações religiosas estavam acima das familiares. Posteriormente, volta ao acampamento paterno usando ricas vestes, o que irrita Mazeu, que ordena que ele seja crucificado como exemplo para a cidade. [18.7.7-15].

**Cassandro:** um dos filhos de Antípatro e pai de Filipe IV. Costumava, junto a seus irmãos, servir Alexandre, o Grande. É convencido por seu pai a envenenar o rei. Após o assassinato deste, recebe o comando da Cária e dos acompanhantes e guardas do novo rei. Posteriormente, Eurídice, esposa do rei Arrideu, entrega-lhe o exército, favor a que se vê preso. É responsável pela morte de Olímpíade e, então, casa-se com Tessalônica, filha de Filipe II. Entra em conflito com Antígono que se recusava a dividir os despojos de guerra. Tendo ordenado a morte dos herdeiros de Alexandre, assume o título de rei. Em determinado momento, ameaça Glaucias, rei dos ilírios, com guerra caso ele não lhe entregasse Pirro I, que ainda era criança. Tendo reinado de 305 a 297, é sucedido por seu filho. [12.14.6-7; 13.4.15 e 18; 14.5.3-8; 14.6.2 e 4-13; 15.1.2-5; 15.2.1-5 e 12-17; 15.4.24; 16.1.1 e 15-16; 16.2.5; 17.3.20].

**Cássio:** Caio Longino. Questor de Crasso, trucidou o exército parta na ausência de Pácoro. Recebe, posteriormente, junto a Bruto, apoio dos partas. [42.4.5 e 7].



**Castor:** filho de Leda e Tíndaro e irmão gêmeo mortal de Pólux, acompanha Jasão em sua busca pelo velocino de ouro, sendo, então, um dos argonautas. Seus aurigas tornam-se líderes dos povos conquistados pelo herói tessálio após seu retorno à Cólquida. [20.2.12; 20.3.8; 42.3.3].

**Catumando:** é eleito comandante dos povos fronteiriços que invejavam o crescimento de Marselha. Enquanto sitiava a cidade, entretanto, sonha com Minerva, pelo que suspende o cerco e pede para ingressar na cidade para honrar seus deuses. Reconhecendo a deusa em um templo, sela a paz com os marselheses. [43.4.5-7].

**Cécrope:** rei ateniense que é considerado biforme – é representado, comumente, tendo o corpo, da cintura para baixo, de serpente –, porque teria sido o primeiro a unir um homem e uma mulher em matrimônio. [2.6.7-8].

**Cepião:** Quinto Servílio, o Velho. Eleito côsul em 106, recebe o governo da Gália Narbonense, em 105. Ali, captura Tolosa, junto a seu tesouro, o qual, considerado aziago, é tido como causa de sua morte e da perda de seu exército. [32.3.10-11].

**Cerauno:** filho de Clearco, tirano de Heracleia, seu nome é um dos epítetos de Júpiter, o que seria evidência da arrogância de seu pai. [16.5.11].

**César:** Caio Júlio. Um dos triúnviros, ao lado de Crasso e Pompeio. Entra em uma guerra civil contra o último após atravessar o Rubicão em 49. É assassinado em março de 44. [42.4.6-7; 43.4.12].

**César Augusto ou César:** cf. **Augusto**.

**Cila:** monstro marinho que seria, da cintura para cima, uma bela mulher e, da cintura para baixo, uma massa de cães. Normalmente, é apresentada como uma ameaça ao lado de Caríbdis. Justino explica que a criação de seu mito é justificada pelas características geográficas da Sicília. [4.1.13-18].

**Címon:** ilustre comandante ateniense, seria filho de Miltíades e uma princesa trácia. Eleito estrategista em 479, morreu em 449, no Chipre, realizando uma manobra contra os persas. [2.15.18-20].

**Cíneas:** tessálio, foi um conselheiro de Pirro I, por quem foi enviado a Roma para confirmar a paz. Ao retornar, teria dito a ele que Roma era uma cidade de reis, pois ninguém aceitara os seus presentes. [18.2.7 e 10].

**Cinegiro:** soldado ateniense que perde as duas mãos e, então, utiliza seus dentes para segurar uma corda e impedir que uma das naus de Dario I se retirasse. [2.9.16-19].

**Cipião:** Públio Cornélio. Foi cônsul em 218 e procônsul da Hispânia. Ali, luta, junto a seu irmão, Cneu Cornélio Cipião, contra os cartagineses. Após vitórias importantes, morre na Batalha de Cástulo, em 212-1. [44.5.7].

**Cipião:** Cneu Cornélio, Calvo. Foi cônsul em 222. Luta na Hispânia junto a seu irmão, Públio Cornélio Cipião, contra os cartagineses. Após vitórias importantes, morre pouco depois de seu irmão, na Batalha de Ilorci. [44.5.7].

**Cirene:** princesa da Tessália, é raptada por Apolo e deixada grávida no monte Cira. Ali, tem quatro filhos concebidos do deus: Nômio, Aristeu, Autuco e Agreu. [13.7.7-8 e 11].

**Ciro:** II, o Grande. Fundador do império persa. Seu avô, Astíages, recebe um presságio em um sonho de que Cyrus seria responsável por sua queda e, por isso, ordena que o neto seja morto ainda bebê. Exposto, é nutrido por uma cadela, adotado e criado por pastores e seu avô reconhece-o posteriormente. Tem a verdade sobre sua infância e as atitudes de seu avô reveladas por Harpago, amigo de Astíages que fora ordenado que lhe matasse. Cyrus realiza uma revolta, toma o poder e envia seu avô para a Hircânia. Após outras conquistas militares, é morto por Tamires, rainha cita, em 529. Mitrídates VI apresenta-se como seu descendente. [1.4.1-7 e 13; 1.8.1-14; 1.9.15; 1.10.14; 2.3.3; 2.10.7; 12.5.12; 37.3.2; 38.7.1; 41.5.5].

**Ciro:** o Jovem. É posto no lugar de Tisafernes, na Lídia, por seu pai, Dario II, auxiliando os lacedemônios. Posteriormente, é morto ao tentar derrubar o poder de Artaxerxes II, seu irmão,

com a ajuda dos lacedemônios. Seus soldados passam para o comando de outro Tisafernes. [5.5.1; 5.11; 6.1.3; 10.2.2].

**Ciziceno:** Antíoco IX, filho de Cleópatra Teia e Antíoco VII. Segundo Justino, era pai de Antíoco XIII. Apresenta-se como um rival a Gripo, seu meio-irmão, pelo trono da Síria. Casa-se com Cleópatra IV, que lhe fornece forças militares para que possa bater-se em igualdade contra Gripo. É vencido, inicialmente, mas após a tomada da Antioquia e o assassinato de sua esposa pelo inimigo, é capaz de vencer Gripo e matar Trifena, esposa dele, em vingança. [39.2.10; 39.3.3-6 e 9-10; 39.4.4; 40.2.2].

**Cléadas:** um dos prisioneiros tebanos, discursa em favor de sua cidade após sua tomada por Alexandre, o Grande. Não obtém o que solicitava. [11.4.1-6].

**Clearco:** foi exilado por seu povo, os heracleenses, mas é chamado de volta para lidar com as revoltas populares. Primeiro, alia-se e engana Mitrídates I do Ponto, prendendo-o e libertando-o após o pagamento de resgate. Depois, aproveitando-se da situação conturbada de sua pátria, assume como tirano, governando de modo autoritário. É morto, em 353, a partir de um plano de Quíon e Leônides, e sucedido por seu irmão, Sátiro, que mantém a tirania. [16.4; 16.5].

**Cleófide:** rainha dos assacanos. Atacada por Alexandre, o Grande, viu-se obrigada a se render em 327. Teria conseguido seu reino de volta ao se deitar com Alexandre, concebendo, então, um filho que herda o nome do pai. Por essa atitude, é chamada de cortesã real pelo povo. [12.7.9-11].

**Cleômenes:** teria edificado Alexandria. Fica responsável por entregar uma das províncias macedônias a Ptolomeu, após a morte de Alexandre, o Grande. [13.4.11].

**Cleômenes:** III. Rei de Esparta, é derrotado por Antígono III da Macedônia e foge, com sua família, até Ptolomeu III, vivendo dignamente no Egito. Contudo, com o assassinato do rei, é morto por Ptolomeu IV. Teria sido substituído por Licurgo. [28.4.7-11 e 13; 29.1.6].

**Cleópatra:** esposa de Filipe II, após o repúdio de Olímpíade. Com a morte de Filipe, é assassinada junto à sua filha por sua antecessora. [9.5.8; 9.7.12; 12.6.14].

**Cleópatra:** filha de Filipe II e Olímpíade. Durante os festejos de seu casamento com Alexandre I do Épiro, seu pai é assassinado. Após a morte de seu irmão, Pérdicas tenta casar-se com ela, em que é frustrado. Com a morte dele, Eumênes busca seu apoio. [9.6.1-2; 11.1.4; 13.6.14; 14.1.7-8].

**Cleópatra:** Teia. Era esposa de Demétrio II e, com a morte deste, casa-se com o irmão dele, Antíoco VII. Assassina Seleuco, um de seus filhos com Demétrio, pois ele subira ao trono sem sua autorização. Permite que Gripo (Antíoco VIII), seu outro filho, assumo o título de rei, mas não que ele exerça o poder, que deveria permanecer em suas mãos. Tenta envenená-lo posteriormente, mas ele consegue que ela beba o veneno em seu lugar. [36.1.9; 39.1.9; 39.2.7-8 e 10].

**Cleópatra:** do Ponto. Filha de Mitrídates VI, é dada em matrimônio a Tigranes, o Grande, rei da Armênia. [38.3.2].

**Cleópatra:** II, era esposa de Ptolomeu VI. Após a morte deste, casa-se com Ptolomeu VIII. É repudiada, e ele desposa sua filha, depois de a estuprar. Ptolomeu assassina o filho comum que tinham e ordena que ele seja desmembrado e entregue à mãe no dia de seu aniversário. Depois do luto por seu filho, Cleópatra pede auxílio a Demétrio II contra Ptolomeu. [38.8.2, 4-5 e 11-14; 38.9.1; 39.1.2 e 4; 39.2.2; 39.4.6].

**Cleópatra:** I, é mãe de Ptolomeu VIII. [38.8.3].

**Cleópatra:** III, filha de Ptolomeu VI e Cleópatra II, é estuprada por Ptolomeu VIII, que repudia sua mãe e se casa com ela. Justino não a nomeia inicialmente. Quando Ptolomeu morre, a rainha precisa escolher um de seus filhos para o trono; embora preferisse o mais novo, escolhe o mais velho, Ptolomeu IX, por pressão popular. Causa discórdia entre suas filhas e filhos, já que faz com que eles se separem e se casem uns com os outros, mesmo contra a vontade e quando já tinham filhos. Posteriormente, infeliz por precisar dividir o poder com o filho, exila Ptolomeu e coloca seu outro filho, Alexandre, no trono. Este, contudo, temendo a crueldade dela, acaba assassinando-a. [38.8.5 e 11; 39.3.1-3 e 6; 39.4].

**Cleópatra:** IV. Filha de Cleópatra III, irmã e esposa querida de Ptolomeu IX. Este é obrigado por sua mãe a se separar dela, pelo que ela parte para a Síria e se casa com Ciziceno. Durante a guerra entre Gripo e seu novo marido, é capturada e morta dentro de um templo na Antioquia por ordens de Trifena, sua irmã casada com Gripo. [39.3.2-12; 39.4.6].

**Clito:** o Negro. Um dos oficiais de Alexandre, o Grande, e irmão da ama deste. É morto pelo rei em 328, após louvar os feitos de Filipe II em um banquete. [12.6.3-11 e 15].

**Clito:** o Branco. Um dos comandantes de Alexandre, o Grande, e um de seus amigos a ser dispensado do serviço militar, em 324. Após a morte do rei e com o início dos conflitos entre Antígono e Pérdicas, recebe, deste, o comando da frota. [12.12.8; 13.6.16].

**Cneu Otávio:** é enviado por Lúcio Emílio Paulo à Samotrácia para prender Perseu. [33.2.5].

**Cneu Pompeio:** Magno. Um dos triúnviros ao lado de Crasso e Júlio César, assume o comando do exército romano, na Terceira Guerra Mitridática, em 66, derrotando Mitrídates IV, em 65. Teria tirado o trono da Síria de Antíoco XIII. [37.1.8; 40.2.3-5; 42.3.4; 42.4.6-7; 43.4.11-12].

**Cneu Servílio:** Cepião. Foi cônsul em 203. Teria sido enviado a Cartago para observar Aníbal e, se possível, matá-lo. [31.2.1, 3 e 8].

**Cócalo:** primeiro a ocupar o trono da Sicília após a extinção dos ciclopes. [4.2.2].

**Codomano:** Dario III. Ter-se-ia destacado em campo de batalha, garantindo a vitória aos persas contra os cadúsios, pelo que é recompensado com a liderança dos armênios e, posteriormente, dos persas, recebendo então o nome de Dario. Após ser vencido por Alexandre, o Grande, morre devido a ações de seus familiares em 330, tendo reinado desde 336. [10.3.3-7; 11.4.12; 11.6.8-11 e 14; 11.8.1; 11.9.1 e 8-16; 11.10.1 e 4-5; 11.12; 11.13.1, 3, 7 e 10; 11.14.3-4; 11.15; 12.1.1; 12.3.3; 12.5.11; 12.10.9; 13.1.5].

**Codro:** rei dos atenienses. Durante a guerra entre seu povo e os dóricos, descobre que havia um oráculo segundo o qual Atenas perderia a guerra se ele permanecesse vivo. Por isso,

ingressa no acampamento dórico disfarçado e ataca um soldado, pelo que é morto. Descoberta sua identidade, livra Atenas da guerra. [2.6.17-21; 2.7.1].

**Coeno:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando do povo dos susianos. [13.4.14].

**Comano:** filho de Nano, torna-se rei dos segobrígios, um povo da Gália, após a morte de seu pai. É convencido a se lançar contra os marselheses, pelo que acaba morrendo. [43.4.3-10].

**Cometes:** mago imbuído, por Cambises II, de matar Mergides. [1.9.7].

**Cônnon:** comandante ateniense, substitui Alcibíades na Guerra do Peloponeso. Embora consiga equipar as naus, falta-lhe um exército, de modo que se vê obrigado a alistar idosos e crianças e, depois, libertos, condenados e estrangeiros. Seus esforços são em vão, e Atenas é devastada. Sobrevivendo sozinho, exila-se no Chipre. Posteriormente, é chamado por Artaxerxes II para assumir a liderança da frota persa contra os lacedemônios, conforme indicação de Farnabazo. Obtém a vitória sobre os inimigos comandados por Pisandro. Depois, quando Agesilau deixa a Ásia para acudir sua pátria, Cônnon devasta os campos dos espartanos. Suas vitórias permitem que retorne a Atenas, a qual ele ajuda a reconstruir com auxílio dos persas. [5.5.4; 5.6.1-10; 6.1.7-9; 6.2.7-17; 6.3; 6.4.5; 6.5.6-11].

**Cranau:** rei ateniense, pai de Átide. A região que governa é nomeada a partir do nome de sua filha. [2.6.8-9].

**Crasso:** Marco Licínio. Um dos triúmviros junto a Júlio César e Pompeio, escolhe, em 54, a província da Síria, acreditando que esta lhe garantiria riqueza e glória, mas foi derrotado, em Carras, e morto pelos partas no ano seguinte. [42.4.4-6; 42.5.11].

**Crátero:** um dos generais de Alexandre, o Grande. É posto à frente da Macedônia pelo rei, substituindo Antípatro. Teria sido um de seus conselheiros mais importantes após a morte de Parmênio. Torna-se responsável pelos bens reais após o falecimento do rei. Durante o conflito entre Pérdicas e Antígono, fica do lado deste. Morre em 321. [12.12.9; 13.2.14; 13.4.5; 13.6.9 e 15].

**Creso:** último rei da Lídia, reinou de 560 a 546. [1.7.3-10 e 14].

**Cresto:** Sócrates. Rei da Bitínia, é morto por Mitrídates VI como um favor aos romanos. [38.5.8].

**Crítias:** um dos trinta tiranos de Atenas, após a Guerra do Peloponeso, morre no conflito contra Trasíbulo, que buscava a liberdade da cidade. [6.9.15].

**Damascão:** comandante de Siracusa, morre em batalha contra a Campânia. É substituído por Agátocles, que se tornará tirano de Siracusa. Este também recebe a esposa de Damascão em matrimônio, com a qual já se havia unido em adultério anteriormente. [22.1.12-13].

**Damasco:** rei sírio, é marido de Arates. Teria nomeado a cidade Damascena. [36.2.1-3].

**Dario:** I, é pai de Xerxes I. Rei persa que conquistou o trono após ajudar a destronar o usurpador Oropaste. Proíbe que os cartagineses sacrifiquem humanos em seus ritos, que se alimentem de carne de cachorro e ordena que prefiram cremar seus mortos ao invés de enterrá-los. Reinou de 521 a 486, tendo morrido na preparação do restabelecimento da guerra contra os gregos. Mitrídates VI diz-se seu descendente. [1.10.6-16; 1.10.22-3; 2.3.2; 2.5.9-13; 2.9.7-8; 2.10.1 e 4-5; 2.12.5; 7.3.1-2; 19.1.10-13; 38.7.1 e 3].

**Dario:** filho mais velho de Xerxes I. Acusado falsamente por Artabano de ter assassinado seu pai, é morto por seu irmão, Artaxerxes I, enquanto dormia. [3.1.3-4, 6 e 9].

**Dario:** II, Oco, Noto, rei dos persas, é pai de Artaxerxes II e Ciro, o Jovem. Sela uma aliança com os lacedemônios para que eles não voltem suas forças contra si, caso derrotassem Atenas, mas, abertamente, justifica-a pelo ódio de seus antepassados aos atenienses. Ao morrer, deixa, para Artaxerxes, o trono e, para Ciro, as cidades em que era intendente. Teria reinado de 424 a 404. [5.1.7-9; 5.2.5 e 11; 5.3.2; 5.5.1; 5.8.7; 5.11.1].

**Dario:** um dos três herdeiros legítimos de Artaxerxes II. Seu pai deixa-lhe seu reino ainda em vida, mas, porque lhe nega uma de suas concubinas, desperta seu ódio. Morre por ter sido descoberto tramando, junto a cinquenta de seus irmãos, contra a vida de seu pai. [10.1-2].

**Dario:** III. Cf. **Codomano**.

**Deidâmia:** filha de Eácida, é princesa dos molossos. Acompanha Olímpíade em sua fuga de Cassandro. [14.6.3].

**Demarato:** rei espartano. Foge para junto de Dario I pouco depois de Leuticides tornar-se rei em 491. [2.10.13-7].

**Demarato:** pai de Pitagóras, teria sido um comerciante rico. [20.4.3].

**Demétrio:** I da Macedônia, Poliórctes, é filho de Antígono I Monoftalmo. Entra em conflito com Ptolomeu após seu pai recusar-se a dividir os despojos da guerra contra Pérdicas e seus aliados. Com os assassinatos dos herdeiros de Alexandre perpetrados sob as ordens de Cassandro, assume o título de rei, junto a seu pai. Depois da morte deste e de Cassandro, alia-se a Seleuco. Trai e assassina, posteriormente, Alexandre V, mas convence os macedônios que estaria vingando Alexandre, o Grande, garantindo assim o seu favor. Depois, como Ptolomeu, Seleuco, Lisímaco e Pirro I estavam unidos contra si, acaba por se entregar a Seleuco. Teria reinado de 294 a 288, sendo considerado um dos grandes reis de sua época. [15.1.6-9; 15.2.7-10; 15.4.22-24; 16.1.5-18; 16.2.1-6; 16.3.1; 25.5.4].

**Demétrio:** II da Macedônia. É filho de Antígono II, Gônatas. Quando seu pai perde o reino devido a uma revolta do exército, é capaz de o readquirir e também de tomar o Épiro de Alexandre II. Era casado com a irmã de Antíoco II, mas aceita unir-se a Fítia, filha de Olímpíade II do Épiro, em troca de auxílio militar. As novas núpcias geram conflito com Antíoco. Morre em 229, deixando seu filho, Filipe V, ainda muito pequeno para assumir o trono. [26.2.11; 28.1.1-4; 28.3.9 e 14].

**Demétrio:** o Belo. É filho de uma filha de Ptolomeu I e irmão de Antígono II, Gônatas. Arsinoé, rainha de Cirene, prefere que sua filha, Berenice II, case-se com ele, no lugar de Ptolomeu III. Demétrio, contudo, prefere a futura sogra a Berenice. Tendo ofendido o povo e sua prometida original, acaba sendo assassinado, apesar dos esforços de Arsinoé para o proteger. [26.3.3-8].



**Demétrio:** de Faros, rei dos ilírios, é expulso de seu reino pelos romanos, indo refugiar-se junto a Filipe V da Macedônia, instigando-o à guerra contra seus inimigos. Tendo reinado de 222 a 219, morre no exílio em 214. [29.2.1-7].

**Demétrio:** um dos filhos de Filipe V, é enviado a Roma com o objetivo de interceder por seu pai. O resultado positivo de sua empreitada lhe é funesto, já que seu irmão, Perseu, utiliza-o para causar desconfiança em seu pai, ocasionando sua morte. [32.2.3-10; 32.3.1-3].

**Demétrio:** I, Sóter, rei da Síria. É pai de Demétrio II e Antíoco VII e irmão de Antíoco IV. Quando este morre, Demétrio, que estivera como refém em Roma, solicita autorização para retornar ao Egito e tomar o trono que seria seu por direito. Diante da resistência do senado, foge às escondidas. Mata, então, seu sobrinho e assume o poder. Considera que a ociosidade seria danosa à sua soberania, pelo que se dedica a ampliar suas fronteiras. Envolve-se nos conflitos entre Ariarate V da Capadócia e seu irmão, Orofernes. Diversos reis do Oriente unem-se contra ele, e os antioquenses criam um plano para que um impostor, chamado de Alexandre, reclame seu reino como se fosse descendente de Antíoco IV. A partir disso, cria-se uma guerra em que Demétrio será morto e seu reino tomado por Alexandre. O povo ter-lhe-ia desprezado devido à sua soberba. Teria reinado de 161 a 150. [34.3.6-9; 35.1; 35.2; 36.1.1 e 8-10; 36.3.9].

**Demétrio:** II, Nicátor, rei da Síria. É filho de Demétrio I, padrasto de Antíoco VI e irmão de Antíoco VII. Recupera o reino de seu pai do poder de Alexandre Balas, mas, acomodado posteriormente, torna-se desprezível para seu povo. Por isso, lança-se contra os partas, mas é capturado, humilhado publicamente e enviado para a Hircânia, onde é tratado com bondade. Retorna ao trono após a morte de seu irmão. Como Cleópatra II pede seu auxílio contra Ptolomeu VIII, ataca o Egito, mas seus aliados rebelam-se por sua soberba. É assassinado em Tiro, quando tentava proteger-se em um templo. [35.2; 36.1; 38.9; 38.10.7 e 10-11; 39.1; 39.2.2 e 7].

**Demétrio:** rei dos indos, é derrotado por Eucrátides, rei dos báltrias, ainda que este estivesse em desvantagem numérica e fosse submetido a um cerco. [41.6.4].

**Demofonte:** neto de Egeu e filho de Teseu, sucede-o no trono de Atenas. Teria levado auxílio aos gregos contra os troianos na guerra de Troia. [2.6.15].

**Demóstenes:** comandante ateniense, é enviado para Sicília junto a Eurimedonte para substituir Lâmaco, que morrera em batalha. Aconselha a retirada das tropas após sofrerem perdas contra o exército de Gilipo, lacedemônio, mas permanece com Nícias, quando este assim decide. Com a derrota, prefere a morte ao cativo, matando-se com uma espada. [4.4.11; 4.5].

**Demóstenes:** orador ateniense, cujos discursos contra Filipe II ficaram conhecidos como *Filípicas*. Em 335, espalha o rumor de que Alexandre, o Grande, teria sido morto em batalha. Exilado após aceitar propina, é chamado de volta a Atenas quando consegue reunir aliados para a guerra pela liberdade contra a soberania macedônia, após a morte de Alexandre, o Grande. [11.2.7-8; 13.5.9-11].

**Deucalião:** rei da Tessália, teria abrigado os refugiados da enchente que ocorrera durante o reinado de Anfictião. Por causa disso, é considerado o fundador da raça humana. [2.6.7 e 11].

**Dião:** amigo de Arsinoé, é enviado até Ptolomeu Cerauno para que verificasse se as intenções do rei eram sinceras quanto ao casamento e aos filhos de Arsinoé e Lisímaco. Será enganado pelo rei. [24.2.7-9].

**Dido:** também chamada de Elissa, é filha de um dos reis de Tiro. Casa-se com seu tio materno, Acerbas, sacerdote de Hércules, que tinha uma grande riqueza, alvo da cobiça do rei Pigmalião, irmão da princesa. Tendo sido seu marido assassinado por este, ela foge com alguns aliados. No Chipre, captura oitenta moças para que seu povo tivesse descendência. Na África, funda as cidades de Birsá e Cartago. É enganada por seus embaixadores para se comprometer a se casar com Iarbas, rei dos maxitanos, pelo que tira sua própria vida. [11.10.13; 18.4.3-5 e 9-15; 18.5.1-3 e 5-9; 18.6.1-8].

**Diocles:** filho de Pisístrato e irmão de Hípias. Outros historiadores chamam-no de Hiparco. [2.9.1].

**Diomedes:** príncipe de Argos e filho de Tideu, foi um dos heróis a cercar Troia, ao lado de Aquiles. De volta à sua pátria, é obrigado a fugir das armadilhas de sua esposa, fundando diversas cidades na Itália meridional. [12.2.7; 20.1.10].

**Dionísio:** I, o Velho, é pai de Dionísio, o Jovem. Tirano de Siracusa, expulsa os cartagineses da Sicília e, depois, transfere seu exército para a Itália. Ali, considera que todos os povos que eram descendentes de gregos seriam seus inimigos. Em meio às guerras, sela uma aliança com os gauleses, mas a Sicília passa a ser atacada pelos cartagineses, pelo que retorna para lá. Incapaz de controlar a Sicília e a Itália, é morto pela traição de sua família em 367. [5.8.7; 20.1.1-5; 20.5.1-6 e 10-14; 21.1.1; 22.1.1; 23.1.2 e 11-12].

**Dionísio:** II, o Jovem, é filho de Dionísio, o Velho. É escolhido pelo exército para suceder seu pai como tirano de Siracusa. Logo, dedica-se a assassinar seus familiares, que considera como seus rivais ao trono. Devido a seus hábitos luxuriosos, teria ganhado peso e desenvolvido uma sensibilidade à luz em seus olhos. Começa a massacrar seu povo por acreditar que era desprezado, o que resulta em guerra. Os siracusanos vencem-no duas vezes em batalha, pelo que envia embaixadores para que a paz fosse negociada. Entretanto, prende os nobres que lhe são dirigidos e ataca a cidade que estava despreparada. Mesmo assim, o povo vence, e Dionísio é acolhido pelos lócrios, mas ali revela-se um tirano durante seis anos, utilizando diferentes artimanhas para estuprar as mulheres e roubar as riquezas dos homens. Expulso da Lócrida, retoma Siracusa, mas é novamente exilado por suas ações cruéis, indo refugiar-se em Corinto. Lá, assume atitudes dignas de desprezo, tornando-se, por fim, professor, de modo a afastar qualquer suspeita a seu respeito. Acusado três vezes de almejar a tirania, é inocentado devido ao desdém por sua posição. Teria reinado em Siracusa de 367 a 357 e de 346 a 344. [21.1; 21.2; 21.3; 21.5].

**Doricetes:** ou Dromiquetes, é rei dos trácios. Guerreia contra Lisímaco, o que faz com que este entregue parte do reino da Macedônia para Demétrio, de modo a evitar duas ofensivas ao mesmo tempo. [16.1.19].

**Eácida:** I, rei do Épiro, é pai de Pirro I e de Deidâmia, acompanha Olímpíade do Épiro à Macedônia, pouco antes da morte de Arrideu. Suscita o desgosto do povo devido às constantes guerras com os macedônios, pelo que é lançado ao exílio. [14.5.9; 14.6.3; 17.3.16-8].

**Eetes:** rei da Cólquida e pai de Medeia. É restituído ao trono por Jasão, após o retorno do herói à Cólquida. [42.2.12; 42.3.1].

**Egeu:** rei ateniense, pai de Teseu e de Medo, filho que teve com Medeia. Expulsa a esposa e o segundo filho do reino pela ameaça que representam a Teseu. [2.6.14-15; 42.2.12].

**Egialeu:** filho de Eetes e irmão de Medeia, é morto ao tentar reaver a irmã quando esta foge da Cólquida junto a Jasão. Comumente, em outras versões, é chamado de Absirto. [42.3.1].

**Elissa:** cf. **Dido**.

**Ematião:** rei virtuoso. De seu nome deriva “Emátia”, rótulo que era utilizado, anteriormente, para a Macedônia. [7.1.1]

**Emílio Paulo:** Lúcio, Macedônico. É filho de seu homônimo, o qual derrotara Demétrio de Faros. É eleito cônsul em 168 e enviado para lidar com a guerra de Perseu. [33.1.6; 33.2.7].

**Eneias:** famoso herói troiano, filho de Vênus e Anquises, um mortal. Foge da queda de sua pátria e, após uma longa peregrinação, chega ao Lácio. Torna-se genro de Latino ao obter a mão de Lavínia e recebe o poder após a morte de Turno e de seu sogro em guerra. É considerado responsável pela gênese dos romanos e de outros povos. [20.1.12; 31.8.1; 43.1.10-13].

**Epaminondas:** general e filósofo tebano, teria comandado um ataque contra os lacedemônios com apoio dos atenienses, obtendo a vitória até a chegada de Agesilau. Posteriormente, é gravemente ferido na Batalha de Mantinea, o que inspira tebanos e espartanos a abandonarem o combate. O comandante morre poucos dias depois, em 362, sendo descrito como alguém de grande virtude. Filipe II teria residido em sua casa durante seu período como refém em Tebas e se beneficiado desse contato. Os heracleenses pedem seu auxílio devido a revoltas populares; ele nega. [6.4.4; 6.7; 6.8; 6.9.1-2 e 7; 7.5.3; 16.4.3-4].

**Epeu:** construtor do famoso cavalo de Troia. Funda a cidade dos metapontinos, que guardam suas ferramentas no templo de Minerva. [20.2.1-2].

**Erecteu:** rei ateniense em cujo reinado Triptólemo teria descoberto como cultivar grãos. [2.6.12].

**Escolopito:** expulso do reino cita junto a Plino e acompanhado por uma multidão, assenta-se na fronteira da Capadócia. Com a morte dos homens, suas mulheres tornam-se amazonas. [2.4.1-4].

**Esparco:** ama de leite de Ciro II, teria exposto o próprio filho para o salvar. Seu nome derivaria da forma como os persas referem-se aos cães, já que Ciro teria sido alimentado, primeiramente, por uma cadela. [1.4.9 e 12-14].

**Espúrio Múmio:** além de militar, era poeta. Atua como embaixador junto a Cipião Africano e Lúcio Metelo. [38.8.8-11].

**Estaganor:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos sogdianos siqueus. É considerado um aliado estrangeiro, pelo que lhe é entregue a soberania dos partas, a qual nenhum dos outros sucessores do rei macedônio desejava. [13.4.23; 41.4.1].

**Estasanor:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos drancas e areus. [13.4.22].

**Estatira:** uma das filhas de Dario III. Alexandre, o Grande, casa-se com ela em 324. [12.10.9].

**Estratão:** homem livre e já idoso de Tiro, é poupado, junto a seu filho, por uma das pessoas escravizadas sob sua posse, quando ocorre uma revolta, e as demais pessoas livres são assassinadas. Quando os servos buscam escolher um dentre eles para o posto de rei, instrui seu salvador para que ele supere os demais. Por fim, a verdade é descoberta, e Estratão torna-se rei da cidade. [18.3.8-16 e 19].

**Eucrátides:** I, rei dos báltrias, sobe ao poder na mesma época que Mitrídates I entre os partas. Trava guerras com virtude, sendo derrotado em algumas devido à frequência dos ataques dos povos vizinhos. Vence Demétrio, rei dos indos, enquanto estava em desvantagem numérica e era submetido a um cerco. Após cinco meses, subjuga a Índia a seu poder. Quando retornava de lá, é assassinado por seu filho, o qual ordena que seu corpo não seja sepultado. Teria reinado de 171 a 145. [41.6.1-5].

**Eumênes:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Capadócia e da Paflagônia. A estas, são adicionadas, posteriormente, a Cária, a Lícia e a Frígia. Com a morte de Pérdicas, é considerado inimigo da Macedônia. Convence os argiráspidas a lutar a seu lado contra Antígono, mas perde a guerra e é entregue por seu exército ao inimigo. Durante as guerras entre os diádocos, os partas ficam sob seu comando. [13.4.16; 13.6.14-15; 13.8.3-10; 14.1; 14.2.2-12; 14.3; 14.4; 15.1.1; 41.4.2].

**Eumênes:** rei da Bitínia. Entra em conflito com Antíoco Híerax e obtém a vitória. Trata-se, provavelmente, de um erro de Justino, já que a identificação da personagem aponta, na verdade, para Átalo I. [27.3.1-2 e 5-6].

**Eumênes:** II, Sóter, rei do Pérgamo. Presta auxílio aos romanos contra Antíoco III e Perseu. [31.8.5; 32.4.2 e 6-8; 33.1.2; 36.4.6; 38.6.2-3].

**Eurídice:** esposa de Amintas III, mãe de Filipe II e avó de Alexandre, o Grande. Teria mantido relações com o genro, Ptolomeu de Aloros, e tramado contra seu marido. É perdoada, mas, após o falecimento dele, mata seus próprios filhos. [7.4.5 e 7; 7.5.4-8].

**Eurídice:** esposa de Arrideu (Filipe III), aproveita-se da fragilidade de seu marido para exercer o poder. Assim, entrega o exército a Cassandro, favor que o prende às suas vontades. É morta junto ao rei por ordens de Olímpíade. [14.5.1-4 e 9-10].

**Eurídice:** esposa de Antípatro II e filha de Lisímaco, é aprisionada por seu pai por apoiar o marido que reclamava devido ao reino que lhe teria sido tomado para ser entregue a Demétrio. [16.2.4].

**Euríloco:** seu nome é corrigido por outros editores para Eurimedonte. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera possível que seja alguém cujos feitos eram narrados em Trogo e que não é conhecido de outra forma, mas Justino ter-se-ia confundido devido à semelhança de nomes entre Euríloco e Eurimedonte, conforme explicado em nota ao trecho. [4.5.7].

**Euríloco:** um dos generais de Filipe II, foi morto no início do governo de Alexandre, o Grande. Seu nome é apenas citado por Justino como uma das pessoas que trazem pesar ao rei por sua morte. [12.6.14].

**Eurimedonte:** comandante ateniense, é enviado para Sicília junto a Demóstenes para substituir Lâmaco, que morrera em batalha. Sofrerá o mesmo fim deste, tendo lutado corajosamente. [4.4.11; 4.5.7].

**Euríone:** filha de Amintas III e Eurídice, denuncia os planos de sua mãe contra seu pai. [7.4.5 e 7].

**Eurísaces:** filho de Ájax e neto de Télamon, que era rei da Salamina. Impede o retorno de seu tio, Teucro, à pátria, após a morte de seu avô. [44.2.3].

**Europa:** rei que teria governado na Europa. [7.1.6].

**Evágoras:** rei do Chipre, quando Cônon, comandante ateniense, exila-se em seu reino após os resultados da Guerra do Peloponeso. [5.6.10].

**Evandro:** parte da Arcádia para a Itália, onde recebe de Fauno campos e um monte, o qual chama de Palatino. [43.1.6-7].

**Fabrizio Lusino:** Caio, Monocular. Foi eleito cônsul duas vezes, em 283 e 278. Enviado a Pirro I, sela com ele a paz que será desfeita por Ápio Cláudio Cego. [18.2.6].

**Falanto:** espartano, filho de Arato, é escolhido como líder dos partênios, quando estes decidem buscar uma nova pátria. Após ser desterrado de sua nova morada, engana os tarentinos – que se retiraram para Brundísio – acerca do fim a ser dado a seus restos mortais. Garante, assim, a posse da cidade aos seus concidadãos, devido a um oráculo de Apolo. [3.4.8-18].

**Farnabazo:** comandante persa sob Dario II, está à frente das tropas lacedemônias, junto a Míndaro, em Sesto, durante a Guerra do Peloponeso. [5.4.1].

**Farnabazo:** comandante persa sob Artaxerxes II, denuncia a traição de Tisafernes que se vendera aos lacedemônios, permitindo o avanço deles em território persa. [6.1.2 e 4-9].

**Farnaces:** I do Ponto. Avô de Mitrídates VI, sucede Eumênes do Pérgamo. [38.6.2].

**Fatua:** esposa de Fauno, seria capaz de prever o futuro. [43.1.8].

**Fauno:** terceiro rei dos povos itálicos. Dá a Evandro um pedaço de suas terras para que ele se instalasse. [43.1.6 e 8].

**Faustulo:** um pastor, trabalhava para Numitor. Tendo encontrado os filhos gêmeos de Réa sendo amamentados por uma loba, acolhe-os e os cria. Depois, revela ao rei a origem dos meninos, quando Remo é preso, acusado de roubar o gado real. [43.2.6 e 10].

**Filipe:** II. Filho de Amintas III e Eurídice, é pai de Cleópatra, Tessalônica, Arrideu (Filipe III) e, supostamente, Alexandre, o Grande. Passa três anos como refém na casa de Epaminondas em Tebas. Depois, devido ao assassinato de seu irmão, Pérdicas III, assume o reino da Macedônia como tutor de seu sobrinho, passando a rei, posteriormente, por pressão popular. Realiza guerras expansionistas, até ser assassinado por Pausânias durante os festejos do casamento de Cleópatra, sua filha. Teria reinado de 359 a 336. [6.9.7; 7.4.5; 7.5.1-3 e 9-10; 7.6.1 e subsequentes até 9.8.21; 11.1.1-6; 11.2.1; 11.3.1; 11.4.5; 11.5.1; 11.11.4-5 e 9; 12.4.1; 12.5.1; 12.6.2-6; 12.8.13; 12.16.3 e 5-6; 13.1.13; 13.2.8; 13.6.12; 14.5.10; 14.6.3; 15.4.3; 16.1.12-13 e 17; 24.5.9-11; 28.2.12; 28.4.1; 29.3.8; 30.3.9; 37.3.2; 38.7.3].

**Filipe:** I. Filho de Argeu I, sucede-o no trono da Macedônia, mas tem uma morte prematura, deixando Aeropo, ainda criança, como herdeiro. [7.2.5].

**Filipe:** único dos médicos de Alexandre, o Grande, a lhe oferecer um remédio para seu mal em Tarso. Parmênio acusara-o, por carta, de corrupção, mas Alexandre opta pelo risco, obtendo um resultado positivo. [11.8.5-9].

**Filipe:** um dos filhos de Antípatro. Participa da conspiração, junto a seus irmãos, para assassinar Alexandre, o Grande. [12.14.6-9].



**Filipe:** pai de Antígono I Monoftalmo. [13.4.14].

**Filipe:** irmão de Lisímaco. Teria morrido de exaustão após acompanhar Alexandre, o Grande, em uma perseguição a inimigos que fugiam. [15.3.12].

**Filipe:** IV, é filho de Cassandro e o sucede no comando da Macedônia. [15.4.24; 16.1.1].

**Filipe:** filho de Lisímaco e Arsinoé, é assassinado por seu tio, Ptolomeu Cerauno, quando tinha treze anos, junto a seu irmão mais velho, Lisímaco. [24.3.5-9].

**Filipe:** V da Macedônia, é filho de Demétrio II da Macedônia. Seu pai morre em 229, quando o então príncipe era ainda muito jovem para assumir o reino. É entregue como pupilo a Antígono III, que se casa com a rainha e busca assumir o trono. Com a morte de seu tutor, Filipe, tendo recebido o trono com 14 anos, foi alvo de desdém dos povos vizinhos. Entretanto, é capaz de se defender e, logo, de iniciar ofensivas. Posteriormente, é aconselhado por Demétrio de Faros a se lançar contra os romanos. Morre de angústia após descobrir que o filho que matara, outro Demétrio, era inocente das acusações de traição feitas por Perseu, seu outro filho. Teria reinado de 221 a 179. [28.3.9-10; 28.4.16; 29.1.2; 29.2-4; 30.2.8; 30.3.1-3 e 5-10; 30.4.5-18; 32.2.3-10; 32.3.1-4].

**Filipe:** um dos filhos de Perseu, é preso junto a seu pai e seu irmão, Alexandre, pelos romanos, na Samotrácia. [33.2.5].

**Filoctetes:** herói que participou do famoso ataque a Troia, tinha consigo as flechas de Hércules, fatais à cidade de Príamo. Funda a urbe dos túrios, pelo que haveria, lá, um monumento a ele, e suas flechas estariam guardadas no templo de Apolo. [20.1.16].

**Filomeno:** teria sido estrategista em 356 e comandado os focos contra os tebanos na Terceira Guerra Sagrada. Morreu em 355 ou 354. [8.1.7-14].

**Filopêmene:** estrategista aqueu. Filipe V planeja emboscadas contra ele, mas Filopemene evita-as e separa os aqueus do líder macedônio. [29.4.11; 31.3.3-4; 32.4.9].

**Filotas:** filho de Parmênio, é morto junto a ele por Alexandre, o Grande, após a conquista da Pérsia, em 329, por o ter criticado. [12.5.3-4].

**Filotas:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Cilícia, o que acaba perdendo com o início dos conflitos entre Pérdicas e Antígono. [13.4.12; 13.6.16].

**Filoxeno:** recebe o comando da Cilícia após a destituição de Filotas. [13.6.16].

**Fítia:** filha de Olímpíade II e Alexandre II do Épiro e neta de Pirro I, é entregue para Demétrio II da Macedônia por sua mãe em troca de auxílio militar. Demétrio já era casado com a irmã de Antíoco II da Síria, de modo que as novas núpcias geram conflitos. [28.1.2-3].

**Flaminino:** Tito Quíncio. Cônsul em 198, tem papel fundamental como general na guerra contra Filipe V. [30.4.8-17; 31.1.6-7; 31.2.1].

**Fraates:** II. Rei parta, é filho de Mitrídates I. Mantém Demétrio II como prisioneiro na Hircânia. Leva guerra à Síria, mas precisa retornar a seu reino devido ao avanço dos citas. Morre em batalha após o exército grego que tomara e tratara com crueldade se voltar contra suas tropas. Teria reinado de 138 a 129 ou 128. [38.9.6-10; 38.10.7 e 10; 42.1].

**Fraates:** I, Ársaces IV, é filho de Priapácio (Ársaces III) e irmão de Mitrídates I (Ársaces V). Herda o trono de seu pai por ser mais velho. Submete os mardos. Pouco depois, embora tivesse vários filhos, deixa, ao morrer, o poder a seu irmão, por acreditar que essa era a decisão mais adequada para o reino. [41.5.9-10].

**Fraates:** IV. Rei da Pártia de 38 a 2, é filho de Orodes II e irmão de Pácoro I. Como se torna rei por meio de parricídio, só se sente seguro no trono após matar grande parte de sua família e da nobreza parta. Em 36, repele a invasão da Pártia com uma derrota humilhante de Marco Antônio. Exilado por seu povo devido à sua crueldade, em sua ausência, sobe ao trono Tirídates, o qual, depois, com o retorno do rei, foge para Roma, tendo sequestrado um dos filhos de Fraates, que é devolvido por Augusto. Quando este manda Tibério para a Armênia, Fraates, em 20, não desejando uma guerra, devolve as insígnias militares para os romanos, assim como envia seus filhos e netos a Roma. [42.4.16; 42.5.1-2 e 4-12].

**Fratafernes:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos hircânios. [13.4.23].

**Gargoris:** rei dos curetes, teria sido o primeiro a descobrir a utilidade do mel. Envergonhado pelo neto que nascera do estupro de sua filha, tenta matar a criança de diversas formas indiretas, como lançando-o a animais famintos e ao mar. Entretanto, reconhece-o como seu neto, após ele ter sido capturado enquanto corria com os cervos que o criaram, e o faz seu sucessor, dando-lhe o nome de Habis. [44.4.1-6 e 9-11].

**Gelão:** I, tirano da Sicília, é apresentado como antepassado de Hieróclito e Hierão II. [23.4.4].

**Gelão:** II, filho do tirano de Siracusa, Hierão II – o qual não é nomeado na passagem por Justino –, casa-se com Nereida, uma das últimas integrantes da família real epirota após a morte de Olímpíade II. [28.3.4].

**Gerião:** rei da parte insular da Hispânia, seu reino é abundante em pasto, o que lhe garante uma grande riqueza em gado. Esta torna-se motivo da cobiça de Hércules. Justino não faz menção de que a tomada de seus bois faria parte de um dos trabalhos que o herói precisa cumprir a mando do rei Euristeu e nega os aspectos fabulosos sobre a natureza tríplice do rei. Para o autor, essas histórias derivariam do fato de que havia, na verdade, três irmãos que viviam em tamanha harmonia que se dizia que eram regidos por um só ânimo. Além disso, eles apenas se teriam defendido da ofensiva de Hércules e não atacado por sua própria vontade. [42.3.4; 43.1.9; 44.4.14-16].

**Gigeia:** uma das esposas de Amintas III, é mãe de Arquelau, Arrideu e Menelau. [7.4.5].

**Giges:** teria tomado o trono da Lídia em 685, aproximadamente. [1.7.17-19].

**Gilipo:** comandante lacedemônio, é enviado por seu povo para auxiliar os siracusanos na ofensiva contra os catinenses e os atenienses. Embora vá sozinho inicialmente, sua virtude é apresentada como se valesse por muitos. Quando os atenienses transferem a guerra para o mar, o comandante busca também uma frota da Lacedemônia. Tendo posicionado suas tropas de modo oportuno, vence o exército sob o comando de Demóstenes e Nícias, o que resulta no suicídio do primeiro e no cativeiro do segundo. [4.4.7-11; 4.5.9].

**Giptis:** princesa dos segobrígios, é filha de Nano. Escolhe Protes, um dos imigrantes focueus, para ser seu esposo. [43.3.9-11].

**Gisgão:** cartaginês, é um dos três filhos de Amílcar e neto de Magão. Divide o poder com seus irmãos e seus primos. [19.2.1-6].

**Gisgão:** pai de Amílcar, o qual é um dos comandantes cartagineses que lutou contra Agátocles, tirano de Siracusa. [22.3.6 e 9; 22.8.2].

**Gisgão:** um exilado, é nomeado por Bomílcar, durante seu suplício, como um dos cartagineses que teriam sido injustamente julgados pelo povo. [22.7.10].

**Glaucias:** rei dos ilírios e marido de Béroe. Protegeu Pirro I, durante sua infância, de Cassandro, rei dos macedônios. [17.3.19-20].

**Gobrias:** um dos companheiros de Dario I na conjuração. [1.9.22-23].

**Górdio:** fundador da capital da Frígia e pai de Midas. Camponês que, ao arar o campo e observar os voos das aves, decide buscar desvendar seu significado. Para isso, vai até a cidade vizinha, onde encontra uma moça que lhe indica a resposta sobre o auspício e se oferece como sua esposa. Posteriormente, Górdio cumpre um oráculo que dizia que seria rei aquele que primeiro chegasse ao templo de Júpiter em uma carroça. Para honrar o deus, oferece-lhe a carroça, pendurando-a em seu templo. A tradição dizia que aquele que desatasse o nó de seu jugo dominaria a Ásia. Alexandre, o Grande, parte o nó górdio com uma espada. [11.7.3-14].

**Górdio:** importante general de Mitrídates VI. Assassina Ariarate VI. Posteriormente, quando o filho de Mitrídates é posto à frente do reino da Capadócia, atua como seu administrador. É enviado a Roma para testemunhar que aquele a quem Mitrídates entregara a Capadócia era filho de Ariarate V. Também contribui para a aliança do rei com Tigranes. [38.1.1, 6-7 e 10; 38.2.5; 38.3.2; 38.5.8-9].

**Górgias:** um dos comandantes de Alexandre, o Grande, e um de seus amigos a ser dispensado do serviço militar, em 324. [12.12.8].

**Grino:** rei da ilha de Tera, busca o oráculo de Apolo para obter uma resposta quanto ao impedimento na fala de seu filho, Bato. Seu reino é acometido por uma peste, após o desígnio do deus ser ignorado. [13.7.2-3].

**Gripo:** Antíoco VIII, é filho de Demétrio II e Cleópatra Teia, bem como marido, primeiro, de Cleópatra Trifena e, depois, de Cleópatra Selene. Assume o trono, com a autorização de sua mãe, após as mortes de seu pai e de seu irmão. Inicialmente, seu poder é apenas simbólico, já que sua mãe assume a administração do reino. Posteriormente, com a morte de Alexandre II da Síria, ao se ver alvo da mãe que pretendia envenená-lo, consegue fazer com que ela beba o veneno em seu lugar. Tem como rival ao trono Ciziceno (Antíoco IX), que era seu meio-irmão e com quem combate. Tenta evitar que a esposa dele, Cleópatra IV seja assassinada por sua esposa, mas é incapaz. Quando perde a guerra para o irmão, Trifena é assassinada. Recebe como esposa Selene (Cleópatra V) de Cleópatra III, a qual temia que Ciziceno auxiliasse Ptolomeu IX a retomar o trono. [39.1.9; 39.2.3-4 e 6-10; 39.3.5-12; 39.4.4].

**Habis:** neto de Gargoris, rei dos curetes, é fruto do estupro de sua mãe, o que causa vergonha a seu avô, que tenta matá-lo de diversas formas indiretas quando ainda era um bebê, como jogando-o ao mar bravio. Contudo, Habis sobrevive, sendo nutrido pelo leite de diversos animais e crescendo em um grupo de cervos. Por fim, é capturado e entregue a seu avô, que o reconhece como seu neto e o faz seu herdeiro. Como rei, leva leis aos povos bárbaros, ensina o uso do arado e o plantio de cereais e impõe uma alimentação mais suave, assim como o fim da escravidão a seu povo. [44.4.2-14].

**Hanão:** cartaginês, é um dos três filhos de Amílcar e neto de Magão. Divide o poder com seus irmãos e seus primos. [19.2.1-6].

**Hanão:** o Grande, comandante cartaginês, luta contra Dionísio I de Siracusa. É inimigo de Suniator, o qual tenta tramar contra ele, enviando cartas em grego a Dionísio, mas elas são interceptadas. Posteriormente, planeja envenenar o senado cartaginês durante o casamento de sua filha, de modo que seja mais fácil tomar o poder, porém é denunciado por seus servos. O senado, não querendo provocá-lo diretamente, cria um decreto que limita os gastos em casamentos, o que impossibilitaria o plano inicial de Hanão. Mesmo assim, ele ainda tenta incitar seus servos, mas é traído novamente, pelo que se retira a um castelo com vinte mil

homens. É capturado, torturado e morto, assim como todos os seus filhos e familiares, de modo que não pudessem vingá-lo ou dar continuidade a seus planos. [20.5.11-12; 21.4; 22.7.10].

**Hanão:** comandante cartaginês, tenta proteger sua pátria com um exército formado por camponeses da invasão de Agátocles, tirano de Siracusa. Perde a batalha e morre. [22.6.5-7].

**Harpago:** amigo de Astíages, deveria, por ordens desse rei, assassinar Ciro II ainda bebê. Considerando a possibilidade de uma vingança futura, entrega o menino a um pastor para que fosse exposto. Quando Astíages descobre que Ciro está vivo, obriga Harpago a comer seu próprio filho. Harpago, por sua vez, maquina para que Ciro revolte-se e tome o poder. [1.4.6-7; 1.5.6-10; 1.6.8-9].

**Harpago:** teria oferecido ouro a Demóstenes após fugir de Alexandre, o Grande. Provavelmente, seu nome é um engano, tratando-se, na verdade, de Harpalo, que era tesoureiro do rei da Macedônia. [13.5.9].

**Heféstio:** Amíntoro. Amigo íntimo de Alexandre, o Grande, morre em 324, o que lhe causa grande dor. É enterrado com grande pompa, e o rei macedônio ordena que seja venerado como um deus. [12.12.11-12].

**Heitor:** um dos grandes heróis troianos, é filho de Príamo e marido de Andrômaca. [17.3.6].

**Helânico:** nobre já idoso e sem filhos que reúne e convence seus amigos a se insurgirem contra a tirania cruel de Aristótimo na cidade dos epeus. [26.1.8-10].

**Heleno:** filho de Príamo, recebe de Pirro, filho de Aquiles, o reino dos caônios e a viúva de Heitor, Andrômaca. [17.3.6].

**Heleno:** filho de Pirro I, acompanha seu pai em expedição militar quando ainda era criança. É posto por ele à frente da Sicília. Em meio aos conflitos entre seu pai e Antígono II, Gônatas, recebe a custódia de Tarento junto a Milão, um amigo de seu pai. Com a morte de Pirro em Argos, recebe de Antígono a liberdade – pois havia sido entregue ao rei pelos epirotas – e os restos mortais de seu pai. [18.1.3; 23.3.3; 25.3.4 e 6; 25.5.2].

**Heráclida:** um dos filhos de Agátocles, tirano de Siracusa, e irmão de Arcágato. Dado o plural que ocorre em 22.8.12-13 (*desertor filiorum* e *interfectis liberis*), é possível que, assim como seu irmão, tenha sido assassinado pelo exército siracusano abandonado na África por seu pai, mas Justino não registra seu nome na passagem. [22.5.1; 22.8.12-13].

**Hercíides:** mais conhecido como Dercíidas, foi um comandante lacedemônio. Para tentar dominar a Ásia, entra em acordo com Tisafernes, um intendente de Artaxerxes II, de modo que ele não evitasse seu avanço em território persa. [6.1.2-3].

**Hercinião:** Neferites I, rei do Egito. Teria enviado reforços aos lacedemônios contra Artaxerxes II. [6.2.1-2].

**Hércules:** identificado com Herácles, o mais famoso herói grego, é filho de Júpiter e de uma mortal, Alcmena. Devido ao ódio de Juno, o rei Euristeu lhe impõe doze trabalhos – alguns dos quais são narrados por Justino –, mas Hércules também realiza outras ações independentes. Teria atravessado os Alpes e as regiões que eram inabitáveis devido ao frio. Ao cruzar a Itália levando os bois de Gerião, estupra a filha de Fauno, gerando, assim, Latino. [2.4.18-25; 9.2.10-13; 11.4.5; 11.10.10-11; 12.7.12-13; 12.9.2; 16.3.4; 17.3.4; 18.4.5 e 15; 24.4.4; 42.3.2 e 4; 43.1.9].

**Hércules:** filho de Alexandre, o Grande, e Barsina, nascido em 327. É morto junto à sua mãe sob as ordens de Cassandro, que temia que o jovem fosse uma ameaça a seu poder. [11.10.2-3; 12.15.9; 13.2.7; 14.6.2; 15.2.3-4].

**Herótimo:** rei árabe, divide seu exército entre seus setecentos filhos e ataca com sucesso o Egito e a Síria, elevando o nome de seu povo, antes pacífico. [39.5.6].

**Hierão:** II, magistrado na Sicília após a retirada de Pirro, é filho de Hieróclito e descendente de Gelão I. É apresentado como alguém de grande moderação e habilidade militar, e cuja infância já prenunciava sua grandeza, pois, tendo sido exposto por seu pai por ser filho de uma criada, sobrevive ao ser alimentado por abelhas. Conforme crescia, episódios com outros animais também anunciavam seu valor. [23.4].

**Hieróclito:** nobre siciliano, é pai de Hierão II e descendente de Gelão I. Ordena que o filho seja exposto por se envergonhar da família da mãe do menino, já que esta era uma criada. Como Hierão é preservado ao ser alimentado por abelhas, seu pai recolhe-o e o cria com cuidado, motivado pelo fato de que adivinhos haviam-lhe indicado que o comportamento dos animais era um sinal de que o menino era destinado à majestade. [23.4.4-8].

**Hilmicão:** general cartaginês, é um dos três filhos de Amílcar e neto de Magão. Divide o poder com seus irmãos e seus primos. Sucede seu pai na guerra da Sicília. Embora tenha guerreado com sucesso, perde grande parte de seu exército para uma peste, o que leva os cartagineses ao desespero. Devido a essa situação, após guiar os sobreviventes de volta à pátria, o general busca sua própria morte. [19.2.1-7; 19.3].

**Himero:** amigo de infância de Fraates II, é deixado com a guarda do reino, enquanto o rei batalha contra os citas. Ataca com crueldade os babilônios e outras cidades vizinhas. Teria governado de 128 a 123. [42.1.3].

**Hipérides:** embaixador ateniense enviado ao Peloponeso para conseguir aliados para a guerra pela liberdade grega contra a soberania macedônia após a morte de Alexandre, o Grande. É seguido por Demóstenes, que obtém bons resultados. [13.5.10].

**Hípias:** embora tenha, no início, dado continuidade à política de seu pai, Pisístrato, seu governo, após alguns eventos, torna-se brutal. O tirano ter-se-ia retirado a Sígeon em 510, onde estabelece contato com os persas. Morre em Lemnos pouco tempo depois da batalha de Maratona, que teria ocorrido por volta de 490. [2.9.2-7 e 21].

**Hipólita:** uma das Amazonas e irmã de Antíope, é obtida por Teseu como espólio de guerra e concebe com ele Hipólito. [2.4.23-24].

**Hipólito:** filho de Teseu e Hipólita. [2.4.24].

**Hipóloco:** um dos trinta tiranos de Atenas, após a Guerra do Peloponeso, morre no conflito contra Trasíbulo, que buscava a liberdade da cidade. [6.9.15].



**Hipseu:** rei da Tessália, é pai de Cirene, que foi raptada por Apolo. Envia pessoas para a encontrar, mas elas decidem ficar junto à princesa no monte Cira. [13.7.8].

**Hispalo:** “Hispania” derivaria de seu nome. Justino não apresenta qualquer informação complementar a seu respeito, mas a personagem aparece como filho ou companheiro de Hércules em outros textos, conforme nota à passagem. [44.1.2].

**Histaspes:** pai de Dario I, em cujo reino governou a Pártia. [1.10.6].

**Iarbas:** rei dos maxitanos, busca casar-se com Dido (ou Elissa), ameaçando sua cidade com guerra, caso negasse. A rainha de Cartago, enganada por seus embaixadores a aceitar, prefere tirar a própria vida. [18.6.1-4].

**Ifícrates:** comandante ateniense durante a Guerra de Corinto, é posto à frente do exército quando ainda tinha vinte anos, mas já demonstrava então ter grande virtude como soldado e como orador. [6.5.2-5].

**Iolas:** um dos filhos de Antípatro. Participa da conspiração, junto a seus irmãos, para assassinar Alexandre, o Grande. [12.14.6-9].

**Ismênias:** nobre tebano, auxilia de seu próprio bolso os atenienses exilados que guerreavam contra os trinta tiranos, após a Guerra do Peloponeso. [5.9.8].

**Israel:** rei sírio após Damasco, Azelo, Adores e Abraão. Tem dez filhos, para os quais divide seu reino. Nomeia seu povo de judeus em homenagem a Judá, um de seus filhos que morrera. É avô de Moisés. [36.1.3-5].

**Jantiro:** rei cita que teria negado a filha em casamento a Dario I, fato que ocasionou a guerra entre os dois povos. [1.5.8-9].

**Jasão:** herói tessálio e líder dos argonautas, é enviado à Cólquida pelo rei Pélias para buscar o velocino de ouro; o rei, entretanto, desejava que Jasão morresse ao longo da viagem. Na Cólquida, Jasão recebe a ajuda de Medeia, princesa dos colcos, para superar as provas impostas pelo rei Eetes, tendo, depois, fugido de sua fúria, levando a filha e o velocino.

Justino não faz menção aos fatos que ocorrem em Corinto; segundo ele, o herói teria acolhido Medeia e o filho dela, Medo, após seu novo exílio de Atenas, e retornado à Cólquida. Lá, coloca Eetes de volta no trono e realiza diversas conquistas militares, ampliando seu território. É venerado por diversos povos orientais como seu fundador, mas seus templos são destruídos por Parmênio para que não fosse adorado no lugar de Alexandre, o Grande. [42.2.10-12; 42.3.1-6 e 8].

**José:** filho mais novo dos dez de Israel, é vendido para mercadores estrangeiros por seus irmãos que temiam seu engenho. É levado para o Egito, onde foi benquisto pelo rei, já que dominava as artes mágicas, sendo capaz de, entre outras habilidades, prever períodos de esterilidade. É pai de Moisés. [36.2.6-11].

**Judá:** um dos filhos de Israel, morre após a divisão do reino de seu pai, o qual o homenageia ao chamar seu povo de judeus. [36.2.5].

**Labieno:** Quinto. Alia-se a Bruto e Cássio. Quando, em 42, os republicanos foram derrotados na Batalha de Filipos, foge para a Pártia e oferece seus serviços ao rei Orodes II. Retorna ao território romano como comandante de um exército parta, invadindo a Síria e a Palestina. [42.4.7].

**Lâmaco:** comandante ateniense, é enviado para cobrar o tributo de Heracleia, após a derrota dos persas. Sofre diferentes reveses, mas os heracleenses fornecem-lhe meios para que possa voltar à pátria a salvo. Também vai para a Sicília, junto a Nícias e Alcibíades, com o pretexto de auxiliar os catinenses contra os siracusanos. Morre em combate às tropas de Gilipo. [4.4.3-5 e 9; 16.3.10-12].

**Lampeto:** rainha das amazonas, teria reinado junto a Martésia. [2.4.12-5].

**Lampônio:** comandante ateniense, é enviado com uma frota para a Sicília com o intento de auxiliar os catinenses contra os siracusanos, sendo bem-sucedido. [4.3.5-6].

**Lanassa:** neta de Hércules, é tomada como esposa por Pirro, filho de Aquiles, e tem, com ele, oito filhos. [17.3.4].

**Laodâmia:** junto à sua irmã, Nereida, era o último elo da família real do Épiro. Justino não deixa claro, mas era filha de Pirro II. Após a morte de seus familiares e o casamento de sua irmã com Gelão II, é assassinada no templo de Diana pelo povo, o que gera consequências nefastas para seus algozes, principalmente Milão, responsável direto. É chamada em outras fontes de Deidâmia, e teria vingado a morte de Ptolomeu II com guerra, ao que Justino não faz menção. [28.3.4-8].

**Laódice:** esposa de Antíoco e mãe de Seleuco Nicátor. Teria sonhado que se deitava com Apolo, pelo que ganha do deus um anel com uma âncora entalhada. Ao acordar, encontra o anel de seu sonho e concebe Seleuco, o qual nasce com uma marca em forma de âncora na coxa, considerada sinal de sua futura grandeza e herdada por seus descendentes. Dá o anel a seu filho quando ele acompanha Alexandre, o Grande, à Pérsia. [15.4.3-6].

**Laódice:** mãe de Seleuco II, exorta seu filho, que acabara de subir ao trono, a matar sua madrasta, Berenice, irmã de Ptolomeu III, e o filho dela. [27.1.1-2].

**Laódice:** Nisa da Capadócia. Foi esposa de Ariarate V e, após sua morte, mata cinco dos seis filhos que tivera com ele como uma forma de se manter no poder por mais tempo. É morta por seu povo devido à sua crueldade. [37.1.3-5].

**Laódice:** irmã e esposa de Mitrídates VI, o Grande, tem com ele um filho. Decide matar seu marido quando ele retorna de sua viagem exploratória à Ásia, pois, ao acreditar que o rei teria morrido, ter-se-ia deitado com seus amigos. É descoberta, e sua falta vingada com seu assassinato. [37.3.6-8; 38.1.1].

**Laódice:** esposa de Ariarate VI e outra irmã de Mitrídates VI. Após o assassinato de seu marido, casa-se com Nicomedes III, quando este invade a Capadócia, mas Mitrídates expulsou-o. É enviada por Nicomedes a Roma para testemunhar que tivera três filhos com seu marido anterior, quando, na verdade, tivera apenas dois. [38.1.1-5; 38.2.4].

**Laomedonte Mitileno:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Síria. [13.4.12].

**Laques:** comandante ateniense, é enviado, junto a Cariades, para a Sicília após a empreitada bem-sucedida de Lampônio, com o pretexto de auxiliar os catinenses. Estes selam, contudo, a paz com os siracusanos, dispensando as tropas atenienses. [4.3.6-7].

**Latino:** neto de Fauno e filho de Hércules, é concebido por meio do estupro de sua mãe. Oferece a mão de sua filha, Lavínia, a Eneias, gerando uma guerra com Turno, na qual morre. [43.1.9-11].

**Lavínia:** filha de Latino, tem sua mão dada a Eneias, quando já havia sido prometida a Turno. [43.1.10-12].

**Leofron:** tirano de Régio, estava em guerra com a Lócrida quando Dionísio II, o Jovem, estava exilado lá. Os lócrios prometem aos deuses a prostituição de suas virgens durante os festivais de Vênus, caso vencessem essa guerra. [21.3.2].

**Leonato:** um dos diádocos. Seria um dos tutores do filho de Alexandre, o Grande, e Roxane. Recebe, também, o comando da Frígia Menor. Morre, em 322, ao tentar levar auxílio a Antípatro quando este é sitiado pelo exército ateniense que buscava a liberdade. [13.2.14; 13.4.12; 13.5.14-16].

**Leônidas:** rei espartano que, durante a guerra contra Xerxes I, teria comandado os gregos nas Termópilas. Antes de deixar sua pátria, recebe um oráculo segundo o qual haveria de cair ele ou a cidade. O rei busca diminuir as perdas, partindo com poucos em direção ao acampamento de Xerxes. Ali, morre junto aos seus pela exaustão de vencer. Teria reinado de 488 a 480. [2.10.16; 2.11.2-18; 19.1.9].

**Leônides:** jovem heracleense, foi um discípulo de Platão. Trama, junto a Quíon, o assassinato do tirano Clearco, no que é bem-sucedido, mas é morto logo em seguida pela guarda real, em 353. [16.5.11-17].

**Leontisco:** filho de Ptolomeu I, é entregue com vida por Demétrio a seu pai após a derrota deste na guerra. [15.2.7].

**Leóstenes:** comandante dos atenienses na guerra pela liberdade grega contra a soberania macedônia, após a morte de Alexandre, o Grande. É morto durante o cerco a Antípatro. [13.5.12-13].

**Levino:** Marco Valério. Pretor em 215, é enviado para impedir a passagem das tropas de Filipe V à Itália. [29.4.4-5 e 7].

**Licínio Crasso:** Públio, Dives Muciano. Eleito cônsul em 132, recebe o comando da Ásia, porém, mais preocupado com as riquezas do que com a guerra, foi vencido por Aristônico. [36.4.7-9].

**Licurgo:** espartano de ilustre virtude, é irmão de Polidectes e tio de Carilo. Assume o reino até que este tenha idade suficiente para governar. Teria sido responsável por instituir as leis espartanas, as quais Pitágoras irá à Lacedemônia estudar. [3.2.4-12; 3.3; 20.4.4].

**Licurgo:** rei de Esparta, é posto, pelo povo, no lugar de Cleômenes III. Teria reinado a partir de 219. [29.1.6].

**Lisandro:** comandante espartano, é colocado à frente das tropas durante a Guerra do Peloponeso, sendo vitorioso sobre os atenienses. Posteriormente, é morto durante uma nova ofensiva, quando Atenas alia-se a Tebas durante a Guerra de Corinto. [5.5.1; 5.7.1-3; 5.8.6; 6.4.6 e 10].

**Lísias:** orador siracusano. Enquanto estava exilado, auxilia, com quinhentos soldados, os atenienses também êxules que guerreavam contra os trinta tiranos, após a Guerra do Peloponeso. [5.9.8].

**Lisímaco:** um dos generais de Alexandre, o Grande, é filho de Agatocles, sogro de Antípatro II e marido de Arsinoé. Auxilia o filósofo Calístenes após o castigo a ele imputado pelo rei, o que resulta na fúria deste. Tendo sido jogado a um leão, mata a fera arrancando sua língua com as próprias mãos, recebendo a admiração de Alexandre. Com o falecimento do rei, torna-se um dos diádocos. Recebe o comando da Trácia e das regiões do mar pântico. Após a morte de Pérdicas e seus aliados, entra em conflito com Antígono, que se recusava a dividir os despojos da guerra. Depois dos assassinatos dos herdeiros de Alexandre perpetrados sob as

ordens de Cassandro, assume o título de rei. Mortos Antígono e Cassandro, alia-se a Ptolomeu contra Demétrio e Seleuco. Posteriormente, envolve-se nas discussões acerca da divisão do reino da Macedônia entre os herdeiros de Cassandro e acaba por matar seu genro e aprisionar sua filha, Eurídice. Por fim, entra em conflito com Seleuco, no qual será morto. É considerado um dos grandes reis de sua época. [13.4.12; 15.1.2 e 4; 15.2.12 e 17; 15.3.1-2 e 6-16; 15.4.24; 16.1.7 e 19; 16.2.1-5; 16.3.1-3; 17.1; 17.2.1-8; 24.3.3; 25.5.4].

**Lisímaco:** filho de Lisímaco e Arsinoé, é assassinado por seu tio, Ptolomeu Cerauno, quando tinha dezesseis anos, junto a seu irmão mais novo, Filipe. [24.3.5-9].

**Lívio:** Caio, Salinador. Pretor em 191, comanda as naus romanas contra Antíoco III. [31.6.7-9].

**Lívio:** Tito. Historiador romano, é autor de *Ab urbe condita (Desde a fundação da urbe)*. Pompeio Trogo teria criticado a construção dos discursos em sua narrativa. [38.3.11].

**Lúcio Cipião:** Cornélio, Asiático. Irmão mais novo de Cipião Africano. Foi cônsul em 190, quando lidera as forças romanas contra Antíoco III, obtendo a vitória na Batalha de Magnésia. [31.7.1-3].

**Lúcio Mânlio Vulsão:** romano, foi cônsul ao lado de Marco Atílio Régulo durante a Primeira Guerra Púnica. [41.4.3].

**Lúcio Metelo:** Cecílio, Calvo. Eleito cônsul em 142, atuou como embaixador nos anos de 140 e 139, quando participou de embaixadas junto a Cipião Africano e Espúrio Múmio. [38.8.8-11].

**Lúculo:** Lúcio Licínio. Eleito cônsul em 74, derrota Mitrídates VI, no mesmo ano, e Tigranes II, em 69. [37.1.8; 40.2.2-3].

**Magabaso:** comandante persa sob Dario I. Teria sido enviado para sujeitar a Trácia e os demais reinos vizinhos. Manda, por sua vez, Bubares para resolver a situação da Macedônia, por não a considerar importante. [7.3.1-2 e 7-8].

**Magão:** comandante cartaginês, oferece ajuda a Roma contra Pirro I, favor que é negado pelo senado. [18.2.1-4].

**Magão:** o Grande, é um importante comandante cartaginês e pai de Asdrúbal e Amílcar. Substitui Mazeu, após sua morte. É responsável por uma ampliação do poder cartaginês a partir da organização de suas forças militares. [18.7.19; 19.1.1].

**Magas:** rei de Cirene e marido de Arsinoé, promete, antes de morrer, a mão de sua única filha, Berenice II, para o filho de Ptolomeu II, Ptolomeu III, Evérgeta, de modo a evitar futuras guerras. Sua esposa, contudo, era contra a união, o que gerará conflitos familiares. [26.3.2-3 e 8].

**Málio Maltino:** embaixador romano, teria atuado junto a Mânio Aquílio contra Mitrídates VI e, por este, sido derrotado. [38.3.4 e 8; 38.4.4].

**Mânio Aquílio:** sucessor de Perperna, é eleito cônsul em 129. Teria ocorrido à Ásia para tomar, de seu antecessor, a guarda de Aristônico. Também teria atuado junto a Málio Maltino contra Mitrídates VI e sido derrotado por este. [36.4.10-11; 38.3.4 e 8; 38.4.4].

**Marco Atílio Régulo:** romano, foi cônsul ao lado de Lúcio Mânlio Vulsão durante a Primeira Guerra Púnica. [41.4.3].

**Marco Catão:** Pórcio, Liciniano. É filho de Catão, o censor. Demonstra grande virtude no combate contra o exército de Perseu. [33.2.1-4].

**Marco Lépidio:** Emílio. Eleito cônsul duas vezes, é bisavô do triúviro. Teria sido enviado ao Egito como tutor do filho de Ptolomeu IV e protetor do reino. [30.3.4; 31.8.6-7].

**Mardônio:** aconselha Xerxes I a deixar um exército com ele na Grécia e voltar para seu reino. Após algumas vitórias, tem a mesma sorte que seu rei em combate. [2.13.1-4; 2.14.1-8].

**Martésia:** rainha das amazonas, teria reinado junto a Lampeto. [2.4.12-7].

**Masinissa:** rei númida, presta auxílio aos romanos contra Perseu, rei da Macedônia. Segundo o discurso de Mitrídates VI, teria sido responsável por importantes vitórias atribuídas aos romanos. [33.1.2; 38.6.4-6].

**Mazeu:** comandante cartaginês, é exilado ao ter maus resultados em suas empreitadas militares. Junto a seus soldados, sitia Cartago e, durante o cerco, ordena a crucificação de seu filho, Cartalo, como um exemplo à cidade por o ter desprezado. Após tomar a cidade, mata os responsáveis por seu exílio e perdoa os demais cidadãos. É morto pouco depois, acusado de desejar o poder para si. [18.7.2-19].

**Medeia:** feiticeira e princesa da Cólquida, é filha de Eetes. Apaixonada, auxilia Jasão para que ele obtenha o velocino de ouro e, depois, foge com o herói para a Tessália e Corinto. Após ser rejeitada por Jasão – ao que Justino não faz menção –, casa-se com Egeu, rei de Atenas, com quem tem um filho, Medo, mas é novamente exilada por atentar contra Teseu, filho mais velho do rei. É acolhida por Jasão e retorna com ele ao reino de seu pai. Medo funda a cidade de Média em sua honra. [2.6.14; 42.2.12; 42.3.1 e 6].

**Médio:** amigo tessálio de Alexandre, o Grande. Convida-o para uma festa que culmina na morte do rei. [12.13.7].

**Medo:** filho de Medeia e Egeu, rei dos atenienses, vai, com sua mãe e seu padrasto, Jasão, para a Cólquida. Posteriormente, busca emular a virtude dele. Funda a cidade Média, em honra à sua mãe, e o reino dos Medos, a partir de seu próprio nome. [2.6.14; 42.2.12; 42.3.6].

**Meleagro:** um dos diádocos. Opõe-se às propostas de Pérdicas quanto a quem deveria herdar o título de rei de Alexandre, o Grande. Fica com o comando dos acampamentos, dos exércitos e dos negócios, junto a Pérdicas. [13.2.6-10; 13.3.2-3; 13.4.5].

**Menandro:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Lídia. [13.4.15].

**Menelau:** irmão de Alexandre I da Macedônia, é pai de Amintas III e avô de Filipe II. [7.4.3].

**Menelau:** filho de Amintas III com Gigeia, é meio-irmão de Filipe II. [7.4.5; 8.3.10-11].



**Menelau:** irmão de Ptolomeu I, é entregue com vida a ele após a sua derrota na guerra contra Demétrio. [15.2.7].

**Mergides:** morto a mando de seu irmão, Cambises II, tem sua identidade tomada pouco depois de sua morte, em 522, pelo usurpador Oropaste. É chamado por outros autores de Esméridis. [1.9.4 e 9-10].

**Mezêncio:** rei dos etruscos. Eneias lança guerra a ele, mas morre em batalha. [43.1.13].

**Mícalo:** escravizado pelo tirano Anaxilau, tem fidelidade comprovada a seu senhor, motivo pelo qual recebe, com a morte dele, a tutela de seus filhos pequenos e do reino. Devido ao amor do povo à memória de Anaxilau, todos aceitam ser governados por alguém que tinha uma posição considerada inferior. [4.2.5].

**Midas:** filho de Górdio, teria sido iniciado nos mistérios por Orfeu, religião que foi adotada na Frígia. [7.1.11; 11.7.14].

**Milão:** amigo de Pirro I, governa Tarento junto a Heleno, filho de Pirro, enquanto o rei guerreia com Antígono II, Gônatas. [25.3.4 e 6].

**Milão:** responsável pelo assassinato de Laodâmia, rainha do Épiro e uma das últimas descendentes da família real, dentro de um templo de Diana, é tomado de furor, pelo que ataca as próprias entranhas com diferentes métodos, incluindo seus dentes. [28.3.8].

**Miltíades:** comandante ateniense, vitorioso em Maratona, teria morrido em 488, aproximadamente. [2.9.10; 2.15.18-20].

**Míndaro:** comandante dos lacedemônios durante a Guerra do Peloponeso, espera junto a Farnabazo, em Sesto, pelo ataque dos atenienses. [5.4.1].

**Minos:** rei de Creta, é responsável por leis, as quais Pitágoras tem interesse em estudar. [20.4.4].

**Mitrídates:** I, do Ponto. Alia-se a Clearco, mas é traído por ele, sendo preso e libertado após o pagamento de um alto resgate. [16.4.7-10].

**Mitrídates:** I, o Grande, Ársaces V. É filho de Priapácio (Ársaces III) e irmão de Fraates (Ársaces IV). Rei parta descrito como tendo ilustre virtude, herda o trono de seu irmão, pois este acreditava que era um melhor candidato do que seus filhos. Adiciona diversos povos a seu reino, ampliando a soberania dos partas do monte Cáucaso até o rio Eufrates. É considerado cruel pelos povos do Oriente sob seu poder, os quais veem de bom grado o avanço de Demétrio II da Síria; este é, contudo, derrotado e humilhado. Teria reinado de 171 a 138, morrendo em uma velhice gloriosa e se igualando a seu bisavô. É sucedido por Fraates II. [36.1.3; 38.9.3-4 e 6; 42.1.1; 41.5.9-10; 41.6.1 e 6-9].

**Mitrídates:** V, Evérgeta. Rei do Ponto, presta auxílio aos romanos contra Aristônico. Como prêmio dessa ação, recebe a Frígia Maior. [37.1.2 e 6; 37.4.5; 38.5.3-4].

**Mitrídates:** VI, o Grande. Rei do Ponto, é filho de Mitrídates V. Sua grandeza é pressagiada por um cometa que corta os céus no dia de seu nascimento e no de sua subida do trono. Foi alvo das insídias de aristocratas, desde a infância, pelo que, devido ao costume de beber antídotos, torna-se imune a venenos. Além disso, para se prevenir, passa sete anos de sua vida ao ar livre, sem que soubessem de sua localização exata. Já no trono, submete os citas, que foram invictos até então, o Ponto e a Capadócia. Percorre, em segredo, a Ásia para observar os locais oportunos ao combate. De volta a seu reino, encontra um herdeiro que nascera enquanto estivera fora, mas é alvo das insídias de sua esposa, Laódice, que tenta envenená-lo. Descobrendo seus planos, o rei mata-a. Invade a Paflagônia e a Galácia em uma aliança com Nicomedes III, o que inicia seus conflitos com Roma. Guerreia contra os romanos por quarenta e seis anos com sorte variável. Toma a Capadócia, após assassinar seu sobrinho, Ariarate VII. É considerado um dos maiores reis de seu tempo. [37.1.6-9; 37.2; 37.3; 37.4.1-6; 38.1-7; 38.8.1; 40.1.2].

**Mitrídates:** II. Rei do Ponto, recebe, de Seleuco Calínico, a Frígia Maior como dote. [38.5.3].

**Mitrídates:** II, Ársaces VII, o Grande. Rei da Pártia, é filho de Artabano I. É responsável por consolidar uma parte do domínio parta. Teria reinado de 124 a 87. [42.2.3-6].

**Mitrídates:** III. Rei da Pártia, é expulso do reino devido à sua crueldade. É irmão de Orodes II. Teria reinado de 56 a 55, sendo morto por seu irmão em 54. [42.4.1-4].

**Moisés:** é neto de Israel, filho de José e pai de Arruas. Herda as habilidades de seu pai, mas é expulso do Egito devido a uma epidemia de sarna e vitiligo, junto aos doentes. Parte para Damascena, levando consigo os objetos sagrados dos egípcios. Chega ao monte Sinai após sete dias de jejum, de modo que, em honra ao fim de sua peregrinação, consagra esse sétimo dia à prática de jejuar. [36.2.11-16].

**Múmio:** Lúcio, Acaico. Eleito cônsul em 146, é enviado pelo senado contra os aqueus e, então, ocupa Corinto e a destrói. [34.2.1].

**Nábis:** tirano de Esparta, teria reinado de 207 a 192. Realiza uma aliança com Filipe V contra os romanos. [30.4.5; 31.1.5-6; 31.3.1-3].

**Nandro:** rei indo, é ofendido por Sandrocoto e ordena sua morte. [15.4.16].

**Nano:** rei dos segobrígios e pai de Giptis. Seguindo a tradição de seu povo, organizou uma festa em que sua filha poderia escolher o marido. Ela elege Protes, um dos comandantes foces, e Nano dá-lhe terras onde poderia assentar-se. Ali, Marselha é fundada. [43.3.8-11; 43.4.3].

**Nearco:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Lícia e da Panfília. [13.4.15].

**Neoptólemo:** é enviado, junto a Alcetas, irmão de Pérδικas, como reforço a Eumênes para que aguardassem o avanço de Crátero e Antípatro. Acaba entrando em conflito com Eumênes por considerar a deserção. Após ser derrotado, junta-se a Antípatro, mas morre em batalha contra Eumênes. [13.6.15; 13.8.3-5 e 8].

**Neoptólemo:** I, é filho de Táribas e pai de Alexandre I do Épiro e de Olímpíade, mãe de Alexandre, o Grande. [17.3.14-5].

**Nereida:** junto à sua irmã, Laodâmnia, era o último elo da família real do Epiro. Justino não deixa claro, mas era filha de Pirro II. Casa-se com Gelão II, filho do tirano de Siracusa. [28.3.4].

**Nícias:** comandante ateniense, é enviado para a Sicília, junto a Alcibíades e Lâmaco, com o pretexto de auxiliar os catinenses contra os siracusanos. É, inicialmente, bem-sucedido, mas, após alguns reveses, não escuta o conselho de Demóstenes de que deveriam retirar-se, pelo que acabam sendo vencidos pelas tropas de Gilipo, comandante lacedemônio, que estava do lado dos siracusanos. Derrotado, também não segue o exemplo de Demóstenes – que preferiu a morte ao cativo – e envergonha sua família ao ser preso. [4.4.3-5; 4.5.8-1].

**Nicomedes:** II, Epifânio. Rei da Bitínia, é filho de Prúsias II. Descobre o atentado que seu pai planejava contra sua vida, toma o poder e, depois, assassina Prúsias. Teria reinado de 149 a 127. [34.4].

**Nicomedes:** III, Evérgeta. Rei da Bitínia, alia-se a Mitrídates VI, invadindo a Paflagônia. Diante do questionamento dos romanos, muda o nome de seu filho para Pilémenes, de modo que pareça que o reino foi devolvido à família real. Invade a Capadócia, tendo-se casado com Laódice, mas é expulso por Mitrídates. [37.4.3-4 e 7-9; 38.1.2-5; 38.2.3-4 e 6-7; 38.3.4].

**Nicomedes:** IV, Filópator. Rei da Bitínia. Assume o reino após a morte de seu pai, Nicomedes III, porém é expulso de lá por Mitrídates VI. Teria reinado de 94 a 74. [38.3.4 e 8; 38.5.10].

**Ninias:** filho de Nino e Semíramis, seu nome significaria “o Ninevite”, relacionado a Nínive, cidade que teria sido fundada por seu pai. Quando este morre, o príncipe era ainda muito jovem, pelo que sua mãe toma sua identidade por algum tempo. [1.1.10; 1.2.10-2].

**Nino:** fundador do primeiro império, marido de Semíramis e pai de Ninias. Seu reino teria durado cinquenta e dois anos, tendo iniciado seu declínio em 2182. [1.1.4-10; 1.2.1 e 10; 2.3.18].

**Nômio:** um dos quatro filhos de Cirene, princesa da Tessália, e Apolo. Vai, já adulto, à pátria de sua mãe para assumir o trono de reinos hereditários. [13.7.7 e 9].

**Numitor:** um dos reis da Itália, descendente de Eneias. É irmão de Amúlio, pai de Réa e avô de Rômulo e Remo. É expulso do reino por seu irmão, mas o retoma com o auxílio de seus netos. [43.2.1-2 e 9-10; 43.3.1].

**Oco:** Artaxerxes III, um dos três herdeiros legítimos de Artaxerxes II. Realiza o massacre de seus familiares e dos nobres persas por medo de uma conspiração. Teria reinado de 359 ou 358 a 338. [10.1.1; 10.3.1-2 e 5].

**Olimpiade:** também chamada de Mirtale, é filha de Neoptólemo I, irmã de Alexandre I do Épiro, esposa de Filipe II e mãe de Alexandre, o Grande. Sendo suspeita de adultério, é repudiada pelo marido. Após a morte dele, celebra seu assassino. Depois do falecimento de seu filho e com os constantes conflitos entre os diádocos, as tropas enviadas contra ela pelo rei Arrideu e sua esposa, Eurídice, passam para o seu lado, o que lhe permite ordenar a morte do rei e assumir o trono da Macedônia. Reina, contudo, por pouco tempo, sendo morta a mando de Cassandro. Apesar de sua situação, morre com grande dignidade. [7.6.10-11; 8.6.5; 9.5.8; 9.7.1-2 e 7-14; 11.11.3 e 5-6; 12.2.1; 12.14.3; 12.16.2-3; 13.6.4 e 11-12; 14.5.1 e 9-10; 14.6.1-11; 15.1.3; 15.2.4; 17.3.14].

**Olimpiade:** II, filha de Pirro I, esposa e irmã de Alexandre II do Épiro e mãe de Pirro II, Ptolomeu II e Fítia. Com a morte de seu marido, fica com a guarda dos filhos e do reino, enquanto é atacada pelos etólios que desejavam tomar-lhe a Acarnânia. Por isso, a rainha do Épiro busca o auxílio de Demétrio II da Macedônia, oferecendo-lhe sua filha em casamento. Como Demétrio já era casado com a irmã de Antíoco II da Síria, as novas núpcias geram conflitos. Olimpiade falece, fragilizada pela tristeza, após a morte de seus dois filhos, aos quais entregara o reino. [28.1.1-2; 28.3.1-3].

**Onomarco:** assume o comando dos foces após a morte de Filomeno. Teria vencido Filipe II duas vezes – ao que Justino não faz menção –, antes de ser derrotado pelo rei da Macedônia, em 352. [8.1.14; 8.2.1-4].

**Orestes:** filho de Agamêmnon, mata Pirro, filho de Aquiles, em Delfos. [17.3.7].

**Orfeu:** músico e poeta, era filho de Calíope. Além de ter sido um dos argonautas, teria fundado o orfismo, cujos mistérios ensina a Midas, filho de Górdio. [11.7.14].

**Orítia:** rainha das amazonas, teria reinado junto a Antíope. Levava guerra ao exterior quando seu povo foi atacado pelo exército de Hércules, de que pretendia vingar-se com o auxílio de Sagilo. [2.4.17-18, 20, 26-27 e 31].

**Orodes:** II. Rei da Pártia, teria reinado de 57 a 56 e de 55 a 38. É irmão de Mitrídates III e o mata em 54. Crasso, em 53, começa sua campanha contra os partas, sendo derrotado e morto por eles. Assim, sob a égide de Orodes, reside uma das piores derrotas infligidas aos romanos. Fica fortemente abalado, em 38, pela morte de seu filho Pácoro, em quem confiava na maior parte do tempo. É assassinado por um de seus outros trinta filhos, o qual se tornará Fraates IV. [42.4.2-5 e 11-15; 42.5.1].

**Orofernes:** irmão de Ariarate V, é expulso do reino da Capadócia devido a uma injúria contra o rei, sendo acolhido por Demétrio I. Contudo, une-se aos antioquenses contra este, sendo, então, preso e enviado para Selêucia. [35.1.2-4].

**Oropaste:** teria sido morto em 521 por Dario I e seus companheiros, após ter tomado a identidade de Mergides e reinado na Pérsia por algum tempo. [1.9.9-10 e 17-18].

**Otanes:** nobre persa que teria suspeitado da verdadeira identidade de Oropaste. Descobre por meio da filha, concubina do rei, a verdade e a revela a outros nobres, fato que resulta em uma conjuração e na ascensão de Dario I ao trono. [1.9.14-8].

**Oxiartes:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos parapamenos na fronteira do monte Cáucaso. [13.4.21].

**Pácoro:** I. É filho do rei Orodes II da Pártia. Invade a Síria em 41 e morre em 38, em batalha contra Ventídio. Seu pai sofre enormemente com sua perda. [42.4.5, 7-11 e 13-14].

**Panasagoro:** filho do rei cita Sagilo, é enviado com um exército em auxílio às amazonas, após o ataque de Hércules. [2.4.28].

**Parmênio:** importante general sob Filipe II e Alexandre, o Grande. Apresenta Amílcar Ródano, cartaginês, ao último. Posteriormente, é assassinado, junto a seu filho, Filotas, por Alexandre, após a conquista da Pérsia, em 329, por o ter criticado. [9.5.8; 11.8.5-6; 11.10.4-5; 11.13.2; 12.1.3; 12.5.3-4; 21.6.5; 42.3.5].

**Paulo:** Lúcio Emílio. Derrota Demétrio de Faros na Segunda Guerra Ilírica, durante seu primeiro consulado em 219. [29.2.1].

**Pausânias:** foi, a partir de 479, um regente de Esparta. Teria comandado as forças gregas em Plateia. [2.15.14-6; 9.1.3].

**Pausânias:** rei espartano, é enviado a Atenas quando os cidadãos atenienses opunham-se aos trinta tiranos, após a Guerra do Peloponeso. Comove-se com a situação dos exilados, pelo que retira do poder os dez tiranos que substituíram os anteriores e os manda para Elêusis. Atua como comandante durante a ausência do rei Agesilau, mas é acusado de traição e exilado. [5.10.6-7; 6.4.7].

**Pausânias:** de Oréstide. Assassinou Filipe II, em 336, após o rei não tomar providências quanto a seu estupro perpetrado por Átalo e seus convidados. É morto e crucificado, mas Olimpíade faz com que seja cremado, sepultado e celebrado anualmente. [9.6.4-8; 9.7.1 e 8-11].

**Pausânias:** comandante da fortaleza de Sárdis, sob Alexandre, o Grande, em 334. Seu nome é apenas citado por Justino como uma das pessoas que trazem pesar ao rei por sua morte. [12.6.14].

**Pélias:** rei da Tessália, envia Jasão – cuja fama florescia –, à Cólquida, para que buscasse o velocino de ouro, com a intenção de que o herói morresse em algum ponto da viagem. [42.2.10 e 12].

**Pelópidas:** comandante tebano, teria lutado ao lado de Epaminondas. Embora Justino indique que Filipe II ter-se-ia beneficiado do contato com as virtudes dele, Pelópidas não é amplamente abordado no *Epítome*. [6.9.7].

**Pentesileia:** rainha das amazonas, teria lutado a favor dos troianos na guerra de Troia e sido morta por Aquiles. [2.4.31-32].

**Pérdicas:** I. Ilustre rei da Macedônia, teria ordenado a seu filho, Argeu, que enterrasse seus restos mortais em um lugar específico, onde seus descendentes reais também deveriam ser sepultados. Alexandre, o Grande, quebra a tradição, o que teria levado, segundo a superstição, à queda do império. [7.2.1-4].

**Pérdicas:** III. Filho de Amintas III e Eurídice. Teria reinado de 368 a 359, após o breve reinado de Ptolomeu de Alornos, omitido por Justino. Assim como seu irmão, é morto por sua mãe. [7.4.5; 7.5.6-8].

**Pérdicas:** um dos generais de Alexandre, o Grande. Recebe o anel do rei, no leito de morte dele, o que o indicaria como herdeiro do império. Fica com o comando dos acampamentos, dos exércitos e dos negócios, junto a Meleagro. Posteriormente, entra em conflito com Antígono, mas também atrai o ódio de seus aliados devido à sua arrogância. [12.15.12-13; 13.2.5-14; 13.3.7-10; 13.4.1, 5 e 7-23; 13.6.1-17; 13.8.1-2 e 10; 14.1.1; 14.4.11].

**Péricles:** comandante ateniense, homem de notável virtude. Tendo lutado ao lado de Sófocles, derrota os espartanos e acrescenta diversas cidades ao domínio ateniense. Doa seus campos para a cidade como uma forma de afastar a suspeita lançada pelos lacedemônios que, propositalmente, poupam-nos em seus ataques. [3.6.12-13; 3.7.4-10].

**Perperna:** Marco. Eleito cônsul em 130, é enviado à Ásia para lidar com Aristônico, após a derrota de Licínio Crasso. Obtém a vitória e buscava retornar a Roma com os tesouros de Átalo quando morreu. [36.4.9-11].

**Perseu:** um dos filhos de Filipe V e irmão de Demétrio. Ocasiona a morte de seu irmão ao o acusar de injúrias contra si e seu pai. Depois do falecimento deste, torna-se rei da Macedônia e se lança contra os romanos. Após bons resultados iniciais, perde a guerra e, tentando escapar, é preso pelos romanos junto a seus dois filhos, Alexandre e Filipe, na Samotrácia. [32.2.7-10; 32.3.1-5; 32.4.1; 33.1.3-7; 33.2.5-6; 38.6.3].

**Peucestes:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos persas. [13.4.23].



**Piales:** neto de Aquiles e filho de Pirro, sucede seu pai no trono do Épiro. [17.3.8].

**Pigmalião:** irmão de Dido (ou Elissa). Tendo assumido o trono de Tiro ainda jovem, mata seu tio e cunhado, Acerbas, com a intenção de se apropriar de sua riqueza, o que leva à fuga de Dido para a África. Tendo descoberto tal ação da irmã, é dissuadido de a perseguir pelas súplicas de sua mãe e pelos auspícios que indicavam que seria castigado caso se opusesse à fundação de Cartago. [18.4.3-4, 8-12 e 14; 18.5.6-7].

**Pilémenes:** filho de Nicomedes III, tem seu nome alterado para este como um estratagema de seu pai que argumenta ter devolvido a Paflagônia à família real. [37.4.8].

**Pirro:** I, rei do Épiro, é filho de Eácida I. Une-se a Ptolomeu, Seleuco e Lisímaco contra Demétrio, acreditando que tomaria a posse da Macedônia, o que obtém. É expulso do reino por Lisímaco. Posteriormente, casa-se com a filha de Ptolomeu Cerauno. Sua fama faz com que os tarentinos acreditem que seria o único capaz de protegê-los dos romanos. É vencido pelos cartagineses em combate naval, pelo que pede auxílio a Antígono II, Gônatas. Com a negativa deste, os dois reis entram em conflito, com derrota de Antígono. Dedicar-se, então, ao domínio da Grécia. Teria governado até 272, quando é morto em batalha, em Argos, atingido por uma pedra lançada do muro da cidade. É considerado o rei mais ilustre de sua época. [16.2.2-3; 16.3.1-2; 17.2.11 e 13-15; 17.3.17-22; 18.1; 18.2.4-7 e 10-12; 23.3; 23.4.1 e 13; 24.1.8; 25.3; 25.4; 25.5; 26.1.1 e 3; 26.2.9; 28.1.1; 30.3.2; 38.4.5].

**Pirro:** filho de Aquiles, perde o reino paterno durante a guerra de Troia, pelo que se assenta na região que será chamada de Épiro. Toma a neta de Hércules, Lanassa, como esposa, e entrega o reino dos caônios e a viúva de Heitor, Andrômaca, a Heleno, filho de Príamo. É morto por Orestes em Delfos. [17.3.3-8 e 13].

**Pirro:** II, é filho de Alexandre II do Épiro e Olímpíade II, irmão de Ptolomeu II e neto de Pirro I. Recebe o reino de sua mãe e governa por um breve período, morrendo em 234. [28.1.1; 28.3.1 e 3].

**Pisístrato:** comandante ateniense, é responsável pela derrota dos megarenses, quando estes tentam atacar as matronas durante os rituais sagrados em Elêusis. Posteriormente, finge que é

oprimido pelos aristocratas devido a seu amor pelo povo, o que lhe permite exercer a tirania de 561 a 527, ano de sua morte. É pai de Hípias e Diocles, seus sucessores no poder. [2.8.2-10; 2.9.1-2].

**Pitágoras:** filósofo grego, filho de Demarato, um comerciante opulento, teve a oportunidade de estudar no Egito, na Babilônia, em Creta e na Lacedemônia para aprofundar seus conhecimentos. Passa vinte anos em Crotona defendendo a adoção de costumes ligados à frugalidade. Morre em Metaponto, tendo sua casa transformada em templo e sendo cultuado como um deus. [20.4].

**Pítton:** filho de Agenor. Após o falecimento de Alexandre, o Grande, recebe o comando das colônias macedônias na Índia. Com a morte de Pérδικas, é declarado inimigo da Macedônia. [13.4.21; 13.8.10].

**Pítton, o Ilírio:** após o falecimento de Alexandre, o Grande, recebe o comando da Média Maior. Com a morte de Pérδικas, é declarado inimigo da Macedônia. [13.4.13; 13.8.10].

**Platão:** o filósofo grego. Quíon e Leônides, jovens heracleenses que assassinam o tirano Clearco, teriam sido seus discípulos. [16.5.13].

**Plino:** expulso do reino cita junto a Escolopito e acompanhado por uma multidão, assenta-se na fronteira da Capadócia. Com a morte dos homens, suas mulheres tornam-se amazonas. [2.4.1-4].

**Polidamante:** um dos membros da cavalaria de Alexandre, o Grande, e um de seus amigos a ser dispensado do serviço militar, em 324. Teria sido o responsável por matar Parmênio, mas Justino não faz menção a seu nome no episódio. [12.12.8].

**Polidectes:** rei espartano, é irmão de Licurgo. Morre antes que seu filho, Carilo, nasça. [3.2.5].

**Poliperconte:** general macedônio que serviu sob Filipe II e Alexandre, o Grande, tendo acompanhado este até a Ásia e, enfim, repatriado seu exército. Após a morte do rei e com o

início dos conflitos entre Pérdicas e Antígono, é posto à frente da Grécia e da Macedônia. [12.10.1; 12.12.8; 13.6.9; 13.8.5 e 7; 14.5.1-3; 15.1.1].

**Pólux:** filho de Leda e Júpiter e irmão gêmeo semideus de Castor, acompanha Jasão em sua busca pelo velocino de ouro, sendo, então, um dos argonautas. Seus aurigas tornam-se líderes dos povos conquistados pelo herói tessálio após seu retorno à Cólquida. [20.2.12; 20.3.8; 42.3.3].

**Pompeio:** cf. **Cneu Pompeio**.

**Pompeio Trogo:** autor das *Histórias Filípicas*, as quais servem de base para o epítome de Justino. Teria criticado o estilo dos discursos presentes nas narrativas de Tito Lívio e Salústio. [38.3.11; 43.1.1-2; 43.5.11-12].

**Pompeio Trogo:** avô do autor das *Histórias Filípicas*. Sendo de origem vocôncia, recebe a cidadania romana de Pompeio Magno após servir na Guerra Sertoniana. [43.5.11].

**Popílio:** Caio, Lenas. É enviado, em 168, a Antíoco IV, com o objetivo de evitar a guerra iniciada contra o Egito. O embaixador, que nutria uma amizade com o rei durante o período em que ele estivera como refém em Roma, trata-o com muita seriedade, o que o abala. Popílio obtém, assim, um resultado positivo em sua empreitada. [34.3.1-4].

**Poro:** ilustre rei indo. Tendo conhecido a fama de Alexandre, o Grande, prepara-se para o receber com guerra. Em meio à batalha, em 326, busca encontrar o rei macedônio para o abater, entretanto, é derrotado, apesar de Alexandre também se ferir. Recebendo uma benesse do inimigo, recusa-se a se cuidar, até que é convencido e restituído incólume a seu reino. [12.8.1-3 e 4-7].

**Príamo:** rei de Troia durante a famosa guerra, é pai de Heitor e Heleno, entre outros muitos filhos. [17.3.6].

**Priapácio:** Ársaces III, é pai de Fraates I (Ársaces IV) e Mitrídates I (Ársaces V). Teria sido o terceiro rei da Pártia e reinado de 191 a 176. [41.5.8].

**Protarco:** cf. Alexandre II Zabinas.

**Protes:** um dos comandantes dos foces que se assentaram na Gália. É escolhido por Giptis, filha de Nano, como seu marido, recebendo, então, terras, nas quais Marselha é fundada. [43.3.8-10].

**Prúsias:** I, o Coxo. Rei da Bitínia, entra em conflito com Eumênes II, no qual recebe o auxílio de Aníbal. [32.4.2 e 5-8].

**Prúsias:** II. Rei da Bitínia, é filho de Prúsias I e pai de Nicomedes II. Preferindo seus filhos mais novos, planeja o assassinato de Nicomedes, entretanto essa decisão é revelada a ele, que toma o poder. Após se esconder durante algum tempo, é, ao fim, morto pelo filho. Teria reinado de 182 a 149. [34.4].

**Ptolomeu:** I Sóter, é pai de Leontisco e Ptolomeu Cerauno e irmão de Menelau. Foi um dos generais de Alexandre, o Grande. É ferido pelas flechas envenenadas disparadas pela cidade do rei Ambiger e, por isso, chega próximo à morte, mas é salvo pelo remédio revelado em sonho a Alexandre. Depois do falecimento deste, recebe o comando do Egito e de parte da África e da Arábia, território que consegue ampliar com grande perícia. Com a morte de Pérdicas e seus aliados, entra em conflito com Antígono, que se recusava a dividir os despojos da guerra. Quando Cassandro manda assassinar os herdeiros de Alexandre, é nomeado rei por seu exército. Morto Antígono e Cassandro, une-se a Lisímaco contra Seleuco e Demétrio. Posteriormente, faz aliança com Seleuco, Lisímaco e Pirro I contra Demétrio. Entrega, ainda em vida, seu reino a seu filho caçula e serve em sua guarda pessoal. Teria reinado de 323 a 283. [12.10.3; 13.2.11-12; 13.4.10-11; 13.6.13 e 18-20; 13.8.1; 15.1.2 e 4-9; 15.2.6-8; 11 e 15-16; 15.4.1 e 24; 16.2.1-3 e 7-9; 17.2.6; 26.3.3].

**Ptolomeu:** Cerauno, rei da Macedônia, é filho de Ptolomeu I e cunhado de Lisímaco. Após a morte dele, casa-se com a própria irmã, Arsinoé, como uma estratégia para manter a passividade de seus sobrinhos, mas logo os mata e exila sua esposa. É responsável pela morte de Seleuco. Pirro I pede-lhe tropas auxiliares para lutar contra os romanos. Expulsa Antígono Gônatas do poder, sela a paz com Antíoco I, Sóter, e dá sua filha em casamento a Pirro. Perde o reino e a vida com a invasão dos gauleses, após responder com arrogância suas embaixadas

e desdenhar do auxílio dos dardânios. Sua cabeça é decepada e exposta em uma lança. Teria reinado de 281 a 279. [17.2.4-15; 18.2.9; 24.1.1 e 8; 24.2-3; 24.4.8-10; 24.5.1-6 e 11].

**Ptolomeu:** filho de Pirro I, é deixado, então com quinze anos, com a guarda do reino do Épiro, enquanto seu pai e seus irmãos vão à guerra contra os romanos. Posteriormente, vence Antígono II, Gônatas, quando este estava em conflito com seu pai. É considerado corajoso em batalha, mas também temerário, de modo que quando morre, Pirro teria dito que vivera mais do que o esperado. [18.1.3; 25.3.8; 25.4.6 e 8-10].

**Ptolomeu:** II, Fidadelfo, rei do Egito, recebeu embaixadores romanos em seu reino, oferecendo-lhes presentes valiosos, que foram negados. Ataca Antígono II, Gônatas, após a morte de Pirro I. [18.2.9; 26.2.1 e 7; 26.3.2-3 e 6].

**Ptolomeu:** filho de Arsinoé e Lisímaco, opõe-se ao casamento de sua mãe com Ptolomeu Cerauno. Não é citado durante os assassinatos perpetrados por este. [24.2.10].

**Ptolomeu:** II do Épiro, é filho de Alexandre II e Olímpíade II, irmão de Pirro II e neto de Pirro I. Recebe o reino de sua mãe após a morte de seu irmão, mas também morre enquanto avançava para a guerra, tendo adoecido no caminho. Sua mãe falece por causa da tristeza ocasionada pela perda de ambos os filhos. [28.1.1; 28.3.1-3].

**Ptolomeu:** III, Evérgeta. É pai de Ptolomeu IV. O rei de Cirene, Magas, havia prometido a mão de sua filha, Berenice II, para ele. Embora haja alguns conflitos familiares após a morte de Magas, Berenice consegue atender o desejo de seu pai. Posteriormente, Ptolomeu ataca o reino da Síria, pois Seleuco II matara sua irmã, outra Berenice, e seu sobrinho. Chega próximo de tomar o trono, mas é impedido por uma revolta no Egito. Guerreia novamente contra Seleuco, obtendo a vitória, e acaba por selar a paz com ele por dez anos. Quando Antíoco Híerax perde a guerra contra Eumênes (ou Átalo I), decide refugiar-se junto a Ptolomeu, que o mantém preso. Acolhe e trata com dignidade Cleômenes III, rei de Esparta, e sua família no exílio, quando eles fogem de Antígono III. É assassinado por seu próprio filho, que assume o trono e também mata Cleômenes e seus familiares. [26.3.2 e 8; 27.1.3 e 6-10; 27.2.1, 3-6 e 9-10; 27.3.9-10; 28.4.10-11; 29.1.5].

**Ptolomeu:** IV, Filópator. Filho de Ptolomeu III, toma o trono do Egito após assassinar seu pai e sua mãe. Dos jovens reis que assumem o poder em diferentes povos na mesma época, é o único a se mostrar indolente. Também assassina Cleômenes III e sua família, que se haviam exilado no Egito durante o reinado de seu pai. Teria governado de 221 a 204. Após sua morte, Antíoco III teria atacado seu reino, o que ocasiona a intervenção dos romanos. [28.4.11; 29.1.5 e 9; 31.1.1-2].

**Ptolomeu:** VI, Filómetor. É irmão mais velho de Ptolomeu VIII e filho de Ptolomeu V e Cleópatra I, a qual, por sua vez, era filha de Antíoco III e irmã de Antíoco IV. Este lhe declara guerra, expulsando-o para junto de seu irmão em Alexandria, com quem divide, então, o reino. Une-se aos antioquenses contra Demétrio I. Morre em 145. [34.2.7-8; 35.1.6; 38.8.2].

**Ptolomeu:** VIII, Evérgeta, Fiscão. É irmão mais novo de Ptolomeu VI e filho de Ptolomeu V e Cleópatra I, a qual, por sua vez, era filha de Antíoco III e irmã de Antíoco IV. Herda o reino do Egito e a esposa do irmão, Ptolomeu VI. Age de forma violenta em relação a seu povo e a sua família, matando inclusive seus próprios filhos. Divide o reino com outro irmão quando este é exilado para junto de si em Alexandria. Sua obesidade teria sido considerada ridícula aos olhos dos romanos. [34.2.8; 38.8.2-15; 38.9.1; 39.1.4; 39.2.1-4; 39.3.1].

**Ptolomeu:** VII, Novo Filópator. Justino não o nomeia. É filho de Ptolomeu VI e Cleópatra II. No dia do casamento desta com Ptolomeu VIII, é assassinado por ele, enquanto estava nos braços da mãe. [38.8.3-4].

**Ptolomeu:** IX, Látiro, Sóter. É escolhido por sua mãe, Cleópatra III, para o trono do Egito por pressão popular; ela, contudo, preferia seu irmão, Alexandre (Ptolomeu X). Sua mãe obriga-o a se separar de sua irmã e esposa, Cleópatra IV, de quem ele gostava, para se casar com sua outra irmã, Selene (Cleópatra V). Mesmo assim, sua mãe, infeliz por precisar dividir o poder com o filho, incita o povo contra ele, separando-o da nova esposa e lançando-o no exílio. Consegue escapar de seus ataques no Chipre e recupera o trono após o assassinato de sua mãe, perpetrado por seu irmão. Parte dos sírios considerava-o como um candidato ao trono quando este estava vacante. [39.3.1-3; 39.4.1-2, 4 e 6; 39.5.1-2; 40.1.2].

**Ptolomeu Apião:** filho de Ptolomeu VIII com uma concubina, assume o trono após Ptolomeu XI e deixa o reino aos romanos em seu testamento. [39.5.2].

**Ptolomeu Filópator:** cf. **Ptolomeu IV**.

**Públio Licínio:** Crasso. Eleito cônsul em 171, luta contra Perseu na Batalha de Calínico, da qual sai derrotado. Mesmo assim, quando o rei macedônio propõe a paz, impõe-lhe duros termos, que não são aceitos, fazendo com que a guerra continue. [33.1.5].

**Quíon:** jovem heracleense, foi um discípulo de Platão. Trama, junto a Leônides, o assassinato do tirano Clearco, no que é bem-sucedido, mas é morto logo em seguida pela guarda real em 353. [16.5.11-17].

**Réa:** filha de Numitor e sobrinha de Amúlio, é obrigada ao sacerdócio para que não desse à luz filhos que pudessem ameaçar o poder de seu tio. Concebe, entretanto, Rômulo e Remo, supostamente, a partir de Marte; Justino considera a ideia de que tenha sido um estupro. Morre após ser presa por ordens de Amúlio. [43.2.2-4 e 10].

**Recas:** um dos aurigas de Castor e Pólux. Jasão o faz líder de alguns dos povos que conquista após retornar à Cólquida. [42.3.3].

**Remo:** um dos filhos gêmeos de Réa e, supostamente, Marte. Após ser nutrido por uma loba, é criado por Faustulo, um pastor. Posteriormente, é capturado por ladrões e acusado de roubar o gado do rei, mas é reconhecido por seu avô, Numitor, e, junto a ele e seu irmão, Rômulo, retoma o reino de Amúlio. É considerado um dos fundadores de Roma. [43.2.3-10; 43.3.1].

**Rômulo:** um dos filhos gêmeos de Réa e, supostamente, Marte. Após ser nutrido por uma loba, é criado por Faustulo, um pastor. Posteriormente, é reconhecido por seu avô, Numitor, e, junto a ele e seu irmão, Remo, retoma o reino de Amúlio. É considerado um dos fundadores de Roma. [41.5.5; 43.2.3-10; 43.3.1].

**Roxane:** esposa de Alexandre, o Grande, estava grávida quando ele morre, sendo mãe de Alexandre IV. Posteriormente, foge de Cassandro, junto a Olímpíade, para a cidade de Pidna. Com a morte da sogra, é enviada para Anfípolis. É assassinada com seu filho sob as ordens de Cassandro, que buscava eliminar seus concorrentes ao poder. [12.15.9; 13.2.5-6, 9 e 14; 14.6.2 e 13; 15.1.3; 15.2.5].

**Safo:** cartaginês, é um dos três filhos de Asdrúbal e neto de Magão. Divide o poder com seus irmãos e seus primos. [19.2.1-6].

**Sagilo:** rei cita que teria sido convencido por Orítia a enviar auxílio às amazonas após o ataque de Hércules. [2.4.27-9].

**Salústio:** historiador romano, é autor, entre outras obras, de *De coniuratione Catilinae* (*Sobre a conspiração de Catilina*) e *Bellum Jugurthinum* (*Guerra de Jugurta*). Pompeio Trogo teria criticado a construção dos discursos em sua narrativa. [38.3.11].

**Sandrocooto:** líder indo, liberta seu povo da escravidão estrangeira dos macedônios para o submeter à sua. Tendo origem humilde, ascende socialmente após ofender o rei Nandro, devido a vários acontecimentos fantásticos considerados sinais dos deuses. Sela a paz com Seleuco. [15.4.13-21].

**Sardanápalo:** último rei dos assírios, seria o trigésimo na sucessão a partir de Ninias. É considerado afeminado, devido a seus hábitos, por aqueles que governa, o que gera uma revolta. Sua morte teria ocorrido em 880. [1.3.1-6].

**Sátiro:** irmão de Clearco, sucede-o na tirania de Heracleia. [16.5.18].

**Saturno:** rei dos primeiros moradores da Itália, destaca-se por sua justiça. A partir de seu nome, a Itália era chamada de Satúrnica. [43.1.3-6].

**Selene:** Cleópatra V. Filha de Cleópatra III e irmã e esposa de Ptolomeu IX. Este era casado com sua outra irmã, Cleópatra IV, de quem ele gostava, mas é obrigado pela mãe a se separar dela e a se casar com Selene. Posteriormente, sua mãe separa-a do marido, quando já tinha dois filhos, e a casa com Gripo. [39.3.2; 39.4.1, 4 e 6].

**Seleuco:** I, Nicátor, filho de Antíoco. Sua mãe, Laódice, tê-lo-ia concebido depois de sonhar que se deitava com Apolo, o que indicaria sua grandeza futura, que é marcada pelo fato de ele ter nascido com uma marca de âncora em sua coxa, a qual é herdada por seus descendentes. Após o falecimento de Alexandre, o Grande, recebe o sumo tribunato dos acampamentos.



Com a morte de Pérdicas e seus aliados, une-se a Lisímaco, Ptolomeu e Cassandro contra Antígono, quando este se recusa a dividir os despojos da guerra. Mortos Antígono e Cassandro, junta-se a Demétrio contra Ptolomeu e Lisímaco. Posteriormente, faz aliança com Ptolomeu, Lisímaco e Pirro I contra Demétrio, o qual se entrega a Seleuco. Entra em guerra com Lisímaco, incitado pelos nobres que haviam fugido de sua fúria; sai desse conflito vitorioso. É morto, logo depois, por Ptolomeu, cunhado de Lisímaco. Teria reinado de 306 a 281. Mitrídates VI coloca-se como seu descendente. [13.4.17; 15.1.4; 15.4.1-12 e 21-24; 16.2.1-3 e 6; 17.1.7-12; 17.2.2-5; 38.7.1; 41.4.3].

**Seleuco: II**, Calínico, é filho de Antíoco II, irmão de Antíoco Híerax, e pai de Antíoco III. Herda o trono de seu pai e, influenciado por sua mãe, Arsinoé, assassina sua madrasta, Berenice, irmã de Ptolomeu III, e o filho dela. Essa ação leva a grandes revoltas em seu reino, que é quase tomado por Ptolomeu. Quando este deixa a Síria devido a uma revolta no Egito, Seleuco prepara uma frota contra as cidades que se haviam revoltado, mas a perde em um naufrágio. Recebido de volta em seu reino com benevolência por seu povo, é derrotado novamente por Ptolomeu, precisando ir refugiar-se na Antioquia. Ali, pede ajuda a seu irmão, Antíoco. Percebendo a aliança entre os irmãos, Ptolomeu sela a paz com Seleuco por dez anos, a qual é interrompida por Antíoco. Os partas revoltam-se contra sua soberania durante a Primeira Guerra Púnica. Essa conjuração não é punida, pois Seleuco combatia contra seu irmão pelo poder. É vencido pelos gauleses na Ásia. Depois, luta contra Ársaces I e é novamente vencido. O dia dessa derrota é festejado pelos partas como o marco inicial de sua liberdade. Seleuco também dera a Frígia Maior como dote a Mitrídates II. Teria reinado de 246 a 225, tendo morrido, quase no mesmo dia que seu irmão, ao cair de um cavalo. [27.1; 27.2; 27.3.4, 9 e 12; 38.5.3; 41.4.3-4 e 8-9; 41.5.1 e 7].

**Seleuco: III**, Sóter, Cerauno. Teria reinado brevemente de 225 a 223, quando é assassinado. [29.1.3.].

**Seleuco:** filho de Demétrio II e Cleópatra Teia. Após a morte do pai, assume o trono da Síria sem autorização da mãe, pelo que é assassinado. [39.1.9; 39.2.7].

**Seleuco Calínico:** cf. **Seleuco II**.

**Seleuco Nicator:** cf. **Seleuco I**.

**Semíramis:** esposa de Nino e mãe de Ninias. Rainha dos assírios após a morte de seu marido, finge ser filho dele, porque Ninias ainda era muito jovem, e ela temia que seu sexo inviabilizasse sua autoridade. Quando revela a verdade, é muito admirada por seus feitos. É morta ao tentar deitar-se com o próprio filho. Teria vivido e, logo, reinado por volta dos anos 800. [1.1.10; 1.2.1-10; 36.2.1].

**Síbaris:** companheiro de Ciro II, o Grande, na guerra contra Astíages. Depois, ter-se-ia casado com a irmã de Ciro e sido posto no comando dos persas. [1.4.2-3; 1.7.1].

**Sibírtio:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos aracósios e cedrósios. [13.4.22].

**Sífax:** rei dos massessílios, ter-se-ia aliado primeiro aos romanos, em 218, na guerra contra Cartago, mas muda de lado, posteriormente, tendo-se casado com a filha de Asdrúbal, Sofonisba. Justino não faz menção a esses acontecimentos; apenas insere sua captura – citando Trogo – no discurso de Mitrídates VI, como uma das contribuições feitas por Masinissa aos romanos. [38.6.5].

**Simos:** um dos comandantes dos foces que se assentaram na Gália. [43.3.8-10].

**Sófocles:** o autor de tragédias. Tendo lutado ao lado de Péricles, derrota os espartanos e acrescenta diversas cidades ao domínio ateniense. [3.6.12-13].

**Sólon:** ateniense de ilustre virtude, estabelece leis para a cidade de Atenas. Depois, finge-se de insano para defender a retomada da guerra contra os megarenses pela posse da ilha de Salamina. [2.7.3-12; 3.2.4].

**Sóstenes:** aristocrata macedônio, lidera o exército após a morte de Ptolomeu Cerauno, impedindo que o chamem de rei e preferindo apenas o título de comandante. É capaz de reprimir o avanço dos gauleses, sob o comando de Béglio, contudo, é derrotado posteriormente por Breno, outro gaulês. [24.5.12-14; 24.6.2-3].

**Sula:** (ou Sila), Lúcio Cornélio, Félix. Eleito cônsul em 88 e 80, vence Mitrídates VI em 86 e o obriga a selar a paz em 85. [37.1.8].

**Suniator:** figura poderosa entre os cartagineses, é inimigo de Hanão. Por isso, escreve em grego para Dionísio I de Siracusa, avisando-o de que o exército de Hanão dirigia-se para a Sicília. Suas cartas são interceptadas, e, por causa dessa traição, os cartagineses proibem que seu povo aprenda grego, de modo que só possam comunicar-se com os inimigos por meio de um intérprete. [20.5.12-13].

**Taléstris** ou **Míntia:** rainha das amazonas que se teria deitado durante treze dias com Alexandre, o Grande, para obter descendência dele. Teria sido a última das rainhas amazonas. [2.4.33; 12.3.5-8; 42.3.7].

**Tamires:** rainha cita responsável pela derrota e morte de Ciro II, o Grande, quando este invade seu território e mata seu filho. [1.8.2, 5 e 8-13].

**Tanao:** rei cita. Foi um conquistador, tendo avançado até o Egito. [1.1.6-7].

**Táribas:** descendente de Aquiles e Pirro, é pai de Neoptólemo. Sobe ao trono do Épiro quando ainda era criança. Sendo órfão, o povo atribui-lhe tutores e o envia para Atenas de maneira que possa se instruir. Teria sido um rei amado por seus súditos, estabelecendo-lhes leis, um senado, magistrados anuais e a república. [17.3.9-14].

**Tarquínio:** Prisco. Rei de Roma, teria reinado de 616 a 578. Em sua época, os focos teriam selado uma aliança com os romanos. [43.3.4].

**Taxiles:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos seres, povo situado entre o rio Hidaspes e o Indo. [13.4.20].

**Télamon:** pai de Ajax e Teucro e avô de Eurísaces, é rei de Salamina. Proíbe que Teucro retorne à pátria após a morte de Ajax. [44.2.2].

**Telégono:** rei da Peônia, é pai de Asteropeu, um dos protetores de Troia durante a famosa guerra. [7.1.5].

**Temístocles:** estadista e comandante militar ateniense. Ter-se-ia alçado de uma posição humilde ao posto de arconte, em 493, e ao de estrategista, em 490. Realiza grandes feitos durante as guerras contra Dario I e Xerxes I. Morre em 459. [2.9.15; 2.12.1-7, 12, 14-16, 19-21 e 25; 2.13.6-7; 2.14.11; 2.15.4-12].

**Teódoto:** I, rei das mil cidades bálticas na virada do século III, tem um filho de mesmo nome. Revolta-se contra o poder dos macedônios, proclamando-se rei e se tornando um exemplo para os outros povos do Oriente. Outras fontes chamam-no de Diódoto I. [41.4.5 e 8-9].

**Teódoto:** II, é filho de Teódoto I. Sela a paz com Ársaces I. Outras fontes chamam-no de Diódoto II. [41.4.9].

**Teoxena:** esposa de Agátocles de Siracusa, tinha com ele dois filhos. Sofre por precisar separar-se do marido moribundo, mas é enviada por ele de volta para o Egito, sua pátria, como uma forma de a proteger e a seus filhos dos assassinios que o neto de Agátocles provavelmente planejava. [23.2.6-8 e 12].

**Teramenes:** um dos trinta tiranos de Atenas, após a Guerra do Peloponeso, é morto por seus pares ao demonstrar desagrado por suas ações cruéis. [5.9.2].

**Teseu:** filho de Egeu (ou Poseidon), tornou-se rei de Atenas após a morte de Egeu. Acompanha Hércules na invasão do território das amazonas. Tem dois filhos: Hipólito, com Hipólita, uma amazona que obtém como prêmio de guerra, e Demofonte, que teria levado auxílio aos gregos contra os troianos na guerra de Troia. [2.4.23-24; 2.6.14-15].

**Tessalônica:** filha de Filipe II da Macedônia, acompanha Olímpide em sua fuga de Cassandro. Com a morte da madrasta, casa-se com este. É assassinada por seu filho, Antípatro, pois ele acreditava que ela favoreceria seu outro filho, Alexandre, na divisão do reino. [14.6.3 e 13; 16.1.1-4].

**Teucro:** herói grego, filho de Télamon, que era rei de Salamina, e irmão de Ajax, lutou na guerra de Troia. Após o fim desta, tendo-se tornado odioso ao pai devido à morte do irmão, retira-se para o Chipre, onde funda uma outra Salamina. Com o falecimento de seu pai, tenta

reclamar o trono de sua pátria, mas é proibido por seu sobrinho, Eurísaces. Volta-se, então, para a Hispânia. Os galegos defendem uma origem grega como descendentes dele. [44.3.2-3].

**Tigranes:** II, o Grande. Rei da Armênia, fora enviado como refém aos partos, mas retorna para assumir o reino paterno. Mitrídates VI atrai-o, com a mão de sua filha, a uma aliança, o que desagrade os romanos. Recebe o trono da Síria, governando de modo pacífico de 83 a 69. [38.3.1-3 e 5; 38.5.8; 40.1.3-4; 40.2.1-4].

**Timóteo:** comandante ateniense. Os heracleenses pedem seu auxílio devido a revoltas populares; ele nega. [16.4.3-4].

**Tirídates:** teria tomado o trono da Pártia em 31. Incapaz de se manter no poder, foge até Augusto, em 30, levando um dos filhos de Fraates IV. Tendo ouvido as proposições de Fraates e do fugitivo, o imperador romano acaba por devolver o filho ao rei. Posteriormente, Tirídates permanece na Síria, mesmo com o tratado de paz selado em 20. [42.5.6-9].

**Tirteu:** poeta manco, enviado pelos atenienses aos lacedemônios, quando estes, após receber um oráculo em Delfos, solicitam-lhes um comandante para a guerra contra os messênios, durante a Segunda Guerra Messênia. O poeta perde três batalhas, levando os lacedemônios ao desespero, mas consegue inspirar-lhes com seus poemas, garantindo, por fim, sua vitória. [3.5.5-11].

**Tisafernes:** intendente de Dario II na Lídia, é manipulado por Alcibíades em relação à ajuda que deveria enviar aos aliados gregos do rei persa. É substituído por Ciro, filho de Dario. [5.1.7; 5.2.5-14; 5.5.1]

**Tisafernes:** comandante persa sob Artaxerxes II, aceita dinheiro dos lacedemônios, de modo a que estes pudessem avançar nas regiões asiáticas que pertenciam à Pérsia. [6.1.2-7].

**Tleptolemo:** após a morte de Alexandre, o Grande, recebe o comando dos carmanos. [13.4.23].

**Trasíbulo:** um dos exilados de Atenas, após a Guerra do Peloponeso, devido aos trinta tiranos, é responsável por organizar um exército que os expulsasse do poder. Os tiranos

tentam corrompê-lo para que se unisse a eles, o que não tem efeito. Quando começa a vencer, convence o exército inimigo, que era composto majoritariamente de atenienses, a passar para o seu lado, o que lhe garante a vitória. Contudo, os trinta tiranos são substituídos por outros dez que seguem a mesma política dos anteriores. [6.9.6-14; 6.10.1-5].

**Trifão:** Diódoto. Tutor de Antíoco VI, que era enteado de Demétrio II da Síria. Após a morte deste, assassina seu pupilo e toma o trono. É vencido por Antíoco VII, que era irmão de Demétrio. [36.1.7-8; 38.9.3].

**Trifão:** comandante durante uma revolta contra Demétrio II da Síria. É possível que haja uma confusão com a mesma figura da entrada anterior, mas não há consenso, já que também poderia ser uma referência a Ptolomeu VIII. [39.1.3].

**Trifena:** Cleópatra. Filha de Cleópatra III e esposa de Gripo (Antíoco VIII). Quando seu marido e Ciziceno entram em guerra e a Antioquia é tomada, ordena que sua irmã, Cleópatra IV seja assassinada, apesar dos protestos de seu próprio marido. Posteriormente, é morta por Ciziceno, que vinga a esposa. [39.2.3; 39.3.5-12].

**Triptólemo:** tendo vivido sob o reinado de Erecteu em Atenas, teria descoberto os modos para o cultivo de grãos. Em sua honra, são celebrados mistérios. [2.6.12-13].

**Troade:** irmã de Olímpíade, é casada com Arribas, rei dos molossos. [7.6.11].

**Turno:** rei dos rútuos, inicia uma guerra contra Eneias – na qual morre – após se ver privado da mão de Lavínia. [43.1.11].

**Valério Levino:** Públio. Foi comandante na Batalha de Heracleia contra Pirro I, em 280, a qual tem resultado desastroso para ambos os lados, mas com derrota dos romanos. [18.1.4].

**Ventídio:** Públio. Foi pretor, em 44, e cônsul, em 43. Promovido a procônsul, foi enviado, em 39, para o leste a fim de lidar com a invasão parta. Ali, derrota e mata Labieno e Pácoro. [42.4.7-10].

**Vezois:** rei egípcio. Teria sido um conquistador, tendo avançado até o Ponto. [1.1.6-7; 2.3.8-13].

**Viriato:** líder lusitano, é considerado o único grande comandante dos povos da Hispânia. Teria fatigado os romanos por dez anos, segundo Justino, mas, historicamente, pode-se apontar sua atuação entre 147 e 139. [44.2.7-8].

**Xerxes:** I, filho de Dario I e Atossa. Seu reinado ter-se-ia iniciado em 485. O começo de seus preparativos para a guerra contra os gregos ocorre a partir de 483 e, em 480, teria partido de Sárdis. No mesmo ano, ocorre a decisiva batalha de Salamina. Em 479, o exército deixado por Xerxes com Mardônio é derrotado. Por fim, o rei é morto em 465. Teria sido o primeiro a subjugar os judeus. Justino destaca sua falta de coragem em campo de batalha. [2.10.3-13 e 18-24; 2.11.1-4 e 19; 2.12.5, 8-13 e 19-23; 2.13.1-5 e 7-10; 2.15.14-17 e 20; 3.1.1-2; 7.4.1; 36.3.8].

**Zoroastro:** também conhecido como Zaratustra, teria sido o fundador daquela que foi a religião nacional persa do tempo dos Aquemênidas até, aproximadamente, o período sassânida. [1.1.9].

**Zopirião:** um dos generais de Alexandre, o Grande, foi deixado para governar o Ponto, mas decide lançar-se contra os citas, em 331. Perde todo o exército, assim como a própria vida. [12.1.4; 12.2.16-17; 37.3.2].

**Zópiro:** um dos companheiros de Dario I na conjuração, posteriormente, lacera o próprio corpo para ganhar a confiança dos assírios e auxiliar o rei. Por fim, entrega o exército desse povo a Dario. [1.10.15-22].